Anno I Rio-de-Janeiro N° 1

RUA DO OUVIDOR 109 SOBRA

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTR DE ANGELO AGOST

— Saude e Fraternidade

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno. .	20$000	Anno. .	24$000
Semestre	12$000	Semestre	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Para regularidade do nosso expediente, só agora podemos fazer a distribuição gratuita aos nossos assignantes, da estampa que publicamos da catastrophe da barca «Terceira».

Os que desejarem possuir mais de um exemplar, terão a bondade de juntar ao pedido a respectiva importancia, em moeda corrente ou em sellos do correio.

O preço de cada exemplar é de um mil réis devendo as cartas ser registradas.

Aproveitamos a opportunidade para declarar aos nossos assignantes que, por absoluta falta de tempo, não nos foi possivel dar este numero com os melhoramentos que pretendemos introduzir, pelo que pedimos desculpa.

N. B. — Todas as pessoas que tiverem de nos enviar dinheiro, em cartas registradas, podem-n'o fazer sem o menor receio da «torração» desinfectante, graças ao pedido que fizemos á illustre commissão sanitaria.

O seguro morreu de velho.

A ADMINISTRAÇÃO

Rio de Janeiro, 23 de Janeiro de 1895.

DON QUIXOTE

É universalmente, conhecida a obra monumental de D. Miguel de Cervantes, e por isso, nos julgamos dispensados de dizer o que foi o heróe famoso, cujo nome lhe serve e nos serve de titulo.

A pouco e pouco os nossos leitores e o publico terão ensejo de perceber que este nosso *D. Quixote*, já pelo nome, já pelo seu caracter exquisito, tem muita affinidade e até mesmo algum parentesco com o decantado e engenhoso fidalgo de La Mancha.

Embora o tempo seja outro e o decurso de seculos désse lugar a progressos admiraveis, na Sciencia, na Arte, na Politica, em todos os ramos, emfim, do saber humano, o certo é que neste *fin de siècle* ainda se soffre muito, ainda se é victima de um sem numero de prejuizos moraes, e de inqualificaveis abusos, praticados quasi sempre pelos fortes, ou que suppoem sel-o, contra os fracos, que são, na maioria dos casos, os que não teem consciencia da sua força.

Apezar de se haver derramado rios de sangue humano pela affirmação da supremacia do direito sobre a força, e não obstante a civilisação da nossa epocha, ha uma tendencia fatal para adoptar, e dar-lhe fòros de legitimidade, o tremendo axioma do ferreo Bismarck: — *A força antes do direito.*

Pois bem: com o pensamento na sua Dulcinéa, que é esta patria brazileira, tão bella e tão forte, o *Don Quixote*, que ora se apresenta, está resolvido e prompto a quebrar muitas lanças pelo seu grande ideál, que é: — *Mais civilisação, mais progresso, mais humanidade.*

Se, na realisação deste programma, encontrar *D. Quixote* as disillusões que assoberbaram o seu incomparavel homonymo, affrontal-as-ha intemerato e proseguirá ávante — tendo o cuidado porém, de prestar mais attenção ao seu fiel escuderio, o precioso Sancho Pança, que o acompanhará, indefectivel, em toda a penosa jornada, que o avisará de todos os perigos imminentes, e lhe dará sempre a nota realista, a nota pratica, a nota philosophica dos acontecimentos.

Assim apresentado, *Don Quixote* curva-se reverente, e:

— Sauda o magistrado supremo da Nação, o illustre Dr. Prudente de Moraes, de cuja alta capacidade intellectual, de cujos sentimentos humanitarios, esperam os bons brazileiros a paz e o progresso desta grande Patria.

— Sauda o notavel representante desta cidade, o Dr. Furquim Werneck, fazendo votos sinceros para que, como prefeito, consiga dotar o Rio de Janeiro com os melhoramentos que a provada competencia do Sr. Dr. Del-Vecchio pode suggerir e executar.

— Sauda tambem o integro cidadão Dr. André Cavalcanti, chefe de policia, e seus dignos auxiliares, rogando-lhe em nome da civilisação, haja de empregar a energia moral e a força material necessarias, para a prompta e decisiva repressão das scenas de vandalismo com que certos grupos ameaçam a tranquillidade publica.

— E, por fim, *Don Quixote* sauda os seus bons collegas da imprensa desta Capital e da dos Estados, e o respeitabilissimo publico, aos primeiros desejando a maior união na defeza das boas causas, e ao ultimo — que Deus o livre e guarde dos nefastos acontecimentos por que passou, ultimamente.

O INCENDIO DA BARCA «TERCEIRA»

Ainda não se extinguio a dolorosa impressão causada no publico pela terrivel desgraça do incendio da barca *Terceira*, occorrida no dia de Reis, ás 7 horas da tarde, nas aguas da nossa bella Guanabara.

Já nos occupamos deste triste assumpto em uma estampa especial acompanhada da noticia circumstanciada do facto, a qual distribuimos aos nossos assignantes e teve uma procura extraordinaria, obrigando-nos a fazer quatro edições, de quatro mil exemplares cada uma.

Devemos dizer que, logo no dia seguinte ao da catastrophe, fomos ao lugar em que ella se deu, e procurámos, depois, falar ao mestre da barca *Quinta*, Pedro Costa, que nos referio, indignado e com as lagrimas nos olhos, a scena espantosa dos bandidos que, em grupo ameaçador, o impediram de approximar o *seu navio* de uma das prôas da *Terceira*, podendo salvar deste modo todos os desgraçados que ali se reuniram esperando afflictos o devido soccorro.

O desenho que publicámos reproduz, portanto, com a possivel fidelidade, o terrivel acontecimento, que victimou para mais de cem pessoas, entre as quaes infelizes creancinhas, mulheres e muitos chefes de familia.

Temos um sentimento enorme: é não conhecermos os biltres que, sob ameaças de morte, impediram que o mestre Costa praticasse um acto commum de humanidade.

Quizeramos poder estampar as suas physionomias hediondas ás quaes, talvez, o remorso imprima traços vingadores...

Consola-nos, porém, a esperança de sabermos um dia seus nomes.

* * *

E já que falamos na criminosa intervenção desses covardes, não deixaremos de protestar contra o facto de alguns senhores passageiros terem o topete de dar *conselhos* aos mestres das barcas, sobre a marcha e o rumo que levam, mórmente quando se dá o phenomeno frequente da cerração.

Parece incrivel, em gente de gravata lavada, a ignorancia de que, perante os codigos e o bom senso, tanto o mestre de uma barca quanto o commandante de um couraçado, são senhores absolutos dentro de seus navios e os responsaveis unicos pelas manobras da navegação.

Ou suppõem os *conselheiros* que o leme de um navio é marimba que preto toca?

Pois, senhores, ide lamber sabão...

D. REPORTER.

NO ESTRANGEIRO

A França acaba de passar por uma crise, cujas consequencias podem ser graves para a tranquillidade desse bello paiz, tão rico, tão prospero, e, entretanto, tão difficil de governar.

Não ha duvida alguma de que a Republica Franceza está consolidada, em relação a qualquer tentativa de restauração monarchica.

Hoje, os que pensam, ainda, em assentar um rei no throno, são poucos. Os tres antigos partidos monarchistas, compostos de Legitimistas, Bonapartistas e Orleanistas estão muito reduzidos, e, pouco a pouco, os seus sectarios vão entrando submissos para as fileiras dos republicanos moderados.

—o—

Se o actual systema de governo tem-se mantido até hoje, não dando motivo a graves perturbações politicas, tanto internas como externas, que o poderiam abalar, é

porque muito se parece com o monarchico constitucional.

A unica differença está no chefe do Estado, que é eleito de sete em sete annos pelo parlamento reunido, composto de deputados e senadores.

—o—

De todos os presidentes, Carnot é quem melhor correspondeu á sua posição de chefe de Estado da Republica Franceza.

Duas grandes crises elle venceu : a do Boulangismo, crise politica, e a do Panamá, crise politico-financeira, intimamente ligada á primeira, pois que foi com parte dos fundos dessa desastrosa empreza, que o governo francez combateu o general Boulanger e seus partidarios.

—o—

Carnot, seguindo, portanto, o systema das monarchias constitucionaes : *Reinar e não governar*, limitou-se a *presidir* e deixou os seus ministros *governarem*, ou desgovernarem, como entendiam, procurando, quanto possivel, manter-se no seu posto, com a maior independencia e imparcialidade, sempre digno e correcto.

—o—

De alguns annos a esta parte formou-se um partido que de dia para dia foi engrossando. Composto de antigos boulangistas, de radicaes e outros republicanos mais ou menos exaltados, entendeu dever acabar com o *opportunismo*, nome de ha muito dado ao actual systema do governo, que elle julga mais monarchico do que republicano.

—o—

A esse partido juntou-se um sem numero de descontentes (em toda a parte os ha) que, de ha muito, esperam novas leis mais liberaes, mais democraticas e mais economicas, que estabeleçam emfim um meio de acabar com essa tremenda *luta pela vida*, de que soffre o povo francez, e, pode-se dizer até, o do mundo inteiro.

Esse partido é o chamado *socialista*.

—o—

Casimir Périer e Dupuy, quando presidentes do Conselho de ministros esforçaram-se, apoiados pela maioria do parlamento, a combater energicamente esse partido, procurando até confundil-o ou mesclal-o com o *anarchista*, para melhor chamar a odiosidade publica contra elle.

Mas nada conseguiram : A onda socialista crescia cada vez mais.

—o—

Após a tragica morte de Sadi Carnot o parlamento francez, isto é, o grupo dos capitalistas e grandes proprietarios, de que fazia parte o archi-millionario Casimir Périer, entendeu que só um homem da tempera deste é que poderia occupar o alto cargo de chefe de Estado, para melhor combater um partido politico que cada dia tornava-se mais exigente e mais forte.

E Casimir Périer foi eleito presidente.

—o—

Foi um grande erro do parlamento e uma imprudencia de Périer em aceitar o poder nessas condições. Se elle se tivesse limitado a presidir simplesmente, como fizera ou fingira fazer o seu antecessor, não teria soffrido tão cruel opposição, como chefe da reacção contra o socialismo, nem teria dado razões á imprensa de tornal-o impopular. A' troça e á satyra franceza ninguem resiste. A penna de Rochefort, no jornal *Intransigeant*, é uma arma temivel e temida; muitas vezes é um punhal : mata !

—o—

Casimir Périer comprehendeu que não poderia resistir por mais tempo ; e, olhando para traz, lembrou-se do *16 Mai*, do Mac-Mahon, e das celebres palavras que a este dirigio o grande patriota Gambetta : *submetta-se ou demitta-se*.

Casimir Périer preferiu demittir-se. Fez muito bem, pois que tornava-se incompativel com as reformas pedidas pelos socialistas, e que elle sempre combateu.

—o—

O resultado da eleição para o novo presidente da Republica Franceza é a prova mais evidente de quanto é forte o partido dos republicanos mais adiantados, que contam em seu seio grande numero de socialistas.

O candidato delle, Brisson, teve 344 votos, Felix Faure 216 e Waldeck Rousseau 185.

A juncção destes dois grupos é que determinou a escolha do Sr. Faure.

—o—

O actual presidente da Republica Franceza nasceu em Paris em 1841. No ultimo Gabinete Dupuy era ministro da marinha, cargo que elle desempenhou perfeitamente por já ter tido muitos navios no Hâvre, sob sua direcção. Até hoje não foi vulto politico saliente. Mas, assim, como Carnot, elle póde, e muito o desejamos, ser um bom Chefe de Estado.

D. MARCIO.

— Um destes retratos, não é o teu, Ambrozio ?

— E', e os outros dois tambem.

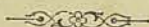
— Essa, agora !...

— Pois são, e até muito parecidos. *Eu era assim*, magro, amarello, doente, no tempo da revolta, quando o recrutamento e os bombardeios me atterravam...

— Bem, mas aquelle ....

— *Cheguei a ficar quasi assim*, um verdadeiro esquelecto, com o horror das terrives noticias do *Paiz* sobre o cholera

— E, agora ....

— *Consegui ficar assim*, gordo, córado bonito, contente com o Prudente e depois que mandei ao diabo as taes noticias do cholera.

O PROCESSO DA GERAL

Houve aqui uma Companhia que se chamou—*Geral de Estradas de Ferro no Brazil*, mas que, pouco depois de nascer, transformou-se em—*Geral de Enriquecer o Proximo, a Vapor!*

O intuito era louvavel, e a principio, não faltou quem se lambesse com os lucros fabulosos realisados de pé para a mão.

* * *

A coisa era assim, salvo seja :

— Fulano pegava em vinte contos de reis e levava-os á Companhia.

D'ahi a 30 dias ia receber vinte seis contos... Chamava-se a isto : — *Report*.

— Beltrano possuia tambem vinte contos de reis, mas achava pouco o lucro de seis, em 30 dias!

Comprava então uns papeis escriptos e d'ahi a dez dias apurava quarenta contos de reis!!

Chamava-se a isto: — *Jogar em debentures*.

* * *

Mais, um bello dia, deu o *tranglomanglo* na Geral...

— O que é ? O que foi ? O que aconteceu ?

— Os inglezes....

Não se sabia ao certo.

O facto é que a Companhia fechou a porta aos *Report*—e o valor das taes *debentures*, que chegara a subir a cento e tantos mil reis cada uma, foi descendo, descendo, até....

Até que, tempos depois, um pobre ilhéo que passava pela rua da Alfandega a vender abacaxis, vendo-se troçado sem piedade por uma chusma de *zangões* da bolsa, e não sabendo como defender-se, trepou rapidamente á sua carroça, e, empunhando triumphalmente meia duzia dessas fructas deliciosas, soltou aos quatro ventos este prégão admiravel : — Troca-se abacaxis por *desbenturas !*

E é que não faltou quem quizesse fechar negocio...

* * *

Muita gente rica empobreceu ; os remediados ficaram á *dependura* e os pobres a pedir esmola.

Mas, perguntavam : — para onde foram tantos milhares de contos sahidos do bolso de meio mundo ?

— Mysterio...

* * *

Veio, então, o processo da Geral.

A coisa ia esclarecer-se. Peritos e mais peritos foram chamados para investigar a causa da *dégringolade*. Cresceram os laudos. Cresceram os syndicos. Cresceram os juizes. Cresceram os procuradores. Cresceram os officiees de justiça ! A curiosidade publica e a indignação cresciam... Era um crescimento *Geral*. Só o dinheiro não crescia, porque não havia mais... para crescer.

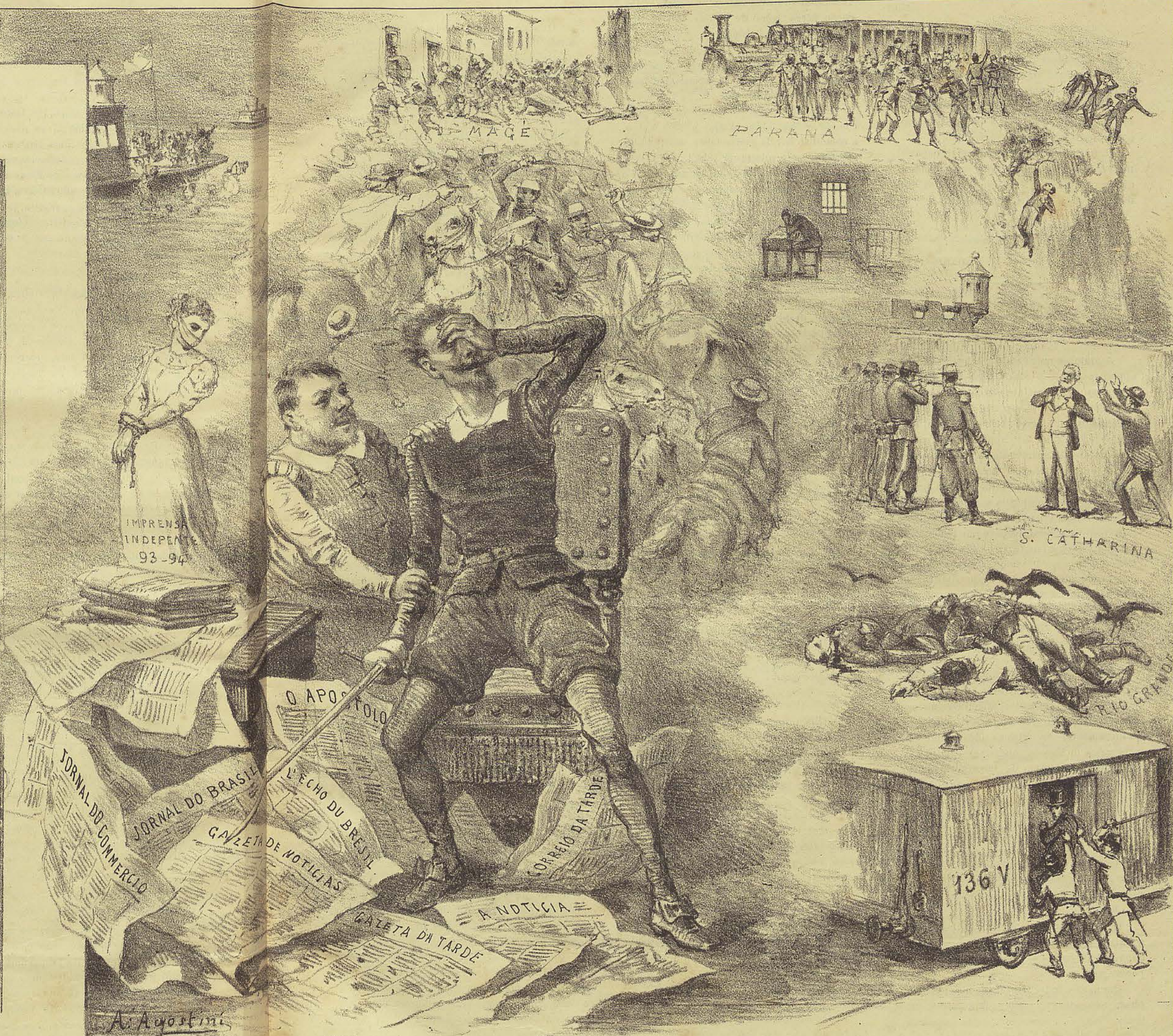
* * *

Por fim foram submettidos a julgamento no jury, alguns directores da famosa Companhia.

Os suppostos réos defenderam-se... atirando para os inglezes a culpa do fracasso. Foram tão luminosos os debates, que tudo ficou ás escuras.

DON QUIXOTE, DE CERVANTES

« Encheu-se-lhe a phantasia de tudo o que se achava nos livros » Vol. 1º Cap. 1º (Cop. de G. Doré)

O NOSSO DON QUIXOTE

Anno 1º Cap. 1º — Enche-se-lhe a phantasia de tudo que se acha nos jornaes...

E os suppostos réos foram absolvidos.

* * *

Esta mesma boa sorte — é claro — estava reservada ao ex-presidente da Geral, que, ha dias, tambem compareceu ao jury.

Escusado é dizer que mais uma vez estiveram os inglezes na berlinda e que o espectro do SYNDICATO foi invocado pelos *mediuns* judiciaes... E o ultimo dos suppostos réos foi, portanto, absolvido.

Luminosissimos travaram-se os depates; mas, tal foi a escuridão, que se vio claramente perdida a ultima esperança dos que ficaram sem o seu rico dinheirinho.

* * *

Geralmente, é sempre assim...

D. GADANHO.

4895...

Andam os meus amigos impressionados, apprehensivos — e com razão— por me verem n'um estado melancolico,que os assusta.

Bem pensado, o caso não é para menos, Eu sempre fui alegre, brincalhão, e quem quer que de mim se approximasse, pelos laços de amistosa convivencia, forçasamente havia de rir-se, rir-se a bandeiras despregadas, taes e tantas as pilheiras em que o meu espirito se comprazia e se desrava.dob

Mas, hoje, é isto que se vê : uma tristeza pavorosa estampa-se-me no rosto e já um malvado me chamou de— *cara de cemiterio*— exactamente como aqui ha tempos disseram do meu amigo Alcindo Guanabara.

Ora, francamente, esta tristeza, que me acabrunha tem uma causa efficiente : — é que eu estou profundamente, convencido de que nasci muito cedo, de que não é esta a minha época.

Tenho vinte e cinco annos e sou de construcção robusta. Um athleta.

Os meus sentimentos affectivos são extraordinariamente desenvolvidos. Amo impetuosamente. As minhas idéas sobre os progressos moraes e materiaes dos povos, além de participarem da impetuosidade do meu temperamento, são ainda tão adiantadas, que eu pergunto a mim mesmo como é que Deus cochilou tanto e esqueceu-se de arvorar-me em Salvador de patria, lá para 4895 ? !

E, agora, digam-me : posso eu com taes idéas, viver nesta época de miserias, achar digno de mim tudo que me rodeia ?

Nunca.

Que me importa que o Sr. Crispi salve a Italia e o Sr. Faure a França ? — que o Japão vá ás *fussas* da China, e o Czar salte pelos ares ?

Quem são todos esses sabios —philosophos, naturalistas, poetas, financeiros, artistas, mathematicos, etc., que enchem o mundo com o echo de seus nomes ?

Tudo mesquinho ! Tudo ridiculo !

Em 4895, sim ; em 4985 o mundo não será mais este amontoado de cousas futeis, que por ahi existe, desde o attestado de um inspector até á Encyclica de um Papa ; em 4895 fallar-se-ha do anarchismo e da navegação aérea como de cousas fósseis, que já fizeram o seu tempo.

Por imprestavel, terá desapparecido dos diccionarios o substantivo — Progresso —e em lugar delle só se empregarà o feminino — Bemaventurança.

Imaginem, pois, o figurão que eu faria com as minhas idéas, d'aqui a 3000 annos, e como não hei de andar triste sentindo-me apertado neste miseravel 1895 !...

Mas, a gotta de fel que fez trasbordar o calix destas minhas amarguras e me desesperou, foi a *Gazeta de Noticias*, que, no dia 14, publicou o seguinte :

« *Um sabio allemão, muito forte em estatisticas, calculou que d'aqui a 3000 annos haverá um homem só para 220 mulheres.* »

....

Não, decididamente nasci muito cedo, não sou deste pobre tempo, aborrece-me tudo que vejo e os meus amigos teem carradas de razão para andarem impressionados, com o meu estado melancolico, que os assusta.

D. RUY.

BOLSA DE BOATOS

Corre como certo :

— Que os Srs. Dr. Julio de Castilhos e general Moura vão morrer de inveja, vendo o *Don Quixote* e o Sancho Pança, sosinhos, darem cabo da pelle de todos os federalistas e trazerem depois o celebre ramo de oliveira...

— Que a *Gazeta* e o *Paiz* fizeram um tratado secreto de paz, na questão do cholera, continuando, porém, a controversia para inglez ver...

— Que a mesma *Gazeta* e o mesmo *Paiz* fizeram o mesmo tratado secreto da mesma paz, na questão do indulto aos aspirantes de marinha, continuando, porém, a mesma controversia, para moer jacobinos ..

— Que estes ensaiam uma parodia da ultima crise da França, que terá como apotheose, não a entrada de um novo presidente, mas... antes pelo contrario...

— Que, a continuar a baixa inexplicavel do cambio, o Sr. ministro da fazenda mudará a Bolsa para o Corcovado, para obrigar o dito cambio a subir...

— Que o Sr. ministro da marinha vae fundar na ilha das Cobras uma grande lavanderia e uma escola de outros serviços domesticos, homenagem ao Sr. Dr. José Mariano... que lá aprendeu o officio...

D. BASILIO.

DESACATOS Á IMPRENSA

Quando, na noite de 18, ás 9 horas, passamos na rua de Gonçalves Dias, vimos grande quantidade de povo agglomerado e uma forte patrulha de cavallaria da valente brigada policial, nas immediações e á porta do nosso collega *Jornal do Brazil*. Indagando, soubemos que a policia cumpria ali o seu dever, porque tivera denuncia de que pretendiam atacar a propriedade desse orgão da opinião publica.

Mais adiante disseram-nos que o proprietario de outro collega, o *Correio da Tarde*, soffrera insolita aggressão, sendo ferido na cabeça.

Ora, muito bem.

Sabiamos que o cacete e a navalha eram efficazes correctivos para o fim de impedir a liberdade de voto, como ainda ha pouco se vio.

Agora, ficamos sabendo que ha uma horda de selvagens disposta a manejar esses instrumentos, para tolher a liberdade do pensamento.

Como prova de progresso... é eloquente o nosso atrazo !

Resta saber se os taes bandidos são parentes dos da barca *Quinta* — e se a policia deixará de os correr a tiro, para desaffronta da sociedade.

D. SANCHO

BELLAS ARTES

LULU SENIOR E COSME PEIXOTO

Muito divertida a polemica artistica entre esses dois campeões.

Digo artistica, porque tratou-se de bellas artes, mas de artistica nada tinha ou tem (não sei si acabou) a tal critica do tal *Cosme*.

++

O fim d'este, e logo desde o começo bem o deu a entender, era moer o Rodolpho Bernardelli, cujo bem merecido triumpho, no dia da inauguração da estatua do Osorio, fizera quasi estourar de inveja e despeito toda a *Cosmeria* ou *Peixotada*, composta, na sua maior parte, de antiguidades academicas da ex-Academia de Bellas Artes, e de quem *Cosme* é... porta-voz, para não dizer instrumento.

Esta é que é a verdade.

++

Portanto o *Lulú Senior* perdeu o seu latim em querer discutir arte com quem nada ou pouco entende da materia, e cujo fim era unicamente molestar um artista de merito.

Cosme Peixoto, porém, não alcançou o seu *desideratum*. Em lugar de moer o autor da estatua equestre, só conseguio divertil-o, e bem boas gargalhadas soltaram elles e seus numerosos amigos com a leitura dos taes folhetins.

++

Mas *Cosme*, que apezar de não entender de arte, nada tem de tolo, deo-se por muito feliz ao ver sahir a campo, em defesa da

estatua, o *Lulú Senior*, *A. de Mendoça*, *Marial* e outros.

— Agora sim, disse Cosme, isto dá-me, pelo menos, mais tres ou quatro folhetins de troça, e como a troça não é arte, eu sinto-me mais no meu elemento.

E *Cosme* aproveitou logo e fez muito bem.

++

O mesmo acontece a quem faz discursos. Se ninguem dá apartes, o orador sente-se incommodado: julga os ouvintes pouco attentos ou indifferentes e a sua eloquencia esfria.

Continuou pois o *Cosme* a dizer um sem numero de cousas que nada tinham com a arte e trocaram-se pilherias de parte a parte, que muito divertiram os leitores de *Cosme e Lulu Senior*.

Dizem por ahi à bocca cheia que o *Cosme Peixoto* é o Dr. ... Não direi o nome. E' dever nosso respeitar o incognito. O que, porém, não posso deixar de observar, é que, se por um lado o estylo e o espirito dos folhetins me fazem crer que são da pessoa de quem se falla, por outro lado custa-me a acreditar que um espirito tão illustrado como o desse escriptor, tenha escolhido tão má occasião, para dizer sobre a estatua de Osorio o que elle, com certeza, não pensa, destoando assim da opinião geral dos que entendem alguma coisa de arte.

Estou porém convencido de que, assim como eu, o *Cosme Peixoto*, em sua consciencia, considera a estatua equestre do general Osorio, como a mais perfeita obra d'arte nacional, que possue o Brazil, e com a vantagem sobre muitas outras, de ter sido modelada aqui no Rio de Janeiro.

A *consciencia*, com certeza, obriga-o a pensar que sim.

Mas as *conveniencias*... fazem-lhe dizer que não.

D. XIMENES.

— Sabes? estou damnado com a *Gazeta*.

— Deveras?

— E' o que te digo. A *Gazeta* com as suas facilidades sobre o cholera, fel-a boa!...

— Não percebo ....

— Ouve: minha sogra gosta muito de pepinos e pelas facilidades da tal *Gazeta* ... eu não me oppunha a isso. Tanto comeu pepinos que lá a deixei agora, com um ataque de cholera.

— Hum!.... pepinos!.... sogra!.... ataque de cholera!.... Nada, isso ha de ser colera sem h....

— Pois antes fosse.... Mas é do legitimo, com h, com muitos h h h, com todas as letras do alphabeto, até!

— ?!

— Adeus, vou ver se a mando para a Jurujuba.

NOTAS

O tribunal militar a que foi submettido o capitão de fragata Augusto de Castilho, celebre commandante da corveta *Mindello*, deu por não provado o libello accusatorio e absolveo esse official da marinha portugueza.

Houve por isso grossa borrasca em Lisboa, produzida de um lado pela crise ministerial, e de outro pela assanhada opposição que aproveitou o *vento* para felicitar o ex-acusado.

Mas não houve outra *avaria*, a não ser a *vaga* aberta no ministerio da marinha—*rombo* que foi tapado com outro ministro...

Sobre o caso acode-nos o seguinte:

Logo que serenarem as nossas paixões politicas e o juizo de cada um de nós entrar nos seus eixos, não nos será difficil reconhecer que o acto de humanidade praticado pelo bravo marinheiro, restituiu ao Brazil centenas de brazileiros illustres, que lhe serão ainda muito uteis.

==

Ha cholera ou não ha cholera?

Diz o *Paiz* — que sim; mas a *Gazeta* diz — que não.

O *Paiz* deita abaixo a livraria toda, e — affirma; mas a *Gazeta* faz o mesmo, e — nega.

Acreditar-se no *Paiz*, é não largar mais a agua fervida e tomar outras precauções rigorosas; a dar-se credito á *Gazeta*, faz-se vista grossa a tudo isso e passa por lá muito bem.

Mas, que diabo! não haverá meio de ter-se uma certeza certa?

O governo não poderá fornecer documentos ás partes litigantes e mesmo ás outras folhas, *neutras* nesta questão do cholera?

Cremos que sim.

E o caso não é para desprezar.

Ahi pelo interior têm-se dado factos extraordinarios, attentados clamorosos, principalmente no que diz respeito à liberdade de commercio e de locomoção, motivados pela existencia de uma epidemia que, se não é a do cholera indiano, não deixa de ser muito grave.

Ora, para os sectarios do *Paiz* esses factos tornam-se perfeitamente justificaveis, sob a capa do feroz *instincto de conservação*; mas, para os leitores da *Gazeta* assumem caracter odioso e são dignos de severo castigo.

O governo tem o dever de aclarar este negocio e o povo tem o direito de ser official e positivamente esclarecido.

Ha ou não ha cholera?

Ecco il problema.

==

O Snr. Faure, presidente da França, vio-se seriamente atrapalhado para organizar o seu gabinete. Isto quer dizer que o partido socialista continua a fazer caretas e que talvez se tornasse preciso manipular uma combinação habil de elementos estaveis.

Ou seria por falta de homens competentes, que as difficuldades appareceram?

Neste caso, desculpe-nos o snr. Faure, S. Ex. fez muito mal, não consultando immediatamente o *Don. Quixote*.

Conhecemos por aqui muitas summidades politicas desempregadas recentemente, que eram capazes de engolir qualquer opposição e fazer figura papafina...

==

Chega-nos da Republica Argentina a noticia de ter o Snr. Saenz Pena resignado a presidencia, dando como causa desse acto não poder supportar a opposição que lhe moviam pelo facto de não querer dar amnistia a criminosos politicos. Accrescentam os telegrammas, que o publico foi indifferente a tal *resignação*.

Vê-se pois, que a opinião publica ainda é uma grande força, mesmo na America do Sul...

==

O Supremo Tribunal Militar consultado sobre se o indulto concedido pelo governo ás praças de pret do exsercito e da armada, abrangia ou não os aspirantes de marinha—resolveu unanimemente pela affirmativa.

A proposito travou se na imprensa uma luta tão interessante, quanto desigual.

Enquanto só dois dos nossos jornaes oppunham-se á interpretação que acaba de ser confirmada — todos os outros collegas, tacita ou expressamente declararam-se pela ampliação da generosa lei.

Para nós, a consulta foi um luxo diplomatico do governo e o acordão do Tribunal um pleonasmo dispensavel.

Emfim, os *sermões de lagrimas* sempre conseguiram retardar quasi um mez a applicação de uma lei em favor dos pobres... *bandidos*.

D. JUSTO

— De que precauções usas tu contra o cholera?

— Uso da hygiene moral.

— Como assim?!

— E' muito simples: ao levantar da cama leio a *Gazeta* que me predispoem agradavelmente o organismo para resistir ás virgulas... Ao deitar, leio então o *Paiz*... e durmo sobre o caso!

— Ah!

Gracias!

A gratidão é uma virtude que sempre nos aprouve cultivar em alta escala.

Por isso, abrimos esta secção de agradecimento a todos quantos nos captivarem com as suas offertas. Para hoje temos:

— a de uma esplendida cadeira enviada pelo amavel Fonseca da grande fabrica de malas de Seixas Magalhães & C.—cadeira esta em que, uma vez sentados, perdemos a vontade de trabalhar, tal a sua commodidade;

— a de uma folhinha e varios *bibelots* lindissimos, remettidos pela casa *très chic* dos nossos amigos Guimarães & Ferdinando, á rua do Ouvidor;

— a de uma deslumbrante folhinha, mandada pela grande fabrica de chapéos de sol dos gentis Srs. Noé & Cª, á rua 7 de Setembro;

— a de tres magnificas photographias executadas no bem montado *atelier* photographico do provecto artista Barander, de Juiz de Fóra.

CABALLERO DE GRACIA.

Final do artigo da *Gazeta*, applaudindo o accordão do Tribunal Militar, no caso dos aspirantes:

Não podemos fugir porém ao impulso de manifestar o nosso contentamento por uma decisão que abre as portas da patria a tantos brazileiros irmãos e fecha o cyclo de dores e angustias a tantas familias, assás provadas pela fortuna adversa.

—

Trecho do artigo do *Paiz*, criticando o dito accordão:

Fomos, pois, vencidos, mas não estamos convencidos.

Entre este pedacinho e o abre e fecha da *Gazeta*, ha, positivamente, um abysmo... do Paraná!

A nossa meza

Não vão pensar que *A nossa meza* é a dos comes e bebes, á qual nos sentamos diariamente, para conforto do nosso bello estomago, e onde temos bebido bem boas pingas, á *razão da mesma* . . .

Não é tal.

Esta meza é unicamente destinada á recepção de livros, jornaes e musicas, com que nos quizerem honrar os que não duvidam de que somos capazes de ler e de desengonçar as gambias, de um modo espantoso.

E, pois, para começar, temos sobre ella:

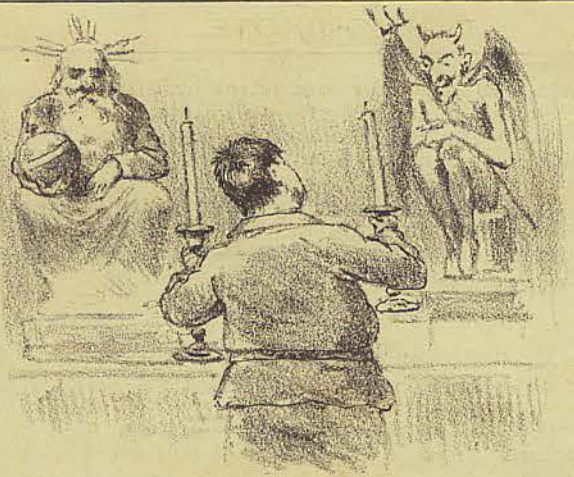
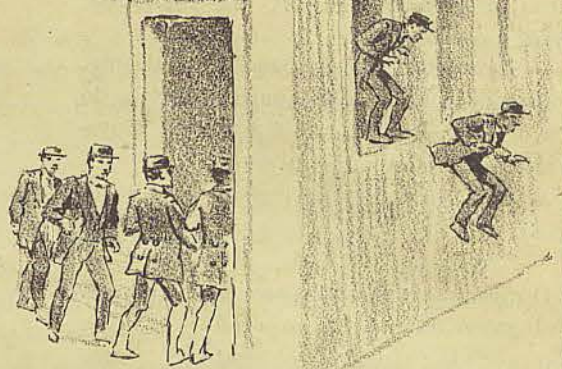
— *Revista Maritima Brazileira*, importante publicação do Club Naval. Abrange o periodo de Julho de 93 a Dezembro de 94. Magnifica.

— Memorial sobre o processo do *Tim tim por tim tim*, em que é aggravada a Sra Pepa. Muito curioso.

— A *Voz do Povo*, simpathico jornal de Taubaté, ao qual agradecemos penhoradissimos as honrosas palavras com que nos saudou.

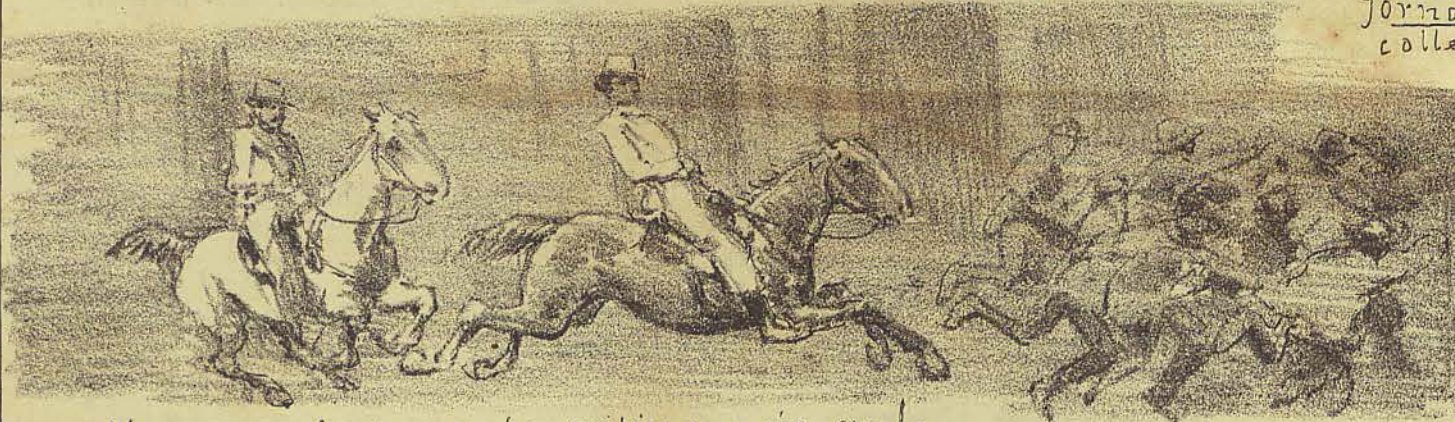
D. MEZARIO.

Estab. Typ. "L'Express" - rua Assembléa, 75

S.P — O patrão está damnado e, como eu bem o conheço, vou, por causa das duvidas, arro=lhar-lhe a lança e amolar o fio da sua espada.

O seguro morreu de velho e eu acho que a prudencia manda imitar o prudente Moraes na questão dos aspirantes.

a quem mandaram entrar para a escola naval, obrigando-os, em seguida a pular pela janella. Assim satisfez-se as opiniões contrarias

Por isso não gosto de metter-me em politica. Se se agrada a uns,

desagrada-se a outros e eu não gosto de ver caras feias ou zangadas

Nem tão pouco que me venham escangalhar os cacarecos, como pretendem fazer com o Jornal do Brasil, nosso collega.

Mas a policia anda activa, e ás galopadas para cima e para baixo, limpando assim a rua do Ouvidor dos celebres manifestantes da liberdade da imprensa.

Com a leitura do edital de hoje, é provavel que elles azulem de uma vez.

Graças á energia da policia já se pode sahir á rua sem receio...

e até dar um passeio á Praia-Grande, com as devidas precauções por causa das duvida

Anno 1º Rio-de-Janeiro. Nº 2

Don Quixote

Jornal illustrado de Angelo Agostini

Rua do Ouvidor 109, Sobrado

Felix Faure. Presidente da Republica Franceza

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno. .	20$000	Anno. .	24$000
Semestre	12$000	Semestre	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Para regularidade do nosso expediente, só agora podemos fazer a distribuição gratuita aos nossos assignantes, da estampa que publicamos da catastrophe da barca «Terceira».

Os que desejarem possuir mais de um exemplar, terão a bondade de juntar ao pedido a respectiva importancia, em moeda corrente ou em sellos do correio.

O preço de cada exemplar é de um mil rèis devendo as cartas ser registradas.

Aproveitamos a opportunidade para declarar aos nossos assignantes que, por absoluta falta de tempo, não nos foi possivel ainda dar este numero com os melhoramentos que pretendemos introduzir, pelo que pedimos desculpa.

N. B. — Todas as pessoas que tiverem de nos enviar dinheiro, em cartas registradas, pedem-n'o fazer sem o menor receio da «torração» desinfectante, graças ao pedido que fizemos á illustre commissão sanitaria.

O seguro morreu de velho.

A ADMINISTRAÇÃO

Rio de Janeiro, 2 de Fevereiro de 1895

FOI-SE

PARECE afinal terminado o triste periodo de arruaças, aberto no tranquillo decurso da vida burgueza desta pacata cidade

Ainda bem, porque a cousa ia ficando feia, e a gente pacifica era obrigada a desistir do seu habitual passeio pela rua do Ouvidor.

Curioso por indole e por principio, tivemos occasião de observar muito de perto os grupos que, reunidos em determinados lugares, soltavam *vivas!* e *morras!* a isto e aquillo, a estes e aquelles; e, francamente, não vimos o enthusiasmo que desperta a defeza de uma boa causa.

Tivemos mesmo a impressão de estarmos assistindo a uma dessas vaias monumentaes muito frequentes pelo Carnaval.

A policia interveio, a bem da ordem e disso resultou haver lucta, na qual se deram alguns ferimentos lamentaveis.

E' de crer, porem, á vista da condemnação geral infligida a esses actos vergonhosos, que os seus protagonistas vão cuidar de outra vida, aproveitando melhor a veia trocista de que são dotados.

Assim o desejamos por amor do bom nome que devemos ter no convivio das nações civilisadas.

AO SEXO... SENSIVEL

O enthusiastico e caridoso affan em promover meios de amenizar a precaria situação dos orphãos e mais pessoas das familias dos naufragos da barca *Terceira* parece ir diminuindo de intensidade á proporção que na vida trabalhosa e varia de todos os dias vamos esquecendo o lamentavel successo.

Mas, minhas gentis leitoras, a vós que constituis o sexo... não direi o *bello sexo*, pois, a phrase é antiga e nada exprime, mas o sexo sensivel, vós que sois o coração do universo tendes ainda presentes todos os soffrimentos d'aquelles que se viram em um instante privados do arrimo de um pai, das caricias maternas, das santas consolações de uma esposa, do affecto filial, de paternaes cuidados, de todas essas emoções que constituem a felicidade nesta vida tão cheia de disillusões e desenganos, de dores e infortunios onde ao lado de cada uma rosa brotam mil espinhos.

Nós homens somos o pensamento que lucta, que se agita e no combate de hoje esquece facilmente as dôres de hontem. Vós sois o sentimento que chora e de cada lagrima faz uma estrella para illuminar o céu negro de todas as miserias, de todas as afflicções. De vós deve partir a iniciativa para que não sejam esquecidas as indirectas victimas da horrivel catastrophe, aquellas que viram abrir-se o abysmo da miseria, entre o abysmo ardente do incendio e o abysmo frio do mar. Organisai vós uma festa, um espetaculo em beneficio d'essas victimas, fazei com que as palmas que coroam os vôos da arte se mudem em obolos caridosos, suavissimos balsamos para essas agonias.

Si é certo, como diz um grande poeta, que quando Deus quer fazer o bem, toma uma estrella no espaço e

« forma d'ella um sentimento
no coração da mulher ».

dai a essa sentimento a sua primitiva origem e que os seus raios sidereos levem as consolações aos lares enlutados.

Tudo esperamos de vós, nós, que vós não dizemos o sexo que encanta, mas sim o sexo que ama.

A caridade é uma forma do amor.

D. MAVIO.

FARDELICES

Pois senhores, as coisas já foram peiores do que vão indo, e o meu illustre compadre D. Quixano chega bem a proposito para poder dar á sua exaltada imaginação o mais maravilhoso alimento que jámais foi lido ou relatado em novellas de cavalleria.

E bem inspirado andou sua mercê em ter dirigido os estropeantes passos do seu incomparavel Rocinante para estas paragens, onde não faltam moinhos de vento, elmos de Mambrino, e até Ilhas Baratarias a conquistar, para premio e gloria do seu tagarella e anafado escudeiro Sancho Pansa.

Chronista ou commentador loquaz, como todos os barbeiros, meus collegas, de tudo quanto chega ao nosso conhecimento, não podia eu quedar-me calado ante essa nova phase das aventuras de meu famigerado compadre.

São proprios de barbeiros as fardelices, e é fardelado que elles amolam e escanhoam.

Por fortuna minha, acho-me em um paiz onde a fardelice é qualidade [illegible]iamente apreciavel, por meio da qual se consegue adquirir boa posição em qualquer carreira, principalmente na politica.

Bem que nenhuma aspiração affague, nem mesmo de vir a ser intendente municipal, fardelemos, pois.

***

Fardelar e jogar, eis no que deve occupar-se a actividade de todo bom cidadão e bom guarda nacional.

Fardelar de tudo e de todos; jogar com tudo e com todos, sem excepção mesmo dos bichos engaiolados no Jardim Zoologico.

Felizes e privilegiados bichos, que monopolisaes presentemente o culto de todos os habitantes desta Sebastianopolis, que em vós põe todos os dias a sua esperança e a sua fé, sem excepção do proprio *Apostolo*, que systematicamente pára no porco o seu cheque diario.

Por honra vossa, já fostes distinguidos com o retrato a oleo, e não está longe o dia de serdes alvo da marcha ao *flambeaux*,

Agora, para serdes campletamente felizes só vos faltam duas coisas: sustento e aceio.

Mas como poderão estes ser vos dados, se nesse philantropico jogo com que felicitaes esta população premiaes com 20$000 a quem, para visitar-vos, faz o sacrificio de despender dez tostões na acquisiçao do respectivo bilhete de ingresso?

Desta maneira não poderá haver receita que chegue para cobrir o progressivo deficit que vos privado sustento e do aceio, e o vosso exicio torna-se inevitavel, se a prefeitura municipal, dando conveniente interpretação ao contracto que vós authorisa a zoologica jogatina, não vier em vosso auxilio permittindo que, em vez de um bilhete de ingresso a quem vos visita, vós possaes vender francamente bilhetes de *poules* a quanto papalvo queira ir despejar o seu dinheiro nas gavetas do vosso *Book Maker*,

Só assim podereis ter carne á ufa, a despeito da carestia crescente e tolerada deste artigo alimenticio de primeira necessidade.

Se tal conseguirdes contae com a minha freguezia.

A' força de muito parafusar, já eu consegui descobrir o meio de joga rpela certa, ganhando sempre.

Para isso basta só que eu obtenha poder, á hora de liquidar-se o joguinho, deitar uma olhadella para os livrinhos dos talões dos bilhetes. Em bicho de talão esgotado ou quasi esgotado não caio na asneira de arriscar nem um nikel.

Naquelles, cujos talões estiverem quasi intactos, n'esses sim! carrego sem receio, porque são esses os que vão para o quadro que lá está pendurado no jardim.

O vosso Cavanellas é muito fino e escolhe sempre para pôr lá no quadro o bicho em que poucos ou nenhuns pensam.

Mas si elle é alho, eu tambem de cebolla não tenho nada.

O meu patricio Sancho Pansa, como quer

ao seu Russo tanto como ás meninas dos seus olhos, entendeu que, por influencia d'esse amor ardente, poderia ter fortuna, e comprou um cheque no burro.

Ora eu, que justamente porque a quadrinha diz:

Embora os ricos deem urros,
Eis um dito verdadeiro:
—Fez-se o dinheiro para os burros
E as burras para o dinheiro,

não caio de cavallo magro, porque, assim pensando, todos se atiram ao burro.

O que fiz? comprei no perú.

Pois o que pensam que succedeu?

Nenhum de nós tirou nada!

Bem feito! Eu devia ter reflectido que, sendo o perú tão estupido como o burro, devia ter tantos partidarios como este.

E com esta conclue hoje a sua amolação

Mestre Nicolau.

Cholera ?.

Que ha peste o PAIZ attesta;
Clama a GAZETA que não;
Um affirma, outra contesta,
E ambos querem ter razão.

No parecer competente
De sabio profissional
Se firmando, mais valente
Se reputa cada qual.

Com esta rixa teimosa
Dos descordantes jornaes,
Fica a gente duvidosa
Do saber de sabios taes.

A official hygiene
Vai, pelo sim, pelo não,
Com seringação infrene
Fazendo desinfecção.

E d'est'arte, procurando
Cholera tal combater,
Vae tudo encolerisando
P'r' alguma colera haver.

E embora teime a sciencia
Em seus contras e seus prós,
Chega-se assim á evidencia,
De haver colera entre nós.

M. NICOLAU

NOTAS

Continuam a apparecer casos sporadicos que uns affirmam ser de cholera e outros attribuem a causas diversas. Sempre me parece que si a epidemia reinante fosse o cholera asiatico estes casos que aqui se teem dado já teriam propagado a molestia, pois o cholera é terrivelmente contagioso.

Apezar de todos os cordões sanitarios, desinfecções e tudo o mais, já o mal tinha tempo de se ter manifestado em uma grande população como é a nossa.

Mas quer seja uma forma attenuada do cholera asiatico, quer um cholera nacional, em todo o caso a epidemia tem feito e continua a fazer victimas.

Os Srs. medicos ainda discutem a origem do mal e dividiram-se em dous campos oppostos. Quanto a nós pouco nos importa em theoria sabermos si é cholera, cholerina ou outra qualquer cousa, o que queremos é o emprego energico dos meios para a rapida extincção da terrivel molestia.

Emfim, discutam, que nós queremos saber si é ou não é cholera, e vel o promptamente extincto.

Discutam, que da discussão nasce a luz.

Peior que a epidemia é o estado anormal da nossa cidade.

Disturbios cujas causas perdem-se nas subtilezas da politica, arruaças que nos envergonham perante as nações, devem acabar para bem do nosso credito.

A corrente estrangeira nos é indispensavel na sciencia, nas lettras, nas artes, na industria, no mundo das idéas e do trabalho. Negar esta verdade é desconhecer o atraso do nosso meio intellectual e meterial. Sejamos brasileiros, porém, mais ainda, americanos, e não façamos a Europa duvidar da hospitalidade tradiccional da livre America.

A natureza, vendo o estado tumultuoso da cidade, quiz tambem fazer revolução e deu-nos um *sabbat* de relampagos e trovões e uma extraordinaria chuva que inundou algumas ruas da cidade e a nós inundou de jubilo porque fez baixar o horrivel calor que nos suffoca.

O melhor foi que a carga d'agua fez o effeito de uma carga... de cavallaria para dispersar os grupos suspeitos e não suspeitos, e pacificar os animos exaltados. Está provado que o melhor meio de acalmar o enthusiasmo bellico do nosso povo é deitar-lhe agua na fervura. Impavido, elle affronta as balas, mas, diante da logica do molho, trata de regressar aos lares a seccar-se e guarda a revolução para o bom tempo. Antes assim.

Reporter.

AUGUSTO DE CASTILHO

Publicamos hoje o retrato do capitão de fragata da marinha portugeza, conselheiro Augusto de Castilho.

Já no passado numero nos referimos á absolvição deste bravo marinheiro, e, a proposito demos a nota que nos pareceu e que julgamos justa.

Repetimos:

Quando todos nós estivemos em condições de reflectir imparcialmente sobre os factos da nefasta revolta de 6 de Setembro e nos convencemos de que o sentimento humanitario é um dos mais bellos attributos do espirito humano — o nome de Auguseto de Castilho soará como o de um benemerito, que, por amor dos seus semelhantes, não duvidou arriscar a sua posição e a sua vida.

A grande scena do memoravel 13 de Março de 1894, descripto pelo accusado e por testemunha presenciaes, quando a velha e exigua *Mindello* foi por todos os lugares invadida por centenas de revoltosos atterrados de panico, fugindo á morte certa — é digna, certamente, de pennas e pinceis geniaes.

O Don Quixote, tendo inscripto no seu programma a divisa: — *Mais civilisação, mais progresso, mais humanidade* — não póde eximir-se de render preito a quem deu um tal exemplo de abnegação.

Diante dessa extraordinaria scena de desespero, Augusto de Castilho foi uma prova evidente de que para grandes corações não ha navios pequenos.

X.

De Chapéo na Mão

Tão benevola e obsequiosa se dignou acolher-nos a Imprensa jornalistica fluminense, que, penhoradissimos, nos curvamos, apresentando-lhe os sinceros protestos do nosso profundo reconhecimento.

***

Do brilhante chronista e primoroso poeta Olavo Bilac recebeu o nosso chefe as seguintes linhas, que, por muito nos honrarem, não podemos resistir ao desvanecimento de reproduzir n'esta columna:

« Caro Angelo Agostini:

« Mando-lhe aqui um grande e apertado abraço pelo triumphal successo do *D. Quixote*. Bravo! Bravissimo! Você estava fazendo falta a esta terra.

« Creia que é com todo o enthusiasmo que o felicita o seu collega admirador e amigo

OLAVO BILAC »

Botafogo, 27 Janeiro 1895.

***

A todos mil agradecimentos e um cordial aperto de mão.

D. QUIXOTE

Theatro

Defensor de todos os opprimidos, amparo de todos os fracos, pugnador de todos os direitos e repressor de todos os abusos, *D. Quixote* não póde deixar de enristar a sua lança em favor da malfadada arte dramatica, tão vilipendiada n'esta terra pela parvoice da vaidade enfatuada, pela inepcia de uns directores desorientados e pela desidia governamental.

Desventurada dona! que depois de haveres, com o alto coturno que te calçara João Caetano, pisado, como rainha, o palco do *S. Pedro d'Alcantara*, e teres, conduzida por Joaquim Heleodoro, deslumbrado com suprema elegancia a *élite* da sociedade fluminense no palco do *Gymnasio Dramatico*, andas agora, a despeito dos esforços de Furtado Coelho, a saracotear fandangos, como barregã impiteirada, por uns tablados escancarados, sem acustica, sem elegancia e sem decencia!

Eu me commovo diante do teu infortunio, e se não posso levantar-te do abatimento a que chegaste, procurarei, ao menos, confortar-te e encorajar-te, para que tentes uma rehabilitação que te faça merecedora da consideração e do apreço que precisas ter.

***

Não é de melhor aviso, quando a ignorancia ou a desorientação leva um individuo ou uma instituição á decadencia de uma degeneração que degrada, augmentar a afflicção ao afflicto, empregando a severidade cruel, que irrita em vez de encaminhar.

Guiando-se por este raciocinio, o *D. Quixote* se occupará do theatro, apreciando os seus espectaculos com o criterio proprio da elevação de sentimentos que o impellem a percorrer montes e valles da actividade social em defeza de tudo que é bom, que é justo e util ao aperfeiçoamento humano.

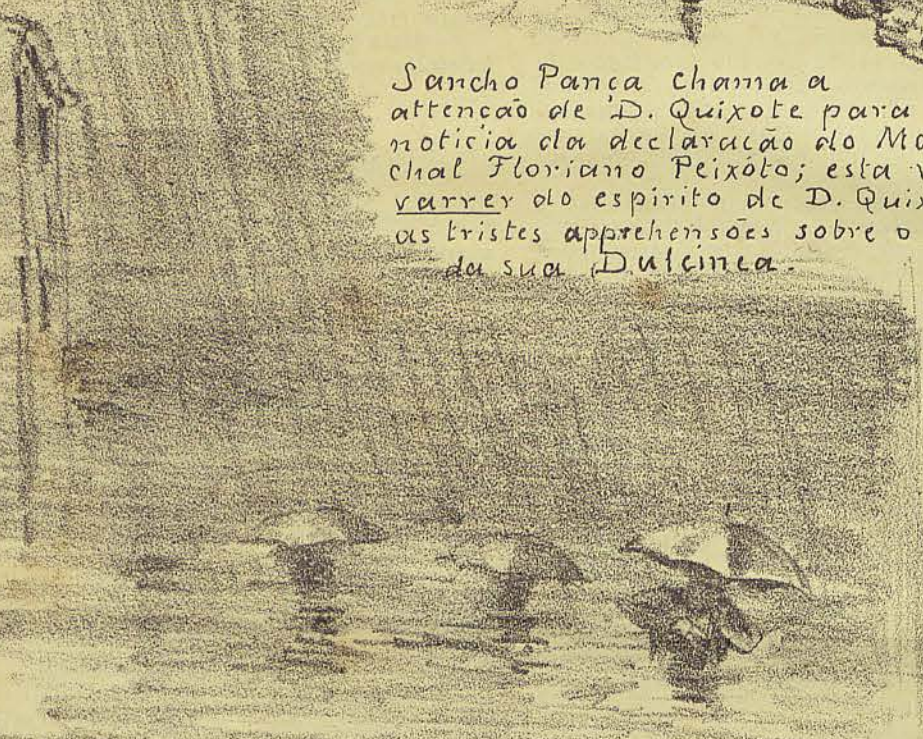
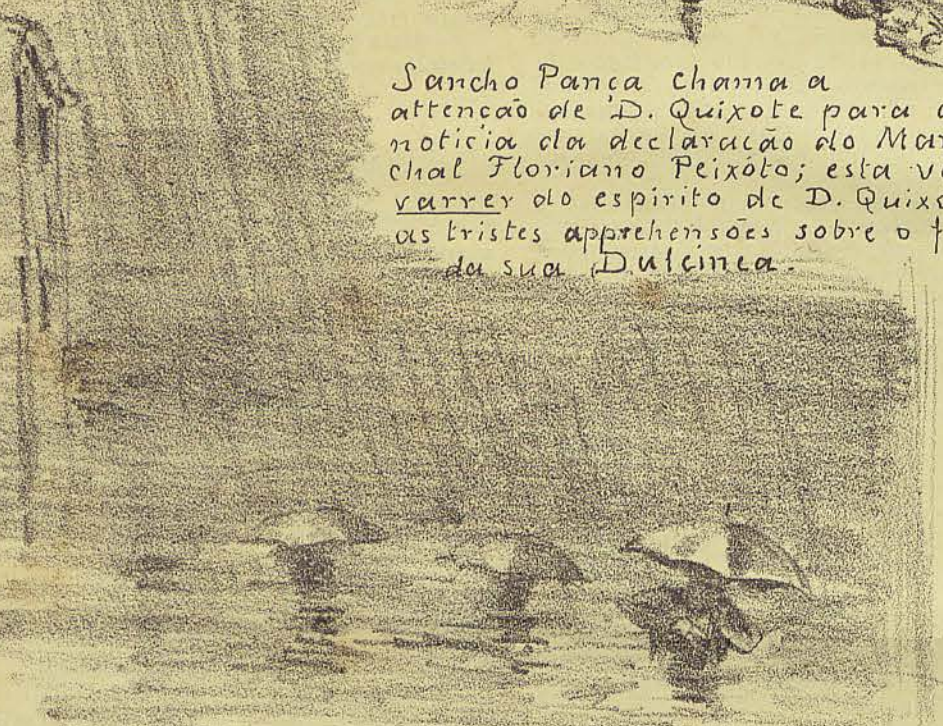
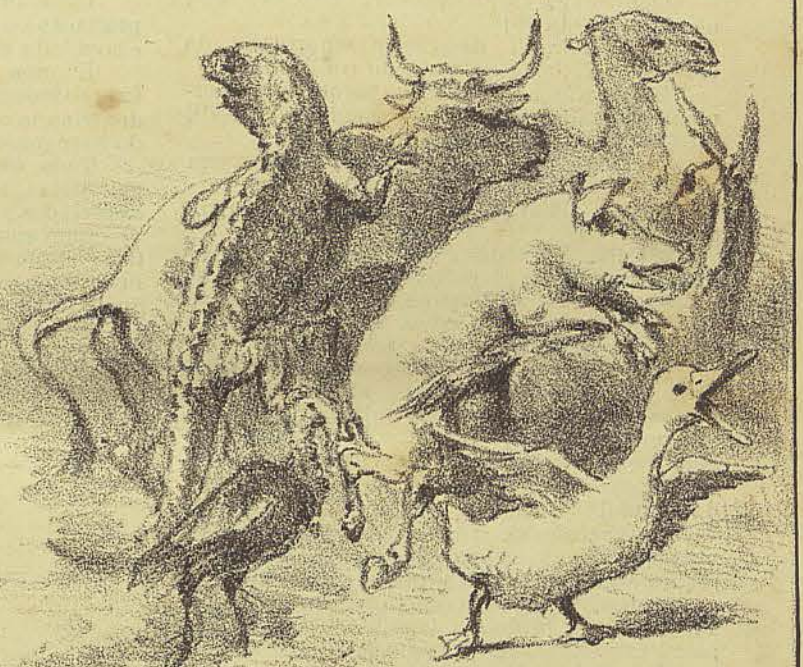
No meio da desorganisação consequente dos erros de uns, da inepcia de outros e da indifferença de muitos a que chegou o theatro entre nós, obrigando artistas conscienciosos e de talento a transigirem, por amor da subsistencia, com a degradação a que a arte ia progressivamente descendo, seria insensato exigir correcção e consciencia tanto em actores como em autores.

Todos, inclusive o proprio publico, foram arrastados na torrente devastadora, que levou o theatro a esse estado inqualificavel que conduz ao enjôo, ao tedio, e... porque não dizel-o? ao

VASSURADAS

Sancho Pança chama a attenção de D. Quixote para a noticia da declaração do Marechal Floriano Peixoto; esta veio <u>varrer</u> do espirito de D. Quixote as tristes apprehensões sobre o futuro da sua Dulcinea.

M.^l F. P. – "Condemno as arruaças e ... do que ... onstituido se deve respeitar o gover ... blica." e procurar consolidar a ... ssim o ma: Muito bem! <u>varre</u> a sua ... rtada.

Essas arruaças já terminaram por meio de cargas de cavallaria, conseguindo d'est'arte a policia <u>varrer</u> da rua do Ouvidor os taes desordeiros

Porem, melhor do que essas cargas de cavallaria, foi a carga d'agua com que o Ceu, justamente irritado, acabou por <u>varrel-os</u> de uma vez.

E melhor foi ainda a ec ... nica limpesa que <u>varreu</u> do Thesouro 250 sanguesu ... policiaes.

Por seu turno os intendentes entenderão de varrer os book-makers, o que nos faz esperar que a prefeitura não tardará em <u>varrer</u> a jogatina zoologica.

Até a Escola militar, para não ficar atraz, e por causa das duvidas, entendeu dever igualmente <u>varrer</u> a sua testada.

Rosna-se que se preto- ... <u>varrer</u> a liberdade da Imprensa, assalta ... -lhe as officinas. Os assaltantes é que podem ser <u>varridos</u>.

O que porém ninguem <u>varre</u> são as ruas e praias desta capital, que estão immundas. Até bois mortos se encontram n'ellas!!!

Nem tão pouco se conseguio até hoje varrer d'"O Paiz" e da "Gazeta" a divergencia de haver ou não Cholera.

nojo da propria conducta, como o da mulher honesta, que, tendo sido embriagada, se descompõe, e voltada á razão, tem vergonha de si propria.

Sejamos, pois, rasoaveis e sensatos.

Quer da parte do publico, quer da dos que escrevem para o theatro, e até mesmo da de alguns artistas que ainda nutrem no intimo de sua alma o culto sincero da verdadeira arte, uma tendencia regeneradora começa a manifestar-se.

Contribuir para que essa tendencia cresça e se desenvolva activamente, será o nosso empenho, e a ella hypothecamos toda a energia da nossa vontade.

Que nos secundem n'esse empenho os bellos talentos e pronunciadas vocações dramaticas de Eduardo Garrido, Arthur Azevedo, Moreira Sampaio e Figueiredo Coimbra — autores consagrados pelo applauso publico — e, com elles, toda a imprensa jornalistica, é o que desejamos e solicitamos.

Com o valioso concurso de tão poderosos elementos, a regeneração do theatro far-se-a rapida e proficuamente, e a gloria que d'ahi resultar lhes pertencerá.

* * *

Estão actualmente em diaria actividade os seguintes theatros:

O *Variedades*, de que é emprezaria a notavel actriz Ismenia dos Santos;

O *Recreio Dramatico*, sob a direcção do laborioso actor Dias Braga;

O *Lucinda*, empreza de... Não sabemos, ao certo, de quem;

O *Sant'Anna*, associação emprezaria do ensaiador Heller com um actor conhecido;

Do *Apollo* não fallamos, porque nos informam que a companhia de zarzuellas que alli funccionava, acaba de deixa-lo.

Temos, pois, quatro theatros, apenas, em permanente actividade.

Destes, nenhum tem genero definido ou systematico.

Magicas, Revistas, Bamboxatas burlescomusicaes, eis o que todos principalmente exploram, com muito despendio de ensenação e duvidoso resultado lucrativo, em que pese ao tino financeiro dos seus directores.

Entretanto, cumpre assignalar que, no *Recreio Dramatico*, Dias Braga ainda cultiva o drama, se não como era de desejar para o desenvolvimento da arte e da litteratura nacionaes, pelo menos de maneira a não dar margem de se o poder considerar completamente banido da scena fluminense.

No *Variedades*, a Sra. Ismenia, sem duvida reflectindo no adagio de *quem não apparece se esquece* resolveu ultimamente exhibir-se em alguns dos dramas em que, em melhores tempos, o seu brilhante talento fulgurou em pleno explendor da sua gloria artistica, colhendo ainda n'essas exhibições, applausos justamente merecidos, graças á inviolabilidade dos seus invejaveis conhecimentos d'arte.

Isto, porém, não passa, ao que parece, de simples capricho ou fantasia da saudosa artista, pois que presentemente procura ella alimentar a frequencia do seu theatro com *O Orpheu nos Infernos*, opereta cuja ensenação se recommenda pelo luxo dos scenarios, dos vestuarios e.... das pernas femininas.

Quanto ao *Lucinda*, para d'elle podermos tratar *tim tim por tim tim*.... vedremo e duopo parleremo.

Por nos merecer especial attenção, atten'as as condições do seu pessoal artistico, deixamos propositalmente o *Sant'Anna* para ultima referencia.

Incontestavelmente, de todas as companhias que presentemente funccionam nos nossos theatros, a do *Sant'Anna* é a que reune as melhores condições de igualdade, de afinação e de qualidade.

Não se nota alli, como nos outros, essa insuportavel variedade de pronuncia portugueza, formando um desconcerto irritante, que arranha o ouvido, estragando a impressão dos ditos, das scenas, e até das peças inteiras!

Os principaes papeis são alli distribuidos a artistas quasi todos brazileiros cuja pronuncia se harmonisa pela identidade, o que produz um agradavel effeito, que muito contribue para produzir no espirito do espectador a impressão premeditada.

D'esta igualdade apenas destoa a senhora Ismenia Matheus, jovem artista hespanhola com muito talento, inexcedivel graça e admiravel voz, que ultimamente se encorporou a essa companhia.

Nota-se, porém, da parte d'ella uma tão manifesta vontade de se aperfeiçoar na pronuncia portugueza, que se eu fosse seu mestre, não gastaria muito tempo em leval-a á plena realisação do seu louvavel desejo.

Dentre o pessoal artistico de que se compõe a companhia de que trato, assignalam-se pelo seu merecimento as duas irmãs Montani (Gabriella e Olympia) duas dignas continuadoras das tradicções gloriosas de sua familia, ambas brazileiras, e ambas talentosas;

A Sra. Clelia, uma artista provecta, que ainda prehenche no theatro nacional um lugar de summa utilidade, e para o qual poucas tem aptidão, e, o que é mais, a necessaria bôa vontade;

O laborioso e estudioso actor Peixoto, um artista intelligente e dotado de exellentes qualidades naturaes para a reproducção de varios caracteres, na interpretação dos quaes procura esmerar-se e mostrar-se correcto;

O actor Flavio, um consiencioso artista violentado pelas urgencias domesticas á transigencia de principios que constituiam o bello ideal das suas aspirações artisticas; e que, não obstante, como Guilherme de Aguiar, procura em tudo conesrvar o molde em que se modelara a sua vocação dramatica.

Ainda podia salientar outros artistas de recommendavel merecimento, no elenco do Sant'Anna: mas fallece-me tempo e espaço para tanto.

Concluirei por hoje com uma ligeira apreciação do *Duo da Africana*, a ultima peça e novidade exhibida n'este theatro.

E' uma pequena peça em um acto, feita expressamente para fazer rir, sem preoccupação doutrinaria ou litteraria, e traduzida livremente do hespanhol pelo Dr. Moreira Sampaio.

Toda mettida em bella e graciosa musica, mal deixa em parte declamada perceber ao expectador o seu entrecho.

Bem enscenada e regularmente representada, destacarei d'entre os seus interpretes: Peixoto no papel de empresario Cherubini e a Sra. Matheus no da tiple Antonini.

Que explendida vóz! Que seductora sevilhana! Que *Saléro!* Caramba!

Viva la gracia!

SANSÃO CARRASCO.

O OSSO

Quem diz que roer não custa
E'porque nunca roeu...
Rôa o osso de Locusta
Quem diz que roer não custa,
Lambe, morde, acerta, ajusta,
Grita, berrra... ensandeceu!
Quem diz que roer não custa
E'porque nunca roeu.

Ou, se quizer, eu proponho,
Roer o osso da Graça,
Osso duro, osso bisonho!
Ou se quizer eu proponho,
Que deixe o mundo do sonho,
Que fuja ao x da chalaça;
Ou, se quezir eu proponho,
Roer o osso do Graça.

Mas, que ouço? ó osso infeliz!
Que não se roe com certeza,
Embora, junto ao nariz»
Mas, que ouço? ó osso infeliz!
Como vieste ao «Paiz»
Para engasgar essa empreza?...
Mas que ouço? ó osso infeliz!
Que não se roe com certeza.

SANCHITO.

EXCAVAÇÕES

Solicitude

Um dia o alfaiate do Sr. Thiers mandou-lhe um fraque para Trouville. Provado diante da Sra. Thies, da Sra. de Bosme e de outra senhora, o grande estadista achou-o comprido.

Basta cortar-lhe uns 20 centimetres e isso pode-se fazer aqui, disse a Sra. Thiers.

Durante a noite esta senhora levou o fraque ao seu aposento e cortou os 20 centimetros.

A Sra. de Bosme, ignorando o que fizera a Sra. Thiers, levou o fraque para o seu quarto, e antes de deitar-se, cortou lhe 20 centimetros, deixando-o na ante camara sobre uma cadeira.

No outro dia a terceira senhora, vendo o fraque na anticamara, julgou que o haviam esquecido, e cortou tambem 20 centimetros.

Depois do almoço, Thiers perguntou pelo fraque.

— «Já está corta lo», responderam ao mesmo tempo as tres senhoras!

Tinha-se transformado em jaqueta!

++

Oliveira Martins era muito amigo de Alexandre Herculano. Uma noite estando Herculano a contar-lhe as proezas de um abbade valentão, Oliveira Martins interrompeu-o no ponto em que dizia ter o abbade rachado quatro cabeças:

— Eis aqui, meu amigo, um capitulo que falta ao seu Parocho da aldeia!.

++

Anthero do Quental increpou um dia fortemente Eça de Queiroz pelo seu dandysmo parisiense e requintada elegancia:

— Queiroz, tu és um janota, tu és um effeminado!

— Vê o meu braço, é uma barra de ferro; e o teu?

— No teu braço ha 18 seculos de anemia e no meu 18 seculos de civilisação!

— Ja tinha descoberto isso, respondeu o autor do primo Bazilio olhando para o casaco archeologico de Anthero, e sabes como? Pela manga.

++

A maior flor que se conhece é a Pafflesia Arnolai descoberta em Sumatra pelo Dr. Arnod. Tem quasi um metro de diametro. A cavidade central comporta 7 litros de liquido e o pezo é de 15 libras.

Que boa flor para a boutonière de um elegante.

Archeologo

CORDA BAMBA

Desde os tempos immemariaes que exerço a profissão de equilibrista. Quando mesmo no periodo embrionario, que precede ao equilibrio eterno, já me havia exercitado na Corda Bamba do Paraiso, que o nosso bom pai Adão trazia sempre um pouco mais esticada para a perfeita maromba de suas altas funcções hierarchicas..

Acontece, porém, que n'aquella época patriarchal, essa profissão era de uso esclusivo aos eleitos celestes, ou a aquelles que já davam a entender, embora tardiamente, possuir uma certa somma de elementos indispensaveis a não se deixar engasopar pelo primeiro espirito trefego que apparecesse. E, forçoso é confessar, sem querer offender a minha reconhecida modestia, conforme usa a chapa dos *Apedidos*, que entre aquelles que mais se distinguiam, eu sempre occupei um logar de honra, e do qual nunca me deixei sahir sem a suprema habilidade.

Por exemplo: — Quando estive na Allemanha, exactamente no momento historico em que o chanceller de ferro fazia gatimonhas ao olho esperto da Europa socialista, consegui equilibrar-me na ponta das bayonetas do poderoso senhor de todas as Prussias unidas.

Reconciliando a Russia com a França, isto é, o cão com o gato, marombei na ponta de um ariete perfido, ou n'um fio branco das ballas da senhora dona Paz Armada, que é a mulher mais desordeira até então conhecida.

Na questão financeira de Italia puz desorientado o tino politico do velho camarada Crispi, que, apezar de ser o meu muito amado discipulo, não procurou honrar as lições do mestre . .

Aqui pela nossa terra, então, onde encontrei alumnos menos intelligentes, porém com maiores aptidões profissionaes, os meus serviços são inolvidaveis.

Tenho equilibrado uma serie de cousas extraordinarias, cada qual mais espantosa. Desde a Arte á Geral, desde o jacobinismo á mais franca immigração, fui eu, exclusivamente eu, quem equilibrou as opiniões, os contractos imaginarios e o *veredictum* dos senhores juizes de facto.

E por todos estes serviços prestados á humanidade, cumpre dizer, até hoje ainda não obtive a mais leve recompensa. Sou altruista. E ahi está o governo para o attestar: e eu exijo não só a palavra honrada dos governos como tambem a do Instituto Sanitario, das calças litterarias do Capistrano e dos alterosos queijos hygienicos de Minas Geraes, a altiva.

Agora anda me dando na telha equilibrar o jornalismo. Sim, meus senhores, é preciso equilibrar a gaita da palavra escripta. Os grandes orgãos, quer revolucionarios, quer conservadores, estão sob a ameaça evidente de um ataque... á mão armada.

No meu alto requinte humoristico, eu preferia que o ataque fosse hysterico, porque então o emprego do ether e da massagem dariam resultados magnificos,

Mas não, o caso de que se trata é mais grave, e exige, por conseguinte, medicamentos mais energicos.

Assim, pois, eu proponho dous meios unicos conhecidos, de resultado pratico incontestavel: ou a pomada reconstituente de cantharidas, applicada, por espaço de mezes, à base da espinha, ou então uma cataplasma de *pó de mico*, na proporção inversa da degenerescencia ou debilidade.

BLONDIN.

PEGA!

O Snr. Catano, fabricante de choriços e artista das Arabias, tomando por base a estampa desenhada por A. Agostini, representando o incendio da barca *Terceira*, fez uma cromo-lytographia destas de espantar burguezes.

Que um sujeito qualquer tenha o topete de copiar trabalhos alheios para ganhar dinheiro — va! Mas que o faça sem nenhuma cerimonia e sem saber desenhar, accrescentando-lhe ainda umas cousas detestaveis— é demais!

Sur. Catano, a como vende V. S. o kilo dos seus chouriços?

Pega!

D. GANÇO.

BRAVO!

Que excellente vassourada
A que a policia varreu!
Para tornal-a aceiada,
Que excellente vassourada!
Nunca tão bem applicada
Foi lei, que mal combateu!
Que excellente vassourada
A que a policia varreu!

A gente, com tanto agente,
Longe estava de ter paz;
Temia constantemente
A gente, com tanto agente!
De pericia impertinente,
Cada qual mais incapaz,
A gente com tanto agente,
Longe estava de ter paz!

Prosperava a gatunice!
Dia a dia, mais ladrões!
Sem que os agentes a visse,
Prosperava a gatunice!
E a pesar da fardelice
Dos inspectores pimpões,
Prosperava a gatunice!
Dia a dia, mais ladrões!

A' policia emporcalhando,
No cofre a limpava só;
De parasitas um bando
A' policia emporcalhando!
Sempre a ordem pertubando
Com rusgas, trólóló,
A' policia emporcalhando,
No cofre a limpava só!

Que excellente vassourada
A que a policia varreu!
Para tornal-a aceiada
Que excellente vassourada!
Nunca tão bem applicado
Foi lei, que mal combateu!
Que excellente vassourada
A que a policia varreu!

A. PITO.

Pensamentos e Reflexões

O casamento

No homem;
Antes dos vinte annos, é uma criancice;
Dos vintes aos trinta e cinco é uma paixão.
Dos trinta e cinco aos cincoenta, é um negocio.
Dos cincoenta em diante é uma loucura.
Na mulher
Antes dos dezoito annos, é um brinquedo,
Dos dezoito aos trinta, é uma necessidade,
Dos trinta aos quarenta e cinco, é uma infermidade.
Dos quarenta e cinco em diante, é uma tolice.

Mestre Nicolau.

GRACIAS!

O Sr. Cateysson & C. (rua da Assembléa n. 75) mandaram-nos 1 kilo de *Confetti* perfumados em um bonito cartucho de papelão dourado, que depois de vazio, serve de cnapéo carnavalesco.

Agradecendo a elegante offerta, promettemos empregar os *confetti* nas moças mais bellas que passarem na rua do Ouvidor.

Quanto ao cartucho, Sancho Pança pretende enfial o na cabeça e dar boas sortes no proximo carnaval.

— A fabrica de cerveja Brahma enviou-nos 12 garrafas da sua esplendida *Franziskaner brau*.

O pessoal cá de cassa regalou-se a valer com o valioso presente e brama por mais *Franciscana*.

Realmente, só uma duzia...

— Da importante papelaria e typographia dos Srs. Mendes, Marques & C.ª recebemos uma porçãe de objectos para escriptorio, que nos são de muita utilidade. Parece mesmo que os acreditados commerciantes adivinharam os nossos desejos...

Pois cautinuem, que vão muito bem,

Caballero e Gracia.

A nossa meza

Recebemos:

— « Recurso de *habeas-corpus*,» pelo Dr. Luiz Fortunato de Sonza Carvalho, a favor de Manoel V, Ribeiro Junior — folheto impresso na typ. da *Gazeta de Noticias*. Agradecemos.

— Officio do Congresso Beneficente Prudente de Moraes (Já tardava..)convidando-nos para comparecermos á manifestação que pretende fazer ao Sr. Presidente da Republica, n: dia 10 de Fevereiro. Agradecendo, ponderamos: achamos muito justa a manifestação e muito digno o manifestado, mas não gostamos dessas festas. Temos cá nossas razões.

— *O Democrata* com bem redigido semanario politico e litterario.

— Uma carta de Ernesto Senna annunciando-nos a publicação de um livro seu, de 400 paginas, com o titulo: *Notas de um reporter*. Quem conhecer o Ernesto Senna (permittan-nos que não o tratemos de coronel) deve esperar, como nós, um livro cheio d'aquelle bom humor que sempre o distinguio entre os nossos bons *reporters*.

— *Historia Constitucional da Republica dos Estados-Unidos do Brazil* — volume II. Importantissima obra devida á amestrada penna do illustrado Sr. Dr. Felisbello Freire. Vamos lel-a com a attenção de que é digna, emittindo mais tarde a nossa fraca opinião. Agradecemos.

— Dois *appetitosos* convites do Club dos Fenianos, para assistirmos ao baile de hoje. Dizemos *appetitosos* porque as figurinhas pintadas á *fresca* — promettem... Obrigados, rapazes, tendes um coração mag animo! Lá estaremos.

— *Chronica e Novellas* de Olavo Bilac. Um volume nitidamente impresso e editado pelos inteligentes e laboriosos livreiros Cunha & Irmão.

Ocupar-nos-emos, com attenção de que é digno, este bello livro, em uma secção bibliographica que brevemente iniciaremos.

Pela empresa do theatro *Lucinda* fomos mimoseados com um convite para os seus espctaculos. Agradecemos.

— E por fim, convidamos as nossas gentis leitoras a dançar comnosco, e a valer, a saltitante «schottisch» — *Meiga* — bonita composisão do Sr. Ismael Madeira, editada pelos incansaveis Srs. Vieira Machado & C.

— A' dança!

D. MEZARIO.

L'EXPRESS, Typ. a vapor rua da Assembléa 75

Anno 1º Rio-de-Janeiro. Nº 2

Don Quixote

Jornal illustrado de Angelo Agostini

Rua do Ouvidor 109, Sobrado

Felix Faure. Presidente da Republica Franceza

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno. .	20$000	Anno. .	24$000
Semestre	12$000	Semestre	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Para regularidade do nosso expediente, só agora podemos fazer a distribuição gratuita aos nossos assignantes, da estampa que publicamos da catastrophe da barca «Terceira».

Os que desejarem possuir mais de um exemplar, terão a bondade de juntar ao pedido a respectiva importancia, em moeda corrente ou em sellos do correio.

O preço de cada exemplar é de um mil rèis devendo as cartas ser registradas.

Aproveitamos a opportunidade para declarar aos nossos assignantes que, por absoluta falta de tempo, não nos foi possivel ainda dar este numero com os melhoramentos que pretendemos introduzir, pelo que pedimos desculpa.

N. B. — Todas as pessoas que tiverem de nos enviar dinheiro, em cartas registradas, pedem-n'o fazer sem o menor receio da «torração» desinfectante, graças ao pedido que fizemos á illustre commissão sanitaria.

O seguro morreu de velho.

A ADMINISTRAÇÃO

Rio de Janeiro, 2 de Fevereiro de 1895

FOI-SE

Parece afinal terminado o triste periodo de arruaças, aberto no tranquillo decurso da vida burgueza desta pacata cidade

Ainda bem, porque a cousa ia ficando feia, e a gente pacifica era obrigada a desistir do seu habitual passeio pela rua do Ouvidor.

Curioso por indole e por principio, tivemos occasião de observar muito de perto os grupos que, reunidos em determinados lugares, soltavam *vivas!* e *morras!* a isto e aquillo, a estes e aquelles; e, francamente, não vimos o enthusiasmo que desperta a defeza de uma boa causa.

Tivemos mesmo a impressão de estarmos assistindo a uma dessas vaias monumentaes muito frequentes pelo Carnaval.

A policia interveio, a bem da ordem e disso resultou haver lucta, na qual se deram alguns ferimentos lamentaveis.

E' de crer, porem, á vista da condemnação geral infligida a esses actos vergonhosos, que os seus protagonistas vão cuidar de outra vida, aproveitando melhor a veia trocista de que são dotados.

Assim o desejamos por amor do bom nome que devemos ter no convivio das nações civilisadas.

AO SEXO... SENSIVEL

O enthusiastico e caridoso affan em promover meios de amenizar a precaria situação dos orphãos e mais pessoas das familias dos naufragos da barca *Terceira* parece ir diminuindo de intensidade á proporção que na vida trabalhosa e varia de todos os dias vamos esquecendo o lamentavel successo.

Mas, minhas gentis leitoras, a vós que constituis o sexo... não direi o *bello sexo*, pois, a phrase é antiga e nada exprime, mas o sexo sensivel, vós que sois o coração do universo tendes ainda presentes todos os soffrimentos d'aquelles que se viram em um instante privados do arrimo de um pai, das caricias maternas, das santas consolações de uma esposa, do affecto filial, de paternaes cuidados, de todas essas emoções que constituem a felicidade nesta vida tão cheia de disillusões e desenganos, de dores e infortunios onde ao lado de cada uma rosa brotam mil espinhos.

Nós homens somos o pensamento que lucta, que se agita e no combate de hoje esquece facilmente as dôres de hontem. Vós sois o sentimento que chora e de cada lagrima faz uma estrella para illuminar o céu negro de todas as miserias, de todas as afflicções. De vós deve partir a iniciativa para que não sejam esquecidas as indirectas victimas da horrivel catastrophe, aquellas que viram abrir-se o abysmo da miseria, entre o abysmo ardente do incendio e o abysmo frio do mar. Organisai vós uma festa, um espetaculo em beneficio d'essas victimas, fazei com que as palmas que coroam os vôos da arte se mudem em obolos caridosos, suavissimos balsamos para essas agonias.

Si é certo, como diz um grande poeta, que quando Deus quer fazer o bem, toma uma estrella no espaço e

« forma d'ella um sentimento
no coração da mulher ».

dai a essa sentimento a sua primitiva origem e que os seus raios sidereos levem as consolações aos lares enlutados.

Tudo esperamos de vós, nós, que vós não dizemos o sexo que encanta, mas sim o sexo que ama.

A caridade é uma forma do amor.

D. MAVIO.

FARDELICES

Pois senhores, as coisas já foram peiores do que vão indo, e o meu illustre compadre D. Quixano chega bem a proposito para poder dar á sua exaltada imaginação o mais maravilhoso alimento que jámais foi lido ou relatado em novellas de cavalleria.

E bem inspirado andou sua mercê em ter dirigido os estropeantes passos do seu incomparavel Rocinante para estas paragens, onde não faltam moinhos de vento, elmos de Mambrino, e até Ilhas Baratarias a conquistar, para premio e gloria do seu tagarella e anafado escudeiro Sancho Pansa.

Chronista ou commentador loquaz, como todos os barbeiros, meus collegas, de tudo quanto chega ao nosso conhecimento, não podia eu quedar-me calado ante essa nova phase das aventuras de meu famigerado compadre.

São proprios de barbeiros as fardelices, e é fardelado que elles amolam e escanhoam.

Por fortuna minha, acho-me em um paiz onde a fardelice é qualidade mui iamente apreciavel, por meio da qual se consegue adquirir boa posição em qualquer carreira, principalmente na politica.

Bem que nenhuma aspiração affague, nem mesmo de vir a ser intendente municipal, fardelemos, pois.

***

Fardelar e jogar, eis no que deve occupar-se a actividade de todo bom cidadão e bom guarda nacional.

Fardelar de tudo e de todos; jogar com tudo e com todos, sem excepção mesmo dos bichos engaiolados no Jardim Zoologico.

Felizes e privilegiados bichos, que monopolisaes presentemente o culto de tados os habitantes desta Sebastianopolis, que em vós põe todos os dias a sua esperança e a sua fé, sem excepção do proprio *Apostolo*, que systematicamente pára no porco o seu cheque diario.

Por honra vossa, já fostes distinguidos com o retrato a oleo, e não está longe o dia de serdes alvo da marcha ao *flambeaux*,

Agora, para serdes campletamente felizes só vos faltam duas coisas: sustento e aceio.

Mas como poderão estes ser vos dados, se nesse philantropico jogo com que felicitaes esta população premiaes com 20$000 a quem, para visitar-vos, faz o sacrificio de despender dez tostões na acquisiçao do respectivo bilhete de ingresso?

Desta maneira não poderá haver receita que chegue para cobrir o progressivo deficit que vos privado sustento e do aceio, e o vosso exicio torna-se inevitavel, se a prefeitura municipal, dando conveniente interpretação ao contracto que vós authorisa a zoologica jogatina, não vier em vosso auxilio permittindo que, em vez de um bilhete de ingresso a quem vos visita, vós possaes vender francamente bilhetes de *poules* a quanto papalvo queira ir despejar o seu dinheiro nas gavetas do vosso *Book Maker*,

Só assim podereis ter carne á ufa, a despeito da carestia crescente e tolerada deste artigo alimenticio de primeira necessidade.

Se tal conseguirdes contae com a minha freguezia.

A' força de muito parafusar, já eu consegui descobrir o meio de joga rpela certa, ganhando sempre.

Para isso basta só que eu obtenha poder, á hora de liquidar-se o joguinho, deitar uma olhadella para os livrinhos dos talões dos bilhetes. Em bicho de talão esgotado ou quasi esgotado não caio na asneira de arriscar nem um nikel.

Naquelles, cujos talões estiverem quasi intactos, n'esses sim! carrego sem receio, porque são esses os que vão para o quadro que lá está pendurado no jardim.

O vosso Cavanellas é muito fino e escolhe sempre para pôr lá no quadro o bicho em que poucos ou nenhuns pensam.

Mas si elle é alho, eu tambem de cebolla não tenho nada.

O meu patricio Sancho Pansa, como quer

ao seu Russo tanto como ás meninas dos seus olhos, entendeu que, por influencia d'esse amor ardente. poderia ter fortuna, e comprou um cheque no burro.

Ora eu, que justamente porque a quadrinha diz:

Embora os ricos deem urros,
Eis um dito verdadeiro:
—Fez-se o dinheiro para os burros
E as burras para o dinheiro,

não caio de cavallo magro, porque, assim pensando, todos se atiram ao burro.

O que fiz? comprei no perú.

Pois o que pensam que succedeu?

Nenhum de nós tirou nada!

Bem feito! Eu devia ter reflectido que, sendo o perú tão estupido como o burro, devia ter tantos partidarios como este.

E com esta conclue hoje a sua amolação

Mestre Nicolau.

Cholera ?.

Que ha peste o PAIZ attesta;
Clama a GAZETA que não;
Um affirma, outra contesta,
E ambos querem ter razão.

No parecer competente
De sabio profissional
Se firmando, mais valente
Se reputa cada qual.

Com esta rixa teimosa
Dos descordantes jornaes,
Fica a gente duvidosa
Do saber de sabios taes.

A official hygiene
Vai, pelo sim, pelo não,
Com seringação infrene
Fazendo desinfecção.

E d'est'arte, procurando
Cholera tal combater,
Vae tudo encolerisando
P'r' alguma colera haver.

E embora teime a sciencia
Em seus contras e seus prós,
Chega-se assim á evidencia,
De haver colera entre nós.

M. NICOLAU

NOTAS

Continuam a apparecer casos sporadicos que uns affirmam ser de cholera e outros attribuem a causas diversas. Sempre me parece que si a epidemia reinante fosse o cholera asiatico estes casos que aqui se teem dado já teriam propagado a molestia, pois o cholera é terrivelmente contagioso.

Apezar de todos os cordões sanitarios, desinfecções e tudo o mais, já o mal tinha tempo de se ter manifestado em uma grande população como é a nossa.

Mas quer seja uma forma attenuada do cholera asiatico, quer um cholera nacional, em todo o caso a epidemia tem feito e continua a fazer victimas.

Os Srs. medicos ainda discutem a origem do mal e dividiram-se em dous campos oppostos. Quanto a nós pouco nos importa em theoria sabermos si é cholera, cholerina ou outra qualquer cousa, o que queremos é o emprego energico dos meios para a rapida extincção da terrivel molestia.

Emfim, discutam, que nós queremos saber si é ou não é cholera, e vel o promptamente extincto.

Discutam, que da discussão nasce a luz.

Peior que a epidemia é o estado anormal da nossa cidade.

Disturbios cujas causas perdem-se nas subtilezas da politica, arruaças que nos envergonham perante as nações, devem acabar para bem do nosso credito.

A corrente estrangeira nos é indispensavel na sciencia, nas lettras, nas artes, na industria, no mundo das idéas e do trabalho. Negar esta verdade é desconhecer o atraso do nosso meio intellectual e meterial. Sejamos brasileiros, porém, mais ainda, americanos, e não façamos a Europa duvidar da hospitalidade tradiccional da livre America.

A natureza, vendo o estado tumultuoso da cidade, quiz tambem fazer revolução e deu-nos um *sabbat* de relampagos e trovões e uma extraordinaria chuva que inundou algumas ruas da cidade e a nós inundou de jubilo porque fez baixar o horrivel calor que nos suffoca.

O melhor foi que a carga d'agua fez o effeito de uma carga... de cavallaria para dispersar os grupos suspeitos e não suspeitos, e pacificar os animos exaltados. Está provado que o melhor meio de acalmar o enthusiasmo bellico do nosso povo é deitar-lhe agua na fervura. Impavido, elle affronta as balas, mas, diante da logica do molho, trata de regressar aos lares a seccar-se e guarda a revolução para o bom tempo. Antes assim.

Reporter.

AUGUSTO DE CASTILHO

Publicamos hoje o retrato do capitão de fragata da marinha portugeza, conselheiro Augusto de Castilho.

Já no passado numero nos referimos á absolvição deste bravo marinheiro, e, a proposito demos a nota que nos pareceu e que julgamos justa.

Repetimos:

Quando todos nós estivemos em condições de reflectir imparcialmente sobre os factos da nefasta revolta de 6 de Setembro e nos convencemos de que o sentimento humanitario é um dos mais bellos attributos do espirito humano — o nome de Auguseto de Castilho soará como o de um benemerito, que, por amor dos seus semelhantes, não duvidou arriscar a sua posição e a sua vida.

A grande scena do memoravel 13 de Março de 1894, descripto pelo accusado e por testemunha presenciaes, quando a velha e exigua *Mindello* foi por todos os lugares invadida por centenas de revoltosos atterrados de panico, fugindo á morte certa — é digna, certamente, de pennas e pinceis geniaes.

O Don Quixote, tendo inscripto no seu programma a divisa: — *Mais civilisação, mais progresso, mais humanidade* — não póde eximir-se de render preito a quem deu um tal exemplo de abnegação.

Diante dessa extraordinaria scena de desespero, Augusto de Castilho foi uma prova evidente de que para grandes corações não ha navios pequenos.

X.

De Chapéo na Mão

Tão benevola e obsequiosa se dignou acolher-nos a Imprensa jornalistica fluminense, que, penhoradissimos, nos curvamos, apresentando-lhe os sinceros protestos do nosso profundo reconhecimento.

***

Do brilhante chronista e primoroso poeta Olavo Bilac recebeu o nosso chefe as seguintes linhas, que, por muito nos honrarem, não podemos resistir ao desvanecimento de reproduzir n'esta columna:

« Caro Angelo Agostini:

« Mando-lhe aqui um grande e apertado abraço pelo triumphal successo do *D. Quixote*. Bravo! Bravissimo! Você estava fazendo falta a esta terra.

« Creia que é com todo o enthusiasmo que o felicita o seu collega admirador e amigo

OLAVO BILAC »

Botafogo, 27 Janeiro 1895.

***

A todos mil agradecimentos e um cordial aperto de mão.

D. QUIXOTE

Theatro

Defensor de todos os opprimidos, amparo de todos os fracos, pugnador de todos os direitos e repressor de todos os abusos, *D. Quixote* não póde deixar de enristar a sua lança em favor da malfadada arte dramatica, tão vilipendiada n'esta terra pela parvoiçe da vaidade enfatuada, pela inepcia de uns directores desorientados e pela desidia governamental.

Desventurada dona! que depois de haveres, com o alto coturno que te calçara João Caetano, pisado, como rainha, o palco do *S. Pedro d'Alcantara*, e teres, conduzida por Joaquim Heleodoro, deslumbrado com suprema elegancia a *élite* da sociedade fluminense no palco do *Gymnasio Dramatico*, andas agora, a despeito dos esforços de Furtado Coelho, a saracotear fandangos, como barregã impiteirada, por uns tablados escancarados, sem acustica, sem elegancia e sem decencia!

Eu me commovo diante do teu infortunio, e se não posso levantar-te do abatimento a que chegaste, procurarei, ao menos, confortar-te e encorajar-te, para que tentes uma rehabilitação que te faça merecedora da consideração e do apreço que precisas ter.

***

Não é de melhor aviso, quando a ignorancia ou a desorientação leva um individuo ou uma instituição á decadencia de uma degeneração que degrada, augmentar a afflicção ao afflicto, empregando a severidade cruel, que irrita em vez de encaminhar.

Guiando-se por este raciocinio, o *D. Quixote* se occupará do theatro, apreciando os seus espectaculos com o criterio proprio da elevação de sentimentos que o impellem a percorrer montes e valles da actividade social em defeza de tudo que é bom, que é justo e util ao aperfeiçoamento humano.

No meio da desorganisação consequente dos erros de uns, da inepcia de outros e da indifferença de muitos a que chegou o theatro entre nós, obrigando artistas conscienciosos e de talento a transigirem, por amor da subsistencia, com a degradação a que a arte ia progressivamente descendo, seria insensato exigir correcção e consciencia tanto em actores como em autores.

Todos, inclusive o proprio publico, foram arrastados na torrente devastadora, que levou o theatro a esse estado inqualificavel que conduz ao enjôo, ao tedio, e... porque não dizel-o? ao

VASSURADAS

COMMERCIO

Sancho Pança chama a attenção de D. Quixote para a noticia da declaração do Mare-chal Floriano Peixóto; esta veio varrer do espirito de D. Quixote as tristes apprehensões sobre o futuro da sua Dulcinea.

M.! F. P. — "Condenmo as arruaças e ... do que ... onstituido se deve respeitar o gover... blica." e procurar consolidar a ... ssim o ma- Muito bem! varre a sua ... rtada.

Essas arruaças já terminaram por meio de cargas de cavallaria, conseguindo d'est'arte a policia varrer da rua do Ouvidor os taes desordeiros

Porem, melhor do que essas cargas de cavallaria, foi a carga d'agua com que o Ceu, justamente irritado, acabou por varrel-os de uma vez.

E melhor foi ainda a ec... nica limpesa que varreu do Thesouro 250 sanguesu... policiaes.

Por seu turno os intendentes entenderão de varrer os book-makers, o que nos faz esperar que a prefeitura não tardará em varrer a jogatina zoologica.

ESCOLA MILITAR

MANIFESTO

O PAIZ

O PAIZ

GAZETA DE NOTICIAS

Até a Escola militar, para não ficar atraz, e por causa das duvidas, entendeu dever igualmente varrer a sua testada.

Rosna-se que se preto... e varrer a liberdade da Imprensa, assalta... -lhe as officinas. Os assaltantes é que podem ser varridos.

O que porém ninguem varre são as ruas e praias desta capital, que estão immundas. Até bois mortos se encontram n'ellas!!!

Nem tão pouco se conseguio até hoje varrer d'"O Paiz" e da "Gazeta" a divergencia de haver ou não Cholera.

nojo da propria conducta, como o da mulher honesta, que, tendo sido embriagada, se descompõe, e voltada á razão, tem vergonha de si propria.

Sejamos, pois, rasoaveis e sensatos.

Quer da parte do publico, quer da dos que escrevem para o theatro, e até mesmo da de alguns artistas que ainda nutrem no intimo de sua alma o culto sincero da verdadeira arte, uma tendencia regeneradora começa a manifestar-se.

Contribuir para que essa tendencia cresça e se desenvolva activamente, será o nosso empenho, e a ella hypothecamos toda a energia da nossa vontade.

Que nos secundem n'esse empenho os bellos talentos e pronunciadas vocações dramaticas de Eduardo Garrido, Arthur Azevedo, Moreira Sampaio e Figueiredo Coimbra — autores consagrados pelo applauso publico — e, com elles, toda a imprensa jornalistica, é o que desejamos e solicitamos.

Com o valioso concurso de tão poderosos elementos, a regeneração do theatro far-se-a rapida e proficuamente, e a gloria que d'ahi resultar lhes pertencerá.

* * *

Estão actualmente em diaria actividade os seguintes theatros :

O *Variedades*, de que é emprezaria a notavel actriz Ismenia dos Santos ;

O *Recreio Dramatico*, sob a direcção do laborioso actor Dias Braga ;

O *Lucinda*, empreza de... Não sabemos, ao certo, de quem ;

O *Sant'Anna*, associação emprezaria do ensaiador Heller com um actor conhecido ;

Do *Apollo* não fallamos, porque nos informam que a companhia de zarzuellas que alli funccionava, acaba de deixa-lo.

Temos, pois, quatro theatros, apenas, em permanente actividade.

Destes, nenhum tem genero definido ou systematico.

Magicas, Revistas, Bambochatas burlescomusicaes, eis o que todos principalmente exploram, com muito despendio de ensenação e duvidoso resultado lucrativo, em que pese ao tino financeiro dos seus directores.

Entretanto, cumpre assignalar que, no *Recreio Dramatico*, Dias Braga ainda cultiva o drama,se não como era de desejar para o desenvolvimento da arte e da litteratura nacionaes, pelo menos de maneira a não dar margem de se o poder considerar completamente banido da scena fluminense.

No *Variedades*. a Sra. Ismenia, sem duvida reflectindo no adagio de *quem não apparece se esquece* resolveu ultimamente exhibir-se em alguns dos dramas em que, em melhores tempos, o seu brilhante talento fulgurou em pleno explendor da sua gloria artistica, colhendo ainda n'essas exhibições, applausos justamente merecidos, graças á inviolabilidade dos seus invejaveis conhecimentos d'arte.

Isto, porém, não passa, ao que parece, de simples capricho ou fantasia da saudosa artista, pois que presentemente procura ella alimentar a frequencia do seu theatro com *O Orpheu nos Infernos*, opereta cuja ensenação se recommenda pelo luxo dos scenarios, dos vestuarios e.... das pernas femininas.

Quanto ao *Lucinda*, para d'elle podermos tratar *tim tim por tim tim....* vedremo e duopo parleremo.

Por nos merecer especial attenção, atten'as as condições do seu pessoal artistico, deixamos propositalmente o *Sant'Anna* para ultima referencia.

Incontestavelmente, de todas as companhias que presentemente funccionam nos nossos theatros, a do *Sant'Anna* é a que reune as melhores condições de igualdade, de afinação e de qualidade

Não se nota alli, como nos outros, essa insuportavel variedade de pronuncia portugueza, formando um desconcerto irritante, que arranha o ouvido, estragando a impressão dos ditos, das scenas, e até das peças inteiras!

Os principaes papeis são alli distribuidos a artistas quasi todos brazileiros cuja pronuncia se harmonisa pela identidade, o que produz um agradavel effeito, que muito contribue para produzir no espirito do espectador a impressão premeditada.

D'esta igualdade apenas destoa a senhora Ismenia Matheus, jovem artista hespanhola com muito talento, inexcedivel graça e admiravel voz, que ultimamente se encorporou a essa companhia.

Nota-se, porém, da parte d'ella uma tão manifesta vontade de se aperfeiçoar na pronuncia portugueza, que se eu fosse seu mestre, não gastaria muito tempo em leval-a á plena realisação do seu louavel desejo,

Dentre o pessoal artistico de que se compõe a companhia de que trato, assignalam-se pelo seu merecimento as duas irmãs Montani (Gabriella e Olympia) duas dignas continuadoras das tradicções gloriosas de sua familia, ambas brazileiras, e ambas talentosas ;

A Sra. Clelia, uma artista provecta, que ainda prehenche no theatro nacional um lugar de summa utilidade, e para o qual poucas tem aptidão, e, o que é mais, a necessaria bôa vontade ;

O laborioso e estudioso actor Peixoto, um artista intelligente e dotado de exellentes qualidades naturaes para a reproducção de varios caracteres, na interpretação dos quaes procura esmerar-se e mostrar-se correcto ;

O actor Flavio, um consiencioso artista violentado pelas urgencias domesticas á transigencia de principios que constituiam o bello ideal das suas aspirações artisticas ; e que, não obstante, como Guilherme de Aguiar, procura em tudo conesrvar o molde em que se modelara a sua vocação dramatica.

Ainda podia salientar outros artistas de recommendavel merecimento, no elenco do Sant'Anna : mas fallece-me tempo e espaço para tanto.

Concluirei por hoje com uma ligeira apreciação do *Duo da Africana*, a ultima peça e novidade exhibida n'este theatro.

E' uma pequena peça em um acto, feita expressamente para fazer rir, sem preoccupação doutrinaria ou litteraria, e traduzida livremente do hespanhol pelo Dr. Moreira Sampaio.

Toda mettida em bella e graciosa musica, mal deixa em parte declamada perceber ao expectador o seu entrecho.

Bem enscenada e regularmente representada, destacarei d'entre os seus interpretes : Peixoto no papel de empresario Cherubini e a Sra. Matheus no da tiple Antonini.

Que explendida vóz ! Que seductora sevilhana ! Que *Saléro !* Caramba !

Viva la gracia !

SANSÃO CARRASCO.

O OSSO

Quem diz que roer não custa
E'porque nunca roeu...
Rôa o osso de Locusta
Quem diz que roer não custa,
Lambe, morde, acerta, ajusta,
Grita, berrra... ensandeceu !
Quem diz que roer não custa
E'porque nunca roeu.

Ou, se quizer, eu proponho,
Roer o osso da Graça,
Osso duro, osso bisonho !
Ou se quizer eu proponho,
Que deixe o mundo do sonho,
Que fuja ao x da chalaça ;
Ou, se quezir eu proponho,
Roer o osso do Graça.

Mas, que ouço ? ó osso infeliz !
Que não se roe com certeza,
Embora, junto ao nariz»
Mas, que ouço ? ó osso infeliz !
Como vieste ao «Paiz»
Para engasgar essa empreza ?...
Mas que ouço ? ó osso infeliz !
Que não se roe com certeza.

SANCHITO.

EXCAVAÇÕES

Solicitude

Um dia o alfaiate do Sr. Thiers mandou-lhe um fraque para Trouville. Provado diante da Sra. Thies, da Sra. de Bosme e de outra senhora, o grande estadista achou-o comprido.

Basta cortar-lhe uns 20 centimetres e isso pode-se fazer aqui, disse a Sra. Thiers.

Durante a noite esta senhora levou o fraque ao seu aposento e cortou os 20 centimetros.

A Sra. de Bosme, ignorando o que fizera a Sra. Thiers, levou o fraque para o seu quarto, e antes de deitar-se, cortou lhe 20 centimetros, deixando-o na ante camara sobre uma cadeira.

No outro dia a terceira senhora, vendo o fraque na anticamara, julgou que o haviam esquecido, e cortou tambem 20 centimetros.

Depois do almoço, Thiers perguntou pelo fraque.

— «Já está corta lo», responderam ao mesmo tempo as tres senhoras !

Tinha-se transformado em jaqueta !

++

Oliveira Martins era muito amigo de Alexandre Herculano. Uma noite estando Herculano a contar-lhe as proezas de um abbade valentão, Oliveira Martins interrompeu-o no ponto em que dizia ter o abbade rachado quatro cabeças :

— Eis aqui, meu amigo, um capitulo que falta ao seu Parocho da aldeia !.

++

Anthero do Quental increpou um dia fortemente Eça de Queiroz pelo seu dandysmo parisiense e requintada elegancia :

— Queiroz, tu és um janota, tu és um effeminado !

— Vê o meu braço, é uma barra de ferro ; e o teu ?

— No teu braço ha 18 seculos de anemia e no meu 18 seculos de civilisação !

— Ja tinha descoberto isso, respondeu o autor do primo Bazilio olhando para o casaco archeologico de Anthero, e sabes como? Pela manga.

++

A maior flor que se conhece é a Pafflesia Arnolai descoberta em Sumatra pelo Dr. Arnod. Tem quasi um metro de diametro. A cavidade central comporta 7 litros de liquido e o pezo é de 15 libras.

Que boa flor para a boutonière de um elegante.

Archeologo

CORDA BAMBA

Desde os tempos immemariaes que exerço a profissão de equilibrista. Quando mesmo no periodo embrionario, que precede ao equilibrio eterno, já me havia exercitado na Corda Bamba do Paraiso, que o nosso bom pai Adão trazia sempre um pouco mais esticada para a perfeita maromba de suas altas funcções hierarchicas..

Acontece, porém, que n'aquella época patriarchal, essa profissão era de uso esclusivo aos eleitos celestes, ou a aquelles que já davam a entender, embora tardiamente, possuir uma certa somma de elementos indispensaveis a não se deixar engasopar pelo primeiro espirito trefego que apparecesse. E, forçoso é confessar, sem querer offender a minha reconhecida modestia, conforme usa a chapa dos *Apedidos*, que entre aquelles que mais se distinguiam, eu sempre occupei um logar de honra, e do qual nunca me deixei sahir sem a suprema habilidade.

Por exemplo: — Quando estive na Allemanha, exactamente no momento historico em que o chanceller de ferro fazia gatimonhas ao olho esperto da Europa socialista, consegui equilibrar-me na ponta das bayonetas do poderoso senhor de todas as Prussias unidas.

Reconciliando a Russia com a França, isto é, o cão com o gato, marombei na ponta de um ariete perfido, ou n'um fio branco das ballas da senhora dona Paz Armada, que é a mulher mais desordeira até então conhecida.

Na questão financeira de Italia puz desorientado o tino politico do velho camarada Crispi, que, apezar de ser o meu muito amado discipulo, não procurou honrar as lições do mestre . .

Aqui pela nossa terra. então, onde encontrei alumnos menos intelligentes, porém com maiores aptidões profissionaes, os meus serviços são inolvidaveis.

Tenho equilibrado uma serie de cousas extraordinarias, cada qual mais espantosa. Desde a Arte á Geral, desde o jacobinismo á mais franca immigração, fui eu, exclusivamente eu, quem equilibrou as opiniões, os contractos imaginarios e o *veredictum* dos senhores juizes de facto.

E por todos estes serviços prestados á humanidade, cumpre dizer, até hoje ainda não obtive a mais leve recompensa. Sou altruista. E ahi está o governo para o attestar: e eu exijo não só a palavra honrada dos governos como tambem a do Instituto Sanitario, das calças litterarias do Capistrano e dos alterosos queijos hygienicos de Minas Geraes, a altiva.

Agora anda me dando na telha equilibrar o jornalismo. Sim, meus senhores, é preciso equilibrar a gaita da palavra escripta. Os grandes orgãos, quer revolucionarios, quer conservadores, estão sob a ameaça evidente de um ataque... á mão armada.

No meu alto requinte humoristico, eu preferia que o ataque fosse hysterico, porque então o emprego do ether e da massagem dariam resultados magnificos,

Mas não, o caso de que se trata é mais grave, e exige, por conseguinte, medicamentos mais energicos.

Assim, pois, eu proponho dous meios unicos conhecidos, de resultado pratico incontestavel: ou a pomada reconstituente de cantharidas, applicada, por espaço de mezes, á base da espinha, ou então uma cataplasma de *pó de mico*, na proporção inversa da degenerescencia ou debilidade.

BLONDIN.

PEGA!

O Snr. Catano, fabricante de choriços e artista das Arabias, tomando por base a estampa desenhada por A. Agostini, representando o incendio da barca *Terceira*, fez uma cromo-lytographia destas de espantar burguezes.

Que um sujeito qualquer tenha o topete de copiar trabalhos alheios para ganhar dinheiro — va! Mas que o faça sem nenhuma cerimonia e sem saber desenhar, accrescentando-lhe ainda umas cousas detestaveis— é demais!

Snr. Catano, a como vende V. S. o kilo dos seus chouriços?

Pega!

D. GANÇO.

BRAVO!

Que excellente vassourada
A que a policia varreu!
Para tornal-a aceiada,
Que excellente vassourada!
Nunca tão bem applicada
Foi lei, que mal combateu!
Que excellente vassourada
A que a policia varreu!

A gente, com tanto agente,
Longe estava de ter paz;
Temia constantemente
A gente, com tanto agente!
De pericia impertinente,
Cada qual mais incapaz,
A gente com tanto agente,
Longe estava de ter paz!

Prosperava a gatunice!
Dia a dia, mais ladrões!
Sem que os agentes a visse,
Prosperava a gatunice!
E a pesar da fardelice
Dos inspectores pimpões,
Prosperava a gatunice!
Dia a dia, mais ladrões!

A' policia emporcalhando,
No cofre a limpava só;
De parasitas um bando
A' policia emporcalhando!
Sempre a ordem pertubando
Com rusgas, trólóló,
A' policia emporcalhando,
No cofre a limpava só!

Que excellente vassourada
A que a policia varreu!
Para tornal-a aceiada
Que excellente vassourada!
Nunca tão bem applicado
Foi lei, que mal combateu!
Que excellente vassourada
A que a policia varreu!

A. PITO.

Pensamentos e Reflexões

O casamento

No homem;
Antes dos vinte annos, é uma criancice;
Dos vintes aos trinta e cinco é uma paixão.
Dos trinta e cinco aos cincoenta, é um negocio.
Dos cincoenta em diante é uma loucura.
Na mulher
Antes dos dezoito annos, é um brinquedo,
Dos dezoito aos trinta, é uma necessidade,
Dos trinta aos quarenta e cinco, é uma infermidade.
Dos quarenta e cinco em diante, é uma tolice.

Mestre Nicolau.

GRACIAS!

O Sr. Cateysson & C. (rua da Assembléa n. 75) mandaram-nos 1 kilo de *Confetti* perfumados em um bonito cartucho de papelão dourado, que depois de vazio, serve de chapéo carnavalesco.

Agradecendo a elegante offerta, promettemos empregar os *confetti* nas moças mais bellas que passarem na rua do Ouvidor.

Quanto ao cartucho, Sancho Pança pretende enfial-o na cabeça e dar boas sortes no proximo carnaval.

— A fabrica de cerveja Brahma enviou-nos 12 garrafas da sua esplendida *Franziskaner brau*.

O pessoal cá de casa regalou-se a valer com o valioso presente e brama por mais *Franciscana*.

Realmente, só uma duzia...

— Da importante papelaria e typographia dos Srs. Mendes, Marques & C.ª recebemos uma porção de objectos para escriptorio, que nos são de muita utilidade. Parece mesmo que os acreditados commerciantes adivinharam os nossos desejos...

Pois cautinuem, que vão muito bem,

Caballero e Gracia.

A nossa meza

Recebemos:

— «Recurso de *habeas-corpus*,» pelo Dr. Luiz Fortunato de Sonza Carvalho, a favor de Manoel V. Ribeiro Junior — folheto impresso na typ. da *Gazeta de Noticias*. Agradecemos.

— Officio do Congresso Beneficente Prudente de Moraes (Já tardava..)convidando-nos para comparecermos á manifestação que pretende fazer ao Sr. Presidente da Republica, n: dia 10 de Fevereiro. Agradecendo, ponderamos: achamos muito justa a manifestação e muito digno o manifestado, mas não gostamos dessas festas. Temos cá nossas razões.

— *O Democrata* com bem redigido semanario politico e litterario.

— Uma carta de Ernesto Senna annunciando-nos a publicação de um livro seu, de 400 paginas, com o titulo: *Notas de um reporter*. Quem conhecer o Ernesto Senna (permittan-nos que não o tratemos de coronel) deve esperar, como nós, um livro cheio d'aquelle bom humor que sempre o distinguio entre os nossos bons *reporters*.

— *Historia Constitucional da Republica dos Estados-Unidos do Brazil* — volume II. Importantissima obra devida á amestrada penna do illustrado Sr. Dr. Felisbello Freire. Vamos lel-a com a attenção de que é digna, emittindo mais tarde a nossa fraca opinião. Agradecemos.

— Dois *appetitosos* convites do Club dos Fenianos, para assistirmos ao baile de hoje. Dizemos *appetitosos* porque as figurinhas pintadas á *fresca* — promettem... Obrigados, rapazes, tendes um coração magnanimo! Lá estaremos.

— *Chronica e Novellas* de Olavo Bilac. Um volume nitidamente impresso e editado pelos inteligentes e laboriosos livreiros Cunha & Irmão.

Occupar-nos-emos, com attenção de que é digno, este bello livro, em uma secção bibliographica que brevemente iniciaremos.

Pela empreza do theatro *Lucinda* fomos mimoseados com um convite para os seus espectaculos. Agradecemos.

— E por fim, convidamos as nossas gentis leitoras a dançar comnosco, e a valer, a saltitante «schottisch» — *Meiga* — bonita composição do Sr. Ismael Madeira, editada pelos incansaveis Srs. Vieira Machado & C.

— A' dança!

D. MEZARIO.

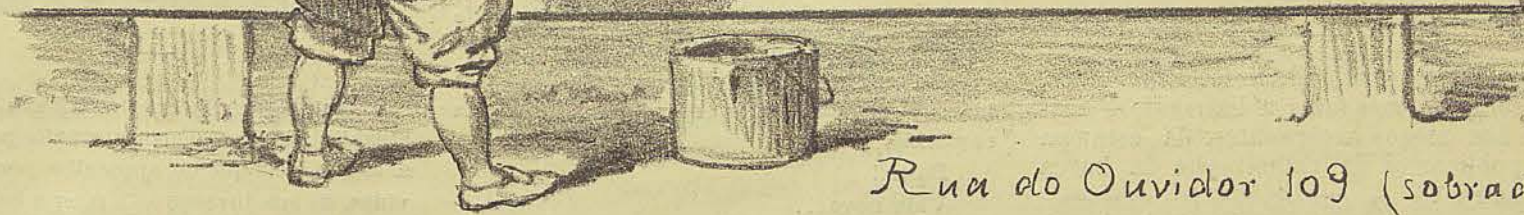
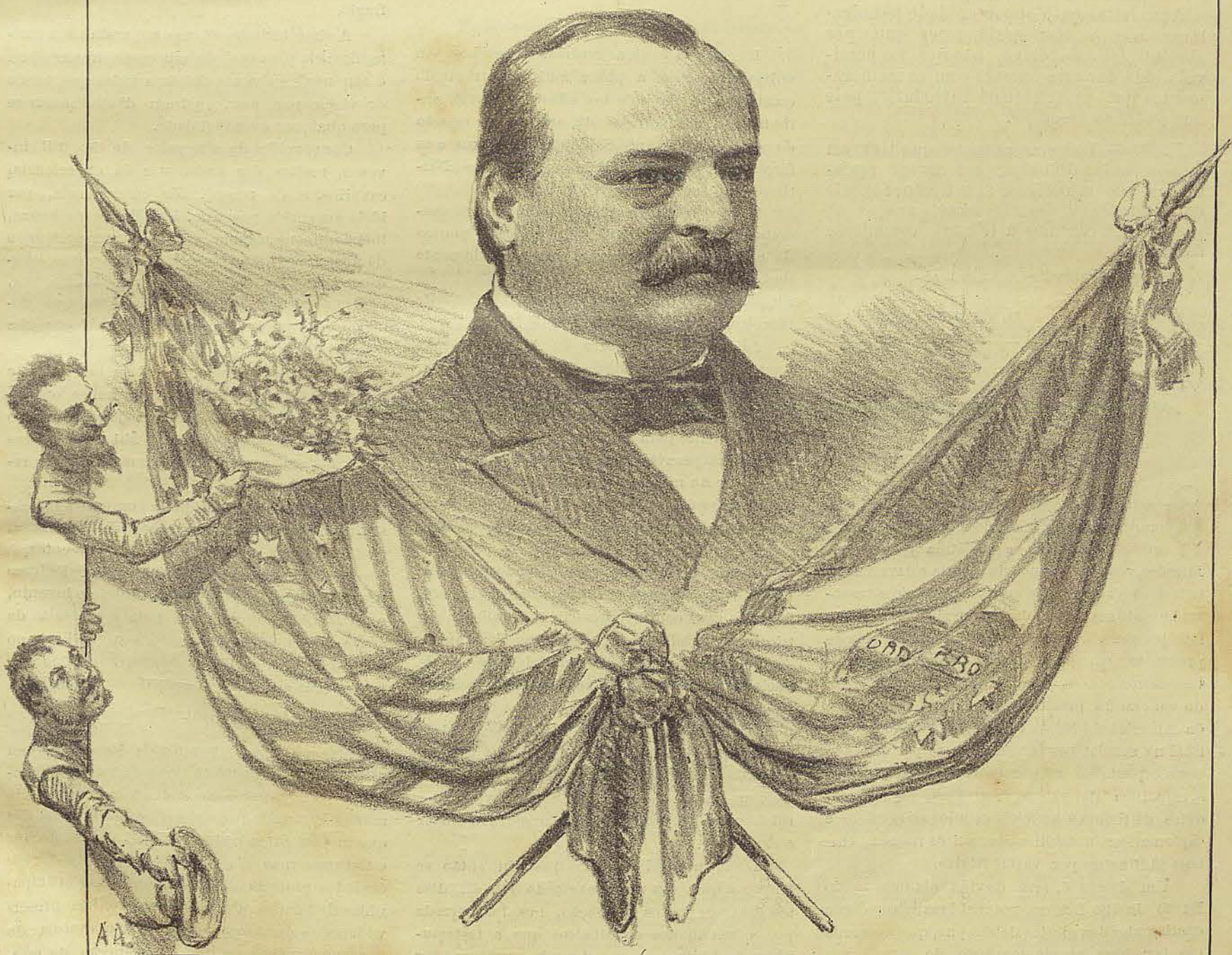
L'EXPRESS, Typ. a vapor rua da Assembléa 75

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 3

Don Quixote

Jornal illustrado de Angelo Agostini

Rua do Ouvidor 109 (sobrado)

AA.

GROVER CLEVELAND

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno. .	20$000	Anno. .	24$000
Semestre	12$000	Semestre	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Para regularidade do nosso expediente, só agora podemos fazer a distribuição gratuita aos nossos assignantes, da estampa que publicamos da catastrophe da barca «Terceira».

Os que desejarem possuir mais de um exemplar, terão a bondade de juntar ao pedido a respectiva importancia, em moeda corrente ou em sellos do correio.

O preço de cada exemplar é de um mil réis devendo as cartas ser registradas.

Aproveitamos a opportunidade paradeclarar aos nossos assignantes que, por absoluta falta de tempo, não nos foi possivel ainda dar este numero com os melhoramentos que pretendemos introduzir, pelo que pedimos desculpa.

N. B. — Todas as pessoas que tiverem de nos enviar dinheiro, em cartas registradas, podem-n'o fazer sem o menor receio da «torração» desinfectante, graças ao pedido que fizemos á illustre commissão sanitaria.

O seguro morreu de velho.

A Administração

Rio de Janeiro, 9 de Fevereiro de 1895

VIDA NOVA

O acto de justiça que o Snr. Cleveland acaba de praticar decidindo a favor do Brazil a muito conhecida e debatida questão de Missões, veio encher-nos de alegria e dar uma nota festiva a esta cidade cuja vida laboriosa resentia-se ultimamente da atmosphera pezada e fatidica, creada pela repercussão de noticias de pretensas conspirações e quejandas maluquices, meros boatos, talvez... A decisão arbitral do venerando presidente dos Estados Unidos da America do Norte veio pôr o desejado ponto final na secular pendencia, que, se por um lado era o espantalho da paz entre o nosso paiz e a sympathica Republica Argentina, servio, por outro, de thema a notaveis estudos scientificos e diplomaticos, notabilisando muitos nomes, embora já illustres por varios titulos.

Um destes é, sem duvida alguma, o do Barão do Rio Branco, notavel brazileiro, digno continuador das glorias de seu pae, que, nomeado em boa hora plenipotenciario do Brazil nos Estados Unidos, dedicou todo o seu vasto saber e patriotismo á defeza da grande causa, cabendo-lhe a suprema felicidade de vel-a triumphante.

Removido está, portanto, o famoso obstaculo que de quando em quando surgia para desnortear as previsões de paz e de boa convivencia que precisamos manter com as noveis Republicas do Sul; e aqui registramos os nossos mais sinceros applausos a quantos concorreram para este bello resultado.

Que isto nos sirva de incentivo para entrarmos resolutamente no caminho da pacificação do glorioso Estado do Rio Grande do Sul, é o que anciosos desejamos, porque já é de mais o sangue ali derramado, e basta de politica *pessoal* sustentada pelas armas da União, e de desperdicio da fortuna publica.

Precisamos de paz, precisamos de larga politica republicana e, sobretudo, de muita economia.

Basta!

Vida nova...

Combate da Armação

Em nossas paginas centraes damos hoje em animado desenho a phase mais importante do combate que, faz hoje um anno, se travou entre as forças revoltosas da armada ao mando do ex-contralmirante Saldanha da Gama e as forças legaes que defendiam a cidade de Nictheroy e o seu extenso littoral.

Tendo, cerca das 3 horas da manhã, desembarcado na Ponta d'Areia e outros pontos do mesmo lado, em numero approximadamente de 500 homens, e pelo proprio chefe Saldanha dirigidos, tentaram os revoltosos invadir Nictheroy no dia 9 de Fevereiro de 1894.

Já de posse do morro da Armação e seus pontos fortificados, cujas guarnições foram por elles desalojadas e em parte aprisionadas; quando, já dia claro, os revoltosos avançavam arrojadamente para o centro da cidade, encontraram insuperavel resistencia nas numerosas forças que ao mando do general Argollo e dirigidas pelo coronel Fonseca Ramos e major Vicente Martins, os accommetteram por diversas ruas, atacando-os com denodo.

Assim accommettidos, e, pode-se dizer, atropellados por uma poderosa resistencia formada dos contingentes dos batalhões patrioticos Tiradentes, Benjamim Constant e Academico, de corpos de policia, de guarda nacional e de cavallaria, em numero superior a 4.000 homens, os revoltosos foram obrigados a uma retirada precipitada e difficil, seguindo a maior parte d'elles pela rua de Santa Clara até á rua da Praia, onde, para ganharem o mar, tiveram de affrontar as forças de cavallaria e infanteria legaes, que ahi lhes procurava obstar o embarque.

Do formidavel combate que ahi então se travou e que, em nossa excursão feita ha dias aos diversos pontos da acção, nos foi narrada por conceituados cavalheiros que a testemunharam, é que o nosso desenho procura dar uma idéa approximada.

Rememorando com esta pagina um facto historico em que a intrepidez e a bravura de uns e de outros se ostentou com a maior pujança, lastimamos que tanta coragem e tanto denodo fossem despendidos em uma lucta fratricida de brazileiros contra brazileiros, germinando odios e malquerenças que anhelamos não fructifiquem, mas se extinguam, estabelecendo-se entre todos a concordia e perfeita harmonia tão necessaria á estabilidade da paz e á consolidação da Republica.

Salva-Vidas

Teve o Snr. Alberto Ribeiro Pedroso a amabilidade de enviar-nos convite para assistir á experiencia que do apparelho portatil salva-vidas, de sua invenção, ia fazer a bordo de uma das barcas da Companhia Cantareira, em meio da bahia, no dia 3 do corrente.

Em vista do que presenciamos, parece-nos que do referido apparelho um grande benificio resulta para a Humanidade, contribuindo elle para salvar da morte por submersão a todos quantos d'elle se utilisarem em caso de naufragio.

A simplicidade d'esse apparelho e a insignificancia provavel do seu custo, tornam facil o seu uso e a sua acquisição a todos que, tendo de viajar por mar, queiram d'elle munir-se para qualquer eventualidade.

Convencidos do alto valor de tão util invento, muitos dos assistentes da experiencia, cavalheiros de reconhecida competencia, por ideia suggerida pelo Snr. Dr. Ennes de Souza, instalaram na mesma occasião uma sociedade de propaganda em favor do salva-vidas «Pedroso», da qual foi acclamado presidente o Snr. contra-almirante Marques Guimaraes, que declarou *ver n'esse apparelho a salvação dos homens do mar.*

Depois de haverem deixado a barca donde a experiencia fôra feita, dirigiram-se o Snr. Pedroso e muitos dos seus convidados para o Arsenal de Marinha, sendo ahi feitas novas experiencias sempre com o mesmo feliz resultado.

A estas, como á primeira experiencia, assistiram diversos representantes da Imprensa, que, em nome d'ella, felicitaram o inventor.

Como bem o merecia, foi o Snr. Pedroso muito applaudido pelo seu valiosissimo invento, e o *D. Quixote*, que pôz toda a energia da sua vontade e toda a luz do seu intellecto ao serviço do bem da Humanidade, não póde deixar de unir a sua voz ao coro d'esses applausos.

++

Mas, se para poupar a vida dos que viajam sobre agua, se instalam sociedades propagandistas de apparelhos salvadores, não seria menos humano que, para salvar a vida dos que viajam sobre trilhos de ferro pelas estreitas e tortuosas ruas d'esta cidade, se instalem sociedades protectoras que induzam as companhias de bondes a usarem apparelhos preservadores de esmagamentos, já que a desidia do governo as deixa na ingloria funcção de augmentar desastrosamente o obituario.

Não têm os homens de terra menor direito que os homens do mar á conservação da sua existencia.

E se um general de mar, compenetrado do interesse que lhe deve merecer a vida dos seus semelhantes, se colloca á frente de uma corporação generosa para soccorrer naufragos, que um general de terra, seguindo-lhe o nobre exemplo, institua uma corporação identica para ir em auxilio dos atropellados.

Só assim, commandada por um general, poderá a humanidade conseguir a victoria d'esta velha campanha.

D. QUIXOTE.

CHINOISERIES

Passa Fóra!

Ao ver grupos de noctivagos
Nas ruas, depois das nove,
E a policia que se move
Na cidade de galopar.
Cavallos correndo céleres,
Povo a fugir, tiroteio,.....
Buscando, de pavor cheio,
Um sitio onde me abrigar,
Ante o furor que apavora
Eu esclamo: Passa fóra!

—

Foram, para bem do publico
Os book-makers fechados,
E os cidadãos libertados
Da especulação atroz;
Porém no jardim zoologico
Continúa todo o dia
Da medonha bicharia
A jogatina feroz;
Meu penar, que isso deplora,
Scisma triste: Passa fora!

—

Ao ver em esgares comicos
Fecundo o nosso theatro,
Pinotes, o diabo a quatro
D'arte empanando o fulgor,
A's operettas e magicas,
A's revistas, ao bailado
Vou fugindo, incommodado,
Cheio de tedio e de horror;
E ao «templo» onde a farça mora
Vou dizendo: Passa fóra!

—

Contemplando, ao sol esplendido,
Grupos de jovens formosas
Com vestes ricas, vistosas,
Pela rua do Ouvidor,
Eu, que me sinto mais lépido,
Sem querer, as vou seguindo;
Mas logo as vejo sorrindo
A um outro olhar seductor.
O sujeito olha, namora,
E eu «azulo!» Passa fóra!

—

E vou seguindo; eis que chamam-me:
« Vens a proposito: almejo
Ler-te um trabalho e desejo
Ouvir tua opinião ».
« Não posso agora, desculpa-me. »
E dos auctores fugindo,
Aos cacetes me eximindo,
Penetro na redacção.
Vou ver si trabalho agora;
Que cacetes! Passa fóra!

—

Subo, aos collegas benevolos
Ouço a prosa leve, amena,
Sento-me emfim, tomo a penna,
Corto as tiras de papel....
Oh desgraça, o suor pinga-me
Em gottas por sobre a meza....
Estou n'uma forja acceza....
Temperatura cruel!
Limpo a fronte que dissora,
Largo a penna! Passa fóra.

LU—NO

NOTAS DA SEMANA

Felizmente creio que estão mais limpos os horizontes politicos.—Os boatos que assustavam parece que batem as azas e fogem como grandes aves negras. Para longe!

* * *

Apezar d'isso, o cambio, o nosso pobre cambio desce visivelmente comprimido por mãos interessadas. Paciencia; elle ha de subir, quer queiram, quer não, os que procuram comprometter e desmoralisar a forma republicana. As leis que regem os factos, os phenomenos de ordem social são mais fortes que a vontade de meia duzia de homens. Esperemos mais algum tempo, e, livre d'esses embaraços de momento, a Republica seguirá triumphante na senda do progresso.

* * *

Dois acontecimentos tristes enlutaram o nosso espirito nesta semana.

O primeiro foi o fallecimento de Joaquim Dias da Rocha, o illustre traductor da Parisina de Byron, o primoroso poeta que todos conhecem, o bom e affectuoso rapaz, que desde 1881 eu prezava como amigo e collega que havia sido da Faculdade de Direito de São Paulo. Aos que apenas conheceram Dias da Rocha atravez do magistrado ou do traductor, offereço o seguinte primor litterario, escripto nos nossos bons tempos de S. Paulo, onde o poeta se revela extraordinariamente original.

Tenho pena de crer no manso doutrinario,
O bello Nazareno, o filho de Bethlem,
Quando nos prometteo do cimo do Calvario
Depois da morte o céu, a eterna vida, além.

Talvez que mesmo alli repillas desdenhosa
O affecto que te dei, que desprezaste um dia,
E ha de encher-me de susto a noite pavorosa.
D'aquella solidão monotona e sombria.

Prefiro acreditar que a podridão de Imperia
Possa mudar-se em flor e sonhar que a materia
De cinza se transmude em fluidos e metaes.
Porque talvez então, oh, que ventura enorme!
Quando em breve eu morrer, meu corpo se transforme
No linho que velar-te as formas virginaes!

Não, meu Dias da Rocha, não foi o teu corpo, mas a tu'alma que se transformou n'uma flor, cujo perfume embalsáma o seio da litteratura brazileira.

* * *

O segundo acontecimento triste foi a morte de Luiz Rosa — um bello talento — de quem Jorge Moréal hoje aqui se occupa.

REPORTER

OS QUE PASSAM

LUIZ ROSA

Conheci-o. Pallido, magro, de olhar veládo, muito meigo, quasi infantil. Por essa épocha Luiz Rosa redigia a *Cidade do Rio*, onde, uma vez por outra, publicava versos. A primeira impressão que se recebia d'esse rapaz, era de sympathia, a mais profunda. Sempre esquivo, com nostalgias na phrase veláda, só mais tarde, algum tempo depois, quando com elle se entrava em intimidades, então, aquella doçura sympathica de Nazareno, ia de leve se expandindo n'um bem-estar de amigo, n'uma cristalina intimidade de sonho.

Luiz Rosa possuia um'alma de santo. Atravez a sua vida curta e laboriosa nunca teve o arrojo de uma perfidia. Ao contrario, ao vel-o passar por nós, ou, quando palestrava comnosco, do seu espirito irradiava a luz mansa dos luares, da sua alma reverberava a saudade de um paiz longinquo, de uma região extranha, de ondas e de noivas.

Se, como poeta, o Luiz Rosa ou o Silvio Freire, não foi um artista da palavra escripta, nem por isso dexou de ser um lido, um apreciado, um digno. Compunha com facilidade, com elegancia. Da sua obra, porém, o que mais impressiona e encanta é a diaphaneidade do sentimento, o lyrismo expontaneo do seu temperamento doentio, de viajante desolado, de soffredor.

A morte veio surprehendel-o muito cedo. O poeta dos *Lotus*, victima da tuberculose, dispunha de elementos para ser um vencedor, um glorioso talvez.

JORGE MORÉAL.

ANTONIO DE PINHO CARVALHO

Eis o nome de um bom artista e de um homem deveras estimavel, que acaba de desapparecer do nosso convivio.

Antonio de Pinho era um retratista de grande merecimento na sua especialidade — a lythographia. Trabalhou muito e quasi todos os nossos homens notaveis do segundo imperio foram por elle retratados, com aquella limpidez e finura de traço, com aquella probidade artistica que salientavam os seus desenhos. Não tinha audacia na sua maneira de fazer, mas o que executava era correcto.

A revolução de 6 de Setembro de 1893. — O Combate da Ar[illegible]ção (Nictheroy) em 9 de Fevereiro de 1894 (Don Quixote)

A. Agostini

Pela madrugada do dia 9 as forças revoltosas, sob o commando do Chefe Saldanha da Gama, desembarcaram na ponta d'Areia com o fim de attacar a cidade de Nictheroy.

As tropas legaes desalojad[illegible] suas posições no começo da acção, depois de receber grandes reforços, pelo vigor do attaque, conseg[illegible] rechassar os revoltosos até as embarcações.

De parte a parte deram-se actos de verdadeira bravura, dignos dos maiores louvores, se, infelizmente, não se tratasse de uma lucta fratricida.

Homem pacifico, bondoso e affavel, era chefe exemplar de numerosa familia para cuja manutenção só contava com o seu lapis, tendo tido á felicidade de morrer sem deixar sequer um desaffecto.

D

FARDELICES

Coitado de quem mora em lugar dependente de transito em bondes da Companhia Villa Isabel!

Não julguem que faço esta compassiva exclamação porque essa Companhia serve mal os passageiros das suas linhas. Isso é um mal chronico a que elles já estão habituados, e de cuja cura perderam a esperança, pelo menos em quanto essa Companhia pertencer ao Banco da Republica, potentado com quem o poder municipal, seu devedor, não póde jogar cristas.

O que me faz agora compadecer desses malaventurados passageiros é o accrescimo de desgraça com que os afflige a Estrada de ferro Central, fazendo com que as immediações da estação de S. Diogo fiquem atulhadas de caminhões carregados de mercadorias por muitas horas diariamente, obstruindo a linha dos bondes de Villa Isabel.

Empregado publico que não queira ficar *desapontado*, deve embarcar de vespera no seu respectivo bonde para poder chegar á repartição á hora regimental.

E bom é que traga seu farnelsinho para ir tragando durante a viagem, se não quizer jejuar.

Uma folha da manhã, estranhando o preço excessivo que os donos das carroças exigem por fretes para a Estrada Central, reclama, de quem competir, medidas no sentido de restringir esse preço a uma tabella regular.

Bem se vê que a collega reclamante ignora o tempo que perdem e as torturas que padecem os carroceiros em fazer taes fretes.

Carroças tem havido que vão para alli ás 3 ou 4 horas da madrugada, e só conseguem ser recebidas a descarga ás 4 e 5 horas da tarde, soffrendo o carroceiro e os burros, para não perderem o direito da sua vez, um jejum absoluto sob a torração de um sol abrazador!

Pobres carroceiros e pobres burros!

Como aos passageiros dos bondes de Villa Izabel, eu vos lastimo!

O que eu não posso lastimar, é o Snr. Moraes, que, como delegado da policia de Nitheroy, fez a eleição municipal da cidade vizinha de forma tal, que o respectivo Tribunal da Relação, annullando-a, teve de o mandar responsabilizar pela moralidade com que n'ella procedeu.

Ora, eu que me compadeço de todos os que soffrem, não posso compadecer-me de um cidadão que, chamando-se Moraes, e devendo, por isso, só praticar actos que lhe não desdigam do nome, é responsabilizado por ter impingido á soberania popular uma representação diversa da que ella quer.

Imagine-se que o cidadão de que se trata encommenda ao seu alfaiate umas calças pretas de fazenda de lei, proprias para as occasiões solemnes, e o alfaiate, em vez disso, lhe impinge umas calças... pardas!

O que faria o delgado Moraes em caso tal?

Responsabilisaria o alfaiate pela brincadeira e retirar-lhe-ia a sua freguezia.

Nada mais rasoavel e mais justo.

Eu cá penso assim, e a Relação do visinho Estado tambem.

E já que estou fardelando sobre coisas de lá da outra banda do Rio, não mudo de rumo sem fazer uma barretada ao Sr. Barretto, capitão-tenente Orosimbo Moniz, pela restauração do cabo submarino, pelo qual se póde fardelar d'aqui da Capital Fardelona para a Praia Grande.

Com essa restauração muito lucram as duas populações visinhas, que, duvidosas da pontualidade do correio, para se communicarem, careciam de andar de cá para lá, ou de lá para cá, em risco de ficarem no meio do caminho, assados ou afogados, pelos velhos calhambeques em que a Companhia Cantareira lhes proporciona transporte com augmento de 50 % no preço das passagens.

O meu conterraneo Sancho Pansa, que é homem de incomparavel bom senso, ao ouvir-me fardelar contra esse augmento, observou-me que á Companhia Cantareira sobeja rasão para o fazer, visto como, propondo-se a transportar os passageiros para a outra banda, podia dar-se o caso de se alongar a viagem para... o outro mundo.

A' vista de tal rasão...

Só me resta soltar uma exclamação de intimo regosijo por saber que aos prejudicados da catastrophe da Mortona, foi no domingo proximo passado o Sr. Francisco Ramos Paz levar soccorros pecuniarios provenientes de uma subscripção do commercio.

E' consolador para o espirito dos que, como o meu magnanimo compadre D. Quichote, só anhelam o bem da humanidade, saber que aos corações attribulados das victimas d'aquella horrivel explosão de objectos de guerra, levou Paz o conforto desse bemfasejo soccorro.

MESTRE NICOLAU.

Pensamentos e Reflexeõs

A Politica

A politica é a arte de qualquer chegar a braza para a sua sardinha, ou levar a agua ao seu moinho.

Pugnar pelo interesse publico, é o meio; conseguir o interesse proprio, é o fim.

A nação é um rebanho de carneiros, que vive constantemente a criar lã para a politica periodicamente tosquear.

Todas as dividas contrahidas pela politica são sempre pagas pela nação.

Por isso os melhores patriotas são sempre os peiores politicos.

MESTRE NICOLAU.

AMENO E UTIL

Nada ha tão interessante
Como o que lê-se em jornaes
Sobre o que occorre importante
De factos policiaes!

Vejam só que papa fina!
Que leitura de primor!
Que diverte, encanta, ensina
A todo e qualquer leitor.

—«Foi preso Fuão Machado
E recolhido ao xadrez,
Que hontem á noite em estado
Se encontrou de embriaguez.»

—«Tendo brigado, ciumentas!
Francisca e Rosa de tal,
Como esmurraram-se as ventas
Lá foram para o hospital.»

—«Por andar triste, injocundo
Pela rua a passeiar,
A policia um vagabundo
Hontem fez trancafiar.»

—«Fez um discurso indecente
Fulana da Conceição,
E a policia incontinenti
Mandou-a p'ra a correcção.»

Por precaução necessaria
Que a bem do povo julgou,
O Fiscal da Candelaria
A um quitandeiro multou.»

—«Foi preso Joaquim Navarro,
Cocheiro, que esta manham
Contra a mão guiava o carro
Na rua de Aquidabam.»

Que espaço bem empregado
O que a taes notas se dá!
P'ra jornal conceituado
Melhor materia não ha.

P'ra apreciar tal leitura
Que muito o pode illustrar,
Que assignante a assignatura
Não quererá de reformar?

SANCHO PANÇA.

EXCAVAÇÕES

A Inglaterra pretende comparar á China, para o museu de Londres um exemplar da maior obra que existe.

Em fins do seculo XVII o imperador da China nomeou uma commissão para colligir e imprimir todas as obras interessantes escriptas pelos naturaes do paiz em todos os ramos de litteratura. Essa commissão, reformando seus membros, concluio os trabalhos do principio do seculo actual e apresentou uma compilação em seis mil volumes tendo o titulo «Kin-ting Koo-king teo-shoo-ching» (collecção da imperial litteratura antiga e moderna).

D'esta obra fez-se uma pequena edição e em pouco tempo desappareceram quasi todos

os typos de cobre que serviram para a impressão, por isso é hoje rarissima a edição completa.

—

Já que falamos da China, vamos citar um facto noticiado pelo *North China Herald*, analogo do celebre julgamento de Salomão.

Durante a insurreição dos Taepings, um chinez casado, morador em Nankim, foi chamado ás armas e não mais voltou, terminando a guerra. A mulher, não tendo noticias d'elle, julgou-se viuva, e aceitando a proposta de um outro, que a requestava, casaram legalmente perante as autoridades.

Viviam assim, quando appareceu o primeiro marido e reclama o seu direito. O 2º não quiz annuir e mostrou os documentos que legitimavam a sua união.

Levada a causa ao juiz, este achou-se embaraçado sem saber a qual dos dois daria razão. Depois de pensar, disse aos litigantes que lhe confiassem a mulher por uns 15 dias e voltassem então a ouvir a sentença.

Mas no 6º dia o juiz mandou-os chamar e disse-lhes que a mulher havia morrido e a elles competia fazer enterro. O 1º marido declarou que nada tinha que ver com uma mulher morta e o deixasse em paz. O 2º porém disse que apezar de pobre faria o enterro, pois ella havia sido boa para elle.

Bem, disse o juiz abrindo uma cortina, aqui está sua mulher viva. Leve-a si ella quizer. A mulher, vendo que o 1º marido não tinha por ella grande affecto, aceitou a sentença.

Archeologo.

Theatros

Sinto-me grandemente contristado de ter semanalmente de dizer o que se vae passando pelos nossos theatros, não vendo n'elles cousa alguma sobre a qual valha a pena fixar a attenção, fazendo trabalhar o espirito no exercicio analytico das theses descutidas, dos principios enunciados, de todo esse esforço intellectual que promove a evolução, melhorando os costumes e esclarecendo as ideias.

Não me conformo, não posso positivamente conformar-me com esse abastardamento do theatro, com esse aviltamento da arte, com esse acanalhamento do gosto!

Filho da litteratura e da arte e por influxo d'ellas elevando-se progressivamente á cathegoria de templo para edificação do espirito, como poude entre nós o theatro franquear as suas naves augustas á invasão vandalica dos sacrilegos estriões que, escorraçados da praça publica pela moralisação dos costumes, foram sobre as taboas sagradas onde pontificava a sciencia, tripudiar suas torpezas em esgares indecentes e momices impudicas?

Que ideia poderá fazer de nós—que blasonamos de povo civilisado — o estrangeiro que nos visita, ao presenciar essa orgia carnavalesca que lhe exhibimos com o pomposo nome de theatro?

Não haverá meio de sanar esse mal que tanto nos desconceitúa?

No meu precedente artigo appellei para os esforços unidos dos que escrevem para o theatro e dos que escrevem para a imprensa.

Obedecendo a um pensamento regenerador, e unificando a acção de todos, quer na confecção de peças, quer na critica dos espectaculos, seria possivel a constituição de uma parede que obrigasse os exploradores do theatro a enveredar por melhor caminho.

Todos, afinal, lucrariam com isso:

Os autores, que, sem prejuizo dos seus proventos pecuniarios, empregariam a sua actividade mental em obras que melhor recommendariam os seus nomes;

Os empresarios, que se emancipariam das exigencias despoticas d'essas notabilidades plasticas, que, sem nenhum amor á arte, porque a não cultivam, pouco se importam de a sacrificarem á voracidade dos seus insaciaveis caprichos; e dispensando-os tambem das luxuosas encenações, que os obrigam a enormes sacrificios pecuniarios com resultado muitas vezes hypothetico;

Os actores que são realmente artistas, que se veriam levantados ao nivel de uma profissão considerada e digna;

A imprensa, que se poderia desvanecer de bem cumprir a sua missão civilisadora, sem sacrificio do seu interesse industrial;

O publico, finalmente, que ficaria livre d'essa influencia nefasta que o desorienta e lhe perverte o gosto.

—

Passando agora á ligeira resenha os espectaculos da semana, é com prazer que em primeiro lugar me referirei ao theatro *Recreio Dramatico* onde, como louvavel variante ao que nos outros se dá, se está representando *O Palhaço*, um drama de scenas bem dispostas e impressionantes, no qual Ferreira, actor de provado merito, tem o seu melhor papel.

A despeito da desorientação em que o poseram, o publico tem affluido ao Recreio e não tem regateado applausos aos interpretes d'*O Palhaço*.

—

No *Sant'Anna* continúa a cantar-se o *Duo da Africana*, em que a graciosa Ismenia Matheus sobresae pela frescura da sua bella e affinada voz e pela vivacidade que imprime ao seu interessante papel.

Precedendo o *Duo da Africana*, representa-se actualmente n'esse theatro a bella e conhecida burleta de costumes da roça, original do espirituoso escriptor França Junior, de saudosa memoria, com bella musica do nosso sempre apreciado maestro H. de Mesquita.

D'entre os artistas que n'ella tomam parte, distinguirei o Flavio e a Olympia Amoedo pela feição typica que sabem dar aos seus papeis.

—

No *Variedades*, succedeu ao *Orpheu nos Infernos* a *Mimi Bilontra*, em *travesti*.

E' possivel que haja quem goste d'esse genero de representação *ás avessas;* eu simplesmente destesto-o.

—

No *Lucinda*, a manta de retalhos luso-brazileira, fiada por Souza Bastos a autores e compositores de cá e de lá, e que lá e cá se tem representado com o titulo campanonico de *Tim-tim por tim-tim*, depois de exgotada, em *reprise*, pela cantora Eliona Miola, está agora sendo explorada pelo merecimento plastico da actriz Leonor Rivero.

O Zé Povinho, que se baba por essas bamboxatas e pachuchadas carnavalescas e afandangadas, em que o Brandão é colossal e a Leonor Rivero fascinadora, accode alli como mosca a mel de tanque!

Aproveita, Juca! da-lhes sempre d'isso e chaucha-lhes o cobre!

SANSÃO CARRASCO

A nossa meza

Recebemos:

— *A deshonra da Republica*, pelo General reformado Honorato Caldas. Um volume contendo artigos publicados e memorias ineditas do carcere sobre a revolta da Esquadra e o Governo do Marechal Floriano Peixoto. — Passamol-o á mão do nosso bibliographo.

— *Revista Industrial de Minas Geraes*, Anno 1 nº 12. Importante publicação mensal de Ouro Preto, em fasciculos de 40 paginas, tratando de assumptos do maior interesse para o desenvolvimento material do paiz, com a valiosa collaboração de notaveis e competentes escriptores nacionaes e estrangeiros.

— *Almanak* para 1895, do pharmaceutico E. M. de Holanda.

— *Recenseamento do Estado do Rio de Janeiro*, feito em 30 de Agosto de 1892 por ordem do presidente do mesmo Estado Dr. José Thomaz da Porciuncula, acompanhado de uma carta da divisão gegraphica e administrativa, por J. P. Favilla Nunes.

E' uma obra cuja importancia por si mesmo se encarece.

— Em elegante cartão fantazia um convite da Real Sociedade Club Gymnastico Portuguez para o grande baile de posse da nova Directoria e Conselho, em 9 do corrente mez.

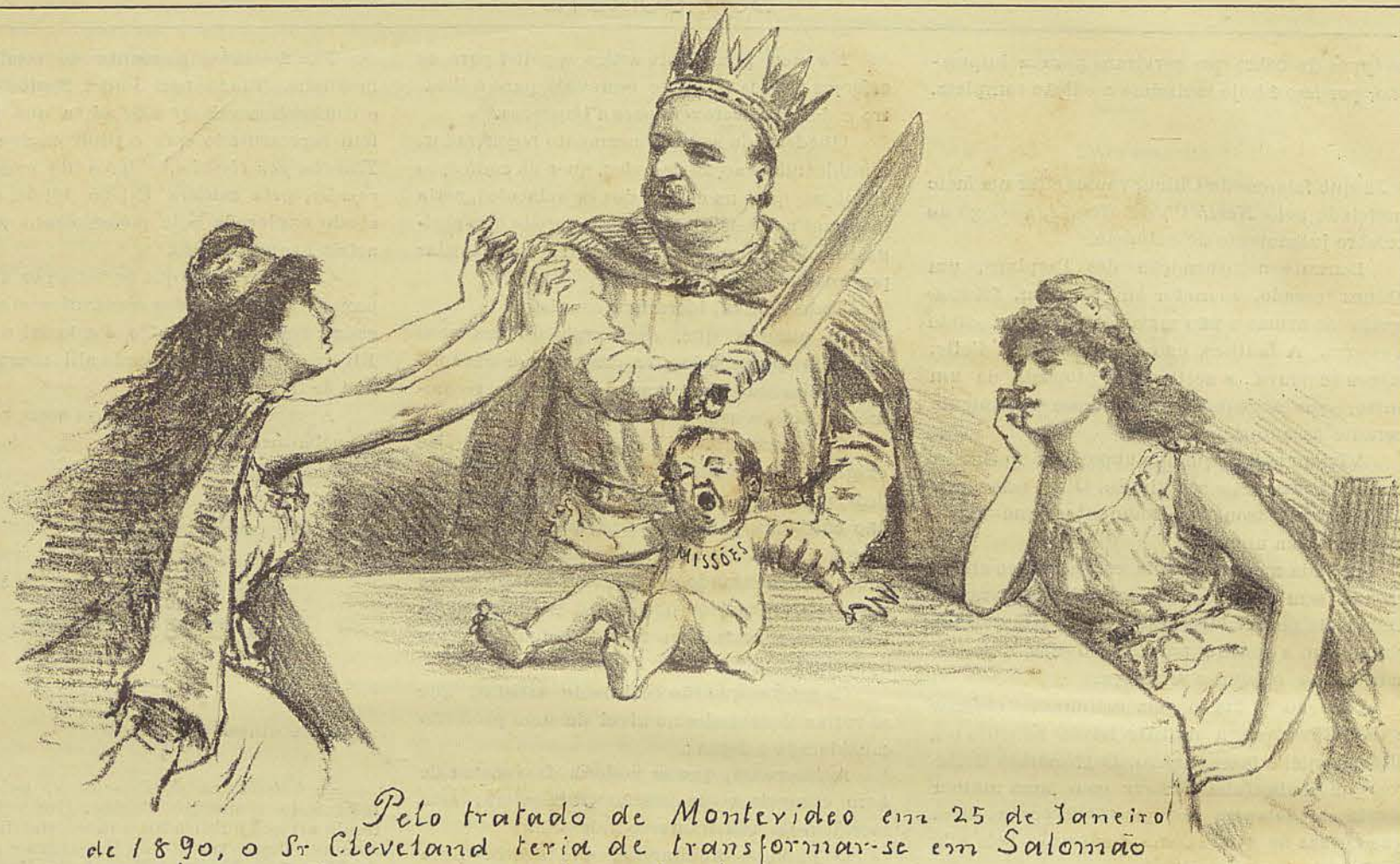
Far-nos-emos representar.

— *Cordão Sanitario*, polka anticolerica microbicida, remedio seguro contra as caimbras symptomaticas, formula de J. G. Christo; — *Au Printemps* — de D. de Carvalho. — Duas bellas composições musicaes elegantemente editadas pelo acreditado estabelecimento de pianos e musicas dos Srs. J. Bevilacqua & Cª

— Pelos Snrs. Vieira & C., proprietarios da grande fabrica de luvas de pellica e suede, (systema Jouvin) á rua de Gonçalves Dias, fomos mimoseados com meia duzia de bellos leques. Não podia presente algum vir mais a proposito em meio d'esta temperatura abrazadora que nos suffoca.

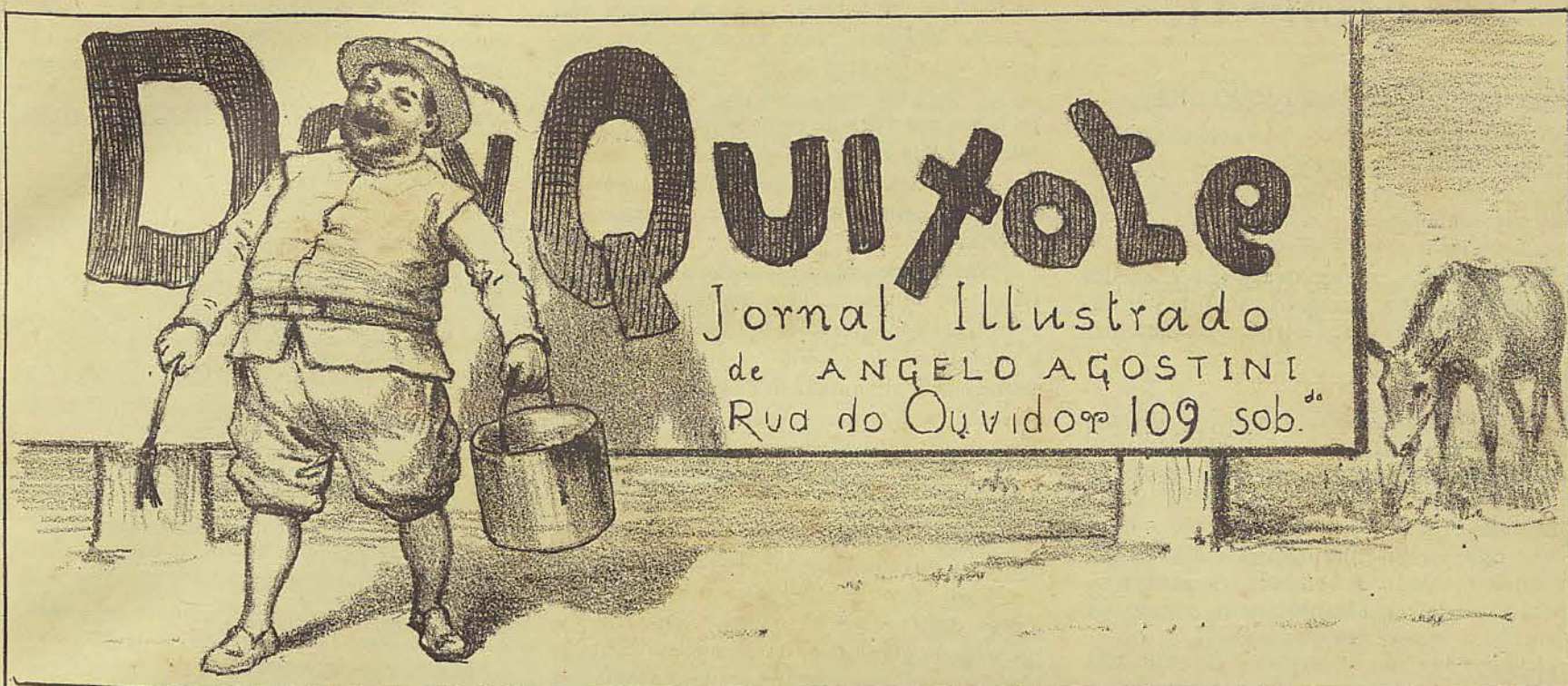
A todos agradecemos.

D. MEZARIO.

L'Express, Typ. a vapor rua da Assembléa 73

Pelo tratado de Montevideo em 25 de Janeiro de 1890, o Sr Cleveland teria de transformar-se em Salomão dando metade a cada parte contendora.
A Nação brasileira, porém, oppoz-se a isso indignada, como boa mãe que era.

O Illustre Barão do Rio-Branco por meio de pesquisas e estudo profundo da questão, conseguio apresentar taes provas que constituiram verdadeira certidão de baptismo, provando assim que o Brazil é o verdadeiro pae da criança.

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 4

Don Quixote
Jornal Illustrado
de ANGELO AGOSTINI
Rua do Ouvidor 109 sob.do

No grande meeting do largo de S. Francisco, em honra ao barão do Rio Branco, o enthusiasmo publico foi tal que até o proprio bronze se commoveu. O patriarcha J.º Bonifacio quasi chegou a deitar discurso.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.	20$000	Anno.	24$000
Semestre	12$000	Semestre	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Para regularidade do nosso expediente, só agora podemos fazer a distribuição gratuita aos nossos assignantes, da estampa que publicamos da catastrophe da barca «Terceira».

Os que desejarem possuir mais de um exemplar, terão a bondade de juntar ao pedido a respectiva importancia, em moeda corrente ou em sellos do correio.

O preço de cada exemplar é de **um mil réis** devendo as cartas ser registradas.

Aproveitamos a opportunidade para declarar aos nossos assignantes que, por absoluta falta de tempo, não nos foi possivel ainda dar este numero com os melhoramentos que pretendemos introduzir, pelo que pedimos desculpa.

N. B. — Todas as pessoas que tiverem de nos enviar dinheiro, em cartas registradas, podem-n'o fazer sem o menor receio da «torração» desinfectante, graças ao pedido que fizemos á illustre commissão sanitaria.

O seguro morreu de velho.

RIO DE JANEIRO, 16 de Fevereiro de 1895.

A QUESTÃO DAS MISSÕES

Estamos de accôrdo com a *Gazeta de Noticias*, quando, nas suas *Cousas Politicas* de 11 do corrente, lamenta e censura que, a proposito da solução que acaba de ter a questão das Missões, estejam apedrejando o tratado de Montevidéo, de Janeiro de 1893.

Effectivamente, reputamos grande injustiça o procedimento dos apedrejadores, porque esse tratado, accordo, ou como melhor lhe queiram chamar, foi uma necessidade imposta pela força das circumstancias excepcionaes da época — e necessidade a que um governo revolucionario que acabava de mudar a fórma das instituições do paiz, não podia fugir, ou imprudente fôra se o fizesse.

Como republicano que somos, impenitente e confesso no tempo em que era um crime sel-o, julgamos e desassombradamente o dizemos aos nossos concidadãos, que o tratado de Montevidéo foi um alto feito diplomatico, uma obra proficua para a consolidação da então nascente Republica brazileira, porque fez desapparecer repentinamente, em critico momento historico, o secular pretexto que, ardilosamente explorado, poderia servir para o ateamento de uma guerra cuja victoria final fosse a restauração da monarchia.

A clausula *ad referendum* constituio-se uma salva-guarda do patriotismo brazileiro, arvorada como foi em condição essencial para a validade do contracto, e só a existencia dessa clausula é bastante para confundir os que agora, ou por despeito pessoal, ou por odio partidario, ou talvez por falta de verdadeiro amor á Republica, andam a escrever objurgatorias descabidas contra essa peça diplomatica do governo provisorio, para ferir o Senhor Quintino Bocayuva.

Não approvando a resolução diplomatica, o Congresso brazileiro usou de um direito que previdentemente lhe fôra outorgado e justificou o potriotismo do governo revolucionario, que, attendendo a circumstancias especiaes, podia ter celebrado o tratado sem a clausula resalvatoria, como medida de segurança para a Republica.

O governo provisorio andou nesta questão com notavel perspicacia e o seu ministro das relações exteriores houve-se com a maxima galhardia e correcção, na delicada emergencia.

Negar isto e atirar-lhes pedras é, pelo menos, desconhecer a gravidade do momento historico de uma nação da qual subitamente foi banido o regimen monarchico e proclamada a republica.

* * *

A outra phase desta questão, aquella que acabamos de festejar solemnemente, a decisão arbitral do illustre Sr. Cleveland, comquanto já nos provocasse alguns commentarios, no passado numero, é demasiadamente fertil em ensinamentos, e por isso ainda nos occuparemos della.

Assim, não podemos deixar de enviar nossas respeitosas saudações a dois homens distinctos, tão diversos na idade, quanto iguaes no patriotismo, de que têm dado provas.

Um é o venerando Barão de Cabo Frio, o decano dos servidores da patria, na phrase do Sr. Prudente de Moraes, o preclaro chefe da secretaria das relações exteriores, verdadeiro diplomata, homem que honra uma nação; outro é Sr. Serzedello Corrêa, o illustre moço cujos serviços á republica já lhe grangearam até uma corôa de martyrio...

Ao primeiro deve-se a intencional indicação, e ao segundo a pressurosa nomeação do benemerito brazileiro Dr. José Maria da Silva Paranhos, barão do Rio Branco, para enviado extraordinario do Brazil em Washington, e chefe da commissão que advogou o nosso direito perante o grande arbitro.

E estas saudações aos Srs. Cabo Frio e Serzedello são tanto mais sinceras da nossa parte, quanto é certo, pelo que se vai sabendo dia a dia, que ao Barão do Rio Branco deve-se a decisão favoravel do Sr. Cleveland, graças a novos documentos que por aquelle foram apresentados, e que constituiram provas irrefutaveis e desconhecidas do nosso direito.

Deve-se á competencia e perseverança excepcionaes do nosso representante o aperto de mão que lhe deu o Dr. Zeballos após a enunciação do laudo, pelo secretario do Sr. Cleveland.

Não fôra o trabalho extraordinario do Barão do Rio Branco, o methodo, a clareza e a novidade da sua argumentação, e talvez a causa do Brazil soffresse graves revezes e não tivesse a solução de um laudo que, ao que sabemos, tem a precisão clara de uma demonstração mathematica.

Só quem conheceu, como nós, o illustre diplomata brazileiro, em suas digressões pesquizadoras pelos archivos europeus, colleccionando tudo quanto se referia ao Brazil; quem o vio na sua modesta residencia consular, transformada em museu de cousas brazileiras, mostrando aos estrangeiros o que somos como nação e como é bello e rico o paiz que habitamos; quem como nós inumeras vezes ouvio suas opiniões sempre justas e patrioticas a respeito da nossa jovem republica—é que póde avaliar de que extraordinaria satisfação deve estar possuido a coração desse grande patriota, e como devem commovel-o estes telegrammas congratulatorios dos seus patricios, que diariamente lhe chegam ás mãos!

* * *

Andou perfeitamente bem o grupo de distinctos brazileiros que convidou o povo para se reunir em *meeting* de applauso á digna commissão especial brazileira, precidida pelo barão do Rio Branco, ao Dr. Prudente de Moraes e ao illustre representante da Republica Argentina, Dr. Garcia Mérou.

O nosso povo precisava desafogar a sua grande alma das apprehensões moraes, que infelizmente tem supportado, e só uma occasião como esta, em que se tratava de applaudir uma causa sagrada, podia offerecer-lhe a desejada opportunidade.

De como elle a aproveitou, já os nossos collegas deram noticia minuciosa, e a estas horas o mundo civilisado está sciente de que o nosso espirito publico vae renascendo das proprias cinzas...

Pela nossa parte diremos que pouquissimas vezes temos visto tanto e tão expontaneo enthusiasmo, tão numerosa e escolhida reunião.

E justo é dizer tambem que para o brilhantismo desta inolvidavel manifestação concorreu o commercio estrangeiro, que cerrou suas portas e compareceu á festa, — o que é muito diverso do que por muitas vezes tem succedido...

Bem hajam portanto os promotores do grande *meeting*, que nos deram ensejo de sentirmos que não haviamos morrido... moralmente.

* * *

Finalisando, e resumindo todas as nossas impressões:

A decisão da questão das Missões e o grande *meeting* de 12 do corrente foram duas victorias da Republica, porém da Republica de paz e de progresso — unica de que somos adepto, — unica que ha de elevar o Brazil á méta do seu grandioso destino.

Campanha Civilisadora

Indubitavelmente o desenlace dado pela arbitragem á secular disputa do territorio de Missões, que era uma permanente ameaça de guerra entre o Brazil e a nossa visinha Republica Argentina, mas prudentemente evitada pelo tino diplomatico de ambos os litigantes, é o mais auspicioso dos passos dados na campanha civilisadora que, com a estabilidade da paz, se propõe á realisação da perfeita harmonia e fraternisação dos povos americanos.

Para definir o elevado alcance d'esse passo, e o sentimento de profunda satisfação de que sè acha possuida a alma nacional por esse pacifico desenlace que envolve os dous contendores em um amplexo fraternal, reproduzimos como nossas, como de todos os brazileiros que amam sinceramente a sua patria e anhelam o seu engrandecimento, as palavras proferidas pelo illustre cidadão que dignamente occupa o lugar de primeiro magistrado da Republica Brazileira:

« E' justo, é nobre e patriotico o enthusiasmo que irrompe espontaneo de vossos coraçõss.

O povo costuma coroar e glorificar os seus herões e generaes quando regressam vencedores dos campos d. batalha, em que se decidem os pleitos entre as nações.

O herõe que glorificais hoje vale mais que os grandes generaes porque, representando a nação brazileira n'um pleito secular, fez triumphar o nosso direito, sem deixar o campo da batalha juncado de cadaveres, fazendo desapparecer o unico obstaculo que poderia turvar o horizonte da paz de duas grandes republicas americanas.

As legiões dirigidas com tanta sabedoria pelo nosso herõe nesta batalha renhida eram constituidas pelos principios envenciveis e eternos do direito.

Ao general que conduziu esta batalha incruenta são portanto justas as homenagens dos brazileiros e dos argentinos, que puderam sair da lucta, apertando-se as mãos.

E' justo, repito, o vosso enthusiasmo. A alma brazileira vibra e estremece de jubilo com razão, porque esta victoria, honrando-nos a nós, interessa á humanidade inteira e constitue uma lição aos povos do velho mundo.

Agora, concidadãos, quando a nossa alma de patriotas se ergue á altura de semilhante triumpho, é preciso que nós, que occupamos um dos mais vastos e mais ricos paizes do mundo, nós que vivemos no continente da democracia e da liberdade, façamos esforço collectivo e nobre para que no meio de tanta grandeza só não seja pequeno o homem..

Aproveitemos a lição e mostremo-nos dignos da magestade da natureza de nossa terra.

Não ha obstaculo que nos pertube na realização de todas as conquista: esqueçamo-nos de nossas individualidades e olhemos só para a sagrada imagem da Patria.

Fitemo-la hoje e sempre, e cobertos pela bandeira da Republica, mais vasta que a imensa vastidão do nosso territorio e a cuja sombra benefica podem-se abrigar todos os brazileiros, todos os americanos, a humanidade interia, collaboremos no regimen da paz e da confraternisação para eleval-a ao fastigio da gloria.

Finalmente, concidadãos, depois deste desenlace briibante e honroso do litigio que agitava a alma de dois povos irmãos, não resta se não que entre elles se estreitem os laços de amisade sincera e fecunda, como os seus representantes neste momento solemne se abraçam. »

Com uma nobreza propria do caracter cavalheiroso e justo, da sua nacionalidade, conformando-se com o laudo que nos empossa do territorio disputado pelo reconhecimento do direito que nos assiste, o digno representante da Republica Argentina, em um dos topicos do seu eloquente discurso assim se exprime:

« Que grandioso exemplo, senhores, dado á America e á Humanidade inteira por duas jovens nações que luctam entretanto para resolverem de uma maneira perfeita o problema da sua organisação Institucional!... Que grande passo dado, quer para o ideal da justiça publica futura, quer para o melhoramento moral e intellectual dos povos! Que grande victoria da civilisação e da paz, esta, cujos laureis não estão maculados pelo sangue; esta victoria que garante a amizade de nossos paizes, que impulsiona o seu progresso, e os impelle unidos á conquista do futuro! »

Um viva á Republica Argentina, que tão bem mostra saber collocar a força do direito ácima do direito da força!

COM O CORREIO

Estavamos já com a penna disposta para dirigirmos á Administração dos Correios uma severa queixa motivada nas numerosas reclamações que todos os dias recebemos dos nossos assignantes tanto do interior como da propria Capital Federal, quando nos chegou á mão a attenciosa missiva com que o digno Administrador do Correio Geral se dignou honrarnos, indicando-nos a forma por que devemos remetter os exemplares d'este semanario endereçados aos assignantes desta Capital.

Agradecendo ao attencioso funccionario a obsequiosa indicação, levamos ao seu conhecimento as reclamações que nos são dirigidas pelos nossos assignantes do interior contra a falta de entrega das edições que lhes temos remettido.

Segundo o testemunho de um dos reclamantes em carta que temos em mão, o desapparecimento dos exemplares que expedimos não se dá nas agencias postaes do interior; pois, para d'isso certificar-se, elle proprio foi assistir á abertura da mala na agencia da sua localidade, verificando assim de proprio viso que nenhum exemplar do *D. Quixote* para alli fora remettido.

Ora, tendo a mala sido lacrada no Correio Geral e só aberta na referida agencia, facilmente se comprehende qual a repartição onde as folhas desappareceram.

E' tradiccional esse desapparecimento de folhas illustradas no Correio, quando, por força de registro, não são garantidas em seu transito para o ponto do seu destino.

Contra tão condamnavel facto chamamos a attenção do honrado e zeloso Administrador.

S.S. comprehende que não nos é possivel sobrecarregar a assignatura da nossa folha com a despeza do registro para todos os exemplares que pelo correio tivermos de remetter aos nossos assignantes.

Desde que os entregamos devidamente sellados á lealdade do Correio, exige a moralidade administractiva que todos os exemplares que lhe confiamos chequem ao seu destino com a mesma inviolabilidade como se registrados fossem.

Appellando, pois, para o zelo do digno Administrador, esperamos que se não demorará em providenciar no sentido de pôr termo ás reclamações dos nossos assignantes.

FENIANOS E DEMOCRATICOS

Para os seus brilhantes e pittorescos sabats de 9 do corrente, tiveram os amaveis secretarios das duas sociedades *Fenianos* e *Democraticos* a delicadesa de enviar-nos comvites.

A elevada consideração que nos me recem essas distinctas seciedades, impunha-nos o dever de, com a nossa presença em suas festas, retribuir-lhes a fineza do delicado convite, e com o maior prazer satisfariamos esse grato dever, se outro, não menos imperioso, nos não houvesse n'essa noite prendido á meza do trabalho para não faltarmos á necessaria regularidade da publicação do *D. Quixote*.

Comprehendem os dignos membros d'essas sociedades o quanto ha de embaraçoso e mortificante no inicio de uma empresa do genero da nossa, quer no que concerne á parte technica de texto e illustracção, quer á administrativa em suas variadas attribuições, todas obrigadas, para o bom credito que anhelamos firmar, á exactidão do cumprimento de deveres em dias determinados.

Dando-lhes assim esta satisfação pela falta involuntaria em que incorremos, procuramos, não só testemunhar a essas amaveis sociedades a alta consideração em que as temos, como continuar a merecer-lhes o obsequioso apreço que nos tem despensado.

D. QUIXOTE.

TAGARELLICES

Dizem que na variedade é que está a graça... ou o gosto.

Este modo de pensar é do meu patricio e collega Sancho Pança, que para todos os seus pensamentos e para todas as suas acçõ s tem sempre um rifão applicavel.

Pois eu, seguindo-lhe o exemplo, tambem me sirvo de um dito popular para justificar a resolução de dar aos meus aranzeis um titulo mais significativo e mais aceitavel, mudando-o de *Fardelices* para *Tagarellices*.

Assim todos ficarão sabendo melhor o que quero dizer na minha, desde que tenham em lembrança a minha qualidade de barbeiro, tão habil amolador como escanhoador do proximo.

E agora continuemos a fardelar, quero dizer, a tagarellar.

++

Verdade seja que a respeito de bom humor, não estou hoje lá para que digamos.

Tenho ainda atravessado na garganta o almoço que me foi servido com uma amabilidade calabresa em uma casa de comidas e bebidas que ahi esfola a gente com o titulo de *Hôtel de Londres*.

Quatro mil e duzentos réis!

Quatro mil e duzentos por uma fatia de *roastbeef* com duas meias batatas, dous ovos quentes e uma amostrasinha de queijo!

E isto servido por um *garçon* de cara enfarruscada e falla de fanfarrão, capaz de tirar o apetite a um gastronomo esfomeado!

Decididamente o tal *Hôtel de Londres*, com os seus criados sanhudos e as suas contas esfolantes não me apanha mais.

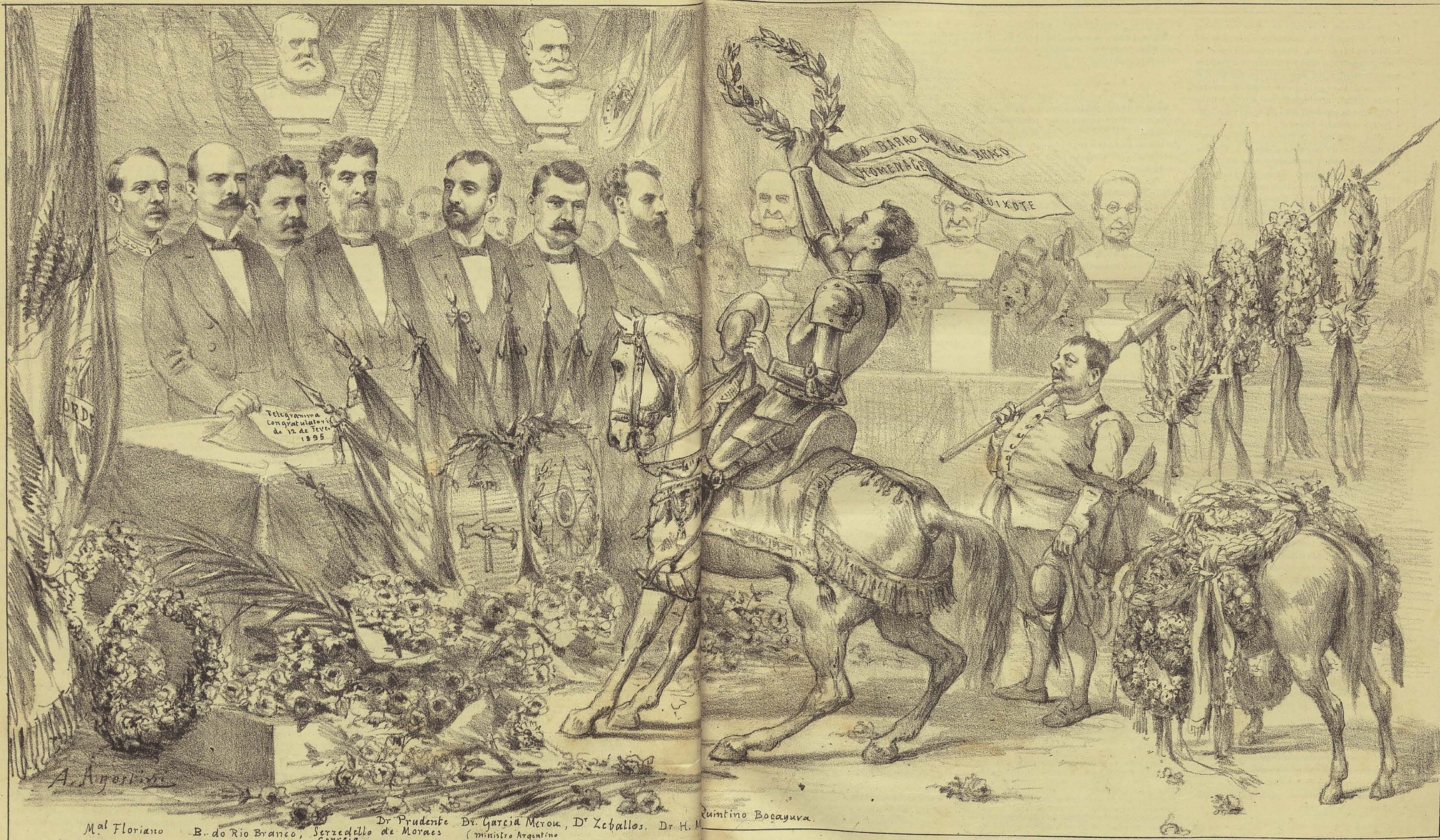
Não que o dinheiro, como lá diz o outro, é sangue, e para que m'o sugem vampiros não é que eu o ganho com o honrado suor do meu rosto!

Upa!

++

Felizmente, para me desopilar o baço, tão rudemente atacado pela má digestão do tal almoço, aqui está o *Diario bohemio* do *Diario de Noticias* de quarta-feira d'esta semana.

Á solução d igio das Missões

Mal Floriano B. do Rio Branco, Serzedello Correia, Dr Prudente de Moraes Dr. Garcia Merou (ministro Argentino, Dr Zeballos, Dr H. M Quintino Bocayuva.

A todos os Chefes de Estado brasileiros e argentinos, e a seus res ministros, que durante mais de seculo souberam neste litigio manter sempre a paz entre as duas Naçoes, Don Quixote offerece as merecidas s. Viva a Republica Argentina! Viva o Brazil!

Ao ler esse specimen da critica *envermouthada* do espirito de uns certos *novos*, que ahi andam na imprensa a vituperarem-se como os dous compadres que se reputavam os unicos homens honrados da sua terra, parece-me que estou ouvindo os gritos enraivecidos de um rapazito trefego, acachapado no seu barretinho pela carnuda e pesada mão do nosso galhofeiro e festejado Sancho Pança.

Bem se vê que o *D. Quixote*, com as bonitas *garatujas* do Angelo e o estylo á Paranapiacaba e á Garcia Redondo (como elle, para honra nossa, o qualifica) está irritando muito os nervos do espumoso escriptor, que, para evitar interpretações assás frescas, melhor fôra que, em vez de F. P., se assignasse J. V.

E o mais engraçado d'essa critica é a finura com que o leve estylista, engrossando e chamando redactor-chefe ao nosso companheiro A. Miranda, faz d'elle tabella para nos arremessar, a nós outros que tambem redigimos o texto do *D. Quixote*, as suas bolas de escaravelho.

Pois, meu jovem artista da phrase e não sei de que mais, a coisa é assim mesmo.

A despeito de não termos o cerebro ou a mão tão leve como vós outros para a leveza do estylo, e de o Angelo ser apenas, segundo o vosso leve criterio, um desenhador de garatujas, que tendes a amabilidade de julgar bonitas, o *D. Quixote* vae conquistando terreno, e não será para admirar se, mais tarde ou mais cedo, elle derrubar algum moinho á vento que, *custe o que custar*, pretenda passar por gigante.

FERROADAS

Os jacobinos andam desconsolados. Elles estão vendo que o terreno das *bernardas* lhes foge debaixo dos pés e que o trumpho sae-lhes ás avessas: — Queriam *espadas* e *ouros* e só lhes sae — *páos!*

—

Elles, que tantas vezes quizeram reunir povo para o fazerem instrumento das suas paixões; que se viram sempre rodeados de certa *gentinha*, e com desdem olhados pela gente séria, apezar do *terror da época*, — ficaram damnados com a solemnidade triumphal do *meeting* de 12 do corrente.

Isto acabou de convencel-os intimamente de que o verdadeiro povo que trabalha, sabe distinguir entre o que é patriotismo e o que é especulação...

—

Os seus orgãos (lá d'elles jacobinos) vendo que a coisa não cheira a chamusco, nem a *canhão de dynamite*, estão virando os *canudos* para, mais tarde, fazerem parte da harmonia geral em honra da paz.

—

Estas desafinações que por ora se notam, correm por conta de uma certa *catinga* que ficou do tempo da *legalidade*, e que, á força de *sabão* desapparecerá.

Ou então desapparecerão de todo os leitores dessas folhas ajacobinadas....

Quanto aos Jacobinos do parlamento, ninguem se assuste, porque não podeirão fazer mal a ninguem. Os antecedentes autorisam a ter-se esta convicção.

—

Conhecemos um destes que no dia 14 de Novembro de 1889 era todo *Isabel a Redemptora* e no dia seguinte passou a ser republicano.... historico. Foi *deodorista*, foi *lucenista*, foi *florianista* foi tudo e se não foi *custodista* o culpado é o Snr. Custodio não ter vencido a revolução....

Por isso é que dissemos: não se assustem com os jacobinos do parlamento. Independentemente do exemplo que de um lhes apontamos, elles têm amor ás suas cadeiras (sem *calembourg*) e o eleitorado não é tão beocio como cuidam.

Mesmo porque, é bom lembrar, quem governa é o Sr. Prudente de Moraes.

—

Referindo um synistro na Estrada de Ferro Central, condimenta-o *O Paiz* com este topico:

« Imagine-se o alarma que este facto causou, e o regosijo que tiveram os adversarios da administração que servio com o marechal Floriano! »

A que vem, para o facto de que se trata, o marechal Floriano?

E' a tal coisa!

Sempre o abuso do nome do marechal para proteger desmandos e incorreções!

Pois é là possivel que o marechal Floriano, o sustentador da legalidade, seja solidario com o instituidor do celebre wagon 136 V?

PERNILONGO.

Pensamentos e Reflexões

O JOGO

Ninguem vae jogar impellido pelo generoso desejo de repartir com os outros o seu dinheiro; mas possuido da ruim ambição de chamar a si o dinheiro dos outros, sem se preoccupar com o mal que lhes possa causar.

Por conseguinte, o jogo não é se não o meio pelo qual certos viciosos procuram apoderar-se licitamente do dinheiro alheio contra a vontade do seu dono.

MESTRE NICOLAU.

CORDA BAMBA

Li, com toda a calma espiritual, dando pequenos estalos com a minha linguinha de prata, o *Diario Bohemio*, secção temporaria do « Diario de Noticias. »

E porque não hei de confessar aqui, neste cantinho confortavel. o prazer enorme a mim proporcionado pelo delicioso escrptor? Se o conhecese de perto, se tivesse a suprema dita de tirar lhe o meu chapéo, seria agora occasião opportuna para dizer-lhe: vem, vem meu adorado, chega-te a mim que te desejo possuir de encoutro o peito, esmagando nos braços a tua assada, as tuas barbas sacramentaes, o teu cabello ondeado e pretó, de velho sonhador das velhas regiões do sacco do alferes.

—

Não o conhecendo, porem, de perto, não tenho remedio senão atirar-lhe de cá com a minha Corda Bamba, que já tão util tem sido á minha cara patria.

E' a retribuição de uma gentileza, o cumprimento rigoroso de um dever. E n'essa cousa de gentilesa e dever ninguem me excede, nem me passa a perna.

Por dever fui ao cemiterio de Maruhy levar flores aos bravos que se findaram em defesa da legalidade. Por gentileza, ao lado de Lulú Senior, acompanhei a manifestação justissima á Prudente de Moraes. E porque, pois, hei de agora deixar sem uma linha a perversidade de F. P.?

—

Perverso! Para gaudio do teu humor, da tua verve incomparavel, bem quizeste intrigar o meu caro Miranda com a gente de cá de casa, chamando-o redator-chefe Erraste a tacada, porem. E tanto que já deves estar em apuros com a sova que apanhaste. Bem feito.

—

Passo agora a contar um facto.

Na occasião em que os manifestantes do dia 12 se dirigiam para o Itamaraty, o espirituoso Lùlú da *Gazeta* foi victima de um engano que poderia ter serias consequencias.

O Lulú estava a meu lado, suando muito, quando um mulatasio peralta, rijo de membros, de chapéo á banda e corpo bamboleado, agarrou-o para traz dando-lhe um beijo estalado no cogote.

O Lúlú, que é um calmo, voltou-se pachorrentamente:

— Perdão! o senhor está enganado.

— Oh, doutor! eu pensava que era a D. Henriqueta que conta casos ao A. A. d'*O Paiz*.

BLONDIN.

CHINOISERIES

PER AMORE

Toda a imprensa esta semana
deu noticia de um suicidio
motivado por amor,
é a natureza humana
sempre a mesma! Luz e tenebras,
o espinho ao lado da flor!

Entretanto si este facto
fosse um drama, certa critica
gritaria « E' dramalhão!
Neste tempo isso e gaiato!
Drama a tiro? E' já pulhissimo,
casos d'estes não se dão! »

Ora os taes reformadores,
até as paixões intrinsecas
dos homens querem mudar!
As alegrias e as dores
são sempre as mesmas; Shakspeare
soube ao tempo legislar.

Si vemos por toda a parte
taes casos da vida intima
o fundo humano trahir,
porque proscrevel-os d'Arte?
Ciume, amor não teem epochas
são do passado e porvir.

Seja a bala ou gladio heroico
medieval, de Roma ou d'Hellade
que atravesse um coração.
é o mesmo o sentir estoico
de um, alma que despedaça-se
no horror da mesma paixão.

Eu lamento esses furores
do amor que a um jovem tão valido
no crime fazem cahir.
Porém de vós, meus senhores,
com ideas fim de seculo...
Não posso deixar de rir.

LU-NO

BIBLIOGRAPHIA

Chronicas e Novellas

POR

OLAVO BILAC

Lemos, carinhosamente, com toda a sympathia que nos inspira o nome glorioso de Olavo Bilac, as *Chronicas e Novellas*.

E' uma brochura pequena, regularmente impressa nas officinas de Cunha & Irmão, de 178 paginas, onde o delicado autor dos *Versos* nos apresenta uma nova face do seu talento e da sua paciencia.

E como o Bilac não é um principiante, nem tão pouco um mediocre, ha de nos permittir tratal-o com maior rigor, dizendo-lhe francamente o que pensamos a respeito d'este seu novo trabalho.

Francamente, as *Chronicas e Novellas* não nos agradaram. Primeiro porque é como elle proprio o diz:—Livro de um jornalista,—não lhe peçam grande cópia de ideias nem grande esplendor de fórma ».—segundo, escripto de cidade em cidade, de pouso em pouso, *á la diable*, para as columnas de um jornal diario pelo simples cumprimento de um dever de profissão—elle não sorprehende um determinado estado d'alma, não representa uma nova maneira de sentir, de ver e de pensar.

Paginas assim escriptas, que se leem n'um rapido intervallo de tempo, sem deixar no espirito do leitor o mais leve vestigio de uma emoção, nos olhos o colorido da phrase, no olfacto e no ouvido o perfume e o rythmo do periodo,—devem ficar adormecidas nas columnas dos jornaes onde são pubblicadas. Não vale a pena reedital-as em volume; é melhor esquecel-as, porque « são chronicas ligeiras e novellas futeis ».

Olavo Bilac é um vencedor, um querido, por isso lhe fallamos agora com esta franqueza. O seu livro de versos ahi está para lhe perpetuar a memoria. Livro composto por um apaixonado, por um artista; livro que tem o grande mérito de ser humano, elle é por esta qualidade entrinseca o auto-biographia de todos os corações. Por isso venceo, triumphou, e viverá, sempre emquanto houver um coração que ame e soffra, um espirito que sinta e sonhe.

Ora, quem assim se fez consagrar pelo publico intelligente commette um crime reeditando paginas secundarias, sem o minimo rigor artistico, como as *Chronicas e Novellas*.

JORGE MORÉAL.

OS QUE PASSAM

Dr. ALFREDO PACHECO

Ao bello futuro que os seus elevados dotes moraes e intellectuaes lhe preparavam, e ao profundo affecto com que era estremecido por sua familia, foi no dia 14 do corrente arrebatado pela morte o Dr. Alfredo Pacheco, filho do nosso bom amigo Joaquim Insley Pacheco.

Qem conheceu e tratou de perto esse sympathico moço, cujas excellentes qualidades tanto o impunham á estima de todos, bem pode avaliar a dôr cruciante que n'este momento amargura o coração de seu digno pae.

Insley Pacheco não é um desconhecido n'esta cidade. Aqui, e, pode dizer-se, em todo o paiz, não ha quem não conheça pessoalmente ou por tradicção o afamado photographo que sempre se distinguio entre cs seus collegas pelo cunho artistico que imprime aos seus trabalhos, e em cujo *atelier* todas as notabilidades artisticas, litterarias, scientificas e politicas se fizeram retratar.

Honrando o nome illustre de seu digno pae, o Dr. Alfredo Pacheco, como distincto engenheiro, occupou diversos cargos de confiança do governo, exercendo-os sempre com a mais perfeita correcção.

A morte, arrebatando-o ainda moço, veio frustrar no coração de seu pae a grata esperança de ter n' elle o melhor conforto da sua velhice, deixando, no lugar d'ella, a incuravel ferida, de uma imperecivel saudade.

Que estas palavras, escriptas ao correr da penna, e o mudo abraço que n'ellas lhe enviamos, possam ser lenitivo á sua profunda dôr.

L. C.

Theatros

Antes de mais nada, convém declarar o seguinte:

O *D. Quixote*, ainda que timbre em ser modelo de cortesia para com as damas, jámais se apeará do seu famoso Rocinante para descer á triste condição de turiferario de deidades alcazarinas.

Burilem os *novissimos* artistas da phrase os mais arrebicados periodos para em sua pedantesca insensatez as incensarem.

Estão no seu direito, como em seu direito se julga o *D. Quixote* de enristar a lança da sua phrase pesada contra os marionetes d'essas barracas de mestre Pedro, que ahi estão a estragar o gosto do publico e a obstar o desenvolvimento da arte dramatica

Um desses *novissimos* fez-me no *Diario de Noticias* a honra de assemelhar-me a Amenophis Efendi, o elegante escriptor das *Cartas egypcias*.

Ainda bem!

Lastima seria se me houvesse assemelhado ao escriptor do *Diario bohemio*.

Ao tempo em que esta edição do *D. Quixote* for distribuida, já a companhia que funcionava no Theatro Lucinda terá partido para S. Paulo.

Bem bom!

E' uma de menos no tripudio da bambochata sobre o abatimento da arte, deixando-nos um palco vasio, á espera de ser melhor utilisado.

Para dar que fazer ao lathego severo da critica paulista levou-lhe essa companhia *O Brasileiro Pancracio*, o *Cavalleiro da Rocha Vermelha*, e outras quejandas borracheiras.

Alli serão ellas certamente autopsiadas com o mesmo rigor com que o foram o *Abacaxi* e a *Vóvó*, dando á imprensa desta Capital a proveitosa lição de que muito carece.

Nunca as mãos lhe doam!

No *Variedades*, ainda o *Orpheu*, para variar, e, para avariar, a *Mimi Bilontra* em *travesti*.

E é empresaria deste theatro a actriz Ismenia dos Santos—uma sacerdotisa da Arte! Camões errou quando disse que

«Quem não sabe a arte não a estima.»

Bem que a Sra. Ismenia a sabe, mais....

No *Sant'Anna*, nada de novo; apenas a promessa do *Poço Encantado*.

Faço votos para que não caiam n'elle.

O *Recreio* — o ultimo Aben Serragem da arte dramatica — deu-nos esta semana, além d'*O Palhaço*, a *Aimé ou o assassino por amor*, peças ambas muito conhecidas do publico e já de sobra descriptas e analysadas pela critica.

Bem representadas.

As casas estiveram bôas, pois que ainda ha uma bôa parte do publico que tem o bom gosto de apreciar theatro decente.

Tinham-me dito que o Dias Braga, o incançavel luctador contra a perversão da arte dramatica n'esta terra, preparava-se para uma excursão ao norte.

Corri penalisado a indagar do distincto emprésario o que havia de verdadeiro em tal noticia.

Felizmente, não era exacta. Dias Braga continúa e continuará, como as vestaes do templo, a manter no *Recreio* aceso o fogo sagrado.

Agradeço-lh'o em bem da Arte e em bem do publico.

A sua retirada seria um infortunio para ambos.

SANSÃO CARRASCO.

A nossa meza

Fomos obsequiados com:

— *Agenda da « A' Americana »*, agencia geral de Jornaes, livraria, charutaria e objectos de phantasia de Weinmann & Comp., em Santos, Estado de S. Paulo. E' um livrinho elegantemente cartonado e de summa utilidade, que a importante casa « A' Americana » dá de mimos aos seus freguezes.

— *Revista Brazileira*, 1°, 2° e 3° fasciculos. Magnifica publicação litteraria, editada pelos antigos e acreditados livreiros Laemert & Comp

Em secção especial trataremos detidamente da sua elevada importancia no nosso movimento litterario.

— *Homens e Poetas da Historia Patria*, pelo Dr. José Maria Velho da Silva, professor jubilado de Rhetorica, Poetica e Litteratura brazileira do Gymnasio Nacional. Vamos lel-o attenciosamente, como o assumpto requer, e mais tarde occupar-nos-emos de tão importante trabalho.

— *Reorganisação Financeira*, pelo Dr. Aristides Galvão de Queiroz, deputado ao congresso nacional pelo Estado da Bahia.

— *Discursos* pronunciados nas sessões de 18 e 21 de Agosto de 1894 na camara dos Deputados, sobre a Escola de Minas, de Ouro Preto pelo deputado Dr. Antonio Olyntho.

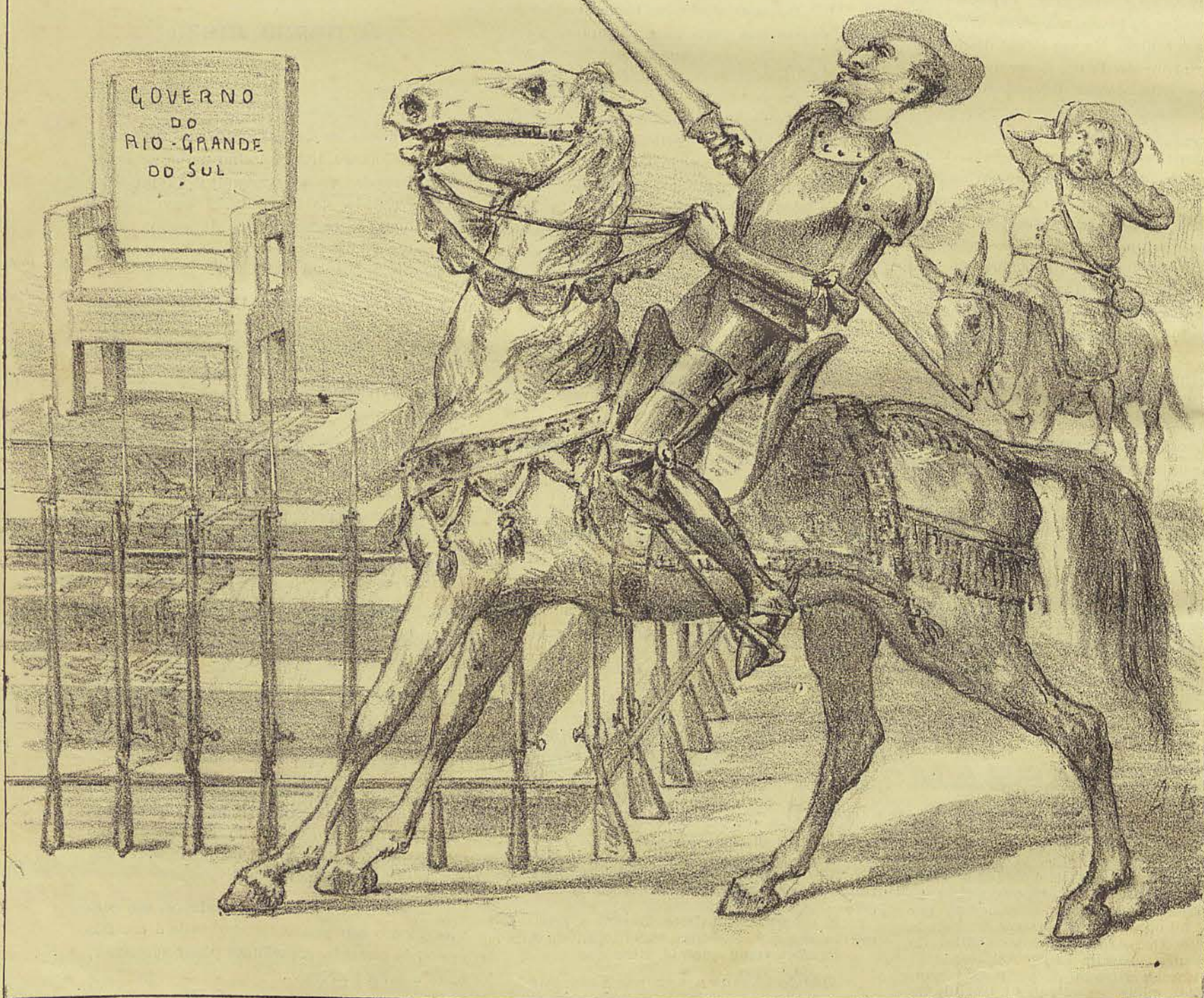
— *Psalterio*, um livrinho de versos de Mario Ortigão, nitidamente impresso nas officnas da *Livraria Americana*, da cidade do Rio Grande do Sul. Será opportunamente apreciado na secção competente.

— Do feerico Club dos Fenianos, um convite para o seu prudentissimo baile á fantasia em 16 do corrente. Anhelamos poder apreciai-o, e, se nos for possivel...

D. MEZARIO.

L'EXPRESS, Typ. a vapor rua da Assembléa 75

Julio de Castilhos.

GOVERNO
DO
RIO-GRANDE
DO SUL

D. Quixote. — Já que és obstaculo á pacificação do Rio-Grande, suspendo-te do cargo que funestamente occupas.
Sancho Pança. — Lá se foi a rolha! Está o Castilhos na ponta!...

Anno 1° Rio de Janeiro. N.° 5

Don Quixote
Jornal Illustrado
de Angelo Agostini
Rua do Ouvidor 109 sobrado

Carnaval de 1895
Felizmente este anno só ha prisões de serpentinas e tiroteio de confettis

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.	20$000	Anno.	24$000
Semestre	12$000	Semestre	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Para regularidade do nosso expediente, só agora podemos fazer a distribuição gratuita aos nossos assignantes, da estampa que publicamos da catastrophe da barca «Terceira».

Os que desejarem possuir mais de um exemplar, terão a bondade de juntar ao pedido a respectiva importancia, em moeda corrente ou em sellos do correio.

O preço de cada exemplar é de um mil réis devendo as cartas ser registradas.

Aproveitamos a opportunidade para declarar aos nossos assignantes que, por absoluta falta de tempo, não nos foi possivel ainda dar este numero com os melhoramentos que pretendemos introduzir, pelo que pedimos desculpa.

N. B. — Todas as pessoas que tiverem de nos enviar dinheiro, em cartas registradas, podem-n'o fazer sem o menor receio da «torração» desinfectante, graças ao pedido que fizemos á illustre commissão sanitaria.

O seguro morreu de velho.

Rio de Janeiro, 23 de Fevereiro de 1895.

PAZ

Nesta patriotica propaganda que se está fazendo para a pacificação do heroico Rio Grande do Sul, já patenteamos que o nosso posto é na vanguarda dos que pugnam pela urgente solução da grande causa.

Já mostramos de maneira bem frisante que o Sr. Julio de Castilhos é naturalmente o maior obstaculo a que se faça a paz naquelle ninho de heróes, que sua Ex. funestamente governa; e, suspendendo-o na ponta da nossa lança justiceira, apenas exprimimos os votos da grande maioria dos brazileiros que ha dois annos assiste horrorisada e triste ao desdobramento de scenas que envergonham um povo e uma época.

Cumpre, porém, ser justo: o negregado tyrannete de Porto Alegre não está só, infelizmente, na longa estrada de crimes que tem percorrido.

Sem falar nos partidarios da sua affrontosa e caricata *Legalidade*, que andam cá por fóra a crear-lhe uma atmosphera artificial de justiça, inventando e emprestando bandeiras restauradoras aos intuitos dessa lucta reivindicadora da liberdade, — ha, sobretudo, dois grupos directa e manifestamente interessados na manutenção dessa guerra desigual e deshumana.

Um é o grupo dos que, embora de bôa fé (se nisto póde haver bôa fé!), embora julgando-se defensores de uma causa justa, instigam os odios, apascentam e cevam os seus instinctos sanguinarios. Outro, o mais numeroso, é o d'aquelles que enriquecem á custa dessa lucta fratricida e dos cofres da nação....

* * *

Ora, o governo do honrado republicano Sr. Dr. Prudente de Moraes não póde nem deve tolerar por mais tempo este pernicioso estado de coisas: — exigem-n'o os sentimentos humanitarios dos brazileiros; exige o, principalmente, a economia publica.

Pois que? — quando um governo está a luctar com difficuldades financeiras de toda a especie e procura diminuir todas as despezas, ao mesmo tempo que contracta emprestimos para remediar grandes males, póde e deve esse governo sustentar os caprichos fataes do Sr. Julio de Castilhos, que jurou aos seus deuses exterminar os adversarios da sua politica?!

Póde e deve o governo manter em operações de guerra grande parte da força publica, para sustentar o poder de um déspota, contra a vontade da maioria esmagadora de um Estado, obrigando o thesouro nacional a uma despeza extraordinaria, que elle não comporta?

A negativa impõe-se: o governo não póde fazer isso.

* * *

Medite bem, o Sr. Dr. Prudente de Moraes. O povo sensato, o povo que trabalha está attento, está esperançado: quer a paz no Rio Grande do Sul.

S. Ex. póde e deve fazel-a.

O meio não lh'o podemos suggerir porque entendemos que um governo bem intencionado e competente deve sabel-o.

Em todo caso, lembramos a nomeação de dois homens serios, de provada capacidade, de prestigio real, imparciaes e patriotas; — um para ir dizer ao Sr. Castilhos que o governo da União não é pedestal de tyrannetes; — outro para ir dizer ao velho general Tavares, que o Rio Grande é dos rio-grandenses; que faça desarmar os indomaveis gauchos; que o lar domestico, a propriedade e a liberdade teem a garantia da Constituição.

E as tropas federaes que fiquem ainda por algum tempo no sólo vibrante dos pampas, não mais como instrumento da tyrannia, e sim como sustentaculo da Lei.

Faça-se a paz!

O CARNAVAL

Para a alacridade do espirito, para a tonificação da alma, ahi vem elle, o capro deos Momo, de tassa em punho, bebendo ao riso.

Vem, e ninguem melhor do que elle sabe vir assim, n'um largo destaque rubro, de guizos ao pescoço, guizalhando, e a bocca aberta, rasgada n'uma profunda, n'uma alta gargalhada satanica.

E, para que mais sugestiva seja a sua passagem atravez os arcos, as guirlandas, na suprema curvatura galante do delirio, collocou á cabeça um faiscante capacete marcial, donde, á luz clára do azul, emerge a significativa fórma ponteaguda do deos cornoide.

A lenda foi buscal-o nas baccanaes da velha idade, na festa tradiccional dos loucos da erudicta, da circumspecta Allemanha burgueza. Vem de lá, de era em era, de baptismo em baptismo, rompendo preconceitos e acanalhando dogmas, como um amplo rio sónoro, espumante e aphrodisiaco, que traz ao seio todos os aromas, todas as assencias capitozas da vida.

Salve, ó deos da pelheria; salve ó deos da loucura!

Pelo que temos visto em jornaes, e collecionado em notas, o carnaval d'este anno vae ser um verdadeiro successo, um motivo incondiccional para a *verve*.

Numerosos grupos carnavalescos obtiveram licença da policia para percorrerem as ruas d'esta cidade, n'um zé-p'reira infernal, que certamente irá perturbar a paz do reino paradisiaco. Entre elles, porém, rompendo a marcha, n'uma critica impiedosa dos principaes acontecimentos do anno passado, sobresahirá certamente a rapaziada espirituosa do *Club dos Fenianos* — rapaziada incansavel, digna sempre das sympathias e dos applausos publicos.

Tenentes, *Democraticos* e *Progressistas*, com quanto não saiam á rua, nem por isso deixarão de prestar a divida homenagem aos deos da pilleria, abrindo os seus salões ao diabolico can-can, ao mais extraordinario de todos os esticamentos de perna, como o unico antidoto ao rheumatismo e á velhice desamparada.

E nós, que justamente n'esses tres dias mais do que nunca, damos a prova cabal da nossa virilidade, desde já mandamos preparar uns dominós magnificos, mascaras de seda e *Confetti* especiaes, para que deixando o carnaval da politica possamos cair no canaval da pilheria.

PIERROT JUNIOR.

FENIANOS

Com a gentileza propria de cavalheiros extremamente delicados, fui recebido por membros da directoria do Club dos Fenianos, quando, na noite de sabbado proximo passado, me apresentei em seu luxuoso salão para corresponder ao amavel convite com que nos obsequiaram.

No explendido Poleiro fulgurava um brilhante bando de *aves do paraizo*, que deslumbrava a vista com o iriado matiz das suas elegantes *plumagens*, escandecendo com languorosos meneios a imaginação dos barbados descendentes de Adão, que ali volitavam anhelantes do prazer abafador das tristesas e miserias a que fomos eternamente condemnados pela gula irresistivel do nosso primeiro pae.

Com uma impeccavel correcção, tanto de rhitmo como de affinação, a distincta banda de musica do regimento policial, estrondava son'roza, infiltrando no sangue de todos os ávidos foliões d'aquelle pantagruelico sabat um fluido hylariante, que a todos agitava em um redemoinhar de tangos, de polkas, e de walsas.

Ao sargento Antonio José da Silva, mestre da referida banda, foi pela directoria offerecida uma rica batuta, que lhe foi entregue no meio de enthusiasticas palmas e sob uma chuva

de petalas de rosa derramada sobre elle por uma Venus caracteristicamente vestida de... nûa.

Entre as fantasias elegantes e vistosas que n'essa noite alli se apresentaram, sobresahio uma outra Venus diabolica, que se impunha á admiração de todos pela exhuberancia escultptural das suas formas anatomicas ostensivamente veladas por um *maillot* de seda escarlate e uma leve facha de gase preto.

O dito agudo, o remoque picante, o madrigal boccagiano, o discurso estapafurdio, o trinado argentino da risadinha feminina e o cacarejo estridulo da gargalhada mascula reboavam estrepitosamente em um concerto extravagante de sons e vozes incombinaveis.

No meio do atordoamento que esse estonteante rumor me causou, fui despertado pelo contacto de uma pequena mão, que egoisticamente se occultava sob a macia pellica de uma luva preta, e amavelmente segurou a minha.

Reparei, e vi que tinha a meu lado um dominó preto,... todo preto, desde a mascara e o capúz até ás botinas de setim.

Dé estatura um pouco mais que mediana, delgado e esvelto, pareceu-me, á primeira vista, que era algum rapaz amigo que, em *travesti*, me vinha intrigar.

D'esta supposição fui logo arrancado pelo som meigo de uma voz feminina, que naturalmente, sem falsete, pronunciou o meu nome.

Fiquei encantado com este inesperado encontro, e intimamente me felicitei pelo agradavel entretenimento que ia dar ao meu espirito com o mysterioso incidente que assim me vinha excitar a curiosidade.

Offereci-lhe o braço e puzemo-nos a passeiar ao longo do salão.

Pela conversa que travámos, comecei a suspeitar que sob o negrume d'aquelle tétrico dominó, se occultava uma sympathica e alegre creatura a quem eu voto um sentimento de sincera admiração pelas qualidades pouco vulgares que lhe aprecio, e dava-me parabens pelo ensejo que se me offerecia de lh'o poder manifestar.

Infelizmente, reconheci em seguida que a minha suspeita era erronea, e isso me penalisou bastante.

A minha curiosidade foi, por isso, anesthesiada pelo narcotico da indifferença, e assim nem me ficou no espirito o menor desejo de saber quem era aquella mulher, que tão bem mostrava conhecer-me.

Por fim, como manifestasse vontade de sentar-se, conduzi-a a uma cadeira e esfastei-me.

Pouco depois foi buscar o meu sobre-tudo e o meu chapeu, e retirei-me.

Os trefegos e incansaveis Fenianos, porèm, heroicamente secundados pelas suas elegantes e alegres convivas, lá ficaram no ininterrupto redemoinhar das suas danças, que se prolongaram até ao romper da aurora.

CARDENIO

TAGARELLICES

Tenho aqui diante dos olhos, estampadas em todas as folhas d'esta capital, as circulares do Exm. Dr. Chefe de Policia aos Snrs. Delegados da dita, fazendo-lhes recommendações no sentido de ser mantida a ordem, cohibidos os abusos promotores de desordem nos dias de Carnaval.

Batendo palmas de sincero applauso a todas essas uteis recommendações, peço licença para ponderar a S. Ex. que ha em sua primeira circular um pequeno equivoco que carece rectificação.

Esse equivoco está nas seguintes palavras: « não permittindo que individuos phantasiados offendam por actos ou palavras os transeuntes e a moral ».

S. Ex., sem duvida, nunca passou na rua do Ouvidor em dias de Carnaval; pois, se tal houvesse feito, esta das suas recommendações teria sido redigida da maneira seguinte: « não permittindo que individuos não fantasiados, ataquem por modo brutal os pobres de espirito que se fantasiam para, na rua do Ouvidor, servirem de cabeça de turco ás espansões malevolas de uns estupidos engraçados ».

Quanto á prohibição do jogo de entrudo, isto é, das bisnagas, limões de cera, limas de borracha, seringas, etc., por parte da população, julgo-a muitissimo acertada a bem da ordem, mas a bem da mesma ordem julgo tambem de summa utilidade que seja permittido o entrudo official jogado por bomba de apagar incendio para acalmar o furor grosseiramente trocista d'essa horda impertinente de individuos malcriados, que nos dias de Carnaval estacionam nessa rua, obstruindo-a a ponto de tornal-a intransitavel, e dando da sua educação a mais deploravel ideia.

Só assim será possivel o transito de familias por ahi, sem o vexame, o desrespeito e até o mau trato a que estão expostas.

Está plenamente provada a efficacia da hydroterapia para combater os excessos do enthusiasmo desordeiro, e em dias de licença brincalhona em que ao ardor da folia não raro se junta a exaltação alcoolica, a ducha possue evidentemente acção mais pacificadora do que a espaldeirada.

Ao bom criterio e á louvavel energia de que S. Ex. tem dado provas, prudentemente submetto estas reflexões.

***

Passando da secretaria da Policia ao Paço Municipal, atrevo-me a chamar a attenção do illustre medico, que exerce a alta funcção de Prefeito, para o Jardim Zoologico, rogando-lhe que por amor da saude publica, e a bem da conservação da vida dos bichos alli engaiolados para servirem de pretexto a um jogo pernicioso, se digne de fazer ao mesmo jardim uma visita.

Como distincto medico, que é, melhor ainda do que eu ha de comprehender o perigo das aguas alli estagnadas, da immundice d'aquellas jaulas, e a impossibilidade d'aquelles miseros animalejos subsistirem no quasi perenne jejum em que os deixa a abstracção *book-makerquica* do director ou dictador do referido jardim.

Ha por ahi más linguas que affirmam, que a concessão dada a esse director para dar premios sorteados aos frequentadores do jardim, e tão sagazmente aproveitada para a exploração de um jogo nimiamente lucrativo, rende mensalmente quantia superior a trezentos ou quatrozentos contos!

Como, pois, sendo tal concessão dada para produzir renda que custeie a conservação e augmento do Jardim Zoologico, vae elle, apesar d'isso, em tão progressiva decadencia?

Escute S. Ex. um rifão que o meu patricio Sancho Pança me está aqui dizendo ao ouvido, e do qual eu apenas entendo estas ultimas palavras: « ..... muito é barão ».

Talvez que n'elle possa S. Ex. conhecer a verdadeira causa do infortunio dos pobres bichos, isto é, o azar que os faz perder sempre no seu jogo.

***

Boa occasião seria esta para solicitar do illustre Prefeito Municipal um actosinho de energia em beneficio do povo que tranzita em bondes da Companhia Villa Isabel; mas..... o Banco da Republica é o dono d'essa companhia.

Eu creio piamente que da parte do honrado Prefeito não falta vontade de ir em soccorro d'essa parcella dos seus municipes, e certamente já sérias providencias teriam sido dadas, se outro fosse o dono da companhia.

Entretanto, para que o exemplo podesse servir de estimulo ao proprietario da Companhia Villa Isabel, bom seria que a Prefeitura chamasse á ordem as demais companhias de bondes, compellindo-as ao exacto cumprimento dos seus contractos e respeito ás determinações legaes de utilidade e de garantia publicas, que lhes são applicaveis, taes como apparelhos salvavidas, limite de lotação e numero de carros e de viagens sufficientes a satisfazer á necessidades do tranzito publico.

Sobre este ponto principalmente é que se deve accentuar a energia do chefe do poder municipal.

Se as companhias não podem ou não querem satisfazer esta condicção, desaproprie-as por utilidade publica, e abra concurrencia á concessão dos privilegios, ficando o novo concessionario obrigado á aquisição do material existente mediante avaluação.

O interesse geral de uma grande população não pode permanecer assim sacrificado ao interesse particular de alguns individuos.

***

Como temos assignantes em Paris, vou consignar aqui uma nota de subido valor para ser aproveitada na primeira reedição do Diccionario Larousse:

— **Figueiredo Pimentel.** Acclamação, 14 — Nictheroy (Vulgo Praia Grande).

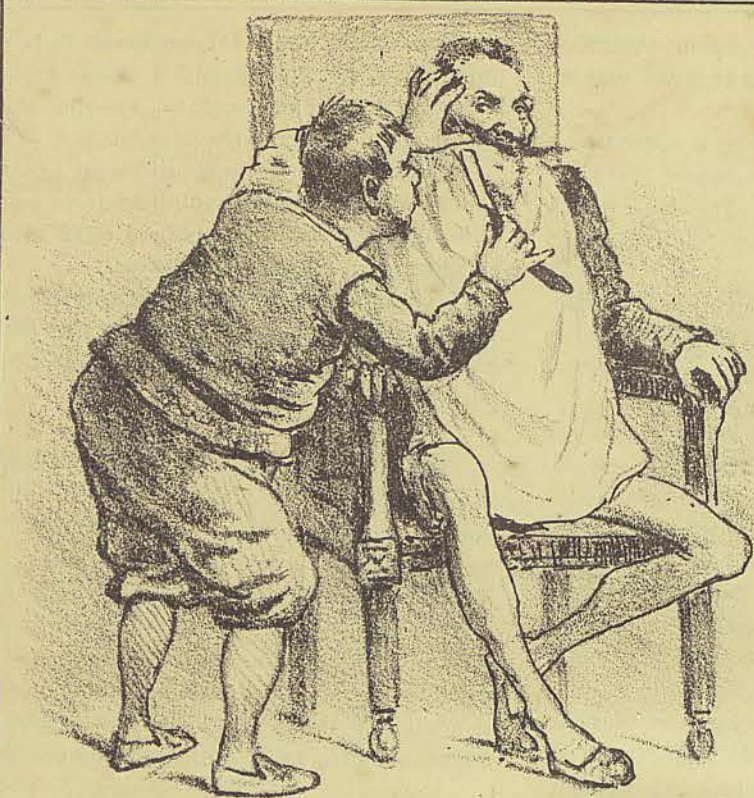
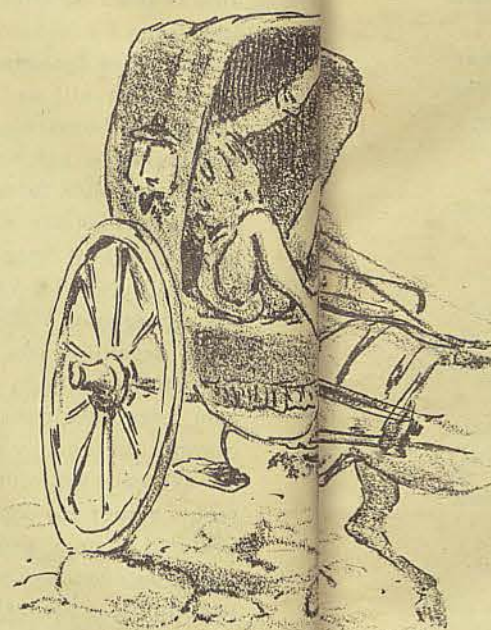
N. em Macahé a 11-10-69. (69!...)

Informação biographica. Vide *Diario de Noticias*, Rio de Janeiro — Brazil — n. 3,493 de Quinta-feira 21 de Fevereiro de 1895 — secção: *Diario Bohemio*.

MESTRE NICOLAU.

FERROADAS

Estão licenciados pela policia, para sahirem á rua, nos tres dias de Carnaval, os seguintes grupos: ZÉ PEREIRA DA LEGALIDADE, GRUPO DOS CUBANGOS, SOCIEDADE PRAZER DOS JACOBINOS, LANCEIROS DE CASTILHOS, PHANTASMAS RESTAURADORES e GRUPO DOS GENUINOS....

++

Convidado a jantar em casa de uma distincta familia brasileira, Don Quixote prepara-se ajudado pelo seu fiel escudeiro Sancho Pança.

E mettendo-se bury (Nunca mais!) fez-se co moràdia do Sr Visconde d

D. Quixote é recebido com toda a urbanidade pelos donos da càsa e mais membros da familia que lhe são apresentados.

Momentos depois, annuncion-se que o jantar estava servido.

A um brinde feito a D. Quixote este responde: — Senhoras e Senhores, brindo á familia brasi que sempre distinguio-se pela sua boa harmonia e carinho entre seus membros; por isso espero que s acompanhado n'um brinde que faço á pacificação do Sul pois que... — Não apoiado!... — Apoiadis — O meu tio diz não apoiado, porque está se enchendo com os fornecimentos para... — Atrevido! — N admitto que insulte meu irmão!... — Custodista de uma figa! — Florianista do diabo! — Estás da mo. porque acabaram as vaccas gordas... — Pois sim, mas ellas hão de voltar. — Não apoiado. — Ap

Afinal tudo aquillo acabou em sarilho medonho no qual marido e mulher, sogra e genros, tios e sobrinhos, filhos, nettos, primos e primas, compadres e amigos, deram-se pancada de criar bicho!!!

A' vista disso, D. Quixote raspou-se exclamando: — Decididamente este povo enlouqueceu!!!

A. Agostini

Todos estes grupos pretendem dar muita sorte, zabumbando atroadoramente pelas ruas desta cidade, como verdadeiros carnavalescos que são.

A' frente destes monumentaes Zé PEREIRAS irão todos os filiados a cada grupo, devidamente caracterisados, cantando e dançando rebolãdamente....

++

Sobre o tal — *Grupo dos Genuinos* — convém muito uma explicação: A 4 do corrente um jornal da cidade do Rio Grande publicou um telegramma expedido do Rio de Janeiro, que dizia o seguinte: « A situação aqui é muito melindrosa. Os *republicanos genuinos* estão descontentes. »

O grypho é nosso.

++

Agora, vejam: nós conhecemos, entre outros, dois distinctos *republicanos*, que estão descontentes com a politica do actual governo, que é a causa do *melindre* da situação: são os Srs. A. G. e E. S.

Eis, portanto, dois dos *genuinos*.

++

Mas o diabo é que a protestar co tra essa *genuinidade* estão ahi as collecções do *Novidades*, desta Capital, e do *Mercantil*, de S. Paulo, jornaes que foram redigidos pelos referidos Srs. e que erão tão republicanos como eu sou bispo de Londres...

++

Ergo.... bólas para os taes *genuinos*.... e viva o *Zé Pereira!*

++

Pois, viva! mesmo, uma vez que estamos em pleno Carnaval dos politicos *retroactivos*, que pensam que a republica é monopolio de jacobinos.

Pois eu declaro, alto e bom som, que sou republicano prehistorico e que odeio tanto, tanto os jacobinos que só fazendo da pelle delles um phenomenal zabumba para....

++

Pum! pum! pum! — pum! — pum!, pum, pum!

++

Eu não digo que jacobino é o diabo?

Ahi está agora o caso do artista Hilarião Teixeira que acaba de ser demittido pelo sanhudo director da celeberrima Casa da Moeda... por não querer assignar um papel, por se recusar a praticar uma baixeza!

Mas jacobino é assim mesmo...

Já me admirava que um verdadeiro artista como o Hilarião, contemporisasse tanto com as bernardices jacobinescas, reinantes ali no mal aproveitado edificio da Praça da Republica.

Um bravo! ao Hilarião.

PERNILONGO.

NOTAS

Continua a agitar-se no dominio da imprensa a importante questão da pacificação do Rio Grande do Sul. Neste momento em que a Patria, fatigada ainda por uma lucta intestina que abalou o seu credito, desorganisou as suas finanças e foi causa enfim de grandes males para a população, começa a reorganisar-se sob as azas brancas da Paz, é da maxima urgencia para o nosso desenvolvimento material e intellectual a prompta solução d'esse grave problema politico e social.

Si porventura ainda restam entre nós odios e prevenções geradas por essa discordia intestina, olvidemol-as na grande confraternisação dos que procuram esquecer os erros do pasado diante da imagem venerandr da Republica.

—

Mais uma victima da impericia dos motorneiros dos bonds electricos. Desta vez foi uma interessante joven de 16 annos que terá de arrastar toda a vida com um defeito physico e isso porque as companhias de bonds só cuidam dos seus interesses em detrimento da segurança da vida do publico.

Motorneiros feitos da noite para o dia, com uma aprendizagem de 3 ou 4 viagens, desconhecendo os effeitos da electricidade, poem em constante perigo a vida dos transeuntes e passageiros. E não é sómente nos bonds electricos que vemos isto. Em todos os outros, cocheiros brutaes disparam os carros, negam-se a parar para sahirem ou entrarem passageiros, fazendo-se surdos aos repetidos signaes de tympano. Em algumas companhias o estado dos carros é pessimo, e o das linhas não é melhor.

Todas as companhias procuram melhorar os seus vehiculos, o espirito progressivo é innato em todos os povos; só aqui ainda vemos hoje os bonds feitos no modelo dos primeiros que appareceram: os mesmos bancos de madeira, as mesmas cortinas impossiveis, que não defendem do sol, que os conductores negam-se a descer, sob pretexto de atrazarem a viagem, e que em tempo de chuva são verdadeiras goteiras que molham inda mais os passageiros. O numero de carros é insufficiente para a população, que, não tendo como nas cacitaes da Europa, o recurso dos carros de praça em grande quantidade e por preço mais que modico, afflue para os bonds. Quando teremos nós uma cidade onde se possa viver, sinão confotavel ao menos decentemente?

—

O proprietario do café do Papagaio inaugurou, quarta-feira passada, uma novidade no seu estabelecimento. Poz na sala um piano que acompanha um violino e um bandolim. Moderno não ha duvida, moderno e distincto. Quer o amigo um conselho? Complete a obra; ponha umas anteparas nas portas pois cafés de portas abertas só vemos no Rio de Janeiro, arranje uma voz, um cantor emfim, e organise concertos, solando o violino, o bandolim ou o cantor com acompanhamento de piano.

Dê-nos alguma coisa como os cafés de Pariz. E' preciso romper com esta rotina monotona que torna insipida a nossa cidade.

Sejamos modernos.

Em todo o caso o distincto negociante merece cumprimentos pela innovação.

Continue.

—

Estamos com o Carnaval á porta. Carnaval é um modo de dizer, pois quem viu as festas carnavalescas de 1880 e 81, só póde achar uma grande semsaboria os folguedos de Momo nos ultimos annos. A geração que floresceu nesse tempo, que ainda não é **velha**, tinha talento e espirito; os bailes á fantasia em casas particulares primavam pelo espirito fino, pelo apropriado dos typos, pelas **entradas** chistosas. Nas ruas era a mesma cousa: as allusões espirituosas dos prestitos despertavam o riso franco do povo.

Mas hoje temos o espirito da **serpentina**! Viva pois a serpentina!! Ao Carnaval!

REPORTER

Pensamentos e Reflexões

O DINHEIRO

O dinheiro só tem esta utilidade real: servir para a acquisição das cousas que precisamos e apetecemos.

O individuo que o possue, e, para não despendel-o, se priva do que é nessecario ao conforto da sua exitencia, por mais esperto ou assisado que se considere, é verdadeiramente um tolo.

E' d'esta tolice que se nutre um bando de urubús humanos que esvoaça em torno dos defuntos ricos.

MESTRE NICOLAU

CHINOISERIES

> Si de facto a carta é do Snr. A. de Miranda, pezames aos romeiros da estrada de S. Thiago e parabens ao Instituto Historico e Geographico do Brazil.
>
> F.P.-*Diario de Noticias*

Tua verve, caro amigo,
é um ABORTO de talento;
obra mesmo de espavento
pareceu-me o tal artigo.

De que te conheço a prova
eu vou dar-te, e não a encubro:
por detraz de ti descubro
dois GENIOS de marca NOVA.

Vi que a um ataque GAIATO
servido teu favor tinha;
quizeram TIRAR SARDINHA,
fizeram-te a MÃO DO GATO.

Mas... adiante: Eu dizia
que são dois nullos, sem senso,
que votam um odio immenso
a tudo que tem valia.

DUO feroz inimigo
de todo o esforço sincero!
Seus nomes... dizer não quero
por ora. Guardo-os comigo.

De a tudo atacar a sede
seus espiritos sacóde.
Quem tem taes sachristas, pode
limpar as mãos á parede.

LU-NO

—

AO DEMOCRATA valente
sauda O BARDO CHINEZ
Um abraço forte, ardente
AO DEMOCRATA valente.
Defensor intransigente
do Bem, na lucta se fez.
AO DEMOCRATA valente
sauda O BARDO CHINEZ

LU-NO

OS QUE PASSAM

Felix Bocayuva, o nosso amigo e collega d' *O Paiz*, acaba de passar por uma d'essas dores tanto mais fortes quanto inesperadas, que vêm insidiosamente assaltar os que só têm para consolo das lutas affanosas da imprensa as alegrias do lar.

Sua gentil filhinha Fernanda, o enc. nto do seu sensivel coração de pae e de artista, acaba de fallecer subitamente, deixando como unica lembrança uma memoria querida nesse lar que animou um dia com risos infantis. Associando-nos á dor do nosso bom Felix e de sua esposa, inclinamo-nos commovidos ante esse berço vasio.

N.

EXCAVAÇÕES

O tenor Tamberlick, uma occasião em Vera Cruz, no Mexico, foi surprehendido em caminho por uma quadrilha de salteadores. Tiraram-lhe 200 mil francos e conduziram-no a umas ruinas onde achavam-se acampados.

De noite o chefe dos bandidos approximou-se do artista:

— « Disseram-me que és cantor, canta alguma cousa para distrahir-nos. »

O tenor, servindo-se de uma guitarra para acompanhar-se, deu um verdadeiro concerto: trechos do *Trovador*, dos *Martyres*, do *Ernani*, enthusiasmaram tanto os bandidos, que applaudiam freneticamente.

Ao romper da manhã, quando todos dormiam, o chefe chegou-se a elle e restituio-lhe a bolsa.

O artista abriu-a e viu, além dos seus 200 mil francos outros 200 mil.

— O que é isto? disse elle.

— Quando vou ao theatro, tornou o bandido, pago sempre o meu lugar.

— Tome a sua bolsa, continuou, e pode já partir, é livre.

Archeologo.

De chapeu na mão

Tivemos o grande prazer da visita dos Srs. Dr. José Marianno e José do Patrocinio, que nos vieram trazer a animação dos seus applausos.

Retribuindo os seus comprimentos, sobremodo honrosos, enviamos um abraço ao intimerato tribuno pernambucano e outro ao grande jornalista, cuja penna é uma clava de Hercules.

D. Quixote.

Theatros

Ainda bem que o appello por mim feito á imprensa e aos escriptores de theatro para a reacção contra os desorientadores do gosto do publico e aviltadores da arte dramatica, começa a ser por alguns attendido.

Em primeiro lugar sahio já a campo o *Jornal do Brazil* em bem elaborado artigo de critica severa e convicta.

Em segundo, o abalisado comediographo A. A., em sua *Palestra* domingueira n'*O Paiz*, veio fulminar com um valente golpe de penna o acanalhamento artistico de uma empresa, que foi, no theatro de S. Pedro d'Alcantara, dignificar o vandalismo praticado no palco de João Caetano pela admissão de uma companhia de circo.

Vamos, collegas, ás armas!

Imitae o grande Reformador Nazareno, fazendo das vossas pennas azurrague para expellir do Templo os mercadores.

Tive, na noite de segunda-feira 18 do corrente, verdadeira satisfação de ver o *Recreio Dramatico* quasi cheio de um publico limpo e bem educado, que applaudia sem algazarra, mas agradavelmente commovido, *As duas orphãs*, — um bom drama, cheio de scenas enternecedoras, de lances commoventes, de exemplos de abnegação e de edificante lição para o espirito.

A execução d'esse drama pela companhia do Dias Braga, se não é precisamente de uma correcção completa, é, comtudo, attentos os elementos de que dispõe, regularmente acceitavel.

Livia e Adelaide Coitinho, nos papeis das duas orphãs, souberam conduzir-se de maneira a impressionarem sufficientimente o auditorio, e Ferreira e Dias Braga, aquelle no papel do *aborto* e este no do conde, mostraram-se artistas conscienciosos na altura do bom nome que possuem.

São tambem dignos de encomio: Leolinda, Delorme, Elisa, Bragança e Domingos Braga.

Rangel, no papel de medico, estava deslocado; faltou-lhe distincção e feição apropriada ao caracter do personagem, cousas a que nem o seu physico, nem o timbre de sua voz se prestam.

Cumpre, no entanto, reconhecer que, se nos não deu um medico *comme il faut*, tambem não o sacrificou.

No *Sant'Anna* reapparece novamente em scena *A Cornucopia do Amor*, magica original do Dr. Moreira Sampaio, cujo objectivo já foi pelo proprio autor definido em carta que dirigio a Arthur Azevedo em folhetim d'*A Noticia*.

E' merecidamente elevado o conceito em que tenho, como escriptor de theatro, ao Dr. Moreira Sampaio, para esperar do seu provado talento trabalhos que possam, com mais proveito para a letteratura e para a arte, e mais lustre para o seu nome, dar-me ensejo de lhe tecer n'esta secção os louvores que me abstenho de dar-lhe pelo que ora se exhibe no Sant'Anna.

No *Apollo* annuncia-se o reapparecimento da companhia que alli funccionára o anno passado, e que, de volta de S. Paulo, vae recomeçar os seus trabalhos com a opereta (?) em 3 actos e 6 quadros, original de Arthur Azevedo e Eduardo Garrido—dous auctores de reputação firmada—e musica de diversos compositores, intitulada: *Pum*!

Irei vel-a (pela primeira vez) e na edição seguinte fallarei sobre ella.

O *Variedades*.... não vale a pena.

Sansão Carrasco.

A nossa meza

Recebemos:

— Do nosso distincto collega *Le Brésil Republicain*, um exemplar da sua edição expecial commemorativa do anniversario da sua fundação, acompanhado de uma amavel carta subscripta por seu illustrado Director o Snr. A. Reynaud, mimoseando-nos com um bello exemplar da *Agenda-Buvard do Brésil Republicain*, livro que reune ao util o agradavel de umas illustrações cheias de espirito.

— O n.º 13 da *Revista Industrial de Minas Geraes*, da qual é director o illustrado Snr. Alcides Medrado, acompanhada de um cartão de comprimento. Ao pedido, que nos faz, com prazer satisfazemos.

— O 4.º fasciculo da *Revista Brazileira*, precioso repositario de excellentes gemmas litterarias dos nossos melhores escriptores, felizmente ainda não invadido pelos *novissimos*.

— *Revista* da Commissão tecnica militar consultiva, Anno III? ns. 1, 2, 3 e 4, 5, 6 e 7, quatro fasciculos, contendo artigos importantes sobre assumptos que lhe são proprios.

— *Boletim Quinzenal de estatistica demographo-sanitaria da cidade do Rio de Janeiro*, Anno II? ns. 22 e 23.

— *Estatutos do Monte-pio União Beneficente*, associação de auxilio mutuo entre os seus associados.

— Da Cervejaria « **Brahma** » dos Srs. Georg Maschke & C., uma amostra (12 garrafas.... só!) da excellente « *Franziskaner Bräu*, » que foi logo provada e applaudida com uma trovada de estallos de lingua.

E visto que essa amostra tanto agradou, póde mandar o fornecimento que será recebido com especial agrado.

— Da grande fabrica de luvas de pellica (systema Jouvin) de H. Mattos, successor de M. Boaventura da Silva, um bello chromo-annuncio, e 3 cartões idem.

— *Querida*, valsa de Aurelio Cavalcanti, editada pela casa Vieira Machado & C.

— *Oreillyna*, valsa de D. Henriquetta de Lima, editada por O'Reilly, cirurgião dentista.

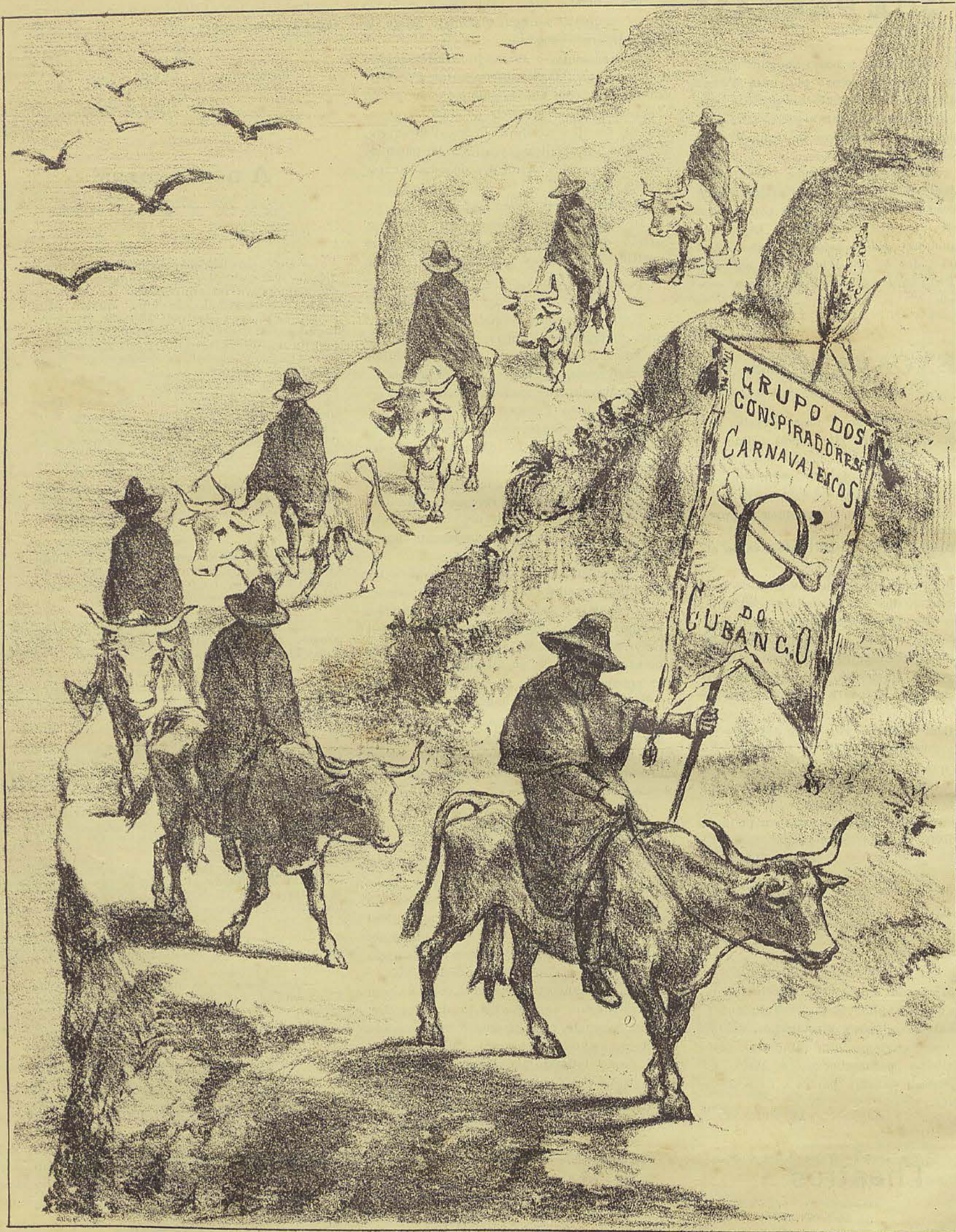
— *Sérénade Enfantine*, de Frederick Bonnaud, para piano, editado pelos Srs. Bevilacqua & Comp.

— *Relatorio*, apresentado ao ministro da Justiça e negocios interiores pelo Dr. F. Fajardo acerca da vehiculação do vibrião no xarque platino.

— *Club dos Progressistas*, um amavel convite, em elegantissimo cartão, para os seus pomposos bailes á fantasia em 23, 24 e 26 do corrente. Lá iremos levar-lhe a expressão do nosso apreço.

A todos agradecemos.

Mezario.

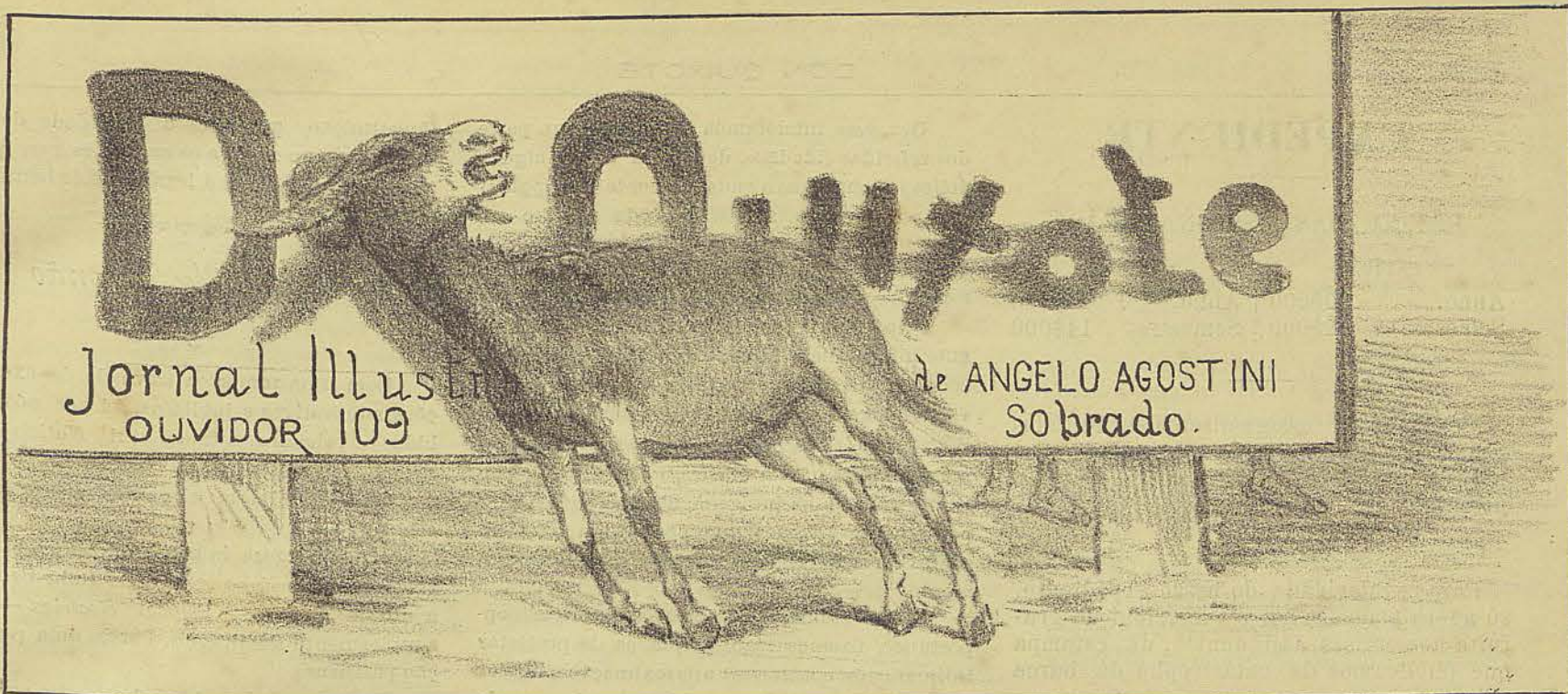
L'EXPRESS, Typ. a vapor rua da Assembléa 75

Magras agora!
Troló, ló, ló!
Gordas outr'ora,
Hoje... osso só!

Vamos descendo!
Troló, ló, ló!
Tristes roendo
Este osso só!

Que tranglomango!
Troló, ló, ló!
Té o Cubango
Osso foi só!!!

D ... uixote

Jornal Illust... de ANGELO AGOSTINI

OUVIDOR 109 Sobrado.

D. Quixote. — Como é chic e elegante esta "Noticia Illustrada"! Aceite a collega os meus cumprimentos como os de um dos seus mais calorosos admiradores.

Sancho Pansa — O patrão tem bom gosto e eu vou nas suas aguas.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno. .	20$000	Anno. .	24$000
Semestre	12$000	Semestre	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Para regularidade do nosso expediente, só agora podemos fazer a distribuição gratuita aos nossos assignantes, da estampa que publicamos da catastrophe da barca «Terceira».

Os que desejarem possuir mais de um exemplar, terão a bondade de juntar ao pedido a respectiva importancia, em moeda corrente ou em sellos do correio.

O preço de cada exemplar é de um mil réis devendo as cartas ser registradas.

Aproveitamos a opportunidade para declarar aos nossos assignantes que, por absoluta falta de tempo, não nos foi possivel ainda dar este numero com os melhoramentos que pretendemos introduzir, pelo que pedimos desculpa.

N. B. — Todas as pessoas que tiverem de nos enviar dinheiro, em cartas registradas, podem-n'o fazer sem o menor receio da «torração» desinfectante, graças ao pedido que fizemos á illustre commissão sanitaria.

O seguro morreu de velho.

A ADMINISTRAÇÃO

RIO DE JANEIRO, 2 de Março de 1895.

REVOLTOSOS

Entre as criticas carnavalescas, que fizeram parte do prestito do Club dos Fenianos, figurou salientemente o celeberrimo wagon de carga 136 V, que um ex-director da nossa estrada de ferro central transformára em prisão ignobil, com o fim muito *justo* de converter os pobres discolos á sua fé politica, de transmudar os rebeldes ás doçuras da farda em voluntarios patriotas, e até, simplesmente, para castigar os que ousavam externar humildemente meras reclamações sobre o trafego de mercadorias.

Essa critica mordaz e tambem justa, posto que tivesse despertado merecidos applausos da multidão enorme e ruidosa que assistio ao desfilar do prestito folião, não deixou, todavia, como era natural, de produzir certo desgosto em uns tantos cidadãos, que, positivamente, não estão dispostos a tolerar que a justiça, mesmo a da galhofa, dê certeiros golpes nesses e em outros que taes actos reprovaveis, com o seu gladio vingador.

Ora, essa intolerancia incuravel por parte dos referidos cidadãos, deu causa a que alguns delles affrontassem a onda crescente dos applausos populares, e, á passagem do prestito em certo ponto da rua do Ouvidor, gritassem: — *Morram os Fenianos! Viva o Marechal Floriano!*

Se a esta desastrada exclamação não se seguio um conflicto lamentavel, foi porque nessa occasião, estando a desfilar o prestito carnavalesco, era a attenção popular fortemente solicitada pela successão de outras criticas, ao mesmo tempo que a musica buliçosamente alegre de uma polka indigena, abafava quaesquer pensamentos tristes que porventura viessem conturbar a jovialidade communicativa do momento.

Occasionalmente ouvintes desses gritos inopportunos, fizemos logo a justiça de protestar intimamente contra essa approximação singular de entidades tão diversas... Mas, depois, quando recolhidos ao nosso gabinete de trabalho pensamos na origem real, na significação positiva, nas consequencias *procuradas* de taes vivas! intempestivos; quando reflectimos que elles não são mais que o resultado de uma obsecação fetichista, sedenta e ferôz, corollario fatal de idéas absurdas, apoiadas e criminosamente propagadas pelos que se acostumaram á vida facil e farta das pingues commissões e do monopolio de interpretar a seu talante a opinião *genuinamente republicana* — convencemonos profundamente de que a legalidade de hoje precisa de acautelar-se dos que, tendo servido a legalidade de hontem, não o fizeram desinteressadamente, como, aliás, alguns de seus partidarios.

Sim! E' preciso dizer-se que os revoltosos de hoje são muitos dos que atiraram todos os vilipendios á face dos revoltosos de hontem.

Os rebeldes de hoje são todos os que, devendo prestar ao governo legal de agora, pelo menos o apoio do seu silencio, andam por ahi a procurar pretextos á expansão das suas saudades pelos tempos da legalidade passada, que, valha a verdade, não deixou de si memoria muito invejavel...

Os revoltosos de hoje, isto é, os que não estão satisfeitos com o governo do Sr. Dr. Prudente de Moraes, talvez porque elle prometteu e mostra cumprir fielmente a Constituição, são, pelo menos, todos os que, tirando todo o proveito das circumstancias criticas da épocha, fizeram á legalidade de hontem o inolvidavel sacrificio de. . andar com a têta na bocca, segundo a phrase popular, incisiva e pittoresca.

Nós não pedimos que se faça contra estes revoltosos o mesmo que se fez contra os outros e até contra os que o não foram; porque, além de nos ser repugnante o papel de selvagem, temos confiança na força da opinião que ahi está a fazer a couraça formidavel do nosso primeiro governo civil, para resistir aos ataques dos que, pelo muito abusar do cachimbo, passaram a ser os verdadeiros sebastianistas da actualidade.

O que desejariamos, porém, era que estes revoltosos apparecessem com o seu programma politico bem definido, arregimentados e a descoberto, para que pudessemos, *ás claras*, medir-lhes conscienciosamente a estatura moral.

Ou, então, que elles dissessem, intrepidamente, quaes as violações que ha a fazer na Constituição, para que a legalidade de hoje lhes mereça o apoio e os sacrificios que, *patrioticamente*, prestaram á legalidade de hontem...

De chapéu na mão

Com uma rumorosa trovoada de exclamações admirativas e jubilosas, foi por nós recebido o primeiro numero d'*A Noticia Illustrada*.

Que bello! que elegante! que *chic* que está!

Aquella figura da primeira pagina, as illustrações do *Domingo gordo*, do Lulú Senior e a ultima pagina — *Viagem electrica* — estão simplesmente admiraveis. Parece uma publicação parisiense.

Em um anhelito de enthusiastico amplexo todos os nossos braços se estendem para o Julião... o modesto, o amavel, o querido Julião Machado, tão affavel camarada, quão distincto artista.

Quanto ao texto da *Noticia Illustrada*, para melhor recomendal-o, basta dizer-se que é obra de uma confraria, da qual é juiz ou provedor o famoso Lulú Senior.

Já! quanto antes um segundo numero para fóra, visto que o primeiro faz chorar por mais.

E cá estamos de mãos abertas, *vis à vis* uma de outra, para a roda de palmas com que o queremos receber.

Anda, Julião!

++

Fantasio, o apreciavel e fantasioso chronista da *Gazeta de Noticias*, cujo estylo admirevelmente elegante e singelamente artistico assás denuncia o primoroso poeta dos *Versos*, obrigou-nos no domingo, 24 do mez findo, a tirar o chapéu em um comprimento de applauso ante aquella explendida jaculatoria á medicina fluminense a que deu o titulo de *A Amarella*.

Que fino espirito e que judiciosa satyra!

Venha de lá essa mão para lh'a apertarmos entre as nossas com affectuoso enthusiasmo.

CARNAVAL

Em grande e franca expansão de ordeiro regosijo, entregou-se a população desta cidade a um folguedo quasi delirante nos trez dias de Carnaval.

As ruas principaes e de maior tranzito, ornamentadas de bandeiras e flamulas multicores e de arbustos indigenas, offereciam á vista um aspecto alegre que se communicava ao espirito, dispondo-o confiadamente ao inoffensivo combate dos confetti e das serpentinas—os bemvindos successores do limão de cera e da bisnaga, de condemnada memoria.

Das janellas e das portas das casas, moças e crianças, com uma adoravel familiaridade de occasião, correspondiam ousadamente aos ataques dos trazeuntes, arremessando-se punhados e punhados de confetti, que se desenrolavam

em ephemeras nuvens iriadas, matisando os cabellos, as roupas, e alcatifando o chão.

Na rua do Ouvidor, principalmente, onde o tranzito foi enorme, esse amavel e elegante tiroteio foi descommunal!

Grupos de mascarados mais ou menos ridiculos uns, e mais ou menos elegantes outros, cada qual marchando ou saracoteando ao compasso das musicas apropriadas de que se faziam acompanhar, cruzavam-se com frequencia augmentando com sonoroso contingente o volumoso rumor da multidão de vozes que estardalhavam no ar.

De vez em quando, um carro aberto conduzindo luxuosos dominós e bellas Hetairas ricamente fantasiadas, passava a passo, recebendo e retribuindo ellas as descargas de confetti com que eram festejadas.

No ultimo dia, terça-feira, a procissão carnavalesca do Club dos Fenianos, foi a nota mais brilhante do carnaval d'este anno.

De bellas allegorias e de chistosas criticas a factos politicos e industriaes occorridos no anno passado, secundadas, cada qual, por sua guarda de honra montada, significando o objecto que visavam, se compoz a serie de carros que constituio a vistosa procissão, que o povo recebeu com caloroso applauso e premiou com riquissimas corôas.

A' noite, as illuminações a gaz de arqueadas gambiarras em diversas ruas, e a de fogos de bengalla que se accendiam a cada momento em differentes pontos, vieram ainda mais abrilhantar o espectaculo festivo a que a população assistia jubilosa.

Felizmente, a chuva, essa impertinente chuva com que a *Divina Providencia* costuma habitualmente desmanchar os prazeres do carnaval, só ás dez horas da noite veio, este anno, com um moderado borrifo, ordenar nas ruas e praças o encerramento da festa.

Nos theatros, porém, e nos salões dos Clubs e de algumas casas particulares a folia só terminou quando o primeiro alvor da aurora annunciou, pela côr de que tingio o ceu. a chegada da quarta-feira de cinza.

***

CLUB DOS PROGRESISTAS

Explendida e pittorescamente ornamentado com uma fechada rede de serpentina retorcida e multicôr, e tufos de papel de seda azul e branco simetricamente despostas a cobrir as paredes, o salão dos amaveis e alegres *Progressistas* offerecia á vista dos seus visitantes um aspecto agradabilissimo e original.

De per si só, essa ornamentação dava do bom gosto e do bom criterio dos *Prograssistas* uma excellente ideia.

No meio d'esse risonho ambiente, uma multidão de pandigos, pareados por bellas e languorosas Aïdas e não menos deliciosas Manteigas, maxixaram com inexcidivel bravura durante as noites de sabbado, domingo e terça-feira.

As fantasias alli exhibidas, se não primavam pela riquesa, agradavam com tudo, muitas d'ellas, pela graça e um certo *que* das folgazonas que as vestiam.

A' digna Directoria dos *Progressistas* felicitamos pelas agradaveis noites que proporcionaram aos seus consocios e convidados, e agradecemos a amabilidade com que nos recebeu.

***

FENIANOS

Infatigaveis folgazões!

Nas noites de domingo a terça-feira, a despeito das fadigas da passeata, esses herculeos carnavalescos ainda *sacrificavam* no altar da deuza FOLIA o culto electrico da sua actividade choreographica!

Salão replecto! Mascaras em penca! Fantasias esplendidas!

Ai! entre estas, uma esvelta mystificadora, uma deliciosa figura *grévin*, com um vestido amarello cintado de rendas pretas e capuz idem, — um inquisitorial capuz, que envolvia no mais perfundo mysterio todo e qualquer indicio que a podesse dar a conhecer — ai! essa cruel, essa tyrannica *inconhecivel*, absorvendo toda a minha attenção, teve o poder de triturar-me a curiosidade, desencubando-a da indifferença spleenetica em que a tinha mergunhada!

E não fui eu só a victima d'aquella mascara sphinge; um bando de mystificados a seguia instantemente formando-lhe um sequito principesco.

E não parava, a perversa! Um furor dançante electrisava-lhe os musculos delicados em um rodopiar infrene, que parecia ameaçar a cada instante o seu desdobramento em uma spiral de fumo prismatico que se esvaecia no tecto do salão!

Cruzes! feiticeira!

Só os Fenianos seriam capazes de maravilhar a gente com tal encantamento.

Em outro baile carnavalesco não me apanharão lá... este anno.

***

TENENTES

Salve, decanos dos sacerdotes de Momo!

Salve, Principes da folia, que constituis a aristocracia do carnaval cavalheiresco!

Na võssa deslumbrante Caverna aure-se o nectar da alegria na christalina tassa da mais cinzelada gentileza.

Por isso o *high-life* das lubricas Imperias a buscam sequiosas do prazer extasiante que a vossa esmerada fidalguia a todos proporciona.

Os vossos bailes são verdadeiras noites de Cleopatra, a realisar na Terra o sonho delicioso do Paraiso de Mahomet.

« Do mar as mais bellas perolas,
« Do sol o bello explendor,
« Das flores raras o odor,
« Da mulher formosa o olhar,
« E mil encantos juntar
« Ao que acima fica dito,
« Formar um "bouquet" bonito
« Para á Imprensa offertar. »

Esta delicadissima estrophe com que os amaveis secretarios **Faceiro** e **Suffocante** retribuiram a assistencia dos seus convidados da Imprensa, dá a medida da alta consideração em que elles soem ter a mais poderosa mola que impulsiona a evolução na incommensuravel obra do aperfeiçoamento humano.

Salve Principes da folia, que constituis a artistocracia do carnaval cavalheiresco!

Salve!

CARDENIO

DURANTE O CARNAVAL

(Recordação dolorosa)

Na triste, escura sala a dor paira, fluctua
sobre o leito, onde jaz a pallida donzella;
não tem mais vida e cor aquella face bella,
o alabastrino seio em ancias arfa, estua.

Vela a familia emtorno e a sciencia recua
ante o poder fatal que o peito lhe esphacéla.
Como a zombar da dor ou reflectir-se nella,
um bando de arlequins passa a cantar na rua.

Là fora o Carnaval brilhava intenso e vivo;
ouvindo-o, quiz se erguer; no labio convulsivo
misturou-se o estertor ao ultimo sorriso!

E recahio no leito inanimada, fria,
fundindo d'este modo, antithese sombria,
o suspiro da morte ao tilintar do guizo!

LUIZ NOBREGA.

TAGARELLICES

Aos habitantes dos aristocraticos bairros das Larangeiras e Botafogo dou os parabens pela boa lembrança que tiveram os Srs. Vasques, Lagos & C.ª, de estabelecerem na praça do Duque de Caxias (Largo do Machado) uma Confeitaria e Rotisseria que lhes forneça em dias festivos quanto precisarem para conforto e regalo dos seus commensaes e convivas de occasiões solemnes.

Aquillo é o mesmo que pôr-lhes o Paschoal á porta das chacaras.

Para provar o acerto d'esta affirmativa, lá estão á testa do novo estabelecimento o Vasques, que é o gerente, e o José Pequeno, que é o mestre confeiteiro — ambos, como todos sabem, antigos empregados da grande confeitaria da rua do Ouvidor.

Com um profuso e bem servido *lunch* á Imprensa d'esta Capital, foi a *Confeitaria e Rotisseria* **Vasques** inaugurada no dia 23 do mez findo.

Todos os jornaes se fizeram representar n'essa festa, sendo n'ella os dignos proprietarios do estabelecimento muito brindados e applaudidos pela feliz lembrança que tiveram de levar aos ricos moradores d'aquelles bairros um melhoramento de que bem careciam.

Pela nossa parte, auguramos-lhes o melhor exito, com grande prosperidade para os seus interesses.

—

Appareceu-nos cá por casa a *Retratista illustrada* de Fevereiro de 1895 (não diz o dia, provavelmente porque só se publica uma vez no mez) para trazer ao nosso conhecimento a manifestação da sua colera contra o *D. Quixote*, externada em um estylo elegante, e primoroso de polidez.

Mas, santo Deus! porque foi que o *D. Quixote* assim incorreu no colerico desagrado da amavel collega?

Só se foi por nunca em suas paginas, quer de illustração, quer de texto, jámais haver dado signal da existencia d'ella.

Factos da emana.

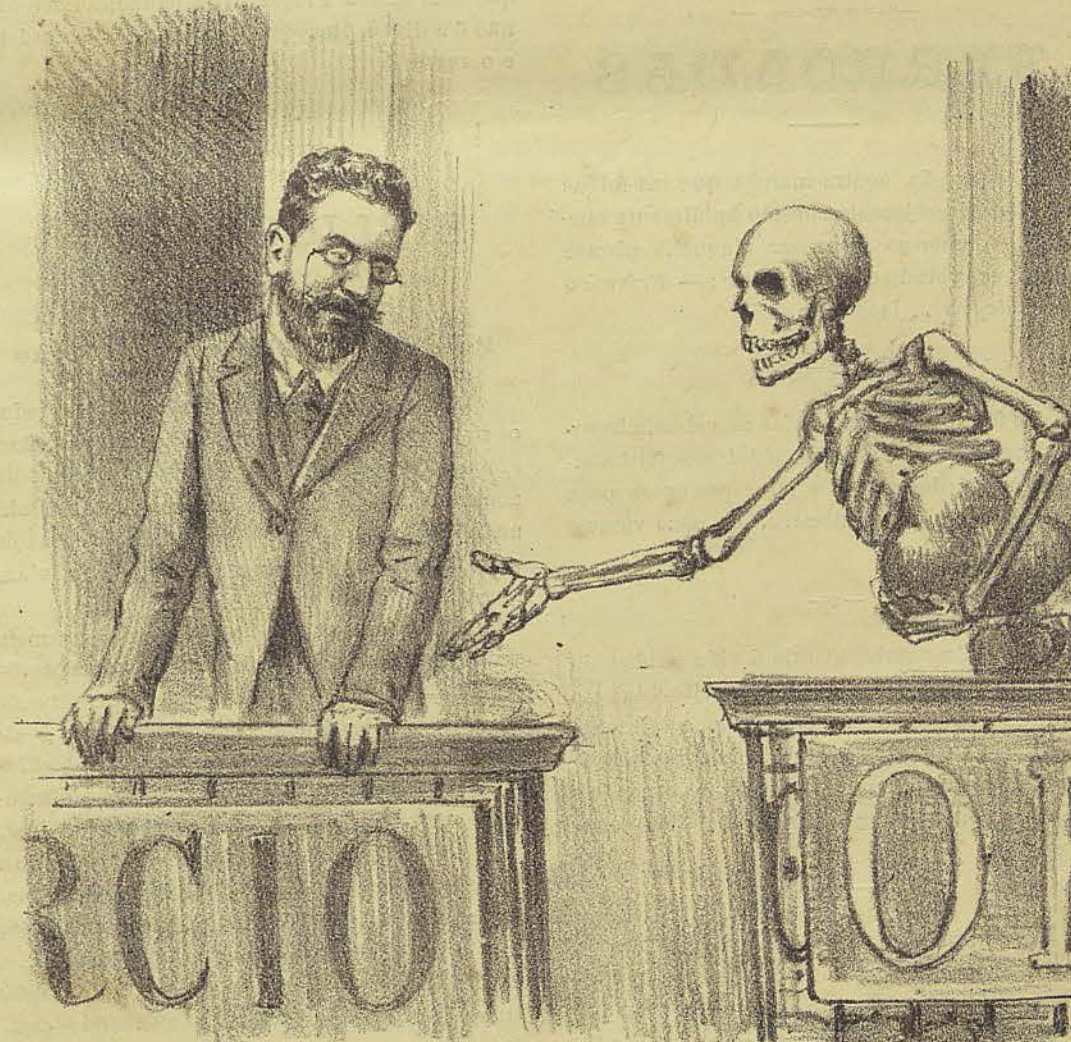
(D. Quixote)

O carnaval, este anno, esteve limpo, enxuto, alegre e divertido. Muitos Zé-Pereiras e os icos Cucumbys. Os Fenianos, unica sociedade que sahiu á rua, apresentaram-se brilhantemente com s allegorias e espirituosissimas criticas. A que mais deu no goto do publico, foi a do celebre symbolo da legalidade do Governo passad vêl-a, alguns jacobinos, commovidos e sau gritaram: — Viva o Flor

Os ultimos confettis...

— Que lixo caro! Quantos contos de réis n'estes papeisinhos!!!
— Póde chamar-se papel moeda...
— Para a Sapucaia.

E dizem que não ha dinheiro! Apezar da enorme emissão de confettis, nem por isso o emprestimo interno deixou de ser promptamente coberto

Em Petropolis, segundo affi a "Gazeta" houve grande entr apezar da prohibição policial

Lulú Senior até confessa que levou um banho em regra. Vingança de alguma sogra...

— "Toca estes ossos "Jornal"! Acredita no nosso coração Jornal,! (Vide "Notas" d'O Paiz de 1.º de Março.) Ora essa! O proprio Paiz confessar-se defunto!...

Realmente, é hoje que pela vez primeira o nome da *Retratista* apparece em nossas columnas.

Se, pois, é por isso, pedimos desculpa da falta que commettemos por ignorarmos que á nossa referencia ligasse a collega tão elevado apreço.

Desvaneça-se portanto, a *Retratista illustrada* de se ver hoje aqui referida na desculpa que lhe pedimos, e póde mandar lá tocar o hymno em regosijo do seu amor proprio lisongeado.

Quanto ao não querer o *D. Quixote* para mestre de coisa nenhuma, isso é arrufo. Ande lá! quando se faz de um nome rótulo para abonar a fazenda da casa, é porque se esta convencido de que quem o possue é mestre na materia.

—

No *Diario Bohemio* de 3ª-feira de Carnaval o artista da phrase que se assigna F. P., diz o seguinte :

« Felizmente, Arthur Azevedo. além de ser um dos mais apreciados escriptores brazileiros, é tambem um homem na accepção legitima da palavra.

....

Aprecio-o, repito, como homem e como litterato. »

Parabems. Arthur, pelo valioso attestado. Se algum dia succedesse que o Sacro Collegio te elegesse Papa, poderias, com elle, (o attestado) dispensar-te d'aquella prova estabelecida desde o successor da Papiza Joanna... *In quantitate magna.*

MESTRE NICOLAU.

FERROADAS

A' vista da contra-marcha que as folhas mais ou menos jacobinas estão habilmente operando, eu começo a pensar n'aquella phrase latina que, parodiada, quer dizer : — *Primeiro viver, depois... jacobinar.*

—o—

De facto, bem observadas as coisas, chega-se á conclusão de que o jacobinismo foi bananeira que já deu cacho, e só serve agora para metter jornaes em camisas... de onze varas e em calças pardas...

—o—

Isto, unicamente, quanto á vida publica da imprensa, pois, o facto é que o jacobinismo continúa a trabalhar, á sorrelfa, especialmente em certas repartições e estabelecimentos publicos, onde os chefes não occultam a vermelhidão (para não dizer-o vermelhão) das suas idèas.

—o—

Nessas repartições, onde o governo precisa de ter um pessoal de inteira confiança, competente e morigerado, muito outro do que o tal que ahi foi encaixado pela famosa *legalidade*, procura-se amesquinhar o merecimento da situação actual, conspira-se, desorganisam-se ainda mais todos os serviços, faz-se, emfim, o papel do macaco em loja de louça....

—o—

Que o governo tem necessidade de olhar para isto e applicar o correctivo justo — é evidente, por todas as razões e por mais esta, de comprovado valor: — *Quem o seu inimigo poupa ás mãos lhe morre.*

—o—

E já que enveredei por este caminho, umas perguntas : — Quando é que o governo pretende livrar o infeliz estado de Sta. Catharina do Snr. Moreira Cesar ? Se, realmente o governo quer a paz no Rio Grande do Sul — quando pretende substituir os famigerados castilhistas que representam o Brazil em Montevideo e Buenos Aires ?

—o—

Desculpe o Sr. Dr. Prudente de Moraes, mas o povo que trabalha espera, ainda! um acto positivo que lhe demonstre que S. Ex. quer effectivamente o congraçamento da familia brazileira.

—o—

Mesmo porque, o Sr. Presidente da Republica já disse em solemne discurso que á sombra da bandeira republicana podiam abrigar-se «todos os brazileiros, todos os americanos, a humanidade inteira».

—o—

Ora, deve partir de cima o exemplo de que a *Ordem e Progresso* da bandeira nacional não é a divisa dos que fomentam a desordem e o regresso...

PERNILONGO.

BIBLIOGRAPHIA

Psalterio de Mario de Artagão

Tenho uma profunda sympathia por todos os rapazes de talento. Adoro-os quasi a todos; e, nas minhas horas de tedio, de supremo odio aos reboleios da Chatice Humana, que por ahi anda muito lampeira, provocando editaes da policia,—elles resurgem a meu espirito n'um largo illuminismo azul.

Então, um conforto salutar de luz, a meia sombra sonóra dos optimismos extranhos cantão para o alto lendas e balladas slavas, lembrando solitario castello feudal que, por acaso, a alvorada de um sonho o illuminasse, esbatida. Ou, para melhor comprehensão d'esse phenomeno, que só se passa em organismos eleitos, construo um mundo particularissimo, sob uma nóva forma especial, sem attritos, sem leis, sem analogias, unico de facto, unico existente, e no qual habitamos e florimos em Arte....

Infelizmente, porém, a realidade ahi está esmagadora, de portas abertas vendendo *espirito* aos toneis, aos kilos, aos metros, ás leguas,—de camisa e de tamancas sujas. Para evital-a só temos um consolo : acceital-a tal qual é em si, sem reticencias nem bruniduras, deixando-a viver regaladoramente.

Hontem, quarta-feira de cinzas, dia seguinte aos de carnavalhamento, dediquei-o á leitura do *Psalterio*, livro de versos do Sr. Mario de Artagão, poeta rio-grandense.

E, como não se tratava dos muitos poetastros que cogumelleião por esta invicta capital, li-o com carinho e amor, sem juizo preconcebido de escola ou grupo. Mario de Artagão é um nome conhecido em nosso meio. Não é um novato, que pede complacencia.

Assim, pois, o sympathico autor do *Psalterio* tem o dever restricto de ser uma individualidade, um romeiro que trabalhe por conta propria com o maximo esmero, sem influencias alheias, senão jamais deixará de ser um mediocre, um continuador de velhas imagens chatissimas, anemicas e carecas. Como por exemplo :

« Como um monturo dando seiva ás rosas »
« Um deluvio cyclopico de lodo »,

e outras muitas identicas.

Ora, o Sr. Mario é bastante intelligente para comprehender que a arte actual, a nobre, a serena, não comporta mais esses estardalhaços á Guerra Junqueiro.

Dexe-os dormir na santa paz das vinhas do Senhor.

Outro defeito que encontramos no Sr. Mario: ligar pouca importancia á estructura do verso, ao rythmo, ao colorido, ao estylo em summa. O seo livro está salpicado de versos assim :

« Ha n'este mundo cousas assombrosas »
« Que isto de fazer versos já possou da moda »
« Como quem topa a tumba de um amante »

etc., que servem, exclusivamente, para indispôr o melhor espirito contra o painel geral da obra.

Isento de taes defeitos ou de taes influencias, o *Psalterio* seria um livro completo, um livro de arte, acceito, incondiccionalmente, de braços abertos. Mesmo assim é um livro bom, escripto n'um canto de provincia amada, digno de ser lido com respeito.

Um aperto de mão ao Sr. Mario, e nosso maior desejo é que a sua amada o leia sempre, com alma e encanto, invocando a mystica figura.

« D'esse Deos que a creança invoca n'uma prece
Antes de adormecer quando a noitinha desce»

JORGE MOREAL.

Homens e factos da historia do Brazil pelo Dr. José Maria Velho da Silva.

O livro do Dr. José M. Velho da Silva é um trabalho que faz honra ao merito do seu autor e que, como livro de ensino, vem preencher uma lacuna muito sensivel na nossa instrucção primaria.

O programma adoptado nas escolas publicas, organisado pelo Dr. Bejamin Constant impõe nas clases 2ª do curso medio e 1ª do

superior. o estudo da historia do Brazil por meio de biographias de seus homens illustres, e o professorado não tinha um livro onde essas biographias se achassem resumidas e systhematisadas de accôrdo com o programma.

Foi, attentendo a isto, que o Dr.V. da Silva organisou o seu livro, que é uma obra de incontestavel utilidade.

L. N.

CHINOISERIES

Nesse instante a penna tomo
sinceramente saudoso,
um adeus affectuoso
dizendo á festa de Momo.

Aos valentes Fenianos
um BRAVO! Ainda brilharam
e com gloria sustentaran
seu nome, firmado ha annos.

O' scintillar de miragem
de mil CONFETTI iriantes,
mais distinctos e chibantes
que o velho entrudo selvagem.

Dominós, pierrots, princezes,
risos, alegrias, flores,
cá ficamos nos labores,
a esperar-vos doze mezes!

LU-NO

OS QUE PASSAM

EUGENIA CUNHA

Em agosto de 1887 escrevi eu sobre um concerto no Conservatorio de Musica, dado por Eugenia Cunha, que então se apresentava no mundo artistico:

« Emfim, a joven pianista possue admiravel talento e expressão, e notavel *entrain* e vigor de pulso. Executou a *Polacca* do Visconde d'Arneiro e a *Lutte intérieure* de Rosinhan, de modo a merecer sinceros applausos. No *menuet* de Saint-Saëns, accentuou o seu vigor de colorista, phraseando correctamente.

« Estude muito a joven pianista, pois não está longe de ser uma gloria nacional. »

E Eugenia Cunha estudou, aperfeiçoou as suas bellas qualidades sob a direcção de seu pai e mestre, o notavel maestro Eugenio Cunha. Em 1891 e 92 tive occasião de ouvil-a. Já então tinha discipulas e composições musicaes de valor.

Com seus irmãos Leopoldo (um violoncellista que promette) e Isaac (um violinista que estuda muito), Eugenia completava um tercetto esplendido.

E agora, quando já via de tão perto a gloria, calaram-se os hymnos da esperança no silencio da morte. Cruel e subita enfermidade neutralisou aquella organisação poderosa de artista, e as corôas que o futuro lhe preparava só poderão agora adornar o seu tumulo.

Comprehendemos a dôr do nosso amigo Cunha ao ver partir do mundo, aos 20 annos apenas, aquella que era ao mesmo tempo sua filha e discipula,mas seja-lhe consolo ao menos a memoria que a distincta pianista deixou entre aquelles que prezam a arte.

L. N.

Theatros

O Zé Povinho, sem empresario que lhe pagasse ordenado, nem ensaiador que lhe marcasse e ensinasse o papel, aproveitou estas noites de carnaval para fazer na plateia (sem cadeiras) nos corredores e nos terraços o que estão acostumados a ver fazer os actores no palco.

Os populares Machados, os collossaes Brandões, os talentosos Leonardos de par com as estrellas varias de varias algarabias, pullulavam, como tiririca, do seio da multidão que atulhava os theatros, e, honra lhes seja, se os não igualaram, é porque lhes falta aquillo que n'elles excede:—a sem cerimonia.

Isto, porem, durou só ate a madrugada da quarta-feira, que foi quando todos se recolheram aos bastidores dos seus penates.

Foi como um parenthesis mettido no permanente carnaval dos nossos palcos.

Cançado, esbodegado e invergonhado da figura que fez, o Zé Povinho volta a occupar o seu posto de espectador pacato e tolerante, que engole por lebre o gato de que o servem.

E, graças a essa bonachonice, ahi temos nos annuncios theatraes as celebridades em penca a trobetearem-se famigeradamente!

E *bibau mano*!

SANSÃO CARRASCO.

A nossa meza

Recebemos:

Do Sr. Raul Pederneiras, digno filho do nosso bom collega do *Jornal do Commercio* Dr. Pederneiras, recebemos um bello desenho á penna, que denota, além de bôa execução, um apurado gosto. Representa o titulo do nosso jornal.

Suppomos que o joven desenhista quiz accodir ao nosso Sancho Pança até hoje encarregado d'essa tarefa. Infelizmente, veio tarde; mas nem por isso deixamos de agradecer-lhe a sua bonita offerta, que guardaremos como uma bella lembrança de tão distincto amador.

—*A Arte*.—Anno I°, n° 2—orgão da Escola de Artes e Industrias do Paraná.—Bem escripto e bem impresso.

—*O Pharol*.—Anno I°. n°. 10—Revista litteraria mensal, pubblicada sob a direcção de Lilazia. Leitura leve para jovens romanticas, e impressão catita.

— *O Facho da Civilisação*.—Anno XXIV° n°. 32—orgão do Club dos Fenianos. Redacção: A prata da casa. Acompanhava-o uma collecção de todos os versos descriptivos dos carros das ideias de que se compoz a sua procissão carnavalesca de terça-feira. Estupefaciente e mirabulante!

— *Revista Maritima Brazileira* — Anno XIV, n° 7 — importante publicação em fasciculos de 125 paginas, sob a direcção do capitão-tenente Manoel Dias Cardoso e redacção dos capitães-tenentes Alfredo A. de Lima Barros e Enêas Oscar de Faria Ramos.

— Do Laboratorio Pharmaceutico Industrial de Athaide Marcondes & C., de S. Paulo, uma folhinha de parede para o corrente anno.

— *Luz y Sombra*.—Anno II n°. 1—Periodico mensal illustrado, consagrado ao progresso das applicações geraes da photographia, escripto em espanhol e publicado em New York, trazendo magnificas photogravuras. E' uma publicação muito util e muito instructiva para todos os que apreciam e exercem a bella arte photographica.

—*O Encilhamento*—romance contemporaneo por Heitor Medeiros—I° volume, com um lisongeiro offerecimento escripto na primeira pagina pelo punho do proprio autor, que muito nos penhorou.

— *Batuque*, tango caracteristico do nosso distincto maestro H. A. de Mesquita, arranjado para quatro mãos por Fausto Zosne.—Edição chic da acreditada casa Vieira Machado & C.

— *A Vida* — polka-annuncio da pharmacia Madureira, de S. José dos Campos, *formulada* por Chrysanto Gaia.

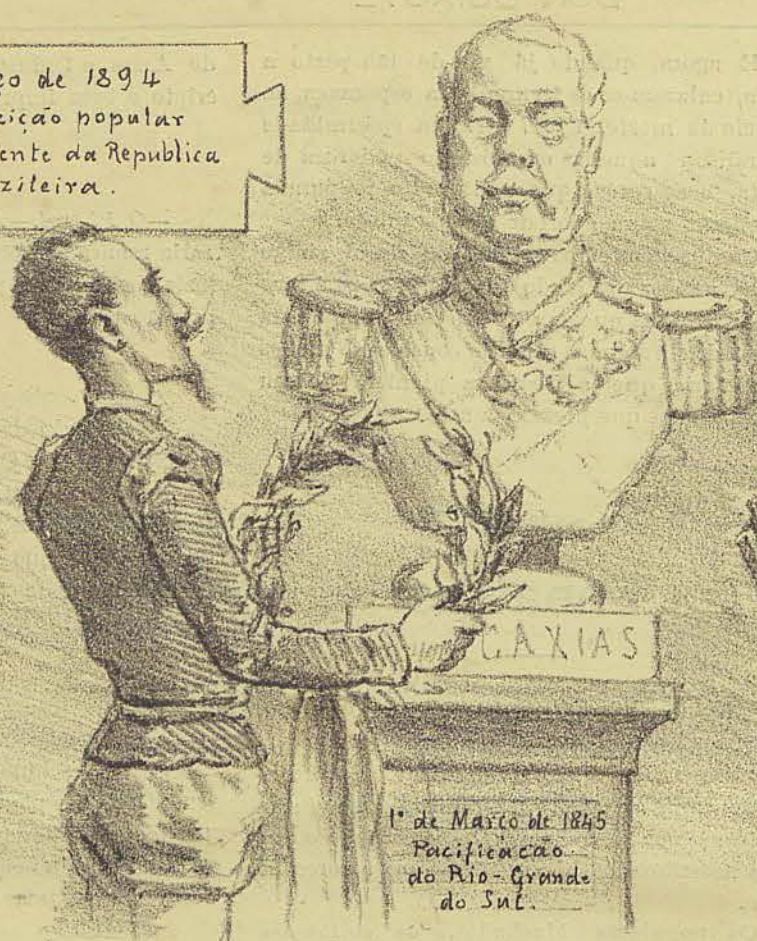
— *Affectuosa* — Schottisch por D. Anna Luiza Moldonado de Freitas, impressa pelos editores Fertin de Vasconcellos & Morand na sua collecção de *Composições Musicaes*.

A todos agradecemos.

MEZARIO.

L'EXPRESS, Typ. a vapor rua da Assembléa 75

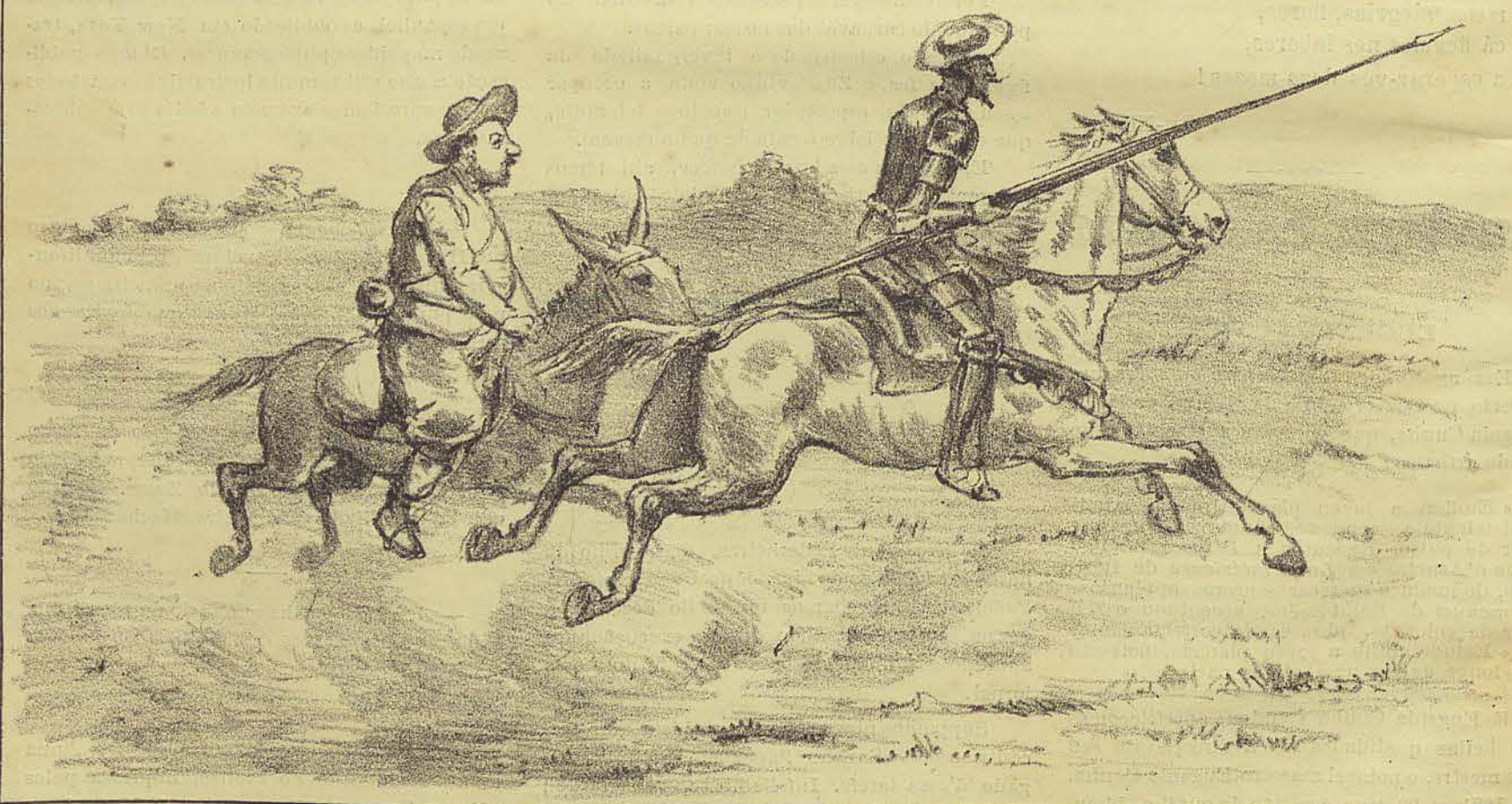
1º de Março de 1894
Primeira eleição popular
para presidente da Republica
Brazileira.

1º de Março de 1870 –
– Terminação da guerra
do Paraguay

Proclamação do Gl. Caxias
em 1º de Março de 1845
Uma só vontade nos una, Rio=
Grandenses! Maldição eterna
a quem ouzar recordar-se das
nossas dissenções passadas.
União e tranquillidade seja
de hoje em diante a nossa
divisa.

CAXIAS

1º de Março de 1845
Pacificação
do Rio-Grande
do Sul.

D.Q — Offereço-te esta corôa e faço votos para que o teu exemplo, illustre brasileiro, seja imitado.

S. P. — Eu cá vou levar isto ao Sr Prudente de Moraes para que elle se mire n'este espelho

A' vista das tristes noticias sobre o que se passa nos infelizes Estados de S. Catharina e Rio-Grande, D. Quixote resolve partir para o Sul.

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 7

JORNAL ILLUSTRADO D AGOSTINI
OUVIDOR 109 sobrad

O APOSTOLO
JORNAL DO COMMERCIO
DIARIO DE NOTICIAS
GAZETA DE NOTICIAS
O PAIZ
CORREIO DA TARDE
GAZETA DA TARDE
JORNAL DO BRAZIL
A NOTICIA
RIO NEWS
SECULO
ECHO DU BRESIL
ETOILE DU SUD
BRÉSIL Républicain

O Doutor Barboza Fera, dardejado por toda a imprensa do paiz, já se vae assemelhando a um paliteiro.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.	20$000	Anno.	24$000
Semestre	12$000	Semestre	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

A ADMINISTRAÇÃO

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 9 de Março de 1895.

O Facto de Pernambuco

No supplemento illustrado que acompanha a nossa edição de hoje, damos o facto luctuoso que acaba de roubar ao heroico Estado de Pernambuco um dos seus mais illustres cidadãos, o Dr. José Maria de Albuquerque Mello, redactor principal do jornal *A Provincia* e um dos chefes do partido autonomista.

Esse facto, que o Poder Central, em vista dos telegrammas que o previam, poderia ter talvez evitado, providenciando no sentido de ser garantida a liberdade eleitoral no pleito que o occasionou, impressionou profundamente a todos nesta capital, como sem duvida terá igualmente impressionado a todo o paiz.

Transcrevendo aqui os telegrammas que de Pernambuco foram expedidos para quasi todos os jornaes d'esta Capital, damos aos nossos leitores os esclarecimentos necessarios para a boa comprehensão do nosso supplemento.

Telegrammas publicados pelo «Jornal do Commercio», «Gazeta de Noticias», «Jornal do Brazil» e «O Paiz»

RECIFE, 4 (1.50, tarde) — O Dr. José Maria foi covardemente assassinado por Carlos Ottoni, commandante da cavallaria do Estado.

Na secção eleitoral em que elle se achava corria tudo em boa ordem.

Houve prohibição, a fim de que os medicos não podessem vel-o.

Commandante do destricto federal está inactivo.

A opinião publica indigita o Dr. Barbosa Lima, governador do Estado, como o mandante do crime, que foi premeditado — *Dr. Phaelante.*

Recife 4

Morto José Maria, a policia occulta o cadaver, tendo recusado entregal-o á familia e aos seus amigos.

A força estadoal, derramada por toda a cidade, carrega contra o povo.

O assassinato deu-se do seguinte modo: José Maria estava percorrendo as diversas secções eleitoraes. Ao chegar á 16ª, situada á rua do Caldeireiro, presenciou ahi que a respectiva mesa recusava um fiscal. José Maria demonstrou em face da lei e dos precedentes o direito de fiscalisar. Ainda não se achava resolvido o incidente, que corria aliás calmo, quando appareceram Ottoni, commandante da cavallaria, e Magno, commandante de policia, acompanhados de officiaes e praças, todos montados, os quaes já haviam procurado José Maria na 10ª secção onde este estivera anteriormente. Vindos do palacio, tanto Ottoni como Magno, logo que chegaram á porta da secção, ainda montados, dispararam diversos tiros, tendo recebido José Maria os primeiros pelas costas, depois do que os dous apearam; invadiram e evacuaram a casa, ficando sós com a victima. O que ahi se passou foi torpe, horrivel.

Já moribundo, José Maria foi atirado sobre um monturo no quintal. Antes dos criminosos sahirem da secção, já a tropa estadoal chegara, provando assim ter havido combinação. Mais força veio depois, impedindo a approximação do povo, que foi varrido de fórma brutal por piquetes em todas as ruas, especialmente nas immediações do logar do crime e na rua Quinze de Novembro. O transito acha-se impedido em varios pontos. O panico é enorme e a consternação geral.

Ottoni, cercado de força numerosa, percórre a cidade affrontosamente, de revólver em punho. Magno, após o assassinato, retirou-se com o sequito de força, constando que foi quem noticiou a Barbosa Lima a consummação do crime, que estava premeditado.

Durante a noite passada, o coronel Leoncio e um capitão, que parecia ser o Góes, estiveram disfarçados debaixo das arvores existentes defronte da *Provincia*, notando-se diversos grupos paisanos e de soldados, achando-se espalhados outros por baixo das arvores das esquinas e por detraz da typographia.

Espalhada a noticia do estado moribundo da victima, muitos medicos acudiram espontaneamente, notando se entre elles os Drs. Barros Carneiro, Teixeira de Carvalho, Mello Gomes, Montenegro e Barros Sobrinho, mas foram impedidos.

José Maria morreu sem soccorro, tendo agonisado cerca de tres horas.

Enluctados pelo triste successo da perda de amigo tão querido, não nos preoccupa o ensanguentado, cuja victoria desapparece na corrente de lagrimas que verte Pernambuco.

Garantimos que o candidato do governo não alcançou o terço do eleitorado que compareceu.

Não temos garantia de vida. O commandante do districto conserva-se inerte, pretextando só dar força ao governador, conforme diz ter recebido ordem do governo federal em telegrammas anteriores, que são em parte ratificados.

Este é expedido depois do exacto conhecimento das circumstancias. — *Estevão Sá, Phaelante, Demetrio, Baltazar Estevão, Oliveira, Orlando, Gaspar, Tolentino, Gonçalves Maia, Martins Pereira, Camara Lima.*

O sr. ministro do interior, procurando desviar de sobre o governador de Pernambuco a responsabilidade do odioso assassinato, enviou ás redacções dos jornaes a seguinte communicação que officialmente lhe foi remetida:

« José Maria, depois de altercar e ameaçar a mesa eleitoral, por não querer esta aceitar o fiscal não eleitor, atirou sobre um mesario, que feriu gravemente, o que deu logar ao conflicto.

« Requisitada força pela mesa, compareceram os coroneis Magno e Ottoni com as respectivas ordenanças; contra estas atirou José Maria e capangas generalisando-se o conflicto.

« Procurando uma das praças defender-se e a seu commandante, José Maria contra ella atirou; do sério conflicto resultou ferimento grave em José Maria, que já falleceu.

« Nos demais pontos corre tudo sem novidade ».

O seguinte telegramma que da *Gazeta de Noticias* do dia 6 transcrevemos dando novos exclarecimentos, confirma todavia os pontos principaes das anteriores communicações:

Pernambuco, 5

« O cadaver de José Maria foi entregue á Exma. Sra. D. Fortunata, sogra do Dr. Manoel Caetano quando a secção ainda estava cercada e ella conseguiu approximar-se do moribundo, assistindo aos ultimos momentos com o padre Silva, vigario da freguezia de Santo Antonio e o capuchinho Celestino. Ella propria carregou ao collo o cadaver, que foi conduzido em carro para a *Provincia*. Todo o commercio fechou-se divulgada a noticia.

« Apezar dos espaldeiramentos dos lanceiros e carabineiros, o povo acompanhou o carro durante o trajecto. Milhares de pessoas rompendo a massa popular visitam o cadaver. Não se descreve o pesar. O cadaver foi despojado de grande somma, annel de familia, relogio e corrente de valor. Verificados os ferimentos mortaes que foram feitos depois, os coroneis Magno e Ottoni estiveram com a victima no interior da secção. Testemunhas affirmam que a victima enfrentou corajosamente os assassinos accressentando que esta, depois de cair, fôra arrastada e recebera os ultimos tiros no interior da secção. As roupas que trajava estão dilaceradas deixando suppor que os assassinos subjugaram a victima que empregava esforços para livrar-se. O corpo apresenta cinco ferimentos: dous mortaes; região tempral esquerda e peitoral direita A cidade offerece lugubre aspecto, nunca visto. A força deixou ultimamente a rua Quinze de Novembro, mas os piquetes de officiaes e soldados espalhados pela cidade commetem desatinos. Amigos mais salientes das victimas estão sem poder transitar, certos de que os provocadores, incitados pelo governador, ficariam impunes. Nenhuma providencia foi tomada para a punição dos assassinos. Consta que Ottoni, após o assassinato, chegando a palacio, dissera ao governador: «acabo de matar o José Maria, matei-o como um porco». Os quarteis de policia e governistas exaltados ostentam satisfacção

Todas as circumstancias do crime são conhecidas por muitas testemunhas. Ha certeza de premeditação do crime, mas todas as provas são perdidas, falta quem possa colher. A policia não fará inquerito, juizes de secção coagidos pelo medo. A situação é desesperadora e de exterminio. O sahimento ás 10 horas. — *A Provincia.* »

Releva ponderar que no dia 3 do corrente o Dr. José Mariano, chefe principal do partido autonomista de Pernambuco, que actualmente se acha n'esta Capital, expedio para o Recife o seguinte telegramma:

« José Maria — Pleiteem maximo denodo. Evitem todo transe perturbação da ordem. Não admitta menor attentado, nem mesmo desacato contra Barbosa, quaesquer que sejam as violencias que elle mandar praticar.

« Se elle trucidar nossos direitos, tanto peior para elle. Paiz inteiro sabe que o eleitorado do Recife está comnosco. Esgotemos primeiro todos os recursos pacificos, depois chegará o dia do ajuste de contas. Agora a menor perturbação prejudicaria a causa legal da nossa Patria.

« Façamos mais este sacrificio.

« Se vencermos, nada de manifestações irritantes. Confio em seu criterio e patriotismo. — *Jose Mariano.* »

Terminando esta noticia, para justificar o que acima dissemos em relação ao Poder Central, transcrevemos ainda da mesma folha o seguinte:

« Hontem de manhã foi aqui recebido este despacho:

« Recife, 4 de março, ás 8 e 45 da m.

— Mesas unanimes, todas recusam fiscaes. Diversos eleitores de Magdalena presos. Nas immediações das secções a cavallaria percorre as ruas. — *José Maria.* »

O Sr. Dr. José Mariano, logo que recebeu este telegramma, dirigio ao Sr. presidente da Republica a seguinte carta:

« Exm. Sr. Dr. Prudente de Moraes. — Para não roubar tempo a V. Ex., que sei tem hoje conferencia com os seus secretarios, peço permissão para dar-lhe pelo presente conhecimento do telegramma que acabo de receber do Recife n'estes termos:

« José Mariano — Rio — Mesas unanimes todas recusam fiscaes.

« Diversos eleitores da Magdalena presos:
« Nas immediações das secções a cavallaria percorre as ruas. — *José Maria.*

« E' do Dr. José Maria de Albuquerque e Mello, ex-presidente da camara estadoal, este telegramma.

« Não preciso encarecer a gravidade da situação de Pernambuco, entregue, permitta-me V. Ex. dizel-o, á furia de um governador tresloucado.

« Com a sua auctoridade moral e desattendida esta, por outros meios que a energia de V. Ex. lhe suggerirá melhor, sem ser entretanto a intervenção material da força federal. V. Ex. poderá conjurar esta crise, que ameaça tornar-se temerosa.

« O governador de Pernambuco collocou-se fóra da lei e não hesita trucidar os direitos dos pernambucanos, estimulado certamente pela solidariedade do Sr. conselheiro Gonçalves Ferreira, que em tão má hora V. Ex. acceitou para uma das secretarias do seu governo.

« Confiando que V. Ex., desejando manter em seu governo a paz e a lei, não será indifferente á sorte do Estado de Pernambuco, aguardo suas ordens, subscrevendo-me com a mais alta consideração, de V. Ex., etc. — *José Mariano.* »

Os telegrammas posteriores a esta noticia não só confirmaram quanto acima referimos, como annunciam a gravidade do estado em que se acha Pernambuco, havendo absoluta falta de garantias e premeditação de outros assassinatos nas pessôas de importantes membros da opposição ao governador.

AMERICANISMO

E' uma theoria falsa radicalmente absurda, essa que por ahi anda correndo mundo com fóros de civilisada—a America é dos americanos.

O espirito moderno, que de dia para dia mais se accentúa, não comporta similhante exclusivismo de patria. Para a observação calma e refletida, abstraida de dogmas politicos e reaccionarios, esse principio proclamado por Monroe representa um estado estacionario incompativel com as correntes civilisadoras. Todos os paizes como todas as congregações sociaes necessitão para o seo completo desenvolvimento, da concurrencia influenciadora de forças estranhas, vindas de centros diversos, onde a civilisação já attingio ao maximo aperfeiçoamento. A propria America do Norte, de onde o brado jacobino partio, é um dos exemplos mais frisantes, mais claros, de que um paiz não póde progredir sem o concurso de novas origens.

Em virtude das reformas politicas e sociaes por que passou o nosso paiz, reformas que em virtude mesmo do seo caracter radical acarretam de momento uma desorganisação em todos os ramos vitaes do paiz, similhante theoria só póde trazer como consequencia a continuidade dos factos previstos.

A nossa lavoura agonisa, isenta de recursos, por falta de braços livres que substituão o ex-braço escravo. E, desde que a lavoura passe por uma crise tão desorganisadora, a industria não poderá de modo algum desenvolver-se, ampliar-se. Por sua vez attendendo-se a paralisação d'estas duas forças basicas, que originam o producto, o commercio e as artes resentem-se forçosamente, não havendo equilibrio entre a exportação e a importação.

Qual, pois, o meio unico de que dispõem os governos para debellar tão profunda crise?

Abrir as portas do Brazil a todos aquelles que querem trabalhar, que forem aptos para o trabalho, e de modo que entre elles se estabeleça a livre concurrencia.

Aqui chegados, porém, os immigrantes, isto é, todo aquelle que vier trazer ao nosso paiz o concurso de suas forças, cumpre tambem cercal-os de certas regalias politicas e sociaes, garantindo-lhes a estabilidade em nosso meio até o momento em que, por quasquer circumstancias fortuitas, elles se transformem em elementos desorganisadores.

O Brazil republicano mais do que nunca necessita do auxilio intelligente do estrangeiro, não só em relação ao seo desenvolvimento industrial como tambem em proveito proprio do melhoramento da especie.

O brazileiro não é um typo definido, mesmo porque o Brazil ainda não é uma *nacionalidade* caracterisada.

Assim, pois, é preciso que se ponha de parte esses preconceitos tortos, que servem para estabelecer odios e originar dissenções entre aquelles que para cá vêm com os melhores intuitos, que nos auxilião proficuamente, aqui vivendo, aqui trabalhando, aqui constituindo familia.

Não, meus caros senhores, a America não é dos americanos. Pelo seu caracter liberal, dotado sempre de amplas reformas, ella é uma nova patria do trabalho, um novo templo intimo e augusto, onde todos aquelles que collocam acima das paixões humanas o bem estar social, encontram uma geira de terra para um novo sacrario e a perpetuidade de uma nova familia.

Emfim, a America é da Humanidade.

JORGE MOREAL.

Pé de Catinga

Remetteram-nos a seguinte noticia, que de boa vontade publicamos por espirito de colleguismo :

UM CANALHA ! Já entrou para o prélo e acha-se adiantado na impressão o romance naturalista *Um canalha* ! do nosso collega Figueiredo Pimentel. Editaram-n'o, **como se sabe**, os srs. Laemmert & C., livreiros á rua do Ouvidor.

Assim, dentro de poucos dias, o publico terá occasião de apreciar o novo trabalho do autor do *Aborto*, cheio de novidade e cheio de audacias, como tudo quanto lhe sãe da penna.

Qual é a casa editora
Todos o sabem, pois não !
De certo ninguem ignora
Qual é a casa editora.
Apostamos que a esta hora
Até mesmo no Japão
Qual é a casa editora
Todos o sabem, pois não !

TAGARELLICES

Eu dei sempre o cavaquinho por um cavacão !

Imaginem que um dia lembrou-se um *novissimo*, um *artista da phrase* de, para engrossar a um notavel escriptor e eloquente deputado, dizer do *D. Quixote* umas tantas cousas, que mais serviram para demonstrar a sua incapacidade critica, que para desconceituar o semanario de que pretendeu fazer turibulo para queimar o seu incenso.

A' descabida e immerecida aggressão correspondi eu com o riso de mofa com que retribuo tudo quanto de mofa é merecedor.

Pois senhores, o artista encavacou com a chalaça, e de lá do seu *Diario Bohemio*, com aquelle esmero de phrase burilada com que esculpe *Abortos* e *Canalhas*, arremessou-me com uma *besta* que fez arreganhar as ventas com um rincho sardanapalesco ao jumento do meu collega Sancho Pança.

— Bravos ! — esclamei contente ao receber o mimo do phraseador artistico — agora sim ! agora vamos ter cavaco divertido e succulento !

* * *

F. P., que aprecia *como homem* o espirituoso autor do conto *Os charutos*, veio no seu *Diario Bohemio* de terça-feira, com o pseudonimo de Figueiredo Pimentel, explicar-me amavelmente a razão do seu gosto, dizendo que o bom do Arthur *sabe manejar tanto o penna como o chicote..*

Protesto contra semelhante affirmativa.

Arthur Azevedo nunca foi cocheiro. Lá que elle saiba fazer da sua penna lathego para verberar canalhas, isso sim ; mas manejar chicote... o vil instrumento do carroceiro, isso é calumnia !

Nos momentos precisos, cada qual combate com as armas que lhe são proprias, e o elegante escriptor da *Palestra*, entre outras muito palacianas, possue a daquelle sorriso encafifante com que costuma ler ou escutar as bajulações manhosas que visam ao seu elogio.

Iche ! como diria a yayá Manteiga.

* * *

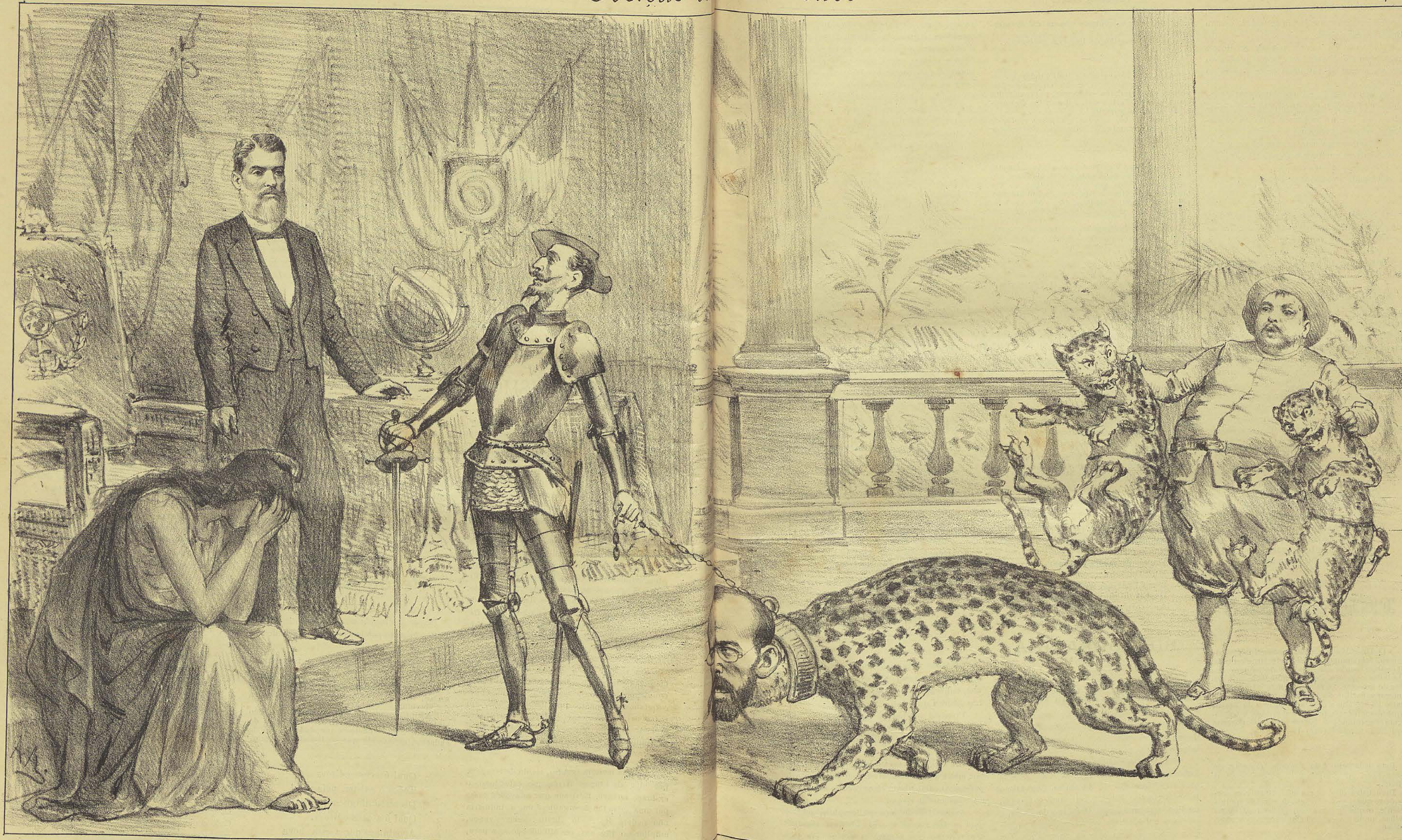
Estou muito zangado com o Brito do Café por se ter dispensado do foco de luz electrica com que abrilhantava de noite o meu *Foyér*, a encruzilhada das ruas do Ouvidor e Gonçalves Dias.

O que ? ! Pois o melhor dos Cafés, o Café chefe desta cidade póde lá dispensar a luz electrica ?

Já, *seu* Brito! um globo luminoso naquella esquina para gaudio dos *flaneurs* que lhe estacionam à porta.

O Braga, o electricista constructor que tem **O Telephone de Ouro** alli á rua de Gonçalves Dias, póde, lá mesmo do seu importante estabelecimento, fornecer-lhe a tal luz na quantidade que quizer, não só para o seu Cafê como para todos os demais estabelecimentos que a quizerem, e isso por um preçosinho que não lhes digo nada! Mais barato do que o gaz dos canudos da *Société Anonyme.*

* * *

Eleição em Pernambuco

Diante da unanime indignação manifestada contra estas feras, que nos envergonham perante o mundo civilisado, perguntamos qual a attitude de quem tem o dever de salvar a dignidade da Nação, infamada pelos que empregam até o assassinato ostensivo para tolher a liberdade do voto.

Felizmente temos ja em actividade o novo Conselho Municipal.

Composto em sua maioria de medicos e bons, segundo dizem, é de esperar que o novo Conselho cure as chronicas enfermidades do municipio.

E não se esqueçam dos bichos, heim? Os bichos do Jardim Jocologico, que vão emmagrecendo na mesma proporção que vae *engordando* o seu Cabanellas.

Mettam-se com este, mettam-se com este e oxalá que se confirme o dito de Boccage:

«Se com medicos se mete,
«Té pode a morte morrer

* * *

O Senna, o bravo coronel Ernesto, anda por ahi a *recrutar* notas para o livro: *Ditas de um reporter*.

(Reclame... nem a tiro.)

Vou mandar-lhe uma *voluntaria* muito sua conhecida, e da qual, parece, já se não lembra

Eil-a:

Um dia estava o L. C, á porta da *Gazeta* contemplando o grande movimento da rua do Ouvidor.

Um reporter do *Jornal do Commercio* passa, corredo por junto d'elle.

O L. C. segura-o pela manga e diz-lhe:

— Repara que grande analogia ha entre a cidade de Pariz e a rua do Ouvidor.

— Porque, enterrogou o reporter?

— Porque em ambas corre o Senna.

O reporter não desmaiou por não haver pharmacia proximo... Mas fugiu espavorido.

MESTRE NICOLAU

O Pimentel Figueiredo
E' um novo engrossador;
Engrossa a Arthur Azevedo
O Pimentel Figueiredo.
Anda o Arthur já com medo
De ficar mais rosso (horror!)
Que o Pimentel Figueiredo
E' um novo engrossador.

FERROADAS

« O Dr. Silva Tavares, desde principios de janeiro, foi chamado ao Rio pelo Dr. Francsico Glycerio, o *leader* da maioria da camara dos deputados e pessoa de alta influencia nos circulos do governo. Um caso extraordinario fez demorar a partida do Dr. Silva Tavares, porque a carta foi violada e detida no correio do Brasil, o que demonstra que ha quem siga a espionagem exercida por adversarios do governo naquelle estabelecimento do Estado ».

—o—

Este pedacinho é da *Tribuna Popular*, de Montevideo, transcripto pelo nosso collega *A Noticia*.

Demonstra elle, se me não engano, a necessidade que o governo tem de corrigir energicamente o que se passa em certas repartições publicas, onde *floresce* o jacobinismo, conforme já disse.

—o—

Naturalmente, como se tratava da pacificação do Rio Grande do Sul, a tal carta, depois de violada, foi respirar os bons ares de Minas afim de poder aguentar a viagem até Buenos-Aires...

Simples questão de hygiene, portanto...

—o—

Os tristes successos do Recife, méras consequencias da politica *vermelha* do ex-vice-presidente da Republica, estão sendo aproveitados pelos jornaes florianistas, como arma de opposição ao actual governo!...

Bem sei que, *emquanto ha vento molha-se a vela*; mas, tambem... *quem os não conhecer que os compre...*

—o—

O talentoso Sr. Medeiros e Albuquerque, distincto florianista-jacobino, já demonstrou em artigos publicados, que a Constituição do Estado do Rio Grande do Sul, confeccionada pelo e para o Sr. Castilhos, não póde ser tolerada por contrariar principios da Constituição da Republica.

Logo é uma Constituição inconstitucional, exactamente como certa *legalidade* que esteve fóra da lei... e pintou o diabo!

—o—

O engraçado é que o Sr. Medeiros, como deputado federal pelo estado de Pernambuco póde, n'esta questão, contar com o apoio... dos seus advers rios politicos, representantes do mesmo estado, e um d'elles é o Dr. José Mariano.

O resto da deputação, ao que se sabe, não está de accôrdo com S. Ex., apezar de ser do credo politico de S. Ex.!

Cons quencias inconsequentes, etc. e tal...

—o—

O Duro está amuado com o *D. Quixote*!

O Duro não noticia o appacecimento do *D. Quixote*, apezar de o receber tão pontualmente como os outros collegas.

Parece que a *O Duro* não agrada o *viver ás claras* do *D. Quixote*..

Pois seja!

Mas o espirito do jornalismo civilisado nunca foi a estupidez da muralha chineza...

— Oh! *Duro*! —porque **O** serás tanto?!...

PERNILONGO

Depois de muita metralha
ABORTOU o Figueiredo,
Não foi rato.... foi CANALHA,
Depois de muita metralha.
Muito embora a cousa valha,
Deve ficar em segredo...
Depois de muita metralha
ABORTOU o Figueiredo.

BIBLIOGRAPHIA

Das endometrites — these medica do Dr. Alexandre da Silva Vaz Lobo.

Foi com especial attenção que abri este livro, sabendo que tinha ante os olhos o trabalho de um medico estudioso, distincto e de notavel talento.

Não é de hoje que conheço Alexandre Vaz Lobo: elle sentou-se ao meu lado nos bancos escolares, ha mais de 10 annos, com Olavo Bilac, Secundino Ribeiro, hoje medico, Capelli, medico tambem notavel, Delphino de Faria, e outros que todos hoje occupam elevadas posições na sciencia, na arte ou na politica. Vaz Lobo foi sempre um distincto, e agora á sua these vem provar que continua a ser na sciencia medica o que foi nas lettras e primeiros estudos.

Seguindo umo orientação nova o Dr. Vaz Lobo na sua these, escripta com uma pureza e correcção de linguagem não vulgares em obras d'este genero, accentúa a importancia das affecções moraes como causas de perturbações uterinas, pois comprehende o predominio do systema encephalo-rachidiano sobre todo o organismo. A' p. 28 diz o autor: «Não nos parece licito omittir os desgostos moraes de que os auctores em geral nem sequer fazem menção, o que não admira quando se considera na pouca importancia que, em flagrante contradicção com as mais eloquentes demonstrações da physiologia experimental, os tratados de medicina ligam de ordinario ás reações do moral sobre o physico.»

Tratando detidamente dos meios de combater essas enfermidades e das suas causas o auctor justa e sensatamente condemna as viagens de nupcias como causas de phlegmasia e certos usos da civilisação moderna, como o espartilho, o calçado de saltos prodigiosos, como causas do enfraquecimento do organismo da mulher. Nada o auctor descurou, de todas as minucias tratou como observador intelligente e erudito. Para terminar, cumprimentando o Dr. Vaz Lobo pela sua brilhante these, não posso deixar de citar uma das mais bellas verdades do seu livro. «Esta influencia malefica da civilisação sobre o organismo humano faz-se sentir na mulher pelo apparelho uterino, repercutindo as molestias do corpo bem como os soffrimentos em su'alma gerados pela situação precaria, pelo abandono em que a mantem uma civilisação desorientada e hybrida.

Muito bem.

L. N.

Depois de ABORTO, CANALHA,
E depois de IDIOTA, BESTA!
Como quem brazas espalha,
Depois de ABORTO, CANALHA!
Como velha, o novo ralha
Contra a musa que o molesta...,
Depois de ABORTO, CANALHA,
E depois de IDIOTA BESTA!

Theatros

Ha entre os nossos chronistas de theatro um habito que reputamos nimiamente prejudicial, tanto aos interesses das empresas como á bôa fama a que aspiram os autores.

Consiste este habito em limitar as suas criticas a uma ligeira descripção do enredo das peças e á emissão do seu modo de pensar a respeito do desempenho das mesmas.

Ora isto, sobre ser um trabalho sem merito, tem ainda o inconveniente de ser mau para as pessôas que não viram essas peças e inutil para aquellas que as viram.

A analyse da idéa philosophica sobre a qual se desenvolve a acção da obra theatral; a apreciação dos elementos postos em jogo para esse desenvolvimento; a observação dos carateres que animam a idéa e promovem as conclusões doutrinarias; o encadeamento logico e natural dos factos que constituem a parte

mechanica ou architectonica da peça e determina o merito artistico do autor; o criterio que dirigio a intelligencia do actor na interpretação do personagem; o fundamento para a qualificação de bôa ou de má e a razão de serdos accessorios que acompanham essa interpretação, tudo isso, emfim, que ensina, que esclarece, que orienta o espirito do publico e do actor; que excita a curiosidade daquelle e dirige as faculdades d'este, apurando em ambos o gesto e a comprehensão da arte, nada disto preoccupa o critico!

Com uma narração fria, e sem detalhes circumstanciaes da acção esquellectica da peça, e a qualificação pretenciosamente dogmatica do trabalho da interpretação, inspirada nas suas sympathias ou no bom ou mau humor da occasião, os nossos chronistas amesquinham a critica, traçando-a pelo molde tacanho dos noticiarios vulgares!

O mal que isto faz ao theatro facilmente se comprehende.

O publico, que lê essas criticas, perde, com a descripção desataviada do enredo das peças a curiosidade de vel-as, e o actor, sem o ensinamento, sem a luz da critica a dirigil-o na exploração dos segredos da arte, ou se deixa possuir de uma vaidade parva, quando a sympathia do critico o favonêa, ou esmorece ante a injustiça ou a indifferença com que vê desapreciados os seus esforços.

Comprehendendo, como acima fica exposto, a minha missão de chronista, sinto que o estado lastimoso dos nossos theatros me não dê ensejo de assim exercital-a.

As poucas peças litterarias que ahi se exhibem, á excepção da comedia PUM!, são velhas e estafadas traducções de que já não vale a pena tratar-se.

Nem um drama original, nem uma comedia nova ou peça de forma toleravel a convidar a critica a uma analyse judiciosa!

A comedia (ou opereta?) PUM!, sobre a qual prometti e desejava escrever, foi levada á scena do theatro APOLLO em noites de carnaval, noites em que, por diversos motivos, eu evito frequentar os theatros.

Depois d'essas noites não voltou mais á scena.

Do NOVIÇO, que para hoje se annuncia no theatro de SANT'ANNA, só poderei tratar na edição seguinte por ter de ficar hoje encerrado o texto d'esta edição.

Fica-me sómente para referencia n'esta chronica a *reprise* do ROCAMBOLE no theatro RECREIO DRAMATICO.

Tratarei, pois, sómente d'elle, no pouco espaço que me resta.

Com a habilidade que lhes é incontestavel, conseguiram os escriptores dramaticos Anicet Bourgeois e Ernest Blum adaptar para o palco um dos innumeros episodios do interminavel romance de Ponson du Terrail, intitulado *Rocambole*.

Para o conseguirem satisfatoriamente tiveram de reccorrer á propria imaginação, modificando situações, desfigurando personagens e transformando peripecias.

Não os accuso por isso, visto ter o theatro moldes e exigencias a que é preciso constranger as figuras e as situações livremente traçadas no romance.

Devo, no emtanto, reconhecer que nos caracteres principaes de Rocambole e Sir Williams, os traços constitutivos dos personagens originaes foram mantidos com louvavel fidelidade.

Armando está largamente desfigurado, e Bacarat é apenas um esboço da sympathica peccadora do romance.

Feito para explorar a industria theatral com numerosas e surprehendentes *ficelles*, este drama nenhum principio social propõe, nem nenhuma idéa philosofica discute.

Pertence ao numero dos chamados *dramalhões*, que o publico aceita e applaude sem outro proveito além do de entreter-se ou divertir-se. O espirito nada d'elle aufere para seu progresso.

No desempenho que lhe deu a companhia do RECREIO, louvo em primeiro lugar a sua excellente *mise-en scene*.

Dias Braga deu um Sir Williams muito acceitavel nas suas varias feições, e Ferreira, se não foi um Rocambole bem accentuado, foi um José Fipp.r muito verdadeiro nas scenas com sua mãe.

Domingos Bragafez um duque de Salandrera bastante correcto; boa caracterisação e bom commedimento: foi natural.

França não foi menos aceitavel no João Caipora.

Bragança, no papel amesquinhado de Armando, fez o mais que d'elle era possivel fazer.

Leolinda foi, na Snra. Fippar, a artista provecta que todos conhecem. Nada deixou a desejar.

Delorme, com a habilidade que lhe não desconheço, deu da Bacarat uma idéa bastante agradavel. O papel, porém, tem força para pulso mais adextrado.

Finalmente, Adelaide Coutinho, no pequeno papel de Carmen de Salandrera soube commover-me, tal foi a excellente execução que deu á curta e unica scena importante que elle tem; a scena com Bacarat.

Aguardo-a em papel de maior folego para devidamente julgal-a.

SANSÃO CARRASCO.

O Pimentel quer pimenta,
E o Figueiredo quer figos. . .
Com figas não se contenta;
O Pimentel quer pimenta.
P'ra dar petisco, que esquenta,
Com sobremeza aos amigos,
O Pimentel quer pimenta
E o Figueiredo quer figos.

A nossa meza

Recebemos:

— RIO REVISTA — periodico litterario illustrado, que inicia a sua publicação com um esplendido frontespicio desenhado á penna por Julião Machado, ornamentando um excellente soneto, em fac simile, de B. Lopes, o festejado poeta dos *Chromos*.

Entre o seu variado texto traz ainda dois bellos desenhos, tambem á penna, de Isaltino Barbosa e Arthur Lucas. Fallaremos d'esta publicação em secção especial.

— REVISTA LITTERARIA, publicação semanal da capital de S. Paulo, sob a direcção de Amadeu Amaral e Maximo Pinheiro Lima. Variada e interessante.

— REVISTA BRAZILEIRA — Fasciculo 5º — Importante como os demais.

— BOLETIM QUINZENAL de estatistica demographico-sanitaria da cidade do Rio de Janeiro, de 1 a 15 de Janeiro de 1895, publicação do *Instituto Sanitario Federal*.

— RELATORIO, apresentado ao Sr. Dr. Director do Instituto Sanitario Federal, pelo Dr. F. Fajardo: *Diagnostico bacteriologico referente á epidemia do Valle do Parahyba*. — 1894-1895.

— TRAÇOS BIOGRAPHICOS do Visconde de São Fins, por um seu amigo, com um bom retrato em phototypia do mesmo Visconde.

— ELEMENTOS de analyse ortographica, origem de regras para bem escrever, comprehendendo *Phonetica*, *Prosodia* e *Ortographia*, por Francisco Ferreira da Rosa, professor cathedratico do Collegio Militar. Utilissimo.

— ESTATUTOS da Sociedade Cooperativa do *Bem Estar*, fundada em São Paulo pelo Dr. Domingos Jaguaribe.

— A VERDADE nova publicação bimensal iniciada a 2 do corrente, sob a direcção de Aleixo Costa. Em sua —*Apresentação* —declara que, alheio a luctas politicas, mira especialmente á litteratura e ao theatro, e promette, confirmando o seu titulo, dizer sómente a verdade. Ainda bem. E' disto que o theatro muito precisa. Nada, pois, de panegyricos a quem só merece, pelos males que estão causando á Arte, as mais asperas censuras.

— O ESTUDANTE, quinzenario litterario e recreativo, fundado por um grupo de estudantes, trazendo em sua primeira pagina uma gravura de J. Thimoteo da Costa, aprendiz da Casa da Moeda. Propõe-se a defender os interesses da sua classe e trabalhar para o progresso da instrucção no Brazil.

Seja bem vindo.

— A NOTICIA ILLUSTRADA, n. 2. Um segundo primor de Julião Machado. Texto e illustração, tudo esplendido!

—REVISTA THEATRAL. Traz na 1.ª pagina o retrato do maestro Placido Stichini, nas centraes, allusões ao carnaval em uma inundação de confetti, e na ultima em chistosas caricaturas — *Os bebedos no Largo do Paço*.

Texto muito variado.

—NEM A TIRO! Bella quadrilha pelo maestro Francisco de Carvalho, e impressa pelos editores muzicaes, Vieira Machado & Comp.

— JUVENIL — Schottisch,por F. Gurgulino de Souza, impressa pelos mesmos editores.

— AVE PRINTEMPS — Melodia para piano e canto, lettra de Beugy-Puyvallie e musica de J. Bouhy, editada pela casa J. Bevilacqua & Comp.

—Do bem conhecido estabelecimento photographico ELIAS, á rua da Carioca, uma folhinha de desfolhar, e um cartão com diversos retratos de militares e paisanos, que se salientaram durante a revolta e na invasão do Rio Grande do Sul.

— *Noblesse*, gavota por Aurelio Cavalcanti offerecida a Mlle. Maria O. de Freitas e elegantemente editada pela acreditada casa J. Bevilacqua & Comp.

—LENHA ECONOMICA da empreza Industrial e Agricola.

D'esta empresa recebemos uma carroça da supradita lenha, que, por não caber sobre a nossa meza, fizemos seguir incontinente para o nosso domicilio, onde nos está prestando bom serviço. Affirma a nossa cozinheira que lenha tão excellente nunca por ella foi queimada, e quanto á qualidade economica, basta reflectir no preço porque ella nos ficou.

A todos agradecemos.

MEZARIO.

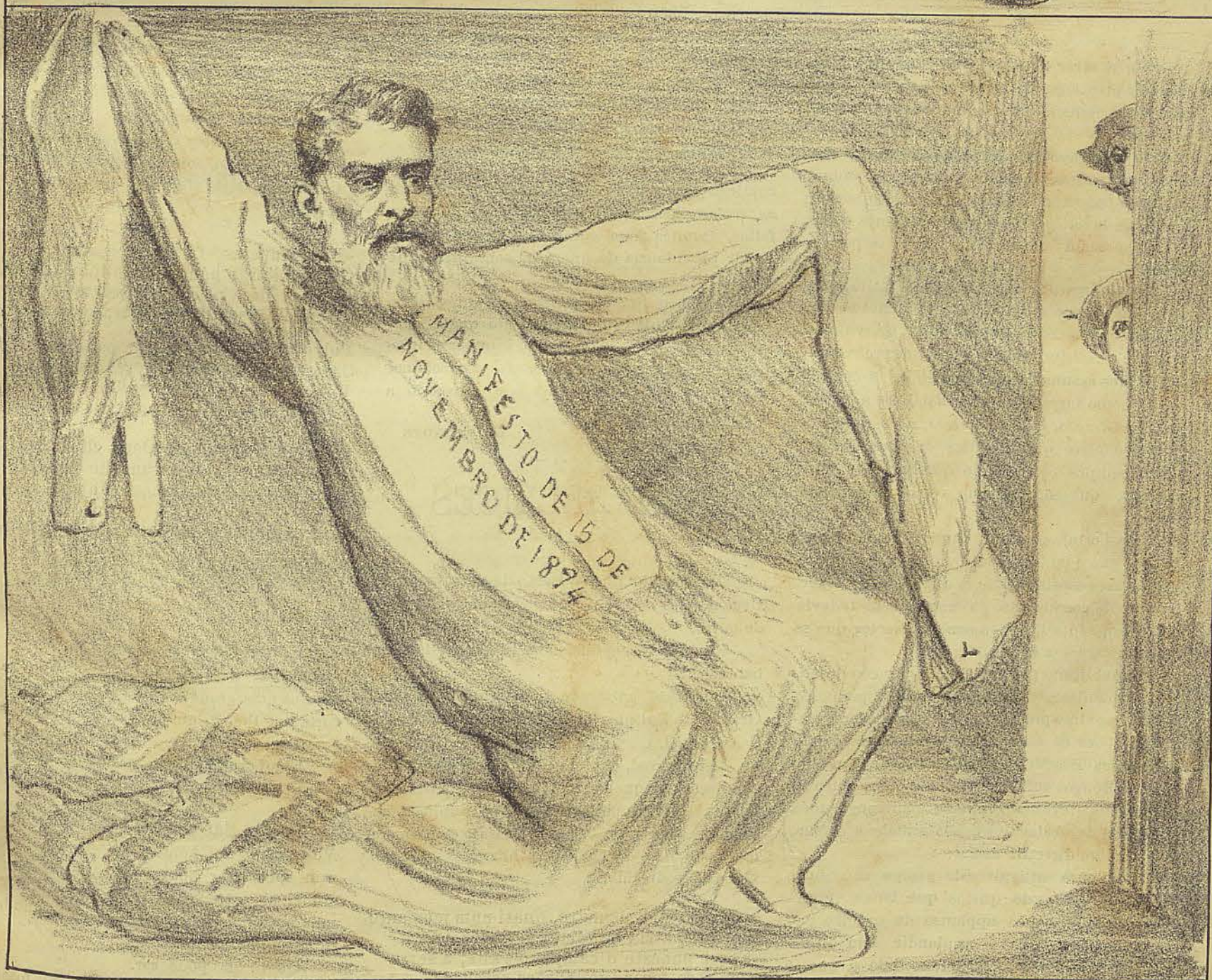
L'EXPRESS, Typ. a vapor rua da Assembléa 76

A' vista de tantos actos de selvageria que se praticam do Norte ao Sul, eis o traje que melhor nos assenta. Sejamos, pois, selvagens.
Sancho Pança. — Ora ahi está no que param as modas!

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 8

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de ANGOSTINI
OUVIDOR 109.

MANIFESTO DE 15 DE NOVEMBRO DE 1894

- D. Q. — Boa vontade terá elle de satisfazer a Opinião publica mas O tal manifesto não será uma tunica de Nessus? . . .

S. P. Qual o quê! aquillo é camisa de 11 varas

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.	20$000	Anno.	24$000
Semestre	12$000	Semestre	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

A Administração

DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 16 de Março de 1895.

A proposito

Isto de *viver ás claras*, na imprensa, não deve ser previlegio de ninguem, antes norma geral de conducta, entre os que prezam o jornalismo.

Por isso e apezar mesmo de já termos demonstrado sufficientemente o nosso programma, julgamos opportuno adduzir algumas observações, que devem ser lidas especialmente pelos que se aprazem em ser eternamente os peiores cegos...

Jornal critico por excellencia, a attitude do *Don Quixote* está particularmente definida perante os acontecimentos passados, presentes e futuros: — elle procurará sempre de preferencia o lado dos assumptos mais prestavel á critica.

E, como inscreveu na sua bandeira a divisa: *Mais civilisação, mais progresso, mais humanidade* — é claro que a critica de *Don Quixote* visará sempre conseguir o maximo dos seus anhelos, que são tambem os da maioria da nação.

Isto posto, convèm explicar que o *Don Quixote* não é politicamente um periodico opposicionista: respeita acata e applaude o poder legalmente constituido da nação, sem todavia ficar obrigado a dizer—*amen!* aos actos que se oppuzerem á sua divisa.

Republicano por principio e por convicção, mas republicano anti-jacobino, este periodico terá o maximo prazer em envidar ininterruptamente todos os seus esforços para escoimar a Republica Brazileira dos vicios que a têm feito padecer longos soffrimentos, que têm conspurcado a sua alevantada missão e anteposto toda a especie de obstaculos á sua grande e serena, á sua nobre directriz social.

Ora, para attingir este escopo não vemos melhores meios do que os que temos empregado, com o franco applauso da opinião publica, e vêm a ser: — applaudir sem discrepancia nem desfallecimentos tudo o que é positivamente bom; castigar, do mesmo modo, tudo quanto é máo.

Desta linha de conducta não nos afastaremos jámais, em que peze aos falsos republicanos que sonham com novas dictaduras, e aos jornalistas acrobaticos, que hoje fazem piruetas de opposição e amanhã representam de governistas, depois do competente salto mortal.

Temos dito.

Com o Correio

A despeito de satisfazermos a recommendação que nos foi feita pelo Sr. Administrador do Correio Geral, quanto ao modo porque devemos fazer a entrega, na respectiva secção, das folhas que remettemos aos nossos assignantes, continuam a ser innumeras as reclamações destes pela falta de recebimento.

Mas, decidamente, é isto um mal sem remedio?

Não haverá da parte da Administração dos Correios um meio de pôr cobro aos abusos ou desleixos dos empregados que assim desairam e compromettem a moralidade de uma repartição publica, á qual são confiados interesses de incalculavel valor tanto material como moral?

Se ao digno funccionario a quem dirigimos esta queixa, fallecem os recursos para compellir os seus auxiliares a cumprirem honestamente, rigorosamente o seu dever, melhor será que o declare ao publico para que este proceda, na transmissão da sua correspondencia, como melhor convier aos seus interesses.

Se, porém, esses recursos não lhe faltam, a continuação dos abusos e das faltas que motivam as reclamações que constantemente lhe são feitas, implica uma cumplicidade que está a exigir providencia de quem tal commissão lhe confiou.

Medite o Sr. Administrador do Correio Geral na gravidade da posição em que o collocam as queixas frequentes de innumeros prejudicados e poupe-nos o desgosto de reclamar contra os damnos que nos está causando a repartição que dirige.

D. Quixote

TAGARELLICES

Dizia o velho finorio Barão de Cotegipe, que Deus não fez nada tão bom como um dia depois do outro.

Eu sou da opinião do illustre estadista bahiano.

Em 1836 publicava-se na cidade do Rio Grande do Sul um jornal que tinha por titulo *O Mercantil*.

Este jornal, que era como um **O** da grande circulação d'aquelle tempo — o verdadeiro, o genuino, o unico patriota de então, publicou em uma das suas explosões de civismo este soneto contra o heroico chefe dos Farrapos — Bento Gonçalves da Silva:

« Pudestes, ó monstro, quasi num momento
Ferir a patria de tartarea guerra;
Fazer pudeste o campo, o valle, a serra
Covis de féras, de ladrões assento:

D'estrago e lucto e lagrimas sedento,
Entregue á furia que teu peito afferra,
Pudeste converter formosa terra
D'eterno horror em vasto monumento

Mas não conseguirás, monstro nefando
De sangue fraternal embriagado,
Sobre o throno exercer horrivel mando.

Dos tyrannos t'espera a sorte, o fado:
Ou nas mãos do verdugo terminando,
Ou de Marte nos campos fulminado. »

D'aqui a mais algum tempo, quando á luz da publicidade vier tudo quanto o terror e a mordaça da legalidade suffocou na soturna discreção dos carceres: quando a critica implacavel da historia escalpelar com os documentos que vão apparecendo, os actos e intenções de todos os que influiram na perturbação da vida nacional iniciada pacificamente a 15 de Novembro de 1889, não será para espantar que se vejam muitos idolos quebrados e muitos *bandidos* glorificados, como o é hoje, com toda a justiça, o herõe da republica do Piratinim.

—o—

E já que estou a excavar sonetos velhos para applicar a factos novos, ahi vae outro que o *Santos Commercial* me depara, attribuido a um antigo poeta portuguez de nome Isidoro, que de improviso o fizera a pedido de uma dama.

Os Romeiros da Estrada de San Thiago, com o seu estylo parlomatecatorio, não nos fornecem novidade alguma.

O neph'libatismo dos novos Isidoros vem do seculo passado, como se verifica d'este soneto que bem poderia figurar em qualquer *Rio Revista*.

«Fanrafancias, farofias bagatellas,
Galhardileras náus, ondas lethargicas,
De appelitica mão pinturas targicas,
Trombolhães, altos couces, cambadellas;

Polvoraes bombardaticas panellas
Cheiratiferos prados, flores vargic'as,
Vozes sexquipedaes, espalhafargicas,
Cutelos, dardos, ignoto, esparrellas,

Mumidonicos povos, Deus cambaio!
Duphnetico, amante, auxilio implora,
Pavilhão azulado, ignoto Maio.

Choro, morro, cangueio, é desaforo!
Aqui firo, ali mato, acolá caio:
Os versos aqui tendes do Isidoro. »

—o—

A *Gazeta de Noticias* de 11 do corrente, sob o titulo de *Uma guilhotina* impinge aos seus leitores uma grandissima patranha referida em carta que lhe dirigio de S. Paulo um tal Sr. José Maia.

Digo *grandissima patranha*, porque não posso acreditar na veracidade d'aquella narração.

Pois é lá possivel que o Sr. Coronel Vespasiano, um homem de estudos que o fizeram considerar apto para director da nossa principal estrada de ferro, ignore o que seja uma machina de picar fumo, e a confunda com uma guilhotina!

Qual! não póde ser.

Mesmo porque, se tal confusão fosse verdica por parte do instituidor do wagon da legalidade, essa machina teria sido logo montada no referido wagon, e o reclamante Maia, em vez de ter seguido são e salvo para S. Paulo

a engendrar historietas, para referir á *Gazeta*, teria sido n'ella mettido como torcida de fumo e picadinho da silva sem mais aquella.

E seria muito bem feito, para não estar assim tramando contra a Patria e contra a Republica.

Não é, ó O'?.

—o—

E por fallar no O'.

Na terça-feira este conspicuo collega, querendo matar o *bicho*, deitou longo artigo sobre a jogologia do Jardim *Book-Maker* denunciando as espertesas com que uns pedagogos cavanellas andam ahi a leccionar pules clandestinas a alumnos viciosos e papalvos, e aproveita o ensejo para beliscar a policia, responsabilisando-a pela existencia de tal abuso.

Eu comprehendo a competencia do O para, na sua qualidade de inspector de escolas municipaes, reclamar contra a inconveniencia de taes liçõse; o que eu não com prehendo é como, sendo a Prefeitura municipal a facultadora da CAUSA, venha o O' inspector litterario responsabilisar a policia pelos EFFECTOS.

Se motivos de alta moralidade economica o impedem de incriminar o Prefeito pela permissão do pernicioso ensino, n'esse caso mais acertado seria que O' se queixasse ao Bispo.

MESTRE NICOLAU.

Missa do Amor

Hoje ha festa; tu'alma, templo santo
da minha adoração, dos meus sonhares,
se illumine: por cirios teus olhares,
esses olhares que me enlevam tanto.

Por flores teus sorrisos, mesto encanto
de noite calma, de argentaes luares;
festões serão a circumdar altares
os teus cabellos em ebaneo manto.

No coro, em prece, a tua voz sonora
seja o psalmo de luz que accende a aurora
de um eterno gozar, que é minha vida.

Meu coração, ministro a um tempo e crente,
cheio de fé, levanta reverente
como hostia sacra o nosso amor, querida!

LUIZ NOBREGA.

AMERICANISMO

N'esta serie de cogitações que iremos dia a dia annotando no pequeno espaço de que dispomos, sem a mais leve pretensão dogmatica, juntaremos hoje algumas outras, aliás controversas, e de summa importancia para o desenvolvimento completo do nosso paiz.

Considerando a sociedade como um organismo vivo, sujeito ás grandes leis naturaes, cada individuo de per si, em relação ao todo, ao conjuncto organico, representa a molecula que constitue o orgão, com funcção propria e caracteristica.

Comprehende-se desde logo que, se o elemento componente não encerra em si o germen necessario á vida, ao equilibrio da funcção, á uniformidade harmonica, elle acarreta para o orgão pontos de destaque que o impossibilitam a movimentos uniformes ou isochronos.

Por exemplo, se o pulmão tem um ponto affectado—, uma caverna, o phenomeno da respiração deixa de ser sensualmente regularisado. E este mesmo facto se dá em relação aos demais orgãos, onde o germen de um mal qualquer existe por causas diversas.

—

O homem brasileiro é um producto de tres *raças*, cada qual mais divergente.

O negro, como se sabe, é de todas as *raças* a mais atrazada. E como a palavra *raça* é um termo biologico, que significa um conjuncto de traços anatomicos, até hoje ainda não se os póde determinar de uma maneira rigorosamente exacta, scientifica. O que é facto, porém, para se mostrar o seo atrazo, basta que se constate que a *raça* negra não conseguio ainda constituir uma nacionalidade.

A *raça* portugueza, que outr'ora occupou uma das mais salientes posições na historia geral, bem cedo entrou em decadencia, a ponto de ser hoje uma exhausta, uma incapaz de novos commettimentos. O Portugal de agora é uma tradicção apenas; ao canto da Europa elle vive da contemplação de seos dias mortos, de suas glorias universaes, do producto exiguo de suas brilhantes conquistas, devorado hora a hora, humilhado momento a momento pelo mais odioso fanatismo catholico, pela mais pifia das monarchias que soem apoiar-se em governos de embusteiros.

O indio ou o homem primitivo do nosso meio representa o individuo inactivo, acreditamos mesmo que o typo incapaz de sair do periodo da tribu. As nossas condicções geographicas e climatericas por tal forma se fizeram influenciar sobre a sua organisação robusta e consistente, que o homem material, de instinctos egoistas e grosseiros, supplantou o homem moral e intellectual, a forma incapaz de evoluir. Os vestigios de sua vida nomade ahi estão altestando a volubilidade de sua permanencia, dando o traço caracteristico da incapacidade do seo desenvolvimento. Sem energia, sem permanencia e aptidões definidas, elle jámais poderia passar da organisação da tribu para a organisação do estado.

—

Oriundo d'estas tres *raças* prejudicadas e ainda mais sob a influencia de um clima irregularissimo, de uma alimentacão demasiado forte, excessiva, e da adaptação de usos e costumes contrarios á nossa natureza tropical, o brasileiro é um producto atrophiado, sem vontade propria, sem estabilidade, sem iniciativa. Viciado de natureza, criado por um processo colonial, sem educação physica que lhe dê desenvolvimento e energia aos musculos e potencia aos nervos, harmonisando-lhe a cerebração, elle synthetisa um typo doente, um desilludido prematuro, um desconfiado de si proprio, que nem sequer sabe rir. Sem uma religião, sem uma philosophia, sem um incentivo elevado, aspira o conforto de um titulo scientifico, de um previlegio odioso, de um diploma adquirido em academias onde não prima o criterio, onde a sciencia se abroquelou no officialismo mediocre e pulha.

Ou então, quando as circumstancias não lhe permittem o anel tradiccional, encosta-se á primeira secretaria, fazendo vida á sombra de um amanuensiado superfluo e vaidoso.

Ora o Brazil é um paiz novo. A sua lavoura, a sua industria, as suas artes, carecem de quem as olhe de frente, com caracter, curando da sua prosperidade. E não será por certo um *doutorsito* ou um amanuense, ou um poeta lyrico, pequenino, magro e já calvo, quem ha de ir revolver a terra, colher o fio para industrial-o. Necessitamos, por conseguinte, de forças novas, originarias de raças fortes e constituidas, para que em aqui chegando façam, pelo cruzamento e pela absorção, desapparecer o joio e florir o trigo.

JORGE MOREAL.

FERROADAS

Eu deitaria tambem os meus foguetes ao 13 de Março, como bom legalista que fui e sou, e amante do principio de auctoridade.... se me tivesse esquecido de que essa data, que devia ser a da volta ao predominio exclusivo da Lei, foi, ao contrario, a do assanhamento feroz dos jacobinos de todas as classes, uns que afogaram os seus *herohismos* num mar de sangue, outros que se regosijavam com tal diluvio de barbaridades.

Mas, se não soltei a minha gyrandola, nem por isso deixei de ler detidamente os numerosos telegrammas, com que muitos patriotas felicitaram o Snr. Marechal Floriano, pelo sobredito 13 de Março.

Que leitura suggestiva!...

Houve tal que telegraphou:

« Faz hoje um anno em que eu no forte do Castello *assisti á fuga vergonhosa de Saldanha que todos nós esperavamos moresse no seu posto, etc.* ».

Outro concluio, tambem pelo telegrapho:

« Faço votos pelo vosso restabelecimento, porque de vós *muito precisam o credito e a Republica Brazileira.*

São meus os griphos.

Ora, nunca, jámais, em tempo algum, occupei qualquer posição official; mas juro que, apezar disso, no dia 12 de Março de 1893, eu e muitos outros paisanos sabiamos que o Snr. Saldanha tinha deliberado asylar-se e a todos os seus companheiros, a bordo dos navios portuguezes. Demais, os navios revoltosos amanheceram no dia 13 de fogos apagados, immoveis nos mesmos ancoradouros da vespera!...

Como é, pois, que o Snr. Fulano nos vem dizer que assistio no dia 13 á fuga vergonhosa, etc. ?.

Ora bolas!

Eu tambem faço votos pelo restabelecimento da saude do Snr. Marechal, e não desconheço que S. Ex.ª póde prestar serviços á Re-

D. Q. — Pobre Nação!...

S. P. — Perde o seu latim: Está fallando a uma estatua...

JUSTIÇA

ELEITO EM 1 DE MARÇO DE 1894

LIBERDADE

ORDEM E PROGRESSO

— Para que me serve este barrete phrygio, symbolo da liberd e fraternidade, se não procuras terminar essas lutas fratricidas, sustentadas por tyrannos nos meus estados! E esta divisa Om e Progresso na minha bandeira, no meio de tanta desordem politica, não é uma pungente ironia?...

publica Brazileira, no caso de ser eleito d'aqui a quatro annos e se governar o paiz de accordo com a lei, livre, sobretudo, destes *amigos* ursos, destes *patrioteiros* e destes carrascos, que tornaram irrespiravel, por ignobil, a atmosphera do Itamaraty, no tempo da *legalidade*.

Isto é muito differente d'aquillo que os *saudosos* da *legalidade* desejam.

Elles querem promover a desordem, anarchisar tudo, para tornarem possivel uma dictadurasinha lá do peito delles, que a nação deve repellir a todo o transe.

Elles são, em summa, os inimigos da paz no Rio Grande do Sul, e os novissimos e tresloucados sebastianistas do Cambuquira, mesmo contra a vontade do seu Idolo...

Uns pandegos, afinal de contas.

Ainda um trecho precioso de outro telegramma congratulatorio:

« Velai por ella (a Patria) e como outr'ora defendei-a quando os interesses que de novo se disfarçam desencadeiarem-se contra o vosso successor, etc. ».

Com vistas á gente do Cubango: que ella passe a roer mais este osso!

E viva! E cresça!

PERNILONGO.

D. João Caipora

Muito D. João e muito Caipora, o Dr. Menezes!

Filho de abastado fazendeiro dos confins de Minas Geraes, mandou-o o pai para a capital aos 14 annos para cursar a Escola Polytechnica e fazer-se engenheiro.

Ao cabo de dez annos, tendo conseguido, mais á força de empenhos do que de habilitação scientifica, um pergaminho que lhe désse direito a ser tratado por — **doutor** —, regressou ao lar paterno, onde era esperado por uma prima, que desde a infancia estava destinada a ser sua mulher.

Casou-se, e, dous annos depois, enviuvou, sem que d'esse consorcio augmento algum resultasse para a familia Menezes.

Moço, rico e viuvo sem filhos, nenhuma vocação tendo para a vida da lavoura, deliberou voltar para a Capital, onde, nas condições em que se achava e com os recursos de que dispunha, esperava romantisar a sua existencia por uma serie de aventuras amorosas que lhe désse mais ou menos accentuada feição de D. Juan Tenorio, cuja historia, lida após a sua viuvez, muito o impressionara.

***

Installado, pois, na Capital, começou a pôr em pratica o seu romanesco programma pelas aventuras que lhe eram propostas por certos annuncios do *Jornal do Commercio* e da *Gazeta de Noticias*.

Uma activa correspondencia entre elle e as iniciaes annunciantes se estabeleceu então por algum tempo, e rara era a noite em que o Dr. Menezes não tinha um *rendez-vous* no Passeio Publico, no Parque do Campo da Republica, ou no jardim da Praça Tira-dentes.

Mas... fatal caiporismo!... aquellas iniciaes que pediam a protecção de um cavalheiro, eram sempre representadas ou por matronas respeitaveis, ou por Imperias esganiçadas, esbodegadas ou estupidas!

***

Nas reuniões familiares e nos bailes onde se apresentava, o seu caiporismo não era menor.

Sem audacia e sem espirito para insinuarse no animo das bellas a quem requestava, quando com ellas conseguia trocar algumas palavras durante uma quadrilha ou após uma valsa, era tal a ideia que dava de si, que raras eram as que segunda vez consentiam em lhe serem par.

Emfim, tantas e taes foram as decepções por que passou o Dr. Menezes na sua pretenção de conquistador, que, desanimado, abatido, já se conformava em arranjar uma modesta companheira que com elle quizesse viver maritalmente em algum canto retirado.

Mas até n'esta louvavel pretenção o caiporismo o perseguio!

***

Ha poucos dias, depois de haver andado inutilmente na rua do Ouvidor para baixo e para cima a suspirar intimamente, estendendo olhares suplices para quantas filhas de Eva alli transitavam, retirava-se para ir tomar um dos bondes de Botafogo, quando, ao sahir da rua de Gonçalves Dias, vio parada na esquina da da Assembléa uma bella mulher, elegantemente vestida, alta, esvelta, de gesto altivo e senhoril.

Impressionado pela boa presença e pelo gesto d'essa mulher, o nosso D. João parou a alguma distancia e poz-se a observal-a.

Vendo-a, porem, fazer signal ao cocheiro de um bonde pequeno que ia passando, correu para junto e com ella entrou n'esse bonde, sentando-se-lhe ao lado.

A moça, que não o conhecia e nem n'elle havia antes reparado, achou aquillo naturalissimo.

No emtanto, durante a viagem notou que o seu visinho olhava-a com insistencia denotando vontade de lhe dirigir a palavra, mas sem animo para o ousar.

Chegado o bonde a certo ponto da rua de Riachuello, a um signal da moça o conductor fel-o parar.

A moça apeiou-se e entrou em um predio de dous andares.

Um pouco mais adiante, apeiou-se tambem o Dr. Menezes e aproximou-se do predio ao tempo em que a sua companheira de viagem desapparecia no alto da escada do segundo andar, cuja grade se fechava após a sua entrada.

***

Não se atrevendo a seguil-a até dentro do seu domicilio, ficou por um momento indeciso em frente da casa, e quando ergueu os olhos para ver o numero do predio, reparou que a moradora do 2º andar apparecia á janella, retirando-se mal o avistara.

— Seria para verificar se eu a acompanhei, que ella veio á janella? — Interrogou a si proprio o D. João. — Quem sabe se encontrarei n'ella...

E tomando uma resolução, foi para sua casa e escreveu a seguinte carta:

« Illmª Srª D. Alta.

« Encontrando-a n'um bond hontem não pude dirijir-lhe uma só palavra pelo respeito que a Sra. meresse, vio pular na rua do Riachuello, que tambem pulei depois poucos momentos vio na jenella do 2º andar, sendo um homem independente por ser viuvo e sem filhos podemos entrar em um acordo com V. Exª para montar uma casa e fazer todas as vontades por isso peço-lhe para dar-me a resposta em pessoa propria ás 7 horas da noite na esquina da Rua das Marrecas em frente ao portão do passeio publico.

Dr. Menezes »

Escripta, assim, esta carta com esta grammatica, metteu-a em um enveloppe e subscritou-a:

« Illmª Snrª D. Alta
Rua de Riachuello nº... 2º andar.
Capital Federal. »

Posto o competente sello foi lançal-a na caixa do Correio.

***

No dia seguinte, cerca de nove horas da noite, o Dr. Menezes, já impaciente de esperar no lugar aprasado á tal D. Alta, dispunha-se a retirar-se, quando de subito vê apeiar-se de um bonde que seguia para Santa Luzia uma mulher magra e alta como um bambù, e dirigir-se para elle.

— E' o Snr. Doutor Menezes? pergunta-lhe a recenchegada.

— Sim Snrª, respondeu o D. João, reanimando-se por suppôl-a uma mensageira trazendo resposta á sua missiva.

— Eu sou a D. Alta.... isto é, chamam-me Ignez Alta por causa da minha estatura.

Hoje de manhã, quando o carteiro foi levar esta carta a casa de minha ama, eu logo vi que era para mim porque não ha ninguem lá que tenha este nome se não eu. Mandei-a ler pelo caixeiro da venda, e então fiquei muito sastifeita pella proposta que n'ella me faz, apesar de que não tenho a sastifação de conhecer V. S.. Mas é o mesmo, ficamo-no conhecendo agora e estou prompta para fazer o acordo.

O D. João ficou aniquilado diante d'este discurso.

Não vendo outro desfecho para o comico romance de que estava sendo heróe, mandou parar o bond electrico que ia passando e trepou para elle, deixando a Ignez Alta alli estacada como um poste de telephone.

Apenas o bond se pôz em movimento, exclamou, montando uma perna sobre a outra e crusando os braços:

— Ora o meu Caiporismo!

GILDAS.

BIBLIOGRAPHIA

«O Pão»

Orgão da Padaria espiritual do Ceará, nº 11.

Um bom numero com excellente collaboração, na qual se destacam, em prosa:

As manchas do sol e as seccas — bello estudo de Rodolpho Theophilo e *O Baptismo* — bom conto de J. Carvalho. Em verso; *A te-*

mosia da onda, de Sabino Baptista, e *Longe* de Miguel de Barros. Um numero cheio.

—

«A Chronica Illustrada»

Com um bom desenho na 1ª pagina. A do centro traz um retrato do Dr. José Maria de Alhuquerque e Mello e a Rua do Ouvidor.

A ultima uma boa critica ao jogo do jardim Zoologico. O texto alegre e variado como convem a uma folha d'este genero.

L. N.

GRACIAS!

O estudioso e bem aceito actor Peixoto teve a amabilidade de vir pessoalmente trazer-nos um convite para a sua festa artistica, que deverá realisar no Theatro de Sant'Anna, na proxima quarta-feira 20 do corrente, com **O Surcouf.**

Agradacendo a gentileza, recommendamos aos nossos leitores a festa do sympathico artista.

CHINOISERIES

Ludovico, um comprimento
pela CANÇÃO SERTANEJA,
mimosa flor, que viceja
no jardim do teu talento.

E' tão rara a merencoria
delicadeza a que és dado
hoje... que ha cada LETTRADO
que só mesmo á palmatoria.

Cheios de insulto e graçóla
nada ha que os TAES não affrontem,
uns sabichões, que inda hontem
deixaram bancos de escola!

Mas em tu'alma sentida
vibra a doce melodia
do soffrer, que se irradia
na dor da amante perdida.

Parabens ao delicado
e brazileiro lamento,
que retrata o sentimento
de um coração bem formado!

LU-NO.

Theatros

A critica paulista, que tão severa se mostrou com as *Revistas* levadas pela companhia do theatro *Apollo*, e julgou-se, a proposito d'ellas, no caso de poder dar uma lição de criterio e moralidade á imprensa da Capital, mostra-se agora toda blandicias para com as bamboxatas que lhe levou a companhia do theatro *Lucinda*, taes como *Tim tim por tim tim*, *Brazileiro Prancracio* e *Cavalleiro da Rocha Vermelha!*

D'esta ultima diz até a *Platéa* de 6 do corrente:

« E' uma peça bem arranjada, de bom effeito scenico e que possue quadros felizes. »

Onde aquella attitude sympathicamente austera, que em tão boa hora assumio para chamar á ordem do bom senso e do bom gosto autores, actores, empresarios, publico e imprensa?

Derreteu-se ante os sorrisos da Snra. Miola e o salero da Snra. Leonor Rivero!

Estas duas estrellas da Companhia do *Lucinda*, mal chegadas a S. Paulo, tiveram a sagaz gentilesa de ir comprimentar as illustres redacções dos jornaes, mancenilhando a critica com o perfume das flores que a lisonja e o soriso esfolhavam em seus labios provocantes de fantasias cretences.

Tanto bastou para o desdobramento de Cesar em João Fernandes!

E os clarins da adjectivação encomiastica entr aram desde logo a terratatear ruidosamente nas chronicas sumiticas de analyse em uma glorificação espaventosa a todas as *estrellas* e até ao proprio Brandão, o collossal e vitoperante estrião das borracheiras heroticas e mal cheirosas.

Tremei typos graúdos dos cabeçalhos de annuncios.

Agora sim! agora é que a consagração paulista vos vai fazer berrar nos rodapés trazeiros das folhas da Capital, diplomando celebridades

E viva a critica paulista! vivam as estrellas e... as pipocas!

++

De volta da paulicea, a companhia do *Apollo* recomeçou os seus trabalhos com a *reprise* das melhores peças do seu repertorio, dando-nos depois do *Abacaxi*, (que não pegou) as comedias *Pum!* e *As Andorinhas.*

Da primeira, pela mesma razão que dei na minha chronica passada, nada ainda posso dizer; da segunda direi o seguinte:

Uma boa comedia, habilmente engendrada sobre a acção cúpida da primavera tanto na vida animal como na vegetal.

Jovens e Velhos, sentem á chegada dos bandos dos forasteiras andorinhas, a influencia excitante dos orgãcs vitaes, que faz as arvores desabrocharem em flores, e os corações transbordarem de amor.

E', impellidos por ella, que um velho gaiteiro um jovem advogado bilontra (deixem passar o termo) e um moço escrevente bohemio, de envolta com outros personagens do sexo amavel, se emmaranham em uma successão de scenas mais ou menos comicas durante tres actos, que terminam, a bem da moral, pelo menos na apparencia, de um modo conciliador e alegre.

A enscenação desta comedia foi rasoavel.

Rosa Villiot, Balbina, Maria Augusta, Mathilde Nunes, Mattos Mesquita e Rangel Junior conduziram-se todos bem nos seus respectivos papeis, sendo regularmente secundados pelos demais que na comedia tomaram parte.

O publico riu e applaudiu francamente.

++

O *Recreio* continua a explorar o *Rocambole* com bom exito, graças á affluencia de espectadores.

++

No *Sant'Anna*, a *Cornucopia do Amor* ainda entretem a companhia do Heller, entretanto que se prepara a *Loteria do Diabo*, da qual a sorte grande será indubitavelmente a bella voz da Snrª Ismenia Matheus, auferivel a todos os que comprarem bilhete para essa *Loteria.*

++

No *Variedades* deu-se *O Filho da noite*, drama em 1 prologo, 6 actos e 6 quadros, (ao todo 13 scenas!) com musica e bailados.

Trataremos d'esta espectaculosa peça, em que tomam parte a Snrª Ismenia dos Santos e o sympatico e bom artista Eugenio Magalhães.

++

E, para terminar, um grato e affectuoso aperto de mão ao illustre comediographo e distincto chronista Arthur Azevedo pelas amaveis frases que em seus folhetins da *Noticia* tem dispensado a

SANSÃO CARRASCO.

A nossa meza

Fomos obsequiados com:

— *Revue Médico-Chirurgicale du Brésil et des Pays de l'Amérique Latine*, 1º e 2º fasciculos, dirigido pelo Dr. Brissay.

Não precisamos encarecer a utilidade d'esta publicação scientifica, de que livremente nos occuparemos em noticia especial.

—*Nhanhá*, conto brazileiro por G.P. Malan, escripto em italiano, e publicado pela *Biblioteca Popolare di Romanzi e Viaggi*, de Torino. Vamos ler;

— Convite para a festa commemorativa do anniversario de S. M. Humberto I, realisada pelo *Circulo Operario Italiano*, no dia 14 do corrente;

— *Amo a ti só*, Valsa para piano, por A. Sother;

— *Dolores*, Valsa de Miguel A. de Vasconcellos, offerecida á Exmª Snrª D. Maria das Dores Mendes, ambas elegantemente editadas pela importante casa Buschmann, Guimarães & Irmão.

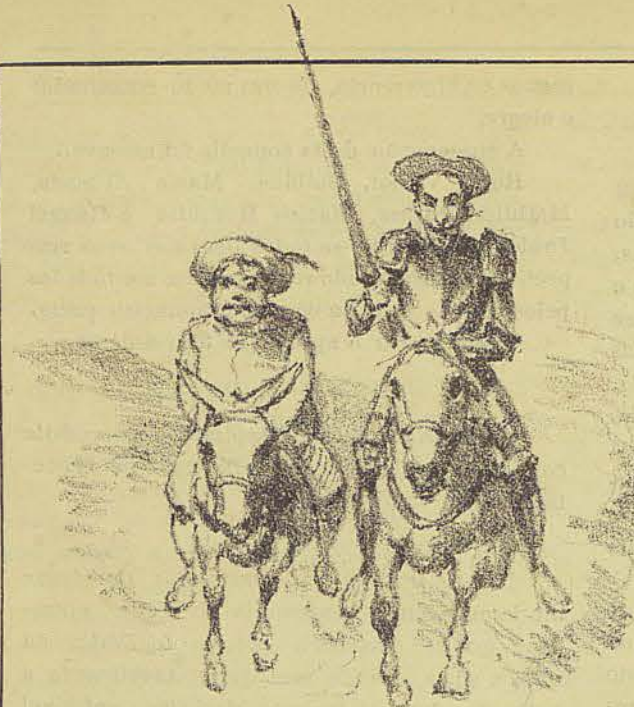
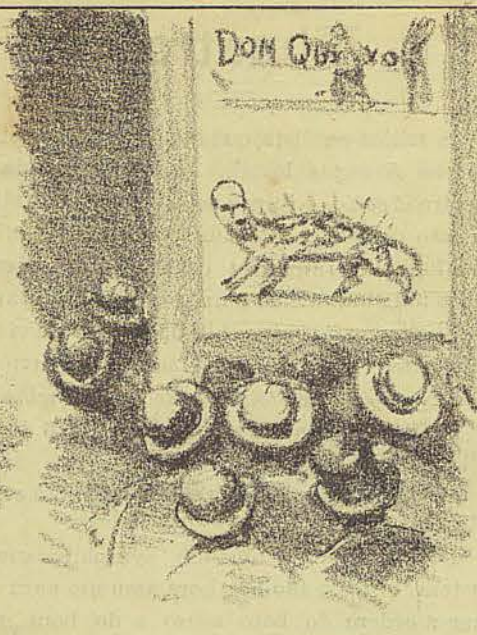
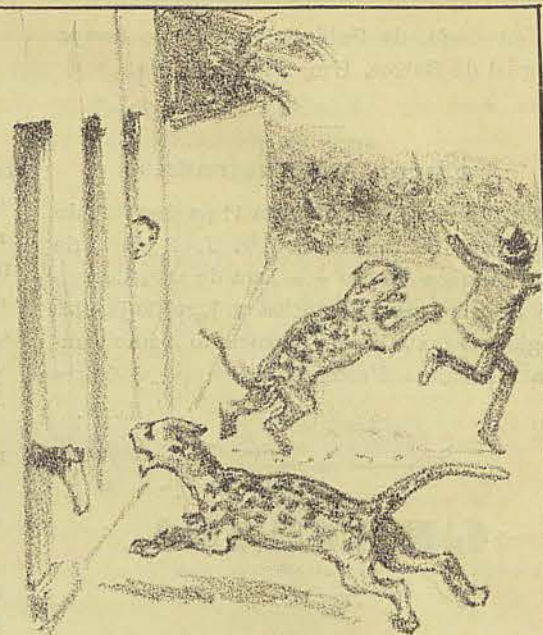
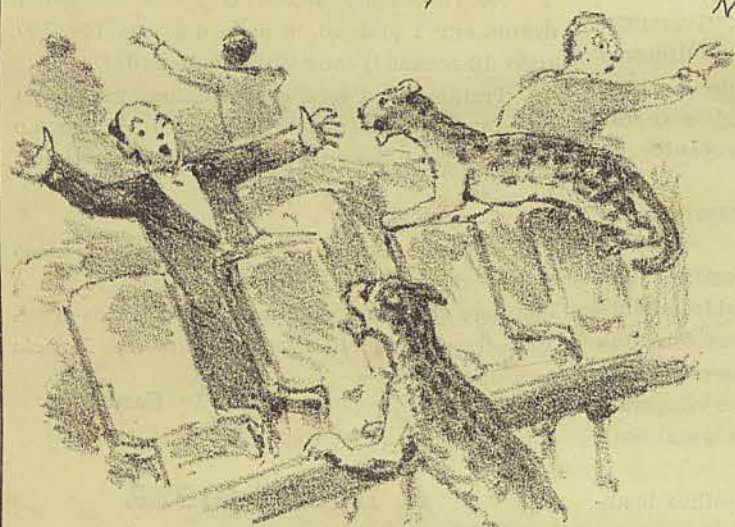
— *Captivando*, polka por Ernesto Bulhões impressa pelos editores Vieira Machado & Cª

= *Almanack do Correio da Europa* para 1895, com variada leitura e bella collecção de retratos de pessoas notaveis, nacionaes e estrangeiros.

— *Revista Brazeleira*, fasciculo 6. Sempre excellente.

A todos agradecemos

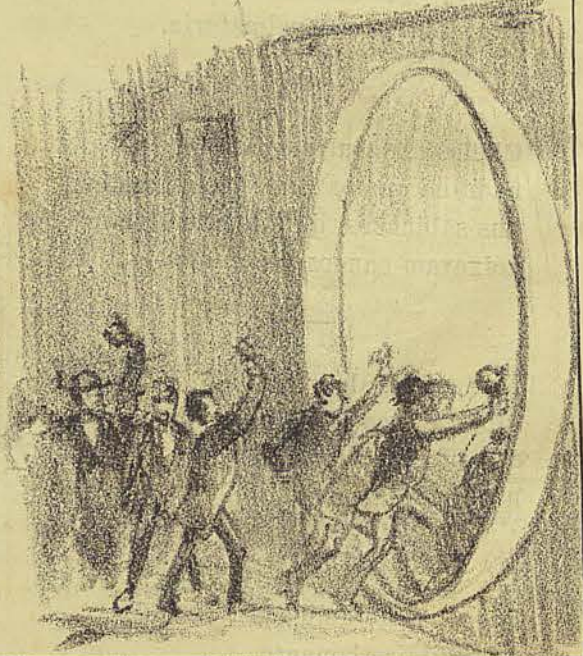
D. MEZARIO.

L'EXPRESS, Typ. a vapor rua da Assembléa 75

Os acontecimentos de Pernambuco obrigaram o D. Quixote e seu fiel escudeiro a voltar para esta Capital, adiando a viagem ao Sul.

Apenas chegados apresentamos ao E.^mo Sr Prudente de Mais e ao respeitavel publico a terrivel fera do Norte,

a qual continua em companhia de outras a perseguir o povo pernambucano.

O proprio Senado estadoal está ameaçado de ser victima da feroz bicharia.

O que fez com que os Senadores pedissem providencia ao Sr Prudente de Mais, que se limitou a deitar-lhes a benção... Constitucional.

Emquanto uns queixam-se ao bispo, outros ficam bem tranquillos sobre a constituição...

Mais uma bernarda obrigada a retrato, feita pelos alumnos da Escola Militar,

e que o Sr Bernardo Vasques entendeu dever ser a ultima, fechando por emquanto a dita escola.

Alguns manifestantes metteram-se no Q, sendo recebidos com a gentileza que distingue o nosso Collega.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno. .	20$000	Anno. .	24$000
Semestre	12$000	Semestre	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todos as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

A ADMINISTRAÇÃO

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 23 de Março de 1895.

BRAZIL-PORTUGAL

Estão reatadas as relações diplomaticas entre o Brazil e Portugal.

Este facto tem dado lugar a manifestações de sentimentos de fraternidade, que muito nos honram e constituem prova irrefragavel da nullidade dos esforços de certos espiritos atrabiliarios e futeis, que andaram por ahi a prégar e a endeosar a nossa discordia com os povos europeus, pretendendo impor-nos a famosa panacéa do americanismo á Monroe.

Estas manifestações de affecto e de regosijo pelo reatamento das nossas relações diplomaticas com a velha metropole, representam de algum modo o protesto contra as injustiças de que foi victima a colonia portugueza, durante a revolta de 6 de Setembro.

De facto, nesse periodo tenebroso da nossa historia, não houve insinuação malevola, não houve calumnia vil, que assacada não fosse contra a gente laboriosa, que para aqui vem, aqui trabalha, aqui constitue familia e aqui morre.

Sob o estribilho de — auxilios aos revoltosos — attribuio-se á colonia portugueza a responsabilidade de coisa, que, de direito, cabia a outras nacionalidades mais fortes...

A consequencia foi que o portuguez era olhado com desconfiança e odiado como pessoa inimiga, tendo por isso merecido uma especial menção por parte do Snr. instituidor do celebre wagon 136 V, nos barbaros castigos que ali eram inflingidos...

Dando-se o 13 de Março, e o caso de ser o asylo aos revoltosos brazileiros concedido nos navios portuguezes, é facil de imaginar-se como os sentimentos de hostilidade recrudesceram contra a patria de nossos avós e pessoalmente contra a colonia aqui estabelecida...

Houve uma violenta explosão de odios. Um grupo numeroso de patriotas, tendo á frente um Sr. Senador bastante conhecido, desceu a rua Ouvidor, aos gritos de: — *á Mindello! á Mindello!*

Fallou-se em represalias, em metter a pique as pobres corvetas lusitanas, quando sahissem a barra...

Emfim, o nosso eminente collega da *Gazeta de Noticias*, disse ha dias nas suas *Cousas Politicas*, que o rompimento das relações fôra talvez, uma especie de satisfação moral dada pelo governo de então aos defensores da legalidade, cuja exaltação poderia dar lugar a uma violencia «que nos poria em posição muito esquerda aos olhos do mundo civilisado.»

* * *

O governo portuguez agio nesta emergencia, com a possivel correcção e, se alguma falta commetteu, foi largamente rasgatada pela declaração sincera por elle feita ao governo inglez, documento esse que servio de base ás negociações diplomaticas do illustre representante da Inglaterra.

Diante dessa declaração solemne que affirmava uma cousa de que aliás todos nós estamos convencidos, isto é, que o asylo fôra concedido a quinhentos brazileiros unicamente por espirito humanitario, não era licito duvidar de que as relações entre os dous governos, por um anno interrompidas, seriam, por fim, como foram, reatadas.

E dizemos entre os dois governos—porque a verdade é que só entre elles se fez sentir a interrupção.

Os povos continuaram irmãos como d'antes e como sempre, apezar dos excessos lamentaveis a que acima nos referimos.

O reatamento das relações entre o Brazil e Portugal, foi pois, a consagração official de uma vera amizade, que jamais cessou, nem cessará de existir entre os dois povos.

O caso da Escola Militar

E' de pleno dominio publico o caso do estranho pronunciamento da mocidade da Escola Militar, facto revelador de profunda indisciplina, que obrigou o governo a tomar uma attitude energica de repressão, applaudida por toda a gente seria, digna e patriota.

Ninguem mais do que nós lamenta a posição precaria e insustentavel em que, de um dia para o outro, ficaram esses alumnos militares, muitos dos quaes ali estudavam á custa de não pequenos sacrificios de suas familias; e por isso não é sem grande pezar que applaudimos francamente o governo, que, pela gravidade das circumstancias, vio-se na dura contingencia de — ou reprimir promptamente a sublevação da escola, ou anullar a sua auctoridade de superior hierarchico e o prestigio inherente á suprema magistratura da Republica, sem o qual não é possivel governar-se um paiz, constitucionalmente.

* * *

Devemos confessar que, a principio, pouca importancia ligamos ao caso da escola militar: á falta de pormenores, pareceu-nos que se tratava apenas de insistentes expansões de jubilo, ou, quando muito, de alguma vaia mais ou menos ruidosa...

Mudamos inteiramente de parecer, quando soubemos da ida de batalhões para o estabelecimento militar e a curiosidade nos levou até ás immediações desse edificio, sendo-nos permittido encontrar o grupo que se dirigia para o centro da cidade, conduzindo um retrato emmoldurado, soltando *vivas!* e *morras!*

Nessa occasião, vimos e ouvimos um desses moços exaltados, gritar enthusiasticamente:— *Com esta espada, ainda hei de ajudar a collocar no poder o Marechal Floriano!*

. . . .

Mais tarde, deparou-se-nos o ensejo de ouvirmos de respeitavel senhora, particularmente bem informada:

— *Elles pensavam que os batalhões seriam a seu favor; senão, não fariam aquillo...*

Vieram ainda os pormenores dos acontecimentos occorridos naquella escola, que devia e deve ser modelo da mais austera disciplina, e, francamente — cahiu-nos a alma aos pés!

* * *

O governo procedeu, pois, como quem sabe prezar a sua dignidade e tem confiança na força que lhe advem do cumprimento da lei; e, no modo por que soube punir, com energia e calma, provendo ao mesmo tempo ás condições precarias desses moços, revelou sentimentos de justiça dignos dos maiores louvores, e que inutilisaram positivamente a humilhação de — *uma esmola* — hypocritamente pedida, com um sentimentalismo capcioso.

Resta saber agora, se esses moços militares assim transviados do caminho do dever, o foram tão somente por inspiração propria, ou se o seu procedimento correspondia ás instigações e aos desejos dos que não duvidaram em atiral-os á voragem da mashorca, para depois .... figurarem em subscripções espalhafatosas, com donativos disfarçados e disseminados em mil pseudonymos...

Neste caso, cumpre ao governo continuar a agir resolutamente.

A opinião publica está-lhe ao lado, confiante e decidida.

AMERICANISMO

A maneira por que a propaganda na Europa tem sido feita com relação ao nosso paiz, serve unicamente para se dispender sommas fabulosas sem o minimo proveito.

E' bem sabido que o européo desconhece o Brazil como uma nação prospera, com um systema politico definido, dispondo de elementos incalculaveis, apto para se tornar a mais extraordinaria potencia industrial de toda a America. E a causa d'esse juizo erroneo, do falseamento do valor intrinseco do nosso solo, prende-se ás celebres viagens imperiaes e á

pouca fé dos enviados brazileiros. O europêo acreditava que o Brazil era exclusivamente o imperador, muito sabio, e que sabia ver estrellas atravez as lentes dos telescopios possantes Nada mais. Por outro lado os nossos delegados, que para tanto ganhavam, longe de desfazer taes erros, de demonstrar que o Brazil possue todos os climas, que as terras são exhuberantes de seiva, que o immigrante aqui encontra todos os recursos de que necessita, que temos leis garantidoras dos contractos, e que ha muito abolimos a tanga, o arco e a flecha, deixavam-se ficar no *dolce far niente* de uma bôa mamata, frequentando, ás noutes, os clubs, os *trotoirs* do bom tom, e as magnificas *soirées* de *madame la vicontesse de X*...

Ora, com taes agentes, que de nada e para nada servião, a corrente immigratoria começou a ser feita por partes, ao bel'talante de cada um, ou contractos firmados com um ou outro fazendeiro. Era, e é diminutissima, por consequente, e tanto mais quanto a maioria das agencias chegava mesmo ao cumulo de desconhecer o proprio paiz que representavão. E quanta ignorancia, e quanto disparates se deram, a ponto do immigrante desconfiar das regalias que se lhes offerecia!

Em nosso modo de ver pensamos que a missão do governo sobre o problema da immigração deve ser limitadissima corrigindo semelhantes incurias. Ao envez de agencias especiaes, dispendiosas e inuteis, o governo deve dar aos consules a amplitude das informações precisas, exigidas pelos interessados. A elles, sem accrescimo de vencimentos, pois que nem tantas questões por lá temos para lhes absorver o precioso tempo, deve competir a propaganda intelligente, criteriosa, com o maximo escrupulo e o mais lato conhecimento de causa. Para isto basta que o governo queira acabar com os afilhados, e nomeie para tão alto cargo homens capazes, de reconhecida competencia, verdadeiros patriotas que maior amor dispensem á terra onde nasceram e da qual vivem.

Desde que tal trabalho seja assim systematisado, que o governo, pelos consules, incumba-se de dizer a Europa que o Brazil é uma nação digna, é a patria do trabalho, sem com ella fazer contractos directos, deixando a cada interessado a mais franca liberdade, por certo em menos tempo e com maior proveito a corrente immigratoria será um facto real.

Que para o Brazil venhão todos aquelles que podem trabalhar, que sejão capazes de, comnosco, concorrerem para o desenvolvimento da patria adoptiva. A nossa lavoura está em condições precarias, é preciso, por isso, que pela divergencia dos salarios se estabeleça a ampla concurrencia.

JORGE MOREAL.

O AMOR DO O'

Eu comprehendo, philantropico O', que o teu enthusiasmo, o teu ardente amor pela mocidade briosa e heroica, não é um sentimento ruim de inconfessavel pretenção; mas o carinhoso e cego affecto de um pae extremoso que acha adoravel encanto em todas as bregeiradas, espertesas e malcriações do seu menino-prodigio.

Mas, ó O' da minh'alma e silva, se esse amor é uma nobre fraqueza do coração humano força é reconhecer que não ha maior desgraça do que ser-se objecto d'elle, pelas funestas consequencias que sempre produz.

Repara nas que para a mocidade da escola militar resultaram do teu amor de macaca.

Tu, o O' da legalidade, o rrrrepublicano de quatro costados, o defensor imperterrito da authoridade constituida, para a sustentação da qual tiveste o massiço heroismo de dizer amen a todos os *sitios* e actos d'elles consequentes, e que — qualificaste de piratas e bandidos a todos os que contra essa authoridade se revoltaram, como é que na cegueira do teu extremoso amor, não reparaste que as gracinhas dos teus meninos-prodigios eram justamente aquillo que tu condemnavas nos outros — um desrespeito á authoridade constituida, uma revolta contra o governo que tu proprio reconheces legal?!!...

Fatal cegueira do teu funesto amor!

Applaudindo, como para as veres *bisadas* as taes gracinhas, em vez de reprehendel-as para que não fossem repetidas, collocaste a briosa mocidade sob a condemnação que tu nunca achaste demasiado severa para revoltosos, e agora, em vez de limpares as mãos á parede pela tolerancia nefasta de tua amisade de urso estendel-as á caridade publica para dar tecto e pão, a quem o governo continua a dar cama e mesa, e humilhares com a prôa de um paquete a insensata prôa de *umas pobres crianças* desorientadas pelo teu carinho.

Sê logico, ó O', e tira d'este facto proveitosa lição para melhor orientação dos teus affectos.

E' bello, é nobre amar a mocidade briosa; mas não faças do teu amor, ó coração da rrrrepublica, um osso para ser rilhado por aquelles a quem amas.

Toma juizo, O', e chega-te ao rego da Rasão.

O CURA PERO PERES.

Visita

Fomos honrado com a visita do Exm. Sr. G. Greville, illustre diplomata inglez, encarregado de tratar com o nosso governo o reatamento das relações entre Brazil e Portugal.

Penhorou-nos em extremo o distincto cavalheiro, que foi para comnosco de uma afabilidade captivante.

Referio-se ao governo do Sr. Dr. Prudente de Moraes em phrases do mais franco elogio, e, particularmente ao nobre ministro das relações exteriores, teceu justissimos louvores, considerando-o um homem distincto, digno do lugar que occupa.

Agradecendo a S. Ex. a sua honrosa visita e a sua amabilidade, não podemos deixar de registrar que as impressões que agora ficam gravadas em todos quantos tratam com o actual governo, são muito differentes d'aquellas que do governo passado ficavam.

CHINOISERIES

BOA-NOITE

A nossa joven Republica
satisfeita aperta a mão
ao velho, Luso guerreiro,
renova o affecto primeiro
em generosa expansão

De amena paz os dons próvidos
Cada um dos dois abiscoite
e sobre questões preteritas
é bom dormir — *boa-noite.*

++

Para este mez boa muzica
Sansone nos prometteu
e até agora... ainda nada.
A *troupe* está demorada
ou do cholera temeu?

Vem ou não vem este lyrico?
Ha muito que o povo espera.
Si não dás a *troupe* harmonica
« mio Sansone — *buona sera* »

++

Em Pariz o inverno rigido
aguas e ruas gelou,
até o gaz... ex-fumo
não ha luz para o consumo;
em trevas tudo ficou.

Si da discussão — é logico —
surge a luz (isto já li)
que fiquem em noite tetrica
a discutir — *bonne nuit* —

++

Com os negocios cá d'America
Tem a Hespanha que se ver!
Em Cuba a revolta freme,
tudo pode, nada teme
povo, que livre quer ser!

Esses cubanos impavidos
Hespanha, não mais arroches.
A liberdade illumine-os.
Larga Cuba e *buenas noches.*

++

O Cambio... definha, o misero,
sempre baixando, que horror!
No commercio—magros cofres,
e tu, povo, — és tu que soffres
com o mal desolador!

A 9 e não mais — Magnifico
Exclama John Bull: *all right*!
Si assim vais descendo, somes-te,
Mister Cambio, e... *good-night*

++

Ainda o chanceller ferreo
lá na Allemanha se impõe
confirmando-lhe a nobreza
mostra o Rei que muito preza
quem de taes dotes dispõe.

E' raro quem uma epocha
tão bella na Historia marque.
Dorme nos louros, reclina-te,
guten abend ó Bismarck!

++

Agora cá pela Patria;
Foi a escola Militar
fechada, e no Rio Grande
Ainda a guerra se expande.
Quando ha de isto terminar?

E' justo que ao calor hórrido
fugindo, em casa me acoite.
E antes que pegue-me a critica?
meus leitores... *boa noite.*

LU-NO

TAGARELLICES

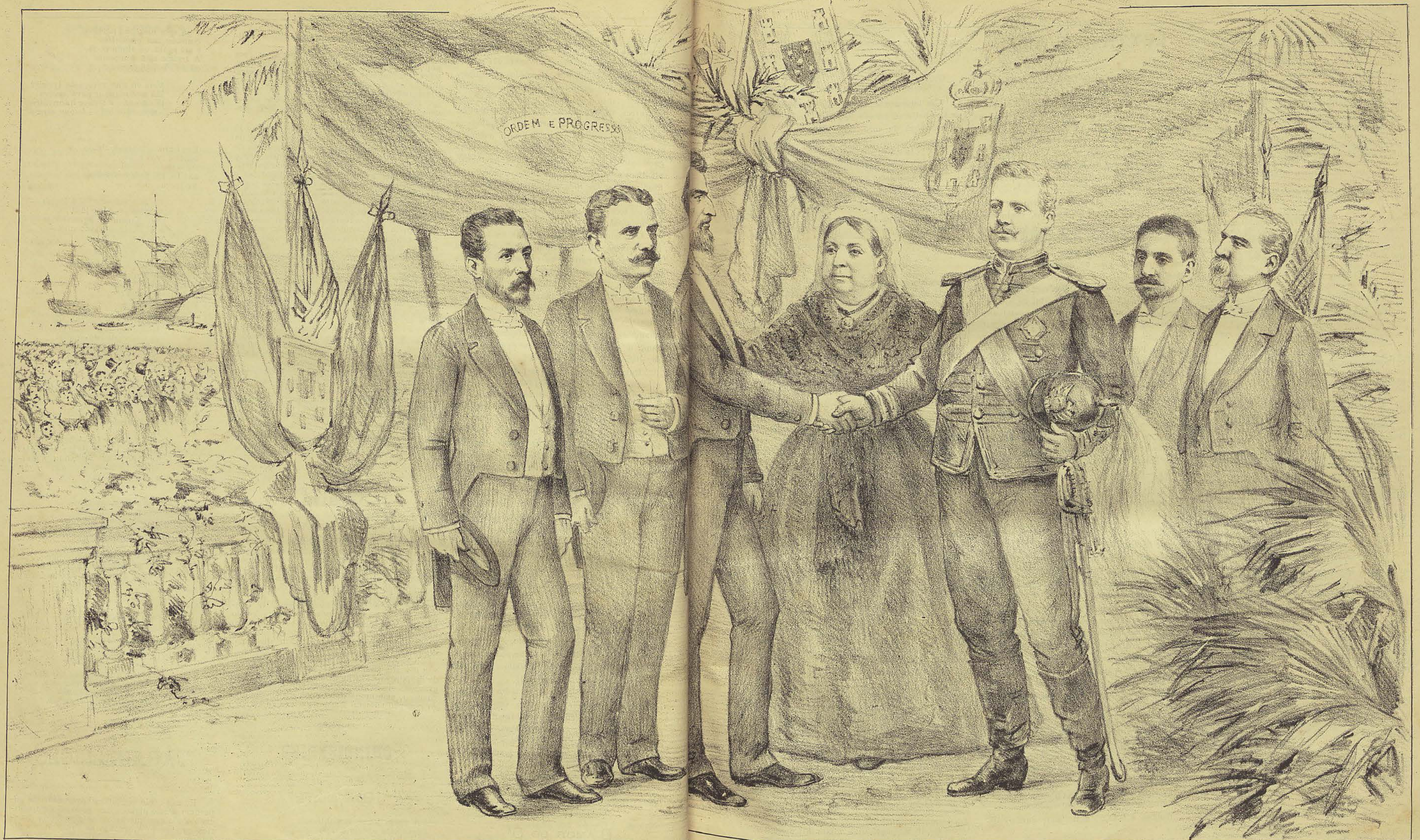
Eu não creio que possa haver sobre a superficie d'este planeta um povo tão republicano como este que habita esta parte da America que vai do Amazonas ao Prata, como diz o hymno.

Aqui tudo é republicano, tudo ama a Republica, tudo está prompto a derramar por ella o seu sangue.

Ora, como genios iguaes não fazem liga, dá-se, então, o caso de andar tudo em polvoroso, em uma briga constante de puritanismo republicano.

Estes, para consolidação da Republica, querem perenne estado de sitio, imprensa sem

RESTABELECIMENTO DAS RELA[ÇÕE]S ENTRE PORTUGAL E O BRAZIL

ORDEM E PROGRESSO

Dr Carlos A. de Carvalho ministro das relações exteriores do Brasil. — Sr George Grevil[le] Representante do governo Britann[ico] — Dr Prudente de Moraes Presidente da Republica Brasileira. — Rainha Victoria de Inglaterra. — D. Carlos 1º Rei de Portugal — Dr Assis Brasil ministro brasileiro em Portugal. — Consº Thomaz Ribeiro ministro Portuguez no Brasil

Graças aos bons officios do governo de S. M. Britannica e ás [...]s de cordeal affecto trocadas entre os respectivos ministros de Portugal e Brazil, foram a 16 de Março de 1895 reatadas, com hon[ra p]ara ambas, as relações diplomaticas entre as duas nações irmãs.

opposição, enthusiasmo indisciplinado na classe militar, administração de estrada a palmatoria, burocracia militarisada, censura telegraphica e correio violavel.

Outros, menos puritanos, querem direitos constitucionaes garantidos tanto para os cidadãos como para a imprensa, discriminação dos que illustram a farda, e dos que a emporcalham; punição de algozes e reparação ás victimas; respeito á autoridade e amor á ordem.

Ha ainda os que elevam o ideal do seu republicanismo até á nacionalisação da propriedade do solo, e da constituição da familia, com plena liberdade de calotear e injuriar o immigrante.

Ha ainda o civismo da arruaça com plenitude de desaforo.

Ha ... ha o diabo a quatro e o Simão de carapuça fingindo barrete phrygio.

E todos, voz em grita, clamam que são rrrepublicanos, muito rrrrrrrrepublicanos, levando a sua abnegação ao extremo de quererem soldos e etapas dobradas, subsidios vitalicios, funccionalismo exclusivamente seu, proventos de toda a especie e gratificações por dá cá aquella palha, com sentinella generalicia á porta do Thesouro para que o dinheiro publico seja só para elles.

Ora, se isto não é a mais positiva realização da *Ordem e Progresso* inculcados na bandeira da Republica, então ... não ha osso sem O'.

Estou enthusiasmado com o espirito de colleguismo que *O Paiz* manifestou em uma extensa noticia entrelinhada da sua primeira pagina de 21 do corrente, a respeito do *Pé Espalhado*.

Sim, senhores, aquillo é que é pugnar pela liberdade da imprensa seria, a imprensa que, ao lado d'elle, *O Paiz*, mais contribue para o engrandecimento da Republica e o credito do Brazil no estrangeiro.

E ha maldizentes que poem em duvida a solidariedade d'*O Paiz* a respeito da sustentação da liberdade da imprensa!

Pois ahi está a supra citada noticia relativa ao orgam do jacobinismo a provar a falsidade de tal arguição.

Nunca n'esta capital orgam algum da imprensa foi tolhido em sua liberdade sem que O heroico pugnador dos direitos constitucionaes se erguesse massiço ante a despotica authoridade, com esta legendaria chapa, que é a sua divisa em assumpto de tal gravidade:

— Não! Jamais consentirei em tal, ainda que tenhas de passar por cima do meu cadaver!

A Gazeta de Noticias que o diga.

Justiça justa e verdadeira só alli é que ha para dar e vender.

Vão ver como elle vae tratar do caso do espancamento do lente da Escola Polytechnica pelo estudante reprovado.

Pois se elle leva o seu amor pelos alumnos briosos até á altura de um principio republicano!

Dirá que o alumno é uma criança, e que o lente, reprovando-o, mostrou-se um sebastianista que conspira contra a Republica e a Patria.

E abrirá logo uma subscripção para a compra de um guarda chuva, que substitua o espedaçado no lombo do lente bandido que reprovou o *pequeno*.

E, para *mot de la fin*, lá vae uma boa noticia.

Um principe foi receber um illustre viajante, seu collega, que regressava ao seu principado.

Depois dos comprimentos e felicitações do estylo, fez-lhe o principe este amavel convite:

— Vamos para o nosso O tomar chá, Cotta.

Mestre Nicolau.

LETTRAS E ARTE

Nhanhá — racconto brasiliano pelo professor Giuseppe Malan.

E' um pequeno volume da bibliotheca popular o conto que nos enviou o seu auctor já muito conhecido pelo amor que vota ao nosso paiz, que o levou a emprehender a publicação da sua boa e apreciada revista *Il Brasile*.

Apreciaremos de dous modos o livro do distincto professor, como livro de propaganda e como obra litteraria.

E' incontestavelmente um livro de utilidade, pois em capitulos pequenos, resumidos, orienta o leitor estrangeiro sobre o nosso paiz, a nossa historia e o actual estado da lavoura. E' pois um bom livro para todos, principalmente para os que se destinam a viver no Brasil.

Como obra de arte é observação o conto é bem conduzido. A viagem, a vida de bordo, a chegada a Santos, a impressão dos viajantes diante da natureza brazileira, a fazenda Palmira, são magistralmente descriptas. A protogonista *l'avvenente Nhanhá*, é um temperamento estudado, talvez caprichoso demais, porém sempre consequente.

O Dr. Arturo é um caracter bem observado, cuja seriedade simples faz bella antithese á perfidia do falso engenheiro De Carli que, depois de calumniar o medico, suppondo perdido o dote de Nhanhá foge, roubando-lhe as joias.

Em summa o livro é bom e faz honra ao bom amigo do Brazil, o illustre professor Malan.—Parabens.

* *
*

Incendio no mar. — Poema de Alberto Silva.

Entre os poucos que sobreviverão ao cataclysmo litterario em que nos vemos, a esta desorganisação que lavra no dominio das lettras, entre os raros que, creio, vencerão este oceano revolto para irem ancorar no porto da Historia, conta-se Alberto Silva.

Não é um estreante que vem timido, pedir benevolencia animadora, ao contrario é um conhecido, um poeta feito, e por isso tem direito a uma apreciação, si mais detalhada, tambem mais rigorosa.

O poema em geral, agradou-nos; a idéa é bem desenvolvida, porém perde-se ás vezes no burilado mysterioso e prophetico da phrase. Por exemplo á pag. 8:

« Torva miragem! cruel visão;
» Macabra dança que nunca finda,
« Que tranças de ouro! Que fada linda
« Brilha nos circulos do clarão! »

E logo na estrophe seguinte muda de assumpto:

« Lenho phantastico, ilha tremenda
« Fluctúa sempre, sempre a brilhar. »

E sobre a fada... nem mais uma explicação.

Desejamos que o poeta não se atufe nos *novissimos* moldes da phrase, e evite com energia esta corrente perigosa. Quanto á forma os seus versos são bons e as rimas obrigadas que impoz ao poema constituem uma difficuldade que soube vencer com talento. A metrificação difficil foi bem guardada, embora escapassem alguns versos como estes, felizmente poucos em todo o livro.

« No amplo espelho das aguas tranquillas
....
« O tecto falte, o pae falte e o irmão.

Um ou outro senão, porem, não destroe as muitas bellezas do seu inspirado poema onde ha estrophes de ouro, como esta;

« Paz sobre as aguas! Paz sobre o mundo!
« A pyra enorme vai se apagar:
« A lua boia no azul profundo
« Como o alvo rosto do moribundo
« que derradeiro boia no mar.

O livro é em homenagem á sociedade *Charitas* e foi cedido em beneficio das victimas do incendio da barca *Terceira*.

Um abraço ao Alberto Silva pelo seu inspirado trabalho.

L. N.

FERROADAS

Palavra de honra: estou boquiaberto com o que hei lido em certos jornaes, a proposito do reatamento das nossas relações diplomaticas com Portugal.

Imaginem que, não ha muito tempo, esses jornaes diziam cobras e lagartos dos estrangeiros em geral e particularmente dos portuguezes — e que hoje são todos gentilezas, blandicias, gatimonhas, para os nossos irmãos de além mar!

Foram-se os ingratatões que *cuspiam nos pratos em que comiam*... Hoje são os homens laboriosos e honrados que, etc e tal...

Tempora mutantur... pró barrigam e bolsum nostram...

Está escripto que até mesmo nos mais serios casos desta vida haverá sempre uma nota comica.

No da escola militar a nota alegre (mas que tristeza!) foi vibrada por um collega n'*osso* que, depois de *tranportes de principe ultrajado*, estendeu a mão e pedio esmola para os bravos moços militares.

Ao vel-o assim a mendigar, tão plethorico de vida, acudio-me a phrase — *Vá trabalhar!* — com que a gente responde a certos typos que nos importunam a cada passo.

A imprensa occupou-se com o facto de ter apparecido uma bandeira nacional a meio páo e envolta em crepe, hasteada em uma casa da rua da Uruguayana.

Disseram que foi protesto de jacobinos contra o facto do reatamento das nossas relações com o velho reino.

Qual, historias! Aquillo foi grito de consciencia.

— Os ultimos actos do governo — mataram-nos. Estamos mortos: *Mortus est jacobinus in casca! Ergo...* bandeira a meio páo!

O nosso querido Paula Ney diria: — Foi onanismo de lucto...

Restam os jacobinos officiaes- e estes são mais duros de roer.

Ainda ha dias, ao passo que se desenrolavam os successos da Escola Militar, sahiam de um estabelecimento do Estado centenas de retratos do Sr. Marechal, que foram distribuidos pelos quarteis, dizem que, por um empregado da propria repartição...

Para cohonestar o caso, disseram-nos, a coisa foi feita como *encommenda* de uma casa franceza da rua do Ouvidor, que possue o *cliché*.

Ao governo compete esquadrinhar a verdade de toda esta patifaria...

As *quadrilhas de salteadores e ladrões de cavallos* que, segundo a *Federação* do Sr. Castilhos, infestam o Rio Grande do Sul, estão abarbando o governador do Estado, a serem exactas, como parece, as ultimas noticias telegraphicas das victorias dos federalistas.

Pois, senhores, sempre estive muito longe de acreditar que aquelles *bandidos* tivessem tanta força.

Felizmente o Sr. Castilhos é homem e tem azas: não póde temer que o roubem...

Não é só o *Paiz* que esta amuado com a gente.

Diz elle que um governador do Norte intenta processar o director de um periodico illustrado d'aqui...

Para cá vêm de carrinho.

O que eu vejo por traz do *reposteiro* é pura e simplesmente uma *fressura illustrada*, mas podre, a que é preciso acudir, emquanto é tempo, *custe o que custar*, embora para isso seja preciso roncar... um secretario de Estado.

— Fica mansa, mana!

Mot de la fin:

— Achas natural que *O Paiz* désse passagens de prôa aos ex-alumnos?

— Naturalissimo. Elle só tem prôa, deu *prôa*! Cada um dá o que tem...

PERNILONGO.

SUPERNA LUX

D'encontradas paixões a lucta ingente
por ti eu supportei, mulher querida!
Odio e amor, me consumindo a vida
lutavam dentro em mim em furia ardente.

De seus embates no vigor crescente
vencendo, elles se levam de vencida,
na arena—a consciencia adormecida—
succumbem ambos, vacillando a mente.

Mas, sobre seus destroços confundidos,
uma aurora melhor vem purpurina,
protectora raiar sobre os vencidos.

Novo reflexo agora me illumina:
Se a luz dos olhos teus falta aos sentidos
brilha d'Arte á razão flamma divina!

LUIZ NOBREGA.

O PEDAGOGIUM

O Director d'este importante estabelecimento, o illustrado educador Dr. Menezes Vieira em amavel carta convidou-nos para ver o estado do predio onde funcciona este util museu, asseverando-nos que o dito predio ameaçava ruina.

Fomos, e podemos assegurar que o estado da casa é verdadeiramente perigoso, não só para os empregados como para os visitantes.

As salas do gabinete de chimica, da exposição de material escolar, e das conferencias, inutilisadas. As paredes, abertas estão em fendas e escoradas com vigas de madeira, estão para desabar a cada instante.

Os commodos do plano inferior da casa onde habita o porteiro com sua familia são ameaças constantes á vida dos seus habitantes.

O illustre Dr. Menezes Vieira disse-nos que não só elle, mas o seu antecessor, haviam reclamado a transferencia do Pedagogium para outra casa e o Sr. Ministro estava favoravelmente disposto a respeito, porém era preciso esperar que se desoccupasse um predio á rua do Lavradio, para onde deve ser mudado.

Por nossa parte lembramos ao Sr. Ministro que no caso em que se acha o Pedagogium, qualquer demora póde ter terriveis consequencias. Um momento basta para destruir todo o importante material, as custosas collecções, alli accumuladas com tanto trabalho, e compromettter a vida dos funccionarios.

Trate a administração de procurar um predio com as condições necessarias e transferir o Pedagogium. Não queremos acreditar que pensem em mudar este museo para o antigo palacio Isabel, como ouvimos dizer—sendo retirado do centro da cidade aconteceria o mesmo que ao Museu Nacional, mudado para S. Cristovão por um capricho: ficaria *ás moscas*.

Emfim: as nossas impressões ahi ficam, e agradecendo ao distincto Director a gentileza com que fomos recebidos, concordamos com S. S que o problema reclama prompta solução.

L. N.

GRACIAS!

O Snr. André de Oliveira, proprietario da antiga e acreditada drogaria que tem o seu nome, teve a amabilidade de obsequiarnos com uma garrafa do excellente *Hirsebœr liquer* de Peter F. Heering, que, por ser uma bebida bastante quente, veio acompanhada de quatro bellas ventarollas chinezas.

Aberta a garrafa e posto á prova o respectivo contendo, fomos todos concordes que de tão excellente bebida, uma unica garrafa não é sufficiente para se poder formar um juizo seguro, visto como, quanto mais se bebe mais se gosta, e convem tocar a meta do gosto para se poder firmar opinião definitiva.

Quanto ás ventarollas como somos mais de meia duzia, não chegou a tocar uma a cada um.

Assim, agradecendo relativamente os objectos já recebidos, guardamos a totalidade do nosso reconhecimento e do nosso elogio para quando completo for o nosso contentamento.

Theatros

Hoje pouco poderei dizer do que vae pelos theatros.

O excessivo calor que nos está derretendo obrigou-me a ir por alguns dias respirar os ares excellentes do poetico berço do Casimiro de Abreu, e por isso ainda d'esta vez deixei de assistir á representação do *Pum*! e á do *Filho da Noite* que deviam ser o objecto d'esta chronica.

Pelo mesmo motivo fiquei privado de assistir á festa artistica do Peixoto, que tão amavelmente para ella me convidou.

O Peixoto nada perdeu com a minha ausencia; o prejudicado fui eu, que perdi o ensejo de mais uma vez o apreciar.

Isto, porém, não impede que eu aqui junte ao côro unisono com que a imprensa o louvou a modesta voz do meu applauso.

—o—

Afinal, ao contrario do que eu esperava e desejava, lá se foi para S. Paulo a Companhia do Dias Braga, entregando o theatro Recreio Dramatico á impertinente serra do *Tim tim por tim tim*, que, nem por ser condimentada pelo trabalho da actriz Pepa Roiz, deixará de ser menos borracheira.

Decididamente creio que só por um decreto nos libertaremos de semelhante sarna.

Apre!

—o—

Felizmente, para compensar-nos d'esta praga, annunciam-nos jornaes de S. Paulo a vinda, para o theatro de S. Pedro d'Alcantara d'esta capital, da Companhia lyrica De Mattia, que no theatro S. José d'aquella capital tanto se fez applaudir na opera do nosso glorioso maestro, *Il Guarany*.

A dar-se credito á critica paulista, a primeira dama d'essa Companhia, senhora Amalia Bourman, é uma artista de muito merecimento, interprete feliz da Cecy da opera de Carlos Gomes.

Aguardamol-a anciosos.

—o—

Não quero depôr a penna sem recommendar aos nossos leitores a festa artistica da sympathica e muito talentosa actriz brazileira Olympia Amoedo, que deverá realizar-se na noite de 25 do corrente no theatro Apollo.

Digna da maior animação, a distincta actriz, cuja festa recommendo, é uma das mais brilhantes esperanças para todos os que anhelam á rehabilitação do nosso theatro.

SANSÃO CARRASCO.

A nossa meza

Recebemos:

— *A Estação*, n. 5 (15 de Março de 1895), excellente jornal de modas parisienses, de que são edictores e proprietarios os Srs. H. Lombaerts & C. Além do habitual figurino colorido, traz muitos outros em gravuras nas paginas descriptivas, e um optimo supplemento litterario com duas bellissimas gravuras: *Amor materno* e *Morte de Santa Clara*. E' uma publicação de grande utilidade.

—*A Noticia illustrada*, anno 1º n. 4. Sempre bella, sempre radiante de graça e de elegancia. Julião Machado cada vez mais accentúa no explendido semanario a sua individualidade artistica.

—*The Rio News*. Anno XXI, n. 12 Importante semanario em inglez no qual são discutidos com elevado criterio assumptos de maximo interesse para o paiz. De publicações deste genero é que mais precisamos, não só para a boa orientação dos nossos governos, como para nos acreditar no estrangeiro onde se faz do Brazil ideia muito erronea.

— *A Illustração*, Anno 1º, ns. 1 e 2 Jornal litterario e humoristico, que se publica em Pernambuco, e é editado pelo Atelier de Artes graphicas.

Traz em suas paginas de frente os retrato dos doutores Clovis Bevilacqua e Arthur Orlando. Texto em prosa e verso variado e humoristico, no qual affirma não ser neph'libata Ainda bem.

— *A Miniatura*. Anno 1º n. 3, periodico da cidade do Amparo, Estado de S. Paulo. Bem escripto e bem impresso.

— *O Cysne*, Anno 1º ns. de 1 a 7, orgam litterario mineiro, que se publica em Ouro Preto, capital do Estado de Minas Geraes.

Tem por collabordores todos os cultores das lettras mineiras, entre os quaes distinguimos as Snras. D.D. Maria Clara da Cunha Santos, Prescilliana Duarte e Aurea Pires. Trazem boa prosa e bellos versos.

— *Turf Club*, convite para a 6ª corrida extraordinaria em 24 do corrente.

—*Mimosa* valsa por Mm. Alice Marques Dias;

—*Sonhando*, schottisch por A. Keller, duas bellas compusições musicaes editadas pelos operosos Srs. Vieira Machado & C.

A todos agradecemos

D. MEZARIO.

L'EXPRESS, Typ. a vapor rua da Assembléa 75

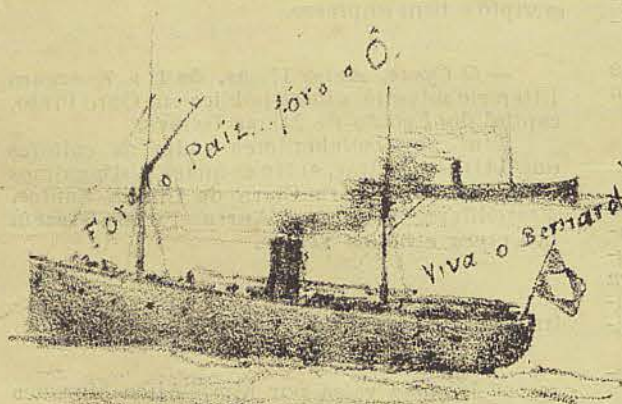
A nossa collega *Gazeta de Noticias* está a fazer-nos concorrencia nos bonecos, representando o O a pedir esmolas para as pobres crianças da Escola Militar.

Mas esqueceu-se de completar-lhe a cara, o que fazemos aqui

A tal criançada não é indifferente aos sentimentos do caridoso O,

que lhes dá passagem de prôa a bordo do Maranhão, comendo na tina dos marujos;

entretanto que o governo deu, aos que a quiseram aceitar, passagem de ré com mesa lauta

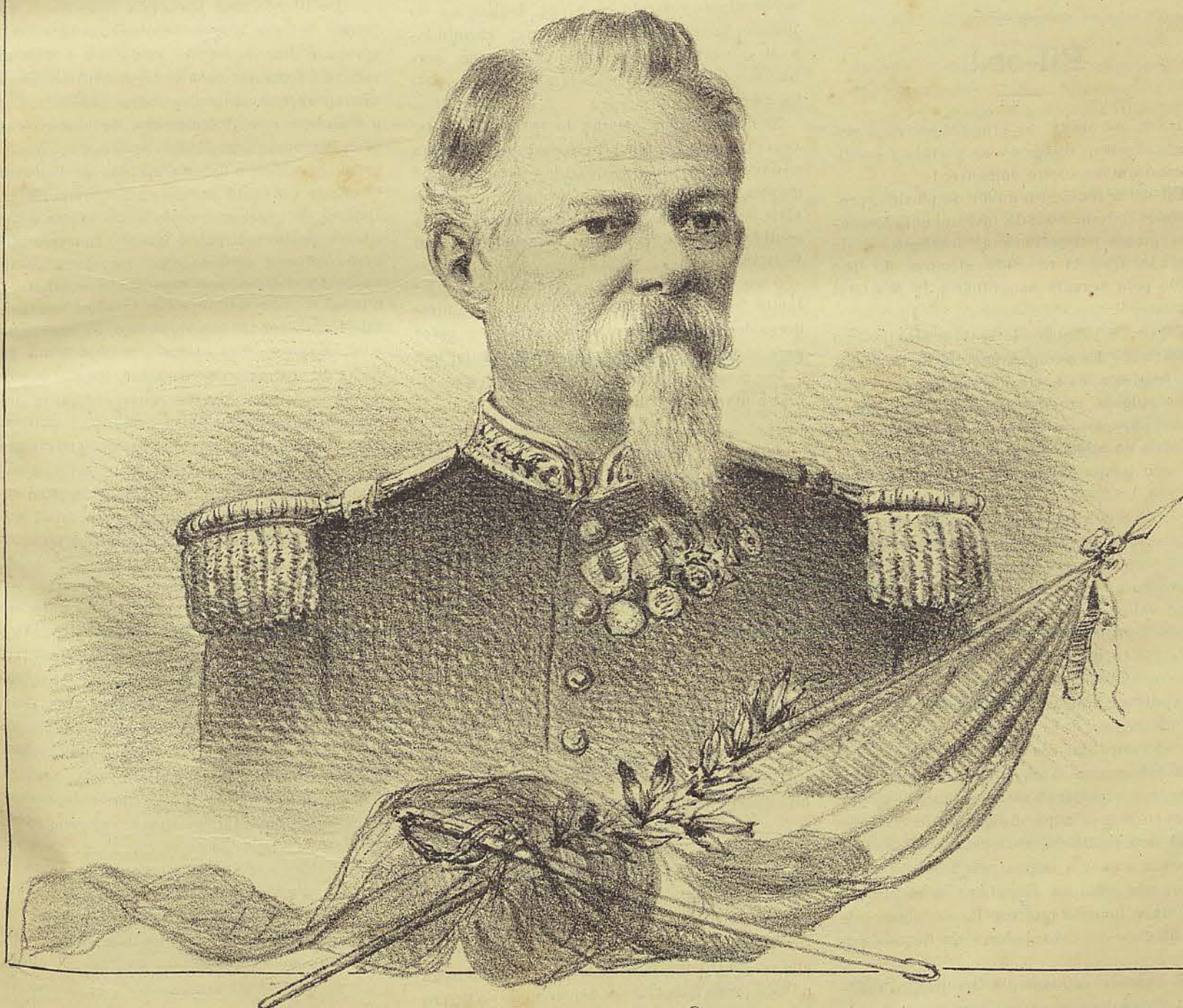
Só então é que as pobres crianças comprehenderam que o O as fasia rilhar o seo classico osso, e....

por um paquete recem chegado, que crusára com o Maranhão, soubemos que as ideias dos alumnos tinham mudado,

de sorte que se apanhassem o O a geito seria.... uma vez um O!

Ingratos!.... E mettam-se lá com crianças!....

Anno 1° Rio de Janeiro N° 10

Don Quixote

DE Angelo Agostini
Ouvidor 109 sobrado

Marechal Eneas Galvão
Barão de Rio Apa

(Vide o texto)

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.	20$000	Anno.	24$000
Semestre	12$000	Semestre	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todos as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

A ADMINISTRAÇÃO

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 30 de Março de 1895.

Eil-os!

EIL-OS, na arena, os grandes *patriotas* rio-grandenses, dirigindo ao partido republicano um manifesto collectivo!

Eil-os, a concitar a união do partido, profundamente desmantelado, intimamente descontente, graças à trajectoria de insensatez e de crueldade, traçada na vida gloriosa do Rio Grande pela vesania sanguinaria do seu fatal governador!

Eil-os, os propugnadores da guerra civil no solo fremente dos pampas, os sectarios da carnificina fratricida, os agaloados castilhistas, cujas frontes cingem truanescamente o tradicional barrete phrygio — a fallarem com rematada hypocrisia no advento da paz *honrosa* e *digna* ao mesmo tempo que vociferam contra os que aqui nos batemos pela pacificacação do Rio Grande do Sul, acoimando-nos mentirosamente de auctores da revolução de 6 de Setembro!

Eil-os, a temerem que aqui se tente impôr ao governo a *ruina* delles!

Ao vel-os assim, zangados e medrosos — zangados com os dissidentes e temendo que a dissidencia os mate, não faltarão espiritos ingenuos e susceptiveis que não tremam pela idéa republicana na terra rio-grandense.

Descancem.

A despeito das machinações urdidas pelos sectarios da guerra civil, signatarios desse manifesto, e não obstante mesmo a força que pretendem empregar, a pacificação do Rio Grande do Sul será realisada triumphantemente, porque assim o quer a nação, porque assim o exigem os que vêm na Republica a instituição liberrima e honesta que repelle os algozes de seus filhos e os esbanjadores da fortuna publica.

E, baseada solidamente na paz, a instituição verdadeiramente republicana, erguer-se-á, então, altiva e forte no glorioso estado do Sul, desafiando a insensatez dos adeptos da tyrannia militar e fazendo esquecer inteiramente a republica feita á semelhança do celebre 136 V, a que tem por horisonte a *gare* de uma estrada de ferro, por altar um vagon immundo e por hymno de liberdade os gemidos das victimas da palmatoria...

Tartufos!

OS QUE PASSAM

MARECHAL BARÃO DO RIO APA

Falleceu no dia 25 o marechal Enéas Galvão, Barão do Rio Apa.

Extensa e por muitos titulos brilhante, sua fé de officio é documento honrosissimo para o finado marechal e para a corporação de que era notavel ornamento.

Bravo como um soldado brazileiro, amante da disciplina, tanto sabia conduzir os seus commandados á victoria como ensinar-lhes e traçar lhes verdadeira conducta militar.

No exercicio das eminentes posições que com muito brilho occupou, soube sempre manter-se digno, correcto, servidor lealissimo do Estado, honrando sua nobre farda, eximindo-a do contacto conspurcador da politica, tornando-a, emfim, um bello symbolo de respeito, digno de ser imitado.

Neste particular o Barão do Rio Apa foi deveras inexcedivel e a tal circumstancia muito se deve attribuir ás sympathias geraes de que gozava, não só no exercito como nas classes civis, sympathias que se manifestaram em sentidas homenagens, por occasião do seu fallecimento.

Associando-nos á dór e à saudade da illustre familia e de todos os amigos e admiradores do militar correctissimo, fazemos votos para que o nosso exercito não cesse de trilhar o luminoso caminho percorrido pelo seu illustre marechal, Barão do Rio Apa.

PELA POLITICA

Toda vez que se experimenta um desequilibrio de funcção, ou, mais geralmente, que se está doente, exige-se a presença de um profissional diplomado, que se presupõe apto, ou que pelo menos reuna em si uma certa somma de pratica de maior conhecimento do organismo humano.

Em chegando á cabeceira do doente, o medico trata, primeiro, de proceder a uma analyse externa, segundo os caracteres apresentados pelo brilho singular dos olhos, pelo excesso ou diminuição de temperatura, natureza do pulso, particularidades especificas no conjuncto physionomico, na disposição geral do paciente. Em seguida a sua attenção é chamada para a analyse dos orgãos, das visceras superiores, que póde ser pelo ouvido ou pelo tacto. Diagnostica. A molestia, porém, seguindo a sua marcha natural, e em virtude mesmo da medicação adrede prescripta, tempos depois, mais ou menos longo, manifesta-se franca, acompanhada do seu cortejo de phenomenos. Bem diagnosticada, com pleno conhecimento da natureza do mal, o facultativo trata então de debelal-o, atacando-o em seo reducto, combatendo a causa, neutralisando-a, destruindo-a.

Facto identico se dá na vida social. A vida de uma sociedade ou de um estado, é como a de um simples individuo, apresentando manifestações identicas de morbidez ou de saúde, «*La constitution d'un état*, diz M. Taine, *est chose organique, comme celle d'un corps*.

Fazendo este apanhado geral de um dos capitulos da *Politica Internacional*, de M. Novicow, não temos em vista sinão applical-o ao nosso estado, que de facto está pedindo uma medicação energica, tal o periodo de desorganisação politica a que chegou.

Para os grandes males grandes remedios, diz o sensato adagio popular, que em nosso momento historico é de uma profunda applicação. E ninguem que se tenha dado ao trabalho de acompanhar a longa crise que vamos atravessando, com grave risco para as instituições vigentes, será capaz de negar a urgencia de medidas rigorosas, promptas e efficazes, que o Brazil republicano exige dos nossos governos.

Debilitado, sem harmonia funccional, soffrendo de um alto relaxamento organico, o systema vital do estado, ainda sob o dominio reflexo de um dos seos poderes deffensivos, de missão exclusivamente passiva, necessita, para o completo reestabelecimento, de reactivos applicados com independencia de caracter, com firmesa de vistas e notoria aptidão profissional. O estado grave do *paciente* não comporta paliativos. E' precioso quanto antes atacar o mal em seo posto, extirpal-o, fazendo com que cada orgão opére de accôrdo com o conjuncto, sem exhorbitar. Uma vez conseguido o effeito, e que todos os centros nervosos transmittam com uniformidade, em tempo preciso, as impressões recebidas, por certo o estado entrará n'um periodo de calma, de trabalho, perfeitamente regularisado. As classes conservadoras e productoras adquirindo plena confiança politica, por seo turno desenvolverão maior actividade, assim concorrendo para o bem estar geral. Quanto aos elementos revolucionarios, suspensos á tona pela corrente impulsora da fatalidade historica, aniquilar-se-ão a si proprios ou serão supplantados pela força da união.

Convença-se o governo que é preciso ser forte para ser respeitado, energico para ser querido, justo para ser util; e, restabelecendo o amplo dominio da lei e do systema federativo, tudo irá bem e a paz por todos os espiritos anciada será o *ressurrexit* de melhores dias.

Longe vão-se os tempos da celeberrima politica de conciliações. Hoje, mais do que nunca, torna-se preciso que o governo seja uma só cabeça, que pense por si só, com independencia, sem o mais ligeiro traço influenciador. Responsavel pelos seos actos, tendo sempre ante os olhos a imagem da lei escripta, torna-se por isso digno dos applausos geraes da Nação, cooperando para a saúde d'esse organismo doente, depauperado, que ha tempo de mais pede uma medicação prompta e efficaz.

Para documentar o que acima fica dito, já temos o exemplo da Escola Militar, onde o rigor da medicação applicada a tempo e a hora

produzio resultados beneficos que o paiz em peso, a uma só voz, applaudio. Pelos seus precedentes a Escola Militar anarchisou-se, a ponto de acreditar que ella é quem era o governo, quem dictava leis, quem devia ser ouvida sempre, respeitada e obedecida. O sr. Ministro da Guerra, porém, de commum accôrdo com o Chefe do Estado, atacou-a com energia, conseguindo consequencias beneficas e uteis para a Nação que se lhe tornou credora de sympathias geraes.

Concluindo: o sr Prudente de Moraes é o medico á cabeceira da Republica. Cumpre não lhe crear novas difficuldades.

Esperamos confiantes.

JORGE MOREAL.

TAGARELLICES

Eu vou fazer hoje aqui o elogio do Barão de Drumond.

Desde que o egoismo humano creou, com o estabelecimento do systema monetario, o elemento poderoso com o qual pode chamar a si a maior somma de goso e bem estar na existencia animal deste planeta, principiou o ser humano a dar fé que a obtenção d'esse elemento dependia de uma potencia occulta e caprichosa, que designou pelo nome de *Fortuna*.

Para domar a vontade d'essa dispotica potencia pondo-a permanentemente ao serviço dos seus calculos, innumeros ambiciosos teem a travez de muitos seculos exgotado inutilmente todo o esforço do seu intellecto, engendrando artificios, ideiando trapaças, experimentando alchimias e empregando bruxedos.

Invulneravel a todos os laços e a todas as violencias, a *Fortuna* continuou sempre no amplo exercicio da sua indomavel liberdade, a dispensar ou a negar caprichosamente o seu favor aquem lhe dava na telha.

Um homem, porem, appareceu, a final, que conseguio descobrir o meio de domar, de escravisar ao serviço da sua vontade a vontade da caprichosa potencia.

Esse homem é o Barão de Drumond!

Um dia deparou-lhe o accaso em um fragmento de *Jornal do Commercio* antigo estes versos de Faustino Xavier de Novaes:

De dez homens, ao menos, um é tolo
E os nove sentem falta de miolo.

Por essa occasião andava elle por de mais arreliado por ter tido a toleima de instituir um Jardim Zoologico em arrebalde aprasivel para instructivo recreio de uma população a quem faltava nos dias de descanço uteis divertimentos para matar o tempo.

— Na verdade, exclamou elle ao ler os taes versos, isto é assim mesmo! Se a população d'esta cidade é tola em despresar o Jardim Zoologico, eu não o fui menos em sacrificar o meu capital para o instituir.

E tanto este pensamento o atenazou por longos dias, que uma noite, de repente, ao ser assaltado por uma ideia, bateu na testa como Archimedes, e em vez de, com este, exclamar:

— Eureka! bradou como o doutor Sangrado:

— Irra! cure-se a mordedura com o pello do proprio cão!

No dia seguinte foi á Intendencia Municipal apresentar ao Prefeito um requerimento em que solicitava ordem de prisão para a *Fortuna*, obtendo no despacho do mesmo a plena authorisação para explorar impunemente a parvoice da população rebelde ao instructivo recreio do Jardim Zoologico.

Graças a este admiravel expediente, a *Fortuna* foi desde logo engaiolada no xilindró da entrada do referido Jardim, convertendo cada portinhola em uma cornucopia a despejar dinheiro na gaveta do...... da bicharia.

Agora a *Fortuna*, se é capaz, que tenha caprichos para o seu apresionador; que se faça ao largo a dar-lhe palmos na ponta do nariz.

E ahi está inventado o systema de segurar a *Fortuna* pelo cogote!

Ora, á vista d'isto, como o Barão não tirou patente de privilegio para o seu invento, não falta agora quem d'este se utilise para encher a sua burra.

E como tudo n'este mundo é susceptivel de aperfeiçoamento, chegou-se já á perfeição de despensar-se o Jardim Zoologico para o emprego do systema, usando-se simplesmente da nomenclatura flòrida, ou da numeração hypothetica de escolastico ensino.

Eu, que ha meio seculo ando a esbaforir-me, atraz da *Fortuna*, sem nunca a poder filar, já cà tenho um novissimo plano para lhe lançar o gadanho pelo systema Drumond.

Sò espero, para o pôr em pratica, que se abra o Congresso Nacional.

Escolherei d'entre os illustres Licurgos, que parlamentarmente nos felicitam, os vinte cinco menos gazeteiros, designando-os pelos numeros correspondentes aos bichos do Jardim Zoologico, e irei vender os meus bilhetes nas galerias e corredores da Camara e do Senado.

Para eu ficar milionario não precisarei mais do que uma sessão com trez prorogações.

Agora peço aos que me lerem o obsequio de me não bifarem a ideia.

Mestre Nicolau.

NATURA E ARTE

(Na inauguração de uma exposição do quadros de Castagneto)

Entrai, Senhoras, a admirar lavores
primos d'Arte, quaes sois da natureza;
homenagem ao bello erga a belleza;
primores, vós, saudai estes primores.

Tons a imitar de vossa face as cores
tereis, do toque na ideal pureza;
brilhos vereis de rubra aurora accesa
como dos vossos olhos os fulgores.

Na natureza, que o pincel adorna
revive; o bello natural se torna
esthetico, encerrando o sentimento.

Entrai: no templo d'Arte hoje fulgura
na tela—a apotheose da natura,
no artista — a apotheose do talento!

LUIZ NOBREGA.

Linha Ferrea de Sapucahy

Lembro-me vagamente de que às 9 1/2 da noite de domingo entrei n'um wagon cheio de cavalheiros mettidos em longos guarda-pós de linho branco — e que me anichei n'um banco excessivamente estreito para quem brisosamente sacrificàra a sua cama a uma *festa do progresso* (hymno!)

Dois minutos depois a machina silvou e o trem, é claro, partiu.

Nem jà me lembro a que cogitações se entregou o meu cerebro, então.

Recordo apenas que um quarto d'hora depois — um bem nutrido varão que ia sentado no banco fronteiro ao meu, cara redonda e cavagnac em projecto, — depois de ter descalçado as botas e de me ter dito com um graciosissimo sorriso o mais irresistivel: — *com licença!* — estendeu sobre o unico espaço utilisavel do meu banco dois pés volumosos, pés de varão solido, calçado de meias de algodão branco, — tão branco, *helas!* — como a ingenuidade de quem cahe em acceitar um convite para a inauguração de 28 kilometros de via ferrea, a 48 horas da sua cama, da sua douche, dos seus collarinhos e dos seus amigos.

De sorte que — por uma obsecção que ainda não me explico, dahi por diante perdi completamente a noção dos logares e por mais de tres vezes perguntei ao meu respeitavel visinho:

— A que horas chegaremos a Gruyére, se faz favor?

* * *

Em *Pouso Alegre* onde pousamos, estafadissimos as 11 da noite seguinte, esperavam-nos mais de mil pessoas. Na sala da estação: cerca de duzentas senhoras — bastante galantes ao que me pareceu.

Foi sò em *Pouso Alegre*, que pela extranha amabilidade do professor Joaquim Queiroz Filho e do major Duarte conseguimos dormir na posição horisontal — (a unica que, a nosso ver, ainda offerece certas vantagens para a tranquilidade do somno d'um cidadão, mesmo convidado a assistir á inauguração de 28 kilometros da linha de Sapucahy).

Ao major Duarte e ao professor Queiroz — renovamos aqui as expressões da nossa mais funda gratidão.

Não cabem aqui — porque nem o espaço nem a indole do *D. Quixote* as consentem — minuciosidades de reportagem.

Limitarnos-hemos a dizer que houve uma successão divertidissima de descarrilamentos, uma avaria na machina, uma barreira cahida, muito discurso, muito foguete, muito enthusiasmo, muito champagne e muito pó!

Mas — *a tout malheur quelque chose est bon* — foi nesta curiosa excursão que tivemos o prazer de conhecer cavalheiros que foram para nòs d'uma requintada affabilidade e que nos trouxeram encantados pela singular lhaneza com que nos distinguiram.

Referimo-nos ao Sr. Dr. Francisco de Sà, ministro da agricultura de Minas Geraes, ao Dr. Gastão da Cunha, o redactor principal do *Jornal Official de Minas*, um conversador infatigavel e scintillante de colorido e fino humorismo; ao Dr. Alfredo Pinto, o sympatico chefe

D. Q. — Parece que estamos sobre um volcaõ... P. — Tenho certeza disso e... acho bom pormo-nos ao fresco.
D. Q. — Nada! Preciso descer ao interior da crater para vêr as materias que lá fermentam e dar noticia do que ha.
S. P. — Peior é essa! Vamos ter mosquitos por cord

(Proximamente daremos o interior da cratera)

de policia de Minas, que tão notavelmente brindou a imprensa; ao Dr. Alcides Medrado o notavel engenheiro redactor da *Revista Industrial* e ao Dr. Campos da Paz—(*o cauchemar* dos falsificadores de vinhos) que pela robustez do seu apetite e do seu talento prova exhuberantemente o dito de Voltaire citado n'um discurso cheio de verve e de eloquencia: *il n'y a rien de serieux que le vin.*

J. M.

FERROADAS

O amoravel **O** anda agora a deitar abaixo a livraria para provar que o acto energico do governo, diante da sedição da escola militar, não é legal.

Impagavel este **O** dos meus peccados.

Se fosse o Marechal que praticasse um acto tão necessario como foi aquelle, o **O** deitava toda a sustancia de um artigo de fundo, para obrigar todo o mundo a apanhar as flechas dos seus foguetes congratulatorios...

Mas o **O** é assim mesmo : o que hontem lhe cheirava a essencia de rosas, fede-lhe hoje...

Consequencias das ajudas de Porto Alegre...

—o—

A *Gazeta de Noticias*, cahio na ingenuidade de chamar à falla o Sr. Quintino, para este lhe explicar se achava correcto e digno que, a proposito do caso da escola, estivesse o **O** a intrigar o governo com o nosso glorioso exercito.

O Sr. Quintino não respondeu ao rapto até hoje, o que me evidencia duas cousas : ou que S. Ex. não quer responder, ou que não pertence mais á confraria das almas.

No primeiro caso— *Jesus autem tecebat* ; no segundo... parabens a sua Ex.

A todo tempo é tempo de se evitar as màs companhias...

—o—

Ora graças ! que vamos ter a regeneração moral do nosso theatro e a construcção de um dito *tout à fait... Peixoto !*

Pretende operar o milagre um grupo de bem intencionados, tendo á frente o nosso carissimo A. A.

Perfeitamente. Mas, o processo lembrado por este distincto escriptor — de cada um ir carregando a sua pedrinha para a construcção do edificio — faz lembrar aquellas pilherias do pagamento da nossa divida nacional e da construcção de um encouraçado, por meio de subscripções populares...

Ah! o theatro nacional para as kalendas gregas...

Delicioso porvir !

—o—

Do nacional ao theatro do castilhismo ha um passo... de constrangimento.

Telegrammas de Porto Alegre noticiam :

1· Dissidencia no partido castilhista;

2· Plano contra a pacificação, combinado em S. Paulo pelo senador Pinheiro Machado;

3· Conspiração do castilhismo contra o presidente da Republica.

A ser verdade tudo isto, è bem certo:

1· Que quando a cousa cheira a defu até os bichos debandam;

2· Que a pacificação contraria interesses inconfessaveis : razão de mais para ser feita quanto antes;

3· Cà e là... Cubangos e policia ha.

Macacos me mordam (com licença do Sr. Drummond) se toda a gente não pensa *talqualmente.*

—o—

Para terminar ahi vai uma do Nunes: (1)

Em uma circular de um agente desta folha escreveu elle:

— *Não aceito a assignatura pedida porque é jornal anti-republicano. Joaquim Nunes.*

Obrigado, Nunes, pela boa lição que dèste ao agente. De ti e de outros como tu não se deve solicitar assignaturas para jornaes que fazem guerra ao jacobinismo navalhudo.

Figaro literario ! politico de navalha ! — obrigado pelo *sabão* !

Qualquer destes dias procurar-te-hei na tua tenda, afim de me pagares este reclamo, escanhoando-me convictamente, mestre!

PERNILONGO

(1) Vide Almanak Laemmert — Barbeiros e cabelleireiros.

CHINOISERIES

Creio que o culto catholico
do Estado foi separado;
mas em seus dias de jubilo
eu vejo dar-se feriado.

Nação, que accolhe, liberrima,
todos os cultos sociaes,
sò guarda dias que lembram-nos
os seus heroes nacionaes.

Si como outr'ora inda observam-se
as festas catholicas do anno,
o direito então extenda-se
ao hebreu e ao mahomentano.

E se taes datas respeitam se,
eu quero tambem pr'a mim
descanço (e que o cobre obonem-me)
nas festas do rito chim.

LU-NO

BIBLIOGRAPHIA

A DESHONRA DA REPUBLICA, apreciações sobre a revolta da marinha de guerra nacional e o governo do vice-presidente marechal Floriano Peixoto — pelo general reformado Honorato Caldas.

Lemos com attenção este livro que nos foi enviado por seu auctor, e a nossa impressão foi a melhor.

Quer como obra descriptiva, quer como apreciação de situações e factos, o seu estylo é correcto, a phrase propria e incisiva, o conceito prompto e seguro.

O capitulo — memorias ineditas do cárcere- descreve com precisão os horrores das prisões da Correcção.

D'elle transcrevemos o seguinte :

« Os condemnados de justiça que ahi cumpriam suas sentenças foram mandados engrossar as fileiras dos corpos patrioticos, foram gozar da liberdade nos matadouros da legalidade e seus cubiculos mephi ticos, numerados, verdadeiras jaulas de ferro, com 13 1/2 palmos de comprimento sobre 7 de largura, são occupados por cidadãos da mais alta representação social.»

O livro é acompanhado de citações de actos governamentaes, copias de decretos e outros documentos comprobatorios do texto.

BIBLIOPHILO.

LETTRAS E ARTE

A «Revista Litteraria» de S. Paulo fez-nos a sua costumada visita semanal. Traz uma boa chronica de Firmo Penha, *Lucy Sourire*, conto de Escragnolle Doria, *O Sineiro* — excerpto de Manoel Leque. Na parte poetica lemos bons trabalhos de Amadeu Amaral, Antonio de Oliveira, e Freitas Guimarães, destacando-se ainda uma bella traducção do conhecido poeta Carlos Coelho, daquelles adoraveis versos de Lorenzo Stecchetti :

Quando cadran le foglie e tu verrai
Acercar la mia croce in camposanto...

Um bom numero o 7.· da apreciada Revista.

* * *

O *Almanack illustrado do Brésil Republicain*, do qual nos foi obsequiosamente enviado um exemplar, é um valioso mimo com que o nosso distincto collega Mr. A. F. Renaud, proprietario e director do referido jornal francez, brinda os seus assignantes.

Ao bello e significativo chromo que capêa este almanack, corresponde uma numerosa collecção de bonitas e espirituosas gravuras significativas de todos os objectos de que nas suas paginas se occupa: conhecimentos uteis, informações necessarias, anedoctas e contos ligeiros.

Agradecemos, recommendando-o.

* * *

Em breves dias vamos ter entre nós uma das maiores glorias litterarias de Portugal, o inspirado poeta Thomaz Ribeiro, que vem na qualidade de ministro plenipotenciario de seu paiz junto ao Governo brazileiro.

Saudem outros o diplomata, preparem recepções officiaes ao ministro, eu saudo-o exactamente porque, na sua poderosa individualidade, o diplomata não aniquilou o poeta.

Desejo que o inspirado auctor do *D. Jayme*, dos *Sons que passam* e das *Vesperas*, encontre aqui, alem das recepções officiaes, uma bella recepção litteraria, com sessão offerecida.

Homens de lettras separados por insignificantes discussões de escolas, unam-se todos para receberem dignamente esse notavel espirito.

Eu, por mim confesso, — vou ter uma das maiores satisfações da minha vida litteraria : conhecer pessoalmente Thom az Ribeiro.

L. N.

De Chapéo na Mão

Fomos visitados pelo digno padre Loreto, da redacção do «Apostolo», que se dignou vir comprimentar-nos, dirigindo-nos palavras affaveis e generosas.

Agradecendo, saudamos o illustrado sacerdote, nosso esforçado collega nas lides da imprensa.

Partio para Europa a bordo do «Equateur» o nosso prestimoso amigo F. F. Braga, o habil e operoso electricista da rua de Gonsalves Dias.

Desejando-lhe boa viagem e breve volta, não podemos dizer que ficamos privados das suas luzes, pois á testa do seu estabelecimento, ficou pessoa competente, que continuarà a illuminar-nos com o mesmo brilho... electrico.

CORDA BAMBA

Com relação ao theatro nacional, que se trata agora de rehabilitar, estou de pleno accordo com theorias emittidas pelo carissimo collega Sansão Carrasco, a quem cabe a gloria de levantar a lebre pelas columnas d'esta folha, sempre na estacada a distribuir justiça.

Ninguem de boa fé, que tenha idéas claras sobre a infeliz arte dramatica, será capaz de negar o ponto de desmoralisação a que desceo o palco brazileiro, limitado hoje a uma serie indigestiva de revistas pulhas, sensaboronas, ou ao velho dramalhão inodoro, muito propicio ao bom tempo em que se prendia gatunos em cofres de thesouro.

O theatro brazileiro està immoralissimo, dizem os entendidos ; pois eu, que não o sou, e muito embora concorde que tudo quanto por ahi se leva para nada preste, vou mais longe ainda, chegando mesmo a negar a existencia do theatro.

Rehabilital-o, pois, conforme se quer agora, està me parecendo com os escriptores da ul-

tima moda, que annuncião livros que jámais escreveram.

* * *

Segundo o meu modo de ver, penso que seria melhor, muito mais util, rehabilitar-se os rebarbativos dramaturgos, comediographos e revisteiros, obrigando-os a occupar na sociedade uma posição mais de accordo com os meritos proprios.

A começar a limpeza por ahi, sim senhor, seria capaz de bater palmas — embora protestassem os senhores emprezarios que transformam o palco em uma taberna de arrabalde, onde se vende infusão de páo campeche pelo genuino *porto-wine*.

* * *

Com rarissimas excepções, quem mais tem concorrido para a hecatombe do gosto artistico em nossa terra, deturpando usos e costumes com grave offensa á moral, são exclusivamente esses taes escriptores *parvenus*, endeosados por uns tantos criticos descriteriosos. Surgidos dos reboleios da mestrança, como baratas em dias de chuva, entendem os taes moços bachareis ou rabulas, que escrever para o theatro é arregimentar desconjuntadas phrases canalhas, de uma estupidez impudente, gargalhadas pelos instinctos primitivos das *virgens* da rua da *Virtude*. E, como fabricar taes monstros nada custa, não dá tratos á bola e ao estrabismo mental; e depois o senhor empresario tambem alli está farejando escandalos que dêm risotas á claque — elevam-se assim do alto dos tamancos ás columnas incompetentes do jornalismo amigo, protector de talentos desconhecidos. Muito bem. Seguindo-se processos tão commodos, que extraordinario talento dramatico não se perdeo no popular Castro Urso!

* * *

Assim, pois, ao envez de se reorganisar o theatro nacional, isto é, uma cousa que não existe de facto, eu propoia uma guerra atroz ao que por ahi anda com ares de gente seria e versada em materia de arte. Artistas e criticos de verdade, unidos, n'um brado de guerra, n'um protesto atroz ao pulhismo irreverente, prestarião um grande serviço ao futuro theatro nacional expulsando do templo os histriões sacramentados.

Com semelhante procedimento, digno e nobre, empunhando a bandeira da revolta contra a mediocridade pretenciosa, lucraria o escriptor de talento, o artista de merecimento e o publico sério, de bom gosto, que teria aonde passar uma hora agradavel em companhia da respeitavel familia.

BLONDIN.

GRACIAS!

Agora sim! Agora estamos habilitados a dar juizo seguro sobre o KIRSEBÆR LIQUEUR *also called Cherry brandy, or Cherry cordial* de Peter F. Heerings, com que fomos obsequiados pelo amavel proprietario da acreditada drogaria André d'Oliveira.

Sim, senhores, isto é que é bebida deliciosa e tudo mais são historias!

Não livra de sezões depois de morto; mas fortifica e corrobora a fibra, esclarece as ideias e.... rejuvenesce os velhos.

Com um calix d'este nectar, um copo de agua e uma pedra de gelo faz-se um delicado e saboroso refresco digno de ser apreciado pelos carmineos labios das mais encantadoras jovens que nos nossos salões prestam á saltitante Terpsichore o delicioso culto dos seus gentis e langurosos meneios.

Com este juizo, firmado em provas emittidas pelas garrafas que nos mandou, e apreciadas com toda a consciencia do nosso paladar, compartamos a opinião e agradecimentos iniciados na nossa edição da semana passada.

Caballero de Gracia.

Theatros

Para tratar da fundação de uma sociedade destinada a promover a creação e desenvolvimento do theatro brazileiro, promoveram os Srs. Dr. Inglez de Souza, Arthur Azevedo, Dr. Moreira Sampaio e Araripe Junior, no dia 26 do corrente, uma reunião no salão da Photographia Gutierrez.

Como nenhum convite ou aviso nos foi enviado para essa reunião, ignoramos quantos e quaes os artistas e escriptores theatraes que a ella compareceram.

E', porém, licito crer, em vista da alta capacidade dos promotores da reunião e do olvido em que nos deixaram, que a todos os para ella convidados sobeja superior competencia para tratar e decidir sobre o bom exito da empreza a que se propunham metter hombros.

De facto, em *Palestra* extra publicada no *O Paiz* de 27 do corrente, A. A. nos annuncia a fundação, sob os melhores auspicios, da sociedade *Theatro Brazileiro* por um grupo de homens, entre os quaes elle se honra de figurar.

Ora, até que afinal vamos ter theatro brazileiro!

Diante d'aquella afirmativa de — sob os melhores auspicios — a ninguem mais é licito descrer do infallivel resultado do emprehendimento.

A construcção de um theatro com todas as condições de acustica e de conforto; o estabelecimento de uma escola dramatica para formatura de artistas; a erupção litteraria em abundante safra de dramas, comedias e burletas de elevada philosophia e apurado gosto artistico, são cousas resolvidas pela sociedade redemptora e que desde ja vão ser postas em pratica.

Regosijemo-nos todos com o faustoso successo, que certamente vae ser inaugurado pelo auto de fé de todas essas pachuchadas traduzidas e originaes que tem atulhado os nossos palcos, acanalhando os nossos artistas e depravando o gosto do nosso publico.

Arthur Azevedo, Moreira Sampaio e todos os que os tem secundado no dominio absoluto dos nossos theatros fazem acto de contricção, e dispostos, por um sincero arrependimento, a remirem os seus peccados, tomaram sobre os seus hombros robustos o encargo de levantarem o theatro brazileiro á altura da casa de Moliére!

Hurrah pelo theatro brazileiro!

++

E, entretanto que a sociedade *Theatro Brazileiro* (fundada sob os melhores auspicios) nos não inutilisa para este trabalho com a realisação do seu desideratum, vamos dizendo o que nos occorre sobre o que se vai passando nos theatros que ahi estão funccionando.

++

No *Apollo* dançou-se e cantou-se ainda algumas noites a revista *Vovó*, que é, no seu genero, uma peça mais toleravel do que a *Tim tim por tim tim.*

Da burleta *Pum!* que afinal consegui ver representar-se, abstenho-me de fazer a critica promettida para não desgostar a um dos seus autores a quem devo a fineza de obsequiosas referencias.

++

No *Sant'Anna*, o Heller, liberto agora do socio rusguento e caipora, que o ia pondo a pão e agua, vae-se mantendo com espectaculos miscelanicos, ao paladar dos trefegos e sensuaes *habitués* do seu theatro.

A sinorita Matheus, com a sua explendida voz e a sua graciosa vivacidade, é o principal dos atractivos com que a companhia do Heller convida á frequencia do Sant'Anna.

++

No *Variedades*, a companhia de que é emprezaria a actriz Ismenia dos Santos, representa actualmente *O Filho da Noite*, dramalhão em muitos quadros, com coros e bailados.

Antes mil vezes isso do que aquelle detestavel *travesti* da Mimi Bilontra com que ella, a bem aceita interprete da *Doida de Montmayour*, estava aviltando a arte que tanto lustre lhe deu.

Se a distincta artista abrio já mão de aspirações de gloria para ambicionar abundante proveito da industria theatral, e crê que só por meio de peças espectaculosas, mais emocionadoras do que instructivas, é que os pôde auferir, nesse caso, em vez das bagaceiras torpes com que muito tem contribuido para a desmoralisação do theatro e a humilhação dos seus irmãos d'arte, explore os dramalhões espectaculosos como *O Filho da Noite*, que, sem serem menos apreciados pelas plateias boçaes, têm a vantagem de ser decentes e de facultar-lhe ensejo de ainda patentear os dotes do seu incontestavel talento.

Com isso, satisfará a sua ambição monetaria, sem menospreço da sua arte e sem desrespeito ao publico educado que a sagrou artista.

SANSÃO CARRASCO.

A nossa meza

Recebemos:

A Belesa, sua conservação, prescripções aconselhadas, seguida das formulas mais adquadas, por Mary Card. Um pequeno volume de 120 paginas, nitidamente impresso e elegantemente cartonado nas officinas dos Srs. H. Lombaert & C. Recommendamol-o a todas as nossas leitoras, como um livro util e necessario á conservação da saude e da formusura,

— *Tabellas de Cambio*, da casa Leuzinger, Irmãos & C., 2ª edição. Um utilissimo livro para a algibeira de todo o homem do commercio.

— *Da commissão festiva*, da colonia allemã, convite para o festival que vai realisar em 1 de Abril proximo, em regosijo do 80º anniversario do seu illustre compatriota o principe de Bismarck.

Far-nos-emos representar.

— Do *Turf Club* convite official para a importante corrida que annuncia para o dia 31 do corrente.

Compareceremos.

— *Canto, la Nanna*, poesia de Isabella Rossi e musica de J. Porto-Alegre;

— *Tudo Pela Patria*, barcarolla, lettra de Valentim de Magalhães e musica de Miguel Cardoso;

— *Ditosa*, walsa por Miguel de Vasconcellos, para piano.

Tres bellissimas composições musicaes que acabam de ser impressas pelos acreditados editores Fertin de Vasconcellos & Morand.

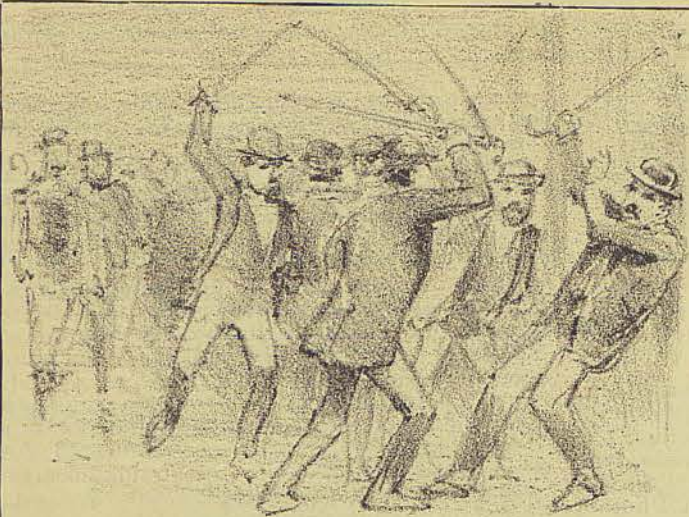
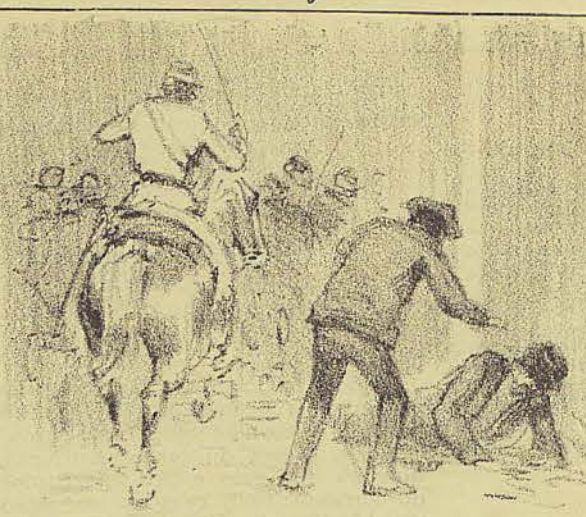
— *Vespasiana*, walsa para piano, offerecida ao digno coronel Vespasiano de Albuquerque Silva, por D. Francisca Machado Dias, editada pela casa Vieira Machado & C. Recommendamol-a como uma especie de jaculatoria choreographica ás boas graças da *Santa Luzia*.

— *Magestosa*, quadrilha para piano por D. Julia Lisboa de Oliveira, editada pela mesma casa.

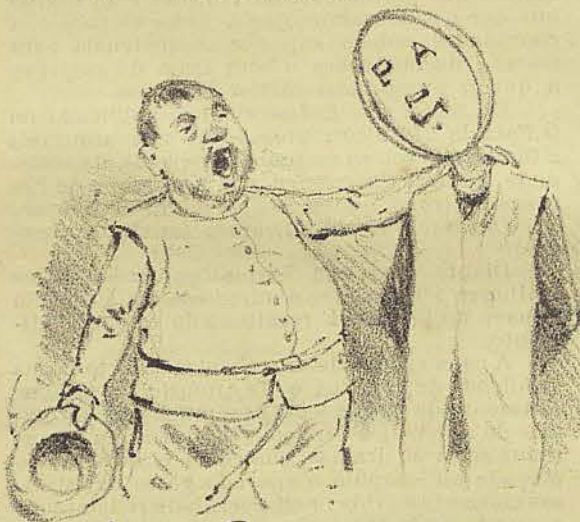
A todos agradecemos

D. MEZARIO.

L'EXPRESS, Typ. a vapor rua da Assembléa 75

Picapaus e Maragatos.

Hontem, alguns heróes disfarçados á paisana, e outros armados de facão comprido, quasi matam um pobre homem por ser rio-grandense e não castilhista. Chama-se elle Hortelino Silva

A' intervenção de um cavalheiro e á chegada immediata da policia, deveu não ser consummado o assassinato.

Conduzido a uma pharmacia, verificou-se ter elle levado, alem de muitas cacetadas, varios golpes de facão na cabeça

Este acto de inexcedivel bravura e alta civilisação, deixou o D. Quixote atordoado, tornando-lhe a cabeça um volcão

Sancho Pansa, em vista de tal facto, entendeu ir ao "O Paiz" felicital-o e bradar: Viva a rrrrrrepublica!!!

Quando um telegramma do nosso Correspondente no Sul, o instruio do seguinte: "Assignatura imposta "Paiz" resultado funesto!

Pedaços "Paiz" espalhados campo indicam marchas castilhistas

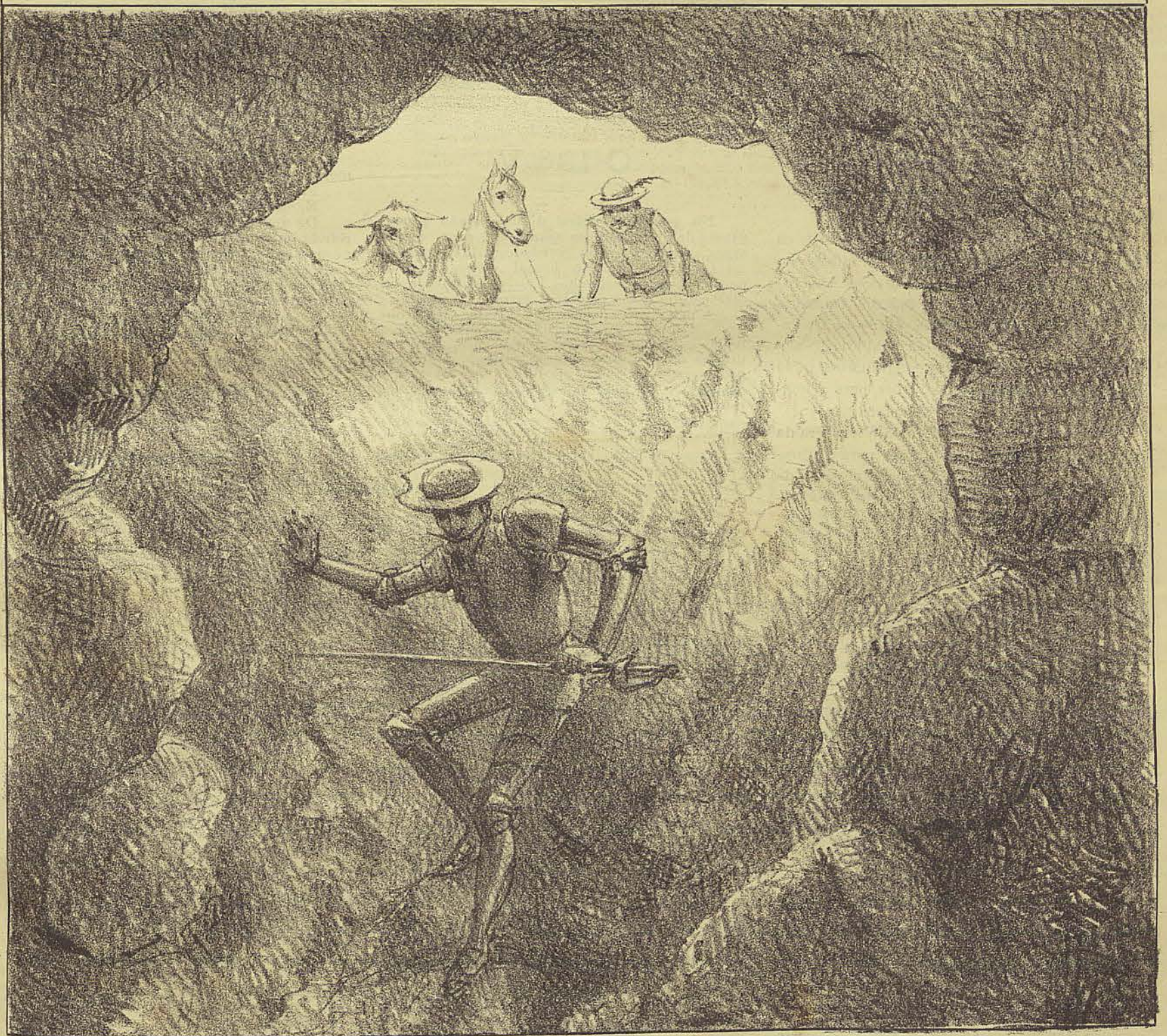
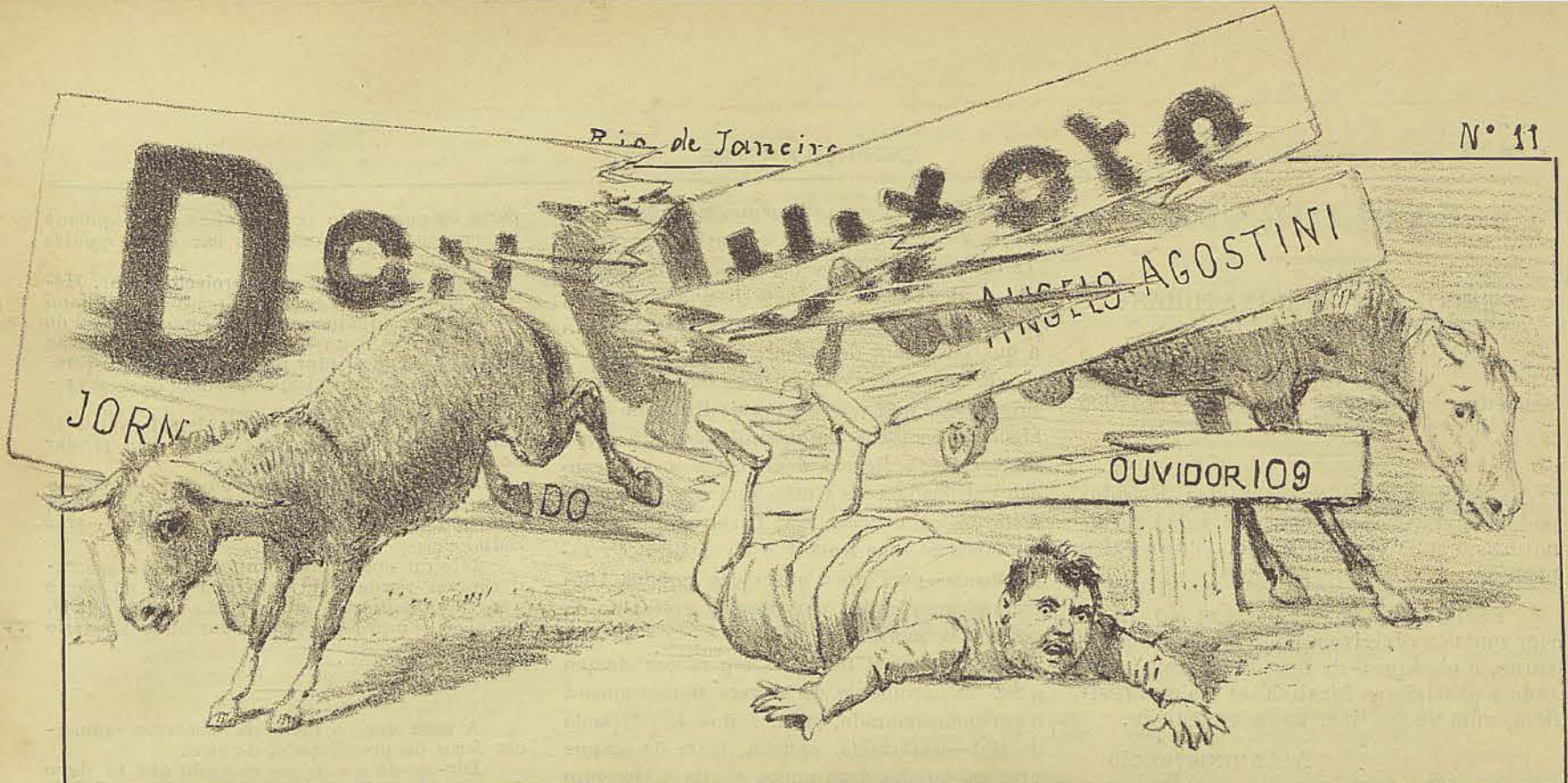
Federalistas seguindo pedaços encontram posição tropa legal

Castilhistas narcotisados leitura "Paiz", sorprehendidos dormindo apanham pancadaria criar bicho!

Rio de Janeiro

Nº 11

ANGELO AGOSTINI

OUVIDOR 109

S. Pansa. — Lá vae o patrão descendo. Eu é que lá não vou. Fico guardando o Rossinante e o meu querido Russo. Nada conheço de mais escuro do que a actual politica, e eu gosto de viver ás claras.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno. .	20$000	Anno. .	24$000
Semestre	12$000	Semestre	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todos as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

A ADMINISTRAÇÃO

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 6 de Abril de 1895.

ESPERANÇAS

EMBORA pensem e digam o contrario os pessimistas incorrigiveis e os que o são por *dever de officio*, nós estamos convencidos de que o governo do Sr. Dr. Prudente de Moraes cuida seriamente em levar a palavra consoladora da paz ao agitado campo rio-grandense, theatro de luctas sanguinarias, onde se degladia um povo de heróes para reivindicar a liberdade que lhe foi arrebatada.

A cogitação do melhor meio e a espera da opportunidadede mais adequada para empregal-o, deve ser, porventura, a preoccupação do governo e o que justifica a sua expectativa apparentemente calma, no meio deste fremito patriotico, desta clara manifestação da opinião brazileira a favor da pacificação.

O governo tem realmente o direito e o dever de applicar á chaga rio-grandense o tratamento mais efficaz na occasião pathologica que mais propicia lhe parecer—desde que é, como toda a gente pensa, um governo forte, justo e competente.

Se somos os primeiros a reconhecer isso tambem o somos a negar aos pessimistas de natureza e de *officio* o que elles não cessam de externar com a lugubre teimosia da legendaria cassandra, e vem a ser — que o governo não pode intervir constitucionalmente para apaziguar a guerra civil ha dois annos accesa n'aquella terra gloriosa; — que, mesmo que o pudesse, teria de esbarrar na resistencia, provavelmente opposta por parte dos terriveis partidarios da continuação da carnificina.

O governo póde intervir constitucionalmente desde que provado está que a constituição do Rio Grande não fica perfeitamente dentro da lei geral da Republica e attenta contra principios essenciaes estabelecidos nesta.

O governo não deve temer de modo algum a resistencia que lhe pretendam oppor os sectarios da guerra civil, porque tal resistencia só pode ser efficazmente baseada nas forças federaes da União e é sabido por todos os competentes que estas tropas estão cansadas e aborrecidas da lucta insana e ingloria, desejando anciosamente o toque de recolher... a quarteis, para descançar.

E demais, se ha chefes tão fatalmente prestigiosos que possam reunir em torno de si algumas centenas de subordinados para a criminosa desobediencia, é claro que a intervenção pacificadora da União será um excellente meio de os collocar na triste evidencia de verdugos de seus irmãos e da instituição republicana—para que a execração publica lhes escreva nas frontes o tremendo epitaphio da sua morte moral.

Temos, pois, fundadas esperanças de que o Sr. Dr. Prudente de Moraes immortalisará o seu nome honrado, pacificando o Rio Grande do Sul—estancando aquella fonte de sangue precioso que ha dous annos esgota o thesouro da Nação e as tradicções de povo culto e civilisado, a bem dos quaes urge contrariar interesses mais que inconfessaveis — criminosos — de meia duzia de máos brazileiros.

O 136 V

Na pagina central d'esta edição procuramos dar em desenho uma idéa, com sa maxima expressão da verdade, do procedimento estupidamente brutal d'esse homem perverso que o marechal Floriano collocou na direcção da nossa principal estrada de ferro.

Antes de nos decidirmos a tratar d'este objecto, demo-nos ao cuidado de colher a maior e mais insuspeita copia de informações, ouvindo muitas das victimas d'essa covarde e infame prepotencia de quem não duvidou converter a estação da Estrada de Ferro Central em uma torpe senzala, tornando-se n'ella um perfeito exemplar d'esses miseraveis e deshumanos muxingueiros que nas cadeias da roça exerciam a infame funcção de surradores de infelizes pretos escravos.

E, exercendo-a, esse brutal director tinha o maior prazer em mortificar grande parte dos viajantes, e, sobretudo, os representantes do commercio, quer empregados, quer patrões, quando ousavam reclamar contra as innumeras irregularidades que alli se commettiam, redobrando de ferocidade com os que declaravam ou que elle conhecia serem de nacionalidade portugueza.

Tratando de tão descommunal assumpto cumprimos o dever que nos impuzemos de brandir a nossa lança em desaffrouta dos opprimidos e em punição severa e justa de todos os malvados que abusam da authoridade de que são investidos para dar larga expansão aos seus instinctos brutaes e sanguinarios.

Ahi fica, pois, traçado, como documento para a historia e como um titulo ao justo opprobrio de que é digno, o scenario revoltante de um dos actos mais caracteristicos da chamada LEGALIDADE.

TAGARELLICES

Eu não vi o projecto que o Sr. Heredia de Sá apresentou ao Conselho da Intendencia sobre o imposto predial.

Tive noticia d'elle pelo excellente artigo com que o *Correio da Tarde* o recommenda á boa vontade e interesse publico dos municipaes Intendentes.

Esta questão de despotismo predial exercido pela sordida ganancia de uns proprietarios vampiros, interessa-me bastante, como todas aquellas que entendem com o bem estar d'essa parte da população condemnada pelo egoismo humano a roer os ossos da carne que o outra parte devora.

Sem duvida foi esse projecto do Sr. Heredia que inspirou ao F. da primeira columna da *Noticia* aquelle artiguinho do dia 2—3 do corrente, que bem denuncia o temor que vae pela alma do escriptor proprietario ante a perspectiva de pesado imposto sobre os seus predios.

Ora eu, que só sou proprietario de casas habitadas por botões, nada tenho que receiar do tal projecto.

Não obstante, quer-me parecer que se o visse, a julgar pelo que diz o *Correio da Tarde*, estaria em desaccordo com o illustre Sr. Heredia.

Isto de augmentar imposto sobre mercadoria ou renda está provado que só serve para augmentar a affliçção ao afflicto; pois, afinal, é sempre o consumidor ou o locatario quem o paga.

A meu ver, o meio de conter a ganancia feroz do proprietario, é outro.

Dir-me-ão que o que entendo que se deve fazer é um meio despotico; mas a isso eu respondo com um bom numero de sentenças proferidas pela sabedoria do povo soberano, que, por ser soberano, é mais competente para promulgar leis do que qualquer conselho dos mais entendidos Intendentes.

Vejam só:

Cura-se a mordedura com o pello do mesmo cão;

Com vilão, vilão e meio;

Quem o seu inimigo poupa nas mãos lhe morre;

Fia-te na virgem....

E, etc, etc, etc.

De mais, se o governo municipal tem autoridade ou competencia para fixar o tamanho ou peso do pão e o seu preço correspondente, por amor da necessidade publica, tambem a deve ter para fixar o do aluguel da casa pela mesma rasão; pois que, se é certo que não se póde viver sem pão, tambem certo é que não se póde viver sem tecto.

Ora, o meio que proponho é este:

Todo o proprietario é obrigado a registrar em livro proprio da repartição municipal os seus predios no valor que por peritos autorisados for arbitrado.

Sobre esse valor será fixado o aluguel na rasão de tantos por cento.

Esses tantos por cento não deverão exceder de 10 0|0; pois se o juro da lei e da Apolice é de 5 0|0, sendo o da renda dos predios no dobro, cobrirá quaesquer differenças que o proprietario allegue a pretexto de concertos, callotes, etc, etc.

Desta maneira ninguem será lesado.

O locatario pagará o que é justo, sem ficar exposto á imposição de exigencias despoticas:

O proprietario auferirá dos seus predios renda correspondente ao capital que elles representam;

E o fisco não será defraudado na sua renda por lançamentos inexactos, pois tem no registro dos predios a verdade indubitavel do valor locativo.

E ninguem terá rasão de se queixar.

Quanto á questão das luvas, isso é cousa que não affecta o interesse geral da população.

Luvas calça-as quem quer, ou n'isso tem algum interesse especial.

Quem é pobre não tenha vicios, e se não pode morar aqui com luvas, va morar acolá sem ellas.

O commercio que paga luvas carissimas pelas casas em que se estabelece, é que é o sustentador d'esse vicio, movido por interesses calculados e egoisticos.

Se a coisa, afinal, lhe sae salgada, que limpe as mãos á parede e gema na cama que é lugar quente, pois lá diz o ditado que o castigo do vicio é proprio vicio.

O que o Conselho da Intendencia deve fintar; mas fintar de maneira a arrancar-lhe

couro e cabello, é ao intrujão sublocador—essa sucia de piratas, que se entremette entre os proprietarios e os inquilinos para esfollar a estes sem vantagem para aquelles.

Estes galfarros, que andam ahi por meio de contractos de arrendamentos a auferir pingue renda predial sem serem proprietarios, e sem d'ell. pagarem imposto, precisam ser corridos a bodoque ou quicé legislativo para deixarem que os que precisão das casas se entendam directamente com os donos d'ellas.

Torne-se o Snr. Heredia o desapiedado Herodes d'esses *innocentes* velhacos.

Mestre Nicolau.

CHINOISERIES

Bicho... in quantitate magna

Para evitar mais prolixos
prefacios : um caso incrivel ;
tive á noite um sonho horrivel,
me vi n'um pateo de bichos—

Vi cousas que nem a lapis
posso escrever sem ter vágado :
aqui se arrastava um kágado
sobre o dorso do boi Apis.

Mais além (vejam que idéa)
a aguia do Evangelista
dava bicadas na crista
ao feroz leão de Neméa

Fallava latim, de solio
fazendo um partido busto,
o papagaio de Augusto
aos gansos do Capitolio.

Mais longe, olhando a amplidão
como a esperar um eclipse,
a besta do Apocalypse
e o burro de Balaão.

Por sobre as margens do Nilo
em pulos leves, facetos
fugia o rato de Sethos
ao sagrado Crocodilo.

D'Arabia o sacro Katahá
soltando um vôo... de arromba
s'encarrapitou na tromba
do elephante de Indrá.

Logo alçando altivo canto
o Gallo, deus dos gaulezes,
voou duas ou tres vezes
sobre o porco de Eurymantho.

Vi mais a cabra Amalthéa,
Egypcios anubis, gatos,
de Carthago os sacros patos,
uma bichal epopéa !

Subito correm... (nem sei
de terror como contal-o)
e de Troya no cavallo
se esconderam. Acordei !

LU-NO

OS QUE PASSAM

Dr. Ataliba de Gomensoro

Nem por haver já deccorrido mais de uma semana, nos julgamos dispensados de prestar ao distincto brazileiro Dr. Ataliba de Gomensoro, ha pouco arrebatado pela morte á sciencia, ás lettras e ao affecto da sua familia, dos seus numerosos amigos, a homenagem a que em direito a sua illustre memoria.

Admirador da sua notavel aptidão como medico oculista, cuja especialidade exercia com uma dedicação e philantropia dignas de imitação, apreciador do seu merito como elegante escriptor, muitas vezes provado na collaboração de diversos jornaes, o nosso silencio sobre o passamento do Dr. Ataliba seria imperdoavel.

Alliando ás qualidades de medico distincto e distincto homem de lettras a de cavalheiro extremamente affavel e delicado, desvanecemonos da amizade com que sempre nos honrou, e da alta consideração que sempre lhe tributamos.

Registrando, pois, n'esta pagina do *D. Quixote*, o seu nome ao terminar a preciosa existencia em que tão util soube ser para quantos á sua especialidade medica recoriam, cumprimos um dever de amizade e de justiça.

CORDA BAMBA

Muito embora protestem todos os moralistas do Universo, e sobre mim recaiam pragas fulminadoras, berradas ao canto da primeira esquina escura pela boca desdentada da velharia serodia, eu continuarei a pregar o evangelho do jogo, por onde rezam milhares de alminhas caridosas, que certamente não irão ao Purgatorio.

Sou coherente com os meos principios. Assim como em apanhando dez tostões vadios no bolso do collete jogo-os logo no burro do snr. Barão do Jardim Zoologico, entendo que todo o individuo, em igualdade de condicções, tem o direito de fazer o mesmo. A vontade de cada um é livre, e quem trabalha e ganha deve dispôr do seo rico dinheirinho como muito bem lhe aprouver—independente de influencias alheias.

++

A Intendencia, porém, não pensa como eu. Faz muito bem. Os illustres e sympathicos advogados municipaes, baseados em posturas e codigos sociologicos, proclamam, do alto das suas cadeiras, que o jogo é um vicio perante os bons costumes, um crime perante as leis, um mal perante o conjuncto das boas acções humanas, e como tal deve ser guerreado a ferro e a fogo. Ora, não serei eu, por certo, quem os condemnará por isso. Apenas o que desejo, segundo os meos bons e humanitarios sentimentos, é que a Intendencia, assim como a policia, estejam de commum accordo, operando com igualdade para com todos. Como veem, á vista do exposto, quero muito pouco: o justo, o equitativo. Nada mais.

++

Em bôa hora (deixem passar a phrase) a Intendencia, já em primeira discussão e por unanimidade de votos, concedeo ao sr. Prefeito plenos direitos para rescindir o contracto do Jardim Zoologico. E no entanto, desbragadamente, a jogatina das loterias ahi continúa a infestar bondes, annunciada ás escancaras, governamentalmente sanccionada. Por outro lado a policia tem fechado os olhos ás casas de roleta do Largo do Rocio, de São Francisco, da rua da Constituição, Lavradio, emfim ás de todas as ruas, beccos e vielas d'esta muito limpa e arejada Jogatinopolis. E, como ainda não bastassem o Zoologico, a Loteria e a Roleta, inventou-se agora o jogo das flôres, no Bellodromo, em que, tal qual como no jardim, por dez totões o felizardo da sorte recebe 20$000.

Convenhamos, meos senhores, n'um ponto só: ou o jogo é um mal, e deve por consequencia, ser perseguido, ou não. Na primeira hypothese todas as casas acima expostas e mais os tribofes e fraudes dos clubs de corridas devem ser espesinhadas, sem previlegios, ou eu proponho que se transforme o Campo da Acclamação n'uma grande barraca onde á tarde, cada um de nós vá fazer uma fésinha no 16, no burro, no 4528, o ultimo da sorte, e na força muscular do Aventureiro.

Se o jogo é um prejuiso social, deve ser, em rigor de regra, perseguido. Elle é um e unico, não admitte divisões nem subdivisões. Sejam, por conseguinte, coherentes ao menos.

BLONDIN

Carçamento das ruas

FACIL-MOTUS-VEHICULO

Com este nome apresentou o Sr. commendador Joaquim Penaforte á Intendencia Municipal um projecto para uma empreza destinada a melhorar o calçamento das nossas ruas, estabelecendo n'ellas paralellipipedos de madeira, cobertos por chapas de ferro para facilitar o transito dos vehiculos.

E' um projecto que merece ser tomado em consideração e estudado com cuidado.

A economia na conservação do calçamento e dos vehiculos é enorme e a propria Intendencia tem a lucrar com esta empreza, assim como a Policia, Assistencia Publica, Corpo de Bombeiros e outras instituições cujos carros transitam pela cidade.

Ganham tambem com isso as companhias de bonds, cujos carros são muitas vezes retardados pelos vehiculos que em frente a elles estacionam.

Além da diminuição dos inconvenientes causados pelo ruido, poeira ou lama, a conservação do calçamento será melhor, pois são as carroças e mais carros de transporte de cargas que mais o damnificam.

Acresce que, no fim de 50 annos, o trabalho feito reverterá para a Municipalidade.

Emfim, achamos excellente o projecto do commendador Penaforte, pois traz grande beneficio á nossa cidade e o recommendamos aos poderes competentes para que o estudem afim de vermos realisado tão util melhoramento.

FERROADAS

Para occupar a cadeira do Sr. Dr. Furquim Werneck, na camara dos deputados, foi eleito não o candidato do partido do Sr. prefeito municipal, mas o Sr. Dr. Serzedello Corrêa...

No lugar tão dignamente preenchido pelo notavel clinico, florianista *enragé*, vae pois, sentar-se um preso politico, victima da famosa legalidade do Sr. Floriano !

Sic tramsit gloria mundi !

—o—

Dizem os entendidos que, apezar da costumada abstenção, o pleito foi dos mais animados, tendo o partido do *Triangulo*, do qual é chefe proeminente o referido Sr. prefeito, empregado os maiores esforços para o triumpho eleitoral do seu candidato.

Mas como a eleição correu pacifica e digna, ficou provado que a figura geometrica mais efficaz para vencer eleições e ainda e será sempre a linha recta... do cacete.

Avançando a esta proposição, estou certo de que não descobri nem a quadratura do circulo nem... a polvora.

—o—

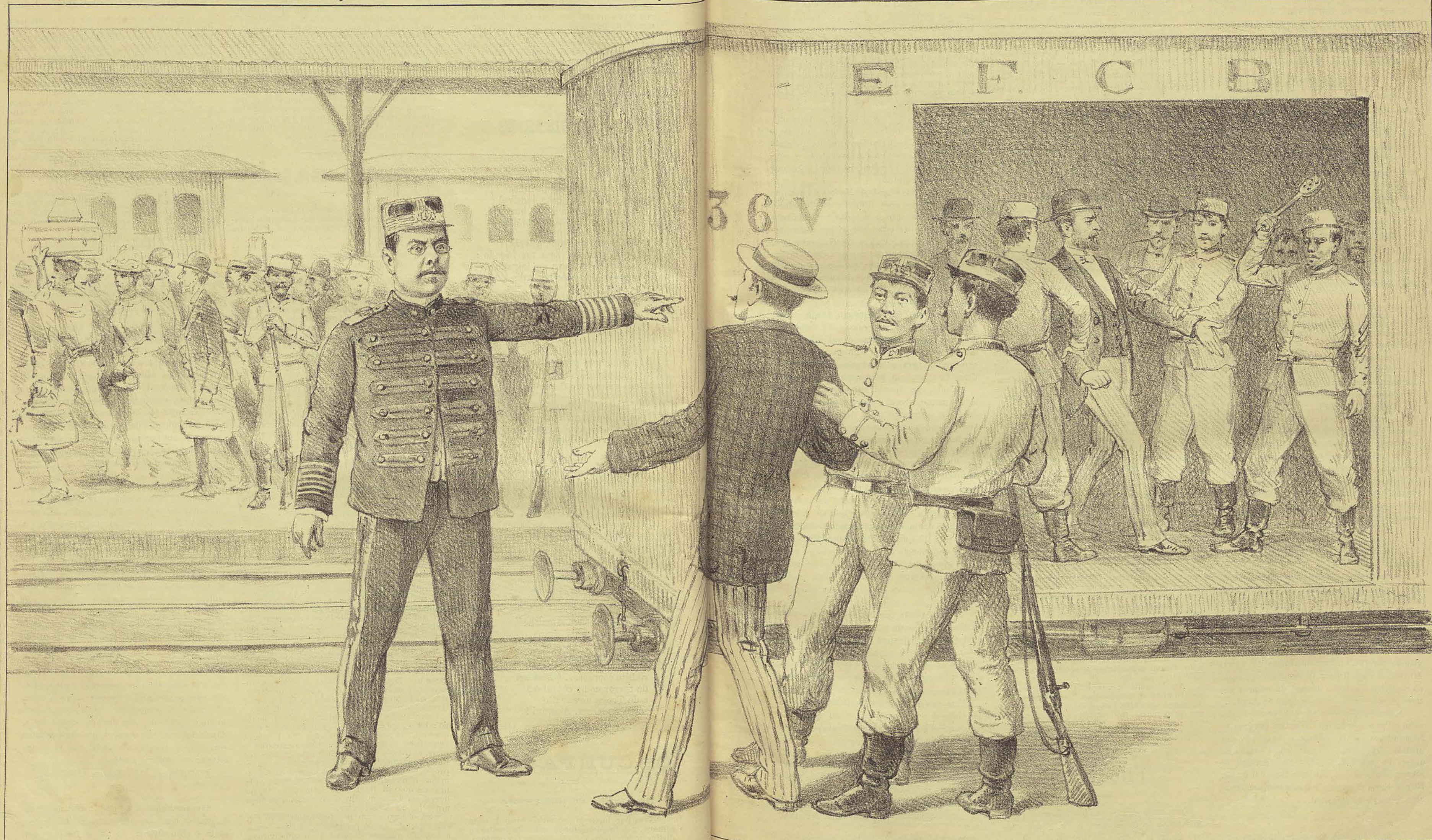
Fui convidado para a sessão magna spirita, em commemoração ao immenso Allan Kardec.

Deixei de comparecer, não porque deteste muito o spiritismo, mas por desconfiar delle, depois dos horriveis *Quadros* dos fuzilamentos sem processo nem humanidade, que se desenrolaram no infeliz Paraná...

Franqueza é franqueza — Torteroli !

—o—

Tivemos aqui a noticia circumstanciada de que o caudilho argentino Molina ia invadir o Rio Grande do Sul, á frente de um bando de mercenarios, para ajudar a gente do Sr. Castilhos a combater os federalistas.

Ordem e Progresso. Quadro da Legalidade em Abril de 1894. (A pedido de muitas victimas.)

Cel Vespasiano — Mettam este sujeito no vagon, e arrumen-lhe uma dusia de bolos. — Snr Director, eu sou um negociante conceituado, e pelo facto de reclamar polidamente um volume, que despachei, não devo ser tratado assim. — Cel Vespasiano — Ah! você replica — Arrumen-lhe duas dusias em vez de uma.

Sobre ser profundamente indigno e miseravel, vem provar este criminoso auxilio que o mal das *ajudas* é comicamente contagioso e póde tornar-se epidemico... principalmente se, no caso do Rio Grande, o governo não proceder com energia, trancando aqui as portas do thezouro e aconselhando ao Sr. Castilhos que vá dar um gyro ou empregar numa fazenda o dinheiro do seu palacio...

—o—

De Pernambuco veio-nos a confirmação de que o Sr. Barbosa Lima tem muita honra de ser intimo amigo do Sr. coronel Magno, um dos pronunciados pela justiça estadoal no caso do assassinato do Dr. José Maria.

S. Ex. julgou opportuno fazer-se retratar em companhia do famigerado coronel, do prefeito e de não sei mais quem, formando com elles um grupo commovente... depois que o juiz seccional cumprio o seu dever, pronunciando os accusados.

Eu não tenho nada que ver com esta phantasia retraticia do Sr. governador nem com os seus companheiros do grupo photographado. Só o que digo é que : — *Dize-me com quem andas, dir-te-hei as manhas que tens...*

—o—

A Bahia, a legendaria terra das cousas apimentadas, lá está ás voltas com uma de todos os diabos !

Duas camaras reunidas no mesmo edificio, na mesma sala, ambas julgando-se legitimas, formando suas mezas, discutindo, verificando os poderes de seus membros !

Delicioso quitute !

Discursos em duetto, apartes em côro e em penca, duplo badalar de campainhas. *muqueca* e *vatapá*, de um lado, *zoró* e *carurú*, do outro.

O melhor é que o ardor dos partidos não se acalmou nem mesmo com a agua benta do arcebispo, chamado para apaziguar os animos ;— de modo que não será muito de estranhar que todo aquelle *cateretê* acabe em *samba*, com musica de pancadaria.

—o—

Afinal, *O Paiz* respondeu á *Gazeta de Noticias*.

Devo desde já dizer que o fez com vantagem quanto ás taes *velleidades restauradoras* attribuidas pela *Gazeta* á revolução de 6 de Setembro e á do Rio Grande, com uma verdade... difficil de provar.

No mais, a resposta deixa muito a desejar.

Para justificar a sua opposição ao acto energico do governo, em face da sedição da Escola Militar, jacta-se *O Paiz* de ter feito opposição ao marechal Floriano, no caso da reforma dos treze generaes e na comedia de 10 de Abril.

A comparação é a do ovo com o espeto, além de que a opposição ao actual governo foi feita insidiosamente durante a execução das medidas repressivas, ao passo que a outra veio depois do acto inteiramente consummado, e, sobretudo quando a capacidade genial do Sr. Ruy Barbosa illuminou os espiritos perplexos ante a energia do marechal...

—o—

Passarei ao largo das bellas theorias expendidas pelo *O Paiz*, sobre o respeito que se deve ao governo que está dentro da lei, ou que se nega ao que a prescreve *inteiramente* dos seus actos, porque consideral-as, seria fazer a apologia da revolução de 6 de Setembro, sem *velleidades restauradoras*...

Apenas me aproveitarei do final da resposta do *O Paiz*, em que elle se confessa admirador e não opposicionista systhematico do Sr. Dr. Prudente de Moraes — para desejar a este illustre cidadão, que Deus o livre de taes amigos, quando tiver de proceder com energia e satisfazer os reclamos da opinião publica.

—o—

Faço vista grossa, porém, a tudo isso, applaudo a relativa mansidão da fórma e chego a acreditar mesmo na sinceridade do *rapapé* final do artigo do collega, afim de, curioso e meditativo, interrogar-me :

— Foi aquillo a defesa do nobre cavalheiro Snr. Quintino, ou será o alicerce do— *mea culpa !*—que *O Paiz* deve á opinião sensata do paiz ?

That is the question !

PERNILONGO

SPORT

TURF-CLUB

Domingo de sol, claro e rutilante. Dia magnifico para um passeio ao campo em companhias magnificas, de verves agradaveis, n'um leve costume branco de flanella ingleza. Ou, segundo o ritual saxonio, binoculo a tiracollo, barba escanhoada, após um magnifico almoço, lá se ir caminho, tagarellando sobre a estirpe dos parelheiros de raça de um club de corridas.

Foi o que fizemos domingo passado.

O *Turf-Club*, uma das nossas mais sympathicas sociedades de corridas, dava uma partida de *élite*. As archibancadas regorgitavam de *habitués* incorrigiveis, que não perdem nunca occasiões taes. Sportswamen, das mais gentis, n'um bello destaque de cores vivas, com lindos chapéos de palha de seda colmando-lhes a physionomia impressionista, davam tambem ao conjuncto uma nota alegre e destacada.

Entrámos, na fórma do costume, analysando o que se nos ia em torno, summamente interessados. O signal para a primeira corrida fôra dado com uma pontualidade *hors-ligne*. E, como a primeira corrida, todas as outras se effectuaram com o mesmo rigor, com a mesma moralidade nas sahidas, mais uma vez demonstrando que no *Turf* não ha tribofes, nem favoritos de *starters*. Talvez que por essa maneira rigorosa de proceder, que tanto caracterisa a directoria do Turf, o enthusiasmo foi geral, unanime, correndo a bellissima festa na melhor ordem possivel, quer por parte do publico, quer na maneira brilhante porque os páreos se disputaram.

Oxalá que essem todos as nossas sociedadse sportivas procedessem do mesmo modo, como mesma linha; e que estas impressões que por aqui ficam reproduzam-se sempre, em todas as futuras partidas.

Agradecendo a gentileza do convite, aproveitamos o ensejo para comprimentar a directoria do Turf-Club, desejando que sempre nos proporcione tão agradaveis momentos.

LORD LEED

Theatros

Ouvi dizer algures que por fallecimento do Dr. Ataliba de Gomensoro, o Dr. Fausto Cardozo pretende chamar, ou já chamou a si, na sua qualidade de vogal do Conservatorio Dramatico, o direito de censura previa de todas as peças que se destinam á exhibição scenica dos nossos theatros.

Eu tenho aqui diante de mim a Constituição da Republica, decretada e promulgada pelo Congresso Constituinte em 24 de Fevereiro de 1891, em cujo artigo 72 § 12 se lê o seguinte:

«Em qualquer assunpto é livre a manifestação do pensamento pela imprensa, ou pela tribuna SEM DEPENDENCIA DE CENSURA, respondendo cada um pelos abusos que cometter, nos casos e pela forma que a lei determinar. Não é permittido o anonymato».

Ora, parece claro que, em vista desta disposição constitucional, a lei que instituio o Conservatorio Dramatico foi, portanto, derogada e n'este caso só por condemnavel abuso a censura previa tem sido exercida pelos membros do dito Conservatorio.

Em uma das edições da *Noticia* do mez que findou, um dos seus illustres collaboradores historiou a creação e a acção exercida pelo Conservatorio Dramatico até ao seu ultimo representante, o Dr. Ataliba de Gomensoro, e, referindo-se ligeiramente ao supra citado artigo da Constituição, nem por isso accentuou a sua terminante disposição,antes deixava perceber a possibilidade de ser pelo governo reconstituido o dito Conservatorio.

Pareceu-me então que era azado ensejo para todos os que com cousas de theatro se occupam, virem manifestar o seu pensamento sobre a legalidade da continuação da censura previa para os productos da litteratura dramatica ; nenhum, porém,sahio a campo.

Ainda que menos competente, saeo eu agora para provocar a discussão ou o protesto antes que o governo, para firmar o direito de que pretende empossar-se o Sr. Dr. Fausto Cardoso, alguma cousa resolva sobre a subsistencia do Conservatorio Dramatico.

Venham, pois, Arthur Azevedo, Moreira Sampaio, Figueiredo Coimbra, Assis Pacheco e outros advogar os seus direitos de escriptores de theatro, chamando a attenção de jurisconsultos para a interpretação que ao governo será licito dar á disposição constitucional do artigo 72 § 12, que ahi fica transcripto.

A importancia deste objecto sobe de ponto desde que se trata seriamente de crear e desenvolver o theatro brazileiro.

***

A' propaganda, que de dia para dia mais se desenvolve contra o theatro frescateiro, que explora o aphrodisismo das exposições lubricas e excitantes da sensualidade frascaria, respondem os empresarios com o remonte das magicas já longamente esgotadas em centenas de noites successivas.

Para que novidades, que custam despendio de dinheiro e de trabalho, se no fundo dos porões e dos armarios das guarda-roupas ainda existem os molambos e os repregos, que, com alguns remendos e algumas pinceladas, podem repôr em scena, em terceira ou quarta *réprise*, as estafadas mascotes por que tanto se baba esse publico papalvo ?

— Ah ! querem regeneração theatral? Que rem desenvolvimento de litteratura dramma-tica ?

Olha essa *Loteria do Diabo*, e essa *Pera de Satanaz* que saeam !

— Mas o Vasques; mas o Guilherme de Aguiar e outros bons artistas, que já não existem, para fazerem os principaes papeis?

— Ora o Vasques! Ora o Guilherme! Ora os outros!

Não estão ahi esses collossaes, esses populares, esses festejados *artistas* das lettras grossas dos annuncios, para os macaquearem?

Para que arte? Palhaçada é o que serve!

O publico é bobo, é ignorante; não entende nada de arte; quanto mais asnatica, mais grosseira, e mais indecente é a interpretação do papel, mais elle applaude.

Tome, pois, *Loteria do Diabo* e *Pera de Satanaz* remontadas e remendadas.

Quem não gostar fique em casa a jogar a bisca com a familia.

***

Comecemos pela *Loteria do Diabo* em scena no theatro de Sant'Anna.

O que é esta magica não ha quem o ignore nesta terra, onde centenas de vezes tem sido representada.

O seu unico merito consiste na serie bem encadeada de transformações e de accidentes comicos com que Eduardo Garrido soube de diversas peças fazer uma só peça.

Da sua exhibição, quando bem representada, resulta para o espectador uma só cousa: divertir-se, rindo.

Na *reprise* que actualmente está tendo no theatro Sant'Anna, se o publico aufere esse resultado não ouso affirmal-o. Eu mal a aturei até metade do 2º acto.

A senorita Matheus canta muito bem a musica do seu papel, mas. . . . para a personificação da angelica *Amina* falta-lhe a candura.

O *Asaim* que a Sra. Sofia Campos representa, se é bastante agradavel aos olhos pela sua bella presença, é inaceitavel á rasão pela absoluta falta de verdade em todas as suas acções.

O *Derviche Banazar* é representado em tom de alma do outro mundo arengando aos vivos.

O *Abdallah*—o papel em que o Vasques era de um comico admiravel—Jesus! que hoiror!... é horrivelmente esbandalhado pela interpretação mais apalhaçada de que é capaz o actor estafermo que o estrupia.

Emfim, d'aquella esbodegação de papeis só se salvam Flavio e Isabel Porto; aquelle no papel de um rei pulha, e esta no da rusguenta mulher de *Abdallah*.

Quanto a scenario e *mise-en-scene*, a *Loteria do Diabo* que ahi se está representando no Sant'Anna pode contrastar soffrivelmente com *A cornucopia do amor*.

Decididamente o Heller foi encaiporado.

***

Da *Pera de Satanaz*, que o Apollo está representando, poderia dizer o mesmo que acabo de dizer da *Loteria do Diabo*, se não fosse a profunda magua que me causou ver o Maia e o Mattos — dous actores intelligentes que ainda teem velleidades artisticas de dar trabalho ao espirito para interpetrar caracteres—estarem alli a fazer umas scenas tolas de babuzeiras infantis, como se fossem alguns Brandão, Machado, Leopoldo e quejandos populares comicos!

Eu imagino o vexame que lhes ia n'alma ao fazerem aquellas bobagens em presença de alguns espectadores que os contemplavam compadecidos; e não descreio que, ao entrarem no camarim, sentissem nas faces o calor que a consciencia indignada lhes transmittia ao sangue.

Como isto é lastimavel!

Os demais actores e actrizes, que na peça tiveram papeis, fizeram o que costumam fazer: deram conta do seu recado segundo a forma de peças taes.

***

No Recreio Dramatico, a companhia da actriz Pepa Roiz inaugurou o seu negocio com o *Tim tim por tim tim*.

Já, em poucas palavras, disse, em outra edição, o que penso d'essa pachuchada theatral.

Fiz o sacrificio de ir vel-a ainda, para corresponder á gentileza da empreza, que me enviou bilhete para a *primeira*.

A vivacidade e a graça que a Pepa soube dar aos seus papeis, fizeram-me supportar com menos tedio aquella successão de scenas inconsequentes e paspalhonas (a despeito da mordacidade que encerram) apanhadas de muita cousa alheia, que o Sousa Bastos enfeixou para impingir em seu proveito.

O theatro, e partes adjacentes, regorgitavam de espectadores, e a rasão d'isso explicou-a eloquentemente o Julião Machado na *Noticia illustrada* n. 6.

***

E, para terminar, uma reflexão em accordo com o proposito que me impuz de quebrar lanças contra tudo quanto se oppõe á elevação e utilidade do theatro.

Estão actualmente em scena, em todos os theatros que funccionam, peças do mesmo genero—peças de despendiosa enscenação, muita comparsaria e pouca decencia.

De mistura com muita nullidade, alguns bom actores e actrizes esperdiçam e viciam ahi talentos, que, melhor utilisados, poderiam ser optimos contingentes para a edificação da arte dramatica n'esta terra.

O publico, que, á falta de outros divertimentos, só tem os theatros para se entreter, gasta o seu dinheiro e o seu tempo sem nenhum proveito moral auferir dos espectaculos a que assiste, antes vicia o gosto e desorienta a razão.

Ha, portanto, um grande despendio de esforço, de tempo e de capital com resultado negativo, porque nem empresarios, nem actores, nem publico conseguem, como vulgarmente se diz, tirar o pé da lama.

Ora, não seria muito mais proveitoso, moral e materialmente, empregar todos esses elementos de intelligencia, de esforço, de tempo e de capital na exploração do theatro serio, limpo, artistico e litterario, que moralisasse a arte nobilitando os artistas, que desenvolvesse a litteratura illustrando os autores, que desembaraçasse os emprezarios dispensando-os de exigencias e sacrificios, e que, finalmente, edificasse o publico instruindo-o e orientando-lhe o gosto?

Compenetrem-se todos disto, e unifiquem-se em uma só vontade para que a sociedade recem-fundada do THEATRO BRAZILEIRO possa quanto antes, como é necessario, como é urgente, realisar a missão que tomou.

SANSÃO CARRASCO.

A nossa meza

Fomos obsequiados com:

— *A Noticia Illustrada*, nº 6. Brilhante, como sempre, de illustração e de texto. Na primeira pagina a critica summarissima do *inevitavel Tim tim por tim tim* é chistosa e eloquentemente feita por um par de pernas femininas artisticamente algodoadas. Em medalha, que ao lado encima o texto explicativo do desenho, o espirito finamente sarcastico de Julião Machado accentúa o merito aphrodisiaco que tem feito o extraordinario successo da *celebre peça de Souza Bastos*.

Nas duas paginas centraes, paisagens e perfis apanhados ao correr do trem na viagem da inauguração de um trecho da linha ferrea da Sapucahy.

Na ultima, o elegante desenhista traça em original e espirituoso reclame o indiscutivel direito que tem a ser mimoseado pelo relojeiro Gomes com um excellente chronometro.

— *A Estação*, nº 6 do anno XXIV. Duas gravuras de figurinos coloridos; oito paginas de illustração e descripção de modas, e o competente supplemento litterario enriquecido com duas excellentes gravuras.

— *Revista Illustrada*, nº 680. Na primeira pagina o retrato do marechal Eneas Galvão; nas centraes, allusões ao calor do sol e do jogo zoologico; na ultima os retratos do Dr. Assis Brazil e conselheiro Thomaz Ribeiro. O texto e para fazer saltar os parallelipipedos em uma gargalhada cyclonica... se elles o poderem ler.

— *O Democrata* n. 26. Semanario politico e litterario do qual Xavier Pinheiro é o redactor-chefe. Sebastianismo cambuquirano litteraria e platonicamente tratado em prosa e verso. Uma fantasia politica para diversão litteraria dos confrades do amavel e talentoso poeta, que discute os seus artigos de fundo com adoravel bom humor.

— *O Cysne* n. 8. Orgam litterario Mineiro bem escripto e nitidamente impresso.

— *A Semana*, nº 78. Abre com uma bella *Historia dos sete dias*, do consagrado humorista Urbano Duarte, tão major das boas lettras como da terrivel artilharia. Alencar Araripe, Escragnolle Doria, Candido Jucá e Henrique Magalhães, enriquecem as demais paginas.

— *Revista Brazileira*, 7º fasciculo. Mais um precioso contingente para o thesouro da litteratura nacional.

— *Revista da Commissão Technica Militar Consultiva*, Anno IV nº 8, trazendo: *Concurso de artilharia*, por F. C. da Luz; *As Nitrocellulozas*, por Torres Homem; *Commissão Technica Militar Consultiva*: Cartuchos de mosquetão Comblain, Telemetro Fiske: *Boletim technico*: *Correio militar estrangeiro*; *Publicações recebidas*.

— *Homenegem á Marinha de guerra brazileira, (de 7 de Dezembro de 1893 a 13 de Março de 1894)*. Colecção de versos laudatorios, por um Fluminense.

Io t'amo!, melodia para canto e piano, por Eduardo Grieg;

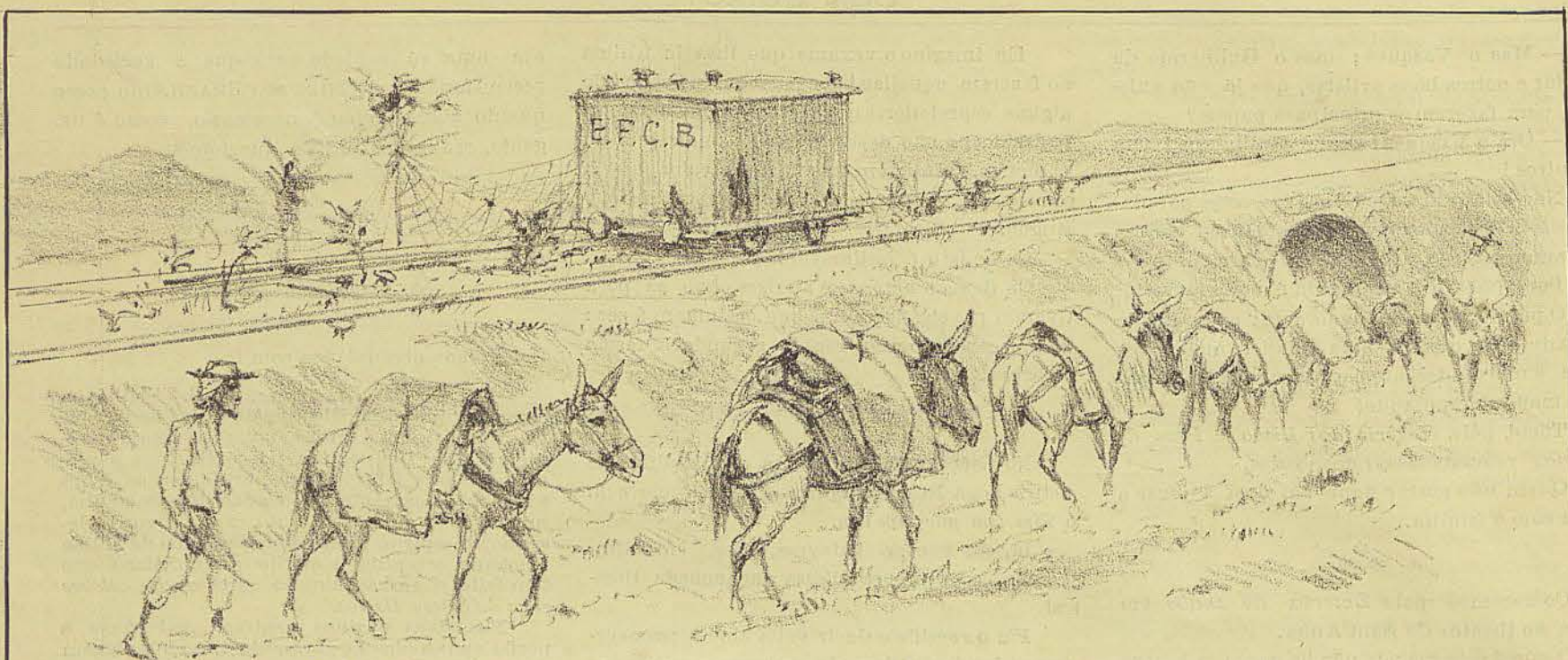
— *La brise et l'évantail*, para tenor ou soprano, poesia de Mme. A. R. e musica de G. Dufriche;

— *L'Echange*, Cançoneta por L. Denza, letra de A. Dumas;

Tres bellissimas composições elegantemente impresas pelos acreditados editores I. Bevilacqua & Cª.

A todos agradecemos

D. MEZARIO.

L'EXPRESS, Typ. a vapor rua da Assembléa 75

E' tal a direcção do trafego da Estrada de Ferro Central, que o Commercio será obrigado a voltar ao bom tempo.

— Sob esta chuva de pedra
Com que a Imprensa me atormenta,
Mais o jogo-bicho medra,
Mais a fortuna me augmenta.

Porém não quer comprehendel-o
Quem ergue tanto berreiro:
Que são o burro e o camello
Que me dão este dinheiro.

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 12

Pinheiro Chagas
(Vide texto)

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.	20$000	Anno.	24$000
Semestre	12$000	Semestre	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todos as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

A ADMINISTRAÇÃO

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 13 de Abril de 1895.

PONTOS NOS ii

NÃO tenho por habito responder ás censuras que me fazem sobre os desenhos que publico,— verdade seja que raras, — pois é facil de comprehender-se que é impossivel agradar a Deus e ao Diabo ao mesmo tempo.

Tratando-se, porém, do *Correio Paulistano*, não posso deixar de abrir excepção em favor de tão estimavel e antigo collega, e, posso dizer, quasi companheiro, pois que já nos achamos nas mesmas fileiras, combatendo alguns actos arbitrarios—aliaz necessarios—por occasião da guerra do Paraguay — do energico presidente Tavares Bastos de honrosissima memoria.

Fazia eu então parte da imprensa paulista.

A minha estreia foi no *Diabo Coxo* e logo depois fundei *O Cabrion* Tive como principaes collaboradores os Drs. Sizenando Nabuco, Ferreira de Menezes, Antonio Manoel dos Reis, Luiz Gama e o Dr. Americo de Campos, este ultimo, unico sobrevivente d'essa pleiada de moços intelligentes, estudantes então, e mais tarde illustres nas lettras, no fòro e na imprensa.

Ao lembrar-me dessa epocha, não posso deixar de dizer, entre dois suspiros: « Bom tempo aquelle!»... Mas...como os jacobinos não me perdoam nada, e pódem suppôr que refiro-me á monarchia e chamar-me de sebastianista, apresso-me em declarar que a razão d'essa minha saudosa exclamação é que tinha então apenas vinte annos...

Como bém vê o meu collega, sou um veterano na imprensa brasileira, tendo tido a honra e a satisfação de ter feito as minhas primeiras armas na Capital do Estado de S. Paulo em companhia de brazileiros tão distinctos como os que citei. Devo, portanto, saber onde tenho o nariz em materia de critica.

Creia que não tem razão, o meu illustre collega paulista, em censurar-me — alias com uma delicadeza pela qual lhe sou grato— dando a entender que chasqueei *O Paiz*, mas de tal modo, que parece ter eu chasqueado ao mesmo tempo o seu redactor chefe.

E' uma injustiça que me faz e me obriga a esclarecer esse ponto.

Não posso, como outr'ora, (e isso digo-o com o maior pezar), acompanhar esse importante orgão da imprensa fluminense.

O rumo politico que elle tem adoptado diverge inteiramente do meu. Elle está no seu pleno direito de pensar de um modo, assim como eu o estou de pensar de outro.

Elle faz politica e representa um partido; tem um programma e uma bandeira em volta da qual aggrupam-se seus adeptos e correligionarios.

Eu, ou antes o *D. Quixote*, não faz politica; considera-esta uma verdadeira praga.

Tambem não representa partido algum; representa-se a si mesmo, e já não é pouco, pois que assume toda a responsabilidade de seus actos.

Tem um programma... ah! isto elle tem! simples, mas grandioso: A prosperidade do Brazil.

Tambem tem sua bandeira, a bandeira mais bella: a bandeira nacional!

E è em volta desta que elle quer ver reunidos todos os brazileiros, e para isso empregará os maiores esforços.

E' preciso que a divisa: *Ordem e Progresso* não seja uma ironia, tanto aos olhos dos verdadeiros patriotas, como aos das nações estrangeiras, perante as quaes temos o dever, para manter o nosso credito já bastante abalado, de não passar por um povo barbaro e completamente desorientado.

Qual é o verdadeiro patriota que pòde, sem estremecer de indignação, lêr todos os horrores commettidos em varios Estados, como nos de Santa Catharina, Paraná, Rio Grande do Sul, Pernambuco e até nesta Capital, como o mostramos no nosso ultimo numero, com o tal wagon de vergonhosa fama?

E tudo isso praticado por quem? Por altos representantes da *Legalidade!* Outra ironia para fazer *pendant* com a da *Ordem e Progresso*.

Bella ordem o bello progresso, não haja duvida!.....

Mas..... isto representa o regimen do governo passado, que *O Paiz* não só defende, como exalta com todo o enthusiasmo!

O meu illustre collega *Correio Paulistano* comprehenderá, portanto, que o *D. Quixote* não póde acompanhar *O Paiz* em semelhante terreno, e tem até o dever de combatêl-o e chasqueal-o. Incensal-o é que não póde.

Agora permitta-me que lhe observe o seguinte: A caricatura realmente dóe quando se lança mão do ridiculo dando qualquer forma á pessoa e desenhando-lhe a physionomia. Por exemplo, a que sahiu sobre a eleição de Pernambuco, ou a que appareceu na ponta da lança do *D. Quixote*.

Antigamente, isto é, desde 1876 até ao fim do anno 1888, tive varias occasiões de apresentar na *Revista Illustrada*, então sob minha direcção, a figura do redactor-chefe d'*O Paiz* em allusões antes lisongeiras, pois que combatiamos, sob a mesma bandeira democratica, os abusos do antigo regimem, que, digamos a verdade, eram muito menores do que os do actual. (Aproveitem, jacobinos!)

Hoje, porém, vendo o meu antigo collega seguir rumo diverso, encarando a republica por um prisma differente do meu, não posso usar do mesmo systema, personificando *O Paiz* na pessoa do seu principal redactor sem lançal-o ao ridiculo.

Por isso adoptei, ou antes, a *Gazeta de Noticias* e o *D. Quixote* adoptaram a forma do **O** para representar o *O Paiz*.

Chasqueio-o, pois, como diz o *Correio Paulistano*, e até sem graça, na opinião d'este collega, o que é bem possivel; mas não chasqueio, nem injurio, nem lanço o ridiculo sobre nenhum dos redactores desse jornal, pois julgo que elles têm o direito de pensar diversamente do que eu penso e seguir a politica que entendem.

E se assim não fosse, onde estaria então a liberdade da imprensa?

Posso eu ser juiz em causa propria suppondo que a minha opinião é a melhor?

O verdadeiro juiz é o publico, e esse dirá quem tem razão.

Conheço pessoalmente quasi todos os redactores d'*O Paiz*, que sempre me trataram com consideração, principalmente o redactor-chefe, de quem me prezo e honro de ser amigo e admirador.

Quando nos encontramos, as nossas mãos apertam-se lealmente.

E' possivel que elle diga comsigo: « Pena é que o Angelo não pense como eu! ».

O mesmo digo eu do Quintino.

ANGELO AGOSTINI

OS QUE PASSAM

PINHEIRO CHAGAS

A noticia, que nos foi dada pelo telegrapho, da morte do illustre homem de lettras e distincto homem de estado, Conselheiro Manoel Pinheiro Chagas, nem por ser a cada momento esperada desde que se soube das condições graves da enfermidade a que succumbio, nem por isso deixou de ser recebida sem profunda commoção.

Não cabe no limitado texto deste semanario,— obrigado á referencia dos varios factos da semana que exigem o seu commento,—tratar detidamente de todos os meritos do homem notavel que a politica e a litteratura portuguesas acabam de perder, e menos ainda estudar e definir a influencia exercida pela extraordinaria actividade do seu luminoso espirito no meio social em que actuou.

Como republicano adiantado, aspirando ao estabelecimento definitivo de um systema politico garantidor de todas as liberdades e impulsionador de todas as energias promotoras do bem, só como homem de lettras podemos aureolar a memoria do illustre finado, assignalando-lhe os meritos de historiador, de dramaturgo, de poeta, de critico e de jornalista.

Os productos da sua actividade mental em todas as faces da litteratura, constituem um opulento e precioso legado de que se póde orgulhar a terra que lhe deu o berço.

Como participante desse legado, pela razão da mesma lingua, o Brazil não é menos participante no justo desgosto que enlucta as lettras portuguezas pela perda de um dos seus mais laboriosos e notaveis representantes.

Dando o seu retrato na nossa pagina de honra, prestamos-lhe a homenagem devida ao seu elevadissimo merecimento.

TAGARELLICES

Eu já estava na resolução de nada mais dizer a respeito do **O**, e até já tinha deitado fallação aos collegas cá de casa, procurando convencel-os de que tanto **O** já era caceteação.

Desta generosa resolução, porém, veio demover-me a noticia que li no tal dito cujo de 10 do corrente, fazendo enorme barretada á chegada do representante do governador Castilhos que nos *ministrava* na Republica Oriental «com denodo e intransigencia só negados por aquelles que sentiram-se prejudicados nos planos que visavam o aniquilamento da nossa Patria (d'elle), a sua perturbação e o seu descredito. »

Ora eu, que sou justamente um d'esses prejudicados que combatem a rrrepublica de audacia e gazúa, e viso o aniquilamento da *sua* Patria, cujo credito se sustenta da não perturbação da guerra civil no Rio Grande, não posso deixar de tagarellar um pouco sobre esse acto de refinada cortezia do **O**.

Longe de mim contestar que o eleitor do Sr. Julio de Castilhos, que longamente (antes fosse ephemeramente) exerceu o cargo de Ministro do Brazil em Montevidéo, houvesse diplomaticamente defendido os verdadeiros interesses da Rrrepublica do **O**.

Creio até mesmo que ninguem melhor do que esse diplomata partidario seria capaz de manter eternamente a briga de Picapau com Maragato, que sustenta o credito da Patria do **O'**.

O que me leva a tagarellar é essa barretada a quem me causou o prejuizo de contribuir para a queda do cambio, não perturbando a supracitada briga, e ter eu, em consequencia d'isso, de ainda hoje comprar por 30$000 reis as botas que eu estava habituado a comprar por 12$000 !

***

Outro motivo de tagarellice é aquella bajulosa pilheria com que o **O'** termina a tal noticia.

« Baixando á terra o illustre moço veio abraçar a redacção d'*O Paiz*, o que muito nos penhorou ».

Baixando à terra !
Mas baixando de onde?

Só se foi das carrapitas da lua, aonde o **O'** o tinha guindado.

***

O melhor é que, para attestar essa excellencia diplomatica, com que o **O'** tanto engrossa o recem-chegado, ou antes recem-baixado Sr. Victorino Monteiro, o telegrapho nos annuncia o profundo pezar com que a Republica visinha lamentou a retirada do ex-ministro.

Ha até quem affirme que houve um verdadeiro aguaceiro de lagrimas.... de foguetes!...

E quem a ouvisse entoar a lamentosa nenia :

Se você vae, não volta mais.

Pois, senhores, para se ser diplomata de primeira ordem, não é preciso mais nada.

***

Agora fico à espera de ler o que dirá o **O'** á chegada do *pendant* diplomatico do Sr. Victorino Monteiro, — o Sr. Fernando Abbot, — outro partidario do Sr. Castilho, e intransigente e denodado sustentador do credito da rrrrepublica do **O'**, o qual certamente baixará tambem a comprimentar-lhe e a abraçar-lhe a redacção, logo que transponha o Pão de Assucar.

Que elle chegue quanto antes, agora que está licenciado e..... *premiado*, é o que anciosamente deseja o

MESTRE NICOLAU

Pourquoi ?

(sobre a execução de uma walsa de A. Braga)

Porque?... pergunta a vaga melodia,
e o pensamento em duvidas se afoga ;
será nume ou mulher quem assim voga
no immenso mar azul da fantasia ?

Onde acaba a creatura e principia
o anjo ? A mente em extasi interroga :
Mortal será, que ao céu supplica e roga ?
Nume será, que sobe, e ao céu nos guia ?

Quer sejas cor ou luz, canto ou perfume,
corporisada essencia, alma de nume,
humanisado accorde d'harpa ignota,

tu nos conduzes para além da vida,
levas a mente ao ideal, erguida
pelo invesivel fio d'uma nota !

LUIZ NOBREGA.

BIBLIOGRAPHIA

REVISTA CONTEMPORANEA

Acabamos de receber a honrosa visita da *Revista Contemporanea* (n. 6 do II anno) excellente periodico litterario que se publica no Recife, Estado de Pernambuco.

A redacção e administração d'este importante periodico está confiada a França Pereira, Theotonio Freire e Marcellino Cleto, que o mais galhardamente que se pode desejar, se desempenham d'essa util missão.

A leitura do numero da *Revista Contemporanea* que temos presente causou-nos agradabellissima impressão.

Um seguro criterio de moderno gosto litterario e artistico preside á elaboração d'este periodico, que reputamos um dos melhores que se publicam no Brazil.

Para demonstrar a optima orientaçoã critico-litteraria desta preciosa *Revista*, basta transcrever estes topicos do juizo alli emmittido por um dos seus distinctos collaboradores—Raul de Azevedo—sobre o livro *Caricias*, de Machado Redondo :

«M. Guyau, no seu livro a *Arte no ponto de vista sociologico*, fazendo o estudo comparativo das litteraturas, escreveu que a «Arte dos nossos dias tornou-se cada vez mais democrata, e acabou mesmo por preferir a sociedade dos viciosos á das pessôas de bem».

«Infelizmente é assim. A maioria desses que escrevem, julgam que realismo quer dizer—pornographia».

«E sem estudar longamente Honoré de Balzac, Gustave Flaubert, Alphonse Daudet, Emile Zola, os Goncourt, fabricam dia a dia volumes absolutamente immoraes, que dão-nos idéa clara d'essas regateiras que quando offendidas vêm ao meio da rua, saia curta deixando ver pernas magras, cabeção desabotoado, a desenrolar todos os seus conhecimentos de peixeiras. Mesmo entre nós, no Brazil, apparecem dessas obras profundamente enjoativas, sem moral, sem base, sem Arte, como esse *Aborto*, romance do Sr. Figueiredo Pimentel—verdadeiro aborto de um Chico Botija de mercado barato.

«E elles não comprehendem, pelo seu fanatismo ao sujo, ao que cheira mal, que a «Arte é a naturesa vista a travez de um temperamento», e que, por esse lado, deve ser encarada no seu realismo elevado».

O illustrado Dr. Martins Junior, tambem sobre este assumpto e sob o titulo *Naturalismo*, accentúa essa bôa orientação, dando do *realismo* uma definição scientifica na altura do seu elevado criterio.

Nada ha de futil ou banal nas paginas do nº 6 da *Revista Contemporanea*, sendo notavel a excellencia dos versos que entremeiam os seus bellos artigos de prosa.

Em summa, a *Revista Contemporanea* do Recife, como a *Revista Brazileira* d'esta capital, prehenche na nossa republica litteraria a util e nobre funcção de caracterisar e transmittir ao futuro historiador a verdadeira feição do estado mental da geração presente.

Oxalá possa ella por longo prazo exercel-a com o mesmo enthusiasmo e o mesmo brilhantismo.

Pela nossa parte comprimentamol-a e desejamos-lhe que prospere.

V. V.

FERROADAS

Fallando do numero 10 deste periodico, o *Correio Paulistano* commetteu a gentileza de dizer que as «ferroadas» eram o prolongamento da quarta pagina illustrada.

Tanta honra é de praxe agradecer-se commovido, o que gostosamente faço, neste momento solemne...

Lá quanto ao facto do illustre collega não achar nesta secção a leveza das outras, explica-se a coisa pela natureza do assumpto e pelo proprio titulo.

Ferroadas ardem, naturalmente, mas lá diz a sabedoria popular—que o que arde cura.

E é isso que se quer.

Uma coisa confesso, porém : se eu escrevesse no tempo da *legalidade*, seria obrigado a desistir do meu ferrão, e, em vez de «ferroadas», passaria a dar—LAMBEDELLAS...

—Senão...

—o—

O Jornal do Commercio avivou ha dias a memoria publica, estampando em suas columnas o vibrante manifesto dos heroicos federalistas, datado de 15 de Março de 1893.

Como se sabe, é esse preciosissimo documento um protesto formal, claro e positivo, contra a insinuação muito réles de «restauradores» da monarchia, atirada como gato morto á cara dos que não applaudiam a funesta politica do marechal.

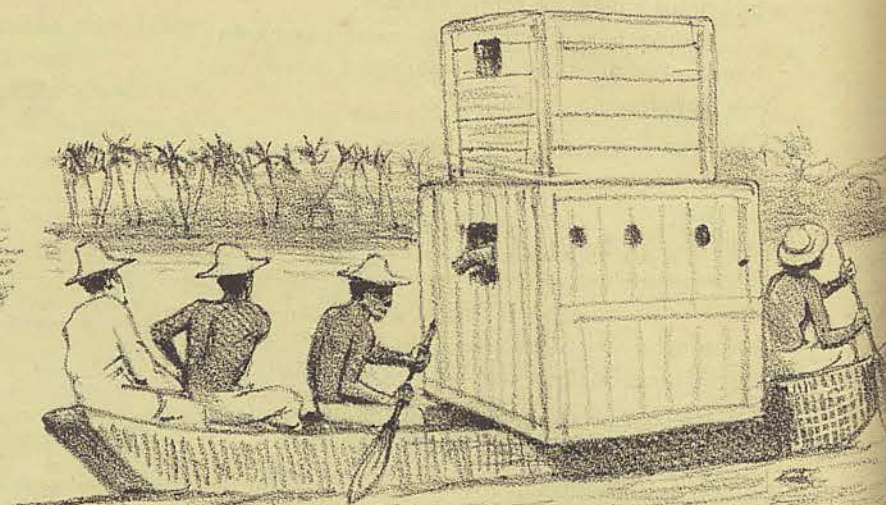
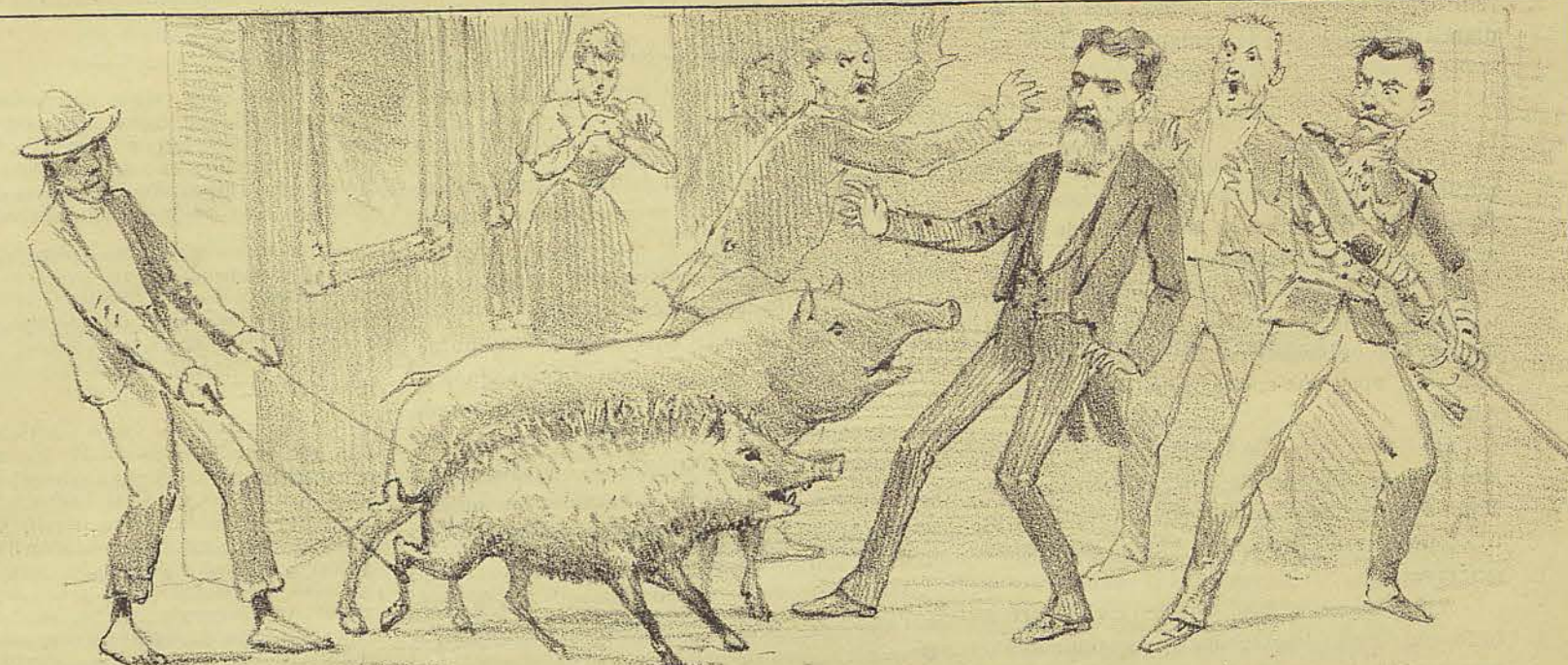
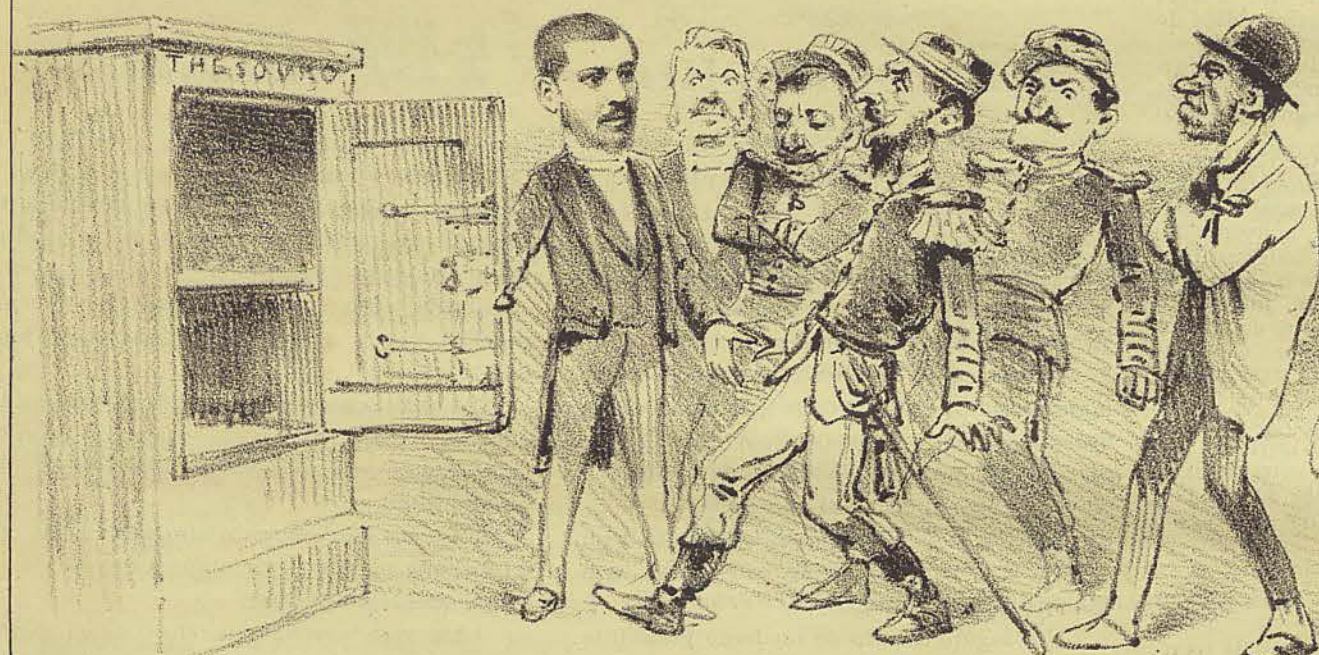
Ahi vae um trecho :

« Queremos, sim, a restauração da « lei, do direito, da justiça, da « segurança á liberdade e aos « bens e á vida de todos os cida- « dãos. »

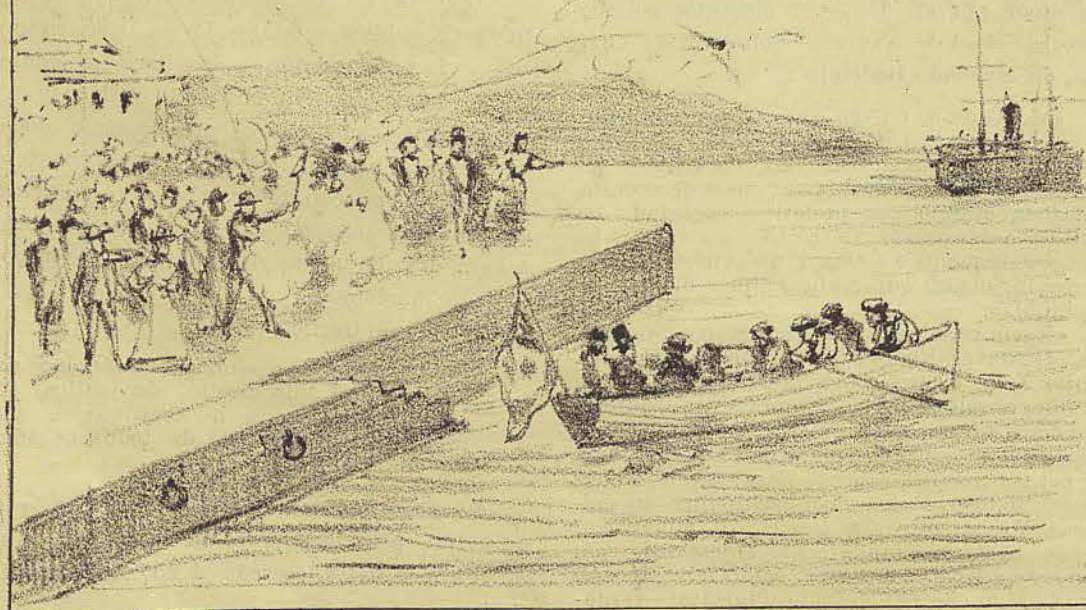
Termina com um viva à Republica e é subscripto pelo legendario general Silva Tavares e por todos os seus denodados companheiros.

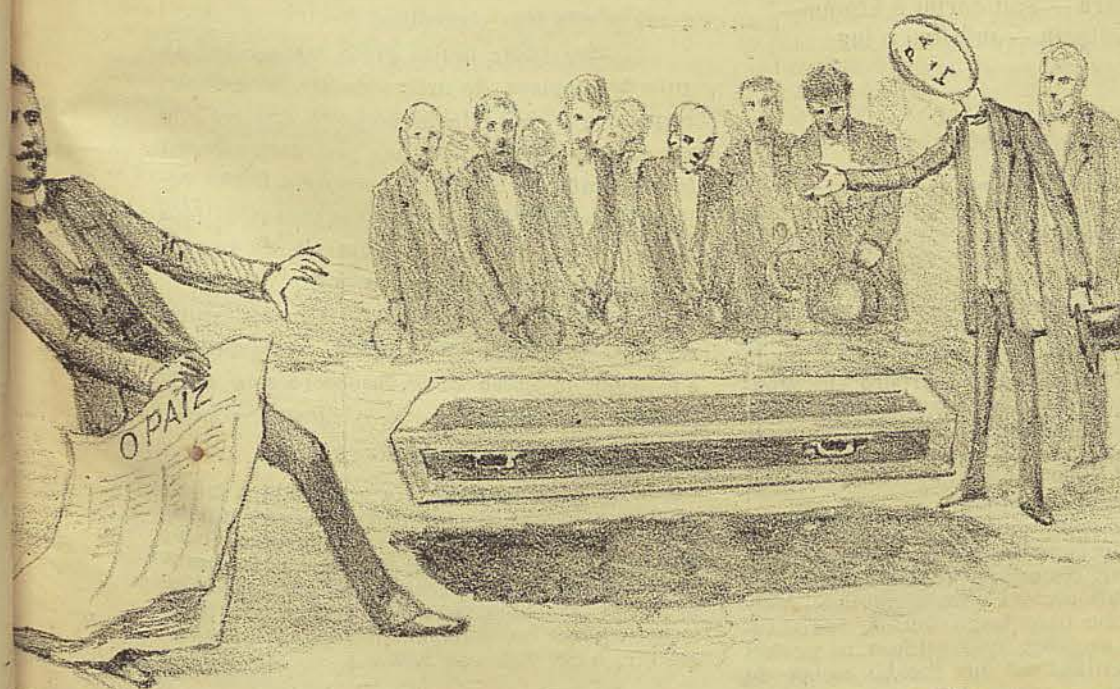
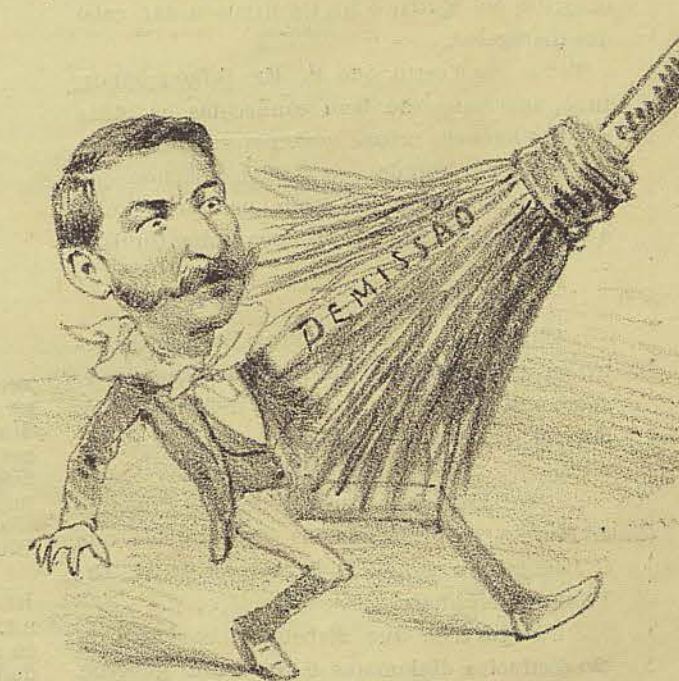
Leiam, leiam esse manifesto; reflictam que

O RCÚO

Sancho Pansa vendo que se trata de recuar os predios, estuda a questão, consultando a obra que melhor o pode orientar

O presidente do Amazonas vendo a importan[...] a bicharia n'esta Capital, não recuou diante d[...] de fazer uma sorpresa ao Sr. Prudente de Mor[...] um rico presente. [...]e tomou lembrança [...]viando-lhe

Consta que ao ver entrar no Itamaraty um tal mimo o Sr. presidente recuou d'espanto!

Tambem consta que varios partidarios do Sr Castilho começam a recuar diante do Cofre vasio.
— Que querem, disse o Sr Castilho, se em lugar do Rodrigues Alves fosse o nosso Cassiano, o cofre estaria cheio

Dizem que este recu[...]da acabará em debandada.

Na campanha, as tropas castilhistas tambem recuam diante do valor dos heroicos gauchos.

A Republica Oriental não recuou em manifestar o seu regosijo pela sahida algum tanto precipitada do nosso ex-ministro Snr V. Monteiro,

o qual baixou á terra, na phrase d' O Paiz que naturalmente tem S. Exª na conta de um anjo.... do castilhismo.

O S[r.] [...] Monteiro, interpretando essa phrase de outro modo, recuou horrorisado com [...] de que O Paiz o quizesse já enterrar....

Quem recuou contra vontade foi o Dr. Abbot, ex-ministro do Brazil na Republica Argentina; foi tratado com a distincção a que fez jus.

é um documento antigo e já conhecido, e admirem depois a sinceridade palhaça dos que pediam a exterminação dos valentes gauchos, em nome da salvação da Rrrrrepublica !

—o—

Tambem o provecto collega deu-nos a grata noticia de que o governador do Amazonas fez presente de uma anta e de um porco do matto ao Sr. presidente da Republica.

Se a moda péga e os governadores dos estados dão em presentear o Dr. Prudente de Moraes com os bichos que habitam os seus dominios... upa! que então é que se vae ver o bonito!

De Pernambuco, da Bahia, de Sergipe, do Rio Grande do Sul, de Sta. Catharina e do Paraná não faltarão nem féras, nem reptis, nem aves de rapina dignos de uma galeria de *primo cartello*.

Até o nosso estado do Rio não faltará á festa com os seus engraçados quatys municipaes que, apezar de annullados, estão pintando a saracura, em Nictheroy...

—o—

Receio muito, porém, que o Sr. Drummond recorra a mais trinta jurisconsultos e proteste contra a creação desse novo jardim.

S. Ex. não póde consentir outra galeria zoologica que não a sua, assim como não conhece outro jogo tão necessario como o seu.

Sou o primeiro a reconhecer isto e aquillo, isto é, que o jogo zoologico evita conspirações, depois de mortas, e que em questões de bichos S. Ex. é realmente o *primus inter pares*...

—o—

O *Paiz* noticiou a chegada do Sr. Dr. Victorino Monteiro, ex-ministro do Brazil em Montevidéo, e disse que S. Ex. defendeu com denodo e intransigencia os verdadeiros interesses da Republica, etc., etc.

Chama-se a isto escrever torto por linhas direitas, pois é sabido que o novel diplomata é um castilhista extremado e a sua diplomacia consistio em ajudar o Sr. Castilhos a dar cabo dos maragatos.

Tanto isto é certo, que S. Ex julgou opportuno, agora que são bem conhecidas as idéas pacificadoras do actual governo, recolher-se ao exilio da sua fazenda :—e *O Paiz*, dizendo que o illustre moço *baixou á terra*, provou que não é só Deus que escreve direito por linhas tortas...

—o—

Outro tanto acontece com o Sr. Abbot, outro ex-ministro nosso em Buenos Aires, que, como o seu ex-collega, tambem defendeu com denodo os taes *verdadeiros interesses* da Republica.

Decididamente o governo do Sr. Prudente de Moraes está fazendo jús á carapuça que *O Paiz* talhou na noticia do regresso do Sr. Dr. Victorino Monteiro.

Um governo que dispensa o concurso de tão distinctos diplomatas é quasi um governo « restaurador ».... da Lei e do bom senso.

—o—

Que as duas notabilidades sejam substituidas com vantagem, é o que desejo, para não haver mais ensejo de repetir-se o conceito de Castilho :

—Tire das leis com que dar uso aos queixos
Quem póde : e cada qual gyre em seus eixos.

—o—

Como falei n'*O Paiz*, é justo consignar-lhe um aperto de mão pela merecidissima censura que fez a quem teve a sexquipedal idéa de supprimir o logar de photographo policial, e até o magro auxilio aos medicos legistas.

Se, effectivamente, chegamos a taes apuros financeiros, que não podemos nem ao menos manter o que é strictamente necessario em uma grande capital—eis um caso digno de sincera lastima. Mas se, como afiança o collega, foram supprimidas essas verbas e engrossadas outras na repartição policial—então a coisa muda de figura e ultrapassa as raias da *calinice*.

Apure-se o caso e vejamos quem foi que pensou que o Rio de Janeiro era a Mococa ou a... Beocia!

PERNILONGO

CHINOISERIES

PINHEIRO CHAGAS

Agora, ó musa pilherica,
reveste os trajos da dor,
e ajoelha sobre o tumulo
do valente lutador.

O fulgor do grande espirito
não foi só teu, Portugal;
o patriota pertence-te,
mas seu genio é universal.

Por isso, musa, consagra-lhe
o culto aos heroes do Bem,
tu, que os escriptos magnificos
do mestre prezas tambem.

Mostrou a senda que á gloria
pelo trabalho conduz.
Na terra — seu corpo é átomo—
Na Historia —su'alma é luz.

LU-NO

De Varanda

Hoje de manhã, após o café, quando á varanda do meo chalet suisso, por onde vejo as cousas alegres da vida, ria-me da futilidade dos homens pretenciosos, o carteiro entregou-me este bilhete postal : — «Carissimo Barnaba.— Seguindo para a Belgica no proximo paquete, peço-te que me substituas ahi no *D. Quixote*. Um abraço aos rapazes e até lá. Teo do coração, Blondin ».

Ora muito bem, monologuei. Este senhor Blondin vae-me fazer dançar na *corda bamba*, não ha que ver. Na minha vida bohemia, que eu saiba, jámais escrevi para o publico. Verdade é que tenho perpetrado versos, romancetes, novellas e contos... que sempre os preferi em libras esterlinas ou em luzidas notas do banco. Chronicas, porém, chronicas, meos senhores, confesso que nunca as commetti, nem mesmo a minha e a dos amigos. Como, emfim, se trata de satisfazer um pedido de amigo, que vale mais do que uma ordem, não ha remedio senão benzer-me com a canhota acenando-lhe com a direita.

++

Já então com ares sentenciosos de chronista consummado,serio e grave,appendiculo ao nariz, quasi que refestelado na unica cadeira de dous pés, que possuo como um prodigio de equilibrio, tomei do « Jornal do Brazil » e li na terceira columna esta noticia pasmosa, estupefaciente :

« Foi apresentado, na sessão de hontem do conselho municipal, um projecto de creação e manutenção de um theatro, cujos artistas nomeados por portaria do prefeito, serão considerados funccionarios publicos, gozando das mesmas vantagens que os empregados daquella repartição ».

Desmaiei doze vezes. Artistas nomeados por portaria do prefeito, ó supremo ridiculo, ó suprema bambochata a que póde chegar o filhotismo na arte theatral. Incrivel! *Fin d'esprit!* Pois que?! Tenho visto muita cousa extraordinaria, tal como macaco tocar flauta, perú caixeirar e gallinha preta pôr ovos brancos. Mas artistas nomeados por portaria, como qualquer fiscal de freguezia... Não, senhores intendentes, isto não é serio; vossas eminencias estão debicando o criterio dos eleitores; ridicularisando a vossa competencia em materia artistica, rebaixando mais a infeliz arte dramatica em nossa terra. Um escandalo! Olhem, cheguem-se bem pertinho de mim para que ninguem nos ouça, e escutem com bastante attenção o que lhes digo aqui em segredo : artista nomeado por portaria só póde ser porcaria. Agora que o autor ou autores de semelhante idéa genialmente mãe merecem uma manifestaçãosinha como aquella que celebrisou o Dr. Filinto das Azeitonas, é cousa que não offerece duvida, garanto.

BARNABA.

De Chapéo na Mão

Em extenso artigo d'*A Provincia*, que se publica na cidade de Recife, um dos seus illustres redactores—o Dr. Phaelante da Camara—, apreciando o n.º 7 do *D. Quixote* e o supplemento que o acompanha, accentúa, com a convicção de quem de ha longa data testemunha e avalia a acção que na evolução social deste paiz tem exercido o chefe e proprietario deste semanario, a coherencia de principios e a firmeza de caracter com que na elaboração do *D. Quixote*, como na de outras publicações congeneres, elle tem procedido.

E'-nos, pois, muito grato transcrever alguns dos topicos do artigo do Dr. Phaelante, respondendo com elles ao conceito erroneo com que certos desorientados ou partidarios de má fé procuram dar ao *D. Quixote* uma feição politica adversa á Republica e aos sãos principios de justiça que devem ser a bussola de um governo verdadeiramente democratico.

E como n'esta transcripção é nosso intuito registrar simplesmente o que se refere á acção e caracter do nosso chefe, fazemol-a sem a adjectivação encomiastica que o illustre redactor d'*A Provincia* lhe dispensa:

«.... Caricaturista que tem dado á larga, prodigamente, a contribuição da sua intelligencia e boa vontade ao paiz que o acolheu, farpando os nossos vicios e os erros dos maus governos, no velho regimen ou na actual democracia macabra, não podia fugir de ter a *magna pares* no clamor nacional de que vae seguido o Sr. Barbosa Lima. »

. . . .

« Angelo Agostini sabe o valor da arma que maneja com habilidade, e, certo da força das opposições conscientes, começou a remover esse novo obstaculo aos bons costumes republi-

canos, COM A SINCERA CONVICÇÃO COM QUE AJUDOU A ROLAR O IMPERIO PARA A VALLA COMMUM».

Com a transcripção d'estes topicos, o *Don Quixote*, comprimenta o Dr. Phaelante da Camara, agradecendo-lhe reconhecido a justiça que faz ao seu chefe.

Calçamento das ruas

O Sr. José Simão da Costa enviou-nos um exemplar do Memorial apresentado ao Conselho da Intendencia sobre o seu systema de calçamento denominado: Pavimento sanitario fluminense.

Este systema já foi posto em pratica em Buenos Ayres, por proposta do mesmo Sr. Costa. O auctor emprega o asphalto no seu systema e prova que não só ha economia para a Municipalidade, como grandes vantagens para o publico.

Realmente, poucas são as pessoas que nesta cidade fazem uso de carros e tilburys, o que tem diminuido o numero d'esses vehiculos, pois o seu attrito sobre o nosso insupportavel e de ha muito condemnado calçamento de pedra é intoleravel.

Theatros

Foi com bastante satisfação que li nos jornaes do principio d'esta semana a noticia da apresentação ao Conselho da Intendencia Municipal de um projecto de lei creando ou instituindo um Theatro Nacional.

Tanta tem sido a má vontade, manifestada pelos nossos legisladores,—sempre com as mesmas futeis razões de inopportunidade economica,—para com todo o pensamento de creação de theatro nacional, que motivo é para regosijo de todos que amam a arte e a litteratura dramatica como um poderoso elemento de civilisação, o facto de ver-se o actual Conselho Municipal occupar-se na discussão de um objecto que, a meu ver, constitue uma necessidade publica.

Li o projecto alli apresentado pelo Sr. Julio do Carmo, e subscripto por diversos Intendentes, e tambem os argumentos prò e contra expendidos na primeira discussão d'este projecto.

Para mim, a primeira questão a liquidar pelo Conselho da Intendencia é a necessidade de ser ou não instituido o theatro official como um elemento educador de instrucção intellectual e moral, oppondo salutar antidoto contra a perversão do gosto e dos costumes propagada pelas actuaes casas de espectaculos que o povo, á falta de melhor e mais util divertimento, é obrigado o frequentar.

Quer-me parecer que, só por deploravel pessimismo de espirito tacanho, haverá no Conselho quem conteste essa necessidade.

Reconhecida, que seja, cumpre ao legislador municipal estudar e decretar os meios de satisfazel-a, como o cumprimento de um dos seus deveres.

***

Na primeira discussão do projecto apresentado pelo Sr. Julio do Carmo, o Sr. Honorio Gurgel disse o seguinte:

— « Temos uma Escola de Bellas Artes custeada pela União; não agravemos o nosso orçamento com despezas não justificadas. A União que faça o Theatro Nacional. »

O honrado Intendente, com certeza, ao enunciar este pensamento, não reflectio na utilidade GERAL para toda a Republica que resulta da Escola de Bellas Artes, e na utilidade PARCIAL, só para a população deste Municipio, auferivel da instituição de um theatro official.

Que proveito póde advir, já não digo aos outros Estados, mas mesmo aos outros Municipios, do funccionamento de um theatro official no Municipio neutro, para dever ser custeado pelo erario da União?

Pela nova organisação municipal, desde que as principaes fontes de renda da capital reverteram para a municipalidade, é justo que só a ella é que compete satisfazer as necessidades da sua população.

Ora, entrando o theatro official no numero d'essas necessidades, querer que a União o custeie é exigir d'ella um favor contra o qual podem, com toda a razão, protestar todos os Estados, todos os contribuintes da renda federal.

***

Dada a hypothese de reconhecer o Conselho da Intendencia a necessidade do theatro official e o dever que lhe corre de instituil-o, o projecto apresentado pelo Snr. Julio do Carmo, e ora em discussão, carece de ser profundamente modificado, de modo a poder com efficacia satisfazer o fim a que se propõe.

Ha nesse projecto faculdades conferidas ao Prefeito que lhe dão autoridade para resolver sobre cousas que não são de sua competencia, permittindo-lhe um arbitrio, que póde annullar o beneficio que do theatro se pretende.

Ha lacunas de determinações, que precisam ser consignadas na lei institucional do theatro que tem por missão desenvolver a arte e a litteratura dramaticas nacionaes, edificando o espirito publico, e garantir a estabilidade profissional dos que ao theatro se dedicarem.

Tudo isto carece de estudo, feito com competencia e consulta de abalisados praticos.

Se o Conselho da Intendencia reconhecer que deve instituir o Theatro Municipal, limite o seu primeiro decreto a instituil-o, autorisando o Prefeito a nomear uma commissão de competentes para redigir a lei organica do mesmo theatro, que só será posta em execução depois de apreciada e approvada pelo proprio Conselho.

Só desta forma será possivel fazer-se cousa sensata e proveitosa.

***

E' convicção minha que a industria theatral no Rio de Janeiro não foi ainda convenientemente explorada, e a razão d'isso eu a reconheço na inepcia de todos aquelles que se fazem empresarios.

Sem capital, sem tino administrativo e sem força moral para com os elementos de que constituem as suas companhias, esses empresarios fazem da sua industria uma especie de jogo de azar; escolhendo ou preferindo inconscientemente as peças que exploram.

Para o successo dessas peças acreditam elles que são infalliveis umas tantas cousas banaes, ridiculas e até mesmo indecorosas.

Os bons elementos litterarios e artisticos são para elles de somenos importancia.

E como quem compra *poules* nos bichos do Jardim Zoologico ou lança um punhado de fichas sobre o numero palpitado de uma roleta, elles arriscam em custosas enscenações sommas que não possuem, e a pagar com o lucro eventual do aventuroso successo.

Se este se realisa, bem vae a cousa; mas se falha, o calote a fornecedores e a artistas é certo e consequencia d'elle a desmoralisação e o desmantello da empresa.

D'ahi a decadencia, a desorganisação e o aviltamento a que chegou o theatro.

***

Ha nesta capital uma numerosa parte da população, que, por não ser bastante rica, não póde gosar o theatro lyrico, e, por ser sufficientemente honesta e educada, não póde frequentar os outros theatros.

E' para esta sociedade limpa e seria que a Municipalidade deve custeiar um theatro serio e promotor de desenvolvimento intellectual e moral.

Esperar que um tal theatro possa com o tempo, nascer d'esse monturo que ahi está a infeccionar a sociedade, é uma insensatez.

Como mais interessada no progresso moral dos seus municipes, é a Municipalidade que compre instituil-o e mantel-o como necessario antisceptico para a chaga que ahi está a corroer o organismo social de que é zeladora.

***

E já se me foi n'estas reflexões todo o espaço destinado aos Theatros!

Pois tanto melhor.

A' vista do que n'elles se passa....

SANSÃO CARRASCO.

A nossa meza

Recebemos:

— *Primeiras noções de Geometria pratica*— por Olavo Freire; contendo 318 exercicios, 71 problemas e 253 gravuras. Um volume de 160 paginas nitidamente impresso e cartonado. Em carta-prefacio que n'elle figura, o abalisado mestre Dr. Menezes Vieira reputa-o: «um bom instrumento de ensino e uma prova da conquista que vão fazendo entre nós os sãos principios pedagogicos».

— *Revue Medico-chirurgicale du Bresil et des pays de l'Amérique latine.* —N. 3 do 3me année, par le Dr. A. Brissay, Directeur.

Como sempre enriquecida com excellentes artigos de notaveis clinicos e importantes informações scientificas.

O Alpha. —N. 3 do Anno I. Um interessante periodicosinho de estudantes de preparatorios, que se publica mensalmente, muito bem escripto, muito bem feito e bem impresso.

— *Revista dos constructores.* — N. 1 do Anno IV. Publicação mensal dirigida e redigida pelo engenheiro Ernesto da Cunha de Araujo Vianna.

— *A illustração.* — (De Pernambuco) n. 3, *A Capital* n. 14 (de Petropolis), *Revista Litteraria*, n. 8 e *S. Paulo Sportivo* n. 95 (de S. Paulo), *O Contemporaneo* ns. 1 e 2, *O Democrata* n. 27 e a *Noticia illustrada* n. 7, (da Capital Federal).

— *Leonardo.* — Tango por Luiz Moreira; *Esperança*, schottisch por Mazarino Lima; Ambas edictadas por Vieira Machado & C. — *Cotinha.* — Habanera por Joaquim Garcia da Fonseca, editada por I. Bevilacqua & C.

Convites:

— Do *Turf Club.* — Para a grande corrida do Grande Premio 21 de Dezembro, a realisar-se no dia 14 do corrente.

— Do *Club S. Christovão.* — Para o baile á fantasia, em 13 do corrente.

— Do *Club dos Fenianos.* — Para o estrondoso sabatt com que no sabbado ultimo da quaresma põe termo ao rigoroso jejun que tem guardado.

— Da *S. E. Commercial Tenentes do Diabo.* — Para o final apotheose de todas as festas chronicas de Satanaz.... e ultimos sonhos fantasticos de Plutão.

— *Do Club dos Progressistas* — Para o saltitante baile pantagruelico, que em regosijo pela morte de Judas realisa na noite de alleluia.

A todos agradecemos.

D. MEZARIO.

L'EXPRESS, Typ. a vapor rua da Assembléa 75

Continuação do RECÚO

PACIFICAÇÃO
DO RIO GRANDE
DO SUL
AMNISTIA
JUSTIÇA

Todos os bons brasileiros esperam que o Sr. Prudente de Moraes não recuará diante da absoluta necessidade de faser o que está escripto

JUSTIÇA

Nem tão pouco a Justiça de deixar de tratar como merecem estes bichos que estão avillando a Republica

Se a Nação continua a recuar diante delles arrisca-se a cahir no precipicio da anarchia

DON QUIXOTE
JORNAL ILLUSTRADO
DE ANGELO AGOSTINI
(Frontispicio provisorio)
R. OUVIDOR 109

S. Pansa. — Estás triste, Tiradentes?... — Pudera! Não é esta a republica que ha 103 annos eu sonhava!... S. Pansa. — Realmente, não valeu a pena deixares-te enforcar para vêres agora os taes jacubinos cambuquiranos tentarem dar com a Republica em pantanas

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.	20$000	Anno.	24$000
Semestre	12$000	Semestre	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todos as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

A Administração

DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 20 de Abril de 1895.

Um Rei na Republica

Um rei, sim! um rei forte, potente, todo poderoso!

A transformação politica de 15 de Novembro de 89 depol-o da sua cathegoria de medalhão, reduzindo-o a um simples, a um mero barão remediado.

E elle vegetava por ahi, jururú e cabisbaixo como bananeira que já deu cacho, entre bichos do Jardim Zoologico por elle instituido.

E pensava no que tinha sido, no que então era e no que aspirava vir a ser ainda.

E tanto meditou, tanto parafusou, que conseguio ter uma ideia!

Sim! elle teve uma ideia.

Pequenina, microscopica como um baccillus virgula, e como este perniciosa, funesta, terrivel!

Uma ideia, que se apresentou timidamente, modestamente a procurar promover um melhoramento, e se foi ensinuando manhosamente, no animo da população, germinando um vicio, que se foi propagando e desenvolvendo progressivamente até lavrar como um incendio devastador, destruidor de todos os bons principios de economia, de probidade e de justiça!

E permittiram-lhe o inicio da sua ideia, deram-lhe authorisação legal, e deixaram-no ir solapando, crescendo, crescendo, alastrando o seu dominio até avassallar a todos e a tudo!

E eil-o agora altivo, poderoso, omnipotente, arrastando presos ás caudas dos seus vinte cinco bichos o criterio, o brio, o caracter de uma população de quasi um milhão de almas humanas!

E de sobre o seu castello de saccos e saccos de dinheiro, que augmentam progressivamente, elle zomba da opinião, da authoridade e da lei!

Voz em grita a imprensa unanime clama contra o dominio absoluto com que esse rei subjuga a vontade popular, canalisando em uma torrente caudalosa e intermina de cedulas de dez tostões toda a fortuna do povo para os seus cofres!

A essa voz responde elle com a rabulice zombeteira de uns pareceres sophisticos, demonstrando que a lei ou a justiça são uma especie de camaleão, que vive de vento e muda de côr conforme o susto que lhe mettem.

E ninguem o póde derrubar!

Todos os brados, todos os clamores, todos os expedientes, toda a authoridade se espedaçam e se annullam de encontro ao seu poder!

No momento decisivo de uma resolução legalmente violenta, que o accommetta, terá, para sustental-o, uma formidavel horda de corrompidos por uns palpites á ultima hora de infallivel saque nos *booch-mackers*.

E tudo recuará, e tudo se quedará diante do seu poder!

E elle continuará a reinar na republica até...

POUCAS PALAVRAS

Trecho de uma carta:

Buenos Aires, 7 de Abril de 1895.

.. ..

Devo dizer-te que se o Prudente não apressa a pacificação, é muito possivel que os federalistas cheguem ao Rio de Janeiro por terra, tal é a situação.

Saldanha conseguio já reunir força de 6000 homens, armada a Mauser do ultimo modelo e Remington. No dia 21 do mez passado tiveram um combate em que as forças de ambas as partes reunidas attingiram a 8000 homens.

O governo foi derrotado, deixando 700 homens entre mortos e feridos, e os nossos 300.

Ha ainda força que se está instruindo e armando para entrar por estes dias. Em toda a parte em que o governo se apresenta encontra-se com duas forças nossas.

Temo imposições dos federalistas; preferiria a paz á victoria do Rio Grande pelas armas.

Olho já para as exigencias do Rio Grande victorioso e vejo mais difficuldades para os governos futuros da União.

Seja o que elles quizerem.

.. ..

P.

Escreveu isto quem devia desejar a victoria pelas armas da causa federalista.

Um ligeiro commentario apenas:

Não temos por justificados os temores do illustre missivista.

Se a vacillação ou a fraqueza do governo da União permittir a continuação da temerosa lucta; se a pacificação não fôr levada a effeito e os federalistas conseguirem a victoria sobre o inimigo commum, não acreditamos que elles façam imposições, porque, antes de tudo, são brazileiros, e brazileiros que nos estão a dar exemplos do que é o amor á liberdade.

O *Novidades*, folha que se publica no Recife, denunciou a existencia, na alfandega daquella capital, de quatro canhões Krupp, destinados ao governador do Estado.

Isso! deem-lhe canhões, muitos canhões, trezentos mil canhões, que o homemzinho quer dormir tranquillo!

Fica o thesouro estadoal arrebentado? Que importa isso?

Que vale a illegalidade de um acto clandestino, ante o sonho dourado de um despota?

Canhões! mais canhões! Canhões em penca!

O Recúo

O Recúo é o que está em moda hoje discutir-se pela imprensa.

Procurei orientar-me um pouco sobre essa questão para saber o que dizem ou o que pensam os illustres sabios que tratam d'esse assumpto; mas confesso que recuei diante das proporções que ella vae tomando, tornando-se uma verdadeira polemica pela divergencia de opiniões e a ameaça de não acabar tão cedo.

Se eu fosse esperar o fim para saber quem tem razão, é provavel que só em fins de 1896, para não exagerar, poderia formar o meu juizo.

Respeito por demais os nossos assignantes para não impingir-lhes cataplasmas de tres ou quatro columnas, amolando-lhes a paciencia com citações do que se passa em França, no Congo ou no Japão, sobre recúo ou não recúo de casas.

Gemam, portanto, os prelos de todos os jornaes desta capital sobre essa questão; gemam os Srs. Drs. Barata Ribeiro, Del Vecchio, Vieira Souto e outros illustres contendores; nós é que não estamos dispostos a gemer, nem a fazer gemer os nossos leitores.

***

O recúo dos predios em certas ruas d'esta capital é uma necessidade que sentimos não ter sido satisfeita ha mais tempo; ha 30 annos pelo menos.

Isto não é uma razão para que se não faça agora: mais vale tarde do que nunca.

O recúo, porém, não pode ser em absoluto, em todas as ruas.

De preferencia deve-se começar pelas ruas de grande transito commercial, como são, por exemplo, as que formam o grande perimetro do commercio do café e casas de importação, cujas calçadas e lagedos, completamente estragados, bem denotam o colossal movimento das enormes e pezadas carroças que por ellas transitam.

A não ser a rua Municipal e a dos Benedictino, que bem podem servir de modelo, as outras onde tambem faz-se em grande escala o commercio do café estão em estado vergonhoso, não só em calçamento, como em predios, que não duvido datarem de alem do tempo de D. João VI.

Eis, portanto, uma das partes da cidade á qual nos parece que se lhe deve applicar desde já a lei do *recúo*

Quando por lá passamos, parece-nos voltar de repente, ou melhor, estar ainda nos tempos coloniaes, com a unica differença de que já não se vê, felizmente, escravos a lidarem com o mais rico producto nacional.

Quanto ás outras ruas, cujo transito de carroças pesadas é quasi insignificante, não nos parece ser de absoluta necessidade applicar-se-lhes a lei do recúo.

Em paizes tropicaes, como o nosso, a rua estreita é mais conveniente do que a larga, sobretudo quando esta não o é bastante para comportar arborisação.

A rua, sendo mais castigada pelo sol em razão de sua largura, é evidente que está prejudicada em um dos mais salutares principios de hygiene, que consiste em combater o calor.

As ruas estreitas têm a vantagem de só serem batidas pelo sol quando este está no zenith, ao meio dia, em plena estação calmosa. Ainda assim, por meio de toldos, que deveriam ser obrigatorios, póde-se perfeitamente estar ao abrigo dos raios solares.

Do que a Camara Municipal nunca cogitou foi de adoptar um genero de construcção de casas apropriado ao nosso clima, que as torne bem mais ventiladas, e portanto mais frescas.

Não haja pois, exageração na applicação da lei do recúo.

Ha certas ruas que não se pódem mais alargar; em compensação ha muitas outras em que se póde applicar esse melhoramento sem grande prejuizo de seus proprietarios nem enormes sacrificios da Intendencia.

Que esta trate de aperfeiçoar o calçamento das ruas. Isto é o que é mais necessario.

Continuarei.

X.

A' Parahyba do Sul

Amo estas altas, brancas penedias
Que erguem no espaço o lombo esverdeado,
Este céo sempre limpo e constelado
De turbilhões de estrellas luzidias.

De minha infancia os descuidosos dias
Aqui passei—contente e socegado:
Quero dormir, quando tombar gelado,
Ao pé daquellas arvores sombrias.

Produzirei da putrida materia,
Por noites de luar, a sombra etherea
D'um lyrio branco, virginal, franzino...

E hão de me ver, nos echos repetidos,
Em merencorios, pallidos, gemidos
— Os versos que cantei quando menino.

DIAS DA ROCHA, FILHO.

TAGARELLICES

O patrão cá da casa não imaginava que eu e os meus companheiros lhe estivessemos fazendo concurrencia aos applausos dos admiradores do *D. Quixote*.

Engolfado no gozo dos elogios com que toda a imprensa exalta o seu lapis, o seu espirito e a sua critica, andava lá pela parte de fóra, todo ancho, a derramar nas quatro paginas que para si reservou (as melhores, pudera!) a sua *verve*, escorrida pela ponta do tal lapis, para fazer jús a novos elogios.

E n'essa vaidosa e ambiciosa preoccupação, nem sequer dava fé da *conspiração* que nós tramavamos cá por dentro para chamarmos igualmente sobre nós a attenção dos que o applaudem, e auferirmos d'elles tambem o nosso quinhão de elogio.

E' que elle estava acostumado, pelos que o tinham acompanhado em outras empresas, a ver no trabalho cá de dentro simples estopada para encher espaço.

Por isso, nem se dava ao cuidado de saber o que dizia o texto.

Mas o caso agora mudou de figura!

Os jornaes que constantemente o pavoneam entraram a estender a vista cá para dentro e a reparar que por aqui tambem ha obra de qualidade e critica de escacha-pecegueiro.

E, se bem assim o viram, assim tambem o disseram, chegando alguns mesmo a dar amostrinhas do panno.

Isto fez com que o patrão arregalasse o olho cá para o interior e ficasse de prevenção.

O outro dia, quando eu pensava que elle tivesse ido ajustar as suas contas com o somno, depois da noitada habitual da sexta para o sabbado, dei com elle muito repimpado á minha mesa a examinar o texto desde o *Expediente* até ao *D. Mesario!*

E quando eu e o *Pernilongo*, tremiamos ante a perspectiva de uma sarabanda oriunda da inveja que lhe causavamos, eis que elle, amavelmente e com satisfeito sorriso, nos diz:

— Meus amigos, vamos juntos á Gloria.!

E fomos, todos tres, tomar o bonde no Largo da Carioca.

***

Li n' *O Paiz* de domingo a carta que um jornalista portuguez lhe dirigio de Cambuquira.

Eu nada teria que tagarellar sobre essa carta, se não fosse o jacobinico engrossamento com que esse jornalista procura fazer jús a um lugar na redacção do referido *O Paiz*, para n'ella fazer *pendant* com outro patricio que já lá trunfa.

Lá que elle diga que o Marechal Floriano é um bom pae de familia, que não gosta de ostentação, que foi um bravo militar, que soube ser energico na sustentação da sua autoridade, de accordo.

Tudo isso são qualidades que, me parece, ninguem ousa contestar-lhe.

Mas...um benemerito da humanidade...?!

Que entende o tal *jornalista portuguez* por benemerito da humanidade?—

O que não teve nem sequer uma palavra de censura para o wagon 136 V?

O que permittio que se estabelecesse um matadouro de Santa Cruz em Santa Catharina, não para bois, mas para homens?

O que á custa do dinheiro do thesouro federal e de milhares de vidas de seus compatriotas, repoz e sustentou no governo do Rio Grande do Sul o ambicioso mais deshumano de que ha noticia na historia do Brazil?

Ora, Sr. jornalista portuguez, se quem faz cousas destas é — benemerito da humanidade —o que fica sendo na sua opinião o Presidente que renunciou o poder para que, por *amor d'elle, não houvesse mais uma viuva nem mais um orphão n'esta terra?*

Que nome dará ao official da marinha portugueza, que arriscou a sua elevada patente para, no dia 13 de Março de 1894, salvar a vida a mais de quinhentos brazileiros?

Sabe que mais?

Outro officio.

Se o seu jacobinismo arma-o um lugar na redacção do *O Paiz* perde o seu latim.

Já lá tem o outro, o da republica de *audacia e gazua*, e... dois bicudos não se beijam.

***

Um dos enormes males que a tolerancia (se não a authorisação) de perversidades praticadas sob o regimem legal do Marechal Floriano e que a Historia ha de forçozamente registrar, é o da degeneração do caracter benigno e generoso, que todos apreciavam no homem brazileiro.

A idéa de assassinar covardemente o seu semelhante horrorisava a todo o filho deste paiz.

O sitio da *Legalidade*, com a mordaça da imprensa e a carta branca aos exaltados partidarios da resistencia aos revoltosos, converteu muitos d'esses exaltados em verdadeiras feras, que se lançavam aos seus adversarios ou desafectos como lobos carniceiros, prendendo, perseguindo e assassinando deshumanamente a torto e a direito!

D'aqui ficou o habito da malvadez em todos a quem ella foi authorisada ou permittida, e o veso de se desfazerem dos que os contrariam, assassinando-os ou mandando-os assassinar.

Ahi estão o governador de Pernambuco,— esse Floriano-mirim—o do Paraná, e agora o de Alagoas a desfazerem-se dos que lhes fazem opposição, mandando-os assassinar covardemente.

Para que discutir razões, ou disputar direitos quando se está de posse da força?

Ao que se oppõe, mata-se.

E aqui está o bello methodo de governar, exemplificado pelo benemerito da humanidade!

***

E o caso é que tagarelando sobre tal assumpto, lá se me foi o bom humor com que comecei estas tagarellices.

E como poderia eu conserval-o, tratando de cousas tetricas?

Melhor é parar aqui.

MESTRE NICOLAU

Voltou de novo o Sr. Dr. Antão de Vasconcellos a provar que a bandeira da Republica está invertida, e, para endireital-a, propoz uma reforma de sua graciosa lavra, pela qual fica supprimido o letreiro: *Ordem e Progresso*.

Acredita o illustre advogado que, depois de reformada a bandeira, a Republica «vá melhor em sua marcha».

Singular ingenuidade de um homem versado e pratico!

Seja a Republica direita, que a bandeira torta não lhe fará mal algum.

Por muita influencia que uma bandeira direita possa exercer nos destinos de um povo, não acreditamos que possa vir d'ella o bem d'esse povo.

Quer uma prova?

Veja o Sr. Dr. Antão a *ordem* e o *progresso* que temos gozado, apezar da legenda da nossa bandeira.

Se acreditassemos na sugestão de uma bandeira, proporiamos que a nossa tivesse o emblema do—Juizo—que é do que nós precisamos...

E seja tudo pelo amor de Deus.

CHINOISERIES

Descobriram agora: não é novo
o jogo do barão;
é antigo na China, aonde o povo
tambem dá-lhe attenção.

Além do arroz, comido a dois pausinhos,
e o classico rabicho,
agora sei que o chim ama o joguinho,
cahe com o cobre no bicho,

e invoca os deuses, p'ra ganhar incensa
Confucio, Buddha e Fó.
Assim do bicho a rica industria immensa
na seda não é só.

Bicha e bicho! Té entra no pagode
da bandeira o dragão!
China e Brazil se egualam. Quem mais pode,
mandarim ou barão?

LU-NO

De Varanda

Eu ainda não disse a ninguem, mas digo-o agora, que a minha varanda, alegre e jovial, dá para as ruas da cidade eterna, onde a jogatina reina escandalosamente, com plena autorisação coopparticipante de mim proprio.

Por isso, sempre que n'ella estou, charuto á bocca, rindo-me de todas as cousas da vida, intrigando a todos os homens, os mais serios, e a todas as mulheres, as mais honestas, o meo espirito passeia a sua verve caustica e a sua malicia devastadora, como a farpa do mal destruindo a paciencia invejavel do principio increado.

Acontece que hontem, domingo de Ramos, na boa hora vespertina de um crepusculo indeciso, aqui, do alto da minha varanda alegre, vi que, por um largo onde ha uma estatua de estadista immortal, uma fila de homens de balandraus e toxas acesas, acompanhados por mulheres e crianças, caminhava pachorrentamente ao rythmo de rezas e de canticos sacros.

Uma procissão, uma procissão como deviam ser as da idade media, disse a mim mesmo; uma procissão genuina, em plena idade moderna, em pleno regimem da Rasão!

E o meo espirito, sorrindo-se maliciosamente, affagou a lei prescripta, a lei constitucional, que garante a liberdade do culto interno mas não externo.

Recuei.

++

Por uma associação de idéas, voltei-me para as campinas do Sul, lembrando-me das santas cruzadas catholicas contra os hereticos.

Quantas bençãos recahiriam sobre aquelles padres nedios e bem dormidos, quanto olhar de mãe, de amigo, aureolariam as frontes de todos aquelles crentes, piedosas ovelhas mansas do rebanho do Senhor, se ao envez de tochas accezas e balandraus incolores e carcomidos pelos seculos, elles levassem o symbolo da paz aos heroicos maragatos devorados pela lepra da politica picapáo abastardada e torpe, e á Patria o respeito á lei e aos direitos de cada um?!

Vã idéa de um espirito bohemio, de um espirito optimista, como todas as idéas de ordem e progresso, recuarás ás gargalhadas, ás gargalhadas...

Recuei.

++

Depois era no reino da bicharia. Haviamos voltado aos tempos em que os animaes fallavam e dictavam leis ao mundo. Nessa epocha Lamarck ainda estava em embryão, perdido no espaço.

D'entre os bichos, porém, um d'elles se avantajava pelas suas proporções especiaes

Jogo-logia!

ANIMAL
PREMIADO

A intimação policial para acabar a jogatina baronesca estourou como bomba no meio dos 25 bichos do quadro, Grande debandada da bicharia e profundo desapontamento dos seus devotos (do joguinho)

mais ou menos evoluidas, de corôa á cabeça, baculo á dextra, e o corpo envolto n'uma tunica excepcional de dictador algarvio.

— Não morrereis á fome, ó meos queridos vassalos. Contra á fome e o frio, a pindahyba e a lei, eu instituo a poule, o supremo édito.

E, de facto, todos os macacões jogavam, todas as bestas davam palpites, e as vaccas, em logar de leite, ordenhando-lhes as tetas, deitavam libras esterlinas.

Mas alguns dos bichos indignados contra o privilegio do macacão mór, revoltaram-se, querendo depol-o. Debalde. A luta foi homerica: leis choveram, discursos fulminatorios gorgulharam, artigos á dynamite (n'aquelle tempo já havia imprensa) explodiram. Tudo debalde porém. E o Macacão venceu, e o Macacão triumphou, porque apesar de todos os pesares, os mais sabios, os mais irreconsiliaveis, os mais intransigentes, convencidos de que o poderio do chefe era enorme, deixaram-se de indignações e recuaram, cahindo na poule.

E eu, para tambem não fugir á lei geral, benzi-me e joguei no gato do Barão. E como os outros não recuei mais.

Barnaba

Sociedade Elegante

CLUB S. CHRISTOVÃO

Na noite de 13 do corrente, o vasto e arejado salão do Club S. Christovão, artisticamente ornamentado com bellos festões de multicores flores artificiaes, regorgitava de elegantes convivas entre os quaes sobresahia um bom numero de damas e cavalheiros vistosamente fantasiados.

Via-se alli em avultada maioria o que a sociedade d'aquelle aprasivel bairro tem de mais gracioso e encantador no genero feminino, o que inpedio a minoria masculina de deixar em repouso um só, sequer, dos seus representantes quando o harmonioso estrondo da afinada banda do 23 de linha impunha um rythmo ao culto de Terpsichore.

Devo aqui assignalar a encantadora devoção com que duas gentis *Irmãs de Caridade* — alvas barretinas borboletas á cabeça e grossas camandulas á cintura — prestavam á saltitante deusa mythologica o gracioso culto dos seus elegantes meneios, devoção essa só comparavel ao doce enthusiasmo com que duas jovens *Republicas* as secundavam no mesmo culto.

D'entre os cavalheiros fantasiados, apenas indicarei um estudante warsoviano em pleno rigor do respectivo *costume*.

Alguns dominós, nada pouco vulgares, passeavam mudamente o seu incognito ao longo do extenso salão receiando ser intrigados pelos que, sem mascara, lhes admiravam o espirito discreto.

A amavel directoria, de uma solicitude cavalheirosa, velava activamente para que a todos os seus consocios e convidados as horas alli corressem no mais confortavel e alegre convivio.

Dansou-se animadamente, prolongando-se a festa sempre com a mesma animação até ao amanhecer.

GREMIO DA TIJUCA

Para sciencia da sua illustre directoria, aqui declaramos que não nos chegou ás mãos o convite que se dignou enviar-nos, o que foi causa de não nos fazermos representar na sua deliciosa festa.

Julgamo-nos, no emtanto, obrigados, se é verdade o que nos informam, a registrar-lhe aqui o nosso reconhecimento pelo testemunho de apreço que teve a gentileza de lá nos dispensar.

De Chapéo na Mão

O *Estado de S. Paulo*, folha extra-jacobina, redigida pelo Sr. Felinto de Almeida, teve afinal o ensejo de fallar no *D. Quixote*.

Muito agradecemos a fineza.

Mas...sendo a opinião desse illustrado collega inteiramente contraria á de toda a imprensa brazileira sobre o merecimento da nossa folha, não podemos deixar de distinguil-a reproduzindo-a aqui por extenso:

«Temos á vista o n. 11 do *D. Quixote*, a folha illustrada de Angelo Agostini. Tracta na primeira e ultima paginas assumptos de actualidade, e nas duas centraes dá uma scena do celebre carro 136 V. Não é, como muita gente suppõe, um jornal de caricaturas. A illustração dos acontecimentos é feita em dezenhos incorrectos e incaracteristicos. Parece incrivel que este dezenhista, que chegou a ter fama no Brazil, estivesse uns poucos de annos em centros artisticos da Europa e voltasse sem ter feito o minimo progresso na sua arte! Effectivamente, o dezenho do *D. Quixote* tem a mesma chateza e a mesma banalidade da *Revista Illustrada* de outros tempos. Uma miseria. Felizmente o texto é bom e lê-se com prazer».

Pelo que se vê, o Sr. Felinto é um grande critico em materia d'Arte. O que o incommoda é a incorreeção do desenho.

Entretanto, estamos convencidos de que se elevassemos ás nuvens o tal heroe do carro 136 V assim como os Barboza Lima e Castilhos, elle acharia os desenhos do *D. Quixote* o *nec plus ultra* da correcção e do espirito.

Vejam só do que depende a arte do desenho!...

Ora seu Felinto...

FERROADAS

Tambem sou filho de Deus.

Tambem tive o prazer de saborear o que o Sr. illustre escriptor portuguez escreveu a *O Paiz* a proposito das conversas intimas que fruio com o Sr. marechal Floriano. Por consequencia, tambem me lambi com a parte que me tocou da descompostura sustancial, que o tal escriptor passou a quantos condemnaram e condemnam a tyrannia da ex-legalidade... Muito obrigado!

Sómente, o que farei como protesto, é dizer ao escriptor portugez, acolhido e applaudido pelo *O Paiz*, o que o redactor-chefe do mesm'O disse, ha tempo, á colonia portugeza: — *Cuide da sua vida!*

E se mais me fôra licito exigir para desaffronta, pediria ao Sr. Drummond que me qualificasse entre os seus bichos do quadro mais esta ave de arribação...

Vêem os senhores, que eu nem sou mão nem exigente.

—o—

A prova, é que não pedirei ao sr. ministro da Viação que mande processar e fuzilar os responsaveis pelas irregularidades da escripturação e até desfalques, encontrados na Estrada de Ferro Central, e referentes ao periodo da ex-legalidade, segundo noticiou uma *varia* do *Jornal do Commercio*. Não, senhor.

Se ha taes cousas, que, no fim de contas, são o apanagio de um periodo negro da nossa historia — venha já uma esponja, humanitaria e discreta, apagar esses borrões.

Trate-se de fazer esquecer isso, procurando elevar aquella repartição á altura de uma utilidade publica.

Trate-se de servir o commercio honesto, impossibilitado de concorrer com os monopolisadores que têm abusado assaz do seu poderio...

Ponha-se termo á malandrice e á venalidade, melhore-se o trafego, recebam-se diariamente as mercadorias para todas as estações — e deixe-se em paz os que escripturaram na Central as *partidas* proprias da epocha do 136 V...

—o—

Peço tambem ao sr. Prefeito Municipal que deixe em paz as pobres arvores que ainda restam com vida nesta invicta *Jogopolis*.

Que mal fizeram a S. Ex. as que existiam no principio da rua dos Voluntarios da Patria?

Quaes foram os proprietarios que se julgaram prejudicados com a sua sombra benefica?

Em virtude de que principio hygienico foram ellas condemnadas ao machado estupido e cruel?

Deus do céo! E dizer-se que ha quem exija o recúo para saneamento da cidade, quando em cousas mais simples taes asneiras são praticadas, sem protesto!...

—*Tu quoque*—Dr. Del-Vecchio ?...

—o—

Uma folha da tarde noticiou, em ar de censura, que o commandante da brigada policial mandou retirar do seu gabinete o retrato do Sr. Cassiano do Nascimento, ex-ministro de muitas pastas e da justiça tambem.

O caso seria grave se não estivesse sobejamente compensado.

Assim é que, ao passo que falta no gabinete da commandancia da brigada policial a nedia effigie de um dos sustentaculos da *consolidação*, abunda na repartição da chefia de policia e nas estações que lhe são subordinadas o retrato do marechal Floriano.

E se a folha que noticiou o facto dá em lamentar a falta do retrato do ex-ministro, caber-me-ha o direito de exigir tambem que se colloque nas referidas repartições o retrato do chefe da nação...

Eu cá sou assim: ella por ella.

—o—

Deixemos, porém, taes ninharias e vamos ao que importa: — Será exacto que o Sr. Castilhos pensa em obstar a que se pacifique o *seu* Rio Grande e que conta com o apoio dos governadores de Santa Catharina, Paraná e S. Paulo?

Se isto não é redondamente falso, ahi tem o Sr. Dr. Prudente de Moraes as consequencias da indecisão e fraqueza da sua politica, neste assumpto palpitante.

Sempre me pareceu que o caso do Rio Grande era para ser tratado com energia e promptidão.

Isto de se esperar que um individuo reconhecidamente perverso e ambicioso, deixe de o ser, de *motu-proprio*, dá sempre em resultado — augmento de perversidade e de ambição.

Ou a paz é necessaria, é indispensavel para o credito e prosperidade da nação, ou o não é. Se é, o governo da União tem o dever de retirar ao Sr. Castilhos o apoio que indevidamente lhe está prestando.

Se não é, cumpre-lhe augmentar esse apoio, de tal maneira, que a revolução seja positivamente aniquillada.

O intoleravel é esta indecisão singular, este esperar constante por um dia que não chega, o ruido subterraneo de conspirações e de conluios inconfessaveis...

Saiba-se, ao menos, se podemos dormir tranquillos... de garrucha á cabeceira.

— Viva a Republica!

—o—

Que o Sr. Castilhos tem structura para ficar celeberrimo, prova-o o facto consummado da desobediencia da *sua* justiça á ordem do Supremo Tribunal Federal mandando que o tenente-coronel Facundo Tavares aqui se lhe apresente.

Tal facto define claramente os intuitos perturbadores da ordem publica do famigerado dictador do Rio Grande do Sul.

O velho e respeitado Facundo Tavares, violentamente preso em sua propria casa, depois de ter visto morrer a seu lado dois filhos, que lhe defendiam a propriedade e a vida; insultado e chacoteado em caminho do carcere, alli atirado ha mais de dois annos e por fim privado, de vir á presença do Supremo Tribunal — é o documento vivo de um crime monstruoso praticado na outr'ora civilisada terra do Cruzeiro do Sul.

E se o governo Federal cruzar os braços diante de mais este ataque á soberania de um poder creado pela Constituição — a que abysmos nos levarão as consequencias da sua inercia?

Preveja-o quem quizer e salve-se quem puder...

—o—

Mot de la fin:

— Que me dizes tu do assassinato da rua do Mattoso?

— Meu caro, se todos os maridos nas condições do infeliz Teixeira da Cunha entrassem a liquidar a ferro e fogo as suas infelicidades — teriamos uma carnificina dos diabos... E se as mulheres fizessem o mesmo aos maridos que as enganam — isso, então, seria uma hecatombe medonha!...

— *Caspité!*

Pernilongo

Alleluia Carnavalesca

FENIANOS

Uma deliciosa folia a da noite de 13 do corrente no amplo salão dos incansaveis Fenianos!

Ao compasso de estrepitosa musica, soprada convictamente pela banda policial com athleticos pulmões, redemoinhava uma multidão electrisada pelo enthusiasmo febril de um maxixar desconjunctador!

Formosas Imperias elegantemente fantasiadas, communicavam aos indomitos *D. D. Juans* um fluido insidioso capaz de activar para o requebro do maxixe o granito ferruginoso de um frade....de pedra, desenvolvendo n'elle uma sede ardentissima, só mitigavel com copioso banho de Franciscana.... Brau.

No meio d'aquelle turbilhão frenetico, como o som poetico de uma flauta magica em meio de um temporal, a voz meiga de um modesto dominó, murmurou docemente ao meu ouvido:

—Você me conhece?

Não sei o que experimentei ao ouvir esta interrogação, e ao sentir-me aprisionado por um braço delicado que se enganchara no meu.

Ao delicioso contacto desse inesperado assaltante da minha tranquillidade de *mirone* d'aquelle espectaculo, deleitavel sensação de doce e intimo regosijo me avassalou os musculos e o cerebro.

Deixei-me levar pelo dominó para uma cadeira, onde me sentei ao lado d'elle.

— Quem és? perguntei-lhe eu então cheio de curiosidade.

— Sou uma vista que te observa.

— Com que fim? indaguei admirado.

— Com o fim de saber qual é a côr de cabellos de que mais gostas.

E, procurando ageitar o capuz que lhe envolvia a cabeça, deixou-me, mau grado seu, avistar de relance uma bella madeixa de cabello ruivo como a granada do meu alfinete da gravata.

Soltei uma exclamação de alegria e ia segurar-lhe a mão, mas....era uma vez um dominó modesto!

Desappareceu no meio da multidão dansante como uma agulha cahida em um palheiro!

Em vão o procurei até ao romper da aurora mas, como a esta hora o salão foi ficando deserto, tive de retirar me sem mais o ver.

TENENTES DO DIABO

A festa pittorescamente diabolica realisada no sabbado d'alleluia por esta distincta sociedade, é mais um capitulo brilhante na longa chronica das suas gloriosas tradições.

O luxo e a belleza, o bom gosto e a alegria, a amabilidade e a fidalguia deram-se as mãos em deleitavel amplexo para dar n'essa noite mais uma palma de primasia á cavalheirosa *Euterpe Commercial*.

Com aquelle amavel sorriso, que fixou residencia em seus labios,e a delicadeza solicita com que a todos affaga, o adoravel *Suffocante*, o cavalheiroso secretario não deixava nenhum dos convivas aborrecer-se nem por um rapido momento.

A' mesa da ceia — á mesa especial para a imprensa — após o brinde feito por um autorisado collega á sociedade Euterpe Commercial e á sua digna directoria, foi pelo representante deste semanario saudado o sympathico *Suffocante*, sendo essa saudação correspondida com o enthusiasmo de que tão credor se tem feito o saudado.

E só quando Phebo fez penetrar n'aquelle delicioso *antro* de Plutão os primeiros alvores da Aurora, foi que os convivas resolveram ir em busca do reconstituinte Morpheu.

CARDENIO,

SPORT

TURF-CLUB

Com maximo brilhantismo e notavel concurrencia, teve logar no domingo passado o grande premio 21 de Dezembro, no Turf-Club.

Foi uma das diversões mais agradaveis, mais dignas de nota, a que temos assistido em nossos prados de corrida. Toda a élite fluminense alli esteve reunida, alegre, com costumes leves de *voile crême*, dando ás physionomias das gentis *sportwomen*, a nota caracteristica do bom tom pariziense. E, para que não houvessem divergencias, nem tão pouco influencias desagradaveis, o dia esteve bellissimo, radiante e fresco, aberto n'um limpido parasol de luz.

Conforme o nosso prognostico, que tivemos a gentileza de tornar publico em rodas intimas sahio vencedor o *pur sang* Voltaire, esguio e galgo, chegando esbarrado, n'um esticamento de rédeas. Ramogé acompanhou-o de perto, lutando, e deixando mais uma vez evidenciadas as suas magnificas qualidades de pareiheiro.

Todos os demais pareos estiveram interessantes, e o movimento das poules foi superior a cento e tantos contos de reis.

Parabens á directoria do *Turf* por mais essa victoria.

LORD LEED

Theatros

Disseram-me que, em sessão do Conselho da Intendencia, o Sr. Julio do Carmo, tratando do projecto de lei, alli em discussão, sobre o Theatro Municipal, fizera referencia ao que sobre tal objecto reflexionei na edição ultima deste semanario.

Procurei no *Jornal do Commercio* o discurso do digno Intendente; mas não tive o prazer de lel-o, por ter sido adiada a sua publicação.

Vi, no entanto, que adiada foi tambem a discussão do referido projecto a requerimento do Sr. Honorio Gurgel, que o impugna, pretendendo que o imposto lançado sobre companhias theatraes estrangeiras, seja applicado á Assistencia Publica.

Muito exquisito, este Sr. Intendente com a ideia de tal applicação!

***

Li algures, que se póde julgar do estado de adiantamento intellectual e moral de um povo frequentando-lhe o theatro.

O estrangeiro transeunte n'esta capital de uma grande e opulenta Republica que frequentar os nossos theatros, só poderá fazer do estado do nosso adiantamento uma ideia tristissima.

N'este particular, as capitaes dos Estados estão dando á da União um exemplo, que importa um formidavel quinau; pois rara é a que não possue o seu Theatro Publico mais ou menos subsidiado.

Lançar imposto sobre companhias theatraes estrangeiras em uma cidade onde não ha theatro decente, para custear a Assistencia Publica, é dar uma eloquente prova da inepcia administrativa de quem a governa.

No estado de deploravel perversão a que chegou o theatro nesta terra, tão escassa de diversões, o estabelecimento de um theatro official que dê exemplo de moralidade, é tão indispensavel como a Assistencia Publica.

Ao governo municipal corre tanto o dever de curar da hygiene moral da população como da hygiene physica.

Se o honrado Intendente Sr. Honorio Gurgel não gosta do theatro, se não ama a arte e a litteratura dramatica, e tem, para conforto do seu espirito, outra diversão, não lhe assiste o direito de sacrificar ao seu o gosto da população, á qual a municipalidade nenhuma diversão proporciona.

A satisfação desta necessidade publica impõe-se ainda pelo facto de ser de diminuto ou quasi nenhum onus para o thesouro municipal; pois que sendo o theatro uma industria exploravel, poderá, com boa e criteriosa administração, produzir receita equivalente á sua daspeza.

Os escrupulos economicos do Sr. Honorio Gurgel, não tem, portanto, razão de ser, e só por pyrronico pessimismo, refractario á boa comprehensão dos seus deveres de representante do povo, se póde explicar a opposição que faz á instituição do Theatro Municipal, não como o projecto a propõe, mas como indiquei no meu precedente artigo.

***

Sinto-me deveras satisfeito apreciando a condemnação crescente que está soffrendo esse genero de espectaculos que tanto tem desmoralisado os nosss theatros, pervertendo o gosto do publico e a vocação dos actores.

A imprensa annunciadora — a imprensa graúda — que bastante contribuio para a propagação desse genero desorientando os seus leitores, vae deixando apagar o brazido dos seus turibulos, restringindo o seu noticiario e calando discretamente a sua critica.

Os fornecedores de peças traduzidas ou originaes, que punham no *espirito* erotico ou mal cheiroso, e nas pernas e nos quadris das *estrellas* e das comparsas os principaes elementos do seu successo, já, em boa hora, manifestam por palavras escriptas e por projectos em diligencia de execução o sincero desejo de conduzirem o theatro por melhor vereda.

E até o proprio actor que, mal inspirado, voltara as costas á gloria que o seu real merecimento lhe grangeára, para iniciar entre nós esse genero sujo e obsceno que foi o seu suicidio artistico, depois de se ter annullado no exercicio obscuro de um emprego publico, volta agora, como filho prodigo, a solicitar o abrigo decente da Arte-mãe.

Que esta rehabilitação progrida e seja coroada do melhor exito, eis o que sincera e ardentemente desejo.

***

Occupando-me do que se está passando em relação ao estabelecimento de um theatro official, e fazendo as reflexões que essa especie de *renascença* me suggerem, julgo melhor aproveitar o meu tempo e o espaço de que aqui disponho, do que empregando-os em fazer a chronica dos espectaculos da semana.

Tambem, o que poderia dizer delles, se não —sempre a mesma cousa?

Não vale a pena.

***

Agradeço á actriz Anna Leopoldina a fineza de enviar-me um delicado cartão convidando-me para a sua festa... ainda que sem a designação do lugar de onde a vise.

SANSÃO CARRASCO.

A nossa meza

Recebemos:

— *Archivo do Districto Federal* Ns. 1, 2, 3, e 4 do 2º anno — Magnifica Revista de documentos para a historia da cidade do Rio de Janeiro, redigida pelo Director-archivista da Municipalidade o laborioso e illustrado Dr. Mello Moraes.

Importantissima publicação, repositaria de preciosos documentos excavados no velho archivo municipal, acompanhados de bôas gravuras xilographicas, de retratos e monumentos.

—*Revista Brazileira*—Faciculo 8º— Contem importantes trabalhos de Ramiz Galvão, Fausto Cardoso, Carlos Seidl, Araripe Junior e outros.

—*A Joia*, n. 1—Pequena publicação, orgão do Congresso Familiar Amantes da Folia.

Como jornal de brincadeira, não é mau.

—*A Estação*, n. 7 de 15 do corrente.

Como sempre, interessante e numerosa em figurinos, moldes e detalhes de modas.

—*A Familia Medeiros*, romance pela illustrada e talentosa escripora paulista D. Julia Lopes Vieira.

Um volume nitidamente impresso e editado por Horacio Belfort Sabino, de S. Paulo.

— *O Fructo Prohibido*, por Anselmo Ribas (Coelho Netto) — Um bellissimo volumesinho de cerca de 200 paginas, elegantemente editado pelo livreiro Domingos Magalhães.

—*Estatutos* da Associação Beneficente Pernambucana.

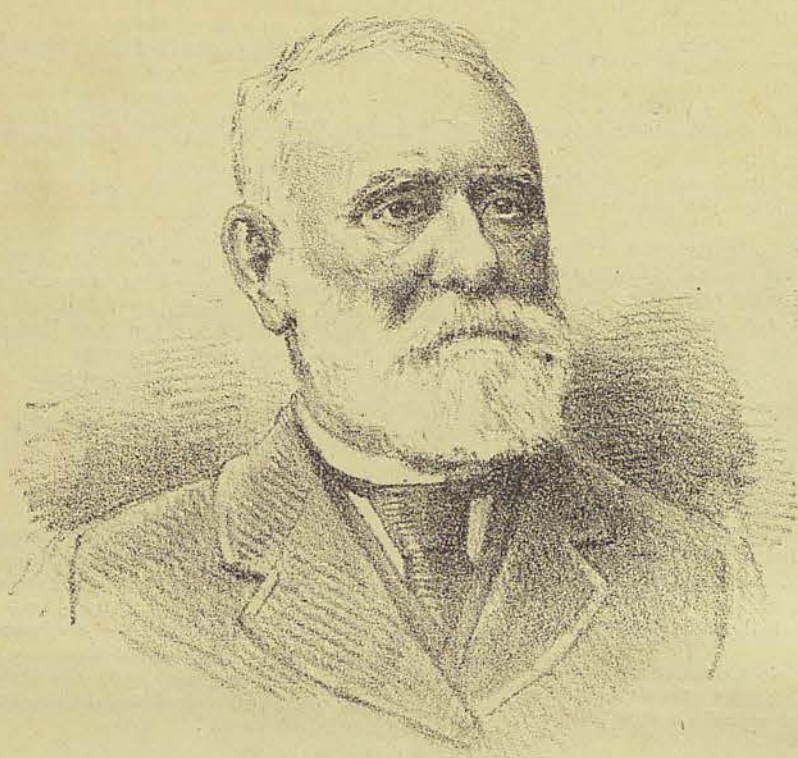
Esta associação, instituida em 27 de Janeiro do corrente anno, tem por fim auxiliar por todos os meios ao séu alcance os seus associados, quando necessitados em qualquer emergencia.

—*Revista Theatral*. — Convite para o grande festival que pretende realisar no Theatro Apollo no Domingo 21 do corrente para entrega de premios aos artistas Rosa Villiot e Mattos, sendo 50 % do producto deste festival concedido ao Circolo Italiano Operario.

—*Jockey-Club*—Convite official para a 1ª corrida d'este anno, em 21 do corrente mez.

Caçadora, polka para piano por Ernesto Nazareth, editada pela casa Vieira Machado & C.

A todos agradecemos.

D. MEZARIO.

Ten.^e C.^el José Facundo da Silva Tavares
victima da tyrannia do despota J. de Castilhos.
Arrancado de sua casa, depois de terem assassinado dois filhos que o defendiam, foi mettido no Carcere a 1 de Nov.^bro de 1892 e n'elle retido até hoje.

A' primeira ordem do Supremo Tribunal Federal para apresentar o T.^e Cor.^el Facundo Tavares, o tyranno do Rio Grande recusou-se obedecer. Fará o mesmo á segunda?

Não seria máo que uma boa laçada federalista n'este bicho feroz puzesse termo á guerra do Rio Grande, uma vez que o governo hesita tanto em fazer a paz

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.	20$000	Anno.	24$000
Semestre	12$000	Semestre	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todos as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

A ADMINISTRAÇÃO

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 27 de Abril de 1895.

Expectativa

DEPOIS de tão claramente manifestada a opinião publica a favor da pacificação do Rio Grande do Sul; ouvida a contradicta de alguns orgãos da imprensa, especialmente de S. Paulo, e dando o devido desconto a noticias e boatos, que apenas duram o espaço de vinte e quatro horas — a nossa posição é, e não póde deixar de ser, de anciada e curiosa expectativa.

Comquanto estejamos de accordo com o nosso collega da *Gazeta de Noticias*, que, nas suas bellas «Cousas Politicas» de 22 do corrente, fez sentir a necessidade da intervenção immediata do governo federal na questão rio-grandense e o perigo de se atirar a solução dessa questão aos azares das discussões do congresso—não duvidamos abater a nossa penna para aguardar que os pseudos representantes do povo pronunciem a sua sentença a respeito do momentoso problema.

Mil vezes preferivel seria que o governo federal, num rasgo de energia patriotica e em nome da nossa precaria situação financeira, désse um passo de prompta efficacia para a pacificação do Rio Grande, antes que os indomitos Lycurgos se reunissem para... difficultarem mais a solução da crise.

Razões ponderosissimas tem o governo da União para impedir a continuação de uma lucta originada e mantida pelo capricho de um despota ambicioso, que não duvida arrastar o Brazil—que não é só seu—ás consequencias de um descalabro financeiro e á baixeza de ser considerado um paiz em estado de barbaria, taes são os actos de vandalismo praticados em nome de uma legalidade que está fóra da lei, em nome de uma constituição inconstitucional, indecorosamente despotica, anti-republicana!

Se o governo o não faz, não é que ignore que a opinião publica, na sua maioria absoluta, esmagadora, está decidida a apoial-o em todos os terrenos: é que realmente a politica tem exigencias e apetites de barregã, e não raro desvirtua os mais necessarios e generosos commettimentos para a tranquilidade e para o bem de uma nação.

Maldicta essa politica negregada, prostituida, que, para viver e prosperar, exige em holocausto o brio e a felicidade de um povo!

* * *

Aguardemos, portanto, que o Congresso faça politica sobre a questão do Rio Grande, já que o governo federal parece não querer usar das attribuições que a lei fundamental da Republica lhe concedeu.

Esperemos que os representantes da soberania nacional emittam o sabio parecer oriundo das profundas locubrações a que naturalmente se entregam, affim de resolverem o problema rio-grandense— este moderno ovo de Colombo.

Vamos ver se o governo e o congresso teem finalmente a exacta comprehensão do momento historico que atravessamos; se entendem bem o que é governar e se estão na altura da situação.

Praza aos céos que o povo não seja ainda uma vez desillududo...

—Em expectativa, pois!

BONDS

Ainda que muito bem reconheça a grande commodidade que nos proporciona a viação urbana das diversas companhias de bonds que esta cidade possue, nem por isso as julgo isentas de serem acremente censuradas toda a vez que ellas incorrem em faltas no cumprimento das cousas a que se obrigaram.

Lá porque ellas nos proporcionam locomoção facil e economica, nem por isso devemos, como muitos pensam, fechar os olhos a quantas pirraças ou damnos nos queiram causar.

Não é por amor das nossas pernas, cuja integridade tão pouco zelam, que ellas empregaram os seus capitaes no beneficio dessa locomoção; mas por amor do lucro que della auferem á sombra de uns tantos privilegios que lhes são garantidos por contractos legaes.

Portanto, cumpram á risca tudo aquillo a que se obrigaram por esses contractos para que o beneficio que nelles promettem não seja illudido.

* * *

Pelos seus respectivos contractos, todas as companhias se obrigaram a usar nos seus carros apparelhos preservadores de esmagamentos pelas rodas dos mesmos.

Para se cuidar de satisfazer esta obrigação, foi preciso que um clamor constante contra os frequentes desastres, que succediam, compellisse governo e companhias a abrirem concurso de inventores d'esses apparelhos, do qual, a despeito de muitos se haverem apresentado, offerecendo-os alguns até gratuitamente, só resultou afixar-se nos carros uma ordem do engenheiro fiscal, impondo a conductores e a passageiros umas tantas recommendações, que nem uns nem outros cuidaram de cumprir.

De sorte que, graças á incuria do governo e á rebeldia das companhias, os desastres repetem-se com a mesma frequencia.

* * *

E' certo que muitos desses desastres são devidos á imprudencia ou toleima de alguns passageiros em descerem ou subirem para os bonds estando estes em movimento; mas não menos certo é que, muitos outros, são occasionados pela negligencia ou pela rebeldia estupida de certos cocheiros ineptos ou brutaes, que se não importam com os riscos a que expoem a vida dos seus semelhantes.

E a tudo isto, tanto as companhias como o governo, respondem, como o poeta-tro:

> Este mundo é uma bola,
> Uns por baixo, outros, por cima....
> Cada qual cuida em si ;
> Morre quem Deus é servido.

* * *

Agora, como para premiar-se pelas muitas pernas que têm amputado e muitas vidas que tem ceifado, e em recompensa d'essa longa e perigosa teia de aranha que vae estendendo pelas ruas da sua zona, a companhia de Botafogo ensaia-se para levantar o preço das suas passagens.

Lá que ella o faça em novos carros especiaes e luxuosos para a classe rica, admitte-se; mas nos carros actuaes, com sacrificio incomportavel ás classes pobres ou apenas remediadas que moram em logar distante por amor da economia, isso é que é bucha!

Não serei eu que conteste á companhia Botafogo, attentos os grandes onus de que está sobrecarregada (segundo a exposição de *um Accionista* no *Jornal do Commercio*), a sobeja rasão que tem para procurar augmentar a sua renda.

Faça-o, porém, por qualquer outro meio que não seja privar as classes menos favorecidas da fortuna—a operaria, principalmente—do beneficio que a modicidade do preço da locomoção lhes proporciona.

* * *

Para o capitalista ou proprietario abastado que mora no arrabalde por prazer, pagar 800 ou 1$000 réis de passagem diariamente não é nada; mas para o jornaleiro ou empregado pobre, que para lá vae morar por não poder supportar o elevado aluguel das casas no centro da cidade, esse augmento de despesa importa um sacrificio superior aos seus recursos.

N'esse caso, pois, em vez da companhia requerer ao governo municipal autorisação para levantar o preço das passagens, melhor faria em requerer-lhe isenção do pesado imposto dos cento e cincoenta contos de réis annuaes de que a onerou, além dos mil e quinhentos contos que de uma só vez pagou, e a reversão para a municipalidade de todo o material no fim do contracto.

Eu entendo que o unico imposto, que a Intendencia tem o direito de impor ás companhias de bonds, é o de obrigal-as a bem servirem o publico, tanto em barateza de passagens como em condições de commodidade e de garantia de vida.

SANCHO PANSA.

O Recúo

(Conclusão)

Com este titulo e com o de *Questões municipaes* continuam n'um *fervet opus* de citações de leis os illustres cidadãos que se incumbem de esclarecer... (esclarecer é um modo de dizer, mas, emfim, va lá); o publico sabe a conveniencia ou inconveniencia do recúo n'estas ou n'aquellas condições, com ou sem indemnisação, por este ou aquelle modo, etc., etc.

Chegamos á *delenda Carthago*, diz o illustrado Dr. Barata Ribeiro, apontando a inconstitucionalidade da lei de Setembro e mais os valiosos argumentos da commissão de legislação e justiça da alta camara federel (!) e da postura de 15 de Setembro e do tal metro gratuito, que se deve tirar da lei que não é grande cousa, e das hypotheses gratuitas reguladas pela lei de 12 de Julho de 1845, art. 20, sobre a disjunctiva de duas categorias, da ambiguidade da lei de 26 de Junho de 1852, art. 1º,

§ 2º do regulamento de 10 de Julho de 1855, nas condições comprehendidas no art. 1º, § 4º da lei de 52, etc., etc.

O leitor compreheu alguma coisa? Nem eu.

Por seu turno, o Dr. Vieira Souto, na sua qualidade de distincto engenheiro, falla-nos em planos geraes de melhoramentos e viações para todo o Districto Federal, que é impossivel organisar-se de chofre e entretanto declara, assim como o Dr. Del Vecchio, que «existem planos de novos alinhamentos das ruas da cidade e arrabaldes e estar quasi prompta a carta cadastral; trabalhos, esses, que honram a engenharia brasileira.»

Não comprehendemos essa contradição. Pois, com trabalhos tão importantes e quasi concluidos, onde está a difficuldade, ou antes, a impossibilidade, como diz o Dr. Vieira Souto, em organisar-se um plano geral de melhoramentos e viação?

Impor-se o recúo em ruas que mais tarde terão, talvez, de desapparecer para dar lugar a largas avenidas ou *boulevards*, de que tanto precisamos, é correr o risco de pagar duas indemnisações: a primeira para recuar o predio, a segunda para demolil-o.

Uma planta geral de viação é, pois, indispensavel. Se ella não o é em absoluto para algumas ruas, póde bem sêl-o para outras.

Quanto ás citações que, para maior clareza, o Sr. Dr. Vieira Souto entendeu dever applicar aos seus artigos sobre a questão, confessamos a nossa incompetencia, ignorancia até, e limitamo-nos a transcrever alguns topicos, pedindo aos nossos leitores, mais pachorrentos do que polyglottas, que se armem de varios diccionarios, francezes, hespanhóes, italianos, turcos e russos para bem comprehenderem e ficarem plenamente edificados.

Diz o Sr. Dr. Vieira Souto:

« A postura de 17 de Julho, § 2º do art. 3º da lei organica de 1º de Outubro de 1828, art. 1º §§ 2º, 3º, 4º, 5º e art. 2º da postura de 1860, comparado com a lei de 15 de Setembro de 1892, de accôrdo com o art. 29 da lei de 19 de Julho de 1891 "de Rayon et Ordonnance du Prévot de Paris" de 22 de Setembro de 1600, art. 1º, combinado com o Edital de Henri IV, de 1607, art. 5º e mais o art. 4º da "Ordonnance du Bureau des Finances, 1754," e do "Arrêt du Conseil du 27 février 1765, de la déclaration du roi, du 10 avril de 1783 art. 3º que declara que: (Uff!) (1) "Cette loi a donc maintenu l'obligation pour les constructeurs de demander l'alignement ainsi que etc., etc." »

« Em Barcelona, o Codigo Municipal de 11 de Novembro de 1856 diz: "Art. 15. Todo edificio que se construja de nuevo deberá sugetarse al plan de alineacion aprobado por la municipalidad. Mientras no esté formado el plano de que trata..." »

Basta! dirá o leitor.

Basta! digo eu tambem.

Basta! dirão todos os que leem o *Jornal do Commercio* e a *Gazeta de Noticias* e que comprehendem, hoje, o que é o tal *Recúo*, recuando diante das innumeras citações de tantas leis, tantas posturas, tantas datas e tantos artigos nacionaes e estrangeiros cheios de §§§§§§ e escriptos em varias linguas (para melhor comprehensão dos leitores, naturalmente).

Não sei o effeito que produziram nos outros esses artigos com as taes citações; em mim brrrr!—ainda estremeço!— Parece-me ver o Prevot de Paris e o rei Henri IV empunhando o edital e art. 5º e acompanhado de uma guarda de honra de § paragraphos; o rei Luiz XVI com o seu art 3º o *arret* dos conselheiros de 1765. Os edis hespanhoes e outros edis brazileiros com posturas ou sem ellas, formando tudo isto uma misturada fantastica, Offmanica e Babelesca, fallando diversas linguas ao mesmo tempo, n'uma balburdia de todos os diabos, em que ninguem se entendia e acabando afinal n'uma Maria Cachucha cheia de salero, e n'um verdadeiro *cancan* desenfreiado, municipalesco e internacional!

Que querem! Cahi na tolice de ler dois artigos seguidos... Fiquei tonto!

Só os Srs. Drs. Barata Ribeiro e Del Vecchio, illustres contendores do Dr. Vieira Souto, é que podem, sem pestanejar, aguentar até o fim essa orgia de citações nacionaes e estrangeiras. Tambem, para se vingarem, respondem com artigos de igual folego em tamanho, sustentando a polemica com todo o vigor.

Esses artigos enchem duas ou tres columnas dos jornaes acima citados e como medida póde-se calcular de 1 metro, 1,50 e até dois metros de comprimento. «Recuo» e «metro» *that is the question*.

Recuemos pois...

Para terminar falta fallarmos da *indemnisação* de que tambem tratam os tres illustres polemistas.

Parece-nos que tratando do «Recuo» (dos leitores) dos «metros» (dos artigos) e da «indemnisação», tres pontos principaes da questão do dia, não se dirá que não nos occupamos das cousas serias da nossa intendencia.

Achados os dois primeiros, vejamos o terceiro:

Como não sabemos se essas publicações sobre o Recúo são pagas ou gratuitas, só diremos que achamol-as algum tanto parecidas com a tal *indemnisação* municipal, que uns opinam dever-se dar aos proprietarios dos predios, e outros não.

Estamos persuadidos, e somos capazes até de pôr a nossa mão no fogo, de que, se o Dr. Ferreira de Araujo e o Dr. Carlos Rodrigues offerecem gratuitamente as columnas de seus jornaes aos illustres contendores, o Julio da «Gazeta» e o actual Leonardo do «Jornal» não estão por isso e preferem antes ser indemnisados da porção de metros de publicação de que usam e até abuzam os tres distinctos contendores nas columnas dos ditos jornaes.

Já medimos. Cortando e collocando uns atraz dos outros todos os artigos publicados sobre o Recúo, achamos trezentos e tantos metros.

Abre o olho Julio! Se não puzeres cobro a isso, aquillo vae a um kilometro e talvez mais. Ora, mil metros a tanto a linha... não é barro!

E eu tambem paro aqui para não cahir no mesmo... comprimento.

X.

Do estudo a respeito do marechal Floriano, publicado hontem na *Gazeta de Noticias*, sob o titulo — PSYCOLOGIA DOS HOMENS EM LUCTA — pedimos licença para destacar um trecho:

«Intellectualmente, não dispõe de uma instrucção que o habilite a ser um sabio ou um erudito; mas dispõe da instrucção necessaria para estar ao nivel dos homens politicos do seu tempo. E' arguto e sagaz, apprehende rapidamente as questões, tem uma intelligencia lucida. Não falla senão a sua lingua e, além desta lê sómente o francez.»

Ahi teem os homens politicos do nosso tempo a medida do seu valor.

O espelho é fiel: mirem-se nelle e depois venham para cá dizer-nos que são capacidades e sabem mais do que ler sòmente o francez, como qualquer caixeiro de armarinho.

No mais, o tal estudo está cheio destas contradicções.

E' um retrato feito por um qualquer Petit ... psycologista!

(1) Uff! — é meu.

IDYLIO

Junto ao balcão, n'uma cadeira austriaca
Sentada está freguezia mui sympathica;
Pelo lado de dentro em doce pratica,
O caixeiro, de essencia aphrodisiaca

Volve nas mãos um frasco, e ella, maniaca
Por perfumes, aspira a essencia asiatica,
E do caixeiro a prosa fátua, emphatica,
Crê que doçura tem paradisiaca!

Quem os comtempla, acha este par bem comico,
Mas por isso não dá o afan pathetico,
Que de namoro é para os dous prodromico.

E neste idylio, assim, nada poetico,
Gasta o caixeiro o tempo, anti-economico,
Para vender apenas um cosmetico!

L. C.

TAGARELLICES

Eu tenho aqui diante de mim um livro que trata dos costumes e das leis do Japão, entre as quaes ha umas disposições a respeito do vicio do jogo, que vou reproduzir.

Eil-as:

—«Toda a autoridade policial, qualquer que seja a sua categoria, que se entregar aos jogos do azar, quando no exercicio de suas funcções, será deportada para alguma das ilhas que servem de presidio.»

—«Os donos, empresarios, ou qualquer individuo que tenha banca de jogo de tavolagem em sua casa tambem será punido com a pena de deportação.»

—«Todo o individuo que denunciar as casas de jogo de tavolagem receberá como recompensa dez vezes o valor dos objectos aprehendidos.»

—«Aquelle que, com jogos de azar tiver ganho, sem lealdade provada, dinheiro aos seus parceiros, será decapitado, e sua cabeça exposta no lugar do crime.»

Ora isto é lá no Japão. Cá n'este paiz civilisado graças á argumentação dos nossos Cujacius e Cuvarruvias, a jogatina entra na ordem dos direitos que a liberdade republicana confere aos cidadãos, ainda mesmo quando sejam barões da monarchia.

—o—

Felizmente para o illustre Barão Jogologico a legislação japoneza nenhuma acção exerce sobre a nossa administração publica, e S. Ex. jogo-bicha pode recolher tranquillamente a qualquer dos bancos da nossa praça as centenas de contos de reis que adquiriu no innocente joguinho das entradas para o Jardim Zoologico, certo de que a sua respeitavel cabeça não será exposta no lugar onde dependurava o quadro do animal premiado.

—o—

De accôrdo com a nossa benigna legislação, o honrado Sr. Dr. Prefeito Municipal e o energico Sr. Dr. Chefe de Policia prohibiram o jogo ostensivo dos *Boock mackers* e do Jardim Zoologico; mas a essa prohibição escapa a infracção sorrateira que ahi continua a jogobichar uma multidão de incognitos drumondes com pequenos quartos de papel tendo apenas um numero de ordem, em tinta preta, e um numero de sorte, a lapis, com a responsabilidade do... homem da capa preta.

E tanto o Zé Povinho como o Respeitavel Publico, chronificados no vicio pela exploração drumonico-zoologica, continuam a nutrir clandestinamente o terrivel cancro que a autoridade e a lei jámais conseguirão extirpar.

Ha até quem affirme ter visto fazerem acquisição dos taes pequenos quartos de papel uns certos individuos, que, se fosse no Japão,

A Nação — Livra-me!... livra-me quanto antes desta hydra, se o seremos devorados por ella!
Prudente de Mais. — Espera... não tenhas pressa... deixa-me ver acho aqui na Constituição um artigo que me autorise.......

incorreriam na primeira das disposições penaes que acima transcrevo.

—o—

E, a proposito, vem aqui muito a pello reproduzir uma outra disposição penal da legislação japoneza, que extracto do mesmo livro. Eil-a :

—«Qualquer autoridade que guardar um objecto, achado sobre a via publica, sem communicar ás autoridades a cujo cargo se acham os bens dos ausentes, é condemnado a pena de prisão e á perda do emprego. Se o culpado do crime, assim previsto, for agente de policia em serviço de ronda diurna ou nocturna, será ligado a um cavallo, conduzido á praça das execuções e decapitado. Comtudo, se o objecto achado for de diminuto valor, insufficiente para provêr á subsistencia de um homem durante um dia, será o delinquente marcado na face e no braço com o ferrete de infamia e em seguida banido da cidade, aldeia ou povoação em que residir».

Ora, se no Japão os agentes de policia são assim punidos quando occultam os objectos que acham, como o serão quando *tomam* os objectos contra a vontade do seu dono !

Felizmente, os nossos agentes de policia são todos pessoas muito honradas e não carecem que se lhes imponha penas tão barbaras.

Aqui o cidadão pode transitar tranquillamente, alta noite, por qualquer lugar ermo com as algibeiras vasias, certo de que não encontrará agente de policia que lh'as encha.

E' mesmo até possivel que, se levar relogio, algum agente encontre que leve a sua amabilidade até á extrema solicitude de o aliviar do peso d'esse objecto.

—o—

E, por fallar em agentes de policia, vem aqui tambem a proposito fazer um cumprimento ao Dr. Carijó pelo modo justiceiro porque condemnou e recommenda á merecida punição aquelles sardanapalescos inspectores seccionaes da delegacia da 5ª circumscripção, que, como jumentos devoradores de cio, valeram-se da autoridade de que estavam investidos para abusarem de uma infeliz.

Apre ! que bestas !

Bom seria que os *abeylardassem*.

MESTRE NICOLAU

CHINOISERIES

Fabula a proposito

Entre as aves e os quadrupedes
travou-se peleja atroz,
e o morcego entre os mais passaros
foi alistar-se veloz.

Estranhando isso os aligeros,
« Eu sou ave, elle affirmou ;
« vêde as minhas azas céleres
e os voos lestos que eu dou.»

Trava-se a lucta. Dispersa-se
derrotado o povo do ar ;
nem, apezar d'azas rapidas,
pode o morcego escapar.

E' preso : as garras aguçam-se
para matal-o. Porém
eil-o bradando : — Respeitem-me !
sou quadrupede tambem.

« Meus dentes, meu pello flacido
« comprovam o que affirmei ;
« só por engano, acreditem-me,
entre os alados me achei ».

Moralidade :

Uns certos typos vi eu
aqui chegarem lampeiros ;
passaram por prisioneiros
e nada lhes succedeu.

PRIVILEGIOS

Evidentemente, o Brazil vae-se tornando uma republica modelo .. no seu genero.

Extinguio o pergaminho nobiliarchico e instituio a patente honoraria.

Aos condes e viscondes, succedem agora os generaes honorarios ; aos barões, os coroneis idem ; aos commendadores, os majores idem e aos cavalleiros, os tenentes tambem idem.

O bacharel, que era o homem apto para o exercicio de todas as funcções rendosas, vai sendo annullado pelo honorario.

* * *

Entre nós, o privilegio attingio á altura de um principio republicano.

Do privilegio de classe, passou-se ao privilegio profissional.

A habilitação diplomada põe no olho da rua a habilitação praticada.

E em vez de : *res non verba*, temos *verba non res*.

* * *

A Constituição da Republica diz que todo o cidadão pode exercer a profissão que lhe aprouver ; mas o Codigo Penal lá está a pôr embargos á liberdade profissional, reconhecendo o privilegio da *profissão legal* com a punição do *exercicio illegal*.

A Inspectoria de Hygiene não admitte que quem não fôr pharmaceutico diplomado possa fazer descobertas therapeuticas.

E a Intendencia Municipal pretende agora que ninguem exerça a profissão de guarda livros sem diploma do seu Instituto Commercial.

* * *

Ora n'este andar, chegaremos á perfeição de nem os proprios burros poderem puxar vehiculos sem carta ou titulo que lhes legalise o exercicio d'essa funcção utilitaria.

Se isto não é Republica modelo, é, com toda a certeza, modelo de Republica... *sui generis*.

ROCHEFORT

FERROADAS

Vou submetter á esclarecida apreciação dos leitores do *D. Quixote* uma parte apenas do meu serviço especial telegraphico e telephonico, e os commentarios que os despachos me suggerem e rão raro transmitto em resposta

Voilà :

PORTO ALEGRE 24 — Tudo triste. Picapaus desnorteados. Arcas vazias. Terminação guerra imminente. Fornecedores desapontados, tramam contra Prudente. Governador, *Pato*, tonto. Saudações.—*Barnabé*.

Hum ! Tanta esmola, é para desconfiar... Cautela e cargas de lança, até ver no que param as modas...

FLORIANOPOLIS 25.—Anniversario fuzilamentos sem processo (assassinatos), Cesar Moreira baile pomposo. Concorrencia fina flôr jacobinada. Brinde de honra ao ex da Rrrrrrepublica. Viva ella !—*Calligula*.

Pois aqui suffragaram-se as almas das victimas. O templo de Christo encheu-se de gente piedosa. Em muitas faces havia sulcos de lagrimas. No correr da tocante cerimonia, uma senhora cahiu em deliquio. Era a virtuosa mãe de dous jovens fuzilados...

CURITYBA 24 (atrazado).—Grande tramoia na apuração da eleição para senador federal, deputados estadoaes e prefeito. Apuração feita por almas do outro mundo, visto ausencia dos que deviam fazel-a. Protestamos.—*Patria e Operario Livre*.

Protestem, protestem ! Isto de querer se representar o povo sem que o povo possa votar livremente, é lá para a Beocia, e não consta que o Brazil tenha affinidades com tal Reino. Protestem. E, se querem ver-se livres do seu governador *Vicentina*, fallem-lhe em invasão federalista no Estado. Verão como elle é valente a... flanar, de luneta, aqui na rua do Ouvidor...

S. PAULO 25.—Houve aqui reunião de influencias politicas, á chegada de um emissario castilhista. Tratou-se da paz do Rio Grande, mas parece que da bolsa paulista não sahirá nem mais um grão de chumbo. A imprensa affecta á situação passada não gostou da brincadeira.—*João Fernandes*.

Sim, já sabia disso. Compareceram os Srs: —general X, doutores P e T e o senador O.

Ao que dizem, não foi satisfactorio o resultado de tão selecta reunião de maiusculas influencias.

Prometteram tudo ao Sr. Castilhos, menos a ajuda do LONDON, traduzida em libras sterlinas... Ainda bem. *Oremus* !

BAHIA, 24 (retardado).—Angú politico cada vez mais apimentado. Senado partido em dous, cada um seu lado. Barulhos. Geremoabo pedio intervenção Prudente para apaziguar. Este negou. Constituição impedirá ?—*Cesar Napoleão*.

Previa este desfecho : mais um estado a anniquilar se na politicagem, mais um foco de anarchia a perturbar a vida nacional.

Paciencia. Não ha mal que sempre dure.

Quanto à Constituição, esta-se a ver que ella só impede que se faça alguma cousa em beneficio da ordem.

Appareça quem queira fazer o mal, que a pobresinha ahi está para andar aos boléos... .

ARACAJU', 25. — Força estadoal augmentada, apezar recursos mesquinhos Thesouro. Magistratura coagida, ameaçada. Pressão. — *Padre Ignacio*.

Certamente. O uso do cachimbo, transformou o tradiccional gladio da Justiça em sabre Manulicher...

Podia ser peior.

Felizes sergipanos não prescillianus...

RECIFE, 26. — Continuam a commandar policia Magno e Ottoni. Governador bem, muito obrigado. —*Leão Carneiro*

Muito obrigado? Não ha de que. Elles lá são brancos, lá se entendem. E viva !

*

— Drinlin, drinlin, drinlin!

— Prompto! Pode fallar.

— Queria dizer-te que se descobrio aqui na central o desapparecimento de quinze mil volumes, que...

— Estás doido ! Pois tu jà viste descobrir-se um desapparecimento ?

— Quero dizer que houve o desapparecimento...

— Sim, jà sei.

— E ha tambem desfalque...

— Sim.

— ... e aquelle recebimento de mercadorias subitamente interrompido, para dar tempo a que os compadres fossem protegidos pela remessa prompta dos seus generos, com prejuizo do commercio honesto...

— Sim, acaba. Sei de tudo isso e de mais alguma cousa...

— E o que dizes?

— Digo que o Marechal Jardim é um homem honrado e tem capacidade e competencia para melhorar muito o serviço da estrada de ferro. A questão é desembaraçar-se de uns tantos medalhões e subalternos que, positivamente, estão desmoralisando aquella importante repartição.....

— Serão jacobinos?

— Pode ser que sim, e pode ser que não. Em todo caso são individuos que exploram o commercio e abusam da nossa tolerancia.

✧

— Alló!

— Prompto!

— Quem falla, é o *Pernilongo?*

— Elle mesmo.

— Olhe, aqui na Gavêa estão a pintar o diabo com as mesas de qualificação eleitoral. Não querem admittir os membros que não pertencem ao partido do Triangulo, e a respeito de diplomas eleitoraes, facilita-se tudo a uns e nada a outros.

— Pois, meu caro, não seja quadrado. Finja de triangulo e faça depois o que puder pelos seus.

Do contrario estó redondamente roubado!

PERNILONGO

— Então, que diabo é aquillo na Faculdade Livre de Direito? *Graves revelações sobre abusos praticados* ... Abertura de inquerito! ...

— Meu amigo, em casa de ferreiro espeto de páo. Aquillo tem sido mesmo — Faculdade Livre... de Torto!...

—Lêste o telegram na de Maceió, noticiando que o juiz de direito Ascendino foi aggredido em sua residencia pela força policial?

—Li, e acho que o Sr. barão de Traipú faz muito bem.

Isto de justiça entre os bugres da Consolidação é planta exotica. Trumpho é páos! Tal qual como nos Estados visinhos...

Theatros

Está decretado o Theatro Dramatico Municipal.

Vamos, finalmente, possuir um theatro official para edificação da Arte e garantia profissional d'aquelles que, possuidos de verdadeira vocação, fizerem do theatro o seu meio de vida.

Resta agora que o digno Dr. Prefeito saiba entregar a direcção d'essa utilissima instituição a quem possa encaminhal-a por vereda segura e tornal-a remedio efficaz contra o mal que se propõe corrigir.

Um insuccesso n'este caso seria uma catastrophe de consequencias funestissimas para a Arte e para os artistas.

Nos termos em que foi approvada a lei que institue o Theatro Municipal, ha possibilidade de ser annullado o benefico intuito da sua instituição.

O artigo 4° confere ao Prefeito e ao Director faculdades que só deixarão de ser perigosas quando as funcções d'esses cargos forem exercidas com a maxima competencia de aptidão e de justiça.

Sem estas qualidades qualquer mediocridade poderá usurpar a verdadeiros e talentosos artistas os lugares a que têm direito.

Quando actor, basta a essa mediocridade a sympathia d'aquelles funccionarios ou valiosa protecção de quem sobre elles influa;

Quando actriz... ninguem ignora quaes as qualidades com que se podem recommendar.

Como disposição transitoria para a organisação do primeiro elenco, o artigo 4° póde ser admissivel; como definitiva, porém, é inaceitavel pelo abuso a que se póde prestar.

O verdadeiro, o real merecimento, attestado por exame e prova publica, deve ser o titulo pelo qual o actor ou a actriz obtenha a sua admissão no pessoal artistico do Theatro Dramatico Municipal.

Fazendo do actual Prefeito o juizo a que julgo ter direito pelo seu caracter e illustração, creio piamente que, para collocar-se a coberto de qualquer censura e evitar abusos de quem o vier a succeder, saberá, nas instrucções regulamentares de que trata o artigo 7°, estabelecer clausulas que sejam solidos obstaculos á parcialidade ou injustiça que o artigo 4° autorisa.

⁂

Não devo calar aqui o louvor a que fez incontestavel jús o ex-actor Martins, por ter influido poderosamente para a decretação do Theatro Dramatico Municipal.

Sem a solicitude com que poz em acção os esclarecimentos da sua experiencia theatral e o apreço com que é distinguido por alguns dos Snrs. Intendentes, a instituição do Theatro Municipal não seria tão cedo decretada.

Todos aquelles que, á sombra d'essa instituição, esperam ter garantida a sua subsistencia, devem-lhe com certeza, o reconhecimento de um valioso serviço.

Pela minha parte, como escriptor, desde já aqui lhe deixo o meu consignado.

⁂

A Direcção da nossa collega *Revista Theatral*, realisou no Domingo 21 do corrente, no theatro Apollo, a annunciada *matinée* que tinha por objecto a entrega solemne de premios promettidos aos artistas victoriosos no escrutinio, pela mesma collega aberto, á eleição da melhor actriz de opereta e do melhor actor comico dos nossos theatros.

Os eleitos foram a actriz Rosa Villiot e o actor Mattos, ambos actualmente da Companhia do Apollo.

Em scena aberta e após diversos discursos, foram os referidos premios, uma cigarreira de prata ao Matos e um copo de metal identico á Villiot—entregues aos festejados artistas no meio de estrepitosa salva de palmas.

Mattos, em breve mas eloquente discurso, agradeceu por si e pela sua collega, ao publico e á *Revista Theatral* o applauso com que eram distinguidos.

Do longo programma annunciado só foi, felizmente, executada a melhor parte, tornando essa *matinée* um dos mais agradaveis espectaculos a que tenho assistido de ha tempos a esta parte.

O theatro estava completamente cheio de uma sociedde escolhida.

⁂

A falta de espaço me impede de tratar dos demais espectaculos da semana, com o que nada se perde, valha a verdade.

SANSÃO CARRASCO.

—Com que, então, o Dr. Fernando Mendes foi chamado para assumir o commando da Guarda Nacciona! ?!

—Foi, foi—e será muito feliz se puder prestar a esta legalidade os serviços que prestou a *outra*...

A nossa meza

Recebemos:

A NOTICIA ILLUSTRADA N. 9. — Já estava causando saudades, mas chegou! E como vem catita em seu corpete de *velour-noir* á frente d'aquelle sequito de cartollas e sobretudos! Caspite! Que soberbas paginas as da *Coragem do Amor prohibido!* Por dentro, que succulento recheio de graça e pilheria! Pois o *Epilogo* com aquelle ponto de admiração de porco em pé!

Um primor!

— IRACEMA. — Revista do Centro Litterario, do Ceará, sob a direcção de Pedro Moniz e Julio Olympio — Anno I n. 1. — Mais um excellente periodico com que a mocidade da patria de Alencar está enriquecendo as lettras brazileiras.

Bôa prosa e bons versos em bôa impressão. Seja muito bemvinda.

— O BOHEMIO. — Serie 1ª n. 1. — Folha livre e alegre em prosa e verso. Na primeira pagina Don Jean... d'Asilcout — que é uma especie de Marquez de Corneville — canta em verso que na Arabia, na Turquia, sobre o Marne, no Indostão e no Egypto gosou convulso as sensações da carne. Felizardo! Varios pseudonymos tratam de assumptos varios nas de mais paginas, e em typo usado.

— REVISTA THEATRAL. — N. 41. — Na primeira pagina os retratos da actriz Rose Villiot e do actor Mattos, e nas outras variedade de comprimentos aos mesmos artistas.

— ALMANACK DOS THEATROS para 1895— por N. de Algerana — Contem retratos de dois autores e de diversos actores e atrises, e variada leitura sobre muitas cousas, menos theatro.

— MISCELLANEA LITTERARIA.—de Tullio de Campos, prefaciado pelo Dr. Fernandes de Oliveira.

Um pequeno volume contendo cartas e artigos diversos, anteriormente publicados em jornaes.

— O GUILHERME.—Interessante conto por Olympio Galvão, em pequeno fasciculo para brinde da «Revista Moderna» aos seus assignantes.

—BARÃO DO RIO BRANCO.—Apontamentos para a biographia do illustre diplomata que tanto contribuio para a honrosa conclusão da questão das Missões, por Alcides Cruz.

—AGUAS POTAVEIS DE JUIZ DE FORA.— Parecer sobre o projecto do seu abastecimento, apresentado á Camara Municipal d'aquella cidade pelo Dr. Domingos Freire. Basta o nome do seu illustre autor para recommendar a leitura d'este importante parecer.

—BOLETIM QINZENAL de estatistica Demographia sanitaria da cidade do Rio de Janeiro.—N° 6 de 16 a 31 de Março de 1895.

—RELATORIO DA SOCIEDADE Portugueza de Beneficencia da cidade de Santos, Estado de São Paulo, apresentado pelo seu Presidente Firmino Ferreira Leão de Moura.

JOCKEY CLUB—Relatorio dos trabalhos sociaes concernentes ao anno social de 1894 organisado pelo 1° secretario F. Calmon, acompanhado dos estatutos do mesmo Club.

—CLUB AMERICANO — Convite para o baile á fantasia que terá lugar no dia 4 de Maio proximo.

—VIEIRA MACHADO & Cª — Editores musicaes — Duas bellas composições: SOBERANA valsa por Ferreira Torres — OS PALPITES DO BARÃO, polka por Mazarino Lima.

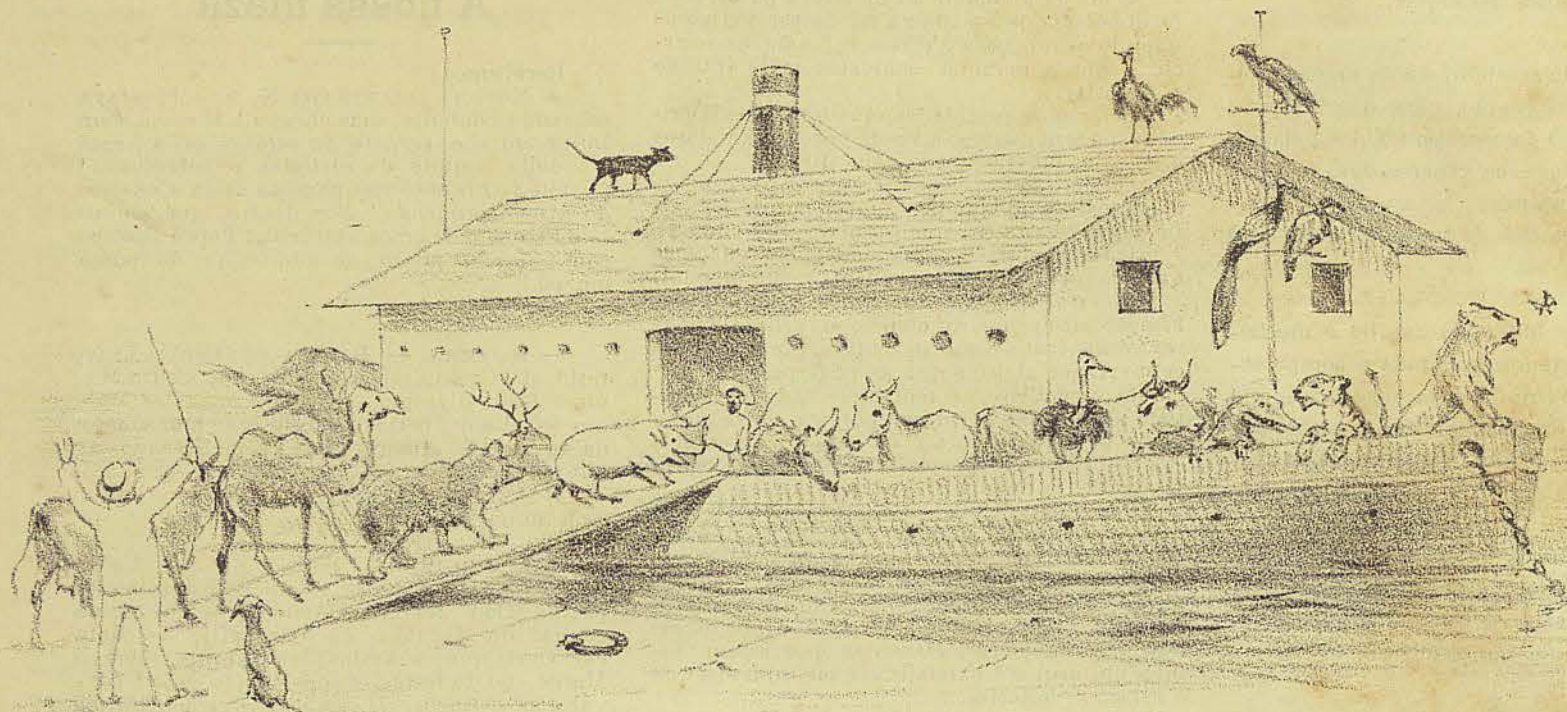
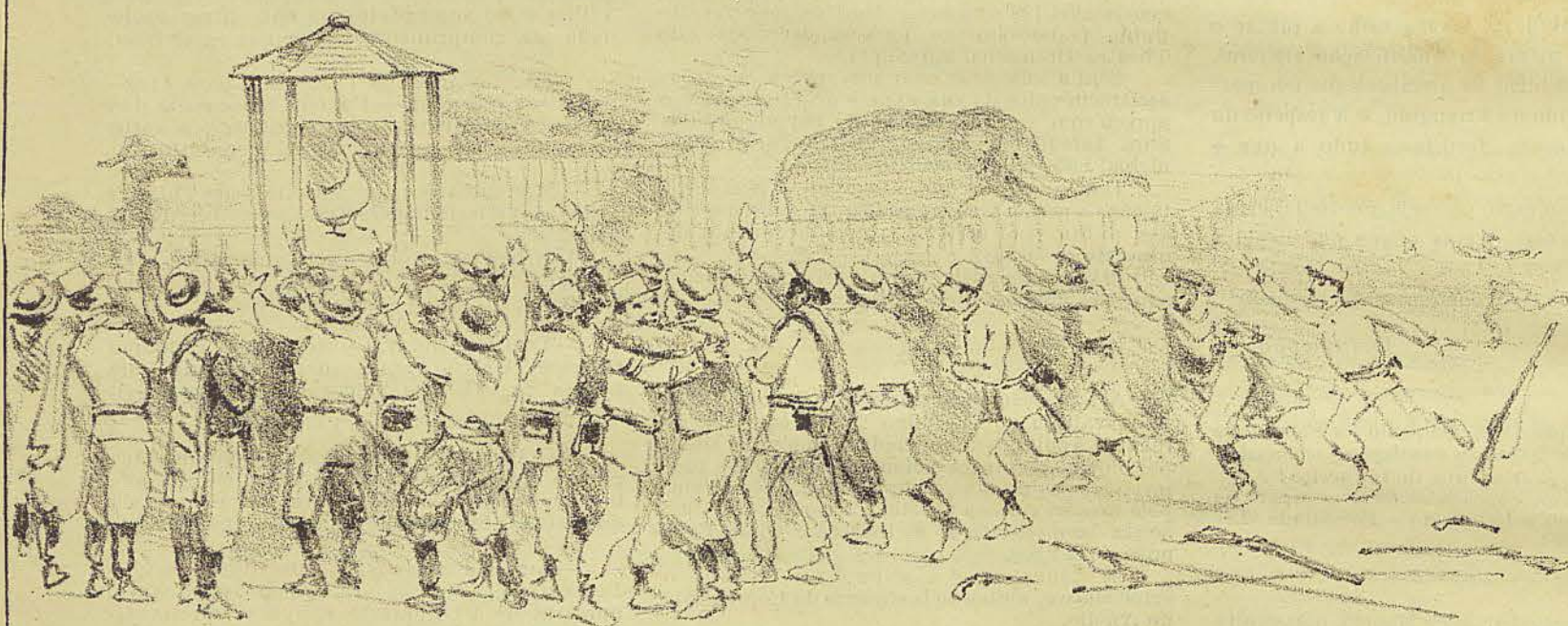
— TROVAS DO NORTE collecção de Antonio Salles—Publicação da Bibliotheca da Padaria Espiritual, do Ceará.

Em secção bibliographica trataremos do merecimento deste livro.

A todos agradecemos.

D. MEZARIO.

L'Express. typ. a vapor Assembléa 75

Solução pratica para acabar com a guerra do Rio Grande do Sul

Embarque o Sr. Drummond, á semelhança de Noé, com toda a bicharia para a terra dos gauchos, que prestará um grande serviço á patria.

Estabelecendo lá a sua jogologia, não tardará que picapaus e maragatos, largando as armas, fraternisem no tal joguinho.

S. Pansa aproveitará o portador, para mimosear o presidente do Rio-Grande com esta ave.

pois que ninguem lá ignora a paixão que o Sr Castilhos, desde menino, nutre pelos patos.

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 15

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO DE ANGELO AGOSTINI
R. OUVIDOR 109

D. Quixote — Uff! Cheguei afinal, mas: não caio noutra.
S. Pança — Que diabo de sacco é esse, patrão? É tão recheiado....
D. Quixote — Mais tarde saberás.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.	20$000	Anno.	24$000
Semestre	12$000	Semestre	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todos as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

A ADMINISTRAÇÃO

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 4 de Maio de 1895.

Topicos

Pertencemos ao numero dos que detestam o boato.

O boato é quasi sempre uma arma ignobil, manejada pela gente que o não é menos.

Mas ha boato e boato.

Não foi certamente pelo conhecido effeito de uma simples balleIa que o governo julgou opportuno, ha dias, cercar-se de certas precauções.

O grave conflicto entre praças do exercito e da policia foi um facto.

Mas seria em virtude desse facto, unicamente, que o governo ordenou a promptidão de forças de mar e terra?

E' licito duvidar.

***

A missão do jornalista é muito mais do que registrar e commentar factos consummados.

Conjecturar, deduzir, prever — eis o que, além do mais, está adstricto á sua profissão.

Dada a situação politica presente, forçoso é conjecturar, deduzir e prever, que um elemento laterte quer voltar de novo á tona, impor-se, imprimir á phase legislativa o caracter que entende necessario aos seus fins.

Esse elemento, digamol-o, é o fetichismo floríanista.

***

O governo, em nome das nossas finanças profundamente abaladas, em nome da constituição e do clamor de uma innegavel maioria nacional, vai pedir ao Congresso uma solução tendente a pacificar o Rio Grande do Sul.

A pacificação, está claro, não póde ser feita pelas armas; attestam-n'o mais de dous annos de luctas improficuas; protestam os sentimentos humanitarios dos brazileiros; e principalmente não a supporta o nosso melindroso estado financeiro

O fetichismo florianista não quer saber disto e é partidario da continuação da guerra civil no Rio Grande.

Eis a questão.

***

Por outro lado, é evidente que o Congresso tem de tomar conhecimento official de certos factos graves, occorridos durante o interregno parlamentar, que, forçosamente, virão empanar muito o brilho de algumas *glorias*.

Accresce ainda a probabilidade de uma revisão constitucional no intuito de serem melhor definidas algumas attribuições, em virtude das quaes possa o governo da União evitar os desmandos e o despotismo que florescem, ha muito, em alguns estados.

Ora, o fetichismo florianista não quer isso.

***

Que fazer, então?

Turvar as aguas, fomentar desordens, conspirar, ameaçar, para crear uma atmosphera de terror, para infundir o medo no seio da representação nacional desaffecta a essa politica hedionda de desordem e de destruição.

Isto é logico, infelizmente.

***

Resta, portanto, que o governo da Republica cumpra a sua missão.

Não lhe é difficil.

O povo sensato, que ainda é maioria, cansado de soffrer as consequencias dos desgovernos que tem tido, vê claro nesta actualidade politica.

Sabe com quem está a Republica que, para o fazer feliz entre os povos civilisados, repelle o despotismo sanguinario, a demagogia, anarchisadora e o pedantismo de uma seita.

Está ao lado do chefe da Nação que soube num feixe luminoso, consubstanciar os seus sentimentos de ordem, de humanidade e de justiça — projectando-os victoriosamente no caminho a percorrer da sua historia.

***

Saiba o Sr. Dr. Prudente de Moraes avaliar a força da opinião que o sustenta, saiba corresponder aos seus ardentes desejos, saiba proporcinar-lhe, mesmo, os meios de que ella carece para se manifestar praticamente, se tanto for preciso — e prosiga recto e firme, surdo ao côro infame dos inimigos da paz.

A opinião publica tambem está de promptidão e attenta...

ALERTA!

Os telegrammas do Sul que confirmam a noticia da insurreição abortada do Castilhismo contra o governo da União, referem que uma das recompensas concedidas ás tropas que n'ella tomassem parte seria a da permissão de três horas de saque á cidade.

Tres horas de saque! Tres horas de desenfreada selvageria de uma soldadesca brutal a invadir os lares, roubando dinheiro e joias, violentando donas e donzellas com estupido cynismo, quebrando, estragando e levando tudo a coice de armas, como se fez em Magé, que horror!

O jacobinismo feroz em acção!

Eis o premio com que os baixos ambiciosos, os deshumanos politicos procuram seduzir, em nome da Republica e da Patria, a soldadesca ignorante, sensual e cruel, pondo-a ao serviço do seu despotismo!

Esse nativismo selvagem, esse republicanismo feroz que ahi anda colerico, ameaçador hydrophobo a rosnar contra tudo e contra todos que os não acompanham em sua desorientação nefasta, é isso que se está vendo no Rio Grande do Sul com o nome de Castilhismo, e aqui com o de Jacobinismo.

Não é, pois, licito duvidar que nos planos de sua conspiração contra o governo legalmente constituido entre, aqui como lá, o da concessão de saque ás tropas que, por desgraça, adherirem ao seu movimento sinistro.

Previna-se a população desta capital contra esse assalto aos seus lares, dando ao governo egal toda a força moral do seu estensivo apoio, para que d'ella possam os depositarios do poder aurir todo a energia e prestigio necessarios á suffocação do mal que nos ameaça.

Os proprios florianistas honestos (que os ha em grande numero) devem repellir dignamente toda e qualquer comparticipação nos planos dessa politica anarchisadora, e collocar-se com bem orientado patriotismo ao lado do Direito e da Lei.

Um sem numero de interesses illegitimos prejudicados pela honestidade administrativa, uma longa lista de crimes perpetrados clandestinamente que se não querem revelados e ainda menos punidos, um despeito dynamitico pela esfumação de glorias que não resistem á analyse calma e reflectida dos factos documentados, tudo isto constitue como que uma amalgama de materias putridas que fermentam e cuja expansão carece ser annullada a bem da ordem, da justiça e da moralidade publica.

Que a população, pois, se compenetre bem do seu real interesse e o governo do seu rigorso dever.

Alerta!

BONDS

A proposito de uma polemica que ahi anda na imprensa entre o Barão de Drummond e um accionista da Companhia ferro carril do Jardim Botanico, sobre um systema de fiscalisação de cobrança de passagens que consiste em dar premios a quem apresentar certo numero de coupons, occorre-me chamar a attenção do Dr. Prefeito Municipal para uma carta ha cerca de quatro annos dirigida pelo cidadão Victor Antonio Vieira ao redactor chefe da *Gazeta de Noticias*, e por esta publicada.

N'essa carta, aquelle cidadão, fazia publico e offerecia gratuitamente ás Companhias de bondes um systema de fiscalisação, que, além de ser da maior efficacia para obstar a fraude dos cobradores, tinha ainda a utilidade de um alcance grandemente humanitario para dar dos nossos habitos e sentimentos uma ideia excellente ao estrangeiro que nos visita.

Consiste esse systema em dar a todos os coupons o valor de 5 0|0 do preço da passagem, sendo essa porcentagem pagavel á vista do mesmo coupon pelo thesoureiro da Companhia.

Em todos os bondes seriam collocadas ao alcance da mão dos passegeiros, umas pequenas caixinhas, como as da sociedade CHARITAS, para n'ellas serem lançados os coupons de quantos, não querendo aproveitar para si o respectivos valor, tivessem a generosidade de os ceder ao pobres.

D'isto resultaria que nenhum passageiro deixaria de exigir dos conductores os coupons das passagens que pagasse, para utilisal-os ou em proveito proprio ou em proveito dos pobres.

Uma commissão de beneficencia arrecadaria diariamente todos os coupons lançados n'essas caixinhas e o seu correspondente valor recebido dos respectivos thesoureiros, seria publicado nas folhas diarias para sciencia do publico, bem como a applicação humanitaria que lhe fosse dada,

Com este systema de fiscalisação, (de cuja efficacia não é licito duvidar) poderiam as com-

panhias dispensar os fiscaes, cuja despesa de ordenados não é pequena.

Calculada, como se diz, a fraude que as companhias soffrem na sua renda em mais de 10 °[o], é patente que o indicado systema lhe produzirá um augmento de renda de mais de 5 0[0, além da economia dos ordenados dos fiscaes.

Agora que, ao que parece, se trata de novação de contracto com a companhia do Jardim Botanico, chamo a attenção não das companhias, que mostraram tão mal comprehenderem o seu proprio interesse ; mas do Dr. Prefeito Municipal para o systema do cidadão Victor Vieira, que, posto em pratica, margem alguma deixará para as rabulices do Barão de Drummont e satisfará nimiamente os interesses das companhias com muito bom proveito para os pobres e para o publico em geral.

SANCHO PANSA.

CHINOISERIES

Um motim, cousa pequena,
foi pretexto a espalhafato,
a BERNARDA vir á scena,
e vir á scena o BOATO.

Eu, francamente, não creio
em nada, além do conflicto;
de mais revoltas receio
seria agora exquisito.

Para isso era preciso
que este povo brazileiro
perdesse de todo o sizo ;
fosse máu e desordeiro.

Quem se diz republicano
e ser patriota confesso,
não póde assim, deshumano,
lezar da Patria o progresso.

Por honra dos patriotas,
quer presentes, quer passados,
não creio nessas patotas
de detractores damnados.

A policia, que reprime
de jornaes os pregoeiros,
que dê (presente sublime)
uma rolha aos boateiros.

LU-NO

Dizem telegrammas de São Paulo que o marquez... quero dizer, que o general Glicerio guarda absoluta reserva em suas opiniões politicas principalmente na questão da pacificação.

E' prudente. Quando as cousas andam ameaçadoras é conveniente não arriscar opinião emquanto não se averiguar bem qual será o mais forte.

TAGARELLICES

Lendo ha dias os debates de uma das sessões do Conselho da Intendencia, e notando no reclame que, como objecto de luxo, um dos illustres Intendentes fazia a um estabelecimento balneario, cujo *chic* se prova com o facto de ter uma caixa d'agua tão alta como a *Torre Eiffel*, fui logo ao tal estabelecimento tomar uma assignatura para diariamente me regalar com um banho luxuoso.

Eu cá sou assim ; entendo que o dinheiro só serve para a gente fazer acquisição d'aquillo que lhe dá gosto.

Pois, senhores, o tal snr. Intendente sempre me prégou uma peça!

Imaginem que, em vez de um estabelecimento de luxo, encontrei uma especie de hospital, onde se trata de varias enfermidades por um systema de esguichos e fricções de differentes especies.

***

A' entrada d'esse estabelecimento, um empregado, que alli se vê dentro de uma grade, vendeu me um bilhete com o qual me dirigi para um lugar ao fundo da casa, onde um labrego em mangas de camisa me franqueou um gabinete, um verdadeiro cochichollo, onde só havia uma cadeira velha, um espelho sobre uma prateleira de pedra e uma banheira de marmore, que eu suppuz ser de granito pelas nodoas innumeras e enormes que a... aceiavam.

Vencendo a hesitação que tanto *luxo* me causava, animei-me sempre a tomar o meu banho, e ao terminal-o tive de enxugar-me a uma ruina de toalha que estava dobrada sobre a cadeira.

Pois o pente e a escova que estavam na prateleira do espelho ?

Se não eram contemporaneos do celebre canapé de Bocage, foram com certeza importados para aqui antes da vinda de D. João VI.

***

Se n'isto, que alli se encontra, é que o Snr. Intendente acha razão para qualificar de luxuoso esse estabelecimento, eu faço ideia que tal será o banheiro onde elle se banha.

E' possivel (e eu creio piamente que o seja) que, como estabelecimento hydrotherapico, seja elle de primeira ordem e nada deixe a desejar ; mas como casa de banhos, o luxo que o Snr. Intendente lhe proclama, está, no presente, muito passado.

***

Nas razões que o mesmo Snr. Intendente apresentou para justificar o imposto lançado sobre esse estabelecimento, ha ainda uma que me impelle a tagarellar mais um pouco.

E' a de julgar que os proprietarios d'esse estabelecimento enriqueceram com elle.

Esta razão, que bem se póde chamar de cabo de esquadra, tem sido, e parece que continua a ser, um verdadeiro trambolho a obstar muitos melhoramentos n'esta cidade.

Qualquer individuo emprehendedor que se apresente a requerer concessão para, com o emprego do seu capital e da sua actividade, introduzir um melhoramento do qual resulte beneficio para o publico, com vantajoso lucro para o introductor, é logo mandado á fava, pela razão de que possa com isso enriquecer.

De sorte que, só áquelles que estiverem dispostos a perderem com o seu tempo o seu capital, é que se devem fazer concessões para a introducção de melhoramentos ?

E' por esta razão que o parque do Campo de Sant'Anna nenhum attractivo possue que o torne frequentado.

E' por esta razão que esta cidade, a despeito da sua grande população e da sua riqueza, é a mais mesquinha de diversões para o povo, que, á falta d'ellas, procura no jogo de toda a especie o entretenimento que lhe não procuram dar em util e recreativo passatempo.

MESTRE NICOLAU

LETTRAS E ARTE

Trovas do Norte—por Antonio Salles—edição da Padaria Espiritual do Ceará.

São já passados alguns annos que, quando eu escrevia na *Gazeta da Tarde*, aquelle brilhante talento e grande coração que se chamou Julio de Lemos, e que ha pouco a morte arrebatou á lucta da imprensa, fez-me notar com attenção uns versos de Antonio Salles publicados naquella folha.

Não me foi preciso muito esforço para descobrir que nesses versos vibrava uma harpa, infelizmente rara neste nosso meio litterario, onde qualquer arrumador de palavras, as mais das vezes quasi sem sentido, de adjectivos que exprimem qualidades que não convém ao substantivo, arroga-se fóros de litterato e quer ousadamente fazer-se mestre; esta harpa á que me refiro é simplesmente : uma alma de poeta.

Tout le mond est poete dans un certain moment — diz Veron ; não é verdade; ser poeta não é somente ser passivel de emoção, é mais, é sentil-a, conserval-a e transmittil-a de certo modo, communicando-a inteira, completa.

E' esta a verdade: no nosso meio, onde os versejadores abundam, o que ha de mais raro é um verdadeiro poeta.

E não ha duvida que Antonio Salles é um poeta neste caso, expontaneo, natural.

A impressão geral que deixa o seu livro é excellente, e em mim confirmou a sympathia que já tinha pelo auctor. Antonio Salles é um poeta accentuadamente lyrico — os seus versos são cantos d'alma entoados na clave do amor — é um sereno e um esperançado.— A sua forma, quasi sempre, é correcta, notando-se ás veses descuidos motivados pela precipitação, como na poesia «A Elsa» cujas estrophes não guardam a precisa ordem de rimas graves e agudas. No soneto « Cœur etoile» notamos a pouca pratica do auctor de metrificar em francez. Os versos :

Chemin faisant, la nuit deroula son voile
dans le ciel blafard dés minces étoiles

e este

Le ciel m'a paru três pauvre à ce moment

não nos agradam — teem todos syllaba de menos, o 1° por contar *voile* com 2 syllabas, o 2° o mesmo em *étoiles* que tem 3 e não 4 e o 3º o mesmo em *ciel*.

Afora estes pequenos senões o livro é magnifico. As Balladas bucolicas são primores. Os sonetos Visita matinal e Soneto negativo mostram que o poeta tambem pode com vantagem cultivar o humorismo. Não citaremos cousa alguma pois, quer na 1ª parte, *Erradias*, quer na 2ª *Intimas*, salvo um ou outro descuido, tudo é bom.

Terminando cumprimentamos o distincto Antonio Salles pelo seu livro, e os talentosos rapazes da Padaria Espiritual por terem no seu gremio um poeta como Antonio Salles.

Revista Theatral

(DE LISBOA)

A' importante livraria de A. A. de Mascarenhas, estabelecida nesta capital á rua da Quitanda, devemos o obsequio da remessa dos seis primeiros fasciculos da 2ª serie da *Revista Theatral*, importante e utilissimo quinzenario litterario e artistico que se publica em Lisboa, do qual são editores os Snrs. Collares Pereira e Joaquim Miranda e tendo por collaboradores todos os bons escriptores — dramaturgos e criticos — de Portugal.

Para que se conheça o valor d'esta publicação, reproduzimos aqui o que sobre ella escreveu o distincto comediographo Gervasio Lobato, que os nossos leitores bastante conhecem pelas magnificas comedias de sua composição, que nos nossos theatros tanto têm applaudido.

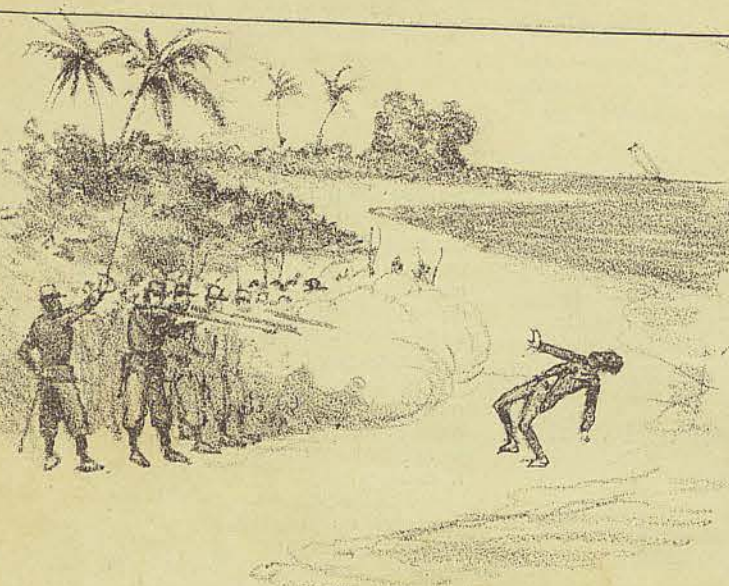
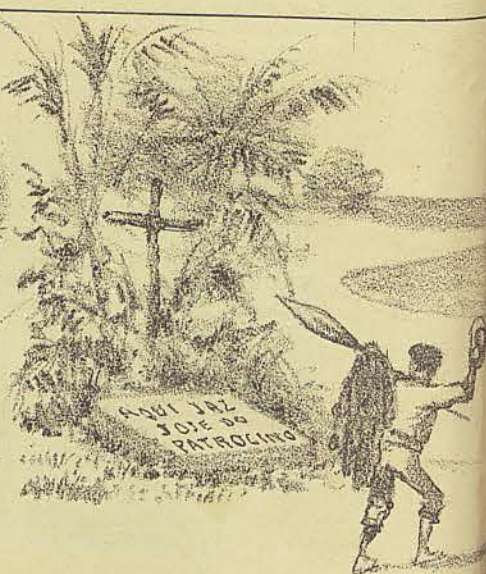
« Registraremos o apparecimento de um jornal de theatros perfeitamente novo entre nós pela seriedade, consciencia e imparcialidade com que trata todas as questões artisticas. Tem havido entre nós muitos jornaes exclusivamente theatraes mas a apparição da maior parte d'elles tem sido sempre determinada por quasquer questões de bastidores. *A Revista Theatral* não nasceu de nenhum d'estes motivos, foi creada exclusivamente para fazer critica theatral e nas suas criticas não se limita a dizer que uma peça ou um desempenho é bom ou mau explica minuciosamente a rasão do seu dito. Precisava-se d'isto como o pão para a bocca, na phrase popular. *A Revista Theatral* é um jornal que pode prestar grandes serviços á nossa arte e á nossa litteratura dramatica ».

As condições de publicidade d'este quinzenario são as seguintes:

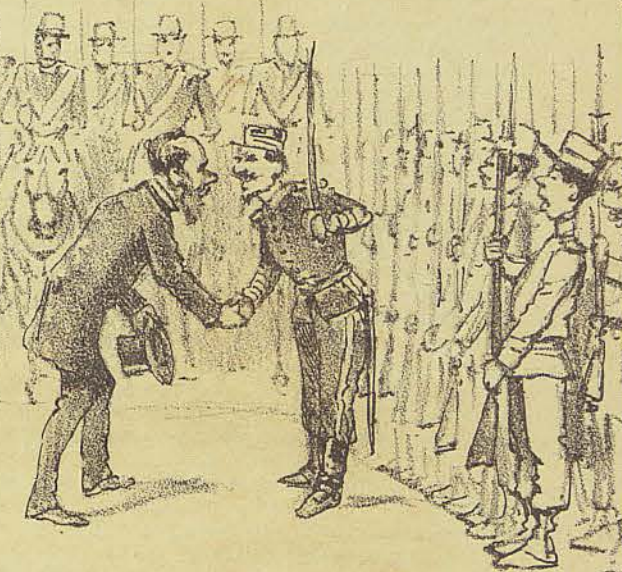
Um fasciculo em 4º, 16 paginas, duas columnas, bom papel, typo nitido, com capa e gravuras *nos numeros em que for de actualidade inserir as*, sairá nos dias 1 e 15 de cada mez.

Além destas 16 paginas, acompanham o fasciculo outras 16 paginas em 8º publicando uma peça original, de auctor portuguez, anti-

Coisas da [Se]mana

Ressuscitou este bom jornal, assim como ressuscitaram o seu redactor politico Jº do Patrocinio e o chefe de redacção Dr Dermeval, tão habil no bisturi como na penna.
Parabens aos verdadeiros republicanos.

Patrocinio ressuscitou, sim! pois que ferozes legalistas se gabavam de o terem fuzilado e enterrado na praia de Sepetiba.

O caso é que lá ... enterrado um supposto Jº do P... ...nio; o que prova o cuidado ... os taes assassinos tinham em ... ficar a identidade das suas ... ...mas.

Tambem appareceu, e com pés de lã, um novo e elegante jornal, ao qual desejamos... a chapa do estylo.

Os boatos desta semana annunciaram grande movimento entre os partidos politicos. da Bahia. – Oô cuóó! – Geté – O cuô babá!

Constou que José Gonçalves visitara a guarnição!
– Como passou, passou bem?
– Bem muito obrigado.
(Isto é grave!)

No Ceará, os alumnos da Escola Militar no sabbado de alleluia, judiaram a valer com um judas representando um alto funccionario politico.

No Rio-Grande continua a conspiração contra o Governo Central com o fim de derrubal-o.
(Côro dos Aventureiros)

Consta al... os conspiradores tencionam ... ...gar as principaes cidades ao S... e ao incendio. Esta é a politi... dos rrrrepublicanos Castilhist...

As guarnições do Paraná e Sta Catharina declararam sustentar, pelas armas o Sr Castilhos, que approveitará esse apoio para se fazer acclamar Imperador do Brasil.

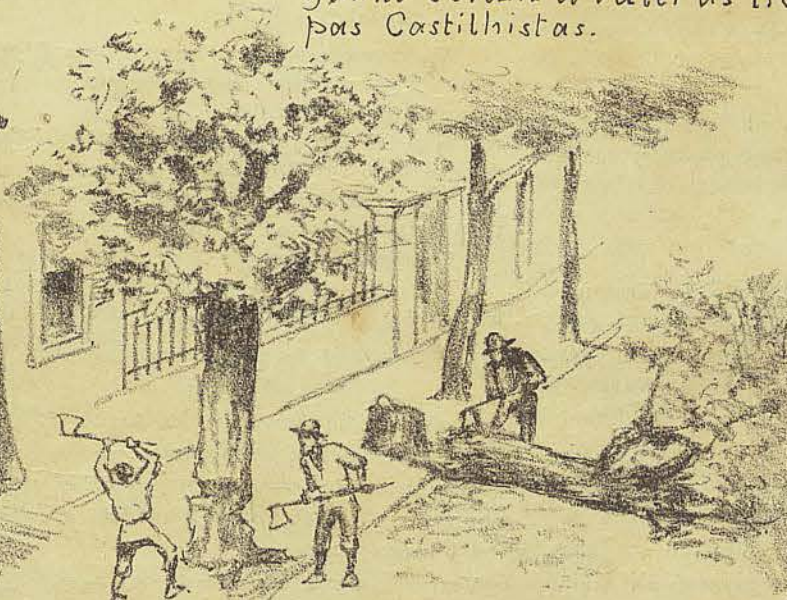
Espera-se que tal não aconteça graças aos valentes e patrioticos ganchos, que, sob o commando do Saldanha da Gama sovam a valer as tropas Castilhistas.

Á vista desta e outras razões, o Gal Moura largou as armas para pegar nas malas e... raspou-se.

Nas Alagoas o Governador barão de Traipú foi deposto pela propria policia estadoal.

Sabe-se hoje que o Sr. Prudente mandou que fosse o deposto reposto no seu posto, posto que... etc, etc. Privilegio dos republicanos-barões

O Governador do Am... ...nas tambem anda fazendo ... incendiando propriedades ... adversarios politicos e mettendo o ... ...no Tribunal Superior. (bonit...

O Sr. Prefeito, disse a "Noticia", conspira com alguns deputados...
Não é exacto. O Sr. Werneck conspira, é verdade, mas é com sujeitos mal encarados e armados de machados.

para dar cabo de todas as arvores desta infeliz capital.
Ah! Vandalos!

Com franqueza, á vista destas cousas, póde-se duvidar de que entre nós reina a anarchia e o disparate?!...

go ou moderno, formando, depois de completa, volume separado, quasi sempre com o retrato do auctor. São estes volumes que constituem a *Bibliotheca Theatral* em que, por anno, se deve publicar um conjuncto de 12 actos ou mais, offerecidos ao publico completamente gratuitos.

E', como se vê, uma publicação de primeira ordem no seu genero, e recommendando-a aos nossos leitores cremos prestar-lhes um bom serviço.

O velho e incansavel artista Facchinetti, o meticuloso pintor da nossa luxuriante natureza vegetativa, apezar dos seus setenta annos de idade, acaba de pintar, com a excellente vista que ainda possue e aquelle estylo que é só delle, um bom quadro, — uma vista panoramica de uma pittoresca chacara do Rio Comprido.

Os nossos leitores poderão apreciar mais este trabalho de miniatura (o 400? talvez que o operoso Facchinetti produzio), no estabelecimento do Snr. Cambiaso, á rua do Ouvidor.

Chamando a attenção para este quadro, julgamo nos dispensados de fazer o elogio do velho artista, pois é elle bastante conhecido pelos seus numerosos trabalhos.

L. C.

O governo da União gualardoou com uma medalha de distincção o sargento do corpo de bombeiros, de S. Paulo, Telmo Oliveira Braga, que salvou uma criança no momento de affogar no Tamanduatehy. Muito bem!

Agora uma reflexão:

Se a vida de um nosso semelhante é cousa tão preciosa, que a quem salva uma criança de ser affogada se premia com uma medalha de distincção, o que merecerão aquelles, que, sem processo que demonstre culpa, fazem fuzilar illustres cidadãos pais de familia e filhos estremecidos?

FERROADAS

A semana, benza-a Deus, começou mal.

Parece que os amigos da Ordem ás avessas e do Progresso de pernas para o ar quizeram deitar as unhas de fóra...

O governo promptificou-se a aparal-as e ellas, então... parte recolheram-se ás *bainhas* e parte *naufragaram*...

E foi uma vez uma triconspiração.

—o—

Veio depois a eleição da directoria do Club Militar, sendo distinguido com a presidencia o Snr. general Quadros.

Muito bem, sim, senhor!

— *Pelo dedo se conhece o gigante*, lá diz o proverbio.

—o—

A deposição do Snr. barão de Traipù é que me não sorprehendeu, desde que foi sabido aqui que o tribunal de Alagôas reconhecera illegitimo o exercicio de S. Ex. no cargo de governador.

Isto de um tribunal de justiça entender illegal uma cousa qualquer, é signal de que essa cousa póde ser tudo, menos uma illegalidade.

Pelo menos, ficou isso provado no caso de Alagôas, uma vez que o governo da União ordenou a manutenção do Sr. barão e declara reconhecel-o como governador.

A consequencia do acto do governo Federal deve ser a immediata deposição do tribunal, seguida de um processo de responsabilidade pelo crime de injuria á Lei.

E vão ver que é isso que se vai dar.

—o—

Pelo sim e pelo não, aconselho aos governadores dos estados visinhos e respectivos tribunaes que ponham a barba e os bigodes de molho, até ver no que param as modas...

—o—

Bem faz o Sr. Castilhos, lá no Rio-Grande do Sul: trata de se collocar na independencia das ajudas da União e começa a obrar por sua conta e risco.

Faz muito bem em conspirar, em alliciar elementos que o ponham a coberto destas venetas da União...

A ser verdade o que se diz, S. Exa. confia muito na sua Santa Clotilde, mas muito mais ainda na força de *los canhones* e de los *buques*. E se não fôra a phenomenal tenacidade dos federalistas que lá estão a provar o *aniquilamenio* da revolução, teriamos no Sr. Castilhos a reproducção de um Rosas...

Caramba!

—o—

O Sr. general Moura é que julgou prudente acabar a sua missão no referido estado.

Nada! Esta trapalhada que se chama pacificação, póde chegar tarde de mais.

Esperar que o Congresso a decida e a decisão possivel dos federalistas, é muita espera junta.

Tolo seja quem o quizer ser.

—o—

Passando do Rio-Grande ao Amazonas, vejo que o governador d'este estado tambem não resistiu á tentação de pintar o diabo.

Noticias enviadas para áqui a um snr. deputado de lá, dizem que o municipio de Teffé está agitado; — que attenta-se contra a intendencia de Manáos; que a imprensa está ameaçada e que o governador, «*fóra da lei, procura destruir o tribunal para não serem julgados os seus actos, propondo reforma da constituição.*»

E que tal?

Vão ver que o tribunal proclama a illegalidade do governador e este é deposto pelo povo e sustentado pela União...

Não foi á tôa que o Sr. Eduardo Ribeiro presenteou o Dr. Prudente de Moraes com dois dos mais pacificos habitantes do seu estado: uma anta e um porco do mato.

Com cem mil jacarés!

Este governador é mais fino do que lá de kagado!

Upa!

—o—

Assim o fosse tambem o Sr. Arthur Rockert, negociante na cidade de Campos.

Este honrado cavalheiro, sendo ha muitos annos agente do *O Paiz*, foi ha dias *exonerado* desse cargo.

Varrendo a sua testada pela imprensa, o digno cidadão affirmou que não fôra elle o culpado de que, tivesse escasseado extraordinariamente naquella cidade, a venda da referida folha, chegando o povo campista *a correr á pedra os vendedores*!

Foi imprudente o Sr. Rockert.

Não se dizem e muito menos se escreveu taes cousas.

Considere-se feliz se a reprimenda ficar só na *exoneração*, sem mais nada.

Lembre-se de que por muito menos do que o que *fez*, ha muito cidadão demittido por traidor á rrrrrrrrrrrrepublica...

—o—

Por fallar nisto: Era capaz de jurar que as pobres arvores que oxygenam algumas ruas desta cidade estão a soffrer o castigo... de haverem creado raizes no tempo da monarchia..

De outro modo, não sei, nem posso perceber a causa da selvageria de que estão sendo victimas.

O digno Snr. Prefeito é um bom republicano historico (Maio de 1888), apurado ainda no crysol da ex-*legalidade*. As arvores, coitadas, nunca fizeram profissão de fé, mas commetteram o crime de dar sombra a muito sebastianista...

D'ahi o mal... e a barbaridade de estar sendo cortado pela raiz.

O que me sorprehende, é ser o Dr. Del-Vecchio decidido partidario... das arvores, e não se oppor (e ordenar talvez) ao esquartejamento, sem processo, das pobresinhas.

Outros tempos outros costumes... (1).

—o—

Mot de la fin:

— Dize-me cá, ó Anacleto, que julgas tu que succederá ao projecto da pacificação?

— Provavelmente isto: o senado dirá: — *Passe!* Mas a camara dirá: *Fique!*

—o—

(Anacleto foi deshumanamente condemnado... a ler o — *Suicida!* — do Snr. Figueiredo Pimentel).

PERNILONGO

Espiritualismo

«Sentir» — é ter na minha mão tremente
a tua mão mimosa, alma sensivel.
«Entender» é haurir no irresistivel,
brilhante olhar, audaz poder ingente.

Ao teu sorriso, dulcido, florente,
«querer» é dominar quasi o impossivel
nesse vigor, que infundes, invencivel,
ao mesmo tempo ao coração e á mente.

Em mim amante ser, que eu cria extincto,
luta apoz almo bem, que comprehendo
synthese de um destino unico e vero.

Ninguem te sente mais do que te sinto,
nem te pode entender como te entendo,
porque ninguem te quer como te quero!

LUIZ NOBREGA

---

(1) Hão de desculpar, se lhes não digo isto em latim.

De Chapéo na Mão

Cidade do Rio

Com a mesma valentia de phrase, a mesma robustez de convicção republicana, tão categoricamente externada em sua phase anterior, reappareceu-nos a *Cidade do Rio*, em maior formato e matinal, que, para maior gaudio nosso, veio erguer a sua formidavel catapulta junto de nós.

A penna diamantina e refulgente do athletico jornalista que fulminou a escravidão, e irrita com as suas rajadas de luz os morcegos da tyrannia,—de José do Patrocinio, emfim, continua a fulgurar em suas columnas politicas, estando a chefia da redacção confiada á provada competencia do provecto jornalista Dr. Dermeval da Fonseca.

Avalie-se pelo elevado quilate destes dous chefes a qualidade dos seus auxiliares.

Comprimentando e felicitando a denodada collega pelo seu reapparicimento, fazemos votos para que jamais, nem por um só dia, seja violentada a calar a sua voz edificante e potente.

Gil Blas

Sob este titulo appareceu no dia 1º um diario da tarde, com a divisa—*Noticiar e distrahir sem fatigar.*

Os dois primeiros numeros estão realmente bem feitos: noticiam, distrahem e não fatigam.

Do seu artigo programma vê-se que o collega está disposto a não fugir á responsabilidade de dar sua opinião sobre qualquer facto politico. Mostra isso no artigo politico do numero 2, em que manifesta apprehensões pelo facto de ter o snr. Presidente da Republica aceito a exoneração do sr. general Moura, e tece enthusiasmados louvores ao primeiro magistrado da nação por ter reposto no governo o Snr. Barão de Traipú.

Como amostra de imparcialidade não está má.

O que receiamos é que o collega propenda mais para o lado dos anti-pacificadores do Rio Grande do Sul, entre os quaes, com pés de lõ, o colloca o seu artigo politico.

Desculpe o collega estas ligeiras observações, filhas de uma convicção que temos: Quem não é declaradamente pela pacificação do Rio Grande é ambuçadamente inimigo da republica de paz e de moralidade de que precisamos.

Fazemos votos para que o *Gil Blas* seja uma voz patriotica e tenha longos annos de vida.

Theatros

Emquanto o Theatro dramatico Municipal, ultimamente decretado pelo Conselho da Intendencia, não passa da resolução da lei para a execução do palco, continuemos a clamar por esses theatros que ahi nos estão a offerecer o seu matatempo com a remontagem de velhas magicas e toda essa récua de peças esgotadas e já lançadas á margem, pela indiferença publica, que nenhum attractivo mais n'ellas encontra.

Deputados provincianos recem-chegados para a sessão do Congresso legislativo; caixeiros e guarda-livros em trajes mais ou menos extra-profissionaes; jovens marciaes ostentando as cores gritantes dos seus uniformes de accordo com o gesto hespanhol de quem quer ser... respeitado; vetustos mancebos de bigodes retintos a contrastarem com a flacidez das faces chochas em que se anzolam, e, finalmente, um enxame, de *cigarras* espartilhadas a formigar por entre todos em zigues-zagues intermitentes, eis a multidão que me envolveu.

Nem um reporter ou collaborador de jornal, nem um conhecido de qualquer outra profissão a quem eu podesse dirigir um cumprimento!

Espiei para os camarotes e galerias. Só gente da roça ou suburbana de pouca assiduidade em theatros, cujas mulheres mal se animaram a deixar os seus lugares para virem arejar em meio da sociedade galante, que torvelinhava nos corredores e no terraço. Fui então sentar-me em um dos bancos do corredor o: entrada, e ahi fiquei a reflectir que ha uma grande parte da população d'esta cidade que só no Theatro Dramatico Municipal poderá ter o seu lugar de diversão e ponto de reunião.

***

E isto, que todas as noites se vê no Recreio Dramatico, é o mesmo que, em menor escala e maior pasmaceira, se vê em todos os outros theatros abertos.

***

Entremos no Theatro de S. Pedro de Alcantara:

A companhia lyrica italiana de Carlos De-Mattia, chegada de S. Paulo, tendo já estreiado com a *Gioconda* dá-nos hoje em repetição *Um ballo in maschera*, de Verdi.

A affluencia de espectadores não é grande, pois que na sala ha muitos lugares vazios, mas em compensação, que boa sociedade!

A gente sente-se bem n'aquelle meio decente e polido.

Esse ar de quem se presa, de quem sente a estima de si proprio manifesta-se no gesto, nos modos, no trage de todos os espectadores.

Evidentemente a população do Rio de Janeiro não deve ser julgada pela sociedade *habitué* dos theatros abertos.

E bom é que assim seja, e que as companhias estrangeiras que nos visitam, tenham ensejo de fazer dos nossos habitos e da nossa educação social um conceito que nos honre.

***

Como companhia de terceira ordem que modestamente se nos apresenta, sem exigencias excessivas, a companhia de Carlos De Mattia, está no caso de ser bem recebida pelo publico fluminense, sempre affavel e cavalheiro para com os artistas de todo o genero.

Não contando no seu elenco nenhum cantor de *cartello*, possue comtudo um grupo de vozes soffrivelmente igual e affinado, que torna bastante acceitavel a execução das partituras que se propõe exhibir.

O publico justamente compenetrado destas razões, applaudio francamente o *Ballo in maschera*, chamando fôra, por vezes, os principaes artistas.

Oxalá que esta companhia possa por bastante tempo demorar-se entre nós para nos dar uma compensação ás estopadas das magicas e quejandas muxinifadas a que temos estado condemnados.

SANSÃO CARRASCO.

A nossa meza

Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, sob a administração do Dr. Raul de Avila Pompeia—1891-1892, Tomo XVII —summario, fasciculo 1 Catalogo por ordem chronologica das Biblias, corpos de Biblias concordancias e commentarios existentes na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Fasciculo — 2 I Catalogo dos retratos colligidos por Diogo Barbosa Machado. II Tomo III Subsidios existentes na Bibliotheca Nacional para o estudo da questão de limites do Brazil pelo Oypach.

— *Historia da Revolta* de 6 de Setembro de 1893, publicada no *Commercio de S. Paulo.* Mais de espaço trataremos da sua importancia.

— *Nova Capital do Estado de Minas Geraes* — Uma collecção de folhetos relativos ás condições geraes para os trabalhos de empreitadas e instrucções regulamentares para a execução dos serviços a cargo das diversas divisões para a edificação da nova Capital, em Bello Horisonte,

— *Mares e Campos* — Collecção de contos originaes de Virgilio Varzea — Um bello volume de 200 paginas excellentemente impresso. Em secção bibliographica nos occuparemos detidamente deste bom livro.

— *A Toutinegra do Moinho* — Primeira parte: *Os orphãos* — Magnifico romance por Emilio Richebourg, traduzido em portuguez e editado com bellas gravuras pela antiga *Casa Bertrand*, de Lisboa, da qual é representante n'esta capital A. A. Mascarenhas, á rua da Quitanda.

— *Archivo do Districto Federal*, redigido pelo incansavel Dr. Mello Moraes, Filho. — N. 5 — Contendo importantes documentos e a copia do retrato de Luiz Vahia Monteiro.

— *A Estação* — Nº 8 de 30 de Abril de de 1895 — O magnifico quinzenario de modas da Casa H. Lambaerts & C. — Sempre primoroso.

— *Turf Club* — Convite especial para a corrida do grande premio *Pinto Serqueira*, em 5 do corrente.

— *Fragrancia* — Valsa de Aurelio Cavalcanti, para piano, editada pela casa Vieira Machado & C.

— *Revista Brazileira.* — 9º Fasciculos. — Mais um valloso subsidio para no capital litterario.

— *Versos e Rimas.* — Por Alberto de Oliveira, o mimoso poeta fluminense, que possue já a sagração do unanime applauso de quantos o têm lido. Um elegante volumesinho excellentemente impresso, que trazendo o sub-titulo de — *Primeira Parte* — nos faz a agradavel promessa de ser secundado por outro ou outros. Magnifico!

— *O Thesouro do Lar.* — Uma bella brochura, contendo bons artigos em prosa, boas poesias e excellentes gravuras, e serve de mimo-annuncio para tornar ainda mais conhecida a importante companhia de seguros de vida — *A Equitativa dos Estados Unidos* — com filial no Brazil.

— *De Alhadas & Cruz.* — Importadores de productos rio-grandenses, uma garrafa de licor de *Guaco* e outro de cognac *Gaucha*, para o D. Quixote e o Sancho Pansa tonificarem a fibra no combate pela pacificação dos conterraneos dos fabricantes d'esses productos. E' isto o que nos recommendam no seu amavel cartão os obsequiosos offertantes.

— *Club dos Fenianos* — Convite para o espaventoso baile de 4 de Maio, no qual pretendem desemvolver uma actividade dançante até hoje nunca vista.

— *Theatro Apollo* — Convite para a primeira representação da Revista — *O Major* — do laureado revisteiro Arthur Azevedo.

A todos agradecemos

D. MESARIO

L'Express typ a vapor Assembléa 70.

Abertura do Congresso.

CONGRESSO NACIONAL

LEX

A Rrrrrrrrrrrrrepublica e a Republica.

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 16

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO DE A. AGOSTINI.

R. DO OUVIDOR 109

Mensagem

Sancho Pansa. — O patrão está damnado com a mensagem do Prudente de Mais. Eu cá, que não gosto de politica, canto como na Mme Angot:

" Ce n'etait pas la peine assurément
De changer de Gouvernement. "

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno.......	24$000
Semestre	12$000	Semestre ...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 11 de Maio de 1895.

TOPICOS

Continua a discutir-se animadamente a parte da mensagem do Sr. presidente da Republica, referente á revolução do Rio Grande do Sul.

Que a palavra grave do governo sobre o caso momentoso soou e soará mal á maioria da Nação, prova-o... esse exultamento felino dos fetichistas do florianismo a desdobrar-se por ahi em desmarcadas zumbaias ao Sr. Dr. Prudente de Moraes.

Fomos dos ingenuos que acreditaram na superioridade olympica de S. Ex. a sentimentos partidarios, predominantes em certa parcialidade politica, que teve sua rasão de ser unicamente durante o afamado regimen do estado de sitio.

Chegamos mesmo a crêr que o seu manifesto, ao assumir o alto posto que occupa, não passara de mero documento de politica opportunista, eivado como está de condemnações violentas á revolta de Setembro e de apologias a quem soube resistir-lhe, umas e outras nem sempre justas e verdadeiras.

Vemos agora até que ponto nos enganamos.

Vemos que o Sr. Dr. Prudente de Moraes não sahio das raias traçadas nesse documento e continua a pensar de accordo e a contento do florianismo da gemma, que se estriba principalmente na razão possante da força...

Por mais que os chefes da revolução do Rio Grande do Sul, incluindo o Sr. Saldanha da Gama, tenham definido o caracter dessa lucta civil, dessa cruzada heroica e viril, que visa positivamente a reconquista da liberdade supprimida pelas armas fraticidas á maioria do glorioso estado, ha o empenho formal e premeditado de desvirtuar-lhe os intuitos, com um fim que escapa á comprehensão dos homens de boa fé.

Por muito que se imponha á veneração dos verdadeiros republicanos o honrado e legendario general Silva Tavares — o chefe supremo da revolução — ha o proposito deliberado de se lhe manchar as barbas brancas — tão respeitaveis como as que mais o forem — com o tisne da suspeita, como se o glorioso ancião não fosse um documento vivo de intransigencia republicana!

Nós protestamos contra isso, em nome da eterna verdade, que, afinal sobrenadará neste pantano politico, que tres annos de dictadura militar apodreceram.

Protestamos contra essa parvoice insigne, que visa, inutilmente, enxovalhar uma revolução de origem insuspeita, já moralmente victoriosa, porque tendo por escopo derrubar a tyrannia do castilhismo, obrigou-a a pedir ó amparo do braço forte da União, sem o qual estaria sepultada, ha muito, na valla commum das causas perdidas.

Protestamos, emfim, em nome de todas as consciencias honestas do paiz, contra o veso que se tem generalisado de afivelar-se a mascara caricata da restauração aos movimentos de protesto, que soem levantar-se para defeza da lei violada e dos direitos conculcados.

A parte da mensagem presidencial, que, sob um ponto de vista tão estreito e com rematada hyprocrisia, aborda a questão do Rio Grande do Sul, causou-nos, pois, profunda tristeza.

Convencemo nos de que o nosso caracter politico tem realmente baixado muito na escala dos sentimentos de justiça e de humanidade que nos definia de um modo tão sympathico perante o mundo civilisado.

O *chauvinismo* republicano, conhecido entre nós pelo nome de florianismo, tem avassallado e pervertido temperamentos politicos, que julgavamos a cavalleiro das suas emanações letaes.

Procura-se com inaudita inepcia metter a Republica em uma atmosphera de intolerancia de que ella é a primeira victima, porque, assim como a nossa possante flora não admitte o regimen atrophiante da estufa, assim tambem a instituição republicana não pode aqui medrar fechada n'um circulo de bayonetas ou nas ambições politicas de uma fracção do Brazil...

Esse trecho da mensagem, que devia ser, que se esperava que fosse, o Iris largo e refulgente da paz neste diluvio de sangue brazileiro —sahio-nos mesquinho e sombrio, nas suas proporções de mote de guerra fratricida, em nome dos despeitos de um partidarismo ferrenho.

Diante delle, accodem-nos, á refutal-o, as palavras pronunciadas pelo Sr. Dr. Prudente de Moraes, em resposta á commissão do *meeting* de applauso pela terminação da questão das Missões, palavras com as quaes terminamos estes topicos:

« Agora, concidadãos, quando a nossa alma de patriotas se ergue á altura de semelhante triumpho, é preciso que nós, que occupamos um dos mais vastos e mais ricos paizes do mundo, nós que vivemos no continente da democracia e da liberdade, façamos esforço collectivo e nobre para que no meio de tanta grandeza só não seja pequeno o homem.»

A MENSAGEM

Outra, o nosso presidente
Aó parlamento não manda,
Que ponha assim toda a gente
De cara á banda.

Gavroche.

Por ver que até o Prudente
Da guerra adepto se diz,
Ficou Gavroche contente
E o seu *O Paiz*.

Cabrion.

PELA JUSTIÇA

Ainda bem que no seio do Congresso Nacional já soaram vozes de justiça.

A primeira foi a do deputado Serzedello Corrêa, que requereu informações sobre o modo porque o poder executivo tem cumprido o artigo 10 da lei n. 695 que creou o montepio do ministerio da guerra e ás disposições congeneres dos montepios dos outros ministerios em relação aos officiaes e funccionarios publicos presos desterrados, em virtude de sentença ou sem ella, e *fuzilados*.

Solicitou mais o illustre deputado que lhe informassem se ainda está em vigor o tremebundo aviso que exclue do montepio os empregados demittidos arbitrariamente com a celebre nota (que bem se póde chamar falsa) de *traidores á republica*.

São, portanto, duas questões importantes, sobre as quaes o governo deve dar esclarecimentos... claros.

O popular e illustre representante do 1º districto fundamentou o seu requerimento com um brilhante e conceituoso discurso, que accentuou desde logo a esperada feição do seu mandato e poz a pedra no sapato da morcegada do estado de sitio.

A segunda voz foi, no senado, a do honrado militar barão do Ladario.

S. Ex. apresentou dous projectos: um cujo fim principal é facilitar ás viuvas e orphãos dos *fuzilados* a prova da viuvez e da orphandade; outro, pedindo a amnistia para todos os brasileiros civis que directa ou indirectamente tomaram parte na revolta de 6 de Setembro.

Verdadeiramente notavel pela eloquencia da franqueza foi o discurso com que o respeitado senador fundamentou os seus projectos.

A critica acerada que desenvolveu levantou no recinto rajadas de apoio e de opposição, que se cruzaram em apartes violentos.

O velho marinheiro não perdeu, porém, o rumo e disse muito bem tudo quanto lhe approuve dizer.

Quanto ao projecto de amnistia apresentado pelo nobre senador, julgamol-o francamente incompleto, por exceptuar os militares de terra e mar implicados na revolução de setembro.

Em um paiz onde o militar é só o que deve ser, comprehende-se que a disciplina offendida reclame formalidades de processo antes de se pensar em amnistia.

O Brazil, porém, inaugurou a republica com o militarismo; deu ao militar o exercicio de cargos puramente civis; fel-o politico militante, tão bom ou melhor que qualquer cidadão paizano.

Foi e é um mal, um grande mal, a origem de todos os nossos males, como aliás o reconheceu e disse o Sr. contra almirante Costa Azevedo.

Mas o que esse mal está a pedir é um grande remedio e este não consiste em prolongar barbaramente o exilio a que estão con-

demnados os que tomaram parte numa revolução que combateu de facto o militarismo.

Revejam as leis e reformen-n'as, restringindo o papel do militar ao desempenho da sua mais nobre missão que certamente não é — fazer politica.

⁂

Ha ainda outro ponto a considerar:

A mór parte das familias dos militares exilados estão por ahi a soffrer durissimas necessidades, privações atrozes, vivendo uma vida dolorosa pela saudade e pelo temor de que os chefes ausentes e sem recursos, sejam arrastados a actos desesperados.

Ora, se a viuvez e a orphandade merecem a compaixão do illustre senador, é justo que esse nobre sentimento seja ampliado até essas outras victimas indirectas da... politica.

Se áquellas pretende-se acudir com o auxilio dos montepios, acuda-se a estas com a restituição dignificada dos seus naturaes protectores.

⁂

Eis porque dissemos que o projecto do Sr. barão do Ladario está incompleto.

Sim! Amnistie-se!

Não com a avareza sordida do fraco, mas com a prodigalidade do forte.

Mesmo porque, uma amnistia geral terá pelo menos a vantagem de tornar menos repugnante a nodoa de sangue com que, mais ignobil que o punhal do sicario, a Manulicher da *legalidade* manchou o manto estrellado da Republica...

ROCHEFORT.

ASSIM,

ASSIM

E

ASSIM!

Quando o Major dominava
A todos pelo terror,
Pois que o Thesouro guardava
Tendo da força o favor,

Todos, se bem que occultando
O seu modo de sentir,
O jugo feroz, nefando
Desejavam sacudir.

Por isso, quando investido
Por soberana eleição,
Foi o Prudente escolhido
Para Chefe da Nação,

Todos, nelle pondo o culto
Da fé que n'alma accendeu,
Lhe deram tamanho vulto
Que um gigante pareceu!

Mas logo, em seu Manifesto,
O Povo, vendo-o louvar
O despotismo funesto
Que acabava de reinar,

Com pezar, vio-lhe a figura
Gigantesca diminuir,
E á mediana estatura
De um «vulgar» se reduzir.

E, não obstante, cercal-o
Do seu apoio inda quiz
Para com elle animal-o
A dar a Paz ao paiz.

Vendo-o, porem, na Mensagem,
Que acaba de publicar,
A' feroz politicagem
O mesmo culto prestar,

Já o contempla tão chato,
Tão pequeno, tão pigmeu,
Que se convence que um gato
Por uma lebre comeu.

SANCHO PANSA.

TAGARELLICES

Eu desejava possuir neste momento um porta-voz monstro com a força repercutiva de um volume e de uma extensão tal que fizesse ouvido o meu protesto desde Amazonas ao Prata por todos os habitantes desta vasta Republica.

Ouçam, pois, todos quantos este publico *D. Quixote* lerem que, como republicano, (que não exerce nem aspira exercer funcção alguma retribuida pelos cofres publicos) protesto contra a infracção constitucional perpetrada pelo governador do Estado de Alagôas e complicada pelo Chefe da Nação, Dr. Prudente de Moraes.

O artigo 72 § 2º da Constituição da Republica determina o seguinte:

«A Republica não admitte privilegios de nascimento, desconhece fóros de nobreza e extingue as ordens honorificas existentes e todas as suas prerogativas e regalias, bem como os TITULOS NOBILIARCHICOS E DE CONSELHO.»

Ora, em vista do que ahi está terminantemente estabelecido, o cidadão que desobedece a esse preceito constitucional usando teimosamente o seu titulo de Barão de Traipú, não póde exercer funcção alguma official.

O Presidente da Republica, como Chefe supremo da Nação, devendo ser o primeiro a dar exemplo de respeito á Lei, não póde aceitar communicações officiaes subscriptas por titulos nobiliarchicos e ainda menos respondel-as com o mesmo titulo.

Chamo, pois, para subscreverem o meu protesto, todos os cidadãos republicanos, sem exclusão dos proprios rrrrrepublicanos castilhistas e jacobinos.

O Sr. Barão de Traipú não póde ser Barão e autoridade republicana ao mesmo tempo.

Quem dá tão ostensivo testemunho de menospreço á Lei não póde occupar a funcção de fiel executor da mesma.

Ou ópa, ou avental, como diziam os bispos na questão clero-maçonica.

Vá, Sr. Governador de Maceió! largue o governo ou a ópa... quero dizer, o titulo de barão.

Vá, Sr. Prudente de Moraes! Ou bem que *semos* ou que não *semos*, republicanos.

Quando se quer ser Catão, é preciso sel-o de veras.

E o inverso disto é... um anagramma desastrado pela inversão das syllabas.

⁂

Responder-me-ha alguem a este protesto que *de minimus non curat Pretor*.

E eu replicarei que, não é com essas!

Para se fazer saltar uma rocha basta fazer-se-lhe um furo e lançar nelle um pouco de dynamite.

Tão gatuno é o que bate um nickel como o que *bifa* uma peça de ouro.

De mais, desde que a Constituição cogitou desse objecto, ninharia ou não, o uso de titulos officialmente, importa uma violação constitucional, que se torna ainda mais escandalosa quando commettida pelo chefe da Nação.

Nesta, como em todas as determinações da Lei, eu, apesar de ser simplesmente republicano com um ó R, sou intransigente!

Lei é Lei, e fóra della só admitto (quando não possa ser dentro della) a intervenção do poder central nos negocios dos Estados para manter a razão e a justiça, que são a ordem e a paz, quando estas forem perturbadas *seja por quem fôr*.

O bem commum acima de tudo.

⁂

E a proposito disto, não hesito em declarar que, como cidadão pacifico, disposto a apoiar o governo civil do Dr. Prudente de Moraes, sou um dos innumeros desapontados com o topico da sua mensagem, referente á guerra civil do Rio Grande.

Realmente, quando eu suppunha que acima de interesses partidarios, o Sr. Prudente de Moraes collocasse a vida dos seus concidadãos, as finanças do Estado e o credito da Nação, vem o Presidente da Republica, afinando pela estafada sanfona do Sr. Castilhos e seus partidarios, dizer *que a paz só se deve fazer pela submissão dos rebeldes ás autoridades constituidas!*

Se isto não quer dizer que a guerra civil deve continuar com os mesmos ou maiores sacrificios da união até violentar os rebeldes a submetterem-se á autoridade despotica dos algozes da sua liberdade e da vida de muitos dos seus irmãos, então é simplesmente uma banalidade digna de lastima.

Para deporem voluntariamente as armas e submetterem-se às autoridades que os oppimiam, não ha necessidade de pacificação; basta só que elles capitulem.

E neste caso esses bons desejos de paz que a mensagem entóa perdem toda a significação humanitaria e patriotica para significarem somente o egoistico desejo do triumpho sobre os adversarios que pugnam heroicamente pelos direitos de que os priva um partidario nefasto, que não hesita ante o derramamento de sangue, a devastação do solo sagrado da patria e a ruina da Nação!

⁂

Lamento sinceramente que o Sr. Dr. Prudente de Moraes abrisse assim mão do ensejo que a situação do Rio Grande do Sul lhe deparou de adquirir um valioso titulo á gratidão presente e futura de todos os bons brazileiros e ao applauso universal, para se submetter docilmente á imposição de um partido do qual, segundo a affirmação d'*O Paiz*, *é S. Ex. delegado*, alienando nessa especie de suicidio politico a confiança e a boa vontade de todos os que sinceramente anhelam a paz pelo congraçamento de todos os brasileiros, e que, em qualquer emergencia difficil o cercariam com patriotico enthusiasmo para o sustentarem.

Desgraçadamente tudo estremece ante essa passividade politica que o Presidente da Republica deixa transparecer naquelle topico da sua mensagem, e oxalá que o Sr. General Glicerio não venha, como Saturno, a devorar o seu proprio filho.

MESTRE NICOLAU.

!!!

Ora ahi está no que vem a dar a sapiencia juridica exercitada em traducções de romances, em criticas litterarias e em fantasias poeticas!

Uma soldadesca ignara ao mando de um regulo militar, invade um bello dia, á hora matinal, o lar de um cidadão que, sem resistencia se dá por preso; mata-lhe dous filhos que, desarmados, procuram defendel-o...

E a estes covardes assassinatos, um ministro do Supremo Tribunal Federal qualifica de — HOMICIDIOS LEGAES!...

Ora, Sr. Dr. Lucio de Mendonça! Com certeza a bella aptidão litteraria, que tão merecidamente o tem recommendado, fazia muito melhor figura no manejo prosaico do papellorio burocratico do que nos julgamentos do Supremo Tribunal.

Pelo amor de Deus, não se suicide!

Soberania da Roça

E' dia de eleição. O soberano
Povo eleger vae seus delegados;
Uns a pé, outros bem ou mal montados,
Os eleitores vão chegando. Ufano

O chefe do partido estadoano,
Que eleitos sejam quer seus designados,
Vae-lhes pondo um cabresto de guisados,
Queijo, cerveja e vinho zurrapano.

Faz-se a chamada, e cada qual mettendo
Vae na urna o papel, que recebera
De quem a pança alli lhe esteve enchendo.

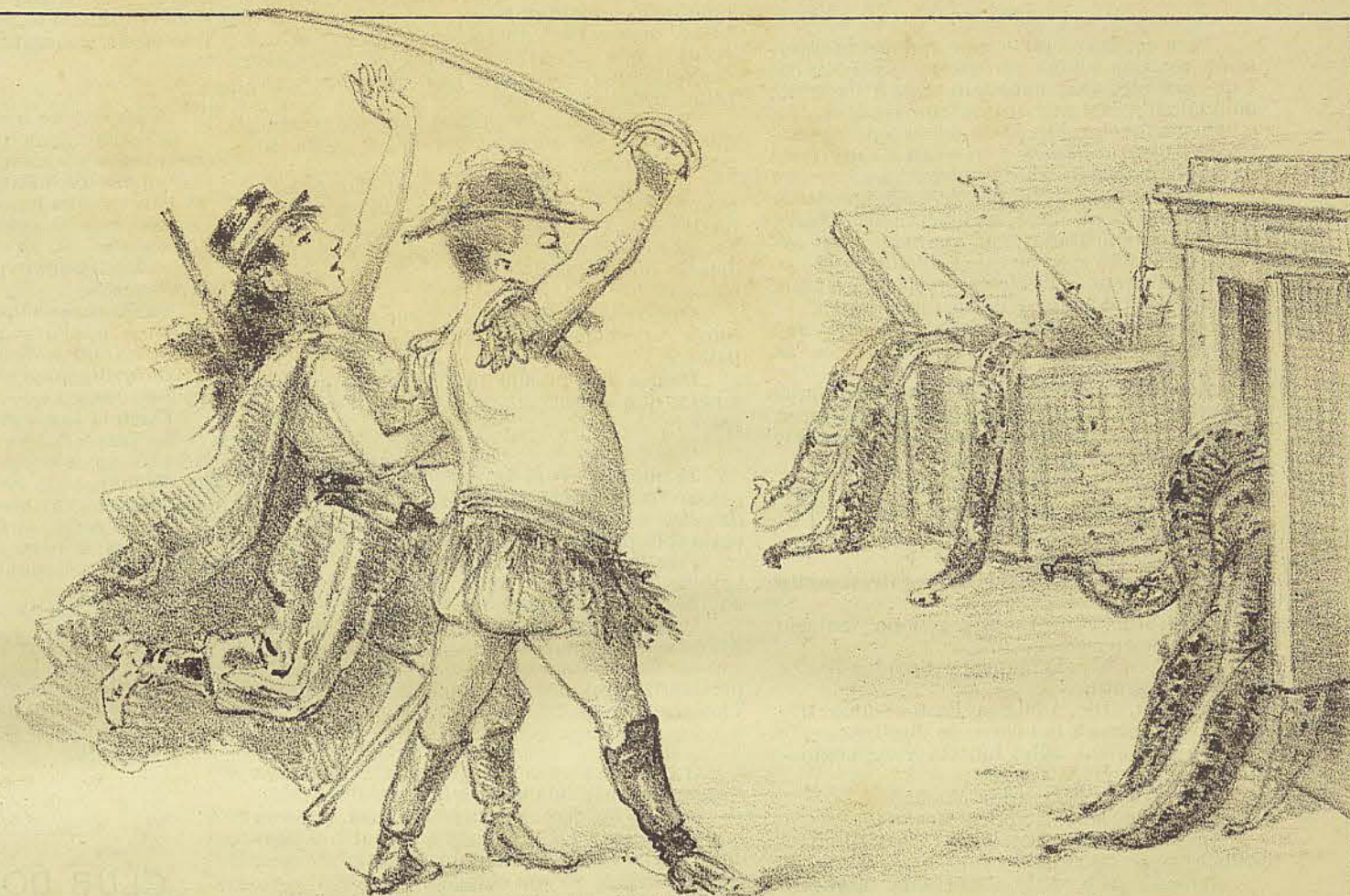
E se algum d'elles declarar quizera
Em quem votou—os nomes nem sabendo—
Ninguem diria a quem seu voto dera!

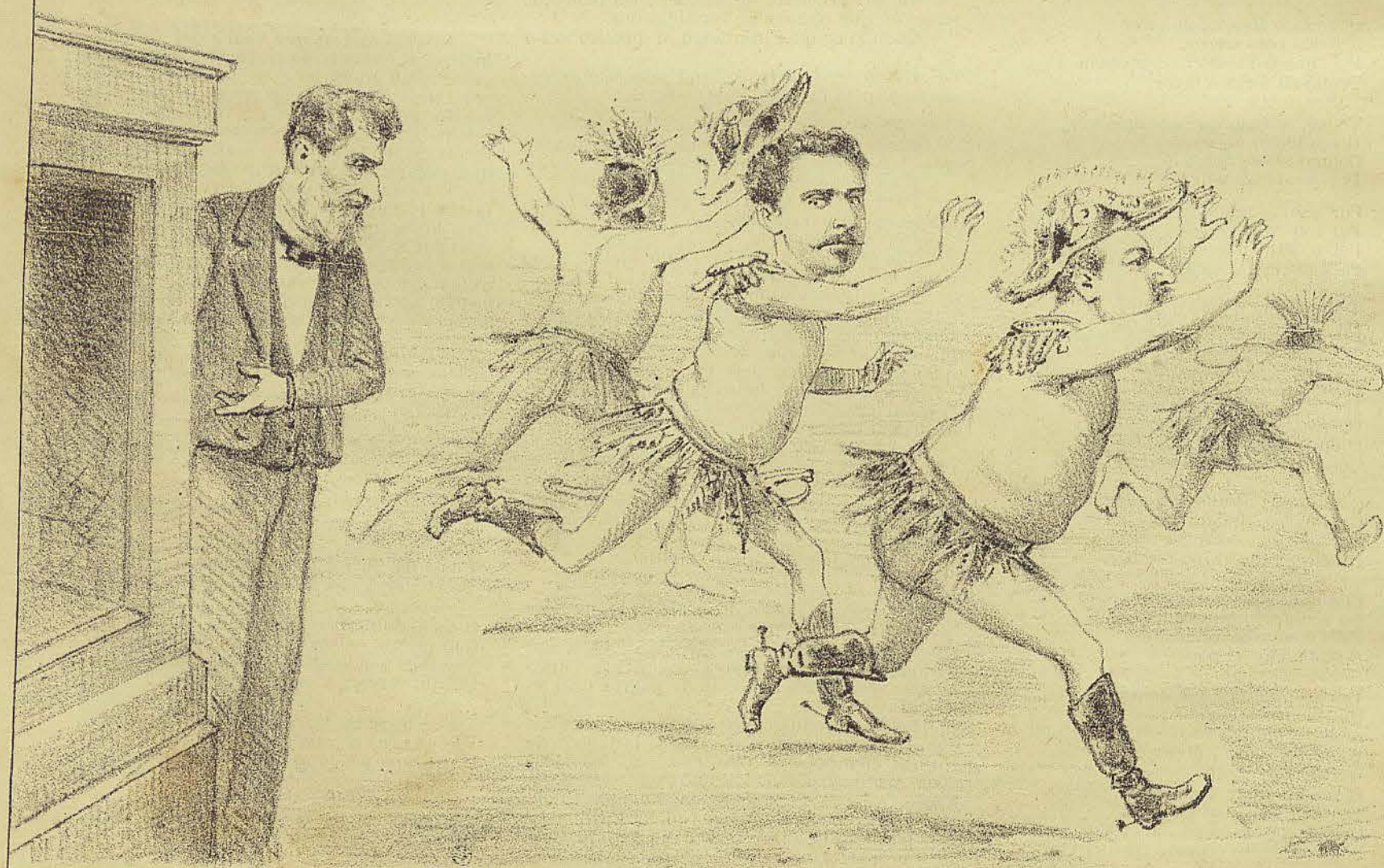
C. L.

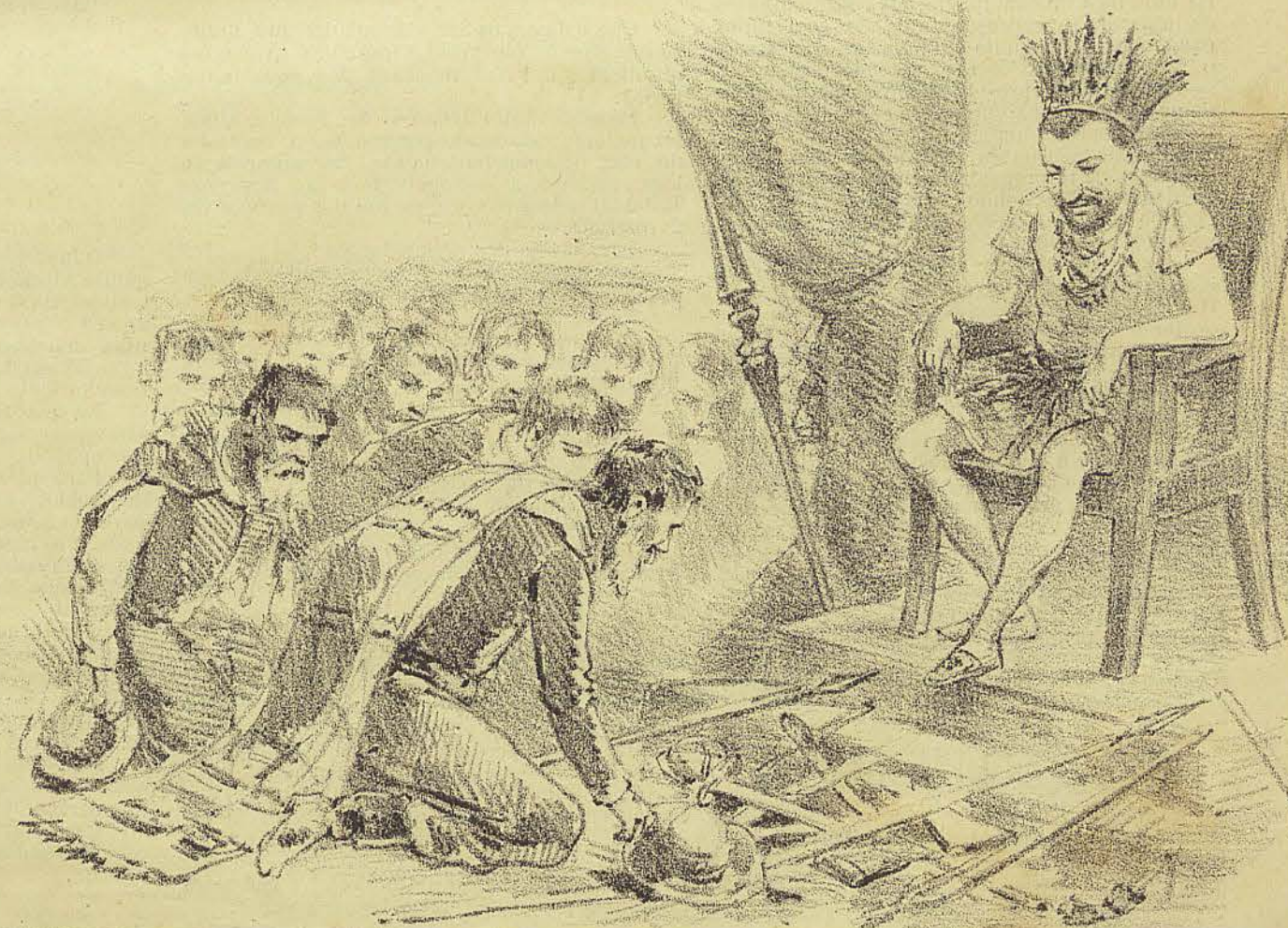
CONGRESSO

— Sabe que mais, Chico, toma conta d'ella, que eu sou homem pacato e não estou para massadas. Lavo as mãos como Pilatos.

Se o Judeu Chico não chegar a crucificar a Republica, ninguem duvida de que elle e o seu partido judiarão com Ella.
Coitada! De quantos actos de selvageria já não foi victima!...

[illegible]e me importa que me [illegible]em selvagem? [illegible] que sou general, não [illegible]nsar senão em guerra, [illegible] que custar.

— Portanto, viva a Rrrrepublica jacobina, sedenta de sangue e de dinheiro, sobretudo!

E assim continuarão os sanguesugas da Guerra a sugar os cofres da Nação, em armamentos, fornecimentos, etc etc....

Até que um dia, bem proximo, diante do Thesouro vasio, os partidarios da Guerra, em lugar de pretenderem bater os gauchos, baterão a linda plumagem

e s[illegible] os primeiros a pregarem a p[illegible] a ordem

Sem que seja necessario, como exigem hoje, que os briosos e heroicos gauchos deponham as armas e se prostrem diante do omnipotente cacique Castilhos.

SOCIEDADE ELEGANTE

Para commemorar o seu quinto anniversario, realisou o *Club Americano*, na noite de 4 do corrente, um esplendido baile á fantasia, ao qual affluiram numerosos convivas,—socios e convidados—grande parte delles em elegantes e vistosos *costumes*, o que deu a essa festa um aspecto deslumbrante e deleitavel.

Os salões da casa do Sr. commendador Nascimento Silva, onde se effectuou o baile, estavam ornamentados com apurado gosto artistico, trabalho esse de que brilhantemente se desempenharam as distinctas socias do mesmo Club que gentilmente delle se incumbiram.

De entre as muitas e ricas fantasias que tanto embellesaram esta festa, referiremos as seguintes:

Bandeira Americana, Mme. Pereira Flores que mimoseou os representantes da imprensa com um lindo cartão inscrevendo uma quadra, contendo o que nos foi offertado a seguinte:

Eu sou a linda bandeira.
Do paiz da Liberdade;
Venho trazer-vos—Progresso.
Muita paz, muita amizade.

Arlequinette, Mlle. Marieta Gonçalves, muito graciosa.

Fama, Mlle. Jujú Gonçalves—uma fantasia luxuosa e de apurado gosto;

Pescadora napolitana, Mlle. Eponina Bastos—faceira e gentil;

Bohemia, Mlle. Adalgisa Bastos—uma travessa e espirituosa bohemia, ás direitas;

Fra Diavoletta, Mlle. Julietta Nascimento—mais angelica que diabolica;

Gitana, Mlle. Margarida Machado;

Diavoletta, Mlle. America Machado;

Noite estrellada, Mlle. Alice Porto—linda e poetica;

Amor Perfeito, Mlle. Theresina Moraes—chic;

A. B. C., Mlle. Lydia Costa;

Pierrette, Mlle. Cecilia Costa;

Cerisette, Mlle. Jenny Costa.

Estas tres gentis irmãs Costa tiveram a amabilidade de nos obsequiarem com tres cartões de comprimento gravados a ponta de canivete.

Além destas que designamos, muitas outras vistosas fantasias embellesavam os salões.

Em sala reservada especialmente para isso, foi gentilmente offerecida pela digna Directoria uma taça de champagne aos representantes da imprensa e representantes de sociedades congeneres, brindando em nome da Directoria o Dr. Theophilo Torres á imprensa e ás sociedades alli representadas, no que foi devidamente correspondido e retribuido pelos respectivos representantes.

Em seguida foram distribuidos aos representantes da imprensa ricas fitas de *moire* com franjas douradas, tendo cada uma o titulo respectivo em caracteres perfeitamente identicos aos do seu jornal.

A nossa é de côr *crème* com caracteres iguaes aos que estavam na taboleta que o Russo do nosso Sancho Pansa destruio por desforço da sova que levou.

Todas estas fitas são trabalho da socia do Club Americano Mlle. Alice Porto, que na execução do mesmo revelou apreciavel aptidão, pelo que a felicitamos.

O serviço do buffet foi profuso e completo, mostrando-se a digna Directoria em extremo gentil para com todos os socios e convidados.

As danças prolongaram-se até ao alvorecer, tendo durante todo o baile tocado uma excellente banda de musica militar.

Felicitando o Club Americano pela festa magnifica com que solemnisou o seu 5º anniversario, aqui lhe endereçamos o nosso agradecimento pela amabilidade que nos dispensou.

EGO.

FERROADAS

Não sei se o meu abalisado collega *Sansão Carrasco* me perdoará a ousadia de fazer aqui um pedido ao correcto e espirituoso escriptor Arthur Azevedo.

Assisti á primeira da revista *O Major* e tive do trabalho do laureado comediographo uma bellissima impressão.

E' uma revista muito bem feita, e a critica politica que desenvolve está sufficientemente discreta e pilherica, para não offender susceptibilidades de opiniões.

Ha, entretanto, a phrase final do 1º acto, que destoa da afinação geral, se assim me posso exprimir.

E' a do Anjo da Paz, se me não falha a memoria, que vem deitar agua fria na fervura da discussão, affirmando cathegoricamente:—*Enganam-se! Os revoltosos acabam de fugir diante da esquadra legal!* (Salvo erro ou omissão.)

Ora, essa phrase, além de ser quasi insultuosa, é de uma inverdade historica, que espanta!

Dahi o meu pedido ao Arthur:—Supprima a péta, que o seu *Major* não diminuirá de valor!

***

Já que fallei em inverdades, não deixarei passar sem a minha ferroada a que existe na mensagem presidencial, acoimando de suspeita á Republica a revolução do Rio Grande.

Francamente, senhores: para se repetir ballelas deste jaez não valia a pena fallarmos em pacificação.

Ou eu não sei onde tenho o nariz, ou este prurido de se fallar em «restauração» é uma especie de *conto do vigario* com que a rabulice partidaria pretende continuar a engazopar o Thesouro.

***

O caso da mensagem veio mais uma vez revelar a sensibilidade de *mister* cambio.

Porque eu digo sensibilidade, não pensem que me refiro á instabilidade material do legendario inglez: refiro-me a qualidades moraes, á sensibilidade do seu coração.

O cambio foi talvez a primeira entidade a dar mostras da sua desapprovação á parte da mensagem que se refere ao Rio Grande:—baixou um ponto em signal de pezar.

Não te saúdo, oh! cambio dos nossos peccados, embora mostrasses possuir um coração de ouro!

Não te saúdo, porque a baixa que operaste, pela tristeza que sentiste, vai-me sahindo muito cara!

E não é com tristezas que se pagam dividas...

***

Que o digam os Srs. intendentes que, muito sensatamente, elevaram a um conto os magros quinhentos mil réis mensaes dos seus honorarios.

Fizeram muito bem e o Sr. Prefeito ainda fez melhor, mandando pagar-lhes o continho de réis, independentemente de autorisação legal, segundo a denuncia feita ao Supremo Tribunal pelo directorio de um dos partidos do 2º districto.

Pura inveja dos denunciantes!

Isto de *legalidade* em se tratando de taes ninharias é ninharia muito maior.

Nada! Pague-se bem a quem trabalha.

Exija-se apenas que o trabalho seja limpo e de verdade, uma vez que o dinheirinho não é sujo nem falso...

***

Na Camara dos Deputados vai accesa a peleja pela divergencia entre maioria e minoria na eleição da mesa.

Aquella entende que o Sr. Rosa é uma flôr e esta concorda com isso, mas acha que os espinhos da *silva* que liga o Sr. Rosa ao Sr. Barbosa Lima, além de duros de engulir, são picantes de mais.

A proposito, o Sr. Zama deitou a mão cheias o tempero do seu conhecido *sal da opportunidade*, de sorte que a discussão do dia 9 esteve já muito salgada.

O Sr. general Glycerio da maioria, *xingou* a valer os eleitores do Sr. Serzedello e mostrou que trazia na ponta da lingua a politica da mensagem, a respeito da pacificação.

Mas o que mais me deu no gôtto, foi sua Ex. accentuar e ampliar o que *O Paiz* já escrevera:—que o presidente da republica representa... o partido que o elegeu!

O caso não é para um *tableau*! e sim para fazer uma pergunta, muito humildemente:

— Quando haverá presidente, que represente... a Nação?

Naturalmente, quando a Nação fôr do partido do Sr. general Glycerio...

***

Acabo de ler o seguinte:

«Foram lidas no senado as informações enviadas pelos commandantes dos 2º, 3º, 4º, 5º e 6º districtos militares,, a requerimento do Sr. barão do Ladario; *affirmam não ter-se dado nos districtos por elles commandados um só fuzilamento,*»

— Mas quem é que duvidou da veracidade da affirmação?

Quem suppoz que se tivessem dado fuzilamentos no Paraná e Santa Catharina, sem contar os outros districtos?

O fuzilamento suppõe a existencia de um processo, ainda que summario.

Existem esses processos?

Se não existem, são profundamente verdadeiras as informações prestadas ao senado, que, pela voz do Sr. Ladario, pedia informações sobre os fuzilamentos.

O que houve foram assassinatos.

O caso da resposta foi o da pergunta e...

— Viva a Republica!

***

Rrrrrr! — rrrrr! — rrrr! — rrrrr!

— Sentido!

Passa o general da maioria, que vae aguentar o repuxo na Camara.

Rrrrrr! rrrrr! rrrrr! rrrrr!

Pum! Pum!

PERNILONGO.

CLUB DOS FENIANOS

Esteve animadissimo o baile que os hilariantes Fenianos realisaram no sabbado proximo passado.

Foi numerosa a affluencia de eleganteso deidades libertinas e enorme o enthusiasmdos foliões amantes d'aquelles *sarãos* estupefacientes.

A amavel Directoria, já se sabe, foi, como sempre... chapa n. 1 na ordem laudatoria.

Dançou-se até o amanhecer.

CARDENIO.

GRACIAS

O laborioso e intelligente industrial Sr. Fernando Alves de Souza Alão, acaba de obter da Inspectoria de Hygiene e Assistencia Publica, após a competente analyse, a approvação de uma deliciosa bebida por elle preparada de laranjas amargas, que é ao mesmo tempo um bom antidoto contra o frio e a falta de apetite.

Na quadra friorenta e humida que vamos atravessar, o producto do Sr. Alão vem muito a proposito.

Para quem não ignora que a maior parte das bebidas importadas do estrangeiro são preparadas com alcool extrahido de certos cereaes e até de madeiras, e, consequentemente nocivas, julgamos desnecessario recommendar a preferencia das bebidas nacionaes, todas, sem excepção, preparadas com alcool obtido da canna de assucar e de excellentes fructas sacarinas, que possuimos.

A *Alcoolina de laranjas amargas*, preparada pelo Sr. Alão está no caso de supprir com grande vantagem para a saude, qualquer cognac das melhores marcas que importamos.

Da prova que fizemos, da amostra com que nos obsequiou colhemos a confiança com que o recommendamos.

Usem, pois, a *Alcoolina* de Alão, e aceite este o nosso agradecimento pelo presente que nos fez.

CABALLERO DE GRACIA.

THEATROS

Não julguem os que têm lido o que aqui tenho escripto systematicamente contra esse genero de peças theatraes que, de alguns annos para cá, tem sido em *todos* os nos theatros o *unico* genero em exhibição, estragando o gosto e o caracter ao mesmo tempo dos actores e do publico, e banindo da scena o drama e a comedia litteraria e moralisadora, não julguem, digo, que sou infenso a esse genero especial de critica em acção chamado — *Revista*.

Eu aceito de muito bom grado, e até aprecio devidamente as revistas de anno, como analyses criticas dos factos occorridos que mais possam influir na vida social da população em que elles succedem.

Bem architectadas e escriptas com espirito verdadeiramente critico, dirigido por um criterio de justiça bem orientado, as revistas podem ser boas obras d'arte muito apreciaveis e uteis.

Nestas condições, porém, não é facil a qualquer fazer uma revista.

Enfeixar factos mais ou menos importantes em aggrupamentos desconnexos dos personagens symbolicos ou verdadeiros, usando de linguagem chula, por demais fresca e pouco limpa, para provocar a gargalhada alvar da platéa basbaque; sem espirito de analyse critica ou humoristica a dirigir a razão; mas concentrando todo o seu merito em deslumbramentos de scenarios e vestuarios requintados por desnudamentos de fórmas mulheris a remexerem-se em reboleios choreographicos de baixa escola fandanga, a escandecer os sentidos e escandalisar a moral, eis o que uns pretensos revisteiros engendram, e a sordida cobiça de uns emprezarios tendeiros enscenam com o nome de *Revistas*!

Destas pachuchadas comicas sem arte, sem critica e sem decoro, livre-nos Deus e a policia a bem da moralidade publica e do bom gosto que deve caracterisar uma sociedade polida.

* * *

Com o titulo de *O Major*, está se representando desde 3 do corrente no theatro Apollo uma Revista do bem conhecido escriptor Arthur Azevedo.

Fui vel-a na primeira representação e não reputo mal empregada a attenção com que a apreciei desde o prologo até ao ultimo quadro.

Conheço o talento e a aptidão do autor para obras desse genero, como não desconheço o seu modo de pensar e de sentir em relação aos factos que mais influiram na nossa vida social durante o anno que serve de assumpto a essa *Revista*.

Parecia-me por demais escabroso o trabalho de uma *Revista* analytica dos acontecimentos desse anno, e, o proprio titulo de *O Major* me fez receiar um insuccesso para o bem acreditado escriptor.

Felizmente para mim, para elle e para o publico, tal não aconteceu.

Um bom senso admiravel presidio á elaboração d'*O Major*, e eu e o publico sahimos satisfeitos do theatro depois de havermos merecidamente applaudido o autor.

A despeito do modo de pensar e de sentir de que fallei, Arthur Azevedo, com uma habilidade e criterio nada communs, conseguio encadear em uma analyse discreta e cheia de bom humor, os factos principaes do anno passado, formando uma bella serie de quadros cada qual mais agradavel.

* * *

O Major não tem, como a *Cocota*, uma acção esqueletica á qual se vão annexando naturalmente os factos que são objecto da Revista, formando um conjuncto artistico e connexo.

A acção oriunda do prologo, (o mais artistico e o mais bello dos quadros) que se estende até ao fim na disputa entre a *Politicagem* e a *Paz*, é por demais singela para constituir o tronco principal do agrupamento dos factos, que n'elle se vão ramificando.

Em compensação, porem, ha em todo o correr da peça exposição muito boa, espirito delicado (salvo o da dor dos joelhos, que é uma pilheria salgada de mais) e, sobre tudo, critica muito picante, principalmente a do Cassino, que é cruel, posto que merecida.

E, como qualidade excellente para recommendar *O Major* á boa aceitação da gente seria, ha ainda um louvavel commedimento de danças frescateiras, cousa de que já se faz um abuso intoleravel.

Não será para admirar que, por causa desta e de outras boas qualidades, que possue, a *Revista* de que trato deixe de fazer a carreira lucrativa que outras têm feito, attenta a perversão do gosto a que chegou uma grande parte da população que mais frequenta o theatro. Se tal acontecer, será isso um facto abonador do merito da excellente Revista, pois está evidenciado por frequentes exemplos que, quanto mais tola e indecente é uma peça, tanto maior entre nós é o seu successo.

* * *

A enscenação e a representação d'*O Major* nada deixam a desejar. Todos os artistas representaram bem os seus papeis, sendo Mattos muito feliz na reproducção do typo de um *collossal* actor exotico, muito desengonçado, que faz as delicias da beocia espectadora dos theatros frascarios.

Composta em sua melhor parte de actores discretos e moralisados, não se dá na companhia do Apollo o abuso altamente reprehensivel que se dá em outras companhias: o da collaboração estupida de certos actores — muito sem cerimonia — nas peças que representam, chegando a desfigural-as de uma maneira escandalosa em detrimento do credito dos autores e do respeito publico.

Estou certo, por isto, que a *Revista* de Arthur Azevedo será em todas as suas representações sempre a mesma que se exhibio na primeira.

* * *

Por um imperdoavel descuido de paginação o meu artigo do numero anterior a este foi desfalcado em um extenso periodo referente ao theatro *Recreio Dramatico*, e no qual tratava da companhia da graciosa artista Pepa Roiz, e do capricho com que enscenou o *Tim tim por tim tim*.

Da falta deste periodo resultou um certo desconchavo entre o primeiro e o segundo do dito artigo, como o leitor naturalmente havia de ter notado.

Sou adverso a erratas, tanto mais quando vêm oito dias depois, mas não posso dispensar-me de clamar contra aquelle *clamar* que, em vez de *flanar*, lá está no primeiro periodo a fazer tão triste figura.

Que ao menos este erro fique corrigido.

SANSÃO CARRASCO.

P. S. — Para aquelles que nunca leram a monumental obra de Miguel Cervantes, e por isso ignoram a razão de ser do pseudonymo que uso, declaro que *Sansão Carrasco* é um bacharel de Salamanca, que no *Don Quixote de la Mancha* representa um importante papel.

S. C.

O elegante collega *Gil Blas* muito gentilmente acudio a desfazer umas duvidas que tivemos e manifestamos, a respeito da sua orientação politica.

Gil Blas declara-se partidario da pacificação do Rio Grande do Sul e isto honra-o muito principalmente depois que a mensagem presidencial *dobrou a finados* em relação á guerra que esphacela o glorioso estado e os cofres do thesouro da União.

Gil Blas explica, porem, que quer a pacificação real e não pela deposição do Sr. Castilhos e a subida ao poder dos federalistas. Perfeitamente de accordo. Nós tambem somos pela pacificaçãa real e esta não pode ser feita senão pela intervenção do governo federal em nome da constituição da republica offendida pela constituição imposta pelo Sr. Castilho ao Rio Grande.

Realisada essa intervenção e nomeado um homem de bem, imparcial e energico, para presidir a uma eleição livre, far-se-hia a reforma da constituição estadoal, e, entretanto, voltariam a paz e a ordem ao seio da desolada familia rio-grandense... a menos que o castilhismo não quizesse fazer agua suja.

Dado este pequeno cavaco, avente comnosco o collega a hypothese da pacificação pela subida dos federalistas ao poder...

Suppõe *Gil Blas* que elles são homens para para praticar no governo os crimes que o castilhismo tem praticado?

Duvide.

Elles que, como revolucionarios, têm dado exemplos de humanidade ás forças legaes, saberiam governar sem o facão degolador que é o symbolo mais expressivo do actual governo do Rio Grande.

A NOSSA MESA

A Cigarra — Desenhada com o aprimorado gosto artistico que individualisa o brilhante talento de Julião Machado, e escripta com a verve accentuadamente caracteristica de Olavo Bilac, appareceu-nos o 1º numero da elegante e espirituosa *Cigarra*.

Imagine-se o «Ah!...» e o «Oh!» exclamativos que as suas bellas paginas arrancaram á nossa admiração.

Que chic!

+

O Pequiry — N. 1. Um bellissimo periodico politico, litterario, muito bem impresso e muitissimo bem escripto que se publica em S. Pedro do Pequiry, no Estado de Minas Geraes.

Pode muito bem servir de modelo e até de orientador aos seus congeneres da Capital Federal.

+

Mecenas — N. 6. Outro periodico litterario que se publica em Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, sob a direcção de Andrade Neves Neto.

Traz bons artigos sobre assumptos sociaes e litterarios e bons versos.

+

Revue Medico-Chirurgicale do Brèsil — N. 4. 3me annèe. Importantissima revista scientifica que se publica nesta Capital, em francez, sobre a illustrada direcção do distincto clinico Dr. A. Brissay.

+

Revista Maritima Brazileira — Anno XIV, n. 9. Importante, como sempre.

+

Banquet offert au Corps Diplomatique à Rio de Janeiro — Revoltante opusculo escripto em francez, e publicado com a assignatura de Lutz Jacome de Souza Abreu.

+

A politica do assassinato — Uma pagina da historia pernambucana, pelo distincto deputado ao Congresso Federal Dr. J. Gonçalves Maia.

E' um pequeno volume em que o autor condensa o que chamou «um incidente jornalistico» de uns dias, e compendia um trecho d'essa politica vermelha que constitue o assassinato um expediente de governo.

+

Revista geral dos trabalhos da construcção da nova capital do Estado de Minas Geraes, publicação periodica, descriptiva e estatistica, feita com autorização do governo do Estado sobre a direcção do engenheiro chefe Dr. Aarão Reis.

Obra volumosa, de consideravel importancia, contendo, além do indicado no seu frontispicio, excellentes photographias de retratos e paisagens, bem como mappas e plantas topographicas muitissimo apreciaveis.

+

Mensagem, apresentada ao Congresso Nacional em 3 de Maio de 1895 pelo Sr. Presidente da Republica, Dr. Prudente J. de Moraes Barros.

+

Relatorio e synopse. — Dos trabalhos da Camara dos Srs. deputados relativos ao anno de 1894.

+

Convites:

Do Gremio Polymathico Bittencourt da Silva. — Para o sarau dramatico commemorativo do seu 8º anniversario, no Lycêo de Artes e Officios em a noite de 8 do corrente.

Gremio da Tijuca. — Para a *soirée* de iniciativa offerecida á digno Directoria do mesmo, a realisar-se no dia 11 do corrente.

Jockey-Club. — Para a corrida do dia 13 do corrente, no Prado Fluminense.

Musicas:

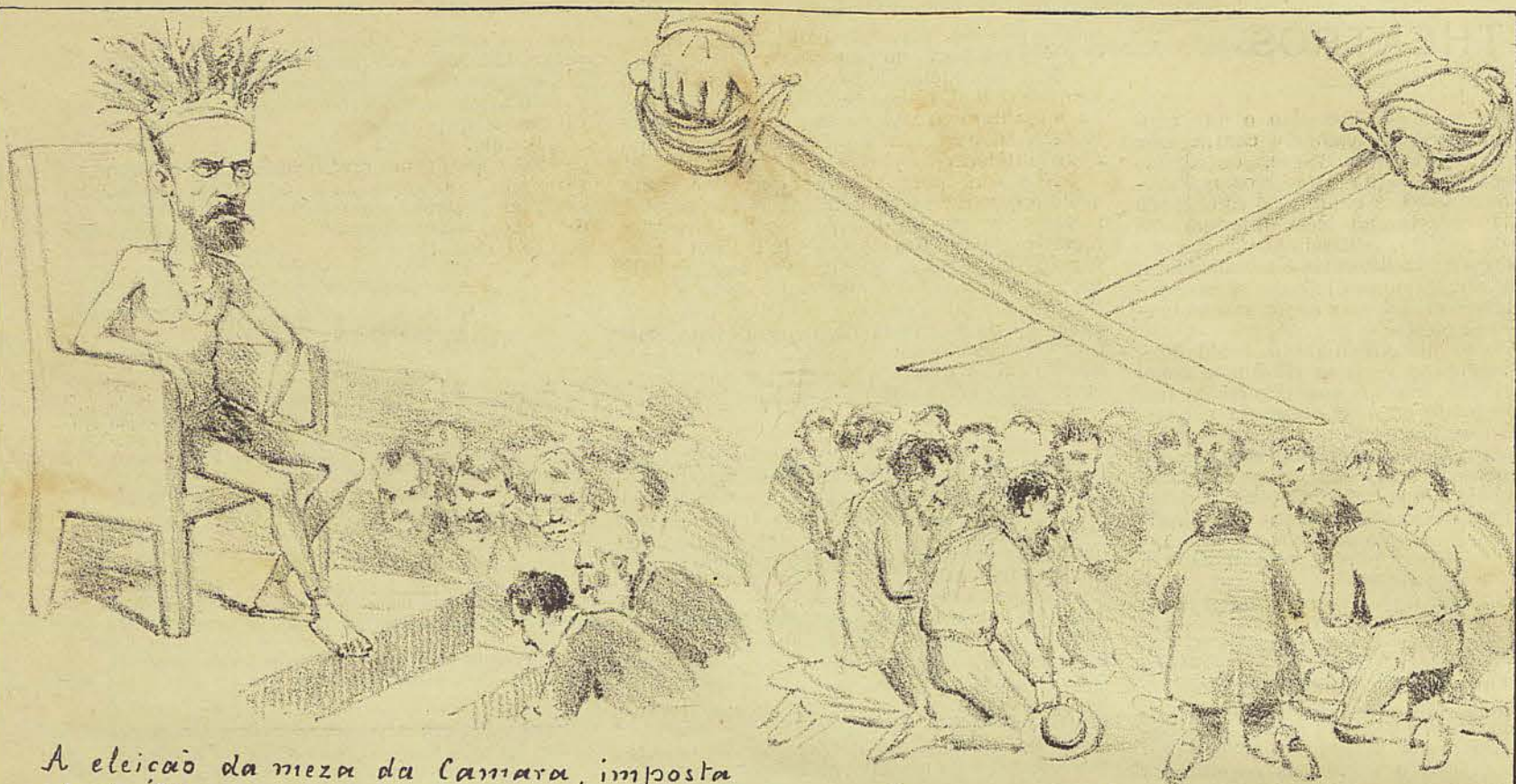
Saudosa. — Valsa por Oscar Carneiro.

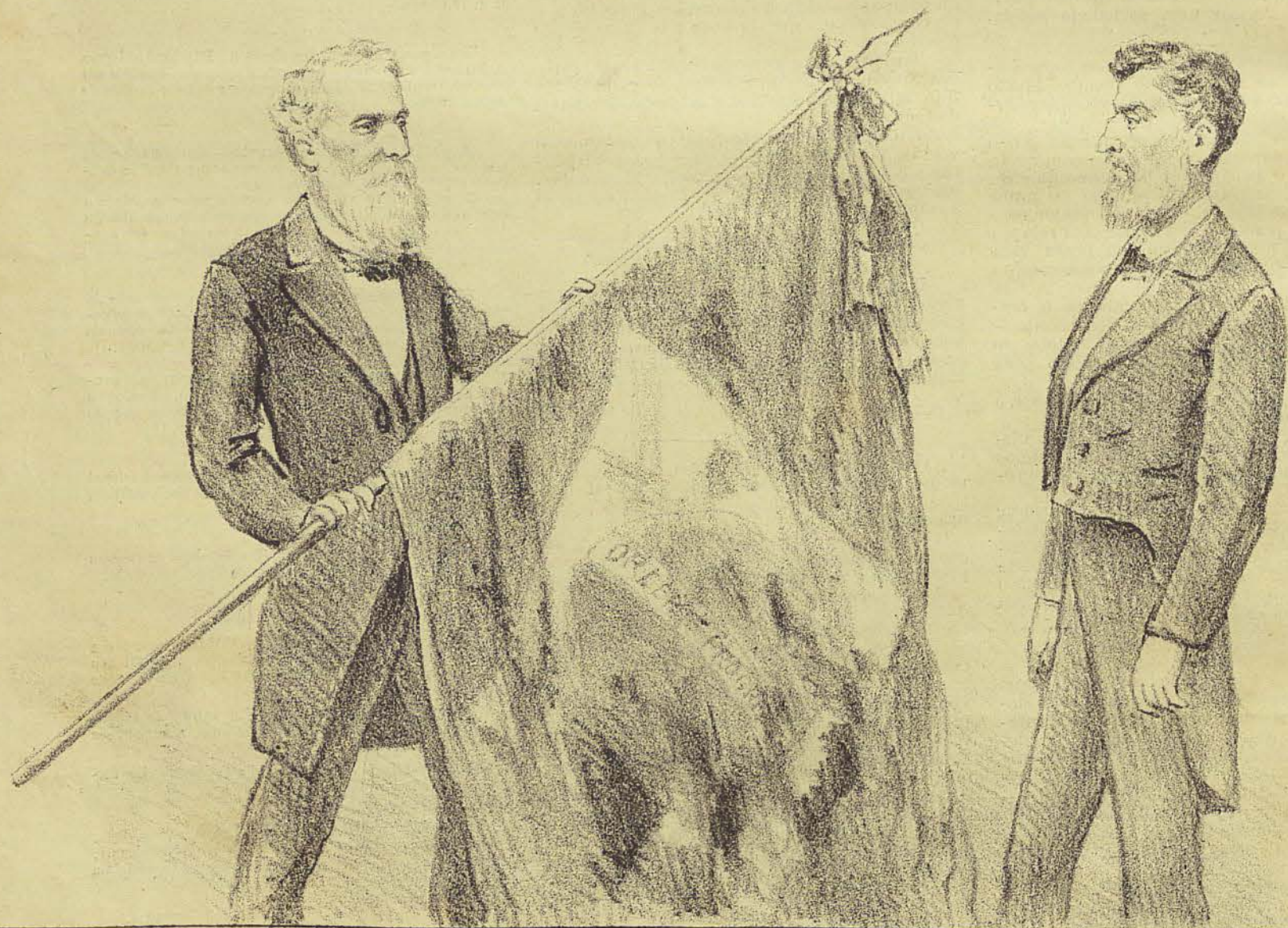
Pernambucana. — Polka por Aurelio Cavalcanti.

Duas lindas peças para piano editadas pela acreditada casa Vieira Machado & C.

A todos agradecemos.

D. MESARIO.

Typ. L'Etoile du Sud, *r. S. José 102*

A eleição da meza da Camara, imposta pelo Sr Glycerio, veio provar que a maioria sustenta a politica do cacique de Pernambuco. Curve-se, portanto, o povo pernambucano ás imposições do partido Glycerista

Curvem-se, tambem, os paranaenses e Catharinenses sob o jugo despotico da espada, e . . . Saude e fraternidade!

O Sr Senador Barão de Ladario, justamente indignado, reclama do Presidente da Republica que mande lavar as manchas de sangue da bandeira nacional nodoada em S.ª Catharina e no Paraná pelos delegados da legalidade.

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 17

DON Q...IXOTE

JORNAL ILLUSTRA... ...ANGELO AGOSTINI

R. OUVIDOR 109

! ! ! !

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno.......	24$000
Semestre	12$000	Semestre ...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

A Administração.

DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 18 de Maio de 1895.

TOPICOS

Hypocrisia e má fé—eis o que vigorosamente caracterisa, como nós esperavamos, depois da mensagem presidencial, a feição politica da maioria da camara dos Srs. deputados, em relação á grave questão do Rio Grande do Sul.

Emquanto uma troveja biliosamente negras calumnias a respeito dos federalistas e dos intuitos da revolução—a outra balbucia em tom ridiculamente plangente «que todos desejam a paz na familia brazileira».

Se nos fôra licito o rir, neste doloroso periodo politico que atravessamos, nós responderiamos á má fé e á hypocrisia da maioria do Sr. Glycerio, com uma gargalhada monumental!

Mas, não!

O momento é de sacrificios, é de exemplos de mansidão e de tolerancia evangelica a quem se mostra tão intolerante e tão bravo.

A maioria glycerina da camara increpou a maioria da imprensa desta capital de estar «divorciada da opinião publica».

Nós, que nos honramos de pertencer a esta maioria que pugna pela pacificação do Rio Grande, em nome da lei, da humanidade, do bem commum da Republica, que não podem ficar á mercê nem de qualquer carrasco, nem de qualquer inepto, poderiamos, retaliando, increpar a maioria da camara de estar radicalmente divorciada da maioria da Nação.

Não o fazemos, porém.

Preferimos, simplesmente, pedir a quem nos lê o favor de reter de memoria o nome do Sr. deputado Medeiros e Albuquerque, que, com o assentimento pleno dos seus collegas da maioria, foi o autor da increpação á maioria da imprensa desta capital.

A maioria do Sr. Glycerio, nervosa e agastada, vocifera que todos pedem a paz do Rio Grande do Sul, mas que ninguem aponta um meio pratico de se realisar essa aspiração.

E, então, tomando attitudes de tragedia barata, pergunta cavillosamente—se se quer a deposição do Sr. Julio de Castilhos e a entrega do poder aos revolucionarios.

A maioria não vê outro meio.

Ou esse—que ninguem admitte—ou a submissão do brio e do heroismo á tyrannia, da victima ao carrasco, isto é, dos revolucionarios federalistas á autoridade do regulo do Rio Grande—como impõe o Sr. Glycerio, que nesta questão de dignidade faz o papel conspicuo do bom julgador do proverbio...

Entretanto, a maioria da camara, a não querer representar o papel do peior cego, tem dentro de si mesma quem lhe póde suggerir o meio legal e digno para todos, de pacificar se o Rio Grande do Sul.

E' o Sr. deputado Medeiros e Albuquerque.

S. Ex. provou pela imprensa, não há muito tempo, que a constituição do estado do Rio Grande do Sul fere de frente principios essenciaes, estabelecidos na Constituição Federal da Republica dos Estados Unidos do Brazil...

Se o Sr. Dr. Prudente de Moraes, embora representando o partido de que o Sr. Glycerio tem o bastão da chefia, deseja, comtudo, prestar serviço real á tranquillidade da Republica; se ainda está no exercicio supremo de primeiro magistrado da Nação, guardâ avançada da Lei e seu fiel executor—porque á decisão de tribunal competente não submette S. Ex. este caso da inconstitucionalidade da constituição do Rio Grande do Sul?

Se ha duvidas—como ha—sobre a legitimidade das auctoridades constituidas em virtude de um estatuto illegal perante á Lei Geral da Republica—porque, antes de tudo, não se apura este caso gravissimo?

Como prestar-se o apoio das forças legaes da União ao partido castilhista, que, na phrase de um deputado da maioria, «*não tem sabido guardar a primeira das virtudes republicanas—a tolerancia*», sem que a Nação tenha pelo menos a certeza de que o chefe de tal partido exerce o lugar de presidente do estado em nome de uma constituição que está em perfeita harmonia com os principios estabelecidos na Constituição Federal, como determina o artigo 63?

Parece-nos que o Governo Federal tem o dever rigoroso de zelar pela inviolabilidade da Constituição da Republica.

E se ha uma constituição estadoal que ataca principios geraes daquella, cumpre ao governo promover meios de reformal-a, começando por annullar os poderes constituidos segundo a lei violadora.

Não se trata de fazer a pacificação do Rio Grande do Sul, por este ou aquelle modo, com ou sem submissão dos revolucionarios, transigindo ou não com os chefes federalistas:—trata-se de cumprir e fazer respeitar a nossa Constituição, perante a qual todo o cidadão tem o dever de curvar-se.

Não se pede sentimentalismo—pede-se Lei e Justiça para todos.

Uma decepção!...

Com este titulo, a *Gazeta de Mogy-Mirim* de 12 do corrente, em brilhante artigo de fundo orientado por uma elevada comprehensão dos verdadeiros interesses da Republica e da Patria, assim se manifesta em relação á Mensagem presidencial de 4 do corrente:

« Para a grande maioria do paiz, foi uma enorme decepção a mensagem do Sr. Prudente de Moraes, lida perante os representantes do... estado de sitio, no dia 4 do corrente mez!

Para nós, porém, foi apenas a dolorosa realização de uma prophecia, mais de uma vez feita destas columnas!

Dissemos, effectivamente, que nem o Sr. presidente da Republica e nem a *chancellaria* da dictadura fariam coisa alguma, em favor da pacificação do Rio Grande...

E para tal affirmar tinhamos duas excellentes razões: a primeira era que o Sr. Prudente de Moraes assumira o governo do paiz, em consequencia de um conluio entre a *gente* de S. Paulo e o *phantastico* partido republicano federal do Sr. Glycerio, tendo como clausula principal a sustentação do Sr. Castilhos, no Sul!

Pretexto: intuitos restauradores da revolução!

Segunda razão: os designados do estado de sitio levaram esta incumbencia—dizer amen a todos os desembaraços da dictadura!...

A mensagem presidencial define uma situação e retrata um individuo!...

Alli está a horripilante phothographia de um caracter frouxo, ou, quem sabe si, refalsado e a representação exacta do triste estado de desmoronamento das nossas instituições, das finanças e da administração...

O Sr. presidente da Republica, acastellado naquelle *caipirismo*, elevado agora á altura de um principio... politico, procura illudir, contornar as difficuldades, em que se viu, para expôr aos olhos do paiz assombrado, o estado calamitoso a que arrastou a nossa triste patria á desgraçada situação a que S. Ex. tem a infelicidade de presidir!...

Mas, pelas pallidas fulgurações que, de espaço a espaço, illuminam as camadas superiores da atmosphera, percebe-se que ha tempestade abaixo do horizonte!...

Pelos rasgões do esburacado *ponche* do *caipira* enxerga-se a ponta da faca, suspensa sobre a guella do cidadão!... »

Será isto possivel? Custa-nos a crer que este retrato do Sr. Prudente de Moraes seja realmente fiel.

Entretanto, somos obrigados a confessar que encontramos na opinião deste nosso estimavel collega uma certa correlação de factos ou de actos do governo, que justificam quasi *in totum* os receios que elle mostra de uma verdadeira debandada politica.

E' tal, porém, o nosso desejo de ver este desventrado paiz tomar melhor rumo, que ainda queremos acreditar que ha alguma exageração n'esse retrato. Consideramol-o como um cliché photographico por demais em foco, apresentando, portanto, exageradas rugas e uma certa dureza que desejamos attenuar, retocando-o o melhor possivel.

— na legalida

13 DE MAIO

O Dr. Barata Ribeiro, quando Prefeito Municipal, duvidando demasiadamente da memoria dos seus compatriotas, fez collocar em uma das paredes do antigo paço imperial da praça chamada hoje «Quinze de Novembro», uma grande lapide, na qual, por debaixo do nome do Marechal Floriano Peixoto em lettras graúdas e do seu proprio em lettras miudas, está registrada a gloriosa data do decreto que extinguio de um só golpe a escravidão no Brazil.

Ora, parece que em vista d'aquelle *despertador de memoria*, a data gloriosa deveria ser sempre festejada, se não com maior, ao menos, com o mesmo enthusiasmo que nos annos precedentes.

Pois, senhores, a lápide deu um resultado negativo!

O Sr. ex-Prefeito, que deu aquelle decreto como assignado por uma ex-Princeza, póde limpar as mãos á parede onde fez fixar a lápide pela lembrança que só está a lembrar o Marechal Floriano conjuntamente com a sua illustre pessoa, que, vamos e venhamos, só agora apparecem registradas na gloriosa data.

E' por isso que o povo desta capital, em vez de, como nos annos anteriores, se esquecer de cousas tristes para se entregar á expansão de uma grande alegria, se conservou taciturno, rememorando as tristes cousas que as lettras graúdas da lápide lhe recordam.

Quem ignora a acção suggestiva que certos nomes operam no animo de quem os lembra?

Tratando-se do 13 de Maio, se a lápide tivesse gravados os nomes de José do Patrocinio, Joaquim Nabuco, Luiz Gama e outros que os secundaram, cercando o da *então* Princeza Regente, o povo esqueceria tudo para se lembrar sómente da ABOLIÇÃO DOS ESCRAVOS.

Mas, com o nome maiusculo do Marechal Floriano Peixoto, encabeçando a data do decreto com o absurdo de—assignado pela *ex*-Princeza Regente—, á mente do povo só poderá acudir a lembrança do estado de sitio, dos fusilamentos sem processo, dos cubiculos da Detenção e tudo quanto possa levar-lhe o luto, a saudade e a amargura ao coração.

O melhor é retirar da vista do povo aquella lápide, e recolhel-a ao Museo como um documento da louvavel modestia de quem alli a mandou collocar.

A data de 13 de Maio não precisa de lápides despertadoras de memoria, porque está gravada no coração, não só de todos os brazileiros, como de toda a Humanidade, e passará ás gerações futuras como a tradicção mais santa e mais gloriosa de um povo.

TAGARELLICES

Hão de me dar licença que, na minha qualidade de tagarella, eu metta o meu bedelho na magna questão da pacificação do Rio Grande do Sul, que tem sido ultimamente, é, e ainda continuará a ser por muito tempo o osso politico que de dia para dia, se vae tornando cada vez mais duro de roer.

Por toda a parte, nas palestras, nos ajuntamentos, nas tribunas e na imprensa, todos — *una voce* — sem exclusão mesmo dos patrioticos fornecedores e agentes compradores do governo, que têm levado o seu patriotismo até ao extremo de ficarem pobres como Job, clamam que ardentemente desejam a pacificação.

Ora, eu entendo que, quando entre uma associação, uma população ou uma nação se pretende fazer uma cousa, a questão principal é que todos a queiram fazer.

Pois com o caso da pacificação do Rio Grande, o facto de todos a quererem não vale nada.

Parece caçoada; mas não é, e a prova é que a guerra continua lá no Sul, e ha de continuar por que assim o querem muitos dos mesmos que dizem querer sinceramente a pacificação!

O Presidente da Republica; isto é, o partido de que é chefe o General Glicerio, disse na mensagem presidencial, após uma jeremiada a respeito dos males da guerra civil e de uns votos ardentes pela pacificação, que esta só se podia fazer — dignamente e honradamente — com a submissão dos rebeldes ás instituições e ás autoridades castilhistas.

Por este meio pensa o governo que a pacificação será perduravel, e que o Rio Grande voltará a viver em paz, sem receio algum de que esta seja novamente perturbada.

Neste particular eu acho que o governo tem carradas de rasão.

Não ha a menor duvida de que, se os rebeldes depuzerem as armas e se apresentarem submissos ás autoridades do Sr. Castilhos, nunca mais haverá guerra entre pica-paus e maragatos, pois, sendo estes todos degolados, não terão aquelles mais com quem brigar.

Sómente no que poderá haver alguma duvida é na — dignidade e honradez — deste meio de fazer a *pacificação*.

N'esta duvida, porém, só poderão ficar os que desejam a patifaria de uma pacificação feita pacificamente.

Mas estes não valem nada; são uns sebastianistas, uns restauradores que querem despojar a Rrrrrepublica do rufo onomatopaico dos rrrrr que tão bem a caracterisa e... consolida.

A dignidade, a honra do governo castilhista não está na abnegação patriotica que poupa o sangue de seus irmãos e evita o descredito do paiz; está na total extincção dos federalistas, isto é, de todos os rio-grandenses que não querem reconhecer no Sr. Julio de Castilhos um senhor, um Czar com direito sobre a vida e os bens dos seus subditos.

E isto é que é ser rrrrrepublicano, e tudo o que não fôr isto é sebastianismo, restauratismo e banditismo, que quer pacificação para roubar aos castilhistas a sua autoridade, os seus rendosos empregos, o desinteresse dos seus fornecedores e dos seus agentes federaes no Rio da Prata.

Pois estão se ninando!

Façam-se a pacificação, sim, *como todos ardentemente desejam*, mas... depois de degolados todos os maragatos, com cambio a zero, e o general Glicerio na ponta!

O general Glicerio na ponta, sim!

Depois do marechal Floriano, o general Glicerio!

Então que pensam?

Por ventura ha ahi sebastianistas tão crédulos que se persuadam que a Republica já despio a farda para envergar a casaca?

Pois não!

Depois do militarismo effectivo, o militarismo honorario.

Após a Republica do *pum! pum!* do canhão, era de regra que viesse, por natural transição, a Rrrrrepublica do *rufo*... a toque de caixa.

Entre parenthesis: Digo—*a toque*, em vez de—*do toque*, porque... sôa melhor.

Pois, como ia dizendo, não se passa assim do tom maior para o menor sem uma nota de transição, do contrario a desafinação é certa.

E é para que a charanga governamental não desafine que entre o tom maior do chapéo armado e o tom menor da cartola civil, se entromette a nota transitoria do penacho honorario do general Glicerio.

Quem entende de chimica... politica, não desconhece a summa utilidade deste governo glicerino como agente intermediario entre dous governos heterogeneos.

E a prova do que deixo dito evidencia-se do discurso do Sr. Dr. Erico Coelho, que, além de chimico, é um hypnotisador de escacha pecegueiro.

Verão que o resultado desse suggestivo discurso vae ser a pacificação do Rio Grande sem degolação de maragatos nem nada... apenas com uma careta de papão para metter nas encolhas a Republica Oriental.

O Sr. deputado Nilo Peçanha bem póde ir arranjando o cobre para a estatua que se comprometteu erigir ao pacificador do Rio Grande.

O Sr. Dr. Erico Coelho vae fazer jús a essa estatua, e o baixo commercio portuguez não hesitará em contribuir com o metal das suas *ferraduras* para a fundição della.

Este Sr. Erico Coelho, com a sua modestomania, inda ha de passar a perna ao Sr. José Carlos, verão.

MESTRE NICOLAU.

CALCULO

Um bom papa-jantares, o typo aprimorado
da ostra, parasita, filante audacioso—
andava um dia d'estes sisudo e cuidadoso
inquieto, distrahido, febril, preoccupado.

Não tinha já nos labios o riso philaucioso,
nem tinha já no rosto o gesto assucarado;
até no olhar manhoso, profundo, enviesado,
luzia-lhe um problema, extranho e temeroso.

Deixei-me possuir de humano sentimento
e perguntei-lhe a causa da dôr e da tristeza,
que o pôz n'aquelle estado medonho que me assusta.

E elle, despertando, encara-me um momento,
e diz:—busco lembrar-me com calma e com certeza,
quantas vezes, na vida, jantei á minha custa.

NÉMO.

BIBLIOGRAPHIA

MARES E CAMPOS, de Virgilio Varzea. Editores, Cunha & Irmão—Rio de Janeiro.

Um bom livro, o que sob o titulo de—*Mares e Campos* — Virgilio Varzea acaba de publicar.

O trabalho litterario do joven escriptor é devéras apreciavel.

Se ainda não é um puro, Virgilio Varzea é um caprichoso nesta bella arte de fazer contos litterarios, que elle procura honrar e dignificar haurindo ensinamentos na lição dos bons mestres.

Possue já um poder descriptivo muito notavel, e as suas paysagens demonstram a observação e o sentimento suggestivo de um artista delicado.

Estas mesmas qualidades de observação e sentimento apparecem com bastante relevo na exposição da acção e no caracter individual dos personagens, nos contos de assumpto nacional, mórmente nos de costumes maritimos, pelos quaes mostra Virgilio Varzea decidida e louvavel predilecção.

Uns laivos da escola nephelibata a derramarem aqui e ali escusadas exuberancias de phrases e de idéas adjectivadas, empallidecem ásvezes o brilho da idéa principal do periodo, tirando-lhe, não raro, a expressão e a expontaneidade.

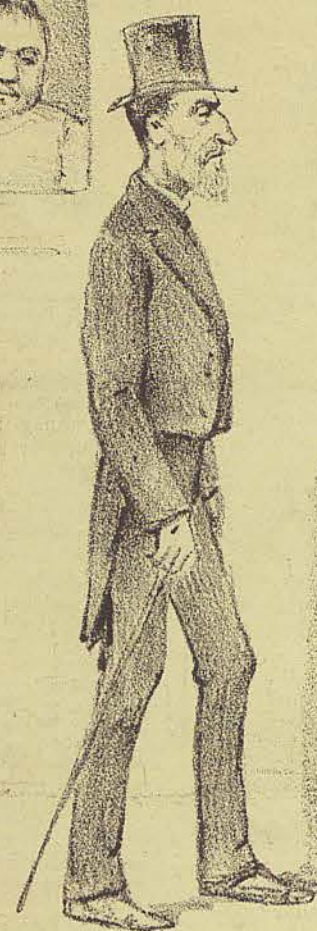
Estamos certos, porém, de que e joven escriptor ir-se-há libertando do dominio excentrico dessa escola litteraria—em busca da suprema qualidade dos bons *conteurs*: a simplicidade natural, expontanea, no sentir a emoção e no dizel-a.

Temos essa esperança, porque Virgilio Varzea, disposto como parece a dar-nos quadros de costumes nacionaes é assaz intelligente e sensato, para comprehender a necessidade de abandonar os processos complicados e extenuantes da mencionada escola, a bem da poesia adoravel dos seus assumptos predilectos.

Quem considera «inclyto mestre» a Eça de Queiroz e escreve trabalhos como o *Mestre de redes*, *A vela dos naufragos* e outros e outros, não póde nem deve seguir orientação litteraria que porventura concorra para ficar áquem... de si mesmo.

Virgilio Varzea não é, felizmente, um ortodoxo da Estrada de S. Thiago e o seu livro *Mares e Campos* faz-nos antever um escriptor de pulso e de alma.

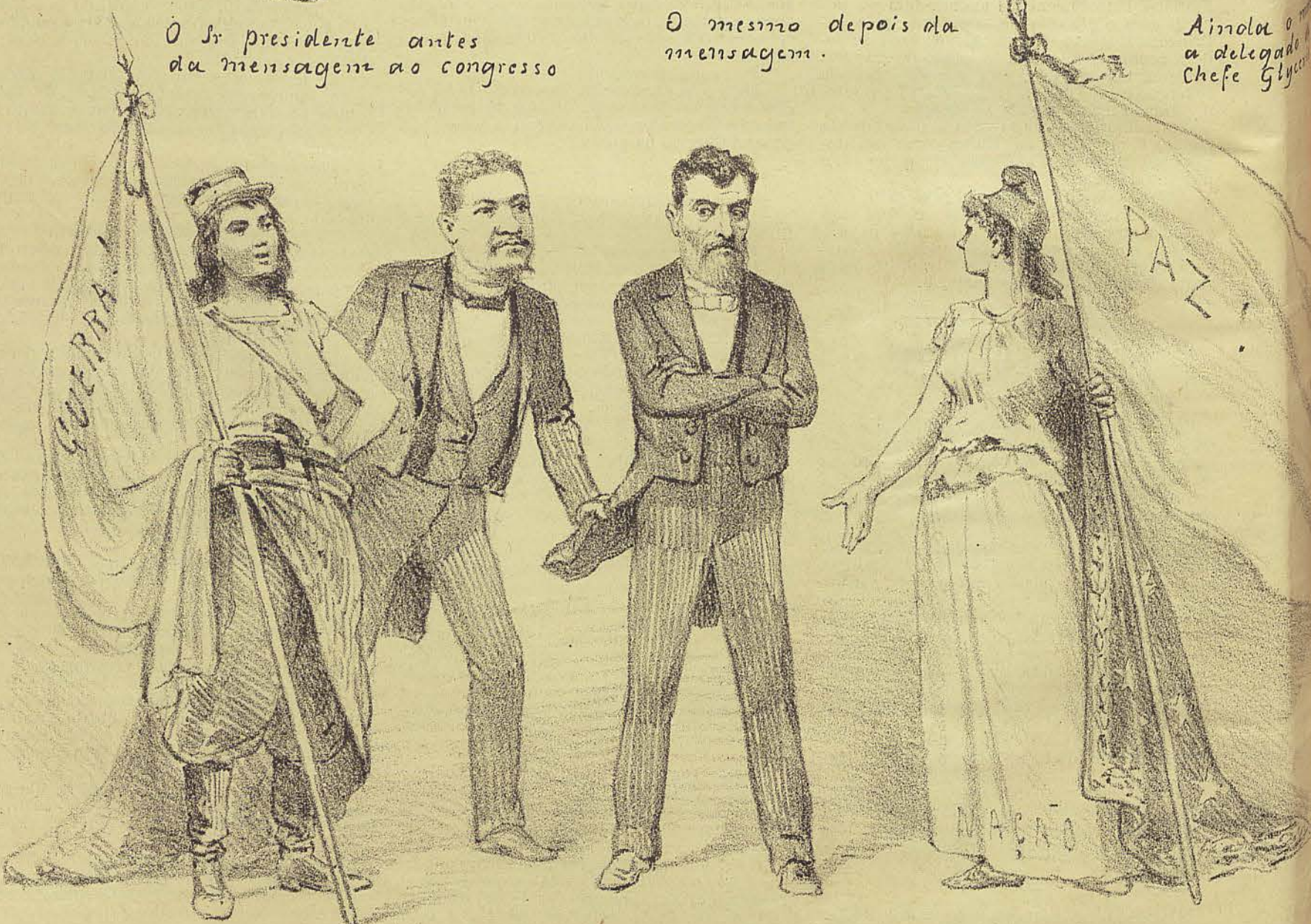
Ponto é, que elle não descance sobre os louros da critica, nem se agaste com alguns de seus espinhos, e que o publico o anime, como merece.

J. R.

O Sr presidente antes da mensagem ao congresso

O mesmo depois da mensagem.

Ainda o mesmo redusido a delegado do partido pelo Chefe Glycerio

O Sr Serzedello que actualmente representa o verdadeiro patriotismo pugna energicamente pela paz para a Salvação da Republica.

O Sr Glycerio, que só trata de salvar os interesses de seus amigos politicos, insiste pela continuação da guerra.

"Entre les deux son cœur balance."

– Pois não deves balançar. Sem a paz não poderei subsistir. Reflecte que és chefe da nação e não de um partido.

– Preferes esperar que o Rio Grande do Sul se torne um vasto cemiterio para então pacifical-o?!

Bellas-Artes

JULIÃO MACHADO

Não se nos póde levar a mal o expressivo silencio que temos guardado sobre cousas de artes bellas, uma vez que elle é a mais eloquente traducção do lamentavel marasmo em que estão os nossos artistas.

Depois da ultima exposição na nossa Escola Nacional, que foi, entretanto, um bom movimento de que era justo esperar-se alguma animação entre os que cultivam as bellas-artes, nada temos visto que nos denuncie a existencia de um grupo de individuos que não vivem precisamente, nem de politica, nem de burocracia, nem de industria, nem de commercio.

Parece até que o pequeno mundo artistico do Rio de Janeiro, fraccionado em dous partidos, occupa-se exclusivamente em fazer côro com os que querem e com os que não querem ...a pacificação do Rio-Grande do Sul!

Felizmente, como para alimentar o fogo sagrado da arte, supplantado pelo fogo vermelho da politica,ahi temos um Julião Machado, artista de merito real, que veio revolucionar o jornal illustrado do antigo molde entre nós e nos está deliciando com os seus desenhos correctos, finos e conceituosos, de uma feição artistica. puramente parisiense.

Julião Machado é um portuguez nascido na Africa e que completou em Pariz a sua educação artistica.

Deste conjuncto de circumstancias alliadas ao seu temperamento artistico, resulta que Julião Machado possue tres qualidades bem caracterisadas nos seus trabalhos: imaginação ardente e vivaz, pulso firme e rapido, traço conceituoso e leve.

A sua critica, os seus desenhos e as suas phantasias de composição são disso uma prova cabal, e será lamentavel se o nosso publico não auxiliar com os seus recursos inexgotaveis as tentativas valentes que o distincto artista está a fazer para suavisar as agruras do nosso meio, com os delicadissimos productos da sua arte.

Julião Machado produz trabalhos que podiam ser assignados pelos mestres europeus das revistas criticas illustradas.

Seria para desejar que elle aqui se conservasse por longos e dilatados annos, honrando-nos com as suas bellissimas producções.

XISTO GRAPHITE

CHINOISERIES

A politica: eis o assumpto palpitante da semana; junta-se a grey soberana e o povo está todo junto. Pelos seus representantes (agora sim, temos obra!) vai fabricar leis de sobra p'ra logo, em poucos instantes endireitar as finanças, elevar o cambio a trinta e pôr esta guerra extincta de desforra e vinganças.

Sobre o Sul abrir as azas vai a paz, e no futuro o povo póde seguro repousar; as nossas casas, propriedades e vidas, direitos e liberdade, vão ser agora em verdade, sèriamente garantidas. Contra o estrangeiro, elemento de trabalho, ao qual se atira, não ha prevenção ou ira, ha todo o apoio, eu sustento. Vamos ver recompensado o talento em toda a parte, o ideal sublime d'Arte, como nunca, levantado! Reformas que ninguem viu, tudo grande, tudo novo vai ser; alegra-te, ó Povo! —O parlamento se abriu!!

LU-NO.

Ao ser conhecido no Senado que o Sr. Campos Salles ia apresentar um substitutivo ao projecto do Sr. Ladario, ampliando a amnistia pedida para os civis da revolta de 6 de Setembro, o Sr. Vicente Machado foi um dos primeiros a manifestar-se contra essa idéa.

Segundo lemos na *Gazeta de Noticias*, o Sr. Vicente Machado «pensa diversamente de todos. Criminosos são tanto os militares como os civis, que ainda hoje estão no sul matando e roubando: *é preciso punir a todos.*»

O grypho é nosso e a opinião, como dissemos, é do governador do Paraná que, após a retirada das forças revolucionarias, foi tomar conta do cargo, e sob cujo governo foram praticados todos os horrores que a imprensa já começou a narrar, ás claras.

Vemos que o Sr. Vicente é tambem dos *bons julgadores*, quando diz que os revolucionarios militares e civis continuam no sul a *matar e a roubar*.

Sempre a tal historia do gato ruivo...

Quanto á punição... ah! se ella viesse para *todos*, como S. Ex. quer... aonde iriam parar umas cadeiras senatoriaes e uns senadores, que nós conhecemos?!...

FERROADAS

Se me dão licença, dependuro aqui as minhas luminarias ao glorioso 13 DE MAIO, já que a respeito de regosijo popular commemorativo, entramos positivamente n'uma retirada calamitosa.

A bem dizer, o povo tem seus motivos para não andar por ahi a exhibir alegrias que não póde ter, que uma politica baixa de espada e vergalho, lhe tirou.

Sinceramente, o povo não póde commemorar com alegrias a data da libertação dos escravos, quando elle sente a necessidade de um novo 13 DE MAIO que o liberte das torturas a que se vê escravisado.

O povo não é hypocrita — justiça se lhe faça.

Assim, cabe á imprensa o impedir que a tristeza popular chegue a ponto de fazer esquecer datas como essa — e é por isso que eu pedi licença para illuminar a entrada desta modestissima secção.

Podia, como fizeram os meus nobres collegas, citar nomes de grandes batalhadores da abolição; não o faço, todavia, para não cahir em omissões como a que fizeram do nosso Angelo Agostini que, franqueza, franqueza, batalhou tanto, tão bem e tão desinteressadamente como os que mais assim batalharam.

Tenho ainda outro motivo para não discriminar individualidades: é que teria o desgosto de escrever nomes de homens que hoje se regosijam com horrores ainda maiores do que os que elles outr'ora verberavam...

E... ponto final nas luminarias.

Os senhores sabem muito bem quem é o Sr. deputado Dr. Erico Coelho, aquelle mesmo que na sessão passada apresentou um projecto radical sobre o divorcio...

Pois, o illustre soldado do Sr. Glicerio é... é... é o meu homem!

Abomino o deputado-mumia, o deputado-figura de prôa de navio, que, para improvisar um — apoiado! — ensaia-se tres dias antes.

Gosto do deputado vivaz, electrico, escandaloso: gosto do Dr. Erico...

S. Ex. não póde passar vinte annos, vinte dias, vinte minutos, como fazem os androgynos do parlamento, sem dar á lingua.

E com que sainete picante e original, S. Ex. o faz!...

E' um regalo!

Aquella idéa do cambio a zero e da guerra á republica oriental, para fazer a paz do Rio Grande, é... é... é escandalosamente hilariante!

Repito: o Sr. Dr. Erico é o meu homem e é unico.

Quem me pertence, tambem, é o Sr. Pinto da Rocha.

S. Ex. engrossa as fileiras dos aguerridos glyceriados e representa tão bem o brioso Rio Grande do Sul, como eu posso representar as riquissimas especies dos insectos, pobre mosquito que apenas sou!

Sua missão é tambem—oppor-se á pacificação da *sua* terra (do Rio Grande) e canonisar o Sr. Julio de Castilhos.

E vae o Sr. Pinto e desempenha assombrosamente o seu compromisso, com uma dureza de coração de causar arrepios: depois da canonisação de S. Julio de Vaux, referio-se aos federalistas, como se o fizesse aos galés da Costa d'Africa.

Sabidas as coisas, informaram-me que este duro Sr. Pinto da Rocha é tão filho do Brazil como o Sr. Felinto e o Sr. Salamonde...

Perdoei o homemzinho e, para que não haja duvidas, declaro que este *pinta-roxo* é um mélro de bico amarello, e muito meu!

E a proposito: a que vem e de que serve a enumeração de crueldades praticadas segundo uns pelos federalistas e segundo outros pelos castilhistas? O que é que isso prova? Não será que a continuação da guerra civil é um crime monstruoso, de cuja cumplicidade são réos os que se oppõem á pacificação?

Pelo amor de Deus! senhores da maioria da Camara!

Poupem ao paiz a vergonhosa exhibição desse inventario de sangue, uma vez que não querem que elle seja extincto...

Além de que, se vamos a dar balanço de actos de selvageria praticados por forças legaes e forças revolucionarias, não padece duvida que o *activo* da legalidade sobrepujará milhares de vezes o da revolução....

Seria melhor que a maioria *ad glycerium* concorresse patrioticamente para se pôr um paradeiro ao gasto da fortuna publica em despezas de guerra.

Segundo o Sr. deputado Serzedello, que fez um requerimento pedindo informações exactas ao governo, a despeza de guerra, até hoje, tem absorvido ao Thesouro a fabulosa somma de *seiscentos mil contos de réis!!!*

Mil páos por um olho...

Esta cousa das despezas com a revolução parece já um conto a que cada qual accrescenta um ponto, á proporção que o vae contando...

O Sr. Serzedello que foi, porém, ministro da fazenda e entende de finanças, calculou naquella enorme quantia o dinheirinho gasto nesta enorme patuscada a que chamam consolidação da Republica, pela razão de ser exactamente o contrario.

Esperemos, portanto, a palavra do governo, informando o requerimento do illustre deputado.

Façamos votos por que essa resposta não tenha o laconismo terrivel da do Sr. Moreira Cesar, nem a perfidia *espiritual* da do Sr. Quadros...

Sim! não venha agora o governo dizer, como o primeiro, *que não* — que não se gastou dinheiro algum... Nem, á semelhança do segundo, affirmar que, dos tres do Thesouro, só um vintem foi gasto, e esse mesmo com todas as regras...

Quem devia pedir uns dez réis de *esmola* ao Thesouro é o Sr. Elisiario Barbosa, afim de mandar collocar umas camas de ferro no hospital de marinha, de modo a não ser preciso fazer baixar á Santa Casa os pobres marinheiros que adoecem a bordo.

Não se pede que S. Ex. reorganise a marinha escangalhada, desarmada, sem pessoal—esse resto de marinha que apodrece—esse arremedo tristemente comico do que podia e devia ser a nossa marinha, a marinha brazileira.

Pede-se apenas que S. Ex. faça com que uma repartição da marinha possa prestar os serviços para que foi creada.

O pedido é justo.

Não se póde negar a uma corporação tão *doente* a esmola de um hospital....

PERNILONGO.

Lettras e Arte

A CIGARRA

N. 2. Mais um primor de desenho e de fino espirito dessa robusta individualidade artistica que se chama—Julião Machado—um grande observador e um profundo physiologista.

A grande pagina central—DD. Juans de especies varias—e a ultima—Romance historico-psycho-physiologico-na-

turalista em seis capitulos—referente a um processo de divorcio, que ahi anda a promover o desaforo do foro, são de uma observação e de um espirito admiraveis!

A pagina—13 DE MAIO—é uma concepção sublime.

O texto... Ora, o texto é do Bilac, e do Coelho Netto, e não preciso dizer mais nada para significar-lhe a excellencia.

V. VIEIRA.

—×—

MECENAS

Recebemos o n. 6 d'este jornal litterario de Porto-Alegre. Um bom numero collaborado por Alarico Ribeiro, Felix Cunha, J. Silva, A. de Oliveira e outros.

Dos artigos destacaremos os seguintes: Instrucção Publica de A. Neves Netto, os Regicidas de A. N.; Auctores Nacianaes, de Felix da Cunha, e um conto «Volta ao lar» de A. Oliveira.

Na parte poetica salienta-se: Invocação à noite de A. Ribeiro e «Moter Dolorosa» de Silvinius.

No noticiario refere-se ao fallecimento de Luiz Rosa, transcrevendo um soneto deste mallogrado poeta.

—×—

O CENACULO

Revista litteraria, do Paraná—1º fasciculo, com um retrato de Cyro Velloso, cujos serviços á Patria e apontamentos biographicos se acham em um artigo de Julio Pernetta. E' collaborada por D. Velloso, Silveira Neto, A. Braga e outros. Agradou-nos muito—A Psychologia da Mulher, de Justiniano de Mello e o soneto Germinal de Emilio de Menezes.

Avante!

—×—

CLUB SYMPHONICO

Esta futurosa associação offereceu no domingo passado uma excellente *matinée* aos socios e convidados.

Constou o programma de uma sessão de prestidigitação pelo amador Capitão Estanisláu Pamplona, que ainda uma vez confirmou as suas bellas qualidades de profisciente amador.

Seguio-se um assalto d'armas no qual tomaram parte os distinctos professores Luiz Furtado e Fabricio e os habilissimos amadores L. de Castro, V. de Castro, A. Duval, L. Girardin e Aristides de Castro que portaram-se com a maestria e correcção que os recommendam.

Ao findar a festa foram offerecidos aos Srs. Pamplona e Fabricio, ricos mimos pelo Dr. Chapot Prevost, em signal de gratidão do Club.

L. N.

THEATROS

A despeito de ter sido um tanto chuvosa a semana, e de nenhuma outra novidade se ter dado além da Revista *O Major*, de que tratei na precedente edição, nem por isso os theatros têm sido menos frequentadss.

No Recreio, o *Tim tim por tim tim*, continúa a ser a peça de grande successo, attrahindo a multidão habitual dos seus frequentadores, para grande parte dos quaes o galanteio do terrasso—o *Bois* barato das Margaridas vulgares—é o principal attractivo da sua frequencia quotidiana.

Isto, porém, não impede que plateia, camarotes e galerias estejam todas as noites repletas de espectadores insaciaveis d'aquellas scenas estapafurdias, com aquelle Peixoto e aquelle Machado sempre na frente a dizerem sempre as mesmas graçolas e a tregeitarem sempre os mesmos gestos.

E se não fôra a graça realmente admiravel que a Pepa imprime aos seus dezoito papeis, era caso para que muita gente, como eu, se espantasse da infatigabilidade daquella expectação diaria por noites innumeras!

Imagine-se um realejo que nos vem todos os dias á mesma hora tocar á porta sempre a mesma valsa ou a mesma polka.

Que supplicio!

Pois ha gente que se não enfada com isso, e até gosta!

Os espectadores do *Tim tim por tim tim* são como estes.

—×—

No Apollo continúa em scena *O Major*, a bella Revista de Arthur Azevedo.

O publico continúa tambem a encher o theatro e a applaudil-a.

Ainda bem.

E' um bom symptoma esse da comprehensão que vae tendo de que o melhor não é o mais *vistoso* e o mais amaxixado.

A boa critica, a boa pilheria, que provoca o riso sem offender a decencia e sem injuriar a ninguem, para as pessoas que se estimam, devem ser mais deleitaveis do que a laracha grosseira e o tregeito pornographico.

Andar assim que é bom andar.

—×—

No Sant'Anna, o Heller está sendo uma especie de Pobre Jacques theatral.

O *Alli-Babá*, depois da *Loteria do Diabo* e quejandas velharias têm sido desenterradas do porão para resurgirem á luz da ribalta.

E' como um dia de Juizo!

Pobre Heller!

O seu ultimo socio encaiporou-o.

—×—

No Lucinda, a Liga da senora Leonor Rivero ou da signora Miola, que o Brandão andou exhibindo por S. Paulo, por Pindamonhangaba e Guaratinguetá, em saia uma revista que certamente porá os pontos nos ii no conceito litterario de um bacharel livre, *pas plus haut qui ça*.

Vedremo, e duopo parleremo.

—×—

No Variedades, tendo esfriado *Os Amores de Psyche*, sobreveio *A Martyr*.

Fui vel-a na quinta-feira, e reparando no theatro cheio disse para um collega que alli encontrei:

— Mas esta Ismenia perdeu o bom senso, realmente!

— Porque? me interrogou elle.

— Porque, tendo publico assim para o drama, em que ella sobresahe como artista, que é, anda a estragar-se e a estragar a sua arte como emprezaria de theatro maxixe!

E de facto; não tem justificação sensata o abandono, por não dizer desprezo, em que uma artista do quilate da Sra. Ismenia deixou a arte que tanto brilho lhe deu, para se dar á exploração de uma industria theatral, que tanto tem pervertido o gosto do publico, contribuindo ella propria, assim, para a decadencia deploravel a que a sua arte chegou!

—×—

Assisti, como disse, á representação do drama *A Martyr*, peça de caracteres accentuadamente dramaticos e cheia de lances commoventes, bem que subordinados a umas tantas regras de convenção, que bastante destoam da escola naturalista tão bem leccionada por Sardou.

O grupo de actores de que a companhia da Sra. Ismenia dispõe para o drama, não é tão mediocre como pretendem certos criticos pretenciosos, que levam a torcer o nariz a toda a ideia de regeneração de theatro nacional pela deficiencia de elementos.

Além da Sra. Ismenia e Eugenio de Magalhães, que são dous artistas de primeira ordem, não conheço (por pouco frequentar o Variedades) os nomes dos outros actores que tomaram parte na *Martyr*, para lhes declinar os nomes.

Ha entre elles alguns muito aproveitaveis, que, applicados convenientemente ao genero, poderão em pouco tempo manifestar-se artistas excellentes.

O publico, que enchia a sala, applaudiu-os francamente e mostrou por esses applausos e pela attenção com que acompanhou a execução do drama, que não é tão infenso ao theatro dramatico como o inculcam a inepcia de certos emprezarios e a incapacidade artistica de certos actores.

Enverede a Sra. Ismenia por este caminho, limitando, como medida economica, o seu elenco ao pessoal necessario para o genero e prestará com isso um bom serviço á sua arte, aos seus collegas e ao publico, que, certamente lh'o retribuirá com uma frequencia ao seu theatro garantidora de maior vantagem financeira.

—×—

No S. Pedro de Alcantara, a companhia lyrica de Carlo Mattia continua a deliciar os *dilettanti* com *il Trovatore* e a *Aida*, reunindo sempre na sua sala uma sociedade escolhida, que rasoavel no seu julgamento, não lhe recusa os applausos de que se torna digna a boa vontade dos seus artistas.

—×—

Está, felizmente, sanccionado pelo Prefeito, o decreto do Conselho da Intendencia que institue o Theatro Municipal.

Agora, mãos á obra com intelligencia, honestidade e dedicação, Srs. escolhidos da Prefeitura, que, prasa a Deus, possuam a necessaria competencia para objecto de tão manifesta utilidade social.

Ao illustre intendente Dr. Julio do Carmo, o promotor d'esse decreto, um enthusiastico aperto de mão envia

SANSÃO CARRASCO.

A NOSSA MESA

A Estação — N. 9, de 15 do corrente—Um esplendido mimo para os seus assignantes. Bello figurino colorido, grende folha de moldes, jornal descriptivo e illustrado com grande variedade de modas quer de vestidos quer de chapeus, e um supplemento litterario excellente com optimas gravuras.

Tanto e tão bom como isto só o Lombaerts é capaz de dar.

Toque, *seu* Henrique.

—×—

Revista pharmaceutica — N. 1. Uma utilissima publicação em folhetos de 36 paginas que começa a publicar-se em S. Paulo, e é orgam da Sociedade Pharmaceutica Paulista, sob a direcção cos pharmaceuticos Ignacio Puiggari e Rodrigues de Andrade.

O presente numero contém; Artigo editorial—*Dr. M. Costa*. Algumas considerações sobre o clasee pharmaceutica.—*Ph. C. B. de Hollanda*. Analyses de urina.—I. P. Chimica.—Ph. Luiz de Queiroz. Breves considerações sobre a aroeira.—*Ph. Ignacio Puiggari*. Pratica pharmaceutica.—De mez em mez.—Necrologia.—Bibliographia.—Chronica.—Annuncios.

—×—

Catalogo Illustrado — De todos os sellos, bilhetes postaes, sobre-cartas, cintas e cartas bilhetes do Brasil, desde 1834 até 1894, publicado pela CASA PHILATELICA de Alphonse Bruck, e PREÇOS CORRENTES de Alphonse Bruck (successor de O. Wagner & C.)

Estes folhétos nos foram offerecidos na inauguração da CASA PHILATELICA — exclusivamente dedicada ao commercio de sellos postaes, Travessa de S. Francisco de Paula, e na qual os amadores e colleccionadores poderão encontrar tudo quando ha de mais curioso e mais raro no genero.

—×—

Revista da Commissão Technica Militar Consultiva — Ns. 9 e 10 do anno IV. Contém; *Regulamento da Commissão Technica Militar Consultiva*, por F. C. da Luz; *Technologia Militar nos Estados Unidos*, por Borges Fortes; *Commissão Technica M. C.*; Minas submarinas; Cartuchos de festim; *Boletim Technico*; Caixa-vehiculo de munições, por T. H.; *Correio militar estrangeiro*; *Chronica*; *Publicações recebidas*.

—×—

Petit-Sport — N. 1. Semanario sportivo e theatral de que são proprietarios Brito Sá & C. Muito variado e noticioso do seu objecto.

—×—

Chinita-Guru' — Motivo cubano — Habanera por N. Figuera Hijo, editada pela casa Vieira Machado & C.

A todos agradecemos.

D. MESARIO.

Typ. L'Etoile du Sud, r. S. José 102

O Tempo passa, mas as datas gloriosas ficam.

LEI Nº 3353
DE
13 DE MAIO 1888
E' DECLARADA EXTINCTA
A ESCRAVIDÃO NO BRASIL
Isabel
Princeza Imperial Regente.

POLITICA GLYCERICA

— Salve! Augusta e benemerita Princeza! Libertaste uma raça; hoje trata-se de libertar a Patria ameaçada por um terrivel monstro que pretende devoral-a.

Anno 1.° Rio de Janeiro N.° 18

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de ANGELO AGOSTINI
R. OUVIDOR 109

? ? ? ?

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno........	24$000
Semestre	12$000	Semestre ...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 25 de Maio de 1895.

THOMAZ RIBEIRO

Com a boa comprehensão, que presume ter, do que mais legitima e verdadeiramente interessa ao progresso civilisador e engrandecimento do paiz, o *Don Quixote*, que saudou com a illustração principal do seu numero 9 o facto de elevada politica que restabeleceu as relações cordeaes entre Portugal e o Brazil, não pode deixar de regosijar-se com a chegada a esta capital do Ex. Sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, digno representante do governo portuguez junto ao da nossa joven e esperançosa Republica.

Poeta e estadista notavel, alliando a uma intelligencia e illustração superiores uma polidez nimiamente cavalheirosa, o novo ministro de Portugal no Brazil é uma solida garantia das boas e amistosas relações dos dous povos tão estreitamente ligados por laços inquebrantaveis derivados da sua historia e consolidados no sangue dos seus habitantes.

E assim, o *Don Quixote*, juntando a sua voz sincera e convicta ao coro unisono de toda a imprensa brazileira, apresenta ao illustre diplomata recem-chegado a homenagem da sua saudação.

DON QUIXOTE.

TOPICOS

Se fosse possivel duvidar de que a maioria da camara do Sr. Glycerio está inteiramente divorciada da maioria da opinião nacional, os successos alli ultimamente desenrolados viriam desfazer, apagar essa duvida, substituindo-a pela mais cruel certeza que um povo pode ter de que está sendo ludibriado e compromettido pelos que se arvoraram em seus representantes.

Na realidade essa maioria que, pelo verbo habilidoso do infatuado *leader*, accentuou a intransigencia do seu nefasto florianismo; que pelos bigodes suspeitos do Sr. Pinto da Rocha, endeosou o castilhismo impatriotico e feroz— acaba de revelar o traço ridiculo da sua acanhadissima feição, mediante o nephilibatismo jacobino do Sr. Dr. Coelho Erico, ouvido sem protestos e até mesmo secundado e applaudido.

Resta sómente, que um dos augustos glycerianos venha á tribuna justificar os crimes e os criminosos em nome da *legalidade*, para que essa maioria acabe de conquistar o lugar que lhe reserva a historia de uma nação, no capitulo — Calamidades publicas.

Honra lhe seja!

Mas, se essa maioria está deliberada a menosprezar o nosso nome de povo civilisado, para satisfação do seu caricato *chauvinismo* — nós, da imprensa, dessa imprensa que não bate palmas ao jacobinismo hydrophobo e soez de quem quer que seja — estamos tambem deliberados a combater sem tregoas os destampatorios truanescos e as perfidias cavillosas dessa maioria impavida que se julga amparada nas bayonetas dos soldados.

E a não ser que nos mandem assassinar traiçoeiramente, havemos de repellir, em nome da maioria da nação, as sincadas politicas da maioria da camara, que visarem lançar a nossa patria no caminho escabroso das difficuldades diplomaticas, da guerra civil ou da guerra internacional.

Se a camara não tem um presidente sufficientemente energico, para chamar á razão e á ordem deputados que propositalmente a perdem, na palavra e na compostura, e, nesse estado de quasi irresponsabilidade emittem conceitos imbecis e nimiamente insultuosos a pessoas e cousas respeitaveis — não se pode levar a mal que a imprensa procure attenuar os males causados pela inconveniencia dos oradores, exercendo o seu direito de critica, garantido pela constituição da Republica.

Por muito que os governos corruptores e dictatoriaes tenham imbecilisado e *bestificado* o caracter nacional, não póde a camara extranhar que na imprensa livre e sempre independente de auxilios officiaes, ainda reste a energia moral necessaria para o protesto em nome das tradicções desse caracter.

E seria profundamente lastimavel que os Srs. deputados pudessem dar livre pasto ás idéas mais exdruxulas, mais *fin de siècle*, despejadamente, sem que as seguisse de perto o antidoto da critica em nome do senso commum, para não se arraigar lá por fóra a convicção de que o Brasil é totalmente um paiz de malucos!

E' preciso que o Sr. presidente da Camara se capacite de que no lugar que occupa não exerce a funcção de simples representante de um partido... que não existe, aliás.

Embora eleito pelos votos partidarios de uma fracção da camara, é S. Ex. o representante legal dessa camara toda e o responsavel pelo que de inconveniente e de incivil nella se disser, pois que, reciprocamente, lhe caberá a gloria do que alli porventura se fizer a bem da nação.

Nestas condições, S. Ex. não póde nem deve hesitar em chamar á ordem o deputado que se esquecer de que a camara é uma corporação que precisa de ser respeitada para que as suas deliberações sejam tomadas a serio.

Se o regimento não lhe dá expressamente o direito de, por esse modo, protestar e salvar o decoro e o prestigio da camara, é porque não se cogitou de reprimir inconveniencias como as que alli se tem proferido, pela razão aceitavel de que não se podia pensar que taes excessos viessem a ser commettidos.

E' o que o bom senso está a dizer é que as lacunas do regulamento, devem ser suppridas pela capacidade moral dos que são eleitos para dirigir os trabalhos legislativos.

Não fazer isso e deixar que os deputados desmintam impunemente e solemnemente os nossos creditos de povo civilisado, é collocar a imprensa na obrigação restricta de protestar em nome desses creditos que ella se esforça por sustentar, a despeito de tudo que em contrario se pratica.

Eis porque protestamos.

APPELLO PATRIOTICO

O Paiz, em sua edição de 22 do corrente, publicou sob este titulo um brilhante artigo de fundo, de que destacamos os trechos seguintes:

« É deprimente para os creditos da nossa patria o que ha trez dias se diz e se faz na capital da Republica, contra o Sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, eminente representante de sua magestade fidelissima.

« Somos hoje forçados a quebrar o silencio de tristeza com que vimos desenrolarem-se as primeiras scenas de desrespeito ao representante de uma nação amiga, para nos dirigirmos em publico, a todos os que têm tomado parte n'essas manifestações arruaceiras, sem fundamento justo e sem um nobre ideal, pedindo-lhes, a bem da dignidade nacional, a bem do decoro e do prestigio das instituições, que ponham cobro a esse espectaculo mais proprio de um paiz atrazado, entregue a uma demagogia censuravel, do que de uma nação civilisada como o Brazil se ufana de ser.

« É preciso para honra de todos que isso acabe. Parece impossivel na verdade que se intitulem republicanos, os homens que por ahi têm andado a retribuir á nação portugueza, com disturbios, com provocações, com objurgatorias vermelhas, as amabilidades extremas, as cortezias de tão captivante gentileza com que foi recebido em Portugal o representante do Brazil. Se esses cidadãos suppuzeram ou suppõem que estão desagravando a nossa patria, que estão affirmando, pelo orgão das suas agitações turbulentas, o decoro nacional offendido, enganam-se redondamente.

« Até hoje esses irriquietos provocadores só têm conseguido envergonhar os que, de espirito claro, livre de preconceitos de facção, sinceramente patriotas, têm assistido a esses actos de intolerancia, que tão desfavoravelmente depõem sobre a nossa capacidade social, sobre a nossa intelligencia e sobre a nossa educação.

« O que se está fazendo e o que se está dizendo, repetimos, constitue n'este momento o mais triste symptoma de irreflexão, em assumpto de sua natureza tão serio e tão melindroso.

« A bem do nosso nome de povo culto, a bem da nossa Patria já tão agitada, a bem da Republica, que atravessa hoje talvez a crise mais profunda da sua curta existencia institucional, é preciso que se ponha um termo a esses desatinos.

« Basta de erros, basta de declamações estereis, basta de arruaças e de desordens, que nada edificam, que tanto prejudicam o nosso

credito, o socego e a tranquillidade da nossa sociedade.

....

....

« A Republica precisa de paz, de sympathias, de credito. Já é tempo de acalmar as paixões e de trabalhar pela reparação destes males que, na ordem social e na ordem economica, nos têm causado as convulsões politicas em que a patria se tem dolorosamente agitado.»

Folgamos de estar nesta questão inteiramente de accordo com a opinião do nosso collega, tão sensatamente expendida.

Seja-nos por isso relevada a liberdade que tomamos, fazendo a transcripção acima com a qual muito honramos as nossas columnas.

Oxalá que muitas occasiões como estas se nos deparem, nesta faina de orientar a opinião publica!...

AMNISTIA

Está conhecido na integra o substitutivo do projecto de amnistia apresentado pelo Sr. Campos Salles e adoptado pelas commissões de constituição e justiça.

Respeitando a opinião do seu illustre autor, excluindo da amnistia os chefes da revolução do Sul e da de 6 de Setembro, não podemos deixar de estranhar o §2º do Art. 1º, que veda aos officiaes «o direito de reversão á actividade do serviço», direito incontestavel pelo effeito da amnistia, se é de amnistia que se quer tratar.

Parece incrivel que a espiritos superiores, como julgamos ser o do Sr. Campos Salles e o dos membros das commissões do Senado, não repugnasse a singularidade de uma *amnistia* com a restricção do § 2º, que revoga um direito implicito n'aquella e ao mesmo tempo como que impõe uma penalidade absurda, pois, em lugar de ser resultante de um processo regular, resulta da inteira suppressão que se faz de qualquer processo.

Isto pelo lado juridico da questão.

Pelo moral, o projecto de amnistia restringido pelo tal § 2º, é contristador.

Vê-se que não existe o desejo de congraçar a familia brazileira, de fazer esquecer males insanaveis, dissenções profundas, para se entrar na larga estrada da paz, da ordem e do trabalho.

O que se procura é amesquinhar a posição dos que, erradamente ou não, entenderam pegar em armas para defeza das liberdades que elles suppuzeram ameaçadas.

Não se trata de levantar a fronte dos materialmente vencidos, abatida ao peso das consequencias cruciantes de um longo exilio, com o amplexo leal de um governo forte; não se trata de fazer penetrar no campo dos que ainda combatem um raio dessa politica de amor e fraternidade que illumine as consciencias porventura transviadas, fazendo antever a serenidade de um futuro dedicado á familia e á patria. Trata-se apenas de abusar da posição precaria de uns, humilhando-os com um simples indulto; de enfraquecer as forças de outros, acenando a alguns com uma amnistia capciosa.

Ha ainda a considerar que o projecto de amnistia com a restricção odiosa do § 2º impedirá que voltem á effectividade do serviço, officiaes do exercito e da armada, cuja fé de officio, cuja capacidade manifesta não são para desprezar.

Não nos faltam, felizmente, officiaes valentes, instruidos; mas nunca será motivo de arrependimento, procurar-se augmentar o quadro dos que em hora suprema possam defender com valor a honra da nação.

E, se se pretende impedir que os moços officiaes *perdoados* e *castigados* pela mesma lei voltem á effectividade do seu serviço, isto é, ao exercicio da nobre carreira em que fizeram um nome — providenciou já o governo para que elles encontrem no Brazil os recursos com que têm de attender á sua e á manutenção de suas familias?

Decididamente, é preciso que o projecto de amnistia seja digno dos sentimentos de humanidade que sempre nos caracterisaram, não obstante o eclypse produzido pelos fastos da legalidade.

E' preciso que elle não seja uma lei eivada de partidarismo, uma lei manca, amesquinhada por aquella muleta do § 2º do Art. 1º.

ROCHEFORT.

TAGARELLICES

Eu fui um dos muitos curiosos que foram na terça-feira á Camara dos Srs. Deputados apreciar a cortezia fim de seculo com que o Dr. Erico Coelho se dignou manifestar o seu especial agrado pela chegada, a estas plagas brazileiras, do conselheiro Thomaz Ribeiro como representante do governo portuguez junto ao governo da Republica dos Estados-Unidos do Brazil.

O illustre representante do Estado do Rio, com aquelle fino espirito que o torna apto para compadre de uma *Revista comica* do anno que corre, já na sessão de sabbado havia dado uma amostra da sua sympathia pelo notavel poeta do *D. Jayme*, e foi por isso que a minha curiosidade foi aguçada ao ler nas folhas da tarde de segunda-feira, o annuncio que S. Ex. fez na Camara de que no dia seguinte ia soltar o seu eloquente verbo para acachapar a critica que o *Jornal do Commercio* ousou fazer da nobre compostura que a Camara e S. Ex. tem mostrado na presente sessão.

Tive o prazer de ver o espirituoso orador discorrer á cerca dos orgãos da imprensa, definindo o caracter generico de cada um, merecendo unanimes applausos o exemplo em que S. Ex. se figurou orgam de uma corporação de engraixates, e a graça com que cantou a popular cançoneta:

Chegou! chegou! chegou!
Agora, agora, agora!
Chegou! chegou! chegou!
Inda não ha meia...

Realmente, não se póde ser, nem mais parlamentar, nem mais engraçado!

O peior foi que, com todos esses argumentos, S. Ex., longe de combater a critica do grande orgão, ainda mais a justificou.

Não ha duvida que S. Ex. é muito engraçado, que tem pilherias que provocam as gargalhadas dos seus collegas, e com as quaes, conforme vaticinei na minha ultima Tagarellice, vae passando a perna ao Sr. José Carlos; mas não é com taes fagundices que se demonstra que o *Jornal do Commercio* não teve razão na critica que fez do procedimento da Camara e de S. Ex.

N'essa critica, o dito *Jornal* qualificou de pouco criteriosa e pouco digna a attitude assumida pela maioria dos pseudos representantes da nação relativamente á Republica Oriental e ao novo ministro portuguez; e o Sr. deputado Erico Coelho, sem nada produzir em contestação de tal censura, discorreu sobre o que deve ser considerado orgam da opinião nacional, cantarolou uma cançoneta e varou a fura-bolo a illustração de um periodico!

Ora, se com taes argumentos alguem ficou acachapado, não foi, de certo, o *Jornal do Commercio*, mas...

Se eu acreditasse nos phenomenos espiritas com que o Sr. general Quadros procura justificar os seus actos de deshumanidade praticados no Paraná, seria levado a crer que o illustre lente e deputado estava obcedado pelo espirito de algum d'aquelles fidalgos hespanhóes que figuram no D. Jayme, para affligir o poeta que com tão negras cores os pintou.

A' falta dessa crença, eu, que acredito que ao Sr. Dr. Erico Coelho não fallecem nem dotes de intelligencia, nem conhecimentos de boa educação e deveres de civilidade, só posso attribuir o seu procedimento para com o Sr. Thomaz Ribeiro a uma enfermidade de que tem manifestado symptomas de ha tempos a esta parte: — a monomania da berra.

Sim, S. Ex. quer berra! quer que se falle d'elle!... muito! muito!... dentro e fóra do paiz!

Esta suspeita suggeriu-m'a aquelle caso em que elle se figurou orgão de uma corporação de engraxates.

Não foi á tôa que elle se figurou n'este caso.

O exemplo da graxa affagava no seu espirito a esperança da realidade da sua aspiração de andar na berra.

Um fabricante de graxa para lustrar botas concebeu um dia um plano vandalico, com o qual procurou celebrisar-se a si e ao producto da sua industria.

Foi ás pyramides do Egypto, e, com uma picareta, esculpio nas mesmas em grandes caracteres, destruindo-lhes as preciosas inscripções hieroglyphicas, que ellas continham, o seguinte annuncio:

USEM A GRAXA MASSON

A noticia d'este vandalismo, chegando ao conhecimento das sociedades archeologicas da Europa, produziu o maior escandalo, e toda a imprensa clamou, em longos artigos, contra a descommunal selvageria d'esse attentado.

E tanto bastou para que em todo o mundo se fallasse de Masson e da sua graxa.

Pois o Sr. Dr. Erico Coelho teve identico pensamento.

Imaginou que a celebridade do illustre poeta era uma pyramide, e, ao vêl-o chegar a esta capital, armou-se da picareta da sua descortezia e zás!...

Foi aquella... amabilidade que se vio!

Agora S. Ex., de braços cruzados e fronte altiva, aguarda a repercussão na Europa do seu escandalo diplomatico para ver celebrisada a sua graxa... quero dizer a sua graça, isto é, o seu nome de Coelho correr como uma lebre de bocca em bocca n'um berreiro de o pôr doido!

E depois de assim ter creado tanta fama S. Ex. poderá ir... dormir.

MESTRE NICOLAU.

DEGRINGOLADA

Mas... Santo Deus! onde é que parar vamos?
Onde se vio jámais tanta doidice?
Quem, longe, por um óculo nos visse
Diria que inda em trevas tacteamos!

Se no *Treze de Maio* conquistamos
Louvor que nunca de ninguem se disse,
Hoje, pelo caminho da sandice
P'ra a condição selvagem regressamos!

Vai-se operetisando o parlamento
Com palhaçadas que provocam riso
Neste mui grave historico momento!

E, desnorteada, sem criterio, ou siso,
A mocidade, em bando turbulento,
Dá por pedras e paus, perde o juizo!

SANCHO PANSA.

Lettras e Arte

FRUCTO PROHIBIDO

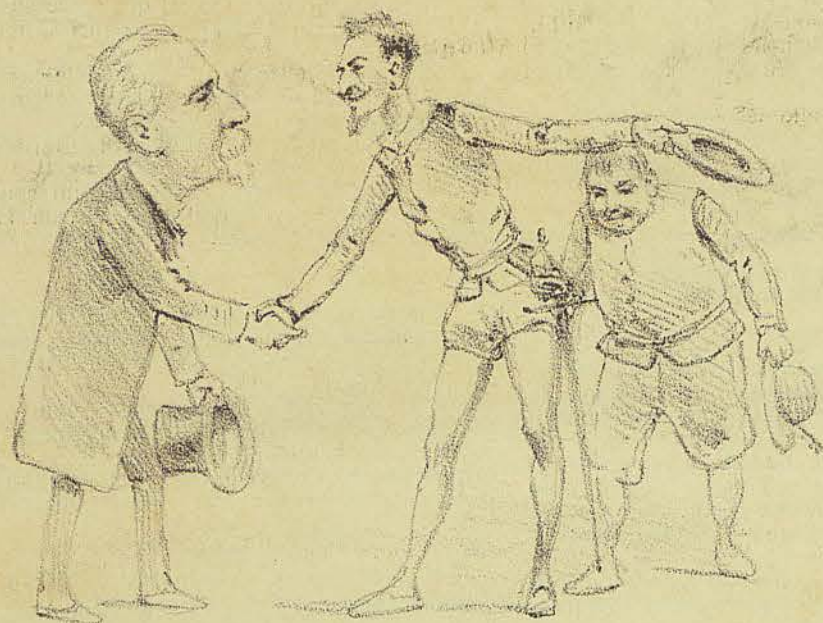
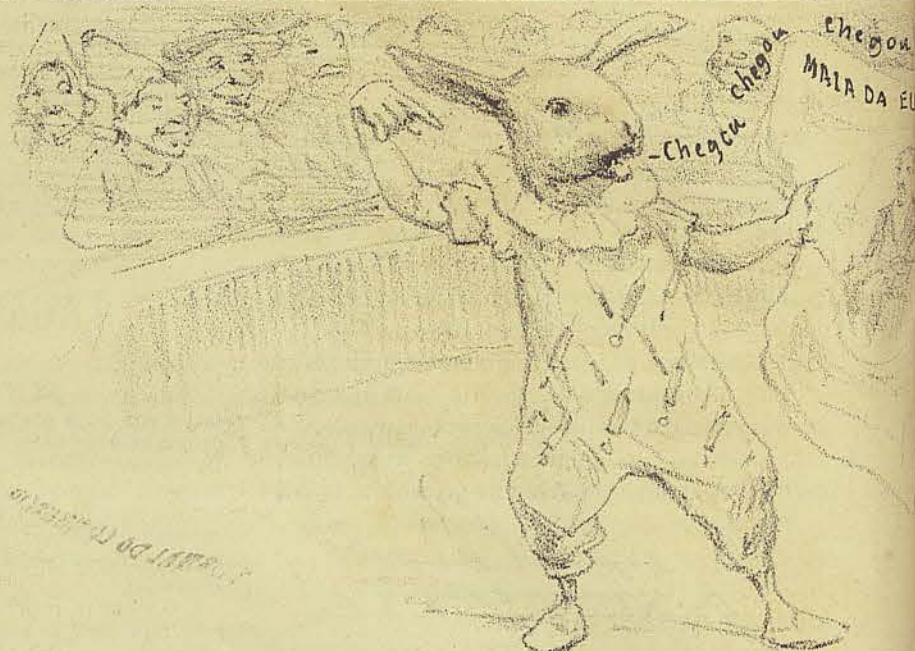
COELHO NETTO

Coelho Netto, o primoroso prosador que o publico conhece e admira, reunio em livro alguns contos com o titulo acima, contos leves, despretenciosos, como elle mesmo affirma, contos de transição para trabalhos mais sérios. Cremos que isso é apenas modestia do auctor, pois lemos esses contos e agradaram-nos extraordinariamente, apezar de conhecermos alguns, que já foram publicados em jornaes, quasi todos. *A nostalgia da vaga*, *O modelo de Venus*, *Beijos nos olhos*, são verdadeiros primores litterarios.

Coelho Netto é, incontestavelmente, um poeta em prosa e um estylista correcto.

O seu livro *Fructo Prohibido* veio ainda uma vez demonstrar ao lado das *Rhapsodias*, das *Balladinhas* e etc., o merito do seu actor.

Parabens.

L. N.

Don Quixote comprimenta o illustre representante da nação portugueza, e pede a S. Exª de desculpar as tolices de alguns desmiolados,

entre os quaes salientou-se um disfrutav rico Coelho paralamentar, representando scenas com na Camara como em circo de cavallinhos. - Chegou chegou

Chegou... a occasião do illustre campeão do divorcio conseguir... divorciar-se... mas foi do bom senso, da cortezia e do decoro parlamentar

Esta ericada foi objecto dos mais variados commentarios. A rua do Ouvidor tomou farto regabofe!

- A que attribue V. aquelle destempero?
- Sei lá! O Zama disse que foi falta de sal, mas o Glycerio affirma que foi falta de... guarda chuva...

A imprensa unanime em cravar-lhe as pennas
- Até o "PAIZ" exclamou o novo S. Sebastião

Consta que uma commissão de medicos foi encarregada de examinar o estado das suas faculdades mentaes.
O culpado foi Lulu Senior que fallou em macaquinhos no sotão....

Tambem consta ter havido seria divergencia entre os sabios esculapios - O mal é na cabeça - Não ha tal, é no estomago. - A mim parece-me que é na barriga.

Para sanar duvidas, consta ainda que outro exame foi feito no illustre doente.

Depois desses exames, um relatorio foi apresentado ao Vice presidente da Camara recommendando-lhe que nunca mais desse a palavra ao doente logo depois do almoço.

Don Quixote faz votos para que S. Exª de todo restabelecida.
- Ainda por cima está-me debicando!.
- Não Sr, fallo serio

Outro que soffre da bola.
Attitude do joven senador Vicente do Paraná no Senado.
O caloiro revela o despota.

Se o Senado funccionasse em Curityba, em vez de bolos seriam balas. - Saude e fraternidade

A CIGARRA

Cá o temos, o n. 3 da primorosa *Cigarra*, que, como os anteriores, vem fulgurante de Arte e de espirito.

Na primeira pagina o retrato do Dr. Assis Brazil, o ministro enviado extraordinario do Brazil em Portugal, e que n'este momento é objecto da mais enthusiastica e mais sincera sympathia do povo portuguez, que com estrondosas festas o recebeu.

Nas paginas centraes as pennas adoraveis de Sanches da Gama, Bilac, Ferreira de Araujo e outras de igual valor, batem-se n'um duello de espirito com a admiravel penna de Julião Machado.

Na ultima pagina o perfil grotesco de um Mirabeau cabofriado e *fin de siècle*, em acção de recitar uns versos, que, felizmente para quem os ouve, não são d'elle, estende o braço e o fura-bolos como para indicar á furia jacobinica o poeta de que se fez zoilo.

A continuar assim, a *Cigarra*, dentro em pouco ficaremos esgotados de phrases laudatorias, e só nos restará para recebel-a a eloquencia admirativa de silenciosos... ! ! !

V. VIEIRA.

CHINOISERIES

Almas, sorrisos e flores, corações e pensamento, que conheceis do talento o valor, os esplendores; vós que prezais essa flamma que o homem mais nobilita, que de enthusiasmo palpita e na estrophe se derrama, saudai, saudai dignamente esse vate peregrino, que um abençoado destino, trouxe á Brasileira gente. Sim, visita tão honrosa raras vezes recebemos; os louros dar-lhe devemos, que o valor apotheósa.

O' Musa, agora inspirai-me, engrandecei o meu verso p'ra saudar o genio terso, que me faz sentir *D. Jayme* !

Que nas *Vesperas*—de emoção—suspira e sentido falla e em *Sons que passam*, exhala, sons... que jámais passarão.

Manda-o a diplomacia, mas eu vejo nelle (é o caso) o enviado do Parnaso, o ministro da poesia.

Salve, ó grande mensageiro das musas! Ao genio amigo, ó poetas, erguei commigo—um viva,—a Thomaz Ribeiro!

LU-NO.

INDUSTRIA NACIONAL

O Sr. Cardoso Monteiro, um laborioso estrangeiro que tanto se tem recommendado á estima de todos os naturaes deste paiz, que prezam o seu engrandecimento, não é só, como geralmente se sabe, um habilissimo fabricante de tinta de escrever.

A sua intelligente actividade estende-se a outros ramos da chimica industrial, enriquecendo de vez em quando a nossa já bastante rica industria com novos productos, que para logo são aceitos com o maior agrado, tal é a sua utilidade e excellencia de preparado.

Conjuntamente com um pote da sua optima tinta azul-preta, já muito acreditada e admittida ao uso das repartições publicas e principaes casas commerciaes, obsequiou-nos o operoso industrial com uma caixa contendo seis bocetas de pasta dentrificia composta do chamado lyrio florentino (da flora brazileira) com aroma e sabor agradabilissimos.

Além d'este producto, offereceu-nos ainda o Sr. Cardoso Monteiro um frasco de excellente Senegalina perfumada, com o seu competente pincel — um outro producto de reconhecida utilidade para escriptorio.

A's nossas gentis leitoras, que tão bem sabem zelar as preciosas perolas que lhes adornam as graciosas boccas, recommendamos a pasta do lyrio florentino de Cardoso Monteiro.

Da importante fabrica fundada em Curityba pelo honrado e laborioso Barão de Serro Azul (que o anno passado foi barbaramente assassinado pelos delegados da sinistra Legalidade) recebemos uma pequena barrica de matte, que nos foi obsequiosamente enviada pelo distincto cavalheiro paranaense Sr. M. Correia de Freitas.

Os productos d'esta fabrica, a mais importante que existe no seu genero, tão justamente acreditados no Brazil e nas republicas do Prata, pela perfeição e igualdade com que são preparados, foram premiados nas Exposições do Chile, Rio de Janeiro, Paris e Philadelfia.

Em relatorio apresentado ao ministerio da Agricultura em 1880, o illustre Dr. Luis Couty, professor de biologia, refere-se a esta fabrica da maneira a mais honrosa, assignalando os sacrificios e aturados trabalhos empregados pelo seu fundador para attingir á perfeição a que soube levar a preparação do matte, ao qual a *Revista Scientifica* de Paris faz o melhor elogio.

E foi pela *legalidade* florianista assassinado um cidadão prestimoso, como este! um industrial do quilate do Barão do Serro Azul!

Tanto ao Sr. Correia de Freitas, como ao Sr. Cardoso Monteiro agradecemos os productos com que nos obsequiaram.

Um bom brazileiro e um verdadeiro patriota o Sr. José de Vasconcellos!

Emquanto—verdadeiros Rabagas—muitos dos nossos compatriotas têm andado a alardear um patriotismo de parola, truculento e desnorteado, de uma politica anarchisadora e réles, o Sr. José de Vasconcellos, que muito bem mostra comprehender aquillo que mais interessa á prosperidade e engrandecimento da patria, entregava-se ao estudo de uma planta que até hoje tem sido considerada uma praga, e pode, graças a esse estudo, converter-se daqui para o futuro em uma inexgotavel fonte de riqueza para o paiz.

Essa planta, que tem o nome sientifico de *Hedychium coronarium*, é vulgarmente conhecida pelos de *Jasmim do brejo*, *lyrio borboleta*, *copo de leite*, *narcisa* e outros.

Além da delicada essencia, que se póde obter da sua aromatica flor, das suas raizes extrahio o Sr. José de Vasconcellos o *polvilho indigena*, o *farello indigena* e a *estopa indigena*, productos estes para os quaes acaba o seu laborioso descobridor de obter privilegio na conformidade da lei.

E' da maior utilidade publica a applicação a que se prestam taes productos.

O polvilho presta-se:

1° para o fabrico do pão sómente com o fermento de trigo.

2° para toda a sorte de biscoutos que se possam fabricar com os congeneres.

3° para gomma, sendo superior aos outros pelo brilho natural, consistencia e facilidade no seu emprego.

4° para alimento de crianças e doentes, no que é superior ao da araruta, como de mais facil digestão.

O farello é destinado ao alimento de criação, sendo nutriente como todos os farinaceos.

A estopa presta-se para tecidos (desde que seja clarificada chimicamente), para cordas, baixeiros, tapetes e, finalmente, póde supprir as crinas vegetal e do mar, e ter todas as applicações da estopa do linho.

O concessionario vai entregar o fabrico d'esses productos aos lavradores brazileiros mediante contractos, e para maior facilidade de producção já se acha em construcção um machinismo simples, economico e de facil acquisição para os pequenos lavradores.

Esse apparelho recebe as raizes e distribue os tres productos.

Na vitrine da loja da rua do Ouvidor, 74 A expoz o Sr. Vasconcellos as raizes, o polvilho, o farello e a estopa obtidos da preciosa planta, acompanhados do pão, e dos biscoitos feitos com o polvilho, e amostras de applicações dadas á estopa.

Como discobridor d'esta importante riqueza nacioaal, não hesitamos em qualificar o Sr. José de Vasconcellos como benemerito da patria.

DOUS BRANDÕES

Triolets para serem cantados na Camara, com a musica do Jacob-hymno, pelo engraçado Sr. Dr. E'pobre Lebre, deputado pelo districto da Corda Quente, sem sciencia dos eleitores.

E', como o outro, um *collosso*
O Brandão parlamentar;
Se bem que um pouco mais moço,
E', como o outro, um *collosso* !
Com mais carne e menos osso,
Menos arte e mais esgar,
E', como o outro, um *collosso*
O Brandão parlamentar.

Na palhaçada famosos,
Seu palco tem cada qual;
Ambos actores jocosos
Na palhaçada famosos!
P'ra não viverem rixosos,
Sendo um bem ao outro igual
Na palhaçada famosos,
Seu palco tem cada qual.

Um no Lucinda dá sorte,
Outro na Camara a dá;
Em frescas momices forte,
Um no Lucinda dá sorte;
Outro da Camara o porte
A risota mette já..
Se um no Lucinda dá sorte,
Outro na Camara a dá.

Tem cada qual sua claque
P'ra acclamal-o popular...
De enthusiasmo basbaque,
Tem cada qual sua claque.
Para que bem se distaque
Cada actor no seu lugar,
Tem cada qual sua claque
P'ra acclamal-o popular.

Temos, pois, no parlamento
Um segundo actor Brandão !...
De palhaçada um portento
Temos, pois, no parlamento !
Fazer rir é o seu intento;
Ria, por tanto, a nação;
Pois temos no parlamento
Um segundo actor Brandão !

CABRION.

FERROADAS

Ha coincidencias notaveis:

A Noticia deu a seguinte local na sua edição de sabbado, 18:

« Hoje, ás 2 1/2 horas da tarde, porque um cavalheiro, já adiantado em annos, se apresentasse na rua do Ouvidor, no goso de um direito justissimo, trajando uma bellissima sobrecasaca de pello marron, formou-se logo, acompanhando-o em todo o percurso da rua, um ajuntamento chacoteador.

Com uma visivel expressão de dôr na physionomia e envergonhadissimo com o que com a sua pessoa se passava, o cavalheiro ao qual nos referimos, procurava, de instantes a instantes, evitar tão humilhante vexame, occultando-se no interior de diversas casas de negocio, recurso que resultado algum produzia, pois que em frente ás portas as chacotas continuavam.

E, emquanto isto se dava, não havia, em toda a rua do Ouvidor, um unico policia, que puzesse cobro a esse acto indigno de uma cidade civilisada ! »

No mesmo dia e talvez á mesma hora, acto não menos revoltante foi praticado na Camara dos deputados.

O Sr. Coelho Erico, propositalmente equivocado, chamava—*enviado extraordinario de Sua Magestade Britannica* ao representante de Portugal, que devia aqui chegar no dia seguinte; chacoteava da missão sympathica que o illustre

diplomata vinha desempenhar, e, revivendo uns versos que o Sr. Thomaz Ribeiro escrevêra a proposito do exilio de D. Pedro de Alcantara, insuflava animosidades jacobinas contra a colonia portugueza.

E, emquanto isso se dava, não havia, em toda a camara, um unico deputado, um presidente unico, que puzesse côbro a essa molecagem!...

Dias depois, o mesmo Dr. Coelho respondia possesso e jocoso á censura digna e patriotica que lhe inflingio o provecto *Jornal do Commercio*.

Perorando o seu sexquipedal aranzel, o dito deputado exhibio um retrato do Sr. Thomaz Ribeiro e... cantou o

Chegou, chegou, chegou...

Depois, agitou o jornal, gesticulou para todos os lados, rodando sobre os calcanhares, e... furou o retrato com o dedo, no lugar em que estava o habito da Rosa!

Não consta, entretanto, que o Sr. presidente tivesse requisitado uma camisola de força...

Estará satisfeito o Snr. deputado?

Duvido.

Não obstante o seu estardalhaço, o ministro de Portugal foi recebido entre festas effusivas e calorosas por parte da gente sensata.

Condigna recepção lhe fez a imprensa, e, se alguns insuflados pelo Snr. Erico tentaram perturbar essas manifestações de hospitalidade, deve-se-lhes a commiseração indulgente de que se fez implacavel credor o pandego deputado que não se assusta com a descida do cambio ao zero mental do seu juizo... E disse.

Depois do Snr. Erico, o Snr. Vicente Machado...

S. Ex. pintou ante-hontem o diabo no senado.

S. Ex. censurou o senado.

S. Ex. quer que o senado approve já os actos do Snr. Marechal Floriano.

S. Ex. exige que o senado approve, tambem já e já, a nomeação do Sr. Werneck para prefeito.

« O Sr. presidente chama a attenção do orador para o regimento da casa *que não permitte dirigir-se aos seus collegas com tão pouca cortezia*.

O *orador, congesto*, interrompe as observações do Sr. presidente, continuando as suas censuras que apenas têm es *apoiados* dos Srs. Esteves Junior e João Cordeiro, mas os protestos de todos os mais senadores. »

Ecce homo!

Não brinquem com elle, com o sultão da ex-legalidade, em Curytiba.

Lembrem-se de que ainda existe o kilometro 65...

Em guarda!

PERNILONGO.

THEATROS

A Revista intitulada *Pontos nos ii*, actualmente em scena no theatro Lucinda, só justifica o seu titulo pelo facto de ter vindo realmente pôr os pontos nos ii relativamente á capacidade do seu autor como escriptor theatral.

Desamparado do apoio que lhe prestara a penna adestrada de Moreira Sampaio para ensaiar os primeiros passos, a aptidão de Vicente Reis para por si só caminhar na conquista do bom credito que anhelava como autor, era por muitos posta em duvida.

Agora, com a representação da revista *Pontos nos ii*, ficou-se conhecendo cabalmente o grão dessa aptidão.

Effectivamente Vicente Reis poude emprehender e conseguio levar a seu termo a confecção de uma revista, que os espectadores do theatro Lucinda não deixaram de aceitar, e até mesmo applaudir.

Não se póde negar que já foi conseguir alguma cousa.

Para os frequentadores daquelle theatro, habituados e affeiçoados ás peças que constituem o repertorio da companhia que alli trabalha, a Revista de Vicente Reis pode ser uma peça regular, e, direi mesmo, de successo. Para uma plateia, porém, bem orientada em arte e bem educada em lettras, essa revista seria um desastre.

Para comprovar este asserto cemeçarei por observar que a revista *Pontos nos ii* não obedece a plano algum preconcebido, que lhe seja contexto no encadeamento dos factos de que trata, e nella mettidos como que a granel.

As quatro personagens que lhe são comadres em todo o correr da peça, além de nenhuma relação terem entre si que as associe a uma acção em desenvolvimento atravez das scenas que se succedem, em nada absolutamente justificam os nomes com que figuram; e assim tanto se podem chamar *Povo*, *Anno de 1894*, *Destino* e *Ambição*, como Pedro, Paulo, Sancho e Martinha.

Isto quanto á parte mechanica ou architectonica, base principal de toda a peça de theatro, qualquer que seja o seu genero.

Quanto á parte critica e litteraria, a infelicidade não é menor.

Ha muitas personagens inuteis, superfluas e banaes, que nenhuma significação critica representam, e são atiradas futilmente para a scena como enchimentos.

Ha pobresa de criterio na observação de muitos factos, e pobresa de espirito na phrase e no modo porque são criticados.

Ha ainda falta de aceio e de decoro tanto no geral da linguagem como na acção de varias peripecias, sendo a mais reprehensivel aquella em que o actor Brandão é despido, ficando em ceroulas até ao final do quadro.

Ha, finalmente, demasiado emprego de chapas populares e corriqueiras a rebaixarem o estylo na linguagem de todas as personagens, dentre as quaes nenhuma se destaca pela elevação do mesmo.

Tudo é chulo, sediço e por vezes mal cheiroso.

Entretanto, no meio de toda esta pachuchada, lá surge de vez em quando uma scena feliz como a da casa de jogo que termina pelas compainhas vulgarisadoras da terminação do estado de sitio; um typo bem traçado como o do caipira braganhador; uma critica espirituosa como a do regosijo invisivel pela entrada da esquadra legal, e uma satyra mordente como e das subscripções para as festas da commissão oriental.

Isto denota que, se ao autor fallece a experiencia e a imaginação para bem delinear uma composição theatral, não lhe falta, comtudo, intelligencia e tino para com o tempo e a pratica vir a engendral-as e fazel-as menos defeituosas e mais... aceiadas.

Um conselho lhe dou, se m'o permitte:

Não se desvaneça com o applauso que lhe possa render a intenção menos decórosa, menos decente de certas phrases ou scenas, por parte de espectadores ignaros ou pervertidos de gosto. Eleve a sua imaginação e a sua linguagem até á altura de um idéal artistico e litterario, d'esses em que até a propria nudez póde ser exhibida sem indecencia.

E quando isto conseguir, reconhecerá que a admiração fria da gente instruida e educada o ha de lisongear mais do que o caloroso applauso da turba sem polidez.

Quanto á enscenação e desempenho da Revista *Pontos nos ii* só posso para ambos ter louvores.

Leonor Rivero, que faz um bom numero de papeis, e Miola que representa o da chamada *Ambição*, esforçaram-se dedicadamente para obterem a bôa acceitação da peça, e Vicente Reis deve lhes ser grato por isso.

Leonardo reprodusio cem fidelidade o typo do Caipira e soube fazer-se merecidamente applaudir.

Brandão não fez mais nem menos do que sempre faz em tudo. E' aquillo mesmo, sempre o mesmo, invariavelmente.

Todos, emfim, deram regularmente conta do seu recado em um reboleio continuo de maxixe acanalhado, com o qual autor e actores teimosamente armavam ao enthusiasmo febril dos espectadores eroticos.

O publico encheu litteralmente a casa na primeira representação, e consta-me que tem continuado a enchel-a nas que se lhe tem seguido.

Pelos outros theatros nada de novo; continuam em scena as mesmas peças de que já tratei.

SANSÃO CARRASCO.

A NOSSA MESA

Recebemos:

Revista Industrial de Minas Geraes — Anno II, n. 4. Traz importantes artigos sobre assumptos de grande interesse para a industria e para o progresso em geral do paiz, e especialmente do Estado de Minas.

Revista Pedagogica — N. 43. Precioso repositorio de estudos, observações e informações sobre o importante objecto que o seu titulo indica.

O Major — Revista fluminense do anno de 1894. Comedia phantastica em prosa e verso, em 1 prologo, 3 actos e 13 quadros, por Arthur Azevedo, com musica de diversos autores. Já em nossa edição n. 16, sob o titulo de *Theatros*, manifestamos o bom apreço em que temos esta excellente producção do festejado comediographo.

Justiça Federal — Formulario para o Juizo Federal, contendo legislação e doutrina, formulas e marcha processoaes para a applicação da nova lei n. 221 de 20 de Novembro de 1894, que completou a organisação da justiça federal, na parte concernente ás lesões de direitos pelas autoridades administrativas da União, pelo Dr. Cavalcanti de Mello.

Obra de palpitante necessidade e utilidade momentosa, que por si mesma se recommenda.

Hippodromo Nacional — Relatorio apresentado por sua Directoria á Assembléa Geral Ordinaria em 21 do corrente, organisado pelo digno 1º secretario J. J. de Paula Rosa.

Turf-Club — Convite official para a corrida de 23 do corrente.

Jockey-Club — Convite official para a corrida a effectuar-se no dia 26 do corrente no *Prado Fluminense*.

Relatorio apresentado á mesa administrativa do *Asylo de Santa Leopoldina* em 3 de Fevereiro de 1895 pelo provedor da Irmandade de S. Vicente de Paulo, Dr. Liberato de Castro Carreira.

Estatutos do Gremio Litterario 30 de Setembro, que tem por fim reunir os alumnos do Gymnasio Nacional para, pelos melhores meios possiveis, combinar e promover o progresso intellectual dos seus socios.

J. Gutierrez, successor da Companhia Photographica Brasileira — Um cartão de endereço contendo uma bellissima photo-lithographia do *Aquidaban* no dique da Ilha das Cobras.

Tão acreditado está já o famoso estabelecimento photographico do Gutierrez, que dispensa qualquer reclame.

A todos agradecemos.

D. MESARIO.

Typ. L'Etoile du Sud, r. S. José 102

THOMAZ RIBEIRO

Chegada do Sr ministro de Portugal ao Rio de Janeiro no dia 19 de Maio de 1895

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 19

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO DE ANGELO AGOSTINI

R. OUVIDOR 109

ESCOLA DE

O collega d'"A Noticia" levou vaia academica, mas é porque elle não entende de liberdade de imprensa. Eu cá, quando tiver de tratar de assumptos escolares e outros, virei pedir licença a estes illustres senhores.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno.......	24$000
Semestre	12$000	Semestre	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitarnos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura termina no fim do corrente mez, recommendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 1 de Junho de 1895.

SALDANHA MARINHO

28 DE MAIO DE 1895

Está de lucto a democracia brasileira pelo passamento do seu Patriarcha.

O tumulo que se abrio para recolher no seio da terra a contingencia material do homem que findou, é o ponto inicial da vida que começa para o espirito consubstanciado nas suas obras.

Por longos annos uma nação inteira o contemplou e ouvio—laborioso semeador de generosas e edificantes idéas—em luta perseverante contra o regimen que de dia para dia mais se incompatibilisava com a indomavel natureza do espirito americano, sequioso de luz, de liberdade e de progresso, animando-se com o seu exemplo e esclarecendo-se com a sua palavra.

Denodado e infatigavel campeão das liberdades civil e religiosa, Saldanha Marinho tornou-se pela tenacidade do seu esforço, pela energia do seu combate, pela rija tempera do seu caracter e pela elevação das suas idéas, como que o summo sacerdote da religião democratica no Brazil.

Da sementeira que fez, colheu a nação o fructo a 15 de Novembro de 1889, tendo por principaes ceifeiros Manoel Deodoro da Fonseca e Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

A sua alma de democrata e o seu coração de patriota estremeceram de verdadeiro jubilo ao ver no pavilhão auri-verde substituido o emblema monarchico pela esphera estrellada que symbolisa a Republica, — o supremo ideal da sua crença politica.

Sacerdote na propaganda, não lhe permittindo já a sua avançada idade ser activo operario na empresa da fundação do novo regimen, sacerdote venerando e sempre venerado continuou a ser na obra da sua organisação, como senador eleito por elevada somma de votos espontaneos do districto federal.

Infelizmente, porém, não tardou que a preponderancia de interesses mal orientados, por não dizer menos patrioticos, toldassem o santo jubilo do seu grande e esclarecido espirito, dando ao ideal democratico que tanto extremecia uma feição diversa da que anhelára, arrancando-lhe em uma expansão sincera de profunda magoa a memoravel exclamação que ficou registrada nos annaes do parlamento brasileiro: — «Não é esta a Republica que eu sonhei!»

E, possuido d'essa magoa profunda, foi pouco a pouco recolhendo-se abatido de animo e alquebrado de forças ao silencio tranquillo do seu lar domestico, onde, quem sabe? como um morbo mortifero, o conhecimento doloroso da funesta desorientação que tanto tem ensanguentado a Republica lhe foi paralysar o coração de sincero e elevantado republicano.

Como seus discipulos, e admiradores das suas altas virtudes, registrando aqui a data do seu passamento, tributamos á sua veneranda memoria o culto da nossa saudade e do nosso reconhecimento.

D. QUIXOTE E O «O PAIZ»

Sob a epigraphe alarmante de — INCRIVEL!! — Inserio o *O Paiz*, de 26 de Abril, a seguinte apreciação, intrelinhada:

> Lemos no *Minas Geraes*, orgão official do Estado, a seguinte local:
>
> «Muito interessante e artisticamente feito o n. 17 do *Don Quixote*, que hontem recebemos.»
>
> Sabem os leitores qual é o n. 17 interessante e artisticamente feito?
>
> E' simplesmente aquelle em que em uma das paginas o caricaturista, a proposito da lei aurea, dá o retrato da princeza Isabel e pede-lhe, em uma invocação sebastianista, que liberte a patria ameaçada como libertou uma raça.
>
> Estará tambem sebastianista o *Minas Geraes?*

Ha neste commentario d'*O Paiz* um inopinado ataque á reputação de um periodico, a mais requintada má fé e uma falsidade clamorosa.

O ataque e a má fé transluzem de sobra. A falsidade demonstra-se:

D. Quixote commemorou a data de 13 de Maio e fel-o por meio de uma allegoria na quarta pagina do n. 17.

Vejamos:

Na parte superior, a figura do «tempo» mostra um livro aberto tendo n'uma pagina a Lei aurea e na outra o retrato da princeza Isabel.

No plano inferior vê-se uma grande serpente—*a politica glycerica*—em attitude aggressiva contra a figura da Republica—a republica civil—protegida pela interposição da espada de *D. Quixote*, o qual, com o pé sobre o dorso do «monstro», diz o seguinte: — «Salve! augusta e benemerita princeza! Libertaste uma raça; hoje *trata-se* de libertar a patria *ameaçada por um terrivel monstro que pretende devoral-a*»

E' claro: *D. Quixote* saudou a princeza Isabel como signataria, que é, da Lei que libertou uma raça, e, seguindo o exemplo de outros orgãos da imprensa, que na commemoração do 13 de Maio alludiram á nossa triste situação politica, affirmou que *se trata*, agora, de libertar a patria ameaçada—a republica civil.

Eis o que *O Paiz* chama, faltando á verdade, uma *invocação sebastianista*!!

Mas isto é mais do que — incrivel! Isto é simplesmente, redondamente — execravel!

A falsidade da apreciação d'*O Paiz* revolta.

A má fé calumniosa das suas illações... faz rir!

Que a data de 13 de Maio é das mais refulgentes que uma nação possa inscrever na sua historia, não ha negal-o; a Republica prestou-lhe devida homenagem, assignalando-a como sendo a da fraternisação de todos os brazileiros.

Para que o fosse concorreu quasi toda a imprensa do Brazil n'uma porfiada campanha de propaganda por sem duvida a mais brilhante e commovente de quantas se têm ferido.

Mas, nem a imprensa nem as outras entidades que em prol da grande causa trabalhavam teriam conseguido o nobre fim commum, de um modo tão radical e tão bello, se não fôra a generosidade da ex-regente que, afinal, foi tão abolicionista como os que mais o eram, e assignou pressurosa e alegre a Lei n. 3353, unico documento em virtude do qual podia ser abolida a escravidão, como de facto o foi.

Ora, esquecer o nome dessa illustre brazileira e não lhe dar o lugar a que tem incontestavel direito na commemoração do 13 de Maio, seria o mesmo que riscar do 15 de Novembro o nome do marechal Deodoro que, afinal de contas, foi o fundador da Republica.

Taes injustiças não commetterá *D. Quixote*, em que pese á gente ignara, ou de má fé.

Quando elle commemorar a data do advento da Republica, exultará de contentamento se, para a composição da sua pagina allegorica, não tiver senão emblemas de ordem e de trabalho, de paz e de progresso, esterilisada para sempre a peçonha de uma politica sanguinaria e desastrosa.

Então, sim!

Então, a figura do «tempo» mostrará o mesmo livro—o das grandes datas nacionas—tendo n'uma pagina a proclamação da Republica e na outra o retrato do bravo Deodoro.

No plano inferior, apontando a republica civil, então sorridente e coberta de flores, *D. Quixote* poderá exclamar, enthusiastico:

— Salve! heroico e benemerito soldado! Fundaste uma Republica; hoje *trata-se* de engrandecer a patria livre, que o «monstro» *não conseguiu devorar!*

Emquanto, porém, não vier esse dia feliz, e, á felicidade da nação, sobrepujar a felicidade de um partido que não recua diante da temerosa crise financeira, que nos assoberba e que nos póde matar; emquanto, menosprezando os sentimentos da maioria dos brazileiros, uma politica de odios e de exterminio campear ovante e truculenta a resfolegar jacobinismo, *D. Quixote*, assim como a maioria da imprensa, ha de

exercer o seu direito de critica e de confronto entre a grandeza das datas historicas e a tacanhez *incrivel* da actualidade politica, dando-se por muito feliz com o applauso da maioria da nação, que até hoje o não tem desamparado.

Naturalmente o *O Paiz*, porque está muito satisfeito com o que por ahi vai de calamidades, continuará a dizer que *D. Quixote* é *sebastianista*, apezar de já lhe haver tecido louvores e transcrever em suas columnas phrases justas em defeza do seu illustre redactor chefe. (1)

D. Quixote, porém, relevando a má fé do fogoso collega e perdoando-lhe mesmo as gratuitas aggressões, julgar-se-ha muito honrado com tal epiteto, uma vez que o *sebastianismo* de *D. Quixote* consiste, como o de todos os verdadeiros republicanos, em desejar a volta... da Republica da Ordem e do Progresso, que uma dictadura sanguinaria estrangulou, mas que a bandeira nacional ainda promette e que ha de voltar, a despeito de tudo.

TAGARELLICES

Eu fui um dia destes ao *salão* do meu collega Guimarães, aquelle amavel barbeiro d'alli da rua da Assembléa, tão tagarella, ou mais do que eu, porque, é preciso que se note, apezar de eu ser mestre do officio, não custumo fazer a mim mesmo.

Pois, o Guimarães estava a escanhoar a um cidadão que, pelos modos, era sebastianista, visto que tão adverso se manifestava para com o Sr. Medeiros de Albuquerque e o seu projecto de expulsão de estrangeiros prestes a ser approvado em terceira discussão pela camara dos Srs. deputados.

Ora eu, que andava a ruminar assumpto para esta tagarellice, emquanto esperei a minha vez, peguei de um jornal e, fingindo que o estava lendo, prestei attenção ao que o dito cidadão vociferava contra o referido projecto.

— Imagine, dizia elle, que eu sou um estrangeiro que vim para o Brazil ganhar a minha vida e que, ao cabo de muitos annos de trabalho util e honrado, criei aqui familia e adquiri uma soffrivel fortuna. Imagine ainda que eu tenho uma filha que se casa com um sujeito que se enamorou do dote que calculou poderia dar a essa filha, e que, de posse d'elle, começa a estravagancial-o, maltratando-me a pequena. Você comprehende que, como pae, é de meu dever chamal-o á ordem oppondo-me formalmente aos seus desatinos. O que faz então o jacobino do meu genro? Vae alli ao Salamonde, diz-lhe que eu sou um sebastianista que desejo a pacificação do Rio Grande, que elogio a Princeza Izabel por ter assignado o decreto da abolição, e que sou assignante do *Don Quixote!* No dia seguinte, *O Paiz*, verificando que o meu nome não figura no livro dos seus assignantes nem no dos seus freguezes de annuncios, dá-me como suspeito á consolidação da Rrrrepublica, e tanto basta para que eu seja expulso da noite para o dia, deixando o senhor meu genro em plena liberdade de esbanjar o dote de minha filha e deixal-a ahi depois ao desamparo!

— Não é tanto assim, replicava o Guimarães com o seu sorriso malicioso, afiando a navalha. Os jacobinos são boas pessoas, e alguns até são meus freguezes.

— Póde ser, retorquia o cidadão; mas eu, que sou lavrador e preciso do colono estrangeiro para me ajudar a cultivar a terra, só posso ver no jacobinismo a desgraça do meu paiz e a fortuna das Republicas do Prata, que vão ter na tal lei de expulsão um meio melhor do que a febre amarella de attrahirem para lá os immigrantes.

Estas reflexões do caipira freguez do Guimarães, impressionaram-me mais do que as que o Patrocinio fez na *Cidade do Rio*, e tanto que até sonhei com ellas. E o sonho foi o seguinte:

Approvada e sanccionada a lei de expulsão, o Sr. Medeiros de Albuquerque e o Sr. Deocleciano Martyr, aquelle com a sua virginal espada de tenente-coronel da Guarda Nacional, e este com a sua muleta, escurraçavam para bordo de muitos navios promptos para sahirem a barra todos os estrangeiros, e na cidade só ficava uma diminuta população indigena, da qual elles se constituiam chefes e senhores absolutos.

Não havia, nem carroceiros, nem engraxates, nem vendores de jornaes, nem varredores de ruas, nem nada!

Os cidadãos eram obrigados a engraxarem as proprias botas se as queriam lustradas; a varrerem as sus testadas e as carregarem o lixo para a Sapucaia; a irem ás redacções comprar os jornaes, se os queriam ler; em summa, a serem *DD. Juans* criados de si mesmo para tudo de que careciam.

Só os dous heróes do jacobinismo é que eram servidos pelos outros, seus concidadãos.

E como um destes se rebellasse contra essa humilhação, que lhes era imposta, o Sr. Medeiros de Albuquerque, com aquelle seu gesto mephistophelico, observou-lhe:

— Quando nós vos propuzemos que expulsasseis os estrangeiros foi para que vós tomasseis o encargo de nos servir, fazendo o que elles faziam. Vós applaudistes a nossa proposta, logo aceitastes as condições a que essa expulsão vos reduzia. Não tendes, portanto, rasão para vos revoltardes.

E o povo, então, subjugado pela rasão d'este argumento, resmungava por entre dentes com lamentosa toada:

Se querem ver o vilão
Mettam-lhe a vara na mão.

Ainda aos meus ouvidos resoava o lamentoso côro, quando o tilintar da campainha me despertou.

Abri a porta do quarto, e botando a cabeça para o lado de fóra perguntei:

— Quem é?

— E' o homem do cisco, disse-me o meu criado, dirigindo-se para a grade da entrada.

— Ah!... exclamei eu com um suspiro de alivio, comprehendendo que havia sonhado.

E tornei a deitar-me contente por não ter ainda chegado o momento de ir eu proprio levar o meu lixo á Sapucaia.

E' forçoso confessar que, attentas as condições precarias das finanças do paiz, o projecto do Sr. Medeiros de Albuquerque é de um alcance economico incontestavel.

Convertido em lei, trará para os cofres publicos a eliminação da despesa com as commissões promotoras de emigração na Europa, e da hospedaria de immigrantes da ilha das Flores, por desnecessarias.

E não será preciso mais nada para que o cambio suba ao par.

MESTRE NICOLAU.

Missa da roça

No seu trotão rosilho escarranchado
Chega á Igreja o vigario ás nove e meia,
Da sacristia á porta elle se apeia
E entra, do sacristão acompanhado.

O povo, que esperava-o já massado
Desde as oito, e a demora achava feia,
Dá do signal da cruz mui triste ideia
Ao vel-o apparecer paramentado.

Posto no altar o calix e o selecto
Texto sacro, que ao dia corresponde,
Marcado no missal, em tom correcto

Falla o padre em latim, e pára onde
O sacristão—roceiro analphabeto—
N'um latim impossivel lhe responde!

C.

OS QUE PASSAM

O GRANDE MORTO

Ante o mal fechado tumulo do grande republicano, que pelo seu genio omnimodo se impunha audaz, soberano; que tinha na mente o fervido ideal do amor e do bem e pela amada Republica combateu mais que ninguem, cheio dessa crença vivida, desse brilhante enthusiasmo, que tanto recommendaram-no ao Paiz, do esforço pasmo, ante esse tumulo ajoelha-se a Patria a chorar de dor, vendo assim prostrado, exanime o valente lutador. Mas o portentoso espirito, que tanto nos ha prestado; o Ganganelli imperterrito da questão da Igreja e Estado, não póde morrer; esplendido seu nome ainda reluz como fanal na politica, na sciencia clara luz. Da terra a mortalha humida, não póde envolver talentos. Seu corpo cahio? Expandem-se ainda os seus pensamentos, que ficaram como valida prova que ao mundo legou o philanthropo que tanto a sua patria amou. O' Musa, nest'hora curva-te tambem afflicta e saudosa, ante o nome prezadissimo que hoje a morte apotheósa.

LU-NO.

DR. JOSÉ MARIA TEIXEIRA

Victima de uma syncope cardiaca falleceu na noite de 28 do mez proximo findo o illustre clinico e professor distincto da nossa faculdade de medicina, Dr. José Maria Teixeira.

O seu caracter como cidadão, e a sua proficiencia como medico dão-lhe direito a que não sejamos indifferentes ao seu passamento.

No exercicio da sua nobre profissão, o illustre medico foi um trabalhador incansavel na investigação das diversas causas morbidas que affligem a população da cidade do Rio de Janeiro, e numerosas são as memorias impressas que sobre ella escreveu, e constituem um precioso espolio scientifico que muito honrará a sua memoria

A faculdade de medicina possuia no Dr. José Maria Teixeira um dos seus mais illustrados professores, e a população fluminense perde nelle um clinico excellente.

Lamentamos sinceramente a sua morte.

GERVASIO LOBATO

As lettras portuguezas acabam de perder mais um dos seus notaveis cultores.

Gervasio Lobato não é um desconhecido no Brazil e muito principalmente n'esta capital.

O Paiz já o teve por seu collaborador, e nos theatros fluminenses peças de sua lavra hão feito extraordinario successo, como *O Burro do Sr. Alcaide*, *O Solar dos Barrigas*, e *O Commissario de Policia*.

Pinheiro Chagas desvaneceu-se de o ter tido por collaborador no *Diario da Manhã*.

Ha cerca de desoito annos, prolongando o volume dos seus folhetins que tem por titulo: *Comedia de Lisboa*, o illustrado historiador, jornalista e dramaturgo, que foi tambem um notavel homem politico, concluio com estas palavras:

« Gervasio Lobato tem hoje vinte e oito annos. O seu estylo principia a assentar definitivamente; as qualidades mais serias de seu talento manifestam-se cada dia de um modo mais notavel.

Parece-me que me não illude a viva amisade que lhe consagro (não illudio) prophetisando ao moço folhetinista o mais brilhante futuro litterario, e affirmando que virá a ser um dos grandes escriptores da geração a que pertence. »

O *Testamento da Velha*, sua ultima composição theatral, será em breve aqui representada pela companhia Souza Bastos que de Lisboa se espera.

Aos admiraveis dotes de espirito que possuia como homem de lettras, Gervasio Lobato reunia elevadas qualidades pessoaes que o recommendavam á consideração e estima de quantos o conheciam e com elle tratavam.

(1) Vide *O Paiz* de 17 de Fevereiro deste anno.

28 de Maio de 1895. Homenagem do "Don Quixote" ao patriarcha de Democracia brasileira, Joaquim Saldanha Marinho.

O *Don Quixote* presta á sua memoria a homenagem que lhe merecem todos os homens distinctos.

V. V.

MACHADICES

Que Vicente das arabias!
Que machado afiadinho!
Não tem modos, nem tem labias...
Que Vicente das arabias!
Do senado as cousas sabias
Não aprende o tyranninho!...
Que Vicente das arabias!
Que machado afiadinho!

Ralha, grita, no debate
Gesticula, gesticula!
Só dispara disparate,
Ralha, grita, no debate!
Aos mais velhos, cheque mate
Pensa dar, em prosa chula...
Ralha e grita, no debate,
Gesticula, gesticula!

Oh! senador esquentado,
Da terra da matte fresco!
Que sorte, se estás queimado!
Oh! senador esquentado!
Teu governo ensanguentado
Foi qual Averno dantesco;
Oh! senador esquentado,
Da terra do matte fresco!

Ao te ver, assim, tão serio,
Esbravejar com affinco,
Vae-se-nos da calma o imperio
Ao te ver, assim, tão serio.
Vem-me á mente o cemiterio...
E o negro SESSENTA E CINCO...
Ao te ver, assim, tão serio,
Esbravejar com affinco!

Tenha modos, seu Vicente!
Deixe correr o marfim...
Quer bulir com esta gente?
Tenha modos, seu Vicente!
Quem das feras usa o dente,
Não é tal um cherubim...
Tenha modos, seu Vicente,
Deixe correr o marfim!

Vá mamando a gorda têta
(Setenta e cinco por dia!...)
Fique manso! não se metta!
Vá mamando a gorda têta.
Dizer póde alguma pêta,
Mas com *santa* hypocrisia...
Vá mamando a sua têta...
(Setenta e cinco por dia!...)

PEDRO RUIVO.

A BEM DOS QUE SOFFREM

O sabio botanico Dr. Barbosa Rodrigues, que tanto lustre tem dado ao nosso paiz com os seus trabalhos scientificos e importantes explorações pelo interior do Amazonas habitado por tribus selvagens, com as quaes soube relacionar-se, captando-lhes a confiança e a estima, obsequiou-nos com um vidro do remedio por elle preparado, infallivel contra todas as hepatites agúdas e chronicas, itericias, congestões e calculos do figado, etc., etc. a que deu o nome de *Pariquyna*.

Acompanha o precioso remedio uma pequena brochura em que se lê o historico da importante descoberta feita pelo Dr. Barbosa Rodrigues em uma das suas explorações pelo Amazonas, das plantas que servem ao preparo desse poderoso antidoto contra as afecções hepaticas, descoberta originada da observação de factos que não escaparam á sua investigação de sabio botanico e explorador scientifico.

São valiosissimos os attestados dos nossos mais distinctos clinicos sobre os admiraveis e beneficos effeitos obtidos por elles no emprego da *Pariquyna* nas enfermidades para que é recommendada, salientando-se entre elles a abalisada opinião do illustrado Sr. Dr. Silva Araujo — notabilidade medica do Rio de Janeiro — expendida em sessão da Academia Nacional de Medicina.

Considerando como um real beneficio prestado á humanidade soffredora, a descoberta do Dr. Barbosa Rodrigues, recommendamos a todos que nos lêm o emprego da *Pariquyna* como remedio infallivel para os casos que lhe são assignalados.

FERROADAS

Pois que o amavel *O Paiz* xingou o *Don Quixote* de sebastianista, é justo que a primazia lhe toque na minha collecção de hoje.

O collega tem carradas de razão. A sua assanhada intolerancia, fal-o matutar lá com os seus trinta botões: — *Quem não é por mim, é contra mim.*

Ora, como aqui não se dá quartel a fomentadores e apologistas da sanguisedenta politica, quaesquer que sejam elles, nada mais natural do que ser-se tido como sebastianista... da paz e da ordem, pela folha que mais tem ajudado Sr. Castilhos a ser... o Sr. Castilhos.

Eu sou mais justo, porém. Apezar de saber que *O Paiz* não lê pela cartilha de *D. Quixote*, não direi que elle não seja republicano.

E' é, é rrrepublicano, muito rrrepublicano, rrrepublicano marca tres r r r!!!

E aqui é que está a differença...

⁂

Mas o diabo é que o amavel contemporaneo depois de nos mimosear com a designação de *sebastianista*, andou a escrever sobre a existencia do sebastianismo, nas suas *Notas do dia*, concluindo as de 29 com a ameaça de que os que estiveram de armas na mão, voltarão breve a pegar nellas para dar segunda e *mais tremenda* lição nos que... não usam da rrrepublica marca tres rrr!!! Isto é grave.

Se a cousa ainda tem de ser peior do que já foi, parecem-me insufficientes as alterosas montanhas de Minas altiva para abrigarem todos os que, decididamente, não estão dispostos a darem que fazer á sanha dos agentes... da primeira lição...

Positivamente, é necessario procurar outro seio de Abrahão, para se escapar á semsaboria de ir desta para melhor, sem attestado de obito.

Eu, como sou prudente, peço desde já ao amigo Salamonde o favor de uma recommendaçãosinha para... Freixo de Espada á Cinta!

⁂

Parece-me que é para que a gente da... primeira lição fique livre e limpa de culpa, afim de dar a segunda com mais *tremebundez*, que a maioria do Senado impôz a discussão do projecto de approvação dos actos do governo passado e de seus agentes, antes de se discutir o projecto da tal amnistia de muleta.

Pelo panno de amostra dessa imposição, vê-se já que taes actos serão approvadissimos.

Assim deve ser, desde que provado está que não ha nada como tudo mais são historias...

Alguns collegas da imprensa cahiram em lembrar não ser lá muito decente que alguns senadores agentes do governo cujos actos vão ser approvados, votem a dita approvação.

Fizeram mal em aventar tal idéa de moralidade.

Deixe-se que tudo corra placidamente, como no melhor dos mundos, afim de ficar á Nação o direito integral de julgar melhor os seus representantes...

N'estas cousas, quanto peior, melhor.

Além de que, a imprensa perderá o seu latim moralista, visto a declaração de que o senado «não é instrumento da imprensa», feita em gritos pelo Sr. Vicente Machado, que é a encarnação e a encadernação mais moderna do espirito tolerante e moralisador da pequenina maioria...

⁂

Escrevendo o nome d'este Exm. menino prodigio, devo dizer que eu tambem apreciei muito a correspondencia escripta d'esta Capital para o jornaleco *Republica*, do Estado do Paraná e orgão do kilometro 65.

O Exm. correspondente mimoseia a imprensa hostil á negra politica do massacre covarde e fratricida com o gracioso epitheto de *matilha federalista*, como se fosse possivel a existencia de outras *matilhas* que não as que andaram no Paraná e em Santa Catharina, á caça de brazileiros para os estraçalhar miseravelmente.

E' a tal historia da mania do *gato ruivo*...

Ao atrabiliario autor da correspondencia poderia ter acudido o qualificativo de *rebanho federalista*, para designar, calumniosamente, embora, a imprensa que não ha de cessar de mostrar a nullidade e a hediondez de certos sujeitos improvisados em legisladores.

Se em vez de *rebanho* sahio, porém, *matilha*, queixe-se a imprensa aggredida da natureza canina do aggressor, que não fez mais do que julgar os outros por si...

⁂

Parece que ainda desta vez o illustre Sr. Dr. José Mariano não foi assassinado em Pernambuco, por ter o topete de pleitear a eleição dos seus amigos politicos contra os do irado e facundo governador.

Pelo menos é o que se póde inferir de telegrammas de lá, que já dão conta do resultado parcial do eleição, sem, felizmente, mencionarem o resultado dos desejos dos Ottonis e outros Magnos que taes...

Ao que dizem os despachos, o resultado foi favoravel ao partido do sympathico tribuno e «o governador derrotado, nos municipios agricolas, prepara falcatruas na região sertaneja occupada por grossos contingentes de policia.»

Felizes caipiras pernambucanos! Só para o effeito de vos ser garantida a liberdade de voto pudestes emfim, admirar a luzida tropa do capitão Barboza.

E tu, oh! José Mariano! Que boa peça pregaste (se é que estás vivo) aos que aqui já se preparavam para dizerem cobras e lagartos de ti, embora lamentando que tivesses sido— *victima de um conflicto eleitoral*!!

Mas, toma cuidado!

Se escapaste desta, não escaparás da tal *segunda e mais tremenda lição* de que acima fallei.

Sim! porque tu tambem não usas do tal elixir marca RRR...

⁂

O Sr. Vicente Machado apresentou antehontem ao senado um substitutivo á proposta da camara approvando os actos do governo passado, praticados em consequencia da revolta.

Depois de um pequeno preambulo, termina assim: «O congresso nacional decreta:

Artigo unico.—Ficam approvados todos os actos do poder executivo e seus agentes.»

Muito bem!

Chama-se a isto uma obra asseiada.

Igual, só aquelle decreto que ha muito está lavrado e approvado:

«A opinião publica decreta:

Artigo unico:—Fica o Brazil civilisado com o direito de lançar a maldição sobre todos os que praticaram, mandantes e mandatarios, os actos de selvageria constantes do periodo de Setembro de 93 a Novembro de 94; sendo revogadas as disposições em contrario.»

. . . .

⁂

Outro sebastianista que com certeza vae soffrer a segunda e mais *tremenda lição*, annunciada pelo *O Paiz*.

E' o Sr. Dr. Serzedello Correia.

O *Diario de Noticias* informou aos seus leitores que, para o preenchimento da vaga aberta pelo fallecimento do veneravel senador Saldanha Marinho, apresentam-se candidatos varios cidadãos, entre os quaes o illustre deputado do districto federal.

E em seguida escreveu:

«Os republicanos, ha quem diga, vão apresentar os nomes dos Srs. marechal Floriano Peixoto, como manifestação de adhesão ás

seus actos e Lopes Trovão, como successor legitimo e tradiccional de Saldanha Marinho.»

Logo, o Sr Dr. Serzedello Correia não é republicano!...

Ergo, vá preparando as malas para o exilio, se não preferir pagar com vida o crime de ser só republicano, sem mais nada...

São de muita força os taes R R R!

⁂

Deve ter muito cuidado com elles o nobre senador Aquilino do Amaral que ante-hontem pronunciou um discurso formidavel de verdades e de justiça.

Honra lhe seja.

Que ao menos fiquem estes protestos, bem como o da retirada do vice-presidente da republica da presidencia do Senado, emquanto se discutirem os actos do governo passado e seus agentes, para demonstração de que nem tudo está perdido...

⁂

Abro espaço a uns *triolets* que me foram offerecidos por um castilhista:

O FURA-FURA

Salve! salve! Fura-fura!
Que furas co'o fura-bolos!
Visto que és tão cara dura,
Salve! salve! Fura-fura!
O' imponente figura
Da grande fila dos tolos!
Salve! salve! Fura-fura
Que furas co'o fura-bolos!

Furaste o poeta em retrato?
Que valente furador!
E's um lanceiro barato,
Furaste o poeta em retrato?
Nomeio-te maragato,
Se continúas, doutor!
Furaste o poeta em retrato?
Que valente furador!

Fura-fura, vae furando
Até um furo encontrares;
Por paos e por pedras dando,
Fura-fura, vae furando!
Pela gloria embora entrando
Não percas os teus esgares,
Fura-fura, vae furando
Até um furo encontrares!

Pica-pau

Está conforme.

PERNILONGO.

THEATROS

Decididamente não teremos este anno estação lyrica de *prima qualita*, resignando-nos a contentar o nosso *dilettantismo* com essa estação barata de lyrismo terciario que nos proporcionou a companhia Mattia, no theatro de S. Pedro de Alcantara.

Depois de se haver annunciada com um elenco de *primo cartello*, o empresario Freitas, do theatro de S. Carlos de Lisboa, deliberou suspender a assignatura aqui iniciada, restituindo o dinheiro já recebido, por não lhe convir trazer ao Rio de Janeiro a sua custosa companhia, cujos ordenados são pagos em ouro, estando o cambio a 9 e com ameaça de maior baixa.

O doloroso exemplo do mallogrado Mancinelli é como uma especie de barba a arder que induz os outros a pôrem as suas de molho.

Ha quem murmure por ahi á bocca pequena que a resolução do empresario Freitas foi motivada pelo jacobinismo do nosso *hig-lif* pouco disposto a animar com a sua assignatura o coraj oso emprehendimento ds empresario portuguez.

Não me parece que fundamento algum tenha de verdade tal murmurio; pois não é crivel que a nossa grande roda colloque abaixo de um sentimento de tresloucada politica o seu bom gosto artistico, a sua predilecção pela sublime arte, divinamente interpretada por artistas de primeira plana.

Sou antes levado a crêr que só ao bom senso financeiro do prudente empresario devemos attribuir a sua resolução.

Se porém, assim não é; se, a despeito das precarias condicções do cambio, elle só recuou ante a má vontade dos assignantes para com a imperdoavel pecha da sua nacionalidade, é caso para se lhe dar parabens pela boa fortuna d'ella lhe ter evitado um infallivel desastre economico.

Em todo o caso, se, por motivo que pouco me importa averiguar, o empresario Freitas nos priva da estação lyrica com que contavamos, nem por isso a nossa sociedade polida ficará condemnada a aborrecer-se na monotonia caseira destas longas noites de inverno.

Ahi se annuncia já a proxima chegada a esta capital de uma boa companhia dramatica italiana que tem como principal figura do seu élenco o notavel artista Novelli — uma celebridade artistica já consagrada pelo enthusiastico applauso da parte mais illustrada do nosso publico.

Em breves dias o Theatro Lyrico escancarará as suas portas para receber em sua vastissima sala a numerosa sociedade elegante desta capital, que certamente não se escusará de ir levar ao notavel artista o tributo da admiração de que é digno.

E assim fazendo, não só galardoará o merito de um grande artista que nos vem deleitar o espirito com os admiraveis manifestações do seu grande talento, e mo affirmará o bom credito que se desvanece de possuir de bem educada e illustrada, para que o Novelli por toda a parte assim o apregoe.

O Zé Povinho, esse está em maré de rega bofe!

Para impaturral-o do sordido sarapatel que faz as delicias do seu paladar picaresco, lá tem o Brandão em ceroulas a pôr os pontos nos i i da scena frascaria do theatro Lucinda.

As suas mil boccas sensuaes embasbacam-se no escancaramento de umas gargalhadas gostosas ante o lubrico requebro dos quadris abalaiados pela compressão da bombacha.

E para condimentar-lhe o quitute aphrodisiaco que saboreia com olhos arregalados, de quando em vez lá lhe pinga nas orelhas uma chalaça sulphidrica, uma pilheria bordelica que lhe eleva o thermometro do gosto amartinhado para as explosões do applauso estrondosamente basbaque.

Zé felizardo e felisardo Brandão!

O reino do ceu vos pertence.

Nada mais vos falta para serdes inteiros fortunatos desde que vos cabio em casa tão recheiado o alforge da bacharelice a vapor.

Regalai-vos, fartai-vos, empanturrai-vos da caldeirada indigesta, que só o vosso estomago digere e que só para vós foi cosinhada.

O bom e laborioso Heller, coitado! lucta heroicamente no Sant'Anna contra a feroz macaca que o socio das macaquices lhe legou.

Recorreu ao baralho sebento do seu velho repertorio para um jogo economico em que lhe não saia o *triumpho ás av ssas*, e n'essa bisca sapateira, em vez de colar *dama de espadas*, que continua a ser trumpho, só cola ás... de copas, que é bisca caipora!

Faz correr a *Loteria do Diabo*, mas o diabo d'esta loteria só lhe dá a sorte... branca!

Pelos esbodegados trinta ladrões do *Alli-Babá* já ninguem se alli baba, de sorte que para combater a terrivel caipora que ameaça aposental-o, vae, á emitação do barão de Drumond, tentar uma especulação de *bicharia* que, por trazer marca de réis, espera que lhe renda alguns contos d'elles.

Para conseguir esse desideratum conta o Heller com dous bons elementos; primo, a robustez estomachica do zé que o frequenta; secundo — a acquisição, que fez, de uma mascotte — Rosé Meryss — que muito bem o será se ao seu delicado paladar de artista conscienciosa não repugnar o tempero do zoologico pastel.

Estou admirado de ver a bella revista *O Major* de Arthur Azevedo ainda em scena no theatro Apollo com casas cheias e sempre applaudida com ardor!

Quando tratei d'ella após a primeira representação, disse que lhe não augurava successo em vista da sua decencia, do seu commedimento, da finura da sua critica, da sua excellencia, emfim.

Pois senhores, o contrario do que eu calculava é o que está succedendo!

Decididamente, os frequentadores do Appolo não são da força dos do Lucinda e outros. Ha mais luz na claraboia dos primeiros do que na dos segundos.

Alegra-me observar isto, e faço votos para que o numero daquelles cresça e diminua o destes.

SANSÃO CARRASCO.

A NOSSA MESA

Fomos obsequiados com:

A Marselheza da Paz — Musica de Rouget de l'Isle, imitação de Martin Paschoud; traducção e imitação do professor Luiz dos Reis, a pedido do Dr. Menezes Vieira, para ser distribuida com a *Revista Pedagogica*. Bons versos em elegante e artistica edição a duas côres.

Traços Biographicos e Historicos de uma das victimas do Governo Legal na noite de 20 de Maio de 1894, no kilometro 65 da Estrade de Ferro do Paraná. Traz o retrato de José Lourenço Schleder, a victima biographada.

E' um bom subsidio para a historia da *Legalidade*.

Methodologia elementar da Musica, por Miguel Cardoso, professor da Escola Norm l da Capital Federal, editada pela bem conhecida casa Fertin de Vasconcellos & Morand.

Opportunamente expenderemos juizo sobre o seu merecimento na secção *Lettras e Arte*.

O Cenaculo—2º fasciculo do tomo I. Importante revista litteraria que se publica em Corytiba, Paraná.

Traz, além de boa prosa e bons versos, o retrato lithographado do Dr. A. Ermelino de Leão.

A Arte—Anno I, N. 5. Orgão illustrado da Escola de Artes e Industrias do Paraná. Entre as diversas illustrações, que traz de edificios e paisagens de Corytiba, figuram: uma allegoria da reatação das relações diplomaticas entre o Brazil e Portugal com os retratos do conselheiro Thomaz Ribeiro e Dr. Assis Brazil, e mais os retratos do general Enéas Galvão e conselheiro Pinheiro Chagas.

Uma boa publicação, bem escripta e bem impressa.

O Governador de Pernambuco e a morte do Dr. José Maria, por Egas Fafe, pseudonimo de um distincto e corajoso escriptor, que se não entimida com as ameaças do governo dispotico que violenta os seus censores a engolirem o que escrevem.

E' mais um valioso subsidio para a chronica sinistra do Cacique de Pernambuco.

A Estação—Mais um excellente numero o n. 10 de 31 de Maio. Além do mais com que habitualmente mimoseia os seus assignantes, traz dous figurinos colloridos e maior numero de gravuras no supplemento litterario.

A Cigarra—N. 4. Que diremos ainda d'esta elegante e adoravel collega? Que este n. 4 é tão bello, tão artistico, tão espirituoso como os outros tres que o precederam, e, assim, bisamos o que em louvor d'elles dissemos.

Archivo do Districto Federal—N. 6. Além de preciosos documentos, traz o retrato de D. Rosa Maria Paulina da Fonseca a veneranda Sra. alagoana, que foi mãe do benemerito fundador da Republica Brazileira—Marechal Manoel Deodoro da Fonseca.

Este retrato vem acompanhado de uma noticia biographica escripta pelo Dr. Mello Moraes, já publicada no *Brazil Historico* em 1832.

Musicas—*Hymno Escolar*, para piano e canto, pelo maestro Miguel Cardoso, e impresso pelos editores Fertin de Vasconcellos & Morand.

—*Namoradeira*, polka para piano por J. Buzelin, editores Vieira Machado & C.

—*Graciosa*, capricho-gaivota, 2ª *gaivota*, duas bellas composições de Luiz Levy, para piano, editores I. Bevilacqua & C.

Convites—Do *Club Symphonico*, para o 7º concerto em 30 de Maio.

—Do Sr. José de Sá Hollanda Cavalcanti para a experiencia do seu *Preservador* em 30 de Maio.

A todos agradecemos.

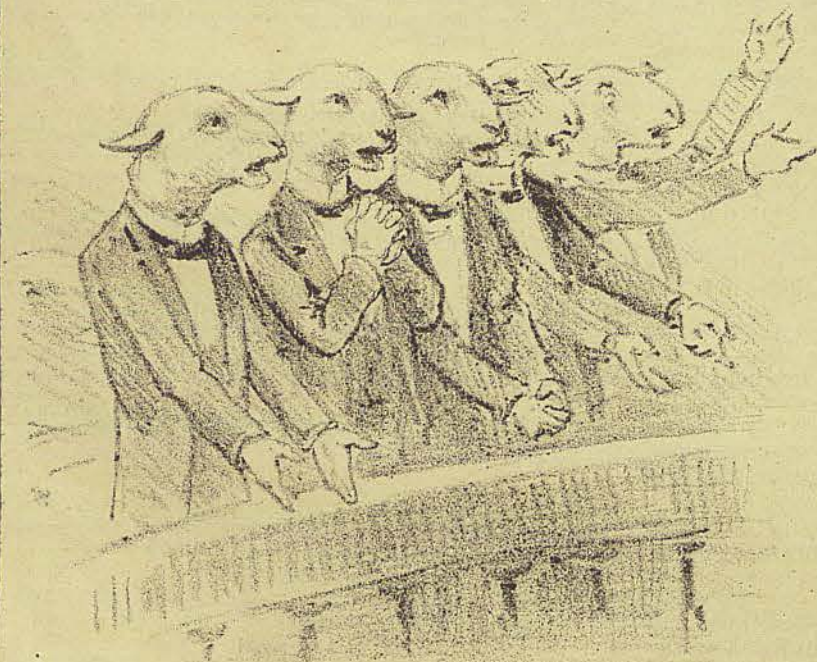
D. MESARIO.

Typ. L'Etoile du Sud, r. S. José 102

A bancada jacobina do Senado.

Um dos taes jacobinos apresenta um projecto exigindo a approvação incondicional dos actos do governo passado e seus agentes.
(Procurador não me enganes...)

Na verdade, se lhe applicassem a pena de Talião... elle veria então que: "amor com amor se paga."

Mas como elles estão livres d'isso, continuam a roncar grosso: Guerra! guerra!

Se os obrigassem a ir para a frente das tropas, mudariam logo de opinião e de feitio e, mansos como cordeiros, pediriam: paz! paz!

Pois que é fora de duvida que o campo de batalha não é tribuna do Senado. E... pernas para que te quero!..

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 20

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRDO DE ANGELO AGOST

R. DO OUVIDOR 109

D. Quixote – Com que então...

Justiça – E' verdade, D. Quixote,.... Puzeram-me na rua...

D. Q. – Comprehendo... A tua presença n'esta casa não convém a certos Senadores...

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno.......	24$000
Semestre	12$000	Semestre ...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitarnos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgota las as edições, será difficil obtel-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura termina no fim do corrente mez, recommendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 8 de Junho de 1895.

TOPICOS

A *Gazeta de Noticias* deu-nos a nova de que o Sr. Dr. Andrade Figueira vai fundar um jornal que será orgão do partido monarchista. (?) Adduzindo ligeiro commentario á local, o illustrado collega entende que o severo ex-deputado vem prestar um serviço á patria, constituindo-se adversario leal do regimen republicano e dando assim ensejo a que proveitosa discussão se trave sobre asssumpto de tal magnitude.

Pedimos licença para discordar da opinião do notavel confrade e não acreditar mesmo na pretensão do Sr. Dr. Andrade Figueira.

⁂

Fundada imprevistamente, e, por assim dizer, de afogadilho, em consequencia da explosão de um movimento militar, e não por força de uma transição imposta pela influencia de uma propaganda activa, efficaz e civil, como fôra para sinceramente desejar-se, é certo que a nossa republica tem, por isso mesmo, por esse vicio originario da sua fundação, atravessado crises notaveis, e soffre agora mesmo os terriveis effeitos dos erros commettidos principalmente em virtude da incapacidade ou má orientação de muitos que a tem procurado servir...

Mas o que é facto é que, apezar de todos esses males produzidos, não ha duvida alguma de que a instituição republicana está definitivamente firmada e é a que nos póde dar a prosperidade material e a preponderancia politica de que somos dignos, como nação de riqueza e vastidão excepcionaes, neste bello continente americano.

⁂

Nutrindo esta convicção, reputamos positivamente má e infeliz toda a idéa que visar a perturbação da vida da Republica, pela propaganda a favor de uma instituição, não mais possivel de ser reimplantada, sem acarretar para a nação calamidades ainda maiores do que as que a Republica lhe tem imposto como pesado tributo.

Não comprehendemos a utilidadè da fundação de um jornal que, para mostrar a excellencia da instituição monarchica, terá de exercer uma critica muito mais severa do que a que todos nós temos exercido contra o que julgamos pernicioso e fatal á Republica.

Entendemos, ao contrario, que a existencia de um jornal monarchista será um elemento grandemente perturbador do nosso já perturbado e desorientado meio social, porque, para fazer opinião, elle terá de jogar com os elementos fornecidos pela critica dos jornaes republicanos, fazendo sobre elles recahir a nodoa de uma suspeição intoleravel, ou ficando só em campo, na justa profligação dos erros do governo, se, para fugirem áquella suspeição, os jornaes republicanos passarem todos a applaudir servilmente os actos dos poderes publicos.

⁂

Nesta questão da pacificação, por exemplo, o jornal do Sr. Dr. Andrade Figueira estaria com a maioria da imprensa republicana e da nação a verberar os caprichos cabeçudos dos nossos homens politicos e a mostrar a torrente de sacrificios que inutilmente têm sido feitos para manter-se a guerra civil no Rio Grande do Sul.

Ora, se nós, que pedimos a pacificação, tão necessaria, tão essencial para o bem geral da Republica; que demonstramos, por todos os modos, o erro que o governo commette, não intervindo para represar aquella torrente de energias e recursos que se esgotam — somos a cada passo, taxados de *sebastianistas*, pela intoleracnia dos bugres do castilhismo, o que não succederia, se, apparentemente ao nosso lado, se batesse pela mésma idéa da pacificação o jornal do partido monarchista? (?)

⁂

Discordamos, portanto, da opinião da *Gazeta de Noticias*. Julgamos impertinente e sobretudo inopportuna a idéa da fundação do jornal partidario do monarchismo.

Nem a Republica atravessa phase de socego e de prosperidade, que a torne invulneravel ao embate de golpes politicamente adversos, nem o nosso meio social comporta a existencia de um tal adversario, por muito leal que se apresente.

A intolerancia de uma seita de baixa politica arvorada em supremo arbitro dos nossos destinos, não trepida em assacar toda a casta de injurias contra os que, fazendo outra idéa da Republica, não podem bater palmas á falsificação do ideal democratico.

Se isto é uma verdade, que todos os dias presenciamos, como quer o Sr. Andrade Figueira fundar um jornal que,pela sua orientação, terá de levar muito mais longe a demonstracção da incapacidade dos corypheus da tal seita?

Decididamente, o velho parlamentar labora em erro grave.

A Republica está doente devido á imprudencia dos que a fizeram instrumento de instinctos sanguinarios ou de partidarismo de campanario.

Mas o remedio para o mal encontra-se na propria republica.

Similia similibus curantur. E o Sr. Dr. Andrade Figueira, além de outros desgostos que lhe poderão sobrevir, perderá o seu latim se persistir em pensar o contrario...

O CORPO DE BOMBEIROS

RELATORIO APRESENTADO PELO SR. CORONEL ABREU LIMA

Pela leitura desse relatorio, cuja clareza e boa organisação muito honram o Sr. coronel Abreu Lima e o seu tenente-secretario Henrique E. de Assis Loureiro, vê-se quanto o actual commandante do corpo de bombeiros se esforça para obter do governo os meios, não só de manter o credito de que esse corpo goza entre nós, como tambem de aperfeiçoar-lhe o seu serviço.

Parece-nos, porém, que o Sr. coronel Abreu Lima perde o seu latim, o que acontece a todos os patriotas bem intencionados, mas algum tanto ingenuos, que desejam progredir quando a ordem politica do dia é «andar para traz!»

Pedir meios ao governo para aperfeiçoar o serviço do corpo de bombeiros, augmentando o pessoal, o numero de postos, estações e outras cousas de absoluta necessidade, é hoje considerado uma loucura, um desaforo até.

Pois então é barro o dinheiro que é preciso mandar para o Sul? Todos aquelles fornecedores que se enriquecem á nossa custa, á custa da Nação inteira e do seu credito não merecem toda a consideração do nosso paternal governo?

E não temos aqui no Congresso, assim no Senado como na Camara, varios illustres patoteiros, isto é, illustres advogados que com todo o ardor defendem tão vorazes patoteiros?

Bem se vê que o Sr. coronel Abreu Lima, a quem não poupamos louvores, pois que o seu relatorio bem mostra quanto é digno de commandar o nosso valente e brioso corpo de bombeiros, não está bem a par da nossa alta administração politica, e... diremos mais, até do seu pessoal.

Para exemplo transcrevemos do seu relatorio o que lemos sob o seguinte titulo:

VENCIMENTOS

«Em officio n. 151 de 6 de Abril pedi a esse ministerio para solicitar do da Fazenda o pagamento dos vencimentos de Novembro e Dezembro de 1893, de praças que, achando-se destacadas na Fortaleza de Santa Cruz, fazendo parte da guarnição militar por occasião da revolta, deixaram de os receber, por lhes ter sido vedada a licença para vir a esta capital, cahindo esses vencimentos em exercicio findo. Até á presente data, apezar dos reiterados avisos deste ministerio e da intervenção do cidadão ministro da Fazenda, ainda não foram estas praças pagas de seus vencimentos, devido simplesmente a não ter querido processar os papeis o pessoal subalterno da Directoria de contabilidade do Thesouro Nacional.»

Isto é simplesmente adoravel e mostra quanto é digno de apreço o nosso pessoal administrativo!

Vemos então que, apezar dos reiterados avisos do ministro do Interior e da intervenção do proprio ministro da Fazenda, os empregados *subalternos* do Thesouro Nacional, zombando dos directores da contabilidade, seus chefes e de dois ministros, sendo um delles o da Fazenda, portanto chefe supremo, entenderam dever pregar um colossal calote a umas pobres praças, que, em obediencia ás ordens emanadas do proprio governo, por quem elles arriscaram a pelle, tiveram de marchar para a fortaleza de Santa Cruz!

N'um caso destes, a logica manda que os

subalternos occupem os cargos de ministros e directores e estes os daquelles.

Decididamente esta nossa administração é uma administração modelo! Se fosse cousa de pegar fogo... não seriamos nós os primeiros a dar o signal de alarma; desejariamos até que, fazendo uma excepção á sua proverbial actividade, o corpo de bombeiros accudisse o mais tarde possivel.

Felizmente, não temos cousa alguma a rereber desses illustrissimos e poderosissimos empregados subalternos do Thesouro.

Pregar calotes aos pobres bombeiros, quando outras praças recebiam soldo dobrado...

... E'... muito desaforo!

X.

TAGARELLICES

Andam por ahi uns pessimistas rançosos e rabugentos a jeremiar umas lamentações caturras contra tudo que de ha alguns annos a esta parte se nota no movimento social desta terra do Cruzeiro.

Para esses espiritos toupeiras toda a innovação, tudo quanto se affasta do molde tacanho dos antigos usos e costumes é desregramento, desordem, anarchia!

A seu ver, o progresso deve ser como o kagado—animalejo pachorrento, madraço, que caminha preguiçosamente, e quando esbarra com uma parede queda-se ahi philosophicamente à espera que esta se affaste para que o deixe proseguir no seu caminho.

Não comprehendem nem supportam a transformação rapida, instantanea, electrica das cousas.

Um bacharel que ao cabo de alguns annos sahia da escola de Direito saturado de latim, de digesto, de praxes e de ordenações, começava a marcar passo na magistratura, subindo kágadamente (leiam direito) a escala dos quatriennios para entrar maduro no juisado de direito, grisalho na desembargadoria e encanecido no ministerio supremo da justiça!

Como isto era cacete! amolador! enfadonho!

Hoje, graças ao progresso, à electricidade administrativa, faz-se tudo isso emquanto o diabo esfrega um olho!

O bacharelado é instantaneo!

O magistrado é um, dous, tres, passe! De um pulo salta de uma secretaria para o Supremo Tribunal.

Emquanto se diz: «Fogo viste linguiça», um aprendiz de reporter transforma-se em autor dramatico!

Da noite para o dia, um cambista loterico da rua faz-se banqueiro, millonario e titular!

E, finalmente, em um abrir e fechar de olhos da *Legalidade*, um poltrãosinho arvora-se em tyrannete e repimpa-se em uma curul por eleição de si mesmo!

Como isto é admiravel! espantoso! estupefaciente!

E venham para cá os carranças com as suas praxes ronceiras encravar a roda do progresso!

Boas!

Não, que a electricidade não se inventou sómente para tagarellices por arames; mas para multiplicar a força e a actividade assim das cousas como das pessoas.

Dahi o progresso espantoso que tudo accelera, inclusive a marcha dos bonds, para felicidade dos homens e... dos burros.

E por fallar em bonds...

Fui ver as experiencias que se fizeram do *Preservador Cavalcanti*, e, como todos que a ellas assistiram, admirei a excellencia do humanitario invento.

Adaptado aos bonds, é de presumir que, a não ser pelas patas dos burros, nenhum precipitado passageiro ou imprudente transeunte será jamais victima de esmagamento.

Os directores das companhias de carris urbanos, porém, se alguma cousa admiraram foi a teimosia de ainda se procurar destituil-os da procuração que lhes autorgaram a febre amarella, a variola e o cholera morbus para desimarem a população, ao verem-se escurraçadopelas seringações interminas dos desinfectadores officiaes.

— Preservar de desastres a população! dirão elles lá comsigo.

Mas então como éque se ha de augmentar o obituario?

Desse augmento vivem muitos medicos, muitos boticarios; vive o Merino, vivem os fabricantes de moletas e de pernas de pau; vive a empreza funeraria; vivem os alugadores de carros, vivem os coveiros...

Só não vivem... os que morrem!

Nada! Para que haja ordem e progresso é preciso que até o obituario prospere.

Andar assim, que é bom andar.

O Cavalcanti que cuide de outro officio e não mate com o seu salva-vidas o officio dos outros.

O progresso é destruidor e não conservador.

O invento que tem por fim conservar a vida ou as pernas dos cidadãos é um invento anti-progressista.

Os estudantes de medicina comprehendem isto muito bem, e tanto que, á falta das vidas ou das pernas que ainda lhes não é licito destruir, para irem desde já destruindo alguma cousa *que valha a pena*, tentaram sob um futil pretexto, destruir a reputação de um notavel escriptor.

Influencia suggestiva ericocoelhica.

A bem dizer, quem disso teve a culpa foi o proprio José Telha em ter posto em liberdade os macaquinhos do seu sotão, e ir para a *Noticia* deitar observação conservadora.

Para estudantes menos progressistas, a observação, quando muito, era caso para uma carta ao redactor da *Noticia* explicando a cousa e recusando a insinuação que lhes desagradava.

Mas não senhor; os meninos progressistas não são gente para deixar as cousas quietas no seu lugar.

O pilherico José Telha, transformado em F. serio, pareceu-lhes (lá a elles) um Napoleão de gesso, e atiraram-se a elle.

E, sempre progressistas, para o espatifarem, em vez do antiquario bodoque, empregaram uma arma ultra original.

Apanharam um ganso e... que pensam que fizeram?

Arrancaram-lhe uma penna e lá foram disparal-a, como setta mortifera, contra o sisudo F. que, em vez de cahir fulminado, como contavam, apenas se dignou abaixar-se para apanhal-a promettendo fazer d'ella entrega ao José Telha para nova fornada de macaquinhos.

Em vista de tal malogro, novissima ideia foi posta em pratica, não já contra o invulneravel F. sómente; mas contra toda a redacção da *Noticia*.

Munidos de uma grande palmatoria, assim como quem dá as mãos a ella, lá foram processionalmente no dia seguinte para a rua do Ouvidor deitar ovação, que fez muita gente suppor ser dirigida ao Sr. coronel Vespasiano.

Não foi tal, affirmo; a coisa foi com a *Noticia*, a *Gazeta* d'ellas e a *Cidade do Rio*, pois quiz a mocidade aproveitar o ensejo para ainda uma vez fazer o Patrocinio alvo.

E, em vista d'isto, teimam ainda os pessimistas em jeremiar contra a ordem e o progresso que por ahi vae!

Fortes caturras!

MESTRE NICOLAU.

MARCHA FUNEBRE

A JOSÉ DO PATROCINIO

(*Embarque do batalhão 16 para o Sul*)

Por entre as alas tristes, silenciosas
Do povo, que o contempla compungido,
Pelo dever de classe compellido,
No seio occultas lagrimas saudosas;

Ao som das phrases musicaes ruidosas
Da banda, á frente, em pelotão luzido,
Lá marcha o batalhão, de dor transido,
Por entre as alas tristes, silenciosas.

Vae caminho da morte, não da gloria;
Pois contra irmãos a combater forçados,
Não os inflamma o anhelo da victoria.

Marcham, porque a marchar são violentados;
Mas dos mandões, que os forçam, ha de a Historia
Os nomes registrar ensanguentados.

V.

MAIS UM!

Quando eu hontem fui jantar, o Manoel, — um amavel e espirituoso rapaz que me costuma servir no restaurant onde faço as minhas refeições—estava sentado a uma mesa afastada, muito preoccupado a escrever.

Tendo-me sentado á mesa habitual e vendo que elle não se movia, bradei-lhe:

— Olé, Manoel amigo! Então, não me dá um ar da sua graça?

— O que ha de ser? Veja! exclamou elle, pondo-me diante o cardapio.

Por estas palavras já o leitor fica sabendo do que este Manoel perpetra o calemburgo.

Pedi-lhe uma sopa, e pondo-m'a na mesa voltou a escrever.

— Pelo que vejo, está com a escripturação atrazada? interroguei.

— Qual o que? Estou escrevendo uma revista.

— Uma revista!

— Sim, uma revista do anno para o theatro.

— Que me diz! Pois você tambem escreve revistas?!

— Porque não? E' uma cousa muito facil; qualquer o póde fazer.

— De veras? E eu que pensava que uma revista era uma obra litteraria e artistica!

— Isso foi n'outro tempo; hoje em dia uma revista não precisa de litteratura nem de arte. A gente vai enfiando assim como contas em um cordão alguns acontecimentos do anno, referindo uns em prosa chula e outros em versos de pé quebrado para o maestro metter na musica que elle lá entender, já se vê, de tango, de lundú, de fandango para os actores e coristas cantarem requebrando-se como no maxixe da cidade nova, e o ensaiador e o scenographo fazem o resto.

— Mas, em todo caso, esse cordão em que os factos são enfiados precisa ser uma acção, um contexto que dê á peça um ponto de partida, que encadeie os factos e os condusa a uma conclusão mais ou menos logica, com a qual se encerre pela apotheose final.

— Ora bem se vê que o Sr. não leu as criticas feitas aos *Pontos nos ii* e e á *Bicharia*. Lá dizem que estas revistas são, como todas as revistas; peças sem enredo, sem entrecho, o que vale dizer uma cousa sem pés nem cabeça.

— Como todas as revistas, não: como todas as ruins revistas; porque ha revistas que são verdadeiras obras de arte, que reunem a uma bem architectada urdidura, uma critica sensata e espirituosa que deleita e instrue o espectador.

— Pois seja como for; o caso é que os *Pontos nos ii* e a *Bicharia*, apesar de tudo, estão fazendo successo, e o Vicente Reis está na ponta!

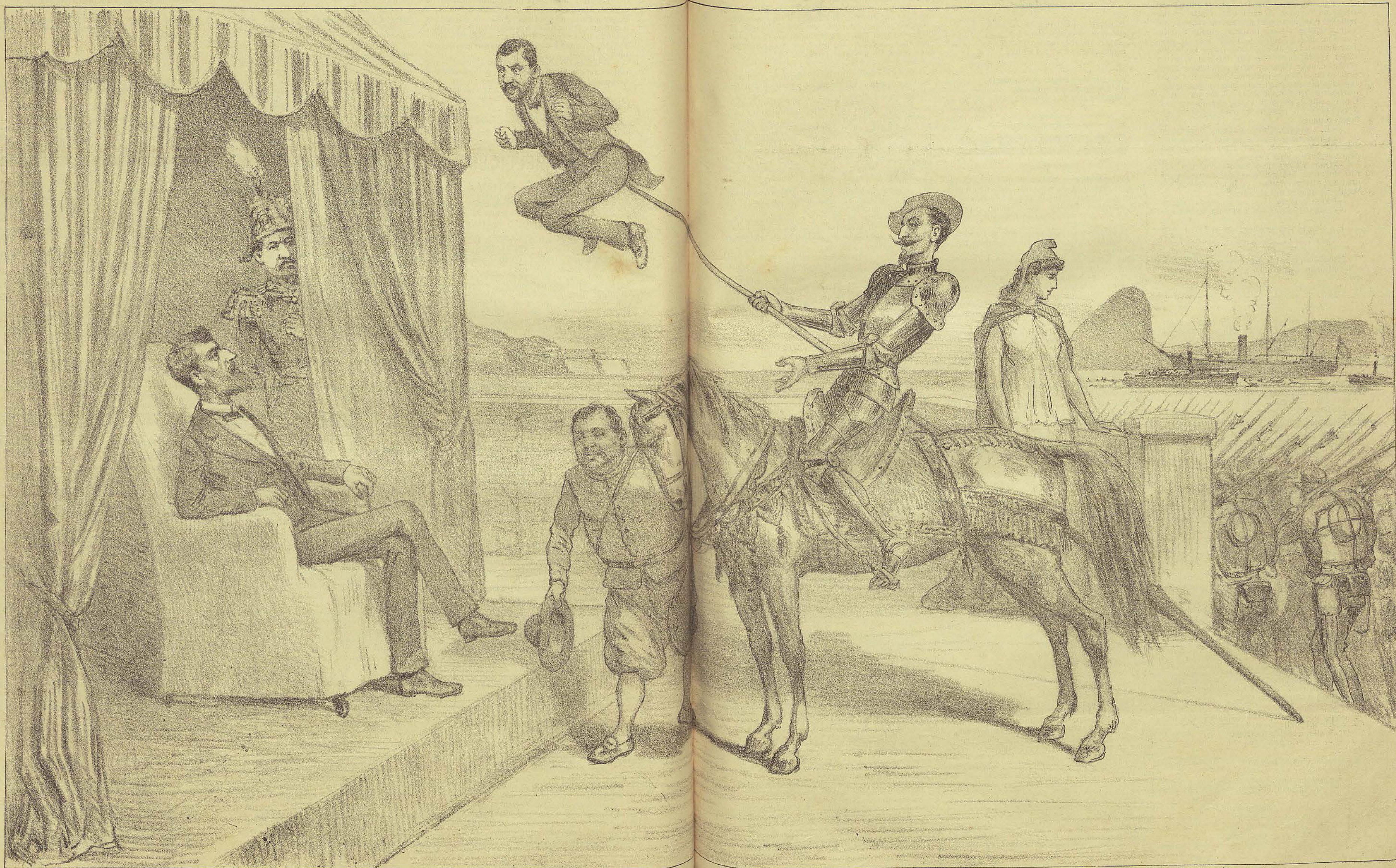
E tomando de sobre a mesa em que escrevia algumas folhas de papel, o Manoel accrescentou:

— Aqui está já o primeiro acto da minha revista. Vou ler-lhe os personagens:

1º. O Seculo.
2º. A Fortuna.
3º. O Frio.
4º. O Calor...

— Mas, interrompi, qual é a acção que motiva a existencia d'esses personagens symbolicos na peça?

— A acção! exclamou o Manoel admirado; ora! a acção é... é apparecerem sempre em scena para referirem os acontecimentos do anno, e dialogarem com os demais personagens que forem apparecendo.

— São, portanto, os compadres da revista. Muito bem. Mas é que, symbolisando cada personagem d'esses um objecto muito significativo, é indispensavel que elles se relacionem por uma acção que lhes dê rasão de ser, justificando

Ao ver partir para o Sul esses bravos soldados, o que tanto entristece a Nação, D. Quix presenta pela segunda vez o unico meio efficaz de acabar a guerra fratricida, injusta e ruinosa, arrancando do governo do Rio Grande este despota causador do derramamento de tanto sangue bras.

a intervenção do objecto com cujos nomes figuram.

— Ora, isso tambem é querer muita coisa! Personagens symbolicos é cousa usual em todas as revistas, e cada qual mette n'ellas aquelles que fantasiam. Lá quanto aos nomes, isso não quer dizer nada; tanto os chamo Seculo, Fortuna, Frio e Calor como lhes poderia chamar Francisco, Antonio, Manoel, José. Pelo que estou vendo, o senhor não entende patavina d'estas cousas. Para se fazer uma revista não é preciso mais do que indicar os factos com umas tantas pilherias e pôr nas rubricas os nomes d'aquelles que os actores devem imitar ou caricaturar, e afinal, como já disse, são os actores, o ensaiador, o maestro e o scenographo que fazem o mais

— Está direito, disse eu afinal, convencido de que realmente nada entendia do riscado; d'essa maneira você póde fazer revistas em penca e ganhar uma fortuna.

— Olhe, volveu-me o Manoel, com um sorriso de autor lisongeado.— O senhor quer ver uma boa pilheria que eu ponho na bocca do Seculo no quadro dos theatros?

— Vamos a ella.

— Ouça lá. Trata-se da revista *Pontos nos ii*.

E o Manoel poz-se a ler:

SECULO

Não sabes, querida Fortuna, porque foi que o Vicente não deu á Pepa a sua revista *Pontos nos i i*?

FORTUNA

Não.

SECULO

E' porque a Pepa roe ii, e elle receiou que, em vez de lhes pôr os pontos ella lh'os roesse!

— Oh!!! exclamei eu, horrorisado!

— Que tal o calemburgo?

— E' de fazer vir a baixo o theatro!

— Vae ver! vae ver que revista! Hei de passar a perna ao Vicente, apesar de não ser bacharel nem nada! Elle disse-me que— ainda se julga um Arthur Azevedo—agora que começa. O que acha o Sr. que eu devo ainda julgar-me quando tambem começar?

— Ora... um Vicente Reis, pois então?

— Está dito. Por ora como começo, julgar-me-hei ainda um...

— Vicente Reis, repeti, sahindo, em quanto o Manoel volvia a escrever a sua revista.

SYMPHRONIO.

CHINOISERIES

Não perde vasa o rapasio
p'ra o seu espirito mostrar,
fez tudo andar n'um corropio
quando se quiz manifestar.

Ingenuamente, sem malicia,
uma ovação elle emprehendeu:
com uma noticia d'*A Noticia*
subiu à *serra*, e após desceu.

Mas, uma cousa é de notar-se
que ainda faz-me reflectir:
quando a subiu... ia a zangar-se,
mas afinal desceu a rir...

Pois á questão tão grave e séria
uma resposta só achou:
o indiscutivel da pilheria;
e assim a cousa terminou.

Acaso um tolo ainda ha que possa
a sério a epocha tomar?
Triumpha a logica da troça
indo o criterio passeiar.

Incorporados os rapazes
foram saudar as redacções,
firmes, impavidos, tenazes;
por entre gritos e ovações.

Só lhes faltava o homem *banda*
sete instrumentos a tanger
mas inda assim: justiça manda
que se lhes diga — era de ver.

Formidolosa palmatoria,
o mimo fôi, mas ao chegar
o grupo — em brados de victoria —
um delegado o fez parar.

E, como um outro, que, na roça,
dizem alguns, o mesmo fez,
eil-o a gritar: Basta de troça,
a procissão vá p'ra o xadrez!

Mas não chegou a cousa a tanto,
pois (quanto é bom ser-se rapaz
de Academia) por encanto
voltam á rua e... fez-se a paz!

LU-NO.

FERROADAS

Já os senhores souberam que um dos vidros da claraboia da camara dos deputados desfez-se ha dias em estilhaços, vindo um destes ferir o augusto dedo de um elegante e perfumado ex-futuro ministro das relações exteriores.

A' primeira vista, parece que o incidente nada tem de significativo, mas, eu peço a palavra para uma explicação.

Senhores, quando se deu o facto, justificava um requerimento pacato o Sr. Bueno de Andrade e, certamente, não foi o verbo ardeiro e algido de sua Ex. o causador do desastre na claraboia.

E' claro, pois, que o vidro já estava rachado e que só por acaso fortuito commetteu a irreverencia de cahir inopportunamente.

A questão, portanto, para mim, era esta:

— O que determinou a racha da claraboia?

Fiz esta pergunta a varios devotos das sciencias caballisticas e mysteriosas, mas resposta alguma me logrou satisfazer.

Recorrendo, então, ao meu preclarissimo e conceituoso amigo Sancho Pansa, começou elle por concordar que, effectivamente, antes de cahir no recinto, devia estar partido o tal vidro.

E accrescentou:

— Na vespera da queda e do desastre, falou o Vituca Monteiro que, secundado por apartes do 136 V, disse cobras e lagartos do *Jornal do Commercio*. Ora, terminou Sancho, —*quem tem telhado de vidro*...deve fazer o que aconselha o resto do proverbio, a bem da integridade da claraboia...

E como Sancho Pansa fallasse em apartes do Sr. 136 V, eu recorri aos jornaes e vi que, na realidade, Sua Palmatorencia dissera que o *Jornal do Commercio* não *podia* dar lições de moral nem a *galés*.

Peço licença para corrigir:

O *Jornal do Commercio* não *deve* dar lições de moral a galés e muito menos aos do typo de que nos fala o poeta, nestes versos magestosos:

....

Com elle (1) hei de fundir a algema inquebrantavel,
A grilheta que a tua esqualida memoria
Trará, arrastará pelas galés da historia,
Durante a eternidade, illimitada e calma.

....

Porque afinal, isto de lições de moral a quem não sabe o que isso é, não deixa de ser asneira e grossa!

Eu ouvi o discurso com que o illustre senador Quintino verberou o projecto de amnistia em discussão no senado.

S. Ex. entoou tetricamente um *De profundis* á generosidade do coração brazileiro, que, felizmente para nós, está fóra do partido em nome do qual o nobre senador se oppõe a qualquer amnistia.

S. Ex. pintou a cores negras o perigo em que imagina ficar a Republica, se passar o projecto que S. Ex. considera uma transacção humilhante para o governo.

Palavra de honra: tive medo do discurso do illustre republicano, apezar de não ser muito propenso a morrer de caretas.

(1) O ouro de Judas.

E tive medo, confesso, porque S. Ex. á força de metter medo á Republica acabará por ter medo de simesmo.

Emfim, como S. Ex. falou como chefe do partido em maioria na camara e representado *tambem* no actual governo, póde-se desde já affiançar que isto de amnistia foi uma isca para apanhar os votos dos rebeldes á approvação dos actos do governo passado.

O que acho exquisito é estar o Sr. Campos Salles a quebrar lanças pelo projecto de amnistia.

S. Ex. é, pelo menos, tão republicano como o Sr. Quintino, e *tambem* amigo do governo, cujo honrado chefe, ao que se disse, foi consultado pelo nobre senador sobre o projecto de amnistia e certamente concordou, pois no caso contrario, o Sr. Campos Salles desistiria de desgostar o Sr. presidente da Republica...

Resta saber, portanto, qual dos dois republicanos é o melhor defensor da Republica: se o Sr Quintino, votando contra qualquer amnistia, se o Sr. Campos Salles, querendo a do projecto em discussão.

Só a justiça da historia o poderá dizer e julgar os politicos apavorados, cujo medo custa á Nação o sacrificio de milhares de contos, mensalmente...

— Tu que entendes de politica e conhece: bem os homens, dize-me cá: — Quem te parece mais republicano — o senador Quintino ou o deputado Glycerio?

— Homem... Sim... Elles são... Mas, entre os dois, eu escolho o senador... Campos Salles.

PERNILONGO.

GRACIAS

PHOSPHATINA FALIÈRES — E' de uma amabilidade *fin de siècle* a tal Sra. D. Phosphatina!

Imaginem que esta Exma. Droga, para captar um sorriso do *Don Quixote*, levou a sua gentileza ao extremo de lhe encher a mesa de uma porção de objectos de fantasia para diversos usos, qual delles mais delicado e mais chic.

Pastas para escrever, lapiseiras com store-kalendario, limpadores de pennas, leques, carteirinhas para notas, etc., etc., e tudo isto em bellas caixinhas com o seguinte distico. *Offert par la Phosphatine Falières.*

Uma circular do Sr. J. B. A. Petit, unico representante, no Brazil, das drogarias e fabricas de productos pharmaceuticos Darrasse Frères & Landrin, Maride & C., Chassaing & C. e P. Rigollot & C., de Paris, capeando uma lista dos diversos productos dessas drogarias e fabricas, acompanhou os objectos com que a referida *Dona Phosphatina* nos mimoseou.

Agrdecendo-lh'os, recommendamos aos nossos leitores que, como nós, poderão ser obsequiados com identicos objectos procurem alli na rua da Alfandega a casa do Sr. A. Petit.

Royal Champagne Albert Valet & C. — Acerca d'esta succulenta bebida conhecida e saboreada em todo o Universo, recebemos um dia d'estes um cartão do nosso digno amigo Henrique Villeneuve no qual vimos escripto o seguinte:

«Amigo Agostini—Mando-lhe duas garrafas da Champagne de Albert Valet & C. Desejo que esta champane lhe alegre um momento o espirito e lhe faça esquecer os aborrecimentos da vida.»

Je ne me suis pas fait prier.

Tratando-se de champagne é natural que deite francez.

Isto quer dizer que a rolha não tardou a saltar com o mais alegre dos estampidos. Varios copos chegaram-se pressurosos ao encontro da alva espuma e... não lhes digo nada! Uma delicia!...

Não sei porque, mas n'essa occasião todos os meus companheiros de redacção e outros declararam-se tristes e aborrecidos da vida e... lá foi tambem a segunda garrafa (que guardava para mim!)

Os tratantes tinham lido o cartão que me dirigira o Henrique Villeneuve. Mas como eu sei que este meu amigo é o representante no Brazil da dita champagne Albert Valet e que o seu escriptorio é na rua do Rosario n. 110, compromettto-me a ir pessoalmente agradecer-lhe e a ficar n'esse dia algum tanto triste para ter mais uma occasião de alegrar-me.

CABALLERO DE GRACIA

THEATROS

NOVELLI

MERCADOR DE VENEZA

Não são de mais, por certo, os encomios da imprensa e os louvores da critica ao talento extraordinario deste grande actor.

Novelli é tanto mais admiravel quanto a sua natureza, dominada á vontade pelos recursos da arte, mais o torna excepcional, apto para todos os papeis, facil em estampar todas as sensações quer alegres, quer dolorosas, em reproduzir todos os sentimentos na sua mobillissima physionomia.

Alguns jornaes têm, para elogiar o grande artista, feito a comparação entre elle e Ernesto Rossi julgando-o superior, indo assim arrancar ao livro do passado o nome do grande Rossi e atiral-o de novo para a discussão.

Entretanto, admirador do merito extraordinario de Novelli, porém não menos admirador de Rossi julgamos tal confronto impossivel, pois o temperamento, a indole dos dois artistas são inteiramente diversos.

Rossi era artista muito pela arte, mas muitissimo pela natureza; Novelli é muito pela natureza, mas muitissimo pela arte.

Rossi era a torrente impetuosa que só tem caricias de onda mansa ou rugidos de tempestade.

Artista de gesto largo, de declamação brilhante, cuja alma se entregava sem reserva á emoção, Rossi viu-se seriamente contrariado, teve de fazer violencia á sua indole, para metter-se nas barbichas do judeu *Shylock*, nesse caracter pequeno, vingativo, sordido e frio como o metal que juntava á custa de lagrimas.

Novelli sente-se mais á vontade nesse papel, não porque o seu temperamento não seja proprio para *Hamleto* ou *Romeo*, mas porque elle é como a cêra que se amolda a todas as formas, elle é o Protheu admiravel que agora nos faz tremer, apoz nos faz chorar, para depois nos fazer rir.

Novelli, podemos dizel-o sem receio, não tem genero seu, porque, á força de estudo e arte, fez seus todos os generos.

Si quizessemos fazer confrontos diriamos que, no *Shylock*, Novelli levou alguma vantagem a Rossi, mas isso já era de prever para quem conhece os dois artistas.

Na scena com Antonio no 1º acto, Novelli foi esplendido de naturalidade, apenas revelando em rapidos movimentos de olhos o desejo de vingança contra os christãos, que escondia o contracto. No final desse acto foi admiravel ao achar-se roubado pela filha que fugira.

No 2º acto, na scena com Tubal teve transicções esplendidas de dor para alegria ao saber do naufragio dos navios de Antonio.

O 4º acto é o principal para o desenvolvimento do trabalho artistico, e Novelli, como era de esperar, tirou o melhor partido possivel dos seus maravilhosos dotes artisticos.

Imperioso e satisfeito em reclamar o cumprimento do contracto, chega á maior expressão de triumpho quando Portia autoriza-o a usar dos seus direitos sobre Antonio, para logo mudar essa victoria em dor e desespero quando ella lê o artigo de lei que pune com a morte quem derramar sangue christão. D'ahi por diante a humilhação do judeu accentua-se; o desalento, o terror apoderam-se delle até á sahida que foi feita de um modo verdadeiramente notavel por Novelli.

Um artista de tal tempera não é para empregar o seu talento em pequenas comedias de escola moderna, como a Familia Pont-Biquet e outras; é para o repertorio de Shakspeare; e, se quer mostrar seus dotes de actor comico, tem um vasto repositorio em Molière. Um artista de tal merito só deve reproduzir typos consagrados pela immortalidade.

O conjuncto é mais que regular. A Sra. Olga Giannini é uma artista distincta.

Fez brilhantemente a parte de Portia, sendo muito feliz na scena do tribunal que conduziu com verdadeira superioridade. Agradou-nos tambem muito o Sr. Ruggeri na parte de Bassanio — é um bom galan de quem muito ha a esperar. Os outros artistas coadjuvaram a contento o illustre Novelli que deve sentir-se satisfeito, pois desta vez o publico tem affluido ao theatro.

L. N.

A BICHARIA

Vicente Reis bem me póde agradecer o sacrificio que fiz em ceder ao collega, que hoje me precede n'esta secção, o bilhete do Lyrico que gentilmente me foi offertado pelo grande Novelli, para ir comprar uma cadeira do Sant' Anna e assistir á representação da revista *A Bicharia*.

Realmente, deixar de ir admirar Novelli no *Mercador de Veneza*, para ir ver *A Bicharia*, é um sacrificio a que só se póde ser violentado por dever de officio.

Como peça nova e de autor nacional era de meu dever ir ver essa revista para, sobre ella, dar o meu parecer aos leitores deste semanario, que, como publicação critica e litteraria, tomou para com elles esse compromisso.

Da nova peça de Vicente Reis, póde dizer-se o mesmo que Voltaire disse de uma obra que foi submettida ao seu julgamento. Tem cousas boas e cousas novas, mas... as novas não são boas, e as boas não são novas.

Não cabe aqui descrever detalhadamente tudo quanto póde confirmar este juizo; por isso apenas darei um exemplo de cada caso.

A allusão aos frequentes sinistros da estrada de ferro Central, no primeiro quadro, é boa, mas é reproducção da critica feita na *Noticia Illustrada* por Julião Machado aos bondes electricos.

As scenas do quadro do inferno são novas, mas não são bôas, por serem, alli collocadas, destituidas de senso commum.

N'esta falta de senso para localisação das scenas, incorre o autor com demasiada frequencia.

A parodia ou caricatura da actriz Pepa, collocada na scena do Jardim Zoologico é um disparate inqualificavel.

E' preciso não desprezar inteiramente o preceito camoneano do *quando, como e onde as coisas cabem*.

Ainda que admissivel nas revistas a fantasia, nem por isso podem ser ellas dispensadas da sensatez precisa á referencia de factos subordinados pela logica á opportunidade e ao lugar em que se devem passar.

Em seu conjuncto, *A Bicharia*, se bem que mais decente e aceiada, nada tem de superior aos *Pontos nos ii* no tocante ao que se pode chamar trabalho de autor.

O exito tanto de uma como de outra é, em quasi sua totalidade, obra dos actores que as representam, secundados pelos effeitos da *mis en scene*, isto é, da choreographia, da musica e da scenographia.

A scena de mais successo da *Bicharia*, é sem duvida a da caricatura da Pepa, para a qual o autor da revista só contribuio com o disparate do lugar onde a faz passar. Tudo n'essa scena é obra do habilidoso actor que a representa.

No mesmo caso estão muitas outras scenas, havendo até trechos de musica em francez, hespanhol e italiano, para cuja introducção na peça o autor só contribuio, quando muito, com ligeiras rubricas.

De sorte que, a collaboração dos actores é afinal muito mais importante que a do autor.

Despojada desses bellos ornamentos, e sem a animação que os interpretes lhe emprestam, a nova peça de Vicente Reis é paupérrima de graça, de interesse e até de feitio.

Que elle não faça a tolice de a dar á estampa, por que, lida, ninguem deixará de julgal-a uma cousa sem pés nem cabeça, uma insulsa moxinifada.

Isto posto, *A Bicharia*, representada como o está sendo no Sant'Anna, é uma peça de successo seguro.

O Heller encontrou n'essa revista barata, e que elle ainda mais barata tornou pelo modo porque a poz em scena, (scenarios e guarda-roupa usados) uma gallinha de ovos de ouro, um excellente restaurador das suas desiquilibradas finanças.

Felicita-o sinceramente por isso,

SANSÃO CARRASCO.

A NOSSA ESTANTE

Mudamos de titulo porque a nossa mesa já é pequena de mais para conter tudo quanto nos mandam.

Fomos obsequiados com:

Almanack e indicador Laemmert para 1895—Esta importantissima e util publicação que tão bons serviços presta ao nosso commercio, torna-se cada anno mais correcto e aperfeiçoado. O almanack deste anno é composto, em grande parte, com um material typographico inteiramente novo e contém varios melhoramentos que denotam a boa e intelligente direcção da *Companhia Typographica do Brazil* e dos illustres redactores de almanack.

O Gallego, por Alexandre Herculano. Editores Rodrigues Paiva & C.

A Monarchia Brazileira por Luiz Francisco da Veiga. Na capa lê-se *Profissão de fé politica*, com um accurado estudo comparativo entre o Brazil e a Republica dos Estados-Unidos da America do Norte.

Dentro do livro, porém, vê-se que o estudo comparativo é menor sobre o paiz dos yankees do que sobre o nosso, em que o autor, exaltando patrtoticamente a revolução de 7 de Abril de 1831, compara esta com a de 15 de Novembro, que não foi de todo de seu gosto.

O que nós achamos é que... não póde haver comparação alguma entre uma e outra.

Entretanto, somos republicanos, mas é que ha republica e rrrepublica; a que preferimos é a que se escreve com um R só.

« **A Cigarra** »—Este nosso collega, com as suas illustradas pennas e illustrações a penna, torna-se cada dia mais apreciado pelo seu vivo e fino espirito. O n. 5 traz a charge do Lulú Lenior, um retrato do Saldanha Marinho com uma allegoria, o artista Novelli e *Os pais dos nossos netos*, fina pilheria da actualidade. O texto, sempre esplendido é intercalado com vinhetas adoraveis.

Bravo Julião Machado!

Relatorios apresentados aos Srs. Ministros da Justiça e Negocios Interiores e Dr. Prefeito Municipal pelo coronel Francisco de Abreu e Lima, commandante do Corpo de Bombeiros da Capital Federal.

Em secção especial tratamos desse assumpto.

Relatorio da Sociedade humanitaria Empregados no Commercio da cidade de Santos.

Muita nitidez na impressão.

Esta sociedade, sob a habil direcção do seu presidente o Sr. Manoel Joaquim Borges Junior, tendo por auxiliares os Srs. Castro Gabira, Benedito Pinheiro e José Carneiro Bastos, acha-se em plena prosperidade.

Estamos convencidos de que irá longe, sobretudo pondo em pratica, como vemos, o seguinte: socios que não pagam rua! socios de mau comportamento... idem. E lá foram sete destes...

Assim mesmo não é muito sendo sendo de 1,098 o numero d'elles.

Empreza Milone & C., enviou-nos uma assignatura para as *récitas* do grande artista Novelli, o que nos proporciona o melhor passa tempo que se póde actualmente desejar, n'esta Capital tão cheia de sensaborias.

Da importante casa de J. Bevilacqua & C.

Musicas—*Idylio*, valsa por Julio Reis e *Ritola*, valsa por Aurelio Cavalcanti.

Ainda não tivemos o prazer de ouvir essas duas composições musicaes, mas o que podemos affiançar è que a illustração de ambas as capas é lindissima e muito honra os seus bem conhecidos e acreditados editores.

Revista Agricola—Orgão da Sociedade Pastoril e Agrtcola de que nos occuparemos mais tarde assim como da:

Immigra»ão e Colonisação pelo engenheiro civil Abdon Milanez.

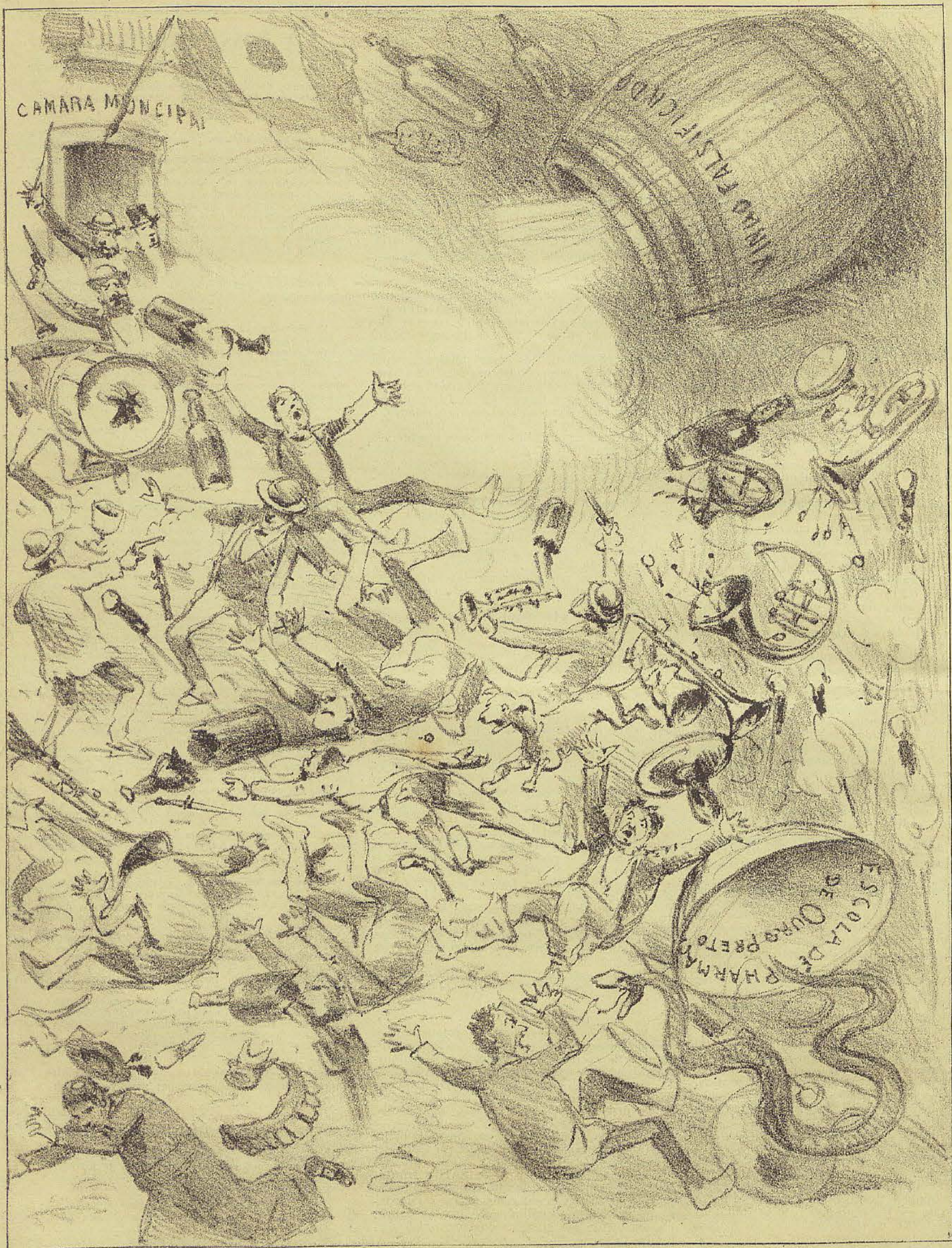
— Convite do Club dos Democraticos para o seu pomposo baile de hoje.

Lá estaremos.

Agradecidos a todos.

D. MESARIO.

Typ. L'Etoile du Sud, r. S. J° sé 102

Desenho telegraphico segundo telegramma de Ouro Preto ácerca das manifestações e conflictos entre estudantes, commercio e Camara Municipal.

Lá pela mineira terra
aqui está o que se faz:
Promove campos de guerra
Quem se diz Campos da Paz...

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 21

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRA[DO] DE A[NGELO] AGOSTINI
R. DO OUVIDOR 109

D. Quixote. — Sabes que mais Sancho?... Depois da approvação dos actos do tal governo e de seus agentes sinto por esses politicos da maioria um verdadeiro... nójo!
S. P. Já não sei se estamos no Brasil ou na Costa d'Africa!

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno.......	24$000
Semestre....	12$000	Semestre...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura termina no fim do corrente mez, recommendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A Administração.

DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 15 de Junho de 1895.

CRÊ OU MORRE

A republica fez-se para tornar effectiva a liberdade do voto, a liberdade do pensamento, as garantias civis e politicas, a paz e a tranquillidade dos cidadãos.

Que cada um metta a mão na consciencia ou colloque-se á altura da situação e diga-nos se os governos tem realisado aquelles ideaes ou se elles são ainda as eternas utopias dos ingenuos ou dos simples de coração, cheios de crenças e cheios de esperanças.

Sirvam de exemplo todos esses governos das republiquetas de Pernambuco, da Parahyba, da Bahia, do Rio Grande do Sul e de Sergipe, esses pequeninos recantos da felicidade, da paz, das garantias publicas, ninhos do senso administrativo e politico que andava ahi a esvoaçar desgarrado pelos espaços sem pouso nem descanso.

Um homem faz sombra ao governador de Pernambuco, embaraça-lhe os planos, descobre-lhe os defeitos? Mata-se esse homem. Que diabo!

Na primeira emboscada eleitoral os Srs. Raymundo Magno e Ottoni, o cunhado e o compadre do governador, varam-lhe o corpo á bala! E marcha sereno o governo.

O ultimo caso é o de Sergipe, o ideal das republiquetas sem partidos, sem divergencias de opinião, sem rusgas, pensando todos pela mesma cabeça prescilliana do governo, vivendo em paz e marchando todos juntos, unidos, amarrados pelo mesmo pensamento, como condemnados que vão para o fuzil ou um rebanho de ovelhas que vão ao pasto.

O Sr. Valladão não gosta que o contrariem; não gosta que divirjam da sua opinião e pode dispensar que o seu povo sergipano pense e tenha opiniões politicas. Elle fará tudo e tudo como fazia nos bons tempos do estado de sitio.

O uso do estado de sitio poz-lhe a cabeça para aquelle lado.

O seu ultimo decreto, o decreto 120, é como uma daquellas irradiações dos velhos tempos, esses bons tempos que não voltam para o Sr. Valladão! em que o chicote ditava a lei, escrevia no lombo do infeliz e fazia-lhe a felicidade na submissão passiva.

O chicote foi-se... *comme les rois*; ficou o Sr. Glycerio, ficou *esta* rrepublica, ficou o Sr. Valladão.

E' ir remediando conforme as circumstancias.

Na provincia o escravo é o empregado publico; e para o Sr. Valladão o empregado publico pode ter familia, pode ter cabeça, mas não pode ter opinião, nem pensar livremente.

O decreto 120 ahi está: ou crê ou morre, ou pensa com o governo ou morre de fome! O decreto 120 ahi está para julgal-os *moralmente impossibilitados de continuar os empregos os que fizerem ostentação de desprezo pelo governo, os que manifestarem repugnancia pelo regimen actual, os ministros de seitas religiosas* e todos afinal que cahirem no desagrado official.

Para quem appellar?

Só Deus nos poderia livrar desses numeros: do kilometro 65, do 136 V e do decreto 120.

Só Deus, porque o padre Campos já não tem mais força.

ONZE DE JUNHO

A data anniversaria do glorioso combate naval de Riachuelo não passou despercebida pelos briosos representantes da nossa marinha de guerra.

Tanto na Escola Naval, como no Club Naval significativas festas foram feitas para commemorar a faustosa data.

Na primeira, por iniciativa de uma commissão de aspirantes, um magnifico programma foi organisado, que attrahio á ilha das Enchadas avultadissimo numero de convidados, para lá conduzidos por lanchas postas desde as 9 1/2 horas da manhã no Arsenal de Marinha á disposição dos mesmos.

O edificio da Escola achava-se vistosamente ornamentado desde o pateo até ao salão principal, havendo em diversos lugares escudos com os nomes dos heroes do memoravel combate.

A festa começou por um eloquente discurso do aspirante Sr. José Machado de Castro e Silva, seguindo-se-lhe uma animada regata, na qual sobresahiram os aspirantes Cesar do Amaral Gama e J. M. de Castro Silva, vencedores em todos os pareos em que figuraram.

Terminada a regata, foi servido um profuso lunch, trocando-se enthusiasticos brindes, dos quaes o ultimo, em honra do Exm. Sr. Presidente da Republica, foi levantado pelo Sr. Costa Pinto, e calorosamente correspondido por quantos alli se achavam.

Os intervallos dos pareos eram prehenchidos com dansas em que tomavam parte muitas senhoras e cavalheiros convidados.

No Club Naval teve lugar uma sessão solemne commemorativa do glorioso feito, de posse da nova directoria, e entrega do premio Jaceguay.

Essa sessão foi presidida pelo Sr. capitão de mar e guerra Marques de Leão.

Foram lidas cartas dos Srs. Vice-Presidente da Republica, ministro das relações exteriores, commandante da Fortaleza S. João, e um telegramma da officialidade do cruzador *Andrada*.

Lido o relatorio e empossada a nova directoria, assumio a presidencia o Sr. contra-almirante Pinto da Luz, que, agradecendo a sua eleição, expendeu a sua opinião sobre o estado da nossa marinha, concitando a sua classe a união.

Em seguida o Sr. almirante Jaceguay, após um brilhante discurso, propoz a creação de uma escola livre de nautica dirigida pelo Club Naval.

Encerrada a sessão, foi servido um copo d'agua a todas as pessôas presentes, e dos brindes que então foram feitos salientaremos o do Sr. contra-almirante Pinto da Luz á legalidade significada no Presidente da Republica, alli representado pelo seu secretario Dr. Rodrigo Octavio, ao qual assegurou o apoio incondicional da marinha e do exercito.

N'esta sessão foi distribuido o *Boletim* do Club, no qual se lê, sobre a gloriosa data que se commemorava, o seguinte:

« Completam hoje 30 annos que nas aguas paraguayas ferio-se o memoravel combate naval do Riachuelo.

« Perdura e perdurará, no animo de todos os patriotas, a gratidão de que se tornaram credores os herões que tomaram parte naquella cruenta jornada.

« Aos sobreviventes, o Club Naval apresenta suas homenagens e deposita no tumulo dos mortos um punhado de saudades. »

TAGARELLICES

Esteve deliciosa a sessão de segunda-feira desta semana na camara dos Srs. deputados!

O patrão, se a ella houvesse assistido, como bom cultor, que é, do calemburgo, exclamaria com o seu ar lastimoso de cavalleiro da triste figura:

— Como isto é para lamentar!

Ora eu, que sou anti-parlamentarista, achei aquillo magnifico!

Os nobres deputados Srs. Benedicto Valladares e Frederico Borges não podiam proceder mais constitucionalmente.

A constituição acabou com as praticas parlamentares; logo o dever dos illustres licurgos, para se manterem dentro d'ella, é não terem na lingua papas... parlamentares.

Neste regimem de viver ás claras, não é licito deixar ninguem ás escuras sobre o modo de pensar, e até sobre a boa ou má educação dos que governam.

O Sr. deputado Erico Coelho, que é, como eu, um anti-parlamentarista convicto, assim o comprehendeu e demonstrou n'aquelle grande rasgo, n'aquelle rasgão da *Mala da Europa*... a fura-bollo.

O caso de segunda-feira entre os dous referidos deputados, tratando-se de empregados postaes, não devia ser tratado de outro modo, para que ficasse evidenciado serem elles dous cidadãos que têm carta no correio.

E, apezar de eu não ser mais do que um simples tagarella, tão pouco parlamentar como os ditos Srs. deputados, ouso pedir a palavra para metter tambem o meu bedelho na importante questão que elles discutiam.

A Legalidade, com aquella coherencia indiscrepavel que todos admiramos, para remunerar alguns dos seus bravos defensores, tirou-os dos respectivos quarteis e mandou-os para a repartição dos correios, substituindo-lhes o respectivo soldo pelo respectivo ordenado.

E assim como não lhes pedio prova de aptidão para a boa pontaria, tambem lh'a não exigio para a boa expedição de cartas.

Nada mais coherente.

Se disto resulta que muitas cartas, de ha tempos a esta parte, erram o seu destino, como no tempo da revolta muitas balas erraram o seu alvo, a culpa é... da Legalidade.

Ora, como tudo que vem da Legalidade é o que é patriotico e justo, essa serodia exigencia de concurso não póde deixar de ser

uma injustiça, uma sebastianice, que só tem em vista acabar com a anarchia do correio para promover a do patriotismo, que... não mette prego sem estopa.

Fique, pois, estabelecida a praxe de ser dispensada a prova de habilitação para o exercicio de qualquer funcção burocratica a quantos empunharam a manulicher durante o estado de sitio em nome da Legalidade.

Desta maneira, ninguem poderá dizer que os nomeados sem concurso não sejam legaes, e desde que os nomeados o são, pouco importa que as nomeações o não sejam.

Além de que, o patriotismo tem por maior estimulo o venha a nós, e para que haja patriotismo é necessario que vão as nozes para os patriotas, embora desdentados; pois até Deus, segundo se diz, dá nozes a quem não tem dentes.

Os dentes, n'este caso, equivalem ás habilitações, e a quem não tem dentes para mastigar, é justo que se dê teta para mammar; porque lá affirma o rifão que quem mamma não chora, e eu não conheço nada tão perigoso como a choradeira dos patriotas que não mammam.

Eu acabaria aqui hoje a minha tagarellice, se uma noticia que li nos jornaes de terça-feira me não viesse dar ainda um pouco de corda á lingua... quero dizer, á penna linguaruda.

Foi o caso, na verdade bastante curioso, dos gatunos terem roubado a policia.

O escrivão da 1ª delegacia auxiliar, ao chegar na segunda-feira ao seu cartorio, deu pelo furto, que lhe foi feito, do dinheiro que guardára em uma gaveta.

Ora, o cartorio do dito escrivão está estabelecido no proprio predio em que funcciona a chefia de policia, onde, como do caso se conclue, os gatunos entram como nós em nossas casas.

Está visto, portanto, que a policia expõe nos theatros os retratos d'esses distinctos patifes e guarda na repartição os originaes.

Sirva isto de aviso a quem alli fôr tratar de negocios.

Olho alerta e... paletot abotoado!

Pois se até os proprios funccionarios da policia são victimas d'elles!

A policia foi roubada
por gatuno esperto e audaz!
Não nos faltava mais nada:
podemos dormir em paz!

Lu-No.

MESTRE NICOLAU.

CHINOISERIES

Nada mais a nós admira
neste fim de sec'lo enorme!
A pilheria corre, gyra,
emquanto o bom-senso dorme.

Um empresario (capricho
estranho, não ha que ver)
p'ra poder matar o bicho
o bicho quiz reviver.

Fizeram o diabo a quatro
com esta idéa soberana:
quasi acclamam no theatro
novo barão... de Sant'Anna!

Na scena o jogo mantinha
do Zoologico Jardim,
quadro, bicho, poules tinha,
não faltava nada, emfim!

Anda tudo transtornado,
hontem alguem me dizia,
que todo liquificado
o Pão de Assucar se havia.

Não me admirei, pois ha tanto
habituado já estou
a contemplar sem espanto
cousas... que ninguem sonhou!...

E fiz bem, pois no outro dia
de manhã, lendo os jornaes,
vi cousa que bem podia
ir da historia p'r'os annaes:

Lettras e Arte

Recebemos o 1.º volume do *Encilhamento*, romance de Heitor Malheiros. Como se vê pelo titulo, o autor quiz reproduzir no seu livro o periodo agitado da nossa vida social logo apoz a proclamação da Republica, quando o impulso dado ás especulações da bolsa, á jogatina das *acções*, á fundação de bancos e companhias veio transformar a nossa praça em um chrysol magico, de onde sahiam grandes potentados, riquissimos capitalistas, individuos que na vespera não tinham nada de seu. O autor procurou approximar-se o mais possivel da verdade o que quasi sempre conseguio. Os personagens principaes não deixam de ser mais ou menos verdadeiros, comquanto o Dr. Menezes seja um vacillante sem decisão propria, em negocios como em amor,e Roberto nos pareça um galan sentimental e piegas demais para um zangão da bolsa. Em todo o caso o romance nos parece bom, embora não possamos formar opinião senão depois de lel-o completo, e o 2.º volume ainda não se acha publicado. Aguardamol-o para então nos externarmos definitivamente.

Luiz dos Reis, o distincto professor e primoroso litterato e poeta, cujo nome prezam e admiram todos os que lêm, traduzio a pedido do illustre Dr. Menezes Vieira,o hymno de Martin Paschoud — *La Marseillaise de la Paix*, adaptado á musica da Marselheza. O distincto Director do Pedagogium fez imprimir em elegante edição os esplendidos versos do inspira o poeta, versos que vieram ainda comprovar o alto conceito em que temos o seu autor.

O Movimento — orgão do grupo dramatico Instrucção, Caridade e Trabalho, de S. José do Rio Pardo. Chega-nos um bom numero trazendo o hymno do Club, composto em bellos versos por Hippolyto da Silva, um bom conto de Coelho Netto e excellentes versos de Theophilo Dias e Ernesto Corrêa.

A Revista Moderna, de Pernambuco —surge-nos mais uma vez cheia de vida e promessas de prospero futuro. O Numero 7 traz um bom artigo de Pereira da Costa Filho sobre o grande escriptor Pinheiro Chagas ha pouco fallecido, um estudo sobre o livre arbitrio em criminologia, de Luiz Gomes *Novas industrias*, bom estudo do Dr. Pires de Almeida, *Os anneis*, por João Candido, etc. Na parte poetica estas mimosas quadras de F. Marotti, que não posso resistir ao desejo de transcrever:

O charmante demoiselle,
O ma douce bien-aimée,
Savez-vous? toujours plus belle
Je vous trouve et plus gâtée.

Oui, c'est vrai, ô ma mignonne,
Je deviens toujours plus béte:
Je vous crois une madone
Et vous n'êtes que coquette...

Je ne brise pas ma chaine
Parce que... n'existe pas;
Mais j'en paye bien la peine
Tous les jours entre vos bras....

Mimosas quadras verdadeiramente *parisiennes* par l'esprit!

Parabens aos redactores da excellente revista, que ainda offereceu como brinde aos assignantes um bom conto *Guilherme* de Olympio Galvão.

O Alpha — Recebemos o n. 5 deste jornal que promette brilhante carreira.

O presente numero contém artigos sobre Historia Natural, Obras-primas da litteratura universal; Notas alegres, etc.

Prospero porvir lhe desejamos.

A Lanterna — Alguns rapazes de talento, á cuja frente se acha o distincto Julio Pompeu, que já mostrou o que vale, como redactor do *Diario de Noticias*, que foi até bem pouco tempo, farão apparecer brevemente com o titulo acima um hebdomadario critico, litterario e artistico.

Esperamol-o anciosos.

O Pão — Recebemos este conceituado orgão da Padaria Espiritual do Ceará: n. 16.

A 1ª pagina, tarjada de preto, é consagrada ao talentoso e joven Xavier de Castro ha pouco fallecido, deixando sensivel falta na legião das lettras. Traz bons contos de Arthur Theophilo, Bruno Jacy, Raul de Azevedo, e versos corrèctos de L. Brigido, M. Barros e Livio Barreto.

Um numero excellente que mostra o desenvolvimento intellectual dos brilhantes rapazes da Padaria Espiritual, á qual está reservado um lugar distincto na historia da nossa tão pouco apreciada e animada litteratura.

L. N.

Belleza e tomates

O commissario d'esta praça o Sr. Luiz Belleza, enviou-nos uma duzia de latinhas contendo conserva de tomates preparada, diz elle, pela firma Carlos Erba, de Milão, e analysada no Laboratorio Nacional de Analyses.

Lá se a conserva é preparada pela firma em vez de o ser pelo proprio Carlos Erba não garantimos; o que podemos garantir é que é optimo tempero para petisqueiras, e que mesmo crúa póde ser comida com prazer...por quem gostar.

E quem d'isto quizer ter a prova é...prova-la.

Ao Sr. Luiz Belleza agradecemos o presente, e aos nossos leitores recommendamos a *Conserva de tomates*.

JUS DOLORIS

Arte, só tú és grande! Altos destinos
trazem do berço os genios teus eleitos;
á dor que o vulgo desconhece, affeitos,
mortaes, se tornam a sonhar, divinos.

Por isso soffres, mas qu'importa? Os hymnos
dizem-te a gloria, como grandes feitos;
d'alma pelo sentir firmas direitos
do teu violino sobre os mais violinos!

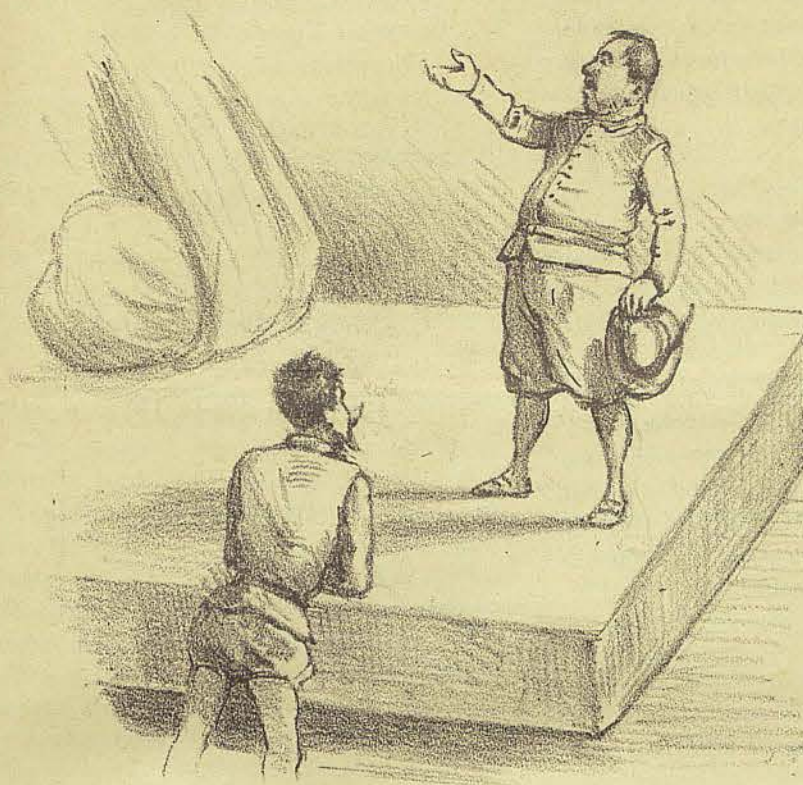
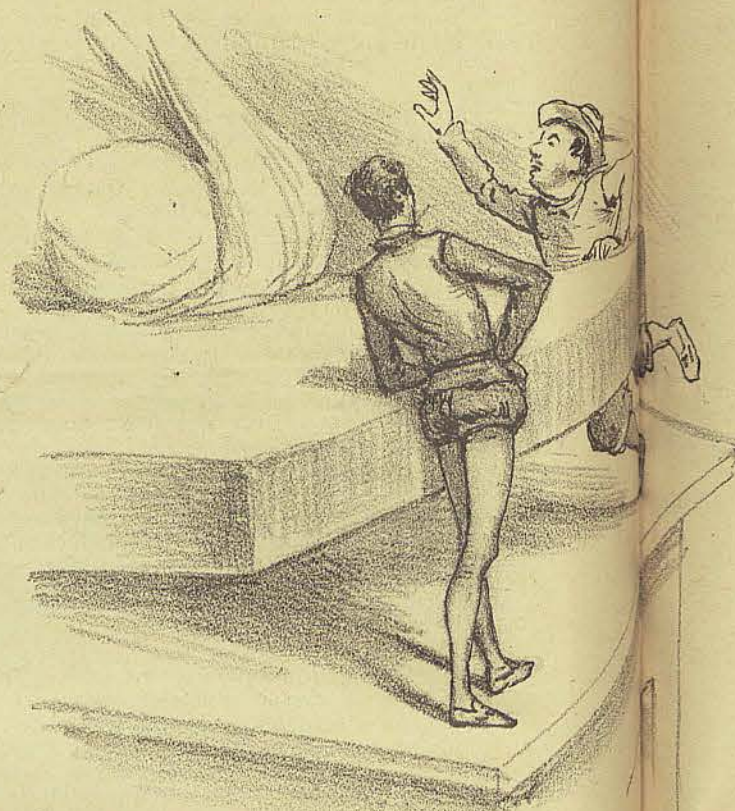
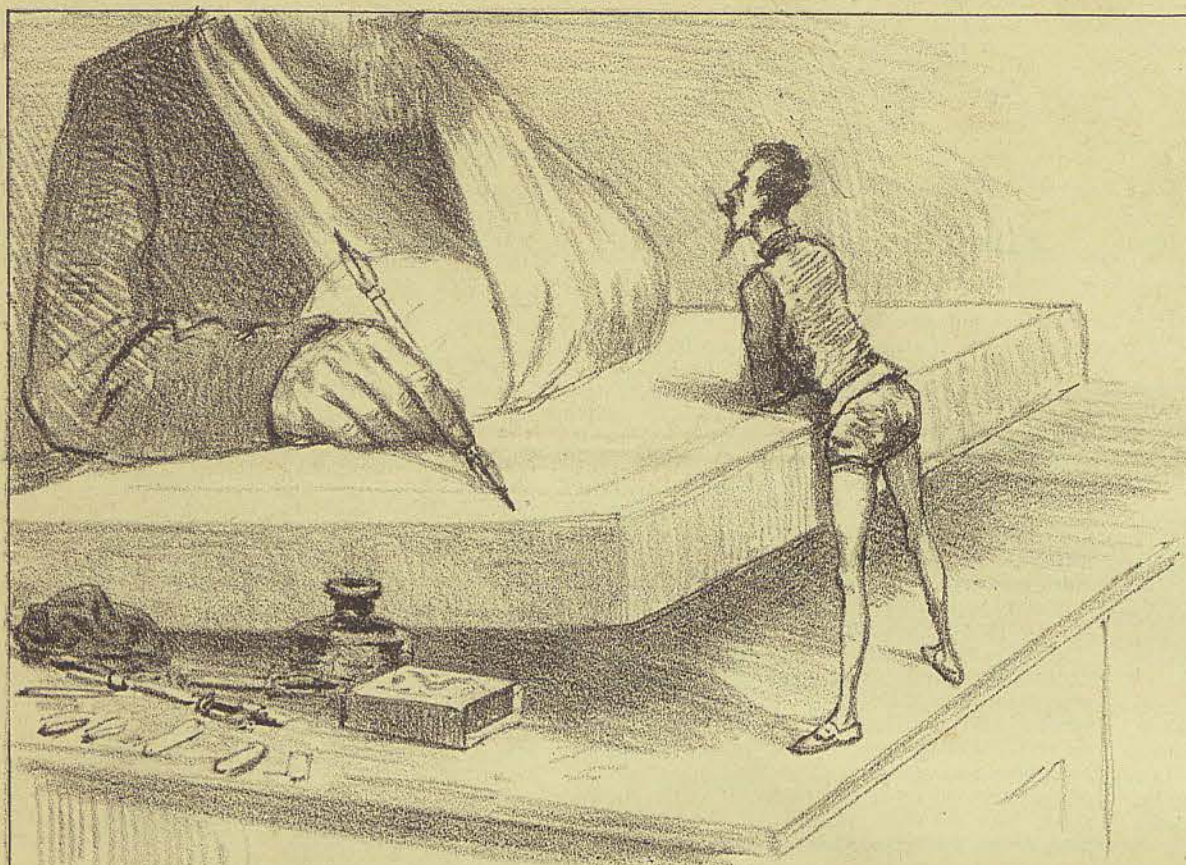
Genio a brilhar da vida nas procellas
do céo do coração expande estrellas
que têm nos raios perolas e prantos,

e dá-nos nestas sensações ignotas,
no idealismo da dor fundida em notas,
a nevrose do amor vasada em cantos!

LUIZ NOBREGA.

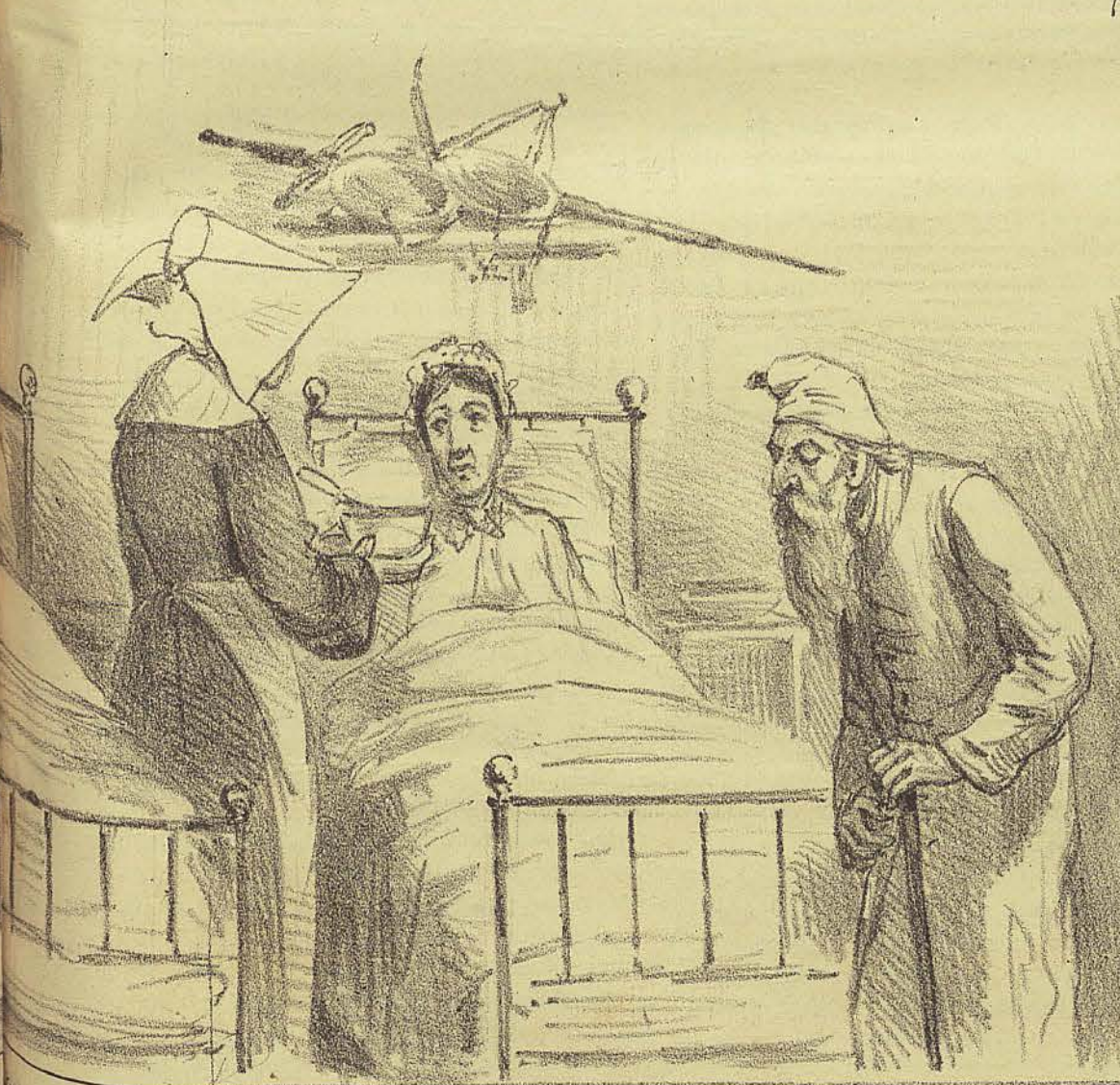
Entre jacobinos:

— E' *Prú! Prú*, sómente, que devemos chamal-o.

— N'esse caso, chamando-o sómente *Prú*, é fóra de duvida que somos uns tira *dentes*.

— Meu caro D. Quixote, creio que, d'esta vez, não posso apresentar-te em publico com a ponctualidade que...
D.Q. — Na verdade assim doente...
— E' preciso dar uma explicação ao publico sobre...
D.Q. — Isto é com o Sancho; elle tem mais geito do que eu.
— Pois chame o Pança

S. Pança — Prompto! ... que quer.

— O patrão não tem cabeça para tratar, como desejaria, de varios assumptos pelo facto de achar-se doente.

Pois o nosso Presidente da Republica não está tambem doente?
(Approveitamos o ensejo para desejar-lhe prompto restabelecimento.)

Tudo anda doente hoje. Dir-se-ia que o Brasil é um grande hospital!

O Thesouro Nacional queixa-se que está arrebentado!

O Commercio diz estar quasi arruinado com o Cambio a 9

A Lavoura, com o novo imposto e o pessimo serviço da E. F. Central

e a In...ia anemica por falta d...pital, queixam-se amarg...te!

A Justiça maltratada pelos nossos politicos,

O Criterio.... Está quasi a expirar.

Tudo isso por causa da maldicta politica Jacobina!
E não haverá quem lhe ponha uma boa camisola de força?...

FERROADAS

O senado, ouvida a interessante e interessada apologia do paranympho Bocayuva, investio o Sr. Dr. Porciuncula das funcções com tanto *brilho* exercidas pelo Sr. Victorino Monteiro, ex-ministro na Republica Oriental.

E assim, ao *brilhante* delegado do Sr. Castilhos e do castilhismo succede o delegado do Sr. Quintino e do partido castilhista, agora disfarçado com o nome pomposamente vazio de Republicano Federal, etc.

No fim, tudo dá certo; e o governador illegal do Rio Grande do Sul vae em maré crescente de felicidade.

Para S. Ex. não ter medo dos federalistas dão-lhe tudo, dinheiro e batalhões, e agora... Porciuncula lá tem em Montevidèo.

Que lhe faça muito bom proveito...

.... Tanto quanto devemos tirar das lições que nos estão dando os Srs. deputados brigadores, mais ou menos *borgeados*. SS. EEx., na realidade, têm toda a razão.

Isto de achar-se illegal, immoral, anarchisador, que um individuo qualquer, só porque pegou em armas para defender a LEGALIDADE está apto para occupar todas as posições, independentemente de provas de habilitação especial—só póde occorrer a *revoltosos* ou a *sebastianistas*.

Eu penso até que foi um grande erro ter-se elegido o Sr. Dr. Prudente de Moraes, que, positivamente, não metteu rebocadores a pique, nem andou pelos morros a fazer pontarias aos bravos de *Villegaignon*...

Foi um erro, porque a estas horas a nossa Republica podia viver feliz e contente sob a preclara presidencia de um Werneck ou de um Jacaré, ao abrigo de todos os males, sob a protecção do *Triangulo* e com a ajuda da muleta do Sr. Deocleciano Martyr...

.... muleta que, ainda assim, intervem muito a miudo na nossa politica.

Haja vista ao caso da amnistia no senado.

O jacobinismo feroz de meia duzia de senadores, por tal forma *muleteou* a consciencia dos collegas, que afinal ficou decidido que centenas de brazileiros illustres e necessarios continuassem a curtir as doçuras do exilio até ao extremo de pedirem esmola no estrangeiro para acudirem á sua manutenção!

O senado, commettida essa ferocidade, votou a approvação da dos agentes do governo passado, que podem agora, á vontade, tripudiar sobre os cadaveres das suas victimas...

E o que é tudo isto, senão a intervenção da muleta do Sr. Martyr?

Bem faz, portanto, o Sr. Vicente Machado, que, servindo-se desse instrumento, consegue manter o Paraná em estado... de sitio e obriga os jornaes de opposição a fecharem as portas por falta de garantias...

Andar assim, Seu kilometro. Nada de mollezas!

Isto de opposição só serve para descobrir e provar que um certo senador apoderou-se do livro em que constava a sua verdadeira idade, para dar-se como mais velho e fazer-se eleger, e galgar illegalmente a cadeira senatorial.

Além de *otras cositas mas*...

Outro que, de muleta em punho, mostra de que páo ella é: o Sr. Valladão, lá do Sergipe.

Aquillo é que é homem!

Vae tudo raso: tribunaes, juizes, constituição estadoal e Federal.

A justiça é elle, a lei é elle, a constituição é elle. Elle é tudo e sem elle não ha nada.

De nada me admiro, convencido como estou de que o Sr. Valladão é a miniatura mais fiel do retrato politico do Sr. marechal Floriano que, entre muitos dotes, teve o de dotar-nos com aquella boa cria... turuna!

Já que fallei no bravo marechal, não posso deixar de louvar o Sr. José Carlos por ter declarado na Camara que S. Ex. não quer saber de mais nada e só deseja que *tenhamos juizo*.

Louvo francamente a franqueza desta declaração e faço votos para que o conselho do illustre enfermo aproveite aos que mais precisam d'elle: aos que não cessam de pregar a continuação da guerra fratricida, da guerra estrangeira, da guerra ao thesouro e ao juizo da nação...

Aproveitem o censelho: *tenham juizo*. Não *engrossem* o vencedor de 13 de Março, que não póde ser o patrono de *bernardas*, arruaças e gritarias na camara...

... Como Santo Antonio é o das moças casadeiras. Este anno teve o milagroso thaumaturgo especial commemoração.

Não me refiro, é certo, ás festas lisboetas do setimo centenario, nem á zincographia da popular veronica com que o *Jornal do Brazil* brindou os seus numerosos leitores.

A commemoração especial foi a do Sr. Werneck.

O senado marcára o dia 13 para decidir a união definitiva do illustre parteiro com a Prefeitura Municipal; e S. Ex. que, apezar de chefe do *Triangulo*, é christão supersticioso, não duvidou appellar para o processo empregado pelas moças casadeiras, afim de obter a desejada solução.

E lá foi o Santo Antonio para o fundo do poço até realisar-se o milagre, isto é, a... operação, sendo depois retirada a imagem do Santo e collocada em oratorio.

Ha, porém, quem affiance que o Santo Antonio do Sr. Werneck foi o Sr. general Glycerio, que esteve no fundo... do senado a operar a solução favoravel...

Accrescentam as más linguas que, de contente que está e não podendo collocar no oratorio tão agigantado patrono e general, o Sr. Werneck não cessa nem cessará de lhe perguntar, serviçal e carinhoso:

— *Meu Sant'Antoninho! Onde te porei?*

Vicente, Cesar, Castilhos...
Oh! que trindade de trús!
De sangue á patria dão brilhos,
— Vicente, Cesar, Castilhos.
Uma nação com taes *filhos*
Não vira de catrapuz!...
Vicente, Cesar, Castilhos...
Oh! que trindade de truz!

PERNILONGO.

THEATROS

NOVELLI

Ermete Novelli é positivamente um grande comediante e é um tragico mediocre. Esta idéa tinha-se a pouco e pouco formado em nosso espirito e acaba de accentuar-se nitidamente com a interpretação que o festejado artista deu ao *Nero* de Cossa.

Drama falso, como trabalho historico, mas como concepção artistica, o *Nero* é todavia figura obrigada no repertorio dos actores tragicos. Por si, esse drama pouco interessa ao espectador; desde, pois, que o artista encarregado do principal papel não lhe emprestar o calor e o brilho do seu talento, succede o que infelizmente succedeu quinta-feira no *Lyrico*—o publico boceja e se aborrece.

Com o *Luiz XI* não ti ha, na semana passada, succedido a mesma cousa, porque Novelli, com o poder do seu talento comico, torceu o drama de Casemiro Delavigne até reduzil-o a uma boa comedia, conseguindo á força de estudados detalhes, e minuciosas observações, o prender durante todo o espectaculo a attenção do publico, sem deixar que este desse pela ausencia das situações brilhantes e ruidosamente dramaticas.

Ora, com o *Nero* jamais poderia acontecer o mesmo, porque o *Nero* de Cossa é um desses dramalhões em que as scenas de grosso effeito se succedem sem dar tempo ao actor encarregado do protogonista de detalhar o seu trabalho de interpretação. Só um recurso póde salvar o artista, é a fuga romantica, que se obtem com o calculado exagero no diapasão da voz, e na medida dos gestos, e na caracterisação do typo historico, como o fazia Salvini, como o fez Rossi, e até o faz Emmanuel, que allás é naturalista.

E foi isso o que Novelli não conseguiu. Não conseguio ser brilhante; e, como igualmente não podia ser natural e minucioso como o foi no *Luiz XI*, succedeu o que era natural — o publico aborreceu-se.

Tanto assim é que, a unica vez em que no *Nero* Novelli pode ser comediante, mostrou o seu valor; foi no fim do primeiro acto, quando de subito é accommettido de rouquidão. Na scena final da peça, na morte de *Nero*, isto é, no auge da acção tragica, todas as vezes que Novelli tomava o punhal para matar-se o publico achava graça, chegando a rir bem alto.

Rio, como rio no *Luiz XI*, quando, tambem na ultima scena, e tambem scena de morte,

aquelle rei, agonisante, reclama do filho a corôa de que este já se tinha apoderado.

O verdadeiro talento comico de Novelli, posto em jogo com a sua lamentavel paixão de representar tragedias, obriga-o a uma gymnastica perigosissima; obriga-o a fazer de *Luiz XI* comedia e a fazer do *Mercador de Veneza* tragedia; o que é muito lamentavel, porque, se no *Luiz XI* esse truc aproveitou ao talentoso artista, na peça de Shakespeare o resultado foi desastroso.

Isto é opinião sincera.

Bom, perfeito, justo e digno de todos os applausos, foi a bella e sã interpretação que Novelli deu á formosa comedia do divino poeta inglez *The taming of the shrew* (*La bisbetica dominata*). Ahi sim, o artista de detalhes, o delicado comediante, deu toda a expansão ao seu alto talento comico e a sua sciencia theatral.

E' pois ao grande Novelli da comedia, ao inextimavel interpretador de *Petruchio*, e ao fino artista dos monologos, que *Don Quixote* envia os seus bravos enthusiasmados e sincéros.

COUSAS VARIAS

Como não sou gralha que se enfeite com pennas de pavão, devo declarar que o topico precedente sobre o grande artista que nos está deliciando no Theatro Lyrico com a mais explendorosa manifestação da arte dramatica, não é da minha lavra, mas da de um dos meus mais habilitados e notaveis confrades em lettras, que gentilmente me quiz obsequiar com a sua magnifica collaboração n'esta secção de theatros.

Os leitores, certamente, me vão ficar gratos pelo mimo que lhes faço d'esta collaboração.

E é caso para eu lhes dizer: têm de que, sim, senhores.

LEONOR RIVERO

Com a *Salsaparrilha*... quero dizer, com o *Tim tim por tim tim*, mistiforio estapafurdio em 3 estopantes actos, realisou a graciosa actriz cantora Leonor Rivero, no Theatro Lucinda, a sua festa de beneficio.

O theatro estava vistosamente ornamentado em honra da beneficiada e a enchente foi descommunal, tal é a sympathia que do publico merece a apreciada artista.

O objecto importante da representação foi a exhibição, por ella effectuada com felix exito, dos celebres dezoito papeis *pépinos*, nos quaes soube fazer-se phreneticamente applaudir.

Muitos foram os presentes que recebeu, notando-se entre estes uma lindissima e rica cesta dourada cheia de bellissimas flôres artificiaes.

Leonor Rivero teve nessa noite a mais significativa manifestação do elevado apreço em que é tida pela multidão de espectadores habituaes do Theatro Lucinda, que, apopleticos de enthusiasmo, sahiram d'alli, depois da meia noite roucos, e com as mãos inchadas.

O Brandão, esse, parecia que tinha o diabo no corpo. e se não ficou n'essa noite desconjuntado é porque tem musculos de borracha.

Sinto-me deveras arrependido de ter dado importancia ás bagaceiras theatraes do improvisado bacharel Vicente Reis, ao ponto de honral-as com a minha critica.

Realmente, quando se toma a sério o theatro no seu ponto de vista artistico e litterario, não se deve levar a generosidade até ao extremo de criticar o que está abaixo da critica.

Se eu não me houvesse affastado d'esse dever, não teria dado á petulancia garota do revisteiro das duzias ensejo de gritar em lettra de fôrma uma fanfarronice d'este jaez:

— « O' sucia infame, pega da penna e escreve na mesma occasião, sobre os mesmos factos, duas peças no mesmo genero, completamente diversas.»

Ora isto seria um desaforo digno de um ponta pé no lugar de onde elle tira a *tinta* com que escreve as suas graçolas, se não fosse uma collossal parvoice.

Quem possa fazer, não duas, mas dez ou vinte revistas, da laia das d'elle, não falta. O que falta é quem, presando a sua reputação litteraria, as assigne.

O parlapatão enfuna-se com uma phrase laudatoria de Arthur Azevedo (cuja malicia, em sua pobreza de espirito, não soube interpretar) e com uma carta que diz recebera de Urbano Duarte — o juvenalesco escriptor dos *Humorismos*, e vem nas *duas palavras* do corpo de delicto da sua parvoice litteraria, arrotar capacidade!

Pois bem; eu provoco esses dous escriptores a virem demonstrar a sério, com a responsabilidade dos seus nomes, que as criticas que fiz das revistas *Pontos nos ii* e *Bicharia* não têm razão de ser.

Por desgraça sua, o insensato fez imprimir a versalhada réles da tal *Bicharia!*

Aposto que será capaz de dizer que são da sua lavra os versos descriptivos do *Abacaxi*, de cuja autoria Moreira Sampaio póde dar testemunho!

Passa fóra, idiota!

SANSÃO CARRASCO.

A NOSSA ESTANTE

A Cigarra—N. 6—Um perverso, o Julião Machado! Para nos collocar cada vez em maior difficuldade, mettenos diante dos olhos este n. 6, com um *Monte Christo*, um *Santo Antonio*, uma *Olga Giannini* e uma *Fera amansada* de nos deixar de queixo cahido! Pois o Bilac, lá pelas paginas internas, com aquella *chronica* a pósdemicar os bachareis instantaneos, e aquella *Terza Rima* deliciosa a provocar espreguiçamentos que não deixam a gente trabalhar! Malvados! Pois diga-lhes...que já não sei mais o que hei de dizer!

Revue Medico-Chirurgicale du Brésil—N. 5, 3e année—Como os precedentes, este numero da importante revista scientifica, que o illustre Dr. A. Brissay, tão habilmente dirige, vem interessantissimo.

Nas *Memorias originaes* collaboram Mme. Masson (parteira), Visconde de Saboia e Dr. Adriano de Barros, e no *Repertorio Universal*, traz grande cópia de memorias e noticias tanto do Brazil como do estrangeiro.

O Quarto Centenario da Febre Amarella, bosquejo de hygiene social pelo Dr. Carlos Seidl, director do hospital de S. Sebastião. E' um trabalho de importancia incontestavel, digno de attenciosa leitura.

Relatorio da Sociedade Concordia Beneficente VINTE E OITO DE ABRIL, apresentado á assembléa geral em 13 de Janeiro do corrente anno, pelo seu presidente coronel Antonio José de Souza Brandão. Dá minuciosa noticia de todos os actos da sua gestão social e de tudo quanto interessa á sua funcção beneficente e ao seu estado financeiro, que é muito satisfactorio.

Relatorio do Gremio Commercial, de São Paulo, apresentado pelo seu presidente á assembléa geral ordinaria em 2 de Dezembro de 1894. Demonstra o estado prospero da associação, que muito util está sendo aos seus associados.

Relatorio do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores, apresentado ao Exm. Sr. Presidente da Republica pelo secretario de Estado Dr. Antonio Gonçalves Ferreira, em abril do corrente anno. Com vagar o apreciaremos.

Revista Brazileira, o 11° fasciculo de Laemmert & C., editores.

O summario contém:

D. Izabel Grameson, por D. E. Ferreira Penna.

Poesias de Claudio Manoel da Costa.

Historia do Direito Nacional por Sylvio Romero.

A Pedagogia por José Verissimo.

Bibliographia.

A questão do Rio Grande por Pedro Tavares Junior, Medeiros e Albuquerque, Sylvio Romero, Thomaz Alves Junior, Dr. Ferreira de Araujo, Dr. Fernando Mendes, Severo Mendes, Frederico Borges, etc., etc.

Muito luminosas as respostas, principalmente a do Dr. Pedro Tavares, e á parte as dos Srs. Dr. Frederico Borges e Medeiros de Albuquerque.

A respeito d'este Sr. deputado ha a notar que S. Ex. foi quem levantou na imprensa d'esta Capital a questão da Constituição do Rio Grande do Sul, julgando-a attentatoria á Constituição Federal"

Sendo, assim, a sua resposta sobre o caso do Rio Grande, parece-se tanto com o que já escreveu como S. Ex. quasi imberbe, se parece com o Sr. Coelho Cintra...

Musicas—*Pontos nos ii*, quadrilha por P. L. Hallier. *Conversemos* valsa por Gabriel Pimentel.

Duas bellas composições para piano, editadas pela casa Vieira Machado & C., os editores musicaes mais activos desta capital. Todas as semanas duas, tres e mais composições novas sahem das suas officinas.

Aquidaban, dous remechidos tangos de Assis Pacheco, os quaes na revista do mesmo titulo e do mesmo autor figuram com as dssignações de *Dos Capoeiras* e *Ora bolas!* A edição é da casa Fertin de Vasconcellos & Morand.

Convites:

Do Hyppodromo Nacional, um cartão permanente para toda a estação sportiva do corrente anno.

—Do corpo de alumnos da Escola Naval para a festa da commemoração á data de 11 de Junho no edificio da mesma escola.

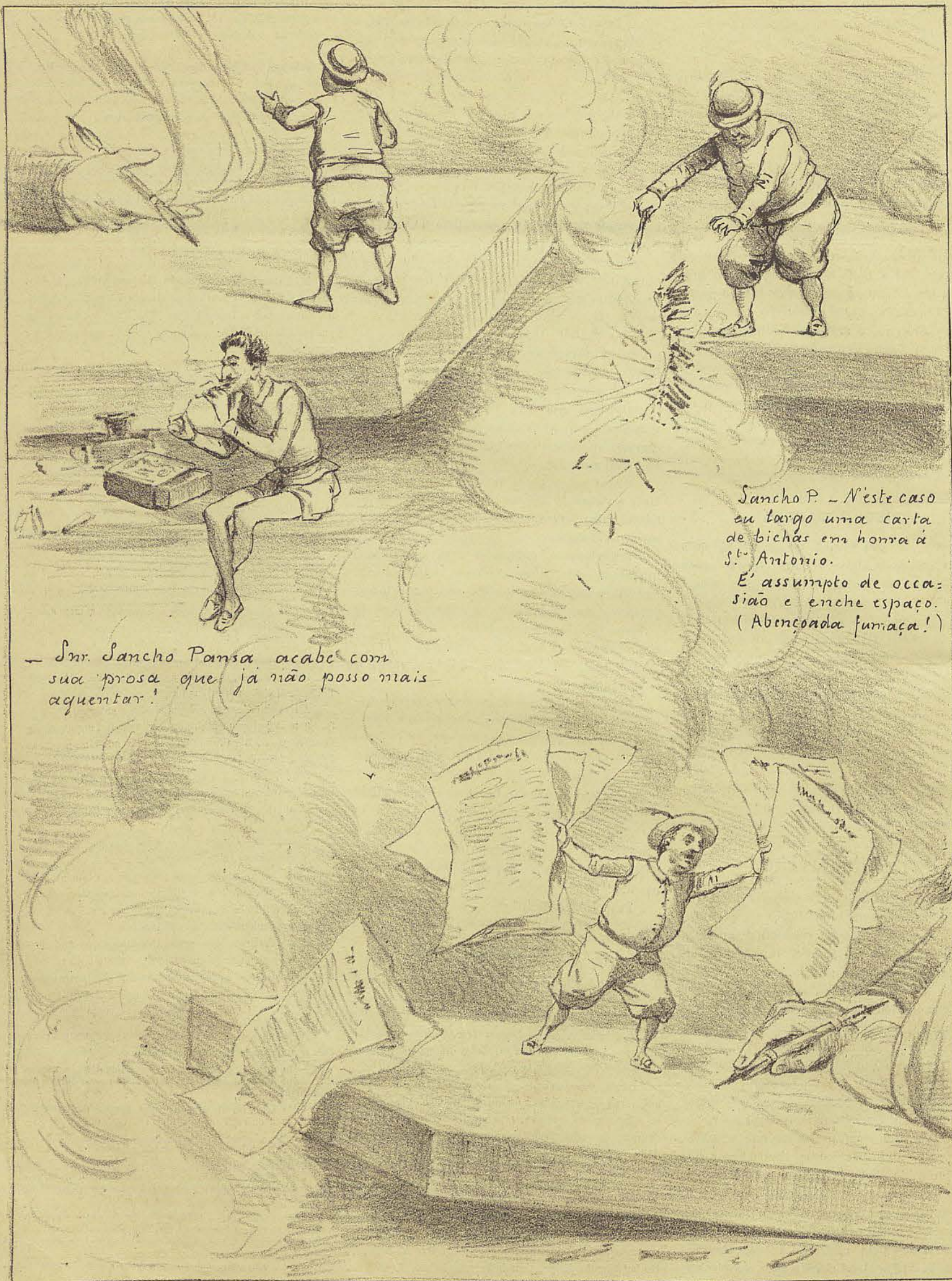
—Do Club Naval para a sessão magna da posse da directoria e entrega do premio JACEGUAY, em 11 do corrente.

—Do Turf Club, para a 8ª corrida extraordinaria no dia 13 do corrente.

—Da graciosa e distincta actriz cantora Leonor Rivero para a sua festa artistica no Theatro Lucinda, em 10 do corrente, com o *Tim tim por tim tim*.

—Do Jockey-Club, para a corrida do grande premio CRUZEIRO DO SUL, a realisar-se no Prado Fluminense, no dia 16 do corrente.

Typ. L'Etoile du Sud, r. S. José 102

Sancho P. — N'este caso eu largo uma carta de bichas em honra á S.to Antonio.
E' assumpto de occa: sião e enche espaço.
(Abençoada fumaça!)

— Snr. Sancho Pansa acabe com sua prosa que já não posso mais aguentar!

S. Pança — Não é possivel deixar passar a importante noticia que se lê, hoje, em todos os jornaes. O Senado reconheceu prefeito o Prefeito. por achal-o perfeito.
(E com a prosa do Sancho Pança terminamos felizmente este numero. Uff!!!

Anno 1º Rio de Janairo Nº 22

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO DE Angelo Agostini

R. Ouvidor 109

A fera do Norte espera, anciosa, o resultado da questão pernambucana que se trata actualmente na Camara.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno........	24$000
Semestre....	12$000	Semestre...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitarnos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote.a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura termina no fim do corrente mez, recommendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 22 de Junho de 1895.

EM TAUBATÉ

De Taubaté recebemos uma carta de um distincto advogado, relatando o barbaro assassinato de um individuo de nome Sebastião José de Carvalho que, em companhia de João Villela Cardozo, dirigia-se ás 9 horas da manhã para a estação da E. F. Central do Brazil.

Acompanha a carta um desenho um tanto incorrecto, mas bastante claro e intelligivel para com elle poder-se reproduzir o facto que o illustre advogado acha horroroso e que no entretanto não mereceu, até hoje, a menor attenção da parte das autoridades que são, no que parece, as mesmas do governo passado.

Nada vemos de extraordinario n'isso, sobre tudo sendo influencias politicas jacobinas que encommendaram esse assassinato, exigindo a orelha da victima como prova da execução, assim como quem aqui encommenda ao Paschoal uma boa empada de camarões exigindo ou não exigindo cousa alguma.

Bem se vê que em Taubaté não se está ao facto da alta politica d'esta situação de *ordem e progresso*!

Pedir a reproducção de um assassinato com o fim de apontal-o ao estigma publico... é ser hoje por demais ingenuo

O que é, actualmente, o assassinato de um individuo? Cousa alguma! E se esse assassinato é encommendado por influencias politicas, elle deixa de ser um crime para tornar-se um acto altamente meritorio e solido degrão para subir ás mais altas posições politicas.

Não duvidariamos em apostar que o tal ou os taes mandatarios, em Taubaté, dessa sanguinolenta tarefa são candidatos a algum emprego ou posição politica importante.

Não direi que elles pretendam já alguma cadeira no nosso honesto Senado. Um assassinato só não é sufficiente; seria isso um acto de injustiça contra o qual reclamariam alguns senadores que não duvidaram, sob pretexto de *consolidar* a Rrrrepublica jacobina, consolidar as suas posições politicas nos estados que elles governaram, mandando assassinar um sem numero de cidadãos honestos, pelo facto de serem adversarios politicos e não irem á missa com elles.

Isto é no Senado; quanto á Camara espera-se a todo o momento o resultado dos discursos sobre os acontecimentos politicos de Pernambuco, onde, depois de terem-se esfalfado alguns deputados a fallar contra a sanguinolenta tyrannia do Dr. Barbosa Lima, veremos este ser levado ao setimo céo pelo Srs. Glycerio & C., que entendem, assim como a maioria dos Senadores, que a consolidação da Rrrrepublica não pode ser, senão por meio de uma tyrannica anarchia politica.

Quando se pensa em tudo isso não se pode deixar de receiar um futuro horrivel, uma bancarrota medonha e outras cousas mais... que obrigam-nos a dizer ao Sr. Dr. Leal: O D. Quixote não póde occupar-se de um facto tão insignificante

Isto dá a medida do estado desgraçado em que estamos. O assassinato de um individuo é hoje um facto sem importancia!

E somos nós que o dizemos!

Pois se é assim mesmo!...

X X X

LAMENTAVEL DESGRAÇA

O Sr. Dr. Prudente de Moraes, dignissimo Presidente da Republica acaba de soffrer um desses golpes que são tanto mais dolorosos para o seu coração quanto mais subitos, inesperados.

Prostrado por tenaz enfermidade, da qual apenas começava a convalescer em Santa Thereza, imagine-se com que impressão acaba o nosso venerando Presidente de receber a terrivel nova da desastrosa morte de seu filho o Sr. José Prudente de Moraes Barros, em S. Paulo, na villa dos Remedios.

Ao dignissimo Presidente da Republica e sua Exm. familia os nossos sinceros pezames por esse golpe que assim veio ferir seu coração de pai.

Foi o facto que no dia 13 do corrente o Sr. José Prudente convidou alguns companheiros para uma caçada de veados, indo entre elles José Manso e um oleiro italiano chamado José, compadre e amigo do Sr. José Prudente.

Como de costume, foi o Sr. José Prudente que se encarregou de guiar e desatrellar os cães de caça que levavam.

Como é de uso nestas caçadas os companheiros separaram-se para esperarem o veado cada um em seu logar diverso para deste modo cercarem o animal, tomando-lhe todas as passagens e atirando sobre elle.

O oleiro José ficou n'uma canoa em um rio que corria proximo; o Sr. Prudente no meio da matta e outros em varios pontos. Soltos os cães, em vez de encontrarem veado desentocaram uma cotia.

O Sr. José Prudente conhecendo que caça diversa da que esperavam tinha sido descoberta, seguio para o lado dos cães. O italiano José, deixando a canoa, veio tambem cautelosamente em busca da caça. Avistando um vulto que se movia no matto e julgando ser uma onça, atirou.

Era o Sr. Prudente, que vestira nesse dia um paletot rajado, causa do fatal engano e recebeu toda a carga nas costas, fallecendo instantaneamente.

O Sr. José Prudente, cuja morte tanto deploramos, contava apenas 30 annos de idade, e deixa incosolaveis sua viuva e tres filhinhos.

Era administrador da importante fazenda dos Srs. Penteado e Irmãos na villa dos Remedios do Tieté.

Gozava de grande estima, sendo querido e respeitado por todos os colonos e visinhos.

Ainda ha pouco tempo foi distinguido com a presidencia da camara municipal da villa dos Remedios.

O oleiro José, causa involuntaria do desastre era seu compadre e intimo amigo. Acha-se desoladissimo e dizem jornaes de S. Paulo que em perigo de perder a razão por essa desgraça.

Somos macacos?

Muito interessante e engraçadissima a chronica do *Magriço* publicada n'*O Paiz* de 19 do corrente.

Aqui transcrevemos alguns topicos que os nossos leitores, com certeza, saberão apreciar devidamente.

O assumpto é algum tanto espinhoso... melindrosissimo até!

Trata-se, nada mais nem menos, da semelhança que ha entre o brazileiro e o macaco!

Que horror!

Quem disse isso? algum argentino?...algum oriental? E' sabido, e de ha muito tempo, que esses nossos caros visinhos mimoseiam-nos graciosamente com esse appellido.

Desta vez, porém, não são estrangeiros que nos chamam de macacos, é o Sr. *Magriço.*

Este engraçado e simianissimo chronista vai mais longe até; acha lisongeira a appellidação e entende que o maior elogio que nos podem fazer é chamar-nos de macacos!

Macaco vá elle!... E então?!

Mas o que chega a ser um cumulo é a seguinte declaração: « Na minha humilde opinião não somos ainda sufficientemente macacos. »

Lembrou-se naturalmente que faltava-nos o rabo!

Não se riam, leitores, isto é sério! Vejam só o que diz em seguida o illustrissimo e macaquissimo chronista:

« De macacos o que mais *temos*, o que mais nos faz aproximar da intelligentissima especie, são as bananas. »

Griphamos a palavra *temos* que é certamente um erro de composição. *Gostamos* é que

devia ser. O macaco gosta de banana mas não tem banana.

Esta fructa é pois o ponto principal que serve de argumento a *Magriço* para estabelecer a quasi perfeita semelhança que elle acha entre o brazileiro e o macaco. (! ! !)

Está me parecendo que esse Sr. *Magriço* muito deve gostar de bananas ! . . .

Continúa o *Magriço* :

« Depois das theorias Darwinianas todo o orgulho da humanidade devia ser o conservar as tradições dos pelludos avós. »

(*Magriço é que é pelludo*) « Guardar respeitosamente um culto fervoroso por tudo quanto representasse um enrodilhamento caudato » (!) « E' talvez por esse fetichismo pela nossa ascendencia quadrumana (!) que caminhamos religiosamente na cauda do progresso. »

Ora, já se vio o progresso feito cauda de macaco ! ?

« O progresso ! é uma cousa fantastica que eu não comprehendo nem me dou ao trabalho de tentar comprehender. »

Agora sim ; *Magriço* fallou a verdade. O progresso é cousa que elle não comprehende.

Entretanto... o' incoherencia !

« Por ora fica estabelecida como axioma a seguinte verdade :

« Quem macaqueia imita; quem imita peiora e melhora, quem peiora e melhora progride, porque o progresso e a civilisação não são mais do que a synthese de todos os vicios e de todas as virtudes — logo o maior povo do mundo é o que tiver maiores qualidades macacaes. »

E dá-lhe ! . . . O que *Magriço* quer é riscar do diccionario a palavra *imitar* e substituil-a pela de *macaquear*.

Mas onde elle chega a ser sublime, a ponto de deixar a gente embasbacada, é no ultimo topico de toda essa macaqueação. Eil-o :

« Assim, em vez de magoar-nos com a appellidação de macacos devemo-nos honrar muito com ella e orgulhosamente enfeitar os nossos escudos, as nossas armas, com a ephigie gloriosa de um chimpanzé e um cacho de bananas ou bananas em penca, que é como se deve dizer, segundo a terminologia da moda, para acenar com ellas aos demais povos que ouzarem criticar-nos. »

Bravo ! *Magriço*. Isso é que se chama um verdadeiro progresso de macaco, e macaco bem criado e civilisado !

Como a mania desses bichos è imitar, quero dizer macaquear, tambem ha de permittir que lhe faça o mesmo acenando-lhe com as ditas, no que espero ser imitado por todos os nossos patricios emmacacados com as suas bellas e simianescas locubrações.

D. Gorilha.

RETALHOS

Um collecionador de quadros religiosos apresenta-se a um pintor e lhe diz :

— Desejo que me pinte uma Magdalena.

— Antes ou depois do peccado ?

— Durante...

No tempo do imperio :

Concedera-se uma grã-cruz a um homem que não sabia ler nem escrever.

— E' natural, disse o official de gabinete do ministro : se não sabe escrever precisa mais que ninguem de uma cruz para assignar-se.

Entre marido e mulher :

— Boas horas para o senhor vir para casa !

— Boas horas para a senhora estar acordada !

— Ha quatro horas que estou acordada para o ver entrar.

— E eu ha quatro horas passeio por aqui esperando que a senhora adormecesse.

— Vem cá, Mimi, dizia D. Amelia á sua galante filhinha : vem cá dar um beijo em D. Julia, minha professora de piano.

— Não vou, não, mamãe, ella é muito má, bate na gente.

— Já te bateu alguma vez, meu amorzinho ?

— Não mamãe, mas hontem quando o papá lhe ia dar um beijo, ella lhe deu com o leque na cara e com toda a força.

Perguntaram um dia a Milton :

— Porque podem os Reis ser coroados aos 14 annos, no entretanto que só podem casar-se aos 17 ?

— Quer isto dizer, respondeu elle, que é mais facil governar um povo do que dominar uma mulher.

Um professor de historia a um de seus discipulos :

— Porque é que antes da ultima guerra dos Estados-Unidos era prohibido aos officiaes pretos o uso da espada ?

— Porque a espada é uma arma branca.

Proverbio normando :

Só ha duas mulheres boas no mundo. Uma é a que se perdeu ; a outra está por se encontrar.

Em um restaurant :

— O Sr. não toma café ?

— Não ; quando o tomo não posso dormir.

— Pois commigo dá-se o contrario : quando durmo não posso tomar café.

Dizia um alegre bohemio :

— Grande cousa é não poder morrer um homem !

— Então ha alguem que não morra ?

— Ha, e esse alguem sou eu.

Tu ? porque ?

— Porque não tenho onde cahir morto.

CHINOISERIES

A TOA

E' a toa que a mesa reclama attenção : as palmas não cessam,

(*De um collega diario*).

Neste historico momento
ve-se o que ninguem pensou.
No seio do parlamento
até cantou-se o *chegou* !

Já se applaude, (que franqueza),
batendo palmas ! E' boa !
E a campainha da mesa
reclama silencio — á toa —

No sul o prelio travado
não tem pacificação ;
puxam de um e de outro lado
e não se move a questão.
E, até que a cousa se oriente,
a morte por lá povoa
os cemiterios, e a gente
vai assim morrendo. . . á toa.

Sobre o roubo da policia,
(quem tal ousava pensar !)
o que tirou, por malicia,
veio um agente entregar.
Foi experiencia que encerra
licção que no mundo echoa.
Das maravilhas na terra
rouba-se a policia... á toa.

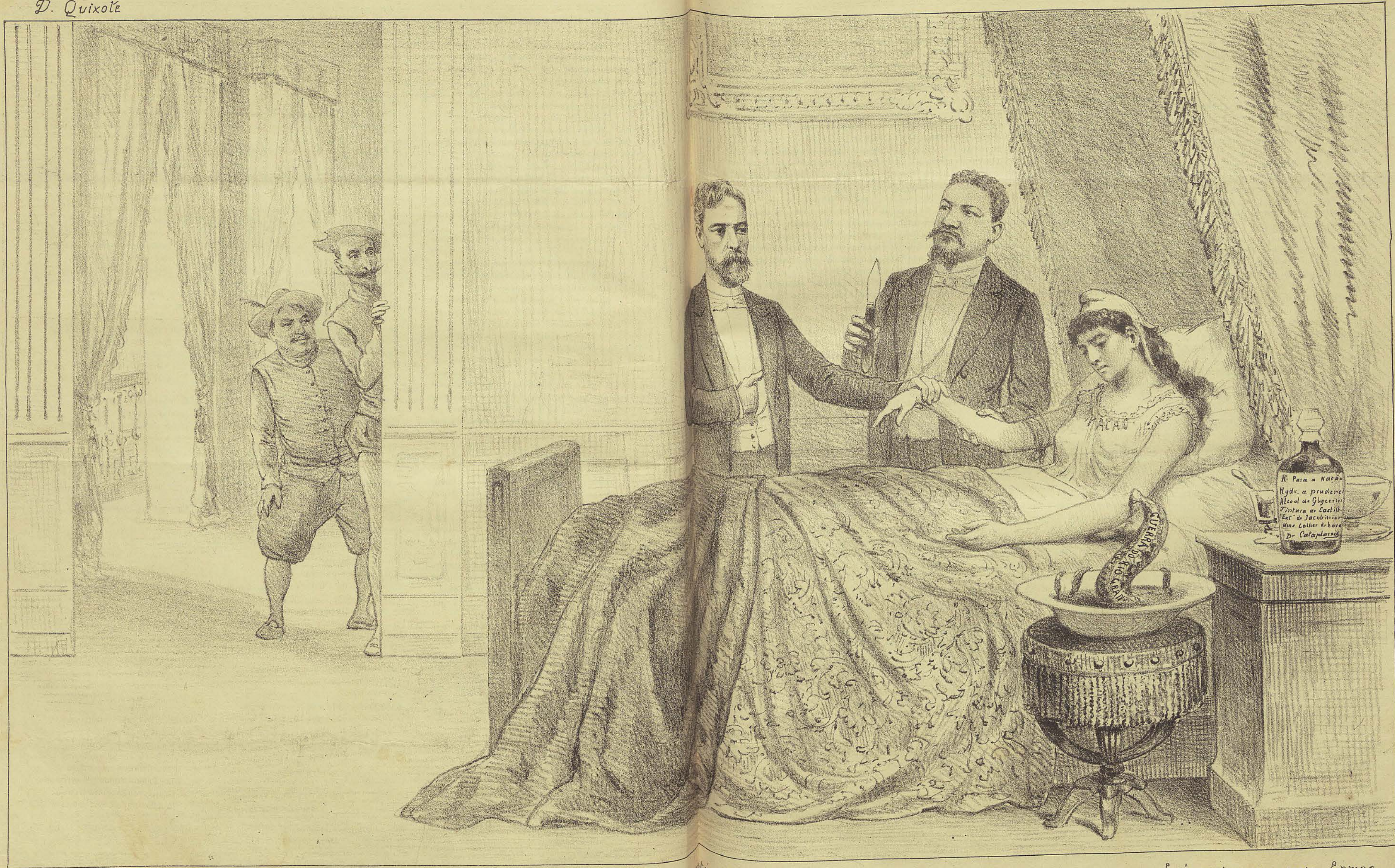
A Central boa figura
vai fazendo e muito bem ;
da cidade a Cascadura
leva tres horas um trem !
Desastres a toda hora !
Isso já merece lôa !
Além da immensa demora,
tem o povo a vida...á toa.

De bonds as companhias
ha muito horario não têm ;
passa um mortal agonias,
e si acaso um carro vem,
é cheio qual ovo — ao brado
não attende ; corre, voa —
fica o cidadão burlado
e ainda chamando... á tôa.

Da capital a limpeza
nada deixa a desejar :
o lixo as ruas pavésa ;
quando ha lama é de atolar.
E apoz fica muito a gosto
a agua que nunca se escoa ;
e o povo, que paga imposto,
tem banho gratis e...á toa !

As casas... uns corredores
estreitos, sem luz, sem ar,
vão a preços...oppressores,
e o povinho ha de pagar.
E não bufe... que, se bufa,
embora chore e se moa,
vão trastes pr'a a rua... á ufa,
e fica vagando... á tôa.

O céu, p'ra cousas grandiosas
a nossa terra dispoz !
Vai tudo num mar de rosas !
Viva a Patria e... chova arroz !
Meus leitores, nossa fama
Em todo o mundo reboa !
E eu...vou procurar a cama :
já fallo de mais e... á toa.

Lu. No.

D. Quixote. — Ora, ja se vio que mania esta de sangrar! Sancho Pança — Ella já está tão anemica que, com certeza não escapa da cura. — E é assim que esses Exmos. medicos pretendem salvar a Republica! — Coitada!

Lettras e Arte

Recebemos a These e Dissertação apresentada á Faculdade de direito do Recife pelo bacharel Raymundo Pontes de Miranda.

Si ha cousa em que estejamos nós, os brazileiros, mais atrazados que em philosophia e em litteratura, apezar da invasão de litteratos mais ou menos espontaneos, é de certo em Direito, e muito particularmente no assumpto—Criminologia.

Apezar de uma faculdade em S. Paulo, outra livre na Capital e ainda outra no Recife, não raramente vemos, mesmo por parte de profissionaes, o profundo desconhecimento das theorias criminologicas que ultimamente têm aberto novos horisontes a esse ramo de saber.

Entre os poucos que revelam aturado e consciente estudo das novas doutrinas—elevado lugar compete ao Dr. Raymundo de Miranda.

O seu trabalho desde logo nos revela um sectario da theoria do auctor do *Uomo delinquente*, e, por conseguinte do systema de Griesinger, Shiff, Filangueri, emfim dos que negam o *livre arbitrio* substituindo-o pelo *determinismo causal*.

Estamos, pois, diante de um espirito adiantado que, não se contentando com a *grandeza do Amazonas*, procura estar ao corrente do que se passa na Europa, e presta a essas doutrinas o seu auxilio de propagandista convicto e emerito commentador.

Hoje não é mais licito a ninguem vir para a arena da discussão repisar as velhas theorias metaphysico—espiritualistas do direito, que têm sido causa da desorientação em que tem jazido a sciencia juridica, theorias combatidas por muitos, á cuja frente brilha o grande criminalista italiano. O livro do Dr. Miranda vem prestar um grande serviço pois, preza á illusão do livre arbitrio, a sociedade pelas suas leis, ainda está longe do ideal a que deve attingir.

A vontade humana rege-se como todo e qualquer phenomeno, por leis constantes, e a sociedade traçando leis que conduzam a vontade individual n'um certo sentido, e de accordo com certas normas, por isso mesmo supprime o *livre arbitrio*; e como quer ella empregar as penas dizendo que o crime é resultado d'esse mesmo *livre arbitrio*? A força restrictiva da pena deve vencer a força impulsiva do delicto, diz Romagnosi—e como se poderá obter tal resultado? Fallando ao espirito, agindo por elle sobre a vontade do individuo. E' isso o que faz a sociedade? Não. Ella pune os effeitos em vez de prevenir as causas. Para que a sociedade pune? Para corrigir? Mas então ella sabe que obrigará esse homem a proceder normalmente em virtude da pena?

Na nossa opinião só existem duas classes de criminosos—os que o são por um conjuncto de circumstancias como a educação, o exemplo, o meio, a hereditariedade, etc., e estes a sociedade pode, como o fez Robert Owen, ir modificando.

A vontade, como o pensamento, é producto da *acção reflexa*, que por sua vez é resultado do systema *encephalo-rachidiano*, do temperamento individual que a educação physica, moral e intellectual pode corrigir se souber estudar os phenomenos psychico-necessarios de que fallam Griesinger (Psychiche Krankhesten) e Shiff—(Nervensystems).

A outra classe é a dos criminosos por deformidade organica, os loucos de qualquer especie.

Estes a sociedade julga agindo *por força de motivos*, porque seria absurdo declaral-os livres, agindo por vontade independente e por isso responsaveis como os *não-loucos*! Salienta-se o paradoxo!

A consequencia de tudo isto é que a humanidade tende a um ideal que muito se assemelha á sociedade de Robert Owen, sem penas ou premios.

E' esta a orientação que as ultimas descobertas tem dado ao criterio scientifico.

Neste sentido o livro do Dr. Miranda é utilissimo. Seu auctor revela-se um trabalhador activo e competente. Avante e que o seu trabalho seja seguido de outros, pois o paiz precisa de quem estude.

Recebemos um estudo sobre Balmaceda e a revolução do Chile, pelo distincto Dr. Joaquim Nabuco; em breve fallaremos sobre elle, pois vamos lêl-o com a attenção de que é merecedor.

L. N.

VARIEDADES

A FORTUNA DOS ROTHSCHILD

Segundo um jornal de finanças européu, a fortuna completa dos Rothschild eleva-se a 10 billiões de francos. Um destes billiões é possuido pelos Rothschild francezes.

Em 1875 a fortuna dos Rothschild não era nem a metade do que é hoje. Em 18 annos o seu capital fez mais do que duplicar.

Por calculos feitos vê-se que esse capital, no anno de 1965, subirá com os juros, á quantia fabulosa de trezentos billiões de francos. Com os juros da fortuna dos Rothschild poderão viver 37 milhões de pessoas, isto é, toda a população da França. No anno de 1800 o avó dos Rothschild nada possuia e a sua fortuna data, como se sabe, da batalha de Waterloo.

Diante de uma fortuna d'estas todos os financeiros do mundo devem curvar-se embasbacados!

CRISPI ENCOURAÇADO

Affirma um jornal de Genova que o Sr. Crispi, conhecido estadista italiano, usa agora, debaixo da camisa, um solido collete de aço, dobrado na região cardiaca.

Esta malha, que custou 600 liras, o protege contra qualquer punhalada ou mesmo contra as balas de rewolver.

Esta medida preventiva foi tomada depois do ultimo attentado de que Crispi foi victima.

E' provavel que haja occasião de experimentar esse collete de nova especie, pois que a opposição contra esse estadista em nada tem arrefecido.

Desejamos sinceramente que qualquer tentativa contra a vida do Sr. Crispi ou contra o collete de que se acha revestido encontre um effeito negativo.

Esses meios violentos não são mais deste seculo e sómente loucos ou fanaticos é que podem empregal-os.

Se o real e enorme bigode do rei Humberto sympathisou com o não menos colossal bigode do Sr. Crispi é que para isso elle tem suas razões.

*

As festas de Kiel, segundo os telegrammas, devem estar esplendidas. O Imperador da Allemanha nada poupou para dar-lhes todo o brilhantismo. A esquadra franceza apezar de lá estar, não consentiu que os seus tripolantes desembarcassem.

Em Hamburgo, no banquete offerecido ao Imperador Guilherme, não compareceram os officiaes da marinha franceza.

A razão que o governo francez deu é que receiava qualquer conflicto em terra. Nós, porém, cremos que a verdadeira razão é que o governo do Sr. Faure, o actual presidente da Republica franceza, entendeu dever jogar com um páo de dois bicos. Satisfazendo ás necessidades da politica internacional indo assistir as festas de Kiel na Allemanha e não desagradar aos patriotas francezes que não admittem vir a França tomar parte activa em taes festejos. A França, fez pois, uma visita cerimoniosa á Allemanha, não passou da sala de visitas; não quiz ir para a sala de jantar.

Dahi a razão de não terem querido tomar parte no banquete.

*

Parece talvez pouco delicado esse procedimento, mas pensando bem, elle não deixa de ser logico e previdente.

Poderiam os officiaes francezes beberem a todos os brindes?

*

Uma das mais espirituosas pilherias que conhecemos no mundo dos bastidores é a seguinte que se passou em um theatro de Lisboa, cremos que no de D. Maria.

O conhecido e estimado actor Rosa, pai dos actuaes primeiros artistas João e Augusto Rosa, teve de representar no drama o Trapeiro de Paris o papel de um rico viajante que no 1º acto é assassinado pelo trapeiro.

Quem fazia o trapeiro era o Theodorico, tão distincto actor como incommensuravel gaiato.

O Rosa, já bastante avançado em idade e soffrendo de um rheumatismo cruel, não podia cahir desamparado e pedio ao Theodorico que na occasião de fingir matal-o sustentasse-o um pouco para suavisar a queda.

Na scena aprazada o Rosa, de sobrecasaca e cartola novas, entrou e o Theodorico lembrou-se de pregar-lhe uma peça.

Sacudio-o de tal modo que fez-lhe a cartola ir ao chão, e depois deixou-o cahir sobre ella com todo o peso.

Desceu o panno e, emquanto Rosa procurava endireitar a cartola amassada, o Theodorico desculpava-se dizendo que para o theatro nunca é bom trazer chapéo novo.

Na noite seguinte repete-se o Trapeiro, e na mesma scena o Theodorico ve o Rosa entrar trazendo á cabeça uma cartola... nova.

Espera que eu te vou ensinar, disse comsigo o pilherico artista, não quizeste tomar o meu conselho de hontem, perdes a cartola.

E, atirando-se para elle de punhal erguido, sacode-o, faz-lhe tombar o chapéo, e simulando feril-o, atira-o sobre elle, ainda comprimindo-o fortemente.

Qual não foi, porém, o seu espanto quando ouvio Rosa segredar-lhe, mesmo deitado como estava:

Para o theatro nunca se traz chapéo novo. Aperta, meu gaiato, aperta, que é o teu.

Agora a explicação:

Theodorico, para tomar as roupas andrajosas do Trapeiro que representava, tinha deixado no camarim as suas.

Rosa foi ao seu camarim e tomando a luzente e nova cartola do Theodorico, entrara com ella em scena.

O Theodorico desesperou-se com a troça, pois teve de ir para a casa de lenço á cabeça. Apertara tanto o Rosa sobre a cartola que a deixara reduzida á expressão mais achatada!

Y.

OS QUE PASSAM

RUIZ ZORILLA

Falleceu no dia 13 do corrente, em Burgos, este notavel chefe e agitador republicano hespanhol que, durante mais de 20 annos, desempenhou papel notavel na politica do seu paiz.

Combatendo pela candidatura do duque Amadeu ao throno de Hespanha, logo no primeiro gabinete que este rei organisou, foi ministro do interior e mais tarde presidente do conselho até á abdicação. Subindo ao throno Affonso XII, Zorilla exilou-se em Paris de onde escreveu manifestos republicanos que acharam grandes sympathias na Hespanha.

Apezar de ter sido revogado o decreto de expulsão que fôra lavrado contra elle no reinado de Affonso, Zorilla continuou a viver em Paris até que, sentindo-se enfermo, voltou á Hespanha pois, como dizia, queria morrer em terra da Patria.

X.

THEATROS

S. PEDRO

Com a opereta fantastica de Souza Bastos e Accacio Antunes *A Fada do Amor* estreou na quarta-feira neste theatro a companhia do theatro da Trindade, em Lisboa, da qual é director Souza Bastos e regente o maestro Freitas Gazul, do Conservatorio de Lisboa, sendo deste maestro a musica da operetta.

A companhia é composta de excellentes artistas, bons scenarios, guarda roupa aprimorado e boa orchestra.

Possue todos os elementos para agradar, e agradou muito ao publico numeroso que encheu completamente o vasto theatro.

A operetta, quer no libretto, cheio de boas situações, espirituosa e felizmente conduzido, embora affastando-se pouco do molde commum das magicas, quer quanto á musica, viva e bem trabalhada, obteve um successo real. Os artistas são correctissimos, destacando-se no desempenho Joaquim Silva, Telmo e Portugal. Das artistas agradaram-nos muito Josephina Calvo e Maria Falcão. Scenarios magnificos salientando-so o do 6º quadro (noite em Veneza) e o final.

Emfim, cremos pela estréa que a companhia nada deixará a desejar no futuro.

O theatro estava completamente cheio e os applausos bem mostraram a excellente disposição do publico.

No Apollo estreou a companhia Taveira com *O Testamento da Velha*, a bella operetta de Gervasio Lobato e musica de Cyriaco de Cardoso. Sobre ella fallaremos no proximo numero.

No Variedades continua o *Aquidaban* a metralhar o publico com suas pilherias.

No Eden Lavradio, prosegue o *Tim tim por tim tim*, que se vai assim tem centenario.

No Sant'Anna — *A Bicharia*.

GREMIO DA TIJUCA

Esta sociedade, uma das melhores do Rio de Janeiro, realisou no sabbado a 6ª partida mensal, que realmente esteve esplendida, quer pela alegria e expansão que se notava na selecta sociedade que enchia os vastos salões, quer pela amabilidade da distincta directoria.

Apezar de se acharem os salões cheios de convidados, o que difficultava um tanto as dansas, estas prolongaram-se animadamente até ás 5 horas da madrugada. Um bravo á futurosa associação por mais esta victoria.

Agradecemos o amavel convite que nos foi enviado.

NOVELLI

No theatro Lyrico já terminou a primeira assignatura de doze recitas e vemos com prazer que abrio-se uma nova, porém muito pequenina, de tres espectaculos apenas.

São mais tres noites de grande successo em que o eximio artista colherá innumeros applausos.

O publico fluminense que gosta da verdadeira arte dramatica não faltará a essas tres ultimas recitas.

Muito desejariamos que fossem tres enchentes alim de provar que no Rio de Janeiro não é pequeno o numero dos verdadeiros apreciadores da grande arte de Shakespeare, Moliere e outros grandes genios.

No Recreio Dramatico o intelligente actor Alberto Pires deu um espectaculo em seu beneficio e em homenagem á imprensa fluminense.

Varios artistas tomaram parte realçando com o seu talento esse espectaculo, um dos mais bellos e variados a que temos assistido.

Os nossos parabens ao Sr. Alberto Pires e o nosso agradecimento pelo convite.

Y.

A NOSSA ESTANTE

Fomos obsequiados com:

O Vice-Presidente da Republica, perante a historia, por Jesé Bara.

Regulamento do «Stud Book Geral Brazileiro.»

Relatorio da Sociedade Portugueza de Beneficencia no Rio de Janeiro, apresentado á assembléo geral em 26 de Maio de 1895, pelo seu presidente o Exm. Sr. Conde de Santa Marinha.

A Estação de 15 de Junho de 1895—Anno XXIV, N. 11. — Um numero excellente como era de esperar desta util e apreciada publicação.

Revista Pharmaceutica de S. Paulo, orgão da Sociedade Pharmaceutica Paulista, n. 2.

Escorço biographico do Dr. Alfredo Ellis. Apontamentos para a historia do illustre cidadão, por Libero Braga—Volume 1º — S. Paulo.

Revista Academica da Faculdade de Medicina — Anno 3º, n. 1.—Publicação bem redigida pelos Drs. A. Austregesillo, Mario Dias e Alvaro Fernandes.

Constituição do Brazil. Noticia historica, texto e commentarios por Aristides Milton, sobre a qual fallaremos em breve.

Viação urbana — Artigos publicados na imprensa da Capital e colligidos em folheto pela Companhia de Carris Urbanos.

Trabalhos juridicos do Dr. Antonio Pinto de Miranda Montenegro. Um importante volume de 400 paginas que precisamos ler com attenção e tempo para dizermos alguma cousa.

A Lanterna — N. 1 — Jornal litterario cujo apparecimento já haviamos noticiado e que veio comprovar a nossa espectativa. Muito bem, Sr. Julio Pompeu; que a sua lanterna fique accesa por muito tempo, a illuminar a estrada das lettras, é o que desejamos.

--O sympathico actor Alberto Pires escreveu-nos uma attenciosa carta offerecendo-nos uma cadeira para o seu beneficio.

--O distincto actor Joaquim Silva enviou-nos o seu cartão em signal de cumprimento.--Agradecidos.

--O correcto actor Portugal do Theatro da Trindade visitou-nos pessoalmente, e ainda deixou-nos o seu cartão. Penhorados agradecemos a amavel visita.

--Os Srs. Coelho & C., proprietarios do estabelecimento O PHAROL á rua do Ouvidor 149 B, enviaram-nos um convite para visitarmos a sua casa de conservas, fructas, biscoutos, etc.

Lá iremos em breve e... com boa disposição.

A Cigarra — O n. 7 do elegante hebdomadario de Olavo Bilac e Julião Machado.—Illustrações magnificas como sempre, pois o Julião tem o segredo da originalidade. O texto, nada é preciso dizer sobre elle: é do Olavo e basta. A ultima pagina traz uma mimosa ballada, composição do Julio Reis, que todos conhecem e que só tem para rivalisar com o seu espirito fino o seu enorme talento musical. O Julião illustrou a pagina de um modo adoravel, digno do maestro da *Serenata arabe*. Belmiro tambem collaborou neste numero com chistosas caricaturas.

Já que fallamos de musica, aproveitamas o ensejo para accusarmos o recebimento da Canção Portugueza e da Marcha do Batalhão das Mulheres da revista de Assis Pacheco—*O Aquidaban*, editadas pela casa Fertin de Vasconcellos e Morand.

Tambem recebemos a polka—*Criminosa*—por B. Neves, edição da casa Vieira Machado & C.

Dos Srs. Henrique Stepple e Ed. de Proença directores da Sociedade Sport Fluminense recebemos um cartão para as corridas diarias que começarão no dia 22 de Junho.

Corridas diarias! Os que gostam podem agora tomar um fartão!

Do director da Escola Nacional de Bellas Artes o Sr. professor Rodolpho Bernardelli recebemos um folheto intulado: «Regimento das Exposições Geraes de Bellas Artes» e um convite igual aos que foram dirigidos a todos os artistas nacionaes e estrangeiros que desejarem tomar parte com seus trabalhos artisticos na proxima exposição que terá logar em Setembro do corrente anno.

Breve nos occuparemos deste importante assumpto, considerando que a arte é ainda entre nós uma das poucas cousas que denotam não estarmos ainda de todo em estado de selvageria.

A todos agradecemos.

D. MEZARIO.

Typ. L'Etoile du Sud, *r. S. José 102*

Brasil

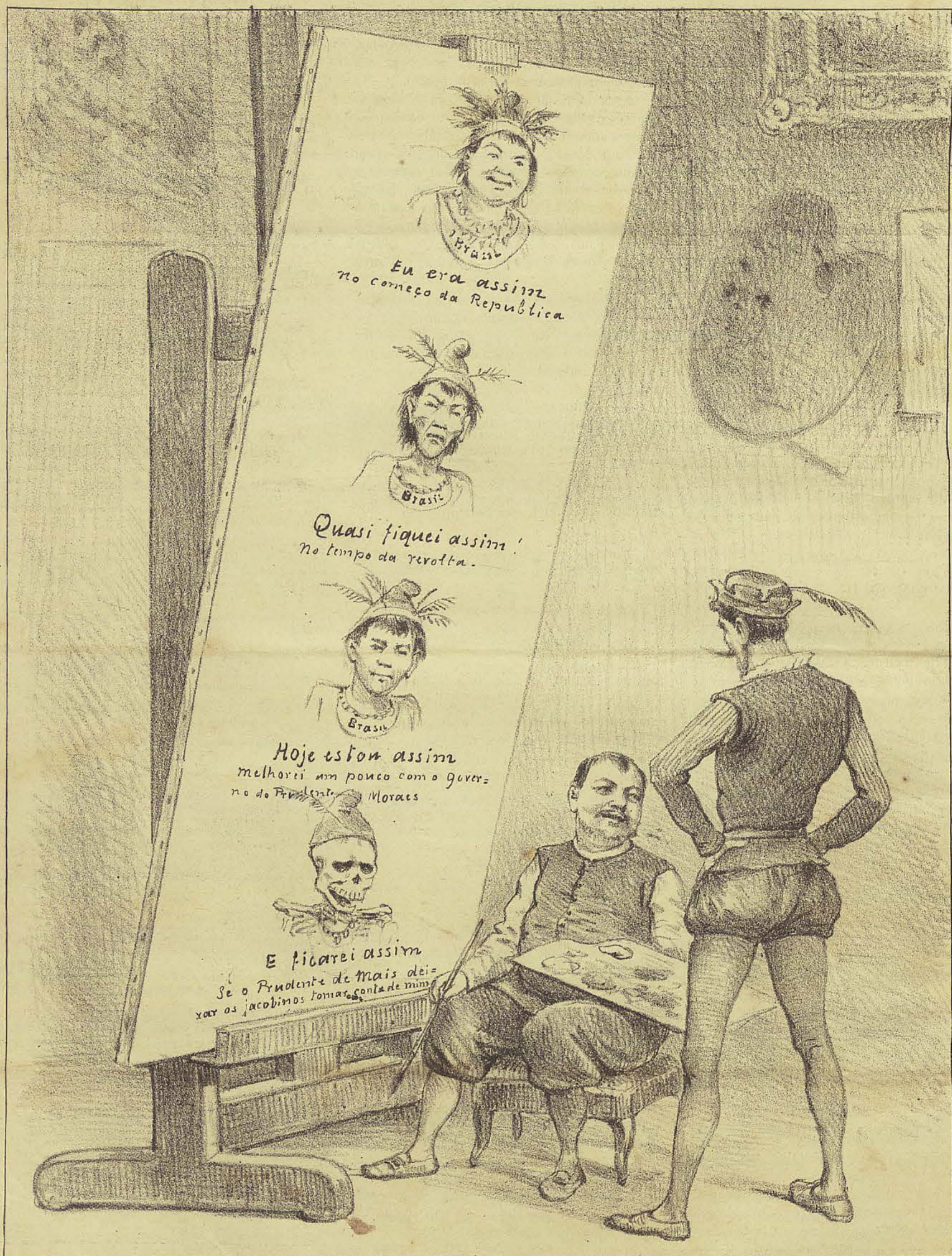
Eu era assim
no começo da Republica

Brasil

Quasi fiquei assim!
no tempo da revolta.

Brasil

Hoje estou assim
melhorei um pouco com o gover=
no do Prudente Moraes

E ficarei assim
Se o Prudente de mais dei=
xar os jacobinos tomar conta de mim.

D. Q. — Que diabo é isso Sancho?
S. P — Isto é alta politica e tratada cá a meu modo.

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 23

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO DE Angelo Agostini

Rua do Ouvidor 109

— Queimará ou não queimará? — Se elle continua a andar assim torto, elle queimará com certeza.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno.......	24$000
Semestre....	12$000	Semestre...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitarmos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura termina no fim do corrente mez, recommendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A Administração.

DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 29 de Junho de 1895.

SALDANHA DA GAMA

A morte do illustre almirante Saldanha da Gama, que determinou uma perda irreparavel para o paiz, será, de certo, sentida no mundo inteiro, na Europa, na America, na Asia, onde elle esteve, grangeando a maior sympathia pelas suas bellas qualidades não só de grande marinheiro como de verdadeiro gentleman.

Não ha um só official de qualquer das nações que estiveram na nossa bahia, que ao saber de tão fatal acontecimento não sinta verdadeiro pezar pela morte desse distincto brazileiro que elles tanto admiravam.

Sobre esse successo faremos nossas as palavras do *Jornal do Commercio*:

« Como se já não bastassem os sacrificios de toda a ordem que nos tem custado a perda sem conta de vidas, de esforços, que nos vão lentamente depauperando, e mais que tudo as perniciosas consequencias da discordia e do odio que hão de sobreviver, quando algum dia ella haja de se extinguir, a nefanda guerra civil do Rio Grande do Sul acaba de nos arrebatar, de um modo tragico e doloroso, em pleno vigor da vida, um brazileiro illustre, em quem confluião os mais raros predicados, um militar cheio de virtudes as manis nobres e raras, justo orgulho de toda a sua classe, e que envolvido, máo grado seu, pela tremenda discordia que se desencadeiou ha cêrca de dous annos sobre a nossa patria, soube conservar intactos, até ao ultimo momento com uma nobreza e sobranceira nunca assás louvadas, a pureza e a honra de seu nome e de sua classe.

A todos os verdadeiros brazileiros, àquelles a quem não turvam as paixões de momento, obliterando-lhes a exacta visão das cousas, a noticia da morte do almirante Saldanha da Gama fere como qualquer cousa de anormal, de parodoxal, e consterna sobremaneira, como uma perda irreparavel. Sentia-se nelle tamanha intensidade de vida, era elle tão prompto e animado, dava uma tamanha impressão de movimento, a tal ponto parecia carregado de energia vital, que só penosamente se póde associar a sua idéa á da morte, e a da morte que bruscamente deu tragico desfecho a uma vida fadada aos mais nobres commettimentos.

Não queremos neste momento apreciar o homem politico, que elle teve de se fazer á ultima hora coagido pelas circumstancias e contrariando as tendencias de seu espirito e de sua educação. Só uma commoção profunda, como a que abalou a nação e mais particularmente a armada, poderia, pela fatalidade das cousas, arrastar o almirante Saldanha a assumir a posição que tomou em face da revolta. O homem politico improvisado podia ter errado, levando assim o militar que até então se conservára sem jaça e irreprehensivel.

O que é preciso, porém, ficar bem patente e bem claramente assignalado, foi a nobreza incomparavel do seu animo, em face dos acontecimentos e a pureza dos moveis a que obedeceu.

Com uma carreira gloriosa, figura dominante de toda sua classe, para quem se volviam elevados todos os olhares, com o valor pessoal que o distinguia, com a superioridade que logo se impunha, e a que lhe davão jus a sua elevada intelligencia, a sua educação aprimorada, o seu cultivo intellectual, a seducção incomparavel de sua pessoa, solicitada até á perseguição com proventos e honrarias, vendo abertos de par em par todos os accessos a que podem conduzir as ambições humanas, no meio do desencadeiamento das cubiças de mando das classes, conservou-se impolluto e, no seu erro destacou-se como uma excepção gloriosa, deixando como um exemplo de alta nobreza a grandeza de seus moveis e de seus sentimentos.

Não o cegou a ambição pessoal, bateu-se como cavalheiro que era, pelas idéas sãs ou erradas que o animavam e morreu gloriosamente com as armas na mão, tendo renunciado a todos os confortos e commodidades.

Tripudiem embora sobre o seu corpo, onde pulsou uma vida tão generosa, tão cheia de dedicações e de valor, aquelles que sobrepõem as suas paixões á Patria e a justiça, e que só vêm irmãos nas linhas de seus partidarios. Para nós, a quem não perturbam a nossa serenidade de justiça, sentimentos de odio, nem os fanatismos do momento, é com dôr profunda e sincéra que registramos o desapparecimento de um brazileiro, cuja vida por tantos e tão assignalidos actos bem merecêra da Patria.

Esta vida, estes serviços são a sua fé de officio. »

Sinceras e verdadeiras palavras que revelam a consideração que merece a memoria deste distincto official!

E todo esse Champagne que agora bebem é em quantidade muito menor que as lagrimas que nest'hora derramam os pais, as viuvas, parentes e amigos dos que tão valorosamente cahiram neste combate que acaba de ferir-se no Sul e que veio privar a Patria de um filho que tanto a honrava!

X.

A BONECA

Luizinha é uma menina forte, robusta, sadia, criada ao ar livre, a esse ar purificador das flores brazileiras.

Ainda não chegou positivamente a esse periodo da vida que tao bem qualifica o nosso Machado de Assis:

Está naquella idade inquieta e duvidosa
Em que não é dia claro e já o amanhecer.
Entre aberto botão, entre fechada-rosa.
Um pouco de menina e um pouco de mulher.

Aidda não está nessa idade mas... para lá se encaminha pois conta... imaginemos que 10 annos.

Apezar da vivacidade do seu espirito e da sua graça infantil, Luizinha tinha um defeito:

Desde a mais tenra idade, desde o berço, podemos dizel-o, ella era a unica moderadora de sua vontade, unico arbitro de suas acções.

Os pais, que adoravam aquella filha, pois era a primeira, e até então só, primicia de um amor feliz, deixaram, enlevados em seus mimos a que a pequena fizesse tudo o que queria.

O resultado d'essa condescendencia não se fez esperar.

A menina não attendia a cousa alguma, fazia tudo que lhe dava na cabeça, pintava (não protesto, Brocos) não quadros, mas o sete, o que pode fazer qualquer pintor de lettras ou mesmo qualquer um que não seja... de lettras!

Quanto mais uma menina mal-criada!

Um dia o padrinho de Luizinha, veneravel general qne com valor tinha feito a sua gloriosa carreira, foi visital-a e levou-lhe de presente uma boneca.

Mas que boneca! Uma verdadeira maravilha de mecanica!

A boneca fallava, movia-se, gesticulava, era um prodigio, emfim.

Uma outra circustancia ainda era de notar-se.

Em vez de a vestirem á moderna, como em geral ás bonecas, com elegante toilette de dama de Pariz, haviam-lhe posto uma especie de tunica grega, e sobre os cabellos um estranho barrete encarnado e arredondado no alto, pendendo para a frente.

A menina recebeu delirante de alegria o rico e extraordinario presente.

Abraçava, beijava, acariciava a boneca, presa de uma doida exaltação.

Seu padrinho sentia-se satisfeito por vel-a tão contente.

Entretanto, algumas pessoas que se achavam presentes não deixaram de observar:

Senhor general, esta menina é ainda muito criança e estouvada para apreciar um objecto que é verdadeira perfeição no genero, uma completa maravilha de machinismo. Nós, no caso de V. Ex., lhe dariamos presente mais simples e não cousa de tanta... responsabilidade.

Deixem, respondia o bom padrinho, mais tarde ella o saberá avaliar.

Tempos depois, a boneca achava-se em lastimavel estado.

O machinismo completamente inutilisado já não andava nem para diante nem para traz; a voz estava quasi sumida, era emfim o triste resto de uma maravilha!

Caprichos de criança!

Agora, caro leitor, reflecte um pouco sobre o ligeiro conto que acabas de ler, e diz-me:

Não achas que Luizinha, esta menina, poderia chamar-se a *nossa Politica*, e essa boneca a *Republica*?

Ha quem diga que ainda é possivel concertal-a, que ainda se pode dar-lhe um geito, outros perguntam se, mesmo que consigam concertal-a, ella voltará ao seu primeiro estado. Si fossemos a dar todas as razões de uns e de outros encheriamos com ellas a folha.

Preferimos, leitor, deixar ao teu bom senso e criterio as consequencias.

Isto é um conto e nada mais.

Si, porém, entendes que devés applical-o, applica-o.

Cá por mim acho a semelhança completa.

Y.

THOMAZ RIBEIRO

Realisou-se no sabbado passado o banquete offerecido no Cassino Fluminense pelo *Jornal do Commercio* a este illustre escriptor e diplomata portuguez.

O salão achava-se vistosa e artisticamente decorado e no fundo, entre bandeiras brazileiras e portuguezas enlaçadas, lia-se o verso do immortal cantor da Divina Comedia: Onorate l'altissimo poeta.

Uma longa mesa preparada com esmero estendia-se pelo amplo salão, podendo conter mais de 150 convidados.

No centro de umas das galerias do salão achava-se uma excellente orchestra, que se encarregou do concerto durante o banquete.

A's 7 horas da noite chegou o Sr. conselheiro Thomaz Ribeiro—Occupados os logares ficou S. Ex. entre os ministros do Exterior e da Industria.

S. Ex. foi recebido ao som dos hymnos brazileiro e portuguez. Muitas pessoas da nossa melhor sociedade e representantes da imprensa achavam-se presentes bem como distinctas senhoras.

Ao dessert, servido o champagne, começaram os brindes — O Dr. Carlos de Carvalho, ministro do exterior saudou S. M. Fidelissima e seu governo.

Logo tomou a palavra o Sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, em eloquente discurso, saudou o Dr. Prudente de Moraes, Presidente da Republica. Seguiram-se outros brindes entre os quaes notamos: o do Dr. A. Leitão a Thomaz Ribeiro, o deste illustre poeta á imprensa em geral e ao *Jornal do Commercio* em particular, o de Joaqoim Nabuco ás lettras portuguezas representadas por Thomaz Ribeiro, o de J. do Patrocinio á imprensa portugueza, o de Affonso Celso á colonia portugueza e finalmente o de Thomaz Ribeiro ás senhoras brazileiras e ao futuro do Brazil.

O *Jornal do Commercio* distribuio varios trabalhos poeticos de Thomaz Ribeiro em um folheto do qual já demos noticia.

O *menu* do banquete foi o seguinte:

PRIMIER SERVICE.— *Potages*.— Consommé aux mousses de volaille, Créme d'orge Windsor.

HORS D'ŒUVRES.— Petites timbales Warandoff, Croquettes de foies gras.

RELEVÉS.— Badèje garni de crevettes à la hollandaise, Filot de bœuf à l'imoériale, sauce aux truffes.

ENTRÉES.— Suprèmes de cailles aux pois nouveaux, Cotelettes Maintenou à la Lucullus. Punch à l'ananas.

SECOND SERVICE.— Sabiás bohèmienne à la Thomaz Ribeiro, Bagration de homards.

ROTIS.— Dinde á la brésilienne, Jambon d'York.

ENTREMETS.— Asperges en branches, sance Maltaise, Chartreuse friande aux mille fruits, Poule et poussines, Glacés, pannachés, Melon glacé en surprise, Gateaux marronniers.

Corbeilles de glacés moulées.

O serviço foi feito pela acreditada casa Cailtau que sahio-se desta incumbencia de modo a merecer sinceros elogios pelo gosto, luxo e perfeição de serviços que apresentou.

Do folheto que foi distribuido vamos transcrever algumas estrophes que provam a evidencia a admiração que tem ha muito pelo nosso paiz o grande poeta.

Mirem-se neste espelho os que quizeram achar em versos do grande escriptor motivos de resentimentos injustos e injustas prevenções.

Algumas estrophes da poesia — *Adeus*.

Ha muito que anhelava o enthusiasmo ardente
que de cá me sorria e me bradava além:
— « Oh! vem, sacerdotiza! o templo está patente;
o altar, accezo; e a orchestra, á tua espera! — vem! » —

Vim demandar o templo... achei um capitolio!
palmas, o pavimento; o sobrecéo, laureis;
a arte, que me sorri, diz-me que ascenda ao solio;
vestem-me a stringe e o manto os crentes mais fieis!

Subo ao altar submissa...eis o estrondear da festa
a dar-me fogo ao seio, a erguer-m'o de paixão!
Onde era a pobre actriz que vinha tão modesta?!...
O' enthusiasmo! ó gloria! ó alma! ó coração!

Não mais!... Corre, meu pranto! Após o sol da gloria
as trevas saudade, a inconsolavel dor!...
De tudo resta só... fiel, grata memoria,
que sempre hei de guardar entre a saudade e o amor!

Que luto è o luto d'alma! alma que se desterra
partido o seio em dois, e em dois affecto igual!
eu volto ao meu paiz... mas deixo a minha terra!
Consente-m'o, Brazi l consente-o, Portugual!

Adeus,! já vou partir! eis o tremendo instante
de vos deixar emfim, a vós que sois tão meus!
á patria irmã da minha, irmã formosa amante!
e ás palmas! e ao triumpho! Adeus, Brazil! Adeus!

E mais estas, de outra poesia:

Vigore-se o trabalho ao sol da liberdade!
pereça a escravatura, opprobrio das nações
morra-se de fadiga... é lei da humanidade!
mas nunca aceite um livre açoites, nem grilhões:

Brasil terras d'irmãos! aqui no *mundo velho*
fugiu de nossas leis a condição servil!
Tu que és do *novo mundo* o sol, o guia, o espelho...
és muito grande já... pois sê maior, Brazil!...

D'aqui enviamos ao poeta as nossas saudações.

Y.

Lettras e Arte

Recebemos em um elegante volume um estudo sobre Balmaceda e a revolução do Chile pelo distincto Dr. Joaquim Nabuco.

Como elle mesmo diz no prefacio, é um estudo sobre o Chile sem a menor referencia ou confronto com a crise Brasileira de 1893 a 1894—« Se pretendesse estudar esta crise, diz elle, meus commentarios recahiriam sobre pontos diversos dos que chamaram minha attenção no Chile. »

O auctor descreve minuciosamente toda a revolução desde as suas causas até o desenlace final. Referindo se á morte do presidente da Republica do Chile, diz: « No ponto duvidoso da consciencia teria elle posto em grande remendo de gloria como Napoleão. Na boa fortuna a subserviencia de um grande partido adventicio teria continuado a enganal-o; homens de talento fariam delle o destruidor popular da oligarchia, o creador do novo Chile. Até o procedimento das nações estrangeiras deixando de interessar-se pela sua sorte mostrava que, para o mundo, elle tinha atravessado imprudentemente a linha que separa o chefe do Estado do aventureiro politico.»

E mais adiante:

« O seu suicidio é indirectamente uma homenagem á solidez do antigo Chile que o havia vencido.»

Posto de parte esse excessivo rigor de apreciação do livro é bomo estudo e digno de ser lido por todos os que se interessam como devem pela historia Sul-Americana.

O 1º numero do Croc-en-jambe, pot-pourri Satyrique Amusant et Littéraire appareceunos magnifico.

Traz bellissimos artigos litterarios em portuguez e francez entre os quaes notamos— *Chattes amoureuses* de George Auriol, *Uma desconhecida* excellente poesia de Antonio Salles, *Aragonezes* de Felix Bocayuva, *Allah Akbar* bello soneto de Orban, *Humorismo*, de Alvaro Teffé e um bello estudo litterario sobre Gonçalves Dias, de Orban com traducções francezas das suas poesias—Canção do exilio e Desejo. Além destas ainda são transcriptas outras duas traducções do Dr. Sant'Anna Nery, uma da Marabá (em verso) e outra em prosa da poesia *Meu anjo escuta*. Da poesia Marabá traduzida não resistimos ao desejo de transcrever ao menos uma estrophe; a ultima:

Les paroles d'amour qui chantaient dans mon âme
Qui donc les entendra?
Je ne ceindrai jamais du rameau d'acacia
Un homme dont je sois la femme!
Jamais un beau guerrier de mon *arasoya*
Ne me depouillera,
Car je vis seule, hélas, pleurant mon sort infame,
Car je suis Marabá!

Admiravel! Todo o perfume selvagem das florestas brasileiras, vive nestas estrophes em francez!

A Castilhos
Felicito-o pela
victoria

A morte de um herói
o almirante L. F. Saldanha da Gama

Deante de tão horrivel quadro a Nação desespera!

O governo felicita Castilhos!! e os jacobinos bebem champagne!!!

Um bravo ao Croc-en-Jambe.

A Folha de Santos n. 1, appareceu-nos promettedora de grande futuro.

Entre os seus bem lançados artigos destacaremos o que se intitula *Em favor da paz.* O auctor, Pedro Bayard, refere-se á guerra do Rio Grande, que considera, com rasão, um dos maiores males que nos affligem e promette occupar-se em artigos subsequentes dessa importante questão.

Na parte litteraria destaca-se um bello poemeto do conhecido e apreciado poeta Damasceno Vieira, *Tragedia Conjugal.*

O Club Wagner, importante sociedade que acaba de fundar-se no poetico arrabalde de Todos os Santos, e que conta em seu seio pessoas das mais distinctas daquelle logar, inaugura hoje os seus salões com um magnifico concerto.

Sabemos que esta sociedade pretende formar uma parte litteraria e outra dramatica, mas essa com caracter tambem litterario, affastando-se da vulgaridade e aperfeiçoando por meio da scena o gosto litterario dos seus assistentes.

Agradecendo o amavel convite com que obsequiou-nos, promettemos dar em breve, noticia do concerto que deve ser magnifico.

Um bravo á futuosa associação.

L. N.

CHINOISERIES

A FRITADA

Em Pernambuco a fritada
a que altura se elevou!
Foi por todos celebrada
em Pernambuco a fritada.
Arma de Guerra acabada
a tal cuja se tornou.
Em Pernambuco a fritada
a que altura se elevou;

Quasi põe tudo em pantanas
o tal pratinho infeliz!
honras, glorias soberanas
quasi põe tudo em pantanas.
Cozinhas pernambucanas,
tremei, porque, por um triz
quasi põe tudo em pantanas
o tal pratinho infeliz.

Belladona em frigideira
é cousa que nunca vi!
Não concebo, inda que o queira
belladona em frigideira.
E que tal a pepineira?
Em vez d'ostras ou siri,
belladona em frigideiras,
é cousa que nunca ui.

Este é de certo o momento
de ver-se... o que ninguem vio;
do nosso deslumbramento
este é, de certo, o momento.
Mil sucessos de espavento
o destino reunio.
Este é de certo o momento.
de ver-se... e que ninguem vio!

Nas guerras tinham os povos
balas, canhões entre si;
estes meios, e não novos,
nas guerras tinham os povos.
Mas hoje a guerra... com óvos
eu vejo fazer-se aqui!
Nas guerras tinham os povos
balas, canhões entre si!

Ovos batidos... que idéa —
de politica infernal!
Bem merece uma epopéa!
Ovos batidos... que idéa!
Que terrivel panacéa!
Que fritura sem igual!
Ovos batidos... que idéa
de politica infernal!

Saiba a gaitas... muito embora,
a *tal* não comemos nós!
Para longe e sem demora
saiba a gaitas... muito embora.
Que pratinho, (passa fóra!)
e que indigestão feroz!
Saiba a gaitas... muito embora,
a *tal* não comemos nós.

LU-NO.

RETALHOS

Bonifacio quando enviuvou, mandou pôr na sepultura de sua consorte a palavra *Saudade.*

— Porque não põe antes: *Saudade eterna?* perguntou o canteiro.

— Não póde ser: a concessão do terreno é só por cinco annos.

Um caixeiro sportman quer alugar um cavallo para um passeio pela cidade.

O gerente da cocheira Moreau hesita...

— O' meu amigo, você tem medo que eu volte sem o cavallo?

— Não é bem isso... Tenho medo que o cavallo volte sem o senhor.

O credor ao devedor:

— O' senhor! Eu não posso vir todos os dias á sua casa para receber esta conta que o senhor não paga! Iste faz-me immenso transtorno.

— Então qual é o dia que mais lhe convém para vir buscar o dinheiro?

— No sabbado.

— Pois venha cá todos os sabbados.

O Sr. X. voltando de uma *soirée* onde estivera, conta a sua mulher que ouvira afirmarse não haver, na pequena cidade onde moravam, senão um só homem que não era enganado pela sua mulher.

A esposa, depois de reflectir algum tempo:

— Palavra! por mais que procure não atino quem possa ser.

Depois de ter ouvido a um bravo coronel a relação dos combates em que entrou, perguntalhe uma moça:

— E em que occasião o Sr. coronel teve necessidade de armar-se de mais coragem?

— Confesso a V. Ex. que foi quando tive de casar-me.

Calino tinha uma dentadura postiça. Tirou-a e collocou-a sobre uma cadeira. Distrahido, sentou-se e... sentiu uma dôr que o obrigou a soltar um grito.

— O que foi perguntou a esposa.

— Fui eu que me mordi.

— Com que então você crê na transmigração das almas?

— Sim senhor, creio a pés juntos e a prova é que já fui Camello.

— Camello você! Quando?

— Quando lhe emprestei aquelles duzentos mil réis que não tornei a ver.

«Quem diz o que quer, ouve o que não quer.» D'isto estão livres os surdos.

TESOURA.

O SR. ONOFROFF

Acha-se entre nós este distincto cavalheiro que tem enthusiasmado e maravilhado a Europa com os seus prodigiosos trabalhos.

Nós já o conheciamos ha muito de nome e pelos jornaes de varias capitaes da Europa haviamos sido informados do exito extraordinario das suas assombrosas experiencias.

De origem Russa, porém educado na Italia, o Sr. Onofroff, que é ainda muito joven, possue uma admiravel facilidade de concentração que lhe faz por meio da suggestão descobrir o pensamento de qualquer pessoa.

Honrados com um convite para assistirmos á sessão particular, offerecida apenas á imprensa, que este distincto cavalheiro realisou na quarta-feira passada ás 3 horas da tarde no salão do theatro S. Pedro de Alcantara, á hora aprazada lá estavamos anciosos por ver os seus trabalhos.

Vimos, e, francamente, o successo confirmou o que haviamos lido.

Já tivemos occasião de admirar trabalhos deste genero executados pelo Sr. Pedro Vals, mas o Sr. Onofroff é ainda mais sorprehendente porque o Sr. Vals conduzia sempre pela mão a pessoa pensante estabelecendo assim uma corrente, o que não faz o Sr. Onofroff.

Este, ao contrario, percorrendo em carreiras nervosas o salão, com os olhos vendados, dirige-se ás pessoas e executa o que foi pensado e determinado o que fizesse.

Tirar o leque a uma senhora e ir entregal-o a outra, muito distante, descobrir o relogio de um assistente, collocado no bolso de um outro, e finalmente despir o sobretudo de um collega nosso para depois vestil-o em outro, tudo isso o Sr. Onofroff executou com admiravel precisão.

Ainda não estamos habilitados, pelo que vimos em uma hora apenas de sessão, para dizer si o Sr. Onofroff suggestiona ou é suggestionado.

Cremos, porém, que o seu processo é mais ou menos o mesmo do Sr. Vals, inda que mais aperfeiçoado pelo estudo.

O Sr. Onofroff parece-nos que não suggestiona, recebe a suggestão e assimilla com incrivel rapidez.

Assim se explica a vacillação momentanea que elle experimentava ao procurar a pessoa na qual o suggestionador ou pensador, como elle chama, havia fixado a idéa.

Sempre em carreiras nervosas, o Sr. Onofroff dirigia-se logo para o lado da pessoa pensada, mas, antes de trazel-a para o centro da sala, vacilava um momento entre essa pessoa e seus visinhos.

Note-se que o Sr. Onofroff não tocava nas pessoas senão muito levemente e isso mesmo raras vezes.

Contaram-nos que em Lisboa este illustre artista fez em um theatro duas pessoas sentirem ao mesmo tempo, uma, grande frio e outra, grande calor. Emquanto a pessoa que sentia frio embrulhava-se em tudo que encontrava, a outra despia-se em scena até ficar quasi em trajos menores.

Por mais extraordinario que isso pareça, nós, que já temos observado effeitos hypnoticos de espantar, admiramos mais a suggestão reflexa que o facto do theatro de Lisboa.

O Sr. Onofroff tenciona dar no proximo mez algumas sessões publicas.

Nós lá estaremos, pois não perdemos occasião de tributar a esta organisação extraordinaria o nosso applauso e a nossa admiração.

N.

A NOSSA IMPRENSA

Toda a imprensa foi unanime em manifestar o seu profundo pezar pela morte do heroico e illustre almirante Saldanha da Gama.

Mesms *O Paiz*, que não o poupára em vida, não pôde deixar de fazer-lhe justiça.

Eis o que diz o collega:

« Possa o sangue d'esse homem, estranhamente transviado da linha do dever militar, mas que, manda a justiça dizer, foi sempre um inimigo com qualidades nobres de coração e virtudes notaveis de guerreiro, possa o sangue d'esse homem tão responsavel pelas desgraças da Patria, servir de seiva fecunda para a frutificação da paz na familia brazileira.»

Depois do que todos os jornaes escreveram sobre esse heroe, não podiamos, sem repetir os mesmos louvores, dizer o que sentimos sobre essa tremenda desgraça.

De todos os bellissimos artigos verdadeiramente dictados pelo coração. transcrevemos o do «Jornal do Commercio» por ser o nosso mais antigo collega.

Só o «Diario de Noticias» é que não acompanhou os mais collegas. «A morte do almirante Saldanha não merece pois que a patria se cubra com as cores negras do luto.»

A essa... cousa a *Cidade do Rio* respondeu doseguinte modo.

Oh! minha musa, esse periodo apanha...
Vamos... é bom que tal principio salves.
Porque pôr luto quando cae Saldanha,
Quando temos á mão qualquer Gonçalves?

A resposta é bôa, mas... não deixa de ser um reclame ao *Diario de Noticias*... que poucos leitores tem.

X.

THEATROS

OLGA GIANNINI

Esta distincta artista realisou no sabbado passado a sua festa artistica com um bom espectaculo constante da comedia *Minha mulher não tem chic*, já conhecida das nossas plateas.

A beneficiada foi applaudida com justiça no sympathico papel de ingenua provinciana que quer mostrar-se elegante e Novelli esteve admiravel no difficil papel de Chapponet. Os outros artistas contribuiram para o bom desempenho da peça, destacando-se, porém, a Sra. Vestri pela graça e naturalidade com que desempenhou o seu excentrico papel.

Abrio o espectaculo o *lever de rideau* em 1 acto *Entre o vermouth e a sopa* do nosso collega Arthur Azevedo, peça já bastante conhecida e que foi traduzida para o italiano pelo Sr. Uberti.

Que Novelli, Olga Giannini e Vestri foram felicissimos no desempenho dos seus papeis, não era necessario dizermos.

A beneficiada foi muito comprimentada, recebendo muitos ramos de flores e varios mimos, justa homenagem ao seu talento.

APOLLO

Estreou neste theatro a companhia Portuense dirigida pelo actor Taveira.

A peça escolhida foi a comedia de Gervasio Lobato *O Testamento da Velha*.

Gervasio Lobato era uma organisação de humorista e as suas comedias são cheias de pilherias quasi sempre felizes, que trazem a platéa em riso constante, mas si as examinarmos como obra dramatica ellas não resistem à critica e cahem por si mesmas. São pilherias e nada mais.

Assim é que no testamento da Velha vemos o tabellião Theopisto com snas theorias igualitarias excitar o descontentamento do seu escrivão Sete Cabeças por approvar a união do filho com uma varina, e logo surge uma priuceza da Beocia que foge com um palhaço.

« O tabellião recebe um chamado para fazer o testamento de uma velha e logo dá-se a fuga de uma sobrinha d'esta velba com um rapaz, e este casal vai para a hospedaria. Comprehende-se que a rapariga é tomada pela princeza da Beocia e o rapaz pelo palhaço. Não continúo. Tudo isso é uma embrulhada sem arte cujo unico fim é fazer rir. Rir, embora sem razão é o ideal da nossa platéa. Gervasio bem o comprehendeu e só assim se explica a sua pasmosa rapidez em escrever. Uma obra para o theatro sériamente pensada e acabada não é cousa que se escreva ao correr da penna.

O desempenho foi bom e a musica é excellente, composição de um maestro que ha muito tem nome feito — Cyriaco de Cardoso, e que veio como gerente da orchestra.

José Ricardo — um actor correcto — agradou muito no papel de tabellião do qual tirou grande partido.

O actor Gaspar fez com exito o Sete Cabeças agradando tambem.

Taveira e Alfredo Santos tambem nada deixaram a desejar.

Quanto ás actrizes: a Sra. Emilia Eduarda é uma boa dama central; fez a parte de D. Maxima a contento geral, sendo muito applaudida principalmente na difficil scena da embriaguez.

As Sras. Thereza Mattos e Augusta Cordeiro tambem agradaram muito.

Em summa: oo artistas são bons;—Cyriaco é... o que sabemos; a orchestra mais que soffrivel, e a peça... Ora esta!

A peça faz rir.

LUCINDA

Neste theatro estão os tres bemoes fazendo rir e pasmar o publico com os seus concertos em violas, bandurras, piano de pedra (!) garrafas (!!) tachos, (!!!) latas de kerozene (!!!!) e caixas de charutos (!!!!!) E o caso é que os bemoes não estão em clave de... tempo perdido, pois tem e terão muitas enchentes, que os transformarão em sustenidos sustentando-os por muito tempo.

S. PEDRO

A *Fada do Amor* continua a deleitar o publico com a musica dos seus prodigios e os prodigios da sua musica.

RECREIO

Chegou a Companhia Dias Braga que teve um excellente acolhimento em S. Paulo e estreou com o *Conde de Monte Christo*.

Já fazia falta aos seus admiradores.

VARIEDADES

O *Aquidaban* prosegue no tiroteio... de pilherias.

Algumas de grande calibre, mas sempre com a polvora do espirito.

SANT'ANNA

Bicharia.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos:

O Ensilhamento, de Heitor Malheiros, 2º volume, editado por Domingos de Magalhães. Agora que temos c romance completo podemos dizer alg.ma cousa sobre elle o que faremos breve.

Um folheto contendo excerptos do D. Jayme e dos Sons que passam de Thomaz Ribeiro. Admiraveis excerptos, como todos os trabalhos do grande escriptor. Neste folheto que foi distribuido por occasião do banquete offerecido ao notavel mestre, encontramos nas suas estrophes a prova do seu amor pelo Brazil.

E ainda fall. m!

As allegações, do advogado Hygino Bastos Mello na acção ordinaria em que foi autor o Sr. Benjamin Colucci contra Nicolau Pentagna.

Um convite da Companhia Edificadora para assistirmos á distribuição de premios aos empregados no dia 24 do corrente.

Um convite em elegantissimo cartão do Club dos Democraticos para assistirmos ao Fandangoassú-Baile em 22 do corrente. O convite veio dirigido aos Exmos. Srs. D. Quixote e Sancho Pança.

O Sancho não cabia... na pança, de contente.

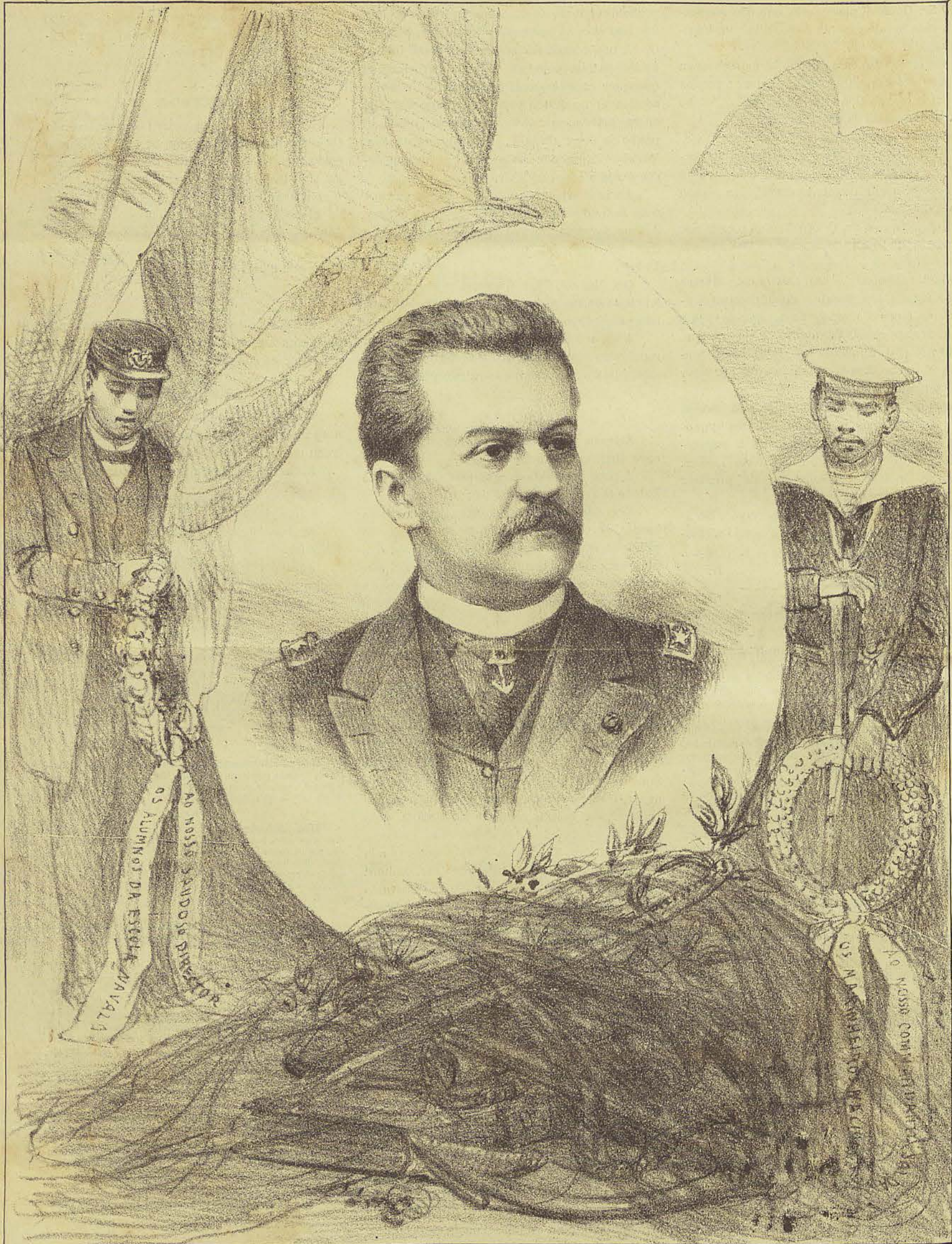
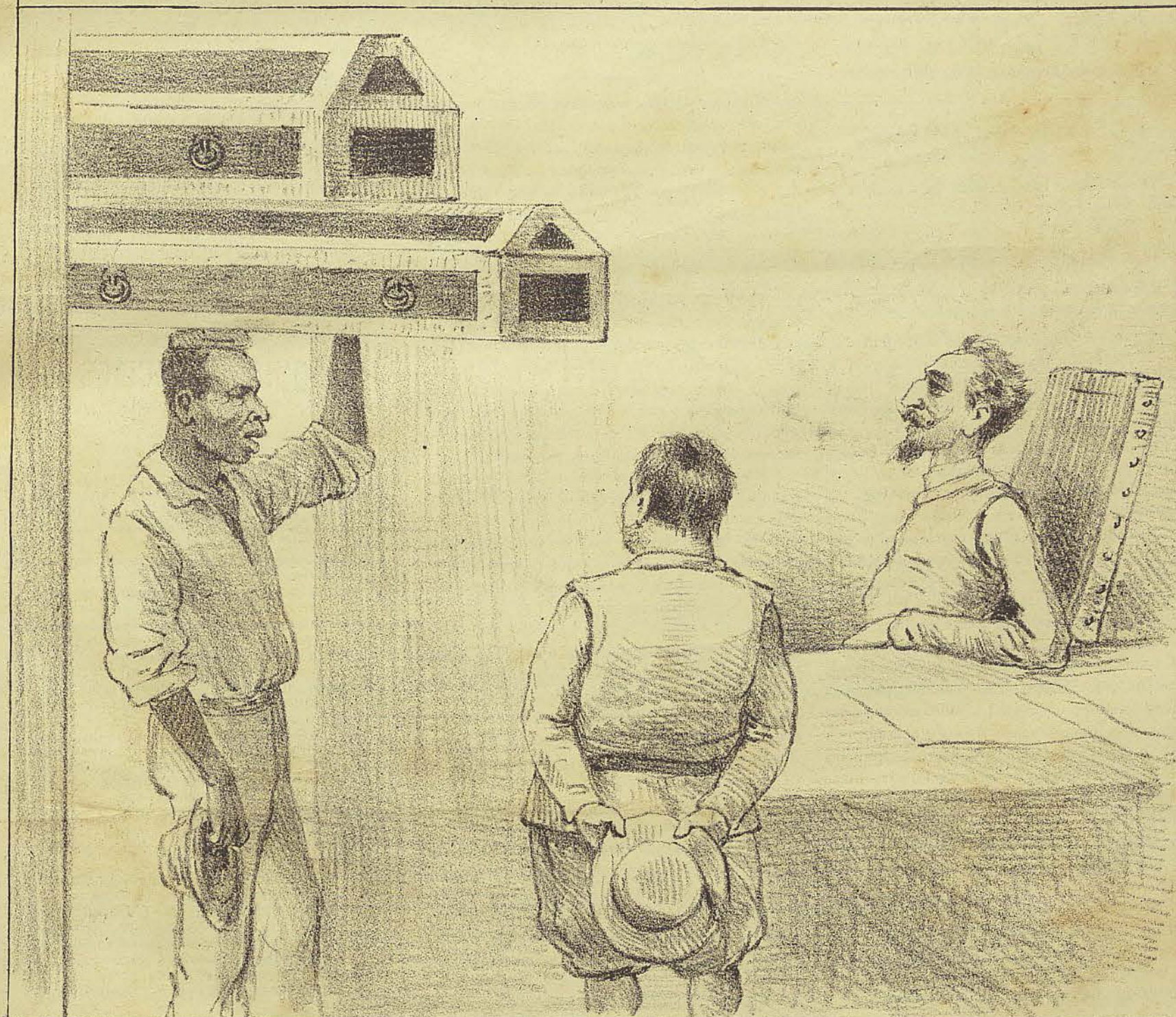
Costou do *Exmo. Sr.* que se regalou!

Da distincta actriz Olga Giannini uma cadeira para a sua festa artistica.

Uma cadeira permanente para a nova assignatura que abrio no Theatro Lyrico o grande artista Ermete Novelli.

Um amavel *convite* do notavel magnetisador Sr. Onofroff para a sessão dedicada á imprensa no theatro S. Pedro de Alcantara.

D. Mezario.

Typ. L'Etoile du Sud, *r. S. José 402*

O almirante Luiz Felippe Saldanha da Gama, gloria da Nação e da marinha brasileira; morto gloriosamente em combate contra as forças Castilhistas no dia 24 de Junho de 1895.

D. Quixote. — Que caixões são esses?
— E' para Don Chicote e Seu Pança, sim Siô. Seu Zé Cubino é quem manda.
Sancho Pança — Dize que ficamos muito obrigados, mas que não havia pressa.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno.......	24$000
Semestre....	12$000	Semestre...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitarnos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura termina no fim do corrente mez, recommendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 13 de Julho de 1895.

ORDEM E PROGRESSO

Tristes são os espectaculos que se desenrolam aos nossos olhos.

A Capital Federal parece querer voltar ao estado de sitio. Já não ha garantia, já não ha governo. O prestigio da autoridade vai cada dia diminuindo e não tardará a ficar completamente nullo.

Seguros da impunidade, os desordeiros se tornam cada dia mais audazes e chegam a reunir-se para proferirem sentenças de.... (quem diria?) sentenças de morte. Porque? Contra quem?

Contra os verdadeiros patriotas, os verdadeiros republicanos que querem ver o Brazil occupando lugar honroso entre as nações mais civilisadas. Para isso é preciso termos paz e elles não querem; é preciso o respeito ás leis e elles nada respeitam. O que querem então?

E' possivel que haja um só brazileiro que não ame sua patria e não queira vel-a sahir do horrivel estado em que se acha?

Infelizmente os ha, e muitos. Uns, os chefes, ambicionam o poder e isto é incontestavel, pois não podem dar razão plausivel para explicar tamanha opposição a tudo quanto tende a terminar uma guerra fratricida que arruina o paiz, e nos envergonha perante o estrangeiro pela maneira barbara e cruel com que os chefes castilhistas procedem contra os prisioneiros e feridos.

Como explicarão elles darem seu voto para senadores a individuos accusados pela opinião e pela imprensa de crimes horrorosos?

E' que os chefes precisam de sub-chefes para a occasião ou as occasiões propicias.

Os mais, os que estão em maior numero, os que gostam das aguas turvas, são simplesmente uns engrossadores, promptos a servirem como instrumentos cegos a todas as determinações contra quem quer que sejam.

Desgraçado paiz, que chegaste a este estado!

Antes a guerra civil em que os dois partidos combatem francamente. Ao menos as situações são definidas, sabe-se onde está o adversario. Quem não quer tomar parte na luta retira-se.

Mas esta guerra surda e hypocrita, sob o manto da paz que dizem gozarmos aqui, na Capital, isto não é situação sustentavel por muito tempo.

Será estarmos em paz vermos o nosso collega da *Cidade do Rio* soffrer, no seu estabelecimento um attaque a tiros de rewolver escapando milagrosamente á morte?

Será estarmos em paz sabermos que houve grande reunião de jacobinos para decretarem unanimemente a morte de quatro jornalistas!? (obrigados pela nossa parte).

Será estarmos em paz vermos as nossas casas guardadas dia e noite pela policia para evitar sermos assassinados?

Graças a ella é que não passamos ainda d'esta para peior.

Valha-nos ao menos a policia!

Muita gente ignora o nosso programma; — muitos suppõem que nós pertencemos a este ou aquelle partido. Uns chamam-nos de Sebastianistas, outros de Custodistas; é possivel até que nos tomem por Florianistas, pelo facto de termos dado o retrato do Marechal Floriano. Outros, pelo contrario, suppõe-nos inimigos deste e ficaram espantados ao vêl-o estampado n'um nosso supplemento.

Todos que assim pensam estão em erro. O *D. Quixote* não tem partido algum; elle é completamente neutro, não tem paixões politicas a ponto, como muitos fazem, de negar pão e agua aos seus adversarios. A sua unica paixão, o seu verdadeiro amor, o seu maior desejo é vêr a Patria feliz sem se importar se é Pedro ou Paulo quem a governa.

E para isso *D. Quixote* quebra e quebrará quantas lanças forem precisas, louvando uns e censurando outros.

Mas, ainda assim, quando tiver occasião de tratar de algum vulto politico, mesmo adversario das suas idéas, não deixará de fazer-lhe justiça, se assim merecer, sobretudo depois de morto.

D. Quixote não póde fazer o que praticam os bandidos do sul ás ordens do fatal Castilhos que, depois de morto o inimigo, profanam o seu cadaver commettendo toda especie de crueldade e infamias, que não nos salvarão da deshonra perante as nações civilisadas, porque desgraçadamente temos um governo que não reage contra esses factos, tal é o desgraçado estado deste paiz.

O Governo, ficando impassivel diante de crimes tão horrorosos, não achando uma punição para os miseraveis que, em resposta ao telegramma do Sr. Prudente de Moraes mandando entregar o corpo mutilado do heroico Saldanha da Gama, fizeram queimar o cadaver, dá uma triste cópia de sua fraqueza politica e dá-nos o direito de suppôr que em breve não tardará a ouvir-se o grito de *sauve qui peut*!

XXX.

EXEQUIAS DO ALMIRANTE SALDANHA DA GAMA

Foi solemne a cerimonia funebre promovida por numeroso grupo de amigos do finado contra-almirante.

A egreja da Ordem de S. Francisco de Paula encheu-se de tal modo que, ás 9 horas da manhã, quando se deu principio á missa solemne, era impossivel penetrar-se no vasto templo.

Antes de começarem as exequias foram resadas nos altares lateraes varias missas em intenção do illustre finado.

Começaram após as exequias, celebrando o monsenhor Amorim acolytado por monsenhor Breves e o conego Amaral.

A orchestra executou durante a cerimonia, regida pelos maestros Mesquita e Pereira, cantando ao côro distinctos amadores.

Representantes da imprensa e pessoas da nossa melhor sociedade enchiam completamente o templo bem como distinctas senhoras.

Foi uma concurrencia verdadeiramente digna da elevada consideração em que era tido um homem da estatura de Saldanha da Gama.

Além da ceremonia funebre das exequias têm sido resadas muitas missas pela alma do illustre finado, achando-se sempre as diversas igrejas onde têm sido celebradas, replectas de pessoas da nossa mais fina sociedade, verdadeiramente sentidas.

EXEQUIAS OFFICIAES

Effectuaram-se os funeraes do Marechal Floriano Peixoto com toda a pompa e mise-en-scène de exequias feitas á custa do Estado.

Na verdade o prestito esteve imponente pelo numero de coroas e de gente de toda a classe tanto na politica como no funccionalismo publico.

Por isso vimos grande numero de coroas, representando alguns Estados, e um sem numero dellas, levadas por diversas associações e grupos de empregados publicos, representando os diversos ramos da nossa administração, cujo pessoal é quasi tão numeroso quanto são as folhas das arvores desta bella capital.

Que colossal fortuna passa alli diante dos nossos olhos, disse um espectador, que achava-se ao meu lado, e que se admirava desse prestito que nunca mais se acabava!

Veja, disse-me elle: passaram deputados, senadores, intendentes e um sem numero de corporações ao serviço do Estado; segue depois o exercito com cavallaria, infanteria e artilharia; a marinha, o corpo de bombeiros, etc.

Pois toda essa gente recebe ordenados em proporção da posição que occupa.

Somme todos ordenados e veja o que dão n'um anno!

Na verdade deve ser uma somma collosal!

E' preciso pois concordar que todos os que tomam parte neste prestito não fazem mais do que praticar um acto de gratidão, acompanhando os restos mortaes de quem foi chefe de Estado e portanto do Thesouro Nacional.

— Gratidão, não falle n'isso...

— Então é admiração pelas virtudes politicas do...

— Qual admiração! qual gratidão Se taes sentimentos existissem, nos que vivem do Thesouro elles não teriam resistido, ao desejo de possuirem o retrato do grande morto pela modica somma de mil réis!

Mas então...

Pois são bem poucos os que foram comprar esse retrato e em relação aos do almirante Saldanha da Gama que publicou o «D. Quixote» a differença esta na razão d3 100 por 3.000.

A nossa collega, a *Revista Illustrada*, menos imparcial que o «Don Quixote», só publicou um retrato, o do Marechal Floriano e contando com a gratidão e amor da parte daquelles que endeosavam o illustre marechal, augmentou a sua tiragem.

O texto rodeado de luctuosa tarja vem todo repassado da mais profunda dôr.

Entretanto a collega levou tremenda espiga e queixa-se amargamente, de *tamanha* ingratidão!

E ella tem razão, sobretudo, sabendo que o «Don Quixote» tirou um sem numero de exemplares de um revoltoso, de um brazileiro tão pouco importante e tão nullo que não mereceu da parte da *Revista Illustrada* nem um retrato, nem uma linha sequer no texto.

Esse jornal ignora que falleceu o Saldanha da Gama!

E o individuo que dirige essa folha julga-se jornalista.

Pobre jornal, outr'ora conceituado, quanto cahiste!

De tudo que acima fica dito depreliende-se o seguinte, que é o principal, e que muito desejamos que se saiba:

Morreram dois brazileiros illustres cujos nomes echoaram, n'estes ultimos tempos, não só em todo o Brazil, como no estrangeiro.

São dois vultos perante os quaes o povo desta capital manifestou-se.

Pois podemos garantir, e sem receio de sermos contestados, que o verdadeiro sentimento de pezar manifestou-se em grande maioria pelo almirante Saldanha da Gama, cuja morte heroica contristou deveras esta população, o que nos prova que ainda ha entre nós sentimentos nobres e humanitarios que nos permittem esperar a terminação d'este estado de cousas e um melhor futuro.

CHINOISERIES

Esta Central, francamente,
tem cada uma... de truz!
Faz mesmo pasmar a gente
esta Central, francamente.
Não sei que o dito lhe assente:
nem tudo é ouro, o que luz.
Esta Cental, francamente
tem cada uma... de truz!

Eram trens a toda hora
descarrilhando... a valer!
Com atrazos e demora
eram trens a toda a hora.
Mas um bilheteiro agora
descarrilha do dever.
Eram trens a toda a hora
descarrilhando... a valer!

Bilhetes elle vendia
de passagem, sem favor;
como quem dever cumpria,
bilhetes elle vendia.
Mas agora principia
a dar bilhetes... de amor!
Bilhetes elle vendia
de passagem, sem favor!

Passa fóra! O caso é sério.
Maridos, toda a attenção!
Pais de familia, criterio!
Passa fóra! o caso é serio.
Seja exemplo esse mysterio
do improvisado D. João.
Passa fóra! o caso é serio,
maridos, toda a attenção!

Um bilhete pr'a a Piedade
grita uma dama gentil.
E elle empurra-lhe, á vontade,
um *bilhete* p'ra a *piedade* —
Papel de amor, em verdade
é mesmo *piedoso* ardil,
Um bilhete p'ra a Piedade
grita uma dama gentil.

Ora a Central dos prodigios!
Os prodigios da Central!
Chega de troça aos fastigios!
Ora a Central dos prodigios
A's taes viagens—remigios!
junte mais isso, afinal.
Ora a Central dos prodigios!
Os prodigios da Central!

LU-NO.

O THERMOMETRO DO D. QUIXOTE

Quem quizer ter uma idéa exacta do que é a opinião publica, quem desejar saber quanta sympathia póde um cidadão adquirir pela sua virtude, póde dirigir-se á redacção do *D. Quixote* onde encontrará um thermometro infallivel.

Diante d'elle não ha remedio senão curvar-se. Elle representa a expressão mais efficaz do sentimento popular.

Elle poderia, consultado pelos nossos politicos dirigentes, servir a guial-os no verdadeiro caminho a seguir.

Tirar-lhes-ia a peneira que certo engrossamento lhes poz nos olhos e concorreria infallivelmente para entrarmos de novo na senda do progresso e da ordem.

Aggressão á Imprensa

Na noite de sabbado passado alguns... exaltados, para não dar outro nome, tentaram por tres vezes um assalto á redacção da *Cidade do Rio*, nossa visinha e collega.

Os desordeiros, depois de haverem quebrado moveis e louça no café de Londres, dirigiram-se ao escriptorio da mencionada folha, e dispararam muitos tiros de revolver contra elle.

O nosso collega José do Patrocinio ia sendo victima, e o gerente Sr. Guimarães foi ferido em um braço.

A policia compareceu logo, dispersando os atacantes e fazendo guardar o escriptorio por uma força de 8 praças.

Este attentado deve, porém, prevenil-a para o futuro, de modo a poder obstar a reproducção desses factos que envergonham a nossa Republica.

Nada conseguem estas arruaças senão desprestigiar o nome Brazileiro e abalar mais o nosso credito e fóros de nação civilisada.

Si ainda hoje apontamos com horror alguns factos desta ordem no tempo do Imperio, como a morte de Badaró e o assalto á *Republica*, como, em um regimen democratico, deixar dessas manchas de sangue que, por isso mesmo, maiores se tornarão? Basta que o assalto á *Tribuna*, do qual ainda todos se lembram com horror, já foi commettido na Republica. Fiquemos ahi, e não augmentemos a negra lista. No periodo de agitação que atravessamos a liberdade de pensamento é, mais que nunca, um direito sagrado, e como tal garantido por lei.

Respeitemos a lei, pois é só por este modo que honraremos a Republica.

Lettras e Arte

Trabalhos Judiciarios — Do Dr. Caetano Pinto de Miranda Montenegro.

O livro do Dr. Montenegro é uma collecção de decisões fundamentaes por elle proferidas no Tribunal Civil e Criminal do qual é integro e provecto juiz.

No meio do desanimo e abandono em que estão actualmente os estudos concernentes ás mais elevadas questões de Direito, é com verdadeiro prazer que recebemos tão valiosa offerta. O Dr. Montenegro é um raro exemplo de magistrado que estuda e todas as suas decisões são peças dignas de attenção pelo seu valor scientifico.

As questões collecionadas no livro *Trabalhos Juridicos*, versam sobre varios assumptos.

Principalmente a questão tão importante da lei das sociedades anonymas é ahi tratada luminosamente.

Foi o Dr. Montenegro quem na Camara Commercial deu os primeiros golpes nas trapaças do celebre encilhamento, prestando assim um grande serviço ao paiz.

O livro é prefaciado pelo illustre Dr. Ferreira Vianna e para darmos idéa do valor da obra, basta transcrevermos estas palavras do seu notavel prefaciador.

« Sinceramente vos felicito, escreve elle, tanto pelos fundamentos quanto pela fórma precisa e clara de vossas decisões, como membro da Camara Commercial do Tribunal Civil e Criminal. Sobretudo, revelão ao mesmo tempo o minucioso exame dos autos, trabalho ingrato, mas imprescindivel, e tacto juridico na intelligencia e applicação das leis aos factos occurrentes. Este merito tem maior valor quando se considera na confusão e antinomia resultantes da superposição de regras e doutrinas mal apuradas ás da nossa antiga legislação. Sobreleva ainda notar que, em geral, as decisões collecionadas, e que formão o vosso livro, resolvem questões sobre sociedades anonymas, materia já de si difficil, e que mais se tornou pelas reformas de occasião, com que o espirito da innovação quebrou a harmonia esthetica da lei de 1895. »

Nossos cumprimentos ao Dr. Miranda Monnegro pela seu importantissimo livro que, como obra de consulta, é necessario não só aos advogados, mas a todos que se interessam pelas questões juridicas.

———

Chega-nos ás mãos o numero 7 do *Archivo do Districto Federal*, Revista dos documentos para a historia da cidade do Rio de Janeiro. Esta importante publicação, manancial de factos e documentos historicos, de immenso valor para os estudiosos é mais um titulo de honra para o seu redactor o já distincto historiador brasileiro Dr. Mello Moraes Filho, incansavel investigador das nossas tradicções e costumes.

O presente numero contém: — O Tratado da carta por onde se aforou a lagôa de Santo Antonio, a Carta do Governador Gomes Freire de Andrade á camara acerca dos contractos, o do governador José da Silva Paes ao senado, Editaes, Autos, A Sociedade Santa (Israelitas), Historia das Ruas etc.

A gravura representa um oratorio mural, o *oratorio de pedra* dos tempos coloniaes.

———

O Club Wagner estreou na noite de 25 do passado, de um modo brilhantissimo, digno dos maiores applausos. Poucas sociedades tem começado com um tão aprimorado gosto. O concerto nada deixou a desejar, despertando em todos o maior enthusiasmo. A Sig. Marianna Bottoni, e o nosso sympathico Sante Athos são artistas de merecimento reconhecido.

Condemnados á morte!!!

D.Q. — Com que então, estamos condemnados á morte?
S. P. É pelos jacobinos, sim senhor...

D.Q. — O caso é grave... Preciso deitar uma lagrima.
S. P. O' patrão, quando acabar me empreste o lenço

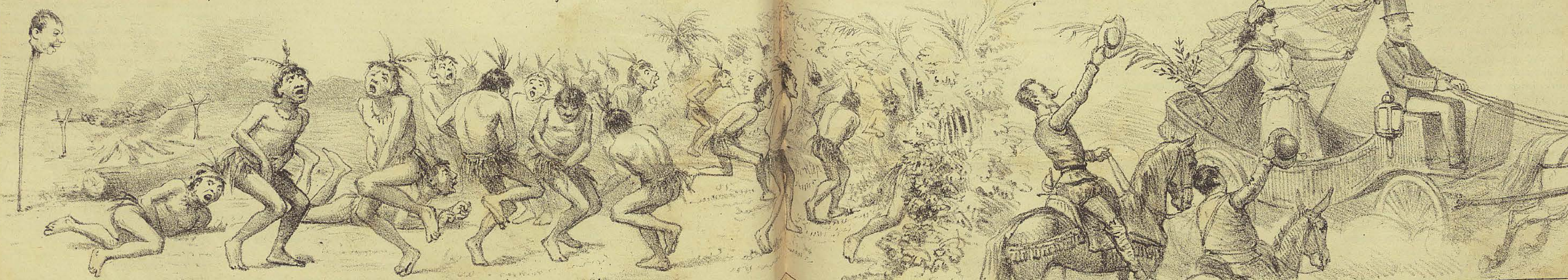
Saibam, caros assign[illegible] que os jacobinos, procedendo como verdadeiros s[illegible], votaram unanimemente, em numeros[illegible] assemb[illegible] morte de Don Quixote.

Não conhecemos essa gente. Com certeza devem ser typos feios mal encarados e ferozes! Livra!

E' possivel, pois, que, qualquer dia, D. Quixote e o seu fiel escudeiro appareçam por ahi espichados em qualquer esquina.

E' provavel, visto o estado de selvageria em que vivemos, que os bugres mutilem os nossos corpos como é moda hoje.

Don Quixote magro e duro de roer, será queimado, o que tambem é moda.

Mas o Sancho, que é rechonchudo, será devorado e saboreado pela tribu dos Jacabibiruins, esfomeados desde que acabou a revolta.

Essa gente, apezar de ter mais estomago que consciencia tomará tal regabofe, que tremenda indigestão será o resultado de tão canibalesco festim!

Consequencia fatal! Corrida para o matto... d'onde nunca mais deveriam sahir para [illegible] tranquillidade d'esta terra, que está farta de actos de selvageria, e só deseja,

assim como Don Quixote, que o Sr. Prudente de Moraes possa, desassombrada, conduzir a Republica no caminho da paz e da ordem.

Ignacio Machado na sua inspirada flauta e o professor Nunes na sua clarineta tocaram admiravelmente o duetto da opera Simão Boccanegra.

Entre as amadoras permittam que saliente as Exms. Sras. DD. Maria Moreira Guimarães e Ricardina P. Terra e entre os amadores Leopoldo Pimentel, um bello talento. Ao concerto seguio-se animado baile que se prolongou até a manhã.

Não é preciso dizer que a directoria foi para todos os convidados da mais fina delicadeza, e da maior distincção: basta dizermos que se compõe dos Srs: Dr. Moreira Guimarães, Americo de Albuquerque, Augusto Guimarães, Felippe Senés, Carlos Baptista, Vital do Espirito-Santo e Eurico da Cruz.

Ao Enrico Borgongino illustre director de Harmonia, um aperto de mão: bravo, maestro.

Ao Club Wagner as nossas saudações.

A *Semana*, numero 91, surgio alegre, cheia de vida. Conta-nos a Historia dos Sete Dias pela afiada penna humoristica de J. Guerra. Além disso traz-nos: Leitura para meninas, de Lucio de Mendonça, Risos no Bosque, bom soneto de Arthur Lobo, Noivas mortas, poemetto em prosa de E. Doria, Gazetilha Litteraria, Bellas Artes, Zoologia pittoresca; interessante sonetinho do espirituoso humorista Guil-mar, Theatros, factos, noticias, correio etc. Progredindo sempre, esta *Semana*. Continue.

L. N.

A CIGARRA

Esplendido! o n. 10 da *Cigarra*.

A figura allegorica «O Club da Morte» com aquellas lagrimas de sangue a escorrer é estupenda de ironia humoristica.

Esta pagina é assignada pelo Olavo Bilac e Julião Machado, dois verdadeiros artistas.

A arma do primeiro é a penna e os seus bellos escriptos parecem desenhos.

A do segundo é a penna ou o lapis e os seus desenhos parecem verdadeiros artigos litterarios.

Não é preciso dizer quem os fez; mas se não é o diabo, com certeza, foi o espirito e o humorismo que os ajuntou.

A primeira pagina traz o retrato da distinctissima patricia Clotilde Maragliano que vimos nascer em S. Paulo e que tanto honra a sua patria com o seu brilhante talento de primo cartello nos principaes theatros do mundo.

A pagina central traz desenhos allegoricos e funebres sobre os funeraes do Marechal Floriano e no texto vignetas adoraveis ornando os bellos e espirituosos artigos litterarios de Olavo Bilac e outros distinctos escriptores.

Muito desejamos que o publico auxilie, como merece, esse jornal, o unico entre nós verdadeiramente primo-irmão dos melhores que se publicam em Paris. Digo Paris, porque o espirito da *Cigarra* é o verdadeiro espirito Gaulez que o Julião trouxe comsigo, mas que, forçoso é confessal-o, encontrou já aqui incarnado no seu companheiro, redactor Olavo Bilac.

Desejamos que as assignaturas chovam, como saraiva até obrigar a *Cigarra* a abrir um guarda chuva, mas...virado em sentido contrario.

E' justo que o nosso amigo Ribeiro encontre compensação aos seus desejos de publicar nesta Capital tão bom jornal.

X.

O MARECHAL FLORIANO PEIXOTO

Com este numero damos em supplemento o retrato do Marechal Floriano Peixoto.

Considerando-o como militar não podemos deixar de prestar-lhe homenagem pois que a sua fé de officio prova ter elle honrado tanto a sua espada como a patria.

Em innumeros logares, no Paraguay, como se vê pela fé de officio, que representamos em fórma de coróa de louros, elle teve occasião de distinguir-se pela sua intelligencia e incontestavel bravura conquistando um a um todos os seus galões de official.

No seu elevado posto de vice-presidente e chefe do Estado, o Marechal Floriano teve mais uma occasião de mostrar a sua energia, tenacidade e alta capacidade militar organisando uma defeza que deu em resultado a derrota dos revoltosos.

Sobre a parte administrativa e politica como chefe do Estado, nada podemos dizer pois que o *D. Quixote* só appareceu este anno e já o Marechal deixára o poder em 15 de novembro do anno findo.

VARIEDADES

O JOGO DE BILHAR

A bibliotheca nacional de Pariz recebeu ultimamente, como donativo, uma carta de 1750 relativa ao jogo de bilhar.

Este jogo, pelo que diz a carta, parece ter sido inventado no meiado do seculo XVI pelo proprietario de uma casa de penhores, chamado Bill Kew.

Este prestamista costumava jogar com tres bolas, sobre o mostrador, servindo-se da jarda para as empurrar.

O nome de Bill-Yard, que se deu o bilhar, viria portanto do nome do inventor do jogo e do instrumento de que se servia para jogar.

Pelo menos é a ethymologia ingleza, que parece bastante acceitavel, visto que o jogo de bilhar é de origem ingleza, sendo depois introduzido nos outros paizes da Europa.

O APETITE DAS ARANHAS

O famoso sabio sir John Lubbock, bem conhecido por seus trabalhos sobre insectos, acaba de publicar os resultados de seus estudos relativos ás aranhas.

Depois de haver pesado cuidadosamente muitos desses insectos antes e depois de suas refeições, eis o que concluio o sabio:

Com igual peso, um homem adulto para comer a mesma quantidade que uma aranha, deveria absorver dois bois inteiros, treze carneiros, uma duzia de porcos e quatro barris de peixe, e tudo isso em 4 horas.

De ora em diante não se deverá dizer mais uma fome de lobo, mas uma fome de aranha.

E' mais original e mais justo.

Conta-se a seguinte anedocta, attribuida a Camões:

Promettera alguem ao grande épico uma camisa, e não lh'a deu.

E certo dia esse alguem, que era um fidalgo, recebe do poeta os seguintes versos:

> Quem no mundo quizer ser
> Havido por singular,
> Deve trazer sempre o dar
> Nas ancas do prometter,
> E já que vossa mercê
> Largueza tem por divisa,
> Como o mundo tudo vê,
> E' mister que tanto dê,
> Que venha a dar a camisa.

Um poeta, moço de espirito, depois de passar a tarde á meza de um café em companhia de um amigo, tendo-lhe «carregado um pouco na hypothese», disse ao levantar-se da cadeira em que estava para ir para a casa: —

> «Dizem que um copo de vinho,
> Sendo bom, dá força á gente,
> Isso é peta, certamente;
> tal não posso acreditar,
> pois se eu hoje bebi treze,
> e vês tu... não posso andar!

D. QUIXOTE

Querem saber quantas vezes tem sido publicada a immortal obra de Miguel Cervantes de Savedra? Vão vendo; 185 em castelhano; 3 em catalão; 125 em francez, 77 em inglez; 39 em allemão; 9 em hollandez; 14 em italiano; 8 em russo; 3 em dinamarquez; 6 em portuguez; 2 em sueco; 2 em bohemio; 3 em hungaro; 1 em polaco; 2 em grego; 1 em servio; 1 em croato; 1 em finlandez; 1 em turco. Total das edições, 482.

E' assombroso!

Quantos prélos têm gemido, quantas pessoas, têm tido trabalho e pão, derivados do genio de um homem que, mettido no pobre carcere de Argamasilla, na Mancha, em vez de entregar-se ao ocio, aproveitou o tempo da reclusão de escrever o livro mais engenhoso que o espirito humano tem produzido!

E' pois, com justo orgulho que Alcalá de Henares se ufana de ter sido o berço natal de Miguel Cervantes; e comprehende-se ainda que durante muito tempo disputassem essa honra Sevilha, Madrid, Eucena, Toledo, Esquivias, Consuegra e Alcázar de San Juan.

A primeira edição do *D. Quixote* foi feita em Madrid, em 1605.

A segunda e terceira edições foram, no mesmo anno, feitas em Lisboa, na lingua castelhana.

Nós, herdeiros em linha directa do *D. Quixote* do immortal Cervantes, ainda esperamos ser traduzidos em Grego, Hebraico, Sanskrito, e até em Arabe e Chinez (com licença do collega das *Chinoiseries*).

Demos tempo ao tempo e veremos.

THEATROS

LYRICO

Partio no dia 2 para S. Paulo, onde estreará com o *Papá Lebonnard*, a companhia do grande actor Ermete Novelli.

Despedindo-se do publico, o distincto artista prometteu voltar em breve. Prospera viagem lhe desejamos esperando vel-o, em pouco, novamente entre nós.

Neste theatro estreou a companhia Imperial Japoneza.

Seus trabalhos são de genero por demais conhecido entre nós. Evoluções gymnasticas, jogos malabares, prodigios de equilibrio e de acrobacia.

A companhia veste com grande luxo e entre os trabalhos que vimos, em geral bem executados, destacaremos o do prato sobre o parasol e o das borboletas de papel.

APOLLO

A companhia do Theatro Principe Real do Porto levou á scena a graciosa operetta — A *Mulher do Confeiteiro* — traducção da comedia franceza Mme. Boniface por Gervasio Lobato e Accacio Antunes. Cyriaco de Cardoso, o notavel maestro ensaiador, conseguio fazer executar a primor a parte musical, sendo justamente applaudida, principalmente nos finaes do 1.º e 3.º actos.

José Ricardo deu uma boa interpretação ao trabalhoso papel de Boniface.

A Sra. Augusta Cordeiro na parte não menos difficil de Friquette muito nos agradou e bem assim o barytono Corréa.

LUCINDA

O *Segredo de uma Dama* a bella Zarzuela de C. Leoni e Cunha Moniz, musica de Barbieri, continua a attrahir grande concurrencia a este theatro occupado pela companhia do theatro da Trindade de Lisboa.

EDEN

A companhia da actriz Pepa continua a levar o interminavel *Tim tim por tim tim* e esta actriz a fazer os seus 18 papeis.

RECREIO

A companhia Dias Braga, de volta da sua excursão a S. Paulo continua a dar-nos o *Rocambole* com seus naufragios e innundações a Ponson du Terrail, e com suas emocionantes situações.

SANT'ANNA

A companhia deste theatro levou na quarta-feira pela primeira vez a peça burlesca A *Madrinha de Carlos* que tem sido ultimamente representada em Londres, Pariz e Lisboa. E' como diz o annuncio uma *peça burlesca* sem valor litterario ou dramatico. Agrada e entretem pelo imprevisto das situações, algumas de um comico extraordinario.

S. PEDRO

Neste theatro tem alcançado um grande sucesso o distincto fascinador Onofroff, realmente admiravel nos seus trabalhos de transmissão de pensamento e fascinação. Recorrendo a um espectador que pensa o que deseja que elle execute, o Sr. Onofroff, apodera-se do pensamento e o realisa. Acções que haviam sido pensadas por espectadores e escriptas em uma tira de papel, Onofroff executou-as com grande rapidez.

Na fascinação o Sr. Onofroff obriga o espectador a accompanhal-o em todos os seus movimentos e suggestiona-lhes sensações de calor e de frio e determina contracções musculares. O processo empregado é o da imposição das mãos nos hombros, processo por elle aperfeiçoado.

São realmente admiraveis as suas experiencias.

Voltou de Pernambuco o activo emprezario Sansone que obteve do governo desse estado uma subvenção de 30 contos para uma assignatura no theatro Santa Isabel.

Consta que estreará a companhia que está contractando em setembro e com a opera *Mefistofele* de Boito.

Terminada a temporada, si Sansone obtiver o apoio que espera do publico fluminense trará a companhia ao Rio.

Auxiliemol-o, pois elle bem o merece.

VARIEDADES

Fogo do *Aquidaban* para a... platéa.

Y.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos:

Os numeros 1, 2, 3 e 4 d'*O Palhaço* jornal humoristico, politico, financeiro, artistico, poetico, theatral, sportivo, tetrico, patetico, symbolico, nephelibata, comico, lyrico, hyppico, burlesco, phantastico e que finalmente não é jornal, é... o diabo.

Tudo isto transcrevemos do seu cabeçario. Já não é um programma, são muitos programmas em um só jornal.

Que *O Palhaço* continue a fazer piruetas por este mundo, sempre bem disposto e fazendo-nos rir, é o que sinceramente desejamos.

Relatorio do anno social de 1894 apresentado á assembléa geral dos accionistas da Associação de Auxilios Mutuos da Estrada de Ferro Central do Brazil, pelo seu presidente o Dr. João Neri Ferreira.

Um projecto de reorganisação da Policia do Districto Federal pelo Sr. Joaquim Francisco de Barros Barreto 2º delegado auxiliar.

« L'Étoile du Sud »—N. 460 do anno XIV. Um numero excellente que demonstra o progresso do já acreditado jornal.

« Le Brésil Republicain »—N. 549. Magnifico.

« A Opala »—Jornal litterario, n. 2. Traz boa collaboração.

« A Estação »—N. 12, anno XXIV. Um bom numero com excellentes figurinos e modas. Das gravuras muito nos agradou—*O jardim das Hesperides* e do texto o trabalho intitulado *Poetas* do sympathico Jayme Victor.

« A Cigarra »—N. 9. Magnifica. O Julião Machado fez dezenhos verdadeiramente artisticos para este numero: a pagina central—*Mater dolorosa* e a ultima, são primorosas. O texto, muito bom, faz honra ao Olavo. Sentimos apenas que na secção Theatros o chronista mostre não conhecer os trabalhos do Sr. Onofroff. Vá ver, collega, e modificará a sua opinião.

« O Bohemio »—N. 5. Um bom numero, de onde notamos: em prosa um bom artigo sobre Saldanha da Gama e em verso um mimoso sonetinho humoristico de A. Delio.

Uma cadeira para o beneficio do grande artista Ermete Novelli.

Convites:

Do Club dos Fenianos para o baile de 29 de Junho de 1895.

—Do Retiro Litterario Portuguez para a sua sessão commemorativa do 36º anniversario e offerecida ao grande poeta e diplomata conselheiro Thomaz Ribeiro.

— Da Fraternidade Beneficente da Colonia Portugueza para a sessão solemne de inauguração do retrato do socio protector José da Silva Leite e offerecimento do diploma á socia honoraria Sra. D. Elvira da Costa e Silva, em 24 de Junho do corrente.

— Do Club Symphonico para o seu 8º concerto em 2 do corrente.

Da casa Vieira Machado & C., recebemos a walsa para piano *Marieta*, composição do Sr. Angelo de Miranda Freitas, pela dita casa editada.

Dos editores Fertin de Vasconcellos & Morand a walsa *Roncou o Descalvado* por D. Amelia Borges Madeira.

Do Sr. Reynaud do *Brésil Republicain* recebemos um bello retrato do Felix Faure distincto presidente da Republica Franceza, impresso e desenhado em S. Paulo pelo Sr. J. Martin.

Igualmente recebemos um exemplar do diploma do Instituto historico e geographico de S. Paulo pelo mesmo habil artista. A' nota que este poz á margem, respondemos. Vous vous plaignez d'être massacré? Que dirons nous alors, l'etant toutes les semaines!

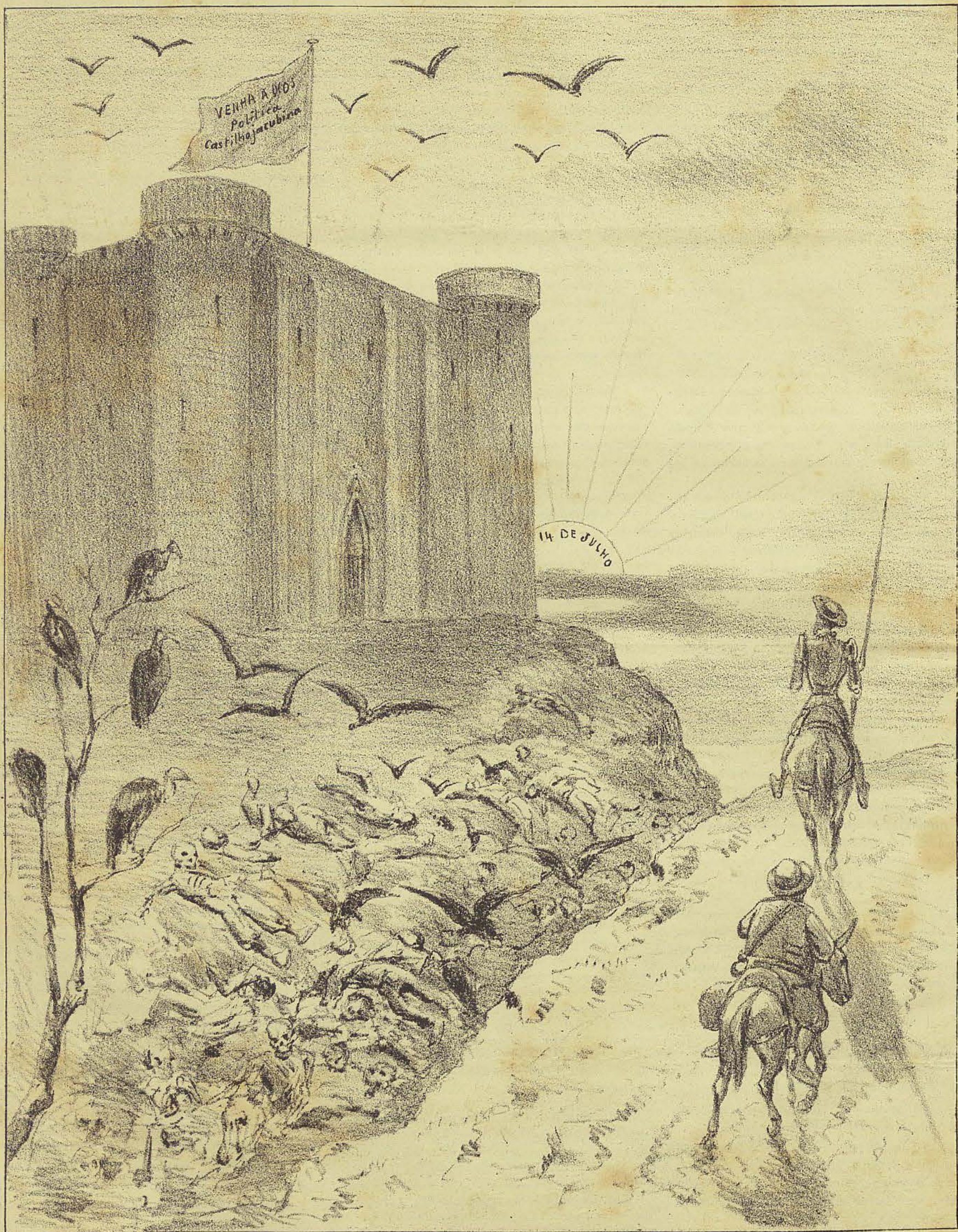
Do Sr. A. José Ferreira Braga recebemos algumas garrafas do *Cognac Tinguaciba* que foi analysado e approvado pela Directoria da Hygiene e Assistencia Publica.

O cognac estomacal de Tinguaciba é uma bebida tonica muito agradavel ao paladar e que muito acredita a nossa industria nacional representada, neste producto, pelos seus acreditados fabricantes os Srs. Braga Irmão & Comp.

D. MEZARIO.

Typ. L'Etoile du Sud, r. S. José 102

VENHA A NÓS
Politica
Castilhajacubina

14 DE JULHO

D. Quixote. — Vê, Sancho, nós tambem temos bastilha, a da ambição! Sancho Pança — E quantas vidas já tem custado! D. Q. — Quando raiará para nós este sol?

O Marechal Floriano Peixoto

Nascido em Alagoas em 30 de Abril de 1839 — Fallecido em 29 de Junho de 1895

A fé de Officio deste illustre militar constitue uma corôa de louros e é a mais eloquente prova de quanto se distinguio na carreira das armas.

Durante a revolta de 6 de Setembro o Marechal Floriano teve occasião de mostrar o seu valor, energia e tenacidade com o que conseguio obter a victoria.

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 25

DON QUIXOTE
JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini
RUA DO OVIDOR 109 (Frontespicio provisorio)

Don Quixote. — O que é isso Sancho? — E' por causa dos Zé Cubinos. O patrão tem couraça; tratei tambem de arranjar uma que proteja a minha pança

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno.......	24$000
Semestre....	12$000	Semestre...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura termina no fim do corrente mez, recommendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 20 de Julho de 1895.

PALESTRA ENTRE DOUS CIDADÃOS

O emprestimo está feito, dizem, ao typo de 85 (!)

— Enfim, vá lá; já que não se póde obtel-o em melhores condições...

D'aqui a um anno, ou talvez antes, haverá outro. E' possivel que este seja a 75 e... por muito favor.

D'ahi por diante continuará a descer ou nos suspenderão a cesta, o que é provavel. Salvo se hypothecarem o Brasil, o que tambem é um meio de obter dinheiro e bastante.

Não diga isso!

E' que o Brasil não é qualquer cousa. Os Rothschilds e mais banqueiros europeus bem o sabem, e até melhor do que nós.

— Mas hoje não é mais possivel, pela nova fórma de governo e pela constituição dos Estados...

— Os Estados serão sacrificados tambem ou se desligarão de todo do Governo da União, para não pagarem o pato.

O pato aqui é a alta capacidade financeira dos nossos ministros e o grande patriotismo dos paternaes governos que entenderam dever sacrificar o paiz, arruinar o seu credito e fazer-nos passar por selvagens, com o unico fim de sustentar o feroz capricho de um ambicioso politico como é o actual governador do Rio-Grande do Sul.

Quanto sangue, quanto dinheiro nos custa esse senhor!

— E quanta vergonha para um povo que se julga civilisado!

Felizmente que agora trata-se da paz...

— Por falta de cobre para continuar a guerra.

— Será possivel?!

— A paz... Isto é para inglez ver. E nunca tão bem applicado foi esse dito, pois o inglez é quem escorrega com os cobres.

Olha, sou capaz de apostar, visto que esse dinheiro para nada chega, que não tardará a haver novo emprestimo, então ahi verás a Estrada de Ferro Central e a Alfandega servirem de garantias.

— E' verdade que no Egypto, a França e a Inglaterra para lá enviaram administradores especiaes para tomarem conta das rendas, afim de salvarem os capitaes francezes e inglezes que se achavam em perigo.

— Os francezes retiraram-se mas os inglezes lá estão ainda.

Não vê que o inglez larga assim sem mais nem menos o que segurou?

— Mas uma vez paga ou garantida a divida parece-me que elle não póde...

— Mas é que elle deixa sempre um rabo que, como diz o rifão, é mais difficil de esfolar; e elle não o esfola para melhor esfolar os seus devedores.

Além disso, no Egypto está o canal de Suez e este, como sabes, é o caminho mais direito para as Indias, onde as colonias inglezas são tão colossaes que foram constituidas em Imperio.

— Mas que tem o canal de Suez e as Indias inglezas com o Brazil?

— Não tem nada, mas a Inglaterra é que tem muito comnosco. Sabes que o inglez é homem pratico, muito activo, intelligente e gosta do confortavel, no que elle tem razão; eu tambem gosto.

Elle tem muito patriotismo, o que é louvavel e uma colossal ambição; é o que todos dizem. Elle julga-se o primeiro povo do mundo, Não o posso censurar por isso, pois que nós brazileiros tambem nos julgamos assim.

— Mas não agora, com os horrores que se commettem...

— De accôrdo. Mas assim pensam os que têm consciencia e não esse grupo de ambiciosos politicos que se julgam os primeiros rrrepublicanos do Universo.

Ora a ambição da Inglaterra consiste em ver fluctuar o seu pavilhão em todos os cantos do mundo; quasi já o conseguiu e a sua marinha mercante é igual em numero a de todas as mais nações reunidas.

Nas suas conquistas, as libras esterlinas teem sido a mais efficaz de toda a sua artilharia. O nosso paiz já foi tão metralhado com ouro inglez que começo a ter medo.

E' que o inglez gosta muito do seu confortavel em sua casa; e elle tem casas em toda parte do mundo menos no Sul da America. E o nosso paiz é tão bello, tão rico, que já estou d'aqui vendo John Bull abrir cada olho!...

O Portugal, que a Inglaterra fez sua adega, envia-lhe ao menos bom vinho; mas nós, apezar de termos um solo tão rico, o que podemos enviar, para pagar o que lhe devemos se a nossa industria ainda não póde explorar seus thesouros?

Enviamos café.

Mas o inglez só toma cha!

Bananas!... dirá o *magriço* d'*O Paiz*, coçando o rabo.

Pois sim!...

* * *

LIBERTADORA BAHIANA

Effectuou-se no dia 14 do corrente a distribuição das medalhas conferidas pela Libertadora Bahiana aos abolicionistas residentes nesta capital, que mais se distinguiram na propaganda da extincção do elemento servil.

O distincto advogado Dr. Aristides Spinola em eloquente discurso remmemorou o historico da heroica luta travada pelos abolicionistas em todo o Brazil, e accrescentou o que aqui transcrevemos, por ser o nosso pensar, concordando que a patria exige ainda o serviço de seus filhos, dos verdadeiros propugnadores da paz e da ordem, como nos prezamos de ser.

Eis as eloquentes palavras do Dr. Spinola:

« Sinto que as dissensões politicas tenham separado tanto aquella agremiação de homens, que, unida como uma muralha, mirava só a grandeza da patria, e sem cuidar das urzes que pudessem embargar-lhe os passos, caminhava por diante até a Terra da Promissão.

Mas houve um juramento depois da lei 13 de Maio, e todos os abolicionistas prometteram não se dissolverem porque não julgavam ainda a sua obra completa.

E de facto ella não o está, e a patria exige a continuação dos serviços de seus filhos, unidos, condescendentes e harmonicos, propugnadores da paz e da ordem, imprescindiveis ao engrandecimento da patria.»

Quem déra que todos pensassem como o Dr. Spinola!

Por nossa parte estamos promptos e como julgamos estar no bom caminho, só temos um desejo: ver todos os nossos antigos companheiros da campanha abolicionista ajudar-nos nessa propaganda de paz e de ordem que todo bom brasileiro deve almejar.

Não é o *D. Quixote* que quebrará o juramento depois da lei de 13 de Maio.

O seu lapis e a sua penna tem o mesmo vigor e o mesmo patriotismo que d'antes.

Poderão talvez quebrar-se mas desviarem-se do seu caminho, nunca!

Agradecemos ao Dr. Aristides Spinola as lisongeiras palavras que nos dirigiu, ao referir-se á *Revista Illustrada*, quando essa folha era nossa; e pedimos venia para transcrevel-as copiando-as da noticia dada pela *Gazeta*:

« O Sr. Dr. Aristides Spinola, ainda depois, para encerrar a sessão, agradeceu ao redactor chefe da *Revista Illustrada*, tenda de guerra onde Angelo Agostini, com uma pertinacia patriotica e cruel para os inimigos, não descançou um só dia, antes do glorioso 13 de Maio, o marco do principio da nossa civilisação.»

Terminando, agradecemos á *Libertadora Bahiana* a medalha com que nos distinguio, que guardaremos como uma prova de que ha ainda brazileiros que se lembram dos poucos, mas sinceros serviços, prestados por nós á causa da humanidade e da civilisação,

A PAZ

Damos hoje os retratos dos Generaes Silva Tavares e Innocencio Calvão, que actualmente

conferenciam para decidirem-se as condições da paz entre os federalistas, de quem é chefe o General Tavares e as forças do governo que representa o General Galvão.

Que esta conferencia seja coroada pelo mais feliz exito, que termine para sempre uma guerra de irmãos que nos envergonha perante o mundo civilisado, que a paz cubra com suas niveas azas esta Patria que tantos males já tem soffrido é o desejo que mais ardentemente nutrimos.

Damos na nossa 4ª pagina uma estampa em que o leitor poderá ver a differença entre o modo porque são tratados os mortos dos insurgentes de Cuba e os do Rio Grande do Sul.

CONGRESSO

Não podemos deixar de notar o importante discurso do Sr. José Mariano sobre os negocios de Pernambuco.

Nada ainda ouvimos de mais pittoresco.

Depois de ter-se longamente estendido sobre a *fritada* do Sr. Barboza Lima, o illustre deputado pernambucano soltou o seu inspirado verbo sobre o assassinato de um tal Sr. Abacaxi, sobre a prisão de Joaquim das Couves e, se não me engano, sobre a violencia praticada contra Maneco Quingombó.

Não entendo, confesso, a politica de Pernambuco, mas parece-me que cheira extraordinariamente a quitanda!

Tambem não conheço esses illustres legumes pernambucanos, todavia estou convencido de que se elles fossem todos mettidos no Poço da panella, elles dariam uma petisqueira muito superior á tal fritada que impingiram ao Sr. Barboza Lima, ou que este senhor nos impingiu.

Quanto aos assaltos ás typographias, isto já é cousa tão velha e conhecida que se eu fosse o José Mariano, nem fallaria mais n'isso.

E' sabido que hoje é moda; aqui tambem as assaltam e a tiro de rewolver até.

O redactor da *Cidade do Rio* está condemnado á morte e nós idem. Entretanto não somos nenhum legume.

E' preciso portanto fazer constar ao poderoso governador de Pernambuco que se deixe de attacar typographias, que mande attacar qualquer outra coisa.

E' impossivel deitar discurso de sensação fallando sempre do mesmo assumpto.

O Sr. deputado Dr. Bricio Filho apresentou um projecto de pensão para o major e general honorario Fonseca Ramos.

Não ha duvida alguma que esse distincto militar mereceu uma recompensa.

A' sua coragem e energia deve-se não ter a cidade de Nitheroy cahido em poder dos revoltosos no dia 9 de Fevereiro.

Ninguem melhor do que o Dr. Bricio podia apresentar tal pedido, pois que esse distincto medico foi testemunha ocular de todos os feitos militares occorridos em Nitheroy, e nos quaes tomou parte activa como soldado e como medico, empregando neste mister todo zelo e patriotismo, expondo-se em lugares perigosos onde a morte o podia colher.

Foi feliz; e, em recompensa, elle é quem colheu uma cadeira na Camara que desejamos vel-o occupar por muitos annos.

Como entendemos que a politica nada deve ter com o exercito, nem este com ella, esse pedido de pensão para o bravo militar Fonseca Ramos não é mais que um acto de justiça que o Congresso certamente reconhecerá.

Quanto ao deputado Bricio esperamos que elle mudará de rumo politico, compenetrando-se de uma vez, que hoje o verdadeiro patriotismo consiste em esforçar-se para obter a paz e a tranquillidade da patria, e não em accompanhar ambiciosos politicos que só querem a sua ruina.

No Senado, o Sr. Almirante barão do Ladario mostra se sempre curioso em querer saber de coisas que todos tem empenho em esconder.

Não ha duvida que são dignos dos maiores louvores os esforços desse honrado e digno senador em querer saber da verdade. Os seus sentimentos patrioticos impoem-lhe esse dever. O lamentavel estado em que ficaram as familias das victimas fusiladas encontrou no coração desse bravo marinheiro indignação bastante para não cançar na ardua tarefa, hoje, de querer, ao menos, saber da verdade.

Mas esta esconde-se. Se é por vergonha... Deus o queira!

Será um indicio de que os seus adversarios podem corar:

Mas a lista dos fusilados?

Esta, todos os bons brasileiros a trazem gravada nos seus corações magoados.

X.

CHINOISERIES

REPUBLICA?!

Circulou com insistencia
uma nova... sem igual;
espalhada sem prudencia
circulou com insistencia.
Se proclamou sem violencia
Republica em Portugal!
Circulou com insistencia
uma nova sem igual.

O velho guerreiro Luso
phrygio barrete deitou!
Devia ficar confuso
o velho guerreiro Luso,
quando, em vez do elmo de uso,
na cabeça o collocou!
O velho guerreiro Luso
phrygio barrete deitou

Eu ao Eça—Presidente
designava, e muito bem;
louvaria francamente
eu ao Eça—Presidente
Ministros—Ribeiro, o ingente,
Victor, Papança tambem.
Eu ao Eça—Presidente
designava e muito bem.

Rosa, Mendonça, Bordallo,
que ministerio de truz!
Dariam ao mundo abalo
Rosa, Mendonça, Bordallo.
Não hesito em declaral-o
o ministerio da luz.
Rosa, Mendonça, Bordallo
que ministerio de truz!

E a noticia até agora
não teve confirmação!
Que detestavel demora!
E a noticia até agora
dizem falsa! A nova aurora
nos tire desta afflicção!
E a noticia até agora
não teve confirmação!

LU-NO.

SALDANHA DA GAMA

São innumeras as manifestações de pezar pela morte do grande brazileiro, sentida em todo o paiz.

Não menos numerosos são tambem os sentimentos de indignação que irrompem de todos os peitos onde pulsam corações não corrompidos pela mais negra politica, nem petrificados na inercia da mais censuravel indifferença diante de tão sanguinolentos horrores.

Como se lhes não bastasse commetterem os mais sacrilegios attentados contra o cadaver ainda quente de um dos mais illustres filhos do Brazil, esses selvagens ainda hoje ameaçam aquelles que, movidos pelos sentimentos mais nobres e religiosos mandam celebrar missas pelo repouso eterno da alma do fallecido almirante.

Assim foi que todos viram verdadeiramente cheios de tristeza e horror, que as exequias que se deviam celebrar em Nitheroy em intenção do finado, foram impedidrs pelas ameaças dos jacobinos.

A que estado chegamos que o povo já não tem siquer a liberdade de fazer celebrar missas pelas pessoas que estima, parentes ou amigos.

Cremos que factos d'esta ordem não precisam de commentarios.

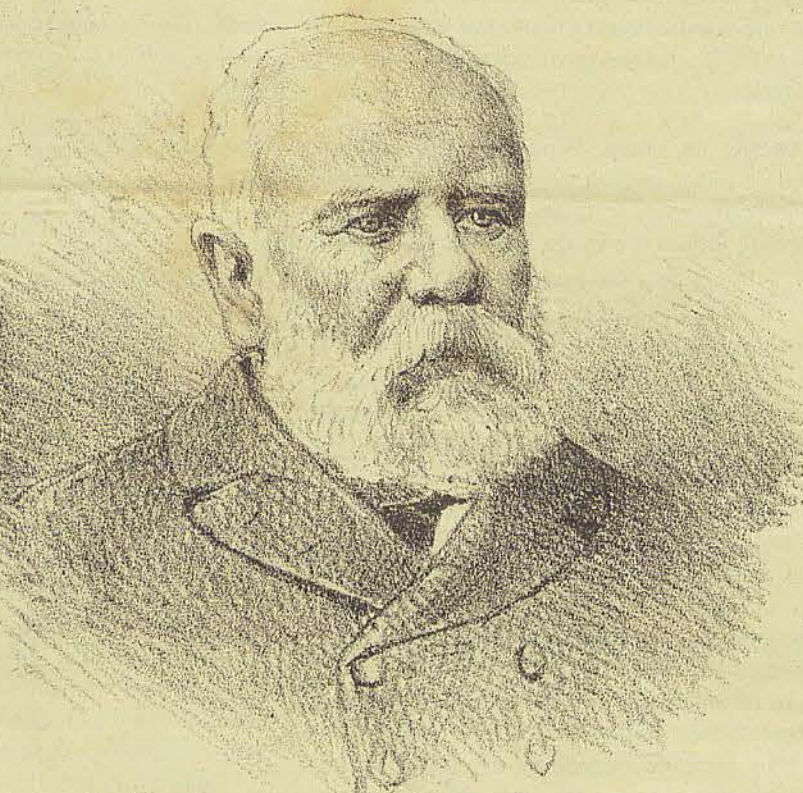
14 DE JULHO

A colonia franceza d'esta capital festejou com todo o brilhantismo esse dia memoravel, escolhendo o theatro S. Pedro de Alcantara para o seu festival.

Estiveram presentes o Sr. Dr. Rodrigo representando o Sr. presidente da Republica, o Sr. Dr. Manoel Victorino Pereira, varios officiaes da nossa marinha e exercito, representantes da imprensa, e outros ilustres e notaveis brazileiros.

Isto prova o apreço que damos a esta gloriosa data que officialmente festejam pois ainda dos seus beneficos effeitos partecipam todos os paizes democraticos e livres como é o nosso (1).

Parabens pois aos fundadores da nossa jovem republica que decretaram ser festa nacional o grande dia que acabou como despotismo.

General Innocencio Galvão de Queiroz
Encarregado da pacificação no Sul.

General Silva Tavares
Chefe dos federalistas

Politica castilhista

Politica federalista

O nó gordio da pacificação

Grande desastre de que foi victima o pobre Sancho Pança

(No proximo numero daremos os pormenores.)

Um aperto de mão pois, ao *comité* que organisou a festa e á colonia franceza, e unisonos saudamos a *Liberté, Egalité* e *Fraternité*. (2)

* * *

N. B. Os nossos collegas do *Etoile du Sud* e do *l'Echo du Brésil* publicaram dois numeros especiaes, contendo bellissimos artigos e allegorias illustradas sobre o 14 de Julho.

(1) *Mas não agora.*
(2) *Fraternité*... E' o que precisamos.

Lettras e Arte

MARMORES

Versos de Francisca Julia da Silva prefaciados por João Ribeiro e editados por Horacio Belfort Sabino.

Não são de certo injustas as vozes da imprensa que têm saudado no talento da distincta poetisa uma aurora nas lettras brazileiras.

Felizmente, para os poucos crentes d'Arte, já existe no nosso paiz um grupo de cultoras da fórma que elevam o sexo, dito fragil, da banalidade das danças ou do prosaismo das modas.

Mas, triste é pensar que essas inspiradas são no nosso impossivel meio esthetico, ou aves, dulcidamente cantando á Natureza na floresta, onde só vão ouvil-as as almas que tem a elevação do sentimento para preferirem o silencio solemne e bom das selvas ás cidades onde torvelinham as paixões e os crimes, ou artistas, isoladas no atelier sombrio, de cinzel em punho, traçando o poema da forma, compondo a symphonia da linha sobre o que era antes marmore como faz a nossa poetisa. A porta de entrada do *atelier*, diante do qual passa irreverente a multidão, preoccupada com o *jogo dos prados* ou com a *politica*, só é aberta de espaço a espaço por mão de crente que vai admirar todos esses primores, como o Hebreu de outr'ora penetrava no seu tabernaculo, reverente e contricto.

Horrivel epocha! Desolante *meio*, o nosso!

Entretanto ainda nos resta a esperança de melhores dias.

Desannuviados os horizontes politicos, aberta a larga senda da prosperidade na paz, as attenções voltar-se-ão para os trabalhos da intelligencia. Mais tarde, quando a historia fizer o retrospecto dos nossos grandes vultos d'esta ultima metade de seculo, quando muitos nomes que são hoje incensados nas lettras, e acclamados como de mestres, tiverem desapparecido, cedendo o lugar a outros, conhecidos embora, porque o talento sempre transparece, mas conservados propositalmente na penumbra pela surda guerra do silencio, dos que se *apoderaram da arena*, a justiça será feita.

E esta decadencia do *meio* é a causa do livro de Francisca Julia, mesmo com a boa sorte da consagração d'A Semana, não ser ainda mais festejado do que tem sido.

Não diremos, como o illustrado prefaciador, que, *depois da geração que costumamos symbolisar em R. Corrêa, Bilac e A. de Oliveira não ha um poeta que se eguale á auctora dos Marmores*, não, para longe essas affirmações absolutas que podem ser desmentidas, mórmente em questões de Arte.

Diremos, porém, que a distincta poetisa parece-nos não ter rival entre as suas collegas do Brazil. Isso é já muito.

Embora correcta na fórma, ha no seu livro versos que não nos agradaram, felizmente poucos. Por exemplo:

Com a sua nocturna e amorosa bafagem
Um luar mortiço banha a floresta de Sonda,

sendo preciso dizer *flóresta* para ficar certo. Mais este:

Versos que lembrem com seus barbaros ruidos

e poucos mais.

Tambem as vezes escapam leves faltas na linguagem que o tempo com o estudo corrigirão.

Em compensação, porém, as bellezas são innumeras, o pensamento sempre elevado, sublime.

A estrophe sahe natural, vibrante e com uma energia rara em um espirito feminino.

Já o dissemos e repetimos, a impressão do seu livro é esta: Francisca Julia da Silva parece-nos ser a primeira das poetisas brazileiras.

A Um artista, Rainha das Aguas, Venus, Ondina, Aurora, A noite, Ballada, De Joelhos, são sonetos que fazem reputações. Para nós o mais admiravel de todos é o que fecha o livro —Musa Impassivel—um soneto masculo na sua frieza. A' genial esculptora de tão magestosos marmores os nossos parabens.

*

Duque-Estrada Meyer, o grande maestro brazileiro que, além do seu merecimento como professor, ha muito compoz, com as notas de sua inspirada flauta, a escala ascendente das suas glorias, enviou-nos com seu amavel bilhete de visita dois convites para o concerto que realisa no domingo á 1 hora no salão do Instituto Nacional de Musica.

Não conhecemos ainda o programma, porém ha-de ser forçosamente magistral pois é o Duque-Estrada quem o organisa. Lá iremos levar ao distincto artista o tributo da nossa admiração.

L. N.

OPERAÇÕES FINANCEIRAS

Não é só o governo que trata de finanças contrahindo emprestimo; ha tambem um grupo de honrados financeiros que, condoidos do estado precario em que se acha esta praça e o paiz, resolveram fazer uma operação bancaria capaz de tirar de embaraço este nosso commercio e todos os funccionarios publicos, principalmente os municipaes.

Corre o boato, até, que estes só receberão os seus respectivos ordenados no mez de Outubro. Pobre gente!

E' sabido que a falta do meio circulante traz um sem numero de dissabores para quem vive *au jour le jour*, não tendo outro recurso senão o seu trabalho.

Como dissemos, varios financeiros reuniram-se e trataram de remediar este mal que affecta tanta gente, fundando um banco de emissão.

Mas o caiporismo é o diabo!...

O governo, por ciume talvez, entendeu que isto era desafôro e encarregou a policia de perseguir esses honrados e philantropicos individuos.

Simples e ingenuos elles julgavam encontrar mais gratidão da parte das nossas autoridades, pois que não tratavam d'outra cousa senão da felicidade...

— D'elles, disse o Dr. Carijó que reconheceu falsas as notas emittidas.

Ora vejam só! E' preciso que os taes financeiros sejam realmente muito imbecis, para lembrarem-se de falsificar notas, quando já temos tantas em circulação.

— Agarre-os e prenda-os todos, senhores da policia, afim de que o tal banco de emissão se transforme em banco de réos.

Impingir-nos notas falsas quando as verdadeiras estão supportando um cambio que as reduzem a menos da metade de seu valor, realmente é ousadia!

X.

OS QUE PASSAM

DR. FERREIRA NOBRE

Mais um que lá foi para de onde nunca mais se volta.

O nome deste illustre cidadão está por demais ligado á vida politica do municipio neutro para que a noticia do seu fallecimento não cause uma certa sensação por entre o eleitorado desta capital, que por varias vezes o elegeu vereador e presidente da antiga Camara Municipal.

E' incontestavel que ao seu merito, unicamente, deveu elle ser elevado a tão alto posto, de onde prestou reaes serviços, como administrador mostrando assim merecer a confiança que nelle depositára o municipio neutro.

Advogado distincto e habil politico, o Dr. Ferreira Nobre comprehendeu que a Municipalidade da Capital do então imperio do Brazil, não podia ficar indifferente ao movimento abolicionista que, tenazmente, se pronunciava pela imprensa e pela opinião, e instituio o Livro de Ouro em que se inscreviam os nomes de todos os que faziam donativos para a libertação de escravos, effeito moral.

O resultado foi conseguir-se por esse meio a libertação de centenas de escravos a quem a Municipalidade, em dias de festa nacional, entregava as cartas de liberdade.

Se estas não eram tantas quantias desejava o grupo abolicionista da Capital, eram todavia sufficientes pelo effeito moral que produziam em favor da propaganda, tanto pelo caracter solemne e official que lhes dera a Municipalidade como pela presença de D. Pedro II, que presidia á maior parte dessas solemnidades.

Quando em 15 de Novembro cahio a monarchia, o Dr. Ferreira Nobre comprehendeu que esta nunca mais se levantaria; por isso, tomando a si, como presidente da Municipalidade, toda a responsabilidade do que pudesse

sobrevir, não hesitou em proclamar a Republica que aceitou como facto consummado.

Vivia ultimamente retirado da politica e entregue á sua vida de advogado quando a noticia de sua morte surprehendeu-nos tanto quanto nos penalisou.

—

ALMIRANTE ABREU

Lemos n *O Paiz* que o telegrapho transmittira-lhe a noticia do fallecimento de mais um general da armada, o almirante Francisco de Abreu, que repentinamente succumbira, no dia 13 d'este mez, na cidade do Rio Grande, sua terra natal.

Não temos presentemente nenhum dado biographico acerca desse official de marinha que chegou ao mais elevado posto na nossa armada; lembramo-nos porém que elle distinguiu-se por occasião da guerra do Paraguay e que demos o seu retrato na *Vida Fluminense* jornal que então illustravamos, em homenagem a seus actos de bravura n'essa campanha em que tanto o exercito como a armada colheram merecidos louros.

VARIEDADES

Duello entre Sarah Bernhard e a Duse em Londres.

Não se assustem, leitores. Oo duello é simplesmente dramatico.

Essas duas grandes actrizes, que o nosso publico conheceu, admirou e applaudiu representaram o mesmo papel, o da Magda no «Foyer» de Suddermann.

Os japonezes, que, em materia de arte dramatica e mesmo em outros julgam-se os primeiros; deram naturalmente as palmas da victoria á sua compatriota.

«Sem duvida, dizem elles, a Duse é mais natural e mais delicada; mas, em uma peça que. antes de tudo, exige a força e a paixão, ella não póde pretender superioridade.»

Isto é um modo de ver dos criticos francezes; cá para nós a naturalidade é o principal dote que todo artista dramatico deve ter. E o que é a arte dramatica moderna senão a interpretação exacta da nossa sociedade em todas as suas multiplas manifestações.

Acha a Duse mais natural e delicada do que a Sarah Bernhard, é dar-lhe as palmas da victoria, é consagral-a, como é justo, a primeira artista dramatica moderna.

Não sei se terão lido no «Jornal do Commercio» do dia 15 do corrente nos bellos versos em francez, repenados do mais puro e ardente patriotismo.

São intitulados l'Anniversaire.

Eu os li e admirei-os, pois elles vinham assignados pela Rosa Meryss.

Esta artista tão intelligente quão talentosa e que ha tantos annos (*pardon*) o publico fluminense applaude, levou, como boa e digna franceza que é, o seu bouquete, ao altar da patria, representado aqui, pelo balcão do «Jornal» com o fim de o ver estampado nas columnas do grande orgão no glorioso dia 14 de Julho.

Nesse dia o «Jornal do Commercio» deo aos seus assignantes nada menos de 24 paginas ou 192 columnas de texto!

Daqui estou vendo a Rose Meryss procurando, logo pela manhã cedo, o grande, o colossal, o immenso orgão da nossa imprensa e percorrendo todas as columnas de principio a fim, (cento e noventa e duas!) esfregar os olhos, tornar a percorrer as dita columnas de cima para baixo e de baivo para cima e... nada!

C'est pas possible! disse ella.

E' provavel,—não sei, mas sou capaz de apostar, que, pela terceira vez, deo-se ao exercicio enfadonho de procurar os seus versos até por entre os annuncios. Nada, nem sombra delles!

Conhecem os olhos da Rose Meryss, são bem grandes não é verdade? Pois imaginando que tamanho não ficaram ao ver, ou antes ao não ver cousa alguma.

Em compensação no dia 15, portanto não mais no dia apropriado, o «Jornal» estampou os ditos versos com o seguinte classico)

N. B.—*Não sahio hontem por falta de espaço.*

— Por falta de espaço! *Ça c'est trop fort!* disse a pobre Rose Meryss que percorrera, na vespera, as vinte quatro folhas e as cento e noventa e duas columnas!

THEATROS

LYRICO

Japonnerie... toujours.

RECREIO

Subio á scena neste theatro o Drama do Povo do pranteado Pinheiro Chagas. Um trabalho que recommenda o illustre escriptor. O desempenho muito regular.

LUCINDA

A opereta Os dragões d'El-Rei, bem levada pela companhia do Trindade continua a attrahir concurrencia.

EDEN

O Armario do Diabo— magica.

APOLLO

Pela Companhia Taveira tem sido levada a peça patriotica *Porto* de grande apparato e mise-en-scene, imitação da zarzuela Cadiz.

THEATRO NACIONAL?!!

Theatro Nacional? Pois já o temos? A municipalidade já alugou algum theatro?

Não; simplesmente o antigo Phenix Dramatica adoptou este titulo compromettedor. Ainda não é tempo. Larga as pennas, gralha! Larga-as e vai levando á scena a Filha do Sr. Chrispim.

VARIEDADES

Lá vem granada...do Aquidaban.

Y.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos:

A revista geral dos Trabalhos da Commissão Constructora da Nova Capital.

Historia da Revolta pelo almirante Custodio José de Mello. Fallaremos mais tarde sobre ella.

O governador de Pernambuco e a morte de José Maria, por Egas Faffe. Ao nosso bibliographo.

O direito e o positivismo discurso pelo Dr. J. Mendes de Almeida.

O discurso proferido pelo Dr. A. de Serpa Pinto, por occasião da collocação da primeira pedra da nova matriz de Pirassinunga.

Na defensiva, commentario sobre a morte do Dr. José Maria por Justus.

Os pescadores da Tahyba por Alvaro Martins, mais tarde fallaremos.

O cenaculo, 3º fascículo com muito boa collaboração.

Politica de Pernambuco, por Coelho Cintra.

Vantaggi, della imigrazione negli Stati Uniti del Brasile pelo professor G. P. Mallan.

Allegações finaes na acção intentada pelo coronel J. Soares Neiva, pelo Dr. J. Barbalho Uchôa Cavalcanti.

O magnifica, n. 11 da *Revista Maritima*.

Revista pedagogica. O n. 44 desta util publicação.

Subsidios, para a moderna sciencia do direito por Samuel Martins. Brevemente diremos alguma cousa.

Historia Constitucional da Republica, pelo Dr. Felisbello Freire, volume 3º.

Revista Academica, n. 2. Muito bom.

A Cigarra, n. 11. Bravo!

O Alfinete, n. 2. Bom.

O Pão, n. 10. Como sempre.

Musicas:

Da casa V. Machado—Um sorriso, schottisch, pelo talentoso compositor M. R. Rosado.

Bella fanciulla, io d'amo, valsa, pela distincta maestrina Francisca Gonzaga.

Da casa Bevilacqua—O Araguaya, walsa, por Mazarino Lima.

Convites:

Uma cadeira para o Theatro Apollo.

Uma para as exequias em Nictheroy do Almirante Saldanha da Gama.

Da casa five ó clock ten.

Do High Life Club, trazido pessoalmente pelo seu presidente a quem agradecemos.

Para a festa do 14 de Julho.

Para o baile do Club União Commercial trazido pelo distincto cavalheiro Sr. Gama, presidente do Club.

Um dos *Tenentes* em gentilissimo cartão, para o seu adejante e mirifico baile.

Boletim do Instituto Sanitario.

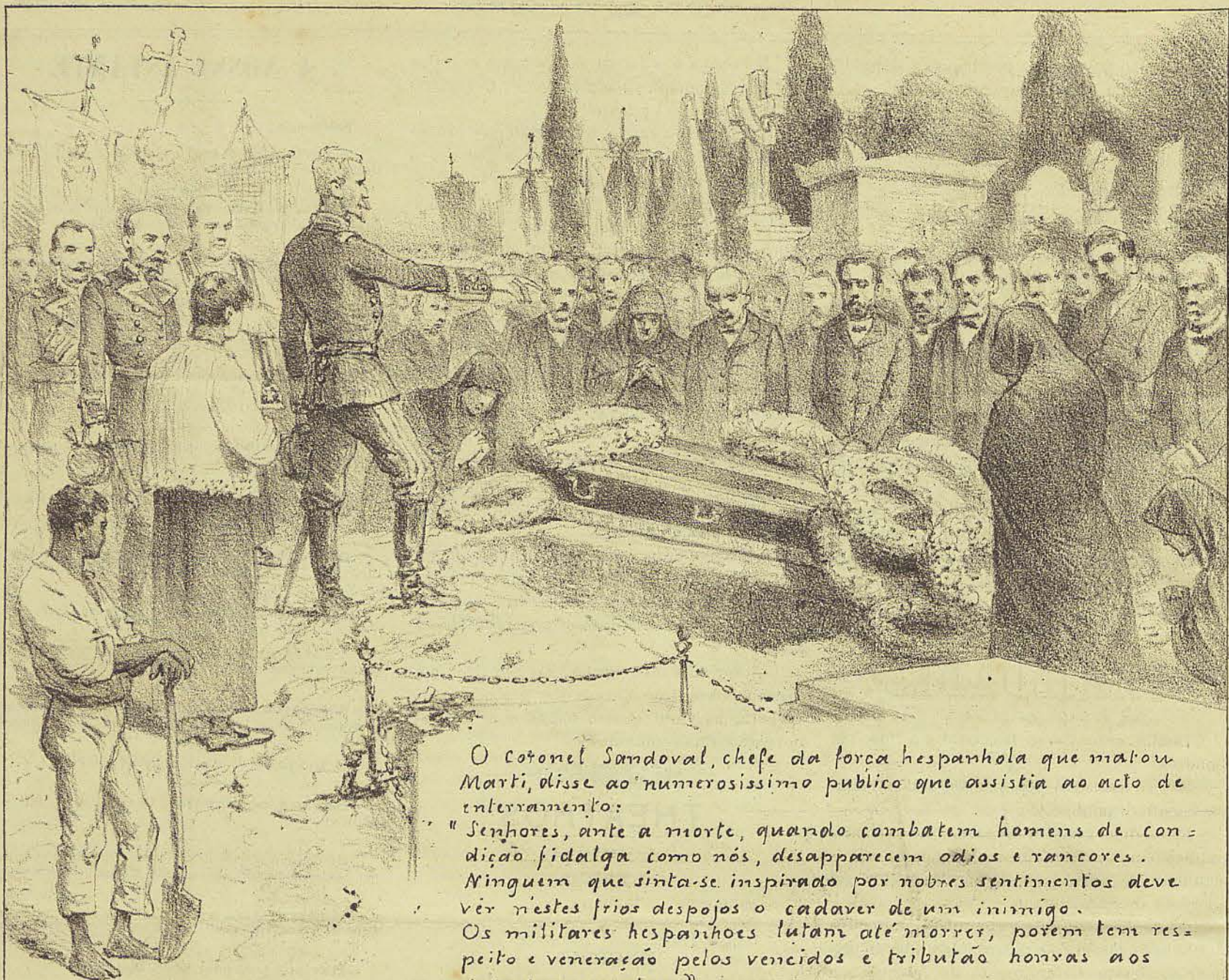
Revue medico-chirurgicale du Brésil.

Um amavel convite do Dr. Gaudie Ley para a inauguração do posto medico no Meyer.

O ultimo numero d'*A Estação*, o jornal querido do sexo amavel, o gentil publicista da moda que, com cada numero conta uma victoria.

D. MEZARIO.

Typ. L'Etoile du Sud, *r. S. José 102*

O enterro de José Marti, celebre jornalista e um dos chefes da revolução Cubana, no Cemiterio de Santiago de Cuba

O coronel Sandoval, chefe da força hespanhola que matou Marti, disse ao numerosissimo publico que assistia ao acto de enterramento:
"Senhores, ante a morte, quando combatem homens de condição fidalga como nós, desapparecem odios e rancores. Ninguem que sinta-se inspirado por nobres sentimentos deve vêr n'estes frios despojos o cadaver de um inimigo.
Os militares hespanhoes lutam até morrer, porem tem respeito e veneração pelos vencidos e tributão honras aos inimigos mortos."
O coronel Sandoval declarou que mandará levantar uma lapida sobre o tumulo do morto.

Entre nós, no Rio Grande do Sul!!!

Anno 1º — Rio de Janeiro — Nº 26

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini
R. OUVIDOR 109
(Frontespicio provisorio)

D. Quixote — Meu Sancho, debalde nos apromptamos para a guerra. As ultimas noticias dizem estar a Inglaterra disposta a tratar da questão amigavelmente — Sancho P. — Eu logo vi; é porque ella soube que o patrão e eu estavamos resolvidos a dar-lhe uma lição.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno.......	24$000
Semestre....	12$000	Semestre...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitarmos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura terminou no fim do corrente mez, recommendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A Administração.

DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 27 de Julho de 1895.

PALESTRA ENTRE DOIS CIDADÃOS

Então, tinha ou não tinha razão quando, disse-lhe ha oito dias que a Inglaterra abria cada olho para o Sul da America!

— E' verdade! Parece que voce adivinhava.

— Nada mais natural, entretanto, para quem conhece a politica audaciosa mas previdente d'essa Nação que, melhor do que nenhuma europea, sabe do que se passa em todos os paizes do mundo.

— Sobretudo onde envia as taes libras esterlinas.

— E até mesmo onde não as envia como, por exemplo, em muitas possessões da Africa, onde foi só chegar e apoderar-se de immensos territorios, havendo apenas troca de balas contra flexas, para desalojar ou submetter as tribus africanas que achavam atrevimento ver os brancos apossarem-se do que pertencia aos pretos.

As demais nações europeas calaram-se diante d'esse systema de apoderar-se do alheio, a que dão o nome pomposo de conquista, pois viram, no vasto continente africano, um colossal queijo muito proprio para ser dividido em varias fatias.

A conquista da Africa foi pois considerada uma nova cruzada e hoje póde-se dizer, sobretudo em relação ao seu littoral, quer este seja banhado pelo Oceano Atlantico ou Indico, pelo mar Vermelho ou Mediterraneo, que não ha um palmo de terra, a não ser o Marrocos, que não pertença á França, á Inglaterra, á Italia, á Allemanha, á Belgica, á Hollanda á Portugal...

— Portugal! E' verdade... Quando me lembro que foi a primeira bandeira europea que tremulou por esses mares nunca n'antes navegados, como dizia Camões, e em terras nunca d'antes exploradas; e que ainda ha poucos annos, Capello, Ivens, Serpa Pinto e outros verdadeiros descendentes dos Magalhães Vasco da Gama, Cabral, Bartholomeu Dias e outros grandes navegadores, atravessaram o continente negro soffrendo as maiores privações, arrostando os maiores perigos, lutando contra a fome, contra as febres, contra mil difficuldades emfim para...

— Ver a Inglaterra cubiçar as suas bellas conquistas que tarde... ou cedo lhe cahirão nas mãos. A questão de Lourenço Marques, por exemplo...

— A culpa, na verdade, é da politica portugueza que pouca importancia e nenhum desenvolvimento deu a algumas de suas colonias, a ponto dos inglezes allegarem que ignoravam pertencerem a Portugal ou pensarem que este as tinha completamente abandonado.

— Exactamente o que acontece agora com a ilha da Trindade.

A Inglaterra não ignora que ella nos pertence, pois que, tendo-a occupado em 1781, teve de abandonal-a, cedendo ás justas e energicas reclamações do governo portuguez.

— Porque tenta então occupal-a agora?

— Pelas mesmas razões que dera acerca das colonias portuguezas e tambem por causa dos nossos governos, que de algum tempo a esta parte, não lhe inspiram grande confiança.

Ella sabe que o nosso paiz só póde desenvolver-se estando em paz e tranquillo, e elle não está. Ella não ignora que o nosso actual presidente da Republica é um homem sério e honrado, mais que isto não é sufficiente para governar um paiz, que mais do que nunca precisa de um homem energico e tezo que saiba fazer frente ás ambições politicas de alguns insensatos que, para satisfazerem a sua sede do poder, pouco se importam que o Brazil vá pela agua abaixo.

E a Inglaterra julga que o Dr. Prudente de Moraes é homem fraco, fraquissimo e incapaz de arcar com difficuldades que, de um momento para outro, podem surgir.

Por isso tratou de crear-lhe embaraços, declarando ter o direito de occupar a ilha da Trindade, como pertencente á Inglaterra.

A' essa inqualificavel pretenção o presidente da Republica reagiu com toda a energia, encontrando poderoso auxilio no nosso ministro das relações exteriores, o Sr. Dr. Carlos de Carvalho, que, com a maior clareza, soube expor o nosso irrefutavel direito á posse dessa ilha.

Portanto, se o Sr. Prudente de Moraes tem-se mostrado fraco em relação á nossa politica interna, temos ao menos a satisfação de ver que, acerca da externa, temos homem!

Ainda bem.

SALDANHA DA GAMA

Continuam as manifestações de pezar pela morte deste illustre almirante.

Dizem-se missas quasi diariamente o que bem demonstra a estima de que gozava.

Ha dias, em uma igreja onde celebrava-se um officio pela sua alma ouvimos, ao sahir, o seguinte dialogo que aqui transcrevemos:

....

— Estou convencido, até, de que a tragica morte de Saldanha da Gama e os horrores commettidos contra o seu cadaver causaram em toda a Europa, e sobretudo na Inglaterra, a maior indignação.

E ainda mais forte se tornou esta quando se soube que não forão punidos nem incommodados os barbaros que, perante a ordem dada pelo presidente da Republica de entregar o cadaver á familia, entenderam melhor queimar este e debicar a commissão, que fôra encarregada de ir buscal-o.

— Parece incrivel que cousas d'estas se passem no Brazil, e entretanto é a pura verdade!

— Imagine pois se é possivel que, com factos desta ordem, o Brazil possa merecer a menor sympathia por parte das nações tanto americanas como européas.

— E sobretudo tratando-se do Saldanha da Gama, que, em toda parte onde viajou como official de marinha, commandando nossos vasos de guerra, ou em commissão do governo, nas diversas exposições universaes, tanto na Europa como na America, deixou as melhores recordações e conquistou as maiores sympathias pela nobreza de seu caracter, pela affabilidade e distincção que tanto o caracterisavam; um perfeito gentleman! E além disso instruido, de uma actividade proverbial e disciplinador como poucos. A maior gloria para elle é o amor que lhe consagravam os aspirantes e guarda-marinhas que consideravam-no como um segundo pae.

Como marinheiro, como homem do mar, ninguem lhe era superior nem tinha, como elle, tanto amor á sua carreira e á sua classe.

— E dizer que ha brazileiros que tiveram a audacia de...

— Estes não são brazileiros; nasceram aqui como poderiam ter nascido em qualquer outra parte. Brazileiros são aquelles que tem coração verdadeiramente patriotico, que pulsa de enthusiasmo ao nome de um illustre filho do Brazil como era o Saldanha e que hoje sangra de dôr por tão infausta e cruel morte.

— E, na verdade, essa quantidade de missas, não officiaes, é a maior prova de que, ainda entre nós, ha gente séria e patriotica, o que é uma garantia para o futuro.

— Se não deixarem os maus brasileiros tomarem conta do paiz para arruinal-o de uma vez.

E o que eu te digo aqui, é justamente o que pensam os inglezes; por essa razão é que elles, que ha tantos annos, mais de um seculo, não se importaram com a ilha da Trindade, estão agora com o firme proposito de apoderarem-se d'ella.

— Não ha duvida que protestamos, e com razão, contra a occupação dessa ilha; creio tambem que os inglezes não farão questão d'ella...agora.

Mas quem nos diz que mais tarde...

Homem, eu acho bom que o governo abra os olhos, o que n'esta quadra quer dizer: ter juizo.

Se a paz se fizer e o Brazil entrar em seus eixos, os inglezes, com certeza, vendo-nos caminhar direito, não nos incommodarão; mas se continuarmos, como até agora, a desandar,

é natural que se lembrem de novo da ilha da Trindade, como de um excellente ponto de observação para ver em que param as modas.

— Façamos pois um voto: que o governo se mantenha firme e que o povo tenha juizo.

— Amen.

X X X

ILHA DA TRINDADE

Surge em nosso horisonte politico uma questão internacional, o que não nos admira pois na semana passada o tinhamos previsto.

Só nos faltava agora brigar com a Inglaterra!

Os negocios politicos do Sul, ainda não estão resolvidos: a maioria quer a paz, mas a minoria quer a guerra, e como esta minoria é quem manda, ainda não se sabe se teremos ou não a tão suspirada paz.

O Senador Pinheiro Machado, representante da tal minoria, teve com o Sr. Prudente de Moraes uma conferencia que durou 4 horas! Horas de caceteação, naturalmente, pois esse illustre patriota, a quem a guerra aproveita, terá gasto todo o seu latim para convencer o nosso presidente da necessidade absoluta de continuar a guerra no proprio interesse do Estado do Rio Grande, do delle, e.. etc., etc.

Mas, como o interesse da Nação está acima de tudo, julgamos que o Sr. Pinheiro Machado terá perdido o seu latim e a paz será uma realidade.

Infelizmente, por emquanto, ainda não está feita.

Isto, quanto ao Sul.

Ao Norte temos a questão do Amapá que tem de ser decidida com a França, e ainda não sabemos qual será esta decisão.

Como si tudo isso ainda não bastasse, surge agora a questão da ilha da Trindade com a Inglaterra, que pretende apossar-se do que não é seu.

Esta ilha, como é sabido acha-se no Atlantico, a leste do Brazil e a grande distancia da costa.

São, portanto, tres pontos ameaçados formando um terrivel triangulo, e isto deve preoccupar seriamente o nosso governo.

Esperamos, porém, que elle saberá, attendendo ás precarias circumstancias em que se acha o nosso paiz, resolver tão delicada questão internacional com a precisa energia, alliada, porém, á maior prudencia.

Se todas as questões internacionaes fossem resolvidas de accordo com os principios da justiça e do direito, nada teriamos que receiar, pois o nosso intelligente e illustrado ministro das relações exteriores o Dr. Carlos de Carvalho forneceu immediatamente provas documentadas de que a ilha da Trindade pertence ao Brazil.

Mas, como ainda neste seculo vio-se applicar o terrivel axioma Bismarckiano de que *la force prime le droit* não sabemos em que ficará este negocio, que confessamos, nada nos promette de bom, por estar o Sr. Salisbury dirigindo actualmente a politica ingleza.

Firmeza e prudencia é o que recommendamos não só ao governo, mas ao nosso povo.

As bravatas patrioticas de alguns exaltados podem causar-nos serios embaraços, e talvez desgraças irreparaveis.

Quem nos diz que a occupação da ilha brazileira pelos inglezes não é uma provocação, tendo por fim dar causas a alguma imprudencia nossa para della exigirem depois satisfacções que humilhariam o nosso amor proprio e indemnisações que causariam a nossa ruina?

Isso por ora não passa de uma audaciosa esperteza.

O nosso direito está de pé; devemos sustental-o energicamente, mas com a calma necessaria para não compromettel-o.

Realisou-se ante-hontem á tarde uma reunião popular protestando contra a occupação da ilha da Trindade por tropas inglezas.

O povo reunio-se no largo de S. Francisco de Paula, onde fallaram varios oradores, e desceu pela rua do Ouvidor.

Em frente á *Cidade do Rio* parou, e desta redação fallaram José do Patrocinio, Martim Francisco R. de Andrada e outros notaveis cidadãos, protestando, a bem do nosso direito, contra a violencia estrangeira, sendo enthusiasticamente applaudidos.

Felizmente, o povo no meio das suas manifestações tem mantido a calma tão necessaria em questão de tal natureza.

Essas manifestações demonstram claramente que o governo pode contar com o povo nesta emergencia, mas o povo deve tambem mostrar, agindo com calma, que conta com o governo para garantir seus direitos. Sabemos á ultima hora que o governo inglez está disposto a tratar amigavelmente esta questão. Ainda bem!

Lettras e Arte

JOSÉ BASILIO DA GAMA

Poetas e escriptores congregam-se para commemorarem dignamente o centenario deste notabilissimo poeta, de certo o primeiro dos nossos épicos.

Nem o Caramurú, com seus 10 longos cantos, nem o Colombo de Porto Alegre, com seus dois volumes, nem o somnolento poema da Confederação dos Tamoyos, podem rivalisar com a vida, a poesia dos 5 cantos do Uruguay, em versos soltos que occupam sessenta e poucas paginas!

Natural de Minas-Geraes, José Basilio nasceu em 1710, estudou no Collegio dos Jesuitas no Rio de Janeiro até que a ordem foi extincta em 1751, e d'ahi os concluio em Lisboa.

Voltando ao Rio, perseguido por causa de algumas poesias que endereçára aos jesuitas, foi mandado para Portugal, onde foi alvo da attenção do marquez de Pombal, que o protegeu.

Voltou ao Brazil e, apoz a queda do marquez, ahi viveu obscuramente, fallecendo em 1795.

Tal é, resumidamente, a historia do grande épico que só agora tem a justa consagração do seu merito. Isto sempre acontece; os maiores talentos nunca podem brilhar na sua epocha e só o futuro os glorifica.

Para mostrar o valor de Basilio da Gama basta um episodio do seu poema, da morte de Lindoya:

« Leva nos braços a infeliz Lindoya
O desgraçado irmão que ao despertal-a
Conhece (com que dôr!) no frio rosto
Os signaes do veneno, e vê ferido
Pelo dente subtil o brando peito.
Os olhos, em que amor reinava um dia,
Cheio de morte; e muda aquella lingua,
Que ao surdo vento e aos echos tantas vezes
Contou a larga historia de seu males!
Nos olhos Caitetú não soffre o pranto
E rompe em profundissimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mão já tremula gravado,
O alheio crime e a voluntaria morte,
E, por todas as partes repetido,
O suspirado nome de Cacambo!
Inda conserva o pallido semblante
Um não sei que de magoado e triste
Que os corações mais duros enternece,
Tanto era bella no seu rosto a morte! »

Era preciso muito talento para escrever isto n'aquelle tempo!

Associando-me aos collegas, rendo aqui justo preito ao nosso maior épico.

O 2º volume do Encilhamento, de Heitor Malheiros, veio comprovar a nossa opinião sobre o 1º. Neste volume o autor occupa-se mais detalhadamente das scenas que se passaram na nossa praça e retrata com fidelidade e justeza de observação os mil estratagemas de que se serviam os dominadores desta epocha aurea.

Os personagens principaes do romance passam a um segundo plano, vindo occupar o primeiro o desenvolvimento da jogatina.

A phase da decadencia da terrivel epidemia do ouro é muito bem desenhada, a traços vigorosos e caracteristicos.

E' felicissima a phrase de um bolsista:

— Em que darão estas emprezas?

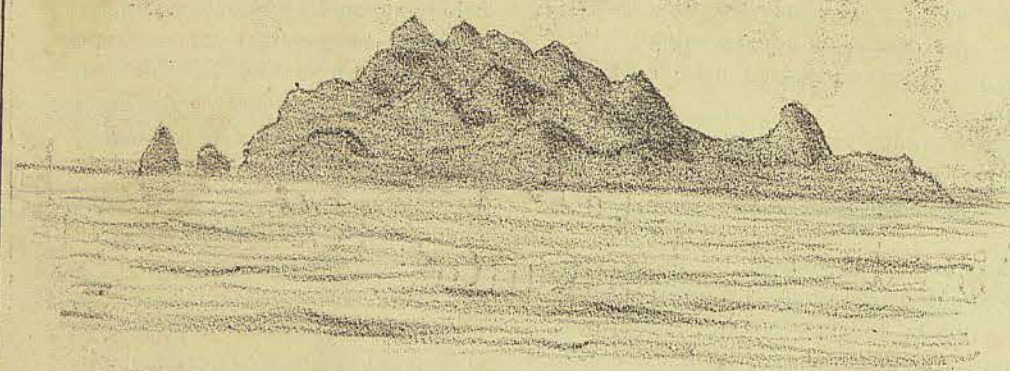
— Fundir-se-ão em um só banco: o banco dos réus.

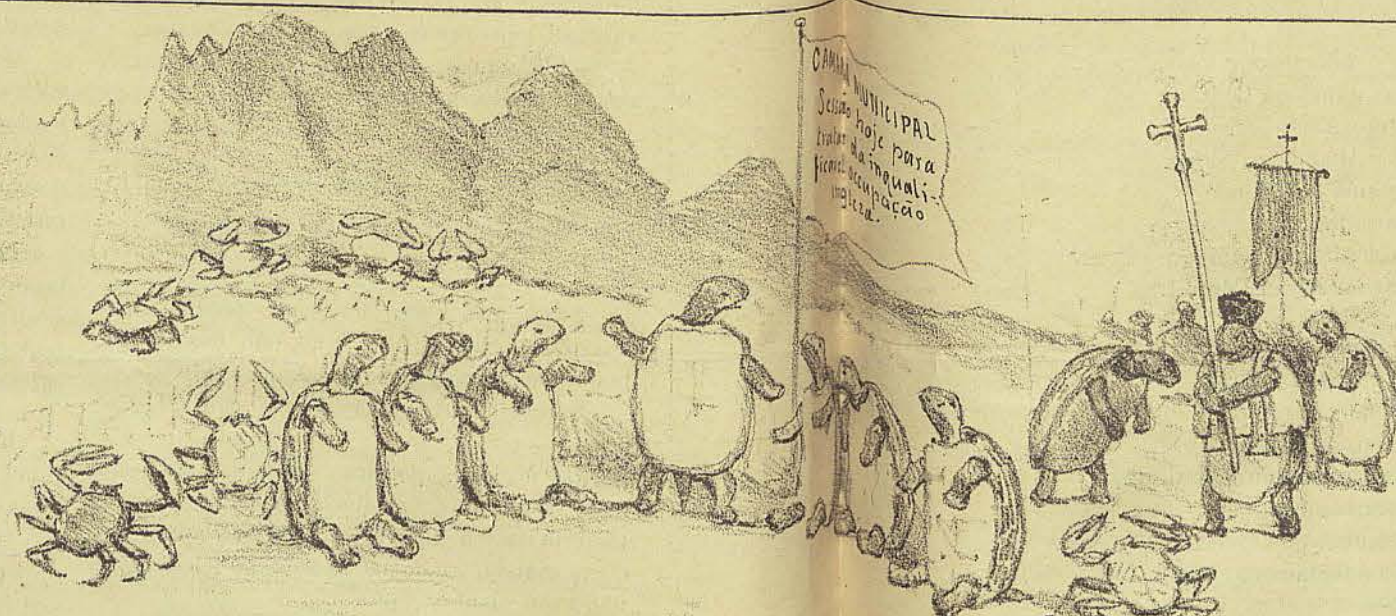
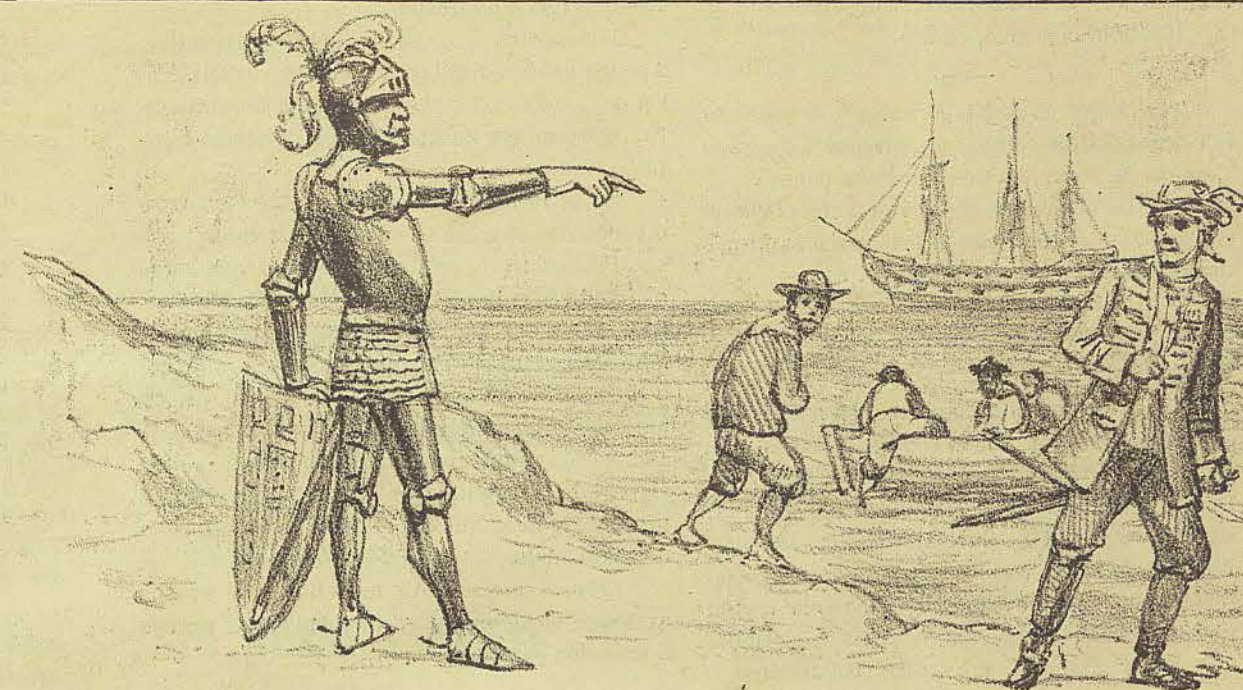
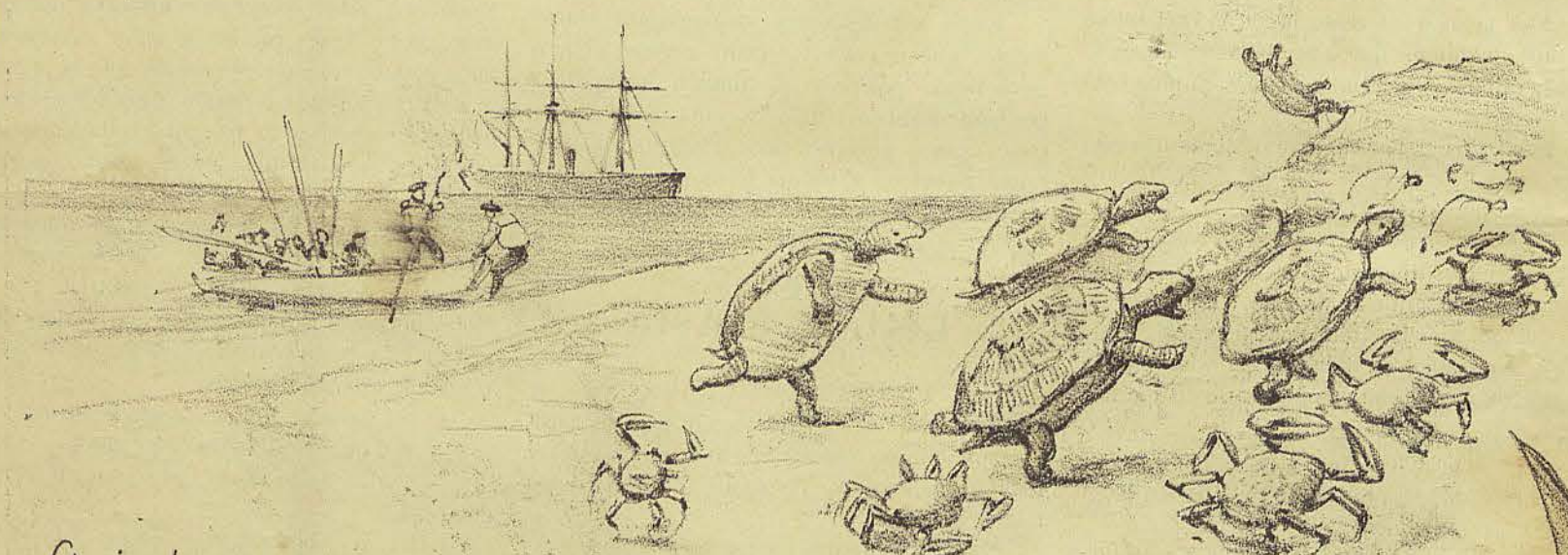
E foi a consequencia natural de tudo aquillo.

Para o fim os personagens reapparecem voltando emfim Menezes aos seus amores com Alice, com quem se casa. Em summa: o romance é bom, e attinge o fim a que se propoz: estudar o encilhamento.

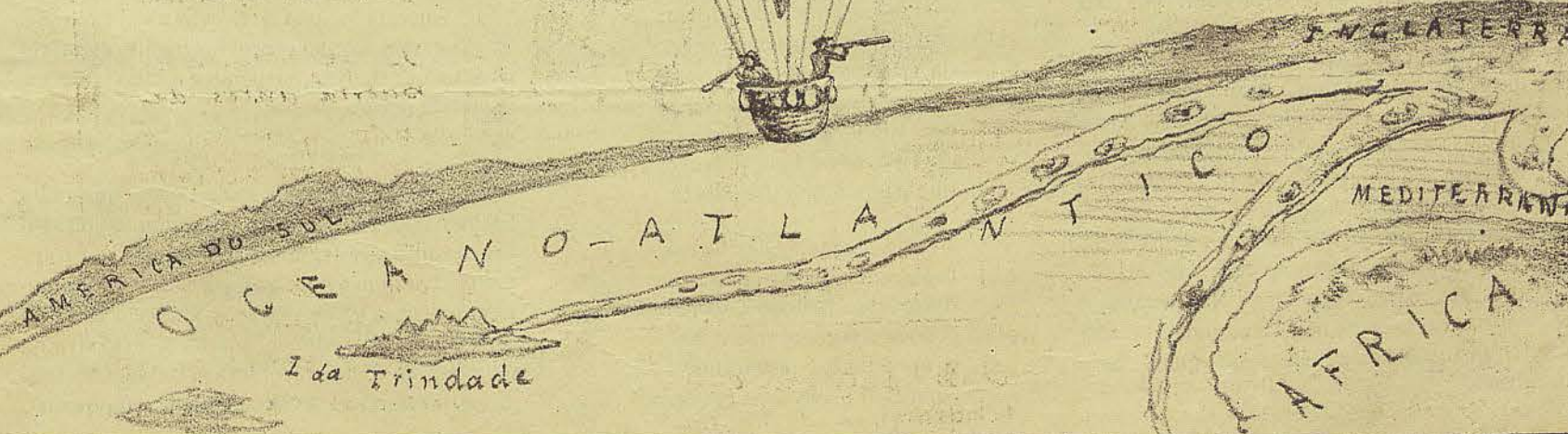
Foi o que era de esperar: um successo, o concerto do distincto professor Duque-Estrada Meyer que ha muito se impoz pelo sentimento e brilho de sua execução e pelos seus dotes de abalisado mestre.

Do bem organisado programma— cujo bom desempenho nos deixou a melhor impressão, agradaram-nos principalmente: A Villanella— para soprano e flauta (escripta em 1600) de Grandval, pela Exma. Sra. D. Adelina Alambary e Duque-Estrada Meyer, acompanhando ao piano a Exma. Sra. D. Francisca Monteiro de Barros, e as romanzas *Les enfants*, de Massenet e *Chè fiero costume!* de Legrenzi, cantadas pelo distincto barytono Sr. Carlos de Carvalho.

Brazil e Inglaterra.

A ilha da Trindade

Diz a historia que ella pertenceu a Portugal, desde 1501.
O Brazil recebeu-a em herança e não a povoou por achal-a inhabitavel, entregando-a aos kagados e caranguejos.

Não é esta a opinião do sabio senador Katunda (Joakim) que declara ser a ilha habitada, ter municipalidade, ter a religião catholica, e bandeira diversa da nossa; de nickeis... nem pires. A moeda corrente é... sellos.

Em 1781 os inglezes apossaram-se d'ella.
Mas o velho Portugal, que n'esse tempo dominava os mares, não gostou da brincadeira, e mandou que se puzessem ao fresco.

Os inglezes, esquecidos do que se dera, ha mais de seculo, voltaram agora a occupal-a, causando grande susto aos pacatos ka...tundenses.

A Republica Brazileira, não menos zelosa que Portugal em defender o que é seu, tomou tal attitude, que o Inglez teve, pela segunda vez, de raspar-se.

A idéa de Sir John Bull era pescar nas aguas turvas da politica brazileira.

Essas aguas, porem, impellidas por tempestade de indignação patriotica, levantaram taes ondas,

Que John Bull não teve remedio senão pôr-se a pannos. Vento em popa é o que lhe desejamos.

Em balão.

D. Quixote. — Que polvo colossal é a Inglaterra!
Sancho Pança — É verdade! E que tentaculos!

A *Ave Maria*, de Gounod, executada por 8 violinos, 3 violoncellos, 2 harpas e orgam tambem nos deixou agradavel impressão.

Um bom concerto, emfim.

Teve lugar no domingo passado o concerto em beneficio das obras da igreja do Sagrado Coração de Jesus, no Cassino Fluminense.

A sala achava-se completamente cheia de cavalheiros e senhoras cujos variados trajos davam á festa um aspecto alegre.

O excellente programma foi brilhantemente executado e os amadores justamente applaudidos.

Todos nos agradaram, mas, si nos é dado especificar um ou outro trecho, diremos que a preghiera da Fosca, cantada pela Exma. Sra. D. Elisa Queiroz, o 5º nocturno de Chopin, executado por Mlle. Christina Moller, nos mereceram francos elogios, bem como a execução primorosa da barcarolla—*Voga, marinar* regida por Cernichiaro, fazendo os solos o distincto amador Sr. Fonseca, e o côro, cavalheiros e senhoras que honram o nosso mundo musical.

L. N.

A CENTRAL

Decididamente parece que um máo destino pesa sobre essa estrada de ferro, que é a mais importante do nosso paiz, e de cuja regularidade de serviço ainda nos lembramos com saudade.

Com effeito, se não tinha a precisão rigorosa das estradas de ferro da Europa e dos Estados-Unidos do Norte no movimento de seus trens, comtudo a Central era uma via de transporte em que se podia ter confiança. E hoje?

Hoje não ha mais horario, não ha mais segurança, os trens sahem da Central atrazados para chegarem á ultima estação dos suburbios com 1 1/2 e 2 horas de viagem, porque demoram nas estações um longo tempo á espera de licença, e isso quando sahem da Central, quando não ficam impedidos horas e horas, porque os desastres são quasi diarios.

Hoje vamos relatar mais um:

Segunda-feira passada o SU 21 sahio da Central ás 7,20 da manhã e ao chegar á Mangueira o tubo de pressão da machina rebentou queimando as mãos do machinista.

Ficou o trem na estação á espera de uma outra machina que o conduzisse, e foi dado aviso ás estações antecedentes, pois o trem estava na linha 1 e o MS 3 devia subir por essa linha, partindo ás 7,35.

Com effeito, o MS 3 passou por S. Diogo onde não lhe foi feito signal algum, e por S. Christovão, onde o machinista, segundo disse, não vio o signal por causa do nevoeiro que fazia.

Ao chegar á Mangueira, com grande velocidade, o machinista vio o SU 21, deu o contra-vapor, apitou, mas já não havia tempo; o MS 3 foi em cheio sobre os ultimos carros do SU 21.

O ultimo carro deste ficou em pedaços, o tecto abateu e nem os bancos se puderam salvar. O penultimo tambem ficou quasi todo inutilisado.

Poucos passageiros levavam esses carros e alguns estavam na plataforma esperando que viesse a machina pedida.

Felizmente não houve morte a lamentar. Apenas ficaram feridos os passageiros DD. Maria da Conceição Brito e Sebastiana Pereira e os Srs. Pereira dos Santos, Soares Santiago e capitão Neuma.

Só ás 10 horas chegou o trem de soccorro e o trafego só se restabeleceu ás 2 da tarde!

Francamente, não sabemos para que serve o complicadissimo systema de signaes da Central: cabinas telegraphicas, taboletas, sinetas, lanternas, bandeiras, telephonos, o diabo, até o insupportavel sibilo de vapor que só presta para nos incommodar!

N'uma destas occasiões não basta um só signal de bandeira que póde não ser visto; é preciso signaes que se imponham á attenção do machinista.

Cremos que seria de mais utilidade menos systemas de signaes e... mais cuidado e apreço á vida dos passageiros.

Y.

CHINOISERIES

Este caso da Trindade
dá-me muito que pensar!
E' melindroso em verdade
este caso da Trindade
John Bull esta terra invade
sem ao menos avisar.
Este caso da Trindade
dá-me muito que pensar.

Dos emprestimos, de sobra
já temos para remir,
querem ver que elle se cobra
dos emprestimos? De sobra
rasões ha para tal obra
receiar e prevenir.
Dos emprestimos, de sobra
já temos para remir.

John Bull é bicho calado,
de concha, e sabe-as fazer!
vai entrando com cuidado...
John Bull, é bicho calado!
Inventou protectorado
que não é para inglez ver!
John Bull é bicho calado,
de concha, e sabe-as fazer!

Da Trindade é bem provavel
que passe á ilha das Flores,
não fica no clima instavel
da Trindade, é bem provavel.
Achando mais habitavel
este Rio e seus verdores,
da Trindade é bem provavel
que passe á ilha das Flores.

Melões, Paquetá, dos Ratos,
todas que a bahia encerra,
d'Agua, do Engenho, dos Patos,
Melões, Paquetá, dos Ratos,
e, apoz tantos desbaratos,
John Bull acclima-se em terra!
Melões, Paquetá, dos Ratos,
todas que a bahia encerra!

Segura a Alfandega e logo
passa as unhas na Central;
por astuto e fino jogo
segura a Alfandega, e logo
de Inhauma a Botafogo
domina tudo, afinal.
Segura a Alfandega e logo
passa as unhas na Central.

Esta celeuma, que cresce
é receio e nada mais;
mal fundada me parece
esta celeuma, que cresce.
Só quer (ao cambio, que desce)
juros dos seus capitaes;
Esta celeuma que cresce
é receio e nada mais.

LU-NO.

OS QUE PASSAM

CONSELHEIRO SARAIVA

Falleceu no dia 21 do corrente, na Bahia, o conselheiro José Antonio Saraiva.

Ninguem ha que se não recorde do papel importante que o fallecido desempenhou na politica no tempo do imperio, como prestigioso chefe liberal; sua intelligencia culta e sua probidade de homem público foram aproveitadas nas situações mais difficeis da monarchia.

Quando mais fortes se tornaram as divergencias que motivaram a guerra do Paraguay, foi o conselheiro Saraiva encarregado da missão diplomatica no rio da Prata, missão da qual resultou o bom exito da triplice alliança.

Logo depois foi ministro e presidente do conselho e d'ahi por diante fez parte de varios ministerios sempre com verdadeiro tino administrativo e superioridade de vistas.

Chamado para organisar gabinete quasi ao expirar da monarchia, o conselheiro Saraiva, que tinha comprehendido que o throno ia-se desmoronando e a Republica approximava-se a largos passos, expoz com toda a franqueza as suas idéas e previsões ao ex-imperador, e declinou da honra que este lhe queria conferir.

Proclamada a Republica, ainda o conselheiro Saraiva offereceu ao novo regimen o auxilio do seu esforço, mas a sua saude alterada não lhe permittio fazer mais.

Eleito membro á Constituinte retirou-se logo apoz para a Bahia onde acaba de fallecer.

A sua vida foi uma dedicação e um exemplo.

O congresso, ao ter conhecimento da morte do illustre estadista, suspendeu a sua sessão em signal de pezar.

STAMBOULOFF

Foi assassinado, na Bulgaria, de um modo barbaro, o ex-primeiro ministro Stambouloff. Dizem os ultimos telegrammas de Sophia que o crime é attribuido a inimigos pessoaes do ex-ministro e não a odios politicos, mas esta versão é difficil de ser acreditada, pois ainda está viva na memoria de todos a lembrança da politica sanguinaria e terrivel de Stambouloff, que, quando

ministro perseguio atrozmente os seus adversarios politicos, fazendo morrer muitos em crueis torturas.

Eis um resultado do odio politico, desse flagello que separa irmãos e amigos, que nós, que o desconheciamos até hoje, temos presentemente, e que os inimigos da paz e da ordem ainda procuram tornar mais violento.

Contemplemo-nos neste exemplo!

Y.

THEATROS

LYRICO

Deste theatro retirou-se a companhia Japoneza sendo substituida pela companhia do emprezario D. Valentim Garrido, que trouxe uma notabilidade: o actor comico Frégoli.

Este actor é realmente um habilidoso sui-generis.

E' dotado de prodigiosa facilidade em mudar a voz com grande rapidez, cantando como tenor, barytono, baixo, soprano e contralto.

Não é um homem, é uma companhia lyrica, cremos até que com coros, orchestra e tudo.

Faz 7 e 8 papeis em uma mesma peça mudando tambem rapidamente o typo scenico.

A companhia que com elle veio, representa pequenas zarzuelas em 1 e 2 actos com regular desempenho.

LUCINDA

A companhia do Souza Bastos leva actualmente a Fada do Amor e prepara a revista *Sal e Pimenta*.

APOLLO

Realisou-se neste theatro a festa artistica do sympathico maestro Cyriaco de Cardoso, com o Solar dos Barrigas, bem desempenhado pela companhia Taveira.

O beneficiado foi alvo de continuos applausos e outras manifestações de apreço ao seu bello talento, justamente admirado.

RECREIO

A companhia do correcto actor Dias Braga continua a dar-nos os seus dramas. E' o unico emprezario que ainda se lembra de mimosear-nos com dramas, e comedias serias, o que merece grande elogio. Si mais não faz é porque o publico não o ajuda, esse publico que deixa o theatro vasio quando levam-se dramas como *O Gran Galeoto* e *No seio da morte* ou comedias como *Sganarello*, e vai encher os theatros de operetas e magicas!

Continue o Braga; não desanime, pois isto ha de melhorar.

EDEN

A companhia da Pepa volta a levar o *Tim tim* e prepara *Os granadeiros*.

NACIONAL?

A *filha do Sr. Chrispim* continua a passear garbosa no palco deste theatro.

A opereta não é má, a companhia é mais que soffrivel e o theatro está bem reformado, Só implicamos com o nome; vejam si arranjam outro menos. . . compromettedor.

VARIEDADES

O Aquidaban fundeou de vez no palco do Variedades e parece que não quer levantar ferro.

Decididamente vai para centenario.

Y.

A NOSSA ESTANTE

Fomos obsequiados com:

Reminiscencias sobre vultos e factos do Imperio e da Republica, um bom estudo politico, pelo padre João Manoel, já bastante connhecido pelo seu merito litterario e critico.

A instrucção popular, orgão do Instituto Pedagogico Paulista, n. 1, contendo excellentes artigos sobre instrucção e uma boa noticia de F. Guimarães sobre os *Marmores*, de Francisca Julia da Silva.

O Hymno Escolar, pelo professor A. Velho da Silva, editado pela conhecida casa Vieira Machado & C.

Velho da Silva, além de distincto professor, é não menos distincto cultor da musica e o seu hymno vejo mostrar mais uma vez quanto vale o talento artistico do seu auctor, a quem cumprimentamos.

Hortus Fluminensis, breve noticia sobre as plantas cultivadas no Jardim Botanico do Rio de Janeiro para servir de guia aos visitantes, pelo Dr. Barbosa Rodrigues.

Em boa hora lembrou-se o governo de nomear director do Jardim Botanico o Dr. Rodrigues. Este importante jardim, que pouca attenção antes merecia, transforma-se, melhora, progride, chega emfim a ter a importancia que merece graças aos cuidados intelligentes deste notavel naturalista, cuja vida tem sido inteiramente consagrada ao estudo.

O seu livro é um guia precioso, pois, além da nomenclatura das plantas scientificamente feita, contem dados historicos de grande valor.

O livro é illustrado com excellentes photographias representando varios lugares e plantas do jardim, a entrada, a rua das palmeiras, a casa do director, estufas, etc.

E' um utilissimo trabalho que mais recommenda o seu auctor.

A Cigarra — N. 12. Esplendida! Agradecemos a transcripção da 1ª pagina.

A pagina do centro traz uma bella allegoria — Brazil p'ra dois — John Bull e França.

A ultima trata da festa do Cyriaco de Cardoso. Parabens ao Julião Machado. O texto. . . digno do Olavo.

O Boletim Quinzenal da Estatistica Demographo Sanitaria ns. 10 e 11.

A Revue Medico—Chirurgicale du Brésil n. 6. Mais um bom numero da util publicação dirigida pelo Dr. Brissay.

O Cenaculo, 4.º fasciculo; boa revista litteraria do Paraná.

O Jornal Illustrado ns. 1 e 2.

O n. 1 traz os retratos de Saldanha da Gama e Floriano Peixoto, e o n. 2 os do Dr. André Cavalcanti e de Lopes Trovão. O texto é bem feito, e prende a attenção.

Do Turf Club, temos um amavel convite em delicado cartão para a corrida em 28 do corrente.

A casa Vieira Machado enviou-nos um exemplar do tango *Nené*, composição do distincto pianista Ernesto Nazareth.

Aurelio Cavalcanti, o talentoso artista que todos conhecem e admiram pelas composições musicaes que tem feito seu nome popular nos salões fluminenses, acaba de compor mais quatro peças editadas pela casa Bevilacqua. São ellas:

Formosa (shotlisch), Amenayde (polka) e duas walsas Soberana e Amavel. Agradecemos os exemplares com que fomos obsequiados e tomamos a liberdade de fazer uma observação ao Aurelio: *Ex digito, gigas*; as suas composições revelam um talento que póde subir além das polkas e walsas.

Porque não se atira a cousas mais sérias? A' romanza, aos *Caprices de concert* de genero hespanhol, por exemplo? Talento não lhe falta.

Os segredos de Cupido, pelo Sr. Geminiano Alves Barbosa—poema mixto de litteratura elementar, como o seu auctor o classifica.

Convites:

Da Associação B. M. ao Almirante Saldanha da Gama, para as exequias que, em intenção do finado almirante, fez celebrar no dia 24 do corrente na Matriz da Gloria.

Da commissão organisadora das homenagens funebres á memoria do almirante Saldanha da Gama para as exequias que fez celebrar no dia 24, na Cathedral.

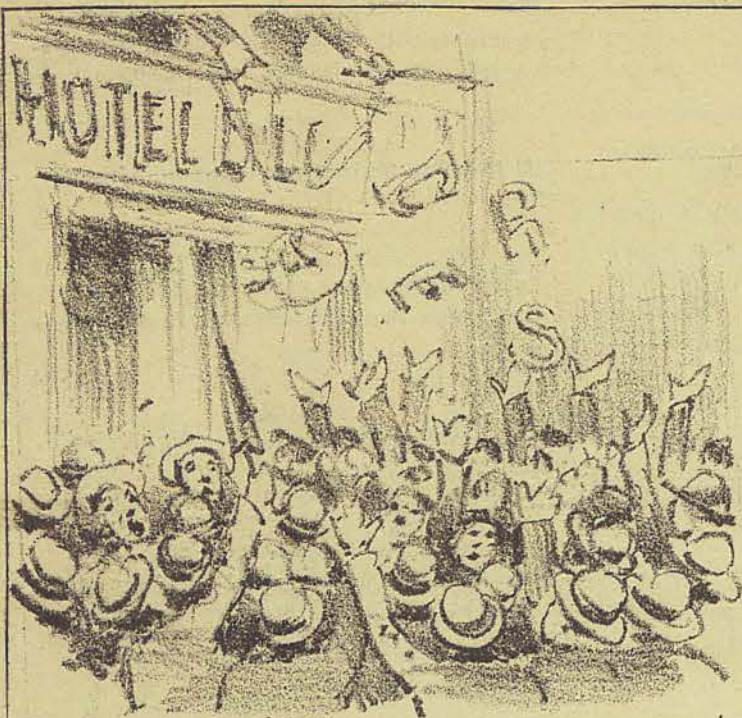
Para a matinée no Cassino Fluminense em beneficio das obras da Capella do Sagrado Coração de Jesus.

Do professor Santos Figueiró para a reunião effectuada á rua do Barão de S. Felix n. 160, para a fundação de um gremio litterario.

Do Gremio da Tijuca, para a 7ª partida em 27 do corrente.

Do sympathico actor José Ricardo recebemos o seu amavel cartão de visita acompanhando uma cadeira para a sua festa artistica.

Typ. L'Etoile du Sud, r. S. José 102

Exaltações patrioticas

Foi tal a exaltação que até o hotel de Londres soffreu pelo titulo!

— O que? Beef com batatas?! Sou por demais anti-britannico para comer beef!

Aviso
aos nossos freguezes

Neste hotel não se come nem beef, nem roastbeef, nem puddings nem cousa alguma que cheire a inglez.

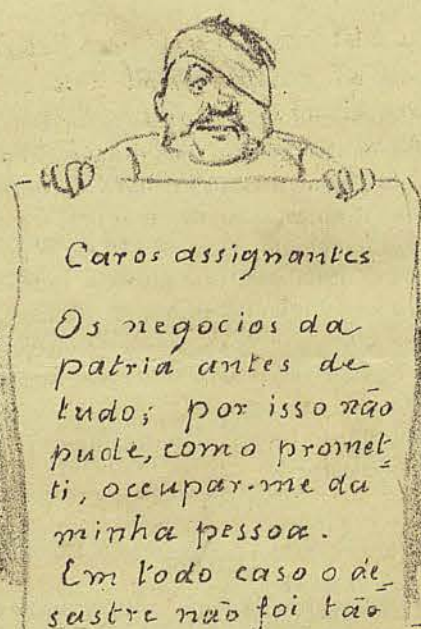
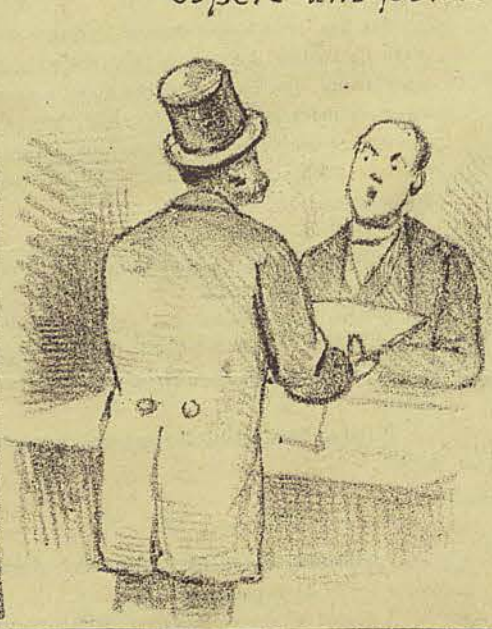
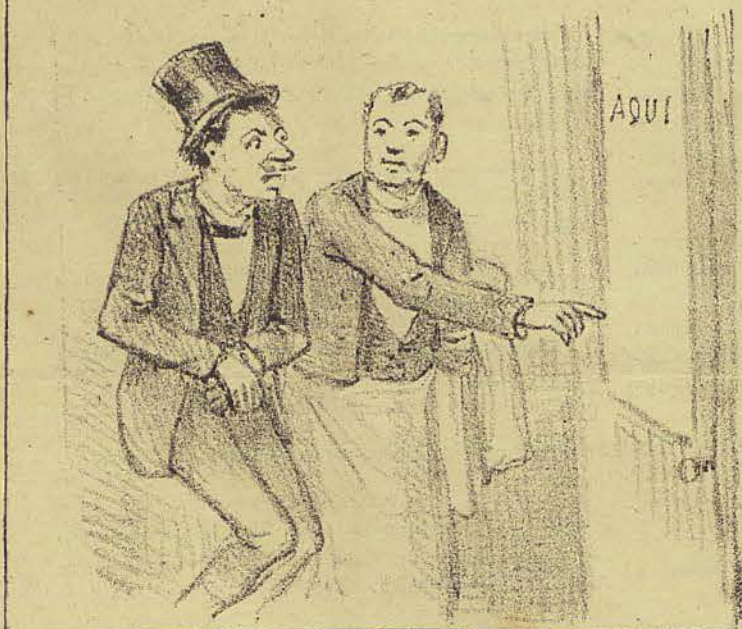
Os donos de hotel deliberaram por o cartaz acima, para evitar desacatos.

— Eu, usar mais botinas inglezas?!
Espere um pouco...

E um pacato cidadão apanhou uma d'ellas pelas ventas!

AQUI

— E é á ingleza.
— Á ingleza? Nunca!

O Sr. Katunda quer enviar telegramma á Trindade, pedindo ao povo que se conserve calmo.

Caros assignantes

Os negocios da patria antes de tudo; por isso não pude, como prometti, occupar-me da minha pessoa.
Em todo caso o desastre não foi tão grande como parecia pois que cá estou para cumprimental-os.

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 27

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini

OUVIDOR 109

(Frontespicio provisorio)

— A' graciosa e sympathica collega, que completou mais uma primavera; (20 annos!) manda o patrão estas flores, com os seus mais affectuosos cumprimentos.

(Comsigo) Com certeza as sogras vão achal-a favorecida.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno.......	24$000
Semestre.....	12$000	Semestre.....	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtêl-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura terminou no fim do mez passado, recommendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 3 de Agosto de 1895.

SEJAMOS PATRIOTAS

Ainda jaz no segredo dos gabinetes administrativos a mais importante questão do actual periodo politico, a mais necessaria para a consolidação da ordem e para a garantia das nossas liberdades e direitos: a pacificação do Rio Grande do Sul.

Existe actualmente no Sul um armisticio, e discutem-se no Itamaraty as bases da pacificação, por demais calma e demoradamente, como se não fosse da maior urgencia terminar quanto antes esta lucta fratricida que é uma continua ameaça para a integridade da nossa patria, como se já não bastasse ser a fonte de odios politicos e lamentaveis desgraças para todos os Brasileiros.

No momento actual, momento difficil para a nossa vida de nação, a persistencia de tal guerra é, além de tudo o mais, um crime contra os principios do patriotismo.

Quando a Inglaterra, sentindo-se forte pela desunião dos Brasileiros, tenta apoderar-se de um pedaço do nosso territorio, que, embora longe, no meio do oceano, é uma parte do nosso paiz, e representa um direito sagrado, não se comprehende que existam homens que levem a sua falta de patriotismo a desejar a continuação de tal guerra.

Quando a França, encorajada pela discordia politica da familia Brasileira, invade o territorio do Amapá, fuzilando sem piedade os seus habitantes, ainda demoram a solução definitiva deste grave problema social!

Pense o Sr. Presidente da Republica em tudo isto e cerre os ouvidos aos que, movidos pelo interesse pessoal e pela ambição, procuram pôr barreiras ao prompto advento da paz, que é uma aspiração nacional, pois é o mais ardente desejo de todos os bons Brazileiros, que estremecem de horror diante, não só das calamidades que, assolando o infeliz Estado do Rio Grande, d'elle irradiam para o paiz inteiro, mas tambem dos futuros males que serão consequencia inevitavel d'essa lucta intestina que nos aterrorisa.

Na presente quadra, quando a Republica Brazileira, ainda não consolidada, vio-se a braços com uma porfiada guerra que abalou as suas finanças, e a enfraqueceu, e precisa da calma necessaria para reparar os estragos occasionados por esse periodo lamentavel, e firmar os seus direitos e creditos perante as nações estrangeiras, deixar prolongar-se esta desgraçada guerra é attentar contra o futuro da Patria, e preparar o aniquilamento da nossa nacionalidade.

Quando uma nação, desunida por questões politicas, se vê ameaçada por um povo estrangeiro, o primeiro dever de seus filhos é, esquecendo os odios e desintelligencias que os separam, unidos em um mesmo sentimento diante do perigo commum, fortes pela força da mesma idéa, grandes pela grandeza da mesma crença, animados todos pela alma da mesma nacionalidade, fraternisarem para combater o estrangeiro que os ameaça, quer seja pelas armas, quer pela sustentação dos seus direitos no terreno das negociações diplomaticas.

Sejamos patriotas!

Diante das insolitas pretenções da Inglaterra, diante dos horrores commettidos no Amapá por marinheiros francezes, convençamo-nos de que, se isto fazem é porque escudam-se nesta desunião politica que nos enfraquece.

Façamos quanto antes a tão desejada paz do Rio Grande.

Por amor, ao menos, dos destinos futuros do Brazil, sejamos patriotas!

X.

ILHA DA TRINDADE

Ainda aguardamos a decisão desta importante questão por parte do governo britannico.

Apezar da boa vontade que dizem ter o governo inglez de reconhecer o incontestavel direito do Brazil á posse da ilha, circulam boatos que nos não são muito favoraveis.

O *Daile Chronical* affirma que até agora não foi tomada por lord Salisbury resolução alguma. Entretanto, não nos merecem inteiro credito taes noticias e cremos que o nosso governo não ha de deixar prolongar-se por muito tempo sem resolução esta importantissima pendencia, cujo resultado final o povo espera anciosamente, embora calmo, pois confia no criterio do Sr. Presidente da Republica, que não deixará de sustentar com toda a energia os seus direitos.

A CENTRAL

Continuam os desastres a por em sobresalto os passageiros desta malsinada estrada!

Só nesta semana quantos se deram! Vejam e... admirem.

No domingo, o trem C 2 descarrillou na 1ª secção ficando cinco carros inutilisados.

Na segunda-feira o S M 39 matou um cidadão em S. Diego.

No mesmo dia o M 3 e o C 5 chocaram-se em Queimados e lá se foram mais alguns carros.

A' noite o M 8 abalroou com uma machina em Cascadura!

Realmente, isto até chega a parecer proposital!

Si não é possivel melhorar este pessimo serviço, arrende o governo a Estrada e talvez assim seja melhor.

Os passageiros é que não podem ter a vida constantemente em perigo.

O RECUO

Entrou esta semana em 3ª discussão o projecto para construcções, no Conselho Municipal.

O projecto tem um só artigo que é o seguinte:

« As licenças para construcções em qualquer das zonas do Districto Federal serão dadas sem a exigencia do recuo. »

Comprehende-se que é difficil applicar o recuo a certas ruas da cidade, já construidas, mesmo porque a Municipalidade, que deixa os seus empregados dois mezes sem ordenados, não póde indemnizar proprietarios, mas, nas partes da cidade que ainda estão em principio ou por construir, porque dispensar o recuo? Para cada um construir como quizer não precisamos ter Conselho Municipal, só se fôr para mandar derrubar arvores que prestam incontestavel serviço á hygiene e commodidade publicas.

Quando serão tratados com seriedade os interesses d'este povo?

SENADOR RUY BARBOSA

Chegou segunda-feira, a bordo do *Magdalena*, este distincto brasileiro, restituido emfim á Patria, apoz tanto tempo de ausencia.

Grande multidão de povo, amigos e admiradores do illustre senador o esperavam no caes Pharoux, e ás duas horas d'alli partiram duas barcas e mais de 20 lanchas cheias de pessoas que ião receber, á entrada da barra, o notavel jornalista e politico.

O paquete inglez fundeou ás 3 e meia, e logo ficou cheio pelo povo, ancioso de ver e saudar o Dr. Ruy. Este apresentou-se então sendo enthusiasticamente saudado.

Ao desembarcar S. Ex. e sua Exma. familia, vivas estrepitosos romperam da multidão

que acompanhou o Dr. Ruy pela rua do Ouvidor, de onde seguio para sua residencia.

Acompanharam o carro de S. Ex. 62 carros até á rua de S. Clemente, onde reside.

Ao chegar á casa, foi recebido festivamente por grande numero de senhoras que o cobrirão de flores.

Foi uma justa consagração ao talento do abalisado escriptor e jornalista que, tantas vezes, na imprensa e na tribuna, soube attrahir a admiração e a sympathia de quantos ouviram a sua palavra eloquente ou leram os seus admiraveis artigos.

CHINOISERIES

O Fregoli

Só nos faltava ver Frégoli,
com rapidez assombrosa,
ante a platéa curiosa
fazer oito e dez papeis,
transformar, em um relampago,
rosto, voz e vestuario,
de modo extraordinario
inverter da scena as leis!

Neste estranho fim de seculo
já nada mais nos admira;
mais vale quem mais se atira
a inverter o natural.
Homens em papeis femineos,
que p'ra soprano a voz domem,
mulheres fazendo de homem,
isto é que é arte, afinal.

Desgraçada arte dramatica,
tú que és de um povo a medida
que mostra, bem definida,
sua civilisação,
a que estado reduziram-te
o povo e... quem d'elle vive,
já não força que active
tua regeneração!

Porém tudo nesta épocha
quo é de mental anarchia,
se confunde, se atrophia,
em decadencia cruel!
Tudo é pasto ao riso, á satyra,
e a geração de hoje em dia
morre aos poucos; a agonia
é de riso uma Babel!

Si nós temos, na politica,
na imprensa, na industria, ou arte,
nas letras, em toda a parte,
cada Frégoli... sem par,
a ti, sec'lo tão excentrico
que ao pasmo assim nos induzes,
de Frégoli, e não das luzes
te deveremos chamar.

Frégoli é agora um symbolo;
crenças, razões, pensamentos,
opiniões, sentimentos,
frégolisam-se, a valer!
Já que assim o quer o typico
sec'lo —qu'inda dizem *novo—frégolisemo-nos*, povo,
não temos mais que fazer!

CORONEL LYRIO

Amigos e admiradores deste distinctissimo official, delegado da 4ª circumscripção urbana, foram no dia 29 do passado, render-lhe justa manifestação de apreço, aproveitando ser este dia o anniversario de Mlle. Maria Lyrio, sua gentil filha.

A's 8 horas da noite partiram em bonds especiaes para a residencia do digno official, onde offereceram-lhe diversos mimos de valor bem como á sua Exma. filha, fallando nesta occasião o Sr. major Figueiredo, o Dr. Monteiro Lopes e José do Patrocinio.

Representantes de quasi todos os principaes jornaes achavam-se presentes a esta festa intima, bem como cavalheiros e senhoras da nossa melhor sociedade.

Após esta espontanea e justa consagração aos meritos d'este official, cuja brilhante carreira tem sido uma serie de relevantes serviços á Patria, seguio-se animada *soirée*, retirando-se, após, todos penhorados pelas attenções com que foram recebidos.

Lettras e Arte

Subsidios para a moderna sciencia do direito por Samuel Martins.

Entre os cultores da sciencia juridica, tal como hoje a devemos comprehender, desprendida de velhos preconceitos e normas absurdas, triste legado do acanhado e improficuo espiritualismo metaphysico, é justo seja reservado um lugar distincto ao intelligente e operoso auctor do livro acima.

O Sr. Samuel Martins é incontestavelmente um espirito adiantado, ao corrente das novas ideas, que, partindo da Italia com Lombroso, Garofalo e outros, e da Allemanha com Ihering, Heckel e alguns mais, têm rasgado o veu de erros e dogmas scientificos que encobriam o verdadeiro caminho a seguir no estudo das questões tão necessarias do Direito.

O seu livro é um estudo synthetico das questões fundamentaes da origem e fins do Direito.

Estamos de perfeito accordo quanto ás origens do Direito, como as comprehende o auctor, não como um desenvolvimento espontaneo das tendencias dos povos, mas como um tratado de paz entre forças antagonicas. No capitulo, porém, em que o auctor se refere ás *penas*, não estamos de accordo.

Diz elle, á pag. 53:

« A pena, quer se considere na accepção juridica, como uma *defesa*, como uma *emenda*, quer na accepção social como uma *força*, não deixa de ter o caracter de um factor *estatico* da sociedade humana. »

Um factor *estatico* é immutavel, e isso não pode ser verdade quanto á *pena*, que é um resultado da imperfeição da organisação social e cuja necessidade diminue á proporção que o *meio* se aperfeiçóa pela educação e moralidade.

A pena como emenda, como correctivo, já sabemos quanto vale: nos paizes onde ella é mais barbaramente applicada a criminalidade é maior, com excepção da China, isto devido á pureza de costumes do seu povo.

Uma sociedade que acceita o livre arbitrio, que nega a força impulsiva dos motivos, não pode empregar a pena como força impulsiva para futura *emenda*. A pena é uma necessidade, sim, mas devida á defficiencia de cultivo da sociedade, é um factor que desapparecerá. Quando? Não o sabemos; mas as conquistas d'este seculo nos fazem prever essa aurora.

O pequeno espaço não nos permitte mais longas observações.

O livro é magnifico como estudo e é sinceramente que cumprimentamos o seu distincto auctor.

O *Uruguay, poema de José Basilio da Gama, edição do centenario do grande épico— Casa Alves & Compª.*

O que é o extraordinario poema de Basilio da Gama não é necessario dizermos, nem este é de certo o lugar para um estudo sobre esta immortal obra.

O poema ahi se acha cuidadosamente revisto e seguido de notas explicativas.

Precede-o um estudo critico de Francisco Pacheco sobre o auctor, em que estuda o desenvolvimento da nossa litteratura nas diversas phases de sua existencia, e os poetas anteriores e contemporaneos de José Basilio.

A casa Alves, editando esta obra-prima em magnifica brochura, illustrada com o retrato do auctor, acaba de prestar um grande serviço ás lettras brazileiras, e a todos os que prezam os grandes mestes que não têm passado nem futuro, mas apenas, em todas as epochas, um *presente* de glorificações e homenagens, como o auctor do Uruguay, que teve a visão justa de toda a gloria que o esperava, quando escreveu os propheticos versos do final do seu poema:

Serás lido, Uruguay. Cubra meus olhos
Embora um dia a escura noite eterna,
Tu vive e goza luz serena e pura.

E esta luz de que falla ha-de irradiar atravez dos seculos.

L. N.

A « GAZETA DE NOTICIAS »

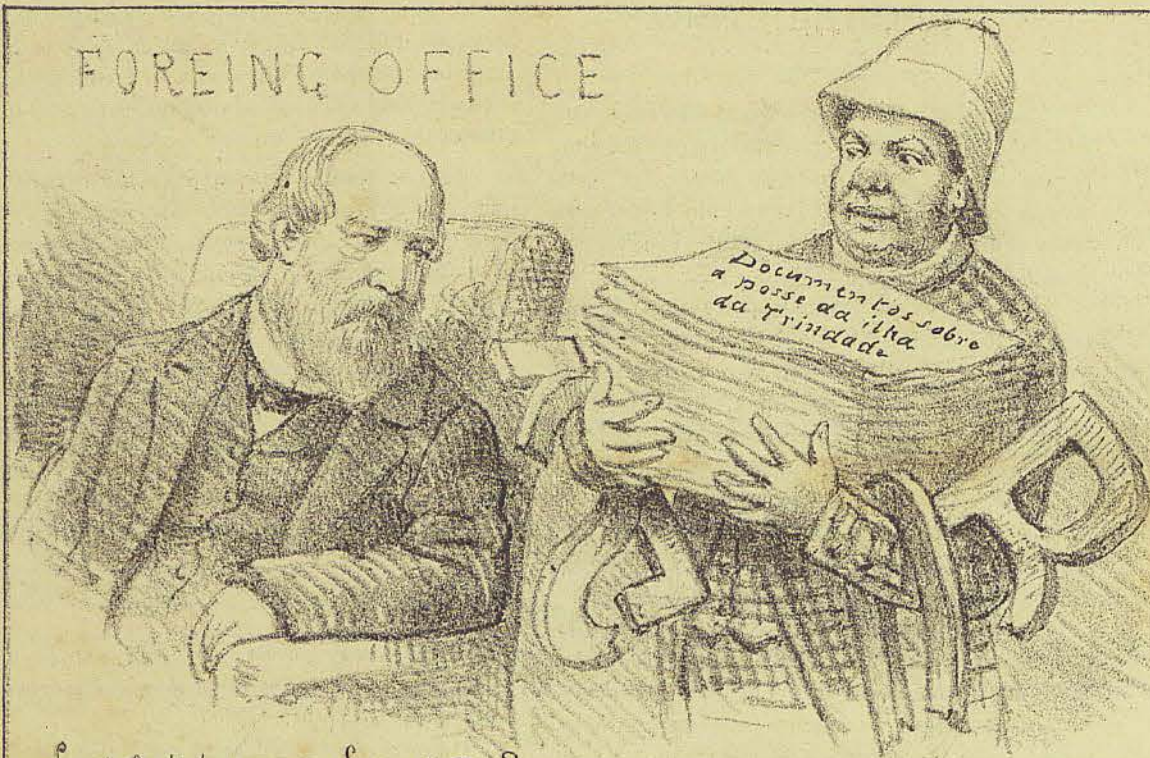
Completou hontem 20 annos de existencia essa nossa sympathica collega, que, nascendo modestamente, tem sabido impor-se pelo talento e pelo espirito. A' proporção que avançava em annos mais conquistava as boas graças do publico, e, em pouco tempo, alcançava no jornalismo o lugar de honra ao qual lhe davam incontestavel direito os esforços e meritos dos seus redactores.

Saudando a collega por tão fausta data, desejamos que o seu futuro seja, se é possivel, ainda mais prospero.

Y.

Por causa da ilha da Trindade

FOREING OFFICE

Documentos sobre a posse da ilha da Trindade

Satisfacção á Inglaterra
Salvas á bandeira ingleza
Indemnisações sobre propriedade de inglezes destruidas
Media £ 5.000.000

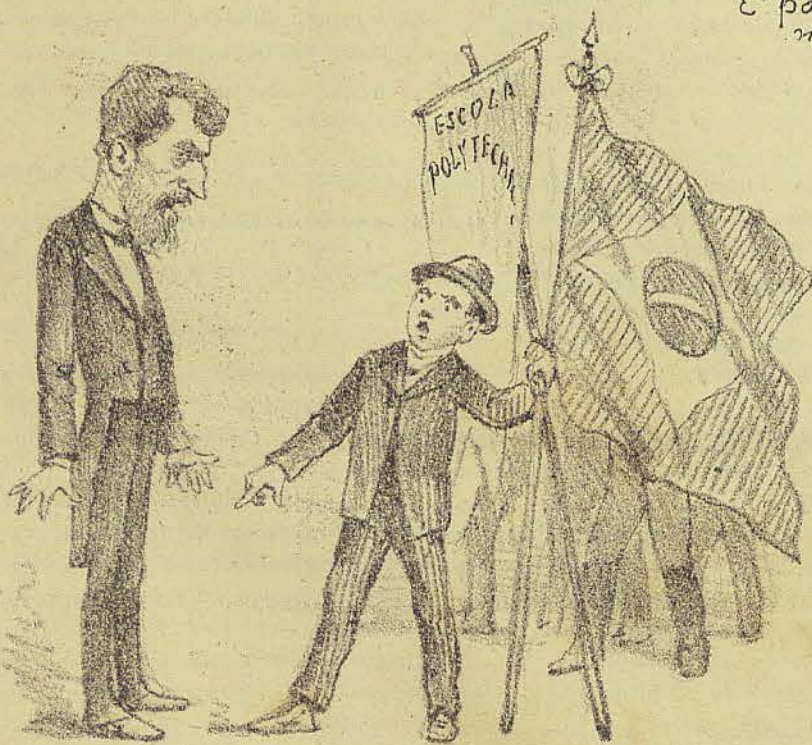
Inglezes feridos
Cada um 50.000 £
idem mortos 200.000 £
Emblemas de consulados inutilisados, cada um 50 mil £. De legação 200 mil £
Bandeiras inglezas £ 20000
Garantias: Estr de ferro e Alfandega.

Lord Salisbury. — E então?
John Bull. — Não pegaram as bixas: só quebraram algumas lettras do hotel de Londres, mas tambem arrumaram-me toda esta papelada
Lord Salibusry — Nem sempre ficarão tão calmos. Será para outra vez.

Entretanto, terrivel lista ja estava preparada. Do que escapamos nós!

INDIGNAÇÃO PATRIOTICA

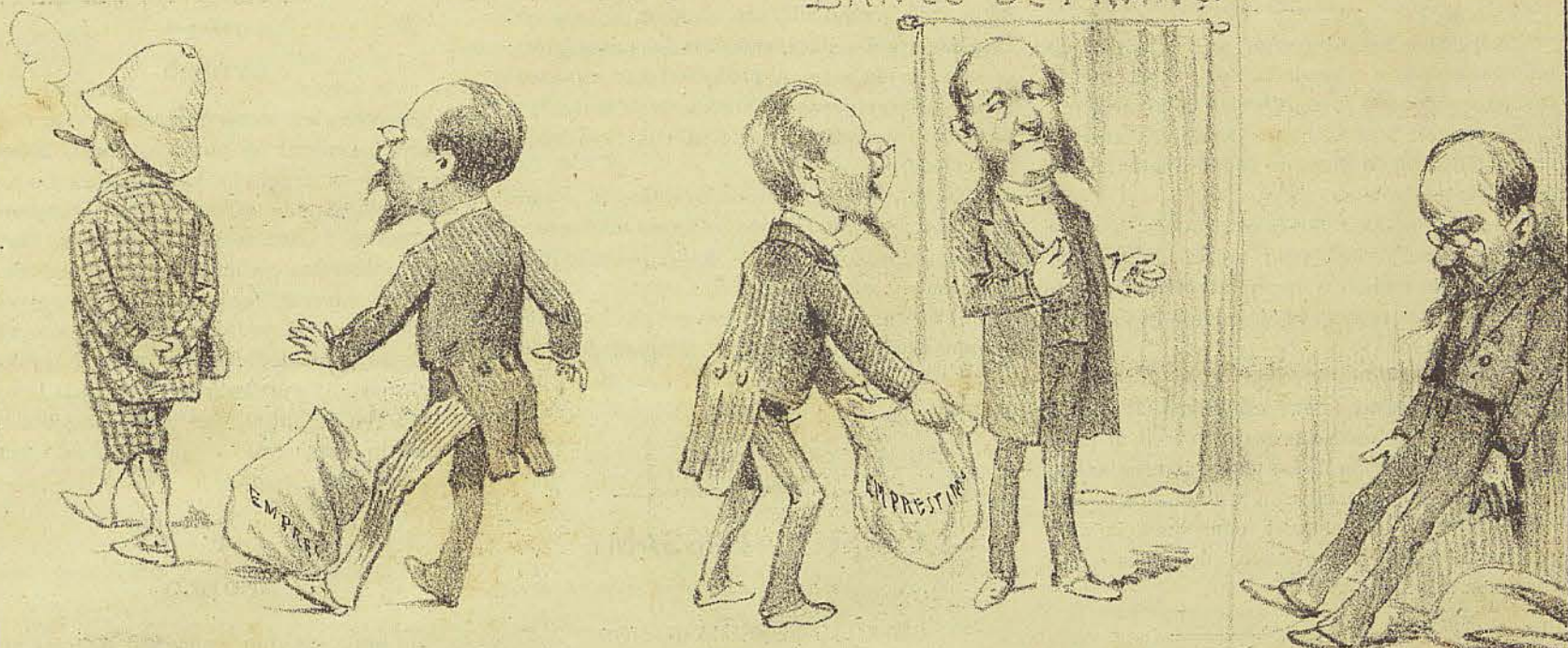
O negocio de um cabo transatlantico, que na ilha puzeram, os fará voltar para ella, o que lhes permittirá ver em que param as modas.
E' possivel que todo o Brazil se transforme então n'um volcão!

ESCOLA POLYTECHN

EMPRESTIMO

Os alumnos da Escola Polytechnica, sempre levados do mais ardente patriotismo, exigirão, d'esta vez que o governo declare a guerra.

E como não se faz guerra sem dinheiro, o Sr Rodrigues Alves tratará, incontinenti, de contrahir novo emprestimo.
— Oh! Mim empresta dinheira para você faz guerra... a mim! Good by!

(continua na pagina seguinte)

Por causa da ilha da Trindade.

Ao ver John Bull virar as costas, o ministro da Fazenda, embatucando, comprehenderá...
Na verdade!...

Não desanimando, dirigir-se-ha a outro
— De l'argent? pour fazer guerre a inglez?! Pas possible.
E o nosso negocio do Amapá?...

Desta vez o pobre ministro cahirá em si, comprehendendo a gravidade da situação!

Não se sabe se os mais membros do governo cahirão tambem em si, mas o que é provavel é que cahirão uns sobre os outros, culpando-se mutuamente de tão bella politica internacional!

O Sr. Prudente de Moraes deitará então energia:
Vocês não passam de uns doidos: O diabo que os ature! Vou-me embora.

Retirando-se S. Ex. o Itamaraty será tomado de assalto.
A' unha o Itamaraty! gritarão os jacobinos.

E como ha 349 candidatos á cadeira da Presidencia, é facil imaginar o sarilho!

— Senhor! Dae juizo a quem nos governa!

UMA VICTIMA

Durante a sanguinolenta guerra civil que enlutou a Patria Brazileira foi barbaramente fusilado o cidadão José Ferreira de Moura, um dos companheiros do Barão do Serro Azul, no lugar denominado Pico do Diabo, onde ha um fundo despenhadeiro.

Uma filha do referido Sr. Moura, joven e formosa, desesperada pela morte de seu pai, não podendo resistir á dôr que a pungia, resolveu morrer no mesmo lugar onde fôra fusilado seu progenitor.

Para isso, illudindo a vigilancia da familia, tomou um trem de lastro em Curityba, e, ao passar pelo dito lugar, atirou-se do trem ao precipicio, pondo termo á sua vida e ás cruciantes maguas que lhe dilaceravam a alma.

Mais uma lamentavel consequencia das guerras civis e do odio politico, que atraza e envergonha a humanidade!

INDUSTRIA E VIAÇÃO

Recebemos do Sr. Dr. Antonio Olyntho, illustre ministro da industria, viação e obras publicas, o relatorio apresentado por S. Ex. ao Presidente da Republica em maio do corrente anno.

Acompanhava o grosso volume um attencioso cartão de S. Ex. offerecendo a esta redacção o exemplar.

Por este extenso e bem elaborado relatorio vimos quão urgente é a necessidade da adopção de reformas no sentido de melhorar as nosss vias de transporte e obras publicas, e como a industria precisa ser seriamente tratada.

Estas reformas, porém, demandam a calma e reflexão que só podem nascer da paz, e esta politica que a impede é a peior das calamidades que nos assoberbam.

No util e consciencioso estudo do Dr. Olyntho estão bem indicadas estas reformas, principalmente quanto ás nossas vias ferreas, que, como ahi bem se vê, só tem dado prejuizos aos nossos governos.

Estamos de accordo com a opinião do illustre ministro quando diz, á pag. 108 do seu relatorio:

« Do que ahi fica exposto, temos a confirmação cabal de que o systema de construcção e custeio das obras publicas pelo Governo é em geral anti-economico, muitas vezes improficuo, e quasi sempre na pratica funesto em suas consequencias.

A execução e custeio de taes obras pelo Governo tem, por via de regra, provocado funestos e desastrosos resultados, acarretando enormes onus e sacrificios, matando o espirito de iniciativa, creando a indifferença nacional e a falsa idéa de que tudo devemos esperar do poder publico, a quem compete satisfazer todas as necessidades.»

Soffra embora o nosso amor proprio nacional: se as estrodas de ferro, principalmente a Central, dão prejuizos ao Governo, e não satisfazem as necessidades publicas, funccionando com material estragado, sem regularidade, sem commodidade alguma e sem garantias para a segurança e vida dos passageiros, é, sem duvida alguma, preferivel que sejam arrendadas a emprezas particulares de individuos da maior competencia profissional, fiscalisados pelo Governo.

Emfim, pelo que vimos, o relatorio é bem elaborado. Sómente não comprehendemos o alcance de uns mappas de defficit e saldo, com rodellas pintadas a cores.

Seria caso para pedirmos a S. Ex. que nos mandasse o auctor dos taes mappas para explicar-nos a sua significação, que não entendemos.

Y.

OS QUE PASSAM

GENERAL FONSECA RAMOS

Falleceu no dia 30, este distincto official do nosso exercito, que, depois de reformado no posto de major, apoz uma brilhante carreira, cheia de serviços, foi de novo chamado para reorganisar o corpo de policia de Nitheroy. Alli se achava quando começou a revolta de 6 de Setembro e nessa lucta deu elle provas de grande dedicação e coragem, organisando a defeza desta cidade com grande pericia e previdencia. Foi por esse tempo elevado ao posto de General de brigada honorario.

No combate de 9 de Fevereiro, contribuio poderosamente com seu esforço e valor para a victoria do governo.

E' mais um bom servidor da Republica que se some no silencio da morte!

DÉLIA

Falleceu nesta Capital a Exma. Sra. D. Maria Bernardina Bormann, que, com o pseudonymo — Délia — escreveu varios romances entre os quaes avulta pelo seu valor litterario o livro intitulado: Celeste.

Admira-nos que a imprensa tivesse deixado passar em silencio a morte desta escriptora que tinha incontestavel talento; apenas a *Gazeta* consagrou-lhe algumas linhas e um outro collega da manhã referio-se ligeiramente ao seu passamento, como o faz a qualquer pessoa.

Mas isso é natural; neste paiz as reputações que menos duram são as do talento, pois são as que mais depressa se esquecem.

Ainda nos lembramos do silencio que envolveu os nomes de Ornellas, Julio de Lemos e outros.

Nós, porém, que não pensamos assim, e temos sempre uma saudade para o talento que desapparece da terra, saudade tanto mais funda quanto mais esquecido é elle, aqui deixamos a nossa sobre o tumulo onde foi esconder-se a mocidade e o talento da auctora da Celeste!

Y.

THEATROS

LYRICO

O excentrico actor Leopoldo Fregoli continua a assombrar o publico com as transformações e as suas vozes em todos os t ns. Levou esta semana uma novidade interessante: a opera em 1 acto e varios quadros *Dorotéa* de cujo libretto é auctor, sendo a musica de Jacopeti. Fregoli faz a opera só, desempenhando os papeis de Dorotéa, Sempronio, Caio, Tisio, um creado e... o prologo e o epilogo.

Ora esta!! Só nos faltava ver um Protheu de tal força...Emfim, nesta epocha de cousas extraordinarias, tudo é possivel, até trabalhar...por electricidade!

APOLLO

Foi um verdadeiro successo a festa artistica do sympathico actor José Ricardo. A operetta escolhida foi a boa composição de R. Planquette: *Os sinos de Corneville.*

José Ricardo fez o tio Gaspar quasi nada deixando a desejar. Parecia-nos ver o chorado Guilherme de Aguiar na celebre scena do 2° acto. José Ricardo comprehendeu bem o papel, entretanto, permitta-nos uma observação: Para que dar a queda de costas duas vezes como fez? Não acha que a primeira queda prejudica o effeito da segunda? Sobre isto seja-me licito manifestar a minha opinião:

Estas quedas em cheio só devem ser dadas quando o panno cahe apoz a queda. Cahir em cheio, para depois erguer-se e dizer ainda, é cousa perigosissima e que quasi nunca escapa ao ridiculo. Entretanto isto é defeito commum dos nossos artistas, que sacrificam muitas vezes uma bella situação ao effeito banal das quedas.

Salvo esse pequeno senão, o correcto actor agradou-nos extraordinariamente e as palmas, as ovações de que foi alvo, foram justa consagração ao seu merito.

O actor Sá tambem nos agradou na parte de Nicolau, e, apezar de luctar com difficuldades vocaes da alta parte de tenor, cantou a contento a bacarolla do 1° acto. O barytono Corrêa representou regularmente o sympathico typo de Marquez de Corneville e lutando contra a difficuldade de achar-se desgraciosamente vestido de preto, e com um impossivel chaile sobre o hombro, em vez do gracioso manto de que tão bem se servia o Pollero.

Na parte cantante nos satisfez plenamente na *aria das armaduras* do 2° acto. Na waisa do 1° tambem não foi mal, apezar de ter alterado algumas phrases musicaes para evitar os agudos. Gaspar fez um baillio muito discreto e os outros artistas portaram-se bem. Thereza Mattos fez uma boa Rosalina, apezar de lutar com a parte musical um tanto alta para a sua voz e Aurelia dos Santos foi uma excellente Germana. Um collega da manhã achou que ella se tinha vestido mal. Discordamos. Foi a que melhor apresentou-se no seu typo de camponeza. Cyriaco soube tirar da orchestra

o melhor partido possivel, com o seu criterio de eximio maestro.

Coros—regulares. José Ricardo foi muito festejado e saudado no seu camarim que se achava adornado com esmero, e recebeu muitos mimos. A sua festa foi mais um successo para a companhia Taveira. A enchente era enorme, e vem a proposito notar o procedimento insolito de alguns insolentes, que, propositalmente, quasi impossibilitavam a entrada para as cadeiras nos intervallos, comprimindo as pessoas que ahi passavam, mas...ha gente para tudo.

Foi mais á scena esta semana a operetta *O Reino das Mulheres* em beneficio da distincta actriz Emilia Eduarda.

EDEN

A companhia deste theatro continúa a levar o *Armario do Diabo* e ensaia os *Granadeiros*.

PHENIX (HOJE NACIONAL)

O Surcouf volta a fundear no nosso porto theatral. Pela distribuição desta operetta podemos augurar um successo, e que ficará por muito tempo em scena. Estréa nella a distincta artista Maria Borgarino.

RECREIO

A companhia do Dias Braga continúa a dar-nos o *Remorso Vivo* e prepara os dramas *D. Sebastião*, boa peça de L. Gualtieri e A. Scalvini, e o *Crime do Somno*.

LUCINDA

Está em ensaios neste theatro a revista de Souza Bastos—*Sal e Pimenta* que, acreditamos, dará boas *casas* á companhia do theatro da Trindade de Lisboa.

VARIEDADES

O *Aquidaban* continua ancorado no palco deste theatro. Dizem que vai levantar ferro vindo a occupar o seu lugar a operetta do distincto comediographo Dr. Augusto de Castro, *Paquita*, mas cremos que depois desta, elle voltará, pois cahio em graça, o que é melhor que ser engraçado—Mas a revista reune as duas qualidades—pois tem graça a valer.

Quem está contente é de certo o Dr. Assis Pacheco, que não ficou...a ver navios.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos :

O archivo do districto federal, n. 8.

Esta notavel publicação é de grande importancia para o estudo da historia da nossa cidade, e ha muito que se fazia sentir a necessidade de uma collecção ordenada de documentos.

Além de varias cartas, autos e outros documentos officiaes, o presente numero traz um bello estudo *A cadeia do Aljube* do Dr. Mello Moraes Filho, escripto com grande verdade historica e com o estylo levantado e terso que recommenda o seu illustre autor, incançavel investigador de cousas nacionaes.

De Sr. Esdra Loda, de Campinas a participação da abertura de uma officina para concertar e afinar pianos propriedade do mesmo Sr. que ha muito tempo trabalha nesta especialidade. A casa denomina-se—*Carlos Gomes*.

O n. 1, do Guia Indispensavel, util publicação do Sr. Mendes da Silva.

Estatutos do asylo Furquim na cidade de Vassouras sob a direcção das irmãs da congregação de N. S. do Amparo.

Appellação Commercial dos ex-directores da Companhia de Materiaes e Melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro pelo advogado F. W. da Silva e Almeida.

Artigos, publicados no *Jornal do Commercio* a proposito do inquerito policial requerido pelo engenheiro Libanio Lima contra os ex-directores da Companhia de Materiaes pelo advogado F. W. da Silva e Almeida.

Jornaes :

A Estação' n. 14 do XXIV anno. O que havemos de dizer mais d'esta querida publicação ? Vamos pensar, para arranjarmos mais adjectivos : os que tinhamos já se esgotaram.

Da casa V. Fernandes & C., acreditado emporio dos productos agricolas da sua colonia em S. Paulo, recebemos o n. 1361, anno XXVI do interessante jornal escripto em dialecto catalão : *La campana de Graeia*, um excellente periodico illustrado semanal cujo presente numero traz na 1ª pagina o retrato do *ploral republich* D. Manoel Ruiz Zorrilla, e nas outras illustrações locaes artisticamente desenhadas. O texto é interessante e espirituoso. Um bôm semanario.

O Boletim do Club Naval contendo excellentes artigos sobre a arte naval, de agradavel e instructiva leitura.

Convites :

Do Club Symphonico, para o 9º concerto em 30 do corrente ; um cartão elegantissimo.

Do Derby-Club, um bello cartão vermelho contendo um convite para o 10 anniversario de sua inauguração em 1 de Agosto.

Do Club dos Fenianos, para o Trindatico e Amapatologico baile de 3 de Agosto. Um elegantissimo cartão.

Um convite mysterioso em elegante cartão ; vamos transcrevel-o aqui :

« Cidadão »

« Temos o prazer de convidar-vos para acceitar uma chavena de chá no salão de honra do — Chateau de la Glorie — hoje ás 9 horas da noite. Contamos com a acquiescencia. Em 30 de Julho de 1895. »

Assignados : « Chefe
Ajudante em »
Advogado em »
Engenheiro em »

E nada mais se continha no cartão. Tivemos vontade de ir, mas onde é o Chateau ? No Cairo ? Em Malta ? Em Nazareth ? No Egypto ?

Não o sabemos ; Em todo caso... agradecemos aos mysteriosos convidantes. Si o Chateau é em Hespanha, comprehendem que... é muito longe.

O distincto professor Etienne Gabalda convidou-nos em mimoso cartão para a festa familiar que, na sua residencia, offerece aos seus alumnos e suas familias, hoje, dia do seu anniversario natalicio.

Agradecendo, cumprimentamos o illustre educador.

Da commissão de alumnos do Gymnasio Nacional um convite para a missa que fizeram celebrar na igreja de S. Francisco de Paula pelo repouso eterno do almirante Saldanha da Gama.

O convite veio acompanhado da seguinte quadra em um cartão tarjado de preto :

Si do acaso infeliz foste preza
E a patria tão cedo deixaste,
Elevados signaes de nobreza
A nós, moços, co'a morte legaste !

Do Club dos Democraticos para o baile em 3 de Agosto proximo.

Musicas :

Da casa Vieira Machado & C. *A teu lado sou feliz*, Schottisch por L. Machado. *Mocinha Moeda*, walsa pelo bacharel Manoel Lopes Ferreira Pinto.

A Cigarra. O n. 13 d'este excellente jornal veio mesmo scintillante de *verve*.

A 1ª pagina traz o retrato do Dr. Manoel Victorino, vice-presidente da Republica.

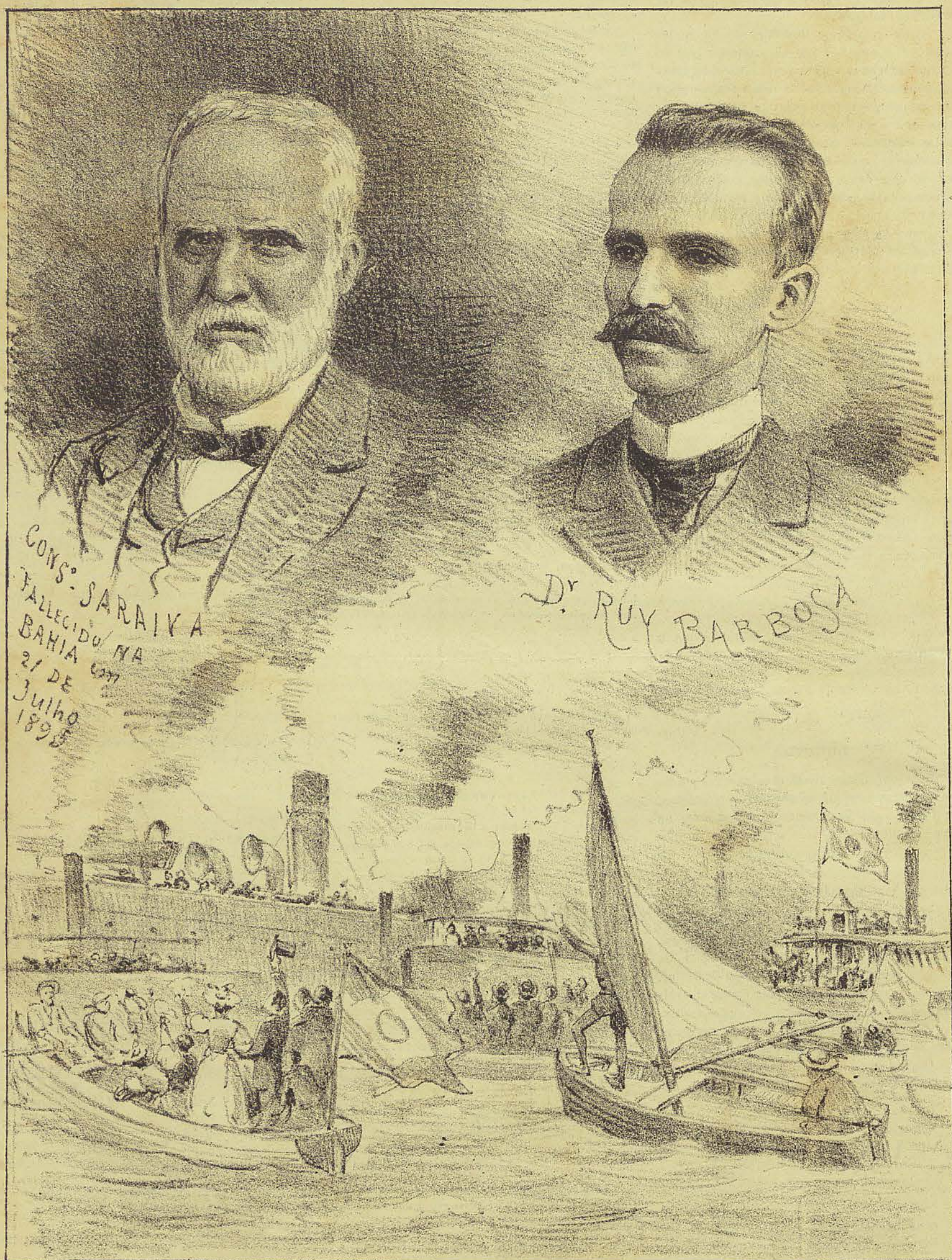
As paginas do centro trazem : uma o monumento 2 de Julho na Bahia e outra uma allegoria « Não póde ! » á questão ingleza.

A ultima da-nos o Fregoli em suas mutações scenicas. Por sob o desenho uma boa pilheria. « Ao menos nas peças do Fregoli tudo é Fregoli, e no Burro do Alcaide, não digo que tudo seja burro, mas tudo é alcaide. » Muito bôa ! O texto... como sempre.

Bravos ao Julião e Olavo.

Recebemos da casa Mascarenhas o 3º volume da *Toutinegra do Moinho* por Emilio Richebourg.

Typ. L'Etoile du Sud, r. S. José 102

Consº. Saraiva
fallecido na
Bahia em
21 de
Julho
1895

Dr Ruy Barbosa

Grande manifestação ao eminente brasileiro Dr Ruy Barbosa por occasião da sua chegada ao Rio de Janeiro.

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 28

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini (Frontespicio provisorio)

R. OUVIDOR 109

Sancho P. — Estes ramos de oliveira são o symbolo da paz; vou leval-os ao Itamaraty. D. Quixote. — Mas se a noticia da paz não se confirma?.. Sancho.. — Neste caso o Sr Prudente porá fóra os galhos e aproveitará as azeitonas.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno........	24$000
Semestre.....	12$000	Semestre...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitarnos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas !...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura terminou no fim do mez passado, recommendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 10 de Agosto de 1895.

A PAZ

Ainda nesta semana nada se sabe sobre a tão desejada solução dessa importante questão, solução que o povo aguarda anciosamente contando as horas, pois o advento da paz no Rio Grande, a terminação d'esta lamentavel guerra, será um acto para melhorar no estrangeiro os creditos do Brazil, e de certo modo conter as ambições dos que pretendem, aproveitando-se d'essa desunião dos Brazileiros, apoderar-se de territorio nosso.

Não sabemos porque razão os partidarios do marechal Floriano oppoem-se á pacificação, quando o proprio marechal tentou fazer essa obra patriotica e d'isso existe lavrada uma acta.

A questão da ilha da Trindade ainda não está tambem resolvida, mas isso é natural.

Emquanto o Rio Grande não estiver pacificado, emquanto existir no sul essa desgraçada guerra como uma ameaça á integridade nacional, julgamos ser do interesse da Inglaterra prolongar esta questão.

Pacifique-se o Rio Grande, e o resultado, favoravel á nossa dignidade e aos nossos direitos, da questão da Trindade, não se fará esperar.

Está a findar o armisticio e o Sr. presidente da Republica deve pronunciar a ultima palavra sobre esse problema, ha tanto tempo no silencio dos gabinetes.

Confiamos que S. Ex. não fará esperar por muito tempo a resolução desta questão.

Ponha de lado todas as considerações que nada valem diante da vontade da nação. Para isso basta querer, mas queira de uma vez.

A Escola Nacional de Bellas Artes

Ha annos passados, a Escola Nacional de Bellas-Artes que, antes da definitiva reforma dos seus estatutos tinha ainda o classico nome de Academia das Bellas-Artes, soffreu... (soffreu é verdadeiramente o termo) um concerto ou melhor um desconcerto que a poz em um triste estado, impossivel de funccionar.

A parte mais importante a que era destinada, o ensino da pintura, da esculptura, e até do proprio desenho do gesso ou do modelo vivo, foi completamente sacrificada, pois tornaram-na muito peior do que era antes do tal desconcerto, para o qual foram desperdiçados, inutilmente, quatrocentos contos de réis! Com pouco mais d'essa quantia poder-se-ia ter construido um edificio simples, porém muito mais apropriado ao ensino, em lugar onde não faltasse espaço nem luz.

Foi sempre este o sonho dourado do actual Director, da nossa Escola de Bellas-Artes, que entendeu, mais que os seus antecessores tomar a serio a tão importante e necessaria questão de Bellas-Artes na nossa terra.

Entendemos que o nosso governo não pode deixar de attender ao justo pedido que lhe fez o actual Director.

O desenvolvimento que tem tido a arte entre nós de algum tempo a esta parte, tanto na Escola de Bellas-Artes como no Instituto Nacional de Musica deve ser a melhor recommendação para que o governo encare com toda a seriedade essa questão e a resolva do modo o mais satisfactorio.

Felizmente já se acabou o tempo em que se confundia um pintor de merito com qualquer caiador de casas.

A todos dava-se o nome generico de artistas.

E o que é ainda mais extraordinario é que esse nome constituia quasi... quasi, não; constituia positivamente um titulo de desprezo!

A directoria do Cassino Fluminense diziase então composta da mais pura nata da nossa sociedade; pois bem: essa impagavel *nata* teve a coragem de negar a entrada no Cassino á grande tragica Ristori, Arthur Napoleão, Pedro Americo e outros pelo simples facto de serem artistas!!

Parece incrivel, mas é a pura verdade! Foi um completo escandalo!

Mas a imprensa, e nós especialmente, demos tal sova nessa famosa nata de... imbecis (não ha outro nome) que ella vio-se obrigada, não só a dar ingresso aos mencionados artistas como a reformar os seus estatutos que lhes vedavam a entrada no recinto ao passo que qualquer taverneiro podia alli figurar muito a sua vontade.

Como se vê por tudo isso, nós já temos avançado muito, é hoje a nossa sociedade mais civilisada, mais instruida, não ignora que os cultores das bellas artes têm entrada em todos os palacios dos soberanos e muitas vezes sentam-se á mesa dos chefes de Estados por occasião de festas artisticas.

Por isso a nossa sociedade já começa a dispensar-lhes as attenções e consideração que merecem.

Sabe-se que em geral a grande maioria, a quasi totalidade dos nossos politicos não sabe desenhar nem siquer um nariz, mas tambem elles não ignoram que as bellas artes constituem a mais elevada prova do progresso intellectual das nações. Estamos convencidos de que o nosso governo, tomando na devida consideração o pedido do director da Escola Nacional de Bellas Artes se esforçará em mantel-a na altura a que tem direito.

X.

Damos no presente numero os retratos dos artistas:

ALBERTO NEPOMUCENO

Sobre esse distincto maestro brazileiro veja-se a secção *Lettras e Arte*.

ERMETE NOVELLI

Como justa homenagem ao merito d'este notavel artista, sobre quem já temos fallado, damos hoje o seu retrato.

LEOPOLDO FREGOLI

Dizer quem é Fregoli... não é preciso. Que o digam os applausos do publico que todas as noites acclama o extraordinario actor. Manifestamos deste modo a nossa admiração e o nosso applauso.

CASAS

O intendente Sr. Julio do Carmo, que tanto já tem feito no sentido de melhorar as condições precarias de vida da população do Districto Federal, e que tem conquistado os louvores de todos os que prezam a verdadeira arte pelo seu projecto sobre a creação de um theatro nacional, acaba de apresentar ao conselho mais um projecto de incontestavel utilidade e necessidade: a construcção de pequenas casas para operarios. Entretanto, achamos que, na época actual, um projecto d'esta ordem não se deve limitar a certa e determinada classe, mas a todas as classes, pois todas são attingidas por esse terrivel mal: a extraordinaria e absurda elevação do preço das casas. Lembre-se o illustre intendente que no Brazil não é a classe operaria a que mais soffre. Nós não temos proletariado, ou antes, o proletariado brazileiro não é o operario que ganha mais que um official de secretaria, sem ter despezas de representação deste. Proletario é o pobre funccionario, que, com duzentos ou trezentos mil réis mensaes, tem de apresentar-se e á sua familia, na altura de sua posição! Os vexames, as exigencias a que se entregam os proprietarios em geral, que têm por si toda a garantia da lei, que lhes concede até a faculdade vergonhosa de poderem despejar e mesmo penhorar os alugadores, têm crescido de ponto ultimamente, escudados na certeza das difficuldades com que lutam os moradores para encontrarem outras casas.

E' preciso antes de tudo construir, construir muito, para que as casas possam satisfazer as necessidades da população.

Não sabemos porque, alguns deputados que se tem querido occupar deste assumpto, fazendo leis restrictivas para os proprietarios, têm todos desistido no fim de certo tempo e não se occupam mais de tal cousa.

Lembramos ao Sr. Julio do Carmo, depois do seu projecto das casas para operarios, apresentar um outro nas seguintes condições:

Abrir a Municipalidade concurrencia para construcção de predios em terrenos que ainda existem vasios (exemplo a ex-quinta imperial de S. Christovão) e garantindo aos concurrentes o provento dos alugueis dessas casas durante certo tempo, alugal-as a preços fixos por tabella, pagos na municipalidade.

Esta questão tem sido até hoje como o Minotauro da fabula: os que a querem enfrentar, no momento preciso, têm desanimado.

Reconhecemos no distincto intendente muita energia e patriotismo para combater essa hydra.

A gratidão de todo o povo do Districto Federal será a justa recompensa que o espera.

Lettras e Arte

Profanos : contos por Arinos Pimentel, prefaciados por Cosme Peixoto

Muitos dos contos colligidos no volume que temos á vista já foram publicados em tempos nas columnas do *Jornal do Brazil* com boa acceitação. O autor ha algum tempo milita na imprensa, onde o seu nome, se não é o de um consagrado, tem comtudo sabido attrahir a sympathia e a animação dos que prezam o trabalho e o esforço, e tem sempre o applauso para o talento que sobe a difficil encosta do *monte sacro* em demanda do cimo, onde o espera a gloria.

Transcrevemos, em abono do que affirmamos, algumas palavras do notavel prefaciador:

«Ha nesse moço, cujo talento risonhamente desabrocha, esperanças promissoras de brilhante porvir. Tem sentimento e começa a formar estylo. Muitos entre nós apontados como notabilidades folgariam com subscrever o que elle já tem publicado.

Se o amparar aquelle favor da popularidade que é o primeiro fomento de nobres e juvenis ambições, quasi certo é que logrará honroso posto no esquadrão litterario. E com que prazer não o verei general onde sou mínimo subalterno!»

Ora, Sr. alferes honorario e... Marechal effectivo! Deixe-se de modestia, que nós bem o conhecemos!

O livro do Sr. Arinos tem realmente contos bons, como a *Avó Bertha* e o *Ultimo Sermão*, contos estes que mostram claramente como o auctor está á vontade no genero naturalista; outros, porém, como *Beijos de Fogo* e mais uns dous ou tres, em que o auctor quiz elevar-se ás altas concepções do lyrismo, deixam perceber o esforço, que o rebuscado do estylo não consegue de todo dissimular.

De onde concluimos que o temperamento do autor é de observador e narrador naturalista, e é este o genero a que, de preferencia deve atirar-se.

Aperfeiçoe as suas bellas qualidades de escriptor naturalista e deixe de vez a clamyde grega ou a armadura medieval que não assentam bem no seu corpo de joven elegante do nosso tempo e do nosso *meio*.

Observar e descrever, deve ser a sua divisa. Prevendo que o Sr. Arinos reconhecerá a verdade das nossas observações, desde já, nos sinceros elogios que fazemos ao seu livro, podemos antecipar as palmas do futuro.

ALBERTO NEPOMUCENO

Alberto Nepomuceno, o nosso joven e talentoso compatriota só com este concerto firmou os seus creditos de grande pianista e compositor.

Isso, porém, para os que foram ouvil-o pela primeira vez; nós já o conheciamos antes da sua partida para a Europa e já haviamos saudado esse bellissimo talento que agora, mais aperfeiçoado pelo estudo, se apresentou sob tres aspectos: organista, compositor e pianista.

No orgam, difficilimo instrumento, o nosso compatriota revelou-se digno discipulo de Guilmaut, tocando de modo a merecer os mais calorosos applausos.

Ao piano, mostrou-se mais seguro conhecedor dos processos deste instrumento, executando admiravelmente composições suas.

Como compositor, e é este o lado mais brilhante do seu talento, Nepomuceno é um melancolico e um severo. Vê-se que a escola de Schumann identifica-se bem com o seu temperamento artistico.

O tom fluctuante vago, das suas composições, principalmente nos finaes, accentua notavelmente essa tendencia. As suas phrases não têm ponto final, parecem verdadeiras reticencias. O espirito fica suspenso, parecendo que a phrase melodica prolonga-se indefinidamente.

A Exma Sra. D. Camilla da Conceição e o Sr. Carlos de Carvalho cantaram, com a correcção que conhecemos, romanzas compostas por Nepomuceno sobre palavras em portuguez.

A lingua portugueza não deixa de prestar-se ao canto, mas é preciso muito gosto artistico do poeta para evitar terminações asperas.

O nosso maestro ainda nestas composições revelou-se admiravel, interpretando perfeitamente na phrase musical o sentimento da phrase poetica.

Tomou parte tambem no concerto a Exma. esposa do maestro, Sra. Walborg Nepomuceno, que revelou-se excellente pianista, interpretando com grande maestria e sentimento algumas composições de seu esposo.

Ao Alberto Nepomuceno os nossos parabens.

O Brazil póde orgulhar-se de mais um illustre filho, e deve o aperfeiçoamento d'esse bello talento a Rodolpho Bernardelli que auxiliou poderosamente o seu estudo na Europa. A. Nepomuceno é mais um artista que apresenta o notavel esculptor.

Sobre isso falla melhor que nós a seguinte carta dirigida pelo maestro a Cardoso de Menezes:

«Meu caro Cardoso de Menezes. — E' para fazer uma pequena rectificação a uma asserção que se encontra na carta que dirigiste ao Dr. Ferreira de Araujo e que foi publicada na *Noticia* de segunda-feira 5 do corrente, que te escrevo esta.

Fez-se esperar esta rectificação, mas nunca é demais tarde para proclamar a verdade e a justiça.

Alli asseveraste que eu nada devia ao Governo e tudo á iniciativa particular. E' verdade que parti daqui para a Italia a expensas daquelle grande artista, que possue um coração tão grande como o seu genio, e que se chama Rodolpho Bernardelli; é verdade tambem que lá, em Roma, naquella cidade toda recordações, que eu tanto amo, fui sustentado pelos tres irmãos Rodolpho, Henrique e Felix Bernardelli, que partilhavam fraternalmente commigo o «pão» de cada dia.

Mas foi tambem lá, justamente quando eu me preparava para partir, de regresso á patria, que recebi do meu bom amigo J. R. Barbosa um telegramma communicando-me o concurso que se fazia do hymno da proclamação da Republica, enviando-me todas as informações de que eu podia necessitar para a composição do meu hymno de concurso.

E foi tambem lá que recebi a communicação de que o Governo Provisorio me concedia uma pensão de 200$ mensaes, ao cambio par, por quatro annos, afim de continuar os meus estudos de musica.

Essa pensão foi ainda prorogada por 14 mezes mais.

Como vês, é ao Governo que devo o ter estudado na Allemanha e na França. Se algum proveito tirei desses estudos, a quem é que eu devo ?

Peço-te em nome da minha gratidão para com o meu paiz, que rectifiques o que disseste.

Teu amigo dedicado. — *Alberto Nepomuceno.*»

Ao notavel maestro, já uma gloria nacional, os nossos cumprimentos.

L. N.

SALDANHA DA GAMA

Continuam os inimigos do finado almirante Saldanha a tentar impedir, por todos os modos, que se celebrem exequias e officios funebres em intenção do mesmo almirante. Este procedimento sem classificação tem despertado a indignação geral, mas comprehende-se que estão furiosos, pois a espontaneidade com que o povo tem comparecido ás innumeras missas é a prova evidente de quanto era estimado esse illustre Brasileiro.

Lemos na Cidade do Rio de quinta-feira uma carta ao Presidente do Estado Rio firmada com o pseudonymo Paulo da Annunciação, sob o titulo «Jacobinos em Nitheroy», onde se vê que existe uma commissão organisada naquella cidade para intimar os negociantes a retirar os retratos do almirante que expõem em suas lojas, impedir exequias e obstar emfim as homenagens á sua memoria.

Tal procedimento dispensa todo e qualquer commentario.

Não podemos resistir ao desejo de transcrever aqui a ordem do dia do general Silva Tavares, noticiando ao exercito federalista a morte do bravo almirante;

«Quartel General do Commando em Chefe

ERMETE NOVELLI

LEOPOLDO …GOLI

ALBERTO NEPOMUCENO

A Novelli, a Fregoli – e o joven e illustre maestro brasileiro Nepomuceno

das Forças Revolucionarias, em 30 de Junho de 1895.—Ordem do dia.

Armas em funeral!

O Almirante Luiz Felippe Saldanha da Gama que, apezar de suas conhecidas idéas, mostrou-se sempre disposto a servir o governo civil da sua patria ou a retirar-se á vida privada se seu nome fosse um obstaculo á pacificação do nosso glorioso Estado, acaba de desapparecer das fileiras dos lutadores pela liberdade.

No dia 24 do corrente pela manhã, forças inimigas, em numero de 1.500 homens, atacaram os 250 bravos marinheiros commandados pelo inclyto Almirante que, depois de heroica resistencia, foi anniquilado com todos os seus companheiros pela brutalidade numerica.

A perda foi sensivel tanto para a revolução como para o paiz inteiro. Saldanha da Gama é um nome historico e que muito honrou a nossa patria nos diversos certamens profissionaes em que a representou, fazendo sobresahir a marinha brazileira. A mutilação de seu cadaver é a deshonra das forças legaes lançadas contra os libertadores da nossa terra natal, asselvajada por uma horda de fanaticos pela dictadura positivista.

A nossa causa continúa a ser a causa da liberdade e da humanidade e quanto mais barbaro e selvatico fôr o procedimento dos nossos adversarios, mais justificado será perante a historia o nosso procedimento, a nossa resistencia heroica, a nossa tenacidade na luta.

Chamam-nos os—assassinos do Rio Negro—, onde aprisionamos o marechal Isidoro, o coronel Pantojas, toda a officialidade do 28 batalhão de infantaria, que hoje gosa de sua plena liberdade: e elles. os puros, os immaculados, queimam cadaveres, e nunca fizeram um só prisioneiro!

As forças legaes têm se conservado fóra das leis da humanidade e emquanto durar o dominio do assassinato e das mutilações no Rio Grande do Sul, com armas ou sem ellas, conserve-se de pé o nosso protesto contra o aviltamento da patria.

Armas em funeral!

Que todos os nossos companheiros se cubrão de luto por oito dias em honra a memoria de S. da Gama, são as ordens que deveis transmittir aos nossos commandados.

Não vos recommendo coragem e resignação porque essas são as vossas companheiras dos dias de glorias e das horas de amargura.—Assignado, *João Nunes da Silva Tavares*, general em chefe. »

X.

A CENTRAL

Esta semana não vai correndo de todo mal para essa estrada. Dous desastres apenas chegaram ao nosso conhecimento: uma locomotiva inutilisada em Cascadura e outra, a do SU 16, que se desarranjou na terça-feira passada, na cancella de S. Diogo, atrazando os trens mais de 50 minutos.

Emfim, dos males o menor; emquanto for só o atrazo ainda não temos muito de que nos queixarmos; ao contrario, é caso para entoarmos louvores á administração desta estrada de ferro que realmente, á vista de tantos desastres que tem compromettido a vida de muitos passageiros, parece ser o mais seguro e infallivel meio de transporte... d'esta para melhor, ou para peior, como quizerem.

CHINOISERIES

Até deslumbra-nos
progresso tanto!
Mesmo um encanto
e sem igual!
Projectos votam-se
a toda hora!
Que bella aurora
municipal!

Tudo melhora-se,
nada se poupa,
com vento em popa
voga o Brazil!
Cortam-se as arvores,
ruas se calçam,
mais casas se alçam,
obras... a mil

A arte levanta-se,
theatro temos
onde veremos
dramas... sem par.
A' instrucção publica
cuidados rendem;
mesmo a pretendem
bi—reformar.

O povo orgulha-se
d'essa Intendencia,
pois, em consciencia,
não ha melhor.
Fallam de emprestimos,
vasio cofre...
dizem que soffre.—
Mas, não senhor.

E' que economicos,
por modos varios,
seus funccionarios
busca fazer.
P'ra os tornar sóbrios,
o cobre ás vezes
junta... de mezes,
e os deixa... a ver.

A ver? E' logico,
bolsos vasios,
gelados, frios,
pois afinal,
de mil *cadaveres*,
são perseguidos,
tendo aos ouvidos
grita infernal.

Suspendem generos,
e os poem na rua,
que em casa sua
manda qualquer;
a lei faculta-lhes
força e direito,
tudo a seu geito
podem fazer.

E' que a Intendencia
não comprehendem;
como pretendem
fazer-lhe mal,
dizem, colericos,
(vejam que asneira!)
que é quebradeira
municipal!

LU-NO.

A CIGARRA

Mais um numero, o 14, d'este jornal para o qual já não temos adjectivos encomiasticos, entrou-nos pela sala a cantar, garrula e festivamente como uma cigarra em manhã de verão.

A primeira pagina dá-nos o retrato do joven e já notavel maestro brazileiro Alberto Nepomuceno.

As paginas centraes nos apresentam duas espirituosas allusões desenhadas com aquelle *savoir-faire* e chiste de que o Julião tem o segredo—*Fervet opus* e *Quando a Intendencia pagar*. A ultima, então... magnifica! Dous desenhos de mestre a ornam. O 1º apresenta um trem da Central cujos carros são esquifes ornados de cruzes—: *Viagens rapidas para a mansão dos justos*, e o 2º uma espirituosa saudação da *Cigarra* á *Gazeta de Noticias*. O texto, tambem illustrado com esmero, faz honra ao espirito finamente Parisiense do Olavo, a quem enviamos os nossos cumprimentos, bem como ao Julião, por tão bom numero.

Y.

A POLICLINICA

Inaugurou-se no dia 8 do corrente o Gabinete de Bacteriologia e Anatomia Pathologica, que é mais um importante melhoramento para este estabelecimento, mantido á custa de grandes esforços de seu pessoal clinico.

Achavam-se presentes muitas pessoas, senadores, deputados, medicos, representantes da imprensa, etc.

O gabinete está bem montado, com os mais aperfeiçoados apparelhos e é mais uma prova do esforço e zelo dos directores d'este importantissimo estabelecimento, cujos enormes serviços são mais conhecidos do que reconhecidos.

Aos Drs. Moura Brazil, Araujo e C. Teixeira as nossas sinceras felicitações. Sentimos que o pequeno espaço não nos permitta neste numero tratar largamente da Policlinica e seus serviços, porém esperamos fazel-o em breve.

VARIEDADES

UMA LENDA PERSA

O Chah Schahababans XXVII lembrou-se um bello dia de ordenar ao seu primeiro ministro que fizesse o recenseamento de todos os tolos do imperio, apresentando-lhe depois uma lista exacta.

O vizir póz mãos á obra e abrio a lista, que não era pequena, com o nome do soberano.

Este, que estava de bom humor, contentou-se em perguntar ao ministro qual o motivo porque concedera-lhe tamanha h nra.

— Sire, respondeu o vizir, inclui-o na lista, porque, ha apenas dois dias, V. M., a pretexto de comprar enormes cavalhadas, confiou fabulosas quantias a estrangeiros que nunca mais voltarão aqui.

— Pensas isso? e se voltarem?

— N'esse caso substituirei pelos delles o nome de vossa magestade.

THEATROS

LYRICO

O Frégoli continua a fazer-se applaudir pelo publico, ao qual delic'a com as suas rapidas metamorphoses e suas multiplas vozes. Quanto mais o vemos em scena mais admiramos e applaudimos este excentrico actor que é, não ha duvida, uma notabilidade no genero... que é o genero só d'elle.

RECREIO

Representou-se neste theatro o drama dos conhecidos escriptores italianos Luigi Gualtieri e Antonio Scavini — *D. Sebastião*. O drama é baseado na volta da Africa e morte na inquisição d'este rei Portuguez. Com effeito, a historia não contesta este facto. Si é verdade que alguns aventureiros quizeram fazer-se passar por D. Sebastião, escudando-se no dizer de todos os que voltaram da batalha de Alcacer, que affirmaram que o rei tinha desapparecido envolto em uma multidão de Arabes, e não se havia encontrado o seu cadaver, não é menos verdade que, quatro annos depois da batalha, apresentou-se em Veneza um homem que foi reconhecido como o verdadeiro rei.

Alguns Portuguezes que, para fugirem ao dominio de Fellipe 2º, se haviam refugiado em Veneza, reconheceram-no como o seu rei, de quem bem se recordavam, e a Republica dos Doges o proclamou como tal.

Embarcando em um navio para Portugal, esse navio naufragou nas costas de Hespanha e nunca mais se soube d'este homem.

Comprehende-se que Fellipe 2º tinha todo o interesse em fazel-o desapparecer, e a inquisição tinha olhos por toda a parte.

O drama é bem conduzido, despertando grande interesse. Torquemada (Dias Braga), D. José (Eugenio), D. Guritan (Bragança) e Sancho (Rangel); são typos bem estudados e aos quaes os artistas deram grande realce. Antonio Marques tambem não foi mal no Fellippe 2º e Livia foi correcta na judia Esther. Os autores, porém, não deram attenção á idade de D. Sebastião quando partio para a Africa, senão, de certo lhe não teriam dado uma filha já moça que confia, ao partir, ao cuidado de D. José. Foi um anachronismo, mas quantos maiores se commettem por ahi todos os dias!

Em breve teremos neste theatro o drama: *O Crime do Somno.*

SANT'ANNA

Antes de partir para a Europa, o grande artista E. Novelli quiz despedir-se do publico Fluminense dando-lhe mais alguns espectaculos. Levou á scena esta semana, a peça—*Os deshonestos*—em 3 actos, original de G. Rovetta. O assumpto é simples e commum, mas nisto mesmo é que consiste a grandeza de um escriptor ou de um actor: animar um assumpto commum infundindo-lhe a sua propria vida. Um marido que se julga feliz, e aos poucos vai conhecendo que se acha lançado em um meio deshonesto, suicida-se emfim, como ultimo recurso.

Novelli foi correctissimo neste papel, como sempre.

Levou mais o—*Papá Lebonnard*, que já conhecemos, *O Pão Alheio*, bom drama russo e os *Espectros* de Ibsen, além de varios monologos, O Avô, Diogenes e outros, recitados com a propriedade e naturalidade que tanto o recommendam.

O distincto artista deve seguir para a Europa no dia 14 do corrente.

APOLLO

A companhia Taveira continua a dar-nos as operettas: *Mulher do Confeiteiro* e *Sinos de Corneville* e prepara o *Kean* de A. Dumas em beneficio do actor-director Taveira. Não será um tanto forte a transição da operetta para o drama, e drama de tal força? ¡Em todo o caso, ainda é cedo para fallarmos e aguardemos o desempenho.

LUCINDA

Foi á scena pela primeira vez a revista de Souza Bastos—*Sal e Pimenta*. Revista de costumes Portuguezes, embora escripta com *verve* por Souza Bastos e bem musicada por Freitas Gazul, comtudo muitas das suas allusões nos escapam, pois que referem-se a factos ou personagens que não conhecemos.

Apezar d'isso, porém, a revista prende a attenção e tem-se feito applaudir pelo publico numeroso que todas as noites afflue ao Lucinda.

S. PEDRO

Estreou neste theatro a companhia equestre e gymnastica de Frank Brown. Apezar de conhecidos, os exercicios gymnasticos, acrobaticos e equestres são feitos com grande pericia e têm agradado bastante.

A concurrencia tem sido regular.

EDEN

A companhia da actriz Pepa continua a levar o *Tim tim* que já conta quasi 80 representações. Está quasi em centenario e sempre com boas casas. Tem *mascoté* a revista, não ha que ver.

Em ensaios para subir brevemente á scena está a operetta os *Granadeiros*.

VARIEDADES

O *Aquidaban* levantou ferro e fez-se ao largo. Mas elle ainda volta, e para dar boas casas como d'antes. Agora a companhia da actriz Ismenia leva á scena *Mimi Bilontra*, que é tambem operetta de successo, emquanto dá os ensaios de apuro á operetta—*Paquita*—que vai ser mais uma victoria para o applaudido comediographo Dr. Augusto de Castro.

N.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos:

O caso de Sergipe, representação da Assembléa legislativa de Sergipe ao Congresso Nacionol.

Partecipação dos fundadores do *Rio de Janeiro*, jornal dedicado aos interesses dos Estados na União que deve apparecer por estes dias. Subscrevem a circular os Srs.: advogado Manoel Cavalcanti Ferrreiro Mello e engenheiro Dyonisio da Costa e Silva.

Pro Patria, carta manifesto dirigida aos membros do Centro Republicano Portuguez do Rio de Janeiro, pelo bacharel Cunha e Costa.

Convites:

Da Secretaria do Bellodromo Nacional, para o festival velocipedico que realisou-se domingo 4 do corrente em commemoração ao anniversario da Solidariedade Sportiva. Subscreve-o o Sr. João Manoel de Carvalho, digno director-secretario do mesme Bellodromo.

Da Directoria da Policlinica Geral do Rio de Janeiro, para visitarmos no dia 8 do corrente ás 11 horas do manhã este importante estabelecimento de Caridade e Sciencia que acaba de completar o 13º anno de serviços clinicos, devendo inaugurar nesse dia o Gabinete de Bacteriologia e Anatomia Pathologica. Assignám o amavel convite os illustres Drs.: Moura Brazil, Pereira da Silva e Carlos Teixeira.

Jornaes:

O Estandarte, jornal Presbyteriano que se publica em S. Paulo, o n. 31. Bem redigido, e com excellente collaboração da qual destacaremos um bem elaborado artigo sobre as consequencias do alcoolismo e meios de evital-o.

Correio da Europa, n. 14. Traz bem lançados artigos sobre varios ramos de conhecimentos, e retratos em gravura de varios homens notaveis entre os quaes o do nosso conhecido e sympathico barytono Camera e do ex-primeiro ministro Stambouloff, cuja morte noticiamos em um dos numeros passados. Um bom numero que mais recommenda esta já acreditada publicação.

As occurrencias da semana, jornal illustrado de J. Cateysson, n. 1. Gravuras regulares recordando os principaes acontecimentos da Semana. O texto explicativo, bom. Prospera vida desejamos ao novo collega.

A lucta, interessonte jornalzinho, redigido com bastante espirito, no... Estado da Sé. Dois bons numeros.

Um exemplar do diploma da Exposição Geral da Escola Nacional de Bellas Artes, primoroso trabalho de Rodolpho Amoedo.

E' realmente um primor de concepção e execução que faz honra ao nome do laureado artista. Em torno de uma bella estatua representando a gloria, varios grandes artistas do passado, discutem em bellissimo grupo. Aos lados sobem columnas que sustentam o entablamento onde se lê: Escola Nacional de Bellas Artes. Um bellissimo trabalho, emfim.

Musicas:

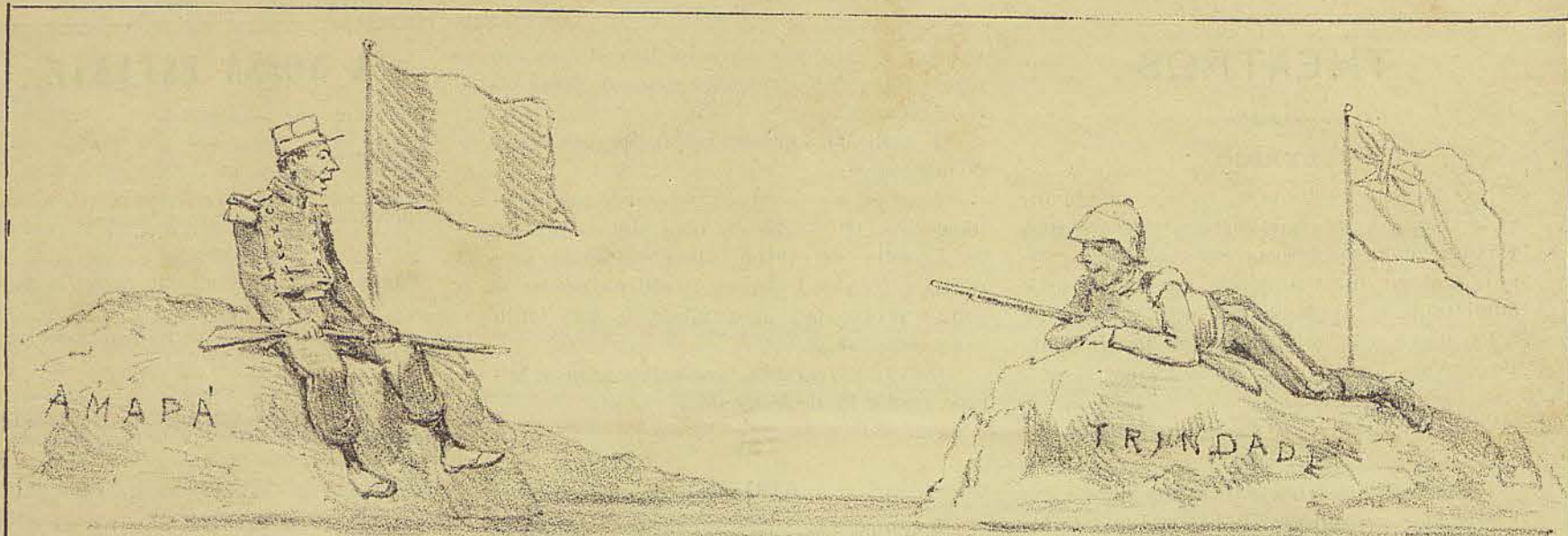
Da casa Vieira Machado & C., recebemos a polka — Gracil — do talentoso pianista Santos Franco.

Da casa Bevilacqua o Noturno, do conhecido maestro Faulhaber.

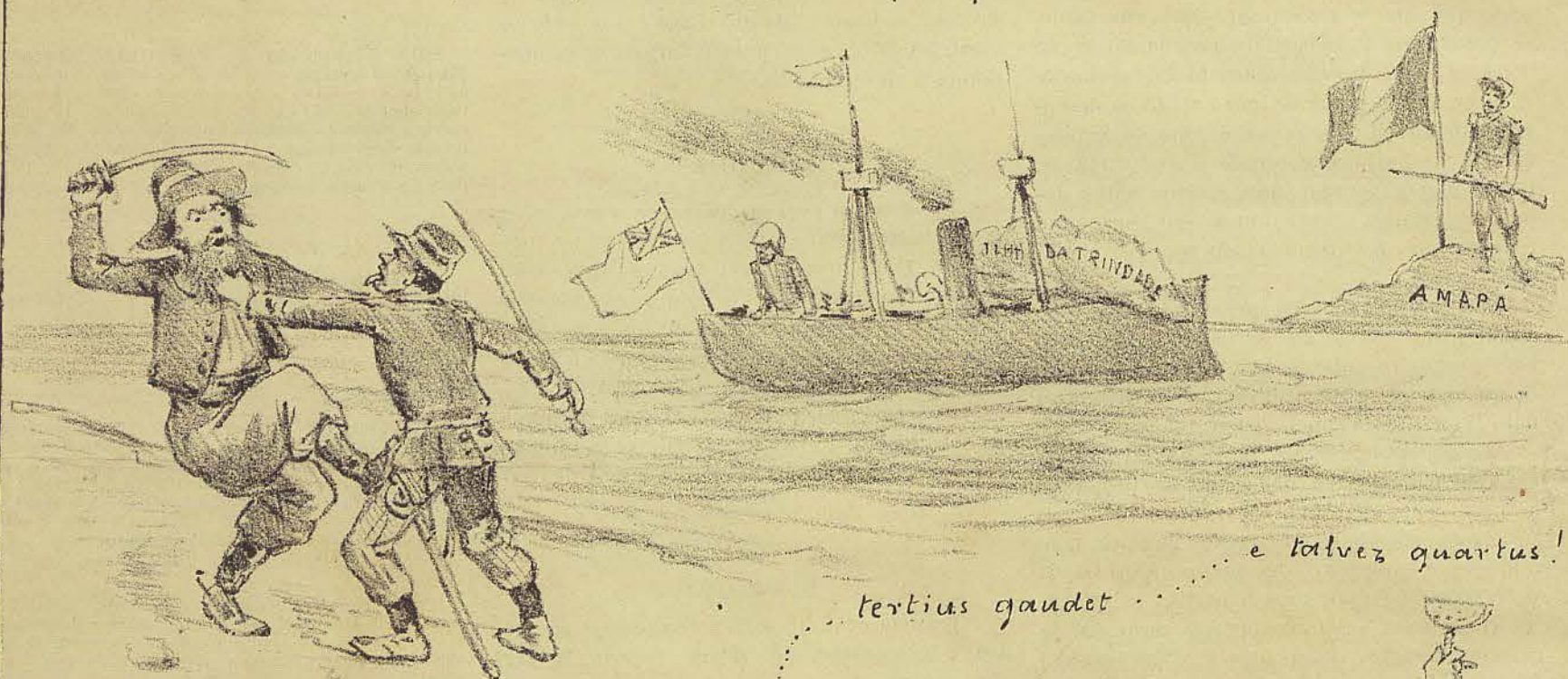
Do distincto actor Taveira, emprezario da Companhia do Theatro Pincipe Real do Porto, uma cadeira para a sua festa artistica que se realisou no dia 9.

Typ. L'Etoile du Sud, *r. S. José 102*

AMAPÁ

TRINDADE

Ambos de palanque a ver em que param as modas

ILHA DA TRINDADE

AMAPÁ

Se continuarem a brigar no sul, ... tertius gaudet ...... e talvez quartus!

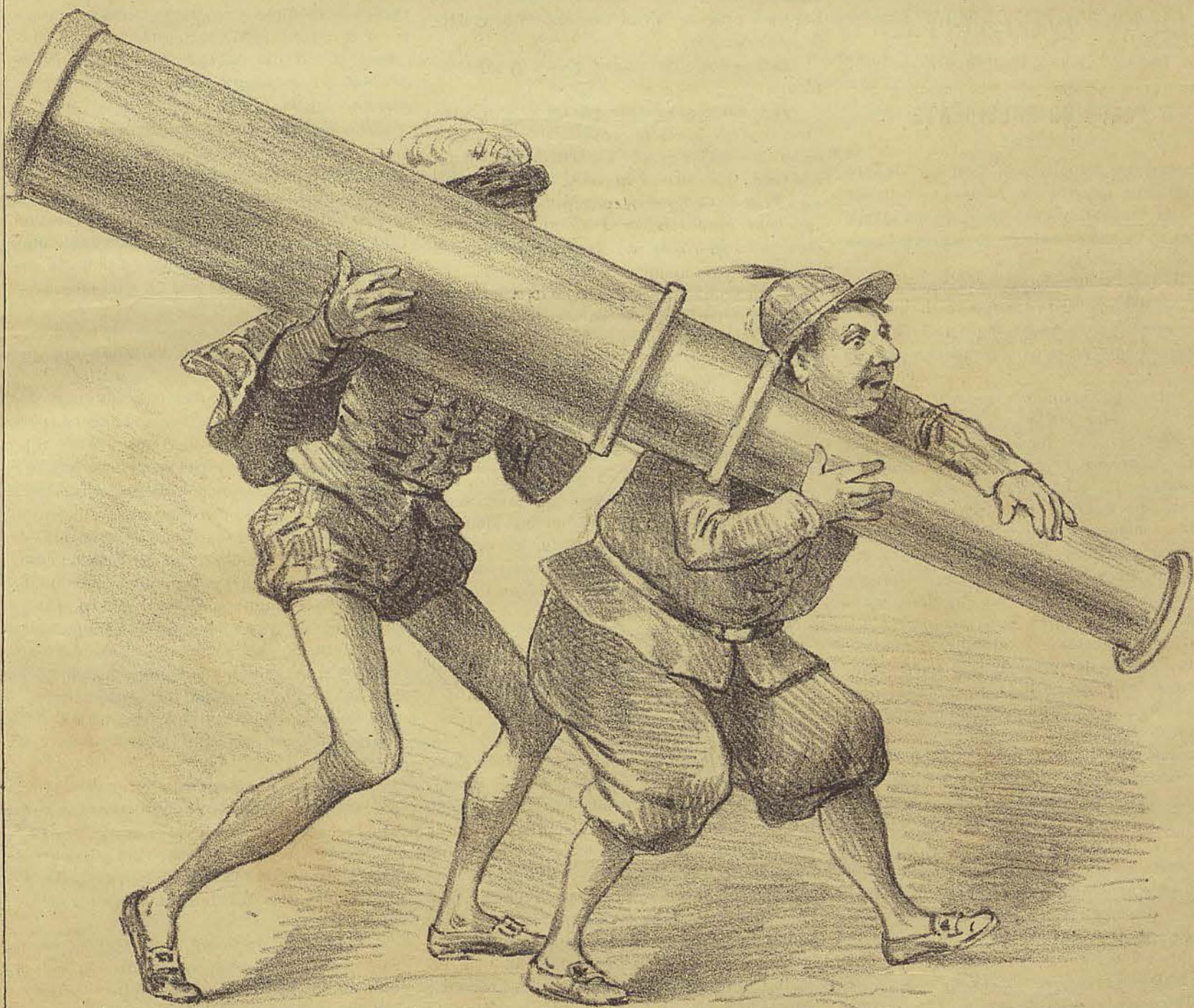
Felizmente, as noticias do sul dizem que o estourar do champagne entre os adversarios veio substituir o da fusilaria.

Se na verdade a noticia da paz fôr confirmada... tomaremos um pifão!

Anno 1º Rio de Janeiro Nº29

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO DE Angelo Agostini (Frontespicio provisorio)

R. do Ouvidor 109.

Em direcção ao Itamaraty. Para o Sr. Presidente ver os negocios da paz no Súl. Se ella não se fizer, ao menos teremos dado ensejo a S. Exª. de ver a dita paz por um oculo.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno.......	24$000
Semestre....	12$000	Semestre...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitarnos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura terminou no fim do mez passado, recommendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 17 de Agosto de 1895.

A FACHA DO PRESIDENTE

Tratou-se no Congresso Nacional da importantissima questão da facha que o Presidente da Republica deve usar, como signal distinctivo de seu elevado cargo nas cerimonias officiaes e mesmo fóra d'ellas.

Este negocio de facha data do anno passado. E' possivel pois, que voltando tão importante assumpto á discussão, fique decidido este anno se teremos presidente com facha ou sem ella.

Para nós pouco importa que o Sr. Prudente de Moraes use ou não esse genero de adorno decretado pelo nosso luminoso congresso, pois que ninguem vê S. Ex., a não ser os intimos do Itamaraty e os chefes da Jacobinada que o rodeiam para mal dos nossos peccados.

Diz a collega *Gazeta de Noticias*, cuja reportagem é realmente admiravel, que o Sr. Zama, um dos vultos politicos mais sizudos e antigos do nosso parlamento, tenciona apresentar um substitutivo que nos parece ser antes um augmentativo á tal facha em questão.

S. Ex. acha que uma simples facha não é sufficiente para dar na vista, pois o nosso povo acostumado, desde a fundação da Republica, a ver presidentes de chapéo armado, de espada e dragonas e perfeitamente *dorés surtranche*, não póde gostar, de modo algum, de presidente trajando de preto e encasacado.

O Congresso terá forçosamente de approvar o substitutivo do Sr. Zama que entendeu não serem as funcções de presidente da Republica incompativeis com o apparato monarchico, e decretará:

Art. 1.º O presidente deverá usar nas differentes solemnidades casaca de rabo; este será mais ou menos comprido segundo as circumstancias; calção de setim branco, meias de seda preta, sapatos de entrada baixa e uma facha com o lemma Ordem e Progresso.

Art. 2.º A casaca e os sapatos serão verdes ou amarellos, azues ou encarnados, segundo a importancia das cerimonias.

Os artigos 3º e 4º tratam da guarda de honra que deve acompanhar o Sr. presidente, compondo-se esta de cavallaria, infantaria e artilharia, que nas maiores solemnidades dará salvas de cinco em cinco minutos para agradar aos Jacobinos que gostam de barulho; nas cerimonias menos solemnes, as de casaca amarella ou azul, um simples regimento de cavallaria acompanhará o presidente, etc., etc.

Art. 5.º Revogam-se as disposições em contrario.

Consta que o Sr. deputado Coelho Cintra offerecerá outro substitutivo sobre o costume para os dias de chuva.

Trata-se de um manto que deve cobrir o presidente e em cujas costas será bordado com seda verde e amarella um papagaio, symbolo das côres nacionaes, e trepado n'uma melancia, outro symbolo da republica positivista.

Tudo isto é grave, e nós, como bons republicanos, temos grande receio de que o sebastianismo procure sorrateiramente introduzir-se no Congresso.

Este negocio de manto cheira a papos de tucano!

Devemo-nos lembrar que foi o Sr. Coelho Cintra quem apresentou primeiro a idéa da facha na anterior sessão legislativa e, caso assombroso qne encheu de estupefacção todos os membros do Congresso, conseguio arrancar um «apoiado» enthusiastico a um joven deputado pernambucano, que até esse momento todos julgavam surdo-mudo.

Grande numero de deputados foram abraçal-o e dar-lhe sinceros parabens. Nunca tinham ouvido um apoiado soltado com tanta eloquencia!

Assim, como costumam fazer alguns oradores, nesse dia o joven deputado pernambucano foi ao «Diario Official» pedir provas para corrigir o seu discurso, isto é, o seu «apoiado».

Não se fallou d'outra coisa durante tres dias na rua do Ouvidor e era um gosto ver o joven orador de cartola mais ao lado ainda do que costuma, receber, radiante, os cumprimentos e parabens de seus numerosos amigos. Um telegramma enviado á Pernambuco teve a seguinte resposta de seus eleitores:

« O *apoiado* causou delirio!»

Por nossa parte não podiamos deixar de fazer referencia a um acontecimento desta ordem, pois que trata-se de um amigo.»

Voltemos á facha.

Francamente, se para tranquillidade deste povo, que tanto della precisa; si para a solução de tão graves problemas politicos tanto no interior como no exterior do paiz, que tanto ennevoam os seus horizontes; si para saber afinal o que é preciso fazer para sahir de uma situação politica tão embrulhada e tomar o bom caminho, é necessario que o Sr. presidente tenha um facha, que venha quanto antes esta fita abençoada e salvadora, quer ella seja vermelha ou azul, verde ou amarella, côr mais substancial do que outras, pois que lembra hervas com ovos.

Mas que venha de uma vez e que o Sr. Prudente se cinja com ella, se colloque diante de um espelho e diga:

« Agora sim! Tendo-me enfeitado com esta facha presidencial, acredito realmente que sou o Presidente da Republica! Eu é quem devo governar e não ser governado.»

Venha portanto a facha.

A GLORIA

Não pensem, meus leitores, que vão encontrar nestas linhas, buriladas e poeticas phrases de invocação ou apostrophe á chimerica deusa que enche a ardente imaginação de poetas e artistas, que a representam como uma mulher alada a acenar com a celebre coroa de louro que nesses tempos de prosaismo deixou de ornar a fronte dos genios para... adubar panellas, a essa gloria que emfim não passa de uma grande pilheria.

A Gloria de que fallo, embora tenha tido o mesmo destino da outra, a decadencia completa, tambem como a outra,já fez palpitar corações de meninas e moças de todas as classes e cores... sobretudo cores, que esperavam anciosas o seu dia para sahirem garridamente enfeitados e subirem o outeiro onde se ergue a vistosa capella.

O tempora, o mores! Era realmente muito para se ver a ascenção lenta, outeiro acima, de grupos de homens, mulheres, crianças, principalmente de uns bandos de airosas raparigas que só tinham, para antithese do rosto,o vestido branco muito engommado e enfeitado de fitas espalhafatosamente encarnadas ou pretas,e nos davam a impressão exacta de uma mosca em um copo de leite.

Nunca me hei de esquecer de um dia... ou antes uma noite de festa da Gloria, em que me vi em serios apuros.

Tencionava jantar em casa de uma das muitas familias conhecidas que tenho para aquelles lados. Depois de ter caminhado a pé até lá (pois não encontrei lugar nos bonds) e de ter subido e descido o morro, dirigi-me á mencionada casa. Alli chegando, encontrei mais algumas pessoas que se achavam de visita, mas notei a ausencia da dona da casa.

Eram quasi 8 horas da noite quando ella appareceu e desculpou-se para com as pessoas presentes dizendo que a criada tinha ido á festa e ella... para a cozinha. A' vista disto os visitantes, agradecendo o convite de delicadeza que ella fizera,começaram a retirar-se, e eu.. sahi tambem, com uma fome canina e furioso contra todas as cozinheiras que vão á festa da Gloria.

Dirigi-me á casa de outra familia. Ainda brilhava no horizonte a esperança de uma ceia... ou de um chá, pelo menos.

Como na primeira encontrei alguns visitantes, mas notei tambem a ausencia da senhora; não me dei bem com o agouro mas... esperei.

Depois das 11 horas a Senhora entrou na sala e vexada desculpou-se, dizendo que as criadas haviam ido á festa e ella, ao fazer o chá descobrira que se haviam esquecido de comprar assucar, demais as lojas e vendas estavam já fechadas...

Desapontei com o caso e furioso sahi a engulir em secco, com o desespero n'alma e... a fome no estomago.

N'esse tempo morava na rua dos Arcos o F., um primo com quem tinha eu a mais completa intimidade, lembrei-me d'elle e da casa como uma taboa de salvação. Caminhei até lá e, vendo luz na sala, entrei.

— O' F., disse-lhe—tu naturalmente já jantaste.

— Jantei, é um modo de dizer, nos arranjamos, e tu, não jantaste?

— Imagina o que me aconteceu: (e conteilhe tudo) vê, pois, se ainda ficou alguma cousa que se coma, pois estou com uma fome dos diabos.

— Foste infeliz, disse F., realmente triste, nós jantamos fóra, eu e minha mulher, pois a minha criada foi á festa da...

— Basta! (gritei eu) ao diabo todas as criadas d'este mundo e do outro!

Oh! a festa da Gloria!

Hoje ella assignala apenas no calendario um dia agradavel aos funccionarios publicos, que, em lembrança de antigos tempos o fazem feriado.

Les dieux s'en vont e as tradicções tambem. Ainda se vê alguma concurrencia, ainda é difficil obter lugar a certas horas nos carros da companhia de Botafogo, mas ainda ha alguns annos a maior parte do povo ia a pé, pois nem pensava na possibilidade de um lugar nos taes bonds.

Hoje as festas sacras, com a sua monotonia, e sobretudo com o insupportavel e perigoso fogo de artificio, não attrahem mais a concurrencia dos outros tempos.

Dizem que a sociedade esquece as tradições e eu julgo que não.

Mais culta e adiantada a sociedade quer distracções para o espirito e não está já disposta a aturar massadas.

Haverá cousa mais intoleravel que os pulhissimos leilões de prendas e os irrisorios quadros de fogo de artificio, além do perigo dos morteiros, das bombas e ultimamente dos foguetões de dynamite, que já têm causado mais de uma desgraça, e só servem para atterrorisar o povo em lugares de grande affluencia?

Felizmente este anno a policia lembrou-se acertadamente de prohibir o tal fogo, incommodo para os que dormem, e ameaça para os que assistem.

Merece por isso louvoures a policia. Seria para desejar que fizesse o mesmo com todos os fogos d'aqui por diante.

Já não estamos no tempo das barracas do Divino no Campo de Sant'Anna, para onde as familias levavam ceias, esteiras e violões, e sentadas a cantar modinhas esperavam o *fogo*. Ainda bem que este anno não tiveram que *esperar pelo fogo*.

Fez muito bem a policia. Mais civilisação e... menos foguetorio.

Y.

INSTRUCÇÃO

Do illustre Dr. Menezes Vieira, que tantos e tão relevantes serviços tem prestado ao Pedagogium, do qual é competentissimo director, recebemos dois mappas muraes para uso das escolas primarias.

Um representa o Brazil com um quadro de indicação historica das principaes datas, o outro é uma carta geral da America. Ambos esses mappas são feitos a cores vivas com os disticos em grandes lettras, que são sem custo lidos pelos alumnos mesmo a distancia.

Accompanhva os mappas a seguinte attenciosa carta.

« Illustre cidadão.

Tenho a honra de offerecer-vos os exemplares júntos das cartas muraes, processo Vidal Lablache, mandadas traçar por este Pedagogium para uso das escolas primarias e reproduzidas mediante concurso, pelos benemeritos editores Alves & C.

O Pedagogium, sempre fiel ao seu programma, inicia d'este modo a serie de cartas geographicas que preenchem tres condições: variedade, nitidez e simplicidade, e contém o essencial, e só o essencial no ensino primario.

Accresce que, em virtude do contracto a despeza do traçado é sobejamente compensada pelos exemplares que o Pedagogium recebe para distribuir gratuitamente aos estabelecimentos officiaes de instrucção.—Dr. *Menezes Vieira*.

Agradecendo ao notavel educador a remessa e offerecimento dos mappas e as attenções de sua amavel carta, sinceramente o felicitamos por mais este serviço que acaba de prestar á nossa instrucção publica.

E' nobre, é digno ver como o illustre director do Pedagogium se desvela pelo ensino, quando a instrucção é, para os que administram os negocios do municipio, o ramo que menos importancia merece, e os professores os menos considerados dos funccionarios municipaes.

E' nobre e digno vêr o esforço, a dedicação do Dr. Menezes dar aos poderes dirigentes o exemplo que delles devia partir.

Não é o caso de darmos parabens ao director do Pedagogium, mas sim á Patria, á Instrucção Publica e emfim ao Pedagogium por possuirem o Dr. Menezes Vieira.

CHINOISERIES

Mil parabens á policia
que o tal *fogo* prohibio,
andou emfim com pericia
mil parabens á policia.
Sem piada nem malicia:
muito a proposito agio.
Mil parabens á policia
que o tal *fogo* prohibio.

Foi-se o tal *fogo* da Gloria,
não tiveram que esperar,
acabou-se logo a historia,
foi-se o tal fogo da Gloria.
De um acto assim a memoria
deve a musa registrar.
Foi-se o tal fogo da Gloria,
não tiveram que esperar.

Acabe-se a dynamite
fóra o insano foguetão;
nada ha que mais nos irrite,
acabe-se a dynamite.
E' justo que assim se evite
de desastre a occasião.
Acabe-se a dynamite,
fóra o insano foguetão.

Morra a atroadora bomba!
do morteiro cesse o horror!
foi uma ordem de arromba,
morra a attroadora bomba!
Fiquem festeiros de *tromba*,
foi bem feito sim senhor.
Morra a atroadora bomba
do morteiro cesse o horror.

Com taes foguetes damnados
ninguem podia dormir!
Fatos, chapéos estragados
com taes foguetes damnados!
Alem de incendios causados
das bombas ao explodir.
Cam taes foguetes damnados
ninguem podia dormir!

Prohiba a policia agora
fogos... em qualquer lugar,
tal abuso, sem demora,
prohiba a policia agora.
E garantimos nest'hora,
que applausos ha de alcançar.
Prohiba a policia agora
fogos... em qualquer lugar.

Lu-No.

A ILHA DA TRINDADE

Das *Varias* do *Jornal do Commercio* de 15 do corrente extrahimos este topico de uma carta escripta a um inglez residente n'esta Capital por outro inglez que se acha em Londres e que julga a subida do partido conservador, á testa do qual se acha o Sr. Salisbury, actual presidente do conselho, do seguinte modo:

« Talvez d'isso resulte uma guerra na Europa, talvez resulte uma revolução na Irlanda, talvez resulte uma cruel perseguição religiosa contra os não conformistas.

E' provavel, pois, que tenhamos seis annos de reação e de estagnação de todas as reformas.»

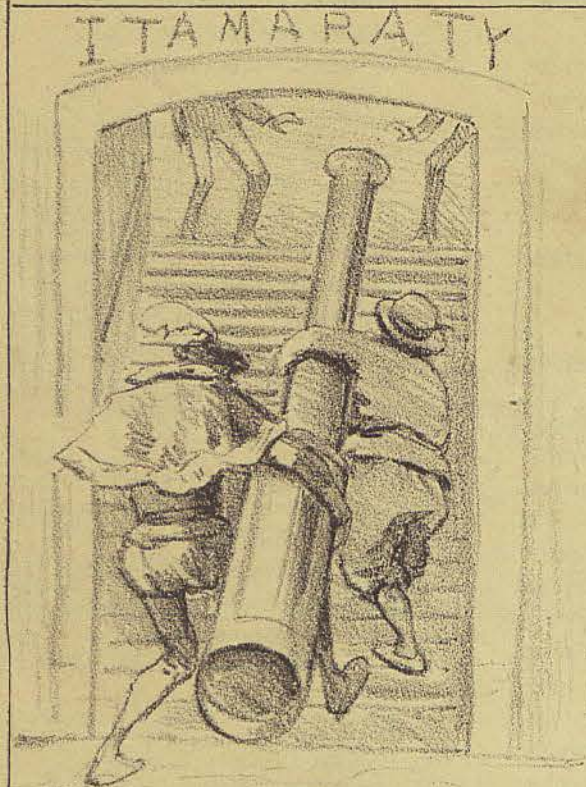
Eis aqui o que diz o inglez de Londres ao seu compatriota do Rio.

Com a subida do partido conservador inglez, nós tambem diremos:

Talvez resulte grande bernarda da nossa questão da ilha da Trindade.

Os nossos leitores devem lembrar-se que, tanto no texto como nos desenhos, demos a entender que devemos desconfiar do actual governo de S. M. Britannica.

Folgamos de vêr que não estavamos em erro quando alludimos aos manejos politicos do Sr. Salisbury, achando-se hoje a nossa opinião confirmada pela de um importante politico de Liverpool, o Sr. R. A. Armstrong, autor da dita carta.

E' bom, pois, que o nosso governo abra os olhos e se der causa a qualquer ruptura com a

Entramos no palacio. O nosso presente causou sensação!

Não tivemos logo a honra de vêr o Sr Presidente, mas conseguimos penetrar no gabinete reservado e politico, o que prova que a nossa reportagem é melhor do que a da "Gazeta de Noticias" (o Zama que o diga.)

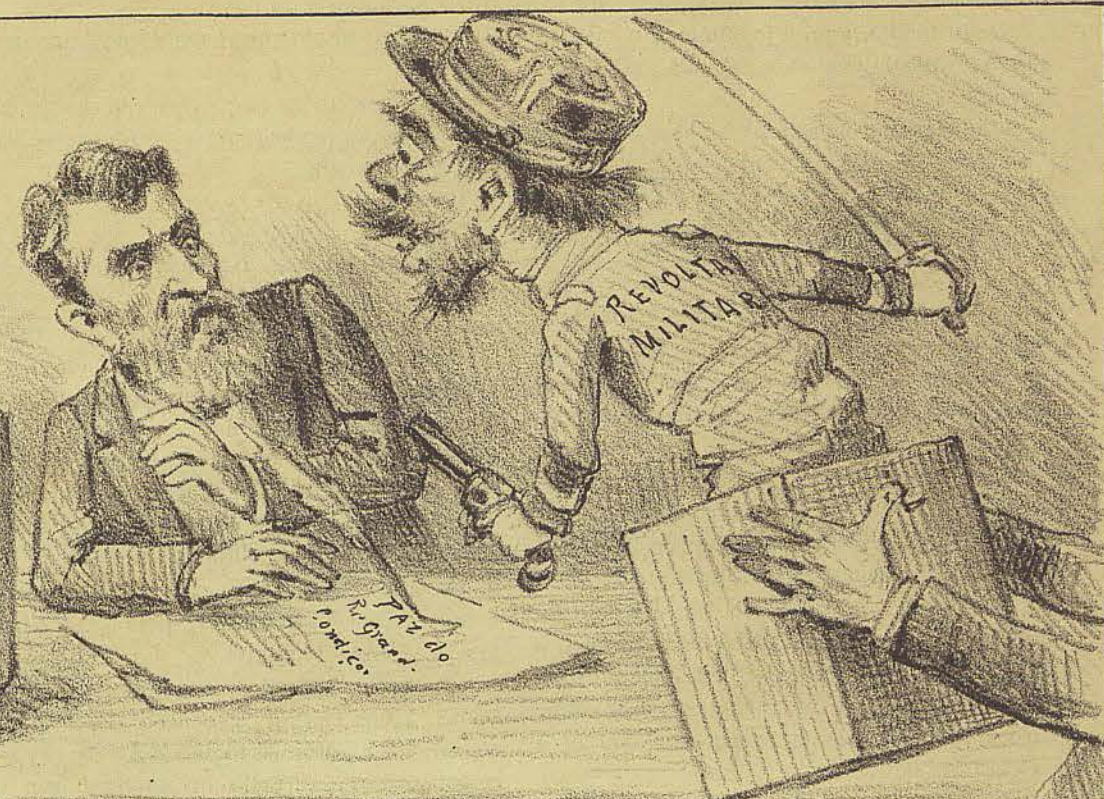
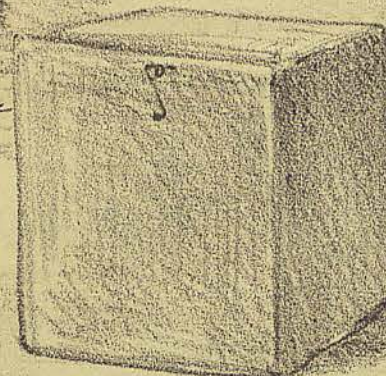
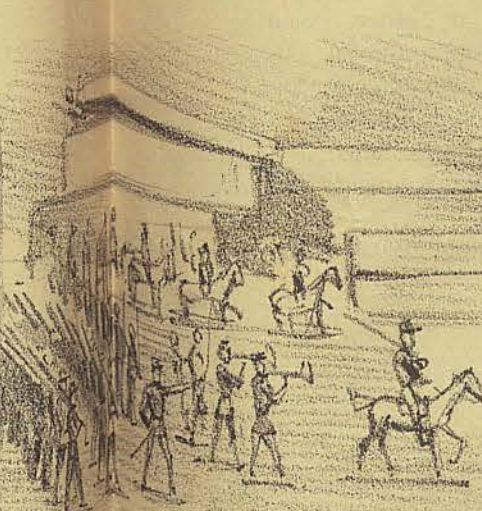
Sobre uma grande meza vimos um frasco de conservas contendo as azeitonas que, ha 8 dias offerecemos;

e tambem muitas caixas com soldadinhos de chumbo, presente dos chefes Jacobinos para incutir no animo do presidente sentimentos guerreiros;

e uma caixa maior de alto segredo politico da Jacubinada para os momentos solemnes e psychologicos.

Exemplo: Quando o presidente, bem inspirado, pega da penna para assignar a paz, um ministro Jacubino (tambem os ha) toca n'uma mola e... Zas! A penna de S. Exa. cahe das mãos.

Mais adiante, sobre a meza, vimos uma caveira de burro servindo de peso a uns papeis da maior importancia politica.

e um medonho cacete symbolo, naturalmente da caceteação que ja causa a todos tão intrincada questão

Sahindo do gabinete, conseguimos vêr as ficelles da politica Jacobinesca, com que os Chefes ensaiavam, por meio de um boneco as attitudes que pretendem dar ao Chefe do Estado.

Cheios de patriotica indignação, sentimos impetos de tomarmos o lugar dos taes politicos, e darmos a attitude que mais convem... para bem de todos.

(Continua na 4a pagina)

Inglaterra por alguma imprudencia, a culpa não será nossa.

Sr. Prudente, aqui é justamente o caso de ser em realidade prudente de mais, do que imprudente.

Cuidado com os laços.

A POLICLINICA

Com relação a este importante estabelecimento, cujos relevantes serviços são bem conhecidos pelo povo, que diariamente enche as salas de consultas em busca de allivio aos seus males, mas que parece que são desconhecidos pelos poderes dirigentes, sabemos que elle se acha actualmente em situação difficil.

A casa onde funcciona é de propriedade do Arcebispado, que agora della precisa.

Tem, pois, a Policlinica de deixar este edificio que ainda assim não tem condições para tal fim, pois o espaço é insufficiente para os gabinetes e salas de consultas, e procurar outro onde possa mais livremente exercer a sua caridosa actividade.

E' preciso que o Governo tome a si o encarga de facultar á Policlinica um predio com as condições necessarias, pois o numero de visitantes cresce de dia para dia.

Ha tempos os distinctos e incansaveis directores deste estabelecimento obtiveram do Governo uma subvenção de 12 contos de réis, subvenção que foi depois diminuida, achando-se actualmente reduzida a 8 contos de reis!

E' insufficiente essa quantia para manter um consultorio de todas as clinicas, tão necessario ao povo, imprescindivel mesmo.

O governo, que não faz questão de gastar dinheiro com demasiada liberalidade, bem podia proteger e sustentar dignamente essa casa de caridade e sciencia.

Prestaria assim ao povo um inolvidavel serviço, compensando, de certo modo os esforços, a perseverança, a dedicação e sacrificios que em prol desta utilissima instituição, desinteressadamente tem feito os seus illustres Directores.

Brevemente daremos os retratos dos fundadores da Policlinica, o que não temos podido fazer por faltarem-nos photographias.

Lettras e Arte

Trata-se agora no Congresso da concessão de uma pensão a Francisco Braga para continuar na Europa os seus estudos de musica.

Como este joven compatriota, talento, cujo primeiro desenvolvimento é filho do Instituto Profissional, tem feito brilhantes progressos, que digam os premios que tem obtido em Pariz e as magnificas composições que para cá tem enviado e tem sido executadas e applaudidas.

Sabemos tambem que o conhecido pintor Baptista que na exposição do anno passado conseguio o premio — *Viagem á Europa* — não póde partir por não lhe terem dado ainda a pensão a que tem direito. Entretanto é um moço cheio de talento e que muito póde produzir para gloria do nosso paiz.

Todo o talento que se distingue é um credor da Patria.

Estamos certos que o Governo saberá cumprir o seu dever para com esses filhos que tanto honram o Brazil.

*

O Club Wagner realisou na quarta-feira passada a sua 2ª partida com a distincção e gosto que são o caracteristico d'esta sociedade.

Começou a festa por um esplendido concerto no qual muito nos agradaram:

A romanza *delirio del cuor* de Papini—(viol. bar. e piano) pelo nosso sympathico baritono Hygino d'Araujo e prof. Serpa, a marcha do *Tannhauser* pelas distinctas amadoras Exmas. Sras. DD. Ricardina Pimentel e Maria M. Guimarães; o solo de flauta pelo prof. Machado e a fantasia da *Fosca* (piano) pelo joven e talentoso Leopoldo Pimentel.

O nosso conhecido e applaudido artista Sante Athos cantou a canção do 2º acto do *Guarany* e a adoravel romanza *Eri tu chê macchiavi quell'anima* (Ballo in Machera) que elle sente e interpreta...como poucos.

A' distincta directoria, para quem esta partida foi um segundo triumpho, os nossos parabens.

L. N.

A CENTRAL

Esta semana, felizmente, não houve desastre algum a lamentar n'esta estrada de ferro. Apenas atrazos de trens, mas isso é o menos. Entretanto ainda o serviço de despacho de mercadorias não está em dia nem estará tão cedo.

Emfim, *como de vagar se vai ao longe*, se isso for melhorando aos poucos é possivel que d'aqui a alguns mezes, ainda possamos ter Estrada de Ferro.

Até ver não é tarde.

MUNICIPALIDADE

Ainda não foram pagos os ordenados de 2 e 3 mezes aos funccionarios municipaes. Informam-nos que ouviram de pessoa auctorisada que talvez em Setembro haja dinheiro. Si assim for...

E' em verdade desolante que pobres funccionarios esperem durante tanto tempo o fructo do seu trabalho.

Quantas necessidades, quantas dóres, vexames e miserias soffrem esses infelizes!

Consta-nos que foi expedida uma circular aos inspectores escolares para que não abonem falta alguma aos professores e adjuntos neste periodo anormal. Se isto é verdade, estamos certos que não haverá um só inspector que cumpra tal ordem.

Realmente, os pobres adjuntos, alguns com familia, que não podem viver com os 190 mil réis que ganham, é natural que procurem um outro trabalho para se manterem. Si a Municipalidade não póde pagar, feche as escolas, garantindo os ordenados para quando puder.

Nesta epocha de necessidades e carestia, é incrivel como se exige trabalho de um pobre adjunto dando-lhe 190 mil réis,

Ora, o que farão os pobres funccionarios si o dono da casa os põe na rua, si o fornecedor lhes suspende os generos, si não tem a quem recorrer? Vão hypothecár os ordenados a usurarios, com juros enormes, e que não poderão pagar. Eis o calote arvorado em principio e sanccionado officialmente. E ainda querem descontar faltas?

Mas isso é natural: que nos importa qué um outro não jantasse, quando jantàmos bem! *Fames caret legem.* A paciencia é a virtude dos burros e a resignação não enche a barriga.

CLUB DOS DEMOCRATICOS

Indescriptivel, inqualificavel, *hors ligne*, ultra-pyramidal, o baile dado em 14 do corrente n'esse Club pelo *Grupo dos Pindahybas*!

A' meia noite já o vasto salão do *Castello* achava-se replecto de tudo o que ha mais *pschutt* no *demi-monde*.

Couberam as honras da noite ao secretario do Grupo o distincto *Sancho Pansa* e ao não menos correcto *Dr. Caxinguêlê*, saudando aquelle, ás 3 horas da manhã, quando foi servida a ceia, a imprensa, respondendo a essa saudação o representante d'*O Paiz*.

Aos incomparaveis pindahybas, organisadores de tão brilhante baile que jámais terá igual, a não ser que os valentes Democraticos queiram provar... e podem fazel-o, que se um pindahybico grupo fez o que nós vimos o que não farão elles; aos invenciveis carnavalescos pois, e ao Sancho Pansa (democratico) os agradecimentos do Sancho cá da casa.

JOVEN CONGRESSO

Esteve bastante animado o baile ao qual tivemos occasião de assistir n'este congresso.

A redacção d'O *Alfinete*, orgam da sociedade, preparou uma bella sorpreza á imprensa: uma sala adornada com jornaes d'esta Capital. Foi uma bella lembrança que agradecemos.

THEATROS

LYRICO

O Frégoli, o incomparavel Frégoli, contiúa a deliciar o publico com as suas originaes transformações. Na quarta-feira realisou a sua festa artistica levando as comedias *Il sagrestano*, *Dó-ré-mi-fá* e *Dorothéa* D'aqui o excentrico actor vai a S. Paulo, onde acreditamos o successo não será menor que aqui, pois o Frégoli é actor destinado a fazer successo em qualquer lugar onde se apresente.

SANT'ANNA

Ermete Novelli deu-nos nesta semana os ultimos espectaculos com o *Pão Alheio*, o *Mestre de Forjas* e outras peças. O grande artista partio para a Europa mas prometteu que em breve estaria de volta.

Que venha quanto antes pois a sua presença é necessaria aqui, agora que trata-se de fundar o theatro Nacional, visto precisarmos do valioso concurso do illustre artista, que prometteu auxiliar com as suas lições o nosso conservatorio dramatico.

Na sexta-feira despedio-se de nós a companhia e com ella o notavel artista que levou nessa noite á scena a peça de Delavigne—*Luiz XI*, já conhecida do nosso publico.

A enchente foi enorme ; Novelli era delirantemente applaudido bem como Olga Giannini e os outros artistas. Propicios ventos conduzam o distincto actor á Europa, ao centro da civilisação e por consequencia da Arte, e que em breve o possamos applaudir de novo.

APOLLO

No dia 9 do corrente realisou-se neste theatro a festa artistica do distincto actor Affonso Taveira emprezario e director da companhia Portuense.

A peça escolhida foi o *Kean* de A. Dumas.

Embora todos os personagens da peça tenham o seu cunho individual, como o sabia fazer o velho Dumas, podemos dizer que o *Kean*, é peça feita para uma só individualidade, e essa é a do protogonista. Entretanto poucos são os que tem conseguido vencer as difficuldades d'este papel e o *Kean* tornou-se peça de resistencia que figura no repertorio de todas as notabilidades artisticas.

Sabiamos qne o actor Taveira tinha grande nomeada em Portugal. Aqui elle nunca se exhibio em scena, limitando-se a ensaiar as operettas da sua companhia. Por isso mesmo esperavamos uma occasião de ouvil-o para nos manifestarmos. Tinhamos porém o presentimento de que corresponderia ás nossas esperanças.

Francamente, foi além do que previramos: fez-nos ver um notavel artista. Não sei como a imprensa, que tanto louva essas operettas que por ahi se cantarolam, deixou passar friamente o magistral desempenho do *Kean* por Taveira ! Correcto e delicadamente altivo no 1º acto, intimo e affectuoso no 2º, com Miss Damby, forte e soberano no 3º, com lord Mewil, nessa admiravel scena que nada deixou a desejar feita como o foi, Taveira tornou-se realmente digno dos maiores louvoures e applausos na scena do 4º acto, que é o ponto culminante da peça. N'esta scena notamos que o distincto artista em vez de fazer o monologo de Hamlet pela traducção que se acha no drama, ou pela da tragedia, de Freitas, preferio fazel-o por uma que poucos conhecem, mas que é a melhor no nosso entender, uma adoravel traducção em versos alexandrinos, do notavel poeta Ed. Vidal. No final desta scena, quando *Kean* apostropha o Principe de Galles, Taveira realmente enthusiasmou a platéa, que justamente lhe reenviou esse enthusiasmo em applausos.

Os outros artistas não sentiram tanto como esperavamos, a transição para o drama. Alfredo Santos fez correctamente o sympathico caracter do Principe de Galles. Soares interpretou bem o Conde de Kœfeld e Carlos dos Santos reproduzio com verdade o altivo e grave Lord Mewil. O José Ricardo muito á sua vontade no Salomão, fez-nos rir e applaudil-o a valer.

A Sra. Luz Vellozo fez uma verdadeira miss Anna Damby ao mesmo tempo timida e ousada, energica e vacillante. Thereza Mattos conduzio com arte o caracter apaixonado da condessa Helena e Maria da Luz, foi regularmente na Ammy. O actor Taveira, além dos applausos calorosos que irrompiam a todo o instante, recebeu muitos mimos e cumprimentos no seu bem adornado camarim onde tivemos occasião de o saudar.

E' incontestavelmente um talento de primeira ordem o distincto actor a quem cumprimentamos.

LUCINDA

A companhia do *Trindade* de Lisbôa continúa a dar-nos a espirituosa revista de Souza Bastos e Freitas Gazul, *Sal e Pimenta* com boa concurrencia.

RECREIO

O Dias Braga nos tem dado nesta semana dous dramas regulares *O Castello do Diabo* e *A filha do mar*, infelizmente com concurrencia menor do que seria para desejar.

A parte do povo que frequenta assiduamente os theatros não quer dramas ; prefere os bailados e as magicas. Questão de . . . gosto.

EDEN

O interminavel Tim tim enkystou-se ahi de vez. Felizmente a empreza da actriz Pepa promette para esta semana uma nova operetta.

VARIEDADES

A companhia da actriz Ismenia continua a dar-nos a *Mimi-Bilontra* e dá os ultimos ensaios á *Paquita* do Dr. Augusto de Castro, que deve subir á scena em beneficio da actriz Lopiccolo.

S. PEDRO

A companhia do Frank Brown tem feito regular successo com os seus trabalhos gymnasticos, equestres e acrobaticos, que são feitos com muita nitidez e pericia.

Além disso executa pantomimas engraçadas e apparatosas.

N.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos :

Revelações de além-tumulo, um bom livro de propaganda spirita pelo Dr. Antão de Vasconcellos, editado por Gaspar da Silva.

Acção de manutenção, sendo appellantes Manoel Vicente Ribeiro e outros e appellada a Fazenda Municipal por seu Procurador dos Feitos.

Documentos sobre a questão do contracto das carnes verdes.

Estatutos da Escola Normal Livre do Districto Federal.

Exposição financeira e technica sobre a Estrada de Ferro S. Paulo e Rio Grande apresentada pela directoria da mesma estrada aos accionistas em Maio do corrente anno.

« **Revue** Medico-Chirugicale », n. 7 de Julho de 1895. Mais um fasciculo d'esta utilissima publicação que dirige o Dr. A. Brissay.

Jornaes :

« **The Rio News** », n. 33. Um bom numero.

« **O Alfinete** », periodico critico e recreativo do joven Congresso sob a direcção do Sr. J. Carvalhaes, n. 4. Um bem feito numero com bons artigos e regulares versos.

« **La Union Espanola** », n. 177. Um esplendido numero, trazendo na primeira pagina os retratos dos officiaes principaes da guerra de Cuba e dos chefes revolucionarios, e nas outras um bom texto, que faz honra ao acreditado jornal.

« **A Illustração** », de Pernambuco, anno 1º n. 11, jornal litterario e humoristico. Bem collaborado.

« **A Revista** », da Bahia, n. 2, com bons artigos e os retratos do marechal Floriano e do governador Rodrigues Lima.

« **A Estação** », n. 15, anno XXIV. Um numero magnifico, como são sempre os d'esta querida publicação que não tem rival entre as congeneres no Brazil.

« **O Onze de Agosto** », jornal academico da Faculdade de Direito de S. Paulo. Muito bom.

« **L'Echo du Brésil** », 213. Mais um bom numero a augmentar o credito d'este magnifico jornal.

« **A Pose** », interessante jornal litterario de um grupo de artistas.

Convites :

Do Club Wagner, para a sua segunda partida. Um cartão elegantissimo.

Do Gremio da Tijuca para a partida de iniciativa ao director de salão Dr. Odillon Benevolo.

Do Derby Club para a primeira corrida extraordinaria em 15 do corrente. Um cartão mimoso.

Do Turf Club para a segunda corrida. Distincto!

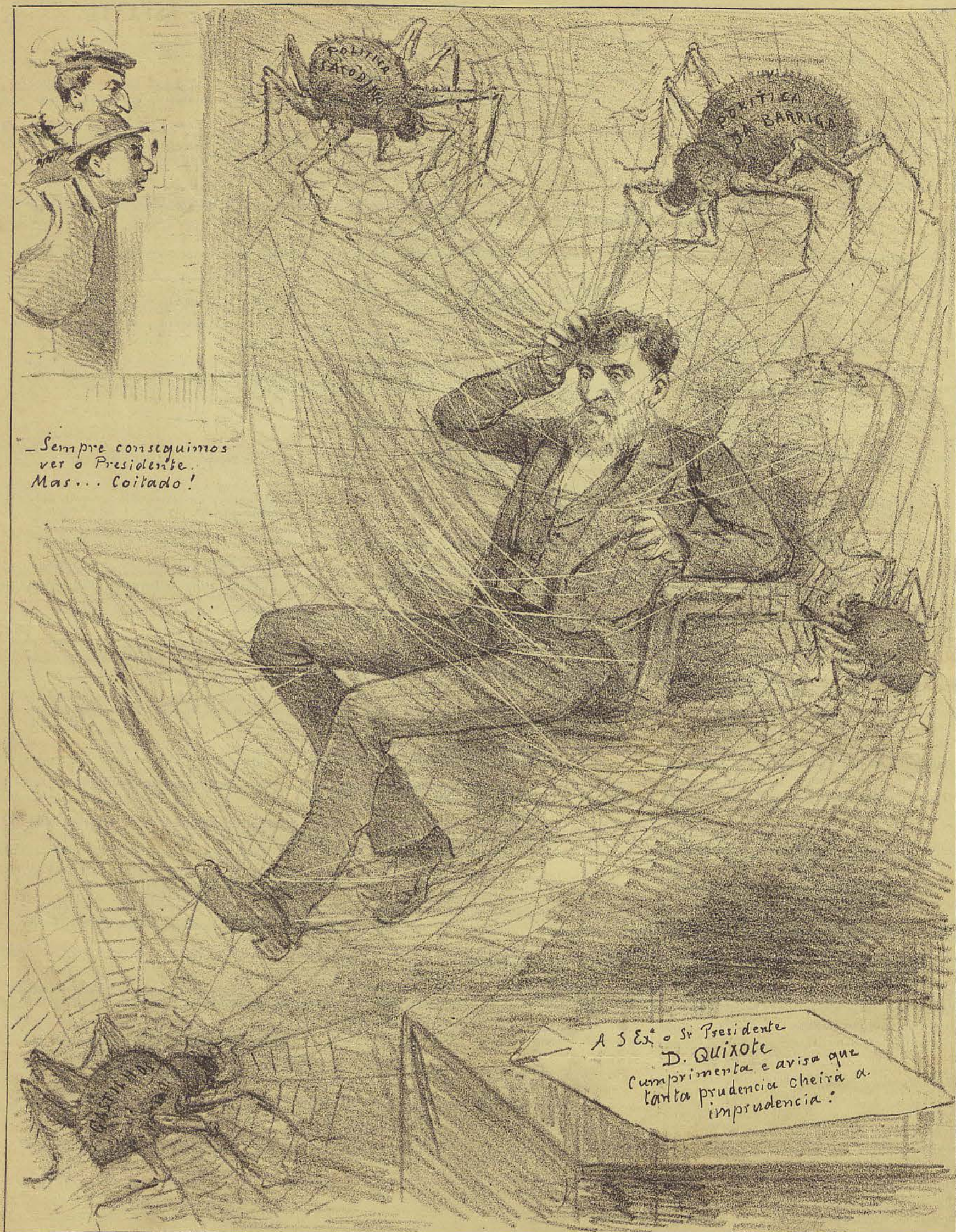
Do notavel Frégoli recebemos uma cadeira para a sua festa artistica.

Typ. L'Etoile du Sud, r. S. José 102

POLITICA JACOBINA

POLITICA DA BARRIGA

— Sempre conseguimos
ver o Presidente.
Mas... Coitado!

A S. Ex.ª o Sr Presidente
D. Quixote
Cumprimenta e avisa que
tanta prudencia cheira a
imprudencia!

Ao retirar-nos, como lembrança da visita, deixamos, sobre a meza, o nosso cartão.

Anno 1° Rio de Janeiro Nos 30-31

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO DE Angelo Agostini

R. OUVIDOR 109

Don Quixote e Sancho Pança depois de effectuada a paz do Rio Grande.

(Os nossos assignantes comprehendem que em tal chuva era impossivel o "D. Quixote" sahir á rua mais cedo.) a Administração.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno.......	24$000
Semestre	12$000	Semestre ...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitarnos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura terminou no fim de Junho, recommendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 24 de Agosto de 1895.

A PAZ

Está feita a paz do Rio Grande. Esta lucta que, durante tanto tempo, devastou esse infeliz Estado, despenhou no abysmo da morte tantos cidadãos necessarios ao seu paiz, e encheu de luto e consternação todos os corações que anima o sentimento do verdadeiro patriotismo, terminou emfim, enlaçando-se as duas bandeiras, ha pouco inimigas, sob as dobras protectoras do alvo manto da paz.

O Sr. Presidente da Republica, realisando essa aspiração de todos os Brazileiros, levantando d'este modo a nossa Patria perante o mundo, merece a gratidão de todos os que se inspiram no amor da sua terra natal.

Entretanto, no meio do enthusiasmo, das manifestações, acautele-se o Sr. Dr. Prudente de Moraes, pois um grupo de ambiciosos pretende neutralisar em proveito proprio, as boas intenções de S. Ex.

Assim é que essa paz, que reunio, sem humilhação nem dezar, os dois partidos em um abraço de irmãos, encontrou quem dissesse, em plena sessão do Congresso, que tinha sido *uma paz humilhante* ! !

Duvidariamos em acreditar que existissem Brazileiros tão adversos ao bem, á dignidade e ao progresso do seu paiz, si não soubessemos que, diante da ambição, cala-se o patriotismo, cede a dignidade propria, desapparecem emfim todos os sentimentos elevados do coração humano.

Lembre-se o Sr. Dr. Prudente de Moraes que, si a paz está feita no Estado do Rio Grande do Sul ainda não o está aqui, na capital da Republica, onde reina a guerra, não a guerra franca e leal de adversarios que se batem com as armas, mas, o que ainda é peior, a guerra surda dos ambiciosos que pretendem empolgar o poder, pouco se importando que esse poder venha sentar-se sobre os destroços da nossa cara Patria, victima d'este modo sacrificada no altar do interesse pessoal. Não receie o Sr. Presidente os obices que o Congresso, ou quem quer que seja, procure oppôr ás suas nobres intenções: forte pelo apoio do povo, pela dedicação da grande maioria da Nação, S. Ex. não deve ter duvida em reagir com toda a energia contra os designios anti-patrioticos d'esse pequeno grupo.

Nas sinceras,espontaneas manifestações do povo S. Ex. tema maior prova desse apoio.

A realisação da paz no Rio Grande foi um grande passo para a reorganição do nosso paiz, mas ainda não é tudo; resta alguma cousa a fazer, e estamos certos de que S. Ex. não recuará em tão glorioso caminho que, levando o Brazil á sua maior grandeza, levará tambem S. Ex. á historia e á gratidão nacional.

AOS MEUS ASSIGNANTES

O successo inesperado que tem tido este jornal, o numero de assignantes que cresce de dia para dia e a venda avulsa que, apezar do preço elevado, tem sido extraordinaria, é certamente um motivo de jubilo para mim, pois que vejo, com todo o reconhecimento, que o publico tem correspondido aos meus esforços em dar-lhes um jornal que, se não é perfeito quanto á execução de suas estampas e ainda mais na impressão d'estas, tem, pelo menos, o merito de ter conquistado reaes sympathias, pela sua independencia, imparcialidade e pelo modo porque trata dos acontecimentos, tendo sempre por norma a justiça na critica dos abusos e no louvor aos que o merecem.

Se consegui, por esse lado, captar a benevolencia do publico, não posso corresponder a esta, como desejaria, pelo lado material, sobre a impressão da folha e a entrega da mesma.

Apezar de a ter sempre aprомptado nos sabbados, como se verifica pelas lisonjeiras noticias que sobre ella todos os jornaes tem dado nos domingos (menos *O Paiz...* (!) nem sempre a folha póde ser distribuida nesses dias.

A razão desta irregularidade, que sinto tanto quanto os meus assignantes, é que o jornal imprime-se n'uma lithographia, aliás a mais bem montada d'esta capital, mas cujas machinas só podem trabalhar á luz do dia!

Uma empreza que começa está sujeita a toda a especie de contrariedades; essa é uma, e estou convencido de que, á vista do exposto, os assignantes do *D. Quixote* relevarão a falta da sua visita em alguns domingos.

Tratarei pois de remediar a isso, assim como tenho de remediar ao seguinte:

Apezar de tirarmos uma edição como nenhum jornal illustrado tem tido até hoje, n'esta capital, vejo com satisfactorio pezar (se é possivel as duas palavras juntas) que as collecções guardadas para futuras assignaturas estão quasi esgotadas, faltando de todo alguns numeros.

Tendo já tomado o compromisso com alguns assignantes, a quem prometti os numeros que faltam, e vendo que a maior parte dos que vem assignar deseja a collecção desde o começo, vejo-me na necessidade de reimprimir nova edição de quasi todo o primeiro semestre. E' uma despeza consideravel, que não recuo entretanto em fazer; hoje ainda se pode, mais tarde seria impossivel, e muitos ficariam privados, para sempre, nas suas collecções, do primeiro semestre do *D. Quixote*.

Aqui no Rio de Janeiro já o tenho tentado; é impossivel.

Essa edição será portanto desenhada e impressa na Europa.

E como «quem quer vai e quem não quer manda», vejo-me na necessidade de dar um pulo até lá, para fazer executar nova edição e trazer, ao mesmo tempo, algum material que permitta, não só regularizar mais a nossa entrega, como evitar novas despezas de reedição.

Com verdadeiro pezar deixo o meu lapis na gaveta, onde ficará á minha espera até Novembro deste anno. Levo comtudo um consolo: é que esta paz, tão desejada e pela qual tanto temos trabalhado, é hoje uma realidade.

Espero pois, na minha volta, *se os pescadores jacobino-politicos se tiverem afogado nas aguas turvas da ambição*, encontrar a familia brazileira na mais perfeita harmonia. Para isso tornam-se necessarias duas cousas apenas: juizo e patriotismo.

Ao nosso honrado chefe do Estado o Dr. Prudente de Moraes, que recebe hoje os louvores de todos os bons brasileiros, pela paz do Rio Grande, saudamos, fazendo sinceros votos pela sua saude, tão necessaria á tranquillidade deste paiz.

Até breve, pois, queridos assignantes.

A. AGOSTINI.

NA IGREJA

Fomos ha dias procurados por alguem que queixou-se de que, em uma missa com orgam, o padre, sem motivo algum, havia feito parar esse instrumento, o que dera causa a desgosto e recriminações, pedindo a nossa intervenção no sentido de noticiarmos o caso fazendo-nos *orgam* (não da igreja) mas desta queixa.

Sinceramente, não nos podemos manifestar nesta questão, nem sermos *orgam* dos queixosos.

O padre, desde que fossemos *orgam*, nos poderia impor silencio, e com razão.

Desde que a religião foi officialmente separada do estado, nós nada mais temos com o dominio espiritual.

A igreja não é mais do estado e sim dos padres, elles alli mandam com o poder que lhes confere a sua qualidade de ministros do culto catholico.

Os fieis que frequentam os templos, tem de submetter-se ao seu imperio como ovelhas ao seu pastor.

Lá teria de certo algum motivo o padre que mandou parar o orgam. Quem sabe se o instrumento não estava de tal modo desafinado, que nem a sua qualidade de *orgam* de musica sagrada o pudesse conciliar com os ouvidos do sacerdote, talvez zelador das regras de contraponto e harmonia?

Em todo o caso o padre estava em sua casa, e podia proceder como quizesse: fazer o orgam tocar ou calar-se, abrir-lhe ou fecharlhe os registros, que ninguem tem que ver com isso.

A igreja não é mais subvencionada pelo estado, os proventos das congruas não sahem mais do Thesouro Nacional e por consequencia do nosso bolso; são os fieis catholicos que sustentam o culto, por isso a nossa interferencia em taes negocios não tem razão de ser.

Se, por acaso, os ministros do altar, deixando os encargos da sua missão espiritual que constitue a esphera do seu dominio, vi-

essem intervir na ordem temporal, usurpando attribuições do estado, então teriamos toda a razão de intervir e protestar.

Mas no dominio espiritual nós não entramos e alli podem elles fazer o que quizerem, que estão no uso pleno do seu incontestavel direito e aquelles que os reconhecem como directores d'alma, tem a obrigação de respeitar e cumprir as suas determinações.

Chacun à sa place.

CORPO DIPLOMATICO

O projecto de reforma do Corpo Diplomatico apresentado no Congresso, é uma monstruosidade que não tem a menor razão de ser e tende, como diz o Dr. A. Montenegro, a extinguir a nossa representação no estrangeiro.

Si ha paiz que precise ser dignamente representado é o nosso. As suas relações commerciaes, a sua importancia pelo menos geographica, obrigam-no a ter uma representação digna.

Mas os nossos deputados não entendem d'isso e pouco lhes importa que os representantes do Brazil façam triste figura no estrangeiro. Assim é que faz parte do projecto a diminuição dos vencimentos do nosso Corpo Diplomatico, já tão mesquinhamente remunerado.

Soffra mos as nossas necessidades dentro do paiz, esperemos mezes pelos ordenados, como acontece aos funccionarios municipaes, mas não levemos a falta de senso a cercear os meios aos representantes da nossa nacionalidade.

Em casa podemos estar á vontade, mas desde que vamos fazer ceremoniosa visita, nos vestimos com o que temos de melhor.

Porventura poderá um diplomata dispensar carros, creados, conforto, despezas emfim de representação, sem envergonhar o seu paiz?

Os viajantes que precisarem no estrangeiro o apoio dos nossos consules ou das nossas legações o que dirão ao verem a bandeira brazileira tremular na saccada de alguma casa velha e suja, pois que os ordenados e despezas de representação não dão para mais? Sentirão de certo subir-lhe ás faces o rubor da vergonha!

Ora, Srs. do congresso, um pouco de patriotismo e criterio não seria demais quando tratassem de questões da importancia d'esta.

O Brazil, repetimos, precisa mais que nunca, firmar seus creditos no estrangeiro, e não será envergonhando-o d'este modo, na pessoa dos seus representantes, que o conseguirão.

Noblesse oblige.

ALMIRANTE SALDANHA

Das *Varias* do *Jornal do Commercio* de quinta-feira passada extrahimos o seguinte telegramma que o collega transcreveu do jornal *La Razon* de Montevidéo:

« Rivera—12—Chegou a esta localidade a commissão brazileira trazendo o cadaver do almirante Saldanha da Gama que foi encontrado por um chefe federal nas immediações do lugar em que se deu o combate.

O cadaver está horrorosamente mutilado.»

Ainda bem que foi encontrado o corpo do inditoso almirante!

O telegramma descreve circumstanciadamente as mutilações que soffreu o corpo d'este official.

Assim, se não é verdadeira a versão que correu de terem queimado os seus restos, ao menos fica d'este modo provada a mutilação horrorosa do corpo.

Que não respeitassem a vida do almirante vendo-o só e desarmado, como o ordena a cortezia militar, ainda se comprehende, desde que se pense no odio terrivel que inflamma os castilhistas do Sul, mas mutilarem sacrilegamente um cadaver, para ir depois escondel-o em uns mattos onde foi encontrado, como diz mais adiante o referido telegramma, é inaudito de selvageria.

Quando este povo tiver comprehendido como deve os principios de dignidade e civismo do finado almirante Gama, saberá qualificar de modo apropriado tal procedimento, e o futuro se encarregará de vingar a sua memoria tratando como merecem os profanadores de seus restos mortaes.

ASSALTOS Á PROPRIEDADE

Apezar do novo systema de policiamento nas ruas da cidade, nem por isso melhorou, antes peiorou, o estado lastimavel em que ella se acha no tocante a falta de garantia para a propriedade.

Rouba-se, saquea-se, assalta-se á mão armada, não só no negror da noite, mas em pleno dia! E' incrivel!

Todos os dias os jornaes regorgitam de noticias de factos d'esta ordem e nada se tem feito para reprimil-os!

Mas, como não será assim se os mais audazes gatunos, apenas presos, logo apparecem, apoz dias, passeando livremente? Si a lei exige, para punição do roubo, o flagrante?

Confessemos que este caso é raro: nenhum criminoso d'esta natureza se deixa prender no momento do crime.

Si o facto de ser um individuo conhecido como gatuno, não é sufficiente para a sua punição, recluso ou, o que é melhor, deportado, então não sei para que temos policia, sem que a lei lhe dê o direito de prendel-o.

Nos suburbios então ainda a cousa é peior. Com a suppressão dos postos policiaes do Meyer para cima, os amigos do alheio criaram tal coragem, que os moradores daquellas localidades vivem em continuo sobresalto e não tem outro recurso sinão transitarem sempre armados.

Nestes logares os malfeitores não se limitam a roubar objectos de facil transporte: a audacia chega a ponto de, em pleno dia, desmobiliarem casas, conduzindo pezados moveis, e apoderarem-se de saccos de assucar e outros generos, como o fizeram ha dias em uma confeitaria em Cascadura!

Isso é triste! Parece que esses malfeitores têm a intenção de zombar, não só da população, mas até da policia!

Nós, por nossa parte, aconselhamos aos moradores das referidas localidades e aos cidadãos em geral que se armem e repillam qualquer aggressão, pois que a lei é toda favoravel aos gatunos e não aos cidadãos honestos.

MANIFESTAÇÕES

Pela realisação da paz no Rio Grande se tem feito grandes manifestações.

O seguinte telegramma de Porto-Alegre dirá como o povo recebe jubiloso a grata noticia:

«PORTO-ALEGRE, 22, ás 9 horas e 30 minutos da noite (demorado por trovoadas).

Amanhã terão logar grandes festas em Pelotas. Algumas embarcações estacionadas alli embandeiraram em arco logo após a chegada do general Tavares. As festas promettem toda a imponencia. Sabe-se do seguinte programma: Duas filas de moças da melhor sociedade de Bagé formarão defronte úma da outra; a um signal dado duas moças representando, uma o governo, caminharão á frente trazendo bandeiras da União e a do 35º; acto continuo apparecerá uma outra conduzindo a bandeira revolucionaria; entrelaçam-se as tres; surge uma quarta joven, portadora da bandeira de setim branco tendo um ramo de oliveira bordado a ouro e a palavra PAZ.—Essa bandeira cobre as outras, seguindo-se depois a deposição das armas.»

Está feita emfim esta paz tão necessaria para o credito e união da familia Brazileira, para a honra da nossa Nacionalidade! Feita sem humilhação para nenhum dos partidos, em um congraçamento fraternal!

Logo que se espalhou a grata noticia da tão desejada paz do Rio-Grande, o povo, cheio de enthusiasmo, encheu a rua do Ouvidor e em frente á «Cidade do Rio» soltou enthusiasticos vivas e acclamações. D'esta redacção fallaram brilhantemente ao povo José do Patrocinio, Barros Cassal, Martim Francisco, M. Lavrador, Maia, Moacyr e outros.

Depois o povo e muitos jornalistas dirigiram-se ao Itamaraty, onde o enthusiasmo se manifestou immenso em vivas ao Chefe do Estado, ao Rio-Grande, á Republica, etc.

Franqueadas as portas do palacio, os cidadãos subiram ao salão, onde se achava o Dr. Prudente de Moraes, que foi coberto de flores e palmas. Fallaram ainda em nome do povo J. do Patrocinio e B. Cassal.

O Sr. Presidente respondeu commovido, em um inspirado e patriotico discurso.

Na occasião de abraçar o nosso chefe A. Agostini, que alli o tinha ido saudar, S. Ex. disse-lhe: « Creio que sempre consegui desembaraçar-me da teia de aranha» referindo-se ao desenho da ultima pagina do nosso numero passado.

« E transformou-a em ramos de louros», respondeu o nosso chefe.

Este dito do Sr. Presidente, em occasião tão solemne, é uma prova de que sempre acertamos em dar a conhecer ao publico quanto o Sr. Dr. Prudrnte de Moraes teve de lutar para vencer todos os obstaculos que o embaraçavam no seu firme proposito de dar a paz ao Rio-Grande e a tranquillidade a toda a nação Brazileira.

O trato ameno que nessa noite dispensou ao nosso chefe, demonstra que S. Ex. é homem de espirito e sabe conhecer os verdadeiros jornalistas, qualquer que seja a forma das suas criticas, quando estas tem por base o verdadeiro sentimento patriotico.

A cidade ante-hontem e hontem esteve illuminada e o povo, verdadeiramente jubiloso, encheu as ruas e praças n'uma expontanea manifestação de prazer.

Varias sociedades celebraram com festas o fausto acontecimento, bem como muitas familias em suas residencias.

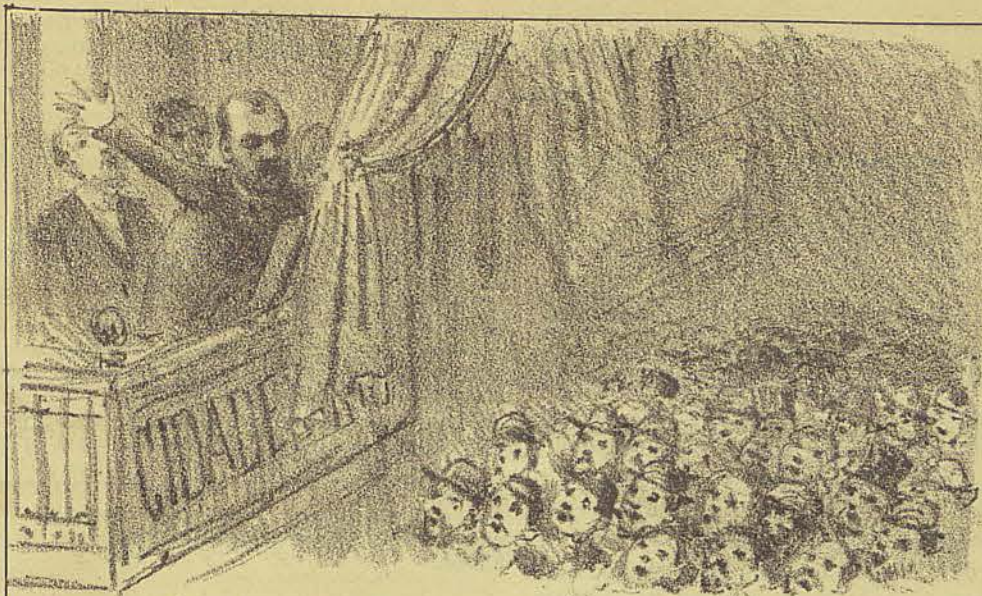
O Dr. Prudente de Moraes tem sido saudado por varias commissões de toda a imprensa, de estabelecimentos de instrucção, de todas as classes sociaes, emfim.

Entretanto, estranham alguns que não tenha sido dado feriado, ao menos durante tres dias, nas repartições e escolas.

O governo não póde fazer isso, pois a festa é feita a elle. Os chefes dessas repartições é que o devem pedir. O Sr. Dr. Prefeito bem podia fazel-o, para que os funccionarios municipaes pudessem tomar parte no prazer publico.

Continuam ainda as manifestações de regosijo.

— Os meus ramos de oliveira sempre serviram...

Destruindo, afinal, as teias, que o embaraçavam, o Presidente da Republica achou-se, logo, cercado de louros e flores.
Nem todas as aranhas fugiram... A mais perigosa ficou.

O José do Patrocinio teve, a pedido do povo, de pronunciar 354 discursos em dois dias e soltar 23455 vivas ao Dr Prudente de Moraes, á Paz, á Republica ao General Galvão, a Joca Tavares, ao Rio Grande do Sul.

Os Zé-Cubinos damnados com a paz resolveram fazer chinfrinada e atacar a nossa collega "Cidade do Rio". Resultado: Pancadaria de criar bicho e derrota completa dos Zé-Cubinos

Na Camara, o grande chefe Zé-Cubino Chico-Guassú censurou o modo porque se fez a paz e disse:

"Poderá o estrangeiro tomar á serio a Republica, se a revisão da Constituição de um Estado é pedida na ponta da espada de um general!»

D. Quixote, que tambem tem assento no parlamento quando lhe convem, responde: Antes na ponta da espada de um patriota e honesto militar, do que na ponta da lingoa de um parlamentar que, um dia diz uma cousa e n'outro dia outra.

Sancho Pança vendo que Seu Chico tornou-se apologista da paz, resolveu presenteal-o com uma casaca, que espera nunca virará

Vendo-se assim meio civilisado, ó Sr. Chico-guassú poderá á vontade deitar elegancia. Sim Senhor

Quanto ao tal Senhor que insultou cobardemente e chamou General de comedia o honrado General Galvão (ausente) D. Quixote responde por este, mandando offerecer-lhe uma escarradeira.

Assim, quando tiver de expectorar insolencias na Camara, não sujará o tapete... da discussão.

E assim limparemos qualquer nodoa que queiram lançar sobre honrados militares e possa manchar a alva bandeira da paz.

A NOTICIA

A cerca do nosso numero passado o estimavel collega d'*A Noticia* disse umas cousas que não podem passar sem reparo.

Achou o collega que era *trop fort* o desenho critico que fizemos sobre a demora da solução da paz do Rio Grande e quasi deu a entender aos seus leitores que não tratamos convenientemente o nosso chefe de Estado.

Em primeiro logar diremos ao collega que nenhum jornal è mais amigo do chefe do Estado do que o nosso.

Ninguem tem maior desejo de sustentar na pessoa do actual presidente da Republica o governo civil, que é o que mais ambicionamos para bem deste paiz, que tanto delle precisa.

Nesse desenho a que alludio o collega, a critica é feita aos ambiciosos que entendem que o chefe do Estado deve mover-se segundo os seus interesses.

São elles os que pretendem fazer do presidente um boneco e não nós.

Torne, pois, o collega a ver o desenho em questão e lhe recommendamos, sobretudo, que leia attentamente o que se acha escripto por baixo delle.

Comprehenderá então o sentido do que chamamos *ficelles* da politica.

Apezar do nosso mais profundo respeito pelo actual Chefe do Estado, apezar de toda a consideração que elle nos merece, o *Don Quixote*, em todas as suas criticas, apenas refere-se ao facto de ser elle prudente de mais; e isso elle o é.

Cremos que de modo algum isto póde magoar, nem S. Ex. o presidente, nem os seus partidarios, d'entre os quaes somos dos mais fervorosos e sinceros.

Recommendamos de novo ao collega que, para outra vez, trate de compenetrar-se bem do sentido dos nossos desenhos e que não deixe de ler o texto d'elles.

X.

MARECHAL DEODORO

Completaram-se no dia 22 do corrente tres annos que falleceu o Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, o primeiro Presidente da nossa Republica.

Filho do seu esforço e valor pessoal, o Marechal Deodoro deixou o seu nome immorredouro, não só para o exercito, onde a sua brilhante carreira foi uma serie de relevantes serviços á Patria, e de subidos exemplos de patriotismo e coragem, como para o povo inteiro, em cuja memoria ainda vivem os não menos elevados exemplos de honradez, firmeza de caracter e criterio administrativo que deu, não só como Chefe do Governo Provisorio, mas como Presidente da Republica.

O Marechal Deodoro legou á historia da nossa Patria um grande exemplo a seguir, uma grande abnegação a imitar.

E' justo que recordemos hoje a data do anniversario do seu passamento.

Lettras e Arte

ALMA PRIMITIVA

CONTOS POR MAGALHÃES DE AZEREDO

Um dos nomes mais sympathicos da nossa litteratura é o do auctor do presente livro, embora, como muitos outros, ainda não tenha recebido a justa consagração dos seus meritos de prosador, que, á clareza e apropriado da expressão, reune um estylo que se aprimora de dia para dia.

Lemos com prazer todo o seu livro, onde folgamos em não encontrar as taes ribombantes phrases, os insupportaveis periodos eivados de methaphoras absurdas, a adjectivação pulha em que parece resumir-se o preparo intellectual de certos *reformadores* agora muito em moda.

No livro de M. de Azeredo não ha nada d'isso. As descripções são naturaes e verdadeiras, a adjectivação apropriada, os periodos bem cinzelados, e emfim possue aquella naturalidade de estylo que convem ao narrador. Si pode valer a impressão de uma leitura attenta, porém rapida, diremos que o conto do qual conservamos lembrança apoz a leitura foi o que se intitula — *A agonia do negro*, conto extraordinario de energia e verdade. E' possivel que a muitos não agrade o estylo de M. de Azeredo, que o achem até VELHO, a elle, cujos escriptos exuberam da seiva da juventude, mas livre-se o auctor d'essa corrente perigosa e dê-nos sempre livros como a *Alma primitiva*.

O futuro ha de por certo fazer justiça aos que pensam e trabalham movidos, não pela vaidade das apparições espalhafatosas, mas por um amor verdadeiro á arte. M. de Azeredo é um sincero. Acceite os nossos parabens.

O nosso compatriota Francisco Valle, que ha pouco concluio os seus estudos musicaes em Paris, organisou um concerto no domingo passado, no salão do Club Symphonico.

Como pianista Francisco Valle revelou boa comprehensão de phrases e mechanismo.

Agradou-nos muito na Sonata de Beethoven, apezar de ter de se haver com um piano que... não era positivamente o ideal em piano de concerto, pois de *concerto* precisava.

Como compositor, não podemos julgal-o definitivamente, pois apenas exhibio uma unica das suas composições e essa mesma não é das mais recentes.

O desempenho do programma foi bom.

O conhecido barytono Sr. Carlos de Carvalho e a Exma. Sra. D. Olivia Cunha satisfizeram plenamente na parte cantante.

O maestro Nascimento teve, como sempre, uma tempestade de applausos, apoz a brilhante execução do seu solo.

O Sr. Jeronymo Silva tambem agradou bastante, sendo justamente applaudido.

Realmente magnifico esteve o baile offerecido pelo Gremio da Tijuca ao seu director de salão o Dr. Odillon Benevolo, que deve achar-se satisfeito com as provas de merecida estima que recebeu.

Os salões achavam-se completamente cheios, dançando-se animadamente até ás 3 1/2 da manhã.

A' directoria, que foi de uma delicadeza extrema, como costuma, os nossos cumprimentos.

L. N.

A CENTRAL

No nosso numero passado registramos com prazer o facto de não se ter dado um só desastre durante a semana, e chegamos por isso a nutrir a esperança de melhores dias para essa infeliz Estrada.

Illusoria esperança foi essa! Mais um desastre foi juntar-se á terrivel lista de tantos accidentes que tem desorganisado o serviço d'esta via-ferrea e creado para ella uma bem triste celebridade.

O desastre que se deu, na segunda-feira passada, entre Maxambomba e Queimados, no kilometro 40, porece ter tido origem criminosa. O trem S 2, ao chegar ao dito kilometro, em vez de seguir a linha que devia, entrou na chave de um desvio que foi encontrada aberta.

Neste desvio achavam-se muitos carros de bagagens e mercadorias que ficaram completamente inutilisados, bem como algnns wagons do S. 2. Os passageiros nada soffreram ; apenas um foguista ficou esmagado.

Custamos a acreditar que a perversidade de alguns individuos chegue a ponto de sacrificar vidas e material d'este modo.

Preferimos continuar a julgar casuaes os innumeros desastres que tanto desacreditam essa estrada e o nosso paiz. Mas o que é incontestavel é que esta ordem de cousas não póde continuar. Si a Estrada de Ferro, que funccionou com regularidade e segurança, agora acha-se em desorganisação, isto tem uma causa, que é preciso extinguir de prompto para garantia da população. Não será demais chamarmos ainda uma vez a attenção do Governo para este vergonhoso estado da nossa primeira via-ferrea.

Y.

CHINOISERIES

E' BOA!!

Neste tempo de prodigios
vemos cousas de espantar ;
este bom povinho prova-nos
que o que mais sabe é esperar

Nossas questões duram seculos
e ninguem descoroçoa!
Todos com o tempo conformam-se:
E' boa!

Inglaterra e França amolam-nos
com a Trindade e o Amapá,
taes questões pedem um termino,
mas quando, quando será?

Espere o Zé Povo e cale-se
que está a gritar á toa!
Isto é... segredo politico...
E' boa!

Da Intendencia as tristes victimas,
ainda vivem a esperar,
ha mezes os cobres guardam-lhes
e as forçam a trabalhar!

E quando as contas exigem-lhes,
e toda a esperança se escoa,
Esperem! diz a Intendencia,
E' boa!

Com desastres aniquila-se
a nossa Estrada Central,
alli as vidas extinguem-se,
se perde o material.

E quando o clamor do publico
em queixa tremenda echoa,
nada se faz... tudo ad'a-se.
E' boa!

Pobre paiz! Em que vortice
te deixam assim cahir!
O presente mostra o tetrico
destino teu no porvir.

E o governo, mudo, impavido,
sem que dos males se doa,
espera sereno e placido...
E' boa!

LU-NO.

Marianno Pina

Acha-se entre nós este distincto litterato e jornalista portuguez cujo nome é ha muito conhecido e apreciado não só em Portugal como nos circulos litterarios de Pariz e do Brazil.

Marianno Pina milita com vantagem ha alguns annos no jornalismo portuguez e ultimamente fundou o excellente jornal a Illustração.

E' um dos mais bellos talentos da actual geração litteraria.

Ao illustre hospede, que assim nos honra com a sua visita, os nossos cumprimentos.

A CIGARRA

O numero 16 deste semanario vem realmente cheio da fina verve do lapis do Julião e da penna do Olavo. A 1ª pagina dá-nos o retrato da distincta poetisa brasileira D. Francisca Julia da Silva, a autora dos *Marmores*, a 2ª uma espirituosa allegoria « No choco », a 3ª um bom a proposito *as dores da Intendencia* e na 4ª o epsodio da visita policial á *Cigarra* tratado em magnificos desenhos. O texto, ornado de bem acabadas vinhetas, é bom como sempre, e sua ultima pagina traz uma mimosa ballada medieval do Filinto de Almeida, finamente illustrada pelo Julião.

Este sympathico jornal, o unico deste genero que possuimos, vai conquistando a admiração do publico, e de dia para dia tornando-se mais apreciado.

THEATROS

Quasi não houve assumpto esta semana para a nossa secção de theatros: Operettas, revistas, bellodromos, circos equestres e eis tudo ou antes... nada!

Vamos, em cumprimento do dever de chronista theatral, dizer alguma cousa sobre o movimento artistico (*artistico?!*) da semana.

APOLLO

Neste theatro respresentou-se a *Mascotte*, e a companhia Portuense annuncia que em breve teremos uma operetta nova: o *Kin-Fa na China.*

VARIEDADES

Tivemos a première da *Paquita*, do Dr. Augusto de Castro. Embora imitada do francez, a operetta, nos dialogos espiritu sos e vivos, no esmero da phrase, nas situações mais ou menos felizes, conserva o cunho da individualidade litteraria do seu autor, ha muito conhecido como bom comediographo. O desempenho foi regular, sendo os artistas applaudidos, principalmente Loppiccolo e Peixoto.

EDEN

Foi á scena, tambem pela primeira vez, a operetta *Zizinha Maxixe* musica de Francisca Gonzaga e libretto imitado do francez não sabemos por quem, pois o auctor esconde-se nas reticencias da modestia ou na modestia das reticencias.

Do libretto, alguma cousa poderia salvar-se refundindo-o completamente; como foi, porém, si não desagradou de todo, tambem não conseguio fazer-se applaudir. São bons os numeros de musica que a conhecida maestrina escreveu para elle, mas não fizerão maior effeito por falta de ensaios.

LUCINDA

A companhia do theatro da Trindade, continúa a exhibir a revista de Souza Bastos *Sal e Pimenta*, com boa concurrencia, e annuncia a 1ª representação da operetta *Tres dias na berlinda*, em beneficio da actriz Josepha de Oliveira.

SANT'ANNA

Escreviamos esta secção quando recebemos uma *cadeira* para a *première* da operetta de Ordonneau, musica de R. Planquette e traducção de A. Azevedo *A princeza Colombina.*

Com esta operetta inaugura os seus espectaculos neste theatro a companhia dirigida pelos actores Mattos e Brandão. Vamos ouvil-a e no proximo numero fallaremos sobre ella.

RECREIO

Vamos emfim ter uma novidade esta semana.

O Silva Pereira (não acham que é *novidade*?!) pretende dar alguns espectaculos trabalhando com a companhia deste theatro.

O distincto actor, que parece que conta os annos de idade ao contrario dos outros, em ordem decrescente, vai dar-nos o prazer de ou vil-o na bella comedia de Gervasio Lobato— *O Commissario de Policia* que, de todos os trabalhos para o theatro que o pranteado litterato escreveu, nos parece o melhor.

COLYSEU LAVRADIO

Inaugurou-se este circo que occupa o predio onde funccionou o Frontão Lavradio.

O circo, bem ornamentado e illuminado a luz electrica offerecia um agradavel aspecto. A companhia pode agradar ao publico se substituir os clowns, que deixaram alguma cousa a desejar.

Tem dous deslocadores que trabalham com pericia.

S. PEDRO

O Frank Brown continúa a attrahir o publico com a sua boa companhia equestre e gymnastica.

N.

A NOSSA ESTANTE

Fomos obsequiados com :

Indagações economicas e financeiras sobre o resgate de papel-moeda, serie de artigos publicados no *Diario Popular* de Janeiro a Junho de 1895 por Gustavo Pacca. Mais tarde diremos alguma cousa sobre este util trabalho.

Organisação republicana do Estado do Rio de Janeiro de 1889 e 1894. Ignoramos o auctor do livro, mas vamos lel-o com attenção.

Revista da commissão technica militar consultiva redigida pelos Srs.: general Dr. Francisco Carlos da Luz, tenente-coronel Salles Torres Homem e capitão Vieira Leal, ns. 1 e 2 de Junho e Julho do corrente anno.

Cartas litterarias, de Adolpho Caminha. Vamos ler esse livro com o cuidado e attenção devidas á bella reputação do seu autor, e depois nos manifestaremos como de costume: francamente.

Alma primitiva, por Magalhães de Azeredo, sobre este livro fallamos em outra secção do presente numero.

Relatorios, apresentados ao instituto sanitario federal, pelo Dr. Carlos Pinto Seidl, digno director do Hospital de S. Sebastião durante os annos de 1893 e 1894.

Relatorio, da Veneravel Irmandade de N. Sra. da Penha de França, apresentado pelo irmão juiz Sr. José Joaquim Brandão dos Santos, por occasião da posse da mesa administrativa.

Jornaes :

Revista academica, orgão do gremio da Faculdade livre de Direito, contendo excellentes artigos sobre questões juridicas e uma esplendida chronica em verso de Solar.

A Jandaya, revista dos estudantes do Ceará, n. 1 Um bom numero que muito promette para o futuro d'este jornal.

A petala, folha do Grupo das Flores do Congresso Amantes da Folia. Uma bella petala de flor á qual desejamos risonho porvir.

The Rio News, n. 34. Mais um bom numero do acreditado jornal.

Sirius, revista litteraria e scientifica n. 3. Um bom jornal quer quanto aos artigos em prosa, quer á collaboração poetica.

Prospera vida !

Convites :

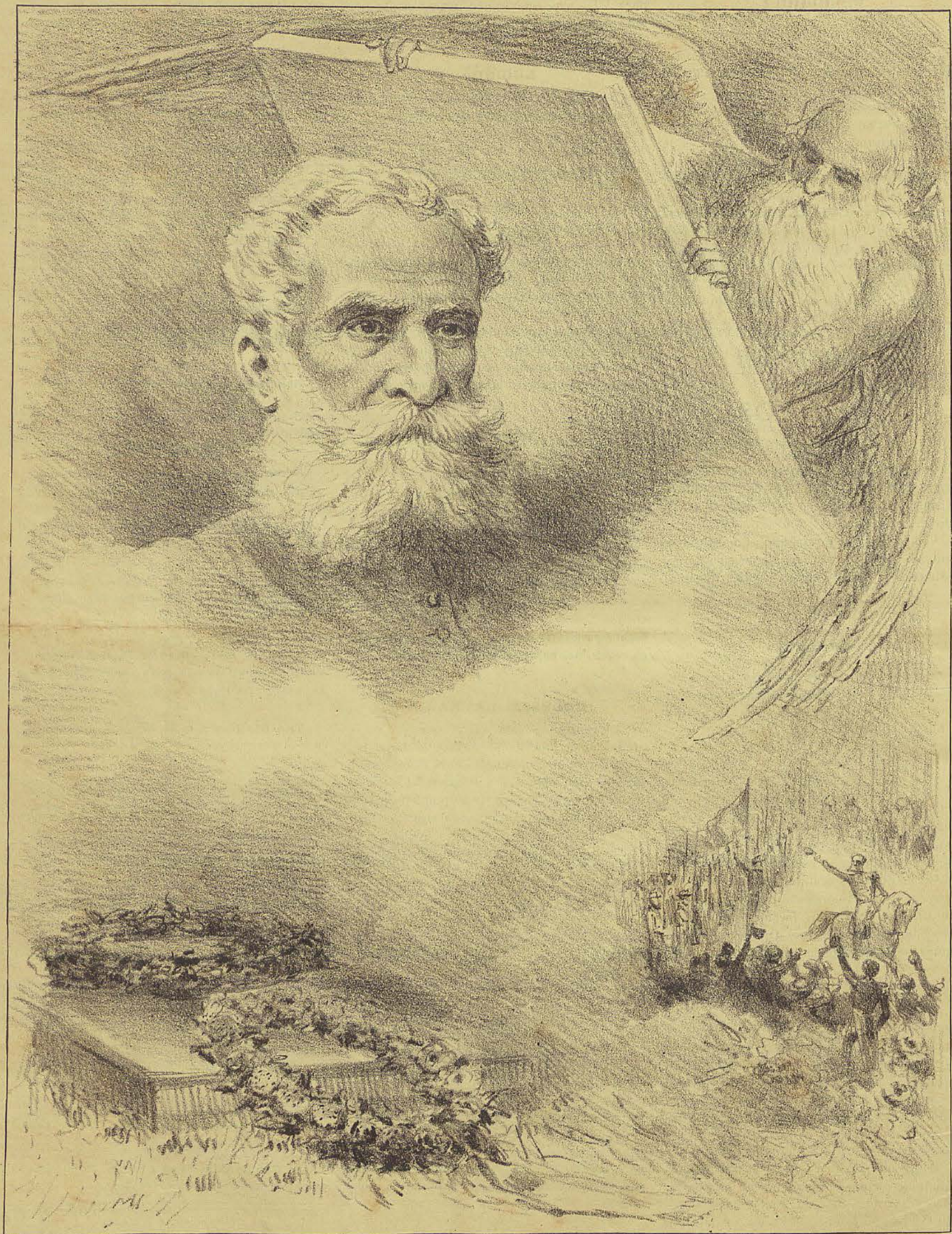
Do maestro Francisco Valle, uma cadeira para o seu concerto.

Do Jockey-Club, para a corrida— Grande premio Guanabara em 18 do corrente.

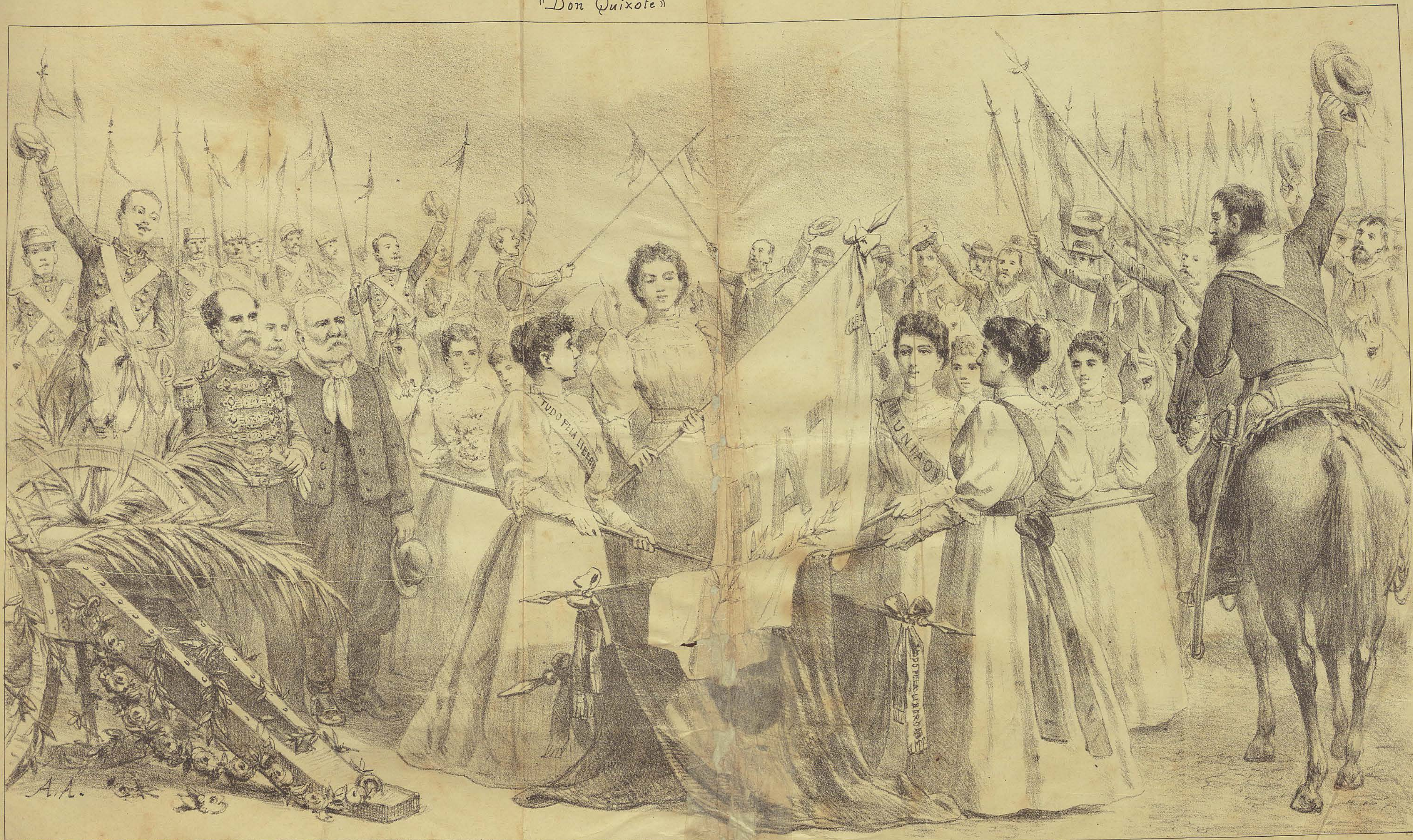
Do Turf-Club, recebemos o relatorio apresentado á assembléa geral de accionistas em 16 do corrente, pelo presidente Sr. tenente-coronel M. J. de Paiva Junior.

Do Colyseu Lavradio um cartão permanente para as suas funcções.

Da Companhia Mattos e Brandão uma cadeira para a *première* da opereta *Princeza Colombina.*

Typ. L'Etoile du Sud, r. S. José 102

O marechal Deodoro da Fonseca

3° anniversario de seu fallecimento em 23 de Agosto, 1892

"Don Quixote"

Festa da paz do Rio Grande do Sul, em Pelotas, no dia 23 de Agosto de 18[illegible] [illegible]gundo telegramma recebido de Porto Alegre.

Tres jovens, empunhando as bandeiras da União, do Estado e da Revolução, entlaçam[illegible] [illegible]ternalmente, emquanto outra, representando o termo da luta, cobre-as com a bandeira da paz. Em seguida, são depostas as armas, entre enthusiasticas acclamações.

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 32

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO DE Angelo Agostini R. OUVIDOR 109

RODOLPHO BERNARDELLI

A. Agostini

Honrando esta pagina com o retrato do maior artista brasileiro, Don Quixote presta devida homenagem ao grande esculptor e á arte nacional.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno.......	24$000
Semestre	12$000	Semestre ...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura terminou no fim de Junho, recommendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 11 de Setembro de 1895.

A AMNISTIA

Não está tudo perdido. Ao grande acto politico da pacificação do Rio Grande do Sul, em que o illustre Presidente da Republica encontrou para auxiliar o nobre general Innocencio Galvão, respondeu o Senado com a lei da amnistia geral, que é o complemento obrigado da convenção patriotica de 23 de Agosto. D'esta sorte um dos ramos do poder legislativo acudiu sollicito á indispensavel consolidação da paz, entendendo, e entendendo bem, em seu alto criterio, que era chegado o momento de abrir os braços aos Brazileiros e de convida-los á collaboração pacifica e amistosa no seio da patria, á sombra da liberdade e da lei.

E' certo que ainda alli, no seio d'essa respeitavel corporação, surgiram desconfianças e rancores, gritos de odio velho que não cansa, manifestações de hostilidade franca aos militares, de cujo contacto com os seus camaradas fieis ao governo do marechal Floriano se temem attritos perigosos. Mas a palavra eloquente dos Srs. Ruy Barbosa e Gomes de Castro desfez esses temores vãos, sinão phantasiados. Ha nas proprias leis vigentes o meio de remediar taes inconvenientes, dado mesmo que elles fossem reaes, sem manchar a formosa lei da amnistia com uma restricção odiosa e funesta.

O Senado votou por grande maioria a lei benefica, e ella ahi vai caminho da Camara dos Srs. Deputados pedir a sancção dos immediatos representantes do povo.

A campanha dos devotos da guerra, que hoje não tem mais para onde appellar sinão para este ultimo reducto de negar aos militares os beneficios da amnistia, inutilisando d'esta sorte a lei e deixando no horizonte um ponto negro, d'onde possam vir tempestades, — a campanha dos devotos da guerra, pela maior parte oriunda dos amigos ursos do governador Julio de Castilhos, insinúa que a Camara não acceitará a amnistia ampla, que a deputação paulista quasi unanime não a quer sem restricções, que a Patria corre eminente perigo em uma palavra.

Até que ponto isso é verdade, difficil seria dizer com segurança.

Mas, assim como somos impiedosos, inexoraveis na condemnação do erro e de tudo quanto offende a justiça ou deslustra a civilização, — assim tambem somos sempre propensos a acreditar que os homens são menos maus do que parecem.

Por que razão de alta politica ha de a Camara rejeitar a amnistia geral, que lhe chega aureolada pela votação do Senado e pelas acclamações do povo? Se os militares forem collocados em disponibilidade ou no quatro extraordinario, e só entrarem em serviço quando o governo tiver reconhecido que d'ahi não provém mal algum para a harmonia das classes armadas ou para a ordem publica, onde o perigo?

Dir-se-ha que o governo vai chama-los antes de tempo? Mas isso seria negar aquillo mesmo que todos hoje proclamam, gregos e troyanos: a inteireza de caracter, a prudencia e o tino do Presidente da Republica. Ninguem tem mais interesse do que elle em não encontrar tropeços d'esta natureza na sua administração.

Será então o odio invencivel, implacavel contra irmãos? Mas não é crivel que a grande maioria da Camara se deixe arrastar por esta paixão ignobil. Ella ha de vêr que hoje, depois de suffocada a revolta ha mais de um anno e depois da deposição d'armas dos federalistas do Rio Grande do Sul a 23 de Agosto, não ha necessidade de outra cousa para voltarmos ao caminho da prosperidade, senão de *completa* paz. Ora, a recusa da amnistia geral manteria, senão accenderia ainda mais vivo o fogo das parcialidades que se bateram, o azedume dos espiritos em todo o Brazil cresceria com razão em vez de apagar-se, e a pacificação assignada em Pelotas não passaria de um engôdo falsissimo, aos olhos da Nação.

E a Camara quererá arcar com a tremenda responsabilidade d'este resultado? Fôra um crime.

Quando o illustre presidente tudo fez para chegar-se ao ponto auspicioso em que nos achamos; quando um benemerito general não duvidou expôr-se a doestos e censuras para alcançar o maior bem da Patria; quando dignos senadores, que nunca pactuaram com a revolução, deram o bello exemplo de sopitar as suas queixas e acceitaram a amnistia; quando o povo anceia por este complemento da obra firmada pelo general Innocencio Galvão, é que a Camara—immediata representante do mesmo povo—a irá negar?

Não queremos crê-lo. Fôra um crime, repetimos.

ANGELO AGOSTINI

Seguiu hontem para a Europa, a bordo do paquete *Chili* o director do *D. Quixote*, Angelo Agostini. Nosso companheiro e amigo effectua esta viagem no intuito unico de adquirir material com que possa melhorar e aperfeiçoar esta folha, e de modo a corresponder com justiça ao assignalado favor publico com que tem sido distinguido o *D. Quixote*. Será sua demora de dous mezes apenas; mas ainda assim, viajando, não só da travessia pelo oceano como dos pontos em que se encontrar do velho continente, enviar-nos-ha em quadros algumas das impressões recebidas pelos seus companheiros inseparaveis e que elle leva comsigo —D. Quixote e Sancho Pança.

Viagem feliz e regresso no prazo assignalado—são nossos votos.

"RIO DE JANEIRO"

Mais um collega, e distincto.

Seu brilhante programma—esforçar-se pela verdade do systema republicano e pela estabilidade da federação—dá a justa medida da superioridade intellectual dos seus redactores, homens affeitos aos incruentos combates da imprensa.

Ao director do *D. Quixote* coube a elevada honra de servir de padrinho ao novo collega: mais um titulo para justificar a sympathia com que recebe o gentil afilhado, para o qual deseja todas as venturas e prosperidades.

Ao Dr. Cavalcanti Mello, redactor-chefe, e a seus companheiros do *Rio de Janeiro* nossos affectuosos cumprimentos.

ATÉ QUANDO?

Não é debalde que se clama ha muito tempo contra a situação *misera e mesquinha*, em que ficou o estado de Santa Catharina depois da chamada restauração da legalidade em Maio de 1884. Disse-se com insistencia que o verdadeiro estado de sitio alli perdura.

Querem mais uma prova?

Um jornalista critica actos do governo ou cousa mais séria ainda, atira insinuações graves á administração do Estado. Em qualquer parte do mundo civilizado esse redactor é punido de accordo com as leis, se por ventura as transgrediu; mas em Santa Catharina, o jornalista é *esbordoado*, e os esbirros do governador empastellam e destroem a typographia do jornal.

Póde alguem atrever-se a dizer que isto é o regimen da liberdade tão ardentemente sonhado pelos republicanos sinceros?

Infeliz estado! Não te bastaram as paginas luctuosas de 1894, em que teu nome ficou ligado á mais abjecta das selvagerias: espingardear prisioneiros sem fórma de processo, na treva ignominiosa do segredo. Não te bastavam as lagrimas que choraste por tamanha deshonra. O chamado regimen da lei renova os escandalos do arbitrio e da violencia, amordaçando, vilipendiando a imprensa livre e independente, e ainda encontra um senador ousado que se incumbe de defendê-lo, sob pretexto de que em outros logares se tem feito a mesma cousa.

Ora, isto é inconcebivel, e se os graves senadores já não tivessem feito a devida justiça ao defensor do processo da bordoeira, condemnando-o implicitamente com as risadas que o atiraram á valla commum, seria o caso de applicar-lhe o caustico.

Mas em summa, o facto escandaloso deu-se com o Dr. Honorio Cunha, redactor do *Correio da Manhã*. Isto não terá um termo?

RODOLPHO BERNARDELLI

Podem dizer que sou suspeito, quando fallo d'este grande artista, que considero o maior de toda a America.

Sim, suspeito me julgam, porque em geral entre nós, quando se é amigo de alguem entende-se dever elevar esse alguem ao setimo céu; e quando se é inimigo, atiral-o ao... decimo quarto inferno!

Eu sou amigo, com o que muito me honro, do Rodolpho Bernardelli e de seus irmãos Henrique e Felix; e se acho que esses tres irmãos são tres perolas é porque é a verdade e não porque sou amigo.

Nada conheço de mais sincero, de mais honesto, de mais leal, de mais trabalhador, de mais generoso e de mais artista do que elles.

Se até agora fiquei calado, é porque não tenho geito para louvores e se o faço hoje é porque estou com o pé no estribo, ou antes, na lancha que me leva a bordo do *Chili*. Assim não verei as caras encalistradas do Rodolpho e do Henrique, e ficarei livre da descompostura que, com certeza, me passariam por ter dito o que penso.

E' que além de todas as qualidades que acima mencionei, ainda elles possuem a da modestia, o que é hoje bem raro. Um exemplo:

Por occasião da inauguração da magnifica estatua do Osorio e apezar das instancias minhas e de alguns amigos de não deixar de comparecer á festa, só se ouvia dizer na archibancada depois de descoberta a estatua: «Onde está o Bernardelli? Queremos abraçal-o»; mas ninguem o viu.

Sabem, meus leitores, onde estava o grande sculptor, o autor de uma das mais bellas estatuas equestres do mundo? Na esquina da rua 7 de Setembro e do largo do Paço, por entre o Zé Povinho, não tendo outra preoccupação senão em ver se a cortina que cobria o monumento cahiria bem.

E mais tarde quando lhe perguntei porque razão elle não foi....

— Pois não estive lá, representado pela propria estatua? respondeu elle.

O Dr. Araujo, da *Gazeta*, e o Dr. Brissay, são testemunhas do que acabo de contar.

Afinal, os amigos do grande artista encontraram-no na casa do André de Oliveira, um bom rapaz, a melhor droga da sua drogaria.

Entretanto eu vi, aqui no Rio de Janeiro, artistas grudarem-se diante de seus quadros dias inteiros para contemplarem sua obra e receberem elogios dos que iam mediante *quibus*, admirar as telas... ou as molduras.

Ultimamente,haverá apenas um mez, achava-me no atelier Bernardelli, e vi quantidade de barro atirado sobre umas taboas. Oito dias depois esse barro tinha a forma de uma mulher. No fim de quinze dias essa mulher era uma india afogada, arremeçada á praia e meia encoberta pelas aguas do mar.

O trabalho estava prompto. Bernardelli fez em dias o que outros artistas de grande nomeada fazem em mezes e em annos.

Não fallo na execução; limito-me a tirar o chapéo e declaro bem alto que quando um artista como o Rodolpho Bernardelli expõe um trabalho seu em publico, é porque elle tem certeza de que a sua obra exprime, não só o seu pensamento, mas tambem uma execução conscienciosa e perfeita, devida a um talento excepcional e a um amor á arte como poucos tem.

Fazer um corpo humano, meio mergulhado n'agua é de uma audacia que só quem tem consciencia da sua força póde executar em esculptura.

O gesso porém, é uma materia opaca que não se presta ao effeito; no marmore, é que Bernardelli conta obter a transparencia e o movimento da agua que, no gesso, apenas indicou.

A Moema, é o nome de mais essa obra prima que produziu aquelle gigante, o maior vulto artistico brazileiro.

A. AGOSTINI.

A CRITICA

Um conselho de amigo aos Srs. criticos e principalmente aos Cosmes.

Por mais talento e illustração que tenha um escriptor, nunca este póde ser bom critico, sobretudo de bellas-artes, quando em primeiro lugar lhe faltam os conhecimentos necessarios para tratar do assumpto, e o sentimento natural que tem todo individuo, embora não critico, diante do que é bello.

Quando, a estes requisitos, se junta a falta de bom senso e de patriotismo, em querer amesquinhar, não só as nossas melhores obras artisticas, como tambem o talento e o caracter de quem os executa, vê-se que a penna do critico, embora bem aparada, não é guiada senão pela raiva e o despeito—duas cousas feias que, não sendo baseadas em cousa alguma que as motive, dão em resultado o profundo despreso pela critica e desconsideração pelo escriptor.

Eis o que tem ganho o Sr. «Cosme Peixoto» como critico de arte.

O publico deve convencer-se de que perante um vulto como Rodolpho Bernardelli, o seu detractor, o famoso critico... «Cosme Peixoto» ou «Cosme de Moraes» (respeito sempre o anonymo) não passa de um pygmeu perante a historia.

O glorioso nome do artista ahi fica, e para muitos seculos, gravado no marmore e no bronze. Todos fallarão d'elle como fallamos hoje de Phidias, Praxiteles e Miguel Angelo; ninguem se lembrará do cidadão, embora illustrado, que assigna as suas criticas com pseudonymo.

E o unico lampejo de juizo que o... Cosme tem tido é não pôr o seu verdadeiro nome por baixo dos seus aggressivos artigos.

E como tambem por minha parte tenho esse nome em consideração —menos em questão de arte—não o ponho aqui para que elle não fique desconsiderado.

Estou até convencido de que chegará um dia, em que o proprio Cosme dirá, ao vêr as obras de Bernardelli: *Chapeau bas.*

Não é só na politica que ha jacobinos, em arte tambem os ha. Estes formam um grupo a parte e não concorrem com os seus trabalhos ás exposições annuaes da nossa Escola de Bellas-Artes.

A maior parte d'elles, segundo me consta, são positivistas.

Até nisso se metteu essa peste!

O que é porém positivo, é que elles nada fazem, que se veja.

Engano-me: fizeram um annuncio para uma exposição de seus trabalhos, que devia ter lugar em Maio d'este anno!

Não censuro ter esse grupo de artistas se separado da Escola Nacional. A arte é livre e póde manifestar-se como e onde quizer. Mas quando?

Será em Maio do proximo anno?

Deus o queira, e cá estamos para recebel-a com o maior prazer.

Pedimos, até, ao Cosme, que me dizem ser o chefe dos jacobinos-artistas, que os anime a não faltar.

A. A.

NOSSO SALON

Como fôra annunciado, abriu-se a exposição artistica da nossa Escola Nacional de Bellas-Artes no dia 1º de Setembro.

A chuva, que desde pela manhã cahiu sem cessar durante o dia inteiro, não dava esperança de ter a exposição um grande numero de visitantes.

Ainda assim, muitos dos verdadeiros amadores compareceram a esta festa artistica, notando-se entre elles, o Sr. Barão de Quartim, a quem louvamos pela sua protecção á arte e aos artistas a quem anima, comprando-lhes seus trabalhos.

O que porém causou maior admiração, em vista do mau tempo, foi a chegada do Presidente da Republica, ao meio-dia em ponto, acompanhado do seu secretario Dr. Rodrigo Octavio e alguns distinctos militares.

O Chefe do Estado quiz mostrar que elle não prescindia de honrar com a sua presença uma das nossas melhores manifestações do progresso nacional, a arte.

Por meio d'ella é que se conhece o gráo de adiantamento dos povos, tanto no presente como no passado. Por isso, hoje, contemplamos admirados os bellos monumentos e primorosas estatuas que nos legou a Grecia, e cuja execução data de muitos seculos antes da éra christã.

Tambem compareceram os ministros Gonçalves Ferreira, Antonio Olyntho e Elisiario Barbosa, o presidente do Senado, Dr. Manoel Victorino e o da Camara, Dr. Arthur Rios.

O professor Rodolpho Bernardelli, director da Escola, acompanhou, em toda a sua visita o Dr. Prudente de Moraes, que examinou com attenção todos os quadros da secção de pintura e outros trabalhos, notando, com justiça, os que lhe pareciam melhores.

Esta visita, que durou perto de 3 horas, é o melhor indicio da alta consideração que deram á arte e portanto á sua prosperidade, o Sr. Presidente da Republica, o seu governo e o Congresso, representado pelos seus dignos presidentes.

A estes illutres brasileiros nossas sinceras felicitações e ao digno director da Escola das Bellas-Artes os nossos parabens.

* * *

RABISCOS

Ha momentos na vida do homem que....

E por isso, sexta-feira, dia de preceito e vespera de sabbado, encontrei-me repentinamente sorumbatico e atacado de invencivel *spleen*. Caminhava a esmo por essas ruas de Christo; tudo em volta, affigurava-se-me triste, merencorio; um tedio enorme invadia-me a alma, e assaltava-me o espirito a idéa de um suicidio *sui generis*, que désse que fallar ao mundo, fizesse gemerem os prélos, revolucionasse a humanidade.

Cheguei até o cumulo de pensar em traduzir o espirito do Sr. Glycerio e comprehender qual a sua opinião, ao certo, sobre a paz no sul ... novo genero de suicidio lento mas efficaz, indolor porem irremediavel.

N'esse estado de semi-desesperação, fui por ahi além, caminhando ao acaso, dirigindo-me não sei para onde; e quando dei accordo de minha importante pessoa, achava-me onde? na casa onde funccionam de senadores os Srs. João Cordeiro e Abreu Gordo; e nobremente repimpado em um banco das galerias, alli encontrei-me, sem saber como, fixando insistentemente a figura do Sr. Vicente Machado, do Paraná e do kilometro.

Estava eu, pois, no senado; e era uma sexta-feira, dia aziago.

Mal comparando, aquelle é de nossos theatros, o mais commodo. Em preço, sobretudo; não se paga nada á entrada, e menos ainda paga-se á sahida. De resto, os espectaculos effectuam-se á luz do sol; e quem não tem em dia a escripturação do seu somno, póde regularisal-a á noite, revivendo os periodos flammejantes do verbo inflammado do supracitado senador Vicente ou recordando os trópos de linguagem e as pompas de rhetorica finamente castilhista do Sr. Ramiro Barcellos.

Pois, meus senhores! Uma vez alli installado, senti dissipar-se immediatamente o meu profundo tédio; a minha alma debruçou-se á janella que dá para os horisontes azues do riso e da ventura; e, palavra de rabiscador, julguei-me um homem feliz, que tirou o premio n'um bilhete de bichos em que era ganhante o burro!

Porque, não sei se sabem, é este illustre animal aquelle que, consoante á trova conhecida

« Se fores ao mar pescar
« E a fortuna te não deixe...

dá melhores premios — quando os dá, e isso segundo a affirmação auctorisada de um meu amigo, Oscar de nome.

Imagine o meu numeroso leitor que uma verdadeira surpreza estava reservada aos frequentadores das galerias do theatrinho da rua do Areal, *quorum exiguam pars eram*: subia á tribuna um distincto representante do Paraná. Fallava o Sr. Esteves Junior!

Por mais inverosimil que pareça ser esta narração, o facto evidente e indiscutivel é que o senador da terra do matte pronunciou um discurso, e o que mais é, conseguiu aquillo que em gyria de estudante se chama um *brilharetur*.

Estupendo! Simplesmente phantastico!

E era sexta-feira!

Não se pense que eu ponha em duvida a rasgada e captivante rhetorica parlamentar do Sr. Junior... E' que S. Ex., avaro dos seus thesouros de eloquencia, ou eivado de uma modestia irreprimivel,esquiva-se tanto da tribuna, que a muita gente era permittido suppôr que S. Ex. fazia uma concurrencia desleal ao peixe, de que é tão fertil sua terra natal — no mutismo.

D'ahi a surpreza, a estupefacção geral, no recinto e nas galerias, quando esse illustre avô da patria, rompendo o silencio que é o apanagio da representação catharinense n'aquella casa, pediu a palavra, obteve-a, levantou-se, concertou a garganta, pôz fóra o pigarro e... e fallou!

De sorte que já não tem razão de ser a crença em que todos nos achavamos, de que Santa Catharina havia despachado por engano os Srs. Horn, Richard e o sobredito Sr. Junior para o casarão da rua do Areal, quando o ponto de destino que lhes era assignalado parecia ser o humanitario Instituto dos Surdos Mudos...

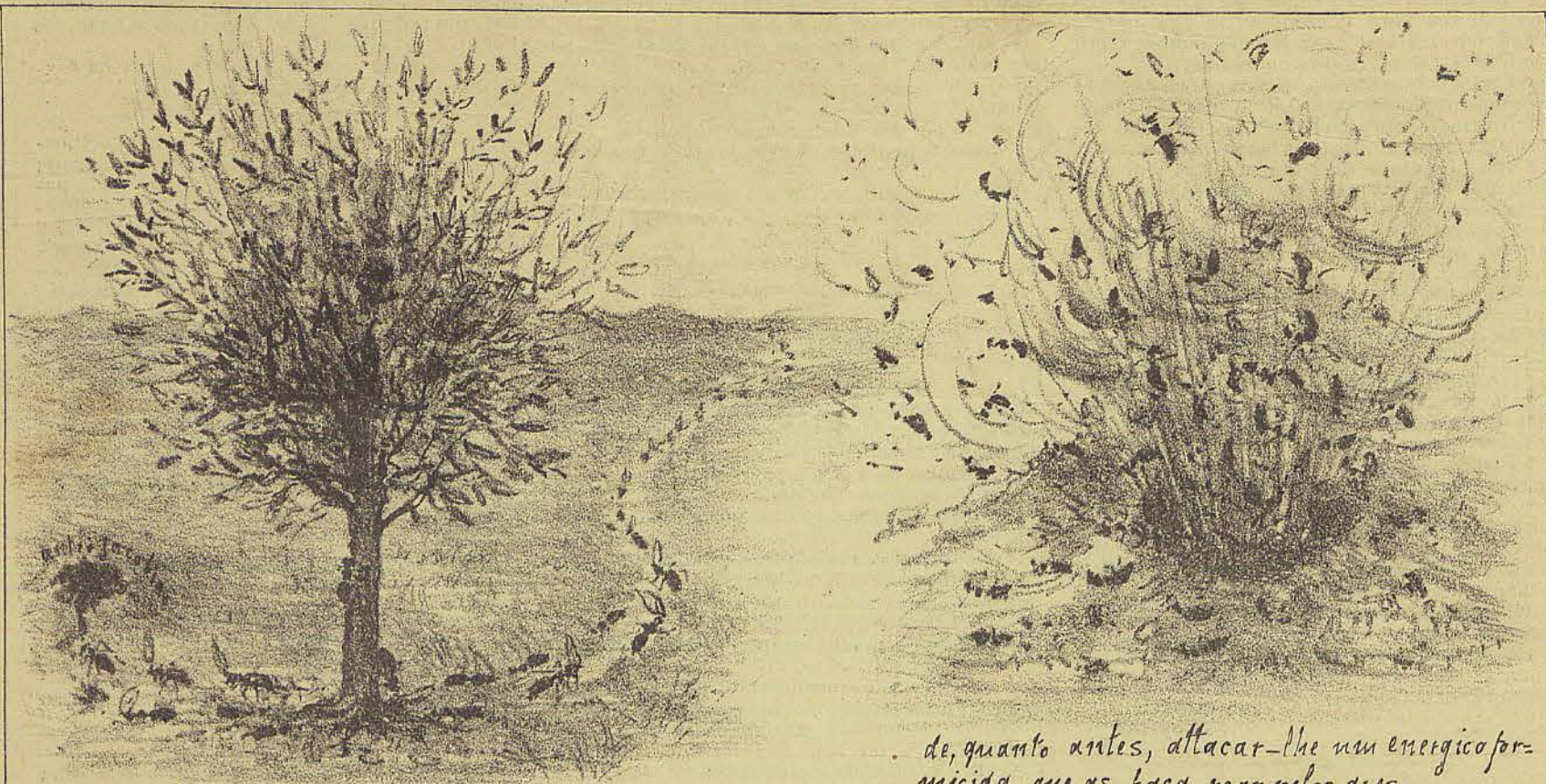
Ah! que não me seja dado transcrever para aqui, como um enfeite de primeira ordem n'estas desornadas columnas, a peça de eloquencia do Sr. Esteves, emittida n'aquella para sempre memoravel sexta-feira, e do alto da tribuna do senado!

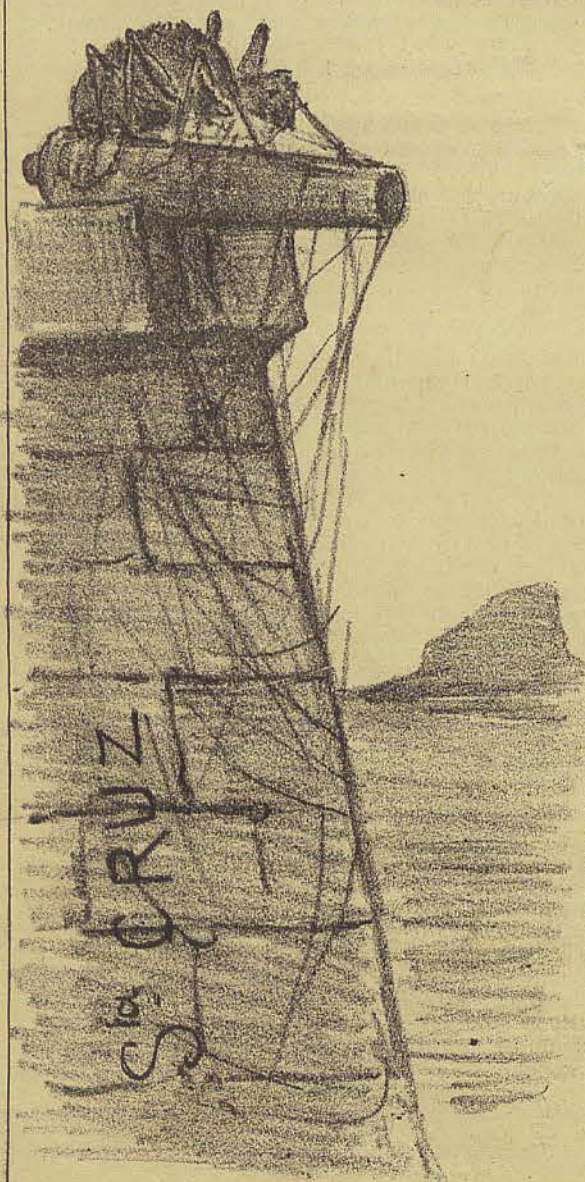
No genero humoristico, nada de mais suggestivo e mais encantador! E depois, que agudeza de conceitos, quanta elevação de idéas, que primor de linguagem douradamente lavrada...

Manes de Cicero! Cinzas de Demosthenes! Tradições de Castellar! Tudo, tudo *enfoncé*!

E eu sem poder transplantar para o *D. Quixote* todo aquelle rapto de eloquencia, cathecismo de oratoria, arroubo de verbiagem parlamentar!

E' mesmo para lamentar!

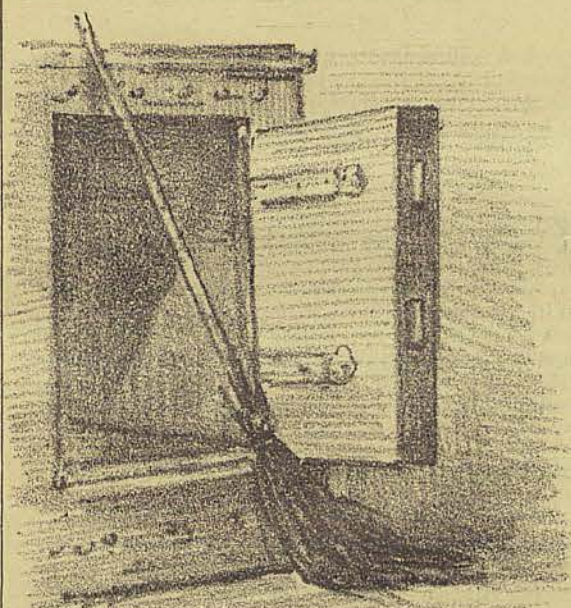
Para, entretantanto, repartir com o meu

Mal plantou-se a arvore da paz que vorazes formigas pretendem destruil-a. Pela direcção que tomão esses bichos dannihos, uns para o Sul, outros para antros jacobinos vê-se a necessidade

de, quanto antes, attacar-lhe um energico formicida, que as faça voar pelos ares.

S^ta^ CRUZ

Boatos terrrrivis, á ultima hora: a prisão do presidente da Republica no Lazareto, e a aranha da conspiração a cavallo em S^ta^ Cruz, disposta a não o deixar passar caso ainda não viesse preso!

Mas felizmente dissiparam-se taes boatos, subsistindo apenas o que se refere a dois generaes que, contrarios á amnistia ampla, já estão preparados para irem em pessoa dirigir a guerra nos campos do Sul. Caramba!

Resultado da falta de pagamento, da intendencia a um pobre empregado, e d'este ao proprietario: no olho da rua.

Acerca de limpeza...

a mais perfeita — ou prefeita é a dos cofres da intendencia.

Precauções necessarias aos viajantes da E. F. Central dos choques do Brazil.

O Snr presidendente da Republica e comitiva já lucrarão com a viagem a Ilha grande: pelo menos trazem os estomagos limpos!

numeroso leitor um pouco do grande gaudio que tive ouvindo tão extraordinario discurso, vou collocar-lhe sob os olhos anciosos e risisedentos, alguns pedacinhos de ouro que peço venia ao nosso venerando decano, o *Jornal do Commercio*, para destacar do seu bem elaborado extracto d'aquella brilhantissima oração:

Trata-se do caso de Santa Catharina, em que foi victima o redactor de um jornal e aggressor o proprio governador do Estado, o Dr. Hercilio Luz... Opiniões e conceitos do Sr. Esteves, a esse respeito:

«... O Sr. Luz é tão pacato e imbelle que não tem coragem de atacar uma pulga...

«...o diabo não é tão feio como o pintam...

«... quando o patriotismo lhes quer mostrar (aos federalistas) de que páo é a canôa...

«... esse Dr. Cunha é que se metteu em camisa de onze varas...

«...para que veiu então bolir com Florianopolis que vai marchando quieta em seu cantinho?...

«...acha então que o governador devia ingenuamente deixar fazer carreira uma folha embuçadamente maragata?...

etc. etc. etc.

Depois d'isto só me resta defender as sexfeiras da pecha de dia aziago que calumniosamente lhes emprestam, pois aquelle dia era sexta-feira e foi o mais alegre, o mais venturoso de todo a minha existencia, por ouvir o notavel orador cuja facundia teve a força de espancar o tedio, em que vinha immerso o meu espirito.

E agora um pequeno e simples requerimento ao digno presidente do senado:

Sr. Dr. Manoel Victorino: V. Ex. não podia dar-nos diariamente um pouco,um poucochinho só, do Sr. Esteves Junior — para distrahir-nos?

LEO.

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DO «D. QUIXOTE»)

TONY A LÉO

— Tens lido noticias França Madagascar?

LÉO A TONY

— Tenho lido francezes mandam cascar nos Hovas.

TONY A LÉO

— Explica razão França não gosta Hovas?

LÉO A TONY

— E' rainha Hovas que insurge contra França; por isso francez guerra Hovas rainha.

TONY A LÉO

— Peço rectificação: hovas rainha ou ovas tainha?

LÉO A TONY

— Tu muito estupido: parece leste hontem discurso Vituca Guerreiro Monteiro.

O estacionario,
ORÓ WESTERN.

CATHOLICISMO, POSITIVISMO E ESPIRITISMO

O diabo leve o positivismo e os positivistas!

Esta historia de querer impingir-nos uma nova religião, e que religião! como se não fosse bastante a que temos, é um despreposito que só espiritos doentios e imbecis podem aceitar.

Acostumamo-nos, de ha muitos seculos, com a religião catholica que hoje, seja dito em honra do clero, mais tolerante do que outr'ora, não nos incommoda.

Os padres são bons rapazes e já não nos ameaçam com as penas do inferno ou do purgatorio, por não irmos á missa ou á confissão.

Pelo lado espiritual, portanto, todos andamos satisfeitos.

Os reverendos fazem o seu negocio, que nada perdeu com a separação da Igreja do Estado e nós tratamos do nosso, meio material, é verdade, mas absolutamente necessario para as necessidades da vida, que não são poucas!

A gente, afinal de contas, não vive de rezas.

Mas na hora da morte...

Ora, na hora da morte eu mando chamar o Reverendo Scaligero Maravaglio que, alem de ser um bom padre é um excellente collega e vou, estou convencido, direito como um fuso para o Paraiso.

E se assim não o fosse, seria uma injustiça.

Todos sabem os bons serviços que prestou o «Apostolo» á causa da humanidade, ultrajada por esses monstros da tal *legalidade*, fustigando-os com a maior energia e sendo o primeiro a romper o fogo contra os autores de tantos crimes.

Nunca o *clama itaquœ, clama ne cesses* foi tão bem applicado! Clamou deveras, o collega.

Pelo nosso lado, e com o mesmo sentimento patriotico adoptamos igual divisa:

Pancadaria itaquœ, pancadaria ne cesses.

E demos muita pancada!

E o «Apostolo» abraçou o «Don Quixote». Isto lembrou-me as cruzadas em que padres e cavalleiros fidalgos abraçavam-se e combatiam pela santa causa.

O caminho do patriotismo abriu-nos o caminho de Céo, diz Sancho Pança.

Amen, digo eu, contando obter do padre Maravaglio o melhor dos passaportes para lá poder entrar.

Desejo, porém, embora não agrade ao collega, que seja o mais tarde possivel.

Estando pois perfeitamente tranquillo sobre o futuro da minha alma e comprehendendo que assim como eu, tambem devem estar tranquillos todos os bons patriotas e homens sérios a que vem a tal religião positivista fazer entre nós onde não é chamada?

Eu lhes digo:

Dar uma falsa noção de tudo quanto é humano e natural; estabelecer leis anti-sociaes e contrarias aos nossos costumes e até ao bom senso; perturbar completamente o espirito de alguns e mesmo de muitos imbecis, pois que o numero destes tem agmentado de um modo pavoroso, desde que, em má hora, o tal positivismo veio importado da Europa por dois moços, embora illustrados mas de miolo molle, um dos quaes, o de melhor estampa, tomou o titulo de Papa e o outro pequeninosinho e rachitico de... bispo, creio eu.

A principio, ligou-se pouca importancia a esses dois jovens apostolos, mas...

Mas, infelizmente, a precocidade intellectual da nossa mocidade por demais se parece com a fertilidade extraordinaria do nosso solo.

Se empregamos grandes esforços, na lavoura, em livrar as plantas productoras, como o café e outras das más hervas que as rodeiam, por meio de repetidas capinagens, o mesmo trabalho devemos ter em relação a tal religião positivista, verdadeira tiririca, que estraga esta mocidade, sobre quem fundamos as nossas esperanças de um melhor futuro.

Se o tal positivismo não produzisse senão uma loucura inoffensiva e em nada incommodasse a nossa vida social e politica, limitarme-hia a lastimar os infelizes contaminados dessa molestia.

Mas é que o negocio é outro. A politica metteu-se no positivismo ou este n'aquella, e o resultado foi estragar completamente o senso moral e a verdadeira noção do que é dignidade e amor á patria.

A' especulação politica é que devemos esse bello resultado! Ella encontrou, nos positivistas, um excellente exercito de engrossadores a quem fez acreditar que o verdadeiro patriotismo não póde existir sem a desordem e o derramamento de sangue!

A tiririca cresceu e até demais!

Parece-me pois, que uma boa capinagem é necessaria.

Uma vez depostas as armas no Rio Grande do Sul, uma vez feita a paz, que só será duradoura se reformarem a tal constituição positivista do Sr. Castilhos, é preciso que do Norte a Sul, todos peguem na enxada e se deem ao trabalho de capinar o tal patriotismo que tanto estrago já causou ao caracter da familia brazileira.

Quanto ao *Espiritismo*...

Outra loucura que se não abrirem os olhos, obrigará o governo a augmentar o hospicio dos alienados de vinte vezes o seu tamanho.

Em muitas occasiões fui convidado para assistir a sessões de espiritismo, mas nunca lá puz os pés e por muitas razões.

Uma dellas, é que, a maior parte das vezes, foi o Torterolli que me convidou. Não conhecem o Torterolli? Devem conhecel-o.

Não ha reuniões, nem festas, nem inaugurações, onde elle não appareça logo que ha boa mesa. E tambem não ha nada que não desappareça das iguarias e petiscos que se acham em redor delle até 5 metros de distancia.

Para um espirita, realmente, tem um bom estomago. O espirito de Lucullus deve ter sua séde na pança deste moderno Gargantua.

O ultimo lunch que elle devorou, á minha vista, foi o do collega e afilhado *Rio de Janeiro*, no dia da inauguração.

Fiquei, ou antes, ficámos todos espantados!

Isto é quanto ao estomago; quanto ao physico e quanto á cara!...

Eis a minha ultima conversa com o grande propagandista do espiritismo e engulidor de pasteis de Santa Clara:

— Venha, ao menos uma vez assistir ás nossas sessões!

— Tenho mais que fazer do que estar a perder tempo em borracheiras destas. Eu não acredito que você, como diz, tenha o poder de invocar espiritos e que estes lhe appareçam.

— Mas porque?

— Porque! Porque basta elles olharem para a sua cara e para o seu todo para fugirem espavoridos!

Torterolli não pestanejou. Pelo contrario: abrindo a bocca até as orelhas no mais... torterolico dos sorrisos, que eu aguentei sem fugir, elle respondeu:

— Você é dos diabos!

A.

BRINDE NACIONAL

«A commissão abaixo assignada, tendo expedido pelo telegrapho a circular infra publicada, com endereço a cada um dos dignos e honrados Srs. Governadores e Presidentes dos Estados da União, pede a toda imprensa d'esses mesmos Estados a valiosa fineza de transcrevel-a em suas columnas, assim coadjuvando aquelles illustres cidadãos no conseguimento do apoio que por esse instrumento lhes foi solicitado por esta commissão.

Tratando-se de uma homenagem justa por todos os titulos, da qual não irradiam-se outros sentimentos que não sejam os do alevantado e desinteressado patriotismo, a commissão dirige este appello a toda a imprensa, a todos os orgãos da opinião publica, porque acha-se convencida que em relação á Paz, e conseguintemente em relação ao congraçamento da Familia Brazileira, não podem existir idéas divergentes, sejam quaes forem os matizes e credos politicos de cada um, e, sendo o assignalamento desse feito altamente benefico o exclusivo objectivo d'este appello, nenhuma excepção se faz permittida perante o conceito da commissão.

Agradecendo antecipadamente, e em nome da Patria, todo o apoio com que a commissão fôr honrada, esta faz publicar a mencionada circular:

«Rio de Janeiro, Agosto de 1895.—Cidadão governador do Estado de...

Tendo os abaixo assignados acceitado o honroso encargo de promover em toda a Republica uma demonstração que symbolise a gratidão nacional pelo relevantissimo serviço prestado á nossa patria pelo seu benemerito presidente Dr. Prudente José de Moraes e Barros, levando a effeito a paz e o congraçamento da familia brazileira, por tanto tempo enlutada com a guerra civil no glorioso Estado do Rio Grande do Sul, cabe-nos a satisfação de vir á vossa presença solicitar o concurso de vosso alevantado prestigio junto ao patriotico povo d'esse Estado, afim de que, nomeando n'essa cidade e no interior commissões parciaes, estas promovam a subscripção publica, tendente a auxiliar-nos com a quantia que dictar o seu patriotismo, e com tal elemento operarmos a acquisição de um brinde nacional, que perpetue a lembrança de tão assignalado serviço.

E' nosso intuito adquirir por este meio um predio que relembre amanhã ao cidadão Dr.

Prudente de Moraes, em modesto retiro, a obra ingente elaborada no palacio Itamaraty, na auspiciosa data de 23 de agosto de 1895, parecendo-nos justo dar á subscripção publica a maior latitude possivel para que de sua grandeza moral resulte a solemnidade consentanea com o acto a commemorar.

Contando que a nossa idéa merecerá vosso pleno apoio e dedicado concurso, desde já nos confessamos agradecidos e nos assignamos.

Vossos concidadãos e admiradores. — A commissão: Marechal *J. de Almeida Barreto*, presidente.—Dr. *Serzedello Corrêa*, 1º vice-presidente.—Dr. *Xavier da Silveira Junior*, 2º vice-presidente.—*Carlos Leite Ribeiro*, tsecretario.—Capitão de fragata *Joaquim Raymundo de Lamare*, thesoureiro. — *Camara Syndical dos Corretores*, por seu syndico.—*Antonio Pereira Leitão*.—*José do Patrocinio*.—Dr. *Fernando Mendes de Almeida*.

A CIGARRA

O brilhante confrade apresenta-nos em sua primeira pagina (do n. 18, publicado quinta-feira ultima) o seu novo director, o distincto jornalista José Barbosa, que vem ser mais um elemento de successo para o collega.

Nas outras paginas o lapis primoroso de Julião consorcia-se á penna esfusiante do grande phantasista Olavo Bilac, resultando d'ahi mais um brilhante numero do nosso collega e visinho.

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DO « D. QUIXOTE »)

TONY A LÉO

Ouviste fallar Esteves Junior fez discurso Senado?

LÉO A TONY

— Ouvi, fiquei surprendido; pensava era mudo nascença.

TONY A LÉO

— Dizem successo oratoria extraordinario. Leste?

LÉO A TONY

— Li cabo rabo, sei pedaços de côr salteado.

TONY A LÉO

— E concluiste?

LÉO A TONY

— Que senador Esteves Paraná está estudando portuguez grammatica Alfredo Gomes.

TONY A LÉO

— Vou contar Cosme Laet Moraes tu abusando propriedade exclusiva sua.

LÉO A TONY

— Intrigante!

TONY A LÉO

— Quem? Esteves?

LÉO A TONY

— Não! Tu mesmo!

O estacionario,
ORÓ WESTERN.

THEATROS

Vai mal, muito encaiporada a epocha para as emprezas theatraes da terra:

A actriz Ismenia, cansada de esperar pelo publico ingrato, deu folga á sua companhia e passou a outras mãos a chave do Variedades. Nem os tiros do *Aquidaban* puderam salval-a!

Dias Braga, que ao fundo da rua do Espirito Santo, imperava desde ha muitos annos com uma companhia dramatica regular, tambem sentiu-se fatigado de esperar pelo publico rebelde... e passou as chaves da casa a outrem.

Aliás o publico lá tinha suas razões para andar amuado com o Dias: os *Castellos do Diabo*, *Montes Christos* e quejandas velharias não podiam mais attrahir interesse ás representações do antigo Recreio.

A companhia da actriz Pepa, apezar dos 18 papeis d'esta actriz e do seu exercito de admiradores, tambem degringolou, fechando-se as portas do Eden-Lavradio.

Pouco antes havia cessado de funccionar a associação que reabriu a Phenix Dramatica, antiga, Theatro Nacional, placa, dispersando-se a *troupe* para augmentar o numero dos artistas desoccupados.

Quer dizer: vai mal, muito encaiporada a epocha para as emprezas theatraes da terra!

E' que com as estrangeiras não se dá o mesmo. Antes pelo contrario, navegam em mar de rosas.

As duas companhias portuguezas só encontram um concurrente sério: Frank Brown, que todas as noites inunda de agua o S. Pedro de Alcantara, e de notas do banco as vastas algibeiras da sua vestimenta de clown.

Uma no Apollo, outra no Recreio, vão ambas recolhendo as *louras* — tanto como os louros — tão esquivas e arredias das pobres companhias indigenas.

A *troupe* do Apollo, essa ainda tem variado algum tanto seus espectaculos, com as peças desopilantes de Ed. Schwalback; a do Souza Bastos, porém, dá-nos em um dia *Sal e pimenta* e no outro *Pimenta e sal*... tudo para variar.

No lyrico, uma companhia dramatica italiana, composta de elementos bastante apreciaveis e possuindo uma primeira actriz de grande merito, tem passado a semana inteira a representar o *Othelo*, a *Dama das Camelias*, a *Messalina*, para as cadeiras vasias e para os camarotes desertos.

Uma solidão contristadora, profunda, tristissima, em toda a vasta sala do theatro do Sr. Bartholomeu!

De onde provêm essa falta de sorte? Ouvi dizer algures, por um individuo que lê nas linhas do incognoscido e pratica o espiritismo, que o caiporismo decorre do nome da primeira actriz da companhia Modena...

Para elle, esse nome é de especial embirra; e então elle conclue:

— Se eu fosse actriz e me chamasse Tiozzo, mettia-me freira... ou fazia-me tachigrapho dos discursos do deputado Luiz de Andrade!

Em todo caso, com mais alguns dias de paciencia e de espera, a companhia italiana terá occasião de ver o theatro lyrico completamente cheio e as suas representações fartamente concorridas.

E' que depois de Shakespeare, de Pietro Cossa, de Dumas filho, de Sardou e de outros auctores de mediocre importancia, a empreza teve a feliz ideia de emendar a mão e enriquecer o seu repertorio... com a *Dansa serpentina*!

E porque não a Dansa do Ventre?

Olhem que esta idéa de *Othelo* com *Dansa serpentina* é de fazer exclamar como o *José do Capote*: o profano enrodilhado com o sagrado! Mas que se lhe ha de fazer? O publico assim o quer — que assim o tenha.

Duas novidades: a actriz Emilia Adelaide, fatigada de estar fóra do theatro ha uns bons pares de annos, montou companhia e apossou-se do theatrinho Variedades, onde estreou com o drama a *Padeira*.

Já é coragem! Nos tempos que correm, e com o Frank Brown pela frente com os seus concomittantes 80.000 litros de agua, a resolução da provecta actriz tem algo de sinistro e faz-se suspeita, como se ella — ella, a actriz e não a resolução — tomasse uma barca Ferry e deixasse na ponte a *mantelette* e mais umas linhas a lapis, recommendando que a ninguem fosse attribuida a causa de sua morte, se não ao mar... Cheira a suicidio, a duas leguas de distancia!

E é por isso mesmo, por admirar tão grande rasgo de heroismo, tanto arrojo, tanta coragem e tanta serenidade, da parte d'uma senhora, que d'aqui d'estas estreitas columnas lhe desejo os maiores favores da sorte, e que a sua *Padeira* dê-lhe pão para largos dias.

Merece-o.

Ia-me esquecendo a outra novidade. E olhem que perdiam, se a lhes não désse eu. E' sómente isto:

Como maior successo theatral da epocha, representou-se no theatro Lucinda d'esta capital, e no dia 7 de Setembro d'este anno da graça em que vamos caminhando para 1896, o importante e novissimo drama intitulado

A MORGADINHA DE VAL-FLOR.

E para maior attractivo e para acrescer-lhe o valor como novidade, encarregou-se de interpretar a parte de protogonista, pela primeira vez, a distincta e preclara actriz Ismenia dos Santos.

O meu amavel leitor — não terei um, pelo menos? — que não desmaie nem vá enlouquecer de surpreza e de espanto. Ha cousas por esse mundo fóra, mais exquisitas e mais aterradoras.

TONY.

A NOSSA ESTANTE

Temos recebido, e agradecemos:

Brazões, versos do estimado poeta B. Lopes, um artista singularissimo e finamente exquisito. Fallaremos algo a respeito, em nosso proximo numero.

Relatorio apresentado á Companhia de Viação Ferrea e Fluvial do Tocantins e Araguaya, pelo seu presidente, Sr. Guilherme de Meirelles Vianna.

José Basilio da Gama, commemoração do *Jornal do Commercio* em honra do centenario do immortal poeta do *Uruguay*. Foi escripta pelo Sr. Felix Ferreira.

Archivo do Districto Federal, numero 9, correspondente ao corrente mez de Setembro, interessante publicação do paciente esmerilhador de bibliothecas, Dr. Mello Moraes Filho.

Quarto livro de leitura para uso das escolas brazileiras, composto pelo finado barão de Macahubas com a collaboração de seu digno filho, o Dr. Joaquim Abilio Borges. Edição luxuosa feita em Bruxellas.

Urugay-Brasil, numero especial da Illustração Sul-Americana, dedicado pela commissão militar brasileira á commissão militar do Uruguay. E' uma traducção para o castalhano feita pelo distincto jornalista Cassio Farinha, que, radicado na Republica Oriental e conhecendo bem aquelle idioma, foi pelo presidente Idiarte Borda encarregado de realisar tal trabalho, e como acto de galanteria e agradecimento ao governo do Brazil.

Favorito, tango por Ernesto Nazareth, que o dedicou á Exma. Sra. D. Marietta Nazareth; *In Dubbio* (Em duvida) walsa de J. G. Christo; — ambas as composições impressas na casa dos editores Vieira Machado & C.

O Nicromante, anno 1º n. 1, jornal que compra-se mas não se vende,— o que já é um programma curto porém bom. Traz nas paginas centraes um quadro allegorico á celebração da paz no sul. Saudamol-o e lhe desejamos aquellas cousas do costume.

Planta Geral da nova capital de Minas, executada pela commissão constructora, sob a direcção do Dr. Aarão Reis. Bello trabalho, que obedecendo ás leis e preceitos que regem as modernas construcções, com as suas ruas diagonaes, excellente e adequada assignalação para o hyppodromo, para o cemiterio, etc., dá a justa medida da competencia de quem o executou.

Tambem recebemos:

Uma caixa de superior agua mineral *Johannis*, enviada pela casa da Viuva Wenceslão Guimarães & C. Já se percebe que essas garrafas não foram destinadas á nossa estante; e no momento que é, e com o destino que lhes demos, já nos sentimos quasi curados de uma dyspepsia traiçoeira que nos affligia.

Varios convites para bailes, entre outros, o do Gremio Mozart, que esteve magnifico, e o do High-Life Club, de que nos deram as mais lisongeiras noticias, os que puderam lá ir e não estiveram impedidos—como nós.

Typ. L'Etoile du Sud, *r. S. José 102*

2ª EXPOSIÇÃO GERAL DE BELLAS-ARTES

ESCOLA NACIONAL DE BELLAS-ARTES

1895

IMPRENSA

Aos poderes publicos e á imprensa, honra pela animação a arte.
Aos artistas expositores — um bravo!

Anno 1º — Rio de Janeiro — Nº 33

Don Quixote

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini

(frontespicio provisorio)

R. Ouvidor 109

3 Mezes de atrazo!!!

Deve-se abrir inquerito
Sobre este caso intrincado!
Nunca parteiro emerito
Viu-se tão atrapalhado....

A prefeitura, em finanças
Vai mal — dinheiro não tem....
Inda mais: 'stá de esperanças
— E os funccionarios tambem!

Vamos lá, Doutor Werneck,
Trez mezes de atrazo.... é caso!
Deus me valha, e que eu não pegue:
Mas pague — ou vai tudo raso!

(Lamurias de um empregado municipal)

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno.......	24$000
Semestre....	12$000	Semestre...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitarnos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas !...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura terminou no fim de Junho, recommendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 21 de Setembro de 1895.

A AMNISTIA

A manobra obstrucionista da camara dos deputados já deu o resultado que era de esperar. Desde que o senado, por uma votação solemne, condemnou o projecto iniquo e barbaro do Sr. Ramiro Barcellos, representante do Castilhismo impiedoso e adepto do glycerismo emperrado, era bem de prever que o parecer da commissão da camara, pelo orgão do Sr. Medeiros e Albuquerque, seria a condemnação do substitutivo em cuja approvação a alta corporação do senado deixou documentado, e inequivocamente, o seu encendrado patriotismo.

A demora na apresentação d'esse parecer, que pretende esmagar a amnistia ampla, sob pretextos capciosos, obedecia unicamente ao intuito de aguardar a decisão do senado, relativa á qualificação de delinquentes civis e criminosos militares, ferindo de morte a ideia generosa de amnistia incondicional e estabelecendo hierarchias para os revoltosos, réos de um e o mesmo delicto.

Assim desvendado o plano anti-patriotico dos que ainda guardam rancores e apenas festejam a paz *pro formula*, viu-se que, se não fôra a palavra vibrante e convincente de Ruy Barbosa deitar por terra o negregado projecto Ramiro, o parecer seria muito outro e o substitutivo do senado teria a approvação dos decuriados do Sr. General Glycerio.

Não foi assim. Em votação positiva o senado affirmou pela segunda vez o seu pensamento de conceder ampla amnistia a todos os revoltosos — e tanto foi preciso para que se lavrasse tal parecer, que exprime uma tal desorientação, tão revoltante e condemnavel, que não se coaduna com os apregoados sentimentos bondosos e a proverbial generosidade do meigo caracter e do temperamento doce do brasileiro.

E dizer que tal parecer emerge do seio da camara que approvou sem hesitar todos, todos os actos da Legalidade, de rubra memoria, e mais os actos dos seus agentes — isto é. todos os horrores do Paraná, de Santa Catharina, de Pernambuco e de tantos outros sitios onde foram praticadas tantas barbaridades, tão monstruosos crimes !

Temos fé, porém, que a maioria da camara não irá lavrar contra si propria a condemnação a que faria jus, se approvasse tal parecer, que contraria a aspiração de todo o povo, e que, vingando, seria a origem de desastrosas consequencias para o paiz e até para a marcha do governo, empenhado como se acha em promover o real e duradouro congraçamento da familia brazileira.

Temos fé que a palavra de ordem do Sr. Glycerio será d'esta vez desobedecida — e assim o cremos, por honra da propria camara dos deputados, que não quererá arcar com a tremenda responsabilidade de haver opposto embaraços ao pensamento patriotico do governo do Sr. Prudente de Moraes.

No momento que é, quando o espirito publico se acha de novo sobresaltado pela recrudescencia da situação critica em que se achava a questão do Amapá; quando nos chegam noticias de nova violação do nosso territorio e do desembarque ultrajante de grande numero de soldados francezes n'aquella região, vergastando-nos as faces e ferindo-nos no que temos de mais sagrado; — n'este momento faz-se necessaria a paz geral, é urgente reclamo do nosso patriotismo a completa união de todos os brazileiros, em torno do nosso sagrado pavilhão, o esquecimento de odios antigos ou recentes, o congraçamento geral, emfim.

Não é de crer que da camara dos deputados haja desertado o patriotismo, e que ella possa sacrificar aos interesses mesquinhos de uma politica sanguinaria os altos interesses do Brazil, que tem ou suppõe por uma ficção legitimada ter alli os seus representantes immediatos, a guarda avançada da soberania nacional.

Não ! Por honra da camara dos deputados vamos jurar que o parecer impatriotico do Sr. Medeiros e Albuquerque não será approvado... O decoro dos senhores representantes da União, o caracter d'esses cavalheiros é garantia segura de que esse monstro não terá alli amparo, nem auxilio, nem um bafejo que lhe empreste vida.

NOTICIARIO

Veio da Europa o deputado por S. Paulo, Dr. Adolpho Gordo, que afinal de contas não veio mais...

— Mais, que ? Mais gordo, está bem visto.

Telegramma de Roma para o *Jornal do Commercio*, de 15 do corrente, dá-nos a grata noticia de ter sido o general Mirri, commandante do 12° corpo, em Palermo, transferido para o commando do 6° em Bologna; indo o general Morra substituil-o n'aquelle commando em Palermo.

Esta noticia diexou nos supinamente apalermados pelo gasto superfluo de palavras do telegramma que bem poderia ser concebido assim :

« Roma, 14 Setembro.

« Mirri de Bologna Morra em Palermo. »

No fim dava certo.

Por um lamentavel equivoco, o distincto escriptor A. A. na sua *Palestra* diaria do *Paiz* apertou commovido a mão a Accacio Antunes, e fez a seguinte proposta :

— Toca estes ossos, confrade.

Só mesmo por equivoco o amavel Arthur Azevedo daria ao Sr. Accacio o inglorio e improductivo trabalho de procurar-lhe os ossos, para tocal-os, no meio d'aquelles diluvio collossal de banhas.

— « Toca essas gorduras » é que deve ser.

O distincto escriptor e habil poeta Alves de Faria, durante a semana passada publicou dous artigos em que não empregou o vocabulo animico.

Ao que parece, está enfermo, o nosso illustre e operoso collega.

Ou elle, ou o seu termo predilecto.

Na abundante e completa secção telegraphica do *Paiz* encontramos em despacho de Lima, a lista dos novos ministros do gabinete peruano, recentemente organisado : presidente do conselho Antonio Bentino, justiça Albarracin, fazenda Bressano, guerra e marinha Parra.

Vai dar uvas o Perú.

O eloquente senador Esteves Junior pretende pronunciar brevemente mais um discurso.

Os senadores collegas de S. Ex. já mandaram repregar os botões dos seus respectivos colletes e das suas calças respectivas.

Precavidos, os homens da rua do Areal.

Consta que a agencia Havas joga no cambio e que é baixista.

Damos este consta com todas as reservas do estylo.

Um trem de suburbios que ante-hontem partiu da Central ás 6,30 da tarde, não descarrillou nem sequer encontrou a nenhum outro trem da mesma Estrada de Ferro dos Choques Centraes do Brazil.

Por este auspicioso evento trata-se de organisar uma grande commissão popular, que levará a effeito uma brilhante manisfestação de regosijo e congratulação até aos altos poderes constituidos.

Os directores da companhia de seguros *Educadora* offerecem aos seus amigos, freguezes e mutuarios, um excellente almoço e um magnifico baile : *pan y toros*, como la diz o outro, e em grego.

Duas cousas veio provar esta intelligente resolução da Companhia de Seguros *Educadora*: que suas senhorias não são *seguros* (vulgarmente—*cauilas*) e que suas senhorias são muito bem educados.

Nossos emboras.

A redacção do *D. Quixote* (rua do Ouvidor 109, anno 20$000 para a capital, 24$000 para os Estados) passa sem novidade em sua importante saude.

Quando mal, nunca maleitas.

Os reporters.

ESCENA & MONTRY

BRAZÕES

Um formoso poeta, o B. Lopes, dos *Chromos*, da *D. Carmen*, e d'esses *Brazões*, que agora nos apparecem, elegantemente impressos na casa Leuzinger.

Original, singularissimo, B. Lopes é um poeta que constitue individualidade á parte do grupo brilhante dos nossos metrificadores, fazendo obra sua, absolutamente sua, pelo modo de dizer, pela fórma especial que imprime ao seu verso, pela graça de que o reveste e com que o enfeita.

Li algures que o B. Lopes, que celebra as bellezas e o *chic* das duquezas, das louras *miss*; que descreve os castellos magicos e os palacios illuminados de sua phantasia, que doira de primores a alta fidalguia das suas rimas brilhantes e irisadas, — que o B. Lopes é um empregado publico, um simples empregado publico, que quando escreve *alfombras* é unicamente por obdecer á pequena contingencia da rima, pois que havia pouco antes escripto a palavra *sombras*.

Nem melhor e mais involuntario elogio podia ser feito ao talentoso poeta, impeccavel no metro e vivo e gracioso na rima, do que esse que veio envolvido n'uma denuncia descabida, talvez impertinente. E' exactamente n'esse advinhar intuitivo do B. Lopes, de cousas e de individualidades altamente fidalgas, que se póde bem apreciar a força do sua imaginação feracissima, de sua alevantada *vis* auto-suggestiva.

Em todas essas paginas do seu livro aristocratico, fino, afidalgado, não se encontra uma, uma só trivialidade, um verso que se pareça com um verso dos outros poetas que em nossa lingua versejam; novo, na suprema e mais profunda expressão do vocabulo novo, o B. Lopes timbra em singularisar-se n'um requinte de elegancia que seduz, que embriaga, e que embala o leitor.

Não por emittir uma opinião, que por desautorisada era dispensavel, mais simplesmente por desobrigar-me de um compromisso anteriormente tomado, d'estas columnas venho saudar o poeta pelo apparecimento do seu livro, tão elegante quão accentuadamente fino e aristocratico.

E para terminar a transcripção de um soneto, não de proposital eleição, senão tomado do volume dos *Brazões*, ao acaso aberto:

DIVA

Vocifera a platéa, pintalgada
De aloiradas cabeças de cocottes
De papoula ao chapéo, e uma encarnada,
Rosa sagrando a espuma dos decotes.

Preparam-se as lunetas na cerrada
Linha anciosa e gentil dos camarotes,
Predominando a mancha delicada
Dos fidalgos bouquets de myosotis.

Chamam-te os partidarios irrequietos;
Pronunciam teu nome os indiscretos,
De alma suspensa e coração de rastro...

Pisas o palco; o publico endoudece,
Tonto, na luz, como se alli tivesse
O estilhaço flammivomo — de um astro!

E a *Hora do chá*, e *Sangrina* e *Sua Alteza*, e todo o *Varandim*, e todo o livro!..

Um sincero e cordial *shake-hands* a B. Lopes.

D.

A CIGARRA

Mais um numero, mais uma victoria: *está regulando*, da phrase do Ney.

Na primeira pagina o Rochinha da *Noticia* carrega ao collo a sua bebê, que vai engordando a olhos vistos, graças ao espirito *yankee* do seu papai, um furão de marca maior — ou menor, se o quiserem — cuja tenacidade, coragem e talento conseguiram fazer da *Noticia* um jornal necessario e imprescindivel, já agora.

Bella pagina, a *Sangrina*, illustração de Julião Machado ao soneto de B. Lopes. O dito Julião tem graça ás carradas na historia de um rapto, referida pela propria criada e testemunha *Maria Juzé*; e não menos chiste encontra-se no salão comico do Belmiro.

O *miollo* é de Olavo Bilac, o grande chronista — e tanto basta para deixar-nos a pão e agua quanto a qualificativos lisongeiros.

Está regulando, não ha duvida.

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DO « D. QUIXOTE »)

LÉO A TONY

Viste telegrammas Hyppolito general separa Rio Grande União?

TONY A LÉO

Vi. E pensei passar telegramma dizendo: pára Hyppolito!

LÉO A TONY

Nunca, pedaço d'asno! Se para dizes, separa entende!

TONY A LÉO

Pois é isso, asno inteiro: é bom separar. Elle fica com Castilhos, nós ficamos...

LÉO A TONY

Com quem?

TONY A LÉO

Com Barbosa Lima, mais divertido; Glycerio, mais engraçado; Esteves, mais eloquente...

LÉO A TONY

Basta! Tu vendido jacobinos!

O estacionario,

ORÓ WESTERN.

Angelo, Spirita!

Recebemos uma communicação importantissima do Grupo Spirita Particular S. Matheus Propheta de Deus, (parece verso, mas não é) impressa em papel meio-pergaminho, encerrada em um grande enveloppe e endereçada ao nosso amigo e director do *D. Quixote*, Angelo Agostini; que a estas horas, se o paquete *Chili* não errou o caminho, deve ter deixado Dakar e achar-se proximo de Lisboa.

Aberto o envelloppe e lido o papel, vimos, com menos surpreza do que desvanecimento, que a illustre directoria do Grupo Spirita Particular S. Matheus Propheta de Deus, e que funcciona á rua Presidente Barroso, tivera a gentilissima idéa de conceder ao nosso Angelo o gracioso titulo de SOCIO HONORARIO.

E porque? Acaso, porque o Angelo em nosso ultimo numero, e antes de partir, n'um artigo humoristico amarrou o positivismo ao spiritismo e zurziu-os á vontade e mais aos seus concomittantes Torterolis?

Não senhor. A razão da graça especial com que foi distinguido o nosso companheiro, vem exarada no proprio titulo impresso, que diz assim:

« Apreço-me (está no original) em communicar-vos este grande acontecimento que é d'aquelles que tem o valor de uma nova epocha marcada pela vossa inscripção no nosso centro, porque o vosso nome como adepto da grande lei que regula todo orbe teremos como toda evolução do infinito, como teria para nós uma verdadeira epopeia, pela clareza e autoridade do vosso espirito altamente preparado na sabia lei do universo. »

Isto não resta duvida, está um tanto obscuro, traçado em linguagem profundamente nephelibatica; mas o que se deixa perceber de todo aquelle palavriado é que o Angelo é adepto da grande lei (?) Que regula o orbe — e d'isso andou fazendo um tal mysterio qee até chega a melindrar-nos.

Spirita honorario o Angelo!

Emfim, e uma vez decidida a coisa pelo Grupo S. Matheus, resolvemos fazer participação immediata ao companheiro ausente, transmittindo-lhe o seguinte telegramma:

« Angelo Agostini, spirita honorario,
« Em viagem.
« Sabes? Estão redimidos
« Todos os peccados teus;
« Abre bem esses ouvidos:
« E's socio de S. Matheus,
« O tal propheta de Deus.

« Parabens! Mil parabens!
« Assim quizeste — assim o tens!

Ao Grupo Particular da rua Presidente Barroso, enviamos muito saudar.

GYP.

LEMBRETE

Aos nossos assignantes, cuja assignatura terminou no fim de junho, e mais áquelles cuja assignatura termina no fim do corrente mez, lembramos que, caso queiram reformal-as, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste importante semanario.

CAVACO DA ADMINISTRAÇÃO.

CARTAS LITTERARIAS

ADOLPHO CAMINHA

O auctor do livro que temos á vista foi um d'estes obreiros que lentamente, ignoradamente se preparam para uma ruidosa apresentação na arena das lettras. Quando elle surgio com o seu romance naturalista intitulado — *A*

Tem-nos fornecido alguns deliciosos <u>canards</u>, bem acondicionados em bolhas de sa-bão. É brinquedo innocente, um passatempo divertido. Desde que as bolas arrebentam Zé Povo exclama sentimentalmente: — Ora bolas, Mme. Havas! se não lhe custa, póde ir ás fa-vas!

A conspiração dos magnatas da companhia do Jardim Botanico contra as vetustas arvores do Cosme Velho. Vinham recitando tumularmente: "Era alta noite, e ao descambar da lua...."

....Quando descambou contra elles a população Cosmevelhense, e fel-os fugir electricamente. O bond electrico tem disto: se não pode matar o transeunte arranca a vida ás indefesas arvores! Desta vez a conspiração parece que não estava bem ensaiada....como as outras.

Normalista—todas as vistas voltaram-se attentas para o novo combatente que se mostrava apparelhado para a lucta tendo feito no segredo do seu gabinete o tirocinio das armas e o seu livro, recebido com francos louvores da critica, desde logo marcou-lhe nas nossas lettras um lugar distincto.

Agora surge um novo livro de Adolpho Caminha e as opiniões manifestadas nas *Cartas Litterarias*, a orientação do escriptor, a sua maneira de observar e sentir revelam o mesmo espirito analytico e impressionista que haviamos notado nas paginas repassadas de verdade da Normalista.

Os capitulos — Novos e Velhos, — Emilio Zola,—A Forma,—Em Defeza Propria, são bellissimos estudos onde predominam a verdade de observação e a justeza de conceitos. O estudo critico sobre Fialho de Almeida é um verdadeiro e justo preito a um escriptor que merece pelo seu incontestavél talento ser mais lido e apreciado entre nós. Em summa: pondo de parte algumas apreciações exageradas sobre auctores nacionaes, que provam que Adolpho Caminha ainda não estudou completamente o nosso meio litterario, e por isso desconhece alguns escriptores de merito, ao passo que exalta outros que não merecem tanto, o livro é excellente e nos deixou a melhor impressão.

Esses pequenos senões de observação que apontamos não são defeitos do escriptor ou do observador, mas um resultado da sua convivencia em um meio que não resume (como pretende) todas as aptidões litterarias e artisticas do paiz e fóra do qual ha talentos propositalmente envoltos no véo do silencio, arma favorita dos que temem a concurrencia.

Emfim, comprimentamos a Adolpho Caminhs pelo bom livro com que brindou as nossas lettras.

L. N.

RABISCOS

Tendo começado por uma serie de boatos falsos, por um falso boato terminou a semana passada.

Coherente, lá isso foi ella — e no que nada se parece com o general Glycerio, que vai saudar o presidente no Itamaraty por motivo da pacificação e logo depois anda a mecher os pausinhos no Congresso, para o fim de obstar a passagem da amnistia, consequencia immediata d'aquella.

Os boatos da semana afinal serviram para alguma cousa: para evidenciarem, pelo menos, o alto grão de estima em que é tido o Sr. Prudente de Moraes, a quem uma brilhante ovação, ainda mais brilhante pela espontaneidade com que surgiu, recebeu-o em seu regresso da Ilha Grande.

Diziam o diabo com botas, os taes boatos!

D. Bernarda tomára um dos seus mais bellos vestidos, puzera as suas joias mais ricas e já estava prompta para sahir á rua e provocar escandalos, como é de seu costume e temperamento...

Ia ser tudo arrazado — a começar pelo Sr. Prudente de Moraes, o eleito do grande Partido Republicano Federal do Sr. Glycerio, a quem a supracitada D. Bernarda convidaria muito delicadamente a deixar o Itamaraty e ir até Piracicaba, verificar se os seus cafezaes estão convenientemente florescidos.

Emfim, uma penca de boatos, cada qual mais formidoloso, e que afinal de contas só tiveram um resultado pratico... para os baixistas do cambio.

O boato com que terminou a semana viveu, como a tal de Malherbe, o espaço de uma manhã: mas ainda assim, na sua miseranda qualidade de boatinho, e durante sua passageira existencia, sempre deu tempo aos mesmos baixistas de realizarem operações de ligeireza.

Porque a verdade é que só esses vivorios podiam prestar credito ao *canard* telegraphico dando o general Hyppolito como separador do Rio Grande — peta muito sem graça, mas em compensação muito mal arranjada.

Que querem? O cambio não é como a filha do Conde de S. Thiago — que não desce nunca!

Ao contrario: parece que nada lhe é mais agradavel do que esta gangorra permanente em que vive escarranchado!

Agora, com a questão da amnistia, Mister Cambio tem ensejo e opportunidade de exercitar-se nos seus prodigios de acrobacia descendo e subindo á vontade, conforme o parecer do Sr. Medeiros e Albuquerque tenha impugnadores ou recolha discursos congratulatorios e approbativos.

Segundo esse parecer, a amnistia não póde, não deve ser ampla! A hermeneutica do Sr. Albuquerque estabelece uma differenciação completa entre o revoltoso politico militar e o revoltoso politico civil, de modo que a gente chega a concluir... que não ha nada como tudo mais são historias.

E historias para rir, porque é licito suppôr que os bons desejos do mesmo Sr. Albuquerque não serão suffragados pelos seus collegas; e historias para rir, porque são muito diversas das historias da prefeitura, com as quaes os respectivos empregados têm razões sufficientes para viverem immersos em copioso pranto, — pranto tão copioso que faz lembrar o d'aquelle da operetta, que dizia:

Eu tenho chorado tanto...

Pudéra! Tres mezes decorridos e o quarto a escoar-se, sem que elles vejam a côr dos seus ordenados, não é marimba que preto toca, nem é caso para gracejos.

A *Cidade do Rio*, que dispõe de uma reportagem ultra, já publicou um decreto do Sr. prefeito, segundo o qual S. Ex., permitte aos seus empregados *morderem* na rua do Ouvidor os amigos e conhecidos, até que possam receber alguma cousa por conta dos ordenados atrazados.

A medida não é má como recurso, financeiro: mas porque não começar por casa a boa justiça? Sim, porque não *morderem* os empregados, antes de tudo — ao Sr. prefeito, cujo subsidio não é máo, e aos senhores intendentes, que tambem não ganham pouco?

A idéa não é para desprezar; e eu, generoso como sou, dou-a de graça aos interessados.

E olhem que já lhes dou alguma cousa — no que até certo ponto já me avantajo ao Sr. Dr. Werneck, que nada lhes dá.

E como a ultima noticia, e esta de sensação, refere-se á nova invasão franceza no territorio do Amapá, aqui deito ponto final n'estes *Rabiscos*, mesmo porque não me agradam estas complicações internacionaes.

Ah! os senhores francezes entenderam de colonisar á força o nosso Brasil, e andam plantando soldados na fronteira a vêr se pegam de galho?

Ora esperem ahi um pouco, que lá lhes mandamos o general Glycerio, que é feroz em seus *ultimatuns* e não lhes dará amnistia — nem que lh'a peçam de joelhos...

Olha, francez: você não conhece o general Glycerio!

LEO.

UM BOUQUET

Vem tarde — mas antes tarde do que nunca — o agradecimento que devemos ao ao digno director do collegio Abilio, pelo delicado *bouquet* com que nos mimoseou, no dia em que os alumnos do seu estabelecimento, em bem organisado prestito, foram saudar o Sr. presidente da Republica pelo motivo da pacificação do Sul.

O *bouquet* com que foi distinguida a redacção do *D. Quixote*, mimo de arte fina e esquisita, é guardado com especial cuidado, a relembrar-nos sempre a gratidão pela gentileza da offerta.

THEATROS

Assim como assim, *on revient toujours...* ao Eden Lavradio.

E' para este theatro que volverá em breve a actriz dos 18 papeis, Sra. Pepa Ruiz, com uma companhia de estrondo, dizem os periodicos bem informados—e os ha, n'esta muito leal e heroica cidade de S. Sebastião.

Ao que parece, refeitas as finanças e recomposta a *troupe*, a dama dos dezoito conta empolgar de novo as boas graças do publico e chamar ao bom caminho o dispersivo exercito dos seus mil e oitocentos adoradores.

Que seja muito feliz, por muitos annos, e eu que o veja—são os meus sinceros votos.

Que não lhe vá succeder o que á *troupe* Modena aconteceu no Theatro Lyrico, que nem mesmo com o condimento da *dansa serpentina* da Sra. Fuller n. 2, conseguiu ver concorridos os seus espectaculos.

Aliás, não era de esperar esse retrahimento da parte do nosso publico, a quem agrada sobremaneira toda a especie de *frégolidades* que por aqui apparecem, pomposamente annunciadas, trazendo por batedores uns *réclames* de palmo e meio.

Demais, acerca da identidade da Sra. Fuller levantára-se, e muito habilmente, uma questão importante, que mais deveria aguçar a curiosidade do publico, ancioso e afflicto por saber se a Sra. Fuller era a propria Fuller, ou se era simplesmente a irmã da Sra. Fuller.

Pois nem assim!

A deserção continuou e a Companhia Mo-

dena lá vai em busca de outros ares e de melhores povos, depois de nos haver proporcionado excellentes espectaculos, a que assistiram impavidas, serenas e desoladas... as cadeiras do theatro da Guarda Velha.

E' pena. O trabalho da Sra. Tiozzo, uma actriz de nervo, secundada pelos Srs. Cuneo, Lotti, Serafini e outros, bem merecia occupar a attenção do publico fluminense...

... se o publico fluminense não preferisse ouvir o Frégoli cantar de falsete, com umas cabelleiras que não ajustam bem, e exhibindo uns bonecos espetados em cabos de vassoura.

Vão ao Apollo e verão que enchente, sempre que o felicissimo Frégoli faz o duetto impossivel... Ou não vão, porque arriscam-se a ficarem esmagados, pela concurrencia enorme de ingenuos que se deliciam em ver o Sr. Frégoli fazer nos bastidores o que a Sra. Pepa faz em scena: — mudar de roupas para fingir que muda de papeis.

Do Lucinda ainda temos noticias. E frescas são ellas.

Depois do *Naufragio da Fragata de Val-Flôr* e da *Morgadinha Meduza*, a companhia Dias Braga, a que alliou-se a provecta actriz Ismenia, resolveu deixar aquelle theatro e seguir para S. Paulo, onde exhibirá todo o seu repertorio dramatico, pantafaçudo e estupefaciente.

Se é exacto que *l'union fait la force*, não ha senão a predizer bem d'esta *tournée*, em que se encontram bons elementos colligados.

O Sant'Anna, offerecendo aos seus *habitués* as ultimas representações da *Princeza Colombina*, prepara com todo esplendor a magica de Eduardo Garrido *O Gato Preto*.

Não é positivamente uma novidade. Entretanto, dizem que esse gato é uma verdadeira mascotte, e tanto que enriqueceu a mais de um emprezario; d'ahi, supporem alguns augures cathedraticos em materia theatral, que a companhia do Sant'Anna está em vias de enriquecer — embora não haja alli nenhum Henrique.

D'este pessimo e archi-vetusto trocadilho passo-me muito esgueiradamente para o S. Pedro, que depois de andar por debaixo d'agua e por cima de todas as outras emprezas theatraes, annuncia a *Cendrillon*, pantomima já conhecida e que o desopilante Frank Brown sabe pôr em scena com todos os deslumbramentos do estylo.

Alli, n'aquella casa de espectaculos, é que nunca falta o publico; — e o que prova é que as pilherias dos Franks, ainda que repetidas, e todos os prodigios de acrobacia, embora muito vistos, valem mais, muito mais, do que os alevantados esforços dos cultores da arte de João Caetano — do defunto João, como dizia e com entono e defunto Galvão.

E dizer que o facto se evidencia exactamente n'aquelle theatro, palco das glorias do nosso primeiro artista.... Os theatros! como os homens, *habent sua fata*!

Eis ahi uma ideia, a offerecer á actriz Emilia Adelaide, que anda a acenar ao publico arredio, com as *Mulheres fortes*, e outros dramas de valor: porque não mette em scena uma *Cendrillon* ou não inunda o Variedades com uns 80,000, ou mesmo uns 40,000 litros de agua?

Em verdade, a eximia actriz que conserva o respeito á arte com a mesma pureza e dedicação com que as Vestaes guardavam o sagrado fogo, não tem uma companhia regularmente organisada, nem poude conseguir até agora elementos que a tornassem harmonica e homogenea. Isso resalta mesmo da exhibição das *Mulheres fortes*, onde a Sra. Emilia Adelaide joga scenas com uns sugeitos e umas damas que nem em um theatrinho particular seriam supportados.

Mas, condemnar por completo uma tentativa razoavel, e negar auxilio a um grupo que incontestavelmente o merece, é dar prova de desamor á arte, e como lá dizem, até dá indicios de mau caracter.

Que diabo! Vão ao Variedades; vão e não perderão seu tempo, e terão ensejo de applaudir uma artista de raça como é a Sr. Emilia Adelaide — que foi rainha e ainda tem magestade.

Ide, e vereis se minto.

Ah! Esquecia-me dizer que a companhia Souza Bastos ainda representa o *Sal e Pimenta*, revista que effectivamente deve ter muito sal para ser assim a occupante exclusiva dos annuncios d'essa companhia.

E tambem ia cahindo no olvido o regresso da companhia Taveira á patria portugueza, e com ella — ella, companhia — o correcto actor J. Ricardo, que não quiz partir sem deixar-nos uma carta de despedida, tão amavel quanto modesta e delicada.

E para pôr termo a esta resenha, um annuncio e gratis:

O joven actor Silva Pereira resolveu-se a fazer beneficio, e no Theatro Lyrico, cujo amplo bojo, sómente esse, poderia abrigar a grande massa de admiradores e amigos que conta entre nós.

(Entre nós é um modo de dizer).

A respeito de Silva Pereira — o beneficio é a 27 do corrente — andam por ahi em um verdadeiro teiró de intriga, varios jornalistas graciosos, inquirindo da sua idade e a respeito emittindo opiniões que parecem ter sido saccadas não se sabe d'onde, mas que se sabe serem saccadas com dous palitos.

Dizem uns que o Silva Pereira é o Mathusalem da arte dramatica portugueza; outros que elle esteve na arca de Noé, não sendo o caso referido na historia do Antigo Testamento porque o mesmo Noé occultou-o, desde que transgredira a ordem n'esse particular — pois não havia casal de Silvas Pereiras, o qual, é bem sabido, tem especial horror a esse negocio de casal.

Ora a verdade é esta, e unica: Silva Pereira é tão joven, tão novo, que só não fórma com a petizada da *Cendrillon*, fazendo a protogonista — porque tem de realizar beneficio a 27 do corrente no Theatro Lyrico.

Muitas venturas ao beneficiado — a esse joven artista aurorial, como diria um nephelibata convencido.

TONY.

CHINOISERIES

TRES POR DIA?!!

E' demais! Chegam ao cumulo
os desastres na Central!
Um wagon nos lembra um tumulo;
um comboio — um funeral.

Não ha mais prompto suicidio
que uma viagem de trem!
Desse terrivel excidio
já não escapa ninguem.

Só na quarta-feira deram-se
tres desastres! Vejam: tres!?
Machinas, carros perderam-se!
Vae-se tudo de uma vez!

Ante o quadro horrivel, tetrico,
confesso-lhes que tremi,
aparte algum bond electrico,
cousa peior nunca vi.

Vejo que andei com criterio
quando os suburbios deixei,
mas, ante caso tão serio,
a vida já segurei.

E proponho, em consciencia,
a alguem que o queira, fundar
companhia, p'ra a existencia
ao viajor segurar.

Melhorar em vão pratende-se
a desgraçada Central!
Só vejo um recurso — arrende-se,
talvez melhore, afinal!

LU-NO.

A NOSSA ESTANTE

Temos recebido e agradecemos:

D Pedro I e a Independencia, trabalho interessante do Sr. André Werneck, escripto a proposito da demolição da estatua da Praça Tiradentes, e pela verdade historica. O operoso escriptor, em rapido estudo, amparado de documentos historicos, deixa patente a injustiça flagrante que se commetteria se acaso fosse a effeito a idéa demolidora de um grupo hysterico, felizmente sem influencia actualmente na direcção dos publicos negocios.

Revista Pharmaceutica, anno 1º, n. 15 correspondente a 5 do dorrente mez. E' orgão da sociedade pharmaceutica paulista e tem por sens redactores os Srs. Iguacio Puiaggori e Frederico de Borba.

A esta publicação pode-se sem reccio emprestar o qualificativo de *importante*: provam-n'o os excellentes artigos, *Analyses da urina*, de C. B. de Hollanda, *O estado de pharmacia entre nós*, editorial etc.

Revista de Homeopathia, n. 1, anno 2º, de que é fundador e redactor o Sr. Dr. Magalhães Castro. Tambem nos vem de S. Paulo esta publicação.

Arcadia, fasciculo 1º, volume 1º. e tudo o mais *primeiro* pondo em linha de conta o exercito de collaboradores desta brilhante revista de arte. Na primeira pagina encontra-se o retrato de Olavo Bitac, o primoroso poeta e phantasista sem igual nas chronicas em prosa. Os directores Brito Mendes e Felix de Mello fizeram eleição justa e criteriosa do corpo de collaboradores: o supradito Bilac, Virgilio Varzea, Alves Faria, Felix Bocayuva, Figueredo Pimentel, Azevedo Cruz, Claudio de Souza, e outros — e o que prova que n'esta eleição não entrou o triangulo. Não está viciada.

Serviço exterior, da repartição geral dos telegraphos, ou em vernaculo: Taxa por palavra telegraphica a partir de qualquer estação para as republicas sul-americanas e mais para a Europa, Ilhas, America Central e do Norte, Africa, Asia, Australia, Olivaes e Santarém e Mais Além.

Por esse folheto ficámos sabendo que pagaremos por uma palavra dirigida para Capiapó a quantia de 1$560 — quando nos dermos ao luxo de possuir um correspondente n'aquella povoação do Chile.

Jornal Illustrado, n. 9, do primeiro anno. Traz em sua primeira pagina os retratos de Q. Bocayuva e de J. do Patrocinio... dous que não se *hurlent de se trouver ensemble* — na primeira pagina de um jornal illustrado, e com os periodos encomiasticos e elogiosos equitativamente distribuidos por ambos pela respectiva redacção. Traz um bom artigo de Alves de Faria sobre a Amnistia, e é um numero muito para ser lido.

Revista Illustrada, n. 625, 20º anno de existencia. Traz em sua primeira pagina os retratos dos senadores fallecidos Silva Canedo, de Goyaz, e Cunha Junior, do Maranhão.

Questões de arte, de Carlo Parlagreco, o illustrado professor da Escola Nacional de Bellas Artes. N'este volume, de 150 paginas, o distincto professor archivou algumas das importantes conferencias por elle realisadas na nossa Escola de Bellas Artes, e conferencias em que sobresahem as idéas predominantes e os principios scientificos com que tem estudado e desenvolvido os problemas complexos da arte e da critica contemporanea. Reconhecida a elevada competencia de Parlagreco, bem se percebe a importancia do seu volume, ora publicado.

Le Petit Echo de la Mode, ns. 34 e 35, publicação de A. Reynaud.

A Estação, interessante jornal de modas, publicado pela casa Lombaerts. E' o numero correspondente a 15 do corrente mez.

Roma-Amor, bella poesia de Luigi Bellezza, impressa a duas côres, e commemorativa de 20 de Setembro.

Brazil Militar, n. 1 do 1º anno, trazendo o retrato do grande patriota marechal Deodoro Fonseca.

Recebemos ainda, e agradecemos igualmente:

Convite para o almoço e a *soirée* com que a directoria da Educadora festeja o 5º anniversario da sua fundação; para as festas artisticas do Silva Pereiaa, das actrizes Estephania e Claudia; para a grande recita de gala, no Lyrico, commemorativa do dia 20 de Setembro, festejado pela colonia italiana; para a *soirée* do Club de S. Christovão.

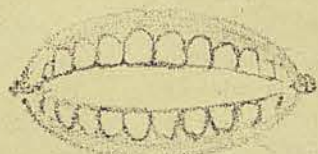
Typ. L'Etoile du Sud, *r. S. José 102*

DANSA SERPENTINA NA CAMARA DOS DEPUTADOS

Diz o Dr Lauro Muller
Que esta é que é a verdadeira
Serpentina feiticeira:
—A celebre Glicy Fuller

As outras, no seu emprego,
Transformam-se em borboletas....
Miss. Glicy, com suas tretas
Volve-se um triste morcego!

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 34

DON QUIXOTE
de Angelo Agostini
JORNAL ILLUSTRADO
OUVIDOR 109
(Frontespicio provisorio)

Novas Dentaduras
Completas aperfeiçoadas
Mordem sem dôr.
Fiadas a casamento
Aos jejuadores
municipaes.

— Mas que é aquillo Juca?
— É uma fabrica de dentaduras postiças, que está fazendo grande negocio... fiado
— E para quem as dentaduras?
— Para os empregados municipaes, que já tiveram licença do prefeito para morderem a vontade os transeuntes da rua do Ouvidor.

— Cá por mim estou arranjado: já tenho a minha dentadura fiada e afiada. Agora o diabo é que não sei a quem morder! Se por aqui passasse o Dr F. Werneck!

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno.......	24$000
Semestre	12$000	Semestre...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 28 de Setembro de 1895.

A AMNISTIA

Ainda e sempre a amnistia, até que o voto da nação, manifestado por todas as formas e em todos os cantos da vasta Republica, consiga derrocar a barreira dos odios e das paixões politicas dos nossos sanguinarios legisladores.

Ainda e sempre a amnistia, até que raie o sol bemfazejo da paz consolidada sobre os destroços d'essa guerra civil que nos flagellou por espaço de dous annos e meio, e que custou á Patria tantas vidas preciosas.

Ainda e sempre a amnistia, porque entendemos com a grande maioria da imprensa brazileira, com a gloriosa maioria do Senado republicano e com a grande massa do povo, que sem ella será uma burla e uma perfidia a convenção assignada em Pelotas a 23 de Agosto pelos generaes Innocencio Galvão e Silva Tavares, em nome do governo da União.

A Camara dos Srs. deputados, obedecendo infelizmente ao grito partidario dos amigos da guerra, interessados directamente na continuação do estado revolucionario no Rio Grande, julgou em sua *alta sabedoria* que a amnistia plena, votada pelo Senado em uma emenda ao seu projecto de Alagoas, era uma descortezia ou um cartel de desafio aos deputados. Os Srs. representantes eleitos sob o guante da dictadura, esses mesmos que docilmente se submetteram a todos os caprichos do poder no governo passado e que açodadamente approvaram *todos* os actos do marechal Floriano Peixoto e de seus agentes, entenderam agora que não convinha aos interesses da Patria confiar ao criterio do illustre presidente Dr. Prudente de Moraes a opportunidade ou a conveniencia de chamar ao serviço activo do exercito e da armada os officiaes que se mostrassem dignos de confiança.

A historia encarregar-se-ha de julgar os homens que por esta forma, longe de rodearem de força e influencia o governo civil felizmente inaugurado a 15 de Novembro de 1894, preferiram revelar-lhe desconfiança, levar-lhe ao fundo d'alma o desgosto, julgal-o suspeito de sympathias aos revolucionarios de 6 de Setembro, e tentar enfraquecer a sua auctoridade aos olhos do paiz. A historia se incumbirá de sentenciar os louvaminheiros do despotismo feroz, hoje ciosos *defensores* da disciplina militar e claros antagonistas do governo da lei.

Deixemo-los entregues ao tribunal do futuro. A geração de hoje conhece-os, e o povo ficou sabendo quem representa de facto a sua soberania.

Mas si a amnistia ampla cahiu na Camara, não é menos verdade que a força da opinião publica representada pela imprensa livre, altiva e independente, conseguiu alguma cousa n'esta campanha do bem. Os Srs. deputados cederam, porque o seu projecto substitutivo apenas afasta do serviço activo por espaço de dous annos os militares amnistiados, deixando-lhes o soldo de suas patentes e a contagem de tempo para a reforma.

Outr'ora queriam a eliminação dos chefes ou a demissão prévia de todos os officiaes como condição indispensavel para gozar da amnistia; não se sabe até si não quereriam trucidal-os todos e atirar as suas cinzas aos ventos.

Ainda na memoravel sessão de 25, o Sr. Glycerio combatendo a emenda do Senado, declarou que, si obedecesse pura e simplesmente ao seu sentimento individual, não concederia amnistia alguma sinão depois de apagados os odios *e destruidos os elementos de combate* ás intituições. Ora, como é certo, certissimo que dos elementos bellicos da revolução não restam sinão as pessoas desarmadas, victimas do exilio, claro fica que o chamado *leader* da Camara só pensaria em amnistiar cadaveres.

É crivel que a Republica esteja á mercê de homens politicos d'esta natureza?

Mas em fim. . . . o *generoso e meigo* amnistiador confessou que transigia com a opinião, e n'esta conformidade apresentou o seu projecto de lei. De facto, conquista houve.

A disponibilidade, de que elle cogita, parecendo ser uma victoria do intitulado partido republicano federal, não passa da declaração explicita d'aquillo mesmo, que em sua reconhecida prudencia teria de fazer por algum tempo o honrado presidente da Republica, por amôr da propria paz que se deseja, e por amôr da propria disciplina, que o chefe do Estado tem mais do que qualquer outro o interesse de manter nas fileiras da força armada.

Que ganhou portanto a Camara com o seu voto? Logrou simplesmente demonstrar á nação que não a representa na sua dedicação e na sua solidariedade com o digno presidente da Republica; conseguiu simplesmente provar-nos a todos o que já sabiamos, isto é, que esse agrupamento de homens — parto vicioso da dictadura — está em divorcio franco com a opinião publica brazileira, que toda ella confia no benemerito Sr. Dr. Prudente de Moraes.

O projecto dos Srs. Glycerio e seus collegas irá caminho do Senado, onde não é difficil prevêr o destino que o espera.

Imperando n'aquella casa do Congresso a politica san dos advogados da amnistia ampla, que consultam antes o bem da Patria do que mesquinhos odios ou ridiculos interesses partidarios, é de presumir que se faça a emenda do projecto, cortando-se-lhe os §§ 1º e 2º e reduzindo-o aos termos do artigo primeiro. A coherencia dos illustres senadores induzi-los-ha a esse procedimento, porque o Senado entende com fundada razão que lhe cabe o direito pleno de ter a sua opinião, e que em nada fere os melindres da Camara emendando-lhe proposições ou rejeitando projectos. O Senado não foi creado para sanccionar subservientemente as leis que lhe manda o outro ramo do Congresso; sua liberdade, dentro da constituição, é ampla, e tão ampla como a liberdade com que approuve á Camara rejeitar ultimamente a sua emenda.

Modificado virá o projecto de novo á Camara dos Srs. Deputados, onde naturalmente se restabelecerá por dous terços de votos a redacção primitiva, e a lei da amnistia sahirá com aquella macula que a politica dos odios lhe impoz.

Mas a responsabilidade inteira d'esta macula recahirá sobre a Camara em todo o tempo.

O bom senso do povo brazileiro tratará de attenua-la ou de a apagar, como lhe fôr possivel, compensando com o amor de irmãos a fereza intransigente dos que não souberam perdoar e esquecer com generosidade e grandeza d'alma, só proprias dos que são realmente grandes.

Não se demore esse momento feliz. Padecem as agonias do exilio, da pobreza e das privações algumas centenas de brazileiros, que não tiveram outro erro senão sonhar com a liberdade da patria e procurar reivindica-la pelas armas. A sorte foi-lhes adversa; a muitos, e dos mais dignos, a revolução foi o campo do holocausto. Volte-se esta pagina luctuosa da nossa historia, e hoje que, em virtude talvez d'essa mesma revolução, gozamos do governo legitimo e constitucional do illustre Dr. Prudente de Moraes, preparemo-nos todos para receber com abraço fraternal os que se sacrificaram por nobres ideaes...

CONSELHEIRO THOMAZ COELHO

O fallecimento do conselheiro Thomaz Coelho, repentinamente, em um dos dias da semana finda, veiu consternar a sociedade fluminense, que tinha pelo illustre morto a alta consideração e o profundo respeito a que faziam jus seu caracter immaculado, os serviços relevantes prestados ao paiz desde os tempos da extincta monarchia, em diversos ramos da administração publica; e, sobretudo, pelo criterio e probidade com que presidiu aos negocios do Banco do Brazil, de que foi director no imperio e na republica, sempre com vantagem para aquella instituição de credito e com lustre para o seu nome.

A memoria do conselheiro Thomaz Coelho merece do *D. Quixote* uma prova de consideração mais elevada do que aquella que poderiam significar quatro linhas descoradas, n'um necrologio resumido — tanto quanto é permittido ao temperamento dos hebdomadarios illustrados. É que o illustre morto teve a gloria de pertencer ao ministerio João Alfredo — o penultimo da monarchia — e o mesmo que promoveu e decretou a abolição dos escravos

no Brazil, ampla e completa, sem indemnisação e sem restricções.

Ainda não feitoravam as camaras os Glycerios, por esse tempo — e mercê de Deus.

Seu nome é pois sagrado para o *D. Quixote*, cujo director tanto se esforçou, com a sua dedicação imperterrita e com o seu talento superior, para que a causa da abolição fosse vencedora como o foi — graças áquillo que já acima foi dito, e tambem graças ao grupo de gigantes á frente dos quaes encontrava-se a fortaleza indomita que se chama José do Patrocinio.

Não podemos no presente numero publicar o retrato do eminente director do Banco da Republica, ora fallecido, porque a difficuldade de obter uma boa photographia impede-nos de cumprir esse dever; mas no proximo numero desempenhar-nos-hemos d'esse compromisso, em honra e homenagem á memoria de um dos membros do glorioso ministerio abolicionista.

A CIGARRA

Estamos um tanto constrangidos, manietados mesmo, para dizer algo acerca do ultimo numero da *Cigarra*. Um elogio á queima-roupa, na primeira columna da primeira pagina, e com todos os *requifífes* do estylo, não é barra. A gente sente-se penhorada até os ossos!

Entretanto, isto não impede um homem de dizer que a pagina do *Hamleto* de cavaignac mandando a Ophelia da amnistia plantar batatas n'um convento, tem immensa graça; nem obriga ninguem a escurecer que a pagina relativa aos mil e oitocentos *garimpeiros* que foram por mero acaso ter ao Amapá, seja de grande alcance. Igualmente nada custa a juntar a victoria do Julião Machado á gloria do Olavo Bilac, que escreveu uma sentida chronica sobre o caso da menor Isaltina, victima de varios accidentes pharmaceuticos e educativos.

Parece o caso dos compadres: «Só ha dous jornaes interessantes n'esta leal cidade de S. Sebastião: um é a *Cigarra*; o outro, ella dirá qual seja... »

Parece, mas não é. E se fosse, de todos os labios irromperia uma palavra espontanea e justa: — o outro é o *D. Quixote*.

RABISCOS

Eu estava com vontade de escrever um artigo de fundo. Um artigo de fundo com todas as superabundancias do estylo, grave, temeroso e tetrico, passando uma sarabanda no general Glycerio e mais outra nos seus cento e quinze desabusados companheiros, que estrangularam a amnistia.

Palavra de honra de homem de bem: era esse o meu desejo. Mas é o diabo...

O Sr. Barros Barreto já foi mudado da rua do Lavradio, e o Dr. Lazaro Tourinho foi convidado a ir lá fóra vêr o imperador passar... E' o diabo!

O poder do general mephistophelico é tal que eu não me sinto á vontade n'este lugar de collaborador do *D. Quixote*, emquanto S. Ex. e o invicto Partido Republicano Federal não houverem garantido a minha continuação e permanencia n'este posto, honroso—mas cercado de espinhos.

E' o diabo, repito.

Ainda se me fosse concedido buscar a tangente a que se arrimou o ex-deputado Herculano de Freitas, tudo iria bem.

Esse illustre representante de S. Paulo votou pela amnistia—o que foi um acto meritorio e que dá-lhe o direito de lavrar um tento pela independencia de caracter que revelou, votando contra a imposição do seu *leader* e seu sogro, o Sr. Glycerio, que n'este particular fere os principios basicos da nossa constituição, accumulando dous lugares importantes: o de sogro e o de *leader*.

Depois d'isso o Sr. Herculano de Freitas, vendo o seu voto perdido n'um minguado grupo de 59 companheiros, e naturalmente indignado pelo peso insignificante da sua opinião em tão momentoso assumpto, resolveu desde logo enviar á respectiva mesa a sua renuncia de membro da camara dos senhores deputados.

Tudo isso é muito bom, é muito bonito, é muito louvavel, e seria mesmo extraordinario, se não occorresse o seguinte caso singularissimo: o Sr. Herculano, dizem todos os jornaes,—vai ser nomeado para um lugar no corpo diplomatico.

Eis ahi uma cousa terrivel, um pedaço de céu que eu muito simploriamente desejava que me cahisse sobre a cabeça!

Um raio d'estes não me apanha—nem em uma sexta-feira! Tal desgraça não me favorece, nem quando estou a dormir!

Evidentemente, renunciar o lugar de deputado e continuar a ser genro, já não é de todo máu; porém, após esse acto meritorio, ser promovido a diplomata... não é peior!

Eu dava por essa infelicidade tudo, tudo—até este elevado cargo de collaborador do *D. Quixote*, que muito indignamente occupo—modestia áparte.

A modestia,—esse predicado de espirito, tão pouco commum quando é sincera, e no entanto tão frequentemente manifestada pelo Sr. commendador Malvino Reis, que além de ter sido muitissimo commendador durante os passados tempos, esteve para rehabilitar o theatro nacional e quasi construiu uma ponte que deveria ligar a capital do Brazil á cidade de Nictheroy.

D'esta vez, o meu illustre amigo não esteve com meias medidas e mandou a sua reconhecida modestia recolher-se por um pouco á sala dos fundos; e logo, logo, convidou o prefeito municipal, e deputados e senadores, e a imprensa, para assistirem na rua de Gonçalves Dias a uma experiencia de illuminação pela electricidade.

Não é nova essa idéa, é forçoso confessar; nem constitue uma surpreza, uma descoberta de ultima hora, essa cousa de illuminação electrica. Creio mesmo, que ha pessoas por esse mundo de Christo, que tenham sido favorecidas pela sorte, vendo deslumbradas um salão, ou uma salinha, uma praça ou um cubiculo de vapores transatlanticos, illuminados por aquelle processo...

Mas o que ha de novidade, e isso ninguem póde contestar, é que até agora a illuminação por electricidade não havia sido proposta pelo commendador Malvino, nem tinha sido effectuada, em experiencia obrigada a *lunch*, em uma casa da rua Gonçalves Dias. E d'ahi, é muito natural e logico concluir que se d'aqui por diante não nos sentirmos illuminados — a culpa não será do Sr. commendador, nem da Companhia do Gaz, nem do visinho da esquerda.

Mais um empurrão e estes rabiscos vão ao porão:

E' o caso: Cosme Laet de Moraes, com grandes argumentos de Quatrefages, de Valmont de Bomaire, e de mais alguns anthropologistas, reduz a pó a téla do professor Brocos, *A redempção de Cham*, que figura em primeira plana na exposição da Escola Nacional de Bellas Artes.

Em geral respeito e temo todos os Moraes: quer sejam presidentes quer sejam criticos, prudentes ou imprudentes.

Mas na questão vertente, posta em discussão pelo illustre Cosme — a de saber se o Sr. Brocos errou pintando branco o filho de uma mulata com um branco — eu recorro do seu para um tribunal superior: peço a opinião do Sr. general Francisco Glycerio, que é na actualidade o manda-chuva em todos os assumptos, politicos, litterarios, artisticos ou presidenciaes.

Se S. Ex. resolver que o branquinho da *Redempção de Cham* está pouco mulato, não hesitarei em ir dar os pesames ao illustre amigo Brocos pelo erro anthropologico que commetteu em pintura.

Que opine o chefe dos chefes; que falle e decrete o Sr. F. Glycerio.

LÉO.

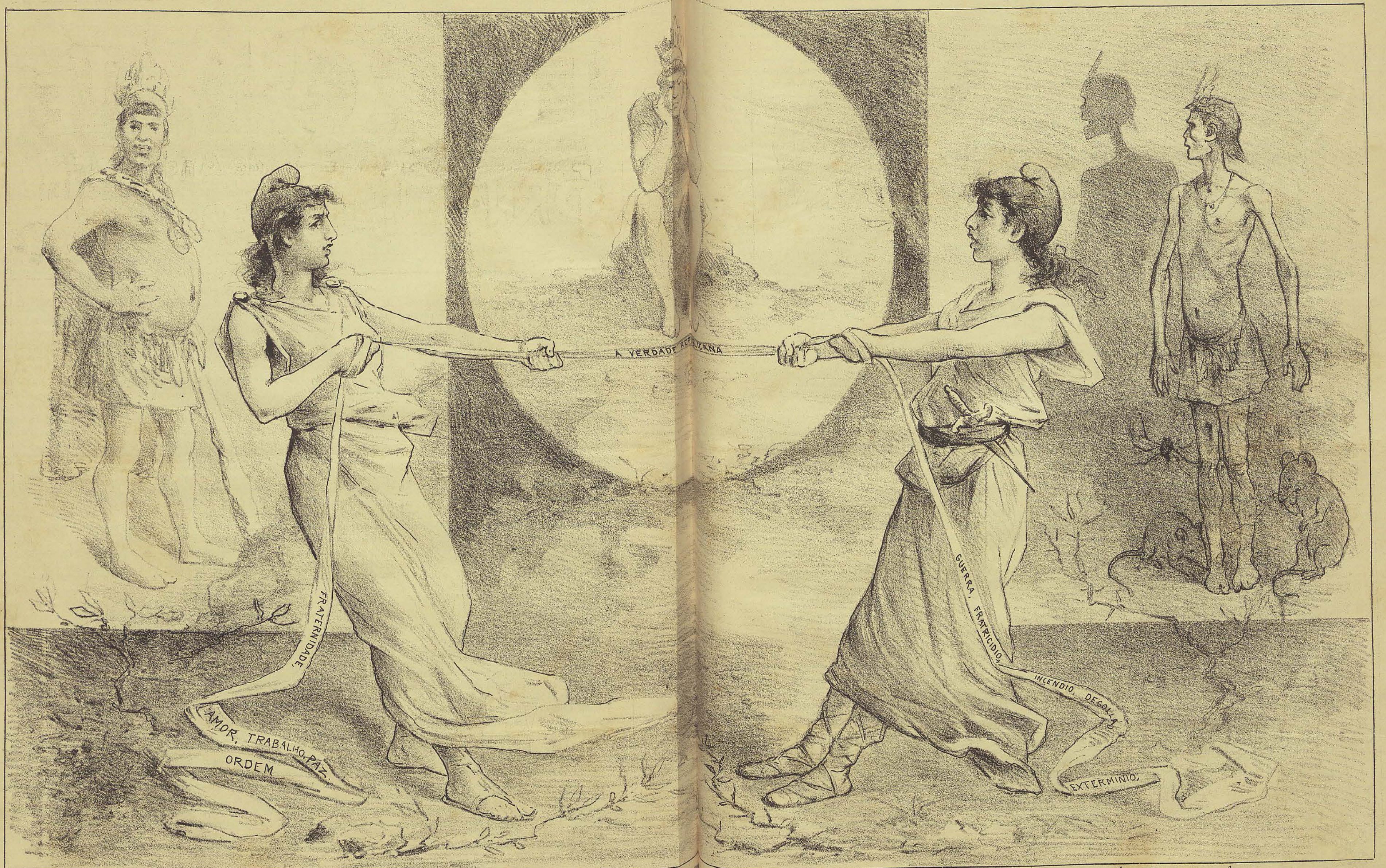
A EDUCADORA

Esta companhia de seguros, brasileira da gemma, é assás original!

Segura a vida dos mutuarios para entregar um bandão de dinheiro ás suas familias quando elles morrerem, e ainda por cima dá banquete em que os sobreditos segurados arriscam-se a apanhar uma indigestão calamitosa e logo em seguida ao banquete um baile, depois do qual os mesmissimos segurados são capazes de ir d'esta para melhor em dous tempos.

Dir-se-ha que não póde ser assim; e que o Sr. Dr. Valentim Magalhães, presidente da companhia e homem de lettras, era incapaz de commetter um crasso erro de officio, dando occasião aos mutuarios da *Educadora* de irem para o outro mundo depois de um dia e uma noite de pandega quasi orgiaca, arriscando a companhia a pagar por esse desastre uns tantos contos de réis.

Pois é assim mesmo, e assim o comprehendemos no dia em que alli estivemos—no

A Situação Politica

O Brazil estaria assim se vencesse a Republica da Paz. Mas está assim a vir em que param as modas. E ficará assim se esta fôr vencedora.

banquete trincando *dinde farcie* e no baile dansando uma walsa de Strauss: a companhia tem ganho tanto, tanto, que queria aquelle *réclame* a mais, para torna-la archi-millionaria. Morriam todos, e ella pagava todos os seguros sem pestanejar—e o que seria... não lhes digo nada!

O trunfo sahiu ás avessas: ninguem morreu. Unicamente, convidados, e mutuarios, e empregados, para alli entraram desprevenidos, suppondo-se livres de uma penhora—e sahiram todos penhorados.

Penhorados de gratidão.

D.

AINDA UMA VEZ....

(...e muitas outras vezes o faremos, se Deus fôr servido) lembramos aos nossos assignantes cuja assignatura terminou no fim de junho, e mais áquelles cuja assignatura termina no fim do corrente mez, que, caso queiram reformal-as, o façam em tempo para que lhes não succeda a grande desgraça de verem interrompida a remessa d'este interessante e apreciadissimo periodico.

(Este *artigo* é uma conversa da administração, que declara solemnemente não admittir em suas relações commerciaes nem um resquicio de conversa *fiada*. E a redacção está de accordo.)

FLORES PARLAMENTARES

Um nevropatha. — « Ninguem conhece melhor o protocollo da traição do que o Snr. vice-presidente da Republica ».

— « Um politico existe que, sendo pobre antes de 15 de Novembro de 1889, provocou a bancarrota da Republica e sahiu com as algibeiras cheias. »

Um illustre desconhecido. — « Depôr as armas não é cessar a guerra, é simplesmente um armisticio »

Um general de bobagem. — « A piedade do povo brazileiro quer o perdão para os rebeldes; mas os chamados representantes d'esse mesmo povo não querem (naturalmente porque não foram eleitos por elle). »

— « Não prego odios nem dissidencias; mas, como sou logico, combato a amnistia que é o esquecimento completo dos odios. »

— « Eu só daria amnistia, depois de destruidos os elementos de combate da revolução; isso quer dizer que não havendo mais armas nem munições em poder dos revolucionarios, eu só daria amnistia ao Custodio, depois de vê-lo enforcado na tripa do Salgado. »

Um espectador. — « Corja de bandidos; para isso é que a nação vos paga? ! »

JARDINEIRO.

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DO « D. QUIXOTE »)

LÉO A TONY

— Então estiveste presente experiencia luz electrica Malvino Reis?

TONY A LÉO

— Mal vi no escuro lampadas electricas. Lunch escolhido, tambem escolhidos convidados.

LÉO A TONY

— Qual tua opinião sobre commendador Malvino luz?

TONY A LÉO

— Republica aboliu titulos, Malvino hoje ex-commendador ex-Malvino. Société Anonyme protesta illuminação electrica. É tudo.

LÉO A TONY

— Não, estupido! Protesto nada vale; sómente divisa futura accordo constituição será: *Ex-Malvino dare lucem.*

TONY A LÉO

— Bravo! Ex-commendador não illuminará casas, esclarecerá espiritos. Tu interessado companhia fazes bom reclame.

LÉO A TONY

— Bólas! Não sou empregado phosphoros Cruzeiro.

TONY A LÉO

— Infelizmente.

O estacionario,
ORÓ WESTERN.

NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote* (assignaturas 20$ para a Capital, 24$000 para os Estados) vai sem novidade em sua importante saude.

Nenhum de nós é deputado jacobino, nenhum de nós levou vaia — em boa hora o digamos, e esta bocca seja muda.

O Sr. Senador Esteves do Paraná Junior deu um aparte na ultima sessão do senado, *chingando* um seu collega de seio de Abrahão.

A mesa do senado mandou abrir concurrencia entre os photographos d'esta capital afim de fazer retratar com vantagem essa bella imagem litteraria e parlamentar de S. Ex.

Consta que o habil photographo Gutierrez não concorrerá, por não conhecer a lingua em que originalmente se expressa o Sr. Esteves Junior, e tambem, allegou,—porque não guarda *chapas*.

Consta, na secretaria do arcebispado e nas diversas pretorias, que foram esta semana sustados os proclamas e annuncios de casamentos, por sollicitação dos respectivos noivos.

E' que estes cavalheiros procuram antes de tudo ler e decorar o codigo do Matrimonio e suas consequencias, vantagens e desvantagens, ultimamente publicado pelo illustre jurisconsulto Aluizio Azevedo, sob o suggestivo titulo —*Livro de uma sogra.*

Nubentes cuidadosos já trocaram algumas grammas de permanganato de potassio, de que se haviam premunido, por um exemplar d'esse Codigo, que dizem ser completo.

Pessoas bem informadas e acima de toda suspeita, auctorisam-nos a declarar a nossos leitores que o illustre Sr. Senador João Cordeiro resolveu mudar de nome, assignando-se de ora avante — João Leão.

Nem outra coisa era de esperar dos sentimentos puros que se aninham no coração nobre, tenro e profundamente mellifluo do distincto representante do Ceará.

Em Varsovia foram presos ha tres dias — e é a fidedigna Havas quem o diz — cinco rapazes que faziam conciliabulos nihilistas e tinham comsigo papeis altamente compromettedores.

Presos os rapazes, desde logo reinou a paz em Varsovia. Tal qual aqui na rua do Ouvidor — nos dias em que reina o pau.

Em dias d'esta semana — diriamos melhor em uma d'estas noites — a provecta e preclara actriz Emilia Adelaide recitou em pleno palco a *Judia*.

Falla-se em contractar um guarda-livros, perito na primeira das operações, a de sommar, para calcular approximadamente o numero de vezes que a excellentissima actriz tem vertido nos pavilhões auriculares do publico fluminense aquella excellentissima poesia do Sr. Thomaz Ribeiro.

O resultado d'este calculo é anciosamente esperado.

Um empregado da Intendencia Municipal foi hontem preso por suspeito de soffrer das faculdades mentaes, visto ser encontrado a lamber o Pão de Assucar, de alto abaixo.

Houve quem depuzesse contra o infeliz, allegando que elle era sebastianista e pretendia derrocar a sentinella avançada da nossa barra: exames posteriores provaram que o homem não soffria da cabeça — mas de fome.

Noticias da ultima hora auctorisam-nos a communicar a nossos leitores que o Sr. General Francisco Glycerio vai ser promovido a marechal.

Um maestro, especialista em tangos — tangos, não *tangas* — foi fallado para compôr um requebrado cujo nome será: *O marechal Chico Mestrinho.*

Dansal-o-hemos.

Os reporters,
ESCENA & MONTRY.

THEATROS

Em boa verdade esta secção deveria, para ser justa e corresponder á enorme aceitação que tem tido por parte do publico (não cultivamos a modestia) deveria começar por fallar da peça que sob o titulo *A Amnistia*, cahiu logo na primeira representação, e no theatro da Cadeia Velha.

Entretanto são aguas passadas, e o pobre chronista theatral tem de obedecer á *consigne*, não tratando de um theatro que não paga impostos — mas que em compensação possue uns actores pagos a 75$ por dia para felicitarem (?) o paiz com *p* pequeno.

A peça cahiu; os actores foram vaiados. Triste sorte — a da peça; natural desforço — o do publico.

Deixando o velho theatro da rua da Misericordia, volvo-me para o Variedades, que é um dos mais moços, e no qual a provecta actriz Emilia Adelaide deu-nos á semana finda o drama *Magdalena*, que nem é velho nem moço: — assim, assim.

O desempenho não esteve lá para que digamos, e o drama não é uma obra pela qual haja alguem que se apaixone a ponto de suicidar-se; e digo-o com o devido respeito á memoria do auctor da *Morgadinha*.

Já conheciamos a *Magdalena*, dos tempos em que o finado Maggiolli fazia a parte de Alberto de Magalhães, e a Sra. Emilia Adelaide o mesmo papel que agora faz.

Não mudaram nada... nem o drama nem a Sra. Emilia Adelaide: só e unicamente quem se mudou foi o velho Maggiolli, e de vez — e para o outro mundo.

De resto, o drama é vasado em moldes archi-conhecidos; parece mesmo que Octave Feuillet n'elle collaborou, depois de morto, e de má vontade.

Alem d'isso, ponhamos em linha de conta um desempenho pouco feliz — excepção feita das Sras. Emilia e Livia — e ter-se-ha a explicação da indifferença do publico pela *nova* peça do Variedades.

A mim não me causa admiração nem a peça, nem o desempenho; senão a coragem da provecta actriz Emilia Adelaide, e coragem digna de melhores destinos e melhor sorte.

Assim, não vai.

A Sra. Tiozzo teve duas idéas esta semana:

Primeira — representar Sardou sem a Dansa Serpentina; o que deu em resultado o drama *A Patria* ser passado em familia, embora em noite de espectaculo e no theatro do Sr. Bartholomeu;

Segunda — fazer beneficio com a *Morgadinha*, de Pinheiro Chagas, e em recita de despedida da companhia, sem haver intercallado no programma o *Duo impossiblle* do impagavel Frégoli.

Duas idéas infelizes, já se vê.

A actriz Zaira Tiozzo teve a desdita de representar para um theatro vasio; de sorte que todo o seu talento, toda a sua intuição dramatica, toda a sua graça e toda a sua arte gastaram-se em pura perda durante a temporada.

O publico estava no *Sal e Pimenta*. Ou se não estava alli, achava-se no S. Pedro rindo diante d'aquellas pilherias de cabellos brancos, com que o Sr. Frank Brown nos delicia, ha uns bons pares de annos, e em um idioma anglo-hispanico muito apreciavel.

E' uma lastima, isto. E não accrescento a esta exclamação dolorosa alguns periodos de indignação justificada, unicamente porque receio que os meus leitores não possam continuar a ler o *D. Quixote*, vencidos por uma irrupção espontanea de pranto incoercivel.

Porque a verdade é esta — e digo-o com sinceridade: valia a pena ir ver a Sra. Tiozzo fazer a *Morgadinha de Val Flor*, applaudil-a no final do 2º acto, que ella representou magistralmente, e conhecer uma actriz de merito indiscutivel. Valia á pena, entre outros motivos por mais este: — para dar-se-lhe uma prova de boa educação e de delicadeza.

Mas não foi. Mal para a Sra. Tiozzo; e tanto peior para este publico, que está a pedir... duchas e um codigo do bom tom.

Dos outros theatros... melhor seria não fallar d'elles.

O *Gato preto* está quasi ficando branco... de velhice.

A Sra. Pepa dos Dezoito ainda não recomeçou a sua faina no Eden Lavradio.

A nova *troupe* da Phenix Dramatica não poude estrear até agora; e parece que graves difficuldades se lhe deparam para levar a effeito esse seu desejo louvavel — e justo.

Resta a companhia do Recreio, *scilicet* Souza Bastos, que annuncia a *Cigarra*, para beneficio da actriz Palmyra Bastos, por quem meu collega *Puck*, da visinha *Cigarra*, declara-se profundamente apaixonado, com licença da direcção da folha e do feliz esposo da admirada actriz.

Conheço o Puck, e bem sei que estas declarações de amor, suas, não vão além do papel em que são traçadas e da typographia em que são compostas e impressas.

E é por isso, que sem receiar ser tido por um Mercurio gratuito, ajunto as minhas ás suas vozes e tambem faço uma *réclame* á tal historia: á *Cigarra*.

— A' qual? perguntar-me-hão: á do Manoel das Polainas, ou á do Bastos da Palmyra?

A's duas, meus senhores; ás duas. N'estas questões — e até em outras — eu sou um Salomão que deixa a perder de vista o outro, o da rainha de Sabá, cuja justiça consistia em partir em duas metades os meninos disputados.

Justiça para o bom sabor do Puck.

TONY.

A Semana

Tivemos esta semana festejos muito animados, com primor organisados pela gente italiana: bandeiras e musicatas, fogos bombas, muitos vivas, polyanthéas, passeiatas, coretos e galhardetes, alegrias expressivas, telegrammas e foguetes.

Depois veio o triste caso da amnistia rejeitada.... Foi lamentavel *cincada* dos glycerios: um desaso! Mas não ha mal que não caia sobre a cabeça dos máus: — d'ahi a ser o trunfo paus e o congresso levar vaia.

Na casa de alienados exposição de trabalhos dos malucos... São uns alhos! Muito mais ajuizados do que uns tantos que cá fóra andam soltos, á vontade, e cuja mentalidade.... Não fallemos d'isso agora.

(Não trato de deputados nem sequer de senadores: eu respeito esses senhores Alcindos Vicentes-Machados.)

A Havas — apilherada — um premio quasi que pilha co'a revolta da esquadrilha d'Uruguay... que tupetuda!

A revolta era mentira, nem passava de uma peta: Co'a Havas ninguem se metta, pois d'alli ninguem a tira!

Caso mais grave e mais sério foi a procissão do enterro; — fóra de tempo, por erro do chefe Chico Glycerio.

Este foi centurião. No esquife a pobre amnistia que todo o povo queria — que era a sua aspiração... De farricoco fazia o Medeiros de Albuquerque — talento famigerado té além da Oceania, conhecido, nomeado de Carácas a Dunquerque. Nilo, Bricio, Belisario — as tres Marias beús; trazia o santo sudario Alcindo, rei de urubús.

Assim foi, foi desfilando. pela rua do Ouvidor, o cortejo organisado, cabisbaixo murmurando preces ao grão Senhor, tremendo desconfiado...

Porque sahiram á rua sem licença do bispado? *La colpa* foi toda sua: bem feito se foi vaiado.

Foi quanto, da semana derradeira, tomei nota nas folhas da carteira.

F. MENDES.

A NOSSA ESTANTE

Durante a semana finda recebemos, e penhorados agradecemos:

Os guardas-livros e a liberdade profissional, opusculo publicado pelo Sr. Carlos Xavier Baptista, no qual o auctor reuniu os artigos que publicou no *Diario de Noticias*, d'esta capital, defendendo os direitos até hoje (até 10 de Junho, data do folheto) postergados, da classe honestissima e laboriosa dos guarda-livros, a que pertence o autor. Em geral, o Sr. Baptista trata alli de um seu interesse, particular, mal reconhecido pela Companhia Fabrica de Papel Guttenberg. E procura reivindical-o.

Ao publico, brochura em que José do Amaral apresenta João Cordeiro, ex-ministro da fazenda do Ceará, e explica um negocio de 7.000 saccos de farinha. Um embroglio, que o Sr. senador João Cordeiro — é o mesmo — poderá pôr em pratos limpos. Nós ficámos ás escuras.

Acta da sessão magna, que celebrou a associação Perseverança e Porvir, da Fortaleza, aos 20 de Maio.... de 1888.

Não é nova essa acta; mas emfim, trata da extincção do elemento servil no Brazil, e assim não se lhe póde negar o titulo de documento historico.

O cenaculo, quinto fasciculo do tomo primeiro do primeiro anno.

Obras completas de Casimiro de Abreu, novissima edição precedida de uma noticia sobre o auctor pelo professor Manuel Said Alli. O que se encontra de novo n'esta edição são as obras em prosa, do poeta do *Amor e Medo*. Trabalho typographico de Laemmert & C.ª; tanto vale dizer que é *hors ligne*.

Guia indispensavel, portatil e util a todas as pessoas. Publicação do Sr. J. A. Mendes da Silva, contendo horarios de estradas de ferro, de barcas Ferry, de bonds, tabellas de cambio, etc., — e muitas paginas em branco para quem n'ellas queira tomar notas. Em verdade é util e portatil.

Estatutos da Associação Beneficente Soccorros Mutuos Homenagem ao Almirante Saldanha da Gama.

Repertorio do novo regulamento do sello, publicado em Paranaguá pelo Sr. José Vieira Rodrigues de Carvalho e Silva, que organisou um bom trabalho, onde se encontra com presteza e facilidade as taxas a que estão sujeitos quaesquer titulos ou papeis.

Petit Echo de La Mode, n. 36, periodico de que é agente o Sr. A. F. Reynaud.

Duas composições, cantadas pelo actor Frégoli, e são ellas *Neh! Sartole!* musica de Quaranta, o auctor do *Si fosse*; e *Pozzo fà o Provete*, de V. Valente.

O Pão, o bellissimo orgão da padaria espiritual do Ceará, dirigido por Antonio Salles. O numero que recebemos é o 23 do anno 2º, e traz magnificos artigos, que asseguram existencia duradoura ao estabelecimento *espiritual* dos bravos padeiros da cidade da Fortaleza.

Revista Maritima Brazileira, n. 12, anno XIV.

Estatutos do Gremio Beneficente da Companhia Typographica do Brazil.

Recebemos ainda, mas não puzemos na estante:

Convite para assistir á exposição dos trabalhos dos alienados no Hospicio — trabalhos que fazem inveja a muita gente que se présa de ter juizo.

Idem para a 3ª partida do Club Wagner, em Todos os Santos.

Idem para a exposição particular do Museu Anatomico Ethnologico do Sr. Enrico Dessort, no theatro Lucinda.

Idem para o festival commemorativo do 41º anniversario da installação do Instituto Benjamin Constant.

Idem para a recita do Congresso Philomatico Bittencourt da Silva, offerecida pelo corpo scenico ás Exmas. familias que frequentam aquella sociedade.

Balas de estalo, gentilmente offerecidas pela chapelaria Victoria, á rua do Ouvidor, que com este mimo deixou-nos a bocca doce.

E uma duzia de garrafas da Cerveja Antarctica Paulista, que é o que se póde chamar — uma boa cerveja.

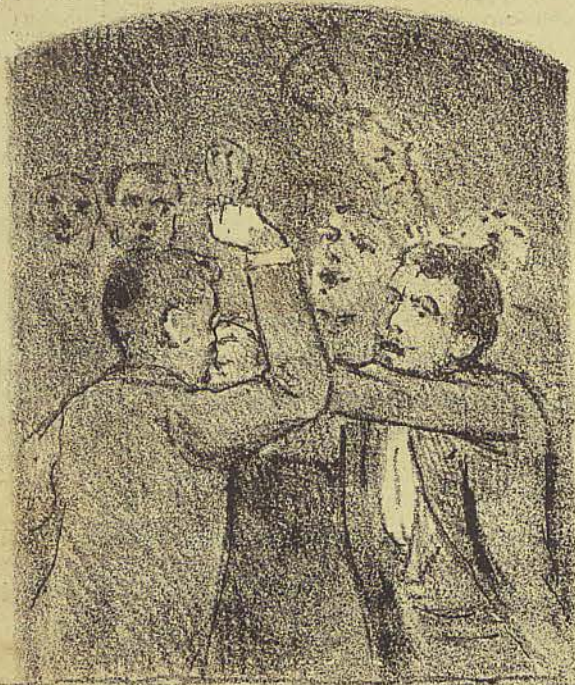
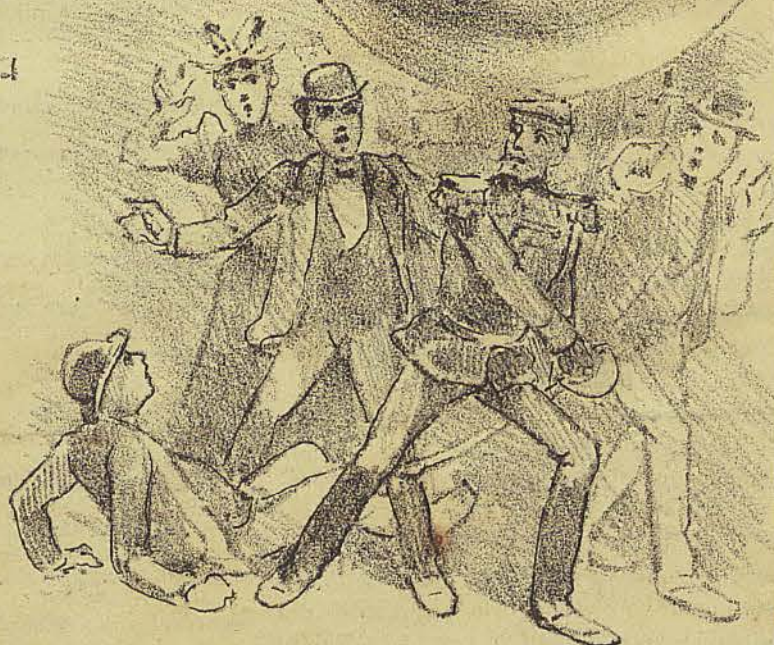
Agradecidos.

Typ. L'Etoile du Sud, r. S. José 102

Cento e dezeseis corvos a cevarem-se no cadaver da pobre Senhora D. Amnistia, barbaramente assassinada na flor dos annos.

Sessão para lamentar

ORDEM E PROGRESSO

Telegramma

Oração aos deputados amnistiophobos.
Tudo correu em paz, graças a nossa bandeira:
Ordem e Progresso!

A Agencia Favas pregou-nos mais uma das suas, com a tal noticia da revolta da esquadrilha do Alto Uruguay.
Verificou-se que nada havia; nem revolta, nem esquadrilha, nem Alto, nem Uruguay.
De verdadeiro, unicamente a Favas

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 35

Don Quixote

Jornal Illustrado de Angelo Agostini

(frontespicio provisorio) R. Ouvidor 109

Conselheiro Thomaz Coelho.
Fundador do Collegio Militar. Director do Banco da Republica
Membro do ministerio que decretou a abolição do elemento servil
Fallecido a 19 de setembro de 1895.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno........	24$000
Semestre	12$000	Semestre ...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitarnos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o *D. Quixote* a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 5 de Outubro de 1895

O DESACATO

O facto mais culminante dos dias que acabam de passar foi o desacato soffrido pelo illustre presidente da Republica e pelos membros do seu governo por occasião da ultima trasladação do corpo do marechal Floriano Peixoto, da capella ardente em que se achava depositado para o sarcophago de marmore que á custa do Estado lhe prepararam no cemiterio de S. João Baptista.

Pretextando aggravos feitos pelo povo com a protecção da policia aos membros da camara dos deputados que votaram contra a amnistia ampla, alguns chamados patriotas de animo exaltado e mais que imprudente, quizeram aproveitar a primeira solemnidade publica para atirar á face do chefe do Estado todo o veneno que lhes ia no coração. O momento julgado propicio appareceu: era o acto da trasladação do corpo do marechal, ceremonia official a que por um requinte de correcção e de delicadeza o Sr. Dr. Prudente de Moraes e as primeiras autoridades do governo não quizeram faltar.

Não podia ser mais infeliz a escolha, por que a morada dos mortos não é campo de Eumenides nem praça de vindictas odientas. O corpo do marechal, que é para esses mesmos homens um idolo, merecia o respeito que todos os povos civilisados tributam á morte. Na paixão que os céga, elles não viram que antes de tudo desacatavam a sua propria divindade e as lagrimas de uma familia desolada que alli estava a render o ultimo preito de amor ao seu chefe e amigo.

Mas nada lhes impediu o transbordamento do odio, e a tempestade rugiu com bramidos de féra contra o governo civil da Republica.

E porque? pergunta-se. O pretexto futil dos successos da Camara dos Deputados não pode convencer a quem quer que seja. Alli, não só o protesto do povo partiu de uma aggremiação anonyma e irresponsavel, como é positivo que a policia impediu maiores excessos e até protegeu o grupo de deputados que atravessou incolume as ruas da cidade desde a porta da Camara até o largo de S. Francisco de Paula; consequentemente, si os representantes da nação algum sentimento podiam ter em relação á policia da capital federal, era o da gratidão por haverem sido por ella resguardados e defendidos.

Demais, esses mesmos deputados foram ha dous annos desacatados ostensivamente pela corporação dos alumnos da Escola Militar, e ninguem viu então senão a sua docilidade de céra deante das declarações frouxas e platonicas do governo daquella epoca; o commandante da Escola, que até certo ponto desculpára a *inexperiencia* dos moços e tivera a sem ceremonia de retaliar á Camara, alludindo ás violencias de linguagem de um deputado, não só foi mantido no seu posto, como pouco depois honrado com a illimitada confiança do chefe de Estado. E alguem por isso foi a palacio do governo desacatar o marechal Floriano Peixoto?

No grave successo, que teve por theatro o cemiterio de S. João Baptista, não foi porém uma turba anonyma, ao contrario disso. Deputados, funccionarios publicos, homens conhecidos e qualificados não duvidaram quebrar o silencio morno da necropole para atirar doestos ao governo. Queriam um conflicto? Pretendiam accaso com a sua provocação insolita suscitar represalias que pudessem servir de arma á opposição jacobina contra o presidente da Republica?

Tirando-o da calma em que a auctoridade serena deve sempre agir, era intuito dos profanadores da morte coagir o supremo magistrado da nação áquella renuncia, que parece ser o sonho dourado de certo grupo de agitadores? O que está atraz desta cilada?

São perguntas, a que é difficil responder com precisão; mas effectivamente tudo faz suppor que a scena escandalosa de 29 de Agosto obedeceu a um plano. Felizmente para a Republica esse plano sinistro falhou, e a condemnação publica de hoje como a sentença da historia no futuro só cahirá sobre os que tão insolitamente desacataram o tumulo do marechal Floriano Peixoto.

Dando provas mais uma vez da alta circumspecção que o caracterisa, o Sr. Dr. Prudente de Moraes em companhia de seus auxiliares no governo limitou-se a sahir do theatro da scena, indignado provavelmente no fundo d'alma contra a selvajaria do ataque, mas calmo e superior aos seus desorientados adversarios.

Diz certo grupo que não temos hoje liberdade de pensamento. Não poderia surgir demonstração mais cabal de que essa liberdade existe plena e absoluta.

Mas de tudo isso, que foi mais uma pagina triste na nossa historia politica, decorreu naturalmente um grande beneficio.

O Sr. Presidente da Republica conhece agora quem hostiliza o seu governo, o governo da lei e da justiça, o governo da paz e da ordem. *A quelque chose malheur est bon!* E já é caminho para a victoria saber d'onde vem a guerra.

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DO «D. QUIXOTE»)

LÉO A TONY

— Recebi agora mesmo communicações Amapá: brasileiros presos estão livres.

TONY A LÉO

— Livres de jacobinos?

LÉO A TONY

— Não, estupido.

TONY A LÉO

— Livres Carlos Carvalho?

LÉO A TONY

— Ainda não, espirito baixo.

TONY A LÉO

— Então livres penhora?

LÉO A TONY

— Tu sebastianista feroz, inimigo instituições. Vou denunciar-te general Glycerio.

TONY A LÉO

— Vai, dá-lhe lembranças minhas e ao P. R. Federal.

O estacionario,
ORÔ WESTERN.

José do Patrocinio

O distincto collega da *Cidade do Rio* apresenta-se candidato ao lugar de deputado.

O *D. Quixote* não vota—publica-se. Se tivesse voto, dava-lh'o.

Entretanto, embora não tenha o nosso voto, porque ainda não estamos qualificados, José do Patrocinio póde contar com as nossas sympathias pela sua candidatura, e com alguma cousa mais solida: — com a comprehensão do dever do eleitorado do districto federal, que sabe e muito bem quanto deve ao grande batalhador da abolição e heróe da campanha da paz, em que vamos todos empenhados.

Isto aqui não é uma casa de cabala eleitoral, mas por isso mesmo podemos dizer sem rebuço que quem der o seu voto a José do Patrocinio desempenha-se de uma divida de honra. E ao que parece, a imprensa toda ou quasi toda está de accordo em querer que a palavra vibrante do abolicionista e republicano vá até á camara dos Glycerios fazer barulho e pintar o sete em tres tempos.

E em tal caso, o *D. Quixote* tambem fórma á direita:

— Um votinho se nos fazem favor.

Não esqueçam...

... os nossos assignantes cuja assignatura terminou em fim de junho e aquelles cuja assignatura terminou no fim do mez passado, que se quizerem reformal-as o façam em tempo para que lhes não seja interrompida a remessa do *D. Quixote*.

Isto não é para amollar, é só para lembrar.

CONSELHEIRO THOMAZ COELHO

Publicamos no presente numero o retrato do fallecido director do Banco do Brazil, o conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida, que deixou do seu nome memoria imperecivel.

Satisfazemos assim o compromisso anteriormente tomado, e honrando a memoria do grande cidadão cuja probidade, intelligencia e seriedade grangearam para si a estima publica e o respeito de todos os que sabem avaliar o merecimento dos caracteres superiores.

A Semana

Desta vez o assobio
Não pegou— é extraordinario!
E mais um anniversario
Conta a *Cidade do Rio*.

Supprimida pela gente
Que tinha a *Legalidade*
Resurgiu — e esta é a verdade —
Mais nova e mais vehemente.

No seu bello tirocinio
A nossa visinha conta
Tal gloria — que está *na ponta*,
Ella — e o Zé do Patrocinio.

Este agora é candidato
Pelo segundo districto
E o povo diz, — (Que bonito!)
Que elege o José do Pato.

Diz por isso o *D. Quixote*
(Diz alto, não diz baixinho),
Que votará no visinho
E que o povo nelle vote.

E entrevendo-o eleito, ufano,
Exclama já commovido:
Nem tudo ainda está perdido!
Vizinho, até para o anno!

* * *

Da imprensa para o theatro
O salto não é tamanho.
Queres saber? não extranho
Que encontres o diabo a quatro

Se passares descuidado
Na rua do Espirito-Santo,
E fores morrer de espanto
No theatro do Furtado.

Mulheres, ai! quem te déra,
Que ellas fossem verdadeiras!
Viuvas, casadas, solteiras,
Tudo verás... mas de cera.

Torturas da inquisição,
Gorillas e outros assombros,
Homens de braços sem hombros,
Creaturas sem pulmão,

O que ha mais serio e mais comico,
O que ha mais bello e mais feio,
Tudo isso ao Lucinda veio
Com o tal MUSEU ANATOMICO.

E a prudencia me aconselha
Que certas coisas engula,
Que em certas coisas não bula,
Porque o sangue sobe á orelha.

Por exemplo:— a galeria
Para os homens reservada,
E' tão terrivel que.... Nada,
Voltemos á Vacca Fria:

Lucinda, oito horas e meia,
Encontrarás, certo fica;
Se és moço—coisa bonita,
E se és velho... coisa feia.

* * *

Nos cemiterios, motivos
Tristes deixaram-me absorto:
Em vez de enterrar-se um morto,
Quizeram enterrar um vivo.

Em vez de pranto e saudade,
Em vez de dôr e amargura,
O que houve? descompostura
Na primeira autoridade.

Resultado—olho da rua,
Bibliotheca contente,
E o mais proximo parente
De um ministro que tem lua,

Pondo abaixo de Sumatra
O Brazil... Emfim, leitor,
Aquillo foi um horror!
Foi tiro... pela culatra.

F. MENDES.

Negocios chimicos

A analyse chimica das aguas passou da moda. Por espaço de muito tempo levaram os chimicos a fazer longas e pacientes reacções para descobrir ás vezes um milligramma de carbonato ou de sulfato de calcio, por exemplo, que tal agua suspeita continha; e com esse só protesto escreviam massudos relatorios, dando esta ou aquella agua por bôa, ou por má, conforme a porcentagem de uns principios sobre outros. Ha 10 annos ainda a pratica Inglaterra, que ainda não possuia a ilha da Trindade, limitava-se a dosar o azoto das materias organicas sob a fórma de ammonio livre; e a propria França, a culta França, com todo seu prurido de trabalho, e Amapás concomittantes, ha cinco annos ainda julgava da pureza de uma agua, e portanto de sua potabilidade, dosando em massa os nitritos e as materias reductivas, por meio do permanganato de potassio em solução a ferver. Hoje, porém, a cousa é muito outra. Os modernos trabalhos sobre os proto-organismos pathogenicos mostraram a inutilidade das analyses pelos processos chimicos, para julgar ou de uma agua, ou de um clima, sob o ponto de vista hygienico. Effectivamente, de que serve pôr em contingencia uma sciencia toda para apurar a porcentagem de azoto, que tal agua contém, e tirar deducções apparentemente exactas do algarismo encontrado, n'um litro, por exemplo, quando essa mesma agua, e nessa mesma proporção, acha-se polluida por algumas gottas apenas de qualquer virus septico?

Não ha duvidar, estamos em pleno dominio da analyse biologica: o liquido da cultura substituiu a caixeta dos reactivos.

Estas considerações, suggeridas pelas culturas bacteriologicas que, sobre as aguas, sobre a vasa das fontes, e sobre as poeiras atmosphericas de Lambary e Cambuquira, fizeram os Drs. Pires de Almeida e Havelburg, não podiam deixar de ter, n'estas columnas, lugar condigno, porque.....

... porque os leitores do *D. Quixote* não devem ser amollados por estas dissertações, só porque temos a deixar n'esta columna uma palavra de louvor aos sabios investigadores, que expuzeram as suas culturas na *vitrine* da drogaria Janvrot, e principalmente ao operoso e pacientissimo Dr. Pires de Almeida.

Negocios chimicos, afinal.

NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote* (rua do Ouvidor 109, assignaturas por anno 20$, para os Estados 24$) continúa a passar sem novidade em sua importantissima saude.

Não estivemos no cemiterio de S. João Baptista; nem soffremos a acção dos perdigotos jacobinicos nem tivemos o desprazer de receber um officio de demissão.

Antes assim.

Consta que D. Bernarda sahirá á rua no dia 13, 15 ou 17 do corrente.

Se ella não sahir em um d'esses dias, dizem que já está preparada para apresentar-se em publico no dia em que o senado votar a amnistia plena.

A' scena, D. Bernarda!

Segundo dizem telegrammas da Europa, a Inglaterra exigiu da China a deposição de auctoridades, a prisão de empregados, indemnisação pecuniaria, e mais um *póses* ainda por cima, e tudo porque desrespeitaram em Kucheng um consul britannico.

Ao que parece a Inglaterra não pediu tudo quanto podia exigir da China:—a China tambem.

Nem a ilha da Trindade, igualmente.

Varias pessoas entendidas em ceramica affirmam que a figura do Sr. chefe Glycerio exposta no museu scientifico do theatro Lucinda não está lá para que digamos.

No entanto, o gorilla... que perfeição!

Diz-se á bocca pequena—já se vê que não é a da actriz Ignez Gomes—que está na terra o bravo coronel Moreira Cesar, vindo de Santa Catharina.

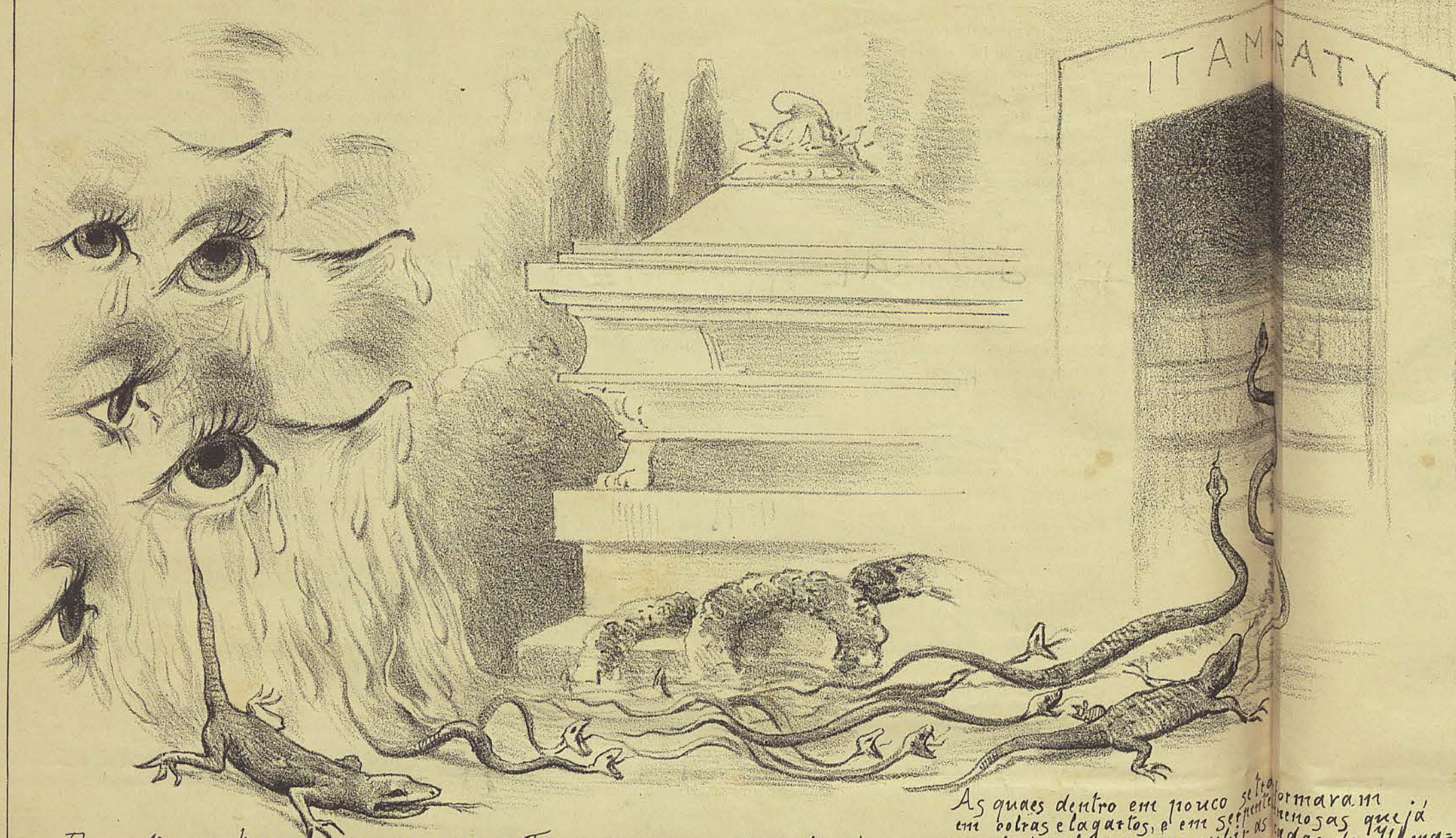
Santa Barbara! São Jeronymo! Todos os Santos!

Affirma-se, e com visos de verdade, que para a vaga do sabio Pasteur no Instituto de França, será escolhido o Sr. Medeiros de Albuquerque, o illustre escriptor dos assumptos scientificos da *Noticia*.

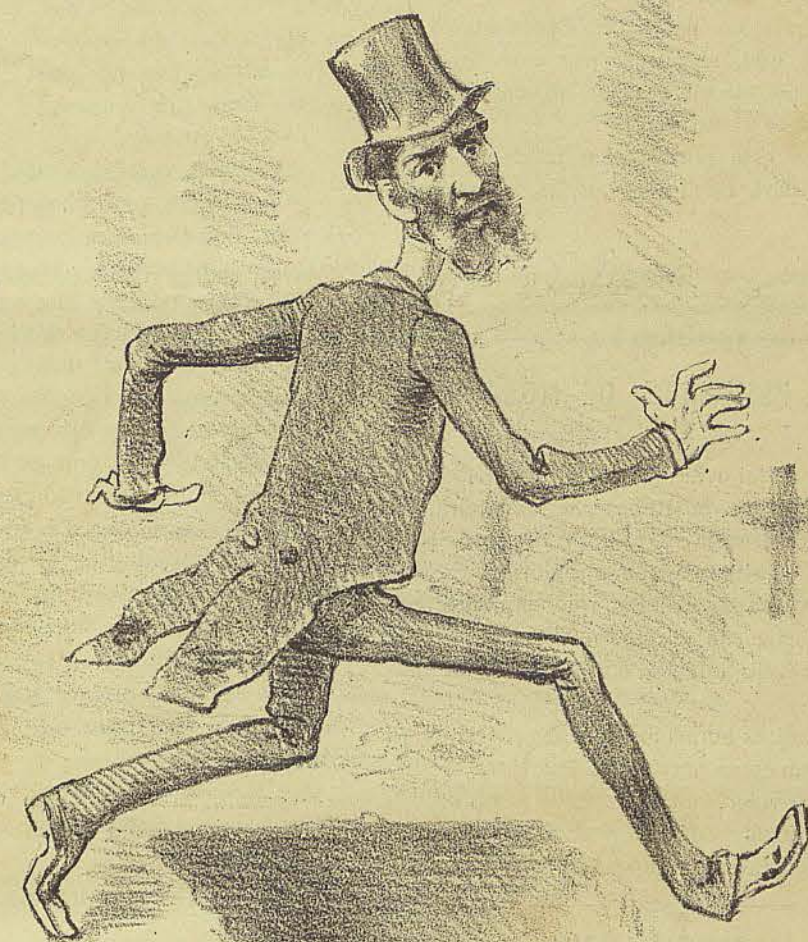
Esta noticia—não é a do Rochinha—foi recebida com especial agrado pelo Instituto de França.... e por varias cavalheiros qualificados.

O chefe do batalhão Tiradentes requereu exame para consul.

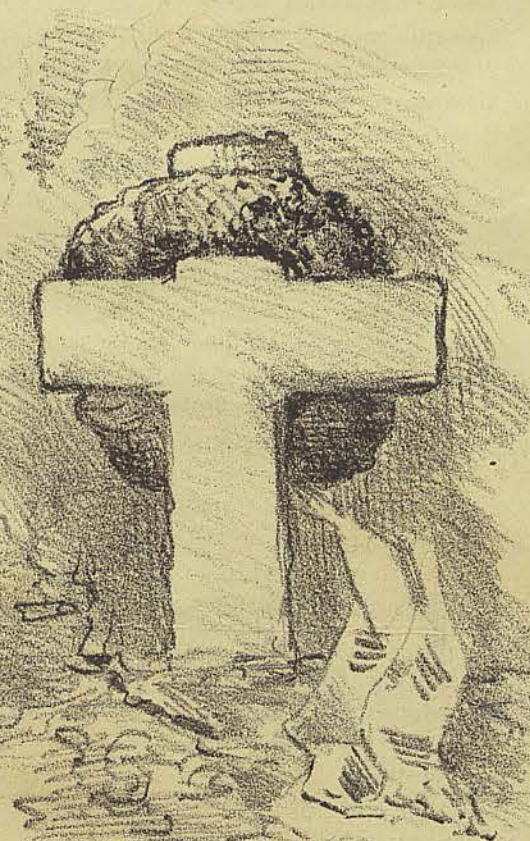
E' de crér que faça bom exame e seja logo

Meeting Politico no Cemiterio

Desacatando o tumulo do marechal Floriano, com o desacato á pessoa do Sr. Prudente de Moraes, a jacobinada esfregara furiosamente os olhos enxutos, até que vertessem lagrimas.

As quaes dentro em pouco se tra formaram em bolras e lagartos, e em serpente nenosas que já ensaiadas, buscaram subir as adas do Itama-raty.

Presidia a transformação das ta-es lagrimas a luneta do Bom Sen-so do Dr. Erico, que, com outros que-ria alli mesmo abrir um tumulo para o Dr. Prudente.

Mas o chefe do Estado, prudentissimo e ati-lado, retirou-se sem cahir na cóva que lhe fôra destinada.

Resultado: na sepultura aberta para um cahiram dous dos fogosos oradores, pensionistas do Thesouro e inimigos do actual governo.

A jacobinada com o seu acto rado tentou manchar de borrões negr mar-more branco de um sepulchro rs avel.

Ficou assim traçada a Epopea de Raul, que teve para amparal-o um Cyrineu.... Machado.

Mister Cambio encavacou: contava com uma sarrabulhada no Cemiterio, para descer a escada da exploração e afinal transferido o ba-rulho, teve, coitado! de deixar-se ficar onde estava!

despachado para consul da Bocca do Matto— onde não consta que ainda haja dentes para arrancar.

Durante a semana finda tem chovido sobre esta cidade—agua.

Informa-nos o pessoal do Observatorio Astronomico que, se passar por dous terços a amnistia no senado, ver-se-ha chover sobre esta cidade= muito páo.

Damos esta noticia com todas as cautelas...... para os nossos corpinhos, pricipalmente.

Os reporters
ESCENA & TONY

DR. PRUDENTE DE MORAES

Hontem foi o anniversario natalicio do illustre Presidente da Republica Brazileira, e o *D. Quixote* associa-se á imprensa ordeira e justa que rejubilou peloo dia glorioso do nascimento do grande cidadão, que com tanto criterio e abnegação dirige os destinos d'esta Patria, cujo liquidação os jacobinos annunciaram.

Que muitos annos ainda realize tranquillo e feliz quem conta serviços á sua terra de tão assignalado valor.

O *D. Quixote* saúda effusivamente o primeiro magistrado da Republica Brazileira.

RABBIOLI

E' uma sopa? mentes tu, se não me enganam meus conhecimentos etymologicos é um estado d'alma. Da alma. Livra, Sancho, fóra o teu ventre insaciavel. Que me importam os caldeirões de Camacho? Eu magro, eu secco, eu sabio, eu ideal, vivo para a philosophia, para a sciencia.

Rabbioli, vem de *rabia*, raiva, e é d'isto que quero fallar.

Morreu Pasteur e o Congresso Nacional, a Camara, pelo Sr. Rosa e Silva e pelo Sr. Thomaz Delfino, apresentaram seus pezames ao Instituto de França. Calou-se o Sr. Ministro das Relações Exteriores. Fez bem.

A Camara dizia no seu telegramma que sentia a morte do sabio que curava a raiva; essa franqueza honra-a. Porque o doente nunca deve occultar nada ao medico, mormente quando este desapparece antes da cura.

A therapeutica moderna traz-nos n'um cortado com a sua nomenclatura; doenças ha cujo nome só chama um medico e medico vindo acode a botica e esta traz um rór de dinheiro, e atraz d'isto vem *Empreza funeraria*, coveiro, missas e agradecimentos pela imprensa.

Como ia dizendo, a Camara cahiu em si, chorou com a França a morte de Pasteur. Esteve no seu papel.

Quem te curará, ó Camara? quem te inoculará na tua parte immune o virus rabico? Tu que viste o tempo passar, presa de odio, pedindo os livres gauchos em churrascos, provando as orelhas de Gumersindo de vinha d'alhos, retalhando Saldanha da Gama e afiando o *cuchillo* de João Francisco para tornal-o dosimetrico em Campo Ozorio; tu que nas horas da *Paz* achavas Galvão comparsa da *Gran-duqueza*; tu que supprimes a policia fardada, com saudade do *bom tempo* do secreta; tu que amas o nativismo insolito e que só vês a Republica atravez do ventre e que só vês o ventre atravez da politica?

Adeus, Pasteur!

E' tarde! Assim quizeste.

As relações exteriores promettem que a *Ilha da Trindade* será arrancada «das garras do leopardo britannico»; Amapá será liquidado, porque a questão é de rio, e todos os rios vão dar ao mar; a *Carta de alforria* será queimada e Visconti não cantará mais o *chegou, chegou*; a sciencia telepathica não sentirá mais nunca manifestações do espirito immaculado de José Maria; os brasileiros que vagueiam nas ruas das cidades platinas não terão amnistia... Continuarás espumando e estortegando. Pasteur não te salvará.

Fizeste bem chorando o morto illustre, que a sciencia nunca chorará bastante.

Oh! Camara, oh! Rosa e Silva, oh! Thomaz Delfino!, pezames á França! E parabens a vós oh! Thomaz Delfino! oh! Rosa e Silva! oh! Camara!

—

Como ia dizendo, o Rabbioli...
— E' sopa?
Mentes tu, vem do latim...

FORTUNIO.

OS MACHADOS

Mas que cohorte terrivel
Essa dos bravos Machados!
São homemzinhos damnados,
— Peito duro, atroz, horrivel!

Diz o Machado Irineu:
« E' grey revoltosa? — *mata!*

Machado Pinheiro: « Pois eu
« Digo: *enforca!* E' maragata!

Chega o Vicente Machado
Trazendo á banda o chapéo,
E sentenceia: « Chibata,
« Supplicio kilometrado,
« Fusil, espada, degolla,
« E depois da morte — esfóla!»

Ai! que terriveis Machados!
Ai! que homens desalmados!

GYP.

RABISCOS

A bem dizer, esta secção destinada a emittir umas certas considerações humoristicas, deveria apezar d'isso começar por deixar aqui traçado o elogio de Pasteur e á impressão dolorosa que nos causou a noticia da morte do grande sabio bemfeitor da humanidade.

Mas, o que se poderia dizer do abalisado chimico e pesquizador infatigavel, já está dito e muito bem, pela nossa imprensa diaria, grave e seria, á qual sómente faltou notar que o bravo descobridor da prophylaxia do *virus rabico*, morreu antes de tempo — isto é, sem haver dotado a humanidade de mais uma conquista benemerita: a descoberta do *virus jacobinico*, e do seu consequente methodo curativo.

Resignemos-nos á triste sorte e tenhamos fé em Deus — e tambem no Dr. Prudente de Moraes, que sem embargo de não ser homem de laboratorio chimico e apenas de laboratorio politico, já teve occasião de reconhecer no cemiterio de S. João Baptista toda a virulencia do jacobinismo, e foi logo obrigado a instituir como remedio umas injecções bolsodermicas de demissões, tão habeis quão acertadas.

O caso do cemiterio de S. João Baptista já é tratado n'este mesmo numero, em artigo da primeira columna, com a seriedade que o reprovavel facto requeria.

Por isso, nem vale a pena insistir em tal questão, que má cópia daria do caracter do brazileiro, se não fôra publico e notorio que aquella explosão inconveniente é resultante de odios implacaveis e de um estado de ser da alma, que anda a pedir a intervenção da sciencia psychiatrica do Dr. Teixeira Brandão, a cuja competencia devemos pedir a capitulação d'essa enfermidade dos centros sensorios e centros politicos, que lavra por ahi desassombradamente.

São casos que só pódem ser bem estudados e resolvidos — no casarão da praia da Saudade.

Nos dominios da politica militante, e particularmente com relação á semana parlamentar, tivemos cousas do Arco da Velha.

O illustre deputado Medeiros de Albuquerque, que parece fazer praça de um caracter sanguinario e máo, que effectivamente não tem nem póde ter, apresentou um projecto de amnistia ampla... para os alumnos da Escola Militar, castigados por indisciplina, e de amnistia mais que intoleravel...para os militares que delinquiram por motivos e ideaes politicos.

Queremos crer que tal projecto não passará de projecto.

No Senado a commissão respectiva entendeu que devia aconselhar áquella alta corporação a readopção por dous terços, da emenda da amnistia ampla regeitada pela camara dos Srs Glycerios. O Sr. Quintino Bocayuva, membro da mesma commissão, assignou-se vencido.

Porque não convencido, illustre mestre?

Não seria tão bom que se mostrasse mais humanitario, cordato e justo?

Ainda no Senado, está em discussão o caso da duplicata de governos em Sergipe, onde impéra o Sr. coronel Valladão, com toda a força e prestigio que lhe dá... a força. E alli tambem será hoje discutido o projecto sobre amnistia aos revoltosos politicos, tão deshumanamente rejeitado pela Camara.

Segundo parece, o coronel Valladão está meio arriscado a não ser mais governo, apezar da força que lhe dá a força; e ao que parece, se o general Campos Salles não chega a tempo para

salvar uma situação, o projecto da amnistia conseguirá os dous terços e adeus viola...

.... D Bernarda está preparando os seus ultimos enfeites e dando os ultimos retoques aos seus trajes domingueiros.

Emfim, veremos — como dizia o cégo.

Para finalisar, a pilheria estrondosa feita pelo *Jornal do Commercio*, em seu numero de ante-hontem, quinta-feira.

O *Jornal* é grave, sério, circumspecto, caixa-d'oculos, por natureza e temperamento; mas quando dà-lhe na veneta gracejar... é aquillo que sabemos.

Eis ahi a pilheria:

O venerando decano fallando de uma conferencia que em Roma teve o Papa com o arcebispo Esberard, observa que o santo chefe do catholicismo reconhece que aquelle arcebispo é o primaz do Brasil e assim termina:

« E' mais um motivo para nos congratularmos e para dizermos cheios de enthusiasmo: REGULAMENTO PARA O SERVIÇO DE CAMPANHA.

No genero pilheria esta é de se lhe tirar o chapéo ao *Jornal*, ao Primaz e ao Papa.

LÉO.

A CIGARRA

A nossa brilhante visinha jurou de fazer mal aos diccionarios portuguezes, demonstrando á evidencia que elles são parcos em adjectivos qualificativos laudatorios e encomiasticos.

O seu ultimo numero, o 22 por signal—esse numero da conhecida cantata—é prova do que deixámos dito: não se póde senão, depois de vel-o, apertar as mãos de Julião Machado e Olavo Bilac, silenciosamente commovidos, commovidamente silenciosos. E' que faltam os taes adjectivos.

Bello retrato de Patrocinio—não esqueçam que elle é candidato pelo 2º districto—; uma pagina central extraordinaria, e offerecida ao mesmo Zé do Pato Candidato; um texto primoroso, brilhantissimo.

Ou isto—ou nada.

THEATROS

Francamente, com a mão no peito e os olhos fitos em Deus, juro que nada, absolutamente nada, houve durante a semana, que mereça ser notado n'esta columna, especialmente consagrada ao registro do desenvolvimento da arte dramatica entre nós.

O desenvolvimento — observem; e da arte dramatica, tenham bem presente!

Pois meus senhores, e senhoras— se tambem tenho leitoras — nem arte, nem desenvolvimento: Isto já andou mal; agora está peior e se a cousa continúa... ninguem sabe mesmo onde irá parar.

Ha um rôr de tempos que vivemos a clamar contra a pasmaceira reinante nos dominios da arte de Talma; fallava-se de pouco escrupulo dos emprezarios que só nos davam *tro-lolós*, e do nenhum senso do publico, que só ia ao theatro quando o *tró-ló-ló* era alli exhibido...

E eis ahi o que ganhámos: nem *tró-ló-ló* nem nada.

E' isso o que se vê por todas as casas de espectaculos.

Apezar de todas as lamurias dos criticos e dos que ainda se interessam por essas cousas de arte dramatica, é força confessar que ainda tinhamos uma vez ou outra um drama novo — ou, se não novo, pelo menos *renovado* — no palco do Recreio ou no do Variedades.

Dias Braga e Ismenia sacrificaram por vezes *a caixa* á arte, e puzeram em scena umas peças que se não eram primores, tambem não eram positivamente filiadas ao genero do garganteado e das pernas núas; e que ganharam elles com isso?

A necessidade de emigrar e ir para os estados perguntar se effectivamente ainda ha n'esta terra o deseja de applaudir o esforço artistico, ou se toda essa lumuria da imprensa não passa de um logar commum... para inglez vêr, — como um ou como dous.

Foi isso, unicamente isso, o que elles ganharam — se é que me permittem occultar alguns *cadaveres* que elles hajam arranjado em homenagem á sua tentativa tão generosa quão desgraçada.

Em definitiva o theatro na capital federal é o que por ahi se vê: uma lastima. Não é producto de má lingua nem resultado de um dia de mau humor: os nossos theatros estão como os deuses — *s'en vont*.

O Variedades, dirigido por uma actriz que deveria pela sua pratica de scena melhor orientação imprimir á sua casa, dá-nos umas velharias mal representadas, e ainda por cima, para aggravar o mal — annuncia a recitação da *Judia* do Thomaz Ribeiro, como se isso pudesse ser motivo para attrahir alguem a algum theatro.... em Congonhas de Sabará. E a consequencia é a actriz Emilia Adelaide ver abandonado o seu theatro — mesmo porque a *Judia* do Sr. Thomaz Ribeiro não é um caso theatral tão extraordinario que tenha a força de levar uma população inteira ao theatro Variedades.

Nem inteira — nem quebrada, que é o estado actual da nossa população.

O Lucinda não é theatro, agora. E' um museu de figuras de cera, onde se encontra o retrato do general Glycerio, a meio corpo, mas perfeitamente acabado.

A' entrada, á esquerda.

O Apollo dá os espectaculos derradeiros do Frégoli, d'esse Frégoli, que fez, faz e fará as delicias dos que gostam d'aquilo. Mesmo porque ha muita gente de mau gosto.

O Sant'Anna lucta com a indifferença do publico, e embora se reconheça que alli se encontra uma aggrupação de elementos superiores, de artistas da plana primeira: Mattos, Machado, Brandão, Blanche Grau, Miola e outros.

Infelizmente! Querem dar volta ao publico: — o publico é que lhes volta as costas.

No S. Pedro o Frank Brown diz que está a despedir-se.

A mais tempo digo eu, e sem remorsos.

Tivemos no Lyrico (antigo Pedro 2.º) o beneficio do Silva Pereira.

Fóra o monologo de Arthur Azevedo, muito gracioso em verdade, nada mais que interessasse, nem mesmo os outros monologos recitados pelo beneficiado.

A Sr. Pepa dos Dezoito fez um feio: não compareceu, sem embargo de ter permettido annunciar-se o seu nome no programma do espectaculo e ainda que, tendo perambulado á tarde pela rua do Ouvidor, entendesse ser de bom aviso mandar dizer á noite que estava enferma...

Não gostei.

Eu sympathiso com a Pepa dos Dezoito, mesmo porque nos tempos da minha mocidade só jogava o taco nos Dezoito Bilhares — e d'ahi a minha quéda por esse numero 18, que é de minha especial predilecção.

E é por isso mesmo que a indelicadeza da Sra. Pepa, não comparecendo ao beneficio do Silva, ficou-me aqui assim atravessada na garganta.

Que diabo! Custa tão pouco a uma pessoa ser gentil... E ainda menos custa a uma dama, interessante e bella como a Sra. Pepa dos Dezoito!

TONY.

A NOSSA ESTANTE

Temos recebido, e agradecemos:

Uma cesta cheia de flores e caixas de phosphoros, —uma multidão de caixas—, e sobre tudo isto um lindo *bouquet* tendo duas fitas auri-verdes, em cujas extremidades dependuravam-se ainda... caixas de phosphoros.

E' um bello *réclame* da Companhia Cruzeiro, que ao que parece pretende illuminar toda esta cidade gratuitamente.

O livro de uma sogra, ultimo trabalho do applaudido escriptor Aluizio Azevedo, de que mais detidamente occupar-nos-hemos.

Por agora nos limitamos a registrar a bella edição da casa Domingos de Magalhães, esse verdadeiro protector das lettras patrias.

As cinco irmãs, quadrilha para piano, editada pela casa Viuva Machado & C.

Passa... não passa! polka de A. F. do Rego, impressa nas officinas da mesma casa. Dos desenhos do frontespicio deprehende-se que passa.... não passa! refere-se á questão da amnistia.

Convite, para assistir à conferencia do Sr. Dr. Fausto Cardoso, domingo, no Cassino, sobre Aluizio Azevedo e seu ultimo livro, conferencia antecedida e seguida de trechos musicaes pelos Srs. Alberto Nepomuceno e Lima Braga.

Convite para a solemnidade da installação da Associação Beneficente do Brazil, no edificio do Lyceu de Artes e Officios.

Archivo do Districto Federal, (n. 10 correspondente ao presente mez de Outubro, importante publicação do illustrado Sr. Dr. Mello Moraes Filho.

Um exemplar da photographia do catafalco armado na igreja matriz da cidade de Santos a 29 de julho d'este anno, para as exequias do marechal Floriano Peixoto.

Ricordi dell' adolescenza, pequena polka de Zanella, offerecida á *signorina* Annita Jannuzzi; *On dit*, cançoneta de Francisco Quaranta, palavras de Adèle Mittendorf, ambas as musicas publicadas por I. Bevilacqua & C.

Ilha da Trindade, valsa por Virginio Reis, editada pela casa Viuva Machado & C.

Typ. L'Etoile du Sud, *r. S. José 102*

O Sr. F. Glycerio, occultando-se atraz do reposteiro: — O' diabo! Vou enrubescer de vergonha!

A Verdade, que é um desmancha-prazeres, apresenta ao Sr. F. Glycerio a carta que este escreveu ao Dr. F. Tavares, e observa que mais depressa se apanha um leader do que um côxo.

Eis ahi o candidato
Pelo segundo districto:

O manifesto — é bonito,
Elle é — o Zé do Pato.

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 36

Don Quixote

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini R. OUVIDOR 109

GALLINHEIRO do 2º DESTRICTO

P. R. F.

MANIFESTO E CONFERENCIAS

Estão no chôco um pato e um capão. O capão tem no seu ôvo a inscripção mysteriosa P. R. F. distribue cedulas ... eleitoraes, e não do thesouro, como almejavam os funccionarios municipaes. Vamos pela ninhada do Pato, que deve sair viva e esperta, ao calor de um manifesto e de umas tantas conferencias.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno.......	24$000
Semestre	12$000	Semestre ...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o *D. Quixote* a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 12 de Outubro de 1895

O DEVER DE HONRA

Está na memoria de todos a historia recentissima e dolorosa da revolução federalista no Rio Grande do Sul. Um povo habituado á atmosphera livre e pura dos Pampas, herdeiro das tradições gloriosas de um movimento republicano que durante dez annos puzéra em choque as forças militares do Imperio, esse povo não podendo tolerar o escarneo da constituição politica que o positivismo ideára, emigrou de seus lares, abandonou propriedades e haveres, esqueceu gozos e fortuna, e atirou-se desesperado nos braços da revolução, que é a unica arma com que se póde resistir ao regimen dictatorial e nefasto dos tyrannos.

Pudera ter procedido de outra forma, desde que o governo da União prestára abusivamente o concurso de seu braço forte para repôr no governo do Rio Grande o Dr. Julio de Castilhos, e desde que este iniciára impunemente o regimen das perseguições truculentas, mandando trucidar ou permittindo que trucidassem os seus adversarios politicos? Certo que não. O proprio telegramma do general Telles ao marechal Floriano Peixoto, que ha dias a *Gazeta de Noticias* estampou, é documento mais que evidente da situação atroz em que ficou collocado o povo rio-grandense sob a administração d'esse homem sem entranhas.

Declarada a revolução federalista, vimos todas as scenas luctuosas que se desdobraram. O Thesouro da União posto ás ordens do marechal despejou rios de dinheiro para pagar armamentos, cavalhadas e soldos de divisões *patrioticas*. O exercito mandou para alli milhares de seus bravos filhos; generaes sobre generaes se succederam no commando do districto ou na direcção das forças federaes.

E após dous annos de lucta sangrenta e barbara, a Revolução não foi subjugada, porque o heroismo indomito do gaucho zombou de todas as tacticas de guerra e centuplicou de valor sempre que se viu em perigo a causa da liberdade por elles defendida.

O governo do illustre Dr. Prudente de Moraes entendeu felizmente que era um crime sustentar por mais tempo essa guerra civil, em que se derramou o mais nobre e generoso do sangue brazileiro. Escolheu um general distincto e alheio ás paixões politicas do Estado conflagrado, dá-lhe a missão gloriosa da paz, offerece garantias solemnes, e diante d'esta honestidade politica os federalistas accordam em depôr as armas.

A esta hora o desarmamento das forças de Apparicio e de outros chefes é uma realidade; quem o affirma não é a paixão partidaria dos amigos, é a propria palavra do coronel Telles, — militar que não póde ser suspeito ao castilhismo, porque foi um dos seus baluartes.

Qual é agora o dever de honra?

O dever de honra é, por uma parte o desarmamento completo das forças patrioticas, visto que o exercito dos federalistas dissolveu-se confiado nas garantias da União,—e por outra parte a votação da amnistia, visto que sem ella seria uma farça ridicula a promessa consagrada no pacto de 23 de Agosto, firmado pelos generaes Innocencio Galvão e Silva Tavares.

Quanto á amnistia vemos que o Congresso, embora não quizesse adoptar a formula ampla e generosa do esquecimento incondicional do passado, transigiu comtudo com a opinião nacional manifestada em todos os tons, e vai em caminho de dar-nos alguma cousa para a consolidação da paz.

Quanto ao desarmamento das hostes do Sr. Castilhos, esse continúa a ser um desideratum, mas não é por emquanto um facto, que nos inspire tranquillidade e confiança.

E porque tarda? Como será possivel que voltem a seus lares, inermes e garantidos, os bravos rio-grandenses que hontem compunham as fileiras do exercito federalista, se subsistirem armados, apparelhados para a vindicta traiçoeira e indigna, esses mesmos que ainda ha pouco se assignalaram por violações de cadaveres e por actos de barbaria que o mundo inteiro condemna?

Não é possivel. Se o Dr. Julio de Castilhos é um homem que se preza e ainda pretende um pouco de respeito de seus concidadãos, deverá ser o primeiro a dissolver esse agrupamento de homens sustentados pelos cofres da nação para bater os defensores da verdade republicana.

O benemerito presidente da Republica não tem o direito, por seu lado, de hesitar um momento em ordenar semelhante medida, que é a consequencia natural e logica da convenção de Pelotas. Estamos certos de que o fará, porque assim ordena o respeito devido aos tractados, porque esse é o seu dever de honra neste momento perante a nação, perante o mundo e perante a historia.

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DO « D. QUIXOTE »)

LÉO A TONY

— Sabes caso maluco subiu estatua Rocio fez discursos sobre cavallo Pedro I.º?

TONY A LÉO

— Sei. Estou convencido maluco parlamentar, deputado ou senador.

LÉO A TONY

— Soubeste quem era elle?

TONY A LÉO

— Sei não era general Glycerio.

LÉO A TONY

— Pergunto quem era, não quem não era.

TONY A LÉO

— Não era Erico Coelho.

LÉO A TONY

— Se sabes quem era, dize; se não, cala-te.

TONY A LÉO

— Não era F. Borges; não era Vicente Machado, não era F. Carvalho, não era Esteves Junior, não era...

LÉO A TONY

— Basta, sebastianista desalmado! Vou denunciar Dr. Carijó foste tu andaste garupa Pedro I º procurando restaurar monarchia!

O' estacionario,

ORÔ WESTERN.

SAUDAÇÃO

Chegou da Europa o illustre jornalista Sr. Dr. José Carlos Rodrigues, digno redactor-chefe do *Jornal do Commercio*, o decano da imprensa fluminense.

Comprimentamos o illustrado collega, cujo espirito adiantado e reformador transformou radicalmente o *Jornal*, tornando-o um franco combatente contra o obscurantismo e a oppressão, e imprimindo-lhe tal direcção que garantiu-lhe a proeminencia na imprensa sul-americana.

Isto, com licença do *Paiz*.

TEMOS RECEIO...

... de que nos julguem cacetes, mas ainda assim lembramos aos nossos assignantes cuja assignatura terminou no fim de Junho e áquelles cuja assignatura terminou no fim do mez passado, que se quizerem reformal-as o façam em tempo para que lhes não seja interrompida a remessa do vivo e desopilante *D. Quixote*.

Este lembrete é particularmente destinado aos nossos amaveis assignantes, cuja memoria possa ser infiel ou tardia.

A VOZ DA ESTATUA

Noite plena! Os discretos lampeões do largo do Rocio pestanejavam tremulos; o *Munchen*, o *Coblentz* e a *Maison* fechados; estrellas somnolentas no ceu; poeira callida na terra; as arvores, os arbustos do jardim tranquillos; um ou outro vagabundo aos tombos; um ou outro bond a recolher-se... De repente o silencio da noite abre n'um rumor indistincto, accentua-se em palavras, em phrases, em gritos e uma voz arrastada e furiosa berra.

Os vagabundos pasmados buscam-n'a; augmenta o rumor, acode gente, palpita o largo, enche-se a praça e hiantes os noctivagos passeiantes de Sebastianopolis exclamam:

— A Estatua está fallando!

Fallava realmente a Estatua do fundador do imperio do Brazil.

D. Pedro I, de bronze e a cavallo, mostrando a constituição ao povo, vociferava como um doido. E aquella voz atropellada e gaia não perturbava a pose academica do imperador. O cavallo firme, de pernas abertas; o rei de botas e chapeu na cabeça; os caboclos quietos, com suas pernas grossissimas cruzadas; calmas as antas, calmas as cobras, calmas as onças, calmos os jacarés. E a voz berrava.

Affirmam ouvintes que entre ranger de dentes escutou-se o nome de um doutor Peixoto, sobrinho do seu tio, vindo da fabrica França Carvalho, e empregado do Thezouro Nacional, onde desde nomeado só entra para receber o ordenado, por não saber como desempenhar o cargo com que a dictadura o presenteou.

Que depois, entre soluços, a voz grave pedia pelo amor de Deus para reformarem o artigo 6º da carta de bronze que tinha na mão, ardente como um ferro em braza.

Que se contentassem com as arvores que comeram encolhendo-lhe o largo e não cortassem aquellas que nos bairros e ruas abertas encantam a vista, saneiam o ar e dão fresca sombra ao dia esturricante desta Capital do inferno.

Que não chamassem mais intendencia áquillo onde ninguem se entende e de quem dizem os empregados tristes: « que tu me enganas eu bem entendo, mas não entendo que tu entendas, que eu bem entendo, que tu me enganas. »

E a voz já melancolica fallava na Gloriosa Virgem da Penha e no *Jornal do Brazil*; na conferencia do *Cassino* e nos malucos do cemiterio; já arrogante e bravia guinchava como o Sr. Victorino Monteiro e cantava o *chegou chegou*, misturando Visconti com Thomaz Ribeiro; já risonha e acanhada cantava que a Trindade não abandonaria o Brazil por votação unanime das tartarugas indigenas...

— Será mesmo a estatua que falla? gritou um garoto.

Approximou-se alguem do povo, accendeu-se um facho e estava no braço do sisudo monarcha uma figura escarranchada.

— Quem és tu, louco sublime, que com tantas luzes falla?

A estatua respondeu:

« Eu sou aquelle magro e alto tribuno,
Que dei pancas no imposto do vintem;
Já tive idéas e ainda idéas uno,
Já fiz discursos, fil-os muito bem;
E quando ao vento a minha voz enfuno
Diante de mim não vejo mais ninguem.
Povo, escutai da minha falla o curso,
Que hoje creio que sáe o *meu discurso*. »

— Mentira, não és quem dizes, pois essa sombra que affectas ser está muda, soffre de lingua recolhida.

Fóra, fóra, fóra...

Apitos, confusão, gritos, pedradas, laços no ar, gente trepando pelas grades e lá vem o orador pela gola.

Não era o imperador, nem pessoa conhecida; era simplesmente um devoto da Penha, sufficientemente maluco e por cima de tudo muito borracho.

Antes assim.

GATO PRETO.

PARABENS

O *Diario* com razão,
Modesto, sem apparato,
Vai augmentar o formato.
—Como assim?
--Como assim, não.
Pois não vês que o desgraçado
De annuncios tão carregado
Despediu a redacção?

TIL.

NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote* (assignaturas 20$ por anno para a Capital, 24$ para os Estados) de dia em dia melhora em seu estado de saude.

E' que felizmente para ella a emenda substitutiva do Sr. Erico Coelho só não concede amnistia para os estrangeiros.

Livra! se fossemos isso...

.·.

Durante a semana finda houve uma contradansa no corpo diplomatico, na qual um cavalheiro desattento foi convidado a sentar-se, ficando a sua dama, uma secretaria de legação, sem o respectivo par.

E em consequencia o Sr. Abreu abriu uma vaga.

.·.

Telegrammas de recente data dizem que a rainha Ranavalo, de Madagascar, está em máus lençóes, depois que preparou uma cama inconveniente para nella dormir.

Os francezes derrotaram os malgaches, tomaram Tananarive e vão por diante empurrando S. M. Ranavalo lá para o canto.

Decididamente a rainha malgacha está muito mal amparada, com hovas e tudo.

.·.

No seu ultimo numero o nosso collega da *Revista Illustrada* publicou um excellente retrato do Dr. Affonso Penna, director nomeado do banco da Republica do Brazil.

Mas só não comprehendemos por que motivo o nosso illustre collega entende que o Dr. Penna foi o descobridor do *virus rabico* e dá-lhe o nome de Pasteur.

Opiniões, opiniões.

.·.

Os patriotas cubanos têm inflingido uma serie de derrotas ás tropas hespanholas, no generoso e nobre empenho de libertarem a sua patria do jugo monarchico.

E é por isso que um revolucionario de coração dizia hontem que o general Martinez Campos e suas tropas estão tomando na cuia — digo, em Cuba.

.·.

Tres duellos esta semana: o *Paiz* com o *Apostolo*, o senador Catunda com o seu collega Vicente Machado, o litterato Fausto Cardoso com o não menos litterato Valentim Magalhães.

Todos tres duellos á lingua, fallada ou escripta, e um ou outro em lingua portugueza.

.·.

Consta por ahi que não foi o Sr. senador Esteves Junior o homem que descobriu a polvora.

E damos esta noticia com todas as reservas do estylo.

E' que, se não foi elle, — quem foi, então?

.·.

Por desidia dos nossos informantes e por causa das chuvas destes ultimos dias — com as quaes elles nada têm — são estas as unicas noticias fornecidas ao publico por

Os reporters,
ESCENA & MONTRY.

A CIGARRA

A *Cigarra* publicou mais um numero...
Mais um numero publicou a *Cigarra*...

Era esta a noticia que já tinhamos preparado para dizer aos nossos leitores que a *Cigarra* havia favorecido os seus assignantes com mais uma manifestação dos talentos privilegiados de Julião Machado e de Olavo Bilac, dous artistas terrivelmente conquistadores do applauso publico.

Entretanto, como ha uma sentença implicitamente contida na phrase *noblesse oblige*, sempre diremos... que a *Cigarra* publicou mais um numero.

E quem quizer saber do resto, compre um avulso e aprecie o espirito d'aquella ultima pagina, em que Julião Machado faz-se mestre de meninos — ou de meninas — e ensina-lhes as quatro operações fundamentaes da arithmetica: sommar, diminuir, multiplicar e dividir.

Andem; comprem o papel e resolvam... que tal é multiplicar.

ECHO DO ESTADO DE SITIO

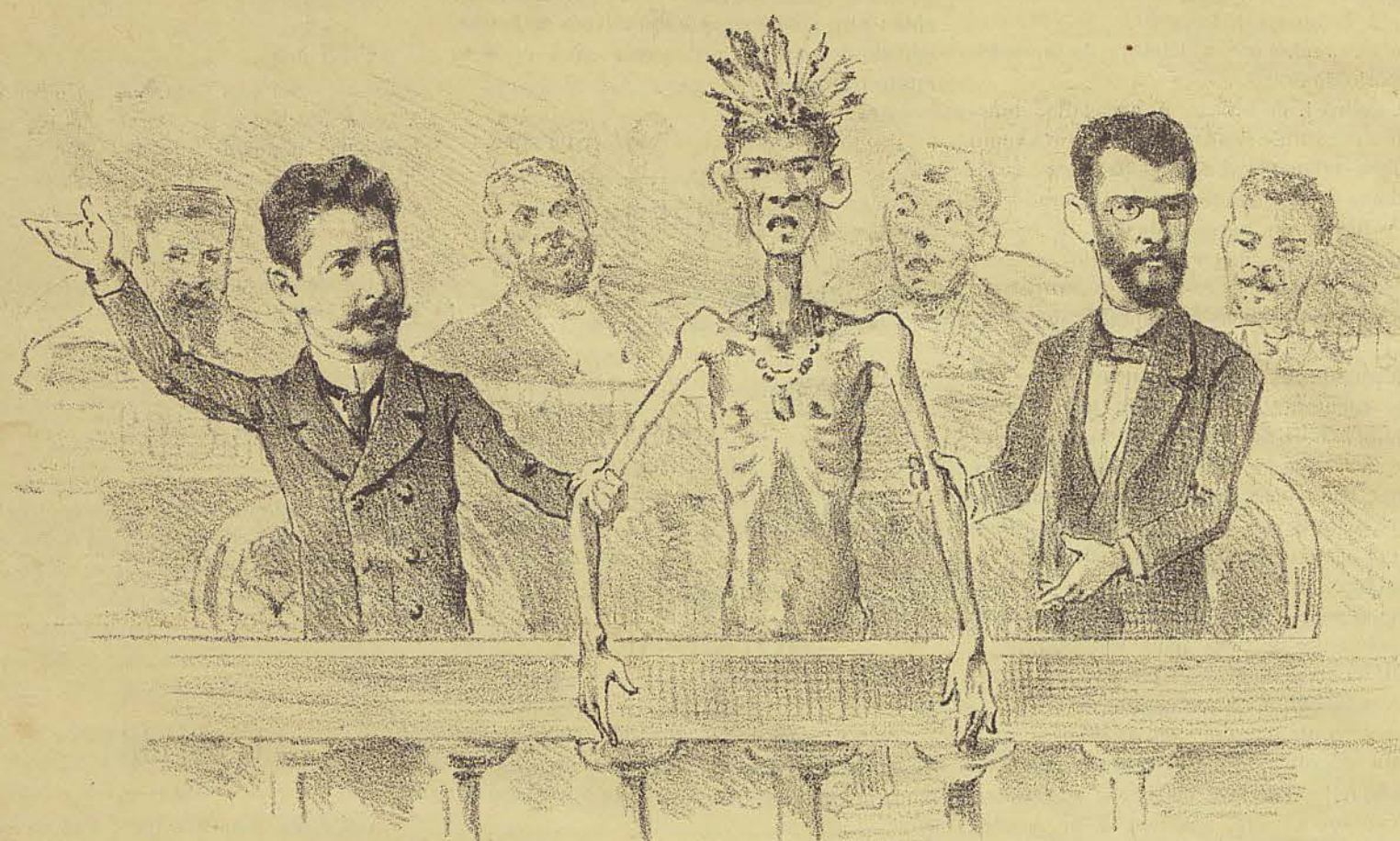
— É uma infamia, confesso, mas não posso ver uma carta que a não abra.

— Desgraçado!

O Sr. João Cordeiro, com saudade:

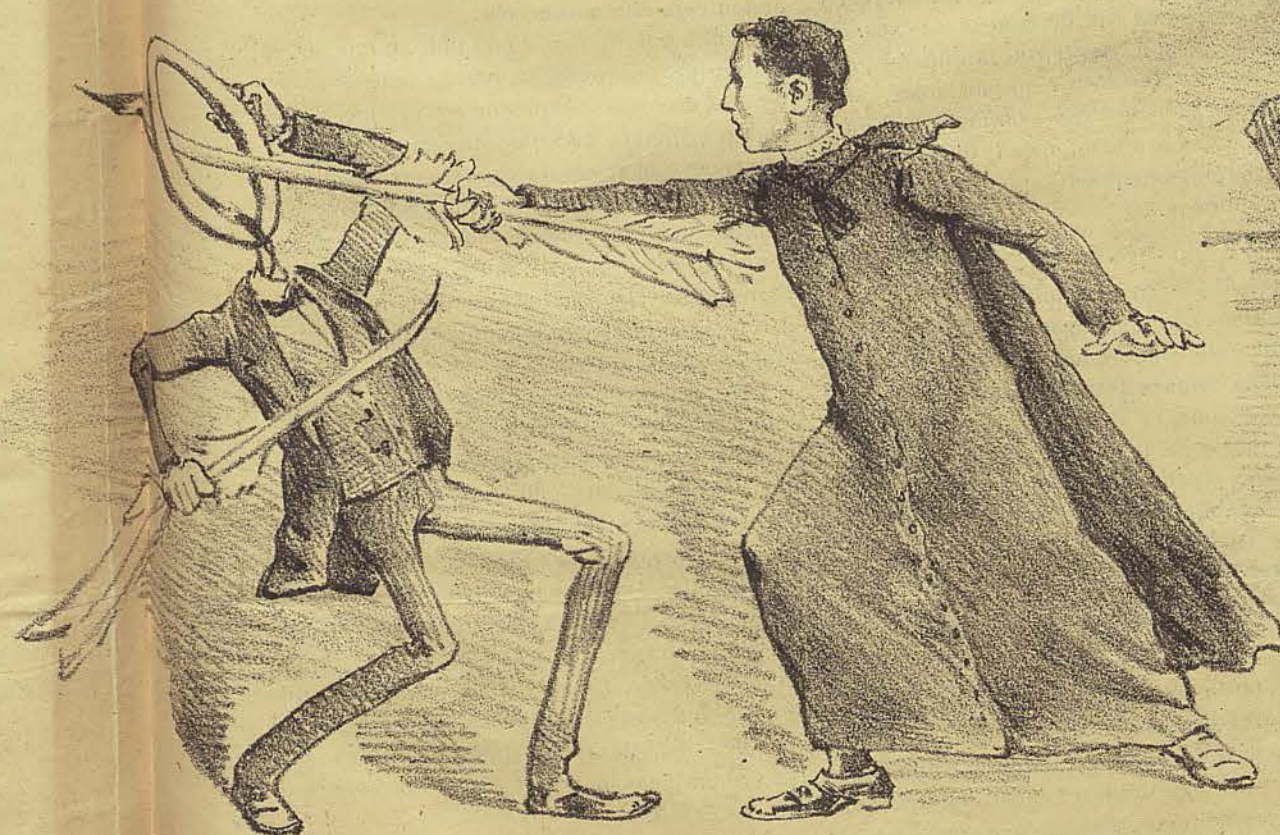
— Que magnifico Director dos Correios que perdemos!

A Semana

O' que chuva! no entanto parece
Que a camara tornou-se mais quente,
Pois esta agua, se o solo arrefece,
Toca fogo no sangue da gente.

Os illustres deputados Serzedello e Alcindo demonstraram á evidencia, e ao paiz, o miseravel estado financeiro do thesouro nacional, provando que o pobre Brazil, está mesmo em petição de miseria.

E logo depois a camara patriotica entendeu de chegar ás janellas da Cadeia Velha e atirar á rua a somma de 200:000$000... para melhorar as condições do paiz. Bonito!

A Republica, espantada e absorta, fica sem entender nada d'isso, nem mesmo aos illustres defensores do exhausto thesouro.

A mão forte do senado confere ao executivo o direito de intervir em certos negocios, o que quer dizer que o Sr Valladão não está, lá para que digamos, muito seguro na sua cadeira de feitor de Sergipe.

O Apostolo nestes derradeiros dias tem dito as ultimas ao O'Paiz. Foi elle quem provocou a questão, e em tal caso o reverendo collega resolveu dizer: "Não sou padre, não sou nada"... E furou o O.

Na camara passou a amnistia, maneta e perneta. O estatuario F. Glycerio está contemplando embevecido a sua bella obra, sem mesmo ter limpado as mãos á parede.

No Senado está quente o Catunda,
Arde em brazas o nosso Vicente.
Eu lhe gabo esse fogo em que abunda,
E quem mais ao Machado fez frente.

No *Cassino* um tribuno fogoso
No domingo (que dia dormente!
Dize-o tu, doutor Fausto Cardoso),
Sobre grelhas poz Marcos Valente.

Uma sogra, (mas *livro*) deu azo
Ao salceiro que vi de repente;
E esse caso, leitor, esse caso
Fez dizer a um sujeito presente:

« Que o doutor vendo o livro tão tenro
Toma-o sofrego e mette-lhe o dente,
Porque a *sogra* tratar como genro,
E' costume de todo parente.»

Pela imprensa tambem dois collegas
Inflammados estão francamente.
A's esfregas succedem esfregas,
Estão ambos em conta corrente.

E dizer-se que ha tanto fogacho
Com uma chuva tão impertinente!
Com certeza, leitor, cá p'ra baixo
Deus só manda chover agua quente!

* * *

E o que mais pasma a semana,
No meio de tal calor,
E' ver que a guerra de Havana
Segue de mal a peior.

Os telegrammas diarios
Apregoam pela rua
Mortos os rev'lucionarios...
Mas a guerra continúa.

Voluntarios todo dia
No consulado hespanhol.
A chamma da patria os guia,
Vão tomar de Cuba o sol.

Deus os leve. O' Cuba em luto!
Patricios, toca a esperar,
Vamos fumar um charuto
Maceu depois do jantar.

O' Gomez, feito tabaco,
Tu, adoravel caudilho!
Davas para um peito fraco,
Um soberbo *cigarrillo!*

* * *

O' dia 13! passa rapido,
Dizem que tu tens *jettatura*.
Porem n'um 13 a raça escura
A aurora viu da Redempção;
Não regulou, portanto a cabula
E aquelles que te aborreciam.
Nesse momento te queriam
Davam-te todo o coração.

Quem te salvou do vil estygma,
Quem, resgatando a raça escrava,
A tua macula apagava,
Dava-te a luz que tens a arder?
Elle, José do Patrocinio,
O apostolo da liberdade,
Elle que agora, 13, hade
Nas urnas te reconhecer.

A's urnas vai tambem Timotheo,
Que nome triste, ó nome tredo!
Lembra a Maria de Macedo,
Cheira a prisão e a chafariz.
Deixa o Henrique, que é um *cábula*...
Que faz na Camara o Henrique?
Que por um triz fóra elle fique,
Mas que não entre por um triz.

O' 13! vamos, 13, lembra-te
Que nunca deves ser ingrato!
O povo quer o Zé do Pato,
O povo quer ter protector.
Elle que foi tão magnanimo
Não seja posto agora ao lado,
Não deixe de ser deputado
Quem vale mais que um senador.

F. MENDES.

RABISCOS

N'este momento solemne, e acabrunhado pelo peso de tamanha responsabilidade, eu ouso levantar a minha debil voz, para agradecer em nome dos meus collegas desta illustre redacção todos os elogios da imprensa fluminense relativos ao ultimo numero do *D. Quixote*.

Meus sabios e espirituosos companheiros pediram-me para apresentar aos collegas da imprensa diaria os nossos vivos protestos da mais profunda gratidão.

E eu agradeço, como é de estylo.

Mas, não para despertar ciumes, nem por fazer selecção, sempre devo dizer que o *Jornal do Brazil*, um periodico bem feito e bem dirigido, merece ser citado especialmente—mesmo porque o *Jornal do Brazil* já forneceu ao *D. Quixote* uma pagina, com o seu telegramma sobre as festas da pacificação realisadas em Pelotas, e pagina na qual o Angelo apenas teve de gravar com o seu lagis aquella extraordinaria victoria do brilhante serviço telegraphico de nosso collega da rua de Gonçalves Dias.

E assim pois, á imprensa fluminense, em geral, e ao *Jornal do Brazil* em particular, todos os nossos agradecimentos — ou melhor: a curvatura da nossa gratidão, como dizem os nephelibatas que actualmente pontificam no jornalismo indigena.

* * *

Depois deste cavaco, obrigado á lei das circumstancias, sempre devo dizer-lhes que não estou satisfeito com a amnistia do Sr. Glycerio, votada pela camara dos deputados.

Meia amnistia é o que aquillo é. E nestes casos, a divisa de todo o cidadão dotado de bom senso, e patriota, é bom, e justo, deve ser: ou tudo ou nada.

O Sr. Glycerio nem deu tudo nem deixou de dar um pouco.

Está errado.

* * *

Entretanto a camara dos Srs. deputados, para mostrar-se escrava dos principios de justiça e das leis da equidade, votando a amnistia restricta para os militares que delinquiram por motivos politicos, votou-a logo depois completa para os alumnos da Escola Militar que foram castigados por insubordinação e actos de indisciplina.

Quer dizer isto — duas balanças, dous pezos, duas medidas, e uma dellas falsificadas —para o julgamento dos militares que não disseram *amen* á dictadura.

Ora seja tudo pelo amor de Deus!

* * *

O senado, esse continúa a dar provas de sua coherencia e seriedade, e mais ainda — a ensinar á camara umas cousas que ella camara está resolvida a não querer aprender.

A sua emenda relativa á amnistia ampla, é certo que não conseguiu alli os dous terços de que carecia para mostrar aos designados do estado de sitio de que pau é a canôa; mas ainda assim a votação demonstrou que a maioria dos avós da patria continúa no bom caminho e disposta a corrigir os abusos da carneirada do Sr. F. Glycerio.

* * *

Tambem o senado votou em 2ª discussão o parecer da commissão mixta, e segundo o votado, está o Sr. Valladão muito arriscado a ficar sem o seu lugar de feitor de Sergipe, lugar disputado á força e á força conquistado.

Falta a terceira discussão. E a julgar do resultado das duas primeiras — com mais um empurrão, o Valladão vai ao chão.

Não é verso, mas é verdade.

* * *

Fóra das duas casas do congresso, tivemos como facto culminante da semana a notavel conferencia proferida por José do Patrocinio no theatro Sant'Anna, desenvolvendo o seu programma, como candidato a deputado pelo 2º districto.

Fallou bem, bonito, com uma eloquencia extraordinaria. O auditorio — a enchente enorme, como nunca a teve o Heller —applaudiu-o delirantemente, deu-lhe palmas, carregou-o, andou com elle em charola.

Falta porém ver d'isto tudo o que se vai apurar praticamente, amanhã: quantos centenares de votos conquistou o grande orador com o brilhante successo da sua conferencia.

O povo eleitoral é exquisito, e obedece a não sei que sentimentos extravagantes no momento exacto em que vai depositar na urna o seu voto, de sorte que muitas vezes elle concorre para a victoria de um individuo... que não foi positivamente aquelle a quem elle victoriou pouco antes.

Desta vez, porem, é licito crer que o Sr. Eleitorado tenha juizo e a mais nitida comprehensão do seu dever, para votar no candidato que é genuinamente seu, naquelle que tem sido o seu defensor incondicional em todos os tempos e em todas as questões.

Demais, J. do Patrocinio foi sagrado o candidato da imprensa, de sua quasi totalidade. Perfilharam a sua candidatura a *Gazeta*, a dita *da Tarde*, *Correio da Tarde*, o *Rio de Janeiro*, o *Apostolo*, a *Cigarra*, cá o dégas (*D. Quixote*) e não lhe foram infensos, antes são-lhe sympathicos o *Jornal do Commercio* e o dito *do Brazil*.

Só o *Paiz* guarda a reserva que lhe compete, e que é natural, desde que se conhece a

sua orientação politica, inteiramente opposta á do jornalista candidato.

Ora Zé Povinho gosta da imprensa; e em tal caso é impossivel que elle deixe ao desamparo a candidatura perfilhada pela maioria da mesma imprensa...

A apostar que amanhã o J. do Patrocinio sai victorioso, entre outras cousas pelo gostinho que o povo terá de vêr pai Glycerio pisar o cós das calças — de raiva e de odio.

LÉO.

DESARMAMENTO GERAL

Communicou o general Galvão ao Sr. presidente da Republica, que já estão completamente desarmados os bandos federalistas que se achavam disseminados em diversos pontos do Rio Grande do Sul.

Agora, já não podem vir para o *Paiz* aquelles telegrammas alarmantes em que se garantia que a paz era uma comedia e que os revoltosos não entregavam as armas.

De sorte que o desarmamento é geral: até o proprio *Paiz* não possue mais essa arma para combater os perfidos maragatos.

Terrivel o general Galvão: até ao *Paiz*, elle desarmou!

GYP.

THEATROS

Sérios receios invadem-me e espirito, de em breve tempo ter de fechar esta secção amena, e instructiva, e moralisadora. E' que pouco a pouco os theatros do Rio de Janeiro vão fechando as suas portas, e consequentemente tornar-se-ha difficil, se não impossivel, fallar de cousa que positivamente não existe.

Por agora, ainda mesmo com os tres que estão funccionando, é quasi arriscado garantir que *existe* entre nós aquillo a que se chama theatro....

⁂

A simples resenha do que se passou durante a semana n'essas casas de espectaculo, já é motivo para improbo labor, semelhante áquelle a que se entregam os barbeiros quando tem de fazer a barba aos meninos de 14 annos: só a pesquiza fatiga e amolla. Nenhuma novidade; nem uma peça nova, nem um successo, por mais insignificante que seja.

Pasmaceira absoluta.

⁂

A companhia Souza Bastos, é certo que déra uma peça nova na semana anterior — a *Cigarra*, que foi á scena para beneficio da intelligente actriz Palmyra Bastos. A peça agradou, bem como o desempenho, comquanto a beneficiada tivesse de luctar contra as recordações agradaveis que da *Cigale* ainda conserva o nosso publico, que applaudiu n'aquelle papel a famosa Judic, no palco do Lyrico.

Agradou; a imprensa séria e a critica competente teceram os costumeiros elogios requeridos pelo caso. Mas logo depois a *Cigarra* foi retirada de scena e volveram aos cartazes do Recreio o *Tim Tim*, o *Burro do Sr. Alcaide*, e o nunca assás celebrado *Sal e Pimenta*.

Porque? pergunto eu. « Não é de sua conta! » responder-me-ha o Sr. Souza Bastos, a quem assiste toda a razão dizendo-o, e pensando lá comsigo que elle não faz mais do que albardar o burro á vontade do seu dono.

O burro... *do Sr. Alcaide*, já se vê.

⁂

A tal obra intitulada *Sal e Pimenta*, é que é mesmo afortunada! O Zé Povinho deu para gostar d'aquillo e em vendo o annuncio da memoravel *peça*, enche o theatro até trasbordar.

Domingo, passava eu pela rua do Espirito Santo e vi um grande reboliço lá para os fundos d'essa viella. E disse commigo mesmo:

— Tony; vai vêr que se passa de extraordinario no Recreio Dramatico. Quem sabe se estarão alli regenerando o theatro nacional? Vai; vai, que isso é de tua obrigação e officio, como contador de historias de theatros, que és.

E fui e entrei, não sem difficuldade, rompendo a custo a passagem por entre o exercito de cambistas que por todos os lados assediavam-me. Era uma *matinée*. Dansavam no palco a *Canninha verde*. E eu perguntei: o que é isto?

— *Sal*, responderam-me.

Depois de desesperadamente dansada e esfogueteadamente dansada a celebre *canninha*, entraram de novo a dansar e a cantar; mas d'esta vez era a *Saranda sarandinha*. E eu tornei a perguntar: e isto, que é?

— *Pimenta*, responderam-me.

E era por aquillo que os cambistas pediam 4$500 por uma cadeira lettra Z!

Olhem que ha cousas...!

⁂

O Variedades continúa a dar uma vez ou outra a *Joanna, a Douda*, emquanto prepara o *Livro Negro*, dramalhão.

Agora o que ha de mais interessante n'este theatro é uma complicada charada que a empreza manda para a quarta pagina dos jornaes, no final do seu annuncio.

Diz a charada.

MISE EN SCÈNE DA ACTRIZ EMILIA ADELAIDE

A arte dramatica não vence, nunca, para os amadores do bom, e para os que sabem apreciar o que é honesto na escola do grande Thalma.

E' caso para pedir o conceito.

⁂

Voltou ao Apollo a *troupe* do actor Mattos, e com ella a espectaculosa revista de A. Azevedo — o *Major*.

E pois que o *Major* não é positivamente uma novidade, a direcção annuncia para breve uma outra peça, esta novinha do trinque:

A Mascote.

⁂

E eis ahi feita a resenha da semana theatral.

Os cavallinhos do Frank Brown já não innundam o S. Pedro, com os seus 80.000 litres... d'agua.

O Frégoli retirou-se afinal levando nas algibeiras, dizem, a quantia de 200:000$000 — exactamente igual á que ganhou o almirante Gonçalves para voltar ao serviço activo da marinha.

Este nosso povinho é das Arabias! Os Frégoli enchem-se, ao passo que as nossas companhias...

⁂

O' visinho Puck, ahi da *Cigarra*: vamos nós dous regenerar a arte nacional?

Valeu?

TONY.

RECTIFICAÇÃO

A nossa imprensa, ou antes o nosso illustre e sympathico collega da *Noticia* está levando á scena o *Fausto* de Goethe, muito bem montado é certo, com um desempenho *hors ligne*, porem contendo um erro flagrante, que merece ser rectificado.

Já assisti a essa opera e a um drama, que o Heller levou á scena da Phenix Dramatica e recordo-me como se fosse hontem, que na scena do duello o Dr. Fausto matava o Valentim, digno irmão da Sra. D. Margarida.

Ora na edição novissima da *Noticia*, o caso está invertido: ao fundo, Mephistopheles (o auctor do *Livro da Sogra*) incita os combatentes; Margarida (a sobredita sogra) quéda-se tranquilla á espera de vêr em que param as modas, para depois d'isso cantar a *aria das joias*; e é Valentim quem atravessa Fausto de lado a lado — e o que é um escandalo litterario de marca maior, que deve pôr em apuros o proprio Gounod, que fica sem ter quem cante o resto.

Pedimos ao Rochinha a rectificação e hypothecamos nossos applausos ao caso, que já vai muito interessante.

FÉLIX.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

Jornal Illustrado, n. 11 do primeiro anno, que traz excellentes retratos do general Bernardo Vasques e do Dr. Affonso Penna; e no texto, entre outros, um brilhante artigo de Alves, de Faria sobre os successos politicos da actualidade.

Petit Echo de la Mode, ns. 37 e 38, correspondentes aos dias 15 e 22 de setembro.

São dispensaveis quaesquer elogios a este bello jornal de modas e figurinos, um dos mais interessantes no seu genero.

Uma photographia, offerecida pela redacção da *União Nacional*, de Bagé, do Dr. Angelo Dourado, federalista que acompanhou o general Gumercindo Saraiva em toda a campanha revolucionaria do sul.

Convite, para assistir á sessão solemne que a Academia Nacional de Medicina celebra hoje sob a presidencia do Sr. Ministro do interior, em homenagem á memoria do sabio Pasteur.

Convite, para a corrida do Turf-Club, a primeira das suas extraordinarias.

Reclamação, do Instituto dos Bachareis em Lettras, dirigida ao Congresso Nacional, contra o decreto de equiparação do Instituto Kopk ao Gymnasio Nacional. E' relator d'esse protesto o Sr. bacharel Paranhos da Silva, que foi feliz no desenvolvimento das idéas justificativas da reclamação.

Convite, para a inauguração da nova empreza do Jardim Zoologico, dirigida pelo Sr. Luiz Galvez, inauguração que deve effectuar-se hoje, com variados festejos e divertimentos.

Convite, para o *monumental e circassiano* baile da Euterpe Commercial Tenentes do Diabo, commemorativo da descoberta da America.

Cartilha das Mãis, pelo professor Arnaldo de Oliveira Barreto, obra approvada pelo Conselho Superior de Instrucção Publica do Estado de S. Paulo.

Convite, para a corrida de amanhã no Jockey Club, na qual será disputado o grande premio Imprensa Fluminense.

Livro de Leitura, para uso das Escolas Brazileiras, composto pelo barão de Macahubas e refundido por seu filho o Dr. Joaquim Abilio Borges, esse emerito educador que tem feito do magisterio um verdadeiro sacerdocio.

A saude ao alcance de todos, medicina hygienica ou o unico methodo racional de tratar as doenças, pelo Doutor T. R. Allinson, versão de T. Baltar. E' um livro de incontestavel merecimento, este, escripto em linguagem chã, ao alcance de todos, e no qual se encontram expostas as regras da boa hygiene, conselhos uteis e ensino de remedios para varias molestias.

Um trabalho utilissimo, não ha negar.

Ora diga-me a verdade! Amo-te muito! duas canções para meio-soprano, com acompanhamento de piano, musica de Alberto Nepomuceno, versos de João de Deus. As duas producções do nosso notavel maestro já tiveram a consagração publica, por occasião do concerto em que elle exhibiu perante selecto auditorio todos os progressos que conseguiu durante a sua estada na Europa. Resta-nos agradecer aos editores Vieira Machado & Comp. a offerta das duas canções, primorosa e elegantemente impressas.

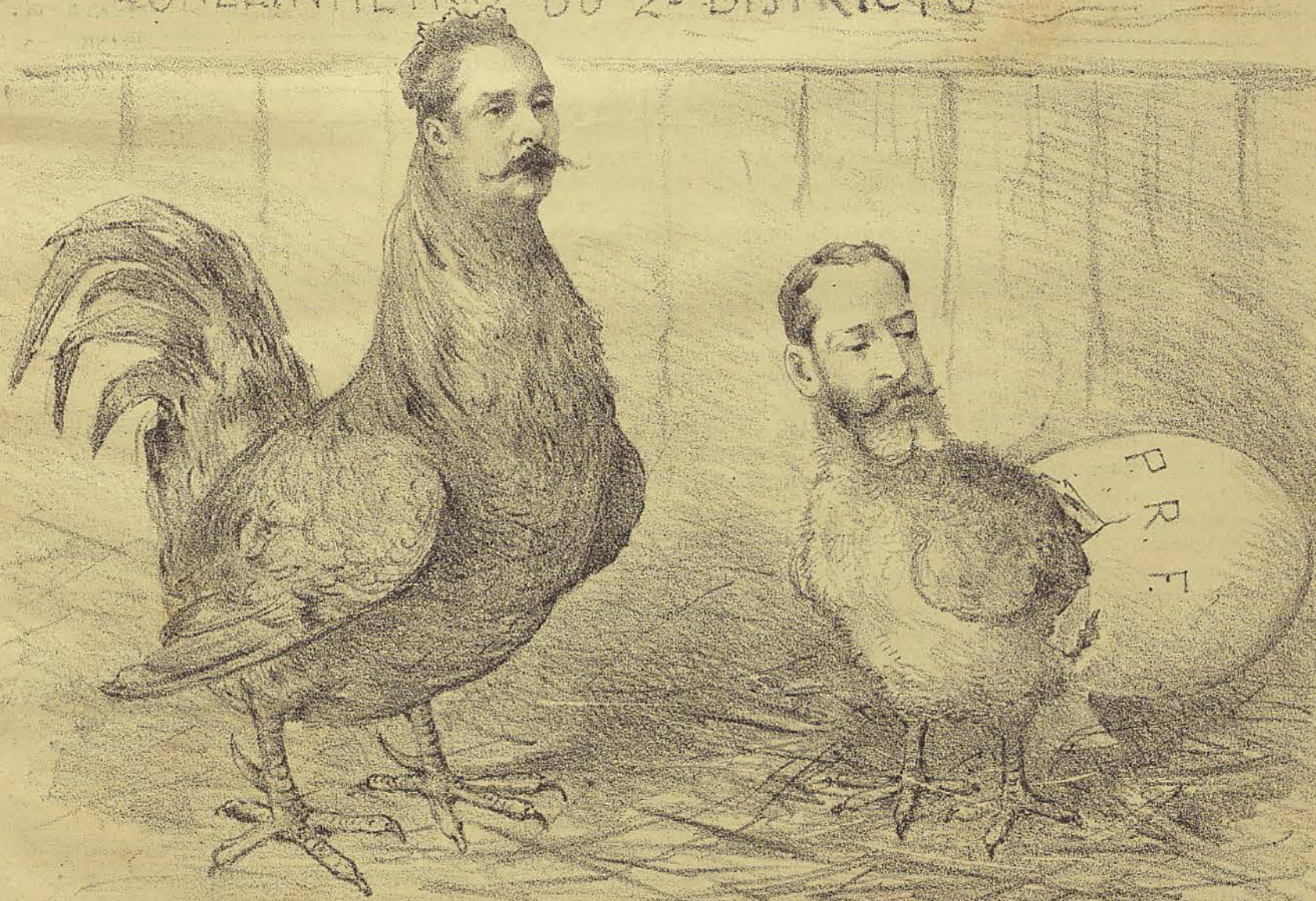
L'Etoile du Sud, o importante jornal de Ch. Morel, n. 471, do XIV anno de existencia. Quatorze annos de prestante labor e de ingentes esforços em favor das boas causas.

Typ. L'Etoile du Sud, r. S. José 102

Pergunta a premio: quem foi o louco que trepou á estatua do Largo do Rocio e alli esteve a fazer discursos? Os do ministerio recolheram-se á sombra das demissões. Os da camara áquella hora estavam a dormir. Quem foi? Quem?

Anno 1º — Rio de Janeiro — Nº 37

Don Quixote

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini
R. OUVIDOR 109

Ao cabo e afinal, gorou o ovo do Pato e vingou o do Capão municipal!
As pennas do pato já estavam de ha muito condemnadas; prevaleceu o bico da penna Mallat, e tambem a idéa prefeitural de pagar na vespera da eleição os atrazos de quatro mezes.
P. R. F. —: Parteiro Respeitavel Fez....

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno.......	24$000
Semestre	12$000	Semestre ...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitarnos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o *D. Quixote* a... olho (e ha muitas !...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 19 de Outubro de 1895

O SORVEDOURO

Ha dous annos e meio que a abusiva intervenção do governo federal na politica do Rio Grande do Sul deu ensejo ao mais funesto desbarato dos dinheiros publicos.

Abyssus abyssum invocat. O marechal Floriano Peixoto, fosse ou não provocado por maus conselheiros que o cercavam, assumiu perante a historia a tremenda responsabilidade de promover as deposições dos governadores legitimos dos Estados, sob o pretexto de que estes haviam adherido ao golpe de 3 de Novembro. Toda a gente se lembra ainda das scenas escandalosas que por ahi se desenrolaram, lançando por todo o paiz uma sementeira de odios que desgraçadamente germinou.

No Rio Grande do Sul, entretanto, nem esse mesmo pretexto poude ser invocado em defeza das baionetas da União, que tiveram ordem de collocar no governo o Dr. Julio de Castilhos.

E' que a embriaguez das violencias turbára de todo o animo do vice-presidente da Republica, já então arrojado ao despenhadeiro da dictadura mais ou menos disfarçada, em que por fim de todo se precipitou.

As consequencias não podiam deixar de vir com a fatalidade da logica. O Dr. Julio de Castilhos, que era apenas o chefe de uma minoria no Estado do Rio Grande do Sul, teve necessidade de lançar mão de meios irregulares, de perseguições e de violencias inauditas para manter-se no poder pelo terror. O grande partido republicano, historico e não historico, que fôra esbulhado por esta fórma do governo legitimo, reagiu contra a dictadura positivista que se lhe queria impôr, e a revolução federalista alçou o collo desde os primeiros mezes de 1893.

D'então até hoje o governo da União, para defender a sua triste obra, teve de manter uma forte divisão militar no Rio Grande do Sul, e como esta não bastasse para abater a valentia indomita dos gaúchos, viu-se tambem obrigado a sustentar as chamadas brigadas patrioticas, levantadas pelo Dr. Castilhos,em defesa de sua auctoridade ameaçada.

Ao soldo de tão consideravel força militar em campanha, á etapa correspondente, accresceram as despezas de fornecimentos, cavalhadas e munições de guerra.

Foi um despejar de dinheiro sem fim e sem conta, porque ás despezas reaes se junctaram naturalmente as ficticias. A fiscalisação era difficil, sinão impossivel, dadas as circumstancias da guerra especial do Rio Grande do Sul, com pequenos destacamentos dispersos por todos os lados e por assim dizer ambulante. A ganancia dos exploradores abriu as fauces e debaixo de todos os disfarces imaginaveis atirou-se esfomeada ás arcas do Thesouro.

Foi aquillo um sorvedouro atroz. Quando um dia, coordenados os documentos administrativos se vier a fazer o computo exacto dos sacrificios que a guerra civil do Rio Grande nos custou, é certissimo que ficaremos assombrados.

Agora mesmo, o honrado Presidente da Republica sollicitou do Congresso mais um Credito de 14.000 contos para pagar os compromissos contrahidos com essas famosas brigadas patrioticas.

Dir-se-hia entretanto que tamanhas sangrias no organismo depauperado da União não bastam ainda, segundo o parecer de alguns devotados amigos do dictador do Rio Grande. Já não é segredo que um senador rio-grandense pretendeu obter do governo a promessa de manter armadas aquellas divisões, não obstante a paz concluida em 23 de Agosto, sob pretexto de que só até Janeiro de 1896 poderão ser-lhes feitos os pagamentos atrazados.

Como é possivel que um brazileiro, que se proclama patriota, sollicita ou aconselhe a continuação do medonho sorvedouro? Não basta o que d'aqui se despejou a mãos largas e de olhos fechados para defeza de uma illegalidade? E ainda mesmo que não tivessemos de aggravar os sacrificios de dinheiro, não está a fé dos tractados reclamando da honestidade de todos, que se desarmem e se dispersem as forças castilhistas, assim como se desarmaram e se dispersaram as tropas de Apparicio Saraiva e dos mais chefes federalistas?

O dever de honra, dissemos nós ha dias, é o desarmamento geral, e felizmente parece que este principio venceu todas as cabalas e todas as sollicitações impatrioticas.

Coberto de applausos seja o benemerito chefe do Estado, que mantendo com firmeza no Sul o glorioso general Innocencio Galvão, garantia da paz e do respeito á lei, acaba de auctorizal-o a desarmar as divisões patrioticas, acabando de vez com aquella ameaça á liberdade dos federalistas, e obstruindo definitivamente o fatalissimo sorvedouro, por onde se escoou por tanto tempo a riqueza d'este pobre paiz.

UMA IDÉA FELIZ

Tivemos n'este momento, que não é solemne, mas é opportuno, uma idéa felicissima.

A de lembrar aos nossos assignantes cujas assignaturas terminaram em fins de junho, e áquelles cujas assignaturas terminaram em fins do passado mez de Setembro, caso queiram reformal-as, o façam sem demora, afim de que não lhes seja suspensa a remessa do *D. Quixote*, um periodico que impõe-se á estima e á sympathia publicas — modestia á parte.

E como palavra puxa palavra, e como a uma idéa feliz sempre acóde uma outra mais feliz ainda, aproveitamos o ensejo de estarmos com a mão na massa, para lembrar a uns nossos agentes, que pelo abuso do queijo, como alimento exclusivo, tornaram-se deploravelmente esquecidos, a necessidade de se explicarem urgentemente comnosco -- mesmo porque não desejamos rusgas com quem quer que seja.

E se estas idéas não são felizes, francamente não sabemos quaes são as felizes idéas!

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DO « D. QUIXOTE »)

TONY A LÉO

— Já sabes banquete monarchista S.Paulo?

LÉO A TONY

— Sei. Saudaram Imperatriz Brazil; quem vem a ser?

TONY A LÉO

— Estuda historia patria, saberás. Eu, contente, cá de longe bebi razão mesma gritando: hip, hip...

LÉO A TONY

— ... Morra!

TONY A LÉO

— Desgraçado! Não serás nem inspector quarteirão proxima futura monarchia!

LÉO A TONY

— Com ellas ou sem ellas?

TONY A LÉO

— Com o diabo que te carregue para profundas kilometro 65!

O estacionario,
ORÓ WESTERN.

O ZOOLOGICO

Aos 403 annos da descoberta da America, com musica e comes e bebes, reabriu-se o famoso jardim dos bichos. E não ha duvida que os tratantes estão viciados de uma vez, pois prohibidos de jogarem uns nos outros armaram *fronton*, *Pim*, *pam*, *pum*, bilhares, etc., para se divertirem, e armaram-se de carabinas para dar cabo dos pombos e coelhos que devastam a bella quinta que lhes arranjou o Sr. Barão de Drummond.

Volta e meia estão atracados os jacarés no saque da pelota e as onças correndo toda a cancha, com grande gaudio dos gansos, que fazem uma algazarra digna da Cadeia Velha.

Quanto a jogo, dizem que não ha; apenas um ou outro perú incorrigivel, ás escondidas, aposta por fóra.

A Semana

O' musa, silencio, não
Te escandalises de vez,
Não demores na eleição
Que no domingo se fez!

Não digas que os empregados
De uma casa, que eu cá sei,
Receberam os ordenados
N'um dia em que eu não votei.

Não digas que houve secções
(Vinte e uma, se bem descubro)
Fechadas ás votações
No dia 13 de Outubro.

Não digas que dá saudades
O bom tempo do tabefe,
Quando vês P. R. F.
Com tantas immunidades.

Tres lettras, que desafôro!
Tres lettras, musa, não vês?
Puzeram na *Costa* um mouro...
— Musa, é negocio de tres!

. · .

Depois de tanta agua suja,
Por causa da dita cuja
Só Lafayette deu pancas!
Parecia um mestre escola,
De guarda chuva e cartola,
De calças (pardas? não,) brancas.

Que delicia, que figura!
Tinha dois palmos de altura
O Lafayette das Chagas;
Mas se no tamanho mingua
Mostra dois metros de lingua
Se discute ou roga pragas.

Pequenino, pinta o sete
O temivel Lafayette,
Por da cá aquella palha;
Cacete não lhe faz mossa
E, a barba (que barba grossa!)
E' o espectro da navalha.

Pela *Cidade do Rio*
Entrou como um corropio,
Quero dizer: não entrou,
Pois um braço repentino
Ao entrar o jacobino
Pela gola o agarrou.

Mas o pequeno é teimoso;
E esse facto escandaloso
Que foi? um páo por um olho.
Volta, elle é tão damnadinho...
Nada, o caso é com o vizinho,
Eu ponho as barbas de molho.

. · .

E triste lamento aquelle
Que p'ra consul trabalhou...
Coitado, coitado d'elle!
Nas mãos a bomba estourou.

Foram-se as epochas velhas,
Em que consul uma vez
Um houve, com taes orelhas,
Que lhe chegavam aos pés!

. · .

Desgraçado pharmaceutico:
Em vez de dar emetina,
A feroz aconitina
Para o doente mandou!
Limpa as mãos á sciencia, ó chimico!
Maldize a sorte futrica,
Que te abrindo uma botica
Na cadeia te fechou.

E, no entretanto, parece-me
Que esse caso (coisa incrivel!)
Apezar de tão terrivel,
Ainda podia ser mais...
Que seria da familia,
Se ao envez de aconitina
Manda o homem *Glycerina?*
— Morriam filhos e pais!

Glycerina? E' muito sério!
E' esse principio activo,
D'um liquido, morto e vivo,
Duro e molle, bom e mau:
Sai da lingua do Glycerio,
E' páu para toda obra...
E' como visco de cobra...
Seu antidoto — é páu!

F. MENDES.

A CIGARRA

Mme. Tribofe, com tres *gobelets* sobre a mesa, faz um, dois, tres, passe, e surge um calunga, que no domingo eleitoral passado já foi apresentado ao publico sob o suggestivo nome de Timotheo; typos femininos, esplendidos todos—excepção da *magra*, que é mesmo horrorosa; espirituosa e bem acabada *soirée* branca de Pierrot; um texto vivo e esfusiante—eis o ultimo numero da *Cigarra*, que com este completou duas duzias, por signal.

Magnifico, como arte e como litteratura.

(E eu não *como* nada, pelo elogio...!)

GYP.

NO MUNDO DA LUA

Menino (*lendo*): O *Diario de Noticias* brevemente apparecerá transformado em orgam do P. R. F... »

— Papai, que é orgam do P. R. F.?

Pai (*distrahido, escrevendo*:)

— O orgam do Prefeito Republicano Felizardo, meu filho.

TIL.

MÁO ENCONTRO

O Dr. Lafayette das Calças Brancas anda á procura de um dos redactores da *Cidade do Rio*, o Sr. Benevenuto Pereira, para o fim unico de prendel-o.

Ninguem sabe porque. Nem a *Cidade*, nem o Benevenuto, nem o supradito delegado das Chagas — nem eu. E, por isso, o Benevenuto anda armado, e prompto para o que dér e vier, disposto a disparar contra o Dr. Lafachagas a seguinte pilheria — que não é má — à primeira vez que o encontrar por ahi assim, de calças, brancas ou pardas; de charuto, de Havana ou Bahia:

« Que é isto? Meu Deus, que é isto?
« Vê se tal instincto apagas...
« Oh! Pelas chagas de Christo!
« Paz! Lafayette das Chagas! »

. · .

O Benevenuto é poeta; o Lafa é delegado... Quem vencerá?

FÉLIX.

NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote* (assignaturas 20$000 por anno, 24$000 para os Estados) passa sem novidade em sua importante saúde.

Gozamos essa doçura e calma, graças a não termos sido encontrados esta semana pelo Dr. Laffayette das Calças, delegado das Chagas, que andou a prender todo mundo, a torto e direito, a Deus e ao diabo, por fas e por nefas.

Livra, jacobino endiabrado!

. · .

De Pernambuco recebemos um importante telegramma, que aliás foi recebido igualmente por todos os nossos collegas, diarios, da manhã —e serios:

« Foi afinal solto o Jaquim das Couves.»

Ainda que com esta noticia nos alegrassemos, ficámos tristes ao saber que o pobre homem sahira idiota da prisão, e por isso telegraphámos ao Barbosa Tigre, dizendo: «Soltaste Couves; vai agora plantar Batatas.»

. · .

Consta que o *Diario de Noticias* vai brevemente passar a ser publicado ás devéras, e trazendo alem dos *apedidos* da primeira pagina —noticias e artigos.

E' um grande adiantamento para o nosso collega, devido á gentileza do *P. R. F.*, iniciaes do grupo *Politico Recreativo Fandanguassú*, que esforça-se por dotar este paiz de um *Regimen Profundamente Fantastico*.

Receba Parabens Fervorosos.

. · .

Foi infelizmente reprovado no seu concurso para o lugar de consul, o bravo commandante do bravissimo batalhão Tiradentes.

Estamos autorisados a declarar que este insuccesso foi devido unicamente a ser a mesa examinadora composta exclusivamente de infames sebastianistas e revoltosos desalmados.

Quanto ao batalhão — está de luto fechado, e o seu quartel tambem.

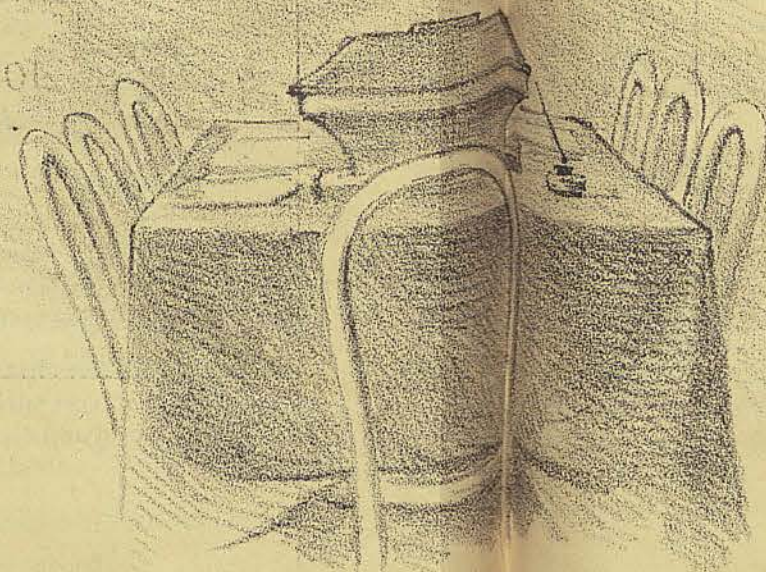
. · .

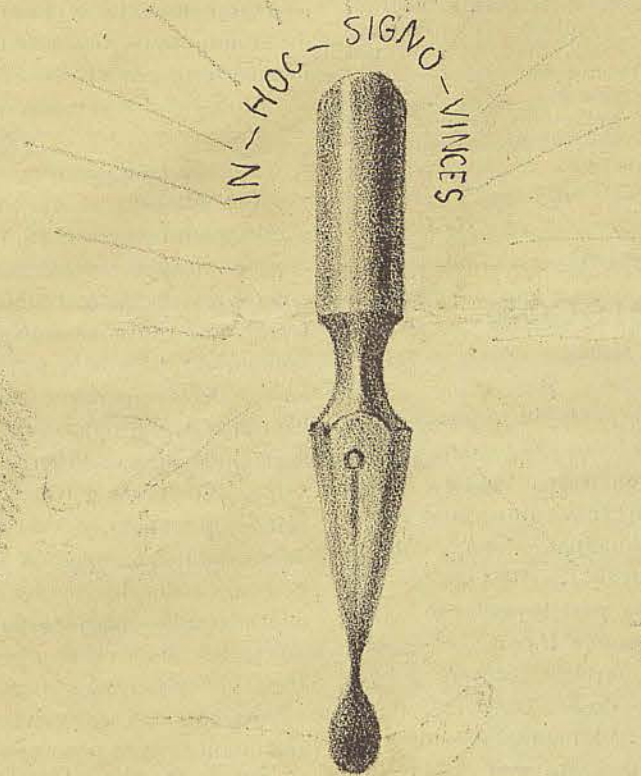
Telegrammas de Montevidéo annunciam que, mediante denuncia da imprensa, vai abrir-se um inquerito parlamentar acerca do procedimento de certos deputados, que vendem seus votos em questões importantes e delicadas.

Terá o governo do Uruguay comprado locomotivas Broocks ou torpedeiras de alto mar?

. · .

Entre as noticias de assassinatos da semana finda, avulta a do cabo de policia que matou

O tribofe eleitoral foi o que se viu: eleitores queriam votar, mas havia mesa e não haviam mesarios, razão pela qual os timothistas oppunham-se *federalmente*.

Em outras secções a descrença e o desanimo do eleitorado deixaram em paz a mesa, as cadeiras, a urna e os candidatos. —Votação assás expressiva!

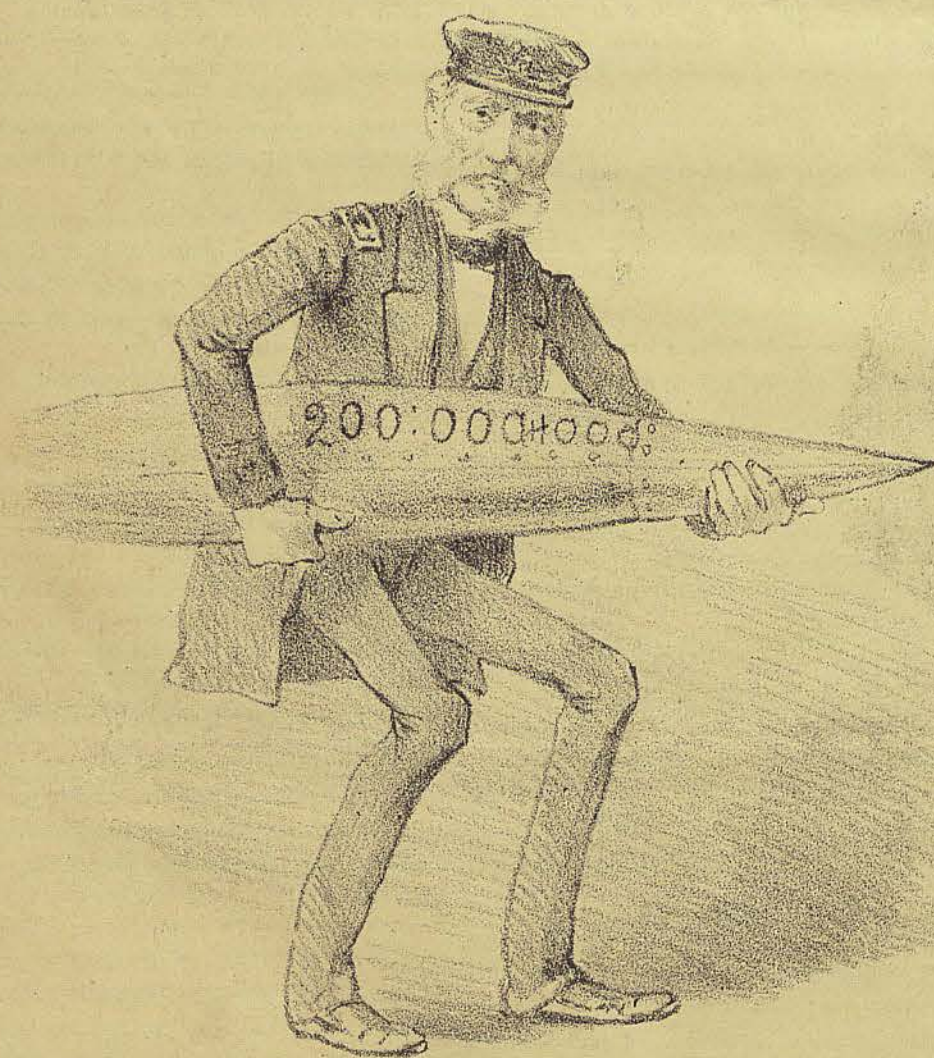
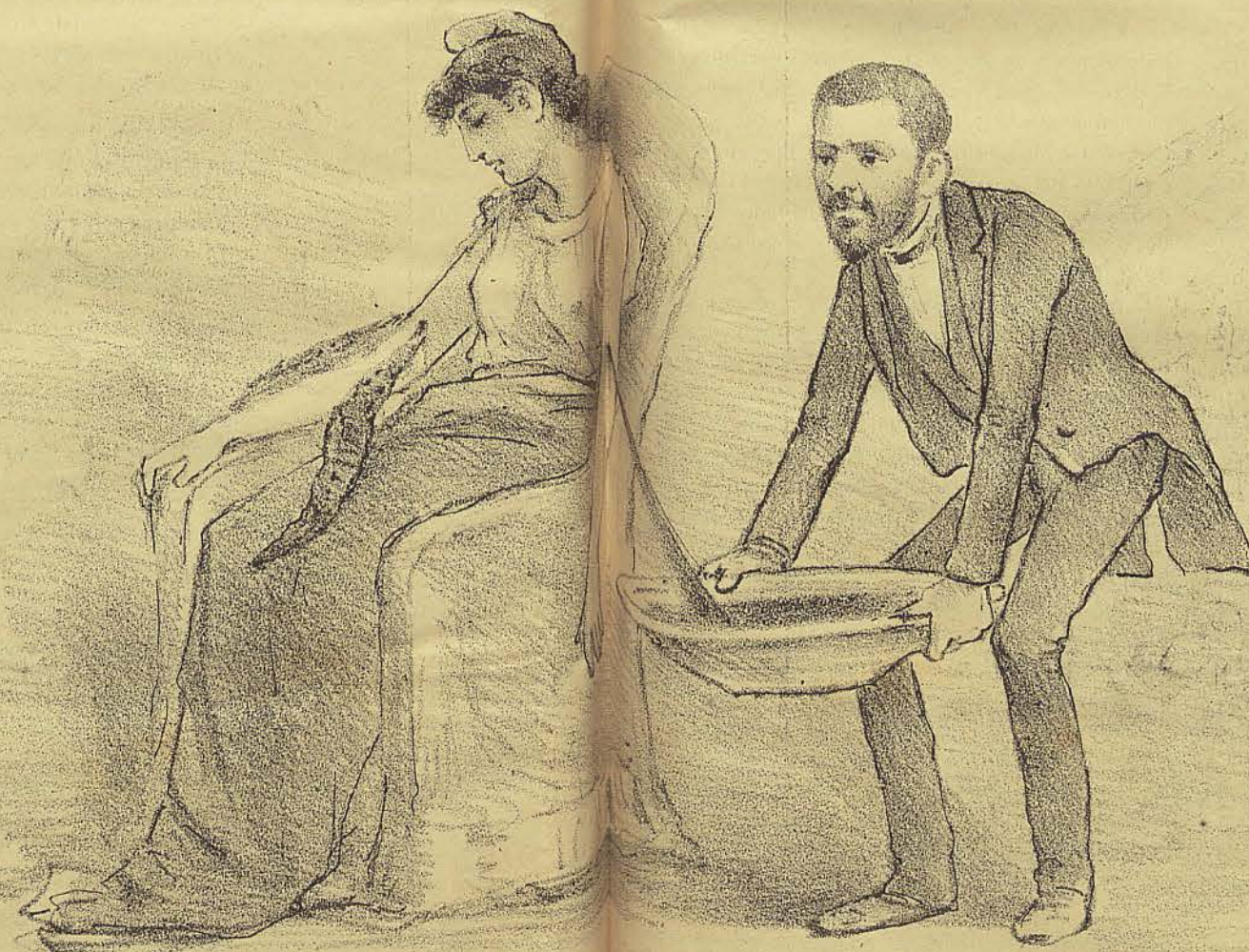
IN-HOC-SIGNO-VINCES

De sorte que prevaleceu o bico de penna, que aureolado por uma significativa inscripção, com o seu pingo de tinta transformou o caso eleitoral em um formidavel ponto de admiração!

Debates

No Senado o Sr. Ladario prepara a rede, com os seus patrioticos discursos, para n'ella apanhar um tremendo torpedo assestado contra o pobre thesouro.

200:000$000

READMISSÃO DOS ALUMNOS

CAMARA

Mas o portador do torpedo, habil em manobras nauticas de corredores, espera dar o furo no *Aquidaban* da rua do Sacramento.

O sabio e terrivel governador do Ri[...]de está neste momento e com todo o positivismo que lhe enche a al[...] aguardando o resultado da sangria de 14:000...! gottas de sangue [...]licada á depauperada Republica.

E emquanto isso, a camara patriotica ensina ao ministro da guerra, de mão espalmada, que não devia ter procedido tão violentamente contra os *innocentes* indisciplinados da Escola Militar. Vai bem, tudo isto!

a sua amasia Maria, da vida alegre da rua Senhor dos Passos.

O commentario é este: pois que elle era cabo — deu cabo d'ella. (Não leiam cabidella, embora a pobre mulher ficasse reduzida a esse estado.)

* * *

Segundo affirmam pessoas bem informadas vem por ahi qualquer dia destes, visitar-nos, a Exma. Sra. D. Monarchia da Restauração.

Preparam-se grandes festejos para recebel-a condignamente, e á sua chegada o seu paladino Sr. A. Celso, será promovido a Excelso.

Damos esta noticia aos nossos leitores, com as precisas reservas.

Os reporters,
ESCENA & MONTRY.

BETTENCOURT SAMPAIO

Finou-se o illustre homem de lettras, o bello poeta traductor de Longfellow. Aliás já ha muito fallecera: desde que entregou-se ao culto exagerado do espiritismo, que entibiou-lhe as forças e tornou-o inapto para o cultivo da litteratura, onde fez renome e poderia ser hoje um dos primeiros.

Alma candida, intelligencia prompta, illustração não commum, desde os tempos da mocidade foi republicano militante—embora não terminasse seus dias deputado ou senador. Sel-o-hia, se tivesse querido: o estado de sitio nomeou mediocridades para o cargo de legisladores. Porque não o seria elle, que era um talento superior?

A' memoria de Bettencourt Sampaio uma saudação amiga e respeitosa.

COISAS

Passam-se os tempos, Jesus, e cada vez tua palavra é mais viva. As verdades que semeaste fizeram fructo; dia a dia a razão que pregaste mais se accentúa.

Entre as coisas que disseram na terra teus labios divinos lembra-me agora a sentença simples—«*conhece-te a ti mesmo.*» Coisa simples e tão difficil! Difficil aos fatuos, aos presumpçosos, aos imbecis. Porém os homens de espirito, os homens de talento, quando fatigados das gloriolas do mundo, quando desviados das vaidades da terra, voltam os olhos para dentro de si e com santa repugnancia vêm o fundo tenebroso da sua alma e se reconhecem.

Foi o que aconteceu ha dias a um illustre deputado por um Estado de... sitio. S. Ex. explorou tudo: colletes de pelle de jacaré e gravatas de noiva; tratou com almas do outro mundo e confessou em versos os seus *peccados*; das sciencias occultas tirou a pedra philosophal — 75 mil reis diarios; mas ao fim de tudo uma só coisa lhe serviu:—a Imprensa.

S. Ex. é jornalista. *Figaro* bravio, sua penna, tezoura afiada, cortou as mais illustres casacas, e foi com essa penna que arranjou sua vida. O que hoje tem, a ella o deve; ella o poz entre os mais luminosos malucos; ella agora ainda distribue todos os dias sciencia barata em typo miudo e gratuitamente. S. Ex. é jornalista, e da altissima tribuna parlamentar onde a sua imprensa o collocou, S. Ex. declarou que a Imprensa era a «*germinação expontanea das podridões.*»

Vês, doce Jesus? como fez fructo a tua divina palavra?

O homem reconheceu-se. Que importa que se não explicasse bem?

O fundo perdôa a forma incompleta. S. Ex. quiz se referir *á sua imprensa, delle*; contricto, S. Ex. que eu sei que é supersticioso, pouco confiante na sua saude atacada de jacobinismo agudo, entrevendo abertas as portas do Hospicio, bate nos peitos e conhece-se a si mesmo.

Perdôa-o, meigo Jesus. Não foi com um pouco de barro que tu amassaste o corpo do primeiro homem? Perdôa-o.

E tu, deputado, que enfim descobriste a tua origem, agora que nos publicaste quem és em verdade... vai em paz!

E ás moscas, se quizeres.

FORTUNIO.

RABISCOS

A eleição...

Ora a eleição! O povo viu perfeitamente como trabalharam os bicos de penna, e como os relogios sabem adiantar-se a tempo e a deshoras, e como o Sr. Werneck Imperfeito pagou ao funccionalismo municipal, exactamente na vespera do dia da eleição...

Sabe-a fazer, esse parteiro emerito! Praticou uma versão, *comme il faut*; e depois, com o seu adestrado forceps, saccou cá para fóra o bento corpinho do Sr. Timotheo, que já agora é deputado —e de tal modo, que ninguem se lembra mais do Sol Posto nem da Maria de Macedo.

Pesames ao Timotheo!

Parabens a Wer... gonha do 2º districto eleitoral do nosso municipio, que sahiu triumphante do pleito, demonstrando que desejava suffragar o nome do escolhido do povo e só não o fez porque a trapaça official e administrativa impediu-lhe o livre exercicio do seu direito.

Ora a eleição!

* * *

Melhor é fallar do Pedagogium, esse estabelecimento que graças aos esforços do insigne pedagogista Dr. Menezes Vieira, inaugurou esta semana a sua nova casa, onde exhibe um verdadeiro museu escolar que é honra e gloria dos progressos do ensino entre nós.

E tambem da sessão solemne realisada pela Academia de Medicina em homenagem á memoria do sabio Pasteur, um benemerito da humanidade.

N'esta sessão houve um certo excesso de rhetorica... Uns discursos muito longos, muito *caceles*; mas é tão razoavel e tão justo esse excesso! O medico brazileiro é estudioso por temperamento e enthusiasta por natureza: não explica isso o *èntrain* da vis discurseira da nossa classe medica, empenhada em dar solemne prova de respeito, amor e consideração á memoria do illustre morto?

* * *

Prova de que, mais rhetorica menos rhetorica, tudo dá na mesma, temol-a na proposição archi-extravagante emittida na camara pelo Sr. Medeiros e Albuquerque, deputado pela manhã e jornalista á tarde, e proposição relativa á imprensa entre nós.

A seu vêr, do referido cavalheiro, a imprensa é a germinação expontanea das podridões...

Uma opinião, não ha duvida. E uma opinião que colhe ao mesmo tempo o deputado Alberto Torres, que de um dia para outro revelou-se um jornalista de pulso, habilissimo, feliz na phrase, justo nos conceitos, adoravel na fórma, e que da *Noticia* é o primeiro adorno —e tambem colhe o mesmissimo Sr. Medeiros de Albuquerque, vindo da imprensa e que na mesma imprensa vive.

Milagres das siencias occultas.

* * *

Milagre igual ao que estamos muito proximos a admirar, no dia em que a monarchia saûdada em banquete em S. Paulo, vier felicitar e recompor este desastrado paiz.

Os monarchistas reunidos em um hotel da terra dos Andradas—dos Andradas, os prohomens da liberdade patria! – já levantaram *hosannahs* á imperatriz do Brasil..., e n'esta capital faz-se propaganda clara em favor do antigo e já agora novo regimen.

E' difficil crer que esta cousa passe de um brinde, platonico, e de um jantar arranjado para espantar os tolos. A Republica está feita; mal executada, mal servida, desastradamente administrada—mas está feita—e é de crer que aos gritos de *viva a imperatriz Izabel!* ou *viva Pedro 3º!* emittidos por convivas de jantar em estreita sala, corresponda um unico grito, espontaneamente levantado por todos os brasileiros, de norte a sul:

— Viva a Republica!

* * *

Já agora...

LÉO.

CARTA

Ao Exm. Sr. Dr. Aarão Reis, muito digno director geral dos Correios

Exm. Sr. Dr.—Aqui ha uns tres quinze dias recebemos uma delicada e amavel cartinha de V. Ex., na qual V. Ex. nos dava a honra de participar-nos que fôra nomeado director dos Correios e pedia-nos que o auxiliassemos no exercicio de seu novo cargo, instruindo-o sem demora sobre qualquer irregularidade ou embaraço no serviço confiado aos subordinados de V. Ex.

Pois que até agora não hemos respondido á carta de V. Ex., supporá V. Ex. que ella se tenha extraviado... Não, Exm. Sr.; a carta não veiu pelo correio—nos foi entregue por mão propria. Sómente, nós demorámos esta resposta, esperando vêr se, com a sua direcção os serviços dos correios deviam melhorar, e de tal arte evitada seria a grande somma de reclamações que a respeito temos o direito de fazer.

E é com desprazer e lastima que o dizemos, Sr. Dr: Aarão Reis:—o serviço não melhorou, peiorou grandemente, pelo menos com relação ao *D. Quixote*.

Saberá V. Ex. que esta folha já conta um crescido numero de assignantes por esses Brazis afóra, e que dia a dia cresce a sua circulação, para desespero de muita gente, que de bom coração applaudiria a cessação de seu desenvolvimento e prosperidade.

Ora bem. Succede exactamente que quanto maior numero de nomes accusa o nosso livro de assignaturas—menor numero de entregas accusam os nossos assignantes!

Isto, que parece um disparate, um perfeito paradoxo de jornalista, obedece a uma causa unica: é que ninguem nos admira tão profundamente, ninguem nos ama com tanto ardor, ninguem nos applaude com tal vivacidade—como os empregados da repartição de que è V. Ex. muito digno chefe!

As queixas repetem-se com tal frequencia que nos desespéram; as reclamações são tantas, succedem-se em tão elevado numero, que levam-nos por vezes a mandar para o diabo os empregados do correio... e sem licença de V. Ex.

E' que isto já é demais!

Assignantes contamos, que durante mezes não recebèram nem um numero; collecções inteiras, cuidadosamente encerradas em *enveloppes* especialmente preparados, desapparecem como pór encanto, como se fossem um simples alfinete perdido nos intangiveis fundos das malas incommensuraveis que servem ao transporte da correspondencia postal! Folhas registradas, pagando um excesso de porte, somem-se nos cubiculos do correio, quaes personagens de magica que se afundam pelos alçapões e encerram-se no porão mal cheiroso do theatro Sant'Anna!

V. Ex. ha de convir comnosco, Sr. Dr. Aarão Reis; isso é demasiado aterrador, e enormemente prejudicial para nós outros, que entregamos confiadamente ao correio o producto do nosso trabalho honrado e do nosso espirito saltitante, e ao fim e ao cabo o Sr. Correio deixa-nos ahi assim, como o senado pretende deixar qualquer almirante Gonçalves—a vêr navios.

Pedir-nos-ha V. Ex. que lhe digamos quaes os empregados culpados, onde e como se fazem essas subtracções, que tão grave prejuizo nos trazem. Respondemos a V. Ex. que não podemos, nem deveriamos fazel-o, e por tres razões cada qual mais pertinente:

Primeira: E' que não seriamos dignos nem generosos denunciando aquelles amabilissimos empregados que, movidos unicamente pela admiração fervorosa que nos consagram, entendem de tomar para si os numeros do *D. Quixote* que passam por suas mãos, jurando que os guardarão comsigo até ao tumulo, porém que jamais os entregarão a seus respectivos destinatarios;

Segunda: E' que pagando nós outros ao correio, e não pouco, para effectuar o serviço de transporte e entrega; não a nós, mas a V. Ex. que é retribuido para fiscalisar tal serviço, incumbe o trabalho de pesquiza e as subsequentes medidas de repressão e de garantia para nós;

Terceira: Porque effectivamente não sabemos onde é que se dá a escamoteação, si aqui na rua Direita, si nos pontos de destino, em Cascas d'Alhos ou alhures, nem mesmo podemos comprehender como com tal *facilidade* se praticam essas falcatrúas, que no Codigo Criminal acham-se subordinadas a um titulo ao mesmo tempo triste e feio:—furto.

O que desejamos e instantemente solicitamos de V. Ex. é simplesmente o seguinte: que V. Ex. aconselhe aos amabilissimos empregados do correio que de ora avante applaudam com menos enthusiasmo os nossos engraçados bonecos—e entreguem com mais exactidão o *D. Quixote* aos seus estimaveis assignantes.

Temos o direito de dirigir-lhe este pedido; ainda ha poucos dias, sabe-o V. Ex. muito bem, fomos multados pelo facto de receber uma carta, que não havia sido competentemente franqueada com valor declarado: escravos da lei pagámos a multa, ainda que não soubessemos até agora quaes os empregados a quem V. Ex. haja multado por haverem furtado numeros e collecções inteiras do *D. Quixote*—muito amavelmente, mas tambem muito descaradamente.

E com esta enviam muito saudar a V. Ex. e a V. Ex. apresentam os seus mais elevados protestos de consideração, os humildes contribuintes que compoem a

Administração e Redacção do D. Quixote.

THEATROS

Ora afinal de contas, e graças sejam dadas aos deuses de minha devoção, já tenho uma novidade a registrar nesta secção expressamente codsagrada aos theatros:

Reabriu-se o Eden-Lavradio, e com uma peça nova — *O Poço Encantado*, na qual peça a Sra. Pepa dos Dezoito novamente apresentou-se aos seus muitissimos admiradores.

⁂

Os annuncios respectivos dizem que a mesma Sra. Pepa desempenha o papel do protogonista; e assim, quem ainda não foi ao Eden, e mesmo quem já lá esteve, pergunta muito naturalmente: é a Sra. Pepa quem faz o papel de Poço?

Não, meus senhores; a Sra. Pepa não é o poço; antes pelo contrario: quem sahe do poço, com ares de Verdade, e muito magra e muito angulosa, é a Sra. Maria Alonzo, que effectivamente... não lhes digo nada, apezar do seu bonito palmo de cára — benza-a Deus.

Antes fosse a Sra. Pepa: tão elegante de fórmas, tão bem feita de corpo! Para representar a Verdade, *núa* e crùa, estava mesmo a calhar... Quem não iria ao Eden todos os dias, ou todas as noites?

Até eu, não me julgaria infeliz se todos os dias, ou todas as noites, como já disse, tivesse de cahir no *Poço*...

⁂

A peça não é má; tem graça e faz rir, que é justamente o que busca o nosso publico, *azabumbado* por tantas contrariedades politicas, commerciaes, financeiras... e outras.

Infelizmente o desempenho não orça pelas mesmas raias, e fóra a Balbina — que é a nossa melhor caricata—, a Pepa, o França e o Nazareth, tudo o mais póde ir para a cesta dos papeis velhos.

⁂

Deu-nos o Apollo uma nova edição da velha *Mascotte*. Não se póde dizer que com esta *reprise* houvesse ganho a felicissima operetta, que ao Heller forneceu centenario e boas receitas. E se não ganhou a operetta, ainda menos ganhou o publico.

E' que tirando dalli o Mattos, sempre correcto no papel de Chrispim, os restantes não fizeram o que se possa chamar brilhaturas.

A Sra. Blanche Grau foi victima de um deploravel engano: suppoz que estava a representar o seu papel na *Princeza Colombina*, no primeiro actó! e assim no trage, nos ademanes, nos gestos, nas maneiras, parecia uma Flôr de Abril disfarçada — ou uma fidalga que nem sabe disfarçar-se em creada, aos pulos com os tamancos e dando á voz um tom que não era lá muito para agradar.

Pobre Betina!

O Machado andou ás voltas com o Simão XL; e, cai daqui, esgares para acolá... fez-nos um favorão: esquecer-nos completamente do inimitavel Guilherme de Aguiar: é que nem de longe aquillo poderia ter ligeira semelhança com a creação explendida do fallecido artista.

A Sra. Miola fez de homem... Bem? Mal? Digam os entendidos.

Cá por mim, e com a franqueza que me caracterisa: não gostei.

⁂

E que mais, depois d'isto?

Mais nada.

As mesmas cousas no Recreio, no Variedades as mesmissimas cousas.

N'este ultimo theatro, o que ha a observar é um caso eminentemente curioso: é a *quéda* da empreza pelos dramas que se chamam Joanna, Joanna assim ou Joanna assada, simples ou com leite, doida ou padeira, rica ou pobre, fidalga ou plebéa!

Vejam:...

Estréa com a *Joanna Fortier*, padeira; annuncio da proxima exhibição da *Maria Joanna*, a mulher do povo; representações successivas da *Joanna, a douda*...

Se não é idéa fixa, é um phenomeno singular, digno de ser meditado e estudado pelos que entendem da cousa.

Dirão os gaiatos e terão razão, attendendo á predilecção manifesta, imcomprehensivel e extranha, que aquelle Variedades—é.... o da Joanna.

⁂

E com esta, bôas noites.

TONY.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

A Estação, antigo e apreciado jornal de modas, editado pela casa Lombaerts & C.ª, n. 15 do anno XXIV, correspondente ao dia 15 do corrente mez de Outubro. Enceta a vigesima re-impressão do interessante mas antiquissimo conto de Arthur Azevedo—*Um Capricho.* Um conto de cabellos brancos.

A Revista Illustrada, anno 20°, n. 693, que traz em suas paginas centraes um bello quadro allegorico em prol da liberdade de Cuba— pela qual fazem votos ardentes todos os filhos da livre America.

Novo Primeiro Livro de Leitura, segundo o methodo do barão de Macahubas, publicado por seu filho e digno successor, Dr. Joaquim Abilio Borges. Não ha negar que é um methodo simples, facil e intuitivo, que á primeira analyse traz naturalmente ao espirito do leitor a condemnação da pratica antiga, obsoleta e falsa, para o ensino do A. B. C., na qual o talento infantil encontrava difficuldades que pelo systema Macahubas trasformam-se em aprazimento e diversão adequada às primeiras idades.

Varias Historias, collecção de dezeseis mimosos contos do grande mestre Machado de Assis, e de que nos occupamos em outra secção mais detidamente, como exige a sua importancia; limitando-nos aqui a notar a edição da casa Laemmert—nitida e caprichosa.

Sul-Americana, schottisch de Nicolino Milano, editada pela casa I. Bevilacqua & C

Alma Alheia, contos de Pedro Rabello, editados pela casa Mont'Alverne. Fallaremos opportunamente, se n'este mesmo numero não pudermos desempenhar-nos da obrigação.

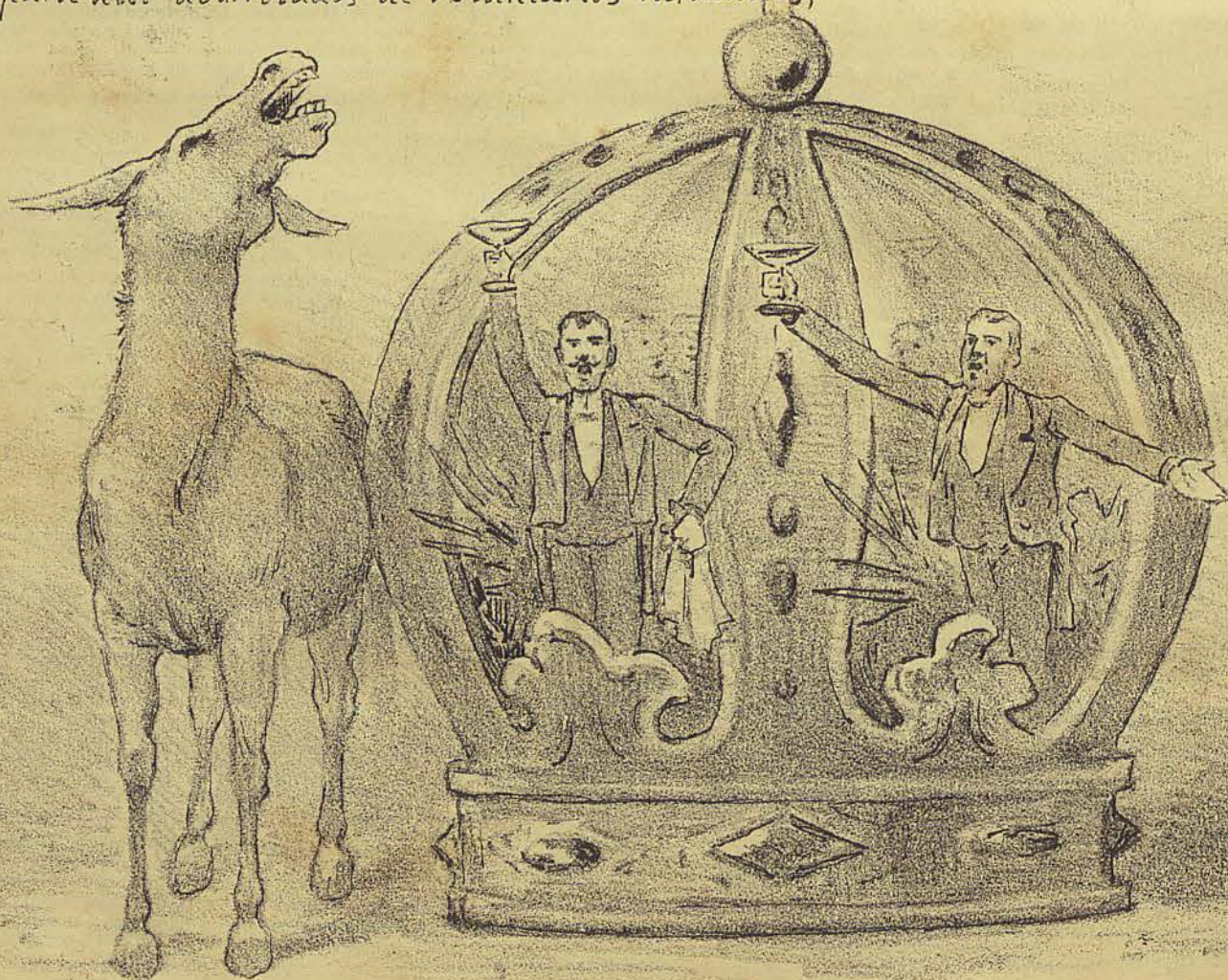
L'Etoile du Sud, numero 473, de 12 de outubro corrente. Bom, excellente artigo acerca da amnistia restricta e... (Eh! bien, Morel? Qu'est ce qu'ça veut dire? Pas même un petit mot pour ce *D. Quixote,* que dans le dernier numéro a eu un bon souvenir pour *l'Etoile?* Va.... ingrat! Nous nous en vengerons sur la jambe, l'autre, que est au Cajú, nom de Dieu!)

Lesões de direitos individuaes, acções de nullidade no juizo seccional, em que são autores o capitão de fragata Lima Barros, capitão-tenente Sydney Schieffer, primeiros tenentes Nelson de Vasconcellos, Themistocles Savio, major Alexandre Barreto, capitão Jonathas Barreto e Dr. Arlindo de Souza. E' trabalho que demonstra e honra a competencia do illustre advogado, nosso collega de imprensa, Dr. Cavalcanti Mello.

Primeira Gavotta de Barroso Netto, offerecida a seu mestre Frederico Mallio. Musica impressa com nitidez e elegancia pela casa Vieira Machado & Cª.

Tambem recebemos,—offerecido pela casa Alhadas & Cruz, um frasco da *Gaúcha,* uma especie de cognac distillado do summo das laranjas. Este não foi para a estante — mas para a *parte de dentro.* Saborosissimo.

Typ. L'Etoile du Sud, *r. S. José 102*

Em quanto a formosa Cuba bate-se valentemente pela liberdade, no intuito de formar a completa hegemonia republicana da America, apezar dos São Fernandos que partem para alli abarrotados de voluntarios recrutados,

Em S. Paulo, em um banquete, levantam-se vivas á monarchia ... de fim de brodio. Teremos de assistir a uma nova bestialisação do povo?

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 38

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini. R. OVIDOR, 109

200:000$

ESPERANÇA

(Desenho d'um contribuinte) copia

— Maldicto azar!

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno.......	24$000
Semestre	12$000	Semestre...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitarnos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o *D. Quixote* a... olho (e ha muitas !...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 26 de Outubro de 1895

A CHIMERA MONARCHISTA

Surge, ou pretende surgir, no horizonte um partido politico, que até agora se esquivára, quasi absolutamente, de discutir idéas e de pleitear eleições no seio da Republica. Referimo-nos, já se vê, ao partido monarchista ou restaurador, de cujas esperanças se fez porta-vóz o intelligente e distincto Dr. Affonso Celso Junior em dous artigos publicados no *Commercio de S. Paulo*, e de cuja existencia parecem ter querido dar testemunho os convivas do banquete da *Rotisserie* de S. Paulo.

Como era natural, a novidade suscitou interesse, e os adversarios não tardaram a descer á arena, uns já de lança em riste, promptos para acceitar o combate, outros atirando de passagem uns dardos de ironia e motejo, que são os prenuncios de luta mais renhida.

Claro é que esta folha, sentinella avançada da liberdade e herdeira de tradições gloriosas, não póde nem ha de assistir impassivel, indifferente, a tão importante peleja.

O Sr. Dr. Affonso Celso Junior, outr'ora paladino dos principios republicanos nas discussões academicas e no seio da propria camara monarchica, por singular antithese, parece ser hoje não só um dos mais enthusiastas como dos mais convencidos defensores da idéa restauradora. « O restabelecimento da monarchia, diz elle, é não só indispensavel, mas *infallivel*, corramos a postos !

Parece-nos que o illustre moço, convertido pelo infortunio politico de seu pae, não menos illustre, illude-se redondamente nos seus vaticinios, deixando que o coração lhe falle mais alto do que a razão.

Aquillo que não foi possivel e não se fez emquanto vivo o imperador, brazileiro por muitos titulos respeitavel e indubitavelmente estimado pela nação, hoje é mais do que uma chimera, e póde dizer-se talvez, seria hoje um absurdo, sinão a maior das calamidades.

Ha tres argumentos poderosissimos para demonstrar o que ahi vae dito: a falta de um candidato idoneo; a autonomia adquirida pelos Estados no regimen republicano; a força já respeitavel, do partido republicano.

1.º Fallece o candidato idoneo, porque a princeza D. Isabel e seu esposo, não conseguiram captar a sympathia do povo brazileiro, e seus filhos são moços de cujas aptidões ninguem póde estar seguro. A nação brazileira quereria por ventura dar um salto no escuro, atirando-se nos braços de uma soberana impopularissima ou nas aventuras inherentes ao governo de principes inexperientes? Impossivel.

2.º Si a monarchia fosse hoje restabelecida no Brazil, ou tentaria voltar ao regimen centralisador do passado, que foi uma das causas de sua ruina, ou manteria a federação das provincias com a autonomia larguissima, que a Constituição de 24 de Fevereiro lhes conferiu. Na primeira hypothese veria,levantarem-se contra si vinte Estados que não se resignarão jamais a perder os elementos de grandeza e progresso que ganharam no regimen republicano. E teria meios de resistir a esse embate? Impossivel. — Na segunda hypothese, a chamada monarchia seria um simples castello de cartas, exposto a ser derribado pelo primeiro homem de coragem que se quizesse pôr á frente de uma nova campanha democratica. E a monarchia acceitaria esta situação ridicula? Impossivel.

3.º Não estamos em 1895 nas condições de 1889, em que o partido republicano era uma esperança e não passava de um punhado de homens apaixonados por um ideal. Esse partido cresceu, avolumou-se, ramificou-se largamente por todo o Brazil deante da prova de que a republica é uma realidade possivel. Com rarissimas excepções, a mocidade inteira abraçou enthusiasticamente as novas instituições, e constitue um exercito que estará prompto a bater-se por ellas. Dos antigos, que serviram ao paiz no regimen monarchico sem adorações fetichistas, muitos, muitissimos são, os que convencida e lealmente adheriram á republica, e portanto não é n'esse grupo de homens honestos, que o sebastianismo irá encontrar defensores.

Graças a taes elementos, o partido republicano conta presentemente com um pessoal numerosissimo e não só apparelhado para as luctas da palavra e da imprensa, sinão ainda para encontros mais serios.

A idéa restauradora suppõe acaso que uma aventura qualquer encontraria hoje a nação *bestializada*, como achou no dia 15 de Novembro de 1889? Ainda uma vez, impossivel.

Convençam-se portanto,os monarchistas de que luctarão debalde, si pretenderem outra cousa que não seja a critica e a fiscalização dos actos da Republica para que ella se consolide e faça a felicidade do povo brazileiro. Tudo o que não fôr isto, será contribuir para o descalabro completo da nação, correndo atraz de uma chimera.

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DO « D. QUIXOTE »)

TONY A LÉO

Descobri razão mudez senador Barata.

LÉO A TONY

Ora! Isso, eu tambem: senador Barata mudo por inda ter lingua presa...

TONY A LÉO

Nunca! Lingua d'elle bem solta até...

LÉO A TONY

Então porque é mudo? Dize

TONY A LÉO

E' que em pequeno metteram-lhe ovo fervendo na bocca...

LÉO A TONY

Pobre senador! Como fizeste descoberta tão importante?

TONY A LÉO

Vi, tem horror ovos quentes: para Barata senador ovo quente é recordação cara...

LÉO A TONY

— Vai contar *Cidade do Rio* pagará bem tua reportagem.

O estacionario,

ORÓ WESTERN.

Projecto de lei

Ouvimos dizer nos corredores da Camara, que um illustre representante da nação vae por estes dias apresentar o seguinte projecto de lei:

Considerando que nada perturba mais a tranquillidade das familias, e portanto a ordem e o progresso do paiz, do que a zanga dos meninos castigados pelas suas estroinices;

considerando que esse direito de punir travessuras exigido pelos professores e pelos paes é um abuso inqualificavel e um desrespeito á constituição;

considerando finalmente que a liberdade de cada um fazer o que entende, si é irrecusavel para os marmanjos que manejam a ferula, é tambem um direito sagrado da meninada, e um caracteristico do nosso regimen ultra-democratico;

O Congresso decreta:

Art. 1.º Serão izemptos de toda a pena os desacatos feitos pelas crianças, ou seja em suas proprias casas ou nos collegios que frequentam.

Art. 2.º Os paes e professores que ousarem punir esses pimpolhos gloriosos da nação e futuros baluartes da nacionalidade, serão privados de suas funcções por indignos, e condemnados a desterro para o kilometro 65 ou para a fortaleza de Santa Cruz em Santa Catharina.

Art. 3.º Haja ou não haja vaga, sôbre logar ou não sôbre, os illustres fedelhos—espe-

rança da patria regenerada pelo consolidador do caracter nacional—, serão admittidos nas escolas, nas repartições publicas, no seio do Congresso, na magistratura e no professorado, desde que revelem essa pretenção e provem que foram vaccinados.

Art. 4.º Sendo a materia por sua natureza impenetravel e podendo succeder que não caibam todos, novos e velhos, nas mesmas repartições, o governo despedirá incontinente os monotonos e pacificos servidores para que fiquem nos logares os joviaes e trefegos meninos, que dão vida e movimento à sociedade, alegram as secções dos jornaes e divertem o publico.

A Semana

Puxou d'aqui, puxou d'alli,
Mas afinal appareceu...
Dir-me-hão—Tão gorda eu nunca a vi!
Digo—Tão magra a não vi eu.

Que tempo immenso a coitadinha
P'ra vir á rua consummiu,
Mas ella estava tão na espinha
Que, nem sei como não cahiu.

E era uma bella rapariga
Quando de si deu que fallar;
Entrou no mundo e lógo a intriga
Entrou com ella a trabalhar.

Alguns queriam-n'a completa,
Outros um só pedaço ter;
E a pobre feita uma peteca
Não sabe como se ha de haver.

Puxou d'aqui, puxou d'alli,
Mas afinal appareceu...
Dir-me-hão:—Tão gorda eu nunca a vi!
Digo:—Tão magra a não vi eu.

Demorou muito, ella o confessa;
(A quanto tempo viera a Paz!)
Porém, ao verem-n'a com pressa,
Os homens davam-lhe p'ra traz.

Veio calçada de tamancos,
De saia curta e cascaveis,
Aos trambulhões, vaiada, e, mancos,
Errando o passo, ambos os pés.

Oh! amnistia caricata!
Oh! formidavel aleijão;
Precisas muito de uma errata...
E na primeira occasião.

No Senado fundou moradia
O almirante que a patria salvou.
Não descança nem noite, nem dia
De lembrar o favor que prestou.

Fez o Chefe real beneficio,
Quer a paga daquillo que fez,
Mas alguem conhecendo-lhe o officio.
Busca apenas perder o freguez.

E Gonçalves não deixa o Senado
— Pois já viram cacete peior?
Quando Seixas cobrava o fiado,
Nunca foi tão feroz cobrador.

Oh! Gonçalves, ao mar, vê se deixas
O Senado trabalhar em paz;
Porque tanto cobrou, vês o Seixas,
O que diz, o que quer, o que faz?

Já andamos tontos,
Com as tuas contas não podemos mais,
Esquece, oh! Chefe, esses duzentos contos
Integraes.

* * *

Oh! Alagôas, terra do Oiticica!
Oh! Alagôas, terra do major!
Por ti a Patria andou de trica em trica
E andámos todos de mal a peior.

O teu governador á noite fica
No chão; de dia eil-o governador,
Oh! bella terra de milagres rica,
Que sorpresa nos queres dar maior?

Arthur já disse que nenhum alumno
Tomou parte nas tuas sedições;
Comtigo, Arthur, pelos meninos juro.

Mas se alumnos não ha naquella terra,
Dize-me, Arthur, como ha revoluções?
Como, Arthur, é possivel que haja guerra?

F. MENDES.

AMNISTIA

Estamos de accordo com os nossos collegas do *O Paiz* que achavam o Senado inexhoravel para com os ex-alumnos, briosos defensores e consolidadores da Republica.

O Senado rejeitou o projecto que mandava readmittir as innocentes creanças que uma vez por troça debicaram a disciplina militar, velha e carrançosa pulha, hoje absolutamente varrida dos quarteis do mundo civilisado. E isto justamente quando se votava a amnistia aos revolucionarios de Setembro que passavam uma vida de rosas ás margens encantadas do formoso Rio da Prata.

Tem razão o nosso meigo collega. Tambem a culpa cabe em parte áquella associação malvada que votou uma amnistia tão restringida que mal alcança aos proprios para quem foi feita.

Não será fóra de proposito lembrar que nacturalmente a vingança entra em grande parte na resolução que o Senado acaba de tomar, pois já uma vez a Camara dos Deputados foi vaiada de rijo, uma pateada de primeira ordem, por pouco não apanharam os deputados e o pobre do Senado, coitado! nem sequer teve a honra de um assobio.

Que a Camara, portanto, pague a sua divida de honra, o Sr. Glycerio tem costas largas.

Conte o nosso collega sempre com a nossa adhesão e em occasiões justas, como a que hora se manifesta.

E'-nos grato tambem aqui assignalar, por isso que comprova o que acima dissemos o elogio do Sr. Ministro da Marinha ao Dr. Irineu Machado, por ter outro dia no cemiterio de S. João Baptista passado uma formidavel descompostura no Sr. Presidente da Republica.

Serviços como esse, merecem a recompensa honrosa que o illustre genro do Sr. Ministro das Relações Exteriores acaba de obter.

Para completar a obra esperamos que não seja esquecido pelo Sr. Ministro do Interior o Sr. Raul Pompéa.

L. D.

COISAS

N'aquelles tempos do imperio, dizia-me sempre um conselheiro: — « Fique certo de que eu só não fico doido, porque não tenho juizo. »

Discreto conselheiro! Que dizias tu, amado velho, se te visses como eu, aturdido com o pagode de Amapá, com as tartarugas da Trindade, com a amnistia jacobina?

Com effeito, não me entendo, nem a mim, nem a ninguem. Ainda ha dias, amnistia votada, Itamaraty contente, telephones e telegraphos em contradansa, tudo em paz, um jornal annuncia que o Sr. Ministro da Guerra fez um presente ao Sr. Presidente da Republica...

Ora advinhem que foi que o Sr. General Vasques offereceu ao Dr. Prudente de Moraes.

Sabem o caso do cego? Pois la vae:

Perguntaram a um cego de nascença que idea fazia da côr vermelha. O homem concentrou-se, pensou, pensou e respondeu convencido: « E' uma coisa assim... *buum!...* »

Que disparate! exclamarão; pois não puderão deixar de imitar esse cego para responderem que foi que o Sr. Ministro da Guerra offereceu ao Sr. Presidente da Republica.

Depois de passada a amnistia, depois de confirmada completamente a paz, o Sr. General Vasques offereceu ao Dr. Prudente de Moraes simplesmente uma espingarda Mauser, typo moderno, com não sei quantos mil cartuchos.

Não me preoccupa o Sr. Ministro da Guerra, preoccupa-me o embaraço em que ha de estar á estas horas o illustre magistrado, honrado e pacifico, que dirige os destinos da nossa terra.

S. Ex. não atina com o sentido occulto do presente, nem atina com o sentido, nem atira com a espingarda.

S. Ex. ha de se lembrar que sempre, depois da casa roubada, é que se põe trancas na porta, por isso a espingarda veio tarde. Para que essa arma, si S. Ex. já déra o tiro de honra?

Será, pensará attonito o Dr. Prudente, para que eu passe o poder e vá matar... o tempo que me sobra?

Que symbolo encerrará essa maldita espingarda?

Triste lembrança a do Sr. Ministro da Guerra!

Nunca me hei de esquecer que o diabo matou a avó com uma espingarda sem fecho, que dirá, essa que é moderna, e dá um milhão de tiros por minuto.

A monarchia, velha alquebrada e ridicula, apresta-se para dar combate, coitada! mal se pode ter nas pernas! A Republica serena e consciente da sua força

contempla o batalhão d[illegible]çada que vem a toda.... montado em tartarugas. Oh! velha in[illegible] lembra-te do adagio latino:— *Senectus est morbus*.

A postos está a Patria nas suas gloriosas tradicções nacionaes.

A hydra do jogo continua na arena, mas parece que o Hercules que já lhe cortou uma cabeça, não deixará a cláva sem liquidal-a de uma vez. Pau nos *bichos*....

No Senado, o illustre Snr Moraes e Bar[illegible]ara-se, a cacete, contra as sanguesugas. O Brazil verga á carga da divida da uniã[illegible]

e ainda por contrapeso duas amigas ursas divertem-se nas suas costas! *Rira bien qui rira le dernier*

Sr. Dr. Prudente, mande a arma cá para a nossa redacção—Ouvidor, 109, *D. Quixote*—, o primeiro jornal illustrado do mundo.

GATO-PRETO.

CARTA

Ao Exmo. Sr. Dr. Aarão Reis, muito digno d e tor geral dos Correios:

Exmo. Sr. Dr. — No nosso numero 37, escrevemo-vos uma extensa carta que, por certo vos dignastes de lêr, na qual pedimos a vossa attenção, *e as vosssas providencias tambem*, para o procedimento inqualificavel, senão já abusivo e até violento que, cada vez que se publica a nossa folha, se dá na grande repartição ao vosso cargo.

O Correio que administrais *muito bem*, sempre que passa por lá uma grande phalange dos intrepidos *D. Quixotes*, faz a muitos d'elles prisioneiros. Isto já não é simplesmente, bonito, já é heroico!

Escrevemo-vos longas linhas. Para que serviram, porém? A phalange continua guerrilhada no Correio, e assim se dizima uma boa porção dos nossos numeros. Que mal vos fizemos e ao vosso povo?

Lesaes ou lesam constantemente o nosso direito, a nossa propriedade e, sobretudo, nos ponde ou nos põem nas mais apertadas difficuldades de administração.

Talvez, amanhã, grande numero de assignantes nos acoimem de impontuaes, descuidosos ou negligentes.

Parece que é fado do *D. Quixote* sempre lutar!

Prosegui ou prosigam em atacar, e a offensiva estará depois comnosco.

A sua lança é infallivel: o *D. Quixote* vencerá.

A ADMINISTRAÇÃO.

A POSTOS

Este grito que sahiu dos pulmões do Dr. Affonso Celso é mais serio do que pensamos. A monarchia vem ou não vem?

Os chefes restauradores já teem manifesto prompto, apenas um não crê na volta do velho regimen. Dizem que este S. Thomé é o Sr. Ferreira Vianna; eu não affirmo, mas não duvido. Macaco velho não mette mão em combuca.

Porque duvida o Sr. Ferreira Vianna?

S. Ex. foi ministro como é ministro agora o Dr. Carlos de Carvalho, S. Ex. vê como o Dr. Carlos de Carvalho está dando a Republica aos pedaços a *old England*.

Se a montanha não vem a Mahomet, Mahomet vai á montanha. Se a monarchia não vem até o Brazil, o Brazil vae até a monarchia, ou a uma potencia monarchica, que vem a ser o mesmo.

Para começar o Sr. ministro das relações exteriores está tratando de entregar a ilha da Trindade a rainha Victoria

O Gabinete de Sainte James, ja declarou que só uma autorisação do parlamento fará entregar-se ao estrangeiro (o estrangeiro somos nós) *qualquer territorio já encorporado ao territorio nacional.*

Ora ahi está.

Padece ainda duvida de que a Trindade já é monarchica?

Pois a cousa vai assim, aos poucos, até ficar tudo de uma vez sob o regimen da monarchia... ingleza.

Sr. Ferreira Vianna, attende bem na capacidade do nosso ministro das relações e não abandone os seus companheiros que contam com auxiliar tão dedicado.

O Brazil é do Sr. Carlos de Carvalho, elle quer a monarchia, a monarchia voltará.

A postos!

KON PRADO.

GILLIAT DA RUA DA ALFANDEGA

Ha poucos dias o circumspecto *Jornal do Commercio* noticiando o facto extraordinario de estar um homem, sosinho e sem que ninguem désse por isso, a reconstruir toda a sua casa, á rua da Alfandega, aproveitou o ensejo para louvar o delegado Bartholomeu,que descobriu a habilidade do sujeito, embora elle só trabalhasse altas horas da noite, e assim concorreu para que a multa da prefeitura cahisse de rijo sobre o costado do homem. E terminou o *Jornal* por chingar esse trabalhador emerito de—*avarento sordido!*

Bem se vê que quando V. Hugo escreveu os seus *Trabalhadores do Mar*, em que se encontra a bellissima creação de Gilliat, não conhecia ainda o *Jornal*, nem o Sr. Bartholomeu, nem a prefeitura, nem o sordido aváro... Se os conhecesse, não faria a apotheose d'aquelle typo que á custa de seus esforços, elle só, conseguiu safar um navio encravado n'uns cachopos terriveis. e realisando assim uma operação gigantesca, admiravel, genialmente descripta pelo grande poeta!

E' que, cá por mim, que nada entendo dos commentarios que á imprensa diaria cabe fazer a todos os factos que lhe cahem sob o escalpello afiado e moralisador, tenho que o homem da rua da Alfandega era um novo Gilliat, a quem não convinha de nenhum modo fazer-se encontradiço com a *pieuvre* da municipalidade, e que o seu herculeo trabalho merecia um qualificativo qualquer, menos aquelle, injusto e cruel.

Effectivamente, um individuo que sósinho sem auxilio de mais ninguem, carregava todas as noites o pesado material de que carecia, e sosinho, sem nenhum ajudante, reconstruia a sua casinha, fundando alicerces, levantando paredes, rasgando portas e janellas, tudo sem que da rua nada se percebesse, pois elle trazia hermeticamente cerrada a frente da casa, e trabalhava á surdina, sem dar escandalo—esse individuo é um espirito forte servido por um corpo fortissimo, e está mesmo a pedir, não um Bartholomeu que o processe — mas um Hugo que o celébre.

Agora, chamar a esse operario valoroso, a essa mascula organisação, a esse temperamento eminentemente laborioso—um aváro sordido —é, sobrerepisar uma chapa rustida que ordena que este qualificativo repugnante acompanhe sempre aquelle indecente substantivo, uma injustiça que brada aos ceus e até faz com que eu sáia fóra do sério e venha cá do meu canto comprimentar enthusiasticamente o Gilliat da rua da Alfandega.

Pagou a multa—mas é um homem!

FÉLIX.

ENTRE PAES DE FAMILIA

— Não é possivel, minha mulher calça uns sapatos que custam 80$000!...

— Pois eu depois que li o Padre Kneipp...

— ?

— Trago a minha descalça.

TIL.

VINTE QUATRO CONTOS

A redacção do *D. Quixote* acaba de receber nada menos de 24 contos, sem aliás haver comprado um bilhete de loteria, sem mesmo ter jogado nos bichos, e ainda mais— sem que houvesse requerido ao Congresso cousa nenhuma, como premio de serviços que não prestou durante a revolta, na direcção de esquadras para inglez vêr... ou para americanos impingir.

Ganhámos esses vinte quatro contos ahi assim, do pé para a mão, e custando-nos isso apenas um *muito obrigados*, amavel e delicado, para retribuir a gentileza da dadiva, que, é effectivamente importante, de mór valia, e trouxe-nos contentamento até o fundo d'alma.

Vinte quatro contos, nem mais nem menos!

* * *

Dezeseis d'esses contos assigna-os o grande mestre, Machado de Assis, e subscreve os oito restantes Pedro Rabello, o seu mais approveitado discipulo.

Em verdade, o acaso andou de olhos abertos e passo seguro ao fazer com que ao mesmo tempo vissem a luz da publicidade as *Varias historias* e a *Alma Alheia*. Nem propositalmente o encontro seria mais a geito preparado, de molde a parallellamente ser admirado o *savoir faire*, o pulso firme do mestre, os progressos e os adiantamentos do discipulo.

Não ha negar que a P. Rabello falta ainda a riqueza de vocabulario de M. de Assis, o conhecimento que este tem das enormes riquezas de que dispõe a lingua portugueza, que elle cultiva com amor e respeito, exaltando-a e dignificando-a.

Mas tambem é incontestavel que Machado de Assis terá um continuador e successor no moço *conteur*, cujo estylo já é solido e firme, que estuda e progride, desenvolve-se gradualmente, tendo sempre em vista a lição do mestre, cuja obra elle estuda e reproduz com admiravel precisão artistico-litteraria.

O *Caso de Adulterio* é exemplo frisante e demonstrativo d'este asserto.

Achavam-se tres brazileiros fóra da patria, quando um d'elles, tendo recebido a *Gazeta de Noticias*, entrou a ler em voz alta, para os outros, esse bello conto, que faz parte da collecção da *Alma Alheia*... E os tres, aliás entendidos em jornalismo e litteratura indigenas, antes de haverem visto a assignatura, sentenciaram logo :

— Machado de Assis!

Erraram, é certo. Mas a imitação era tão perfeita, a phrase tão semelhante, o torneio e a elegancia do dizer tão os mesmos, que o equivoco era natural.

E' n'esse conto, sobretudo, que P. Rabello se evidencia o continuador do mestre que escreveu o *Braz Cubas*.

Não comportando estas columnas mais largo desenvolvimento a taes assumptos, limitamos-nos a saudar respeitosamente o mestre, enviar um valente *shake-hands* ao discipulo, e a ambos mil agradecimentos pelos 24 contos com que enriqueceram.... a bibliotheca.

LÉO.

BRAZILEIROS ILLUSTRES

Aproveitando a amnistia, votada depois de tantas emendas, devem entrar hoje e amanhã, vindos de Buenos-Ayres e Montevidéo os bravos e denodados batalhadores da liberdade : Dr. J. J. Seabra, coronel Jacques Ourique, 1os tenentes J. D. Vinhaes, Libanio Lins, Graça, O. Sampaio, Dr. J. Botelho e outros.

Que a Patria receba de braços abertos esses filhos queridos que por ella sacrificaram a vida contente da grandeza do sacrificio.

Parabens aos gloriosos emigrados, que depois de anno e meio de exilio podem emfim, rever a terra natal, abraçar os entes que lhes são caros e reunir-se de novo aos amigos e companheiros que nunca os esqueceram.

Deve tambem regressar em principios de novembro o Sr. almirante Custodio José de Mello, chefe da revolução de 6 de Setembro.

A CIGARRA

Por fóra um mimo de graça, por dentro um modelo de estylo, eis o ultimo numero do alegre hebdomadario de Olavo Bilac e Julião Machado.

Até agora enche o nosso escriptorio o canto alegre da encantadora visinha da esquerda. E' o que nos vale neste tempo de politicagem consolidadora, *prefeita* e mais que *fundangassú*.

Parabens aos mestres da arte.

GYP.

NOTICIARIO

Firme continúa a Redacção do *D. Quixote* (20$000, por anno, 24$000 para os Estados) de perfeita saude, graças a não ser attingida pela amnistia capenga.

.·.

As coisas pelas Alagôas — terra que deu dois marechaes, um que fez a Republica e outro que a desmanchou—não vão lá para que digamos.

A policia andou lá ás voltas com a tropa de linha. A crer o Sr. Oiticica, o 26° batalhão queria dissolver o corpo policial; a crer o Sr. Arthur Peixoto, não interveio no conflicto nenhum ex-alumno da Escola Militar. Graças a Deus. Tudo terminará bem.

.·.

A proposito do Sr. Arthur Peixoto, consta que o Sr. Almirante Gonçalves vae-se interessar no Congresso para ser votada uma lei considerando o illustre sobrinho do ex-presidente da Republica empregado do Thesouro com licença perpetua e ordenado integral. Arthur—é justo—é consolidador da Republica.

.·.

A proposito do Sr. Almirante Gonçalves consta que o Sr. Arthur Peixoto vae-se interessar no Senado para que o honrado chefe receba de pancada os 200 contos integraes. Gonçalves consolidou a Republica.

.·.

A proposito dos dois consta que talvez juntos consigam alguma coisa, porque dizem que a fortuna é céga ; depois dois cegos se apresentam sempre, e finalmente o *double* zero sempre foi partido forte na roleta brazileira.

.·.

De Londres lepido e forte chegou ha dias, o illustre brazileiro Dr. Annibal Falcão, a quem o *D. Quixote* saúda com todos os adjectivos do estylo.

.·.

Deixou a redacção da *Cigarra* o incomparavel chronista e primoroso poeta Olavo Bilac.

.·.

Correu a ultima hora que não perdemos a *Trindade*, o Sr. Ministro do Exterior está arranjando empenho forte para o Sr. Rotschild, e a questão está sendo muito estudada pelos consolidadores da Republica Irineu Machado e Raul Pompeia.

A primeira sessão teve logar no cemiterio, a segunda terá no Hospicio, se os doidos consentirem.

.·.

Não tiveram—affirmam-nos—cotação nenhuma os bichos n'esta semana.

Os reporters,
ESCENA & MONTRY.

THEATROS

O velho barracão da Guarda Velha deitou hontem luminaria. Estriou a Companhia Lyrica Sansone com a *Aida*.

Nós, apreciadores da boa musica, esperamos a volta da opera para apresentarmos nossas palmas, pois até a hora em que fazemos a magistral critica da nossa vida festiva depois das 8 1/2, não fomos procurados pelos emprezarios.

⁂

O Apollo segue misturando a *Mascotte* velha e cansada com as pernas de umas *divettes*, regalo dos 60 annos que buscam aperitivo á noite pelos theatros.

Vae tudo muito bem : os japonezes cantam o *idylio pastoril* de André e *Flôr de Abril*; Blanche Grau e Miola equilibram-se na corda e dão saltos mortaes ; Machado faz caretas e pincha os can-can final com as gemeas americanas, ai ! ai !

Acertou o Apollo, não falta enchente.

⁂

A Sra. Pepa dos 18 continua a fazer o encanto dos frequentadores do Eden. *O Poço encantado* não descança das suas sorprezas ; a verdade, Sra. Maria Alonzo, dia a dia diminue de volume. E' que tudo cansa, e não é brincadeira estar uma pessoa só p'ra dentro e p'ra fóra.

O que só vae para dentro é o dinheiro do publico que, uma vez cahido naquelle Poço, adeus vida ! não sahe mais.

A Sra. Pepa, dos dezoito, deu no vinte.

⁂

O Lucinda segue com as figuras de cera : o Recreio dá *Sal e pimenta*, com copinhos á porta.

⁂

Eis o actual theatro brazileiro...

Emfim como a Camara ainda não interrompeu as sessões temos onde nos divertir...

⁂

Boa noite.

TONY.

A NOSSA ESTANTE

Vinte contos (2ª edição) e **Philosophia de Algibeira**, por Valentim Magalhães e Marcos Valente que são uma e a mesma pessoa) recebemos da casa Laemmert & C.ª Editores. Agradecemos os dous bellissimos exemplares e brevemente nos occuparemos delles.

Revista pharmaceutica, n. 8, anno 1° (S. Paulo) orgam da Sociedade Pharmaceutica Paulista, visitou-nos com a sua habitual cortezia.

Auto-biographia do Dr. Manoel Benicio Fontenelle. — Minas-Geraes.

Revue Medico Chirurgicale du Bresil, etc. n. 9 3me *année*, director Dr. A. Brissay. Como sempre interessante e bem redigida.

Arcadia, fasciculo II, volume I. Directores Psrto Mendes e Felix Mello. Magnifico. Traz o retrato do poeta Alberto Silva.

Petit Echo de la mode, o admiravel jornal illustrado, de que é agente o Sr. D. F. Reynaud, que sempre nos honra com o seu *Brésil Republicain*, aqui temos no seu n. 40.

Boletim telegraphico, da Repartição Geral dos telegraphos, anno I, n. 36.

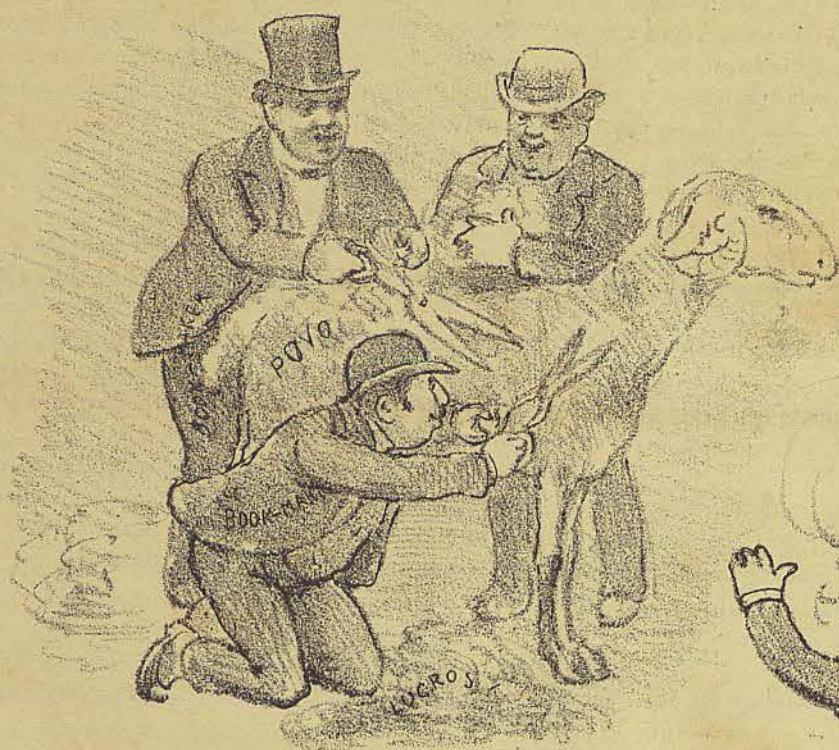
Neta, *valse pour piano*, Belarmino Neves. Vieira Machado & C.ª Editores.

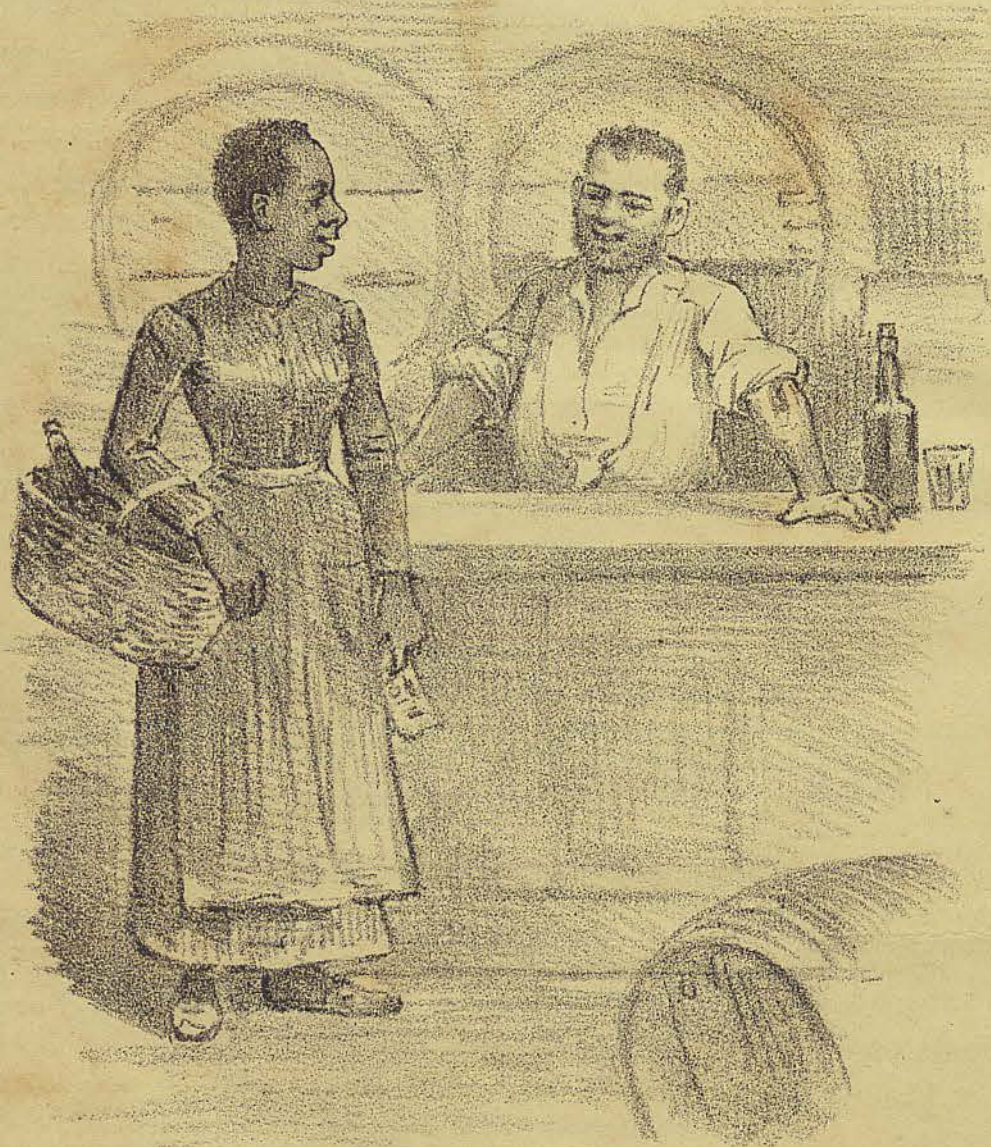
Por mim, canção, poesia de Alvares de Azevedo, e musica de G. Dufriche.

Non te destare, (*Rève d'amour*) Lopez Almagro.

La ravissante, *valse.* Assis Pacheco. Trez bellissimas composições editadas pela conhecida casa Bevilacqua & C.ª

Monopolio ? O projecto do Sr. Erico Coelho, apreciado por um paulista. S. Paulo, 1895. Termina assim : « Não ; o que o governo precisa monopolisar é a fabricação de deputados, contanto que os dote a todos de SENSO COMMUM.

Typ. L'Etoile du Sud, *r. S. José 102*

O Zé povo, cansado da tosquia dos Book-makers,

deu-lhes a torto a direito.. e o rombo foi grande, dizem.

— Seu Izé dez tões no porco.
— Agora aqui não se vende, apenas mata-se o bicho.

E o resultado, olha.... perdeu tudo!

Anno 1º · Rio de Janeiro · Nº 39

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini

R. OUVIDOR 109

Contra almirante Custodio José de Mello, chefe da revolução de 6 de Setembro de 1893. Amnistiado em 21 de Outubro de 1895.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno.......	24$000
Semestre	12$000	Semestre ...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o *D. Quixote* a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 9 de Novembro de 1895

O PARTIDO NEGRO

E' bem certo que nada desvaira mais os homens do que a paixão politica e a ambição do poder. Está, desgraçadamente, na massa do sangue humano o desejo de mandar, e para conseguil-o não ha principios de justiça que resistam, não ha coherencias que se mantenham, nem abusos que se não commettam.

A probidade é uma virtude que ninguem deixa de exaltar no individuo como particular, mas que, esse mesmo individuo, esquece ao primeiro embate do interesse politico, porque parece maxima, n'esta ordem de idéas, que tudo é licito sacrificar á deusa fatidica e prostituida.

Mal despertos do pezadello atroz, por que passou a nação brazileira com a tremenda guerra civil do Rio Grande e com a revolta de 6 de Setembro, que em boa parte se deve áquella guerra civil; mal restituidos aos beneficios da paz indispensavel ao progresso d'este pobre paiz, eis que nos sobresaltam novos temores, porque os politicos enfeudados a um pseudo-partido não querem vêr a luz da verdade, nem fazer o sacrificio de algumas vantagens pessoaes,em favor da tranquillidade da Republica e do predominio da lei.

E' evidente que nos referimos á perigosissima e funesta resolução da Camara dos Deputados sobre a melindrosa questão de intervenção federal na politica dos Estados. O caso de Sergipe era clarissimo como a luz meridiana: o coronel Valladão empolgára o poder illegitimamente em 1894, á sombra do manto protector da dictadura que nos opprimia. A commissão parlamentar mixta, que estudára profundamente o assumpto, concluira reconhecendo a necessidade de intervir a União para fazer respeitar a lei e a verdade eleitoral n'aquelle Estado; o Senado, depois de renhida discussão, approvára esse parecer; a imprensa diaria discutira o caso com grande elevação de principios e puzéra em evidencia os escandalos commettidos em Sergipe com prejuizo dos direitos do povo e manifesta violação constitucional. Pois bem. A Camara, envenenada pelo interesse partidario, fechou os olhos á luz e recusou a sua competencia para decidir o pleito, pura e simplesmente porque assim convinha aos seus amigos.

A Camara não quiz vêr que é impossivel entregar a liberdade do povo ao desembaraço do primeiro aventureiro, que mancommunado com a força quizer sobrepôr-se á lei. Não quiz vêr que a violencia commettida similhantemente no Rio Grande do Sul em 1892 em favor do Dr. Julio de Castilhos, e amparada sinão promovida pelo governo do marechal Floriano, suscitou alli a revolução federalista, que só agora depoz as armas, depois de encher de luto e de sangue as campinas d'aquella terra de heroes. Não quiz vêr que o povo, afflicto e desesperado com a indifferença dos altos poderes da nação deante do esbulho de direitos, que essas violencias acarretam, acaba por convencer-se de que á força é mister oppôr a força, e que portanto a revolução é o unico meio de vingar-se das affrontas soffridas.

A Camara nada d'isto quiz reconhecer, e como si a dolorosa experiencia do passado já ahi não estivesse para ensinar-lhe o caminho do patriotismo, implicitamente com seu voto aconselhou ao povo a revolução.

O escarneo e a fraude que triumpharam em Sergipe, campeam egualmente na Bahia, em Alagôas e em Pernambuco. Amanhã, estimulados pela impunidade e acobertados pelo famoso partido republicano federal, outros especuladores politicos farão provavelmente o mesmo que fizeram os Srs. Valladão e seus companheiros; mas como a Camara resolveu que não se deve pôr côbro a taes abusos, porque isso seria *offender a autonomia dos Estados*, segue-se que, d'ora em deante, onde a força estiver do lado dos aventureiros, estes poderão impunemente ludibriar a verdade republicana e os direitos do povo brazileiro.

O que d'ahi se conclue é que infelizmente despontam no horizonte novos conflictos, para vergonha e ruina da propria Republica. Esta deveria corrigir-se de seus erros, para afrontar a propaganda monarchista que se annuncia; mas ai d'ella, consomem-n'a os vampiros e não aproveita das lições rudes do passado.

Quando o sangue brazileiro espadanar outra vez nos campos da lucta civil; quando o povo, leão cansado e ferido, rugir de novo em defeza de seus brios conculcados pelos exploradores da Republica, e correr ás armas para expellir do templo da liberdade os mercadores que o conspurcam, quem será o grande responsavel por tanta desgraça, tanto pranto derramado, tanta desgraça financeira?—Só e só os proceres d'esse chamado partido, que para manter interesses individuaes, accumula erros sobre erros, e só deixa uma valvula ao desespero do povo: a revolução!

Paremos, por Deus, emquanto é tempo, n'este despenhadeiro atroz.

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DO «D. QUIXOTE»)

TONY A LÉO

— Dize lá: que vai ser nomeado mez proximo Dr. Aarão Reis?

LÉO A TONY

— Sei cá! Não sou prudente com *P* grande.

TONY A LÉO

— Bem sei não nomeias. Mas Aarão cada mez um cargo; de chefe Bello Horizonte, director Correios; de director Correios, director Banco Republica; de director Banco Republica...

LÉO A TONY

— ... presidente Estados Unidos Brazil, não é?

TONY A LÉO

— Não, estupido! Vai agora ser nomeado Serzedello Corrêa...

LÉO A TONY

— Heim?!

TONY A LÉO

— Pois elle tambem não é homem sete instrumentos?

LÉO A TONY

— Ora vai plantar batatas cosidas, a ver se nascem com o bife ao lado!

O estacionario,

ORÔ WESTERN.

NOTICIARIO

A redacção do estimavel *D. Quixote* (assignaturas 20$000 por anno, 24$000 para os Estados) continúa no gozo da mais confortavel saude, mesmo porque mudou-se toda dos suburbios para o centro da cidade, afim de evitar a approximação da Estrada Funeraria Central do Brazil.

.·.

Em Washington, diz um telegramma do *Jornal do Commercio*, effectuou-se um meeting em prol dos revolucionarios de Cuba, no qual tomaram parte 15,000 pessoas, que logo em seguida obtiveram por subscripção elevada somma para auxiliar a heroica revolução da formosa ilha.

Tal qual aqui no Rio de Janeiro—n'aquella tarde em que se reuniram para esse fim 15 pessoas no largo de S. Francisco, e foram immediatamente dispersas pela policia, e dissolvido o grupo por ser contrario á ordem publica.

Exquisitices da politica republicana federal, que prefere a um *Viva Cuba!*—um *viva o Cubango!*

.·.

Em dias da semana finda o *Jornal* chamou

o *Paiz* a bolos e cascou-lhe com boa vontade umas duas duzias.

O caso vai ser levado á consideração do Supremo Tribunal Militar, para resolver se póde um simples paisano como o Sr. J. Carlos Rodrigues dar pancada n'um general illustre como o Sr. Quintino.

Obtivemos esta noticia de fonte fidedigna.

.˙.

Na sessão de quinta-feira ultima, na camara dos deputados, o deputado Innocente Serzedello declarou-se solidario e até responsavel pelos actos de 10 de abril, pela reforma dos 13 generaes, por todos os actos da dictadura que nos felicitou até 15 de novembro passado.

Algumas pessoas ficaram acreditando — e entre essas, muitos eleitores que votaram no Sr. Innocente para deputado, por ser opposicionista do passado governo — que S. Ex. tambem é solidario cum o mesmo governo, até em o ter mandado trancafiar na casa de Detenção d'esta capital, durante a revolução da esquadra.

Outros affirmam que o Sr. Innocente perdeu uma excellente occasião de ficar calado, e que decididamente o joven paraense nunca deixará de ser...

...zedello.

.˙.

No final de sua mensagem dirigida ao paiz por haver assumido o governo, a rainha regente de Portugal declara que entregará o mesmo governo ao rei logo que este regressar da viagem pela França, Allemanha e Inglaterra, promettendo que ao mesmo rei guardará inteira fidelidade.

Quanto a este ponto, como senhora casada a rainha não faz mais do que o seu dever, conservando-se fiel a seu esposo ausente; mas quanto ao outro, a restituir-lhe a governação, bem se percebe uma allusão á Inglaterra, que quando está de posse de qualquer cousa alheia, fica com ella, quando menos para . . . assentar-lhe um cabo.

A rainha de Portugal não lê pela mesma cartilha ingleza.

.˙.

O illustre chronista Olavo Bilac abandonou a redacção da *Cigarra* a que consagrava toda a sua alma, deixando alli para succeder-lhe uma *Alma Alheia*.

O elegante escriptor vai ser consul — ou dirigir o Theatro Municipal do Sr. Werneck?

.˙.

Vão ser publicados em folheto os discursos proferidos na actual sessão parlamentar, pelo Sr. Lopes Trovão quando deputado e pelo Sr. Lopes Trovão depois que é senador.

A obra será impressa em papel preto e os caracteres typographicos cobertos a giz—tudo para que não se diga que o trabalho do notavel tribuno sahiu n'um livro em branco.

.˙.

A Inglaterra declarou a guerra ao rei dos Achantis. Não é uma *chantage*; é mais um que vai ser achatado.

Os reporters,
ESCENA & MONTLY.

GUERRA AO PALPITE

A' porta de uma casa de jogo da rua da Conceição:

— Livra, que ahi vem o nosso delegado Bartholomeu...

— Nosso, nunca! Nem teu nem meu!

— Pois então, se não é Bartholomeu, será o Bartholodelle!

— Foge!

GYP.

O dia dos mortos

Porque nesse dia, igual aos outros, tu, minha alma, tu, alma humana, te revestes de tristeza e todo o passado doloroso te vem á imaginação, e a lembrança de tantos desapparecidos, nitida e afflictiva, opprime-te e aniquilla-te? Pois o sol não é o mesmo, não é o mesmo o mundo, não vês as mesmas covas de hontem, não tens as mesmas esperanças?

Sim, tudo é o mesmo; a convenção calçou-te as luvas pretas, envergou-te a sobrecasaca sisuda e nem te deixou ao pescoço a leve gravata branca.

Tudo em ti é funebre, estás compenetrada da tua gravidade, e tu, que passaste 364 dias de pandega e descuido, agora pensas naquelles pobres mortos que talvez ha muitos annos perdeste ou que perdeste hontem...

Teu almoço não foi succulento; acredito mesmo que regaste a sobria costelleta de carneiro, não com Bourgogne porém com lagrimas, e tomando o café ás carreiras voaste para o cemiterio.

Que viste lá?

Entre as alamedas solemnes dos cyprestes, sob os galhos tristes dos chorões grupos negros, magotes de sombras que se agitam. Os véus voando para traz descobrem rostos lindos, humidos de prantos; mãos justas em prece suspendem piedosos terços, e entre os cicios das orações e entre o murmurio surdo de tantas vozes maguadas ouves de repente um soluço plangente e o ruido de uma rolha que salta. Foi uma mãe que cahiu sobre a pedra que cobre o corpo do filho unico que teve, e uma viuva que concertou o estomago fraco com um calice de vinho do Porto.

Este incidente desanima-te minha alma, perdes um pouco da bruma que te envolve e já te agitas mais consolada ou menos afflicta, como quizeres, e já sobes aos olhos do corpo que habitas, já erras, já buscas, já escutas por entre as pyramides de flores alegres, e já descobres sorrisos que voltejam, olhares que se encontram, mãos que se apertam com amor e saudade, e quem sabe que ruido foi aquelle atravez da noite? Teus ouvidos chamariam beijos, porém não chegaste a vêr os labios que se encontraram.

Recorda, minha alma, as *Dolores* de Campo Amor, aquelles pequenos e verdadeiros poemas do incomparavel lyrico da Hespanha. Relê ainda esta vez o *Ideal pelo real e o real pelo ideal*, a historia de Juan e Luiza e Luiz e Juana, aquelles dois adoraveis casaes que se queriam tanto que quando a morte levou Juan e Juana os dois que ficaram, viviam só para o seu morto, cada um, até o dia em que se encontraram de joelhos nos tumulos amados, e se olharam e lá se foram os mortos e lá se mudaram os destinos. Lembras-te agora?

Como Luiz e Luiza, viste no dia de finados quasi todos. Porque então minha alma, alma humana, a tristeza que vestes no dia convencional?

Ama aos teus comtigo só: guarda a tua dôr, se a não queres perder na confusão de todas.

FORTUNIO.

CHEGADA

A esta cidade, vindos nos vapores *Danube* e *Orione*, chegaram o almirante Custodio de Mello e muitos dos seus companheiros da revolução de 6 de Setembro, que se achavam emigrados em Buenos Ayres e Montevideo.

Muitos amigos os esperavam no caes Pharoux, entre outros o Sr. Chefe de Policia, o Dr. Carijó e o Dr. Lafachagas, que foi o orador da commissão policial de recepção, engasgando-se no seu discurso a Andó, a ponto de ser preciso intervir o Sr. Carijó para salvar a situação.

Esse senhor 2º delegado era alli no caes o unico que tinha cara de emigrado e revolucionario...

Estava tão profundamente nervoso e commovido!

A Semana

Oh! Cuba livre! a livre America
Está comtigo desta vez!
E cremos bem, como tu crês,
Que deixarás a Peninsula Iberica.

Nos corações americanos
A tua dôr echoou tambem,
Não póde mais padecer quem
Com tanto brilho lucta ha tantos annos.

Do nosso peito a heroica tuba
Teu nome grita com fragor.
Cuba, não mais a tua dôr
Ouça a America... Viva a livre Cuba!

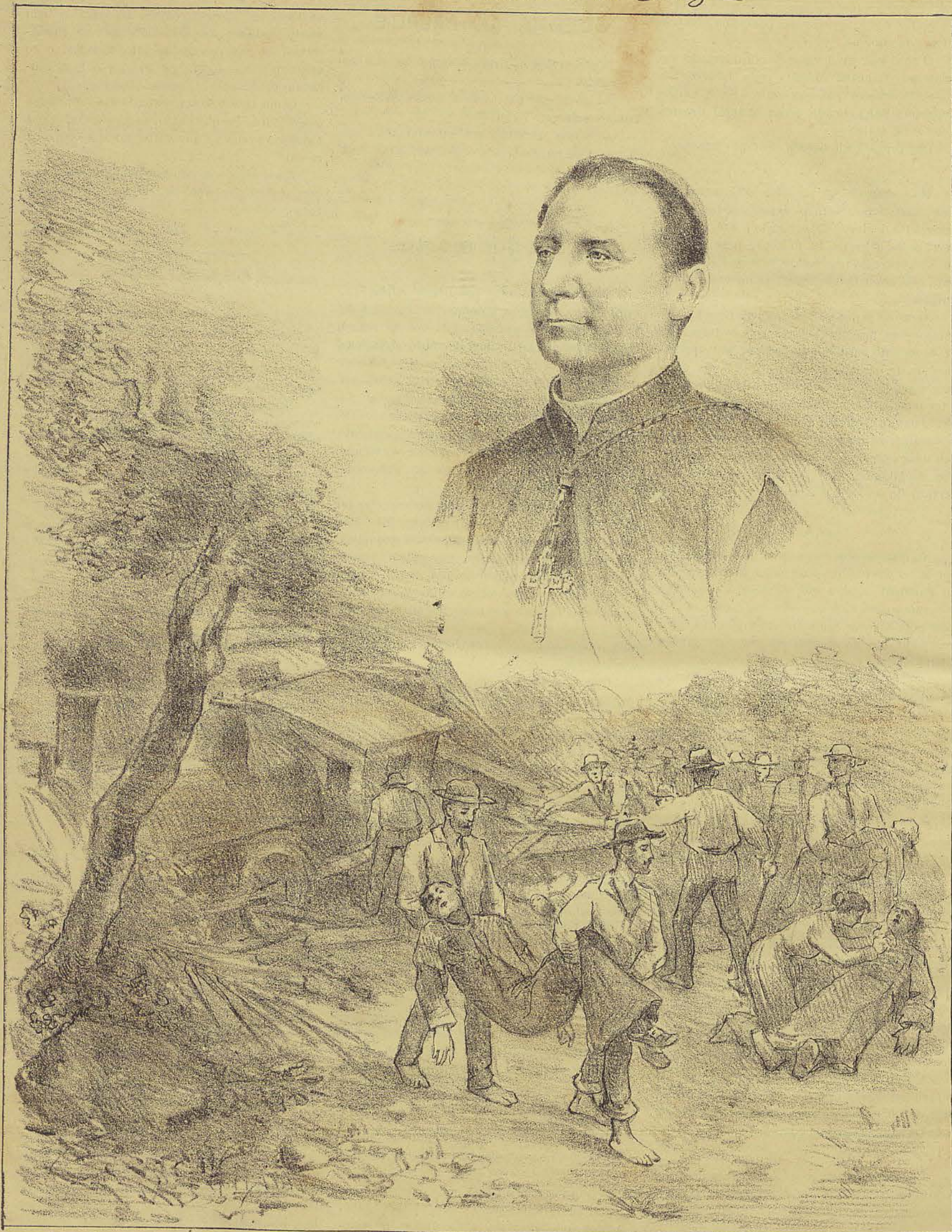
.˙.

Oh! pobre legalidade,
Gente constitucional,
Deves odiar, em verdade,
O Supremo Tribunal.

Era em Abril, bem me lembro
Quando um decreto a fuzil
Reformou... Porém Novembro
Acabou com o 10 de Abril.

Acabou — mas vem a pello
Dizer sobre o que acabou,
Que por tudo o Serzedello
Se responsabilisou.

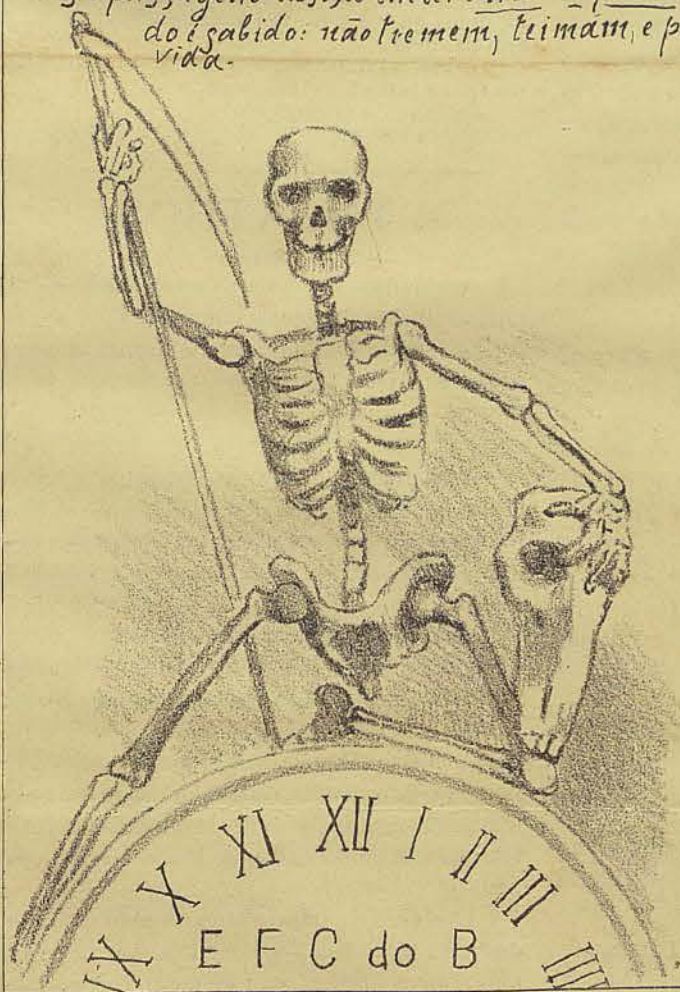
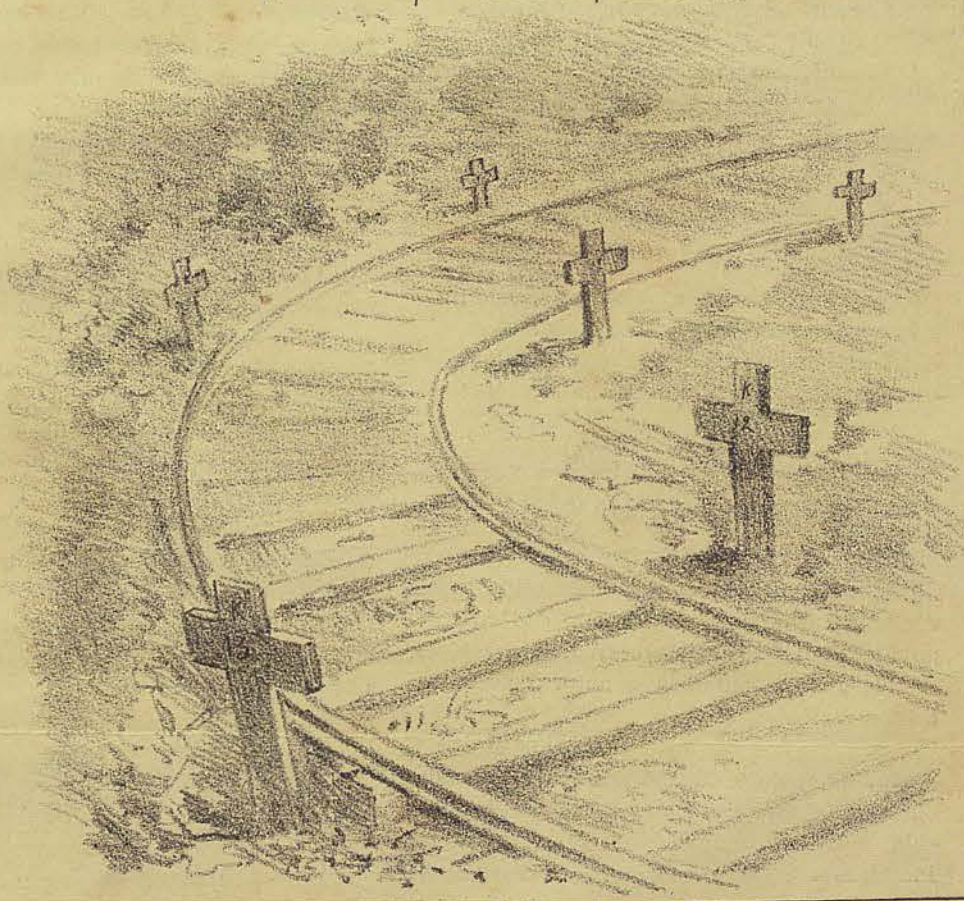
Vê-se que o moço tem sêde,
De Grande e Notavel ser...
Pois limpe as mãos á parede,
Como é de uso dizer.

O desastre da Estrada de Ferro Central do Brazil

D. Luiz Lassagna, egregio bispo de Tripoli. Uma das victimas do desastre.

TREMA PARTIR

A administração da E. F. C. B. bem avisa ao passageiro: trema partir, em poste affixado na plataforma. Mas o passageiro insiste em lêr: trem a partir. O resultado é sabido: não tremem, teimam, e pagam com a vida.

Este passageiro é constante e certo em todas as viagens da E. F. C. B. Vai contente e alegre, volta alegre e contente, exercendo o seu terrivel officio, e dizendo sempre: Trema partir!

X XI XII I II III
E F C do B

Andam enganados: não é Estrada de Ferro Central do Brazil, porem sim: Empreza Funeraria Cabeça de Burro.

Os marcos kilometricos na grande via do morticinio vão ser agora substituidos por uma serie de espressivas cruzes.

* * *

De galho em galho,
Qual tico-tico,
Aarão, um alho,
Saltando vai :
Rege o correio,
Um mez, que rico !
E em dia e meio
No Banco cai !

Este menino
E' de fortuna ;
Nasceu com signo
De director :
Tudo elle *chama*,
Dês que reúna
Proveito e fama !
Pois, sim senhor !

Dirige bancos,
Dirige obras,
Não fez tamancos,
No Ceará ;
Viu nos açudes,
Lagartos, cobras,
Uns erros rudes,
Um Deus-dará.

E' fino, é fino,
Não é mofino,
O tal menino
—O Aarão Reis.
E sabe tudo
E não é mudo ;
Não vos illudo :
—Vale por dez.

* * *

Na rua do Ouvidor, em pleno dia,
(Ou noite) o delegado Laffayefte
Levou pancada d'um que bem queria
Mettel-o no Cajú... e quasi o mette !

Chamava-se Raymundo tal da Motta,
O valentão que deu na autoridade :
Passou-lhe uma rasteira, e assim o bota
Ao chão, sujo de lama... Que maldade !

Estarrecido, o pobre Andó, damnado,
Quasi que morre, só de susto... e lama ;
Veiu salval-o um outro delegado,
— Laffayette, tambem esse se chama.

O caso não passou de uma simples rasteira
E estragada ficar uma bella cartola :
Não insulteis jamais, oh ! gente zombeteira,
Um delegado Andó — porque na rua róla !

F. Mendes.

O PIANO NA CAMARA

Deu-se um caso singular nos ultimos dias desta semana, em plena camara dos Srs. deputados. Um caso singularissimo, inconcebivel, *descolumenal*, como dizia o actor Peixoto, no theatro Variedades.

Nada menos que isto : a exhibição de um piano, em meio de discussão politica animada, em sessão aberta; um piano de autor desconhecido, mas sem duvida superior a qualquer Pleyel, Erard, Otto ou Bechstein. Uma cousa especulundrifica, mas supinamente interessante.

Imaginem só :

* * *

O Sr. F. Glycerio, chefe do partido republicano federal, e da camara dos deputados, e do estado de S. Paulo, e dos estados de sitio, e de todos os estados da alma, pediu a palavra...

O Sr. Rosinha, presidente titular e honorario da camara :

— Para uma explicação ?

O Sr. Glycerio, presidente de verdade e effectivo :

— Não, senhor: para uma surpreza.

O Sr. Rosinha, presidente etc. etc. :

— Tem a palavra o meu nobre chefe e *leader*, para uma surpreza.

E vae d'ahi, approxima-se o Sr. Glycerio da sua bancada e alli deposita um instrumento exquisito, mais alto do que baixo, articulado como um manequim de absoluta perfeição. Deu-lhe corda, e depois dizendo *attenção !* retirou-se tranquillo para o seu lugar e deixou o complicado machinismo, primor do seu genio inventivo, operar por si mesmo : um milagre, um caso de feitiçaria, incomprehensivel e inenarravel !

Da parte superior do instrumento abriu-se um tampo, appareceu um teclado de marfim, e o machinismo começou a emittir umas árias sobre politica jacobina, dizendo cousas contra o governo, affirmando que este achava-se de braços dados com os revoltosos, e declarava que fallava em nome do partido republicano.

A camara applaudiu em peso, rompeu em palmas e pediu *bis*.

— *Bis, bis !* gritava. *Bis* o piano.

Mas a corda tinha acabado ; o boneco ficou calado. Veiu buscal-o o Sr. Glycerio, e orgulhoso pela amostra que déra do seu talento inventivo, ia carregar o instrumento, quando d'elle aproxima-se sorrateiramente o bisbilhoteiro Sr. Zama, examina a obra mecanica, apalpa-a, revira-a, remeche-a. e afinal exclama em meio de sonora gargalhada :

— Não é piano ! E' mentira ! Este é o nosso nobre collega Sr. Nilo Peçanha !

Tableau !

* * *

Verificado o caso, era evidente a affirmação do Sr. Zama : O piano de nova invenção era o Sr. Nilo.

Quando suppunham que abria-se o instrumento, era S. Ex. que escancarava a bocca: seus formosos dentes de marfim simulavam perfeitamente um teclado novinho — nem lhe faltando as teclas pretas, as dos bemóes e sustenidos, habilmente representados pelo sarro do charuto, fixado nos intersticios da mesma bella dentadura.

Era o Sr. Nilo que declarava-se em opposição ao governo do Sr. Prudente de Moraes; não era piano nem nada.

* * *

E foi este o caso singularissimo do piano na camara — um verdadeiro conto do vigario Glycerio.

Felix.

O DESASTRE NA CENTRAL

A terrivel catastrophe occorrida na estação de Mariano Procopio, alarmou profundamente a população d'esta capital, que ainda não está habituada a vêr os desastres perennes da nossa principal via ferrea e funeraria.

Da catastrophe foram muitas as victimas, e entre essas o veneravel bispo de Tripoli, um varão respeitavel, que deixou de si memoria sagrada pelo bem que praticou.

E que providencias foram tomadas ?

— Foi preso o agente de Mariano Procopio.

Isto é cevada ao rabo...

Não, meus senhores ; prendam mais, prendam tudo ! O pessoal inferior, o superior, por desidiosos ; os passageiros, por contumazes ; os wagons, as locomotivas, as estações, toda a estrada, por cumplicidade.

A prisão do agente, é cevada... ao que eu já disse.

M. S.

A TRINDADE

Em definitiva a Inglaterra declara que não pretendeu apossar-se da nossa Ilha da Trindade ; mas que só e simplesmente não abre mão do seu direito, firmado pelo *uti possidetis*, de fincar o cabo submarino do telegrapho de Sir John Pender.

Em boa linguagem chama-se a isto—uma ladroeira. No direito internacional não sei como denominam esta patifaria.

Os jornaes sérios andam a dizer que o governo brasileiro deve armar-se de toda a sua dignidade e exclamar : Sus, Pender ! Suspende John ! Para trás, Inglaterra ! Passa fóra, gatunos !

Cá na minha, deviamos ceder de todo á Inglaterra a ilha arida e esteril da Trindade, mas com uma só condição :

O governo da rainha Victoria havia de levar, como sobrecarga, com a Trindade, tambem os seguintes objectos : o Sr. Carlos de Carvalho, a Estrada Funeraria do Brazil, o Sr. general Glycerio, o folhetim *Carcunda*, do *Jornal do Commercio*, os discursos do senador Esteves, a febre amarella, o partido jacobino, o *caso de Sergipe*, o delegado Lafachagas, e algumas outras cousas igualmente paludosas e amolladoras.

Anda, Albion ! Léva para ti a Trindade, mas leva tudo isso, tambem !

Ganhamos no negocio.

Léo.

THEATROS

Ora muitos bons dias, meus senhores, minhas senhoras, e demais companhia !

Graças á sorte, já tenho uma, ou algumas novidades. para entreter-vos... Meditai, e lucrareis.

Primeira novidade : a companhia Sansone abriu as portas do lyrico, e em poucos dias nos forneceu nada menos de quatro operas : *Aïda, Gioconda, Lucia de Lammermoor* e *Ballo in Maschera*.

E assim, comecemos por partes :

A *Aïda* não foi mal cantada, e pois que havia combinação geral para applaudir a companhia, não faltaram applausos. O theatro não veiu abaixo, não pela razão que possam suppor, isto é, que o Sr. Bartholomeu se houvesse lembrado precavidamente de mandar ajuntar-lhe mais algumas escoras. Muito outra, a razão.

E' que os applausos tinham sido combinados pela imprensa — e d'esta os applausos não têm a força precisa para deitar abaixo nenhum theatro.

N'essa apresentação vimos a prima-dona Bassi, — que por signal é alta como o diabo — que canta com arte e *entrain*, mas que faz caretas e carantonhas taes, que mettem medo... até aos tenores que com ella jogam scenas e semifusas de paixão. Um horror!

Bem apreciavel, a Sra. Sartori, cujo orgão vocal é excellente; dotada de sympathica figura, ainda que puchando *um pouco sobre o gordo*, ostenta na face um signal de nascença muito interessante e que de boa serventia ser-lhe-ha, para nunca jamais se perder.

O tenor, Villalta, parece ter sido escolhido pelo physico para o elenco da companhia — pois n'essa *troupe* Sansone dá-se um facto curiosissimo: todos os tenores são baixos, e todos os baixos são altos.

Não sei si comprehenderam o trocadilho: si não, perguntem ás Sras. Bassi e Sartori que quando veem entre ellas—isto é um modo de dizer—o Sr. Sigaldi, o outro tenor, entram a buscal-o, a procural-o, e afinal desesperam, porque elle é tão pequeno, tão baixinho...

Na *Gioconda* o sobredito tenorsinho fez figura na romanza *Cielo e mare* e teve palmas a valer. E' que cantou tão baixo, e tão desageitado se mostrou em scena, que a platéa, capitaneada pela imprensa, entendeu de animar o rapaz. E fez bem, porque elle tem futuro — si aprender a andar no palco e si educar a voz.

Archangeli—excellente barytono, e a figura mais completa da companhia, fez successo; acontecendo exactamente o inverso á Sra. Parmiggiani, que cantava para desafinar e só não desafinou quando não cantou—e o que mostra que essa senhora é radicalmente firme em seus principios, tal qual succede ao general Glycerio.

Chamaram-n'a Parmesã, nem sei porque..,

A *Lucia* foi um desastre. O Sr. Sigaldi andou á matroca; á matroca andaram os córos; a jovem debutante Palmyra Ramini, dotada de extrema magreza e de magrissima voz, nem por isso; a orchestra, pintou a saracura com o maestro Boniciolli—emfim, e como já disse, um desastre.

A proposito d'esse maes*tro*, occorre-me dizer, que si elle não é o Dr. Enrique Moreno, ministro argentino, que já o foi aqui no Rio e ainda o é em Montevidéo, é alguem por elle, com barbas, oculos e tudo.

Olhem que pela *disciplina* em que mantem a sua orchestra, pelo desconchavo que reina entre seu pessoal, bem se póde affirmar que, como diplomata, esse maestro não podia ser mais infeliz do que é como regente.

E perdoem-me a heresia, pois bem sei que elle é notabilidade na Italia—segundo affirma a imprensa conjugada e feita para endeosar a companhia.

No *Ballo in machera* estreou a nossa patricia Sra. Canizares. Ao que parece, o patriotismo indigena havia préviamente expedido circulares, congregando os amadores, e insinuando-lhes que tinham de applaudir *quand même*.

Eu ouvi-lhe um fiosinho de voz, muito tenue; um quasi nada. Vi-lhe um physico muito agradavel, um rosto encantador, uns olhos e uma bocca extraordinariamente captivantes.

E disse. Mas, como tocaram rebate á fibra patriotica eu tambem applaudi e juntei aos do publico os meus pedidos de *bis*, para que ella repetisse o *Oscar lo sà* — que aliás havia apenas esboçado, como n'um ensaio geral.

E sahi do theatro pensando em que Oscar seria esse... O Sr. Godoy, deputado? Talvez; e tanto mais que alli pela altura do largo da Carioca ouvi um distincto jornalista cantarolar:

> Oscar
> Godoy,
> Não me dirá
> Se isto é dodóe,
> Ou que será?!

E tudo com musica de Verdi.

Tambem novidades, nos outros theatros. A do Recreio não é positivamente uma novidade, senão uma salada composta de duas revistas de Souza Bastos, o *Tim tim*, e o *Fim de Seculo*.

Nesta peça — *peça?* — a Sra. Palmyra Bastos venceu a Sra. Pepa dos Dezoito. Esta dama fazia 18 papeis, a Sra. Palmyra faz 24 — mais meia duzia. Consta que a Sra. Pepa vai annunciar para breve uma peça em que fará 30...

Conclusão: são de meias duzias, não são artistas das duzias.

Do Eden a novidade é a seguinte: deixou a companhia a supra alludida Sra. Pepa dos Dezoito, sendo substituida no *Poço* e subsequentes *Rainhas dos Genios*, pela Sra. Pepita Anglada, que tambem conta uma legião de admiradores.

De Pepa, Pepita — está claro. E é por isso que um d'esses muitos admiradores cantava ás portas do Eden:

> Se sahiu d'aqui a Pepa,
> Essa dama tão bonita;
> Em troca, no palco trepa
> A bella Anglada Pepita.

Entrou para o Variedades o Sr. Furtado Coelho, o que tambem é uma novidade—o facto, não o Furtado.

O velho commendador e artista, não vai representar, porém sim ensaiar a companhia da actriz Emilia Adelaide... em revistas do anno!

Ora sou um seu criado!

> *C'était pas la peine, assurément,*
> *De changer de ... mouvement*

no pessoal artistico do theatro, para annunciar para proximamente uma cousa que se chama *O Burro de Carga*.

Emfim a Sra. Emilia Adelaide lá terá suas razões para abandonar o drama e atirar-se ao *tró-ló-ló*.

No S. Pedro de Alcantara o Sr. Medeiros e a Sra. Isolina tambem deitaram novidade com a *Ignez de Castro*.

Peço licença para tirar o chapéo a este memoravel *tiro* do Sr. Medeiros! Ai que sina, ó alma minha! A Isolina, depois de morta, foi rainha!

Ora dá-se...!

TONY.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

Relatorio da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, desta capital, apresentado no dia 1º do corrente por occasião da posse da mesa administrativa pelo irmão ministro Rodrigo Venancio da Rocha Vianna.

Estatutos do Gabinette Litterario Rio Branco, estabelecido em Santa Rita do Passa Quatro.

Lei n. 117, sobre reforma da instrucção publica, no Estado da Bahia, votada pela respectiva assembléa legislativa e sanccionada pelo governador, Dr. Rodrigues Lima.

Convites, para a festa do grande premio do Turf-Club, realisada a 3 do corrente, em elegantes e delicados carnets.

Convite, para o grande concerto organisado por alumnos da Faculdade de Medicina, e que deve effectuar-se a 17 do corrente no Theatro Lyrico, em beneficio da fundação de uma maternidade nesta capital.

Catalogo de instrumentos de musica da casa Borlido.

Quatro de Maio, walsa por P. L. Hallier, offerecida ao Club Americano, e impressa na casa Vieira Machado & C.

Relatorio da Sociedade Auxiliadora Portugueza, em Juiz de Fóra.

Myosotis, walsa de D. Maria Neri, offerecida ao Gremio Myosotis, impressa na casa Julia Filippone.

Le Rouet, pièce romantique, de D. de Carvalho; *Uma tarde na Taquára*, valsa de D. Alice Marques Dias, ambas as musicas editadas pela casa Vieira Machado & C.

Mater dolorosa, soneto de Gonçalves Crespo. *Tu és o sol*, versos de Juvenal Galleno, artisticamente postos em musica por Alberto Nepomuceno e caprichosa e primorosamente impressos pelos editores J. Bevilacqua & C., que juntaram ás duas producções do illustre compositor brazileiro uma capa extremamente *chic* e bem trabalhada.

O Relatorio da commissão exploradora do Planalto Central do Brazil, brochura em que se contém os artigos publicados acerca d'esse relatorio pela imprensa d'esta capital.

Roberta, valsa por Azevedo Lemos, offerecida à menina Roberta Gonçalves, editada pela casa Buschmann & Guimarães. (A valsa, comprehende-se).

Petit Echo de la Mode, n. 42, trazendo como sempre figurinos e moldes, e continuando as suas tradições de excellente periodico, no seu genero.

A paz do Rio Grande, brilhante polka da Exma. Sra. D. Henriqueta O'Reilly, offerecida ao Sr. Presidente da Republica; *Ne pars pas!* romance do afamado autor Tito Mattei, palavras de Ant. Roque; ambas as composições editadas pela casa I. Bevilacqua & Companhia.

O Livro do Povo ou Syllabario Brasileiro, composto pelo finado barão de Macahubas e seu digno continuador na meritoria obra, Dr. Joaquim Abilio Borges. E' mais um volume, a ajuntar á grande série de excellentes livros escolares compostos e editados pelo emerito e benemerito educador.

L'Etoile du Sud, n. 475 do 13º anno. Traz entre outros um bom artigo sobre o jogo; e tambem envia-nos um abraço, a que gostosamente retribuimos, e umas saudades ao Angelo, a quem as remetteremos pelo primeiro vapor, cuidadosamente acondicionadas em uma caixa com o distico — *fragile.*

Revista Illustrada, n. 700, interessante, como sempre, quer no texto quer na parte illustrada.

A Cigarra, n. 27, em que o Julião Machado prosegue na faina de embasbacar-nos com o seu talento finamente humoristico, auxiliado por P. Rabello, que veiu substituir na redacção litteraria o grande e brilhante fantasista Olavo Bilac.

Convite — para a solemnidade do fincamento da primeira estaca do traçaeo da Estrada de Ferro Rio de Janeiro-Minas, porto de Buzios, e de que é concessionario o Dr. Franklin Sampaio.

Recebemos mais:

Uns vidros do Sabão Russo, excellente preparação da viuva Paradeda, que é o melhor antidoto—o sabão—contra as dôres rheumaticas, queimaduras, etc.; e que a isso reune a vantagem de ser uma boa agua para a toilette e para banhos.

Duas amostras de perfumado e saboroso café, preparado com todo apuro no estabelecimento União Brasileira, dos Srs. Laranjeira & Companhia.

Mil gracias.

Typ. L'Etoile du Sud, r. S. José 102

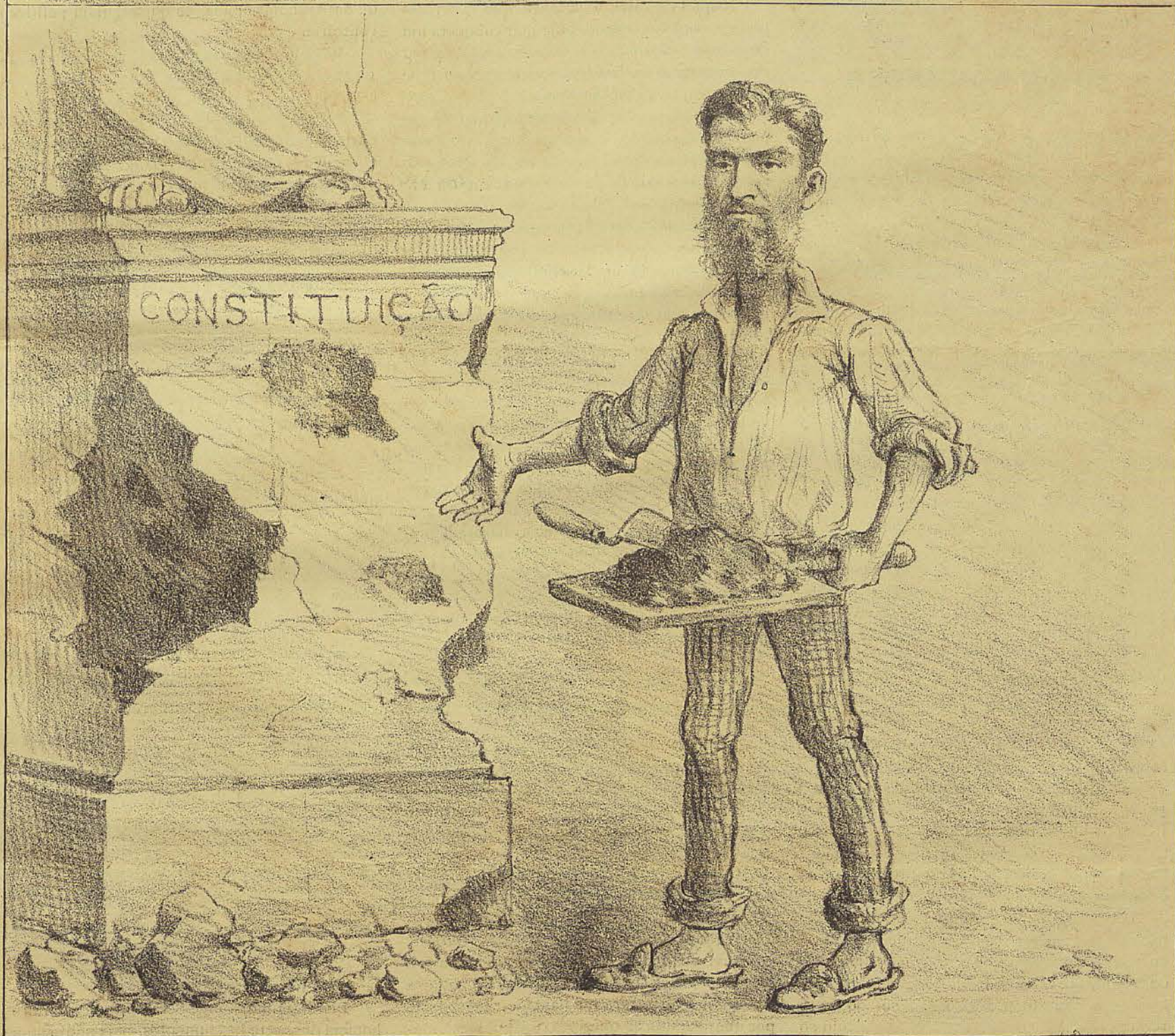
A loura Albion declara ingenuamente que não quer a Ilha da Trindade mas assentar alli um cabo para seu uso particular.

Mas o Brazil hade affirmar o seu direito e utilisar-se do mesmo cabo... a seu modo.

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 40

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini
R. OUVIDOR 109

CONSTITUIÇÃO

O habil pedreiro de Moraes está rebocando o pedestal da Republica, que encontrou bastante deteriorado. Seja feliz, prosiga e... Away!

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno.......	24$000
Semestre....	12$000	Semestre...	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitarnos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o *D. Quixote* a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

A Administração.

DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1895

15 DE NOVEMBRO

Completam-se seis annos que a instituição monarchica no Brazil cahiu ao pêzo de seus proprios erros, dando espaço ao novo regimen democratico que integrou a Republica na America.

Não é aqui o logar apropriado para levantar o inventario das causas que accumuladas romperam com a tradição de mais de meio seculo, fazendo desapparecer sem conflicto, suave e tranquillamente, o imperio bragantino, substituido na manhã de 15 de Novembro de 1889 pelo glorioso ideal de Vieira de Mello de Pernambuco e dos Inconfidentes de Minas.

O nosso papel nesta data é solemnizar a victoria da democracia brazileira, saudar os heroes da campanha triumphante e mais do que tudo receber com epinicios a Republica de 1895, que acreditamos restituida, depois de tremendos embates, ao curso regular e sereno das instituições consolidadas.

Não foi pequeno o turbilhão revolto em que nos vimos envolvidos pela ambição insaciavel dos homens. Quando a 23 de Novembro de 1891 se restabeleceu o regimen constitucional, acreditámos todos que se inaugurava uma era de paz e de ordem.

Não tivemos governo republicano que empunhasse o poder em condições mais propicias do que o do marechal Floriano, ao receber o legado do bravo e magnanimo Deodoro.

Mas as paixões e os interesses individuaes perturbaram desde logo a vida d'esse governo, inspirando-lhe vindictas, deposições de governos, violencias de toda a ordem, e incutindo-lhe o veneno dictatorial que tão profundamente o havia de intoxicar.

O movimento de Abril de 1892 foi pretexto para se rasgar de novo a constituição de 24 de Fevereiro. A revolução federalista do Rio Grande do Sul, filha da nobreza d'aquella raça de heróes, serviu ainda de excusa a se não repararem os erros commettidos e constituiu-se justificativa de estupendos sacrificios de ouro e sangue brasileiro.

Estalou por fim a revolta de 6 de Setembro capitaneada por officiaes da marinha nacional, cansados do vilipendio a que os condemnavam e receiosos do plano de exterminio que se urdia sorrateiro e fementido, contra uma fracção gloriosa da força armada do paiz.

Assistimos todos ao desenrolar d'essa tragedia; como bons patriotas lamentámos as angustias por que passou a Republica, e ainda tememos por ella até 15 de Novembro de 1894. Um partido de paixões violentas e de odios cercava o chefe do Estado e ameaçava a nação com a dictadura, que acabaria de vez por deshonrar-nos perante o mundo, tirando-nos a derradeira esperança de liberdade.

Surgiu, porém, mais bonançosa a aurora de 15 de Novembro, e o governo civil do benemerito Dr. Prudente de Moraes, eleito do povo, a despeito das Cassandras agoureiras e das ameaças atterradoras, poude firmar-se e encetar o seu periodo constitucional.

Não foi de rosas a herança que elle recebeu; e por isso mesmo, hoje que completa um anno esse governo, enche-se de jubilo a alma dos sinceros e verdadeiros republicanos deante da contemplação de sua obra.

A regularisação das finanças, quanto era possivel, depois dos desbaratos havidos; a restauração plena da lei em todos os ramos do serviço publico mais ou menos anarchisados; as reparações das injustiças do passado; a annullação de decretos iniquos e illegaes; a grande obra da pacificação do Rio Grande do Sul, operada com um patriotismo admiravel, moderado pela prudencia mais consummada; e finalmente a amnistia, que era o complemento obrigado da paz e a condição inilludivel de sua realidade; — tudo isso conquistado em um anno de governo, representa uma somma de serviços relevantes digna do applauso caloroso de todos os patriotas.

Rendido este preito de homenagem ao illustre cidadão que dirige a não do Estado, resta que a Republica aprenda na rude licção do passado, e entremos, filhos de todos os partidos, no regimen sincero do congraçamento, cooperando de mãos dadas para o progresso do paiz e para o completo exterminio dos elementos que acaso o perturbem.

Cultivemos todos a liberdade e o amor, e a Republica fará a felicidade da Patria.

IMPRENSA FLUMINENSE

Desappareceram da arena jornalistica, dous apreciados collegas: — o *Rio de Janeiro* e o *Diario de Noticias*. E é com vivo pesar que registramos esse triste e doloroso acontecimento.

Os dous companheiros que cahiram em meio da jornada, mereciam-nos a maior consideração e estima.

O *Rio de Janeiro*, afilhado de *D. Quixote*, pouco viveu; mas é força confessar que na sua rapida e fugaz existencia distinguiu-se pela sua orientação segura e adiantada, pelo modo por que discutia as questões de publico interesse, pelo criterio e sisudez que imprimia á analyse dos factos sujeitos á sua apreciação.

Não o patrocinou o favor publico—e foi pena.

O *Diario de Noticias*, dirigido por A. Azeredo, foi um digno e respeitavel collega.

Militando em campo politico que combatemos, defensor de um governo a cujos actos dictatoriaes oppuzemos sempre a mais energica resistencia e condemnação, o *Diario de Noticias* era um adversario; — mas um adversario leal, franco e cavalheiro.

Seu redactor, A. Azeredo, foi sempre um bom collega, um companheiro digno.

Poucos como elle têm dado provas tão evidentes da nitida comprehensão da solidariedade na imprensa, e não raro o vimos sahir a campo para defender e amparar um collega, adversario embora. Jamais aggressivo, fazia a sua politica sem odios nem rancores, defendendo a dictadura que foi, sem nunca haver qualificado de *infames*, nem *barbaros*, nem *piratas*, nem *ralé*, nem *escoria vil*, nem de outros nomes feios, os que seguiam politica contraria.

Discutia com luva de pellica e respeitava os adversarios, de quem se fazia querido e estimado.

E é por isso que sentimos por igual o desapparecimento simultaneo do *Rio de Janeiro* e do *Diario de Noticias*, os dous collegas que aliás militavam em campo inteiramente oppostos—mas ambos com dignidade, nobreza e cavalheirismo no proceder.

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DO « D. QUIXOTE »)

Léo a Tony

— Então é certo negocio grève Estrada Funeraria Central?

Tony a Léo

— Muito certo. Rapaziada jacobina sabe preparar as cousas.

Léo a Tony

— Qual jacobinos, homem?! Não digas tolices! Aquillo foi cousa séria, arranjada para surgir dia 15.

Tony a Léo

— Então foi grave?

Léo a Tony

— Não foi grave... Foi grève.

Tony a Léo

— Mas uma grève grave...

Léo a Tony

— Sabes que mais? Vai pentear macacos!

O estacionario,

Orô Western.

8 INSTRUMENTOS

Disseram-me, amigo Serzedello, que éras o homem dos sete instrumentos, pois aqui estou eu que venho tocar o oitavo.

Devo dizer-te que não entendo de musica,

senão de pancadaria, que aprendemos juntos, não faz muito tempo, alli no palanque da rua do Conde C. C. C. F. (Casa, cama e comida fiado); mas, como tu, sou bom de orelha, toquem-me as caravelhas que não perco uma nota.

Aqui estou comtigo, e já que é preciso alguem te ajudar a levar a cruz do patriotismo, não me esqueci: cá debaixo do braço está o meu trombone de vara.

Olha o dictado como é verdadeiro: *«quem te cobre te descobre.»* Mal haja quem fez rifões. Quem te elegeu é hoje quem te accusa, dir-se-ia que só te levou á Camara para te experimentar. Povo ingrato, não possuirá o teu chapeu de Chile!

E não merece mesmo. Acham que não devias ser coherente, que depois de reformar os 13 generaes devias ficar no quadro para o qual querem fazer-te voltar agora. Não, nunca, Serzedello amado! A coherencia em primeiro logar.

Estás no teu papel; pancada para baixo, em quem te pôz na Camara para te experimentar. Quem deu o pão leva o ensino.

Ora, dizem que tu passaste bem na rua do Conde! Pois não estava lá como carcereiro o nosso Farias?

Tambem o homem não perdeu. Quem te accusar de ingrato, quem disser, ó meu Serzedello, que tu cospes no prato em que comes, fecha-lhe a bocca com o chapéo de Chile que deste ao Faria. Hão de ficar entupidos, se bem que serviço de bocca não se paga com palha; palha dá-se a burro.

« Mantive sempre a mesma *correcção* e a mesma altivez...» Ninguem o póde negar. Negar a correcção é coisa que brada ao céu; lá estiveste, de lá sahiste, perfeitamente corrigido, gabando os teus bemfeitores.

Assim é que é. Nunca maldigas a mão que te ensinou. Eu sempre agradeço ao defunto padre-mestre que me metteu a carta na mão, os bolos que me estalou nas palmas das ditas. Emquanto estiveram quentes chorei, mas hoje, quantas saudades!

Vê a Central como chora a palmatoria do Vespasiano! Ai! Serzedello, nós fomos tão caiporas que nem a provámos... Mas Deus é grande.

« Não será hoje, fique certa a *Gazeta da Tarde*, que hei de deshonrar-me recebendo 200 contos ou qualquer quantia que não me pertença honesta e dignamente.» Muito bem. O chefe Gonçalves que tome para o seu tabaco; agora, o maldito, que é fino e sestroso, como uma rapoza, é capaz de responder-te que estão verdes.

Mas ahi eu intervenho com o meu trombone de vára, que aqui o tenho debaixo do braço para a primeira.

Só espero a voz para romper na orchestra. Sopra nos sete, que eu applico o meu instrumento n'um rasgado bonito. Vamos lá: *poum, poum, poum, poum....*

FORTUNIO.

JORNAL DO BRAZIL

Este distincto collega de imprensa festejou hontem 15 de Novembro a data anniversaria de seu reapparecimento, sob a intelligente redacção do Dr. Fernando Mendes e a activa direcção do Sr. G. Seabra.

N'esta sua nova phase o *Jornal do Brazil* desenvolveu-se de tal modo que tornou-se rapidamente, em estreito espaço de tempo, uma folha interessantissima, de feição particular toda sua, collocando-se na primeira linha entre seus companheiros e conquistando victoriosamente as sympathias e as boas graças do publico — esse exquisito e esse exigente.

É com abundancia de coração e com os mais sinceros protestos de estima que cumprimentamos o illustre collega, desejando-lhe a continuação gloriosa de sua existencia, e que esta seja sempre, como até agora, risonha, prospera e feliz.

NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote*, (Ouvidor 109, 20$000 por anno, 24$000 para os Estados) continúa sem novidade e até a vender saude.

A cousa está em achar compradores.

.·.

Consta que já agora, depois da amnistia, da reversão dos reformados e da reintegração dos demittidos, o Sr. presidente da republica vai lavrar um ultimo decreto amnistiando o chapéo de Chile do carcereiro Farias, da Casa da Correcção.

Merece-o bem, esse memoravel chapéo, pelo muito que tem servido ás discussões na camara... sobre orçamento.

.·.

E' esperado por estes dias em Lisboa o rei D. Carlos, de Portugal e dos Algarves, que andou viajando por varios paizes da Europa, Sécca e Mèca e Olivaes de Santarém, mas que não foi a Roma e portanto não viu o Papa.

Motivou o caso, o facto do rei Carlos não poder entrar no Quirinal sem offender o Vaticano, e não poder penetrar n'este sem agastar o rei Humberto.

A esse respeito o Sr. Thomaz Ribeiro, ministro e poeta, está escrevendo uma ode que diz assim, logo no começo:

Eu nunca vi Leão, e tenho pena...

.·.

Recomeçou a prefeitura municipal o seu bello habito de não pagar os ordenados aos funccionarios que têm a desdita de trabalhar por sua conta, e fiado.

Esses pobres empregados estão a fazer preces para que brevemente haja uma eleição no districto federal, pois só assim contam certo que o Sr. Werneck se lembrará de suas miseras pessoas e correlativos ordenados.

Ha esperanças d'isso... para os fins do anno proximo.

.·.

De Cuba e do general Martinez Campos não tivemos noticias esta semana.

O que ha, está incubado.

.·.

Descobriram por ahi uma grande emissão de sellos do correio, falsos, falsos como Judas.

Começamos a comprehender o motivo por que têm desapparecido numeros e collecções inteiras do *D. Quixote*, ingenuamente confiados á administração dos correios para que os entreguem aos nossos assignantes.

E' que provavelmente os haviamos franqueado com os taes sellos falsos.

.·.

Esta semana grande numero de pessoas têm se embarcado nos trens da E. F. C. B., e por emquanto não consta que nenhuma haja morrido nos descarrilhamentos registrados.

O Sr. Marechal Jardim vai ser alvo de uma manifestação de agrado, pelo extranho e auspicioso evento.

.·.

Na estrada velha da Tijuca foram encontrados mortos um individuo desconhecido e um bello cachorro Terra Nova que o acompanhava.

O delegado jacobino Lafachagas, encarregado de abrir o inquerito respectivo, chegou em seu relatorio ás seguintes conclusões: que ignorava quem matára o homem, mas que quem matou o cão foi o Baeta. O Dr. Lafa vai ser por isso nomeado para o Supremo Tribunal Federal.

.·.

O senado federal, em um momento de mau humor, resolveu indeferir o pedido de um Sr. Arthur Peixoto, doutor nas horas vagas, de licença por um anno para tratar de habilitar-se para o cargo que não exerce no Thesouro Nacional.

O senado vai ser castigado por não haver respeitado os direitos de um sobrinho de um senhor seu tio.

.·.

O presidente do Chile, Jorge Montt, continúa a não poder organisar ministerio—e o que está lhe acontecendo ha alguns mezes.

O Sr. Montt tem dous alvitres a seguir: ou já agora passar sem ministerio, pois sem isso tem vivido tanto tempo, ou mandar pedir emprestado ao Brazil o Sr. Serzedello Correia, que elle só vale por um ministerio e está sempre disposto a exercer sete pastas—ou mesmo quatorze, ou mais se duvidarem.

.·.

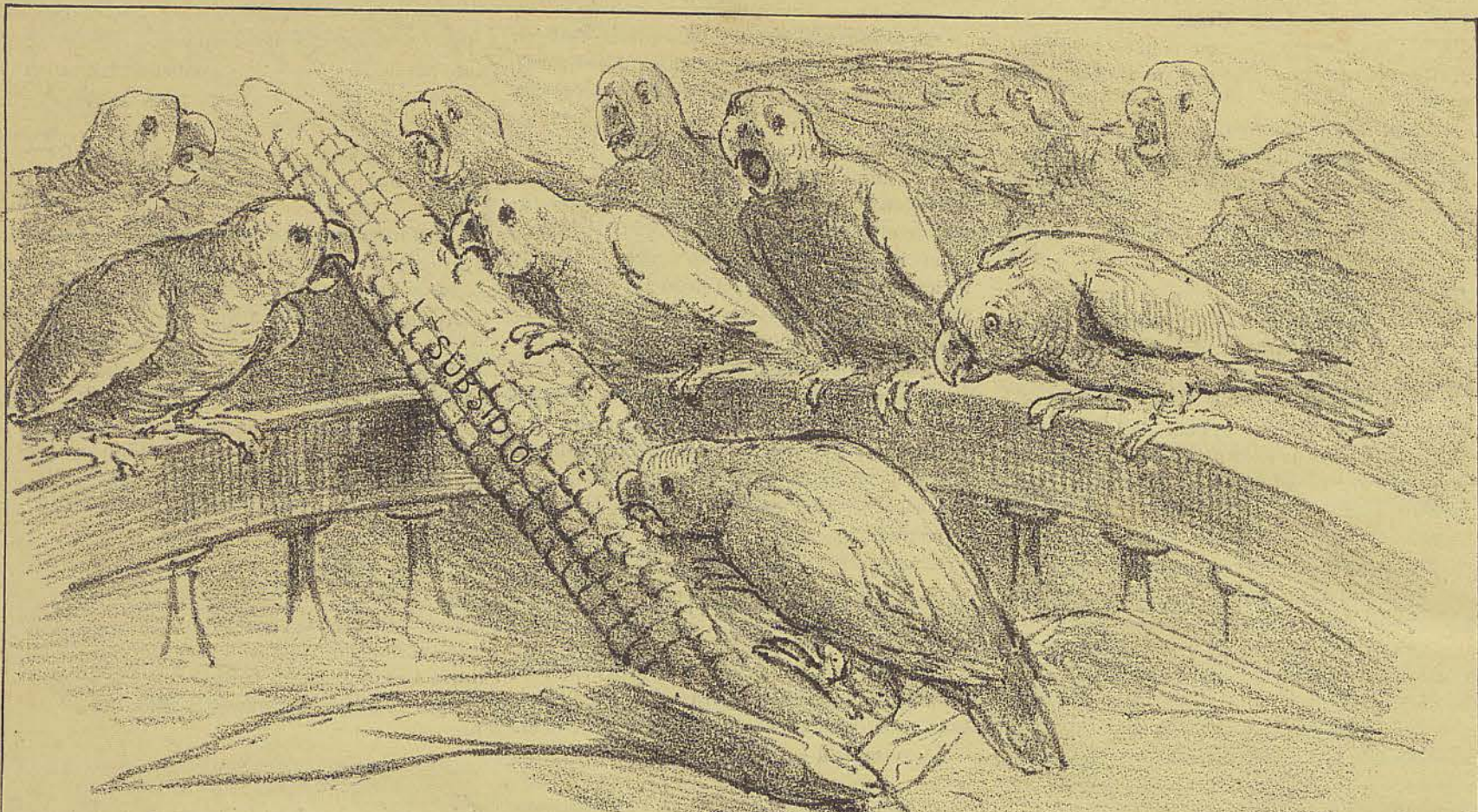
De um duello de actas realisado á semana passada entre um redactor do *Paiz* e um professor de musica, não sahiu ninguem ferido. A harmonia continúa, como convem, entre critico e cultor da arte harmonica.

Antes assim.

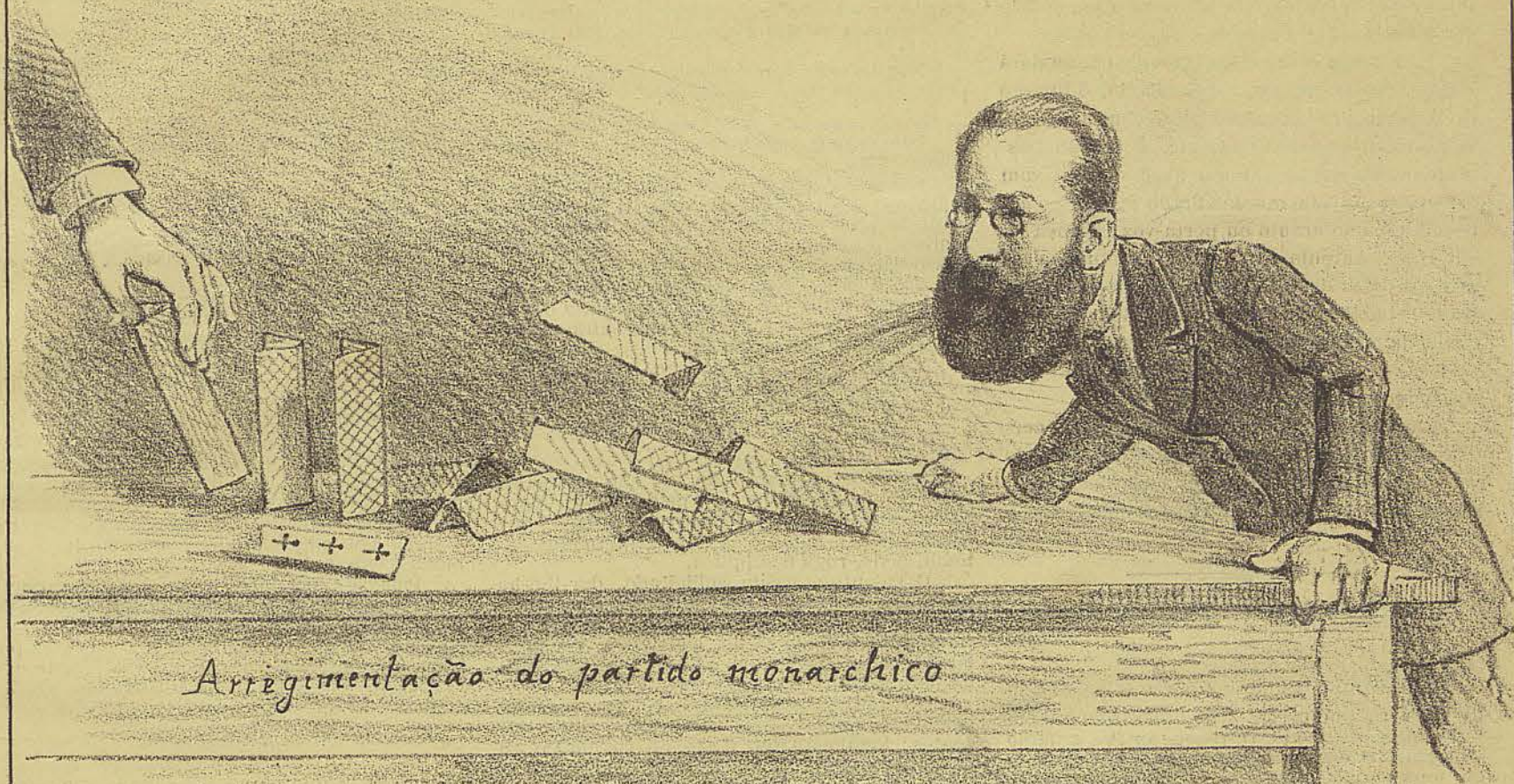
Os reporters,
ESCENA & MONTRY.

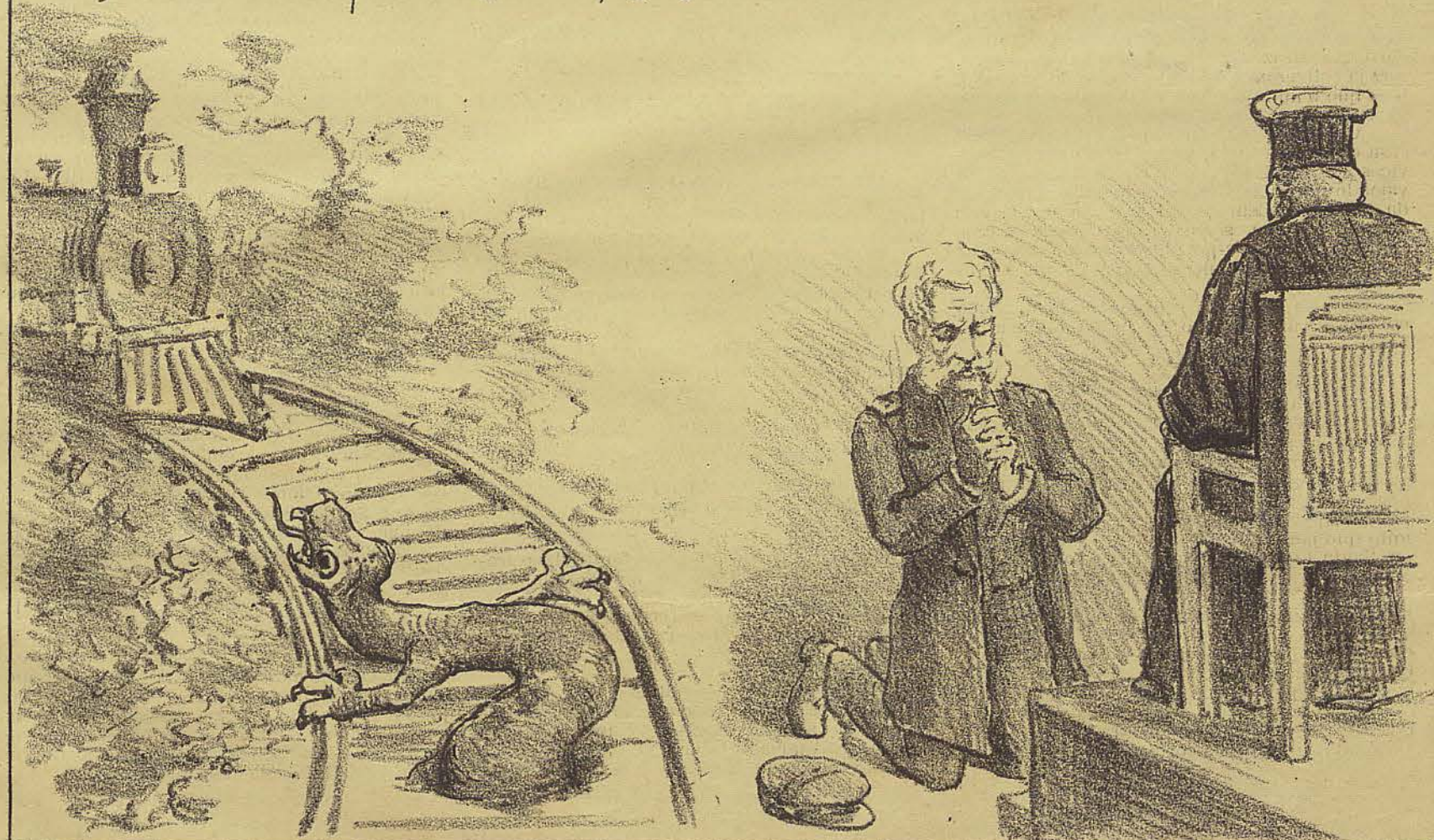
PROPAGANDA MONARCHISTA

Para iniciar a propaganda monarchista, appareceu hontem, 15 de Novembro, o primeiro numero do jornal *O Brasil*.

Saudamos o collega cordialmente—mas, francamente, não lhe podemos desejar victoria na propaganda de suas idéas, a que somos radicalmente adversos.

Nas ultimas sessões da Camara os papagaios, já desfalcados em numero, continuam a salvar o paiz roendo os ultimos grãos da espiga.

Na opinião do Sr Zama isto em outro tempo era verdadeira espiga: era prorogação, mas a secco.

Este papagaio Innocente Serzedello é que não roeu espiga, antes pelo contrario: seus ultimos discursos valeram-lhe da parte do seu leader a restituição da sua cadeira de lente, dos seus galões de tenente-coronel... e de uma rolha. Felizardo!

Arregimentação do partido monarchico

Os meninos haviam collocado muito cuidadosamente as cartas sobre a mesa, organisando em fileiras o partido restaurador. Veio o Sr Antonio Prado, souprou uma declaração politica e desmanchou o brinquedo das crianças. Que máo!

O dragão da gréve surgio do sólo, entre os trilhos da Estrada de Ferro Caveira de Burro. Mas foi esmagado: se é esse o officio das locomotivas da tal Estrada! Passageiros ou grevistas — tudo succumbe. Désta vez a E. F. C. B. teve juizo.

O almirante nada tendo obtido do senado ajoelha-se contricto, e fez oração perante o tribunal judiciario, dizendo: "Domine, exaudi orationem meum... São só 200 contos!"

Fundamente firmada a Republica no territorio brasileiro, congraçada a familia republicana, seria para nós um verdadeiro descalabro a tentativa, a simples tentativa de restauração monarchica... Felizmente, a propaganda é platonica, e feita mais como verbo de encher —e haja vista o primeiro numero do collega, onde não se encontram argumentos assás solidos e concludentes para justificar o seu anhelo em politica.

Esse retrocesso em nossa vida não se dará jamais. Agora mesmo, em S. Paulo, o illustre Sr. Antonio Prado acaba de desfechar tremendo golpe na propaganda nascente, deixando bastante desconcertados os que n'ella depositavam esperanças, vendo o nome Prado figurar no cabeçalho, como arauto ou porta-voz da nova fé.

O Sr. Antonio Prado não communga as mesmas idéas de seu irmão Eduardo, o intelligente e habilissimo escriptor que tem se mostrado acerrimo inimigo das actuaes instituições, — e isso enfraquece a propaganda no seu berço e na sua origem.

Em todo caso, repetimos, saudamos cordialmente o novo collega *O Brasil*, e fazendo votos para que não vinguem suas idéas, fazemo-los, e sinceros, para que tenha longa e prospera vida.

DUZENTOS CONTOS

Eu tenho por habito admirar a pertinacia do caracter em certos individuos que sabem luctar pela existencia. O *strugge for life*, quando se manifesta assim, em pessoa que arrisca tudo em uma parada e perde; e logo em seguida sem desanimar, muda de rumo e vai dar caça á sorte mais adiante, calmo, impavido e sereno,— o *struggle for life* sacode-me as entranhas, entra-me pelos seios d'alma a dentro e causa-me vertigens de admiração e enthusiasmo.

E' assim que eu aprecio, e louvo, e admiro, a tenacidade do velho almirante Gonçalves, correndo atraz dos duzentos contos ariscos, que já estiveram quasi ao alcance de sua mão, mas que n'um momento de descuido voaram e foram pousar mais adiante.

A camara dos deputados já lhe havia doado essa continha calada, preço feito aos seus serviços á Legalidade; e essa resolução da camara valendo por meia victoria, equivalia á metade da somma... Cem contos pelo menos, já elle almirante tinha seguros; mas o senado, esse terrivel desmancha-prazeres, deu-lhe para traz e o almirante ficou, não com cem contos — mas sem contos.

Simples troca de consoantes, bem pouco consoante á pretensão do bravo homem do mar.

Entretanto o almirante Gonçalves não é homem para desanimar assim com duas razões.

Já em Villegaignon, nos tempos da revolução, perseguia-o o azar: indo áquella fortaleza assumir o seu commando, teve de alli deixar a sua espada e volver á terra sem nada haver conseguido... E o que não o impediu de pouco depois ir commandar o canhão dynamite que jamais disparou, e vencer a revolução em Santa Catharina — quando já o almirante Mello achava-se em aguas do Prata.

Assim, é sua divisa não recuar jamais de seu proposito. A tenacidade e a pertinacia constituem a sua caracteristica, de tal modo que, quando por caiporismo depara-se-lhe em caminho uma porta fechada, elle não desanima e envereda por outro corredor que fatalmente dará para outra porta, talvez mais doce de fechaduras, mais suave nas dobradiças...

Tudo depende da sorte.

E é por isso que, havendo o senado indeferido a sua pretenção, o almirante Gonçalves não perdeu a calma nem a esperança de entrar na posse dos cubiçados 200 contos, preço avaliado dos seus serviços á dictadura.

Ah! Fechou-se-lhe uma porta? Outras ha por abrir!

E assim, rechassada pelo legislativo a sua pretenção tão bravamente defendida, o almirante Gonçalves resolveu correr para outro lado e abrir campanha em diverso terreno: constituiu advogado e vai pelos tribunaes defender o seu direito aos sobreditos 200 contos de reis.

Não ha duvidar: é digna de admiração a pertinacia do velho lobo do mar.

Isto parece verso, mas não é; é verdade apenas.

E como é possivel que tambem o poder judiciario não esteja de accordo em julgar justa a pretenção do almirante que commandou o pneumatico, e como não será para estranhar que o almirante ainda ahi não tenha perdido a calma, e a esperança de receber os 200 contos, atraz dos quaes corre como n'uma verdadeira via sacra, lembro ao almirante um ultimo e infallivel recurso:

Requeira ao nosso collega, e distincto, da imprensa quotidiana e hebdomadaria: — o Dr. Valentim Magalhães.

Sim. E' isso mesmo.

Se o Dr. Eduardo Ramos não conseguir sentença favoravel ao seu pedido, o Sr. almirante dirija-se ao Valentim e obterá o que tanto almeja, aquillo que instantemente sollicita, pede, roga e supplica.

O Valentim, assim sollicitado, dar-lhe-ha *gratis* dez livros dos seus ultimamente reeditados, e S. Ex. ficará afinal de posse do que tanto deseja, rindo-se do legislativo, do judiciario, do executivo — e até de mim mesmo, que ora dou-lhe este conselho de graça.

A conta é certa: cada livro do Valentim vale *Vinte Contos*; ora, dez vezes vinte, duzentos; logo, com dez d'esses livros terá o almirante vencedor... 200 contos.

Valeu a idéa? Dou-lh'a pelo preço que paguei por me haver occorrido—e tudo porque eu tenho por habito admirar profundamente a pertinacia dos homens que sabem luctar pela existencia—e contra o *Aquidaban*, em favor da Legalidade, pela modica somma de 200:000$000 ... e póses.

FELIX.

RABISCOS

Ora graças! Parece que já começamos a pensar que os dias de festas nacionaes não forão creados só para figurarem nas folhinhas, mas um pouco e tambem—para ser festejados.

Desta vez o 15 de Novembro não passou despercebido, e o contentamento e alegria do povo bem demonstra que reanima-se o espirito publico e renasce a confiança na direcção dos negocios.

E' certo que ainda desta vez as festas trouxeram o cunho official e que foi preciso uma especie de ordem ou imposição dos supremos gestores dos publicos negocios, para que o povo se divertisse ou se mostrasse alegre. Sem embargo, já alguma cousa obtivemos; e é assim, caminhando por partes e paulatinamente, que chegaremos a ter festas populares, promovidas pelo povo e pelo povo realisadas.

* *

Os programmas officiaes foram bem traçados e de modo a despertar a curiosidade e o interesse do Zé Povinho.

Tudo foi previsto e recommendado, com um apuro de minudencias e detalhes, muito para ser louvado.

Sómente...

(Sempre ha um sómente!)

Sómente aquella declaração nos convites de que os visitantes civis do Itamaraty deveriam apresentar-se de casaca, foi um pouco além do que era permittido a um intelligente e cuidadoso confeccionador de programmas.

Em primeiro logar, a ninguem é licito ignorar que em dia de gala seria de mau gosto ir ao palacio cumprimentar o chefe do governo, entre os ministros e diplomatas,—vestido de paletot sacco de linho branco e de chapéo de palha no cocuruto da cabeça... Depois, é tão exquisito um individuo declarar pelas folhas que recebe cumprimentos em tal dia, mas que os seus convidados podem ir vestidos como bem quizerem — comtanto que se apresentem vestidos de amarello...

A exigencia da casaca, assim formulada, póde ser finamente palaciana, mas tambem não deixa de ser contraria ás praticas democraticas e tambem muito pouco delicada, como licção de costumes e de educação.

Emfim, como a intenção era boa, vale-lhe a intenção.

* *

Das festas patrias ás festas que vai receber o Sr. Serzedello Corrêa, o passo a atravessar não é grande.

Esse intelligente deputado, vai sim, receber as suas festas... Offerecem-lh'as varios de seus collegas capitaneados pelo general Glycerio que é mesmo, como vulgarmente se diz, um cabra ás direitas—sem segunda intenção nem *arrière-pensée*.

Mereceu-o, o Sr. Serzedello. O illustre deputado paraense, em discurso que lhe custou muitas censuras, e até severa condemnação dos seus eleitores, declarou-se solidario com a mesma dictadura que o fez passar alguns mezes na casa de Correcção, em estreito cubiculo, roendo o pão que o diabo amassou, lá á sua moda d'elle diabo.

Palavra puxa palavra, e após esse discurso chegou-se ao conhecimento de que o Sr. Serzedello presenteára o carcereiro da Correcção com um chapéo de Chile—acontecimento politico (!) de elevado alcance, e tambem que S. Ex. chorava todos os dias n'aquella prisão, afflicto, desesperado e abatido.

* *

N'este ultimo ponto o deputado em questão, posto em evidencia, abespinhou-se.

— Não chorei!

— Chorou!

— Não chorei!

E eis o thema controverso, e de importancia capital, sériamente debatido entre S. Ex. e pessoas que com elle estiveram presos, e que tiveram occasião de vêr compungidos as lagrimas correrem pelas faces do ex-ministro que desterrára e encerrára em fortalezas, seus patricios e correligionarios, accusados de uma pretensa conspiração, pelo proprio governo perversamente inventada.

O assumpto não ficou tão perfeitamente liquidado em favor do Sr. Serzedello, como o outro, filiado á dadiva do chapéo de Chile: ao contrario, o que affirmam seus companheiros de prisão é que S. Ex. não fazia outra cousa na Correcção, senão chorar, chorar sempre, chorar muito, chorar desesperadamente, inundando o seu cubiculo, o dos visinhos, as galerias, os corredores, as salas, o gabinete do director, até a propria rua do Conde d'Eu!

S. Ex., dizem, transformou-se alli dentro em um verdadeiro chafariz do Lagarto...

* *

Agora, S. Ex. nega que houvesse chorado. Seus companheiros affirmam que assistiram áquella inundação: e então pergunta-se:

— Se não eram lagrimas, que poderia ser isso que tudo molhava em derredor do illustre preso? Se não era a secreção das glandulas lacrimaes do illustre representante do districto federal, que secreção foi essa tão abundante, que a todos tanto intrigou e compungiu?

* *

Em definitiva nada se sabe. Se não que o Sr. Glycerio e mais trinta companheiros, após os discursos do Sr. Innocencio, resolveram propor um projecto á camara fazendo reverter ao exercito e restituir á sua cadeira de lente na Escola Militar o mesmo Sr. Serzedello, do chapéo do Chile e das lagrimas...

A *Cidade do Rio* chamou a isto pagamento á bocca do cofre. Não sei se é. O que sei é que no dia em que tal projecto fôr convertido em lei, e dados os costumes do Sr. Innocencio, teremos todos de sahir á rua de galochas,—tal a inundação a esperar.

D'essa vez as lagrimas lhe brotarão em penca —mas desta vez de gosto; e o Sr. Serzedello poderá ajuntar mais um aos oito instrumentos que tocava, sendo o penultimo o do martyrio, e esse ultimo o da coroação.

* *

Felizardo, verdadeiramente felizardo, o representante do districto federal!

LÉO.

THEATROS

A *troupe* Sansone accordou os echos do theatro lyrico, durante a semana finda, com a exhibição das operas *Cavalleria Rusticana* e o *Trovador*.

Eu estou, vai não vai, a dizer que foram dous fiascos... Mas não digo; não sou tão mau como suppoem. E' que tambem a verdade manda que diga: já vi peior, melhor já vi,—cousa assim é que nunca vi.

E já me explico.

*

No Recreio Dramatico, por exemplo, já assisti a uma *Cavalleria Rusticana* de dez tostões á entrada. Era peior—em absoluto; relativamente, isso não.

E nem motive reparos este meu modo de exercer o gladio da critica, fallando do preço de entrada applicado a processo de julgamento... De cima parte a corrupção dos processos criticos n'este sentido; e são os proprios proceres da critica lyrica fluminense que a isso me auctorisam, affirmando que a companhia Sansone é excellente— vista á luz diaphana de 7$000 por cadeira.

Pois, meus senhores, a verdade é esta e incontestavel: por sete tostões ainda seria cara a tal cousa a que das galerias denominaram *Rusticaria Cavallana*.

O nome não é bonito; mas está de accordo com a parodia da sublime producção de Mascagni, que ao publico fluminense foi servida em pleno palco do theatro do Sr. Bartholomeu.

*

A grande critica, dos grandos orgãos, d'esta vez não póde encobrir o sol com uma peneira velha, esburacada, como até agora tem feito. Em todo caso, passando a mão pela cabeça da companhia, ella critica attenuou o seu juizo, que devia ser severo, chamando áquillo—um simples ensaio geral.

O' gente! Reparai que nos tempos do Bassi e do Mancinelli, os ensaios geraes eram melhor cousa, e não vos merecem tão depreciavel comparação!

*

Deixemos de parte os exageros do Sr. Arcangeli, a insufficiencia do Sr. Sigaldi, a desenvoltura da Sra. Sartori, que comprehendeu a Lola adultera como se fôra uma réles mulher da vida airada: e vamos logo a Santuzza, a Sra. Rebuffini, que parecia haver deglutido um barril de sorvete ao entrar em scena—tão fria, tão gelada estava. E tambem vamos ao Sr. Boniccioli, esse regente que... que... que nada!

Ou que não nada.

*

A Sra. Rebuffini estava enferma, disseram os jornaes no dia seguinte. Não creio. Quem está doente recolhe-se ao leito e manda chamar o medico; não vai para o camarim nem entra em scena.

Pelo menos assim faço eu: quando sou atacado de qualquer doença busco a pharmacia e não canto n'esse dia, nem que me rachem —nem de graça, nem a 7$000 por cadeira.

O final da opera, só esse, bastou para mostrar que a Sra. Rebuffini não dispõe do vigor dramatico requerido pelo papel de Santuzza, ou então que estava a caçoar com o publico.

Imaginem que a distincta prima-dona sabendo em scena que o seu amante Turiddu tinha ido bater-se com o *compadre* Alfio, foi até lá dentro espiar como ia a pandega... Depois, voltou com todo seu vagar, e muito naturalmente disse ás mulheres (coristas) que alli se achavam á sua espera, afflictas para irem despir-se:

— Vocês sabem o que aconteceu, raparigas? Parece que mataram o Turiddu...

E as outras, muito convencidas, e tambem muito friamente:

— Hom'essa!

E cahiu o panno.

*

O regente, Sr. Boniccioli, esse, nem frio, nem quente, nem nada. Alli assim, na sua poltrona, batuta na mão, partitura em frente; muita barba, alguns oculos... e disse. A orchestra, á vontade; os córos, *ad libitum*; e o pobre do Pietro Mascagni—frito.

Ora, meu Deus; porque motivo esse cavalheiro hade chamar-se Boniccioli?

Se é como amavel pessoa, cavalheiro fino, musico de nome,—vá. Mas se é como regente, não senhor: sob esse interessante aspecto Sua Senhoria andaria melhor chamando-se — Maliccioli.

Maliciolli é que é.

*

O *Trovador* andou pelo mesmo caminho. A Sra. Bassi parecia que estava a representar o seu papel do *Baile de Mascaras*, e o que afinal talvez não seja culpa sua, mas sim do Sr. Giuseppe Verdi, que fez as duas operas assim tão semelhantes, que um só vestuario serve á Sra. Bassi para os seus dous papeis.

Melhor andou a Sra. Sartori, que definitivamente é uma das mais apreciaveis figuras da companhia, apezar do seu ar cheio de circumstancias e de uns *arrancos* e esgares tragicos um tanto excessivos, que a tornam, pelo menos, isto: feia.

O tenor agradou á platea, disseram os jornaes da manhã... Pois aqui á puridade: — não gostei. E, mesmo, nem tive occasião de ver esses delirios de applausos a que se referiram os noticiaristas bem intencionados.

Nem podia ser por menos; pois se quem regia a orchestra era o Sr. Boniccioli!

*

Fóra do Lyrico tivemos a *reprise* de *Surcouf*, um pouco de *Gato Preto*, e outras cousas, no Apollo; no Variedades as *Duas Orphãs*; o para sempre *Tim-Tim*, no Recreio Dramatico; no S. Pedro, *Nossa Senhora da Bonança*, *Dous renegados*, os *Sete Infantes de Lara*, os *Seis Degráos do Crime*, os *Quatorze....*

*

Perdão! Errei a conta, e os nomes tambem!

Dos *tiros* do Sr. Medeiros (olhem que não é de Albuquerque) os que até agora constam do cartaz não são tantos assim. Por emquanto, em festa da Sra. Isolina, o que ha é a *Ignez*, que depois de morta foi rainha; e quando a festa é d'ella e do Sr. Medeiros (já disse que não é o de Albuquerque) são *Os Engeitados*.

Mas não me dirão engeitados — por que? quando? como?

*

Tal qual como no Variedades: já me perguntaram que *Duas orphãs* eram aquellas... Uma é a Sra. Emilia Adelaide; a outra...

A outra é o Sr. Furtado Coelho, está bem visto.

TONY.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

A sahida do Aquidaban, em a noite de 1 de Dezembro de 1893, por Tancredo Tavares, trabalho em verso, offerecido ao almirante Custodio de Mello.

Mensagem do presidente do Estado do Espirito Santo, lida na installação do Congresso Legislativo do mesmo Estado.

Revista Maritima Brazileira, n. 1, do XV anno.

A Toutinegra do moinho, por Em Richebourg, nova collecção popular, tomo n. 6.

Anhelo, do distincto compositor Alberto Nepomuceno, musica impressa nas officinas da casa I. Bevilacqua & Comp.

A Celestial, schottisch de C. Rabello, offerecida ás bellas fluminenses. Editora a casa Fertin de Vasconcellos & Morand.

Correio Musical, valsa de Oscar Carneiro, *Amnistia*, polka e *Olympia*, mazurka, de Alfredo Castro; traz esta collecção um retrato do grande maestro Carlos Gomes, no frontespicio.

O Reporter, primeiro numero do novo jornal paulistano, dirigido pelo activo reporter Juvenal Pacheco.

Revista Pharmaceutica, orgão da Sociedade Pharmaceutica Paulista, n. 7 do 1º anno, correspondente a 15 do corrente.

E' uma publicação que merece louvores, pelos artigos escolhidos e importantes que sempre traz em suas paginas.

Contribuições para o estudo das condições pathogenicas da albuminuria gravidica, (da velocidade da onda sanguinea) novo trabalho do distincto profissional e operoso cultor da sciencia, Dr. Rodrigues dos Santos.

Revelação de alem-tumulo, do illustrado advogado Dr. Antão de Vasconcellos, trabalho de que nos occuparemos mais detidamente.

A Revolução de Cuba, estrophes de Luciano Fataça, com um prefacio do eminente escriptor portuguez Sr. João Chagas.

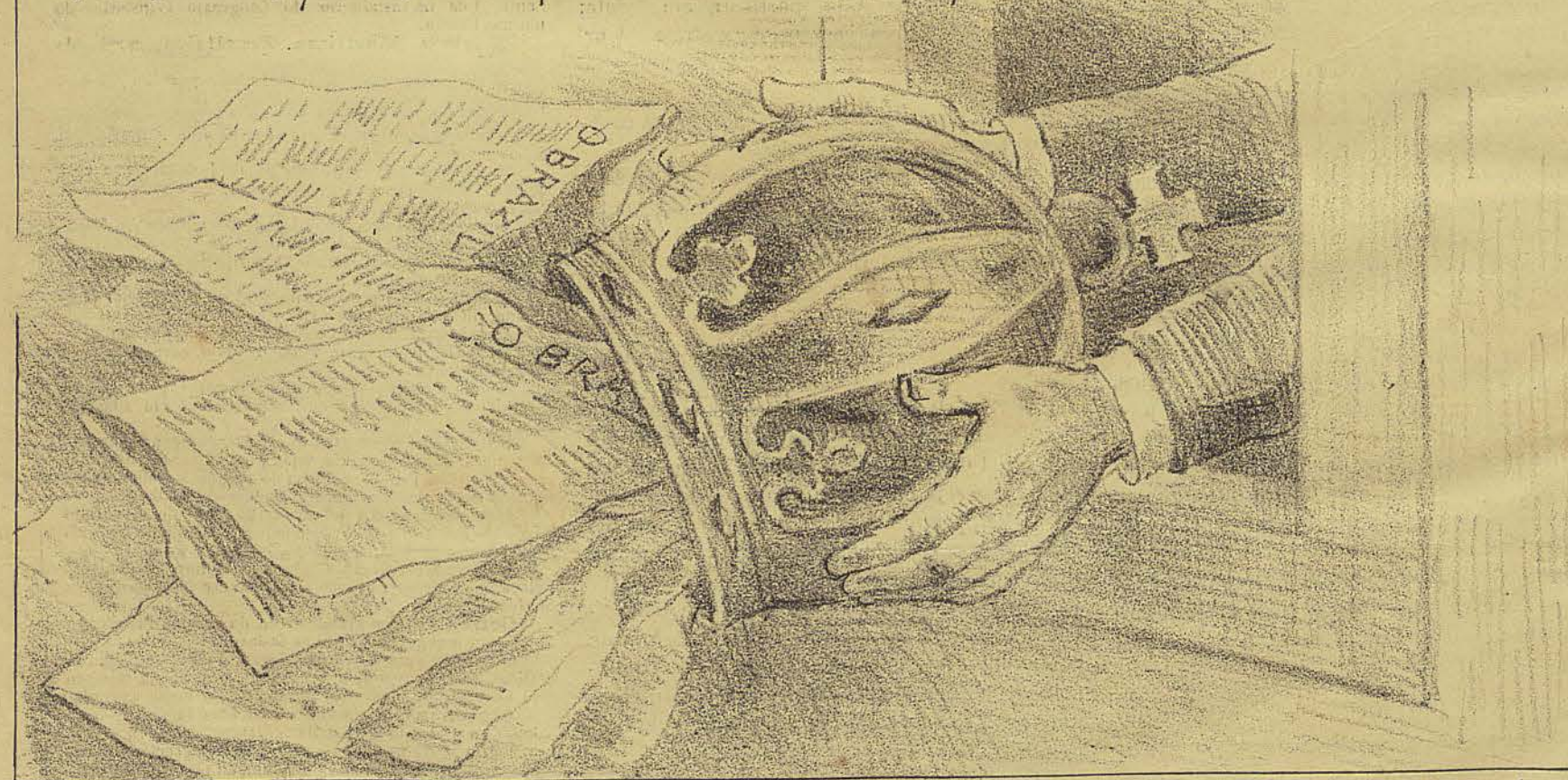
Convite para o grande baile do Cassino Brazileiro, hoje, para inauguração de suas festas.

Convite para o baile de posse do Club dos Democraticos, essa sympathica sociedade que prima sempre pelo bom gosto—como aqui ao lado diz o nosso Eugenio.

Algumas caixinhas de excellentes bonbons, chocolate da acreditada fabrica *Andaluza*.

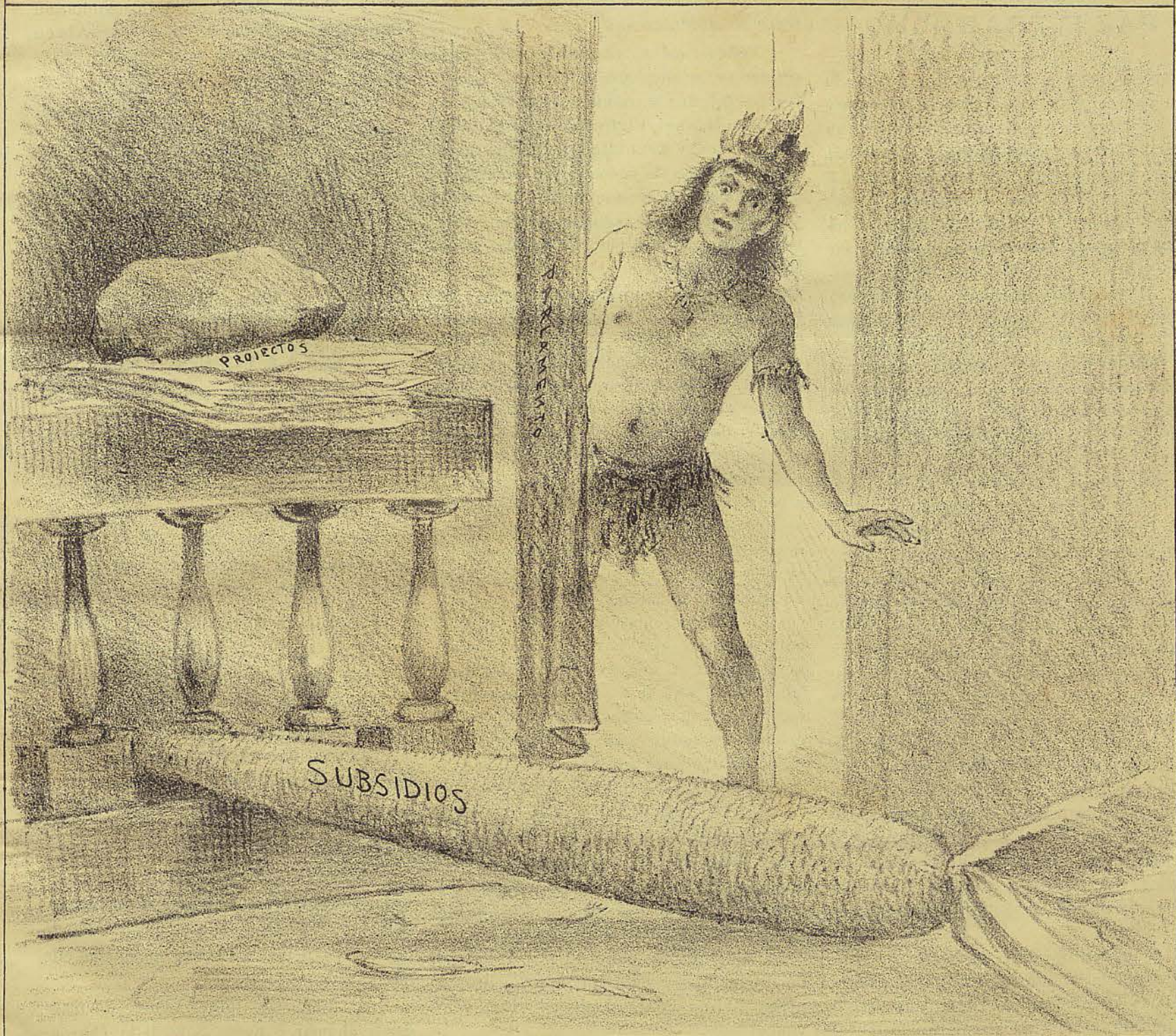
Phosphoros da marca *Brazil*, apreciavel producto da industria nacional, da Companhia Fabril Brazileira.

Typ. L'Etoile du Sud, *r. S. José 102*

A Republica saúda jubilosa a aurora de 15 de Novembro, recebida entre festejos. Nao a intimidam as leves nuvens que buscam empanar o dia claro da Republica.

Unica ameaça monarchista realisada: saiu da corôa um Brazil, mas tão... tão innocente, tão timido e tão inocuo! D'ahi não virá mal ao mundo.

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 41

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini
R. OUVIDOR 109

Mas uma prorogação do subsidio, no fim da qual os illustres papagaios baterão as azas, deixando o paiz abysmado diante do grande trabalho que tiveram... roendo a espiga até o sabugo!

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	20$000	Anno........	24$000
Semestre	12$000	Semestre	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitarnos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o *D. Quixote* a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO, 23 DE NOVEMBRO DE 1895.

PAZ E TRABALHO

Seja nosso lemma na era nova em que parecemos entrar: Paz e trabalho!

O primeiro anniversario do governo civil do actual Presidente da Republica teve, entre outras commemorações, a inauguração de uma valiosissima Exposição Industrial, que um punhado de homens benemeritos conseguiu organisar com o auxilio sollicito dos representantes da industria brazileira. E é forçoso dizer-se: nada conseguiria solemnisar mais dignamente o dia 15 de Novembro de 1895 do que essa revelação eloquente do trabalho nacional, que, apezar de todos os obstaculos gerados pela mais hedionda das politicas, cresceu e prosperou.

O governo da justiça e da lei, o governo das reparações constitucionaes que hoje dirige os destinos da Republica, mal poderia ser festejado com simples salvas de canhões ou com paradas militares, por mais que a ellas se ligue um pensamento festivo. O que condizia com a sua indole e com os seus sentimentos generosos e patrioticos era exactamente uma festa de paz, e esta symbolisou-se na Exposição Industrial.

A fabrica é um templo, onde pela união harmonica da intelligencia e da força, do cerebro e do braço, se realisa practicamente a lei da confraternisação e do amor. Nos campos de batalha o homem desce á esteira dos brutos; na fabrica elle se eleva á altura de rei da creação, produz e não aniquila, crea e não mata.

A nascente industria brazileira precisava além d'isto de fazer interessantissimas revelações ao Brazil e ao resto do mundo, a bem de seus proprios interesses; carecia convencer-nos de que tem feito progressos reaes e desmascarar o commercio illicito, que rotulava com titulos estrangeiros o fructo de nosso proprio suor e o mais bello testemunho da nossa actividade fabril.

A' sombra da ignorancia em que jaziamos sobre os recursos da industria nacional, abriamos porta larga e franca aos productos similares da velha Europa, prejudicando d'est'arte os interesses da industria indigena, que na lucta corria o risco de succumbir. As tarifas aduaneiras ahi estão para demonstral-o á saciedade.

Cumpria, portanto, trazer á luz meridiana da publicidade todas as nossas conquistas e chamar com ellas a attenção dos legisladores para a imprescindivel e inadiavel necessidade de rever aquellas tarifas, que devem ser o amparo da industria nascente.

Todos estes resultados beneficos obteve-os a commissão illustre, a cuja frente fulgura o nome já respeitado do Sr. Dr. Manuel Victorino Pereira, vice-presidente da Republica, e de que fazem parte cidadãos de reconhecida competencia. Ella teve o merito de não descrer do patriotismo dos brazileiros, metteu hombros corajosos ao emprehendimento patriotico, appellou em boa hora para todos os Estados da Republica, congregou rapidamente os capitaes necessarios para a realização do seu *desideratum*, obteve o concurso de industriaes prestimosos d'esta capital, trabalhou com heroismo para vencer pelo esforço o que a escassez do tempo não permittia, e triumphou. No dia 15 de Novembro, quando todos celebravamos com effusão de dobrado jubilo a proclamação da Republica e o primeiro anniversario do governo constitucional do Sr. Dr. Prudente de Moraes, essa commissão abriu as portas do seu Pantheon da paz e do trabalho.

E' esse o caminho auspicioso, por onde cumpre que enveredemos afoutamente para a conquista do futuro. A Republica será invencivel, se esquecermos de vez as paixões politicas e se sacrificarmos todos uma parcella de interesses individuaes no altar da collectividade.

Summo respeito á lei e sincero amor á liberdade bastam para dentro de breve prazo cicatrizarmos as dolorosas feridas que nos deixou o governo fatal da tyrannia. E, confiados na honestidade do primeiro magistrado da nação, tranquillo cada cidadão no cumprimento religioso do dever, seja esta principalmente a nossa divisa: Paz e trabalho! Com ella venceremos.

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DO «D. QUIXOTE»)

LÉO A TONY

— Serviço telegraphico *Paiz* superior ao nosso.

TONY A LÉO

— Ora isso é velho.

LÉO A TONY

— Vê esta communicação da Victoria: «Barra Jucú pescado cassão enorme 4 1/2 metros comprimento e 4 circumferencia, sendo extrahido figado um quinto de azeite!»

TONY A LÉO

— Muito azeite, muitos metros; que tens tu com isso?

LÉO A TONY

— Tenho Espirito Santo acachapou Paraná. Paraná exportou Arthur Abreu só tres metros circumferencia...

TONY A LÉO

— Mas quem sabe terá no figado cinco quintos azeite?

LÉO A TONY

— Cinco quintos é asneira. Vai dormir que estás com somno.

O estacionario,

ORÔ WESTERN.

NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote*, (rua do Ouvidor 109, assignaturas 20$000 por anno, 24$000 para os Estados) continúa como sempre a gosar de excellente saude, apesar das chuvas d'estes ultimos dias, e da propaganda monarchica, que está ficando um pouco aguada.

×

Consta que o Congresso vai votar para si mesmo mais uma prorogação, esta por quinze dias apenas.

A' razão de 75$000 por dia, não é caro: os rouxinóes do lyrico ganham mais por noite.

×

Continúa o presidente do Chile a não poder organisar ministerio; e diz-se mesmo que terá de eliminar-se, como o finado Grévy, visto não encontrar quem com elle queira servir.

E' teima de Jorge Montt. Se mandasse chamar o nosso Serzedello Corrêa,

teria um ministro, um ministerio, e tudo mais.

Este, quando ministro, não chóra — prende.

×

Foi demittido de bagageiro da Estrada de Ferro Caveira de Burro o bagageiro Job Onofre.

Nosso collega do *Paiz*, que dá pelo mesmo nome, não protesta, lamenta o caso. O seu homonymo não o honra.

×

Entre dous criticos musicaes, Guanabarino e Barbosa, trava-se grande discussão que teve por base os dós de peito do tenor Vilalta.

Um diz que esse *dó* é *si*; outro diz que esse *si* é *dó*.

Nós temos dó de ambos e do sobredito tenor; e pelo caminho que leva a discussão reconhecemos que nenhum dos dous está em si.

E o nosso dó é mais do que do peito: — é do coração.

×

Andam pelo ar trezentos contos, em ouro e ao par, offerecidos ao felizardo que descobrir o meio de mandar a febre amarella plantar batatas.

Muita gente atira-se n'este momento aos livros, aos laboratorios, e aos doentes para o fim muito justo de calcular o caso... Segundo as tabellas de cambio... ao impar, são trezentos contos; ao par—quasi novecentos.

Um pedaço de céu, com estrellas e tudo.

×

Está resolvido que o Sr. senador Lopes Trovão emittirá o seu discurso, de ha muito ameaçado, em um dos primeiros dias da nova prorogação das sessões do Congresso.

A administração do *Diario Official* prepara-se, contractando mil e trinta typographos, e cento e quatro revisores.

E sabeis porque cidadãos? Porque esse discurso vai durar quinze dias, pelo menos.

Os reporters,

ESCENA & MONTRY.

O FIASCO

—

Foi o caso que ha tempos o Dr. Rodrigo Octavio escreveu um livro chamado *Festas nacionaes*. Não foi escripto sob estado de sitio, mas ninguem protestou. De repente Anapurús, que encobre um nome fidalgo, apparece pelo roda-pé da nossa illustre collega, a *Noticia*, e contesta... Que contesta Anapurús? Que tenha havido festas nacionaes?

Nada d'isso. O que feriu o pudor do folhetinista foi um accidente acontecido ao Sr. D. Pedro I quando marchava para o terrivel *fico*.

Antes de S. Magestade ficar com a nova patria ficou no matto, longe da guarda de honra, só com o Sr. de Pindamonhangaba que, discretamente, passou o lenço ao primeiro fundador.

É isto que Anapurús nega. Não vale á pena tanta barulhada. Debalde Anapurús invocará testemunhos favoraveis á segurança do monarcha, não o livra daquelle aperto. Rodrigo Octavio leu documentos, viu talvez (quaes seriam elles), a questão está liquidada.

Perdõe que eu metta a minha colher, Anapurús, mas esse caso sujo já foi tirado a limpo.

†

Appareceu *O Brazil*, o orgam sebastianista apregoado. Está salva a... Republica.

Os monarchistas arregimentaram-se, armaram-se, prepararam-se, encheram o bucho de cousas fortes na *Rotisserie Paulista* e quando pensavamos que ia desabar sobre a republica todo um mundo de argumentos fulminantes, *O Brazil* surge com D. Carlos ás voltas e com artigos velhos transcriptos de velhos jornaes.

O' patricio: que tem com a restauração, brazileira os comes e bebes do rei portuguez?

Consulta-o que elle te dará um conselho, é que não pense em aguas passadas, e que aguas!

†

O manifesto de S. Paulo, valha-o Deus, parece com o artigo de fundo da folha monarchista.

Onde estão os nomes? Para que tantos pseudonymos n'um documento publico?

Emquanto o manifesto morria de inocuidade, emquanto aquellas palavras loucas aturdiam os ventos, o povo tranquillo e feliz, commemorava o 6º anniversario da republica, saudando em phrenesi o magistrado supremo da nação, entregando-se satisfeito ás festas da paz, ao triumpho do trabalho.

Alli está a Exposição industrial que attesta bem alto o que vale a republica.

Quando um povo em seis annos de liberdade dá provas do seu labor como essa não deseja, nem admitte jamais o captiveiro.

A republica é o regimen unico compatível com a grandeza do Brazil.

†

Brazil (com gripho) tem paciencia, não pegará a restauração de restaurante senão nos estomagos ditosos.

Bemaventurados os que comeram, porque elles encheram a barriga.

GATO PRETO.

GRAMMATICARIA

—

A questão entre o *Paiz* e a *Gazeta* sobre saber qual dos dous erra mais em grammatica, esteve acirrada e francamente suggestiva.

Por emquanto não se conseguiu apurar qual dos dous tem torturado mais a menina dos olhos de João Ribeiro; um diz percorreu *todo elle*, outro diz teria *chamado-me*; este diz o diabo com botas, aquelle diz cousas pavorosas. No fim de tudo Alfredo Gomes rejubila—porque a questão não é com elle.

* * *

Em meio da disputa, — não affirmo que tal ou qual diz isso — surge um terceiro poder e faz a resenha da das mil barbaridades perpetradas pela imprensa diaria contra a pobre e indefeza grammatica, deixando evidenciado que n'esta terra a collocação dos pronomes é puramente arbitraria e que relativamente aos partecipios o caso é para desesperar.

* * *

Teria graça a contenda se não fosse sabida e conhecida a opinião dos nossos follicularios sobre a mediocre importancia das regras grammaticaes applicadas á factura dos artigos de fundo...

Nos jornaes, ha receio de escrever *entregado*; diz-se muito naturalmente: elle não tinha *entregue*. Ha medo de escrever já o tinha *matado*; substitue-se muito cautelosamente por—já o tinha *morto*. E dizem: se soubesse não teria *aceito*: porque *aceitado* é crime atroz. Escrever as palavras *morrido*, *gastado*, e outras, são outras tantas infamias.

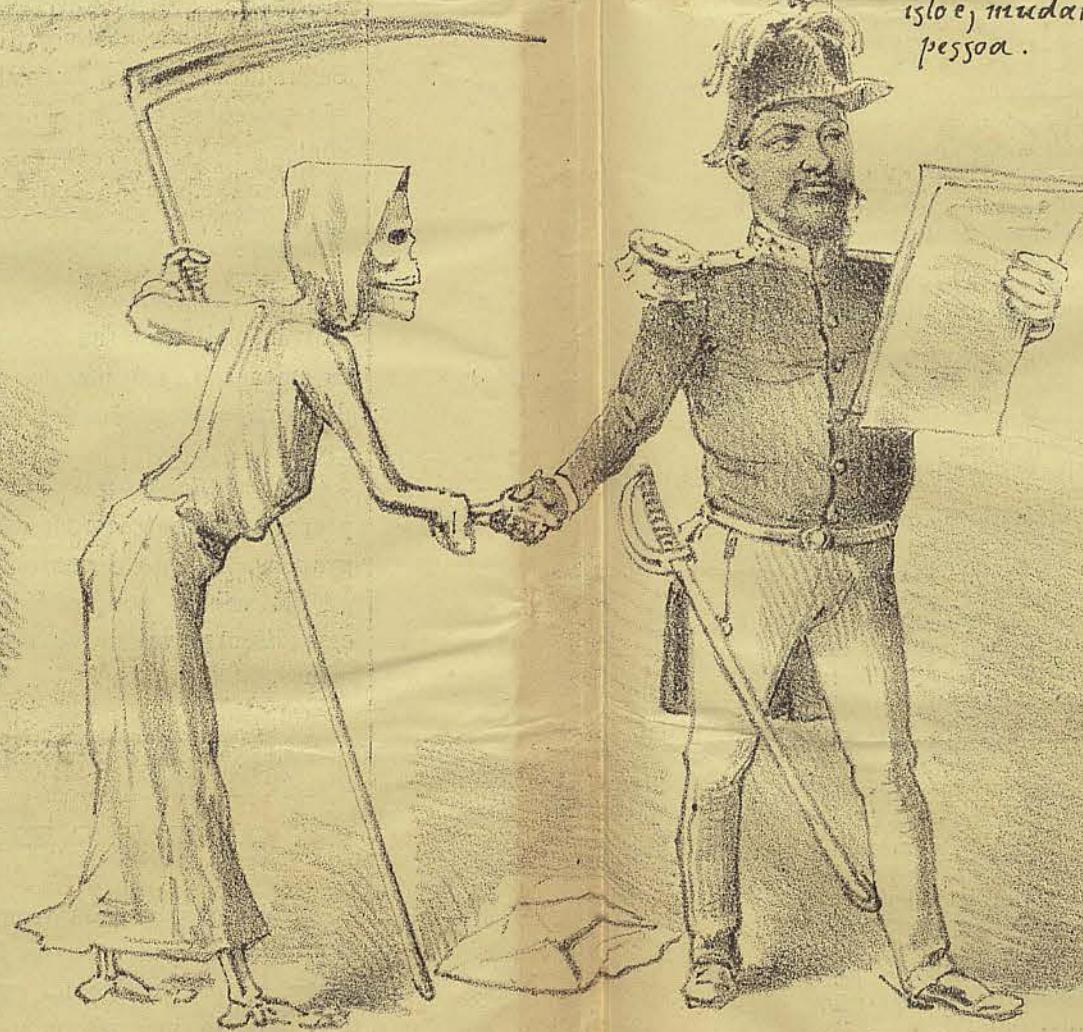
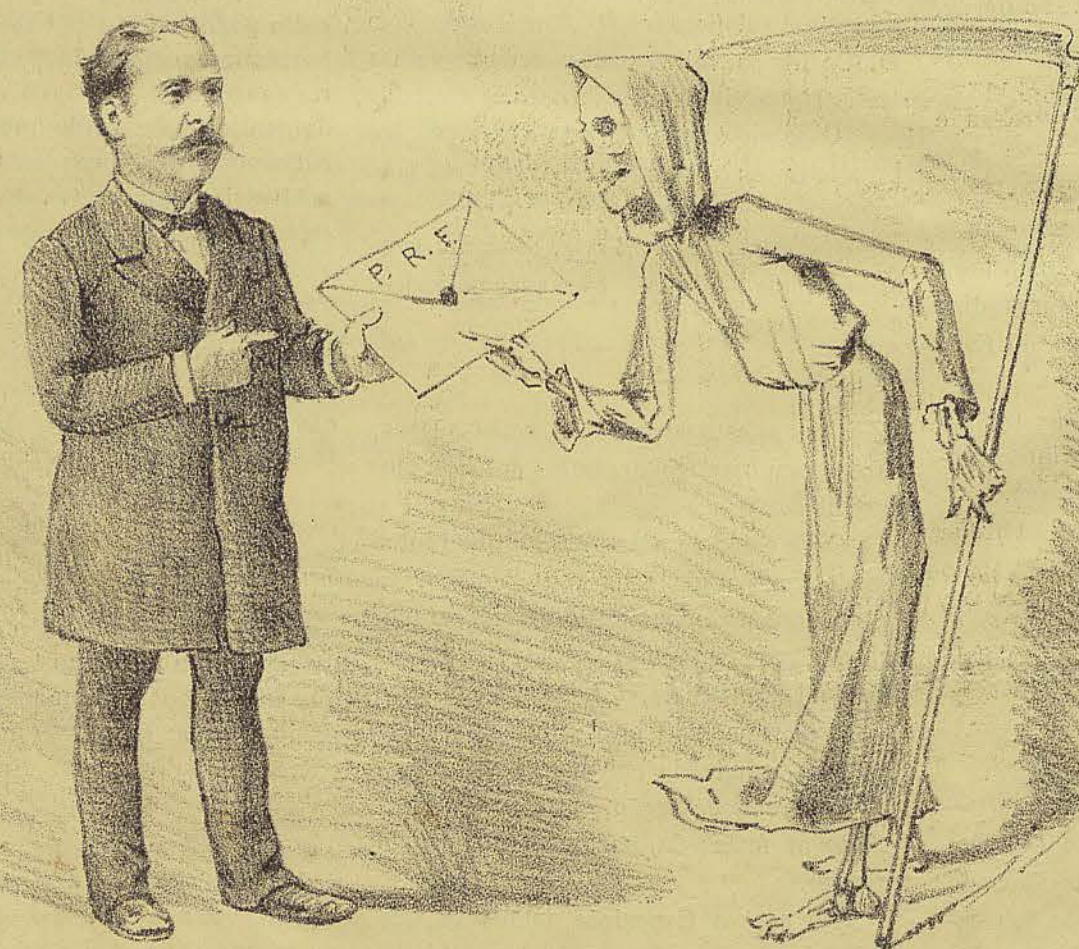
* * *

Isto posto, e visto os autos, deslindada a questão e apuradas as cousas, entre o *Paiz* e a *Gazeta* quem mais erra em grammatica... é o visinho Antunes.

D. Febre Amarella ficou muito contrariada com a idea do deputado Ramos de offerecer 300 contos em ouro a quem acabar com a mesma D. Febre.

Ao simples annuncio dos trezentões movem-se os Esculapios, surgindo de toda a parte em perseguição da bicha.

Em tal caso a bicha resolve bater a linda plumagem, isto é, mudar para outras paragens a sua esquelletica pessoa.

Entrementes, porem, acóde-lhe uma idea salvadora: filiar-se ao Partido Republicano Federal, que salva todas as situações difficeis, estaduaes e federaes, politicas e febre-amarellicas.

E então dirige-se a um dos mandões do P. R. F., que póde na sua qualidade de prefeito municipal auxilial-a em seus desejos. O illustre parteiro dá-se desuspeito, mas entrega a D. Febre uma carta de recommendação para o chefissimo do P. R. F.,

o qual satisfaz o pedido, dando em resultado que ao cabo de tudo uma grande pedra ficará sobre o negocio, e D. Febre Amarella filiada ao P. R. F. continuará a imperar n'esta muito leal e muito heroica Cidade.

Aqui é a vez de dizer — e cabe a todos—: está o rôto a rir do descosido.

Ou do *descosinhado*, — pois n'este particular de ogerisa a uns certos partecipios, a confusão entre o cosinhado e o cosido chega a parecer obra do nephelibatismo penetrante e avassalador.

JOÃO FÉRULA.

TENTATIVA DE SUICIDIO

Sob este pavoroso titulo publicou o *Jornal do Brazil* a seguinte communicação, inserta em meio de seu bem organisado serviço telegraphico:

« BAHIA, 19.—A menor Amelia de Andrade tentou suicidar-se ingerindo uma substancia toxica.

« Soccorrida a tempo a menor declarou que se quizera suicidar para evitar os máus tratos que recebia da esposa do cidadão onde vivia. »

Que horror!

Inflingir máus tratos a uma pobre menor só porque esta vivia n'aquelle cidadão! Se elle vivesse n'ella, vá; mas assim, não.

A policia bahiana deve intervir no caso, pelo menos para fazer a sobredita menor mudar de residencia — deixando de viver n'um homem casado.

A moralidade, a honra, os principios sociaes —e até as tradições do Estado da Bahia, assim o exigem.

O.

A SEMANA

Grandes festejos! tres dias
De festas nacionaes;
Que pagodes, que folias!
Téve justas alegrias
O presidente Moraes.

Passeio fóra da barra,
Parada, lyrico, hymnos,
E no meio da algazarra
Nem um só dos jacobinos
Ousou descobrir a garra.

Somente uma voz atôa,
A bordo vendo o Carvalho,
Disse logo: « hom'éssa é bôa!
Desconfio do baralho,
Não embarco na canôa. »

Mas de tudo o mais vibrante,
O triumpho descommunal
Está em ver em que instante
Uma exposição brilhante
Faz o povo industrial.

O' Brasil, que não te acabam
Teus inimigos *legaes*!
Cegos sobre ti desabam,
Mas tu para deante vaes
E elles de raiva se babam.

Bravo! o quanto és grande agora
Attestas ao mundo assaz!
A inveja não te devora,
Entraste na grande aurora
Na grande festa da Paz.

—

O general diz que sim,
O coronel diz que não;
—« Chorou como um coisa ruim!
— Chorei como um cidadão »
Qual dos dois terá razão?

« Beijou a mão que o bateu »
Comeu manteiga no pão,
Porem depois que a comeu
Diz que nunca foi chorão.

Chorou? quem decide emfim?
O general diz que sim,
O coronel diz que não.
Qual dos dois terá razão?
Chorou ou não chorou? eis a questão.

—

E não é que surgiu de verdade
Um jornal monarchista, *O Brazil*,
Mas que tendo um só dia de edade
Já mostrou um aspecto senil?

Coitadinho! tão velho na cara!
Pobresinho! tão velho no fundo!
Nunca vi uma coisa tão rara..
Bem se vê que não é d'este mundo.

Descança em paz,
Orgam senil
Entre *ramos*, senhores, alli jaz
O Brazil.

—

Depois que o Chefe tomou conta
Anda a marinha em vivo fogo;
E o vaso que ora está na ponta
Mesmo parado soffre jogo.

Ha coisa grave no alto bordo:
Um commandante, um general
E mais alguem que não recordo...
Leiam as *Varias* do *Jornal*.

F. MENDES.

A DESHONRA DA REPUBLICA

O titulo é terrivel. Impressionista e tetrico. E se não exprime uma verdade inteira, porque a Republica ainda não está deshonrada — salvo se derem o Amapá aos francezes e aos inglezes a Trindade, com ou sem arbitramento — traduz a justa indignação de uma das milhares de victimas da Legalidade que enlutou este paiz.

Não. A Republica ainda não foi deshonrada; na vida domestica tivemos tudo — até a tyrannia a constringir-nos com seus guantes ferreos; temos o *deficit*, assombrosamente progressivo; temos a confiança publica abalada, o cambio a 9... por favor; e uma porção de outras cousas mais, tristes e lamentaveis.

Entretanto, isso ainda não significa nem representa a deshonra da Republica; mesmo porque os seus governantes, mal preparados e servidos por mau temperamento, não eram nem foram a imagem do governo do povo pelo povo: a deshonra não foi da Republica, mas d'aquelles que se disseram seus guardas e servidores, seu amparo e seu tutor.

A Republica viveu, vive e viverá — pura e honrada.

***

E isto posto, temos em mão o volume (segunda edição) do Sr. general Honorato Caldas, intitulado *A Deshonra da Republica*.

É um trabalho importantissimo, que representa farta messe de ingente esforço, um movimento de alevantado patriotismo, uma somma imponderavel de grande energia e de severidade justa.

Ha nessas trezentas e tantas paginas uma notavel cópia de documentos esmagadores, enfeixados em um só volume, como os provarás arregimentados de um promotor publico, vingadores e irresponsaveis, atirados á face de um réu de crimes horrorosos.

***

Como documento historico, é obra de mór valia; e só de futuro o historiador dos tristes tempos da primeira infancia da Republica Brazileira, poderá aquilatar do merito da accusação provada, contra aquelles que ensanguentaram o sólo da patria e sacrificaram o povo pela posse do poder.

Na *Deshonra da Republica* o illustre general Honorato Caldas prosegue na obra meritoria encetada por Kleber, estudando a dictadura, analysando-lhe friamente os actos, vingando os opprimidos, marcando com sello indelevel os réus de lesa-patria. O estylo é terso e viril; o conceito, formidavel e esmagante, decorre da prova buscada entre documentos officiaes; e se a pecha de parcialidade lhe pudesse, ao auctor, ser atirada, porque foi uma das victimas da tyrannia, bastavam as provas inconcussas intercalladas no livro, para desde logo ser absolvido o general de tal accusação, e levantar para dirimil-a, a excepção de incompetencia ou de suspeição.

Contra factos não ha argumentos; ante taes provas têm de cessar as gritas dos que perambulam pelas ruas sonhando com um ideal morto e extincto...

***

Não fôra a estreiteza de nossas columnas, e o temperamento d'este jornal, e teriamos o prazer de para aqui transplantar alguns, ou um só capitulo do livro do general Caldas.

Não podemos fazel-o. Mas segundo a lei, esse trabalho já está catalogado na Bibliotheca Nacional: e é ahi que elle ficará para sempre, para ser mil vezes consultado por aquelles que de ora avante quizerem conhecer, avaliar e deduzir, interessados pela historia negra da dictadura que maltratou a Republica.

E é isso o que temos a dizer acerca d'esse volume, que não é um livro impresso — mas um ferro em braza.

FÉLIX.

RABISCOS

As folhas bem informadas— e são todos os collegas quotidianos, matutinos e vespertinos—já deram a grata noticia de uma nova prorogação das sessões do Congresso, esta agora por quinze dias apenas.

Quinze dias, é pouco.

Bem sei que o dispendio com a fallação dos pais da patria é puxadito; que S.S. Exs. vencem subsidio, mesmo já se havendo retirado para os seus penates, no Pará ou no Paraná.

Mas, o que não ha negar é que emquanto fazem isso, a que chamam sessão, nós outros os rabiscadores de tiras não sentimos falta d'aquillo sem o que é impossivel esta vida:—o assumpto.

E é por isso que d'aqui requeiro ao Sr. Manuel Victorino que dóbre a dóse: não quinze, porem trinta dias.

Ou trezentos, que é melhor.

***

A prorogação é caso de futuro; da passada semana é mais importante a resolução do chefe do Estado, de mandar reintegrar em seus cargos os lentes civis e militares, illegalmente demittidos, e reverter a seus postos os militares d'elles privados, tambem illegalmente.

Foi essa a parte mais brilhante dos festejos de 15 de Novembro—e aliás não constava do programma official.

Por esses actos o Sr. Dr. Prudente de Moraes ainda mais subiu no conceito de seus concidadãos, cada vez mais confiantes na sua administração honesta e sadia.

* * *

Pela imprensa, um successo esperado: o *S. Sebastião*, de Coelho Netto, o grande estylista, operoso como nenhum.

E tambem a noticia do proximo reapparecimento do *Rio de Janeiro*, o jornal do Dr. Cavalcanti Mello, que eclipsou-se por alguns dias, mas vai resurgir agora, ao que dizem, mais forte, mais valente e mais vigoroso.

A ambos, Netto e Mello, parabens.

* * *

Pelas regiões da Cadeia Velha, uma unica novidade: a entrada do novo deputado pelo districto federal, Dr. Timotheo da Costa.

Não entrou calado. O que quer dizer que não pertence ao grupo do Sr. Urbano Marcondes.

Ao contrario; apenas prestou compromisso, pediu a palavra, deram-lh'a, e para logo matou uma estrada de ferro, lá de Matto Grosso.

São assim as cousas: as nossas estradas de ferro têm esmagado muita gente; um só homem esmagou uma estrada de ferro.

Esse Timotheo é um Thebas.

* * *

Triste recordação, a que traz ao espirito o ultimo dia da semana.

E' hoje o anniversario do fallecimento de Pardal Mallet, o mais digno, mais meigo, mais carinhoso, mais estimado dos companheiros da imprensa... Triste, tristissima esta data, que envolve o coração dos que ficaram, de negro, de pesado lucto!

LÉO.

THEATROS

Não foi um primor, mas foi obra acceitavel o *Rigoletto* do sr. Sansone, do sr. Athos e do sr. Verdi. Estou mesmo em dizer que, se o sr. Sigaldi não se houvesse descurado tanto da sua parte, era vindo o dia de eu dizer bem da *troupe* de 7$000 do theatro lyrico.

Até a sr.ª Ramini, apezar de tão magrinha, sahiu-se perfeitamente cantando, não como a sempre lembrada Repetto, mas bastante a contento a parte de Gilda, a inditosa filha do bobo.

A sr.ª Sartori no pequeno papel da irmã de Sparafucile mais uma vez deixou evidenciado que é a figura mais saliente do elenco Sansone, concorrendo ella muitissimo para o brilhantismo com que foi executado o celebre quartetto *Bella figlia del amore*.

* * *

Já disse que o sr. Sigaldi não esteve lá para que digamos. Indisposição, ogerisa ao papel ou outra qualquer causa, occulta e ignorada, o caso é que não agradou — a mim pelo menos.

O barytono Athos, que está sendo o prato de resistencia da companhia, fez bem o Rigoletto e cantou-o correctamente, apezar das devastações que em seu orgão vocal tem feito o tempo, esse inclemente e importuno desmancha prazeres.

A orchestra, regular; e os côros como sempre: desattentos e maus.

Aos scenarios é que é preciso fazer inteira justiça: não podiam ser peiores.

* * *

A respeito dos *Palhaços*, a outra novidade lyrica da semana, tenho a fazer-lhes uma importante revelação: — nada sei.

E não sei nada a tal respeito pela simplissima razão de que não assisti á bella partitura de Leoncavallo, em nem uma das duas vezes que foi executada.

Habent sua fata... e meu destino parece ser não ouvir nunca essa opera no Brazil.

E pois que a esse respeito temos conversado, passemos adiante, a outros arraiaes, menos cheios de semifusas.

* * *

Alli assim no Variedades, depois das *Duas Orphãs*, tivemos a *Joanna a Douda*; antes estiveram em scena as mesmas *Mulheres fortes* da semana anterior, e que tão fracas se mostraram como auxiliares da caixa.

Assim não vai.

O publico contava com mais alguma cousa vendo á frente da empreza d'aquelle theatro uma actriz provecta como a sr.ª Emilia Adelaide, e dirigindo a companhia como ensaiador e mestre de scena o velho Furtado Coelho, cuja competencia é indiscutivel.

As esperanças do publico foram, porém, frustradas; em vez de Sardou, Dumas ou Pailleron, servem-lhe n'aquella casa os mesmos D. D'Ennerys que ha vinte annos enthusiasmam as torrinhas nos quintos actos, quando a virtude é premiada e punido o vicio, quando um pai reconhece um filho (lá d'elle) que andava perdido por esse mundo de Christo, ou quando um terrivel bandido cáe no tablado, atravessado pela lamina brilhante de um punhal de folha de Flandres.

Ora sendo assim, o publico muito naturalmente passa pela porta do Variedades, cheira, faz *hum!*... e segue caminho de outro qualquer theatro.

Pois é pena, repito ainda uma vez, eu que tantos e tão sinceros votos fiz pela audaz tentativa da Sra. Emilia Adelaide.

* * *

N'esse mesmo theatro, em dias da semana ida, houve um beneficio com um intermedio, que o annuncio garantia ser de successo pyramidal...

Pyramidal, lá isso foi! Imaginem que a Sra. Gabriella recitava uma cousa intitulada *Tudo cresce*...; e que o intelligente amador (são fallas do cartaz) o Sr. L. Freire, para logo recitava outra intitulada — *Ora toma Mariquinhas!*

Vejam isso e digam-me se n'esse dia — nem sei se foi de dia ou á noite — não começou alli mesmo, no palco do Variedades, a tão fallada e anciosamente desejada rehabilitação da arte dramatica nacional...

E se não concordam — ora toma Mariquinhas!

(O gesto correspondente fica para depois).

* * *

No S. Pedro de Alcantara a Sra. Isolina Monclar deixou-se corôar, ficando rainha depois de morta.

A *Gazeta de Noticias*, maldosa e perversa, disse na sua secção theatros e... que a peça intitulava-se a *Coroação da Rainha Ignez*.

Rainha, vá ella.

* * *

A companhia Souza Bastos está a despedir-se do palco do Recreio e faz-se de vela para S. Paulo.

Até a partida, vai dando ao seu publico o *Tim Tim Fim de Seculo*, que com o *Sal e Pimenta* constituem o vasto repertorio da empreza.

* * *

No Apollo, a companhia Mattos e Machado deu em primeira representação a grande magica *As sete maravilhas do Mundo*.

Segundo o que li nos jornaes, a cousa não é má, e está bem posta em scena. Eu lá não estive; essa gente tem o mau habito de não convidar este seu criado para essas primeiras; os bilhetes em mãos de cambistas, por um preço que é um Deus nos acuda — e com o cambio actual...

Por isso não fui. Mas tive uma informação segura que desde já transmitto ao meu numeroso leitor: uma das sete maravilhas do mundo é a Sra. Anna Leopoldina.

Não vão espalhar isso por ahi.

TONY.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

(PRINCIPALMENTE DE SANTOS)

Prevenimos que desta data em diante deixam de ser nossos agentes em Santos, Estado de S. Paulo, os Srs. Weimann & Comp., estabelecidos á rua 15 de Novembro n. 45, d'aquella cidade, ficando portanto sem effeito, desta data em diante, a procuração por nós confiada aos mesmos senhores.

Desta deliberação, que lamentamos, mas a que somos obrigados pelo procedimento incorrecto desses agentes, não cumprindo até agora seus deveres em materia de prestação de contas, decorre a necessidade de prevenir igualmenle aos nossos assignantes d'aquella cidade que recebiam o *D. Quixote* por intermedio de tal casa, que suspendemos a remessa da folha a esses senhores; tornando-se portanto necessario que escrevam a esta administração, incluindo os respectivos recibos provisorios firmados por Weimann & Comp. afim de que, na sua qualidade de assignantes, continuem a receber o *D. Quixote*.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

A Deshonra da Republica, apreciações geraes sobre a revolta da marinha de guerra nacional e o governo do vice-presidente marechal Floriano Peixoto, pelo general reformado Honorato Caldas. E' a segunda edição, correcta e augmentada, alcançando ao governo do Dr. Prudente de Moraes. Em logar competente tratamos d'este trabalho do illustre general.

Visias do Ver-o-peso, e da Avenida de Nazareth, na cidade de Belém, no Pará.

Revista da Commissão Technica Militar Consultiva, n. 3 do 4.º anno. Importante publicação de que são redactores o general de divisão Francisco Carlos da Luz, tenente coronel Joaquim de Salles Torres Homem e Capitão Antonio José Vieira Leal.

Manifesto da commissão permanente ao povo paulista, em prol da liberdade de Cuba, a perola das Antilhas. Subscrevem-n'o os Srs. Cezar Bierrembach, Dr. Domingos Jaguaribe, Americo de Campos Sobrinho, Azevedo Cruz, Victorino Carmillo e Manoel Alvarenga.

Folhinhas, chromos delicadissimos, e prospectos da acreditada pharmacia do Sr. Alfredo Carvalho, á rua Primeiro de Março.

Magoada, polka por Evora Filho, offerecida ao 1.º Tenente Garcia, e editada pela casa Vieira Machado & Comp.

Se o feio dosse, schottisch, e Conquistadora, valsa, esta de Oscar Carneiro, aquella da Exma. Sra. D. Rosina Lopes de Mendonça, propriedade de Viriato Montenegro.

Revue medico-chirurgicale du Brézil et des pays de l'Amérique Latine, de que é director o illustre cirurgião Dr. A. Bryssay. Numero 10, do primeiro anno, contendo importantes artigos scientificos.

Convite para a inauguração do novo edificio do Recolhimento de Santa Rita de Cassia, solemnidade que deve effectuar-se a 24 do corrente.

La Gauloise, licor hygienico de R. Réquier. Excellente, esse licor, que nos foi offerecido pelo Sr. Albéric Tamisier, unico representante n'esta Capital.

Convite, para a Exposição dos trabalhos escolasticos do corrente anno, da Escola Nacional das Bellas Artes.

Officina de obras do JORNAL DO BRASIL.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL
BRAZILEIRA

A grande festa da Paz e do Trabalho, honra sobremaneira á Commissão Promotora da Exposição de Industria Nacional. Um milhão de parabens!

Anno 1º Rio de Janeiro Nº 42

Don Quixote

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini
OUVIDOR 109

1895

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL

Dr. Manoel Victorino Pereira
Presidente da benemerita Commissão Promotora da Exposição da Industria Nacional.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno	20$000	Anno	24$000
Semestre	12$000	Semestre	14$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que vêem e lêem o *D. Quixote* a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO, 30 DE NOVEMBRO DE 1895.

O Quarto Centenario

Concorramos com a nossa pedrinha modesta para a construcção do monumento. Agita-se na imprensa do paiz e no Congresso a idéa grandiosa de commemorar o quarto centenario do descobrimento do Brasil com uma festa internacional americana, que revele ao mundo e a nós mesmos nos demonstre, de modo tangivel, o progresso que fizemos nestes quatro seculos de existencia.

Permittam os proceres da imprensa brazileira e grandes orgãos da opinião nacional, que tambem accudamos ao appello, já que se tracte de um commettimento nobre e patriotico. Esta folha não tem por habito permanecer na retaguarda quando se discutem problemas desta natureza. Ou castigando com o latego implacavel da critica os vicios e ridiculos da politica contemporanea, ou rendendo preito de homenagem aos grandes servidores da Patria, ou advogando com enthusiasmo e calor a conquista de alevantados ideaes, como foram os da libertação dos escravos e da instituição republicana, temos consciencia de haver sempre obedecido a um sentimento que nos honra. Não quedaremos impassiveis deante do projecto da Exposição de 1900.

E' positivo que estes grandes certamens constituem uma licção proveitosa. O seculo em que vivemos instituiu-os e tem-n'os reproduzido com certa regularidade. A grande Republica da America do Norte já realizou dous d'elles, qual mais brilhante, um em 1876, em Philadelphia, para commemorar a data gloriosa de sua emancipação politica, outro em 1893, em Chicago, para solemnizar o anniversario do descobrimento do nosso continente.

Em 1900 completar-se-hão 400 annos que as naves de Pedro Alvares Cabral, arrastadas pelas correntes occeanicas, aportaram pela vez primeira ás terras do Brazil, desde então reveladas ao velho mundo.

Conquista pacifica do velho e nobre Portugal, arrastamos vida ingrata de colonia até 1822, anno em que partindo os grilhões da escravidão á metropole, nos inscrevemos no mappa das nações-livres.

Acceita então a fórma de governo monarchico, que foi tudo quanto as circumstancias do tempo permittiram, e entregues aos nossos proprios recursos, caminhámos, de vagar sim, mas caminhámos, a despeito das commoções politicas inevitaveis e a despeito dos embaraços oppostos por um regimen centralizador e quasi asphixiante, que nos tolhia os braços em leito de Procusto.

Proclamada a republica federativa em 1889, e dada a autonomia que a nova Constituição conferiu aos Estados, o corpo do gigante sul-americano sentiu o abalo natural da transformação politica. Não tardaram os erros do infante que ensaia os passos; mais de uma pagina luctuosa já passou por debaixo de nossos olhos consternados de patriotas. Mas a verdade é que, ao lado de todos esses erros de infante mal preparado para as urzes da estrada, tivemos tambem grandes audacias de que só a mocidade é capaz, e embora ensanguentando os pés entrámos ousadamente por um caminho que conduz á conquista do futuro.

A lavoura, fonte capital da riqueza publica, privada do trabalho escravo, atirou-se aos processos mais adeantados de cultura. A industria recebeu incremento novo com a facilidade de capitaes. Os espiritos agitados pela convulsão politica como que se inflammaram de ambições não sonhadas. Por todos os longinquos recantos do paiz vastissimo houve uma especie de acordar de longa e pesada modorra; surgiram esperanças novas, ferveu o sangue em todas as arterias, e tudo isso está dando seus fructos.

Pois bem. Chegados ao quarto centenario de existencia, precisamos dar o balanço geral do passado e do presente, para ganharmos ensinamento e redobrarmos de coragem.

Venha a grande festa americana de 1900; trabalhemos todos desde já para seu exito brilhante e nem recuemos por um momento deante dos sacrificios que acaso sejam necessarios para que ella seja digna da Patria.

A união civica do povo brazileiro a bem d'esta causa sancta impõe-se como um dever.

A CIGARRA

O ultimo numero da nossa interessante visinha, ante-hontem publicado, é mais uma victoria do lapis magico de Julião Machado e da penna amestrada do Pedro Rabello.

Destaca-se no presente numero — e este é o motivo d'esta referencia especial — a homenagem por esses dous artistas prestada ao seu irmão em arte, o mallogrado Pardal Mallet, publicando-lhe o bello retrato e ajuntando-lhe umas palavras sinceras, repassadas de verdadeira e saudosa affeição.

E' digna da *Cigarra* essa commemoração camararia, exprimindo que ainda não se apagou a memoria do bom e leal companheiro.

NOTICIARIO

Continúa a redacção do *D. Quixote* (rua do Ouvidor 109, assignaturas a 20$ por anno, 24$000 para os Estados) a gozar de invejavel saude.

O que não é caso para admirar, visto que nenhum de nós frequenta sessões de espiritismo, nas quaes varias pessoas têm dado á casca sem saber porquê.

×

A *Gazeta da Tarde* noticiou ante-hontem que foram apoderadas pelos revoltosos cubanos, as praças do forte de Guionez e Miranda.

«Foram apoderadas» é bonito. Sómente desejariamos — a traducção.

×

O Sr. Prefeito Furquim Werneck anda cabalando no senado para que lhe approvem o veto opposto á lei da intendencia que estabelece concurrencia para o serviço de remoção e inutilisação do lixo.

Ao que parece, os jornaes não approvam as caminhadas do Sr. Prefeito, e a operação gynecologica está-se tornando difficil e arriscada...

Entretanto, é de esperar que o emerito parteiro, exgotadas as applicações de forceps, empregue a operação cesariana (abrindo barrigas) e veja coroados de bom exito os seus trabalhos e labutações.

E' que a questão é de barriga, n'este negocio lixual, como diria um nephelibata.

×

Ainda o nosso distincto collega da *Gazeta da Tarde*, referindo-se á morte de Alexandre Dumas Filho, acrescenta-lhe o seguinte e importante detalhe:

«Foram baldados os idauditos esforços envidados pela sciencia medica.»

Inauditos?! Upa! Mais do que isso! Taes esforços foram inauditos, indefesos, intemeratos, inteiriços, impalpaveis, invisiveis, inodóros, in... tudo.

×

A nova prorogação da sessão actual do Congresso foi por mais vinte dias, e não por quinze, como se dizia.

Parabens aos jovens deputados e aos velhos senadores.

Mais cinco dias a 75$000 são:

5×75$000=375$000

a cada um, além dos quinze dias já esperados.

Quanto sacrificio, meu Deus!... Quanto!...—por parte dos Srs. congressistas!

×

A imprensa diaria noticiou e profligou o facto de não gostar o delegado da 13ª circumscripção de ouvir toques de piano em seus dominios.

E' boa! Cada um tem o direito de consagrar a sua *embirra* áquillo que lhe apraz.

O Sr. Luiz de Castro não gosta de

bandolim, o Sr. Deiró odeia a clarineta, o Sr deputado José Carlos amaldiçôa o flautim, o actor Furtado Coelho não supporta o telephone, certa imprensa tem ogerisa ao delegado da 13ª.

Agora, por que motivo o Sr. delegado da 13ª não tem o direito de consagrar ogerisa ao piano?!

Se não é com o Sr. Nilo, a cousa!

×

Afinal conseguiu o presidente do Chile organisar ministerio, sem o auxilio do nosso poly-ministro Serzedello Correia.

O organisador do ministerio é o Sr. Matte. Tanto melhor: trata-se de negocio liquido, e o novo gabinete será servido em bombas.

×

Por falta de melhores noticias, e alguma preguiça concomittante, param aqui

Os reporters.

ESCENA & MONTRY.

Bras dessus, bras dessous

Patria! dá-me o teu braço, e vem commigo! Veste-te bem! Vê se disfarças com alguns kilos de algodão, em chumaços restauradores, a magreza triste em que te vejo. As sangrias do Paraná puzeram-te na espinha. O deficit, como uma tysica voraz, roeu as bellas carnes que tinhas, forte e brava cabocla, tão robusta, tão fecunda outr'ora... Põe sobre o teu corpo o teu mais bello vestido de seda verde e amarella... Melhor seria que tirasses do peito essa feia melancia azul pintalgada de lettras brancas... Mas o meu amigo Miguel Lemos, se pelo meu braço te encontrasse desprovida da bola azul, seria capaz de não te reconhecer, e de passar por ti sem te pedir a benção, pobre mãe! — Vamos, patria! Dá-me o teu braço e vamos á Exposição Industrial!

* * *

Olha cá! Aqui tens cordas, farinhas, algodões, cofres, tijolos, charutos, camas, ferraduras, malas, chitas, velludos, panellas, cadeados, o diabo! Todas as industrias aqui estão, perfeitamente, cuidadosamente, escrupulosamente, representadas e catalogadas. Só falta uma, patria! só falta uma! Porque não apparece essa industria-mãe, entre as outras? Patria! porque não está aqui a industria politica?

Estou em dizer-te que essa é a mais adiantada, a mais estudada, a mais perfeita das tuas industrias. São varias as fabricas em que poucos operarios, (poucos mas bons) se dedicam aos varios trabalhos que lhe estão sujeitos.

A fabrica-matriz, que é a mais digna de estudo e de analyse é aquella casa enorme e quadrada, que demora no Campo de Sant'Anna, abrindo para a verdura do parque as suas muitas janellas grandes. No primeiro andar, está o gabinete do grande Industrial Werneck, que é a alma d'aquelle templo do trabalho. Werneck, profissional illustre, anima com o seu sopro fecundo aquellas officinas, aquelles vastos *ateliers*.

Que produz a fabrica? que produz a grande Usina da Industria Politica? Produz varias cousas: impostos, sinecuras, fallatorios, intrigas, Cubangos, demissões em massa, contractos de carne verde, empreitadas de calçamentos, corrupções eleitoraes, alistamentos, inspecções escolares, remoções do lixo, etc. etc.

Mas o producto mais bello d'aquellas giganteseas officinas, o producto por excellencia, o producto sem competidor no mundo, o producto quinta-essencia, o producto sem rival, o producto-pae, o producto miraculoso, é este: deputados.

Oh! patria! que admiraveis deputados sáem d'alli!

* * *

Tambem, que somma de esforços reunidos, quanta dedicação, quanta perseverança, quanta attenção exige o fabrico d'este genero unico nos mercados do mundo!

Toma-se primeiro a materia prima. A materia-prima é um homem qualquer, bom ou máo, intelligente ou bruto, independente ou submisso. Pouco importa. Mette-se esse homem dentro de um grande forno, a que está junta uma prensa formidavel. Submettido á acção combinada do calor e da pressão, o homem transforma-se n'um ente docil, sem vontade propria, sem pensamento proprio, sem nervos proprios.

Emquanto no gabinete reservado do grande Industrial Werneck se realisa essa primeira operação, outros operarios andam preparando cuidadosamente um *diploma*, cousa que se faz juntando varios votos, não muitos, apanhados aqui e alli, em certas freguezias eleitoraes, principalmente n'umas terras que por ahi ha, e que dão pelo nome de *Triangulo*. Feito o diploma, embrulha-se n'elle o ente docil. Depois outros operarios, em laboratorios escuros e secretos, que fazem lembrar os laboratorios dos antigos alchimistas, preparam umas especies *de andas*, com o auxilio das quaes o ente docil tem de caminhar pela vida. Essas andas chamam-se *actas*.

Quando todas essas operações preliminares estão acabadas, começa a operação mais seria. O grande Industrial Werneck fecha-se com o homem docil dentro de um quarto escuro, e communica-lhe as suas ideias, os seus projectos, as suas opiniões.

Depois, embrulha-o de novo no diploma, dá-lhe as andas ou actas, e manda-o embora. Está feito um deputado do Districto Federal! Está lançado ao mundo mais um sub-chefe do Partido Republicano do Prefeito!

* * *

Porque, ó Patria, entre tantos productos, de tantas Industrias, não ha aqui um Deputado?

Fica sabendo, Patria! Isto é mais uma prova de que o Prefeito Werneck anda conspirando. Como esta Exposição não é obra do jacobinismo, o grande Industrial Werneck recusou associar-se a ella, negando-se a tambem expor alguma cousa da sua fabrica!

* * *

Dá-me o teu braço, Patria! voltemos á casa! Se não ha aqui productos da Industria Politica, que interesse tem para nós a Exposição?

FLAMINIO.

A SEMANA

« Eis a paga do seu patriotismo,
Eis que obteve seu desprendimento,
Galardôa-se assim o civismo... »
Isto diz o *Paiz*. E acrescento:

O *Jornal* assegura que outr'ora,
Lá no porto de Montevideu,
Um sujeito de trem recebeu
Cobre grosso que ainda hoje elle chora.

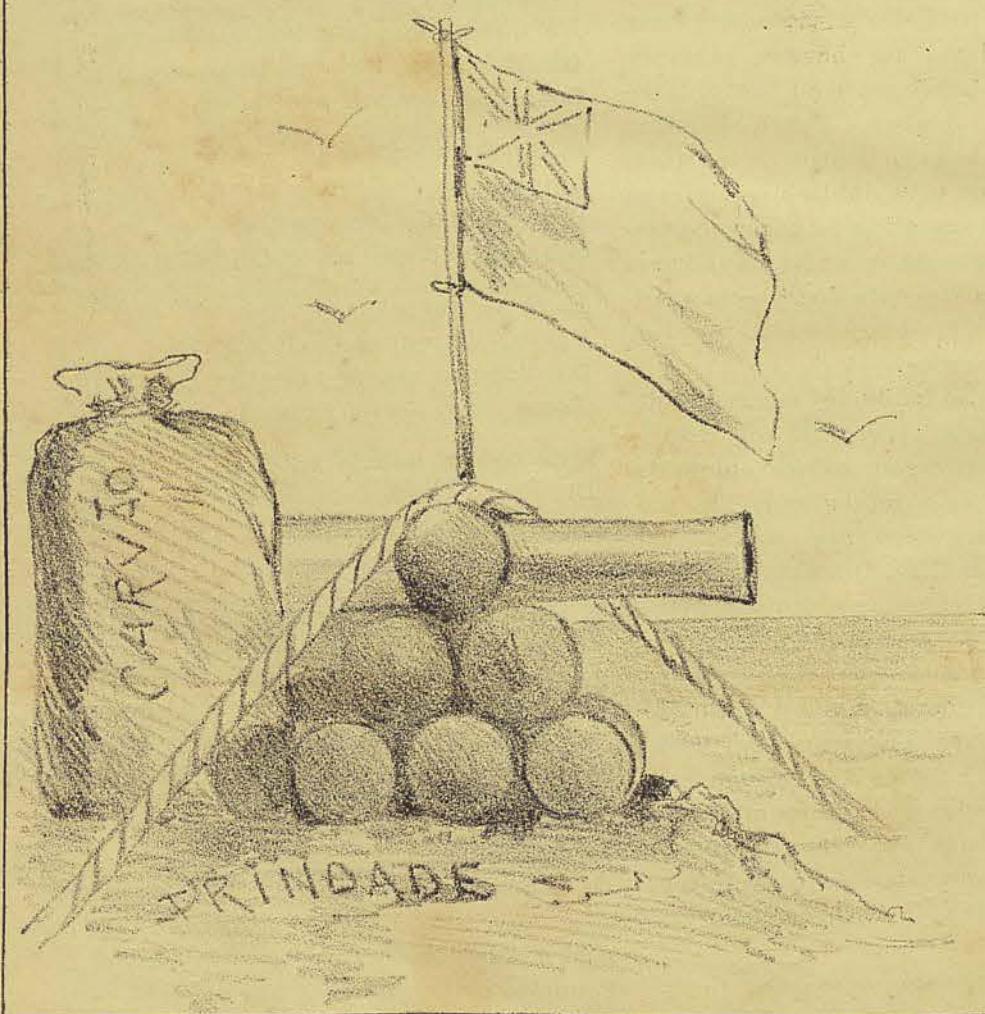
Já se vê que anda o Chefe no meio.
O *Paiz* diz que o Chefe não tem
Do dinheiro que ás mãos ter-lhe veio
(Como diz o *Jornal*) um vintem.

E de todo a noticia regeita.
Diz que o Chefe está firme no estribo,
Onde as provas? O Chefe á direita
Não deu nunca da esquerda recibo.

E tão certo é que o Chefe na lucta
Foi patriota, que eu mesmo lhe chimpo
Justo encomio—Quem é que me escuta?
O almirante, senhores 'stá *limpo*.

E por isso é que vendo o Senado
As duzentas cortar-lhe, integraes,
P'ra mostrar como foi abnegado
'Stá appellando para os tribunaes.

Agora sim, vamos a ver
Pondo-se os pontos bem nos ii

A Giboia ingleza insiste em querer deglutir a America do Sul: Venezuela pelo ultimatum, o Brazil pelo arbitramento, estão arriscados a passar pelas engulideiras de John Bull, que não póde vêr ilha sem passar-lhe a mão lesta e facil.

O pretexto é um simples cabo telegraphico a passar pela Trindade... Mas por baixo do cabo, quanto contrabando,

o bom senso está a abrir os olhos do Sr. Prudente de Moraes: nada de arbitramento, é o que lhe diz o patriotismo brazileira.

O pesadelo da Capital Federal

Ganhou a cobra!!!

E desce... e desce mais... á rede já se achega
Na bocca policial a longa cauda some...
Horror! aquelle horror ao peito eis que se apega
A baba – quer o leite! A chaga sente fome!

O veneno – quer mel! A escama quer a pelle!
Quer o almiscar – perfume! O immundo quer o bello!
A lingua do reptil – lambendo o seio imbelle...
A cobra em vez do André... Horrivel pesadelo!

Vaccas gordas e vaccas magras

Diante das settas disparadas pela imprensa, contra o projecto de aggravação de imposto sobre o gado em pé e a carne secca, cahio a vacca mineira. e de pé fica a outra.
Muito bem. Quem pagaria o imposto seria o Zé Povo, o eterno tosquiado.

Quem tem garrafas p'ra vender.
Affirma a *Prensa* que o *Paiz*
Não tem a minima razão
Quando na America diz ser
O de maior circulação.

E quer as provas sobre a meza.
Ha de provar com dois mais dois
Mentira de tal natureza.
Vão por agora o nome aos bois.
E' crime, diz a *Prensa*, e são
Crimes que custam caro á empreza
Que mente na circulação.

Oh! periodico *argentino!*
Não te incommodes com o *Paiz*,
Tu não conheces o Quintino?
Nem elle crê no que elle diz.
Quanto á maior circulação,
Eu cá bem sei (não me amofino)
E' só na sua opinião.

Até Dezembro
'Stá prorogada
A patuscada.
Se bem me lembro,
Na sessão toda
Não se fez nada,
Se pega a moda,
Eu me offereço
Para o Congresso
E quero apenas,
Como bom filho,
Maçadas *menos*
E muito milho.
Que seja a espiga
Como ella for,
Que eu a barriga
Tenho melhor.
Que seja vicio,
Porém eu peço
Para o Congresso
Ser vitalicio.

Deus, que a futura eleição
E' terror de muita gente!
— Adeus, representação,
— Adeus, espiga!
— Adeus, dente!

Triste, ai triste, de quem ama,
Que de repente,
Chora na cama
Que é logar quente,

F. Mendes.

CHEGADA

A esta capital chegaram, alem de outros emigrados, os Srs. Drs. Jacques Ourique, coronel, e Annibal Cardoso, capitão, que entraram na revolução de 6 de Setembro, servindo o ultimo como membro do governo provisorio estabelecido em Santa Catharina, dando alli provas do seu espirito superior, talento administrativo e pureza de caracter.

Jacques Ourique é um antigo companheiro de imprensa, digno como os que mais o forem. Orador elegante, habil engenheiro, jornalista acabado, guarda comsigo a certeza de que é grandemente estimado por todos os seus companheiros e respeitado pela sua sisudez, criterio e superioridade de espirito.

A ambos, nossos amistosos comprimentos.

NO BORRALHO

Um telegramma da Parahyba do Sul para o *Jornal do Commercio* de 28 do corrente, diz que o cidadão eleitor Francisco Antonio Antunes, foi preso sem culpa na vespera da eleição.

Oh! collega da *Parahyba do Sul*, tu, que firmas o despacho, de que te espantas?

Não comprehendo a circumstancia que accentuas, *sem culpa*. Como sem cul pa?

Não era vespera de eleição? Não era Francisco Antunes eleitor? De que te admiras?

Ahi, onde estás, estimado collega, deves-te orgulhar da licção que dá a Capital Federal a modesta cidade banhada pelo famoso Parahyba.

Tu conheces as eleições no Brazil; tu viste como Thimotheo entrou, ultimamente para o Congresso; tu viste como o Patrocinio foi derrotado. Tu vês como nos dias de pleito os eleitores deixam-se ficar em casa com a mulher e os filhos e como phantasmas sahem das cóvas com o diploma amarello nos dedos cadavericos. Tu conheces as demonstrações que d'alem tumulo fazem-se aos politicos do governo.

A Parahyba acha indecorosa a fraude. Não admitte, materialista que é, que defuntos votem.

Que idea dos mortos governarem os vivos? Tambem a abstenção é o maior crime do cidadão moderno.

Agora que o patriotismo invadiu o Thesouro Nacional, na pessoa de um sobrinho que ajudou a consolidar a Republica, fugir ao direito sagrado do voto não é digno de parahybano.

Em taes conjuncturas que fez Frugulhete? (Frugulhete parece nome de deboche, mas é o nome do delegado da Parahyba.) Frugulhete no alto da sua investidura policial determinou prender Francisco Antunes na vespera da eleição.

—

A questão não é de Antunes; Antunes é o principio; quem foi preso foi o eleitor. O que moveu o braço autoritario de Frugulhete foi o triumpho eleitoral.

Porque dois altos pontos impõe-se-nos. Ou Antunes foi preso para não votar, ou foi preso para votar. Ou Frugulhete não consentiu que um voto adversario prejudicasse o governo ou não quiz perder um voto e antes que Antunes faltasse á eleição levou-o á urna pelo cós da calça.

Tivessemos nós da Capital Federal Frugulhete e não haveria abstenção em dias de eleição. Porque ha gente que não quer votar nem á páu.

Agora vê o collega do *Parahyba do Sul* que não foi sem culpa a prisão. Quem mandou Antunes usar diploma? Não se trazem armas sem licença prévia da policia.

—

E tu, illustre Arthur Peixoto, continúas, como o Chefe, a ser victima do teu patriotismo.

Accusam-te os deputados da tua terra de que não andas de boa-fé com elles, quando tu, só por amor dos sururús, que te viram nascer, queres augmentar as estradas de ferro das Alagôas, ingratos!

Não te amofines, meu velho, abandona a Leopoldina. Que te adianta expores-te assim aos maus juizos?

A republica está consolidada é tempo de descançares, trabalhas-te tanto no Thezouro! Mais vale a tua saúde.

—

«Que a directoria mande conduzir esse bond (do Flamengo) a burros e assim poderão os passageiros abusar á vontade.»

Isto diz uma *varia* de 28, por causa das palavradas dos passageiros de 2ª classe.

Não sei a quem visa o insulto, se ás pessôas que são puchadas por burros ou se aos burros que pucham taes pessôas.

Em nome da finada Protectora de Animaes, caso a directoria tome semelhante alvitre eu lhe digo: tenho visto tanto burro susceptivel ultimamente! São couces por qualquer dá aquella palha.

Assim pois, attendido o reclamo do grande orgam, ou no bond só se acceite gente muda ou só atrelem burros surdos.

Que não ouviriam os quadrupedes com aquellas tamanhas orelhas!

Eu conheço um burro... Melhor é ficar aqui.

Gato Preto.

DUMAS FILHO

Transmittiu-nos o telegrapho a triste nova do fallecimento do grande dramaturgo francez Alexandre Dumas Filho.

Diante d'esta perda, que enlucta todos os homens de lettras, de todos os paizes, o *D. Quixote* descobre-se reverente e respeitosamente.

THEATROS

Ainda venho a tempo, para cumprimentar o emprezario Sansone, o regente Boniciolli e os artistas em geral pelo desempenho da *Africana*.

Effectivamente, se não foi um successo ruidoso, enorme, pelo menos tivemos uma opera cantada com apuro e cuidado, fazendo esquecer o desastre da *Cavalleria* e de outras infelizes, victimas da pouca attenção do Sr. Boniccioli, que afinal é um excellente regente... quando quer, ou está a isso disposto.

Succede-lhe isso poucas vezes,parece; e como a *Africana* teve essa fortuna — a de encontrar o Sr. Boniccioli em um dos seus bons dias — por isso mesmo a *Africana* sahiu-nos primeira boa, como se diz no commercio de café.

Lavraram um tento.

***

Não vão pensar agora que estes applausos são incondicionaes, e que aquillo esteve são e escorreito como um vestido de noiva.

Ha na *troupe* Sansone uma cousa bastante forte para não permittir-lhe jámais um completo successo: são os córos, aquelles córos desalmados e ferozes, que cantam ou guincham arbitrariamente, fazendo cócegas nos nervos dos que os ouvem, desafiando até uma praga de máu gosto.

Apre! Que córos!

***

Tambem a Sra. Bassi não foi a Africana que se esperava, sendo para notar que essa noite os seus defeitos ainda mais se salientaram, ao passo que as suas boas qualidades de voz pareciam diminuidas.

De onde vem isso? pergunta-se. Eu creio haver descoberto a causa da cousa: é que a Sra. Bassi não contente de já ser extremamente alta, leva a crescer, a crescer, a crescer, que é um Deus nos acuda; de sorte que cada noite mais comprida parece ser... Ha justos e graves receios de um phenomeno produzir-se em breve n'aquelle theatro: a Sra. Bassi crescer tanto que chegue a confundir-se com um dos esteios que servem para o urdimento e o Sr. Vilalta não poder mais elevar-se até ella nem mesmo apoiando-se nos seus famosos *dós* de peito, pelo Sr. Guanabarino acoimados de *sis* naturaes.

E' alta como o que pode ser de mais alto n'este mundo!

***

O Sr. Vilalta foi um Vasquinho da Gama assás razoavel. Os criticos diplomados acharam-n'o peior n'essa do que em outras operas... E eu que ando sempre em opposição, mesmo sem diploma, mas só por amor á verdade, declaro que até agora foi na *Africana* que o sobredito Sr. Vilalta andou melhor.

Demais, como elle é muito baixinho, arranjou d'esta vez umas botas com tacões de um palmo, e assim conseguiu elevar-se á altura... da situação.

***

O Sr. Arcangeli é um artista correcto, e o papel de Nelusko está perfeitamente nas suas cordas. Tanto vale dizer que foi, como sempre, muito bem.

O Sr. Campello, um baixo verdadeiro e cuja voz agrada-me sobremaneira, desdobrou-se d'essa vez, cantando duas partes, a de D. Pedro e a de Grande Sacerdote.

D. Ignez foi a Sra. Ada Bonner. Que dizem vosmecês a tal respeito? Nada? Pois é o mesmo que eu digo.

Prefiro fallar dos scenarios, que estiveram esplendidos: o do quarto acto foi magnificente, esplendoroso, e mais todas aquellas causas que em taes casos se dizem.

Era o mesmo deixado pelo mallogrado Mancinelli.

***

Nos outros theatros, a mesma cousa para variar; á excepção do Eden, onde deu-se a peça nova: — *A Rainha dos Genios*, magica cheia de attractivos.

***

A *troupe* da Sra. Emilia Adelaide muda-se paro o Lucinda — e o que lhe seja de bom proveito; a do Sr. Souza Bastos está em ablativos de viagem para S. Paulo; a do Sr. Cardinali delicía a meninada que vai ao S. Pedro de Alcantara.

E' isto o que ha.

TONY.

Aos nossos agentes

Avisamos camarariamente que se torna necessario realisarem suas contas comnosco até o dia 15 de dezembro proximo, afim da boa regularidade no serviço, segurança na remessa e entrega do *D. Quixote*, e ainda mais, para a ordem no trabalho de novas assignaturas para o proximo anno.

Tambem é de nosso dever prevenir, para evitar inconvenientes de que já fomos victimas, que só attenderemos aos pedidos de assignaturas que venham acompanhados da respectiva importancia, por meio de vales do correio ou ordens sobre casas commerciaes.

E isto cá *por cousas*...

A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

NOÇÕES DE ARITHMETICA e de systema metrico decimal, para uso das escolas, pelo professor Rodrigues da Costa, edição revista pelo incansavel Dr. J. Abilio Borges.

A OPALA, n. 11, do 1º anno, periodico scientifico, litterario e recreativo.

O CARIOCA, jornal litterario e scientifico, anno 1º, n. 10.

CONVITE permanente para a exposição industrial.

ARCADIA, bella revista de arte, de que são directores os Srs. Brito Mendes e Felix de Mello. O numero que temos á vista (fasciculo terceiro do 1º volume) traz excellentes artigos em prosa e verso.

AMOSTRA de um bom producto da industria nacional, — a banha especial do Porto Alegre, de que são agentes os Srs. Alhadas & Cruz.

PRODUCTOS do distincto pharmaceutico Freire de Agiar: licor-creme de cacáo e legitima brazileira, (especie de laranginha) a que se póde fazer elogios incondicionaes.

ALMANAK da brigada policial da Capital Federal, do anno de 1896, organisado pelo major Cruz Sobrinho, por ordem do commandante Silvestre Travassos.

CONVITE para assistir á inauguração da 1ª chapelaria do mundo, em Petropolis.

BOLETIM TELEGRAPHICO da repartição geral dos telegraphos (n. 19 do 1º anno.

CONVITE pora o opulento e phantascopio baile da Euterpe Commercial Tenentes do Diabo.

ESTADO SANITARIO da cidade do Rio de Janeiro em 1893, importante trabalho do demographista do Instituto Sanitario Federal, Dr. José Luiz Sayão de Bulhões Carvalho.

A ESTAÇÃO, bello jornal de modas, n. 22 de XXIV anno, correspondente a 30 de Novembro.

CONVITE para o baile de anniversario e posse da nova directoria do Club dos Girondinos.

FOLHINHAS... um enxame d'ellas, e cada qual mais linda: Abre a serie o bellissimo chromo da papelaria Costa Nunes, uma formosa mulher ageitando o chapéo á cabeça; e ainda mais tres chromos, de entre os quaes destaca-se o que representa tres interessantes meninas que vão á escola; da fabrica de chapéos do Sr. Guimarães, dous chromos, um dos quaes esplendido, representando uma circassiana deitada sobre um leito de pelles e coxins; a da casa de fumos Ignacio, Costa & Benevides, muito mimosa, com as suas tres creançinhas montadas n'um burrico; a da casa Gonçalves, Ribeiro & Comp. (roupa por atacado) trazendo uma bella mulher, vestida de meia azul... ou quasi núa, exhibindo magnificas fórmas.

CONVITE do Copacabana-Sport, para o grande torneio de tiro ao alvo, a effectuar-se em 1º de Dezembro.

Officina de obras do JORNAL DO BRASIL

O Sr. Prefeito Werneck leva a questão do lixo ao senado, sollicitando votos que approvem o seu veto, opposto ao são principio da livre concurrencia. É de esperar que os Srs. senadores recebam a visita como devem: levando os lenços aos respeitaveis narizes e dizendo — gesta tua non laudantur.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	24$000	Anno........	28$000
Semestre	14$000	Semestre	16$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o *D. Quixote* a... olho (e ha muitas !...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

Tendo deixado de ser nossos agentes em Santos os Srs. Weinmann & Comp., constituimos nossos agentes n'aquella praça os Srs. Pinna, Novaes & Comp., rua Senador Feijó n. 2 B.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO, 14 DE DEZEMBRO DE 1895.

O ARBITRAMENTO

N'um collegio de rapazes, em Inglaterra, postos em formatura os alumnos sob a direcção de um sargento do exercito britannico, que os instruia em exercicios militares, dizia este :

« Perfilem-se, moços. Hombros para traz, peito estufado, cabeça erguida ; olhem para a frente, *como si o mundo inteiro lhes pertencesse !* »

Ahi está uma expressão que caracteriza fielmente o sentimento intimo da nação ingleza, a arrogancia nativa dos eternos conquistadores, a sobranceria egoista da politica de absorpções que é privilegio d'aquelle governo.

Tardava muito que a garra fatidica do leopardo não procurasse colher alguma prêza na America, ella que espreita as occasiões favoraveis e aproveita incidentes diplomaticos minimos para arvorar em todos os cantos do globo o pavilhão inglez. As calamitosas difficuldades internas do Brazil estimularam-lhe o desejo, naturalmente, e lord Roseberry não teve duvida um bello dia em acceder ás solicitações mercantis de sir John Pender; um vaso de guerra recebeu a incumbencia de aproar á deserta ilha da Trindade, parte aliás de nosso territorio, e alli sem ceremonia se plantou a bandeira que tremula em Gibraltar, em Chypre, em Malta, em Aden, em Borneo, em Ceylão, em Hon Kong, na Ascenção, no Cabo, na Mauricia, em Santa Helena, na Jamaica, nas Bermudas, e si mais mundo houvera lá chegára.

D'ahi a famosa e irritante questão da Trindade, que tem inflammado com justa razão o patriotismo brazileiro, não obstante termo-nos sabido conter contra demasias improprias de um povo civilisado.

O governo do illustre presidente da Republica, Dr. Prudente de Moraes, assim que o inaudito procedimento do governo britannico chegou ao seu conhecimento, levantou a questão dos nossos direitos incontestaveis á posse da ilha, e, segundo se infere de publicações officiaes, demonstrou-os á luz da evidencia.

Mas já lá vão talvez quatro mezes que se discute entre as chancellarias, e a ultima noticia corrente como mais fidedigna informa-nos que o *magnanimo e generoso* governo da rainha Victoria digna-se, em resposta ás reclamações justissimas do Brazil, propôr que se decida o pleito por arbitramento.

Poude parecer, ao primeiro lancear d'olhos, que de accordo com o espirito da nossa Constituição, a solução era acceitavel. O arbitramento nada tem de deshonroso em si e é antes uma conquista da civilisação, que esclarecidamente inserimos no nosso pacto fundamental. Mas, examinada a questão mais profundamente, esse alvitre adoptado sería aqui uma prova de fraqueza por parte do Brazil, e nenhuma nação que se préza tem o direito de curvar-se por similhante fórma deante dos canhões omnipotentes do invasor.

O arbitramento tem a sua razão de ser, quando ha motivo sério, ou pelo menos sombra de duvida sobre o direito que se pleitêa. No caso da Trindade porém, os argumentos já exhibidos pelo nosso Ministerio de Relações Exteriores são de tal evidencia, que o governo inglez deante d'elles só tem um caminho a seguir, si é que de boa fé plantou a sua bandeira na ilha : era pedir desculpa do engano e reconhecendo a nossa soberania abandonar a prêza desastradamente empolgada para beneficio dos cofres de sir John Pender.

Onde a justificativa da invasão ? Em estar abandonada a ilha ? Em não termol-a aproveitado até hoje, fundando alli um estabelecimento qualquer ? Não. Porque no mesmo caso se acham zonas consideraveis do nosso territorio continental, e parece que a sem-ceremonia da Inglaterra não vai ao ponto de nol-as vir tomar. Ella sabe que isso seria uma affronta.

Em não ter dono a Trindade ? Não. Porque os proprios geographos inglezes, para não appellar para outras auctoridades, ensinam em seus livros e em seus atlas que a Trindade é hoje possessão brazileira, como foi possessão portugueza (*e reconhecida pela Grã-Bretanha*) antes de 1822. E não, tambem, porque os actos do governo brazileiro desde 1822 até agora, são todos accordes em affirmar de modo inconcusso *e não contestado jamais* que aquella ilha faz parte do nosso territorio.

Um governo honesto, portanto, deante de similhante ausencia de provas em seu favor, e deante dos argumentos irrespondiveis de seu adversario, só tem um caminho : é ceder á razão e ao direito. Tal é o papel que cabe á Inglaterra, por isso mesmo que é forte e poderosa.

Quanto ao Brazil, confiamos no patriotismo do benemerito presidente da Republica esperando que recuse e recuse *in-limine* a proposta do arbitramento, si ella se verificar. E' a estrada da honra, e d'ella não ha recuar.

ANGELO AGOSTINI

Nosso estimado chefe e querido amigo embarcou a 5 do corrente no vapor *Brésil*, das *Messageries Maritimes*, e já expediu-nos um telegramma de Lisboa, onde chegaram sãos e salvos, elle, e seus inseparaveis companheiros D. Quixote e Sancho Pansa, continuando os tres a sua viagem para aqui sem a menor novidade.

Quer dizer que os innumeros admiradores e amigos do Angelo tel-o-hão por cá a 22 ou 23 do corrente ; ou tanto vale dizer que ainda em numeros d'este mez volverão ás paginas do *Don Quixote* o herõe manchego e seu fiel escudeiro, ainda que fatigados estejam da viagem *à vol d'oiseau* que acabam de effectuar, percorrendo varios pontos da Europa no intuito de adquirir elementos novos de successo para esta folha.

Que venham ; já mandámos matar a gallinha mais gorda para a recepção dos tres illustres viajantes.

NO BORRALHO

Tambem ouvi tua palavra, Nilo amigo, e devo-te dizer que gostei. Não zombes da minha posição de gato, os bichanos tambem são patriotas.

Aqui, onde me estás vendo, no canto, deitado na cinza morna, ronronando, com os olhos cerrados, estou espiando tudo.

Se é mulher que vem espreguiço-me, levanto o rabo no ar, passo roçando e mio baixinho. Se é homem estou quieto, por que foi um homem como tu, não direi que

fosses tu, quem inventou o ditado de tirar a sardinha com a mão do gato.

Meus pobres irmãos, como somos calumniados! Oh! se os gatos fossem eleitos? Porque motivo não gosamos d'estas prerogativas? Será por causa das nossas unhas? mas temol-as tão disfarçadas! Pobres gatos!

* * *

Em todo o caso, eleito ou não, eu arranho em questão de direito internacional, e acho, comtigo, oh! meu amigo Nilo, que está tudo torto.

Não metterei minha pata na questão da Trindade; é questão com a Inglaterra e nós (tu não entras n'isto) nós os da minha raça somos gratos aos inglezes. Deves-te lembrar que ha uma genebra marca gato.

Quanto ao Amapá tambem não digo nada, fica lá para as bandas do Pará; e, não sei se me entendes, quem tem rabo, tem medo que o pizem.

Do que eu entendo é da questão metropolitana. Bem te recordas que essa companhia pretendia acabar com o soffrimento dos burros, e, assim ou assado, eu não estou bem certo se não conto nenhum burro na familia.

E por isso ouvi a tua voz. Praza aos ceus, Nilo, que ella não clame no deserto. No deserto o Baptista clamava e assim foi que muita gente morreu pagãu.

Tanto quanto póde comprehender um gato, me parece que este negocio de arbitragem não vai bem entendido. No tempo de Salomão a cousa era melhor, o nosso Quintino que o diga.

Quer hoje uma companhia particular que o seu contrato seja discutido pelo ministro da terra do sr. Caminada. *Mal hecho*! Estou de accordo comtigo, não deve e não póde. Mas, apezar dos meus dous dedos de grammatica, ignorava a frase do fallecido major que a tua memoria recitou na Camara, na sessão de 4, que Deus haja.

«Floriano, n'este grave negocio da metropolitana e resistindo á indemnisação de alguns contos de réis disse:— « A Italia que metralhe, que arrase a cidade, mas não levará essa quantia do Thesouro do Brasil».

Disse bem, disse muito bem, e tu com elle o repetiste, Nilo, e eu comtigo o repito. Pois se alguma coisa proferiu o major digna de credito, foi esta.

Não é só que o homem não tivesse medo de bala, nem de arrasamento. Quem não tem medo? Olha, Luiz XVI quando subiu ao cadafalso... Voltemos ao assumpto.

«Que a Italia bombardeasse, arrasasse a cidade não levaria o dinheiro do Thesouro do Brasil.»

Posso garantir-te que esta era a propria verdade. E sabes porque o garanto, Nilo? Porque lá não havia vintem.

Ora ahi tens.

* * *

Já agora, Nilo, como póde ter-te escapado, escuta. Ainda é negocio de italianos.

Um dia d'esses li nos jornaes esta localsinha:

« O sr. De Martino, ministro da Italia, apresentou hontem, ao sr. ministro das Relações Exteriores, o commandante do couraçado italiano *Lombardia*. »

Hum! gato escaldado, d'agua fria tem medo...

Isto quer dizer que o sr. ministro da Italia quiz dizer: « Olhe, sr. dr. Carlos de Carvalho, se não andar direitinho commigo, é com este que o sr. tem que se haver.

Que tal?

Bem, os ratos estão se aproveitando da minha palestra; adeus, Nilo.

GATO PRETO.

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DO «D. QUIXOTE»)

LÉO A TONY

—Sabes barbeiro rua S. Luiz Gonzaga vai ser nomeado medico policia?

TONY A LÉO

—Medico da policia um barbeiro? Estás doido?

LÉO A TONY

—Não estou. E' que barbeiro, muito habil, estudioso, descobriu processo infallivel verificar virgindade moças solteiras...

TONY A LÉO

—Ora bolas! Barbeiro plagiario, methodo antigo, inventado nosso pai Adão. Protesto...

LÉO A TONY

—Em nome pai Adão?

TONY A LÉO

—Nunca. Meu proprio nome: tambem quero nomeação medico policia.

LÉO A TONY

—Acho melhor ires confessar-te barbadinhos morro Castello.

TONY A LÉO

—Tu muito invejoso!

O estacionario,
ORÔ WESTERN.

A SEMANA

Ai! se as almas vivem lá pelas alturas,
Como a gente, embaixo, muitas vezes crê,
Oh! sebastianistas! vossas missas puras,
Sem ruins peccados, sem crueis misturas,
Chegarão ás almas, boas como quê.

Foram quinze missas, foram quinze missas,
Se me lembro bem.
Vossos corpos santos, livres de preguiças,
Vossas almas santas, tremulas e submissas,
Para a igreja foram, como eu fui tambem.
Belém! Belém!

Mas se nas alturas, como cá por baixo,
Não se esquece aquillo que por cá se viu,
Ha de achar aquelle (que eu tambem o acho)
Que p'ra bananeira que já deu seu cacho
Chega tarde agora o que ninguem pediu.

Quando foi preciso ver os seus amigos,
Não achou ninguem.
« Perto de quem come, longe dos perigos ».
Não havia um só dos cortezãos antigos.
Abandonado e velho, quem salval-o vem?
Belém! Belém!

Nem uma vozinha em seu auxilio veiu,
Nem uma espadinha se desembainhou,
Para a monarchia nem um só esteio;
Vai o throno aos tombos e n'aquelle meio
Um caractersinho, um só não se salvou!

E que tropa horrenda que cercou a casa...
P'ra guardar a quem?
A ave prisioneira nem siquer tinha aza,
E onde o amor estava que hoje vos abraza,
Quando o pobre velho procurava alguem?
Belém! Belém!

Oh! que gente esplendida! Oh! que gente afoita!
Na prosperidade como foi fiel?!
Tudo o que apparece rapida abiscoita,
Mas se a lata surge, n'um instante, moita,
Não se viu silencio nunca tão cruel.

E deixou levar-lhe o amiguinho velho,
Pobre Pedro Sem!
Para acompanhal-o nem um só fedelho!
Para consolal-o nem um só conselho,
Tanto amigo teve e agora um só não tem...
Belém! Belém!

Ai! que exilio triste! Nem uma cartinha,
Nem uma saudade para quem foi rei,
Morto em vida. Oh! pobre! nem uma andorinha
Leva-lhe uma lagrima; a morte se avisinha,
Disse-lhe alguem: «estaes só» e elle só diz «Já sei!»

Oh! sebastianistas! Oh! sebastianistas!
Bons homens de bem!
Onde estavam, d'antes tantos monarchistas?
Quando foi preciso, que subtis artistas!
Só depois do roubo a porta trancas tem.
Belém! Belém!

Mas se nas alturas como cá por baixo,
Não se esquece aquillo que por por cá se viu,
Hade achar aquelle (que eu tambem o acho),
Que p'ra bananeira que já deu seu cacho
Chega tarde agora o que ninguem pediu.

Vertenzas da actualidade

MINISTERIO do EXTERIOR

MORRO INGLEZ

Vertenza, Cammada e Cia

DICCIONARIO ITALIANO

No senado o novo Diogenes, barão do Ladario, prosegue na sua vertenza eterna, á cata do homem da capa preta, isto é do responsavel pelos horrores praticados no Paraná e Sta Catharina. Baldado esforço! Nem com uma, nem com mil lanternas!

A tal Vertenza do Sr. Nilo Peçanha innundou completamente o recinto da camara dos deputados, convertendo-o em mar de riso. Ficou conhecida a força das vertentes do illustre deputado!

Afogar-se-ia na enchente descommunal a pessôa do Sr. ministro das relações exteriores, se S. Ex. não encontrasse uma taboa de salvação n'um bom diccionario italiano.

Pergunta a Gazeta de Noticias por que motivo foi o Sr. Presidente da Republica morar no morro do Inglez, agora que estamos em vertenza com a Inglaterra... É por isso mesmo: para livrar-se de alguma nova e possivel innundação das vertentes do Sr. Nilo e alli, no Inglez, melhor apreciar a questão da Trindade.

OCEANO LOTERICO

SERGIPE

CAPITAL

LOTERIA NACIONAL

S. PAULO

LEGISLATIVO

LOTERIA VERDADE

BAHIA

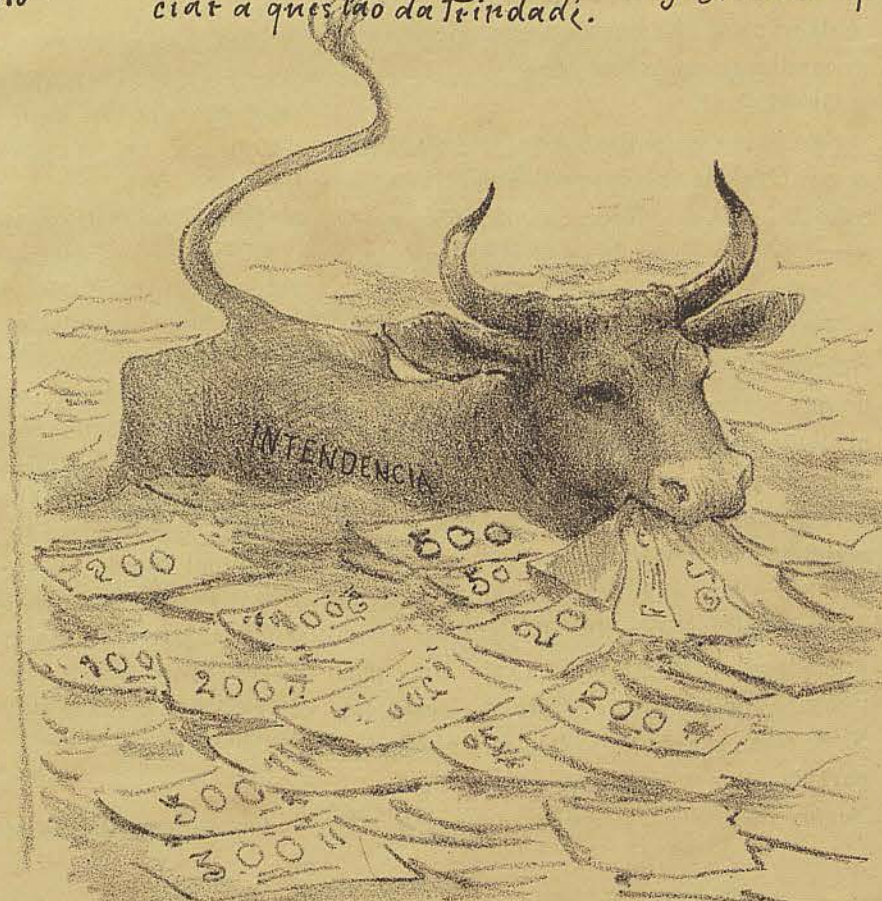
PARANÁ

PARANÁ

Sta CATHARI

MINAS

INTENDENCIA

Outras enchentes innundam a cidade: as das loterias, que ameaçam engolir a capital, e talvez todo o Brazil, se não lhes valerem as duas possantes boias de salvação em que depositamos esperanças.

Tambem a nossa Intendencia Municipal teve a sua enchente, com o emprestimo de 3 mil contos que conseguiu da União. Mas de que vale isso? Ella terá de deglutir tudo, para fortificar-se e poder amamentar o vasto exercito de bezerros que lhe sugam a vida!

Foram quinze missas, foram quinze missas,
Se me lembro bem.
Quantos corpos santos, livres de preguiças,
Quantas almas santas, tremulas e submissas
Para a igreja foram, como eu fui tambem!
Belém! Belém!

F. MENDES.

ASSALTO A' IMPRENSA

Em S. Paulo, na adiantada terra dos Andradas, repetem-se de tal modo os assaltos á imprensa e o empastellamento de typographias, que o facto parece assumir o caracter de processo politico e governativo, decretado, estabelecido, e consagrado.

Na verdade, é triste e lamentavel esse *modus vivendi* entre quem tem uma parcella de poder publico e o jornal que exerce o direito de fiscalisal-o, *modus vivendi* traçado pelos que dispõem do poder e da força.

Os factos que á semana passada se deram em Santos, do empastellamento das typographias da *Tribuna do Povo* e do *Santos Commercial*, executado pelo proprio commandante do corpo de bombeiros á frente dos seus soldados, é revoltante e merecedor da mais severa repressão.

Afinal de contas, o mal é epidemico em S. Paulo, e como não ha cordão sanitario installado entre aquelle estado florescente e esta capital federal, sempre é bom que vamos pondo as barbas de molho—mesmo porque o microbio do empastellamento encontraria por cá terreno preparado, dadas as condições em que vivemos.

Que diabo!

Se a imprensa se desmanda, se exhorbita, se sai fóra das raias que lhe são traçadas, a lei ahi está e offerece ao offendido e aos aggravados o meio de se desaggravarem.

Assim, ás brutas, não.

Perfeitamente solidarios com os nossos collegas santistas, lamentamos a violencia de que foram victimas e lavramos nosso protesto contra essa maneira de castigar a imprensa—a ponta de pé.

Sem inquirir dos motivos que teve o commandante do corpo de bombeiros para esguichar a sua bilis contra os dous nomeados collegas, sempre lhe diremos que assim procedendo perdeu toda a razão que porventura lhe pudesse assistir no caso, e que S. S. como régulo da aldeia não ganhou a partida — mesmo porque a *Tribuna* e o *Santos Commercial* já refizeram suas officinas e volveram á vida, ao passo que o bombeiro está agora sem commando e constrangido a tocar a sua bomba silenciosa e solitariamente.

E o que faz mal á saude.

FÉLIX.

THEATROS

A' hora que é, vai de viagem para a Paulicéa a *troupe* Sansone, com todas as sus fiorituras, dós de peito do Sr. Vilalta, magrezas das comprimarias e concomittantes caretas da Sra. Bassi.

Para de nós despedir-se dignamente, deu-nos a companhia uma opera brasileira—a *Moema*, deixando no sacco dos esquecimentos a *Fosca*, que fazia parte do promettido repertorio. Antes nos havia dado a *Carmen* e tambem a *Traviata*.

***

Da *Carmen* só ha a dizer bem, uma vez que os córos não existiram na companhia Sansone, pois tal denominação não se póde dar áquelle agrupamento de mulheres desengonçadas e homens mal encarados que andavam pela scena do lyrico a berrar sem compasso, fóra de tempo e dentro da maior desafinação...

Se existissem, em tal caso mereciam uma multa equivalente ao ordenado de toda a temporada, só pelas trapalhices que fizeram no primeiro acto da *Carmen*.

Aquillo não são córos—nem aqui nem na Praia Grande. Da parte do sexo opposto ao das barbas, algumas são quando muito—coiros.

***

A Sra. Sartori teve no papel de protogonista ensejo de bem despedir-se dos seus muitos admiradores, pelo bom desempenho que lhe deu. Effectivamente a *Carmen* é dos seus melhores papeis, a que sabe imprimir o maior relevo, e o mais fino vigor dramatico.

Dir-se-ha—e é facto—que falta-lhe, para a completa exhibição do typo da voluvel hespanhola bandoleira, o *salero* especial, e a graça no dansar, que vimos tão ao vivo reproduzidos pela graciosa Paola Marié e sobretudo pela admiravel Ferni.

Em compensação ella, a Sra. Sartori, mostrou-se superior no desempenho dramatico, dando grande colorido á parte principal d'esse excellente drama lyrico. Só o 3° acto, no tercetto das cartas e no duetto seguinte com o tenor, basta para garantir-lhe lugar proeminente entre as primeiras artistas que d'aquelle papel se hão encarregado.

***

Os outros andaram bem, notando-se a entrada do Sr. Arcangeli no 2° acto e o modo por que executou a canção do toreador. Scenarios bons, e a orchestra com os altos e baixos do costume — e isso devido ao modo por que rege o Sr. Bonicciolì, que só tem um ou outro dia na semana, em que entende de ser bom regente.

***

A *Traviata* foi a opera em que melhor apresentou-se a Sra. Rebuffini. Pelo menos foi aquella em que demonstrou maior volume de voz, melhor conhecimento de scena e talvez mais boa vontade para o trabalho.

Evidentemente a *Traviata* é a opera de sua predilecção.

O publico achou talvez que para tysica a Sra. Rebuffini estava um pouco gorda de mais; e foi de opinião, que estando a seu lado a Sra. Coscollani, excessivamente magra, a esta melhor caberia expirar no ultimo acto, minada pela tuberculose— ou mesmo no primeiro, se assim fosse do seu agrado.

Cá por mim o que observo, e aqui timidamente o registro, é que a Sra. Rebuffini abusou na parte dramatica, recitando em voz natural muitos trechos e deitando Sarah Bernhardt na ultima scena.

Uma fantasia, como outra qualquer!

O Sr. Athos e o Sr. Vilalta fizeram no ultimo acto uma aposta assás curiosa! A vêr qual dos dois desafinava mais, melhor e com mais convicção!

O publico, juiz do repto, não pôde decidir em favor de nenhum dos dois contendores, sendo de opinião que dos dous quem mais desafinou a capricho... foram ambos.

Uma pandega, tudo aquillo.

***

Resta fallar da *Moema*, o segundo dos dous productos da industria artistica nacional expostos este anno no Lyrico.

Como por occasião da Sra. Mathilde Canizares, a tuba do patriotismo chamou a postos os enthusiastas emprazando-os a virem dar palmas ao Sr. Delgado, delgado de corpo e de Carvalho.

Ora meus senhores, e demais ouvintes: eu não sei como hei de dizer a cousa, mas no entanto, forçoso é que o diga. E assim lá vai:

***

Como amador o Sr. Carvalho tem talento, não ha negar; mas quanto á originalidade, *nictes*.

Todo o seu preludio é calcado sobre a *Cavalleria Rusticana*, n'uma flagrancia que tóca ao escandalo. O intermezzo, idem; e o final assemelha-se ao dos *Palhaços*, como se parecem duas gottas de agua pura.

Reminiscencias de uma multidão de operas é o caracter distinctivo da *Moema;* e felizmente para o Sr. Delgado o delegado Bartholomeu, da 4ª circumscripção, não é o proprietario Bartholomeu do Theatro Lyrico...

Se não...

* * *

Nos outros theatros, pasmaceira geral. Os *tiros* do Sr. Medeiros passaram agora a ser disparados no theatro Variedades, sendo o ultimo a peça *Restauração de Portugal*, com que a companhia pretende de caminho restaurar as respectivas finanças.

A empreza da provecta actriz Emilia Adelaide, auxiliada pelo não menos provecto actor Furtado Coelho, apresta ainda o *Burro de Carga*, grande revista do anno de que se dizem muitas cousas.

E a proposito, depois de varios incidentes, episodios, contestações e negativas, chegou-se á seguinte verdade acerca da auctoria d'essa preciosidade theatral: a peça é original da propria Sra. Emilia Adelaide, de collaboração com o mesmissimo Sr. Furtado Coelho.

Foi costume que lhes ficou desde que juntos representaram no S. Luiz a *Fernanda:* collaborarem em peças.

Pois a ambos—muitos parabens, e que lhes aproveite.

TONY.

Dr. Machado Portella

N'esta capital falleceu o illustre jurisconsulto Dr. Manoel do Nascimento Machado Portella, director da Faculdade Livre de Sciencias Sociaes e Juridicas.

Antigo politico, dos tempos da monarchia, occupou posição saliente entre os seus contemporaneos, sendo por vezes eleito deputado por Pernambuco, sua terra natal, ministro do imperio no gabinete Cotegipe, e presidente das provincias da Bahia e de Minas Geraes, demonstrando em todos esses cargos uma rigidez de caracter a toda a prova, capacidade administrativa e absoluta probidade.

Lente durante muitos annos da faculdade de direito de Pernambuco, depois de jubilado veio exercer o cargo de lente e director da faculdade livre d'esta capital, creada a esforços dos irmãos Mendes de Almeida, Drs. Fernando e Candido, lugar em que veio surprehendel-o a morte.

Honrando a sua memoria o *D. Quixote* insere em sua primeira pagina o retrato do illustre finado.

Vertenza ? !

São duas horas de uma tarde amena,
Corre serena toda a discussão,
Mas de repente se destampa um piano
E um vulto ufano deita fallação:

« Requeiro e quero que o congresso queira,
De tal maneira que a qualquer convença,
Que historia é essa d'um arbitramento,
Muito mofento em que entra um tal Vertenza.

Oh! que vergonha! Que terrivel fiasco!
Oh! quanto chasco o pobre Nilo apanha!
Vertenza é homem? Que é Vertenza, oh! Nilo?
Vertenza é aquillo que tu és, Peçanha?!

TIL.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

A conversa d'esta vez é outra: são casos muito serios, entre os nossos amados freguezes do livro de assignaturas e nós, os amaveis funccionarios da administração:

Por mottvos obvios e razões de Estado, que nossos assignantes, atilados como são bem devem comprehender, resolvemos estabelecer uma modificaçãosinha no preço das assignaturas; esse será de 1º de Janeiro vindouro, o seguinte: 24$000 para a Capital Federal, e 28$000 para os Estados.

Em compensação—nós somos enormemente compensadores!—os nossos assignantes vão lavar-se em aguas de rosas, com um lindo premio, trabalho de Angelo Agostini, feito a capricho, e o qual premio ser-lhes-ha dado gratis —o que se póde mesmo chamar perfeitamente *gratuites*.

Além d'isso, o Angelo, que dentro em poucos dias (e dentro do *Brésil*) deve chegar a esta Capital, traz em suas malas uma penca de idéas novas para a confecção da folha, avultando entre essas a de favorecer os assignantes com uma serie de supplementos fantasticos, cheios de circumstancias, e que constituirão um primor no genero.

Quanto á redacção, confiada ao antigo jornalista Dermeval da Fonseca, essa conta já entre seus collaboradores: o illustrado Dr. Ramiz Galvão, cujos formosos artigos editoriaes ha tres mezes enriquecem a primeira columna do *Don Quixote;* o applaudido poeta Guimarães Passos, que tem a seu cargo duas secções desta folha e dellas se desempenha com brilhantismo, desde que volveu do exilio; o grande chronista Olavo Bilac, que condecorou as nossas columnas no passado numero, com um bello artigo que naturalmente trahiu a sua beillissima penna—e que continuará a honrar-nos com a sua collaboração poderosa; e o emerito jornalista José do Patrocinio, que de Janeiro por diante virá formar na fileira dos que garatujam nas paginas interiores do *Don Quixote*.

Se querem mais, peçam por bocca.

Accrescentemos que *Don Quixote* será impreterivelmente publicado todos os sabbados, quer faça sol quer chova arroz;—e se isto não é um programma de encher o olho, n'esse caso não sabemos que mais faremos para contentar nossos leitores e assignantes.

Assim, estamos combinados: 24$000 para a Capital; e 28$000 para os Estados—com um premio lindissimo que será fornecido aos que já subscreveram a folha pelos preços antigos, mediante, já se vê, a importancia da differença no preço das assignaturas.

E basta, que estamos fatigados, pela extensão do cavaco.

A ADMINISTRAÇÃO DO « DON QUIXOTE ».

A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

FESTAS DO NATAL, costumes e tradições do Brazil, pelo Dr. Mello Moraes Filho. Tendo consumido grande parte de sua vida em estudar os usos e costumes populares, desde tempos remotos, consultando alfarrabios e recolhendo as lendas, as informações e os detalhes curiosos, sobre o assumpto, por ahi esparsos, é o distincto litterato Dr. Mello Moraes o mais competente para enfeixal-os em obra de folego, que constituirá a tradicção viva da primitiva nacionalidade brazileira. A pequena brochura que temos á vista é d'isso prova, e tem o valor de um mimoso presente de festas do Natal.

A CIGARRA, n. 32, do 1º anno; trazendo em sua primeira pagina o retrato de Delgado de Carvalho, o joven auctor da *Moema*, a quem o texto assim se refere:

« A musica de Delgado de Carvalho é bem feita, mas nada tem de original: a cada momento ouve-se uma reminiscencia... » e o que destôa da homenagem da 1ª pagina. No mais, muito graciosos, o texto e desenhos.

CONVITE para a ultima corrida do grande premio de Velocidade, do Derby Club.

RIVISTA ITALIANA, n. 2 do anno 1º, importante publicação do Sr. Carlo Fabricatore, relativa a artes sciencias e industrias.

PETIT ECHO DE LA MODE, n. 46 e 47 do XVII anno d'esse interessante e bem feito jornal de modas.

A TOUTINEGRA DO MOINHO, romance de Emilio Richebourg, tomo 7º da nova collecção popular.

UM NOIVO A FIM DE SECULO, cançoneta burlesca, lettra de Julio de Freitas Junior, musica de Adriano Costa, impressão da casa Vieira Machado e C.

A LEGITIMA BRASILEIRA, polka de Tristão dos Santos, editada pela casa Arthur Napoleão & C.

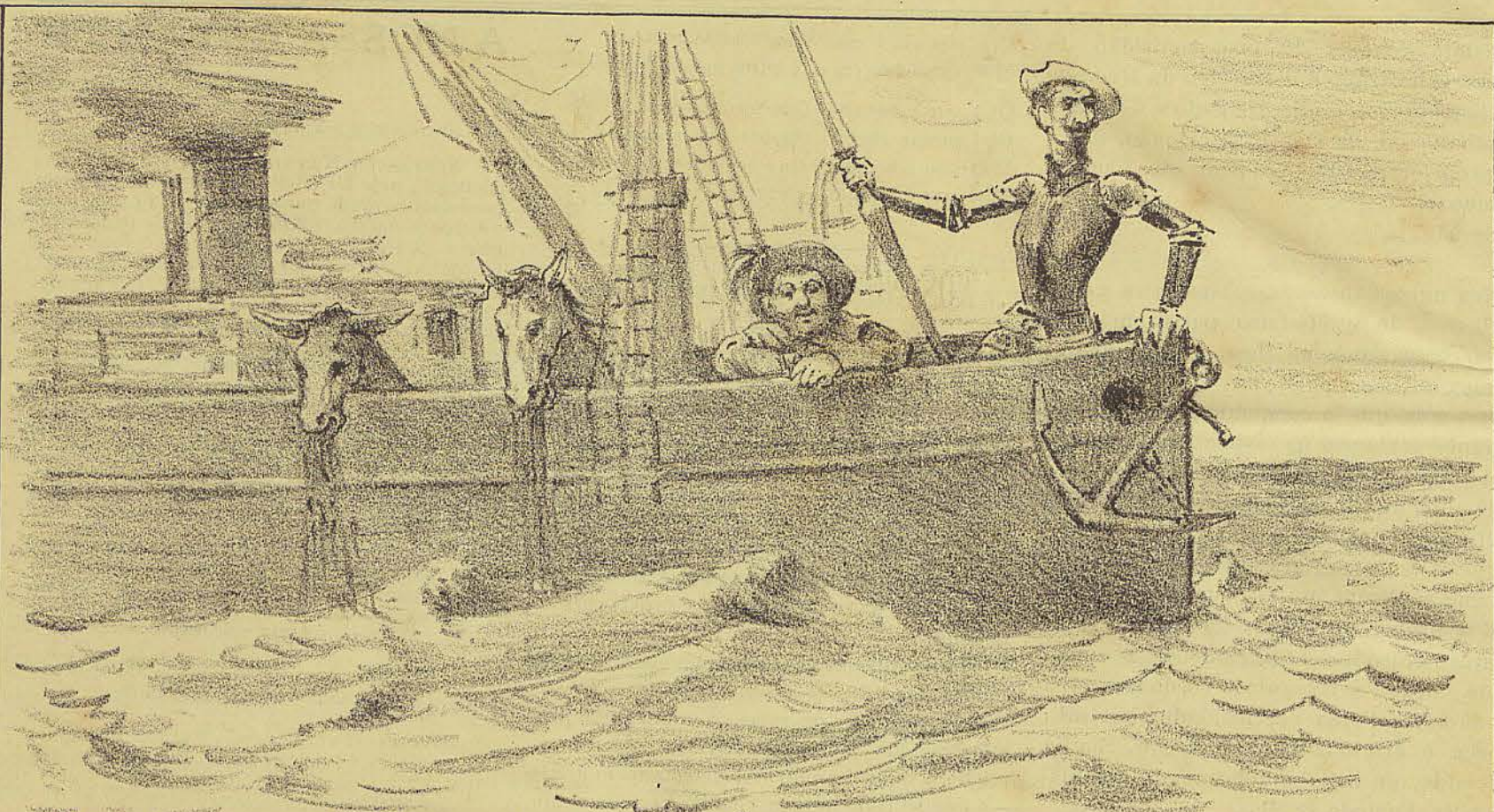
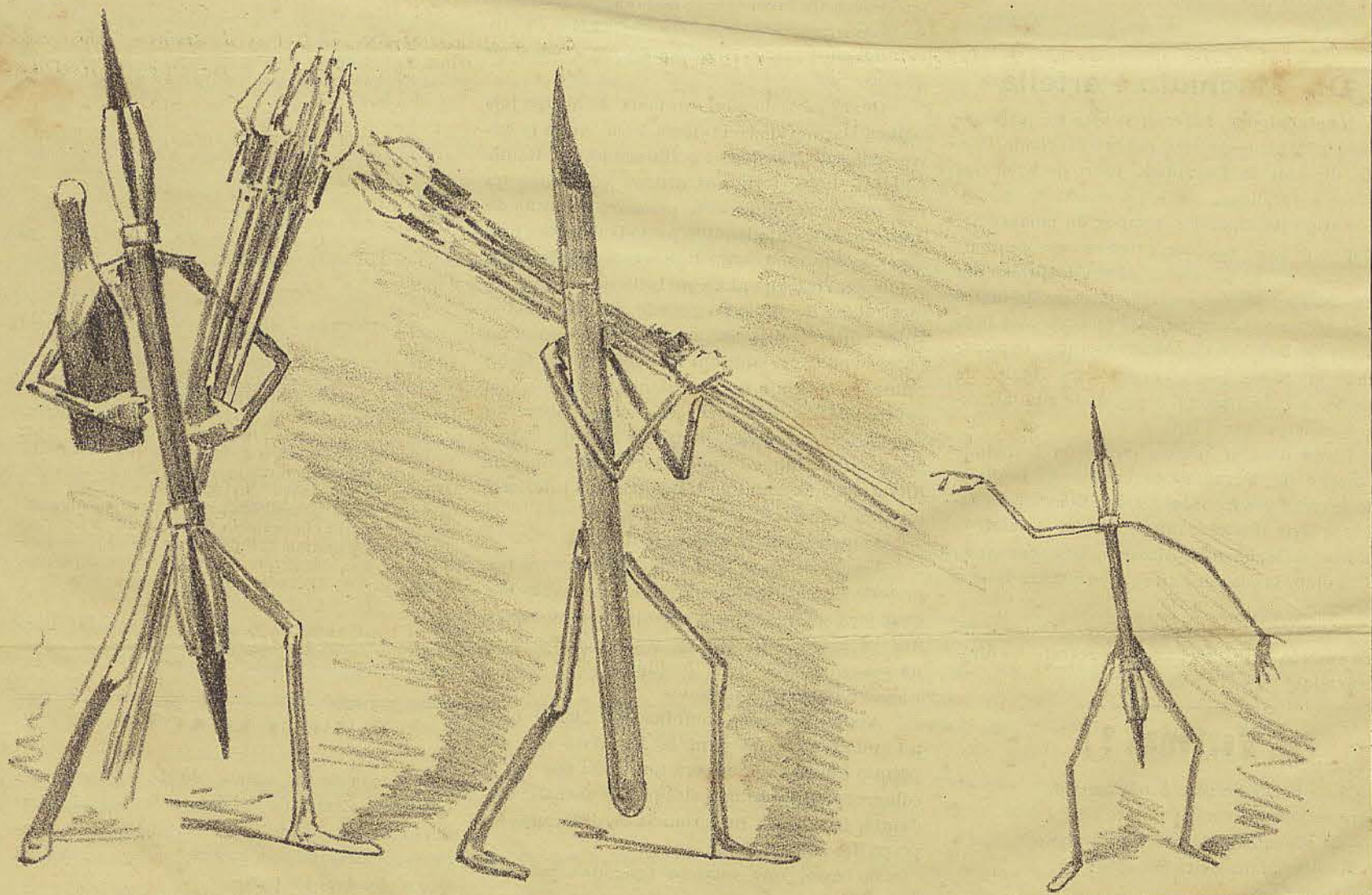
SIMPLES, valsa de Juca Storoni; *Feniano*, tango de Arthur de Lemos; *La soirée rose*, de Abdon Milanez; edições das officinas J. Bevilacqua & C.

FOLHINHAS: um chromo (barometro) da casa Castro e Moses, joalheiros; um bello chromo representando uma formosissima mulher, da casa Alhadas & Cruz, agentes da banha Dous Machados; dous exquisitos chromos da casa de chapeus de sol Noé, Revel & C.; um interessante bambino (arlequim) tres lindas meninas, da alfaiataria America do Sul, de Fortunato Cardoso Ribeiro; dous meninos, que se nos afiguram D. Quixote em sua infancia, da casa Rocha, fabrica de chapeus de sol; duas elegantes jovens, da chapellaria Coelho, de Victorino José Esteves; uma bella mulher, vestida de rendas e prata, carregada de brilhantes e saphiras, mimo do Dr. O'Reilly, cirurgião dentista.

UMA CARTEIRA de couro da Russia, com um kalendario de 1896, offerecida pela Pendula Fluminense, conhecida relojoaria.

DECLARAÇÃO

Deixou de ser agente do *D. Quixote* na capital do Estado de S. Paulo o Sr. Capitão Ferdinando Costa, visto esse cavalheiro não cumprir seus deveres nem corresponder á confiança que n'elle depositámos.

Officina de obras do JORNAL DO BRASIL

D. Quixote e Sancho Pança já estão de viagem e proximamente reapparecerão n'estas paginas. O unico contra tempo que até agora tiveram foi o enjôo que attacou suas respeitaveis cavalgaduras.

Cá por casa, o Sr Lapis e D. Penna preparam-se para recebel-os festivamente, como é dos estylos.

E o lapis, que substituiu o ausente, pede desculpa ao Mestre por não haver feito melhores garatujas n'esta substituição temporaria..

Anno 1° Rio de Janeiro N 44

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini

R. OUVIDOR 109

D. Quixote, fiel á sua promessa, tem a satisfação de poder ainda este anno saudar os seus leitores e desejar-lhes boas festas e outras chapas do costume.

EXPEDIENTE

—

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno........	25$000	Anno........	30$000
Semestre	14$000	Semestre	16$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

DON QUIXOTE

RIO, 28 DE DEZEMBRO DE 1895.

A NUVEM NEGRA

Chegou ante-hontem a esta capital o illustre e benemerito general Innocencio Galvão de Queiroz, vindo do Rio Grande do Sul, onde todos sabemos o papel glorioso que representou na obra da pacificação.

Porque motivos deixou o general o seu commando militar, quando a obra da paz não se acha consolidada, nem póde haver confiança nas promessas dos amigos e correligionarios do Sr. Julio de Castilhos?

Fêl-o porventura com o intuito de voltar ao seu posto de combate, ou altas razões de estado privarão definitivamente o Rio Grande do Sul da influencia benefica d'este illustrado militar?

Perservera o Sr. presidente da Republica em sua sagrada missão de congrassar a familia brazileira, fazendo respeitar á custa de toda a sorte de sacrificios o pacto de 23 de Agosto, ou desfalleceu acaso, hesita, recúa?

Ahi estão interrogações, a que não é facil dar segura resposta, quando se não tem o conhecimento dos altos segredos da administração. E todavia a questão é da maior gravidade e não póde deixar de perturbar o espirito dos verdadeiros patriotas, empenhados em vêr restituidas effectivamente aos bravos filhos do Rio Grande do Sul as garantias constitucionaes, de que um governo despota os priva ha tres longos annos.

O que se sabe e se vê é que os infelizes federalistas que demoram lá pelas visinhanças da fronteira, correm sempre o mesmo perigo, são perseguidos e assassinados como d'antes.

O que se sabe e se vê é que o celebre João Francisco, sem se haver lavado da mancha da barbaria e ainda sob o peso das mutilações indignas de Campo Osorio, — esse gaúcho valente mas deshumano impéra como sempre na campanha e faz hoje tão pouco caso das ordens do commandante do districto, como fez ha seis mezes das ordens do Presidente da Republica mandando entregar o corpo do almirante Saldanha da Gama á sua desolada familia.

O que se vê mais é que as famosas auctoridades continuam a desmentir todas as noticias, ainda que se citem os nomes e as moradas das victimas do castilhismo immoladas ao furor da politica de sangue.

O que vimos ante-hontem, finalmente, com desgosto sim, posto que não com espanto, foi que ao desembarque do illustre general Galvão concorreram delegados e emissarios da Presidencia da Republica, do quartel-general, de outras auctoridades superiores, mas não concorreu siquer um ajudante d'ordens do Sr. marechal Bernardo Vasques, ministro da guerra.

Porque? Serão verdadeiros os boatos que correm de desintelligencia radical entre o referido ministro e o benemerito pacificador do Rio Grande?

Mas se essa desintelligencia existe, e porventura tem por causa as sympathias velhas do Sr. marechal B. Vasques pelo castilhismo, não se comprehende que o digno ministro persevere no posto de confiança que occupa, contra os intuitos do chefe do Estado, que até hoje não cessou de dar ao general Innocencio Galvão as mais significativas provas de apreço.

Em meio de tantas duvidas que nos sobresaltam, só uma cousa parece certa e indubitavel. E' que desponta outra vez para as bandas do Sul uma nuvem negra, prenuncio quiçá de tempestades e de novas desgraças. Oxalá nos illudamos; mas essa nuvem, que é o producto eterno dos odios castilhistas exasperados pela cessação do morticinio, e mais do que tudo talvez, pela cessação dos fabulosos rendimentos da guerra civil, — essa nuvem negra póde engrossar e trazer no bojo um novo cyclo de calamidades sociaes.

Não nos cabe a nós decerto aconselhar o illustre presidente da Republica. Entendemos todavia que o chefe do Estado tem hoje perante o mundo o compromisso solemne de garantir a paz, e para isso não ha obstaculos que lhe devam pear os movimentos, comtanto que fique dentro da lei e da constituição. A condescendencia e a fraqueza não cabem a quem governa. Para a conquista de um ideal glorioso removam-se os estorvos, e a nação saberá applaudir o braço forte e justo do seu primeiro magistrado.

O que urge é conjurar a renovação das desgraças. O Brazil o espera.

AGRADECIMENTO

A seus collegas da imprensa, amabilissimos nas referencias ao regresso do director d'esta folha, confessa-se summamente grato e lhes apresenta seus cumprimentos.

ANGELO AGOSTINI.

MONRÔE

E' paladino do tal Monrõe
Esse ladino Nilo Peçanha...
Porque é que assim tanto se assanha?
Onde o do-dõe?
—Monrõe... Monrõe...

Elle gritou que o tal Monrõe
Era doutrina de sapo-entanha;
E' que o subsidio Nilo Peçanha
Rõe bem... (se rõe!)
—Só por Monrõe.

Alli, na casa do *sôr* Monrõe
Um deputado qualquer se acanha...
Um se apresenta: nem é Peçanha:
Oscar Godoy!
—Monrõe... Monrõe...

Se diz do Grande e bom Monrõe,
O Nilo o ouvido á gente arranha;
Certo é que a *claque* elle arrebanha...
Mas tanto mõe
O tal Monrõe!...

Nilo Vertenza de Tal Monrõe
E' romancista, que outro não ganha!
Dumas, Bourget, Lotti (Peçanha!)
Nem o Tolstoi,
Monrõe... Monrõe!

Viva o Vertenza! Viva Monrõe!
Se alguem disser que não—apanha,
Assim decreta Nilo Peçanha...
Tu mesmo Põe,
Se dizes não—elle te alanha:
E só Monrõe!
Monrõe! Monrõe!

FÉLIX.

NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote* passa sem novidade na sua importante saude, tanto mais quanto não frequenta casas de espiritismo nem assiste ás discussões da camara do Sr. Glycerio.

* * *

O *Paiz* d'estes ultimos dias tem se mostrado menos violento, justificando o seu applauso ás moções do Congresso endereçadas ao presidente Cleveland, que só agora lembrou-se de lembrar-se da doutrina de Monroe.

Mas nem por isso é licito crer que o *Paiz* arrefeceu o seu enthusiasmo: apenas está um pouco menos hemonroidario.

* * *

O sr. Medeiros de Albuquerque, deputado illustre e espiritista, declarou na camara que o archivo do Marechal (com m grande) está em seu poder, é d'elle Medeiros, que ha de de tal preciosidade fazer o que quizer, quando e como muito bem lhe aprouver.

A camara, convencida, disse *apoiado*. Cá por nós, diremos apenas: que topete !

* * *

N'um *meeting* clevelandista em New-York cerca de 100.000 pessoas presentes, os oradores foram vaiados e batidos, ao passo que os ouvintes tambem entre si esmurraram-se a socco velho.

Alli em S. Paulo tambem *meetinguistas* cheios de enthusiasmo monroico tiveram a desdita de verem-se presos pela policia, acabando em rolo a arenga americanista.

Só aqui no Rio de Janeiro correu placidamente o *meeting* ao mesmo tempo monroico e jacobino: é que os seus promotores tomaram a sabia providencia de serem elles sós os oradores, os assistentes, e os applaudidores. Seis ao todo.

* * *

Por causa do excessivo calor, apresenta-se d'esta vez assim tão minguado, o noticiario de

ESCENA & MONTRY.

NO BORRALHO

Ouvi dizer que foi gratificado pela directoria da Companhia de S. Christovam o cocheiro chapa nº 81.

A gratificação foi de dez mil réis, o motivo foi ter o mesmo cocheiro achado um annel de ouro com um pedra e deposital-o na 14ª delegacia.

Felizmente já não ha invejosos no mundo, me parece; pois uma acção tão bonita, como a do dito cocheiro, em vez de despertar ciumes e enchel-o de inimigos, galardôa-o, premeia-o.

Ainda bem. Mas por que foi a Companhia de S. Christovam que gratificou a entrega do objecto perdido ?

* * *

Confesso que essa pergunta, que, eu mesmo a fiz, embaraça-me.

Sim. O que devera ser era que o dono do objecto perdido fosse o gratificante; mas a Companhia ?

Só vejo uma explicação, uma ou duas: Ou a Companhia acha extraordinario o facto de se achar um annel na rua, ou a Companhia acha extraordinario o seu cocheiro. Ou ella se admira do seu empregado ser honesto, ou se admira de haver ainda quem perca um annel n'estes tempos.

Eu me admiro de tudo, do annel, do cocheiro e da Companhia; só não me admiro dos burros não terem achado, porque burros não tem dedo; mas me admiraria se esses achassem e não depositassem na 14ª delegacia.

* * *

Não está direito. Bem entendido que me refiro á Companhia. Que o cocheiro entregasse o annel, eu tambem o faria; mas depende de circumstancias, porque esse homem, a meu ver, deve ser solteiro e não ter namorada, se não...

Mas a Companhia gratificando-o insinua aos outras companheiros do chapa nº 81 que não esperava contar entre os seus empregados um, que entregasse o que lhe não pertence; ou então a Companhia paga pelo que os outros acham, para quando perder alguma cousa, irem-lh-a entregar.

* * *

Ainda ha considerações. Certas donas de casa costumam deitar nikeis pelos cantos para experimentarem a fedilidade dos creados; quem sabe se a Companhia não é a propria dona do annel ?

O facto, por outro lado, de se pagar a quem acha o alheio, leva muitos a pegarem do que não lhes pertence, só para depois restituirem e comerem a gorgeta.

Demais, qual é o premio da virtude ?

Uma boa acção que tem a recompensa neste mundo, em dinheiro, não tem valor.

Não culpo o cocheiro que acceitou a gratificação; culpo a Companhia de S. Christovam que tirou o merito do homem. Ora bolas! culpo ambos. Tão bom é o que pagou como o que acceitou.

Quem lucrou só foi o dono do annel que ficou com o dedo e com a argola.

* * *

« Tornando-se effectiva a creação de duas sub-directorias no Thesouro Federal, uma de Rendas, outra de Contabilidade, com isto aproveitaram alguns ex-empregados da Fazenda, injustamente fóra do quadro activo dos funccionarios publicos. »

Isto dizem as *Varias*, mas não foi este propriamente o pensamento do Governo. Ha muito empregado por ahi, que vae vivando como póde. O sentido, a intenção do illustre Governo foi utilisar os serviços do eminente empregado do Thesouro, Sr. Arthur Peixoto, cujas luzes, em materia de contabilidade estão se apagando na inactividade a que o obriga uma licença forçada que lhe derão no dia em que foi nomeado e querem perpetual-a para sempre.

O genial mancebo está até mal visto pelos seus collegas que fazem pouco da sua aptidão para o trabalho que lhe commetteram.

Parabens ao paiz que vae agora apreciar o talento do sr. Arthur Peixoto, empregado do contencioso ha um rôr de annos, e onde nunca, para felicidade sua (d'elle quem?) pôs os pés.

GATO PRETO.

GENERAL GALVÃO DE QUEIROZ

A redacção do *D. Quixote* tem a satisfação de apresentar suas homenagens ao illustre pacificador do Rio Grande, que ha pouco chegou a esta capital.

Ás saudações enthusiasticas com que foi recebido esse patriota, honra de sua classe, e benemerito brasileiro, juntamos as nossas que são sinceras, insuspeitas, desde que formámos na fileira dos paladinos da paz,—embora na campanha gloriosa houvessemos occupado o mais humilde e o mais obscuro posto.

BELLAS ARTES

Sinto bastante que um jornal tão conceituado, como é o *Jornal do Commercio*, publicasse, na sua secção editorial de *Bellas Artes*, um artigo que não tinha outro fim senão desprestigiar perante o publico um artista da ordem do Sr. R. Bernardelli.

Se esse artigo fosse da propria redacção do *Jornal*, o Sr. Bernardelli provavelmente teria directamente ou indirectamente respondido a todas as inverdades que n'elle se encontra. Mas...assignado pelo Sr. Parreiras, elle entendeu e muito bem de não dar importancia, nem discutir com quem não tem competencia para tratar de assumpto d'essa ordem.

Com certeza o nosso collega não suppunha que, emprestando gentilmente as columnas do seu jornal a um artista, este se servisse d'ellas para desprestigiar quem, assim como Carlos Gomes, mais alto levantou a arte na nossa terra, melhor a representou no estrangeiro, e mais chamou sobre si a attenção do mundo artistico europêu, merecendo pelos seus trabalhos a honra de ser condecorado pelo rei Humberto.

Carlos Gomes e Rodolpho Bernardelli, eis os dois grandes artistas mais conhecidos que nos honram no estrangeiro.

O defeito do Sr. Bernardelli é, não só ser bom patriota, como brasileiro de mais, apezar de ter nascido no Mexico. Por

BRINDES POLITICOS DE FIM DE ANNO

CONGRESSO

PATRIOTISMO

JUIZO

BOM SENSO

ACTIVIDADE

A.

Aos illustres presidentes do Senado e da Camara, D. Quixote offerece de festas alguns generos de primeira necessidade, para serem destribuidos, em dóses convenientes, aos illustres parlamentares que mais precisem.

ENERGIA

INVEJA

AMBIÇÃO

ZECUBINISMO

A.

Ao Exm. Sr. Presidente da Republica offerecemos, com a nossa dedicação, esta pequena vassoura para com ella afastar as aranhas que de novo estão formando teias em torno de S. Excellencia

isso elle sacrificou os seus interesses para levantar a arte nacional na sua patria adoptiva, soffrendo muitos incommodos e um sem numero de descomposturas da parte d'aquelles que se julgaram sacrificados pela reforma dos estatutos da nova Escola de Bellas-Artes.

E' evidente que si Bernardelli não tivesse o defeito, (hoje é defeito) de ser dotado de um grande coração, não só de patriota *como de amigo* de jovens artistas brasileiros que protegeu, elle seria mais rico, não tendo sacrificado nem o seu tempo nem a sua paciencia a aturar innumeras massadas que como reformador e director teve de supportar.

Poderia commodamente e egoisticamente, sem se importar que a Academia e a Arte Nacional fossem pela agua abaixo, ter executado os innumeros e importantes trabalhos que lhe eram encommendados. O proveito seria d'elle; e hoje, outra estatua equestre, a do Duque de Caxias, figuraria em bronze, (assim como a do Ozorio) no bello Largo do Machado.

Mas como o Mexicano de nascimento é mais brasileiro do que esses pulhas que não teem a menor idéa do que é dedicação á patria, elles não podem comprehender a grandeza de caracter de quem lhes faz a honra de ser seu patricio.

Ha, dizem, um grande partido chamado *nativista*. Não me admiro; em toda parte ha imbecis.

Aqui, porém, na America, no Brasil, quem fôr nativista é mais do que imbecil, é... tudo o que quizerem... Sobretudo quando se trata de Arte.

Eu queria só saber se os taes nativistas que nasceram ou em Jacarepaguá, ou na cidade da Meia Pataca, ou alhures, foram consultados acerca da escolha de sua nacionalidade quando a parteira lhes cortou o umbigo?!

Ora bolas!

X.

A SEMANA

Ah! meus senhores, no Rio Grande
Quem pise agora corre seu risco,
Pois não ha força que o braço abrande
Do João Francisco.

Demais o homem tem companheiro
Valente, como — só elles dois.
Chama-se o amigo Vital Ribeiro,
Que mata gente, que rouba bois.

Os telegrammas mentir não deixam.
Os de Rivera dizem que o affoito
Vital (e os diarios todos se queixam)
Degolou oito.

Oito pessoas que acreditaram
Nas garantias que lhes sorriram,
E os pés na Patria mal ensaiaram
As proprias covas com os pés abriram.

Mas não è tudo; porque ainda, afóra
Estes, por sorte tão desgraçada,
Tambem passaram uma senhora
E uma creada...

Que tal a vida no Rio Grande?
Quem pise n'elle corre o seu risco,
Pois não ha força que o braço abrande
Do magarefe João Francisco.

Deixar o officio? que sorte ingrata:
Quem pela morte morre de amores
Matando homens seu tempo mata...
Degoladores!

*
* *

Muito embora alguns se vão
Até 30 deste mez,
Temos ainda fallação,
E consta que em... portuguez.

Por um pingo, por um dia,
(Oh! S. Sylvestre, meu bem!)
Que a sessão acabaria,
D'este anno, no anno que vem.

E como acabava aquillo!
Santo Deus! os deputados
Andam tão atabalhoados,
Que jà variam de estylo!

Como se tratam! que festa!
(O silencio é feito a murro):
« — V. Ex. é uma besta!
— E V. Ex. é um burro!

— Onde escondeste a navalha?
— Pódes fallar. não te escuto.
— Bandido, ladrão, canalha...
— Desbriado, prostituto... »

Se não acaba em dezembro,
Riria bem quem não riu.
Chamar prostituto a um membro?!...
Coisa que nunca se viu!

« Chora Mané, não chora, »
Chora que já não ha mais
(E nem mais remedio agora)
Os Bancos Regionaes.
Foi-se a emenda mar afóra...
Maldita emenda onde vaes?
E ella, curva, vae-se embora!
E tudo me diz agora
Que não virá nunca mais.
Cahiste, emenda, em má hora,
« Chora Mané, não chora. »
Adeus Bancos Regionaes!

F. MENDES.

O ALCOOLISMO

Os jornaes da semana referiram o caso extraordinario, unico, pavoroso e fantastico, de uma menina de 6 annos que morreu por ter abusado do alcool: por haver tragado de um só jacto meia garrafa de paraty.

E' simplesmente horroroso este caso de alcoolismo!

O que se consome na capital federal, exmuito—leal—e—heroica—cidade de S. Sebastião, de bebidas alcoolicas e productos derivados da mesma substancia em extretremo perniciosa, ninguem o imagina nem pode avaliar. A repartição da estatistica, que aliás não pôde estabelecer um computo, nem mesmo approximado, da população fixa nem da adventicia d'esta capital, seria incapaz de traçar um mappa em que se encontrassem algarismos quasi veridicos, relativos á quantidade de alcool que esta heroica população deglute durante o dia, a semana, o mez, o anno. O alcool, ou cousa que o valha, que a mesma população ingere, do mesmo modo illudida, como o outro que usa por pommada de cheiro cousa muito diversa, — o alcool tem caminhado muitissimo entre nós, na sua conquista victoriosa, cada vez mais notavel.

Mas, uma menina de seis annos, morrer por haver bebido meia garrafa de paraty! E' muito; é demais.

Isto é symptomatico de uma dehiscencia extraordinaria de costumes... e tambem de uma elevação enorme de gráos na cachaça que o povo ingere diariamente.

Pediriamos ao Sr. prefeito...

— —

Perdão; não pedimos ao Sr. Prefeito, nem á sua junta de hygiene, nem a nenhum dos poderes municipaes, se não uma cousa: — uma cedula já impressa, para as primeiras eleições que se realisarem cá por estas bandas.

M. P.

RABISCOS

Mais algumas victimas registram os noticiarios, do assanhado espiritismo que alastra esta cidade e pretende subvertel-a.

Mais uma mulher succumbiu allucinada; uma outra foi á policia pedir que recolhessem ao Hospicio um seu irmão que está completamente doudo, graças ás praticas spiritas, que ja n'aquelle Hospicio haviam atirado uma outra irmã sua.

Um medico declara pelos jornaes que o tal espiritismo matou um seu doente; os jornaes trazem uma serie de accusações terriveis contra um tal Abalo, useiro e veseiro em patifarias spiritas; e ao cabo de tudo...

*
* *

... e ao cabo de tudo o Torterolli cada dia funda mais uma congregação, os mesmos jornaes annunciam conferencias spiritas, e a cousa vai alastrando, alastrando de um modo descommunalmente assombroso!

Morra quem morrer, o Torterolli vai *espiritando* por ahi além, e os mandingueiros vivendo á vontade, como se a cousa não fosse com elles.

E' verdade: o Sr. chefe de policia já deu uma providencia contra a pratica da tal historia: expediu circulares aos seus delegados.

Com essas circulares e um pouco de cevada ao rabo—breve estará morto o espiritismo...

E até lá, outras victimas irão parar ao Cajú ou ao casarão da praia da Saudade.

*
* *

Aliás, no cemiterio ou no hospicio, parece que essa gente ficará mais tranquilla, no pensar do tal Abalo,—mesmo porque liberta estará de ouvir tanta tolice a proposito da celebrisada doutrina de Monroe, e mais não ouvirá fallar no arbitramento proposto pela Inglaterra, acerca da posse da Ilha da Trindade.

O inglez teve graça. Apanhou alli assim uma ilha nossa que andava esquecida e abandonada por nós; apropriou-se d'ella e agora vem muito lampeiro e disfarçado pedir uma arbitragem, isto é, que um terceiro resolva se o que é nosso é nosso mesmo, ou se do bife que nol-o bifou.

Tem graça—e pouco escrupulo; mas o arbitramento, isso creio que não terá.

Quanto ao accesso de amores por Cleveland, de que sentiu-se repentinamente attacado o senado e com elle a camara dos deputados, e que foi manifestado por intermedio de mensagens congratulatorias ao mesmo barrigudo presidente — esse accesso já passou, ou pelo menos arrefeceu muitissimo.

O Brasil, por seu congresso, perdeu uma boa occasião de ficar calado. Discutindo com a Inglaterra uma questão em que vão empenhados a sua dignidade e o seu brio, os cumprimentos a Mr. Cleveland têm a significação pouco airosa de um pedido antecipado de protecção e amparo—e o que é tanto, ou mais indigno do que o arbitramento, a que somos todos adversos.

Emfim está feito e contra factos consummados não valem discussões...

*
* *

... como n'esse triste acontecimento que impressionou a roda litteraria, e tambem a politica d'esta capital, e que enluctou uma familia respeitavel — a morte de Raul Pompeia, o auctor do *Atheneu*.

O suicidio d'esse moço, illustre pelo seu talento e notavel pela rigidez de caracter, é caso incomprehensivel e tem sido objecto de vivos commentarios.

O lamentavel desenlace d'essa existencia, que deveria ter sido consagrada unicamente á litteratura, em que o moço escriptor foi um grande, e um forte, impressionou muito, muitissimo; — e tanto, que até causou excessivas manifestações de condolencia pelo seu passamento, realmente doloroso para as lettras patrias.

A camara dos deputados votou uma moção de pesar — contra as praxes e estylos d'aquella casa; e no conselho municipal já foi apresentada proposta para dar-se á rua de S. Clemente o nome de rua Raul Pompeia.

De accordo que muito valor, como litterato, tinha o finado escriptor; mas por agora dir-me-hão onde fica a rua Joaquim Manuel de Macedo, a rua Gonçalves de Magalhães, a rua Theophilo Dias, a rua Bernardo Guimarães, e muitas outras que em vão busco no indicador da casa Laemmert.

Por outro lado, se era politico e extremado, levando ás ultimas consequencias suas opiniões, é licito perguntar em que campo vasto se exerceu a sua influencia e foi entrevista notoriamente a sua propaganda em favor de sua fé politica — a qual somos aliás os primeiros a reconhecer como a mais firme e servida pelo caracter o mais solido? Onde a casa do parlamento em que se fez ouvir a sua palavra, qual o jornal politico em que discutiu e prégou o seu ideal — o nativismo?

Não que tenhamos sido adversarios em materia politica, nem porque não admirassemos sempre n'elle uma mentalidade superior, honra da nossa litteratura; — mas taes manifestações excessivas causam extranhesa e trazem o cunho de um jacobinismo que de muito longe se avista...

E o que, tratando-se de um morto, respeitavel por outros titulos, justifica os commentarios d'aquelles que lamentando o desastroso evento não podem deixar de extranhar que a proposito d'isso se façam homenagens de caracter politico, nas quaes é visada até a pessoa do presidente da Republica, no qualificativo de assassinato emprestado a esse suicidio que todos deploramos.

Muito errado, isso que fizeram.

LÉO.

THEATROS

Apesar do calor, da falta de boas companhias, e da ausencia de novidades, sempre tem esta secção alguma cousa de novo a dizer.

Parece um paradoxo, não é? Cousas novas, sem novidades, é tolice, não é?

Não é, não senhor; e a prova vou dal-a e já.

×

A primeira *cousa nova* a registrar n'esta secção é a *première* do *Burro de Carga* no Lucinda, posto em scena pela veneranda Sra. Emilia Adelaide e ensaiado pelo provecto Sr. Furtado Coelho. Não é uma cousa nova? (Refiro-me á peça; nunca jámais a nenhuma dos dous citados artistas).

Pois bem. Sendo cousa nova, não é uma novidade o tal *Burro*. Antes pelo contrario: algures, em outras revistas do anno, de Arthur e Aluizio Azevedo, de Arthur e M. Sampaio, de V. Magalhães e Filinto, de Vicente Reis e Sampaio, de todos os que tem perpetrado o ingrato genero, já vimos aquillo mesmo... para melhor.

O conto do vigario, por exemplo, tão mal explorado na *nova* revista, no *Abacachi* já era posto em scena, do mesmo modo, nos mesmos termos, com o mesmo córte, e apenas com uma differença: com mais espirito.

Bem se vê que não é uma novidade: será uma d'essas producções que ninguem sabe por que motivo vêm ter ao palco, e nem qual a origem, o fito, o escopo, quer litterario quer especulativo, a que visam. Uma cousa sem graça nem intenção; muito aguada, muito innocua, muito mal feita, muito mal conduzida; de sorte, que, embora os pomposos annuncios, todo o mundo que foi ao Lucinda sentiu-se roubado, e mais que isso: — contristado por ver um nucleo de bons artistas sacrificados a uma exhibição de pernas — por parte das damas, e de palhaçadas — por parte dos homens.

Imaginem que a unica phrase de espirito pronunciada por um artista em scena, e que provocou o sorriso de dous sujeitos da população agglomerada no jardim, foi a seguinte: (fallava um actor á Sra. Livia, que fazia o papel de Justiça).

— Se a Senhora não póde obrar sósinha!

Depois d'isso, os meus amaveis leitores terão a bondade de permittir que eu lhes dê as boas noites.

×

Não sem antes dizer-lhes que aquella moxinifada mal arranjada teve as honras de uma pateada de encommenda, — porque tambem isso é uma *réclame* para as revistas do anno —; e que a importante producção ainda continúa em scena.

Por demais, accrescento que a revista teve um apuro de *mise-en-scène*, uma riqueza de vestuarios e de apotheoses, dignos de melhor sorte — digo, de menos insossa e desenxabida cousa.

×

Outra cousa nova: a reabertura do Eldorado. Não é uma novidade, creio; mas é uma cousa nova, hão de confessar.

Varios senhores e varias damas entram em scena e cantam — cantam? —, ao passo que no jardim alguns individuos e individuas bebem cerveja Pá e outras producções nacionaes.

Diz-se que em scena cantam as damas... Dir-se-hia que o inverso deveria ser registrado!

×

No Recreio Dramatico estreou uma companhia de zarzuellas.

Tambem não é uma novidade para nós, porque muito conhecidos nossos são a Sra. Ceballos e o tenor Romeu.

Como sempre, a companhia hespanhola estreou com a *Tempestade* — a mesma com que ha muitos annos as *troupe* de zarzuellas inauguram seus trabalhos, quando vem dar ao Rio de Janeiro.

Porque isso? *Chi lo sa?*

E' uma mania, nada mais.

A Companhia é assás regular e tem conseguido do publico o favor de sua frequencia.

×

A *Rainha dos Genios* segue a sua carreira desequilibrada no Eden Lavradio. Desequilibrada, por isto: porque o seu equilibrio é instavel. Ora uma mutação de pessoal, ora uma suspensão de espectaculo porque sahiu tal ou qual artista; ora o diabo com botas.

Ainda n'estes ultimos dias foi noticiado que a Sra. Pepita, que veiu substituir a Sra. Pepa, retirava-se da companhia e outra vinha assumir o seu logar de honra...

Uma embrulhada, uma complicação enorme, que apenas vem provar que n'aquella casa reina a maior cordialidade, que aquillo é um paraiso, um verdadeiro Eden...

... Lavradio.

×

Para breve annuncia-se a reestréa (permittam o termo) da companhia Ismenia & Dias Braga, no theatro Variedades.

Não se sabe ainda com que peça reestreiarão. Ha quem receie que seja com o *Monte Christo*, o tira teimas do Sr. Dias Braga; e tambem ha quem se amedronte ante a perspectiva provavel de uma *Morgadinha de Val-Flor*, a peça de resistencia da Sra. Ismenia.

Faço votos para que esses dous artistas, que entendem de sua arte e podem fazer alguma cousa em favor da rehabilitação do nosso theatro, não vão caminho identico ao que seguiu a Sra. Emilia Adelaide, cujo escopo era restabelecer o reinado do drama e acabou — ou acabará — no tal *Burro de Carga*.

Lhes desejo melhor cousa: uma boa hora de morte.

TONY.

—

P. S. — O redactor d'esta secção, no ultimo numero do *D. Quixote*, pronunciou-se francamente acerca da *Moema*, a opera do amador Sr. Delgado de Carvalho, dizendo que esse trabalho tinha reminiscencias de outras operas.

Seu juizo, expresso em phrase leve, como é do temperamento d'este jornal, foi talvez julgado deprimente dos creditos artisticos d'esse cavalheiro, em quem aliás reconhecemos superior talento, digno de applauso e animação.

Nada custa a quem escreve esta secção offerecer ao Sr. Delgado de Carvalho a explicação a que faz direito, desde que pôde parecer a severos julgadores que na noticia referida havia proposito do menoscabar o amador, que já é um artista, e negar-lhe merecimento.

Não era esse o nosso intuito. Fallámos de *reminiscencias* — e ainda insistimos em nosso juizo; de plagio, não. Se a fórma pareceu aggressiva, sufficientes serão estas linhas para explicarem que não foi nosso intento deprimir — antes desejar que o talento promissor que se revelou na *Moema*, se mostre mais original em obra futura, que temos o direito de esperar d'elle.

TONY.

Agradecemos, penhoradissimos, ás directorias do Gremio Litterario Portuguez, do Pará, e do Cassino Curitybano, do Paraná, as distincções que conferiram ao nosso chefe e amigo Angelo Agostini, o primeiro conferindo-lhe o diploma de socio correspondente — e isso por proposta do digno presidente do mesmo Gremio, — e o segundo incluindo-o tambem no numero de seus socios correspondentes, por votação da assembléa d'esse Club.

Alegra-se o Angelo por vêr que seus esforços em favor da pureza e prosperidade da Republica são legitimamente avaliados, mesmo longe d'esta capital, onde elle tem assentada a sua tenda de trabalho.

E por isso, — e por elle — agradecemos as distincções de que foi alvo.

Sancho Pança — É dizer que ainda ha vinte dias nós tiritavamos de frio! Uff!!

A.

D. Q — Então, adeus meu velho! Não foste dos melhores, mas tambem não foste dos peiores... Desejo-te boa sahida.

S. P. — E melhores entradas... de assignantes.